



*P*  
*H*  
*H*

*H. G.*  
*1231*

*J. P.*  
*M*  
*y*

MICROFILMADO  
181490  
*Adelinw*

# HISTORIA

## SERAFICA

DA ORDEM DOS FRADES MENORES

D E

## S. FRANCISCO

NA PROVINCIA DE PORTUGAL.

SEGUNDA PARTE.



*QUE CONTA OS SEVS PROGRESSOS NO*  
*Estado de tres Custodias, principio de Provincia,*  
*& Reforma Observante.*

**POR FR. MANOEL DA ESPERANCA,**

Natural da Cidade do Porto, Padre da mesma Provincia, Leitor jubilado,  
& Examinador das tres Ordens Militares.

L I S B O A.

*Com todas as licenças necessarias.*

Na Oficina de ANTONIO CRAESBEECK DE MELLO, Impressor  
de SVA ALTEZA. Anno 1666.

MISTOIA

SERRAFICA

DAGHEDUOSI FARMACI

S. FRANCISCO

DE FARMACIA DE FARMACIA

SEGUNDA PARTE



ONE COPY OF THIS PUBLICATION TO

Be the first to purchase and read it

at the following address

FOR THE MANAGER DA TERRA J.

Number 10, Rua da ...

1850

Printed and Published by ...

*Aprovação pela Provincia, do N. M. R. P. Fr. Antonio de Nazareth, Leitor Jubilado,  
Definidor neste tempo, & neste Ministro Provincial, &c.*

**A** Obediencia, com que os subditos devem sempre sujeitar-se ás ordens de seus prelados, os obriga algúas vezes que julguem as obras, de quem podia ser de muitos o julgador: se bem, quanto na Religião he melhor, effeito he da santa obediencia. Ella agora me obriga a dizer o que sinto desta Segunda Parte da nossa Historia Serafica, cuja informaçãõ, & exame me encarregou N. M. R. P. Fr. Luiz das Chagas, Leitor Jubilado, & Ministro Provincial desta Provincia de Portugal. Obedeci, & na verdade só a mesma obediencia me deu confiança pera dizer o que tal obra me parece. Composta he com tanto acerto, como a Primeira Parte, pelo N. M. R. P. Fr. Manoel da Esperança, Leitor Jubilado, Ministro Provincial que foi desta dita Provincia, & Padre que ainda he della, filho porém no amor, & criação. A obra he insigne, porque nella com documentos religiosos nos mostra o caminho da salvação, & com os muitos exemplos de deixar o mundo nos ensina a achar o Céu: por humilde no espirito nos convida a ler, & por dilícera nos provoca a saber qual he a maior alteza; que sendo só a Deos, na humildade a descobre, & na sciencia a publica. A Primeira parte desta Historia foi de todos bem julgada: sinal de que foi de todos muito aceita; & por ser esta Segunda no centro de sua humildade (a meu parecer) mais activa, será de todos ainda melhor julgada. Sol meridiano he em a doutrina, & se a Primeira teve como Sol o nascimento, nesta Segunda não se achará o cato. Digo o que sinto, mas não muito, porque não llye pollo dar alcance. Dignissima a julgo de se dar a o prelo, não só pera que o nome de seu Autor se publique, pois he já por seus grandes merecimentos bem conhecido: mas pera se conhecer qual he Deos (quantos humildes exemplos explicar o podem), & qual o mundo: este, pera o desprezo; & Deos, pera o remedio. Lisboa, no convento de S. Francisco da Cidade, a os 15 de Janeiro de 1665.

*Fr. Antonio de Nazareth.*

*Aprovação do N. M. R. P. Fr. Antonio do Sepulcro, Leitor Jubilado, sendo Vigário Confessor do mosteiro das Religiosas da Castanheira, & agora Guardião de S. Francisco de Lisboa, &c.*

**P**Or comissãõ de N. M. R. P. Fr. Luiz das Chagas, Leitor Jubilado, & Ministro Provincial desta Santa Provincia de Portugal li., & atento confiderei esta Segunda Parte da Historia Serafica, composta pelo N. M. R. P. Fr. Manoel da Esperança, Leitor Jubilado, Examinador das

tres Ordens Militares, & Padre da mesma Provincia; & digo, que esta limpa de toda a sombra de censura, fecunda de notaveis reviviscencias de raras virtudes, & admiraveis sujeitos, filhos desta mesma Provincia, que estavão mortificados pelo descuido, ou santa simplicidade antiga, presumida de que os seus luzimentos avião de ser perpetuos; & que he espelho util pera q̄ quantos agora somos, & formos nos componhamos com o ornato humilde da altissima pobreza, que professamos. Obra he muito louvavel pela honra, & gloria, q̄ nos resuscita hoje; & pelas Casas Reaes, illustres, & nobres, que nos inculca devotissimas da nossa Religião. Creditos devidos a o singular zelo, immenso trabalho, & conhecida erudição do Auro. No mosteiro de N. Senhora de Sub-a Serra da vila da Castanheira, a os 16 d'Abril de 1665.

*Fr. Antonio do Sepulcro.*

*Licença pera se imprimir do N. M. R. P. Ministro Provincial.*

**F**R. Luiz das Chagas, Leitor Jubilado, Ministro Provincial, & Servo da Provincia de Portugal dos Frades Menores da Regular Observancia de N. Serafico P. S. Francisco &c. Vista a informação dos P. P. Leitores, a quem cometi o exame desta Segunda Parte da Historia Seráfica da mesma Provincia, que compoz o M. R. P. F. Manoel da Esperança, Padre della, & Leitor Jubilado na S. Theologia, dou licença pera q̄ possa imprimilla por ser obra de muita erudição, serviço de Deus, & louvor da nossa sagrada Ordem, tendo primeiro licença do S. Officio, & as mais, que forem necessarias. Em S. Francisco de Lisboa, 9 de Maio de 1665.

*Fr. Luiz das Chagas,  
Ministro Provincial.*

*Informação por parte do S. Officio, do N. R. P. Mestre, & Doutor o P. Fr. Francisco Brandão, Qualificador do mesmo S. Officio, Cronista geral destes Reinos, Examinador das tres Ordens Militares, &c.*

**V**I esta Segunda Parte da Historia Seráfica da Provincia de Portugal. Nella procede o Autor com singular acerto, investigação, & disposição no tocante à historia, & com igual atenção, & resguardo de bom Theologo propoem as materias de religião, sem se desviar das disposições Apostolicas, nem encontrar os ditames de N. S. Fê, & bons costumes. Em N. Senhora do Desterro, 8 de Outubro de 1665.

*O Doutor Fr. Francisco Brandão.*

*Informação do M. R. P. Mestre Fr. Filipe da Rocha, Presentado na sagrada Theologia, Qualificador do S. Officio &c.*

**L**esta Segunda Parte da Historia Seráfica da Ordē dos Frades Menores feita pelo P. Mestre Fr. Manoel da Esperança, & nella não só não achei cousa dissonante ás verdades de nossa S. Fé, ou cousa, que repugne, & ofenda á pureza, & harmonia dos bons costumes: mas tão ajultada com aquella, & com estes, que da Fé se vem nella suas firmezas; & pera os costumes, eficazes incentivos á virtude com innumeraveis exemplos, & retratos virtuosos. Lisboa em o convento da Santissima Trindade, em 13 de Novembro, 1665.

*Fr. Filipe da Rocha. Licença do Tribunal do Santo Officio.*

**V**istas as informações pode-se imprimir a Segunda Parte da Historia Seráfica da Provincia de Portugal; & depois de impressa tornará ao Conselho pera se conferir com o original, & dar licença pera correr, & sem ella não correrá. Lisboa, 17 de Novembro de 1665.

*Pacheco, Sousa. Fr. Pedro de Magalhães. Rocha. D. Verissimo de Lancastre. Licença do Ordinario.*

**P**ode se imprimir. Lisboa, 20 de Novembro de 1665.

*F. Bispo de Targa. Parecer, por Ordem de sua Magestade, do M. R. P. Mestre Fr. Fabião dos Reis, Presentado em Theologia, Provincial absoluto na sagrada Religião do Carmo, Examinador das tres Ordens Militares &c.*

**P**Or mandado de V. Magestade, que Deos guarde, vi cõ atençaõ esta Segunda Parte da Historia Seráfica dos Frades Menores do Patriarca S. Francisco, composta pelo Mestre F. Manoel da Esperança, Lente Jubilado, Provincial que foi da mesma Religião na Provincia de Portugal, & Examinador das Ordens Militares &c; & nella toda não achei cousa digna de censura: antes todas muito dignas de louvores, & de que com affecto primoroso seja gratulado o desvelo do Autor pelos religiosos da sua sagrada Ordem, a qual não podia desejar pera seus filhos mais clarecida gloria do que esta, em que se tiraõ a luz as ricas pedras preciosas, que na sepultura do descuido estavão escondidas: luzem mais as estrelas resplandecentes, que com as trevas do esquecimento se eleveciaõ; & reverdecem as flores, murchas já com o discurso do tempo: o que tudo elle com a erudição de seu engenho faz agora mais luttroso, merece tambem a plausos gêraes de todos, porque na dif-

posição, & ordem dos seus tratados foi seguindo o estilo, que inculcou o Filósofo Seneca a os perfeitos Escriptores: a saber, que imitem as abelhas, as quaes diligendo pelos campos depois de escolherem as flores, que são mais acomodadas, com a substancia dellas fabricão o industrioso favo, & agradavel pela doçura do mel. *Apes debemus imitari* (diz elle na Epistola 85) *que vagantur, & flores ad mel conficiendum idoneos carpunt, deinde quidquid attulerunt disponunt, ac per favos digerunt.* &c. Com esta mesma industria, muito natural neste Autor, foi elle escolhendo, & colhendo d'outros muitos assi espirituaes, como politicos as sua viziñas Heres dos feitos illustres, & virtudes excellentes, com que muitos florecerão na perfeição religiosa, & no governo politico, em o qual empararão, & honrarão a sua Religião; & repartindoas com a destreza engenhosa de sua sabedoria pelo corpo deste livro compoz hum melifluo manjar de doutrina devota, que a todos pôde ser muito util, & delectoso; Aqui achará o religioso admiraveis documentos pera se animar na obsevancia de sua profissão: o secular, maravilhosos exemplos pera expelir defeitos, & exercitar virtudes: o espiritual contemplativo, suavidades, & doçuras, com que se console, & afervore no santo amor de Deos: finalmente esses grandes pecadores, que mais divertidos andão da sua sagrada lei, conselhos, & advertencias pera tornarem mais depressa a o caminho da salvação. E avendo tudo isto, sem cousa, que encontre o serviço de V. Magestade, me parece deve V. Magestade dar licença pera que se estampe, & publique. Carmo de Lisboa, 12 de Dezembro de 665.

*Fr. Fabião dos Reis.*

*Licença da Mesa do Paço.*  
**P**Ode-se imprimir vistas as licenças do Ordinário, & S. Officio; & impresso tornará a esta Mesa pera se taxar; & sem isso não correrá. Lisboa 14 de Dezembro de 665.

*Monteiro. Sylva. Velho. Magalhães de Menezes. Miranda.*

**V**isto estar conforme com o original, pôde correr esta Segunda Parte da Historia Serafica. Lisboa 16 de Novembro, 666.

*Pacheco. Sousa. Fr. Pedro de Magalhães. Rocha. Magalhães de Menezes. D. Verissimo de Lancastro.*

**T**Axão este livro em mil & trezentos reis em papel. Lisboa, 18 de Novembro de 666.

*Monteiro. A. Sousa. Magalhães de Menezes. Carneiro.*

A

GLORIOSA S. ISABEL, RAINHA DE  
Portugal, & Terceira Franciscana:



Ouco tempo, Serenissima, & Santissima Senhora, gastei em deliberar a quem avia de consagrar este livro, porque logo me parecèo sacrilegio profanar sua materia, estando ella em posse de patrocínios sãtos. Dediquei a sua Primeira Parte a N. P. Serafico; & seria indecécia tirar lhe esta de casa. A elle, como a pãe, pertencião de justiça os meus primeiros obsequios, porém elle me estã defengando, que na hõra de seus filhos se funda a sua gloria, & que lhe são defairosos os serviços mais crecidos, dos quaes elles não forẽ participantes. E já cõ este espirito julgou por ofensã propria o Emperador Theodosio 2 as humildes submissões, cõ que o quiz venerar pelo estilo da Corte o gravissimo P. Amphilochio, faltando cõ ellas na mesma occasião a Arcadio seu filho, & cõpanheiro no Imperio\*. E posto que Amphilochio usou deste artificio pera o meter em colera cõtra os Hereges, que negavão a Divindade em Christo Filho do Padre Eterno, em quanto elle não entèdèo o mysterio, se indignou a natural afeição, descubriendo com as luzes do amor em o desprezo do filho a sua mesma afronta.

Não ignoro, Bemditissima Rainha, que no es-

\* Theol.  
15. c. 16.

tado sois filha de meu Padre S. Francisco, professa na sua Terceira Ordem dos Penitentes Seculares; nem tambem, que o fervor, com que tanto trabalhastes por ser freira de S. Clara, & em fim vos vestistes no seu habito, tinha grande fundamento pera vos matriculardes na sua Religiao: sabido he pelo mundo, que não teve a nossa Primeira Ordem outra filha mais honrada, nem irmã mais amorosa, do que vós em tudo fostes. Assim o confesso eu, com tudo não vos neguei nas minhas fracas ofertas a cortezia devida a vossos merecimentos: mas acudindo primeiro a o respeito do pae, Emperador, & Monarca da Familia Serafica, agora, que tenho occasião, se humilha a vossos pés minha penna por serdes a sua filha prezada, & Rainha entre todas.

E bem poderei dizer, minha Gloriosa Santa, que de industria vos reservei este livro, porque sendo elle vosso, erro fora inventarlhe outro dono. Nelle se achará estampada a vossa santa figura, & ainda que seja com letra grossa por ter pezada a mão, as feições desta insigne Imagem delineou de proposito com toda a perfeição o soberano Artifice. Grande luz lhe estão dando os resplandores do sangue Imperial, & Real: mas não esperaes de mi, nem mo quereis consentir, que na vossa geração encadee Progenitores da terra, senão virtudes do Ceo. Pelo que direi sómente o

que

que diz a Sagrada Escritura do Patriarca Noe; que fostes santa, & perfeita em as vossas gerações, & que andastes com Deos. *Noë Vir justus; atque perfectus fuit. in generationibus suis, cum Deo ambulavit*<sup>b</sup>. E conforme a grandes entendimentos, este he o mais illustre brazão, de que vos podeis honrar: de serdes santa na vida, & irmã das virtudes, aparentada com Deos. *In tantum magnificat Scriptura hunc virtutis amatorem, ut in stemate eius non more aliorum Avos; Proavos; Maiores que ceteros recensat; sed virtutes quasdam; & harum actiones.*

Genes.  
v. 9.  
Phil. Heb.  
de Abra-  
hãmo.

Lustroso foi o solar desta vossa geração, & por tal o escolhestes, quero dizer a nossa sagrada Ordem: mas eu vejo, que lhe realçastes muito sua antiga nobreza; porque pelo mesmo modo, que Iosue glorioso em vitorias engrandecia o credito, & a fama de seu pae, cujo nome por esse mesmo respeito se germanava a o seu: *factum est; ut loqueretur Dominus ad Iosue filium Nun*<sup>d</sup>: assi tambem em quanto durar o mundo andarà mais conhecido na memoria dos homens, & mais estimado delles por vossa contemplação o nome de São Francisco. A nossa ventura foi, descenderdes desse tronco pela linha illustrissima desta santa Provincia de Portugal, que vos soube incitar com saudaveis exemplos a ser santa em a Igreja de Deos.

d Ios. 1.  
vers. 10.

Mais vos devemos ainda, Serenissima Senhora,

porque

porque se me afigura, que nesta propria linha, sê  
vos apartardes della, fundastes Casa de novo pe-  
ra vossos descendentes, ajustando nella cõ singu-  
lar harmonia o habito pardo cõ a purpura Real,  
as humildades de Christo cõ a gloria do Scetro,  
& os cuidados do Reino com o serviço de De-  
os. E foi notavel a benção, que neste particular  
vos lançou o Altissimo Senhor, de verdes perpe-  
tuada não sò em filhos, & netos, mas tãbem nu-  
ma larga descendencia, que ainda persevera; o  
vosso grãde amor, & notavel devaçãõ à Ordem  
de S. Francisco.

De modo, que este livro, mui Alta, & Poderosa  
Senhora, no seu principal assunto he o Livro  
da vossa gèraçãõ pela parte do espirito, que sem-  
pre foi a mais nobre, Genealogia, & Relaçãõ ver-  
dadeira da origem, que trouxestes do santo ber-  
ço de Deos, sustentandovos na criaçãõ a o peito  
da nossa sagrada Ordem; & creio que vos serà  
agradavel, pois vos prezastes de Santa muito ma-  
is, que de Rainha. Não entra aqui lizonja, que he  
mãe do interesse, & faz padecer naufragio a quan-  
tos remaõ contra a força das agoas, levantando  
chimeras nõ teor das gèrações, que se desfazem  
em fabulas. São verdades manifestas, que por ta-  
es vos poderãõ agradar. E sendo o livro vosso, o  
seu titulo não podia ser alheo.

A vòs o consagro todo, pera que à sombra do  
vosso nome preclarissimo, & santissimo possa an-  
dar confiado pelo mundo. Leva consigo por

pequeno, & humilde as condições de Libelo  
(no Latim differa eu, *Libellus supplicis*): não pera ci-  
tar por elle, contra sua humildade, pera o vosso  
juizo os Aristarcos soberbos: mas pera vos supli-  
car, & pedir com reverencia, que d'ante mão  
lhes governeis suas linguas, pera que o tratem  
bem; & será hũa grande maravilha. Muito me  
vai em a sua defensão a respeito do trabalho, que  
elle me tem custado: porèm á vossa pessoa, & a  
esta vossa Provincia, *Et vestra est, imò plus vestra*, ain-  
da importa mais. E por tanto, Clementissima Ra-  
inha, dessas alturas do Ceo, donde estaes conhe-  
cendo os serviços, que na terra vos fazem vossos  
devotos, aceitai agora este por vossa benignida-  
de, acreditando o Livro, & ajudando o Autor  
pera que não falte em suas obrigações.

Vosso humilde, & muito indigno servo

Fr. Manoel da Esperança.

o C. Quan-  
do libel.  
Princ. obla.  
lit. conte.

o B. Siv. O.  
i. l. q. u. s.

s. Bernard.  
epist. 127.

# A O L E I T O R



Retorna na minha Primeira Parte, que brevemente dária esta segunda, e estando muito firme na promessa vejo agora que são passados dez annos, e tempo consideravel pera que os curiosos me puxem pela palavra. Mas se observarmos nelle o mysterio, que se descubri nas ondas, do modo, com que a decima carregada com maior pezo de agoa arrebenca pelas praias com mais impeto, *vastius insurgens decimæ ruit impetus undæ*: assi tambem avia de vir hum anno particular, e notavel neste numero de dez, no qual me desempennasse. Imbãome ellas tirada da quietação da cela, e lançado ao mar do governo da Provincia: *hoc mare magnū, & spatiosum manibus*: tão largo, e estendido, que deita ainda sessenta braços, e alguns de grande nome (que tantos são os conventos da sua obediencia), pelo qual naveguei muito perto de seis annos, sujeita a os perigos ordinarios do mar.

Nesse tempo, nenhum me ficava livre pera tratar de compor esta Historia: todos os cuidados erão estudar a grande Arte das Artes, que toca a o governo, na qual trabalhosamente bastão muitos annos de Aprendiz pera chegar a ser Mestre. Quando depois me achei restituído a minha quietação, estavam ja apagadas as memorias antigas, enfraquecidas as forças, e oprimidadas de novo com desvios impetuosos a outras occupaões, que tambem fazião maior o impedimento. Foi necessario limar o que avia escrito, e forjar com muito suor do rosto o que ainda estava por escrever, e ajudandome so mence do trabalho excessivo, que em sudo se preza de vencedor, acabei com esta Segunda Parte, a qual em tudo parece com a primeira; e se alguem lhe conhecer melhora, defenda o seu juizo, porque não vim a o mundo pera julgar minhas obras, mas pera ser julgado nellas.

Concinto a relação da Provincia nos successos gloriosos, e pessoas excellentes, que ella sempre logrou, e ja estão riscados da lembrança com gravissimo dispendio de sua reputação. E confesso, que a vista de tantos exemplos santos, de tantos Varões illustres, e tão notaveis favores de Reis, Senhores, e Principes, com que era em Portugal estimada a nossa Religião: quando considero isto, por hũa parte me acho envergonhado de ver em mi o que sou, e como estamos longe da sanca felicidade d' aquelles devotos Padres; e por outra me provoca a chorar a differença dos tempos, que sempre vão pera peor. Com tudo alguns proveito nos fará esta Historia, conforme diz S. Bernardo, porque se nossos escritos resuscitão na memoria dos homens os Santos mortos, que jazão sepultados na triste covã

de Libe  
do  
1561

Ovid. Me.  
tomoph. 11

Psál. 103.  
ver. 1. 21

in Prefat.  
ad vit. S. Ma  
lach,

do maior esquecimento: seus exemplos dão clamores a que fação vida san-  
ta, qui viventes mortui sunt, os moreos pelo pecado, que neste mundo  
andão vivos.

O estilo, & metodo não podia ser diverso sendo ellas irmans ambas, & naci-  
das d'hum mesmo entendimento, o qual não faz differença nos seus parcos, mas  
todas as qualidades, que imprimisse em hũa, avia de dar à outra. Bem disse certo  
Poeta<sup>d</sup>, Naturæ sequitur semina quique suæ: que cada hum dos Au-  
tores segue o seu natural, fala como sabe, & escreve como pode; & com isto sa-  
tisfaz à sua obrigação. Se o estilo foi puro, elegante, & ornado a seus tempos com  
as flores da Rhetorica, serão palavras de ouro, preciosas, & lustrosas. Mas cõvem,  
que sejão d'ouro, & não d'ouero meel baixo, porque este, como diz S. Ambro-  
sio<sup>e</sup>, foris prætium, intus metallum est, ainda que mui polido, & mui  
resplandecente, nem por isso se melhora na sustancia, mas todo o seu valor consiste  
nas apparencias. E tal he a oração, que na solhagem poem toda a sua força; en-  
fraquecendo no fructo, o qual lhe importa mais.

Eu neste particular considerei de proposito aquella grave sentença, Ars lōga,  
vita brevis, que pera esta Historia são dilataada, & larga he muiço curto o fio  
de minha vida, da qual bem conheço, que ja está por hum fio roçado de muitos an-  
nos, & que estalando elle se rompia toda a obra; & com este pensamento me re-  
solvi em fazer breve a Arte, pois estender mais a vida não está em minha mão,  
prosequindo a materia, & encurtando palavras. Entendo que me declaro sem que  
esta brevidade venha a ser tão escura, que lhe sejão necessarios interpretes. Quan-  
to isto me custou, ajuntar clareza com brevidade, não está à conta do meu encare-  
cimento, mas pertence a o juizo alheo. Não faço comparação com os grandes Es-  
critores, nem ainda com os que são mais pequenos, porque a todos me fez muiço  
desigual a sua preeminencia: porém posso afirmar dos meus escritos a que disse  
Phavorino dos de Lysias a respeito de Platão. Si ex Platonis oratione ver-  
bum aliquod demas, mutes ve ---, de elegantia tantum detraxeris:  
si ex Lysia, de sententia<sup>f</sup>. Isto era, que Platão tinha o estilo florido, & re-  
dondava nas palavras, das quaes se lhe cortamos algũas, ficando salvo o tronco,  
quando muiço lhe podamos as folhas da elegancia: porém Lysias, que professou  
ser Laconico, & succinco no dizer, hũa só que lhe tiremos, destruirá a sustancia.

Algũas vezes me canço em apurar a verdade onde a vejo mais oprimida do  
erro, & tão seguro me faço, entendendo que acerto com o exemplo de oueros, que  
não temo reprehensões. Primeiro que S. Basilio escrevesse a certeza do principio do  
mundo, & da sua criação, referio as opiniões erradas, mentiras, & grandes fa-  
bulas, que os Gentios sobre isto levantãrão, & veio a concluir, que não avançarão  
mais, que fazer teas d'Aranha, com que sujavão edificio cão nobre, como he esta  
machina de todo o Universo, tapando tambem com ellas as vidraças crystallinas,  
por onde o claro Sol da verdade nos comunica seus raios. Profus istius generis

d Ant. Geza  
in Moral.  
sent.

e l. 2. Epist.  
12.

f Aut. Gel.  
12.

Heril. r.  
in Hexana.

Scriptores, quid aliud dicas, quam stamen flaccidum Araneoli per-  
texere? <sup>2</sup> Estou escrevendo isto no dia do mesmo santo, o qual com sua erudição  
no eraballo baldado deste venenoso bicho nos descubrio a cegueira desses Autores  
ignorantes. Dispoemse pera a obra, & assentado tear, puxa pela peçonha do peito,  
a qual desfeita em muitos fios na boca, com elles começa a ordidura: entra logo a  
tecer, & saie com hũa tea, a qual não serve de mais, que de rede de moscas, ou de  
mosquitos. Tal tea, & tão fraca como essa, feita de canas paranhas, não digo eu,  
S. Basilio, mas qualquer outro Theologo só com o sopro da boca a rasgar à em pe-  
daços; porque sempre a mentira deu na cabeça a seu dono, & a verdade legitima  
vem a o lume d' agoa.

h. 1. cont.  
lit. Petile.  
29.

Com estas teas d' Aranha me averia eu bem: o eraballo he com ourras de  
gravissimos Autores; tão duras de penetrar como a saia de malha. Mas ainda  
neste caso nos diz S. Agostinho, que sem ofensa da caridade Christã puznemos  
pela verdade: Diligite homines, interficite errores. --- Sine lævitia  
pro veritate certate. <sup>h</sup> Ninguem poderá dizer, que procuro controversias: he  
mate forçado nellas, se d'ouero modo periga a certeza da Historia; & assi a mi-  
nha briga, falando propriamente, mais he com os mesmos erros, que com os Auto-  
res dellas, porque a estes venõro com o respeito devido, & os outros per si mesmos  
se fazem aborrecidos. E bem se colige isto da confiança, com que ponho em exame  
algũas opinões de Padres gravissimos da minha Religião, que a ella autorizão  
com seus insignes escritos, & ami enriquecẽrão de imporeanees noticias. He guer-  
ra entre irmãos, na qual antes que os seus entendimentos cheguem a pegar das ar-  
mas, por não se arriscar o amor, se reevão as vontades. Seria cousa galante so-  
fremos isto os de caza, & os estranhos perderem a paciencia mostrando tambem  
que sabem pouco da guerra, porquanto estas lançadas não se correm às pessoas,  
quer sejam mortas, quer vivas, senão a o erro inimigo, q, vive nas suas obras. Acui-  
to desejei esconder totalmente os seus nomes, como fiz n'alguns lugares: com isto  
não me convem suspeitarse, que finjo grandes Gigantes pera cantar mais glorio-  
sas victorias: ou que quero impedir-lhes o direito natural de nunca serem julga-  
dos, senão d'apois de ouvidos.

l. 1. ad Co-  
rior. 15.  
v. 10.

& S. Amb.  
l. 1. epist. 8.

Mas sempre este juizo serã de misericordia, porque em tanta variedade de  
cousas, fóra do nosso discurso, as quaes dependem sómente de relações, au da vista:  
o erro nestas materias he como pecado original, que vai correndo pelos livros. Nem  
eu me dou por seguro, posto que posso dizer, não como disse S. Paulo, i abundan-  
tius illis omnibus laboravi: que eraballei mais que todos: senão, que traba-  
lhei como qualquer dos vizinhos. E sendo o perigo tão geral, que d'ouero da mesma  
sciencia pode viver o engano, in ijs, quæ scio, talli possum, <sup>k</sup> a piedade, q, que-  
remos pera nós, esperão de nós os outros. Grande favor me fará quem me adver-  
tir das faltas, que enconerar nesta obra, porque me parecem muito mal os idiotas  
que sendo faceis de convencer em seus erros; são difficultosos de se emendarem nel-

les.

les. Mas seja com esta clausula, que não passem de Censores a Questores; & que bastandolhes darem sua censura muito limpa de paixão, não procurem ajuntar grandes esouros de fama na opinião do Vulgo com suas murmurações. A estes iaes nem eu aceito por mestres, pois não sabem ensinar: nem os quero por discipulos, por quanto não poderão aprender.

Suspeito que alguns Criticos reparão em certas letras, julgando que avião de ser outras, & ficar á mui coniente a Gramatica de que professores de faculdade mais nobre saião agora por seu respeito a campo: mas se nisto ha defeito, hums com oueros nos podemos consolar, & fraca he a sentença; que não pôde defenderse. Eu entendo, que na forma de escrever nos devemos ajustar com a da lingua Latina, origem em muitta parece da nossa; salvo naquellas palavras, em que della se aparta o nosso modo de falar á Portuguezia. E com este fundamento em muittas partes (bem podera ser em mais) deixo de dobrar as letras, & tiro dellas a que he aspirativa em vezão de ser mais facil a nossa pronunciação; por que se estas quando falamos não soão, melhor he deixallas de escrever. No particular das letras, he certo, que os Latinos nenhũa Grega chegarão a admitir, se não foi nas palavras tambem Gregas, que com as suas recolherão; & sendo nisto seu escrúpulo tão grande, não parecerá escandaloso o nosso, pois temos letras Latinas, com as quaes nos podemos declarar. Nas finais procuro ter muito ceno, usando sempre d'aquellas, que mais vivo nos representam o som, com que as mesmas palavras se pronunciação na boca; & deste modo ficão melhor concordados o escrever, & o falar. E nestes casos nos será mui necessario consultarmos os ouvidos, pera que elles nos digão, com que letra soa melhor a palavra, & a que elles dyberem, essa se ha de julgar, que convem á elegancia. *Aurem tuam interroga, quo quid loco conveniat dicere: quod illa dixerit, id profecto erit rectissimum.* Mas isto baste de Gramatica,

Hũa cousa me falta por advertir, a qual he, que eu na Primeira Parte estava determinado em fazer quatro volumes conforme a os estados, que a Provincia teve; & nella lhe guardei o que tinha prometido, chegando até o anno de 1272, no qual tempo neste Reino a nossa Religião esteve somente numa Custodia, chamada de Portugal, que foi o nosso principio. Nesta segunda só avia de tratar das tres Custodias, em que ella depois se multiplicou, de Coimbra, de Lisboa, & de Evora: mas era pouca a massa pera hum justo volume, & por isso fui entrando pela do terceiro Tomo até ver essas Custodias levaneadas em Provincia, & esta muito florente no estado da Regular Observancia. Venho porém a ficar no anno do Nascimento de Christo 1447, por ser o anno notavel, em que os nossos Observances começãõ a tirarse da sujeição dos Claustres. Daqui por diante correrá esta Historia conforme ao caminho, que lhe fizer a materia, descansando do trabalho onde river occasião pera isso; que eu por agora não prometo cousa certa com perigo de depois me retratar.

Aul. Gel.  
113.

*Protestação do Autor.*



Rimeiro que dè principio a esta Segunda Parte da Historia Seráfica, declaro que nella hei de falar em muitos Sêrvos, & Servas de Deos illustres no nome por singulares virtudes, & obras maravilhosas. Mas o meu intento he guardar nisto com toda a inteireza o Decreto Apostolico do Santissimo Padre Urbano VIII, dado a 13 de Março de 1625, & confirmado por elle no de 1634 a 5 do mez de Junho, seguindo a sua explicação de 5 tambem de Julho de 1631. E nesta conformidade, resalvando sò aquelles, que por estilo da Santa Sè Apostolica estão em posse pacifica da sua veneração, a nenhum outro chamarei *Beato, Martyr, ou Santo*, nem direi que teve revelações, espirito de profecia, ou virtude de milagres, usando de taes palavras no seu proprio, & rigoroso sentido, que supõem aprovação Canonica: mas pelo modo vulgar, com que fala a piedade Christã d'aquelles Sêrvos de Deos, que lhe parecem eminentes por virtude, & estimados de sua benevolencia. E quanto nisto disser, não tem mais autoridade da que lhe dão as Relações, & Autores, que delles fazem memoria, a qual não basta per si pera que lhes demos culto, veneração, ou fama certa de Santos: nem tambem os habilita pera que em rezão della possaõ ser canonizados, ou beatificados. Pelo que com todas estas cautelas escrevo as suas vidas pera gloria de Deos, consolação dos devotos, & balizas de quem deseja seguir o caminho da virtude, sujeitandome em tudo à doutrina, & decretos da Santa Igreja Romana, que he regra infalivel das verdades.

*Fr. Manoel da Esperança.*

LIVRO SEXTO  
D A  
**HISTORIA**  
**SERAFICA**  
DOS FRADES MENORES NA  
PROVINCIA DE PORTUGAL.

## CAPITULO I.

*Notificação a El Rei D. Afonso III o Custodio, & Guardiã de Lisboa hũa grave monitória do Papa, em ordem a emendar as faltas de seu governo.*



Artida estava já nas Custodias de Coimbra, & Lisboa a nosa antiga, chamada de

Portugal, como fica relatado no fim da primeira parte, quando do Nascimento de Christo se contavão 1273. annos. Tinha nesse tempo Gregorio X a Cadeira de S. Pedro, & D. Afonso III. o Sceptro de Portugal: mas o Papa estava muito queixoso do mesmo Rei fomentar, ou não

compor as gravissimas contendas, em as quaes se abrazavão os dous Estados, Ecclesiastico, & Secular, do seu Reino. Porque ainda as Igrejas se sentião offendidas contra os foros de sua immuniidade: ainda se usurpava o patrimonio de Christo, dote das mesmas Igrejas: ainda eraõ violentados os Clerigos a responderem no juizo secular nas causas, que lles movião; & sobre estes, & semelhantes absurdos eraõ tambem confiscadas as rendas d'alguns Prelados, os quaes com intento de remirem a sua tribulação se ausentãro do Reino para a Corte do Papa. E acendendo por hũa parte o Rei, ou seus Ministros o fogo, seu filho o Infante D. Afonso o atiçou fortemente em o Bispa do da Guarda, do qual pela mesma causa, conforme tenho \* eserito, se veio a ausentar o seu Bispo D. Frei Vasco, na profissão Franciscano.

2. Soava muito a o longe

A a fama

a fama deſtas deſordens com  
 hum tropel de eſcandalos, que  
 por ſerem indignos de ſe ouvi-  
 rem, & muito mais de ſe lerem,  
 os Vigairos de Chriſto os ma-  
 goauão na alma. Quiz arrancar  
 a eſpada da Igreja o ſobredito  
 Pontifice, mas primeiro o ad-  
 uertio como pae por hũa mo-  
 nitoria, cujo principio era: *Scire*  
*debes*: na qual o admeſtou, &  
 rogou pelo ſangue de Jeſu Cru-  
 cificado, que emêdaſſe as quei-  
 xas, que corriaõ contra elle, ſe  
 não queria tambem incorrer na  
 ſua indignação. E pera enca-  
 minhar o negocio, fez nelle ſeu  
 Comiſſarios o noſſo Cuſto-  
 dio de Lisboa, que ſe chamaua  
*Frei Vofco*, o Prior de S. Domin-  
 gos, & Guardiãõ de S. Francis-  
 co por nome *Frei Iulião*, ou *Iuião*  
 na lingoagem antiga, ordenan-  
 do por <sup>b</sup> duas Cartas a todos o  
 que deuiãõ fazer. Na primeira,  
 que começa: *Cum Chariffimus in*  
*Chriſto*, lhes mandou entregar a  
 El Rey a monitoria, & auizalo  
 a elle por instrumento autenti-  
 co do que niſto obrãſſe, ou reſ-  
 pôdeſſe o Rei. Na ſegunda, que  
 naõ anda referida nalguns <sup>c</sup> li-  
 uros Portuguezes, determinou  
 pelas palauras ſeguintes: *Volu-*  
*mus, & in preſentiarum, &c.* que o  
 moniſſem da ſua parte tambem,  
 & que vendoo inclinado a emê-  
 da leuantãſſem por ſete mezes  
 o interdito do Reino, com en-  
 cargo de que nos primeiros qua-

tro mandãſſe Embaxadores a  
 Roma, com os quacs ſe tomaria  
 ſſento nas controverſias. Fo-  
 raõ dadas eſtas cartas, & mõi-  
 toria em Ciuita uechia, por ou-  
 tro nome *Orueto* a 28. & 29. de  
 Maio, anno ſegundo do ſeu Põ-  
 tificado, que pela ordem do  
 Nascimento de Chriſto foi o de  
 1273. Porque ou o ſeu gover-  
 no ſe comece a contar do tem-  
 po da eleição no primeiro de  
 Setembro de 1271, ou do dia  
 de ſua coroação (do qual regu-  
 larmente ſe conta) em 27. de  
 Março de 1272, ſempre o ſe-  
 gundo Maio do dito Pontifica-  
 do, em que ſe deraõ as Bulas, vi-  
 nha a cair no anno de 1273, &  
 não no antecedente, que por  
 engano aſſinãõ os Autores, que  
 referimos na margem.

3. Inueſtiraõ com El Rei  
 todos os tres Comiſſarios, afo-  
 gando no reſpeito da Santa Sê  
 Apostolica o medo grande, que  
 lhes podia fazer a carranca da  
 Mageſtade Real: notificãraõlhe  
 com todas as miudezas a dita  
 Bula monitoria: mas tambem  
 como Vaſſallos fieis, em parti-  
 cular o Guardiãõ, que <sup>d</sup> por ſer  
 do ſeu Conſelho tomou eſta cõ-  
 fiança, lhe eſtranhãraõ a muita,  
 que coſtumaua fazer de Minis-  
 tros, & Conſelheiros malignos,  
 os quacs o precipitauãõ; & con-  
 cluiãõ pedindolhe, que trataſ-  
 ſe de obedecer a os mandados  
 do Papa. Moſtrou El Rei, que

<sup>b</sup> Fr. Luc.  
 an. 1272 n.  
 15. & in Re  
 geſt.

<sup>c</sup> Monarch.  
 Luſit. p. 41.  
 13. c. 39. &  
 40.  
 Souſa n.  
 Hiſt. de S.  
 Doming. p.  
 1. l. 4. c. 21.

<sup>d</sup> p. 1. l. 5.  
 c. 36.

isso mesmo queria, pera o que chamou a Cortes na vila de S. tarem, onde prometeo satisfazer os agrauos, que contra elle avia, nomeando junramente algũas pessoas graues pera comprirem a sua satisfacão. Os Commissarios assistiraõ nestas Cortes, assinaõraõ tambem na carta da Correicão, & leuantando o interdito do Reino, auizãraõ a Roma do que se tinha passado. Mas como não procedia o Rei com muita sinceridade, nem tinha no coração a emenda, que prometia a lingua, breuemente se reduziraõ as cousas ao estado antigo, & entendeo o Pontifice, serlhe muito necessario usar nisto de remedios mais asperos, os quaes emfim applicou por hum Nuncio da nossa Religião, de quem depois trataremos quando nos derem lugar as suas execuções.

## CAPITULO. II.

*Oferecemnos hum Hospicio em Braga, & outras Casas se fundão com a mesma caridade.*

1273 **N**ão avia por este tempo Convento nesta nobilissima cidade, nella se mostrava muito facil em abrir a sua porta às Religioes sagradas. Mas a nossa lhe está em grandes obrigações, por quan-

to foi a primeira, que agaza'hou consigo no Cõvento de S. Fructuoso, cuja Igreja notavel pela forma, pequena no edificio, & fundada pelo mesmo santo Arcebispo, muitos annos possuio tambem a gloria de lhe guardar todas as suas Reliquias. Neste antigo, & devoto Santuario, onde depois de estarem moradores os nossos Religiosos da Prouincia da Piedade, se virão prodigiosas virtudes, & maravilhas celestes, lles fez a sua morada outro Primaz illustrissimo, chamado *D. Diogo de Sousa* a os 12. de Dezembro de 1522. no qual tempo as memorias manuscritas da Casa, & da Prouincia se achão inuito conformes. E com ellas avemos de concordar o letreiro d' hũa pedrada sobredita Igreja, cujos numeros por estarem mal abertos, ou rasgados, representaõ outra conta, & deraõ occasiõ a o Autor da Historia Ecclesiastica de Braga, pera eserever o anno de 1533, o q' elle ouvera de emendar pois confessou<sup>b</sup> noutra parte, q' o dito Arcebispo seu Fundador faleceo a os 18. de Julho de 1532. Seguiose depois o mosteiro dos Remedios, q' he de Freiras Frãiscanas, mas Terceiras; & deixãdo todas as mais Fundações, nas quaes não temos direito, he singular neste Reino a das Freiras, q' professãõ a Ordẽ da Cõceicão immaculada da Sãra

At. de S. Fructuoso de Sousa.

<sup>a</sup> p. 2. c. 71.

<sup>b</sup> cap. 72.

Mãe de Deos. Pelo que das casas Religiosas desta cidade de Braga, tres pertencem a Monarchi a Serafica.

2. Antes que ella tomasse aqui assento, recolhiãose os Frades, quando vinhão à cidade, pelas casas dos deuotos, q̄ por meio desta insigne virtude pretēdiaõ ter morada na Corte celestial. E hũ delles, q̄ foi Vicente Bermudo, na sua propria casa, onde em vida os tinha agazalhado, lhes mandou fazer por sua morte hospicio, no qual pudeſſe achar esta mesma caridade. Consta do seu <sup>o</sup> testamento escrito a 3. de Julho de 1273, em q̄ elle ordenou, q̄ a sobredita casa com seu quintal, & jardim se partissem pelo meio; q̄ numa das ameades se formasse o hospicio com dous leitos para os Frades, q̄ se achassem em Braga, *ut quando cumque ad locum veniunt in eis hospitentur;* & que da renda da outra, & de certa fazenda, a qual tambẽ vinculou a este encargo pio, se cõservasse o santo recolhimento dos Frades, & a elles se dēſſe o q̄ fosse necessario. Não se contentou com isto, sendo tanto, sua piedade grande, senão q̄ tambẽ repartio largamente de seus bẽs pelos Conuẽtos de Guimarães, & do Porto. E declarando a deuação entranhuel, q̄ tinha ao S. Patriarcha, cujos filhos deste modo trazia no coração, no claustro da Sé da sobredita ci-

dade, onde tomou sepultura, instituiõ hũa capela com missa quotidiana, a qual tiuēſſe por titulo *das Reliquias de S. Francisco.* Mas se nella as ouueſſe, seria só do seu habito, ou de couſa semelhante; q̄ o corpo ainda está inteiro na cidade de Aſiſ. Extinguiſe o hospicio, porq̄ o tēpo em tudo se mostra vario; & pôde ser que fosse incorporadõ nõ hospital de S. Marcos, onde ainda achei por ordem dos Arcebispos apozento, & reçaõ. Com tudo já succedeo pretenderẽ seus Ministros a cõta da caridade do pouo, liurarſe deste cuidado.

3. A vista deste exemplo (nã quero com elle diminuir a piedade da obra) instituiõ muito tēpo adiante outro nõſſo benefeitor em a vila de Barcelos hũ mõrgado, ou capela com encargo, de q̄ o possuidor agazalhe, & regale a os Frades quando a ella chegarem. A mesma obrigaçaõ, ou deuação tão antiga, q̄ veio a prescreuer, achamos em muitas casas, & mais em particular no Entre Douro, & Minho, pelas quaes florece muito em fauor dos Frãiscanos a caridade christã. E sobre todas esperamos nõs agora, que deça a santa bençaõ do Altissimo Senhor, como costumã decer em a vida, & na morte sobre quantos o recolhe, & sustentãõ <sup>o</sup> representado

nos nõſſos Frades  
Menores.

Ar ch. de  
S. Franc. de  
Gum,

Matth. 25  
verſ. 40. &  
45.

## CAPITULO III.

Encomendanos o Papa neste  
Reino a prégacao da  
Cruzada.

1274

**V**ando nos coraçõs Portuguezes a nossa Religião descubria cada liora estes, & outros extremos, andaua taõ furiosa na terra de Palestina a paixõ dos Infieis contra o nome de Christo, que a Christandade della totalmente se perdia. E naõ só a maior parte d'aquelle distrito santo se sentia carregada cõ o seu barbaro jugo, senaõ q os proprios lugares, onde o Filho de Deos feito homem por sua misericordia, pela escada da Cruz nos quiz escalar o ceo, estauãõ já torpemente profanados, & cheos de ignominia. Pretenderaõ os Pontifices resgatalos de tal abominaçaõ, mas hũas vezes nãõ chegauãõ as forças a seus intentos, outras vezes succederaõ as desgraças, q dissemos noutra parte. Agora renouou a mesma teima (melhor direi zelo santo) de restaurar os sobreditos lugares, o Papa Gregorio X, & posto q occurraõ algũas dificuldades, conforme ao estado presente, o desejo, q naõ vê impedimentos, a todas daua saída. Conuocou a Cõcilio geral, o segundo Lugdunense, no qual se determinou, q se fizesse exercito: q os Principes Christãos

assistissem nesta obra; & que por meio da prégacao da Cruzada se ajuntassem soldados; & apparatus de guerra.

2. Pera este ministerio tinha a Sé Apostolica muiro certa a nossa Religião, cujos filhos, humilhados a seus pés, pela profissãõ da Regra, sempre os achou mais prestes, & prontos a sua mãõ, como David a seus filhos, pera gastare a vida em o seu santo seruiço. Naõ faço nisto ostentaçaõ de ventagãs, mas proponho sem hyperboles o zelo grande, q nos faziã feruer em estas occasioes; sobre o qual se fundou a notavel confiança, cõ q os Sũmos Pontifices assi nella, como noutras nos trouxeraõ occupados, persuadindo se todos, que a nossa diligencia era mãõ dos bõs successos. De algũas escreui nouros lugares; & nesta mostrou o Papa pelas palaũras segũintes, q isso mesmo sentia do nosso Prouincial; & de todos os mais Frades. *Verbũ Crucis in comissa tibi Prouincia decreuimus proponendum, ad quod tuo, ac Fratrum tui Ordinis ministerio tanto confidentius nitimur, quanto vos utiliores vestrae charitatis zelus, quo vos ad ea, qua Dei sunt, seruere praesumimus, repromittit.* Este zelo, & estes grandes seruiços nos ouuera de inuejar quem das hõras, que por elles recebemos, se mostra pouco contente.

3. Querendo pois o Pontifice tirar fruto da prégacao da

b Cap. 2.

c Paralip. r. c. 23. vers. 17.

d p. 1. l. 3. c. 11. l. 4. c. 31. 32. 33. 35. 37. l. 5. c. 36. 39.

p. 1. l. 5. c. 42.

Fr. Luc.  
an. 1274. n.  
30.  
Arch. de  
S. Franc. de  
Alanc. & de  
Covilh.

Cruzada, entregou o seu trabalho aos Ministros de toda a nossa Ordem, & a bula; que veio a este Reino, dizia no sobrescrito: *Dilecto filio Ministro Fratrum Minorum administrationis Portugaliae*: no que vinha a dizer; *per a o amado filho Ministro dos Frades Menores, que administra, & governa as Casas de Portugal*. O seu principio era; *Si mentes fidelium*: a data em França na cidade de Leão. a 13. de Novembro de 1274. E pera que no pregar se desse expedição, lhe ordenou, que tomasse companheiros, quantos ouvesse mister, da sua mesma Prouincia, os quaes todos, como elle; terião autoridade independente; & ampla no exercicio da pregação sobredita; no conceder indulgencias, & comutar alguns votos em favor desta guerra tão santa, & necessaria (assi o forão as outras) na forma de hũa bula, que nós deixamos escrita, & em caso semelhante despachou Clemente IV. Porém o nosso Gêral, consentindo o Pontifice, lhes prohibio a cobrança do dinheiro, pera que izentos deste encargo, nos outros fizessem mais diligencia, que erão os principaes. E posto que os desejos de acudir aos sagrados lugares não se pudessem lograr, nem por isso estes nossos pregadores perdêtaõ o seu louvor do muito que trabalhãõ; porque assi como a sombra acõ-

panha ao corpo, tambem elle vai seguindo as occupaões honradas.

## CAPITULO IV.

*Socorrem os nossos Padres São Francisco, & Santo Antonio a hũa deuota sua, que em Serpa se queria enforçar, cujo marido tambem conuertem a bom viuer.*

**D**iscorrendo pelo Reino, como auemos escrito, na pregação da Cruzada os nossos Religiosos, parece que o Senhor com este caso seguinte, que foi hũa chaue mestra pera lhes abrir as portas, & corações dos fieis, lhes foi com grande amor preparando as pouzadas. Era na vila de Serpa hũa molher chamada *Sara*, deuotissima destes gloriosos Santos, porém muito mal casada com hum homem mais semelhante a bruto, que homem na condição: estragado em a vida, & diuertido torpemente em outras conuersações. Tomou lhe cruel aborrecimento, como todos os que andão nestes tratos, magoandoa no corpo, & juntamente na alma; não iõ com os seus escandalos, mas tambem com palauias afrontosas, & arreineços de barbaro. Parecia a

1275

p. 1. cit. l.  
3. cap. 39.

Chronic.  
antig. Fr.  
Marc. p. 1.  
l. 1. c. 21.  
Fr. Luc. an.  
1275. n. 6.

Sua casa nas desordens, nos ciu-  
mes, nas impiedades grandes,  
hum retrato da morada dos de-  
monios, onde tudo he horror,  
& confusão; & ella cansada já  
de soffrer, por conselho do in-  
fernal Tentador, quiz antes  
precipitar-se em os tormentos  
eternos, que padecer os presen-  
tes. Determinou enforearse nu-  
ma noite, que o marido dormia  
fóra de casa, & depois de reco-  
lher a familia, atou a corda na  
traue, deu o laço, & começou a  
por em execução o seu intento  
danado.

2. Neste tempo, que já me-  
tia o barão na garganta, lhe bã-  
têraõ com tanta força à porta,  
& tantos gritos lhe deraõ, que  
sobresaltada toda não pode cõ-  
tinuar. Escondeo com muita  
pressa a corda, foi saber quem  
era o que batia, & achouse com  
dous Frades da nossa Ordem  
Seráfica, os quaes lhe pediraõ  
ambos, que por amor de Jesu  
Christo os quizesse recolher.  
Perguntoulhes com o mesmo  
sobresalto, quem eraõ, & donde  
vinhaõ, ao que lhe responderaõ.  
*Nos somos dous Frades da Ordem dos  
Menores: hum de nós he chamado Fr.  
Francisco, & o outro Frei Antonio;  
& vimos de muito longe. Mas fala-  
raõlhe verdade, porque do ceo  
os tinha Deos inuiado pera que  
lhe acudissem. A isto lhes disse  
ella: Entrai embora, porque sou muito  
deuota desses dous seruos de Deos, São*

*Francisco, & São Antonio, dos qua-  
es vós tendes o nome. Ferueo logo  
em caridade: a casa pera lhes dar  
refeição, fazendo ella o officio  
de Martha, & assentada depois  
a seus pés como Maria, os este-  
ue ouuindo com atenção. Per-  
suadiraõlhe ambos o santo te-  
mor de Deos, o caminho da vir-  
tude, o valor da paciencia nas  
aflicções desta vida; & pregan-  
do Deos como setas agudissimas  
no interior da alma suas pala-  
uras deuotas, de tal modo a un-  
dou com sua diuina graça, que  
logo se resolueo em não ser ho-  
micida de si mesma, ao menos  
naquella presente noite em re-  
uerencia dos hóspedes. Com is-  
to se despediraõ: ella já arrepe-  
dida, pera a sua familia; & elles  
muito alegres; pera o seu apo-  
zento.*

3. Na mesma noite apare-  
cerão os Santos em sonhos ao  
marido, estranhãrão com gran-  
de seueridade suas torpezas, &  
vicios; & vieraõ a dizer. *Não sa-  
bes, que esse leito he a cama de tua con-  
denação? Nós somos São Francisco, &  
São Antonio, & Deos nos mandou  
dizer-te, que se tu não te apartas de  
tuas más companhias, e não tratas tua  
mulher com amor, a qual he nossa de-  
uota, primeiro que se acabem tres dias,  
te lançará no inferno, e arderás pera  
sempre. Porque aperiada ella do maõ  
trato, que lhe dauas, esta noite se nós não  
lhe acudirmos se ouuera de enforcar.  
Varlogo: e pergunta pela corda, e sabe-*

ràs a verdade. Acordou como palmado, porém mudado no animo, & muito arrependido da sua vida passada.

4 Nesta hora, que foi em amanhecendo, quiz a mulher informarse como passaraõ os hospedes, & achou fechadas todas as portas, o apozeno aberto, o leito composto em final de que os Frades não tinhaõ ali dormido, & que só elles faltavaõ. Tudo isto assi junto a tinha muito perplexa, quando chegou o marido saudandoa cõ mais amor, do que d'antes. Perguntoulhe pela corda, mas como vio, que ella se perturbaua, lhe disse estas palauras: *Saberás, que os dois Frades, a quem tu nesta noite hospedaste, erãõ S. Francisco, e S. Antonio, os quaes pela grande piedade do Senhor nos vierãõ liurar da morte a ambos, e da perdição das almas. Pelo que eu venho determinado de viuer como o mesmo Deos manda. Então referio cada hum da sua parte o que auia passado, & louuando a os gloriosos Santos, por cujos merecimentos tinhãõ o ceo taõ benigno, passaraõ o que lhes restou da vida em o seruiço de Deos, com grande paz, & concordia. Deste modo por milagrosos caminhos remedeia, & empara nosso santissimo Padre a os nossos bemfeitores, que lhes saõ afeiçoados.*

(?)

### CAPITULO V.

*Caso grande, com que Deos em Torres nouas inculcou a deuação do Padre S. Antonio, & hum milagre, que elle fez em Lisboa.*

**E** los annos de 1275, em que succedeo o caso ja referido assim; aconteceu tambem este, mais pera solicitar venerações a o Santo, que pera satisfazer seruiços de seus deuotos. Deu a occasiã a isso hũa mulher moradora no lugar, que se chamaua Elbron, o qual deue ser agora no Vale de Aluoraõ, que corre (saõdo de Torres nouas): da Ermida de Nossa Senhora do Vale atè a Chancelaria. Naõ era muito deuota de guardar o dia do dito Santo, antes nelle tomou hum sacco de trigo, & o lenou à cabeça pera se moer na vila: mas em chegando às suas primeiras casas, onde o castigo podia ter testemunhas, lho deu logo a diuina Magestade pelas mãos de hum pé de vento, que a derribou por terra, & caindo-lhe o sacco sobre a boca, com elle se afogou. A gente, que acudio, não fez mais que chorar sua desgraça, porque os sinaes da morte embargãõ os reme-

1275

Chr. Ant.  
fig. Fr. Luc.  
an. 1275. n.  
7.

dios,

dios, sollicitando sómente mortalha, & sepultura.

2. Neste ponto lhe appareceu hum Anjo em figura de Mancebo fermosissimo, como o são na graça, & na virtude os celestiaes Espiritos. Leuou a primeiramente por hũa estrada seguida, & muito larga, que nisto mostraua ser a estrada do Inferno, pela qual muitos caminhão nesta miseravel vida. Encontrarão com hum poço, cuja vista ao longe fazia grande espanto em rezão das medonhas, & denegridas fumaças, que delle se leuantauão com labaredas de fogo. Isto era o que se via de fóra: o que dentro se ouuia, era hum triste, & descomposto rugido de suspiros, lamentações, & clamores, com os quaes esses malauenturados, que por sua mesma culpa não tiuerão melhor sorte, lamentão suas desgraças. Pasinou a pobre mulher quando vio tão horrendo espectáculo, & dizendolhe o Anjo, que se chegasse mais perto, como já estaua desacordada, caio no meio do poço.

3. Aqui lhe foraõ mostrados os diferentes tormentos, que tambem por diferentes pecados padecem esses malditos nas fornhalhas subterraneas. Todos, quantos lá estauão, parecião brazas viuas, ou hũas pastas de fogo, que sempre haõ de arder. Sobre isto os mercadores onze

neiros, que com enganos auião negociado, trazião por ignominia bolsas de fogo lançadas ao pescoço. Os auarentos cobiçosos, que nunca já se fartarão de ajuntar, & poupar, estauão enfatiados de comer tanto dinheiro, amassado com fogo, & com enxofre, quanto os mesmos demonios, recheandoos com elle, lhes metião pela boca. Aquelles ambiciosos, que bebião com os áres pelas honras, & vaidades do mundo: a estes tambem constringião a beberem por hũcano certo humor abrazado, & nojento; & isto com tanta força, que depois arrebetaua pelos olhos, ouuidos, & pelas veas. Os outros, que logrãõ, ou perdẽrão esta vida em passatempõs da carne, jazião estendidos, & encrauados em leitos de põtas muito agudas, onde os roião serpentes por hũa parte, por todas os abrazaua o fogo; & os verdugos maleuolos, que nem ainda nestas penas tão terrineis queriaõ que descançassem, com forcados de ardentissimo ferro os virauão de hũa a outra banda. Estauão muitos, espetados a assar. Noutros muitos (que o Inferno de danados está cheo) se achauão figurados cruelissimos tormentos; & todos correspondentes à qualidade das culpas, pelas quaes se condenarão a estas tristes miserias. Vio tambem esta mulher, que entre esses de-

monios andavaõ representados alguns homens de Santarem, & Lisboa, que ainda eraõ vivos, como entãõ lhe disseraõ, cuja vida abominavel, & torpe, os fazia companheiros, ainda antes da morte, desta canalha maldita. Não os tinha conhecido, & depois em prova desta verdade, os nomeava a todos claramente por seus nomes.

4. Estãdo assi pasmada, o mesmo Anjo, que era seu companheiro, a tirou deste Inferno, & tendo ambos por atalhos muito asperos atravessado hum môte descobriraõ hum jardim, cuja estranha beleza, multiplicada por todas as suas peças, entre ellas taõ somente soffreria competẽcia. No meio se levantava hũa riquissima tenda, da qual sairaõ em procissãõ muitos homens com coroas na cabeça, vestidos todos de branco, mais claro do que o Sol. Deste modo com festas muito alegres acõpanhavaõ a outro, que elles taõbem levavaõ, cercado de maior gloria, no conce da procissãõ; & quando ella os vio, perguntou a o seu Anjo, que festas seriaõ estas? a o que lhe respondeo: *Este jardim que tu ves, representa a Corte celestial: os homens coroados como Reis são os Santos, que reinãõ eternamente com Deus: esse, que fica atrás mais lustroso que os outros, he S. Antonio, a quem elles por este ser o seu dia festejãõ com esta pompa na Gloria.*

Disse mais, que estas festas faziaõ huns a os outros, quando eraõ os seus dias; & veio a concluir dizendo estas palavras. *Agora hã de saber, que tudo isto te foi aqui revelãdo, pera que não falties nunca com aquella reverencia, que he devida a Deus, & a todos os seus Santos; & tambem que guardes as suas festas, como a Igreja manda, guardãdo primeiramente a alma de nellas cometer algum peccado.* Já entãõ era levado a enterrar o seu corpo numa Igreja da vila, & naquelle mesmo ponto, que o lançavaõ na cova, se levantou em pé viva contando miudamente o que vira, & ouvira. Mostrou, que estava emendada, mas muito á sua custa, na veneraçãõ do Santo, & como era Prégador, que vinha do outro mundo, de tal modo abalou o auditorio, que todos se derãõ por obrigados a servirem em as honras deste grande Portuguez à divina Magestade.

5. Nestes tempos foi testemunha Lisboa do milagre, que o mesmo Santo fez num menino seu parente, a quem hũ macho tratou taõ mal com hum conce, que lhe quebrou a cabeça. Eraõ passãdos nove dias, que se podiaõ contar como dias de defunto, por estar desacordado, sem comer, desconfiado de todos. Sõ a mãe tinha grande confiança no Padre S. Antonio: veio à nossa Igreja: lançou o no seu Altar, & logo o

b Fr. Marc.  
p. 2, l. 4. c. 42

riou delle com vida, & com faude. O menino, por não parecer ingrato foi depois Religioso da nossa sagrada Ordem, & prégador incançavel deste milagre insigne.

## CAPITULO VI.

*Executa com valor hum decreto rigoroso contra El Rei D. Afonso Terceiro o Padre Frei Nicolao, Nuncio da Sé Apostolica; & declarase, qual foi o primeiro Papa da nossa Religião.*

1275. **A**Ntes destes dois successos, que agora escrevi, tinha El Rei prometido a o nosso Custodio, & Guardião de Lisboa, quando elles lhe foraõ notificar a monitoria do Papa Gregorio X, inteira satisfação das ofensas cometidas contra os Ecclesiasticos, de que era arguido. Mas perdendo brevemente o espirito, se elle foi verdadeiro, as obras começãrão a mostrar, qual era sua vontade, a saber diferente das promessas. Pelo que desconfiando de achar nelle emenda pelos meios da brandura o sobredito Pontifice, remeteo a o rigor este caso, & mandou a Portugal hum seu Nuncio, chamado *Frei Nicolao*, da nossa sa-

grada Ordem, pera dar execução a hum decreto notavel, em que erãõ conteídas muitas penas, nas quaes o mesmo Rei incorreria, cañdo d' hũas uas outras, conforme a dilação, que fizesse em não comprir o que lhe era mandado. A primeira, interdito de ambulatorio, & depois escomunhão em sua mesma pessoa. A segunda, interdito geral no Reino todo. A terceira, privação do mesmo Reino, & liberdade em todos os seus vassallos pera poderem negar lhe sujeição, & omenagem.

2 Com esta comissão tão rigorosa, entrou pelo nosso Portugal no anno de 1275 o Padre Frei Nicolao revestido d' hũa grande fortaleza, peito d' asso, & rosto de diamante pera castigar hum Rei no meio de sua Corte. E sabidos seus intentos, ainda que sempre foi respeitado conforme a seu officio, não teve porém entrada pera fazer em o Paço a sua execução. Estando assi as cousas, ficou elle totalmente atalhado pela morte do dito Papa Gregorio, que o fizera seu Nuncio, & faleceo logo no anno seguinte a 10. do mez de Janeiro. Creceo o impedimento com a morte apressada dos tres primeiros Pontifices, que forãõ seus successores, a saber Innocencio V, o qual logrou a Tiara sinquo mezes, & dous dias:

Adriano V, hum só mez, & sete dias; & Frei Vicedomino de Vicedominis, ainda menos d'hum dia. Este ultimo era Frade da nossa Religião, & Cardeal Pre-nestino quando a seis de Setembro foi eleito no Summo Pontificado, que elle não esperava: antes estava enfermo, & com este sobressalto, que agravou a doença, affligindoo tambem o aperto dos importunos aplausos, no mesmo dia desta eleição alegre o chamaraõ os escolhidos de Deos pera sua companhia. E por ser taõ curta a sua vida na Cadeira de S. Pedro, poucos Autores o contão no Catalogo dos Papas: mas já o metêrão nelle a Historia Pontifical emendada, & o P.<sup>o</sup> Vvadingo. Foi o primeiro Pontifice, que teve a nossa Ordem, & depois se forão seguindo quatro, cujos nomes são sabidos.

3. Oenpon o seu lugar a os 13. do mesmo mez de Setembro o Papa João XX<sup>o</sup>, que vulgarmente se chama XXI, & por ser nacido em Portugal na cidade de Lisboa, tomou tanto a seu peito o remedio do Reino, que escreveu apertadissimamente a o sobredito Nuncio executass: com toda a diligencia o teor da comissãõ. Confortado com este novo avizo requereu a ElRei, que lhe dêsse audiencia pera o nõtificar, a qual em fim lhe foi dada na mesma cidade nos seus

Paços do Castelo a 7. de Fevereiro de 1277. Concorreo hum grave ajuntamento de muitos Ecclesiasticos, Religiosos, & Fidalgos, entre os quaes se achãrão da nossa santa Familia Frei Domingos de Bonelo Guardiãõ de S. Francisco, Frei Martin Annes Leitor no mesmo Convento, Frei Domingos Migueis Guardiãõ de Guimarães, Frei Arnaldo, & Frei Domingos de Leiria. Neste primeiro encontro descobrio o Padre Frei Nicolao seu valor, & fortaleza, por quanto mandou ler publicamente o decreto Apostolico, declarou as penas, que se continãõ, & todas notificou a ElRei sem diminuir hum ponto. Pedillie o dito Rei o tresslado desta bula, & tempo bastante pera se deliberar: mas ainda que tudo lhe concedeo, nem por isso suspendeo as suas execuções: antes logo com as

4. Feita esta diligencia, esperou pela resposta até 18. de Março, no qual dia lhe foi dada a segunda audiencia: porêmnellas, como tambem na terceira, que foi dahi a dez dias, nunca ElRei respondeo, senão só

que

6 Gonz.  
p. 25. 71.

6 An. 1276  
n. 2.

6 Placeta.

1277

6 Hist. Eccles. de Lib.  
p. 2. c. 54. n.

6 Monarch. Lusit. p. 4. l. 15. c. 42.

que queria inuiar Embaxadores, & avizar o Põfice. Defenganou o o Nuncio, q̄ entretãto incorria nas censuras, & mais penas; & vendo como não lhe clava outra reposta, por estar fiado na promessa do favor, que hum Gil Rebolo lhe inuiava da Curia, concluiu de todo este negocio. Tirou certidão de quãto avia feito, hũa das quaes lhe passou o Guardiã de Lisboa, & saindo com ellas desta cidade foi publicando pelas vilas, & lugares que achou atè a Guarda, as penas já referidas. Causou isto tanto horror, & espanto, q̄ admirado o Rei da sua resolução o avizou por hũ proprio, q̄ se tornassem a ver, & elle por não faltar a seu gosto, ou remedio, desandando este caminho taõ largo a 27. de Julho appareço em Lisboa. Tornou a requererlhe o Rei, q̄ dilatasse a causa em quãto não despachava os ditos Embaxadores: respondialhe o Nuncio, q̄ era hum mero Executor do decreto Apostolico, & q̄ depois de o aver intimado não podia suspender, sem estar obedecido, a sua execução. Nisto foraõ os debates, & como vio as confas nesta altura proseguio sua jornada pera avizar o Papa, deixando escomungado o Rei, & interdito o Reino.

5. Mas he digno de nossa ponderação, q̄ hum Frade Frã-

ciscano, chamado *Fr. Desiderio*, cõ os poderes de Legado Apostolico lhe viesse entregar o governo deste Reino: q̄ tambem dous Franciscanos Guardiães de Covilhã, & da Guarda cõ as armas da Igreja o defendesem na posse cõtra a força dos batalhões Castelhanos; & q̄ agora outro Frade da mesma Religião o prive desse proprio governo por incurso nas censuras Apostolicas. Porém todos seguirão o mesmo norte do respeito, q̄ se deve a os Vigairos de Christo, por cuja contempção veneramos cõ obsequios as Coroas, q̄ lhe saõ obediẽtes, & não rememos, ainda q̄ cõ perigo, executar grandes penas nos Potẽtados rebeldes. Demais, q̄ ordinario parece na Majestade divina reprovar a hũ Saul pelo mesmo Samuel, que o avia ungido, & tomar por vara de seu castigo, o que era instrumento de favores.

**CAPITULO VII.**  
*Encarreganos o Papa em Portugal a conversão dos Iudeus.*

**A**O tempo, q̄ o Nuncio despedido deste Reino chegou a Corte Romana, era já falecido, ou faleceo brevemente o dito Papa João,

5 p. 1. L. 4. e.  
33

h. 1. Reg. 10.  
vers. 1. & 15  
vers. 26.

1278

cujo lugar em o anno de 1277 Nicolao o III do nome occupou, eleito a 25 de Novembro, coroado em 26 de Dezembro; & tratando de remediar em parte os trabalhos das Igrejas deste Reino, nomeou pera ellas dous Prelados da nossa Religião: o primeiro, D. Fr. Telo por Arcebispo de Braga: o segundo, D. Fr. João Martins Bispo da Guarda: ambos sujeitos gravissimos, & muito dignos do baculo quando elle avia de ser espada, que pudesse defender os foros Ecclesiasticos. Mas porque seu governo foi cursando entre as paixões dos Reis, que ainda não tem tomado assento, no tempo de sua morte, posto que seja contra o nosso estylo, diremos qual foi a vida.

2. Hũa cousa intentou este notavel Pontifice, que se elle a pudera alcançar lhe fora de muita gloria. Quiz converter os Judeus a o gremio de Christo, por quanto se magoava de q̄ sendo d'antes esta perfida Nação a mais estimada de Deos, mais ilustrada de verdadeiras noticias, mais empenhada em o seu santo serviço; era então, & ainda hoje he, a mais ingrata, mais cega, & mais proterva. Pelo que abominando a sua obstinação, designou prégadores Evangelicos por toda a Christandade, que em virtude

do lume celestial lhes destaparem os olhos do vèo cego, que os fazia errar. Avia muitos em Hespanha, & não faltavão neste Reino: huns descendentes d'aquelles, que sendo mudados por Nabuchodonozor de Palestina a Babylonia passarão a estas partes: outros, que depois vierão desterrados por Tiro, & Adriano, & trazião maculada a origem com a infamia grande de concorrerem sens paés na morte do Redentor. Vivião naquelle tempo na guarda da Lei escrita, contra a qual prescrevêo a doutrina Evangelica, tendo Synagogas publicas, como as nossas Igrejas, em as quaes se ajuntavão não sómente a orar, senão tambem a ouvir as necessidades, & fabulas de sua Seita infame. Tudo isto lhes permitião os Reis, & os Principes Christãos tanto pelo interesse, que elles lhes tributavão, como por outras rezões, que se então fossem justas, depois de tantos escandalos não os favorecem muito.

3. He verdade, q̄ alguns se convertião, sê embargo da Coroa cõ pretexto de apurar seu intêro lhes confiscar a fazenda. Mas como este exame era muito rigoroso, foi reprovado pela bula monitoria, que o Custodio, & Guardiã de Lisboa intimarão a El Rei D. Afonso o III,

Monarch. Ecclesiast. p. 1. l. 4. c. 19. §. 82. n. p. 2. l. 11. c. 31. §. 2. Julian. in A dverf. n. 11.

Monarch. Lusit. p. 4. l. 1. c. 19.

cap. 1.  
 cõforme 'tenho eferito. E que-  
 rendo o sobredito Pontifice  
 trazellos todos a o rebanho Ca-  
 tholico, nõ qual andão as ove-  
 llas, que deixãrão de ser cabras,  
 ao nõsso Ministro no Reino de  
 Portugal entregou este cuida-  
 do por hũa Bula, que lhe man-  
 dou de Viterbo a 4. do mez de  
 Agosto de 1278. Tinha delle  
 tãõ boa opiniãõ, apadrinhada  
 da fama, q̃ lhe parecia ser na in-  
 dultria, na virtude, & exemplo  
 hum dos melhöres Ministros da  
 Igreja de Deos; & isso querem  
 dizer estas palavras da bula. *Cũ  
 tui Ordinis claritate reluceas, & cre-  
 daris ubilibet per opera uelicia, & ex-  
 pla laudabilia fructuosus.*

4. Mas por quanto o tra-  
 balho era grande, & a semẽteira  
 muita, o Papa lhe ordenou, que  
 tomasse companheiros da nõssa  
 mẽsma Prouincia quãtos ouves-  
 se mister. Disse mais na instruc-  
 çãõ, q̃ prẽgassem, & disputasẽ  
 em publico: que conversassem  
 em particular com elles: q̃ instas-  
 sem hũa vez, & muitas vezes  
 com as rezões evidentes, q̃ con-  
 firmãõ ser jã vindo o Missias;  
 & q̃ os persuadissem a deixar a  
 perfidia Judaica pela verdade  
 Christã. Era Custodio neste  
 tempo de Lisboa Fr. Domingos  
 Lourenço; & Guardiaõ do Cõ-  
 uento Fr. Domingos de Bone-  
 lo, que deixamos nomeado, a  
 os quaes, & a o outro Custodio,  
 q̃ chamavãõ de Coimbra, encãpou

a maior parte deste cuidado im-  
 menso o dito Provincial. Con-  
 vertêrão muitos à Fẽ sagrada  
 de Christo, q̃ pelo teor da bula  
 ficavãõ encomendados a os Se-  
 nhores das terras, & Prelados  
 das Igrejas. Dos outros, que por  
 filhos do demonio queiãõ per-  
 severar em sua obstinaçãõ, de-  
 rãõ conta a o Papa como elle  
 lhes avia ordenado: mas porq̃  
 a semente Evangelica caia em  
 tãõ mã terra, muitas mais foraõ  
 as queixas dos incredulos, que  
 se mandãrãõ a Roma, que as no-  
 vas dos convertidos à Fẽ.

## CAPITULO VIII.

*Dã satisfacção no tempo de  
 sua morte a os mandados do  
 Papa El Rei D. Afonso III;  
 E nõs damos abreviada noti-  
 cia do amor, com que elle, &  
 seus filhos tratãrãõ a  
 nõssa Ordem.*

**N**O meio das afficções,  
 em que ficou este Rei,  
 mas com justissima cau-  
 sa, depois de se ausentar o Nũ-  
 cio Fr. Nicolao, sendo jã os 16.  
 de Janeiro de 1279, o veio  
 buscar a morte, que piza com  
 igual pẽ soberbas torres, &  
 abatidas cabanas; & seria De-  
 os servido de lhe conceder a  
 graça, que mais importante

1279

era pera sua salvação. Não lhe aprovou as faltas, que outros tem reprovado, nem lhe louvo o descuido de emendar desconcertos, como tinha prometido em Paris, pois as virtudes dos Principes, em faltando a verdade, ficão mui escurecidas. Teve zelo de augmentar a fazenda da Coroa: mas também nisto foi nimio, porque a esse respeito nem dava satisfação ás Igrejas, & vassallos dos danos, que recebiaõ, nem guardava as doações, que seu irmão no reinado tinha feito, arguindo de prodigo, a o qual por cortezia era bem, que lhe fizesse muito melhores ausencias. Ainda que por ventura nisto foraõ mais culpados os Ministros, porque lhe canonizavão por honesto a o util, & pera si desviavão a maior parte das agoas, que fingião encanar pera a Casa Real.

2) Foi porém noutras cousas grande Rei, generoso, & dotado de piedade Christã. Guardou sempre como Principe Catholico inviolavel respeito a os Vigairos de Christo, & a os seus Commissarios, como vimos nas duas occasiões, em que foi monido, & declarado por parte dos mesmos Papas, sem fazer mais excessõ na segunda, q̃ declarar sua magoa de não lhe darem mais tempo, pera seguir a demanda. Dizem<sup>b</sup> d'elle, que

impetrou hum decreto da Santa Se Apostolica em favor do mysterio santissimo da Conceição Immaculada da Senhora Mãe de Deos; & tudo era devido a esta Virgem purissima. Fez notaveis beneficios ás Religiões sagradas: mas cada hũa poderã testemunhar dos que delle recebeu; que eu somente dos nossos professo ser relator.

3) Val por muitos o sumptuoso mosteiro da Ordẽ de S. Clara, o qual elle fabricou, & dotou liberalmente na vila de Santarẽm. Reconhecẽno tambem por principal fundador as nossas duas Igrejas de Portalegre, & Estremoz. Na fundação desta ultima lhe fez boa companhia sua mulher a Rainha D. Brites, a qual per si deu principio a outra de Alanquer. Teve notavel lembrança entre os legados pios, q̃ deixou no testamento, de quantas casas avia em Portugal da nossa sãta Familia, tirando a dita de Estremoz, & S. Clara d'Entrambos os Rios, q̃ não posso entender como entãõ esquecẽraõ. Admitio<sup>c</sup> no seu Conselho os Frades da nossa Ordem: mas estes tambẽ não são aquelles Ministros, q̃ mostrãõ menos cuidado da consciẽcia dos Reis. Criou finalmente a seus filhos no amor, & devaçãõ da nossa Ordẽ Serafica, do q̃ os maiores Principes se podẽ honrar, como depois se vio nelles.

<sup>a</sup> cap. 1.  
& 6.

<sup>b</sup> Faria no  
Hist. Portug.  
p. 3. c. 6. 20.

<sup>c</sup> p. 1. l. 5. c.  
36.

De D. Dinyz, que lhe succedeo no Reino, d'aqui por diãte avemos de ir falando onde for occasião. O Infante D. Afonso <sup>d</sup> cõ mortalha parda, cingida de hũ cordão, foi achado no Convento de S. Domingos de Lisboa, no qual tẽ a sepultura. Dos outros meios irmãos tenho já feyto memoria: a saber Martim Afonso Chichorro, da Ordẽ Terceira dos seculares, sepultado no sobredito Mosteiro de S. Clara de Santarẽm: a serua de Deos D. Leonor Afonso professa na mesma Casa: a Cõdeffa D. Leonor Afõso, enterrada no nosso habito em S. Francisco o velho da cidade de Coimbra.

4 Hum mez antes, que El-Rei se despedisse desta miseravel vida, acabando de conhecer seus enganos lhes deu carta de repudio. Mādou chamar muitos fidalgos da Corte, q̃ estava em Lisboa, & muitos Ecclesiasticos, hũ dos quaes foi o nosso Guardião de S. Francisco F. Domingos de Bonelo, & em presença de todos prometeo cõ juramẽto de obedecer a quãto lhe ordenava a Igreja Apostolica de Roma. Restituiõ cõ effeito algũas cousas, de q̃ estava em divida: as outras, q̃ ou pediã mais tẽpo, ou neste não lhe lẽbrãrãõ, deixou-as encarregadas a seu filho, & successor D. Dinyz. Feito isto o absolueo das cẽsuras, por ser arçigo da morte, D. Estevãõ, Aba-

de que tinha sido do Mosteiro d'Alcobaça, no qual tambẽ lhe foi dada sepultura. E sendo ella tão publica, mais se põde estranhar a s. Duarte Nunes do Leão levalla a outra parte, que enganarse tambem no tempo de sua morte, que estava mais oculto.

## CAPITULO IX.

*Da entrada neste Reino da nossa Rainha Santa; de Fr. Monaldo Coleitor do subsidio da Palestina; & outras algũas cousas tocantes a este tempo.*

**C**omeçando a governar cõ excelẽte prudencia o dito Rei D. Dinyz, lhe entrou na sua Casa Real já no anno de 1282 aquelle fausto Planeta; ou <sup>a</sup> Prodigio celeste, q̃ lhe deu o apelido de Bemafortunado entre os Reis Portuguezes. Este prodigio foi lũa molher admiravel à imitação da outra, cuja relação escreve <sup>b</sup> S. João Evangelista: Illustrissima Rainha, coroada de virtudes fermosas como estrelas, vestida do Sol divino pelo seu habito pardo no seguimento de Christo: pizando as vaidades do mundo, representadas na Lũa, sobre a qual estabeleceo seu throno asfuma do Firmamẽto. Cõ isto tenho pintado a Rainha S. Isabel,

d Soufa no  
hist. de S. Doming.  
p. 1.3.c.4.

e p. 1. 1.2.c.  
33. & 1.5.c.  
8.9.10.

f Na Chron.  
do mesmo  
Rei fol. 105

1282

a Franc. Ma  
ria in Relat.  
facta in  
Consist.

b Apocal.  
12. vers. 1.

Terceira Franciscana, que no anno referido entrou pelo nosso Reino, celebrando com o sobredito Rei venturosos esporios. E em quanto não chegou a falar della com estas poucas palavras lhe damos as boas vindas.

2 Lograva por este tempo a Pontifical Tiara o Papa Martinho IV. (alguns por erro de penna lhe chamão Nicolao IV.) o qual pretendia socorrer os Christãos da Palestina oprimidos da guerra dos infieis, com o subsidio das Igrejas, & rendas Ecclesiasticas, que já estavam fiutadas na sua decima parte. Corria com isto em Portugal, ajuntando o dinheiro, Mestre Gonçalo Arcediago de Braga, & no sobredito anno, 11. do mez de Novembro mandou o mesmo Pontifice a o nosso Frei Monaldo, que lhe viesse tomar contas, & de cá remetesse o dinheiro a qualquer d'aquellas tres companhias de Assentistas, que avia em Italia. Erão estas de Orlandino, & de Bartholo em Luca, & Ammanuatos em Pistoia. Muito devia mandar se considerarmos bem a devação deste Reino: mas não ficou sem o premio deste, & d'outros trabalhos, que lhe vinha a montar o serviço da Igreja; porque depois foi assunto a o Bispado da cidade Castellana no Senhorio do Papa.

e F. Luc. an.  
1282, n. 20.

d Idem to.  
7. in add. ad.  
2. p. 24.

3 No mesmo tempo dava D. Mór Dias traçando a fundação do Mosteiro de S. Clara de Coimbra, pera o qual impetrou licença do Ordinario, no anno 1283, como logo se verá. Não estava porém livre de desgostos a nossa santa Provincia chamada de *Sant-Iago* sobre o uso de suas immunidades, que alguns Ecclesiasticos querião atropelar, posto que mais ofendidas estavão todas as suas Custodias de Leão, & de Galiza, do que as de Portugal. Era o dito Pontifice taõ devoto da nossa Religião, que na morte se sepultou no seu habito, & tomando agora mal os agravos, que sem rezão lhe fazião, tratou de os desterrar. Pelo que no principio de Março de 1284. expedio hũa bula, que começa, *Inundans malitia*, em a qual nomeou por Protector, & Conservador de todos seus privilegios o Arcebispo de Braga, que nesse tempo se chamava *D. Fr. Telo*, & era na profissão Franciscano.

4 Por morte do dito Martinho IV. entrou na sua Cadeira o sancto Padre Honorio, tambem o quarto do nome, & deixado correr a fonte manancial dos favores com que a Sé Apostolica cada hora nos honrava, em 18. de Janeiro de 1286 acrecentou o seguinte. A saber que se os Dieccanos por tem-

1283

1284

e Arch. de  
S. Franc. do  
Porto.

1286

f Arch. de  
S. Franc. de  
Lanago.

po de quatro mezes nos dilataſſem a bençaõ, aſſi da primeira pedra das noſſas Igrejas, como dos ſeus cemiterios, qualquer outro Biſpo, a quem nõs iſſo pediffeſemos, os poderia ben-

zer. Moltraõ eſtas miudezas os noſſos grandes apertos, & o remedio delles, com que Deos nunca faltou nos tempos antepaſſados.

## Principio, extinção, & nova reſtauração do Real Moſteiro de S. Clara de Coimbra.

### CAPITVLO X.

*Declara-ſe a nobreza, & eſtado da primeira Fundadora chamada D. Mõr Dias, & quaes erãõ os Sobrejuizes, que avia neſte Reino.*

*muito rico & mui honrado, como o*  
 Conde D. Pedro teſtemunhou no ſeu livro: & em rezãõ do officio, Sobre-juiz, iſto he ſuperior na fõrma do meſmo nome a os Juizes do Reino. As <sup>d</sup>as Ordenaçõs antigas, que El Rei D. Manoel fez eſtampar, nos dizem, que erãõ ſeis, os quaes na Caſa do Civel deſpachavãõ aquelas apelaçõs, que lhes vinhãõ dos Juizes. Hũas dellas, conforme às diferentes quantias, feneciãõ dentro da ſua alçada: outras iãõ por agravo a dous Dezbargadores, que tinha a meſma Caſa, ou a os ſeis da Suplicaçãõ, que era Caſa diſtinta. Permanecia o nome ainda em o governo d'El Rei D. Sebaſtiaõ; por quanto a os 14. de Junho de 1576. concedeo por hũa carta a S. Clara de Lisboa, que as ſeus Sobrejuizes das ações novas, julgaſſem tambem as cauſas deſte Moſteiro; & poſto q̃ já hoje nõ ſe uſe, o officio nõ acabou atẽgora, na Meza dos agravos ſe cõſerva

1286

**O** Primeiro nacimiento, que teve eſte Moſteiro, foi na grande piedade deſta ſua Fundadora, a qual o principiou antes da Rainha Santa lhe entregar ſeus cuidados. Era filha de D. Vicente Dias, & de D. Bona Pires, ambos elles nobiliſſimos, cuja memoria vive no livro dos Obitos de S. Cruz de Coimbra: de D. Bona, a ſeis do mecz de Abril: de D. Vicente, em o ultimo de Junho. Pelo ſangue <sup>o</sup> foi irmão eſte D. Vicente Dias de D. Tareja Gil mãe do S. Fr. Gil da Ordem dos Prégadores: pelos bens, & pelos procedimentos

<sup>a</sup> Duarte Nunez oa Deſer'pg. de Portug. c. 7.

T. 1. p. 6. 4. 12  
 Tit. 50.

c Cabedo p. 1. Pratic. obſerv. de cis 12. verſ. 21.  
 d Lib. 1. tit. 31. & 52.

e Arch. de S. Clara de Lisboa,

f. 120.º Pin-  
to Rib. da  
Preferenc.  
das letras.

2. Contorne às boas partes, que lograva D. Vicente, não poderia deixar de ser perfeito Ministro, & Conſelheiro fiel, por quanto ſua nobreza cortaria os reſpeitos, a riqueza não avia miſter dadivas, & o bom procedimento lhe daria confiança pera falar livremente em o Cõſelho Real, onde tambem tinha voto em quanto Sobrejuiz. Teve duas filhas, que forão a ſua gloria. A primeira foi D. Joana Dias, Dama do Paço da Rainha D. Brites molher de D. Afonſo III, & Senhora da vila de Atougua. Casou com Fernão Fernandes Cogominho do Conſelho deſte Rei, Senhor de Chaves, Alcaide mór de Coimbra; & delles ambos nacéraõ o noſſo Fr. Martim Fernandes, homem de grandes virtudes, & Nuno Fernandes Cogominho, Almirante mór d'El Rei D. Dinnyz, & Chançaſel de ſeu filho o Infante D. Afonſo. A ſegunda filha foi eſta D. Mór Dias, que desprezando o mundo nunca quiz outro eſpoſo, ſenão o filho de Deos: Intenton profefſar Religião entre as Donas de S. Cruz de Coimbra: mas ſeus parentes com os olhos na herança, que della podiaõ ter, lhe eçgãraõ o caminho. Pelo que ſe resolveo em a o menos viver em celibato perpetuo, recolhida com as ſobreditas Donas, & veſtindo o ſeu habito; por em

com declaração manifeſta, & eſpreſſa de como não profefſava eſtado Religioſo, nem cativava ſua peſſoa, ou bens a Religião alguma: mas ſõmente com aquella capa ſanta, & companhia devora pretendia ſegurar a boa opiniaõ de ſua honeſtidade. E por quanto neſte ponto ſe funda a liberdade, que ella teve depois pera fazer, & dotar eſte Moſteiro, contra o qual ſe erguêraõ as tormentas, que logo nos ſoarãõ, irei contando o caſo por eſcrituras autenticas aſſi como ſucedeo.

3. Seria o anno do Nascimento de Chriſto 1250 quando quiz receber o dito habito, & por ſer peſſoa taõ conhecida foi o acto ſoleniſſimo. Faltou o D. Prior do Moſteiro, chamado D. *Martinho Pires*, que era ido à Corte procurar confirmação do officio: mas aſſiſtio em ſeu nome o Prior Craſteiro, que governava a caſa, por nome *Pedro Condin*, com todos os outros Conegos da ſua Comunidade. Eſtavaõ tambem preſentes ſeis Frades da Ordem dos Prégadores, doze da noſſa Religião dos Menores: muitos Clerigos, & Leigos, gente nobre, & do povo. E eſtando aſſi juntos appareceo D. Mór Dias, a qual na ſua preſença, antes de veſtir o habito fez o profeſto ſeguinte. Diſſe pois, que tomando aquelles ſagrados panos,

nem

nem por isso entregava sua pe-  
soa, ou bens avidos, & por aver  
a mosteiro, ou Religião algũa:  
mas que tudo reservava em a  
sua liberdade, pera dispor pelo  
tempo adiante, ou na vida, ou  
por morte como bem lhe pare-  
cesse; & que só vestia os ditos  
panos das Donas de S. Cruz pe-  
ra viver entre ellas mais segura.  
Isto dizem estas palavras lati-  
nas, com as quaes se escreveo o  
protesto. *Panos securitatis assump-  
sit, & fuit caliter protestata, quod non  
intendebat se, nec sua bona per as-  
sumptionem pannorum huiusmodi ali-  
cui Religioni, Loco, vel Ordini obliga-  
re: sed saneum; quod portando dictos  
pannos in predicto loco Sancta Crucis  
secursor permaneret; & quod tam  
personam suam, quam omnia bona sua  
habita, & habenda, tam in vita, quam  
in morte volebat, & intendebat in pro-  
pria potestate liberè retinere.*

4 Não sinto outras pala-  
vras, com que ella se declarasse  
melhor, & já com este intento  
se absteve de dizer, *que vestia o  
seu habito*: dizendo só, que nessa  
casa tomava *os panos de segurança*,  
conforme naquelle tempo, &  
ainda hoje fazem algũas mo-  
lheres nobres, que à sombra da  
santa Religião, sem prometerẽ  
os votos, vivem com mais segu-  
rança da sua honestidade. E isto  
mesmo conta o Conde D.  
Pedro de D. Brites Novaes, ir-  
mão de Fr. Pedro, & Fr. Marti-  
nho Novaes, ambos entre nós

pela virtude insignes: a qual  
sendo Dama da Infanta D. Brã-  
ca, filha d'ElRei D. Afonso o  
III, & Senhora do mosteiro das  
Huelgas em a cidade de Bur-  
gos, nelle *filhou os panos de seguran-  
ça*. Do protesto referido lhe  
passarão certidoes, contestando  
nas sobreditas palavras, Fr. Jo-  
ão Soeiro, Fr. Estevão Sanches,  
& Fr. Durando, que se acharão  
presentes: o primeiro, Domi-  
nico: os outros dous, Francisca-  
nos. Outra lhe deu o Prior D.  
Martim Pires conforme à rela-  
ção, que alcançou dos seus Co-  
negos, os quaes por testemu-  
nhas de vista deviaõ falar ver-  
dade. E como neste proposito  
estive sempre constante, a os  
20 de Janeiro de 1285 diante  
do Bispo D. Aimerico tornou  
a ratificar o sobredito protesto,  
declarando formalmente, como  
nunqua, nem ainda nesse tempo  
fora a sua tenção ser Freira nas  
Donas de S. Cruz; nem do co-  
ro, nem conversa; & muito me-  
nos obrigar-se a essa Religião.  
Disse mais, que com este presu-  
posto estava no seu mosteiro,  
até poder concluir certos ne-  
gócios, que lhe importavaõ  
muito. Estas foraõ as suas gran-  
des cautelas: mas nem alli se li-  
vrou das muitas contradi-  
ções, que costumão im-  
pedir pugnar a rezão, mais  
conhecida.

## CAPITULO XI.

*Começa D. Mor Dias a fundação do mosteiro, & padece grandes trabalhos por esse mesmo respeito.*

I. **O**zando ella, como avemos escrito, de inteita liberdade pera escolher estado, & dispender a seu gosto toda a sua fazenda, quiz gastalla em o serviço de Deos fazendo este mosteiro á honra de S. Isabel filha d'El Rei de Ungria, & da Virgem S. Clara. A resolução foi sua, mas inspirada do ceo; & quem se persuadio, que isto foi por conselho, ou por ordem da Rainha S. Isabel, só na sua presunção, alhea das Escrituras antigas, podia ter fundamento. A 13 do mez d'Abril de 1283 lhe concedeo a licença D. João Martins de Soalhães, Vigairo géral nesse tempo de Coimbra, depois Bispo de Lisboa, & Arcebispo de Braga, no qual dia também ella fez o dote do mosteiro, que he este. O padroado de quatro Igrejas: setenta, & hum casaes: algus moñhos, olivacs, vinhas, & hortas. E ainda, que depois lhe tirou algũas propriedades pera o seu hospital, que mandou fazer em Seira, tudo lhe recompensou com

outra igual fazenda. **D**eulhe sitio em hũa herdade sua, da outra parte do Mondego a respeito da cidade, na despedida do campo, & no lugar, onde agora o vemos: algum tanto mais assima, mas tão perto, que quando o ampliou a dita Rainha Santa foi enfiando hum com outro, os edificios ambos, & fez casa de capitulo na Igreja, que agora se obrou. Estando disposto tudo, o sobredito Vigairo lançou a primeira pedra sobte hum anel, que devia ser de ouro, no qual estava impresso o final da Cruz de Christo; a 28 de Abril de 1286; & deste dia por diante vai correndo a sua antiguidade. Soube festejar Coimbra cõ demonstrações alegres os muitos bens (se já os adivinhava) que esta devota casa lhe avia de render, depositandose nella hũ dos maiores thesouros da nossa Religião, qual he hũa Rainha Santissima, & Terceira Franciscana. A gente, que concorreo, não se podia contar; & dos nossos Frades, a quem isto mais tocava, achei aqui nomeados o Custodio de Coimbra Fr. Estevão, o Guardião Fr. Abril, Fr. Afonso Nunes, & Fr. Domingos por aleunha o Poeta. Logo no anno seguinte a 21 do mez de Janeiro o entregou a Fundadora á Ordem de S. Clara em virtude de hũa Escritura

publica, roborada com os selos de Fr. Domingos de Bonelo Visirador neste Reino das Freiras da mesma Ordem, & do dito Guardiãõ, os quaes o aceitãõ tambem na sua obediencia.

3 Trabalhose com grandissimo cuidado no corpo dos edificios: de modo, que se obrou a Igreja, & o claustro, grande parte do dormitorio eõ algũas officinas; & muito mais ouuera de avançar a dita D. Mór Dias se os trabalhos, que logo a opriniitãõ, a deixãõ respirar. Acudiraõ a embargar-lhe a obra os Padres de S. Cruz dizendo, que era Dona professa da sua Ordem Canonica, & como tal não tinha autoridade pera mudar de estado, nem sair-se da sua obediencia, nem dotar a este novo mosteiro as rêdas, que possuia. Ella mostrava o contrario pelos protestos, q̃ temos já referido; & com isto se levantou hũa contenda tão forte, que primeiro, que esta tivesse fim, o teve a sua vida. De-sejei passar tudo isto em silencio, mas não mo quer consentir o respeito, que se deve à inteireza da Historia.

4 Procederaõ contra ella os Padres assima ditos, declarandoa por apostata da sua Religiaõ, inobediente contumaz; & publica escomungada; que pera molher tão virtuosa, &

nobre foraõ lançadas cruez. Apelou potẽm de tudo pera a Sã Apostolica, & impetrando Referito foi julgado, que os Padres procediaõ nullamente, nem podiaõ impedir a fundação do mosteiro. Isto mesmo pronunciaõ depois os Juizes d'outro segundo Referito, que elles mesmos pediraõ contra a dita sentença; & por quanto não queriaõ pagar as custas, em que foraõ condenados, o braço da justiça secular, que muitas vezes meteo a maõ nestes pleitos, os obrigon a pagallas. Nesse tempo pretendeo o Bispo D. Aimerico assentar algum concerto nestas demandas, tão escusadas no mundo, por ordem do grande Rei D. Diniz, & da Santa Rainha D. Isabel, que nesta Real açãõ começõ a lembrar-se do mosteiro: mas os Padres, sem lhe deferir a ella, seguitido o seu intento, foraõ pleitar a Roma, onde as dilacões eraõ tantas, que nunca chegãõ a ter sentença final. Alcançãõ quando muito depois do falecimento de D. Mór Dias não sei que Inhibitoria, pela qual se ordenou, que parasse o mosteiro, & nada se innovasse até se julgar a causa; & d'aqui lhe procedeo contra toda a justiça a sua destruição.

## CAPITVLO XII.

Do estado, em que deixou o mosteiro a dita D. Mór Dias, & do seu falecimento.

**D**O material das obras, & da fazenda, com que ella o dotou, tendo já dado noticia, a qual erecção logo no anno seguinte em rezão de hũa quinta, que hum devoto lhe deu. Pera povoar a casa trouxe de S. Cruz algũas Donas consigo, que desejavaõ ser Freiras desta santissima Ordem, & depois vieraõ algũas de S. Clara, & professas d'outros mosteiros, que tomáraõ posse deste por parte da sua Religiaõ. Mas em quanto ardiaõ as controversias não tiveraõ Abadesã, governandoas sómente D. Sancha Lourenço com poderes de Vigaira Presidente. Desta Vigaira, sendo ella falecida, nos deu relação no anno 1295 o Tabalião Pedro Antonio na certidão, em que disse, como ella (conforme a o costume antigo) deixara a este mesmo mosteiro os bens, que lhe pertenciaõ. E mandando El Rei D. Dinyz as Justiças de seu Reino por hũa carta feita no mez de Janeiro de 1302, que fizessẽ dar partilhas na herança

de seu pae Lourenço Soares a'o Convento deste mosteiro de S. Clara de Coimbra; declarou exprellamente, que ella avia sido Frada da dita Ordem. Donde consta, como já naquelle tempo esta casa tinha Vigaira, & Freiras da Ordem de S. Clara; & pela mesma rezão fazendo o dito Rei testamẽto a os 8 de Abril de 1299 a igualou com as outras d'Entrambos os Rios, & de Lisboa, deixando a cada hum d'esmola duzentas livras.

2 Por morte desta Vigaira nomeou D. Mór Dias hũa companheira, chamada *Domingas Pires*, pera que a ajudasse no governo temporal, & padroado da casa, ficando nas Freiras o regimento espiritual, cujo instituto ella até entaõ não avia professado. Neste estado tinha posto o mosteiro esta sua Fúdadora, & muito mais aventajado o ouvera de deixar se não foraõ as muitas contradicções dos Padres de S. Cruz, os quaes tambem lhe impediraõ ser Freira de S. Clara, como ella desejava. Mas quiz o Senhor do cõo premiar as suas obras, & virtuosos intentos, descansandoa dos importunos trabalhos, que padecẽo, & sofrẽo. E por quanto no mosteiro estava o seu empenho, no testamento, que fez, *dois dias por andar de Janeiro* (quiz dizer, antes que este mez acabasse) no anno de 1302

declarou

declarou por Vigaira, & Regente á dita Domingas Pires pelas palavras seguintes. *Mãdo, q̃ Domingas Pires, Vigaira das Donas de S. Clara aja d'aver as Donas de S. Clara, & o mosteiro desse logo arã q̃ aja Abadesa, assim como hã de ser de direito.* Antes disto lhe tinha dado alguns casaes, & fazenda, & agora ordenou, que por sua morte ficassẽ a o mosteiro. Encomendou a sua conservação, & emparo a D. Giraldo Bispo do Porto, & a D. João Martins de Soalliaes, o qual lhe deu a licença, & agora era Bispo de Lisboa; & pera ambos escreveu estas palavras, q̃ adiãte nos hã de ser necessarias. *E pegolhis por Deos, e por merce, q̃ sejam em direito defendedores, & emparadores do mosteiro de S. Clara, & daquellas, que a Deos hi servem.* Esta mesma petição; & pelas mesmas palavras fez a ElRei D. Diniz com esta deprecativa; como tambem escreveu. *A saber, que Deos, & a Virgem gloriosa S. Maria, & Santa Clara, & S. Isabel lhe dem ende bom galardom, & aja parte, & quinhom de quanto bem hi se fizer.*

3. E sendo tão singular a obra deste mosteiro, não esgotou a grandeza de seu piedoso animo, porque ainda depois

mandou fazer hum hospital no lugar de Scira; hũa legoa de Coimbra pelo Mondego affirma. Pera a fabrica deixou neste mesmo testamento o cabedal, que bastava, & pera os gastos ordinarios quarenta, & sinquo casaes com outras propriedades. No anno de 1331 era o seu Provedor Martin Canavezes, como elle declarou na escritura do dote de hũa filha, & fora hoje grande serviço de Deos atender, quem isto tempo officio, a sua conservação. Mandou sepultarse na Igreja do mosteiro, que ella já tinha feito, encarregando ás Freiras, que lhe pagassem sua grande devação com missa quotidiana. E depois de se vestir em a morte com este manto riquissimo da caridade Christã, foi revestir os ornamentos da Gloria, cheia de muitas virtudes no anno affirma dito 1302 a 12 de Fevereiro.

4. Pelo tempo adiante se elevaram seus ossos na parede da sobredita Igreja, que servia de capitulo, com este breve epitafio, mais curto do que pedião tão grandes merecimentos, escrito em hũa pedra:

Secundo Idus Februarij obiit Domna  
Maior Didaci, quæ jacet in hoc tumulo,  
quæ fecit istud monasterium, cujus anima

requeleat in pace, amen. Era M. CCC.

XXXIX.

Quer dizer:

*A 12 de Fevereiro faleceu D. Mór Dias, a qual está neste tumulo, & edificou este mosteiro. Cuja alma descanse em paz, amen. Na era de 1339. Mas tem hum anno de menos pera poder ajustar-se cõ a conta do Nacimẽto de Christo 1302, no qual anno despedindo-se Janeiro ainda estava viva quando fez o testamento. Acontecem estes erros muitas vezes, se os epitafios se fazem fóra do tempo.*

CAPITULO XIII.

*Forma-se no mosteiro Comunidade perfeita, & nisto se vai armando a sua total ruina.*

**P**OR falecimento da dita D. Mór Dias se embravecerão mais os trabalhos, & contẽdas. Porq̃ o Real mosteiro de S. Cruz insistia no asserto, mas incerto, ou errado presuposto de que ella professára a regra das suas Donas: requeria de novo o seu corpo pera ser entre ellas sepultado: pedia quanto deixou assi a o hospital, comõ a este mosteiro: instava por conclusão, que tornasse pera lá a dita Domingas Pires; porẽm tella

confortada com o valor da justiça a tudo lhe resistio. Neste tempo estava ainda da sua parte o Bispo de Lisboa, Conservador, & Protector do mosteiro, o qual vendo os piedosos intentos da Rainha S. Isabel, q̃ desejava compor estas controversias, lhe concedeo seus poderes: mas o torpe interesse atropelou o respeito de sua santa pessoa, ficando as demandas taõ aceras, como d' antes. A principal, que os Padres tinham levado a Roma, corria lá com vagares, se não estava parada; & por isso os Prelados da nossa Religião, cansados de esperar pela ultima sentença, que não acabava de vir, quizerão executar d'ante mão, o que tinham por certo se avia de julgar.

Trouxerão pois Abadessa, & Freiras d' outros mosteiros: tomãrão tambem noviças, & de todas se formou comunidade inteira de prelada, & de subditas: de cabeça, & de membros. Chamouse a Abadessa *D. Maria Garcia*, em cujas mãos nesse tempo professou *D. Maria Martins*, irmã do Conde *D. Martinho*, ambos filhos de *D. Milia Andres*, & de *D. Martim Gil*, da illustrissima Casa dos de *Riba de Vizela*. Avia sido ca-

*a Coude D. Ped. tit. 16.*

çada com D. Pedro, a quem chamãrão o *Peco* em rezaõ de não ter filhos, & por seu falecimeõto celebrou neste mosteiro esporios mais nobres com o Principe do ceo. E vêdo, que a casa se despejava das Freiras, como logo contaremos, recolheose às partes de Guimarães, onde tinha seus parentes, & lá acabou a vida em o serviço de Deos. Jáz sepultada no nosso convêto daquella propria vila. A Abadessa tambẽ, antes de ver este penoso successo rematou os dias do seu officio, & teve por sucessora no governo tẽporal a dita Domingas Pires; q̃ pera estas vagantes estava instituida Vigaira. Isto nos mostrou hum prazo, o qual cõ sua licença fez Catherina Dominges, freira de S. Clara no anno fatal da extincção do mosteiro, seis mezes antes que fosse executada.

3 Por esta occasião de se fazer Abadessa, & receberẽ noviças caõ tão grande tormẽta sobre o pobre mosteiro, q̃ o fez arruinar. Não tinha atẽ entãõ contra si, senãõ só os Padres de S. Cruz, & d'ahi por diãte o mesmo Bispo de Lisboa, q̃ era seu Protector, foi o seu perseguidor. Foi a causa, q̃ se deu por ofendido, de q̃ nós sem sua auctoridade alterassemos o estado do mosteiro, no qual o tinha achado a dita Inhibitoria, & ajudandose della determinou extinguir esta

morada de Deos, cuja defenõ D. Mõr Dias lhe tinha encomẽdado. Não lhe podemos negar, q̃ fizemos arẽtado, mas a justiça da causa nos deu esta cõfiança. Demais q̃, as dilacões importunas, cõ q̃ a sentença estava embaraçada, poder tinhão pera tirar a terreiro o sofrimeõto maior. E muito bẽ pudera elle considerar neste caso, o q̃ depois crevêo de Loutes à Rainha S. Isabel, cuja carta adiãte avemos de referir: isto he q̃ lhe cõtava ser falso. *vãbem por testemunhas, como por escritos*, quanto contra o mosteiro diziaõ, & alegavaõ. Mas a paixãõ disfarçada, quando tẽ capa de zelo, cõ ella se faz mais forte pera resistir melhor a os golpes da rezaõ. Tratou logo de desfazer o q̃ se avia feito, & desterrar do mosteiro pera sempre a Ordem de S. Clara. Pelo q̃ apertava cõ as Freiras, que despejassem a casa, constrãgendoas naõ sómente com censuras em virtude da mesma Inhibitoria, senãõ tambem com hum cerco rigoroso, em que as poz muitos dias o braço secular, que elle sollicitou. Acudiraõ os Prelados da nossa Ordem Seráfica, procuravaõ seu emparo na Corre, & fóra della: com tudo desanimados, & as Freiras muito mais, em rezaõ de naõ acharem favor, consentiraõ no concerto, ou desconcerto, que adiante veremos.

## CAPITULO XIV.

*Mostra-se, como nunca este mosteiro tem dado obediencia a os Bispos de Lisboa.*

**N**este ponto cortou largo pelo credito da nossa S. Proviu-  
cia a <sup>a</sup> Historia Ecclesiastica da Igreja d'aquella mesma cidade, escrevendo o que agora se segue. A saber, que D. Mór Dias deixou a o Bispo D. João Martins de Soalhães o padroado do mosteiro, fazendo as Religiosas da sua obediencia, & de seus successores. Porém que ellas fazendose em hum corpo cõ os Frades Menores quizerão negarlhe a obediencia, & sujeitarse a os Prelados, de cujo habito erão; & q̃ por isso o Bispo procedeo contra ellas cõ as cẽsuras, & cerco, como fica referido. Diz mais, q̃ vierão a obedecer, & sujeitarse a este proprio Bispo, perseverado muitos annos adiante nesta sujeição, até q̃ vierão a ser da obediencia dos Frades. E torna a repetir, q̃ as Freiras pretendẽrão negar a sujeição, & obediencia, q̃ devião a os Prelados da dita Igreja de Lisboa. Mas bẽ entẽdeimos nòs, q̃ nunca elle escrevẽra estas couzas, tão alheas do q̃ foi, se soubera dos papeis, q̃ guarda este mosteiro, ou estivera bẽ informado no caso assi como succedeo. E pera q̃ não haja quẽ imagine cõ tanta afronta nossa, q̃ nòs furta-  
mos esta casa á S. S. de Lisboa,

eu farei esta verdade tão clara como o Sol:

2. Suponho primeiramente, q̃ começando a fundação do mosteiro, ainda antes de nelle estarem Freiras, o entregou a Fundadora, como já <sup>b</sup> deixo escrito, á nossa obediencia. Agora vejamos nòs quando mudou de vòta de, & nõqua isso veremos. Se foi no seu testamẽto (nẽ há outra escriptura) as palayras, q̃ escrevẽo, forão estas. *Leixo* (a o Bispo de Lisboa) *em seu poder, & em sã guarda a minha alma, & todas as couzas, q̃ eu hei, & o mosteiro de S. Clara; q̃ o defendida, & faça ver, & guardar as possuras, q̃ ouve, & ha d'aver anre mim, & o Priol, & o convento de S. Cruz, & lhe dou ende, & outorgo comprido poder; & lhe rogo, q̃ faça assi como restamẽteiro.* Estes forão os poderes, q̃ aqui lhe outorgou, de Testamẽteiro seu, & Protector desta casa, cõ plenario poder pera dar execução a tudo o q̃ dispunha, cõforme lhe pareceisse. Quizerá eu pois saber, se dizẽ estas palavras, q̃ o deixou nomeado por Padroairo da casa, & por Prelado das Freiras. He certo, q̃ o não dizẽ. E dado, q̃ o dissẽsẽ: o mesmo direito tinha o Bispo do Porto, a quẽ ella igualou cõ o Bispo de Lisboa nos sobreditos poderes; & deste modo averia numa casa dous Prelados: duas cabeças nũ corpo, & este seria mōstro. Seguirsehia tãbẽ, q̃ a R.<sup>a</sup> S. Isabel, na qual elle depois de

a p. 2. c. 30.  
n. 2.

cap. 12.

muitas contendas transferio a sua autoridade, como ainda veremos, sendo secular era Prelado das Freiras, o q̄ não podia ser.

3. Por onde o dito Bispo nūqua teve cōfiança pera se chamar Prelado, nē ainda naquellas occasiões, em que era necessario declarar os seus poderes. Foi lūa, quando desfez o mosteiro: a outra, quando concedeo a dita S. Rainha, q̄ ella o restaurasse. Disse sō, q̄ era *Manceador*, & *Ordinhador dos bens de D. Mór Dias*, & *Executor do seu testamento*; & sō por esta rezão se mostrava agravado de povoarē a casa, & quererē estar nella contra a sua vontade a Abadesa, & Freiras. Pelo q̄ as poz de cerco, apertãdoas jūtamente cō censuras em virtude da dita Inhibitoria; de modo, q̄ as contēdas não forão entre Prelado, & subditas em rezão dellas faltarē nalgũa obediência: mas entre testamēteiro, & Freiras, as quaes elle por rezões particulares pretēdia expulsar, & expulsou do mosteiro q̄ lhes dera a Testadora. E nesta occasião justo era, que os Frades favorecessem as Freiras, assistindo à justiça, sem aver obediencia, que ficasse ofendida.

4. De mais disto, se na pessoa do Bispo vinculou D. Mór Dias pera a sua Cadeira, & successores a Prelazia do mosteiro, seguindo a sobredita Historia, cō q̄ titulo a levou elle cōsigo pera a

Igreja de Braga, & como lho cōsentio o nosso D. Fr. Estevão seu successor em Lisboa. Que levasse incorporados em si os poderes, q̄ tinha da Fundadora, nos cōsta por cartas suas, tres das quaes forão escritas por elle no anno 1316, gozãdo já do governo Bracarense. A primeira em 17 d' Abril, pela qual escreveu à mesma Rainha Santa: *Nos vos damos, & outorgamos o poder, que sobre isto avemos: pera restaurar o mosteiro, q̄ elle tinha extinto, & tornarlhe a fazenda, q̄ dera a S. Cruz. A segunda de 15 do mez de Junho, em que dispoz isto mesmo da fazenda na forma do testamento da dita D. Mór Dias. A terceira foi do segundo de Julho, na qual pera esse fim invocou o auxilio d' El-Rei. Se cō isto fora feito algum furto a S. Sē de Lisboa, do Bispo, & não das Freiras, nem dos Frades se avia de queixar. Mas nem d'elle se podem fazer as queixas, por quanto a Fundadora, pera lhe encomendar o cuidado do mosteiro, não o elegeo por Bispo, mas sōmente por pessoa, de quē cōfiava muito, & q̄ já na fundação, sendo* cit. c. 11. *Vigairo Geral, a tinha favorecido. E como este encargo não era da dignidade, pera onde quer q̄ fosse, lhe fazia cōpanhia.*

5. Tiramos por conclusão, que a dita Fundadora não lhe deu padroado no mosteiro, nē

fez as Freiras da sua obediencia: nem ellas tambem lha derão, porque sempre pertencerão a o governo da Ordem. Pelo que, nesta materia não tinham, que lhe negar. As controvérsias forão sobre outra diferente, que topava em elle as expulsar da casa, que era sua. E se depois se sairão, não foi por obedecerem a quem não era Prelado, mas constringidas com a sua violencia, da qual elle, passada já a paixão, se mostrou arrependido. Quem escreveu o contrario não teve boas noticias, como se vê pelo anno, que tambem assinou erradamente a morte da Fundadora.

## CAPITULO XV.

*Extingue o Bispo este mosteiro, & a Vigaira com o favor da Rainha santa o torna a povoar.*

**C**hegou o dia infausto, a saber 2 de Dezembro de 1311, no qual os Frades, & Freiras, por não terem mais remedio, consentirão sem vontade no lamentavel concerto. De Lisboa acudio o dito Bispo; de S. Cruz o D. Prior chamado *Estevão Annes*, & com elle *Pascoal Estevens* Prior Claustro, *Fernão Matheus*

*Procurador, João Domingues Celeiro, & outros Conegos, & Frades Confessos*, a os quaes chamamos hoje *Conversos*. Por parte da nossa Ordem assistio o Guardião Fr. Mathias com alguns Frades da sua Comunidade, & a Vigaira do mosteiro por nome *Domingas Pires*. E estando assijuntos, o Tabalião, que foi *Salvado Domingues*, escreveu este concerto na forma, que quiz o Bispo, cuja copia he esta. Que se conservasse em Seira o hospital com todos os bens, que lhe deu D. Mór Dias: porém, que este mosteiro de todo se extinguisse. E dispondo das pessoas, que nelle então estavam, ordenou que as Freiras de S. Clara fossem pera os mosteiros, que seus Prelados lhes dessem: a dita *Domingas Pires*, & mais *Donas*, que com ella sairão de S. Cruz, se tornassem pera lá. Aplicou a este Real mosteiro a fazenda, que era de S. Clara, dada pela Fundadora, com estas declarações. A primeira, que os Conegos sustentassem as *Donas* assima ditas, logrando *Domingas Pires* a parte destes bens, que já lograva, por toda a sua vida. A segunda, que elles ficassem encarregados da Missa quotidiana, que a dita Fundadora avia instituido: mas que seu corpo ficasse na Igreja de S. Clara, onde ella elegera sepultura. Faltava dispor da ca-

4 Yces an.  
939. Moral.  
l. 17. c. 14.

la, que despejavão as Freiras: & effa nos deu o Bispo pera nos mudarmós de S. Francisco da Ponte o Velho, que já nesse tempo estava mui arriscado cõ as cheas do Mondego.

2 Deste modo se desfez esta morada de Deos, onde vivia gente santa, avendo mais de 25 annos, que era principiada. As pedras vivas, que lhe davão fermosura, forão espalhadas logo por outros mosteiros: as materiaes, & mortas ficãrão todas chorando nesta sua despedida. Mas clamou D. Mór Dias já defunta, & com ella S. Clara pedindo a Deos justiça; & sendo ouvidas delle, da mesma parte, donde ventou a tormenta, que lhe desfez o mosteiro, veio depois a bonança, com que tornou a nacer, não sómente como Fenis das suas proprias cinzas, mas tambem como Aguia Real, & Casa Real, que ella d'antes não era. Desejou o D. Prior guardar o dito concerto: porém o Prior Crasteiro, Procurador, & outros Conegos, que estavam magoados de não levarem por inteiro a fazenda, não o quizerão comprir. E vendo Domingas Pires como elles da sua parte faltavaõ, tambem se desobrigou do que tinha prometido. Saiõse do seu mosteiro, & tornou-se pera este dizendo abertamente, *que nom queria mudar aquella Or-*

*dem, que fora vantaade de D. Mór Dias de se manter no dito lugar. E disto deu testemunho o mesmo Bispo na sua terceira carta, que já<sup>b</sup> renho referido.*

*b cap. 14.*

3 Veio porém arraz della hum tropel desconcertado de afflicções, & apertos, que só a sua constancia de mulher valorosa, & insigne poderia rebater. E o peor disto era ter contra si a ElRei, que assistia a os Conegos, como Padroeiro delles. He verdade, q o Bispo olhando as sem rezões, que se usaraõ com ella, se passou a sua parte, & pela favorecer debaixo do seu emparo lhe revogou o sobredito concerto. Não tinha com tudo forças pera poder resistir a potencia Real: por onde foi necessario acudir-lhe S. Isabel Rainha, a qual se afeiçãoou a restaurar o mosteiro não sómente pelo zelo, que viõ nella, mas tambem porque na sua ausencia o avia profanado a presença, ou morada de pessoas seculares. Deu conta deste intento a o sobredito Bispo, q nessa occasião foi translato pera Braga, & como teve seu consentimento com promessa de favor tratou de pedir licença a santa Sé Apostolica. Em quanto ella não veio, acertou de fazer hum testamento a os 9 de Abril de 1314 no qual deixava este legado. *Leixo a aquel lugar, que está em Coimbra, que se cha-*

ma de S. Isabel, que fez D. Mór Dias, se se fizer hi algũa cousa a o serviço de Deos, quinhentas libras.

### CAPITVLO XVI.

*Restaura o mosteiro, satisfazendo às partes, a Rainha S. Isabel, & nós fazemos memoria da dita sua Vigaira.*

**I**  Hegou à S. Rainha a licença do Pontifice Clemente V, passada por seu mandado pelo Cardinal Arnaldo Protector da nossa Ordem, em Castrimónio, do bispado d'Avinhão, a 10 do mez de Abril de 1314. E tendo della noticia o dito Bispo, já Arcebispo de Braga, lhe enviou as tres cartas, que referi noutra parte, pelas quaes lhe entregou o mosteiro, & o direito de repetir a fazenda, de que os Padres de S. Cruz se tinham feito senhores. Neste ponto da fazenda corrèo a dificuldade, porque elles não a quizerão largar, nem à petição da Santa, nem por mandado d'El-Rei, a quem ella, & o mesmo Arcebispo em 7 do mez de Julho, de 1316 implorão a ajuda do seu braço secular.

2. Notando isto a gloriosa Rainha, cuja alma com estas

tristes contendias andava alanceada, oferecèo dous partidos a os Congos, dos quaes elles aceitassẽ o que lhes fosse melhor, pois a sentença de Roma estava tão dilatada. O primeiro, que se louvassem em Arbitros, sendo hum o seu mesmo D. Prior. O segundo, que cada hum dos mosteiros ficasse com a fazenda, que tinha em seu poder. Os Padres, declinão o juizo, & aceitão este segundo cõcerto, mas ainda lição de finas Freiras a obrigação da Missa quotidiana da dita D. Mór Dias. Nesta fórma se celebrou o cõtrato no seu Real mosteiro de S. Cruz em 19 de Maio de 1319 pelos procuradores da mesma S. Rainha, que nesse tempo estava em Santarém. Foi hum, Vicente Rodrigues Conego de Coimbra, & seu Capellaõ: o outro foi Fr. Afonso Viegas, Guardiaõ de S. Francisco d'aquella mesma cidade. Ficão a S. Clara de toda a massa, que a sua Fundadora lhe tinha dado em dote, sõmente onze casães, & outras propriedades. Tudo o mais se largou a S. Cruz: mas lie de tanto valor a boa correspondencia, & caridade Christã, que por ella não faltar entre mosteiros tão graves, muito mais se ouvera de perdêr. De todos foi aprovada a dita composiçãõ: d'El-Rei, do Arcebispo de Bra-

ga, dos Prelados da nossa Ordē Seráfica, & da Abadessa, que já tinha S. Clara.

3 Agora, que o mosteiro vai correndo por conta desta inclyta Rainha, sua Restauradora, & segunda Fundadora, nos podemos despedir da dita Domingas Pires, cuja insigne memoria pelo muito, que padecéo, & obrou na sua conservação, merece eternizar-se não em papel, nem em bronze, senão em ouro finissimo. Ella o tornou á vida, depois de estar extinto, com tanta resolução, que he digna de ser aqui nomeada entre as duas Fundadoras. De suas grandes virtudes deu bastante testemunho a dita D. Mór Dias no testamento, que<sup>b</sup> noutra parte lançamos, dizendo que a fizera Vigaira:

*Porque entendi sempre, & entendo, que he boa donna, & de boa vida. Alegarão os Padres de S. Cruz neste ultimo concerto, que era sã soror professa: mas pôde ser, que o fosse, como foi a mesma D. Mór Dias, tão sómente na sua opinião, por quanto o Arcebispo, quando pediu contra elles a ElRei a ajuda do seu braço, declarou que mandando se recolhesse no seu mosteiro das Donas, nom quiz hi fazer profissom. O certo he, que depois de entregar o governo desta casa a primeira Abadessa D. Maria Gonçalves, assi ella, como suas*

companheiras, professarão a Regra de S. Clara. E já a Rainha Santa na instrucção, que deu a hum dos Procuradores, que deixámos nomeados, lhe chamou *Freira do dito mosteiro de S. Clara.* Neste estado passou o resto de sua vida muito contente de ver a Religião plantada, donde antes a avião arrancado.

## CAPITULO XVII.

*Edifica com devação, & grandeza a mesma S. Rainha este seu Real mosteiro, & faz nelle o Mondego hum estrago lamentavel.*

**Q**Uando esta serenissima Senhora celebrou com S. Cruz o sobredito concerto já o mosteiro estava muito avante assinas obras da casa, como na vida das Freiras, por sua grande industria. Alargou primeiramente o sitio por outras terras vizinhas, conforme foi demarcando a grandeza de seu generoso animo, & pela mesma medida se traçarão, & obrarão os edificios novos, melhorando, ou desfazendo os velhos. Ella mesma os traçava na idéa, & debuxava depois as plantas; tão ajuf-

<sup>a</sup> Lenda m. s. da Rainha Santa neste mosteiro.

das com as regras da boa architectura, que os mestres mais peritos se governavaõ por ellas. Lançou por suas proprias mãos no alicerse da Igreja as pedras, que a sustentaõ, acompanhandoa nisso alguns Bispos, que se achãrão presentes, & cõ elles muitos fidalgos do Reino. Assistia pessoalmente às obras, & mais em particular no estado de viuva, com tanta applicação, & cuidado, que nem os grandes negocios a podião divertir. E porque não ouvesse nunca falta, no anno 1323 impetrou hũa bula do Pontifice, pela qual lhe deu licença pera escolhier dous Frades, ou do convento vizinho, ou de toda a Custodia de Coimbra, os quaes corressẽ com ellas. São tantos os que achei por differetes Escrituras metidos neste cuidado, ou occupados noutros muitos ministerios assi da sua Casa Real, como tambem do mosteiro, que faz notavel espanto esta sua multidão. Posto que obrigação nos corria de assistir como servos a quem cõ tanto amor nos tratava como filhos. Dãmos os nomes d'alguns, que mais nos desempenhãrão. A saber *Frei Ansoninho do Porto, Fr. Abril, Fr. Rodrigo da lesteira, Fr. Domingos de Portugal, Fr. Vasco Ribeiro, Fr. Estevão, Fr. Fernando da Maia, Fr. Francisco Crainho, Fr. Gonçalo de Portocarrei-*

*ro, Fr. Lourenço Farinha, Fr. Lourenço de Santarém, Fr. Marçim Vazques, Fr. Afonso Viegas, Fr. Vasco de Cardia, Fr. Pedro Andre, & Fr. Afonso Lourenço.*

2 Como vio acabado o mosteiro era tanto o seu gosto, que não cessava de dar muitas graças a o Ceo, dizendo ser esta hũa das grandes mercês, que avia recebido; & na verdade a obra seus aplausos merecia. Com este gosto mandou sagrar a Igreja pelo Bispo de Coimbra D. Raimundo a 8 do mez de Julho de 1330. Forão tambem no mesmo dia sagrados os sinquo altares della: o maior, de S. Clara: os outros quatro, da Virgem Senhora nossa, S. João Evangelista; S. Francisco nõsso Padre, & S. Maria Madalena. E não faltou nesta festa o interesse das almas, que a Santa sobre tudo pretendia, porque o proprio Bispo concedeo liberalmente a quem se achasse nella, ou pelo seu oitavario, & anniversario visitasse a Igreja multidão de indulgencias. Antes disso avia já concedido o Pontifice Romano muitas graças pera dia de *Corpus Christi*, & dos sobreditos Santos.

3 Era esta gravissima Igreja fabricada com abobadas, repartida em tres naves, & todas de cantaria. A sua capela mór estava acompanhada de duas

Lenda cit.

Fr. Luc.  
hoc an. n. 47

cola-

colateraes, que na muita perfeição lhe fazião semelhança. Sobre a grade do coro subião duas tribunas de pedra, as quaes se comunicavão por outra grade de ferro: hũa por dentro do mesmo coro, a outra pela Igreja. Sobre esta assentou o seu sepulchro, a gloriosa Rainha, & hum altar, em que se dizia Missa: na de dentro podião estar as Freiras, que visitavão as suas santas Reliquias; & ambas se estenderão agora nos nossos tempos, levantando sobre as mesmas abobadas outra Igreja, & outro coro de novo, que se pudessẽ salvar das inundações do rio. O antigo tinha muita majestade, porque sendo terraplenado, & baixo, não sómente occupava grande sitio, ornado com muita arte, mas tambem ficava superior ao claustro da Igreja, nove degraus de altura, pelos quaes da parte da grade se subia para elle. E neste espaço baixo avia alguns altares, & sepulturas illustres, que lhe davão muita graça. No claustro debuxou esta Rainha santissima qual era o seu espirito, porque além de ser largo, & suntuoso na fabrica, exhalava devação, apacientando a vista com celestial doçura. Todos os lados de fóra são recidos em arcos: huns grandes, outros pequenos, huns

abertos, outros fechados com redes da mesma pedra, por galante artificio. Representavão o grande recolhimento, que nos corpos hão de guardar nossas almas, abrindo só quanto baste pera receber a luz do Céo as janelas dos sentidos. Na quadra, que corria pela banda do Mondego, ficava o refectorio, & logo defronte d'elle se erguia hũa casa fermosissima sobre columnas, & arcos, onde lavavão as mãos num chafariz curioso as que vinhão receber o tributo ordinario da refeição corporal. No uncio do mesmo claustro descoberto ao ceo, occupava grande campo hum tanque mui aprazivel, em o qual desagoavão muitas fontes por diferentes figuras, & a maior, que eu ainda achei, pela boca de hũa serpe, enroscada no btaço de hũa Ninfa. Vinha de fóra a agoa, por hum cano, que se chamou dos amores por rezaõ de hũa fonte deste nome, onde tem o seu principio. Consta isto de hum mandado das Justiças de Coimbra, das quaes no mez de Outubro de 1360 mandaraõ publicamente, que ninguem tratasse mal o cano da agoa, que vai da Fonte dos amores pera o mosteiro de So Clara, sob pena de fazer trinta dias na cadeia. E assi ficará mais desvalida essa fabula do vulgo, que nos quer persuadir, que pela sua

levada, a qual não he muito grande, remetia o Infante D. Pedro a D. Ines de Castro os seus escritos d'amores, & que por esta razão tem o dito apelido.

5 Conforme a estas plantas eraõ os mais edificios, & officinas da casa: todos grandes, suntuosos, & perfeitos: quaes pedia a devação, & grandeza da Rainha, que os mandava fazer. Porém a nossa desgraça, que alterou a soberba do sobredito Mondego pera sepultar entre as suas áreas os mesmos campos, que se deixavão rasgar pera elle ter passagem, o fez também atrevido na fea destruição deste insigne mosteiro, santificado por muitas servas de Deos; & mais em particular por esta S. Rainha. Corta por certo a alma ver tão grande perdição; porque de algũas officinas não ha mais que o seu rastro, & quasi todo desfeito pelas enchentes do rio. Outras jazem entulhadas com o lodo, sem se poder usar dellas. O claustro he hũa cisterna viva, que nein no verão se secca. De maneira, que os baixos desta grandiosa machina, ou já perdéraõ o ser, ou estão desfigurados, ou convertidos em charcos. Pelo que foi necessario levantar em muitas partes sobre as casas antigas outro mosteiro mais alto, & passar as capelas,

& ermidas pera a cabeça do claustro, onde estão coroando, a pezar deste tristissimo pégo, o monte da Santidade. A respeito destes danos, os quaes hoje são maiores, quiz ElRei D. Manoel tirar d'aqui o mosteiro em virtude de hũa bula do Papa Julio II; & se as Freiras então, por não sairem deste lugar rão sagrado, resistiraõ á mudança: agora, que se vem mais apertadas, aceitaõ com muito gosto, & grandes ventajens suas; como depois mostrarei, a que se vai preparando.

6 Faz ainda a o mosteiro entrada o seu pateo antigo, mas muito desfigurado da primeira fermosura, aberto por duas portas, & ambas mysteriosas. Hũa dellas, q olha pera o monte, se chama *Porta da Rosa*, por memoria de que na mesma paragem o dinheiro, que a Santa Rainha levava pera os pobres, foi convertido em rosas. A outra, que fica pera o Norte, he a *porta da cadea*, ou *do couto*, como agora lhe chamaõ, por estar pregada nella hũa cadea de ferro, da qual pera dentro se prohibe ás Justiças prender os homiziados. E como està em posse deste grande privilegio, já no anno 1428 deu sentença o Ouvidor de Coimbra Gil Eannes, que tinha fóros de Couto; & no de 1572 julgou o seu

cap. 34.

Vigairo Geral, que nelle tam-  
bém avia unanimidade Ecle-  
siastica; Pelo que ambos man-  
daraõ restituir lhetos prezos,  
que d'ahi tinhão tirado;

CAPITULO XVIII.

Vem povoar o mosteiro nove  
Freiras de C. amora: a Ra-  
inha Santa Ihes faz gran-  
dissimas honras, & ás pri-  
meiras novicas; & nos  
fazemos menção das  
primeiras Aba-

dessas.



Orrendo com mui-  
ta pressa as obras  
em rezaõ do ca-  
bedah, que a Santa Rainha  
meteo nellas, ainda os seus  
desejos de ver Freiras no mo-  
steiro, as quaes servissem a  
Deos; lhe davaõ maior des-  
velo. E tratando a materia  
com o nosso Ministro de Sant-  
iago, hã quem isto pertencia  
conforme a dita Bula, assen-  
tou em trazer as Fundadoras  
de Santa Clara de C. amora,  
cujõ nome em Hespanha e-  
ra muito celebrado por fa-  
ma de Santidade. Diz o Pa-

dre Vivaddingo, que de lá  
vieraõ tres: mas a Leida da  
mesma Rainha Santa Isabel,  
a qual por antiga mereçe o  
nosso credito, escreve que  
foraõ nove. Vieraõ acompa-  
nhadas como esposas de Chri-  
sto; que de hum encerramen-  
to, caminhando tantas lego-  
as, se vinhaõ meter em ou-  
tro pera criar filhas santas,  
que celebrassem com elle es-  
tes mesmos esposorios. Acompa-  
nhou as o sobredito Mini-  
stro com alguns Frades gra-  
vissimos, & os Fidalgos de  
este Reino, que pera isso man-  
dou a gloriosa Rainha Santa.  
E sabendo, como já chega-  
vão perto, ella as foi espe-  
rar com seu filho herdeiro o  
Infante Dom Afonso, & to-  
da a sua Corte, que estava  
em Coimbra, espaço de hũa  
legoa. Deulhes logo no ca-  
minho com entranhavel amor  
a todas as boas vindas, &  
trazendoas consigo nesta ma-  
jestosa pompa não tornou pe-  
ra o Paço sem as deixar no mo-  
steiro. Quando depois come-  
çaraõ a comer em Refeitório  
novo, no primeiro dia as ve-  
io servir a meza com sua no-  
ra a Rainha Dona Brites. Des-  
te modo veneravão ambas as  
Freiras de Santa Clara, que  
pela mesma crezaõ alcança-  
raõ nesta casa com aventa-

4 an. 1325.  
n. 16.  
et. 1325.  
1325.

1325.  
1325.  
1325.

b. Isid. 49.  
vert. 23.

jada gloria aquella felicidade de terem por suas amas a Rainhas Serenissimas, que com amor as servião; & criavão a o peito da caridade Christã. Não ouve quem escrevesse em que tempo vierão de Camora; mas sabemos, que já aqui residião a 24 de Julho de 1317; porque nesse mesmo dia Mafalda Domingues, & Maria Domingues, irmãs, & Freiras de Celas derão hum seu olival, como diz a escritura, a *Dona Maria Gonçalves Abadessa do mosteiro de Santa Ilisabet da Ordem de Santa Clara, & a o Convento desse mesmo lugar pelo bem, & ensinanga, que della tinhão recebido.* Crecco logo com tão notavel augmento esta companhia santa, que brevemente passaraõ de sinquoenta; & posto que este numero taxou a Rainha Santa Isabel, o crescimento das rendas o estendeu a oitenta. A qualidade das noviças era a melhor do Reino, por quanto de hũa parte as estava convidando a santidade da casa, por outra as obrigava a devação, modestia, & brandura da mesma Rainha Santa. E sendo ella como sua sobrinha *Dona Isabel de Cardona*, algumas damas do Paço, & ou-

c. Lend. s. Fr. Luc. an. 1325, n. 16.

tras muitas senhoras pretendião segurar a salvaçaõ neste caminho do Ceo, porque não errassem nelle as examinou primeiro a devação, & espirito em muito tempo, que as deteve consigo. Determinoulhes depois pera tomarem o habito o solennissimo dia da festa de Ramos, no qual tambem sua Mãre Santa Clara o avia recebido pelas mãos do Patriarcha Serafico São Francisco. Rogou muito a seu filho *El Rei Dom Afonso IV*, a sua molher a Rainha *Dona Brites*, & a os Grandes da Corte, que se achassem presentes; & neste acto insigne, celebrado com majestade Real as sacrificou a Deos essa mesma Abadessa *Dona Maria Gonçalves* no precioso altar da santa Religião.

3. De modo, que esta foi a primeira Abadessa, que governou o mosteiro depois delle restaurado, & lançou tambem o habito a *Dona Isabel de Cardona*, já nomeada assim, a quem por informações erradas tem dado este lugar de primeira Abadessa. *Duarte Nunes de Leão*, & o Autor do Jardim de Portugal. Era filha (nos diz o Conde *Dom Pedro*) de *D. Gonçal-Eannes Redondo*,

d. Na Chr. d'ElRei do Dnyo fol. 138. cap. 37. tit. 30.

& de Dona Urraca Fernan-  
des, sua segunda mulher, cu-  
jo corpo descansou no nos-  
so Convento da vila de Gui-  
marães, conforme o testamen-  
to de outra sua filha D. Joa-  
na Gonçalvez, onde poz es-  
tas palavras. *Mando hum Calis*  
*de tres marcos de prata a S. Fran-*  
*cisco de Guimarães, hu jaz minha*  
*madre. Não consta se foi d'a-*  
*quellas, que vierão de Ca-*  
*mora, ou se tinha em Por-*  
*tugal professado: mas era tão*  
*santo o seu governó, que es-*  
*ta Dona Joana fazia ostenta-*  
*ção de ter por irmã tal A-*  
*badessa, & assi se nomeava*  
*em todas as escrituras. Hũa*  
*he o prazo da sua quinta da*  
*Feteira, que começa deste*  
*modo. Saibão quantos esta car-*  
*ta virem, como eu Dona Joana*  
*Gonçalves, irmã de Maria Gon-*  
*çalves em outro tempo Abadesa no*  
*mosteiro de Santa Clara de Coim-*  
*bra, &c. Foi a primeira Pre-*  
*lada, que se chamou nesta ca-*  
*sa Abadessa por mercè de Deos,*  
*ou pela graça de Deos, usando*  
*por humilde desta clausula,*  
*que por ventura noutras dig-*  
*nidades muito grandes se pra-*  
*tica por estado. Governou*  
*santamente onze annos até*  
*chegar o de 1328, no qual*  
*a Rainha santa nas suas pro-*  
*prias mãos entregou a doa-*  
*ção dos Paços, que fazia,*  
*como ainda diremos, a este*

Real mosteiro. No seguinte  
a os quatorze de Maio quan-  
do sua irmã fez o sobredi-  
to prazo, estava já despedi-  
da do officio, no qual des-  
canço de subdita, mais se-  
guro que o lidar das Prela-  
das, perseverava ainda no de  
1331, em que a mesma ir-  
mã a quinze do mez de Mar-  
ço escreveo o testamento, &  
nelle este legado. *Mando a*  
*Feteira a minha irmã, que a*  
*ajr em sua vida. Acabou final-*  
*mente esta carreira mortal com*  
*tanto nome de santa, como*  
*estã merecendo quem por sua*  
*humildade despreza as digni-*  
*dades.*

114 Succedeolhe no officio  
por segunda Abadessa Dona  
Isabel de Cardona, já nome-  
ada assima, cuja virtude, &  
sangue fizeraõ muito honra-  
do o nome das Abadessas.  
Era fillia de Dom Raimon,  
ou Raimundo de Cardona,  
da illustrissima Casa do seu mes-  
mo apelido no Reino de A-  
ragão, & de Dona Brites,  
meia irmã pelo pae da nos-  
sa Rainha Santa Isabel, a qual  
os trouxe a este Reino con-  
sigo, onde Dom Raimundo  
foi Senhor da vila de Mou-  
raõ. D. Isabel se encerrou no  
mosteiro taõ esquecida do mū-  
do, que parecia ser morta: apa-  
récia mui importante nas Frei-  
ras, pois vivem já sepultadas.

E pôde ser, que atentando a isto a Rainha sua tia, que por morta a julgava, no seu testamento de 22 de Dezembro de 1327 usasse destas palavras: *Mando a minha sobrinha D. Isabel, que jaz no meu mosteiro de Santa Clara de Coimbra, quinhentas libras.* Mas como por santas obras o Senhor vivia nella, brevemente a elegeo o Convento por Prelada, & mestra da perfeição. Corre a sua memoria até o anno 1362; no qual ella escreveo a o Bispo de Coimbra *Dom Pedro* estando em Ayinhão, que lhe unisse a este Real mosteiro a Igreja de S. Martinho na vila de Monte-mór. Duarte Nunes de Leão diz que era *Molher de santa vida*, & essa fama deixou:

g na Chron.  
cit.

### CAPITULO XIX.

*Do dote, & das Reliquias,  
que deu a este mosteiro a  
mesma santa  
Rainha.*

**A**ssi como esta casa entre as obras maiores de sua Real grandeza teve sempre em seu amor aventajado lugar, tam-

bem logrou, sem aver oppositor, as despezas mais custosas de sua magnificencia. Quanto podia poupar das esmolas ordinarias, as quaes erão julgadas por infinitas, tudo nella empregava. Quando fez por diferentes Igrejas aquella insigne repartição de cruces, calices, ornamentos, & thuribulos, nas quaes peças converteo as de seda, ouro, & prata, de que avia usado por não desluzir o Paço em vida de seu marido, a este seu muito amado mosteiro lhe coube a maior parte. Dotoulhe muita fazenda, parte da qual foi comprando: outra lhe deoão pessoas particulares, ou por sua devação, ou à instancia della. E como todos sabião ser este o seu intento de enriquecer as Freiras, muitos ouve, que lhe fizerão oferta das suas propriedades, se as quizesse comprar por menos do que valião. Tão solícita andava neste seu maior cuidado, que se as ditas fazendas não lhe parecião boas, ordenava a os seus proenradores, que as trocassem por outras. E deste modo fez a casa hum dote muito honrado, no qual as Freiras enfermas, como mais necessitadas, por advertencia sua tiverão melhor partido.

2 Instituição finalmente por herdeiro universal o mosteiro em testamento de 22 de Setembro 1327; E por quanto o amava com singular devação o deixou encomendado pelas seguintes palavras: *Ouero sim peço, & rogo os ditos Rei meu filho, & Rainha sã mulher, & Infantes meus netos, & os outros, que depois elles vierem, pela minha benção, que ajão em sã encomenda, & sob seu despendimento, & mercê o dito mosteiro.* Nesta forma, nomeando por seu, costumava falar nelle, não tanto como Senhora; que o fez, & que podia dispor o que bem lhe parecesse, mas como mãe amorosa, que tratava tão sómente das comodidades delle, sem reparar nos respeitos de sua autoridade. Pelo que, sendo rogada por *Dona Maria Coelho*, a quem ella fazia muita mercê, que lhe desse tribuna, & porta pera o mesmo mosteiro, nunca lha quiz conceder, apontando numa carta a desculpa, que se segue. *E em nom lha podia dar sem encorgamento da Abadesa, & Convento; & entendo, que nom era proveito do dito mosteiro.*

3 Deixoulhe também toda a sua capela, & Reliquias sagradas, e muitas das quaes lhe mandara o Papa João

XXII, quando a quiz consolar da morte de seu marido. Pertencia a este mesmo thesouro hum Ornamento mui rico, que ella bordou de aljofar por suas proprias mãos. Deulle mais doze Apostolos de prata, os quaes desfez o mosteiro por acudir em hũa necessidade a ElRei Dom Afonso IV, que depois lho soube agradecer. Duas Imagens, que ainda se conservão, da Virgem Maria Senhora nossa, feitas do mesmo metal: hũa grande, & a outra assentada em hum ramo a modo de Gilbarbeira. Hũa Cruz também de prata, outra de coral, & ambas enriquecidas com particulas notaveis do santo Lenho, em que Christo Senhor nosso padeceo. Outros tres Reliquarios de prata: hum semelhante a cofre, o qual guarda hum pedaço da carne assada do Martyr S. Lourenço: os dous da feição de Portapáz, guarnecidos de Reliquias, com hum dente do Baptista S. João.

4 A estas prendas do Ceo, que o mosteiro herdou da sua S. Rainha, se acrescentarão outras, as quaes recolheo depois a devação das Preladas em riquissimos sustinentes, & custodias. No primeiro, a Anrifona preservativa da peste, ef-

cria num pergaminho, como ainda veremos. No segundo, grande parte dos veneraveis despojos de S. Acacio, & seus companheiros Martyres, que são os Santos Cavaleiros, como as Freiras lhe chamão, & vierão do mosteiro de S. Anastasio nas tres Fontanas em Rôina, conforme a húa bula do Papa Julio II: no terceiro, hum retalho do habito da mesma Rainha Santa: no quarto, o seu bordão. E noutra Cruz finalmente, guarnecida com diferentes Reliquias, está húa do dito Lenho de Christo, q sendo metida em hum pucaro de agoa derramou sinquo gotas de sangue puro, & claro, com as quaes se toldou todo o vaso. Foi achada em Sant-Ana pelo Bispo de Coimbra D. Afonso de Castel-branco, quando trasladou as Freiras pera o seu mosteiro novo, o qual por sua grandeza a dotou a esta casa, que por tantos, & tão notaveis penhores dos Santos, que hoje reinão no Ceo, pôde prometerse delles especial protecção.

## CAPITULO XX.

Dos paços, & hospital, que também lhe vinculo.

**S**ÃO estes dous edificios duas memorias grandes das excellentes virtudes desta insigne Rainha. Os paços, do entranhavel amor, que mostrava às Freiras deste mosteiro: o hospital, da caridade ardente, com que amava os pobres. Mandou os edificar por tão estremada traça detrás do mesmo mosteiro, que no terreiro dos paços, o qual tinha a principal serventia pera a banda da cidade, se abrirão nos seus lados duas portas: por húa, entrava no hospital: pela outra, no mosteiro. E querendo, que as Freiras nunca sentissem molestia da vizinhança dos paços, os quaes fez pera lograr seus exemplos de mais perto, ordenou que só os Reis, as Rainhas, os Infantes successores no reinado, ou alguma Senhora sua parenta, se ella a nomeasse, passada a sua morte, se aposentassem nelles. Começaraõ com tudo a devassallos outras pessoas menores, mas acudindo seu filho El Rei D. Afonso IV. mandou às suas Justiças, que os fizessem despejar.

E pôde

3 Nunez  
nas Chron.  
dos Reis D.  
Afonso IV.  
& D. Pedro

E pôde ser, que D. Inez de Castro não viera a cair nas mãos da morte cruel; que nestes paços lhe derão, se estivera noutra parte. Foi sepultado seu corpo na Igreja do mosteiro, donde depois El Rei D. Pedro o tresladou a Alcobaça com hũa pompa tão nimia, como foi o seu amor, sentimento, & vingança.

No hospital foi ainda mais sollicita a gloriosa Rainha, porque pediu a o Papa Joao XXII o quizesse confirmar por autoridade Apostolica. E estando confirmado, o dedicou a sua tia S. Isabel filha d'El Rei de Ungria, & Terceira Franciscana, debaixo de cujo nome lhe fez sagrar a Igreja pelos Bispos, de Coimbra D. Raimundo, & de Viseu D. Arnaldo. Estavão os apozentos repartidos em dous quartos, pera quinze homens hum, de quinze mulheres outro, que todos seriaõ pobres, & de vida reformada. Cortou com tanta largueza a reção de cada dia, o provimento das camas, do vestido, & calçado, que por ventura muito mais se estendeo o desejo de os deixar bem providos, do que cabia nas rendas, que ella lançada com outros gastos determinou pera estes. E provendo nos alimentos da alma, que são os mais principaes, instituiu capelão com a mesma autori-

dade do Papa, o qual feria seu Parroco, pera lhes dizer a Missa, administrar Sacramentos, & enterrallos na sobredita Igreja, onde tambem se podião sepultar os familiares de sua Casa Real, que toda ella entrava na parochia dos pobres.

Ordenados nesta fórma os ditos dous edificios, ambos vinculou a este santo Mosteiro: a saber, o dominio dos paços, & o governo do hospital com plenario poder, que deixou as Abadessas, de administrarem toda a sua fazenda, nomearem o capelão, & os pobres, & despedillos depois quando assi importasse. E tendo tudo escrito em hũa carta autentica, a 12 do mez de Março de 1228 a veio oferecer, presente a Abadessa D. Maria Gonçalves, no altar de S. Clara. Pelo tempo adiante quizeraõ alguns Ministros, mas pouco escrupulosos, incorporar na Coroa as rendas do hospital, porém D. Afonso V mais christão, que cobiçoso, emendou com generoso imperio a sua temeridade. As Abadessas, ainda que a fazenda tem diminuido muito, & elle de todo arruinou, não deixão de sustentar como pôdem esta santa caridade. Os nossos Frades tambem se exercitavaõ nella, servindo os mesmos pobres em quanto tiveraõ casa, como servia hum *Fr. Estevão do hospital da*

*Rainha*, que com este apelido affinou por testemunha em certo arrendamento, que fez hũa Abadessa a os 8 de Dezembro de 1330.

4 E porque este lugar era celebre, & venerado no Reino, o foraõ sempre honrando com privilegios grandes as Majestades Reaes. Em todo este circunito do hospital, & dos paços era defeso ás Justiças fazerem prizaõ algũa, salvo nos casos gravissimos, que eraõ executados. Da mesma benignidade dos Reis gozavão os moradores do Burgo, chamado tambem os *Paços*, que com pretexto de servirem o mosteiro junto delles se começou a fundar. El Rei D. João I os izetou dos encargos do Concelho, que erã as suas fintas, tutorias, & officios: de trabalharem nas valas, ou nas obras do sobredito Concelho; & de andarem na guerra, se não fossem bésteiros de conto, ou vintaneiros do mar. Das mesmas fintas, & de irem à alardos os escusou El Rei D. Afonso V: D. Manoel finalmente, & D. João III de pagarem pera a bolsa, que avia no seu tempo; & de servirem na leva dos prezos de hũa cadea a outra.

5 Mas o Mondego, destruidor insolente de edificios nobres, assi como não receou ofender o sagrado do mostei-

ro, não teve tambem respeito a paços, nem hospital. No anno de 1559 se humilharaõ os paços com hũa ruina grande, da qual a S. Rainha, que os tinha levantado, deu avizo por sinaes mui evidentes a quantos estavão nelles pera que se resguardassem. E ficando hũ moço mal advertido, as mesmas traves, que defarmaraõ de sima; se fizerão em hum corpo, sustentando sobre si o pezo, & o entulho, que o podia matar. O Hospital teve a mesma desgraça de cair, pera nunca se erguer. Não ficou delle em pé, senão a sua Igreja, mas tão cativa das cheas, que pera se por em salvo, a o menos o Altar, subio por doze degraos. Nesse tempo, que foi na nossa idade, se levantou o alpendre numas colunas antigas, que já aviaõ servido noutra obra do mosteiro, da qual falaõ estas letras, que ainda se vem nellas. *Senhora D. Margarida de Menezes fez esta obra 1520.* Assi se vão defazendo os maiores edificios, que parecião eternos, representandonos todos, pera nosso desengano, a semelhança da morte, que em nós não tem fallacia.

(?)

## CAPITVLO XXI.

*Das mercês, & privilegios,  
que da Casa Real recebeu  
este mosteiro.*

**T**antas rezoões avia  
pera ser favorecido,  
& estimado de to-  
dos, que os Vigaitos de Chris-  
to, os Monarchas deste Reino,  
todá a Casa Real, as Familias  
mais nobres, & a multidão do  
Povo com muita suavidade se  
aehavão empenhados nos seus  
acrecementos. Dos Pontifi-  
ces o mesino Clemente V, que  
concedêo a licença da sua res-  
tauração, lhe fez proprias, por  
bula particular, todás as hon-  
ras, & graças, que tinha feito a  
esta sagrada Ordem a S. Sê A-  
postolica. Seu sucessor, chama-  
do *João XXII*, lhe comunicou  
tambem quantos favores, pri-  
vilegios, & graças estavão já  
concedidos, ou depois se con-  
cedessem à nossa Religião dos  
Menores. Os que depois se se-  
guiraõ, quasi todos õ forão en-  
riquecendo com indulgencias,  
& grandes immunidades; &  
quando alguns não tinhaõ fa-  
vores novos, que lhe pudessem  
fazer, confirmavão os antigos.  
Nos Reis concorria a rezão de  
quererem merecer a santa bê-  
ção, que com esta condição

lhes avia promerido a gloriola  
Rainha Fundadora do mostei-  
ro, & sua Progenitora. E saõ  
tantas as doações, & mercês  
executadas por elles, que seria  
a relação enfadonha se todás  
se escrevessem, ainda que por  
maior, ou se declarasse sem pre-  
quaes foraõ os seus Autores.

2. E começando por El-  
Rei D. Dinyz, em cujo tempo  
tornou a resuscitar, elle lhe deu  
o escudo do seu emparo Real,  
que não só o defendia, mas  
tambem suas herdades, os casei-  
ros, & criados. Algũs dos seus  
sucessores lhe engrossaraõ as  
rendas à custa dos bens da Co-  
roa, & das Igrejas do padroa-  
do Real. D. Afonso IV lhe do-  
tou o reguengo de Sangalhos.  
Elle, & outros lhe concederão  
Igrejas procurando, que os  
Bispos, & Pontifices fizessem  
a união. Franquearaõlhe a pos-  
se das fazendas, que compra-  
va, ou herdava, ou recebia por  
doação graciosa, pera o que  
dispensavaõ, sem fazerem ex-  
ceiçãõ, em todás as leis do Rei-  
no, que dispunhaõ o contrario.  
E provendo no rendimento  
das sobreditas fazendas, que de  
ordinario pendiaõ de fabrica,  
naõ sómente izetaraõ da guer-  
ra, das finças, dos encargos do  
Concelho os sobreditos cria-  
dos, lavradores, & caseiros, mas  
sobre isto mandaraõ, que nin-  
guem lhes pedisse luctuosa, ne

tambem

tambem a seus rendeiros, nem lhes fizesse o mais pequeno agravo. A estes mesmos criados tirárao a liberdade de servir outras pessoas se o mosteiro se quizesse servir delles, ordenando às Justiças, que sempre lhe foscim dando quãtos erao necessarios a o serviço da casa. Sò porque hum Carpinteiro andava nas suas obras, foi escuso dos officios, em que a mesma cidade o podia ocupar. Dos privilegios, que tinhão os moradores dos Paços, dissemos já b noutra parte. O pasto dos seus carneiros era livre por todos os olivacs, & o açougue, em que tomavão a carne, tinha quantas liberdades podião ser necessarias. Se alguem tomava algũa cousa tocãte a seu serviço, descarregava sobre elle hum diluvio de penas, que os Reis em cartas particulares lhe avião fulminado. Elles mesmos em a cobrança das dividas erao seus procuradores, escrevendo a os fidalgos do Reino, que lhes fizessem partilhas nas heranças, & legitimas, quando elles as negavão, & mandando a os seus Corregedores, que tambem os obrigassem. Nas outras, que estavão liquidadas, concederao por singular privilegio, que as pudesse cobrar por algum dos seus criados, ou moradores dos Paços com o escrivão da terra, pela mesma liberdade, de que

gozava a Coroa, & a fazenda Real. *IXX OITAVO*

3 Nunca teve occasião naquelles tēpos antigos para gemer com a carga de tributos, ou fossem fintas, & decimas, ou as sizas, & portagens, porque á imitação dos Ministros, que restauraõ o templo em companhia de Esdras, de todas estas pensoes estava aliviado. Pelo que, tendo fazeda no distrito de Leiria, não quiz El Rei D. Fernando, que contribuísse pera a obra dos muros, que entrão se fabricavão. El Rei D. João I o izentou das duas decimas, & meia, que corriaõ no seu tempo. D. Duarte lhe perdoou outra decima, a qual se tirou pera os gastos de hum Embaxador, que se mandava a Roma. Ultimamente D. Pedro Infante de Portugal, sendo Regente do Reino, no anno 1441, a 11 do mez de Julho o libertou do serviço, que nesse anno corria. Bemaventurados tempos, em que as Religiosas, & outros a sombra dellas gozavão estas bonanças.

4 O respeito, que lhes guardaraõ, foi tanto, que vindo sobre Coimbra El Rei D. Henrique o II de Castela, os Capirães, & Soldados d fizeram alojamento na Casa de S. Francisco da Ponte, no mosteiro das Freiras de Sant-Ana, & nos Paços já nomeados assim, &

c 2/d. 2. c.  
7. d. 24.

d Nunes na  
Chron. del  
Rei D. Fer-  
nand. f. 199.

não sabemos de certo, que al-  
guem devassasse esta casa. Mas  
não fiando em outras occasiões  
esta grande cortezia de solda-  
dos Castelhanos, ElRei D. João  
I quando andava em guerra,  
nos seus paços da cidade, onde  
agora estão postas as Escolas,  
mandou que se recolhesse esta  
sua mimosa Comunidade. Dis-  
to achamos noticia por alguns  
emprazamentos, que lá nos Pa-  
ços fizeram as Abadesas D.  
Inez de Vasconcelos a os 16  
de Junho de 1384, & D. Bri-  
tes de Vasconcelos a os 9 de  
Novembro de 1397.

5 Na Igreja deste insigne  
mosteiro procurou boa estrea-  
pera o seu casamento ElRei  
D. Duarte, quando nella re-  
cebéo a Rainha D. Leonor. E  
nesta occasião fez mercê de du-  
as peças notaveis, que escre-  
veo entre as suas memorias o  
Real mosteiro de Santa Cruz  
com este titulo de serem *muito*  
*honradas, & das boas do Reino,*  
a saber hum ornamento de ou-  
ro, & seda, & hum cobertor,  
que servia na sepultura da Ra-  
inha S. Isabel. Aqui mesmo,  
por ser casa de singular deva-  
ção, se veio encomendar a Pie-  
dade divina aquelle grande In-  
fante D. Pedro, cujo nome te-  
mos dado, quando a morte,  
que elle não merecia, o estava  
ingratamente chamando das  
partes da Alfarrobeira. Neste

templo finalmente (deixando  
por elle a sua Real Capela)  
ordenou ElRei D. Sebastião,  
que subisse a o pulpito o Ar-  
cebispo de Braga D. Fr. Berto-  
lameu dos Martyres, hũa vez,  
que o quiz ouvir pregar. Esta  
foi a devação, & estimação dos  
Principes com S. Clara de Co-  
imbra, a os quaes todos os ou-  
tros Estados foraõ imitando  
nella: mas nem o Sol deixa lu-  
zir as estrelas, nem agora são  
taõ poucas, que as possamos  
contar.

## CAPITVLO XXII.

### De duas Infantas sepultadas nesta Casa.

**Q**S despojos mais ilu-  
stres, que a morte  
em Portugal nos dei-  
xou, possuiue este mosteiro por  
mercê da sua Rainha Sãta, que  
depois de lhe ter dado em vi-  
da o coração, na morte lhe en-  
tregou o seu milagroso corpo,  
como ainda diremos. Outras  
duas sepulturas apparecem na  
Igreja, as quaes d'antes piza-  
vão leões de pedra, & agora se-  
sentem mui offendidas das in-  
jurias do tempo. Ambas tem  
insignias Reaes, faltão porém e-  
pitafios, que nos digão cujas  
são.

2 Numa dellas, entalhada

pelas

b Hist. E-  
clesiast. de  
Braga p. 2.  
c. 25.

Monarch.  
Lusit. p. 51.  
16. c. 33.

Liur. peq.  
m. 6.

Pina na  
Chron. m. 5.  
d' ElRei D.  
Afonf. V.  
c. 115.

pelas faces com muitas Imagens santas, está deitado o vulto de hũa minina com os seus cabellos soltos, & as rotipas seculares. Tem as mãos levantadas, & encostadas no peito, os pés ambos firmados em hum leão; & na cabeça, hũa coroa Real. Acompanhão os seus lados dos Anjos de cada parte, & dos escudos Reaes: huns delles com Quinas de Portugal: os outros com Barras de Aragoão. E tudo isto nos mostra, qual póde ser o deposito, que aqui se encerrou: quero dizer, a ofitada da Infanta D. Isabel, filha d'ElRei D. Afonso IV, & da Rainha D. Brites, & neta da dita Santa Rainha. Falecêo em idade de minina, & estando sepultada na primeira Igreja, que fundou D. Mór Dias, sua Avò, que obrava a segunda, fazendo hum testamento no anno 1327 escrevêo estas palavras. *Se acontecer, que eu saia deste mundo ante que essa Igreja seja feita, mandome em tanto deitar em o coro da outra Igreja velha, assim da Infante D. Isabel minha neta, de guiza que fique ella entre mim, & a grade; & assi he minha vontade de fazermos em a outra Igreja depois que for assmada. Mas acabandoa ella, lhe trefladou os seus ossos pera esta sepultura.*

3 Na outra, que tambem he hũa arca de pedra, jaz deitada a figura de hũa molher,

Religiosa no habito, cingida com hum cordão, vêo na cabeça, & toallia sobqueixada em sinal de sua honestidade. Tinha as mãos levantadas a o Ceo: agora as tem quebradas, como os Anjos, que lhe assistem nos lados. Os escudos gravados na mesma pedra, que cercão este sepulchro, nos declaraõ que he pessoa Real, pertencente pelas Barras a Casa de Aragoão, & pelas Quinas a nossa de Portugal. O banco, que aparece na orla, mostra tambem ser Infanta; & pela Cruz de Aviz, na qual assentaõ as Quinas na fôrma, que as dispoz ElRei D. João I, se vê manifestamente como teve alguma rezão com elle.

4 Mas qual seja a Infanta, & Franciscana no habito, que nelle se escondeo, não achei quem mo dissesse. Tenho por cousa sem duvida não ser Freira professa neste mosteiro, por quanto depois da morte não era muito decente arrancalla da clausura, onde passara a vida. E esta mesma rezão corre tambem na pessoa de D. Isabel de Cardona, sobrinha da dita Rainha Santa, & segunda Abadessa: de mais que, nem o Banco dos Infantes, nem as Quinas deste Reino lhe podião pertencer. Donde eu me persuado, que sendo Infanta a que esta no sepulchro, não era Religiosa.

5 Parece-me, que seria a

Infanta

Infanta D. Isabel, filha dos Côdes de Urgel, pretendores da Coroa no Reino de Aragão, casada em Portugal com o Infante D. Pedro, filho do dito Rei D. João; & não faltavão boas rezoës pera isso. A principal dellas he o entranhavel amor, que tinha à nossa Ordem, manifesto por obras de piedade em muitas peças de prata, & vistosos ornamêtos, que deu a esta Provincia pera o culto Divino, & mais em particular a os Conventos das Virtudes, & Leiria. Aqui em Coimbra, cabeça do seu Ducado, onde viveo muito tempo, tomou grande afeição a este Real mosteiro por contemplação da Rainha S. Isabel, que o avia fundado, Santa do seu nome, parenta, & natural; & fazendo-se discipula de suas grandes virtudes, professou a seu exemplo a Regra Terceira dos seculares, vestindo tambem, como ella tinha feito, no estado de viuva o habito pardo da gloriosa S. Clara.

6. Bem se podia cuidar, que nesta Igreja, onde a Santa descança, tomaria sepultura. Mas a desgraça da morte de seu marido, no lugar de Alfarrobeira, indigno por esta causa de lhe sabermos o nome, de tal modo lhe ferio o coração, que mais ficou pera enterrar-se viva on-

de ninguem o soubesse, que viver depois de morta por majestoso sepulchro na lembrança dos vindouros. Recolheose pera as partes de Lisboa, & lá encontrou a morte no tempo; que nos diz esta memoria do Real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. *Na Era (do Nascimento de Christo) 1459, a os 17 dias de Setembro se finou a Infanta D. Isabel de Aragão, mulher que foi do Infante D. Pedro, Regente de Portugal.*

7. Pelo que d'outra Infanta nos avemos de valer; por nome D. Maria, filha d'El Rei D. Pedro, & de sua mulher D. Constança, que casou com D. Fernando, Marquez de Tortosa, & Infante de Aragão. Rezoës de estado a tirãrão deste Reino, & as de Deos, que he Senhor dos Estados, a tornãrão pera elle. Faleceo o Infante seu marido, & depois Federico o III, Rei de Sicilia, cõ quem o Papa tratava de a casar; & livrè ella destas ataduras fortes veio passar em Aveiro, onde possuia terras, o resto de sua vida. Por esta occasião quiz acompanhãr na morte a santissima Rainha, sua bisavò no sangue, que tinha certa virtude pera inclinar as almas à devação, & primor. Todas as insignias desta sua sepultura estão clamando

\* Nunes nt.  
Cron. d'El-  
Rei D. Ped.  
fol. 134.

por ella: o Banco de Infanta, as Quinas de Portugal, as Barras de Aragão. Nem contra isso reclama o habito de S. Clara, com que a vemos vestida, porq̃ o trouxe depois de estar viua, & por cõpanheira sempre, como direi a seu tempo, hũa freira da mesma Religião. Quanto mais, que com estas vestiduras se mandavão enterrar, & retratar os Terceiros mais illustres. Só pelo véo da cabeça, que he preto, poderão desconhecella: mas fei culpa do pintor, q̃ tambem deu essas cores a o da S. Rainha, sendo ambos lavrados em pedra branca. E não tenho feito pouco em achar esta Infanta pera esta sepultura.

b p. 1. l. 2. c.  
23. & l. 5.  
c. 8.

### CAPITULO XXIII.

*Doutras pessoas illustres, que neste mosteiro alcançãrão*

*esta sepultura.*

**A** Primeira, D. Brites, meia irmã da nossa Rainha Santa, como já tenho escrito: a segunda, foi seu filho D. Guilhem de Cardona, a quem por erro alguns chamãrão *D. Guilhamão*. Alcançei esta noticia por hum alvará, que se passou em Lisboa a 4 do mez de Agosto de 1359, pelo qual ElRei D. Pedro co-

o cap. 18.  
137. 138.  
139.

cedeu á Abadessa D. Habel de Cardona, filha desta D. Brites, que pudesse comprar fazenda bastante com o dinheiro, que sua irmã lhe déra, pera se dizer por ambos hũa missa cada dia. D. Brites descancava da grade do coro pera dentro; & D. Guilhem na capella colateral á maior da banda esquerda, onde eu fiz descobrir o seu tumulo a pezar da grande destruição, que o Mõdego tem feito nesta Igreja.

2. Era lavrado com singular artificio, de modo que vivamente estava representando na parte superior a pessoa deste mesmo D. Guilhem, assim na gravidade do rosto, como tambem na galante bizardria, com que puxava da espada, que tinha embañhada. Apareciãrão á roda, entre Imagens, & insignias de Santos, muitas figuras de mollieres, & de homens: aquellas, que arranhavão o rosto: estes, arrependendo as barbas. E quando o sentimento enrezão de sua morte se conhecia nas pedras, muito mais avia de magoar a os que na sua vida estavão interessados. Foi grande a perda deste mosteiro, o qual então governava a dita sua irmã, porque sempre o amou com estranha devação, como ainda se vio depois de morto, neste successo

seguinte. Vieraõ novas a Coimbra, que em Buarcos avia desembarcado muita gente inimiga da Religião Catholica, & que trazia intento de penetrar o interior do Reino, assolando de todo a Christandade. As Religiosas, sobressaltadas do medo, acudiraõ a o coro: desfaziãose em lagrimas: pediãõ à Majestade divina, que não as desemparasse; & quando a affição no alto da noite as tinha mais apertadas ouvirãõ a D. Guilhem, que de dentro desta sua sepultura lhes disse estas palayras. *Não eemais filhas amadas, que nem vós correreis perigo, nem os infieis entrarão nesta cidade;* & assi acontecêo. Foi Senhor da vila de Mourão, como seu pae D. Raimõ, Veador de sua tia a Rainha S. Isabel, esforçado pelas armas, & virtuoso por obras.

3 Na outra capela da parte da mão direita escolherão seu jazigo Gonçalo Pires Ribeiro, & sua mulher D. Constança Lourêço, como se diz no côtrato, q fizeram cõ a Mãdre Abadessa D. Maria Gonçalves no 1. de Janeiro de 1327, no qual declarãõ ambos, q seriam sepultados dentro da Ousia da parte deiztra. Dos paes de Gonçalo Pires, a saber Pedro Afonso Ribeiro, & D. Tereja Mendes de Sousa, fala<sup>b</sup> o Conde D. Pedro, & a<sup>c</sup> Monarchia Lusita-

na. D. Constança foi filha de Lourenço Escola, Alcaide mór de Lisboa, Porteiro mór d'El-Rei D. Dinyz, & seu Paccito mór<sup>d</sup>, que vinha a ser, como Provedor das obras, que no Paço se fazião. Este Gonçalo Pires Ribeiro foi Alcaide mór de Monte mór o velho, & do Castelo de Gaia, & Mórdomo mór da dita S. Rainha. Nas alterações do Reino entre o Rei sobredito, & D. Afonso seu filho seguiu sempre, como Vassalo fiel, os estendartes Reacs, & por isso os dous irmãos Martin Gonçalves Leitão, & Ertévãõ Gonçalves Leitão, que serviãõ o Infante, o lançãõ em Coimbra da sua ponte abaixo. Porém Deos, o qual *lhe julgou bem*, como escreve por estas mesmas palayras, o dito Conde D. Pedro em rezaõ das mercês, com que o engrandecêo, tambem agora o livrou com vida deste perigo. Dotou muita fazenda, a o mosteiro, & nelle instituiu algũas capelãias.

4 Pelo corpo da Igreja apparecia hum arco, & dentro delle hum tumulo, que tinha este letreiro. *Aqui jaz Dona Isabel Coucinha filha de Gonçalo Vãz Coucinho, o que venceo a batalha de Trancofo; mother de Comes Freire, que morreo em Tangere.* E merecedora he de q nõs celebremos o seu nome, pois chegou

Monarch.  
cit. l. 16. c.  
42.

31.90

<sup>b</sup> tit. 7. & 42

<sup>c</sup> p. 5. l. 17. c.  
16.

a ter tal pae, & tão honrado marido. Aquelle, sendo Marichal do Reino, triunfou dos Castelhanos em tempo d'El Rei D. João I na sobredita vitoria. Este, se achou presente na tomada d'aquella tumba de Africa, sepultura gloriosa dos fidalgos Portuguezes, & pouco antes de se lhe dar o assalto vindo no ceo hum cometa, disse já presagiando: *noite criste, pera que se aparelhas?* E foi morto no assalto pelos Mouros, mas como bom Cavaleiro.

5 Dentro da grade, & juto da Abadesa D. Maria Gonçalves descansou sua irmam D. Joana Gonçalves Redondo, como ella dispoz no dito seu testamento, pelas palavras seguintes. *Rogo á Abadesa, & convento, que me dem o habito no dia de meu passamento, & mando a o dito mosteiro com meu corpo cem libras, se me soterrarem dentro a par de minha irmam.* Era Dama do Paço da mesma Rainha Santa, no qual fez o testamento, mostrando nas verbas d'elle, o que tambem me constou d'outras muitas escrituras: a saber, que não foi religiosa da Ordem de S. Clara, mas secular no estado, & Terceira Franciscana. E só isto devia querer dizer o dito Conde D. Pedro quando nos deixou escrito, que ella fora de Ordem. Nas suas disposições se achou este legado. *Mando a*

*Sant- Ana das Celas da Ponte os meus panos de Solia pera vestimentas, & duzentas libras pera balcoes da crasta, & façãome cada anno em S. Clara em tal dia, como eu sair do mundo, hum naverfario. E em quanto os mosteiros vizinhãrão nas ribeiras do Mondego, as Religiosas de Sant- Ana, que não guardavão clausura, não reparavão tambem em virem a S. Clara satisfazer com esta obrigação.*

6 He minha fazer lembrança d'outra devota insigne deste sagrado mosteiro, cujo nome era *Mecia Pestana*, natural de Alanquer, & Dama da Condessa de Penela. Deixoulhe toda a sua fazenda pera o culto do Sacramento santissimo numa cedula de 29 de Abril de 1511, & dispondo seu enterro, o ordenou deste modo, o qual me faz devação. *Mando, que me vistão o habito de S. Francisco, & que canto, que me eu finir, que seja entregada á Senhora Abadesa de S. Clara, & a todas outras senhoras, & irmans. E peço a vós Senhora Abadesa, & a vós senhoras irmans todas pela paixão de Iesu Christo, que me recebas em vossos corações por vossa propria irmam, pois o eu sou vossa em toda a minha vontade, & coração.*

(2.)

## CAPITULO XXIV.

*Florece este mosteiro em grande religião.*

**V**emos atègora de-clarando o material da casa, pera depois illustrarmos seu edificio nobre com as luzes das virtudes, que logo no nascimento lhe comunicaraõ todas admiravel resplendor. Foraõ estas tomadas na sua fonte, ou no primeiro regato, que procedo dessa fonte: a saber no mosteiro de Camora, a o qual deraõ principio huas devotas discipulas da gloriosa S. Clara, inviadas de Assis. E vindo da mesma casa as que povoaraõ esta, como trazião mais pura, & mais perfeita a regular disciplina, nunca essa até hoje deixou de estar florente. A isto se ajuntaraõ os admiraveis exemplos, & saudavel doutrina da sua Rainha santa Isabel, que conversando com as freiras das suas portas adentro, assistindo no seu coro, & em todos os exerciçios santos, as confortou grandemente no amor de Jesu Christo. Donde veio a ficar a sanctidade por uso, a penitencia por vida, a virtude por officio.

Era na verdade suntuoso o mosteiro, & bem dotado de renda, mas a pobreza dos leitos (porque não avia cellas) a modestia do trato, o desprezo das vaidades do mundo leraõ tambem de mulheres apostadas a conquistarem o Ceo. Parecia o seu habito, cingido com hua corda, grosseira, não curiosa, hum sacco de penitencia, ou hua mortallia viva de gente mortificada. Deste modo era tambem o toucado, a saber hua toalha de linho muito grosso, sobqueixada sem concerto, assi como estão hoje retratadas no sepulcro da dita Santa Rainha, que nesta conformidade as ensinou a tocar. E não sei como essas vaidades, que no mundo se encadeão em viciõs, & se sustentão com elles, podem tomar confiança pera profanarem já as casas religiosas, seminarios sagrados, & apozentos de Deos? Poderã acontecer (mas nunca Deos o permita) que quando algũas avião de celebrar os eternos esposorios, pelo trato, & pela pinta as desconheça o mesmo Senhor da Gloria, o qual d'antes desejava, que fossem suas esposas. Mas eu louvando agora os tempos antepassados, que sabião separar o precioso do vil, o honesto do profano, nem por

cap. 18.

6 Mat. 5.  
vers. 8.6 Mat. 23.  
vers. 18.

illo nego a muita modestia, que pela mercè do Ceo ainda no nosso tempo se conserva nesta casa. E era bom argumento de que essas santas Madres, nem queriaõ contentar, nem pretendiaõ ser vistas de olhos maliciosos, os quaes lhe dèsssem olhado. Pelo que nem ellas mesmas se viãõ, ou tinhãõ em que se vissem; & de hũa dellas se conta, que acertando de ver-se em hũa pouca de agoa, disse com galantaria. *Hoje vi neste mosteiro o rosto de hũa Freira, que não renho visto nelle averá mais de trinta annos.*

3. Estava reprovada d'ellas toda a rroupa de linho, & a menos penitente, que não trazia cilicio, vestia sobre a carne hũa tunica de pano. Andavãõ tambem descalças<sup>d</sup>, sem estarê obrigadas pela regra, que lhes deu Urbano IV, permitindose sòmente às enfermas o calçado. E por quanto até nisto avia algum descuido, interpretando tal vez o rigor das Abadessas por pouco sufficiente a necessidade grande, deixou a este mosteiro D. Joana Gonçalves, que já<sup>e</sup> temos nomeado, a sua quinta da Fêteira, da qual o seu rendimento se avia de gastar com as *Donas enfermas em calçar, & mais em frangãos.* Eraõ as cousas, de que usavãõ, pobrissimas, como convem a Freiras de Santa Clara; & ha muito poucos an-

nos, que se despedio da terra hũa irmãm de hum Conde, que nunca o hospedou, quando vinha visitalla, senãõ com louça de barro, muito baixa, vidrada de amatelo. Não admittiaõ peculio, nem ouzavãõ a gastar em suas necessidades dinheiro, que aquirissem, ou os parentes lhes dèsssem, em quanto não alcançaraõ licença de Sixto IV, subordinada porém à discricião das Preladas. E seguindo as regras da humildade, companheira da pobreza, não sofriãõ criadas em o mosteiro, mas ellas lavavãõ a sua roupa, & acudiãõ a o serviço da casa. Avia tambem jejum; a o menos abstinencia, todo o anno inteito; & ainda que Julio II compadecido de suas enfermidades, originadas do sitio, o qual he hũa lagõa, lhes concedeo comer carne, não quizerãõ até hoje comella no Refectorio nos dias da quarta feira. As mesmas enfermidades, que tirãõ as Matinas do tempo da meia noite, no qual aviaõ cursado perto de trezẽtos annos, sempre foi com esta declaração de serem exceituadas todas as festas maiores.

4. Isto era na sustancia da vida; em que muitas faziãõ grandes estremos: a regular disciplina, & ceremonias santas, que servem de ornamento a hũa Comunidade, neste mos-

d Rubr. 19.

e d. 6. 17.  
& 25.

teiro se viraõ levantadas todas no seu auge. E fazendo argumento de hum caso pera os outros (que referillos a todos seria larga historia) sendo profundo o silencio de dia, era indispensavel de noite logo depois da Completa até a manhã seguinte. Neste tempo, ou recolhidas nos leitos, ou meditando no coro, era tanta a sua quietação, que não se ouvia por toda a casa nem hum pequeno estrondo; & por não serem sentidas andãdo no dormitorio, ou forravão de pano o seu calçado, ou o tiravão dos pés. Com este mesmo silencio, sem nunca abrirem boca, se não era em o coro, passavão aquelles dias, em que na Somana santa a Igreja nos propoem pera nosso sentimento a morte do Redentor. E agora andão tambem embuçadas com os véos sobre o rosto até o Sabado Santo, no qual a mesma Igreja com as palavras seguintes, *per sanctam Resurrectionem tuam nos dà novas*, de como resuscitou. Em todos os mais estilos era muito semelhante a sua reformação, & em quanto o espirito se mostrar afeiçoado a estes santos costumes, mais seguro estará o sustancial da Ordem.

5 Daqui se foi levantando a fama universal, que em todas as idades engrandecção esta

ca, de muito religiosa, honestissima, & santa, não fõ absolutamente, mas tambem em comparação das outras. Os testemunhos são muitos, porém agora nos bastarão estes dous. O primeiro, do Doutor Vasco Martins de Rabelo, Vigairo Gèral do Bispado de Coimbra, o qual a os 26 de Maio de 1472 fãio com Declaratoria contra o Regedor da justiça naquella mesma comarca, em rezaõ de nos ter devassado o Mosteiro cõ pretexto de prender hum certo homiziado, que se acolheo a elle. Estranhoulhe seamente esta sua insolencia, dizendo que fora mui atrevido *nom esguardando como naquella casa, & mosteiro se guarda a religiom, & ordem, segundo a fraqueza humana; melhor que em ouera Casa religiosa destes Reinos.* O segundo testemunho deus Duarte Nunes do Leão dizendo, que este santo Mosteiro *de virtudes, religião, & nobreza das Religiosas, que nelle se recolhem, he hum dos mais honrados de Hespanha.* Mas

todos estes louvores lhes estava merecendo a sua religião.

(?)

Na Cron.  
d'El Rei D.  
Dioy fol.  
133 verso.

## CAPITULO XXV.

Das pessoas Reaes, que pertencem a este santo mosteiro, & das que delle sairão para governarem outros.

**C**onvidadas desta fama, a qual era verdadeira, vierão muitas Senhoras illustrissimas no sangue, oferecer suas vidas neste sagrado Altar a o divino Espofo. Pelo que na provisão d'El-Rei D. Afonso IV, na qual elle em Leiria a os 20 de Dezembro de 1356 concedeo a o mosteiro as heranças das suas religiosas, se nomea hum grande numero dellas, da nobreza mais notavel de Portugal, Castela, & Aragão. Neste foro se foi sempre conservando até o dia presente: mas em tanta multidão só de algũas, que são da Casa Real, podemos fazer memoria.

1 A primeira, & a principal de todas he a mesma esclarecida Rainha S. Isabel, Fundadora do mosteiro, que desprezando o estado de reinar, & pretendendo servir na Casa de Jesu Christo, intentou professar nella a vida religiosa, como ainda veremos. E se a mi-

leria dos pobres, que ficavão sem remedio, poz embargos a sua execução, o amor deste Senhor lhe acendeo tantas chammas em seu peito com estas contradicções, que guardando, quanto lhe era possivel, sem obrigação de voto a Regra de S. Clara sempre viveo como freira. E por isso a continos entre as deste mosteiro com o mesmo fundamento, que descubrio S. Matiens para crescer a Zara no Catalogo dos Ascendentes de Christo; que se elle possuieste este lugar pelo aver intentado, tambem a S. Rainha pretendeo ser filha de S. Clara, & no tribunal de Deos por obras muito cabaes se julgão os bons desejos.

2 Com esta Real coroa sublimaraõ de mão comum os dous Reinos de Aragão, & Portugal a este santo mosteiro: aquelle, porque lhe deu a nobreza de Infanta: este, pela ter autorizado com o scetro de Rainha. E dividindose ambos, Aragão deu tambem a esta casa hũa neta d'El-Rei D. Pedro III, & sobrinha da mesma Rainha Santa: Portugal, hũa filha do seu Rei, que tinha o mesmo nome de Pedro. A primeira, foi a S. Abadessa D. Isabel de Cardona, de quem já temos falado. Da segunda, que veio aqui criarse, como em escola santa, nos deixou o mesmo seu pa-

cap. 1.  
vers. 3.  
Maldonat.  
ibid.

Genes. 38.  
vers. 27.

cap. 12.

noticia no testamento do anno 1367 fazendo este legado.

*Mandamos à nossa filha, que crião no mosteiro de S. Clara de Coimbra, cem mil libras pera seu casamento.*

4 Devemos tambem agradecer a lembrança á Princesa D. Joana filha d'ElRei D. Afonso V.<sup>a</sup> pela primeira tenção, com que se quiz recolher, ou neste Real mosteiro, ou em S. Clara de Lisboa. E quando a este se mostrou mais inclinata pela fama, que corria de sua religião; com tanto gosto lhe assistia seu pae, que avizandoy primeiro a Abadesa, em pessoa a veio acompanhando. Mas ella, que em segredo mudara de parecer; quando se vio em Póbal, declarou que sua vontade era recolherse em Aveiro no mosteiro das Freiras de S. Domingos, & pera lá caminhou. Correndo depois o tempo; & abrazada aquella vila com peste, retirou se pera esta S. Casa, a qual Deos quiz preservar do mortifero contagio por especial favor, como ainda direi. Então vio, não digo atrepêdida, pelo menos magoada o monte da santidade, de que ella se avia desviado, posto que tambem a encontrou em o outro. E como os Santos se afeiçoão a Santos, de tal modo se contentou da virtude de D. Clara da Sylva, que levandoa consigo pera Aveiro, só por

morte a largou; depois de communicarem ambas muitas couzas de santidade, & espirito.

5 Outra Princesa, mas dos Reinos de Castela, pelo bautismo Joana, & por falta de ventura chamada a Excelente Senhora, se matriculou por Freira de S. Clara em este Real mosteiro. Embargara lhe a successão no reinado opositoros forçosos, contra os quaes se valeo de seu tio ElRei D. Afonso V, que nesta occasião não teve tanta ventura, como seu grande valor pelas armas merecia. Vierão a concerto os dous Reinos metendo em condição, q a Princesa fosse Freira, se quizesse, em hum de sinquo mosteiros, dos quaes nos pertencem tres: a saber este mesmo de Coimbra, Santarém, & a Conceição de Beja. Nesta conformidade em Santarém começou noviciado, & dando ahi a peste; neste Real santuario veio fazer profissão, como fez a os 15 de Novembro de 1480. Tudo o mais, que lhe toca, se contará a seu tempo.

6 A mesma fama de observancia grande, que trouxe a esta casa sujeitos de tanto nome; fez sair della alguns a governar, & fundar outros mosteiros da sua Religião. Era tal esta fama ainda nos estrangeiros, que ficando tam vizinho de Camora o mosteiro de Be-

d Fr. Hieronym. Rom. na Hist. desta Princesa c. 4. 6. 8. & leg.

e Ping na Cron. m. 2. d'ElRei D. Afonso V. c. 195. & 197.

nave de Campos, a este de Coimbra, q de Camora trouxe a sua origem, mandou pedir Abadessa, & outras Religiosas no anno do naciñeto de Christo 1343. Se a fundação da casa tem tanta antiguidade como Gonzaga escreve, seria a sua ida nalgua reformação. Della nos constou agora por escrituras autenticas (que memorias particulares de semelhantes successos raramente as achamos) & por isso estão esquecidos muitos. Chamouse a Abadessa *D. Tereja Afonso de Melo*; seus paes *Lopo Afonso de Melo*, & *D. Guiomar Gil*: dos quaes todos fala o Conde *D. Pedro*. E falecendo o pae, Senhor da Honra de Melo, foi julgado por sentença dos Sobre-juizes de Coimbra, a qual se deu em Novembro de 1352, pertencerem a herança, & a Hõra a este santo mosteiro. Pera isso tomãrão por fundamento o que aqui nos importa: a saber, que essa *D. Tereja* tinha professado nelle, & residido dez annos primeiro que a fizessem *Abadessa de Benavente*. Acõpanhou a tambem (que das outras não sabemos) *D. Maria Rodrigues de Melo*, a qual a 11 de Fevereiro do anno assima dito 1343 confirmou a o mosteiro a doação de seus bens, que primeiro lhe fizera no tempo da profissão, por estar já de caminho pera

*S. Clara de Benavente de Campos*, cõ a dita Abadessa. Muitos annos adiante foraõ fundar quatro freiras, no sangue, & na virtude illustres, o veneravel mosteiro da Madre de Deos, ou de Monchique no Porto. E sendo ellas ainda da Familia dos frades Conventuacs, souberão plantar com grandissimo cuidado a Regular Observancia pelas leis, & advertencias do nosso Provincial. Mas disto se tratara quando o tempo nos der a occasião.

8 Outra Abadessa, chamada *D. Maior*, que estava no governo dos mesmos Conventuacs, foi reger nas partes de Alem-Tejo hum mosteiro da sua obediencia, & não dizemos seu nome, porque nos escandaliza a sua ingratição. Era tia de *Rui Mendes de Vasconcelos* primeiro Conde de Castelmelhor, & muito merecedora por sua grande virtude de lhe ser encomendada esta empreza tao nobre. Intentou restaurar o q avia caido dos estilos religiosos, & santos, mas pela dificuldade de arrancar abusos envelhecidos, as freiras impacientes de verem como lhes era contraria a os seus procedimẽtos, a lançãrão do mosteiro, & de sua companhia. Porém ella chorando mais o seu erro do que o agravo proprio, tomou

cafa muito perto, onde esteve esperando, que passada a paixão tomassem melhor conselho. Entretanto poz escola de mininas, que ensinava a ler, escrever, & a doutrina Christã; & disso se sustentava. Mas desta occupação a veio tirar a morte, pera lhe dar mais descanso na Corte celestial.

## CAPITULO XXVI.

*Relação da famosa Abadessa*

*D. Margarida de Menezes.*

**D**As antigas, que regerão esta casa, he muito esclarecido, & veneravel o nome (ou nomeinos a qualidade do sangue, ou a graça das virtudes) desta santa, & excelente Prelada. Participou a nobreza de seu pae Aires Gomes da Sylva, Senhor de Vagos, & de sua mãe D. Brites de Menezes filha de D. Martinho de Menezes, Senhor da Casa de Cantanhede. As virtudes lhe deu com mão liberal outro Senhor soberano, que governa ceo, & terra, copiando tantas graças de sua omnipotencia, q a fez raro exemplo, como diz o seu sepulchro, naquelle tempo dourado, em que as freiras por geral conspiração tratavão de serem santas. Erão tão ave-

tajados, ainda a os melhores sujeitos, seus grandes mercedos, que tendo só dezoito annos de idade todas de comũ consentimto a elegeraõ por Abadessa perpetua, & depois levãrão o seu governo, sendo ello dilatado, com alegria notavel. Mas na verdade foi singular nesta arte, que he a Arte das artes, & entre todas a de mais difficuldade.

2 Soube fazer venerada a pessoa, & amado o officio: aquella, cõ procedimentos santos: este, com hũa suavidade estranha. Resplandecião lustrosas todas as virtudes nella: penitencia, pobreza, oração, amor intimo com Deos, & caridade enternecida do proximo. E estas eraõ as lingoas mais claras, & eloquentes, com que falava, & doutrinava, temperando de tal modo na prudencia os fervores de seu zelo, que as subditas lhe renderão as vontades. Achor já introduzidos alguns estilos na Casa, como era andarem todas calçadas, terem criadas na clausura, & outras cousas semelhantes, as quaes posto que não fossem transgressões pecaminosas, antes muito permitidas da sua necessidade, distavão porem daquelle grande rigor, com que o mosteiro se tinha principiado. E julgando por impossivel reforma, alcançou a approvação da santa Sé

a cap. 24.

Apostolica, cuja lembrança fizemos em outra parte, pera que sepultados os escrupulos ficasse sendo mais licito o que era necessario. A esta rara prudencia, & infatigavel zelo assistia claramente a Piedade divina, prosperando com grandes felicidades seu acertado governo. A primeira foi, apparecerlhe o Apostolo de Christo S. Bertholameu pera livrar este mosteiro da peste, como ainda diremos. A segunda vir buscar o seu emparo contra o mesmo contagio a Princeza D. Joana, & professar em suas mãos a Excelente Senhora, na fórma, que

b cap. 25.

temos dito. A terceira finalmente, começar a possuir em seu tempo a veneração maior, que podia ter na terra, a Rainha S. Isabel quando foi Beatificada pelo Papa Leão X.

3 Chegava a sua hora de se despedir das freiras pera gozar a presença de seu divino Esposo, depois de as aver governado sessenta, & sinquo annos; & ellas, que a querião eterna, instavão com muitas lagrimas, que não as desempa-

rasse. Pelo menos (lhe diziaõ) pois conheceis os espiritos, nossa Madre amantissima, dizemos vós quem podemos eleger por Abadessa, que supra vossa ausencia, & nos conforce em o serviço de Deos. Nomeou sua sobrinha D. Maria de Menezes, filha de D. Leonor da Sylva, & D. João de Menezes o I do nome, herdeiro de Cantanhede. Mas era tal o sujeito, & dotado de taes prendas, que todas reconheceraõ não entrar carne, nem sangue, senão zelo, & justiça em esta nomeação. Acabou com grande serenidade nos braços de suas filhas, as quaes tendolhe tão estremado amor; mal poderiaõ soffrer, que no meio da Igreja, como se creve no Jardim de Portugal, ficando tão longe dellas, lhedessem a sepultura. E assi foi enterrada entre a grade, & a escada do corò, onde a pedra, que cubria seus despojos, estava mais levantada em sinal de reverencia. Nella se lê o seguinte Epitafio, que eu notei de vagar pera emendar as faltas, com que o traz copiado o sobredito Jardim.

cap. 117.

Aqui jaz a muito virtuosa, & magnifica senhora D. Margarida de Menezes, filha d'Aires Gomes da Sylva, & de D. Brites de Menezes: enlegida Abadessa desta casa em idade de dezoito annos. Assi a

governou, & acrecentou no temporal, & espiritual, que hum só exemplo de nobreza se póde dizer. Forão os annos de sua religiosa vida oitenta, & tres. Faleceó a dezaseis de Novembro de 1520.

Destes annos, que viveo, diminuindo dezoito, com q̄ foi eleita em Abadessa, ficão sessenta, & sinquo, q̄ empregou no governo. Da vida lhe tira dous o Jardim já refetido: outros tantos do governo, a Chronologia Monastica Lusitana; & ambos lhe escreverão seu obito a 3 do mesmo Novêbro: mas todos estes tres erros se conveniçem claramente, assi pela nossa conta, como pelo epitafio.

4 Neste lugar tão honrado, que as freiras quando leuavão a Deos tinham diãte dos olhos, descançou a veneravel Prelada em quanto o Mòdego lhe soube guardar respeito. Depois q̄ se atrevèo a ensovalhar terra tão santa, afogando as ossadas, que ainda hão de tornar a viver, a madre sôr Eugenia dos Reis, por outro nome *D. Eugenia de Menezes*, Abadessa pelos annos de 1637, & digna de q̄ nós a nomeemos por suas grandes virtudes, tresladiou pera o coro de cima não sómete o precioso thesouro escondido em a terra, mas també a pedra, que o cubria. Envolvèo numa toalha

os seus ossos, com a qual se fechãrão em hũ cofre, cuberto de damasco verde, & forrado de tafetã carmezim. Era a sua tenção collocallos no vão de algũ altar, onde a pedra encostada a o modo de frontal fosse porta, q̄ os tivesse seguros, & quando o quiz fazer lhe succedeo hum caso maravilhoso. Começou no altar do Crucifixo, mas achou que não servia a pedra: no da Princeza dos Anjos lhe acõteceo o mesmo; & passando a o de S. Bertholameu, ficou tão igual, & justa, como se mui de proposito se cortãa pera elle. Pelo q̄ entèdendo as religiosas todas, q̄ o sagrado Apostolo, assi como avia favorecido nas tribulações da vida a esta sua devota, també agora queria autorizalla, neste lugar depositãrão seus ossos. Algũs delles na mesma occasião levãrão os seus devotos; q̄ depois publicavão maravilhas obradas por meio delles na saude dos enfermos. Mas quem vivendo na terra descubrio tão saudavel antidoto cõtra a peçonha cõtágiosa da peste, segundo logo vetemos,

agora, que ella no Ceo reinando, onde ja a considera a piedade Christã, mais facil lhe ha de ser aplicar as medeinas noutras doencas mais leves.

### CAPITULO XXVII.

*Livra Deus o mosteiro no seu tempo, por hum caso milagroso, do contagio da peste.*

**O**vernava santamente esta Prelada insignia a sua nobre familia, quando de repente vio, q̄ lhe entrava em casa o mesmo fogo da peste, q̄ ja tinha abrazado a cidade. Morrerão algũas freiras, outras estavam feridas; & todas intimidadas pedião cõ muitas lagrimas à Magestade divina, que embainhasse logo a espada de sua indignação. Pera isso buscãrão muitos remedios de devações, & penitencias, que lhes saião em vão, atè virem a concordar entre si, que tomassem por advogado a hum dos Santos Apostolos, o qual seria aquelle, cujo cirio ardêdo em o altar durasse mais que os outros. Com esta resoluçãõ acenderão doze cirios iguaes, & do mesmo pezo, em que estavaõ escritos os nomes dos ditos doze Apostolos; & prostradas de joelhos,

em quanto elles ardiaõ, derreteriaõ suas almas em ferventes orações. Forãõ todos gastando, & sòmente o de S. Bertholameu durou ainda mais tẽpo. Quando virãõ o successo, ficarão muito alegres em rezaõ de que a Rainha Santa fora singular devota deste sagrado Apostolo por se aver recebido na sua Igreja em a Vila de Trancoso com ElRei seu marido D. Dinyz. Demais que o mosteiro estava edificado nos limites da parrochia, que elle tem em Coimbra, donde se guarda hũa reliquia sua. E alentadas por todas estas rezõs, cõ grãde contentamento entregãrão a saude, & a vida na sua intercessãõ.

**M**as o Senhor, q̄ nesta grãde mercê queria dar muica parte a sua Mãe clemetissima, permitio q̄ o mal fosse lavrando, & as freiras assombradas das muitas mortes, que viaõ, tratassem ja de fugirem pera casa de seus paes. Resistio em quanto pode a zelosa Abadesa, mas vencida da sua necessidade, & importunas instancias chegou á grade pera ordenar a ida pelo modo, q̄ fosse mais acertado. Neste tempo lhe appareceo hũ pobre na mesma casa da grade, que era de gracioso aspecto, como que represẽrava hũ mẽsageiro do Ceo. Cõsolou a na sua tribulaçãõ, & cõfortã

doa muito na cõfiança de Deos; Ihe disse estas palavras. Mandai rezar todos os dias no coro esta sancta devação da Virgem Senhora nossa, que vos dou escrita neste pergaminho, & logo vereis as suas misericordias. Não fez mais a Abadessa, que receber o escrito, quando o portador se escondéo de seus olhos, sem aver hũa pessoa, que ou d'antes, ou depois o visse, nẽ conhecesse. Por onde se entẽdeo, que era S. Bertholameo, Advogado do mosteiro, & seu Padre

eiro santo, o qual da parte da Emperatriz dos Anjos lhe trouxera a receita milagrosa contra os males da peste. O pergaminho se guarda entre as outras Reliquias, em Custodia de prata, com duas figuras de joelhos, feitas do mesmo metal: hũa do S. Apostolo: outra desta Abadessa. Tem pouco mais de tres dedos em largo, & meio palmo de comprido. Contem a Antifona, & a Oraçãõ seguintes, escritas de boa letra.

*Stella cœli extirpavit, quæ lactavit Dominum,  
Mortis pestem, quam plantavit primus parens ho-  
minum.*

*Ipsa Stella nunc dignetur sidera compescere,  
Quorum bella plebem cadunt diræ mortis ulcere.*

*O piissima Stella maris, a peste succurre nobis.*

*Audi nos Domina: nam Filius tuus, nihil negans,  
te honorat.*

*Salva nos Iesu, pro quibus Virgo Mater te orat.*

*Verf. Ora pro nobis sancta Dei Genitrix.*

*Resp. Ut digni efficiamur promissionibus Christi.*

*Oremus.*

*Deus misericordie, Deus pietatis, Deus indulgentie, qui misertus es super afflictionem populi tui, & dixisti Angelo percutienti populum: Contine manum tuam: ob amorem illius Stelle gloriose, cuius ubera pretiosa contra venenum nostrorum delictorum quam dulciter suxisti, presta auxi-*

lum gratia tua, ut ab omni peste, & improvisa morte secure liberemur, & à tatius perditionis incursum misericorditer salvemur. Per te, Iesu Christe Rex gloria, qui vivis, & regnas cum Deo Patre in unitate Spiritus Sancti Deus: per omnia secula seculorum. Amen.

Por consolação dos que não sabem latim, traduzimos isto tudo na nossa lingua vulgar.

A Estrela do Ceo, que criou a seu peito o Senhor, arrancou também do mundo a peste da morte, que o primeiro Pae dos homens plantou nelle. A mesma Estrela tenha agora por bem de reprimir os astros, cujas armas, & influxos ferem a gente com a chaga de hũa morte cruel. O Estrela clementissima do mar, socorrenos em a peste. Ouvinos Senhora, porque vosso santo Filho, sem vos negar cousa algũa, sempre vos honra. Iesu salvainos, por quẽ a Virgẽ vossa Mãe vos roga. Verl. Rogai por nós santa Mãe de Deos. Resp. Pera que sejamos dignos das promessas de Christo.

Oremos.

Deos de misericordia, Deos de piedade, & Deos de indulgencia, que já vos compadecestes da afflicção do vosso povo, & dissestes a o Anjo, que o feria, detem a tua mão: pelo amor daquella Estrela gloriosa, cujo precioso leite com muita suavidade bebestes contra a peçonha de nossos pecados, conceder-nos o auxilio de vossa divina graça, pera que nos livremos seguramente da peste, & da morte improvisa, & nos salvemos por vossa misericordia do en-

contro de toda a perdição. Por vós, Iesu Christo Rei da gloria, que com Deos Padre, e Espirito Santo, hum só Deos, viveis, e remais por todo o sempre dos sempre. Amen.

Sucedeo este caso milagroso primeiro que se contasse o anno de 1480, no qual elle estava tão divulgado, que nesse tempo se recolhio nesta casa a Excelente Senhora, a como deixamos escrito, pera poder escapar do incendio da peste, que ardia noutras partes. Fazê memoria delle muitos Autores gravissimos: mas Gonzaga, se notaria precedêcia dos cirios: o Jardim de Portugal, escrevendo truncada esta antifona. Nós vimos o pergaminho, & hũa informação, que se tirou em o anno de 1584, a 20 do mez de Maio, com os quaes em tudo nós conformamos. E pera que beneficio tão grande se comunique a todos, fez estampar a caridadenda nossa Ordem Serafica no Breviario Romano, depois dos nossos officios, esta mesma devação.

No ponto que a Prelada recebeu este escrito do Ceo, & o mandou cantar no coro, como o Santo lhe disse, logo a peste se donden ou al de ferro. Sarãrão as que estavam feridas, & ficando a morte na cidade fazendo carnearias, o nunqua

mais derramou o pestifero veneno pelas freiras desta casa. No anno de 1598 tornou a dar o mesmo mal na cidade cõ hũa força tão grande, que a poucos perdoava. Jazião os feridos pelos pés das oliveiras vizinhas a o mosteiro: no seu pateo morrerão muitas pessoas: porem das portas a dentro ninguém sentio a sua malignidade, senão só hũa criada, na qual Deos quiz mostrar o seu emparo. Encubria, ou ignorava o mal, & assi doente, como estava, amassou o pão das freiras: mas nem ellas comerão nelle peçonha, nem a sua bençã deu hum passo adiante.

Pelo que agradecidas o mais que lhes he possivel, reconhecem por singular Protector o Apostolo del Christo. Em dous altares na Igreja, & no coro, & noutras partes da casa se venera a sua santa Imagem. Todos os dias lhe cantão a sobredita Antifona com a sua oração. Cada mez tem hũa Missa cantada, & cada anno celebrão a sua festa com sermão, & procissão.

cap. 25.

pag. 211.

cap. 117.

Neste dia, o qual he pera ellas solennissimo, dão de jantar a quantos pobres aqui se achão presentes, em memoria d'aquelle, cuja figura tomou o glorioso Apostolo; & são tantos muitas vezes, que já passarão de quinhentos. Todas fervem nesta santa caridade, como abelhas industriolas, & puras. Hũa amassaõ o pão: outras fazem o comer. As Preladas lhes concertão as suas reçoês na porta: o Confessor, & companheiros, com os criados da casa repartem pelos hospedes. Acabado o jantar, começam logo a correr esmolas pera os prezos, fechando nesta coroa finezas de devaçõ pelo discurso do anno; que beneficios grandes não se satisfazem bem, se não são reconhecidos com iguaes demonstraçõs.

### CAPITULO XXVIII.

*Extinguem-se as Abadessas perpetuas; florece a ultima com singulares virtudes;*

*Reforma-se a casa na*

*Regular Obsér-*

*vancia.*

**H**egirão as Abadessas perpetuas até a madre D. Margarida de Castro, que foi a ultima

dellas, filha dos primeiros Côdes de Mont-Santo D. Alvaro de Castro, & D. Isabel da Cunha. Achei por diversas escrituras, que governou o mosteiro do anno 1529 até 26 de Fevereiro de 1551, & sempre o seu governo foi tão santo, como a vida tão pura, que as freiras, ainda não se esquecem de lhe chamar a *Abadessa sancta* por tradiçã do que ouviraõ a outras. A sua mesma nobreza, & grandes merecimentos lhe deraõ occasiã pera maior humildade, porque estãdo dotada de muitas prẽdas da terra, além das graças do ceo, & desconhecendo todas com hũa cegueira santa, imaginava de si ser a mais pobre mulher, que todo o mundo tinha. O seu nome na sua boca não era D. Margarida de Castro, senão *Margarida pobre*. Não cuidava, que era superior, nem ainda, que prestava pera ser serva de Deos. *Serva dos seus servos*, era o seu apelido, & somente estes titulos humildes quiz levar à sepultura, como logo se verá.

2. Governou com grande zelo, & ella foi a que pediu a hum Nuncio do Reino Executor da bula, em que o Papa Leão XI. beatificou a Rainha S. Isabel, o qual nomeou o Chantre, & Thesoureiro da mesma S. de Coimbra. Mas gemendo com o cargo, que he

caiga pezada a quem a sente, fez hũa acção illustre, encaminhada por seu humilde espirito. Avia Clemente VII limitado a triennio o governo das Abadessas perpetuas na Ordẽ de S. Clara, & Paulo III confirmou a sua bula. Os Prelados nalgũas partes achavão difficullosa a sua execucao, & não querião molestalla pelo muito, que todos a respeitavão: porém ella em si mesma desfez as difficuldades renunciando por sua livre vótade o officio, que tinha, pera se dar cumprimento à decisaõ Apostolica. E parece, que o ceo a desejava já ver neste estado de subdita, porque logo renovou os exercicios santos com admiravel fervor, entre os quaes se despedio brevemente destas pobreza da terra, confiada em lograr os thesouros incomparaveis da Gloria. Foi he dada sepultura junto a porta do coro, com pedra, que a cubria, por especial favor. Onde eu, primeiro que o Mondego a afogasse de todo, li este seu epitafio. *Aqui jaz Margarida pobre, serva dos servos de Deos. Faleceu em Abril de 1552. No anno d'antes se tinha já celebrado a primeira eleicao de Abadessa triennial em D. Joana da Sylva, a qual com a mesma devaçaõ da dita Rainha Santa impetrou copiosas indulgẽcias pera que*

no seu dia, no de S. Bertholomeu, & noutros assinalados visitar a Igreja do mosteiro. Era filha de D. Pedro de Menezes, & D. Brites Soares de Melo, primeiros Condes da Casa de Cantanhede. Foi acontecendo isto pelo discursõ do tempo, que governaraõ o mosteiro os padres Conventuales, & quando elle se ouve de reduzir a os nossos estilos da Observança, resistiraõ notavelmente as freiras não somente a os Prelados da Ordem, mas tambem a o Infante, & Cardeal D. Henrique, a quem o Papa Pio V em primeiro lugar o tinha encarregado. Defendiaõ-se dizendo, que nem avia abusos, que extinguir, nem tinhaõ necessidade de Abadessas de fora: nos quaes pontos consistia a nova reformaõ. Alegavaõ demais disto hũa concordata feita entre as duas familias, Observante, & Clausral, de que nenhuma tomasse os Mosteiros, que pertenceião a outra. E vendo já reformados todos os Claustraes do Reino, ainda forão sostenendo hum cerco desesperado, em que as poz o Infante, por tempo de nove mezes até chegar outro breve do sobredito Pontifice, datado a 14 de Julho de 1568, pelo qual revogou a concordata, mandando expressamente, q' ellas se reformasse.

Arch. de  
S. Franc. de  
Lisboa,

Com isto se entregaram, assentando por concerto, que em lugar de D. Martha da Sylva, a qual titavaõ de Abadesa, lles desse o Cardeal pera o mesmo officio: a quelle raro exemplo de perfeição, & virtudes D. Maria das Chagas, filha dos Serenissimos Duques de Bragança D. Jaime, & D. Joana de Mendoça, professa no mosteiro das Chagas na sua Vila-riçosa, veio a Serva de Deos, & com ella D. Druziana Evangelista, pera a Vigaira do cõro: Sõr Rosa da Conceição, que ferysse de Porteira: Sõr Monica de S. Agostinho, que fosse Mestre da Ordem: D. Angela, & D. Isabel (assinos de rãõ seus nomes) pera companheiras destas. A Vigaira da casa D. Cecilia de Menezes, foi trazida da Conceição de Beja. Cultivarão todas juntas por espaço de tres annos esta vinha do Senhor, com grandissimo cuidado: mas muito pouco, ou nada achãrão, que arrancar. Erão de boa casta as plantas, & só estavão viçosas, cãs qua obliuissas do superfluo, & meridas, mais sem vigor da raiz: de rãõ fructo de virtudes abundante. Com muita suavidade se fazia a reforma, porq não erãõ estranhos, posto que estes fossem novos, & os exerciçios santos Repetavãõ com tu-

do, em que não era seu credito governarem estrangeiras. Ouvindo o Cardeal suas replicas, mas mandou recolher pera os ditos mosteiros, permitindo ás naturaes desta casa, que entre si elegessem, conforme a seu estado, não somente Abadesa, mas tambem officiaes. A primeira, que entrou por Abadesa, foi D. Helena de Menezes, digna por suas grandes virtudes de ser nisto aventajada a todas. E ainda que nem ella, nem as outras depois da sua reforma usavão já destes apelidos nobres, como deixamos escrito, pode tanto em algumas qualidades do sangue, que abogou a memoria dos sobrenomes da Ordem.

CAPITULO XXIX

Das excellentes virtudes de

D. Leonor da Sylva, e de

de tribulaçãõs com que

Deos a apurou.

**S**endo muito ventu-

rosos os nossos tem-

pos ranigos em lo-

grarem portentos de sanctida-

des, com quo se acreditavãõ, tis

verãõ grande desgraca em naõ

terem relatores diligentes, que

nos deixassem escrito, qu apto

fizerãõ os Santos. E desta falta

naçõ, & quicãõ noticias d'elles

alterada com os annos não nos representão hoje, senão só huns pedaços de prodigios, ou estes despedaçados: virtudes soltas, & desmembradas das outras: nomes santos sem insignias da vida: ou successos milagrosos sem expressão de pessoas. Numa confusão tão grande mal podemos nós formar corpo inteiro, que tenha pés nem cabeça, ou ordir hũa historia, que vá toda enfiada. Pelo que crevemos tão somente d'algũas religiosas mais vizinhas a esta nossa idade, ainda que tambem dellas são as relações mui curtas.

Seja primeira D. Leonor da Sylva, que tendo seu nascimento de D. Filipe de Sousa, & de D. Filipa da Sylva, muito mais se gloriava de filha de S. Clara, que de filha destes paes, sendo elles tão illustres. Mas isto lhe ensinava o grande entendimento, de que o Ceo a dotou, em rezão do qual parecia hum oraculo, a quem sempre o convento consultava nos negocios mais graves, encomendando-lhe que escrevesse as cartas pera o Summo Pontifice, pera Reis, & Senhores deste Reino, as quaes desta officina saõ tão elegantes, que de mão em mão as comunicavaõ muitos, admirados todos de tanta erudição. Descubrio com esta tocha do Ceo as pouquidades

da terra, a que os cegos dão nome de preciosas riquezas, & abraçada com a pobreza Seráfica, tudo o mais tinha em conta de nada. Consistião seus thesouros em cilícios, & disciplinas, com que se mortificava, livrinhos devotos, que acedem o espirito, roupa pobre, que tocava a seu uso. Não tinha profanidades, nem dellas pôde usar as boas religiosas: o cofre, em que guardava estas alfaias tão santas, era só hũa arquinha sem chave. Nunca quiz receber hũa tençaõ inuito grossa, que seus parentes lhe davão, condenando sobre tudo o nome de freira rica, & pelos não ofender accionou o milreis com esta declaração, que os gastaria todos em esmolas com os pobres, & missas pelos defuntos. Foi notavel esta sua caridade, porque vendo pessoa necessitada a tal creção lhe dava. Gastou muito em ornar hũa capella da Virgem Senhora nossa, cujos gastos, por serem dous mil cruzados, parecêraõ milagrosos, não tendo mais cabedal do que as suas agencias animas lofer vinda devação, o que lhe ardia na alma, sollicitava esmolas por todos seus conhecidos, & tudo fazia facil. Foi humilde por estremo, sentindo pouco de si, & ainda muito menos em respei-

to da Majestade divina, cujas ofensas lhe pareciaõ gravissimas, como na verdade são. E o Tentador maligno encontrando com esta porta aberta (que as outras estavam todas fechadas com a chave da virtude) entrou por ella fazendo tanto estrondo, que a pode perturbar. Começou a cançalla com escrúpulos, pera ver se podia forjar nelles algũa desconfiança, & logo lhe sobreveio, permitindo isto Deos, pera seu merecimento, hum fastio enfadonho das muitas virtudes, que tinha por exercicio. A solidão lhe era triste: a companhia, penosa; a oração, sem alivio: o jejum, & penitencia, sem consolação algũa. Frequentava a confissão, & sagrada comunhão: mas nestas fontes da graça, nas quaes se bebena celestial doçura, lhe parecia a ella, que achava puro fel, porque sempre lhe creciaõ sobressaltos, de que Deos não usaria de piedade com ella, & que nem o Confessor lhe dava inteira absolvição. Andando neste trabalho deu nũa traça notável, a qual foi escrever ao Pontifice, avizallõs de suas tribulações, & pedir-lhe, que pelas Chagas de Christo lhe concedesse perdao de todos os seus peccados. Diziaõ sobressalto: *Aio Santo Padre, Vigairo de Christo na terra; & por baixo: S. Antonio: ee quid. E*

sem buscar portador, atrebata da da mesma tribulação, a lançou da janela na estrada, entregue só a o cuidado de Deos. Mas ordenou o Senhor, que fosse isto a tempo, que brevemente passou hum Conego do Real mosteiro de S. Cruz, o qual então caminhava pera a Curia Romana com alguns negocios da sua Religião. Fez levantar esta carta, & coligindo mysterio levou a consigo; entregou a a o Papa, & trouxe reposta della; tão benigna como a Serva de Deos a estava desejando.

4 Desabafada com isto, & convertidos em alegria seus enfadonhos escrúpulos, tornou a continuar com grande serenidade pelo caminho do Ceo até que, sendo o anno de 1590 foi servida a Majestade Suprema de lhe dar o seu eterno descão numa cadeira da Gloria. Pouco antes, & foi na occasião, em que lhe derão o santissimo Viatico, perguntou o Capelão do mosteiro: *Madre D. Leonor: como estamos? Aio que lhe respondeo: Muito quicada, & muito consolada: seja Deos bem ditõ, que brevemente me hã de ver deo selles.* Seguiu se logo seu transito, no qual o mesmo Senhor, com estas tres maravilhas manifestou a pureza de sua alma Angelica. A primeira resplandecõ hũa luz fermosissima, & clara,

que alijou a cela. A segunda sentiraõ todas hum cheiro traõ novo, & taõ estranho, que parecia do Ceo. A terceira: tangose per si o sino, que deu a Rainha Santa, Fundadora do mosteiro. Refere tambem o Agiologio Lusitano sua louvavel memoria, que eu lhe comuniquei pera gloria de Deos.

## CAPITULO XXX.

*Do admiravel fervor d'algũas Religiosas, hũa das quaes insigne na caridade do vio hum pobre milagroso.*

**D**As muitas Casas illustres de Portugal, a que deu sujeitos mais escolhidos a esta de S. Clara pera esposas de Christo, & singulares preladas, todos os tempos nos estaõ manifestando, q foi a de Cantanhede. Dous se devem a D. Joaõ de Menezes o II do nome, que logrou a mesma Casa: a saber sua irmaõ D. Brites, & sua filha D. Leonor de Menezes; as quaes ambas por insignes em merecimentos santos escrevemos em este nosso Catalogo da gente mais virtuosa.

2 D. Brites de Menezes caminhou com tal fervor pe-

los santos exercicios da vida contemplativa, que não avia em to do este mosteiro quem a pudesse seguir. Os dias lhe eraõ curtos, & as noites muito breves para a sua oração, & pelo discurso della, transformando em torpo os seus devotos affectos, quanto na ulma sentia de tristeza, ou de gosto, tudo isto se exergava tambem nos sinais exteriores. Meditava muitas vezes na paixão do Redentor, & neste tempo crucificada com elle tinha os braços em cruz: saltava o sangue, mas lhe jbaõ as lagrimas e enfraquecia o corpo, mas o fervor do espirito lhe melhorava as forças. Deste trato, & conversação com Deos se acedeo muito mais a devação, & cuidado de cantarem perfeitamente no coro os seus divinos louvores. Era Mestre da capela: ensinava a tanger, & a cantar; & destas occupaões, nem ainda o cuidado das sobrinhas, que tinha a sua conta, a podia desviar. Mas se ella de tudo se esquecia por Deos, tambem elle lhe mostrou especial assistencia em outras occasiões.

3 Discordaraõ numa eleição as freiras, & passadas as vinte, & quatro horas sem fazerem Abadessa, o Ministro Provincial, que a vio sem ambição, a nomeou no officio. Aceitou o constrangida da santa

obedi-

obediencia, & governando de pois por excelencia bẽm contra toda a ptesunção, que d'ella d'antes se tinha pela verem mui alhea destes tratos. (como se sô os tracistas prestãrão pera Prelados, & os Santos, que se sabem governar, não souberão encaminhar a os outros), deu esta rezão a hũa sua amiga. *Escolhi officiaes, de prudencia, & zelo: no demais, Deos he o que me ensina na sua escola da oração, como hei de proceder.* Pedia sempre a esse mesmo Senhor, que nesta vida lhe d'esse o purgatorio pera gozar mais depressa da sua visita na outra, & a juizo de todas lhe foi feita esta mercè soberana numa velhice cançada, cegueira triste, multiplicados achaques, & intensissimas dores: o que tudo padecẽo com sofrimento estranho. Dizia por muitas vezes, q̃ dia de S. João, de quem era mui devota, sairia deste seu purgatorio penoso, & ou ella profetizou a o certo, ou Deos lhe quiz fazer este gosto, em chegando esse dia tão alegre a 24 de Junho de 1590 lhe disserão simplesmente algũas religiosas: *Madre D. Brizês, hoje he o dia, em que ha de ir ver o seu Bautista.* Respondeo: *Se o recado he de Deos, eu o aceito com muito grande vontade;* & logo com admiração de todas, começou a sair pelo estreito da morte cõ indicios mui claros de que

iria tomar porto nas praias ricas, donde nos nasce o Sol, que dá luz a nossas almas.

4: Sua sobrinha, que deixamos nomeada por *D. Leonor de Menezes*, & no estylo da *Ordem Sãr Leonor do Egipco*, foi tambem espelho maravilhoso de toda a perfeição. Grande no amor de Deos, na caridade do proximo, no desprezo de si mesma. Alli o mostrãvão suas obras, todas ellas celestiaes, & heróicas. Tam singular na virtude, que merecẽo ver na terra a o Principe do Ceo, ou pelo menos hum Anjo, disfarçado em semelhança de pobre. Era Porteira, quando chegou este pobre, & magoada de o ver mui lastimoso lhe deu esmola de pão. Pedio-lhe hum pano pera atar na cabeça, & deulhe tambem hum lenço. Pedio mais hũa camiza, a o que se escuzou dizendo, que não a tinha. Com tudo o sentimento de o aver despedido sem esta consolação assi lhe foi carregãdo, que de noite no seu leito se desfazia em lagrimas. Acudio hũa Conversa às suas lamentações, & por mais que a quiz aliviar, nas rezões se augmentava a pena, no impossivel a dor, repetindo muitas vezes: *Avia eu de despedir descontente a hum pobre? E quem me disse a mi, que não seria elle o mesmo Filho de Deos? Fizerão em fim concerto, q̃ logo*

engenhassem a camiza ; & que rompendo a manhã irião ambas à porta ; & a darião a qualquer , que encontrassem. Forão tão cedo , que ainda as do pateo estavão todas fechadas , & achârão a o mesmo , que ellas ião buscar. Alegrou-se de o ver a piedosa Porteira : o pobre tambem na alegria do rosto mostrou , que a festejava , & quando quiz receber da sua mão a camiza , a o estender do braço lhe manifestou o peito , o qual estava chagado . Trespastou a esta vista , & elle se escondêo de repente , sem nunca apparecer. Por onde se entendêo , que tal pobre não era homem da terra , mas algum , que quiz honrar a caridade desta insigne mulher , figurado pelo Ceo . E afervorando ella a devação do espirito em todas as mais virtudes de prelada , & de subdita , sendo Abadessa já a 16 de Janeiro de 1597 alcançou outra mercê , que sempre pediu a Deos , a qual foi alivialla do cargo pelo tributo da morte , que lhe pagou santamente na opinião de todos.

5 Deixou porém no caminho da virtude hũa sobrinha no sangue , chamada *D. Mariana da Sylva* ; que era sua discipula na vida , & no espirito. Caminhava , ou voava nos exercicios santos com tanta ve-

locidade , que lhe ficârão atrás outras muitas ; adiantadas na perfeição Evangelica . Eraõ poucos os seus annos , porém as virtudes muitas : tão celestial a vida , que como Anjo do Ceo a estimavão na terra. Excedêo os estilos do mosteiro ; sendo elles penitentes , & devotos , tomando certas verdades , por onde poucas andavão , & mais podião servir de exemplo , que exemplo a quem não tinha valor para emprezas heroicas . Era hũa a oração prolongada por tempo de muitas horas , na qual sempre se abraçava com Deos ; elevada tanto em as suas perfeições , que parecia desatarse-lhe a alma da companhia do corpo , & quando menos , ficava esquecida dos sentidos. Dõde tambem lhe nacêo a insaciavel sede ; com a qual muitas vezes frequentava os divinos Sacramentos , fontes perennes de celestial doçura. E porque não se perdessem estas soberanas agoas lhes fez valos muito fortes de cilicios , jejuns , & notaveis penitencias. Mas forão estas tão asperas , que cansado já o corpo não podia acompanhar a valentia da alma.

6 Sobrevierão doçças com hũa fraqueza grande , que a pozerão em lastimoso estado. Não podia jejuar , & isto

lhe dava muito maior sentimento, do que os mesmos rigores quando ella os tinha por exercicio. Pelo que desconsolada fazia sempre esta oração a Deos. *Meu Senhor, daime forças, com que vos possa servir, ou me tirai deste mundo como a serva inútel.* Andando angustiada com estes requerimentos teve o melhor despacho, que podia esperar; & foi o de sua morte, da qual Deos primeiro a avizou. Chegou a festa do Espirito Santo, anno de 1614, & costumando comungar nos mesmos dias das grandes solenidades, nesta recebeu a sagrada Comunhão na manhã da sua vespera com tantas lagrimas, que ajudadas desta mesma novidade logo déraõ a todas em que cuidar. Gastou depois aquelle dia inteiro em visitar as capelas, & altares, sem nunca se apartar destes lugares sagrados, senão quando o silencio da noite a fez recolher no leito. Neste tempo lhe veio hum accidente, a que chamãõ *mortal*, & eu lhe chamo *vital* pela vida eterna, que com elle começou a possuir. Recebeo devotamente o Sacramento da santa Unção, & quando no mosteiro se tangia a primeira de matinas foi cantar outras no Ceo, como piamente

te cremos, no tanto coro das Virgens; & disto nos deu sinal o suavissimo cheiro, que o corpo despedia. Na hora do seu enterro se virãõ tambem maravilhosos successos, cõ es quaes ficou mais acreditada sua innocente vida.

## CAPITULO XXXI.

*Exemplos raros em diferentes virtudes de outras religiosas.*

**R** Esplandecêo como fermosa estrela D. Catherina de Noronha não sómente pelo sangue de seus paes Manoel de Sousa, & D. Guiomar da Sylva, mas tambem pela luz das muitas graças, que Deos lhe comunicou; & pera ser mais lustrosa a puzeraõ seus grandes merecimentos na cadeira superior de Prelada. Não foi serva ociosa, que escondesse o talento, mas com elle agenciou outros muitos, com que se enriqueceo. Teve graça especial de cantar: porém nunca usou della; senão em louvor de Deos, & nisto não descansou. Era Mestre da capella; & sustentando a seus hombroz todo o pezo do coro, assi andava sollicita no concerto do officio divino, & na perfeição

da musica, como os Anjos da Gloria. Trazia sempre presentes os favores, que avia recebido do grande Senhor do mundo, & magoadã de não ter com que os agradeceffe, a mesma alma lhe queria entregar derretida pelos olhos. Eraõ tantas suas lagrimas com esta meditação, que nem ainda nos publicos as podia estancar. Quando se vio Abadessa, & que a honra de Deos corria por sua conta, se d'antes pelo louvar se desfazia em linguas, agora porque todas o servissem se abrazava em zelo; & com isto levantou tanto de ponto a regular disciplina, que os antigos rigores tornãrão a renacer. Mereceo, que no seu tempo se abrisse o glorioso sepulchro da sua Rainha Santa, cujo corpo foi achado incorrupto, & inteiro: cujo bordão ella fez enthesourar num Sustinente de prata, que hoje se guarda entre as outras Reliquias.

2. Subio com grande valor pelos penhascos agudos do monte da penitencia, por outro nome da *Myrrha*, encostada no bordão da oração, sustentada com hum jejum de quasi todo o anno: suando gotas de sangue, ou lançando rios d'elle á força da disciplina: vestida sempre de asperissimo cilicio; & quando por

enferma não podia apertallo, o trazia a o mends estendido. Enfraquecia com a velhice o corpo, mas o fervor do espirito lhe dava novo alento. Pelo que recolhida no seu leito (assi chamão á cela, que he patente) não largava a disciplina da mão, senão quando pegava de hum Crucifixo, diante do qual soluçava, & gemia. A os suspiros, & golpes espertavão as outras religiosas, respondendo muitas vezes com hum pranto lastimoso, que a todas deixava em confusão. Depois que se vio perto do alto deste escabroso monte, onde a sua jornada avia de acabar, sentindo mais as laudades da companhia dos Anjos, a cada passo dizia estas palavras. *Quando hu de ter fim este desterro? Não me veres já com Deos? E chegando á hora de sua ditosa morte, mandou abrir a janela, dizendo com hũa voz magoadã, que parecia rasgarlhe o coração. *Dixim me ver o teo, pois estou de caminho pera elle.**

Dahi a pouco fez esta sua jornada com grande paz de espirito no anno da redenção 1618. O convento, que via tantos sinacs de santidade, com rosas, & outras flores lhe ornou por muitos dias o lugar da sepultura.

3. D. Luiza d'Almada, se

herdou o apelido de seu pae D. Lourenço d'Almada, nas perfeições da virtude foi filha de S. Clara. Quarenta, & oito annos peregrinou neste mundo, & sendo tambem suas acções peregrinas, pareceera esta penna muito barbara, se as quizer referir. Ninguem era mais inutel, nem pora menos, do que ella na sua opinião, & sobre este alicerce do abatimento proprio adornou em sua alma com as telas de riquissimas virtudes hum apozento a Deos, muito digno de Majestade tão grande. Noites, & dias estava em oração; & quantas aquellas eraõ pelo discurso do anno, tantas disciplinas se lhe podião contar: tantos jejuns, quantos dias. Era estranho o modo, cõ q se mortificava: como se fora doutra massa, & não da nossa, alhea de sentimentos. Fazia as disciplinas nos lugares mais ocultos, mas os golpes se ouvião muito longe, & os jejuns de pão, & agoa não tinhão dispensação, nem nas maiores doenças. Obrigaraõ os medicos a comer carne numa vespera de S. Bertholameu, dissimulou com prudencia por não dar algum escandalo, & depois que se vio só, lançou fora pela janela o frágão, que tinha pera jantar.

4 Tudo isto levava enca-minhado a o amor santo de

Deos, com o qual se pretendia unir, como tambẽ as partilhas da sua mesma reção, que fazia por tres pobres em louvor das tres Pelloas da Santissima Trindade, reservando quasi nada pera si. E vêdo, que se chegava o tempo de lograr claramente sua vista, não quiz em a ultima doença ouvir falar noutra cousa, senão na vida eterna, na gloria dos Anjos, na Piedade divina. Desejou acender mais o espirito com hũ descãte devoto, como fez o Prophetã Eliseu a o som do seu Salteiro; & soandõ entre outros instrumentos hũa frauta, a qual lhe representava as festas, q os pastores fizeraõ a o Minino Jesu na lapinha de Belẽm, foi tanta a alegria, que não cabia na alma. E sendo feita sobre ella a mão grande do poderoso Senhor, falou altissimamente dos mysterios do Ceo: encõmendou as cõpanheiras o amor de seu divino Esposo: despediose dellas com muitas palavras brandas, & estas forão as ultimas. *Querera e meu Jesu, que todas nós ajuntemos na Gloria.* Dito isto foi gozando que tanto desejava em 29 de Janeiro de 1631, anno primeiro de suas felicidades.

5 Duas filhas, q nãeraõ pera sãtas, dedicãrão nesta casa a o serviço de Deos Joãõ Freire de Andrada, & sua mulher D. Maria da Cunha, Senhores

4. Reg. 3  
ver. 13.

ambos de Sôa nos contornos de Aveiro. A primeira, de quem agora falamos, chamou-se na profissão *Sôr Hieronyma do Espírito Santo*: depois escolheu por nome, fundado em humildade, *Sôr Hieronyma Pecadora*: as freiras todas por suas grandes virtudes lhe chamavaõ *Sôr Hieronyma a Santa*. Sentio sempre honradamente do proximo, & quando as obras, ou as palavras eraõ raes, que ellas se condenavão, na tenção buscava algũ motivo, com o qual as desculpasse. Sò de si sentia mal, dizendo de ordinario, que nem Deos se fiaria mais della, nem suas ingraticidões outra cousa merecião. As palavras com que falava de si, erão nomes humildes, & afrontosos. *Este asrinho* (dizia pelo seu corpo) *não quer ir pera onde Deos o leva: mas eu o farci com a vara caminhar*. E logo lhe dava tantos açoutes, que as paredes do coro estiverão muitos annos salpicadas do seu sangue. Trabalhava por lhe dar todo o mau tratamento, que se contava dos Santos, & ouvindo, que S. Brizida se pingára com gotas de cera quente, muitas vezes fez o mesmo. Punha porém na balança da prudencia estes, & outros rigores temperandoos de modo, que sem rebelar a carne tivesse bastantes forças pera servir o con-

vento; & pela mesma rezaõ do meio dia até a noite lhe tirava o cilicio, que trazia o mais tempo.

6 A sua inclinação, o impulso natural, o movimento da graça: tudo isto atendia em sua devota alma hum desejo intensissimo de lograr continuada a conversação de Deos; & qual a pedra, que se vai precipitando pera descancar no centro, donde não pôde sair, se não he com violencia: assi ella pera o coro voava como cervo sequioso; & d'ahi só força grande a podia arrancar. Servindo de Provisora, se importava madrugar, & assistir na cozinha, duas horas antes gastava na oração. Húa vez, que a fizeraõ Porteira, ainda que resignada na vontade dos Prelados, dizia com muitas lágrimas: *Se eu não quero officios, não me deixaráõ estar no meu cantinho do coro com o meu Senhor?* Quando depois lhe foi dado o governo do celeiro, não podendo já levar as ausencias de Deos, como ella lhes chamava, cortada do sentimento, nem palavras tinha, com que se aliviasse. Advertio a companhia onde topava a dor, & por lhe facilitar as consolações do Ceo no descanso de Maria, lhe empenhou com certeza os seus cuidados de Martha.

Acontecia porẽm delemparar os officios, fugindo pera o corro: mas erão taes os regalos, que o Senhor lhe fazia, que isto a desculpava.

7. Muitas vezes a achãrão tão elevada na meditação da Gloria, que sòmente pelo pulso conhecião estar viva. E do modo que N. P. Serafico em rezão da doçura, que achava no santissimo nome de Jesu, lambia os beiços depois de o ter pronunciado: tambem ella não ouzava cuspir fóra, saindo da oração. Perguntarãolhe a causa, & respondẽo sinceramente. *Eu não sei o que isto he: mas he grande o gosto de quem ama a Deos.* Digão agora os motadores do mundo, que gostos tiverão nelle, que consolação achãrão? E se logrãrão algũa, não era toda fantastica, não se desfez como sombra, não parou em sentimentos? Bem pudera tellos já defenganados a sua experiencia do fastio, sobre danos, que esses gostos lhes causaõ, pera buscarem sòmente as delicias do Ceo, que gostadas fartão, fartando não enfastião as almas. A desta serva de Deos, que soube sempre gostar de tanta suavidade, nunca della se fartava: mas com a mesma doçura achava tambem a luz, que lha deu a conhecer. Alcançou nos seus arrebatamẽtos muitos segredos de De-

os, de maneira, que parecião oraculos todas as suas palavras, os conselhos na virtude ficavaõ superiores à prudencia humana. Teve com tudo cruelissimas batallias visiveis, & invisiveis com o Tentador maligno, o qual lhe representava figuras muito horreudas pretẽdendo defalojalla do campo, onde servia a Deos. Nestes combates tomava as disciplinas na mão, & com isto o vencia. Tendo pois acabado com gloriosas vitorias a carreira desta vida, num domingo fim do anno 1634. começou a possuir o eterno, & majestoso triunfo na companhia dos Anjos.

### CAPITVLO XXXII.

#### *Da vida santa de duas servas de Deos.*

**N**esta propria cidade teve o seu nascimento D. Hieronyma de Sousa, ou de S. Paulo, cujas açções regulares parecião d'aquellas freiras antigas, que em tudo imitavão sua santissima Madre. Levou hum teor de vida tão igual, & reformado não sòmente na guarda da sua Regra, mas tambem das ceremonias santas, & estilos ordinarios, que nella se conhecia o estado mais perfeito da vida re-

ligiosa.

ligiosa. Passavão annos inte-  
ros sem faltar hũa só hora no  
coro. Guardou aquelle santo  
costume, com que se tinha cria-  
do, de gastar em oração no  
mesmo coro as noites das festas  
mais principaes, & da Comu-  
nhão sagrada, as quaes vinhão  
a ser muitas pela roda de hum  
anno. Quando estava enferma,  
sempre jazia no leito como an-  
dava de dia, vestida no mesmo  
habito, com o véo, & com cor-  
dão. Se nesse tempo avia de  
comungar, & não estava total-  
mente enfraquecida de forças,  
ajoelhada em terra, com man-  
to, & outro véo, que chamão  
*d'ante o rosto*, do modo, que co-  
mungava na grade, com esta  
composição recebia a iguaria  
dos Anjos. Teve com tudo  
profundissimo segredo no ri-  
gor das penitencias, esconden-  
doas com admiravel cautela  
do perigo da vangloria, o qual  
rebuço tambem lançava nos  
sentimentos, em que fervia a  
alma no tempo da oração. Mas  
como era notoria sua rara hu-  
mildade, todas a tinhaõ por  
grande serva de Deos, vene-  
rando nella, como cousa infali-  
vel (& tal era) muito maiores  
fervores, & mais cruéis asper-  
zas, das que viaõ por seus o-  
lhos. Hũa vez ficáraõ mais cer-  
tas nisto, quando a força da dor  
lhe quebrou as cadeas do se-  
gredo. Estava considerando na

paixão do Redentor, & caído  
naquelle estreito passo; em q  
os Judeus responderão a Pila-  
tos, que não o queriaõ vivo,  
mas que soltasse Barabbas: fo-  
raõ taes os seus apertos, que  
saltou fóra do coro descom-  
posta, & gritando com angus-  
rias da alma. *Huns atrevidos, &  
descortezes, que antes quizerão o ho-  
micida, revólto, que o Filho de Deos  
Ayor da vida.* E ficou tão des-  
maiada, que nos braços a foraõ  
lançat no leito, onde tambem  
lhe leváraõ a imagem de hum  
Menino Jesu, pera que com el-  
le se consolasse.

2. Foi cevando a devaçãõ  
do espirito na liçãõ da sagrada  
Escritura, & d'outros livros de-  
votos, em os quaes descubrio  
tantas noticias, que explicava  
com estila levantado qualquer  
dos Evangelistas. E quanto ma-  
is alcançou nestes estudos cõ-  
tinuos do santo amor de Deos,  
maior afeição tomou. a Con-  
versão de S. Paulo, cuja festa  
fazia todos os annos, occupan-  
do nisso os Prégadores de fa-  
ma. Entregáraõlhe o cargo de  
Abadessa, & foi insigne Prela-  
da, que soube eternizar o seu  
nome com a liga de virtudes  
mui distantes. Era humilde, &  
grave: zelosa, & aprazivel: vi-  
gilante no temporal do mõi-  
teiro, & por estremo sollicita  
dos bens espirituacs, que toca-  
vaõ a o serviço de Deos, a o

Math. 27.  
veit. 21.

qual encaminhou, & a seus santos louvores, aquella notavel obra de levantar o coro sobre abobadas. Satisfeita a Magestade divina de tantos merecimentos tratou de lhe dar o premio por meio de hũa doença, da qual ella brevemente entẽdeõ, que lhe tirava a vida. Pello que se preparou com grandissimo fervor, recebẽo os Sacramentos, rogou á Virgem Maria, & a todos os mais Santos, a quem tinha devaçãõ, que prosperassem seu caminho da terra pera o Ceo; & estando desta sorte, posta nas mãos do Senhor, se achou preza na lingua, & privada dos sentidos. Organizava porẽm hum maravilhoso som, que a o longe pareciaõ rancos tristes, a o perto eraõ vozes, ainda que mal distintas; & conheceose por ellas, que rezava muitas devações, & Salmos, protestando com o Symbolo de S. Athanasio os mysterios da Fé. Chegou a dizer aquelle devoto verso *In manus tuas commendo spiritum meum;* & neste passo entregou sua alma a o Senhor, cuja era, na manhã da santa Resurreiçãõ, oito dias de Abril de 1635 annos.

5 Psalm. 50.  
vers. 6.

6 cap. 31.

3 Chamouse a outra filha de Joã Freire d'Andrada *sõr Serafina da Gloria*, & tendo as qualidades da vida Celestial, & Serafica, com ellas desempen-

nhou as obrigações do nome. Era forte o amor, com que amava a Deos, por cujo respeito degolou os appetites no altar da penitencia, tomando por seus ministros nesta mantança sagrada muitos jejuns, asperezas, & cilicios. E porque não passasse a regalo o que era só remedio da sua neccissidade, destemperava com agoa esse ponco, que comia pera sustentar a vida. Não podia apartarse d'aquelles lugares santos, como eraõ o capitulo, & coro, que são mais acomodados à conversaçãõ das almas com este grande Senhor, pelo que ou numa parte, ou noutra estava em oraçãõ todo o tempo, que tinha defocado; & quando por seus achaques não podia decer a o refeitorio, à porta do mesmo coro lhe traziaõ o comer. Daqui lhe nacẽo o nome de *Freira do coro*, pelo qual a nomeavaõ, em rezaõ da sua habitaçãõ, & perpetua morada em esta casa de Deos. Venerava com devaçãõ ardentissima os sobetanos mysterios, que por sua piedade tinha obrado na terra, começando pelo Nascimento santo, & acabando pelos estremos da Morte. Nos dias do Nascimento, depois de ter ensaiado as mininas do mosteiro, entrava com ellas nõ coro, cu numa dança bailhando, cantando, & festejando a o

Minino, Jesu, com tanta simplicidade, por não dizer santidade, que as demais religiosas se derretião em lagrimas. No tempo, q a Igreja celebra sua Paixão, estava sempre no coro diante de hum Crucifixo, como columna immovel, atravessada na alma com a espada da dor, & pera fazer continuo este sentimento grande se encarregou de ornar o seu altar todos os dias do anno: Quiz tambem imprimir nos corações do convento o mesmo santo amor, pera o que instituiu a procição dos Passos, que ella sempre corria antes da luz da manhã, por não serem sabidas as suas lagrimas, nem patentes seus soluços.

4 Desfazia se em zelo de se empregarem todas no serviço deste Senhor amantissimo, buscando os modos, & traças mais a proposito, com que lhes persuadisse raõ boa correspondencia. As Religiosas moças, entretinhaas com as medidas dos Passos; ou alguns exercicios honestos: às mininas convidava com os brincos, & regalos d'aquella sua idade, pera as ter mais quietas quando faltava com ellas em o Minino Jesu: às criadas finalmente propunha exemplos santos, ou lia livros devotos; & se estava impedida, entregava este cuidado a outra. Estranhava o

mais pequeno defeito, & neste particular tinha notavel trabalho, porque o zelo lhe acendia a colera, a humildade lhe fazia repugnancia; & assi competando as reprehensões tom doçura dizia estas palavras: *Ami não me parece bem isto, porque sou muito má, & peçonhenta.* Aborrecia por extremo o demonio pelo odio, que elle tem á virtude: chamavalhe com desprezo o *Tinhoso*, porque o via retratado sem cabelos; & tinha raõ grande raiva de o ver em o altar, ainda que sopeado do Apostolo S. Bertholameus, que muitas vezes o cubria com hũ pano. Acontecêo contendetem hũas freixas, & ella imputando lhe a culpa trouxe hum cutello, & cortoulhe o focinho. Quando lhe forão á mão, respondeu muito irada: *Pois o Tinhoso avia de estar no altar, se elle nos inquieta.*

5 Tudo era fervor sempre no santo amor de Deos, & decendo delle á caridade do proximo repartia pelos pobres quanto podia aver sem peidoar á reção: Hum dia, em que não teve que dar, de ullhes o seu cobertor do leito, & por que llo estranháão, respondeu (como tambem respondia em outras occasiões): *Não está mais em minha mão.* Era fãmia, que Deos lhe comunicava os segredos escondidos, como se

vé por este caso seguinte. Estando o mosteiro apertado de hũa tribulação, pela qual vinha já em hum concerto, que não lhe ficava bem, ouvio a resolução, que se queria tomar: recolheose a o leito, fez oração; & tornou, dizendo com muita pressa. *Madre Abadessa, não faça tal, porque o nosso remedio já vem por caminho.* Suspendeose o concerto, & brevemente se vio o que ella tinha dito. Assi foi encadeando muitas, & grandes virtudes numa dilatada vida, a qual lhe era molesta em quanto lhe retardava o perduravel descanso, que esperava na outra. Muitas vezes de joelhos, & com as mãos levantadas importunava as freiras, que pedissem a Deos a levasse pera si, dando aquella sua ordinaria rezão; *Porque sou serua inuecl, peccadora, muito má, & peçonhenta.*

6 Neste tempo gostava de visitar hũa mulher do serviço do mosteiro, chamada *Marta Velha* tão innocente na vida, q só por esse respeito lhe derão a profissão noutra doença, que se julgou por mortal, & entreuada agora caminhava a passo cheo pera as portas da Glorria. Falavão ambas nos bens, que lá possuem os Santos: suspirava por elles a madre *Serafina* não podia já aturar tanta ausencia: pelo que ven-

cida deste desejo lhe rogou cônuitas lagrimas, que se chegasse primeiro, tratasse tambem com Deos o tẽpo da sua ida. Prometeolhe a enferma, que o faria assi; & na hora da morte, a qual foi mysteriosa, lhe apertou muito a mão em sinal desta lembrança. Dahi a 6, ou 7 dias lhe inviou o despacho por hũa enfermidade, da qual a *Serva* de Deos no mez de Novembro de 1637, foi celebrar com o mesmo seu Esposo na Corte celestial os eternos esporios. O Confessor do mosteiro, a quem ella avia comunicado o interior da alma, deu notavel testemunho de suas raras virtudes, justificado com lagrimas.

### CAPITULO XXXIII.

*Da santa opinião, que deixou da sua vida, & morte a madre *Ser Helena* da Cruz.*

**M**uito talento tem da do a quem professa a virtude, nestes derradeiros tempos, o felicissimo trãsito desta *Serva* do Senhor; porque na hora da morte acabamos de vencer o estipendio certo de toda a nossa vida, & pera termos a dita, que ella na

sua reve, grandemente nos importaõ os santos merecimentos. Ella mesma, ajudada da graça celestial, começou desde minina a fazer esta ventura, occupandose em minimisses devoras, como era entre outras mãdat pintar muitas vezes a Imagem de S. João Evangelista, cuja santidade grande naquelles primeiros annos, que ainda não sofriaõ emulações, nem contendas, lhe cativou de todo a devação. Gastava nestas pinturas alguns vintéis, que seu pae D. Alvaro da Costa lhe dava de ordinario pera outros passatempos, mas muito proprios da sua tenra idade. A os quinze annos della veio receber o habito das mãos de D. Joana de Mendoça Abadessa, & sua tia no sangue, a qual com santa doutrina foi regando as odoríferas flores, que lhe naciaõ na alma. Deixou logo o apelido do mundo, que era *D. Helena da Sylva*, pelo nome de *sor Helena da Cruz*, em testemunho da sua resolução de viver crucificada com Christo, mortificada no corpo, abraçada no espirito. Foraõ taes seus fervores em todas as asperezas, em particular no rigor da disciplina, que a Prelada moderando os excessos, a castigava por isso com penitencias publicas. Exercitou o jejum, a que chamão *do trespasso*, & con-

siste em não comer cousa alguma da Quinta feira da Cea até o dia de Paschoa, depois de nelle se recebet a sagrada Comunhaõ: mas como as forças não abrangiaõ a tanto, hũa vez, que tinha já comungado, lhe deu taõ grande fraqueza, que do coro a tiráraõ desmaiada em os braços.

2 Não se fiando porém da sua vontade propria, que nestes casos tem muito de suspeitosa, & erra a cada passo em o caminho do Ceo, tomou por guia com grande contentamento a direcção das Preladas; & mandandolhe em rezaõ de seus achaques, que se deitasse no leito em certa hora à noite, ainda que o fervor do espirito lhe fazia repugnancia, andava muito solícita espreitando o telogio pera dar infalivel cõprimeto à santa obediencia. Logo depois de professa foi occupada nos officios da casa, em cuja execção por hũa parte as lagrimas desoubriaõ a aduersaõ, que lhes tinha; por outra os seus desvelos, & muita fidelidade davaõ testemunho claro do desejo de servir perfeitamente à sua comunidade. Sempre se chegou à conversação, & trato d'aquellas religiosas, que pareciaõ melhores, tomando dellas os saudaveis exemplos, que mais lhe facilitavaõ o seguimento de Christo,

pera

pera o qual se dispoz não só tirando de si o que julgou por superfluo, mas tambem aliviando a alma numa confissão gèral. Deste modo se entregou totalmente a seu divino Esposo, cujo amor lhe acendia o zelo de o ver louvado com perfeição, como ella da sua parte fazia, atenta sempre a estes santos louvores. Ouve anno, contado dia por dia, no qual não perdéo hora do coro.

3 Gozava na oração de hũa notavel paz, acompanhada de lagrimas, & com isto foi abrindo as portas de sua alma a muitas noticias, & celestiaes favores, que Deos lhe comunicou. Hũas vezes sentia tão grande fogo do seu divino amor, que pera desabafar alargava os vestidos, & cordão. Outras vezes a banhava tanta doçura do Ceo, que não podia tirar, nem por brevissimo tempo a boca daquella fonte perenne de grandes suavidades. Foraõ crescendo as suas consolações, & sollicitando nella mais abrazados desejos de lograr estes soberanos mimos, a maior parte das noites, & muitas horas do dia estava em oração. Fazia isto em subdita, & depois de Abadessa, sem faltar hum ponto a seu officio, nem perder o seu repouzo da santa contemplação; que pera tudo terãõ os Prelados tem-

po, se o souberem gastar. Era devorissima do divino Sacramento do altar, & costumava dizer, que no Ceo lhe faria faudades, se là não visse patenre o mesmo Christo, que na terra comügava embuçado.

4 A devação do S. Evangelista lhe levava os cuidados, o preço do seu trabalho, a tença, & as propinas. Fazia teas de linho muito delgado, que ella mesma fiava, & tudo isto gastava em celebrar sua festa, & ornar o seu altar. Eraõ os gastos tão grandes, que parecião milagres, & a quem se espantava dizia com muita graça: *Tudo me dà S. Ião*. Mas tambem grangeava pera si assinalados favores, como se vé pelo successo seguinte. Tinha ido numa armada Real à restauração de Pernambuco, que Olandezes nos avião occupado, João Rodrigues de Vasçócelos, & Sousa, Conde de Castel-melhor, & derrotandose com hũa tormenta grande, aportou em Cattagena nas Indias do Occidente. Neste tempo se soube là a resolução famosa de Portugal em ter aclamado a El Rei D. João o IV de gloriosa memoria; & conhecido dos Castelhanos o valeroso amor, que mostrava ter á patria; foi posto em apertada prizão. Chegãõ cá estas novas, que magoavãõ a muitos: pelo que

da sua parte, foi pedido a esta Serva de Deos se lembrasse delle em as suas orações. E fazendo ella logo hũa novena a o Santo por esta mesma tenção, hum dia, que saio de comungar, disse com muita certeza. *O Conde ha de ser livre, & ha de vir a Portugal.* Notando de pois o dia, achou-se, que fora aquelle mesmo, no qual fugio da prizão.

5 Exercitou com admiravel valor os encargos do officio no posto de Abadesa, encaminhando como Luz, apertando como Sal, defendendo a observancia santa, & fazenda do mosteiro como illustre Cidade. E não lhe custou tão pouco nalgũas occasiões este invincivel zelo, que não fosse apurado na forja da paciencia. Sofréo muitas ingratições, & agravos, ainda de seculares, & dizia christamente, que mais sentimento tinha de aproveitar tão pouco o seu trabalho, que de se ver ofendida. Quando saio do officio não acabava de reñder graças a Deos pelo descanço devoto, que tornava a lograr. Continuou com muito maior desvelo seus exercicios santos: mas o Senhor, que se dáva por contente de sua boa vontade, dentro em seis mezes a tresludou deste mundo pera outra melhor vida. No ponto, que

lhe constou de se vir chegando a sua hora, eraõ tantos os suspiros, com que chamava a morte, que os corações mais frios se sentiã abrazados em faldas do Ceo. Recebeo os Sacramentos com alegria notavel, & quando vio a Christo Sacramento, que queria repouzar em sua alma, advertida por ventura do que se diz nòs Cantares, levantou a voz em santas exclamações, & hũa dellas foi esta. *Como vindes alegre, & sermiso, meu Senhor! Como vindes cheo de orvalho, & fresca! Nunca eu vos vi tão bello, como vos vejo agora.* Chegou a vespera do seu santo Nascimento, & elevandose toda na contemplação deste sagrado mysterio, estava contando os passos à Virgem Senhora nossa, & a seu Esposo o santissimo Joseph. *Agora (dizia ella) vem entrando por Belém. Lá buscão quem os recolha. Mas ai, que ninguém os agasalha! Eislos vão andando pera hum pobre presepio.* Era tal o afineo das palavras, que mostrava estar vendo, com os olhos quanto sentia na alma.

6 Vinhão as religiosas pedir-lhe a sua benção, & que ro-gasse diante de Deos por ellas, as quaes todas recebia cõ tão amor, & graça como se estivera de caminlio pera hũas festas grandes. Exhortou-as a servirê fielmente a o divino Esposo,

6 Cant. 5.  
vers. 2.

cujo amor occupava neste tempo todo o seu coração. E tẽdo já governado a festa seguinte do santo Evangelista, disse tambem; que nenhum impedimento faria a sua morte a algũa d'aquellas solenidades. Depois de a ver perto de si, pediu que a ajudassem a rezar, começando ella sempre as orações, & antifonas, á que tinha devação. Dizia algũas vezes: *Parrem agora, que me quero recolher com o meu Deus*; & descansando hum pouco cõ grande suavidade da alma, tornava a proseguir o que tinha começado. Neste tempo a avia consolado cõ sua vista alegre o Amado Discipulo de Christo, & dizendolhe em os maiores apertos hũa das religiosas, que mais a comunicava: *Que faz agora S. João?* Respondẽo, como posta em excessõ: *lá não tem aqui lugar, por quanto a minha alma està unida, & abraçada com Deus*. Passou isto em a manhã do Natal fim do anno 1652, & primeiro que entrassem na Missa conventual; nem se perturbasse a sua solennidade, como ella tinha dito; acudio a comunidade toda pera se achar presente a seu glorioso transito. Estava com o rosto encostado numa mão, & os olhos pregados num Crucifixo, da maneira, que se pinta a Santa Madalena, arrebatada em

extase; & desta quietação passou a gozar das delicias do Ceo. Ficeu o seu rosto tão fermoso, que se por não quebrantar o estilo ordinario lho eubrião com hum véo, a pezar de quẽ o queria ver quando foi á sepultura. Escrevẽo a nossos røgos sua vida a madre Sõr Eugenia dos Reis, que a converfou alguns sinquõenta annos, & nos ajudou nas Relações desta casa, cuja memoria já demõs; & vivirá pera sempre, como vive a fama dos que servirão a Deos.

## CAPITVLO XXXIV.

*Reedifica noutra parte o mosteiro a Magestade Real, & nelle se lança a sua primeira pedra com lustroso aparato.*

**D**Escaõ no material da casa este santo domicilio naquelle triste, & lastimoso estado, q de clarej noutra parte, sendo fonte da sua desgraça toda as enchentes do Mondego; q depois de assolarem outros grandes edificios nos afogão tambem este, & o entulhão de modo, que se fez já incapaz de habitação religiosa. Constou disto à Magestade Catholica del Rei

D. João IV, o qual por sua grandeza, & insigne piedade, desejando juntamente a maior veneração da Rainha S. Isabel sua decima Avò, que jaz aqui sepultada, ordenou que se mudasse a casa pera sitio melhor. Escolheuse por muito conveniente o de N. Senhora da Esperança, junto da sua ermida, da mesma banda do rio, & defronte da cidade, que fica da outra parte, quasi em dereitura deste mosteiro antigo, mas distante por hum tiro de mosquete. Fundado neste lugar, fica livre da soberba do sobredito Mondego, mais lustroso, & aprazivel à vista, gozando tambem de ares mais salutiferos: o que basta, sem salarmos em outras comodidades, pera ser desejada a mudança, que começou a dispor (naõ lhe consentio a morte podella executar) numa admiravel fabrica. Encarregou o seu primeiro cuidado a o Conde de Cantanhede, hoje Marquez de Marialva, D. Antonio Luiz de Menezes, digno em rezão do zelo de que lho encomendasse: a planta do edificio, a o Engenheiro mór do Reino, Fr. João Turriano da Ordem Benedictina: o lançamento da pedra fundamental, a Manoel de Saldanha Reitor da Universidade,

Bispo eleito de Viseu, & depois de Coimbra, que o fez com solennissima pompa, por sua grande prudência, como agora se segue.

2. Sesta feira pela manhã, dous dias do mez de Julho de 1649 foila o nosso convento de São Francisco da Ponte, do qual levou consigo o Presidente *in capite* (por não aver Guardiaõ) Fr. Antonio do Sepulchro, Leitor de Theologia, com os Discretos da Casa, & Mestres das obras; & subindo a o monte designarão o lugar, em que a dita primeira pedra avia de ser lançada. Na mesma occasiã levantou a nossa Comunidade hũa Cruz alta de pao, onde depois ha de ser o altar mór. No dia seguinte, vespera da Rainha Santa, veio o mesmo Reitor dizer Missa na Igreja deste mosteiro antigo, que estava mui ricamente armada, em a qual lhe assistio de hũa parte o sobredito Presidente, & da outra Fr. Alexandre de Jesu, Leitor tambem da Santa Theologia. Foi Diacono o Doutor Fr. Filipe de Abreu, Eremita Agostinho, & Lente de prima da Sagrada Escritura: Subdiacono o Doutor F. Luiz Poinfote, Cathedratico de Scoto, & Reitor do seu collegio da Ordẽ da Santissima Trindade; dous frades do nosso convêro lhe servirão

de Acblytos, & quatro de Ceterofetarios: A agoa às mãos lhe deu D. Luiz d'Almada, fidalgo bem conhecido: a toalha; o Doutor Luiz Gomes de Loureiro, Conservador da mesma Universidade. Cantarão as Madres esta Missa a tres coros por excellência bem; & prégou o Reitor do collegio da Companhia de Jesu, por nome Bento de Sequeira, fundando com muita propriedade neste thema o sermão. *Adducentur Regi Virginis post eam, proxima ejus afferentur tibi. Afferentur in leticia, & exultatione: adducentur in templum Regis. E nisto nos quiz dizer, que as donzelas illustres, oferecidas nesta casa a o serviço de Deos, haõ de ser tratadas com festas, & alegria das almas, em companhia da sua Rainha Santa Isabel, pera o templo, & mosteiro, que lhes fazia a Magestade Real.*

3. No mesmo dia á tarde saõ do Mosteiro de S. Cruz hũa procissão gravissima a o som de atabalés, charamelas, & trombetas, & de repiques de sinos, com todas as danças, folias, & folgares, de que a Cidade usa nas procissões mais solennes. Atráz dellas se seguião os irmãos da dita Rainha Santa com seu guião arvorado: logo os frades Terceiros do collegio de S. Pedro: depois os nossos de S. Francisco, & junto

delles os Doutores, representando as Escolas em forma de Prestiro, com borlas, & com capelos. Mais atráz acompanhava o palio grande numero dos sobreditos irmãos, todos com tochas acêsas: seis Doutores levavão as suas varas: & ia debaixo delle o Doutor Fr. Manoel d'Ascensão Abade do Collegio de S. Bento, vestido em roupas pontificaes, com o bordão da benditissima Rainha levantado em as mãos. Fechavão a procissão o illustrissimo Reitor cõ os Ministros da sua Universidade, a saber Conservador, Mestre de ceremonias, Secretario, & Bedéis: tambem o Juiz de sora, & Vereadores da Cidade em corpo de Camarã: todos com suas insignias. A estes se ajuntou hũ concurso innumeravel de gente, contando religiosos, estudantes, moradores, & naturaes de Coimbra, que cõ a sua presença derão muita fermosura a esta solennidade.

4. Chegãõ todos a o monte da Esperança, ou de nossas esperanças, porque nelle se avia já salvado a casa de S. Francisco, & se salvarã agora a da Virgẽ S. Clara. Tinha o Mestre da obra estendido huns cordeis sobre estacas, com os quaes se designava o corpo do edificio, em especial as partes mais principaes, como he o antecoro, o coro, & a Igreja,

6 P fol. 44.  
ves. 15. & 16

fp. 1. 1. c.  
32. & 33.

em cujo ambito se achou preparado hum altar, onde o dito Abade começou o officio da benção no meio das duas cruces, que estavão levantadas: á mão direita, a nossa de S. Francisco: á esquerda, a do collegio de S. Pedro. Daqui se foraõ pera o cunhal do coro, que responde a o rio, no qual se tinha cavado menos ainda de vara, até topar em rocha viva; & assentado o leito desta venturosa pedra (que não he muito estranha a ventura num cepo, &

numa pedra) lançou nelle o Reitor liñas moedas de ouro, & de prata em nome da Magestade Real: O Juiz, que se chamava *Domingos Antunes Portugal*, deitou outras dos sobre ditos metaes, com algũas de cobre de diferente valor pela parte da Cidade, & da Camara. Pegãrãõ logo da pedra em nome de Deos, & d'ElRei o Reitor, & o Abade, & ambos juntos a lançãrãõ coin o leiteiro pera cima, que tinha estas palavras.

Ioannes IV. D. G. Portug. Rex ad honorem Domini, ac Deiparæ gloriosissimæ, suæ que Progenitricis Sanctæ Elisabethæ Regine obsequium, principeni hunc lapidem in rediuyi B. Claræ cœnobij fundamentum nomine suo per Rectorem Academicæ jaci feliciter imperavit. Sab. 3. Julij 1649.

O sentido dellas he, que D. João o IV. pela graça de Deos Rei de Portugal mandou lançar em seu nome pelo Reitor da Universidade esta pedra primeira, & principal, no novo mosteiro de S. Clara, no qual elle quer resuscitar o antigo, á honra do mesmo Deos, & de sua Mãe gloriosissimas, em obsequio tambẽ da Rainha S. Isabel, sua progenitora, & ascendente. Sábado a os tres dias de Julho de 1649. Pelo que seria erro de

penna o q ja se escreveo: a saber, q isto foi em Agosto. O reverẽdo Abade continuou cõ a benção da Igreja, & do coro, & por aqui se deu fim a esta festa. O principio das obras foi por um dormitório notavel, que contém oitenta e duas, quartaenta por cada banda, com tres janellas maiores pera luz do corredor, & escadas pera outro dormitório das fervetes, q fica

por baixo deste. Mas preparouse o sitio por tão excellente traça, que podêdo cançar muito o seu grande comprimento, ficará aliviado na igualdade continua sem subir, & sem descer, com que se ha de entrar no antecoro, & coro, ou sair às oficinas, & casas, que se tração pelo lado da Igreja pera a parte do monte, deixando desassombrada a claridade das cellas. Corre esta grande machina

com todos os edificios, que por detrás da sobredita Igreja se determinão fazer, quasi de Norte a Sul a vista sempre da Cidade, que nella se reverá contemplando outra fermosura nova, a qual realce a sua Quem lograr acabado o mosteiro, o poderá descrever; que

eu em referir o passado satisfaço por agora com a minha obrigação.

Summario do Real Convento de S. Francisco de Beja

CAPITULO XXXV.

*Referimos algumas cousas notaveis desta sua fundação até a reformação, e comham mitagre, que nelle fez S.*

*Luiz.*

1286

**N**O mesmo anno de Christo 1286, que S. Clara de Coimbra teve a primeira pedra, a qual nos lançou tão longe, que viemos a cair nos alicerces do outro mosteiro novo: nesse anno, alguns mezes adiante se começou a tratar da fundação do Convento de S. Francisco de Beja, Avia logo, no

governo dos Romanos hũa insignie fortuna esta celebre Cidade, por quanto era chamada *Pax Augusta*, ou *Pax Julia*: era hũa d'aquellas sinquo Colonias, & o segundo Convento Juridico, ou Relação de despacho, que tinha a Lusitania; & finalmete gozou cadeira Episcopal, que depois se mudou a Badajoz. De tudo isto a privou por hũa parte o tempo, & por outra a barbaria dos Mouros, quando elles tyranizarão Hespanha, cortompendo le tal modo o seu nome, que sendo elle primeiro *Pax*, ou *Pace*, em a nossa lingua *Pax*, agora se chama *Beja*. E pôde ser que os moradores della, lembrados destas mudanças, por sua cõsolação chamassem pera

a Refend. L. 4. de anti-quit. Monarch. Lusit. p. 3. l. 10. c. 42. Agiol. Lusit. tom. 1. Jan. 9. L. a. no com.

vizinhos, como logo mostrate-  
mos, os frades de nossa Ordẽ,  
cujo Patriarcha santo foi An-  
jo da paz, inuiado pelo Ceo,  
& grãde desprezador das dig-  
nidades da terra. Quatro casas  
da sua santa Familia tem hoje  
esta cidade: duas de frades, &  
duas de freiras. Hũa das pri-  
meiras duas, da Prouincia da  
Piedade: todas as outras forão  
no tempo antigo da nossa de  
Portugal, & agora pertencem à  
do Algarve.

2. Querendo pois, que S.  
Francisco, logrãse este Con-  
vento, Lopo Esteves, Alcaide:  
Diogo Fernandes Esteves, &  
Vasco Martins Vereadores, q̃  
então se chamavão *Abrazis*, &  
todo o mais Concelho, nos cõ-  
vidarão com elle em virtude  
de hũa Escritura publica, feita  
a 10 de Novembro do anno  
assuma dito. E se o padre Gõ-  
zaga tivera della noticia, me-  
lhor se determinãta no tempo  
da fundação, do qual o Padre  
Fr. Lucas não vai muito des-  
viado em quanto ao escreveo  
pelos annos de 1190. Erão  
tantos os desejos de nos re-  
tem consigo neste seu povo,  
que na mesma Escritura, pera  
mais nos obrigãtem, pozerão  
por condição em figura de cõ-  
trato, que nunca recolherião  
a outros religiosos. Mas nem  
nós procurãmos essa clãsula,  
nem ella será superflua nalguns

casos, em que a Sã Apostolica  
prohibio fundações novas, q̃  
fãção mal às antigas. Esta nos-  
sa se fez junto da cidade em  
lugar acomodado pera assistir-  
mos bem a o serviço das al-  
mas. Escreve o sobredito Gon-  
zaga, a quem segue o Memori-  
al manuscripto da Prouincia  
do Algarve, que El Rei D. Di-  
nyz nos fez esmola do canipo,  
em que está o convento. Isto  
porẽm não concordã, como já  
ponderou o Anhalista, com a  
Relação da vida do Padre S.  
Antonio, nem tambem com as  
Chronicas gẽraes da nossa Re-  
ligião, as quaes a outro devo-  
to, cujo nome se verá no capi-  
tulo seguinte, reconhecem esta  
dadiva, & por serem tão an-  
tigas se presume, que lhes con-  
firon da verdade. Outras metes  
muy notaveis recebemos nesta  
casa de sua Real grandeza, que  
pozerão em bom estado a fa-  
brica: mas concorrendo com  
elle, quanto lhes era possivel,  
os vizinhos da cidade, ainda  
no anno 1348, em o qual hum  
Arcebispo de Compostela en-  
comendou a os Fieis esta obra,  
estava por acabar o convento,  
que na verdade he grande. So-  
bre a porta da Igreja aparece  
huma pedra a Esfera d' El Rei  
D. Manoel, a qual mostra co-  
mo elle marcou por o seu este  
templo, a o menos quando foi  
Duque de Beja.

Clemens.  
8. bul. 19. a.  
pud Rodrig.

cit. a. 25.

o p. 1. pre-  
ud. I.

pag. 1009.

d Tom. 2.  
Eod. an. n.  
25.

q̃m tãto  
q̃m tãto  
q̃m tãto



annos, os quaes multiplicando as casas, alterarão o governo. Fundouse primeiramente na sujeição do Custodio de Lisboa, & sendo instituido o de Evora, esteve à sua obediencia não só quando a Provincia de Sant-lago chegava este Reino, mas tambem depois de se levantar a nossa chamada de Portugal, por todo o seu distrito. Correndo assi os tempos, & apartandose dos Claústraes os Observantes, ainda ficou com elles: de modo, que quando nós lhes tomámos o outro de S. Francisco de Evora, neste assentaram logo a cabeça da Custodia, que lá tinhão, a qual chamarão de Beja. Consta isto de hũa composição entre D. Caterina Abadessa de S. Clara de Elvas, & duas irmãs, que avião dotado esse mosteiro, feita a os 13 de Novembro de 1534, em que se achou presente Fr. Francisco do Porto, Provincial dos Claústraes, & o Custodio de Beja, por nome Fr. Gil de Lemos. Foi finalmente tomado pela nossa Observancia em virtude de hũa breve, que no anno de 1542 expedio Paulo III, & posto que elle o revogou, & Fr. João Ceiceiro, Provincial dos sobreditos Claústraes, procurava restituillo a si, nunca isso alcançou. Estava já levantada nestas partes a Provincia do

Algarve, & assicq recolheo na sua obediencia

## CAPITULO XXXVI.

Dão saúde milagrosa com sua santa presença S. Francisco,

& S. Antonia a hũq. homem

devoto deste convento, o

qual estava em

fermo.

**D**E quanto merecimen-

to fosse diante de

Deos a fúdação des-

ta casa deu valente testemunho

a soberana mercê, que por cõ-

ta della fez o mesmo Deos a

hũm d'aquelles devotos, que

mais a favorecerão. Todos ti-

verão seu premio: mas este o

levou aventajado conforme a

o excessõ da devogaõ, que mo-

strou, solicitandohe nosso fan-

tissimo Padre, se pobre, agra-

decido, os ganhos da caridade

christã em a meza do despachõ

da Magestade divina. Pro-

poz nella mui semellantes re-

zões; às que disserão a Christo

os seus sagrados Apostolos,

pera que desse saúde a hũ ser-

vo de certo Centuriaõ; a sa-

ber, que era amigo da sua gen-

te, pera a qual edificara Igreja;

& alcançou neste caso, o que

que elles no outro preten-

diaõ.

Arch. do  
mesmo mo  
steiro.

Luc. 7.  
vers. 5.

Vida de S.  
Anton. m. s.  
Chr. antig.  
Fr. Luc. an.  
1290. 2. 25.

2 Avia pois nesta cidade de Beja hum homem, que se chamou *Pero Pires*, muito rico, & poderoso na terra, mas era tambem prudente em gastar como devia, pelas regras da virtude, os grandes thesouros, que recebeta do Ceo. Tomou tanta devaçaõ à nossa Ordem Seráfica, que nos deu o campo, em que se fez o convento, com muito largas esmolas, que ajudaraõ a obra. E indo continuando nesta grande caridade adoeceõ de maneira, que chegou até as portas da morte: recebeu os Sacramentos, pediu o habito santo de nossa Religião, o qual tinha sobre si, pera depois ser enterrado com elle; & vigiavaõno sempre quatro frades do convento, com outras muitas pessoas de sua obrigação, que querião assistir-lhe em a hora de seu transito.

3 Neste tempo, & em presença de todos forão vistos de repente mais dous frades à roda da sua cama: hum destes à mão direita, o outro à mão esquerda. Perguntoulhe o primeiro, se elle os conhecia: a o que lhe respondeo: *Bem vejo, que vós sois frades Menores: com tudo não vos conheço pelas pessoas, nem ainda pelos nomes.* Então lhe disse

o frade: *Péis saberás, como eu sou S. Francisco, & este meu companheiro he S. Antonio; & por quanto tu eras nosso devoto, & agora ajudaste os meus frades a fazer o seu convento, Deus nos manda, que venhamos consolar-te na tua enfermidade. Pelo que da sua parte te outorgamos saude, & da nossa te rendemos muitas graças do grande amor, que tens à minha Religião.* O enfermo, que faltava de prazer, rogou que lhe benzesse o habito, que tinha sobre a cama; & dada a sua benção, logo os Santos desapareceraõ ambos. Ficando elle assi, confirmado na saude, viveo depois doze annos, & sempre agradecido a este raro favor do Patriarcha Seráfico. Depositou em hum cofre a dita santa mortalha, fazendo della taõ grande estimaçaõ, que todos os seus thesouros estavão sempre abertos, só esta prenda do Ceo tinha debaixo de chave. E rematando seus dias em o serviço de Deus, foi com elle enterrado no sobredito convêto, onde d'antes despendeo suas riquezas, que nesta occasiã presentãrão os nossos Pobres Menores em favor de sua alma à Majestade divina.

LIVRO SETIMO

HISTORIA SERAFICA

DOS FRADES MENORES NA PROVINCIA DE PORTUGAL.

Fundação, & memoraveis successos do mosteiro de S. Clara de Lisboa.

CAPITULO I.

Procuração quatro senhoras a licença do Pontifice, & declara-se, quem erão.



Quando Dona Mordias para fundar S. Clara de Coim

bra, remava contra o impeto de grandes contradições, navegava em Lisboa sempre com vento em popa na fundação desta casa quatro Donas nobilissimas. Os seus nomes nós declara a licença, que ouverão da S. Sé Apostolica, pelas palavras seguintes: Nobiles domine Agnes Fernandi, Maria Martini.

Maria Dominici, & Clara, cives Thibonenses.

1.ª A primeira, & a principal de todas, foi D. Inez Fernandes, mulher que avia sido de D. Vivaldo de Pandulfo, elle Genovez, & ella Asturiana, cujo sangue, que era muito illustre, lustrou mais entre as suas riquezas. Vierão para Lisboa em rezão da mercancia, quando o seu exercicio, proveitoso á Republica, se avaliava bem, onde elle, feito natural do Reino, não somente gozava dos foros de Cidadão, & entrava no governo, mas tambem como nobre confirmava em abdoações Reaes.

2.ª Da segunda, a qual foi D. Maria Martini, não podemos descrever, que familia a mereceu por parenta; & tao perigoso he (avendo muitas

molhe-

1288

1.6.c.12

b Tit. 25.

e L. m. s. de  
gêrações.

d L. 6. e. 29.

molheres, que tinham o meinho  
nome ) queremos adiviuiar ,  
como serã dificultoso chegar-  
mos a acertar. A terceira se  
chamou *D. Maria Domingues*, de  
quem o <sup>b</sup> Conde *D. Pedro* dis-  
se, que casara com *Duraõ Mar-*  
*tins de Parada*, rico homem  
no seu tempo, & Mórdomo  
mór do grande Rei *D. Diniz*.  
Em resolução a quarta era *D.*  
*Clara Anes*, filha de *João*  
*Soares*, & de *D. Margarida*, cu-  
ja devação a Ordem de *S. Cla-*  
*ra* lhe coube por muitos titu-  
los. Inculcavalha o sangue, &  
o nome, que lhe pozeraõ seus  
paes : ensinaraõlha seu tio *Fr.*  
*Vasco Soares*, & seu primo *Fr.*  
*João Paes*, ambos da nossa Fa-  
milia, & acreditados nella : fo-  
mentou a seu marido *(Afonso*  
*Pires Ribeiro*, meio irmão d'a-  
quelle *Gonçalo Pires Ribe-*  
*iro*, que no dito mosteiro de  
*Coimbra* grangeou esclarecida  
memoria, como <sup>b</sup> deixamos es-  
crito. *Apostadas* de mão co-  
mum todas quatro a fazerem  
este sagrado collegio pedirão  
licença a o Vigairo de *Chris-*  
*tó*, que era *Nicolao IV.* Con-  
cedeolha o Põtifice pelo Car-  
deal *Mathens* do titulo *S. Ma-*  
*ria in Porticu*, a 4 do mez d'A-  
gosto, no anno da redenção  
1288, & primeiro do seu pon-  
tificado. Dizia no principio a  
bula, *Sicut nobis* : mas vinha sub-

ordinada a o parecer do nos-  
so Ministro de *Sant-Iago*, que  
governava as casas de *Portu-*  
*gal*, & do *Custodio*, & *Guar-*  
*dião* de *Lisboa*, os quaes to-  
mando conselho com outros  
religiosos, & assentando com  
elles, que pela rezão do sitio,  
edificios, & rendas a fundação  
era boa, a deixarião corrente.  
E provêdo no ponto mais ne-  
cessario, ordenou que do cor-  
po da *Provincia* trouxesse o  
sobredito Ministro seis, ou oi-  
to religiosas prudentes, que  
ensinando ás noviças a regular  
disciplina, formassem neste  
mosteiro hũa republica santa.

## CAPITULO II.

*Determina Deus o sitio com*  
*hũa visão notavel : tem*  
*principio a casa ;*  
*E prova-se de*  
*freiras.*

**B** Revemente determi-  
naraõ os *Padres*, que  
se fizesse a casa, &  
com a mesma presteza se me-  
têo a mão na obra. Fervia  
nisto a notavel devação da di-  
ta *Dona Inez*; que das ou-  
tras companheiras na petição  
da licença, ou por ella carregar  
todos os gastos sobre a sua fa-  
zenda, ou porque se retiraraõ

intimi-

intimidadas da fabrica, ou por falta de quem desse de suas obras noticia, deste tempo adiante nunca mais sonbemos dellas; & por isso, só a esta reconhecemos em tudo por principal Fundadora. Começou a fabricar o mosteiro naquella mesma passagem, onde agora se vé a capela mór do mouro religioso convento da Santissima Trindade: mas a obra, sendo as despezas grandes, não levantava cabeça, & quanto nella de dia se trabalhava, muitas vezes amanhecia desfeito.

Andando assi perplexa vio hũa noite em sonhos outra escada, como <sup>b</sup> Jacob tinha visto; a qual levantada no lugar, onde então as Justiças castigavão malfeitos, chegava até o Ceo, & por ella subião, & decião os Espiritos Angelicos. Perguntou pelo mysterio, & respondeolhe hum Anjo. Neste temeroso campo, que he hoje teatro de justicados, quer fundar o Pae das misericordias, hum recolhimento sacro de gente religiosa, que mereça seus favores; & por isso te ordena, que neste mesmo lugar levantes o teu mosteiro. Há d'aver entre elle, & o Ceo comunicação domestica. Nós vivemos muitas vezes, pera confortar as almas no trabalho da virtude, & ellas vão subindo pela escada da Gloria, encostadas tambem na nossa intercessão. Este signal te dou de ser esta a vinda de do Senhor. Acharás naquella sitio hũa

Cruz mysteriosa, formada em duas pedras, por memoria de que o filho de Deos no seu sagrado madeiro franqueou a salvação.

Acordou D. Inez, admirada do que lavia sonhado, ainda que muito certa no que se lhe tinha dito, que esta firmeza trazem as revelações do Ceo. Foi logo buscar o câpo, q' lhe mostraraõ os Anjos; & achando o sinal da redenção, cõposto das duas pedras, acabou de entender, q' como Deos lhe demarcava o sitio; ferião mais preciosas as q' ella lançasse neste mosteiro. Pelõ que com alegria notavel mudou os officiaes principiando a fabrica numma herdade, que pera isso cõprou a Gonçalo Peres, por alcuinha o Dentudo. Não se parava na obra, & começou a luzir tanto, que parecia milagre. De modo, q' já no anno de 1292, primeiro de Fevereiro, avia na casa comunidade de freiras, porque nesse mesmo dia lha entregou por doação a dita D. Inez: a saber, D. Exemea, que era a Abadesa; Vigãira, D. Uiraca Aliril; & outras. Das da Ordem de S. Clara; cõmo diz a Escriitura. Forão presentes a esta sua entrega Frei Martin Anes, Ministro Provincial; Frei Martin Marrins de Pedrosõ, Custodio de Lisboa; Fri Domingos Eburêco, Guardiãõ de S. Francisco desta dita cidade;

a Gonzag.  
pag 807.  
Fr. Luc. an.  
1294. n. 19.  
Monarch.  
L. ult. p. 5.  
17. n. 19.  
Jardim de  
Port c. 80.

b Genes. 28.  
12.

Fr. Aires, *Doutor*, (segundo en-  
taõ dizião ) ou Leitor deste  
convento : Fr. Joã Galego,  
Guardião de Leiria : Fr. Afonso  
Rodrigues ; tio d' ElRei D.  
Diniz, que neste tempo reina-  
va, & outros religiosos ( além  
d' alguns seculares ) todos da  
nossa Familia, a qual nesta fun-  
dação estava interessada. Nin-  
guem nos deixou escrito, de q̃  
jardim se trouxeraõ estas plan-  
tas, nem he muito importante  
justificar presunções. O apeli-  
do da Vigaira mostra, que foi  
Portugueza; & ainda que o no-  
me da Abadessa pareça ser es-  
trangeiro, de hũa Exemena Ci-  
diz faz menção a 3 de Maio  
o livro dos Obitos de S. Cruz  
de Coimbra. Foi com tudo di-  
latado, & santo o seu governo,  
porque chegou a o anno de  
1305, & nem aqui teve fim.

4 No de 1294, a os sete  
de Setembro foi lançada na  
Igreja a sua primeira pedra, na  
qual estava impresso o santo  
final da Cruz. Lançou a por  
suas mãos o Bispo de Lisboa  
D. Joã Martins de Soalhães;  
aquelle, que em Coimbra, sen-  
do Vigairo Géral, executou  
isto mesmo no templo de S.  
Clara. E sobre estas duas pe-  
dras lhe levantamos também  
esta honrada memoria. Con-  
corrêraõ, por ser grande, a esta  
solemnidade muitas pessoas in-  
signes: Dignidades, & Cone-

gos das sobreditas cidades: Jo-  
ão d'Alpraõ, Chanzarel: Este-  
vão Anes, Reposteiro mór  
d' ElRei: fidalgos nobilissi-  
mos de conhecido solar; &  
*muitas boas Donas*, que na fraze  
de quem isto escrevêo; craõ  
Senhoras illustres. Assistiraõ fi-  
nalmente por parte da nossa  
Ordem Fr. Afonso Rodrigues  
já nomeado assima, Fr. Vicente  
da Maia, Fr. Martin Gil Ba-  
bilm, Fr. Domingos Viégas,  
& Fr. Domingos Bolhom. Mas  
esta acção do Bispo deixava  
muito atráz a concessão da li-  
cença Apostolica, o princi-  
pio das obras, a residência  
das freiras, como já tenho es-  
crito, & por tanto se haõ de-  
ler com cautela Gonzaga, locis cit.  
Vvaddingo, & Monarchia Lusitana,  
que neste tempo assentaõ  
a fundação do mosteiro, tendo  
ella anticipada idade.

### CAPITULO III.

*Declaramos o lugar, fermo-  
sura, & grandeza do  
mosteiro.*

**D**E marcado pelo Ceo  
o campo deste mos-  
teiro, não podiaõ fal-  
tar nelle rezoês de conveniêcia  
pera todos os exercicios sãtos,  
& muito menos pera passar cõ  
alivio os trabalhosos apertos

da vida religiosa. Fica perto da cidade, mas fóra dos muros della, onde Deos suavemente pôde recrear as almas, que se fizerem esquecidas do commercio humano. Senhorea o pégo alto do Tejo, neste lugar já salgado, em distancia, que basta pera lograr sem temores a sua vista de palanque. Daqui se descobre bem quanto se vai alargando com os socorros do mar, que sae a recebello, este caudaloso rio: os braços, com que retalha a terra depois de favorecido: as muitas embarcações, como são as que o cortão; hũas vezes a sua tranquillidade, outras a sua braveza quando lhe sopra o vento. E se com isto espartarmos o espirito, aqui se nos representam os perigos de quem navega o mundo, & a boa eleição de quem leva a proa pósta no Ceo.

2. Mudou logo a Cidade desta paragem a força, que d'antes estava nella, a qual agora se vê no campo de S. Barbara, desassombrando o mosteiro da sua horrenda vista, sem ofender a mudança noutra parte nem a limpeza dos templos, nem a saúde das casas. E esta gloria temos, de que nunca procuramos com prejuizo alheo as nossas comodidades. Depois, na nossa idade esteve mui arriscado a se passar

o Curral pera a sua vizinhança. Pretendiãono os Padres do collegio de S. Antão o novo, desejando afastallo mais de si, por não virem a sentir algum dano dos seus pertos na saude, ou no cheiro. Mas em caso, que elles o padecessem, não era culpa dos moradores do bairro, que se servem do Curral, pois d'ante mão os avizãão de tudo, jugando alegremente a o som dos repiques de Sant' Ana, as armas do seu officio, que foi soma de pedradas. E se então resistião à fundação do collegio, receosos de perderem alguma parte do campo, ou de serem desterrados deste seu alojamento: agora, que já se tratava disto, sairão como leões a defender suas casas. As Mães deste mosteiro não querião, que os Padres lhes offendessem a sua, por se salvarem a si, com tão ruim vizinhança. Entendéo finalmente o Senado, como ella não convinha à utilidade publica. E com isto, tudo ficou em silencio: o Curral não se mudou; & quem isso pretendia se recolhéo desistindo da demanda.

3. Por parte dos edificios intêrou a Fundadora hũa grãdiosa machina, a qual fosse na sustancia Real, gastando nella o copioso thesouro, que avia

ajuntado pera entregar a Deos, & saio com seu intento em lhe fazer cá na terra este mosteiro de modo, que imitasse em muito a sua Corte do Ceo. Fez a casa capacissima d' hum grande coro de Anjos, como são no estado as donzelas, que chegão a confagrar-se dentro das suas paredes a o divino Esposo. A obra foi suntuosa, & refotmada depois pelo estylo moderno parece, que representa hũa nova maravilha. Em particullar se vê isto na Igreja, a qual, despedindo-se o anno 1613, começou a despir a sua forma antiga, reedificada noutra, pela traça do famoso Architecto Pero Nunes Tinoco, a qual obrou Diogo Vaz por ordem da Abadessa sor Maria de Jesu, com singular artificio. Sobre marmores polidos, que compoem este majestoso corpo, resplandece duro fino: as paredes, & abobada se vestirão das mais valentes pinturas: nas capelas de hũa, & outra parte, podem ser competidores o primor, & a riqueza.

4. Cançariamos a penna, se ella se occupasse em descrever o precioso das peças, & ornamentos sagrados, que servem no altissimo sacrificio da missa, no culto divino, nos altares, & capelas. Tudo isto he de prata batida a o mar-

telo, não somente os castiçaes, & alampadas, com os vasos ordinarios, mas tambem muitas peanhas: hũa, das duas Custodias: a Sacra, & o Sacrario: os frontaes do altar mór, das suas duas credenci- as, & das capelas vizinhas, além do pano do pulpito, com os quaes se costumão celebrar as solennidades grandes. De maneira, que podemos entender, que neste insigne templo se servio a Majestade divina de ostentar em sua veneração as infinitas riquezas, que tem criado na terra. Por cima da grade do coro alto se estende hũa tribuna de pedra com galante fermosura, no meio da qual lhe responde escondido na parede o riquissimo thesouro do Santissimo Sacramento do Altar: Não se vê por esta banda, senão a porta de prata, com que se fecha a roda deste proprio meral, cujo seio limitado tem recolhido em si o poderoso Senhor, que não cabe na largueza de todo o Universo. Desta parte se renova a seus tempos este pão celestial: da outra banda de dentro está patente com majestade custosa, alegrando os olhos, & consolando as almas de todas.

5. Bem puderamos dizer

Cap. 4.  
Vers. 1. & 2.

hũa,

hãa, & duas vezes, que sendo tanta a fermosura no que se mostra de fóra, he muito aventajada no que dentro nos encobrem as paredes. E dou primeiro lugar a o dito coro alto, posto que seja o ultimo no tempo da sua fabrica, por ser dignissima sala, onde o Rei soberano da sacramental cortina, segundo já escrevi, representa sua gloria. Foi empreza da madre sôr Isabel de São Francisco no tempo de Abadesa; obrada com tal primor, que não fazem nella falta os Cedros do monte Libano à vista d'outras madeiras preciosas, & estrangeiras. A multidão das capelas, & ornato precioso, & curioso de todos estes lugares, o concerto das oficinas, & a largueza da casa tambem nos estiraõ dizendo quanto pôde o braço de Santa Clara, affi no cabedal do convento, como das particulares, que por sua deuação quizerão gastar com Deos as doações de seus paes. E cifrando a noticia de tanta immensidade, dizemos só como disse o gravissimo Autor da Monarchia Lusitana, que este santo mosteiro, avendo sido escola de virtudes, & perfeições, pelo que tem de suntuoso, & grande, he ornamento de Lisboa:

em rezão de bem dotado, hum dos primeiros do Reino; & que a sua Igreja se iguala com as mais asseadas de toda a Christandade.

## CAPITULO IV.

Da grande estimação, que esta casa logrou, comprouada em muitas occasiões.

**N**Aõ avia em Lisboa, nem em todo seu termo mosteiro algum de freiras, quando este se fundou, senão os tres, que se seguem. O de Chelas, no vale do mesmo nome, com a Regra de S. Augustinho na sua Ordem Canonica. Outro de Comendadeiras da Ordem de Santiago, mas no lugar, que chamão Santos o velho, o qual trocãrão depois pelo sitio, onde agora estão vizinhas deste mosteiro. O terceiro tambem era da dita Ordem Canonica, sujeito no seu governo a o Prior de S. Vicente de fóra. Os primeiros permanecem até hoje: este ultimo está de todo extinto.

2) Começou entre elles a lustrar, & lustrara entre mais, como Sol rodeado de estrelas, o nome de S. Clara,

ilustrissimo em a Igreja de Deos. Venerava a Cidade este titulo no edificio nobre, reconhecia virtude nas religiosas santas, & protestava finezas na devaçao do mosteiro. Donde veio, que recolhendo se nelle a nobreza de Portugal mais luzida, algũas freiras tambem de outras religioes aqui vierão buscar os devotos exercicios da regular disciplina, cuja fama de longe as convidava. Hũa dellas, & bastará por exemplo, foi sôr Margarida Franca, a qual depois de viúva, defenganada da terra, professou no sobre dito mosteiro das Donas de S. Vicente, & querendo ausentarse mais do mundo, pera conversar com Deos, se encerrou santamente neste retiro sagrado, onde lhe ofereceu sacrificio inteiro, assi de sua pessoa, como de todos os bens, que retinha em seu uso. A licença pera fazer este transito lhe avia concedido o seu Prior, que se chamava *D. Vasco* a 22 de Abril de 1409 annos.

3. O Reverendo Cabido fez aquella honrada demonstração, de visitar cada anno esta casa numa procissão solenne no dia de S. Clara. Vinha tambem a Cidade Clero, & Religiosos de quantos conventos tinha pela muita devaçao, que era geral em todos, a

esta inclyta Madie, singularizada nisso a os demais Fundadores, & Padroeiros das Religioes sagradas. E como as freiras estimavão esta honra, em lhes faltando os Conegos com a dita procissão no anno de 1472, derao delles hũa força pera que as conservassim na posse, em que estavão. Restituiolha o Cabido logo no anno seguinte, mas por quanto a demanda estava principiada a 18 de Agosto lhe deu fim *Pedr. Afonso Bacharel em Degredos, Desembargador, & Vigairo Geral*, sentenceando a causa como ellas pretendião. Com tudo a procissão está hoje esquecida (que o tempo nem a justiça respeita), & pôde ser, que se troçasse na outra das Ladainhas a terça feira, que ainda fazem a esta casa os Conegos.

4. Na Cidade achamos outros indicios de grande benevolencia, entre os quaes se pôde mui bem contar o sollicito cuidado, com que sempre assistio à sua quietação, nos perigos com cautela, nos trabalhos com boas comodidades. Pelo que decendo os Felizhanos pera a posse de cerco no tempo, que governava o Mestre d'Aviz o Reino, ella, que trazia em as mininas dos olhos estas esposas de Christo, no coração as meteo, & dos seus muros a dentro, onde ficassem



## CAPITULO V.

*Que mercès, & privilegios  
concederão a o mosteiro os  
Reis: quanto obrou em seus  
augmentos S. Francisco;  
& quantas frei-  
ras vivem  
nelle.*

1. **E**Ra tambem notavel  
nesta materia a chris-  
tandade dos Reis,  
que se della quizermos fazer  
catalogo, todos poderão entrar  
no foro de Bemfeitores. D. Di-  
nyz, que vio o seu nascimento  
prodigioso, & santo, quando se  
lembrou da morte no testamē-  
to do anno 1322, lhe dava  
duzentas libras; & posto que  
na quantia igualou os mostei-  
ros de Chelas; & de Santos,  
aventajou o na honra de o  
nomear primeiro. D. Afonso  
IV alargando mais as mãos  
lhe concedeo, que lograsse pe-  
ra sempre as heranças caídas  
até o anno de 1354, no qual  
passou a licença, não obstante  
a lei geral de seu pae, que as  
mandava vender. E além de o  
tomar com grandissimo amor  
debaixo do seu emparo, dez  
sôldos lhe consignou cada dia  
no almoxarifado, como diz a

sua carta; das Ementas em Lis-  
boa. ElRei D. Pedro seu filho,  
& D. Fernando seu neto, am-  
bos se parecerão com elle na  
piedade Real: aquelle ratifi-  
cando a protecção do mostei-  
ro: este ampliando a conceis-  
são das heranças, em que de-  
pois succedeo.

2. O inviçtissimo braço de  
D. João o I o emparou com a  
penna afinando húa carta;  
que continha ameaças contra  
quem o ofendesse, ponzasse nas  
suas granjas, ou tomasse fazen-  
da a seus caseiros contra a vò-  
tade delles. Demais disso cfeu-  
sou da guerra, & das armadas  
oito homens, que trabalhavão  
em a quinta de Sarilhos. De  
D. Duarte não encontramos  
memoria: mas não seria possi-  
vel, que tanta benignidade, co-  
mo a sua foi sempre, aqui só  
estivesse ociosa. Seu filho El-  
Rei D. Afonso V, o qual nisto  
saia a o Avò, izentou a sinquo  
trabalhadores, que andassem na  
quinta de Vilachâm, dos en-  
cargos do Concelho, & de Bêl-  
teiros de conto. Deulhe licen-  
ça plenaria de possuir as he-  
ranças, que chegavão a o anno  
de 1455, & passou outras qua-  
tro provisões. Em duas lhe fez  
esta propria mercè no particu-  
lar d'algũas propriedades, as  
quaes lhe avião dado: nas ou-  
tras ouve por bem, que pudesse  
sempre empregar em fazenda de

raiz hũa grande soma d'ouro. E D. João o II lhe estendéo o favor a outra certa quantia.

3 Reformouse depois d'isto o mosteiro na Regular Observancia, como ainda diremos, & renovadas as cores da santidade antiga acabáráo de render a devação entranhavel das Majestades Reaes. A Rainha D. Leonor, viuva do dito Rei D. João, não só lhe fez os favores, que se veráo adiante, mas tambem solicitou as grandiosas mercês, que lhe fez seu seu irmão D. Manoel. Confirmou primeiramente este magnifico Rei as graças, privilegios, & honras, que os seus antepassados fizerão a o mosteiro: concedelhe, que corresse no juízo das acções novas todas as suas demandas; & despendendo com elle do seu Real patrimonio, que nem por isso se sente diminuido, lhe consignou dez moios de trigo em cada anno. Deulhe tambem em Lisboa a Igreja de S. Martinho, pedindo a união a o Papa Julio II, o qual lhe unio os fructos, desfalcadas as porções, que levão o seu Vigairo perpetuo, Beneficiados, & Capellães das suas duas annexas, Barcelena, & Alverca. Tudo isto ratificarão depois D. João III, & seu neto D. Sebastião de saudosa memoria. Sete cartas lhe passou, ou sete mercês lhe

fez no anno de 1576 este generoso Principe, que a Fortuna maligna não soffreo, que se lograsse. Declarouse por Protector do mosteiro: deu lhe cada anno tença, além dos oito mil reis, que applicou ás medicinas: remeteo outra vez as suas causas a os Sobre-juizes das acções novas: concedeo a o seu Procurador, que pudesse penhorar com hum Porteiro os devedores da casa: privilegiou de novo os oito homens, que servião em Sarilhos, & juntamente a barca, que era do seu serviço. Tanta era a sua benignidade, & tão digna das laudades intensas, que a todos nos deixou.

4 Antes d'isto lhe cortou a Fundadora muito largo o seu dote na riqueza, & nas peças, que lhe restáráo das obras. Deulhe o muito que tinha, & tudo seria pouco pera a sua vontade. Mas tambem o estenderão as mangas de S. Francisco, quando por serem compridas no seu convento desta propria cidade, quiz o mesmo santo Padre, que ellas se encurtassem. Reformarão-se os frades na Regular Observancia; largarão todos os bens, & fazenda de raiz, que lhes erao permitidos na liberdade da Claustro; & suas irmãs, as freiras deste mosteiro succederão na herança. Não fazemos o in-

ventario della, nem temos necessidade de lembrar obrigações, pois estas são manifestas, & o tempo não nos mostrou até hoje alguma ingratição. Por todos estes caminhos, & outros de bom governo se ajuntou nesta casa o cabedal, que convem pera sustento da maior comunidade de freiras, que temos em Portugal. São nella, quando isto escrevemos, 138 professas, 5 noviças, & 6 meninas do coro, além d'outras cinco educandas, que só esperão idade, na qual, recebem o habito. Assistem a seu serviço quatro frades, cõgregados em hũa Vigairaria; dous delles no foro de Confessores, & destes o principal, que he prelado dos outros, tem voto nos capitulos da Provincia, como tem os Guardiães.

### CAPITULO VI.

*Reforma-se, primeiro que todos, este mosteiro na Regular Observancia, & florece em grande religião.*

**P**rofundissimas raizes foi lançando este jardim delectoso no campo da santidade, & quanto mais altas forão, maior or-

namento deraõ de flores celestiaes, matizadas de virtudes. Era escola gèral, onde todas aprendiaõ a ser méstras de exercicios santos, no qual estado viveraõ por espaço de duzentos, & dez annos no governo dos Claustres. E notando neste discurso de tempo, que lhes faltava a graça da Regular Observancia, que de novo florescia na nossa Ordem Serafica, ellas foraõ as primeiras neste Reino, que aceitaraõ a sua reformação. Não negamos a muita felicidade do mosteiro da Cõceição de Beja, em ser elle o primeiro, que se fundou pelas leis deste Instituto sãto, o qual era entre os frades antigo: mas isso, que là dispoz a ventura de ser mosteiro moderno, não tinha lugar em este, pois começou muitos annos antes que a Observancia apparecesse no mûdo; & digno he de honvor por abraçar seu espirito, sem ter ainda exemplo, a nova reformação, que sua antiguidade não podia alcançar.

2. Assistiolhe nesta devota empreza a piedade insigne d'El Rei D. Manoel, & da Rainha D. Leonor, que já temos nomeado, os quaes ambos supplicaraõ a o Vigairo de Christo Alexandre VI, que pera boa expedição da reforma lhes desse em seu favor hũa bula Apostolica. Concedeolha o Pontifi-

cap. 1.

ce, & logo teve inteira execução. Servia de Abadessa D. Margarida de Melo, & como era forçado, que largasse o officio, do qual hũa ambição não se sabe despedir, parece, que resistio, querendo antes deixar de prometer observancia, que sujeitar-se humilde às obrigações de subdita. Pelo que foi desterrada pera S. Clara de Sãtarém, donde ella esteve sempre clamando pelo seu Abadessado, até que desenganada, & reformado tambem aquelle Real mosteiro, pedio a Clemente VII no anno 1524, que pois nelle estava incorporada, ficassem à mesma casa todas as suas heranças, que lhe podiaõ caber; & isto lhe concederaõ.

3. Por sua ausencia se fez a reformação no de 1502, com grandissimo aperto, conforme a o espirito, & grande austeridade d'aquelles servos de Deos F. João da Povoã, & sôr Eufrazia de S. Miguel, por cuja çõta corria innovar neste mosteiro os apertos, & rigores da Ordem de S. Clara. Della achamos escrito nas informações, q se fizeraõ pera o Padre Gonzaga, quando compoz o seu livro, que a mandáraõ buscar cõ as suas companheiras a o muito religioso mosteiro, nomeado da Coluna, na vila de Benalcázar, da Custodia dos Anjos

em Castela. Que hũa molner-tão forte, a qual no templo de Deos avia de ser coluna, que sustentasse o pezo da vida religiosa, semelhante à Angelica, de muito lóge avia de ser chamada, como pessoa peregrina, de excessivo valor. E isto mesmo se poderã aplicar a sôr Francisca da Cruz, que pera Coadjutora na mesina reformação destas Madres Castellhanas, foi depois dellas trazida do mosteiro do Funchal. Não tinha mais nesse tempo, que seis annos de professa, mas já podia ser Mestre de tantas religiosas, como avia nesta casa, na regular disciplina. Viveo nella quarenta, & sinquo annos, pelo discurso dos quaes a governou quatro vezes no cargo de Abadessa, & sempre muito alegre de ver estampado seu espirito em toda a comunidade.

4. Começarão a lustrar os raios da santidade, saindo as suas luzes mais vivas pela grossura dos véos, com que andavão embuçadas. Não podião já dar fé os Tabaliães, que vião as freiras de S. Clara no fazer das escrituras, porque estando presentes eraõ somente ouvidas. Com esta cautela ficava mais descansado o seu Esposo divino, & seguras as virtudes. Lisboa se alegrava de ver tanta santidade, celebrando com

aplausos

Proverb.  
31. vers. 10.

Apocsl.  
3. vers. 12.

Arch. de  
S. Clara de  
Sant.

Fr. Marc.  
p. 3. l. 7. c. 97  
& l. 8. c. 44.

Arch. de  
S. Franc. de  
Alaq.

aplausos a nova reformação, & tudo isto foi logo representado a o sobredito Papa Alexandre VI, o qual a 15 de Maio de 1503, noutra bula; que começa, *Ea, qua pro monasteriorum*, confirmou o que se avia feito. Mandou tambem sob pena de escomunhão a o nosso Vigairo Provincial da Regular Observancia, que recebesse a casa na sua obediencia, & a fosse governando com estatutos prudentes. O rigor era tão grande, que compadecida d'elle a Rainha já nomeada assim, em rezão das muitas enfermidades, que nacião de nunca comecem carne, alcançou de Julio II, que a podessem comer tres dias cada semana. Depois ouverão licença do Papa Clemente VII pera terem no mosteiro, por ser grande, criadas; de que se sirvaõ: mas quantas menos tiverem, melhor servidas serão.

### CAPITULO VII.

*Empara Deos esta casa com singular protecção, E resplandece cõ milagres hũa Imagem da Senhora de Belém.*

**M**uitas vezes se nos deu a conhecer por Protector do mosteiro a Majestade de Deos, pe-

ra que as freiras delle debaixo do seu emparo tratassem de o servir mais livres de sobressaltos, & com maiores empenhos. Naõ seria por palavras, que declarassem somente o affecto amoroso de sua benevolencia: mas foi com successos grandes, pelos quaes se arguia o particular cuidado, que o mesmo Senhor tem desta sua religiosa familia. Viose isto nas occasiões da peste, que abrazava o Reino, & a Cidade, sem nesta casa de Deos se pegar o contagio. Hũa dellas, que vinha ferindo fogo, & tomou mais ouzadia pera entrar no mosteiro, não fez mais, que enfiar suas setas num carpinteiro, o qual achou trabalhando; & nem as criadas, que o levavaõ á porta em estado, que brevemente morreo, receberam a mais pequena ferida.

2. Antigamente lhe ficava muito perto, onde hoje apparece hũa horra; a Casa da fundição; a qual ouvera de ser, se o escudo do Ceo não se puzera diante, a sua destruição. No anno de 1588; vespera de S. João Bautista estalou hũa bombarda, que se estava provando, & espalhados os pedaços pelo ar, hum d'elles, que teria duas arrobas de pezo, voou pera esta parte, & rompendo cõ grandissimo estrondo o telhado de hũa cela, onde estavam jantan-

do quatro religiosas enfermas, quebrou a meza, mas a nenhũa fez dano. No de 1636 succedêo hum desastre semelhante de estalar outra peça a tempo, que hũa noviça se queria confessar. Achou a porta fechada, & esperando quasi nada, que viesse com a chave a Madre das confissoes, foi bastante esta detença tão breve pera erralla o tiro, que lhe fazia a morte no mesmo Confessionario; porque caio entre tanto hum pedaço da peça arrebetada fazendo em rachas quanto avia na casa. No mesmo tempo se vio outra matavilha, & foi, que dando em hum painel da Virgem Senhora nossa, decendo depois abaixo sobre alguns ornamentos do altar, com toda a sua furia, que quebrava paos, & pedras, não os pode maltratar.

3 Entre os ditos dous casos, que por serem semelhantes os deixamos enfiados, veio perdida hũa das frechas do ceo, a qual tocando nestas sagradas paredes tambem perdêo a virtude de ferir, & de matar. Succedeo isto na noite de 16 de Fevereiro, anno de 1622, pouco depois de se rezarem matinas. Algũas religiosas, que por sua deuação ficavaõ sempre no coro, nesta noite não se detiveraõ muito, por-

que sentiaõ em si, como differaõ depois; hũa certa violencia, que as tinha inquietas. Ellas, quando muito que saião pela porta, entrou hum raio acceso: ameaçando incendios. Foi primeiro á casa da sacristia, onde encontrou com hũa religiosa, & com hũa servidora, ocupadas ambas nas cousas deste officio; & roçandose por ellas, sem assi as molestar nem ainda com a sombra, passou a o ditto coro, onde Deos abateo sua soberba, & elle se consumio. O convento reconhece cada dia, & cada anno por grande esta mercê, que recebeo do Senhor: cada dia, com algũas orações, acabadas as matinas: cada anno, com hũa missa cantada á Santissima Trindade, & com outras deuações, que costumão legurar a divina protecção na gente agradecida. E se o fogo do ceo tinha tanta correza com as esposas de Jesu Christo, o da terra não podia faltar nella com a sagrada Imagem da Virgem Senhora nossa, & Mãe sua amantissima. Estava feito o Presépio em Dezembro de 1641; & ardendo por desastre hũa nuvem, caio com todas as chamas no regaço da santissima Virgem, mas nem

ella se queimou, nem o fogo se ateou nos vestidos.

4 Todos estes beneficios, & outros muitos da piedade do Ceo atribue o convento à intercessão propicia da Imperatriz dos Anjos, por meio de hũa imagem sua, cuja invenção notavel aconteceo deste modo. Quando elle se reformou na Regular Observancia, avia nesta cidade hum Clerigo de vida muito louvavel, o qual no discurso de tres noites ouvio, que lhe dizia, & repetiã em sonhos, que na praia de Belém (a chamada d'antes *Rástelo*) estava hũa imagem da Senhora Mãe de Deos, & que o Ceo lhe mandava trazella a Santa Clara, porque alli queria acompanhar as esposas de seu Filho, & abrir o seio largo de suas misericordias. Caminhou o sacerdote em busca da rica Perola, que o mar tinha lançado á costa, sem sabermos donde veio, nem que concha a criou; & alegre com tão ditoso encontro a engastou nesta casa, à qual Deos lha mandara entregar. Não acabavão as freiras de significar o gosto, misturado com espanto de que a Mãe do Senhor as viesse visitar. Não sabião em que lugar a porião, que fosse conveniente a tão grande Majestade. Tentaraõ

muitos no coro, & fóra del-  
le, mas a purissima Virgem,  
que queria casa propria, ar-  
denou que os Anjos a levas-  
sem a hũa quadra do claustro,  
& ahi se lhe tem feito hũa hõ-  
rada capela. Por memoria do  
seu aparecimento he chamada,  
*a Senhora de Belém.*

5 A confiança das freiras  
no seu emparo he grande: os  
desempenhos de sua benigni-  
dade, maiores. Quando a ter-  
ra necessita, ou do orvalho do  
ceo; ou da secura do Sol;  
raramente a tiraõ em procis-  
são pelo sobredito claustro,  
que não sejaõ despachadas cõ-  
forme a seus desejos. Veio pe-  
dir-lhe remedio com angustias  
da alma sòr Ana de S. Maria  
em rezaõ, de que hum can-  
cõro lhe comia o nariz, & ven-  
do como dos olhos lhe cor-  
ria hũa lagrima, a recolheo  
em o vè, tocou com ella a  
chaga, & alcançou a saude.  
Sòr Vicencia da Coluna, & sòr  
Maria do Horto estando des-  
acordadas com accidentes mor-  
taes, no ponto que as tocã-  
raõ com esta santa Imagem,  
logo tornaraõ em si. Sòr Maria  
da Paixão, sòr Isabel de S.  
Antonio, sòr Caterina da Cruz,  
todas tres estavão já descon-  
fiadas dos medicos: a pri-  
meira, por causa d'hum ple-  
oriz: a segunda, de par-  
leza complicada de outros

males:

males: a terceira, d'huas bexigas negras: mas a Senhora purissima, que levãõ em procissão a seus leitos, em chegando as livrou destas doenças. Sõr Helena de Jesu, prometeo visitar todos os dias a sija santa capela, untouse tambem co azeite da alampada, & deste modo foi livre de intensissimas dores, que nos pès, & nas mãos, a decepavão. Com esta mesma unção sarou de grave enfermidade Hieronyma de Oliveira servidora do convento, lançando subitamente muita materia re-cozida pela boca.

6 E trespassando tambem as paredes do mosteiro os clementissimos raios desta soberana Virgem, tirou das portas da morte a outros muitos enfermos: hum delles, de esquinencia com a sua medida lançada a o pescoço: outro, de febre maligna, cuberto com o seu manto. Navegava finalmente numa armada Real Fr. Antonio da Paixão da Ordem Terceira de N. P. Serafico quando vio embravecidos os mares, que parecia quererem comer a nao, & afogar as estrelas. No meio desta tormenta lhe lançou outra medida, a qual logo o tornou tão maldito como cor-deiro.

(?)

CAPITULO VIII.

De algũas devações, & exercicios santos, que nesta casa se fazem.

**S**ombra deste em-  
paro do Pac, das  
misericordias, &  
da piedosa Mãe, que adoptã-  
rão por filhas as freiras deste  
mosteiro; floresce nellas com  
grandissimas ventagens a de-  
vação do espirito. As rezõ-  
es, & os motivos são muitos:  
huns, fundados nos favores,  
que cada dia recebem: ou-  
tros, nacidos d'aquelles mes-  
mos lugares, onde o Ge-  
lhes declara a sua benevolen-  
cia, como são os altares, &  
capelas, que entre si levantã-  
rão não sómente a Majestade  
divina, mas tambem a os seus  
Santos da Corte celestial. E  
porque a multidão não so-  
fre contarmos todos, da Se-  
nhora de Belém temos dito  
brevemente como a sua pro-  
digiosa capela representa hũa  
grande officina de milagres.  
Noutra da mesma Senhora  
do nome da Piedade, no ma-  
is alto alicerse, quando ca-  
vavão a terra, se achãrão  
os sinaes de lhe ser muito a-  
ceita a obra, que se fazia.

Aparecêo hum quaderno, no qual estava escripto o officio antigo deste mysterio santo; mostrando, que se a terra o avia recolhido em suas entranchas frias, justo era, que a sua devação se acendesse nas almas. A do Sepulchro de Christo lançou profundas razizes por causa d'outra capella, onde assistem a o mesmo Redentor muitas figuras de vulto, que mandou trazer de Flandres a Rainha Dona Leonor, molher d'El Rei D. João II. Entre as suas Reliquias está muito estimada hũa cabeça das Onze mil Virgens, porque lhe sabem o nome, & suspeitão que por isso tem mais certa a sua intercessão. Muito tempo andou com este desejo sôr Francisca dos Anjos molher de grande virtude, até que na oração lhe foi dito, que se chamava *Helena*. Está tambem na mesma veneração em custodia de prata hum dedo de Santa Clara, & fóra della hũa particula sua, a qual tocada na agoa, que se dá a os enfermos, tem obrado maravilhas.

2. Dos exercicios santos, solennidade das festas, pompa do culto divino (no que são de ordinario as suas occupaões) nem a lingua pôde nunca declarar tanta grande-

za, nem a penna a poderá descrever. He particular, & rara a devação, com que aqui he servido o santo Filho de Deos no altissimo Sacramento do altar. Não se quiz dar por contente o amor destas suas fidelissimas esposas de o verem a o longe, num sacrario riquissimo d'entro da capella mor: mas tambem lhe derao casa perto de si no seu coro. Já elle aqui estava no principio do anno 1504, quando Caterina Gil, viuva de Vasco d'Antas fez doação d'hum olival a o mosteiro com encargo, como diz a escriptura, *de alumna-rem a alampada ante o Sacramento, que está no coro.* A majestade, com que hoje está nelle, tocamos em outra parte. Celebrao todo o seu oitavario da festa de *Corpus Christi* na musica, nos sermoes, no aparato com admiravel grandeza. Quando a toda do anno lhes representa de novo aquella noite tristissima, na qual a humana insolencia, peor que a diabolica, se atrevêo a furtarnos da Igreja de S. Engracia este thesouro do Ceo, agravando-se tambem por parte da vizinhança entre ella, & o mosteiro, a chiaga do sentimento, todas juntas se desvelão em lhe fazer recompêsa da injuria passada com amorosos louvores. Cãtaõ matinas da sua propria festa com grande so-

cap. 1.

lennidade, sem aver quem falte nellas; nem ainda as criadas. Depois andão em procissão de joelhos; entoando com as lagrimas nos olhos as antifonas, & hymnos deste sagrado mysterio: vigiaõ em oração oito dias a modo de laus perenne; & isto mesmo fazê nas quintas feiras do anno.

3. Em todos os mais mysterios, que o Redentor obrou neste lacrynoso vale, como foi o seu Natal no Presépio, he tambem notavel a piedade, com que recordão a sua santa memoria. E ainda que pareça serem de pouco momento algũas das suas demonstrações, não deixão de arguir advertida compaixão do que então succedêo. Tres dias antes do Domingo, que chamamos do *Minino perdido*, pera declarar melhor o sentimento de S. Joseph, & da Virgem quando perdêrão o seu Minino Jesu, a Senhora cobrem o rosto com manto: a o Santo, poe mhe hũa capa preta á semelhança de luto. Logo á noite se ajunta o convento, & vem entrando sinquo freiras, todas com sua oferta, as quaes constão de hum cirio aceso, perfumes, agoas de cheiro, doces, & agoa pera beber: mostrando, que com estes seus regalos pretendem aliviar a tristeza da Mãe pura, & do Esposo Santissimo. Costumão

sentir as almas aquillo que as magoã; & pera se declararem, muitas vezes não atentaõ se os sinaes exteriores podem ser convenientes. Depois disto cantaõ todas algũas letras devotas, & recolhendo se tarde; alli vão passando em santas meditações as duas noites seguintes. No Domingo, no qual consideraõ já ser achado o Minino pela Senhora no templo; trocadas as faudades da musica em alegres perabens; lhe ofertaõ doze cirios.

4. Fazem mais com todo o aparato de figuras, & insignias, como se faz na Cidade, a procissão dos Passos do Redentor, pera a qual, & semelhantes acções serve muito a multidão excessiva de freiras, & de criadas, que podia escusarse em outras occasiões. Vaõ descalças, cõ os véos lançados sobre o rosto as que levão o seu sagrado andor: muitas dellas acompanhaõ a procissão de joelhos: jaõ d'antes algũas disciplinando se: vaõ agora atravessadas em cruz, & com outras penitencias, que se a ellas magoã, a quem as vê lhe rasgão os corações. Representaõ a o vivo os encontros dolorosos da Virgem Mãe, do Discipulo amado, da compássiva Veronica. E deste modo, com hũa musica triste dão tantas

voltas no claustro, que bastem para encher a distancia da casa de Pilatos até o monte Calvario, o qual tem representado no coro baixo em forma, que bem parece monte aspero de myrrha amargosa. Da-se fima este acto com hũa larga disciplina de todo o seu convento.

5. Na quatesma, em que se faz a procissão sobredita, costumaõ a festa feira visitar a Santa Cruz, pintada em hum painel, onde a Mãe innocente, que vio nella crucificado seu filho, representa que a está adorando, depois de o ter deixado no cofre do seu sepulchro. Aqui nesta Estação deramão as suas almas, cantando louvores do veneravel madeiro: a saber *O Cruz ave*, & outros da mesma sorte, que ensina a Igreja. E como o tempo he muito acõmodado para estes sentimentos, de tal modo lhes levava o sentido, que a nosso parecer foi necessario encomendarlhes o Ceo, que se lembrassem tambem dos outros santos mysterios. Pelo que sendo mui devota deste, & dotada de rarissimas virtudes, sôr Maria de S. Gabriel, cujo venturoso transito foi no anno de 1631, ouvio claramente, que lhe dizião em sonhos: *Tudo a Paixão, & nada a minha Resurreição.* A qual voz cõ tanta força se lhe imprimio na alma,

que depois todos os dias rezava o seu officio, & nas noites, que se seguem a o sabado não se fazia do coro, esperando que dessem as doze horas para pedir a Senhora as alviçarãs de resuscitar seu filho, & era tão abundante a sua consolação, que bailhava de prazer. A seu exemplo está no coro em pẽ muita parte do convento no Sabado santo até spar meia noite, no qual ponto lhe responde hũa concertada musica de instrumentos, & vozes, com que dão as boas novas do triumpho maravilhoso de Christo a soberana Senhora pelas palavras seguintes: *Regina cali larare, alléluia, &c.* & cõ esta alegria não correndo os altares, & capelas, que são muitos, & ardem com tantas luzes, como estrelas do ceo onde ellas estão juntas.

6. Outra devação persuadio o Senhor a sôr Maria da Assunção estãdo enferma, deconfiada dos medicos; Disse-lhe, tres noites continuadas, em sonhos, que se queria saude fizesse Imagem do *Bom Pastor*, & ella, que aceitou o conselho, no mesmo ponto fazon. Depois o poz em efeito, acrecendo capela, onde a santa Imagem he venerada de todas. Finalmente (se nisto acharmos fim) tem cada mez a procissão do Rosario: fazem muitas, & al-

guas majestosas pelo discurso do anno: são quasi innumera-  
veis as festas, que solennizão dos Santos: a todos os sacer-  
dotes, & são muitos, que na sua Igreja dizem missa, oferecem a esmola della; & com estes exercicios, das suas portas a dentro, vão entretendo as faldas do Ceo, querendo levar consigo as criadas, que as seruem. Assistem duas com ellas em as suas devoções, como he a disciplina nas festas feiras da quaresma: lição espirital nos domingos, & dias santos do anno, & antes de comungarem! Professaõ estas criadas a santa regra, que N. P. Serafico assignou a os Terceiros, mas querendo imitar a os Primeiros na proçissão da Penitencia, que se faz em S. Francisco, todos os annos a fazem nos limites da clausura com tal concerto; que nella se vé representada a outra.

CAPITULO IX.

Vida Santa, & celestiaes favores de quatro religiozas.

**C** Opiosa novidade tẽ recolhido o Ceo desta sua agricultura devota, posto que a maior parte não se lançou em receita, se-

não lo nos livros da Divindade, os quacs nos são escondidos. A primeira relação, que se escreveu na terra, foi hũa que se mandou a o padre Gonzaga no anno 1584, comprovada por nove religiozas tão amigas da verdade, que não ouzãto dizer sentença que tinhão visto, declarando como avião ouvido muitas virtudes, & milagres de suas antepassadas, das quacs porém não depunhaõ por estranhas a cegueza lómente na se alheia. Deste modo he outra informação, que eu fiz com testemunhas de credito; & por isso a noticia, que de nós se fará muito limitada, mas também será muito verdadeira.

Dã esclarecida madre sã Eufrasia de S. Miguel, escrevẽrãõ jã nos Padres Fr. Marcos, & Fr. Artur, que fora de santa vida. Vcio de Castela, como deixamos escrito, a reformar este mosteiro, & tal foi a sua reformação, que sempre se honrou della nomeandose, primeira Reformadora na Regular Observancia, em todas as Escrituras, que se faziaõ no seu tempo. Foi também na dita reformação a primeira Abadesa, tão digna deste officio, que quatro vezes a poz nelle contra sua humildade a cega obediencia. Deu vida com seu exemplo as virtudes, que plantava: todas grandes, & heroicas em sua

p. 1. l. 7. c. 37.  
in Martyr. vol. 25. Martij. cap. 6.

mesma pessoa, pelas quaes me-  
recço o claro nome de *Sanea*,  
com que vive até hoje, tendo  
já passado a sua morte no an-  
no 1539 depois do mez de  
Agosto. E pela mesma rezaõ  
he conhecida ainda, & respei-  
tada a pedra, que esconde os  
seus ossos, no meio de outras  
duas no claustro a os pés do  
altar d'hum Crucifixo.

3 A mesma fama de san-  
ta, & de rara penitente perma-  
nece atégora de sôr Leonor  
de Christo, irmã de Diogo  
Lopes de Sousa, hum dos sin-  
quo Governadores, a quem o  
Rei, & Cardeal D. Henrique  
por sua morte deixou enco-  
médado o Reino. Fez espanto  
o rigor, com que sempre se  
tratou, como era o silencio per-  
petuo, & jejum continuado só-  
mente a pão, & agoa. Acabadas  
as matinas, que eraõ á meia  
noite, ficava em pè no coro, &  
muito tempo tinha os braços  
em cruz até a manhã rom-  
pêr. Desfazia-se em lagrimas  
diante da Majestade divina,  
cujos olhos ornados com estas  
perolas lhe foraõ tão agrada-  
veis, que por elles lhe rendeo  
o coração. Hũa das grandes  
mercês, que este Senhor lhe  
fez, foi tirarlhe da memoria to-  
das as cousas do mundo com  
tanto esquecimento, que ne-  
nhũa lhe lembrava, nem ainda  
o seu nome; & assi, como es-

tranha na terra, todos os seus  
pensamentos derramava pelo  
Ceo. O favor mais ordinario  
era, ouvit suas petiçoês, & de-  
clararlhe tambem o como as  
despachava. Donde naccõ hũa  
confiança grande nas outras  
religiosas, que pera terem pro-  
picia a piedade de Deos a to-  
mavaõ muitas vezes por sua  
intercessora. Pediolhe hũa, que  
se quizesse lêbrar de sua mãe,  
a qual estava enferma, & depo-  
is de estar em oração lhe tor-  
nou esta resposta. *Vossa mãe não  
morrerá desta dizença, & a ma-  
nhã vereis novas, de que se achou  
melhor.* Tudo isto foi verdade,  
& destes casos lhe acontece-  
raõ muitos, pelos quaes ouve  
fama de ser valida com Deos,  
& ter recebido d'elle o espiri-  
to profetico. Consumada final-  
mente na virtude, & nos annos,  
no de 1560 mudou sua alma  
casa desta terra de miserias pe-  
ra a Corte dos Anjos.

4 Logo no outro seguin-  
te terminou a idade de oiten-  
ta sôr Joana do Monte Calva-  
rio, filha do Mestre-sala d'El-  
Rei D. Manoel, cuja vida foi  
Angelica na pureza, na santa  
obediencia, nos louvores do  
Senhor. Tendo idade taõ lar-  
ga nunca perdéo á meia noi-  
te matinas: antes era o esper-  
tador mais certo, que chama-  
vera o coro as outras. De mo-  
do, que acendendo hum rolo,

ou hũa vela se punha no dormitorio a esperar, que dessem as doze horas, & então bradava, que fossem louvar a Deos. Entretanto considerava na negação de S. Pedro, o qual ouvindo cantar o Galo chorou a ofensa, que fizera a o Mestre, & era tão abundante com esta meditação a fonte de suas lagrimas, que com ellas se enlopava o chão. Depois de rezar matinas não se faia do coro antes de sair o Sol contêplando sempre na Paixão do Redentor, o qual apertou consigo com hum laço tão estreito todos os seus pensamentos, & potencias da alma, que nem ella sentia agravos proprios, senão os do mesmo Deos, nem perdéo nunca o timo (vacilando noutras cousas o juizo) do que mais convinha à salvação. E assi acontecèõ, que vindo a delirar pela multidão dos annos, & penitencias grandes, quando porém praticava na dita Paixão de Christo, & recebia os sagrados Sacramentos, sempre era em seu juizo perfeito, com admiração de todas; & num destes intervallos passou a gozar da luz clara, & eterna nas celestiaes moradas. Anda já sua memoria escrita no Agiologio Lusitano.

5. Muitos annos caminhou pela estrada do Ceo sem cançar, nem descansar sôr Leonor

dos Reis, acompanhada por em de gloriosas virtudes. Hũa foi a santa obediencia, a qual nunca a deixou até a ver já passada além das portas da morte. Estando muy perto dellas no anno 1563, & querendo a Abadessa ver a graça, com que dava este salto da terra para o Ceo, assistia à sua cabeceira, & quando ouvio, que tangião a matinas, em as quaes não avia de faltar, lhe disse estas palavras: *Filha, eu vos mando por santa obediencia, que não saiaes desta vida sem eu me achar presente, porque logo tornareis;* & confiada em a sua humildade foi cantar os louvores da majestade de Deos. A enferma a esteve esperando, & tanto que a sentio depois de vir das matinas, não fez mais, que abrir logo os olhos, carregados com a morte, & olhando pera ella em final da sua obediencia, despedio o seu espirito, cheo do amor divino, em que estava ardendo, pera lograr o eterno refrigerio. Deste incêndio santo deraõ claro testemunho as labaredas de fogo, que do telhado da casa, onde morreo, na mesma hora chegãõ até o ceo, das quaes espantados os barqueiros, q̄ navegavão o Tejo, se vierão informar, se ardia o mosteiro. So-  
lennizão sua grande santidade Gonzaga, Vvaddingo, Valerio, Barezzo, & Fr. Artur.

tom. 1.  
Fev. 6. l. H.

pag. 307.  
Jan. 1294,  
n. 19.  
21. d. BB.  
semio, Ord.  
Minot. c. 4.  
p. 4. Chr.  
c. 39.  
in Marty-  
col. Jan. 18.

## CAPITULO X.

Virtudes, & maravilhas d'  
outras Servas do  
Senhor.

4 Gouazg.  
Vvadding.  
Waler, & Ba-  
rez, cit.  
Fr. Artur  
Ostob. 22.  
& Iardim de  
Port. c. 123.  
Chronol.  
Monast. Lu-  
sit. l. 1. die  
27. Novb.

**M**uites dos ditos Au-  
tores, & outros co-  
nhecidos neste Rei-  
no celebraõ tambem o nome  
da santa Madre s<sup>ra</sup> Inez de S.  
Domingos, natural de Benavê-  
te, Arcebisgado de Evora, que  
na vida foi famosa por virtu-  
des, na morte com maravilhas.  
Levantou em sua alma sobre  
altos fundamentos de humil-  
dade profunda hum notavel e-  
dificio pera morada de Deos,  
muito pobre das riquezas fal-  
sificadas da terra, as quaes ella  
desprezava, mas muito ricas de  
todos os bens do Ceo. Foi na  
pobreza, retrato de sua Madre  
santissima: na humildade, em  
que as virtudes nascem, hũa  
perfeita discipula do graõ Mes-  
tre da perfeição Evangelica.  
Mas querendo apuralla ainda  
mais por suas proprias mãos  
este Senhor clementissimo, so-  
bre muitos achaques, que saõ  
parto da velhice, lhe tirou a  
luz dos olhos, cuja falta, & cu-  
jas dores intensas levou sem  
pre com estranha paciencia.  
Por outra parte o Tentador  
infernall, tomando mal os favo-

res, que ella tinha do Ceo, a  
affligio gravemente com muitas  
perseguições. Cada hora, que a  
via estar só, a arrastava do lei-  
to, onde jazia entrevada, & a  
deixava no chão maltratada, &  
ferida. Hũa vez a acháraõ inui-  
to longe na mesina enferma-  
ria, diante do seu altar, de jo-  
lhos, com as mãos levantadas a  
o Ceo desfazendose em lagri-  
mas; & perguntada, por quem  
alli a trouxera, dissimulando a  
magoa respondeo, que não sa-  
bia. Com estas tribulações se a-  
cendeo mais a tocha de sua al-  
ma purissima, cujas luzes, por  
oito dias continuos antes do  
seu passamento se virão repre-  
sentadas em duas estrelas so-  
bre a casa da dita enfermaria,  
as quaes falecendo ella, nun-  
qua mais apparecêraõ. Foi este  
ditoso transitio, em que passou  
pera Deos, no anno de 1565 a  
24 de Junho, no qual tempo  
se tem enganado muitos.

2 Logo o mesmo Senhor  
começou a declarar a grande  
estimação, que fazia desta ser-  
va tão fiel, obrando por seu  
respeito singulares maravilhas.  
A primeira, em hum frade de  
S. Francisco da Cidade, o qual  
já com algũa confiança acom-  
panhou a os outros, que vic-  
rão enterralla. Tinha hum bra-  
ço enfermo, de que não se a-  
judava pera poder dizer mis-  
sa, & tocando em o feretro, só

com

com isto ficou saõ. O bordaõ, que trazia na velhice, pediu o hũa devota molher de casa do Conde do Redondo, a qual com elle sarou, & deu saude a outros de muitas enfermidades; & querendo examinar esta sua salutifera virtude hum escrupuloso nescio, que com este pensamento o arremecou no fogo, no meio das chamas vivas o conservou sem arder a protecção do Senhor. Depois disto foi arrimo, que sustentava em pè aleijados, & gotosos: hum delles a Rainha D. Caterina muito enferma das mãos, a qual vindo gratificar a saude com a Infanta D. Maria estiveraõ muito tempo de joelhos diante da sua cova. Outro foi o Padre Fr. Andre da Insua, a quem a gota tinha tolhido os pès, tendo elle governado nos officios de Ministro, & Comissario Gèral a nossa Religiaõ. Hũa mantilha muito velha, cõ que ella se cobria no inverno, foi partida em pedaços â petição dos devotos, que desejavaõ reliquias, & com ellas forraõ vistas muitas cousas milagrosas. Creceõ a farinha do convento em hũa necessidade, & sarou hũa molher de dores continuas, que trazia na cabeça. Muito tempo adiante se abriu a sua cova, a qual lançou suavissima fragrancia, & hum pedaço do véo, que entõ lhe

foi cortado, servia de instrumento em admiraveis successos a o poder soberano da Magestade suprema.

3 Na flor de sua idade, que seria de tres annos, se começou a criar neste mosteiro no santo amor de Deos, for Leonor do Espirito Santo, filha de Andre Soares, & de D. Maria Valente, moradores em Lisboa, & como o natural pedia pera a virtude facilmente a lançou a essa parte a graça celestial por meio da sua boa doutrina. Tinha muita devação a os mysterios santos, frequentando os Sacramentos cõ grandissimo espirito, que tambem lhe derretia a alma em duas fontes de lagrimas, quando ouvia pregar. Guardava profundissimo silencio por naõ profanar a lingua, criada pera louvarmos a Deos, em conversações humanas. Sõ com ella praticava na oração mental, & vòcal, que era muito continua, com seu divino Esposo, & querendo oferecerlhe o corpo em sacrificio puro, como avia sacrificado a alma, fazia tantos rigores sobre as forças de sua humanidade, que convinha ter mão nella, porque naõ se arrojasse. E nestes impedimentos padecéo alguns agravos, como foi a bofetada, que lhe deu hũa irmã, a cuja conta estava, em rezão de querer ficar

no coro depois de matinas cõtra a saude propria, & contra as ordens, que ella lhe tinha dado. Mas era tal sua grande paciencia, que obedecendo, lhe rendéo depois as graças.

4 Neste estado a encontrãõ seus paes, quando do mosteiro a levãõ pera casa com intento de a quererem casar. Persuadirãõna muito cõriquezas, & outras comodidades, que lhes quizesse dar gosto: ella porêm constante em seu proposito de não trocar o celestial Esposo pelo mais nobre da terra, resistio valentemente a todos os seus combates, até que desenganados restituirãõ a Deos esta preciosa joia; que era do seu thesouro. Tornando a o mosteiro, no ponto, que professou, deu realce a todas as perfeições de sua vida passada. Era devotissima de N. P. Serafico, a o qual edificou hũa capela no claustro, merecendo em retorno deste notavel serviço, que elle a visitasse em suas enfermidades. Na derradeira lhe appareço tres vezes (que deste modo assiste elle a suas filhas legitimas) confortandoa sempre na piedade de Deos. Quando lhe deraõ a Unção, foi visto de muitas freiras o mesmo Santo acompanhar os santos Oleos, & ministrar no officio a o Cõfessor da casa, como o seu Ca-

pelão. Estando já muito propinqua à morte teve hum tiel-passamento, que a privou dos sentidos, & quando tornou em si não cabendo de prazer, rompêo com estas palavras. *Que voz tão sermosa, & tão delgada cantava aqui comigo esta letra! Misericordias Domini in eternum cantabo. Eternamente louvarei as misericordias do Senhor.* Pelo que se entendéo, que dellas avia tido algũa revelaçõ. Pronosticou o seu transito pera o dia seguinte, sexta feira, 26 de Fevereiro anno de Christo 1579, á hũa hora da tarde, tendo dous de profissãõ, & dezoito de idade. Desejãõ as freiras, as criadas, & mininas ver a verdade, com que se executava esta sua profecia, & acudirãõ todas juntas a o redor do seu leito pera esperar o tempo assima dito. Estando assi suspensas, deu o relógio aquella ditosa hora; & respondéo a enferma: *Educ de custodia animam meam ad confitendum nomini tuo: me expectant justi, donec retribuas mihi.* E quiz com isto dizer: *Tirai Senhor desta prisão minha alma pera louvar vosso nome: Os justos me esperão até vós. me concederdes a Gloria.* No qual pōto se soltou das ataduras do corpo a sua devota alma pera gozar com liberdade a companhia dos Santos, como piamente cremos. Quando foi à sepultura, os passarinhos, que se

Psal. 88.  
vers. 2.

Psal. 141.  
vers. 2.

criavão no claustro, e por onde ella passava, largando as vozes, & estendendo as azas, lhe fizeraõ tanta festa, que dayão sinais mui claros de reconhecerem nella respeito de santidade.

CAPITULO XI.

*Do grande lustre, que derão a esta casa os santos merecimentos da madre*

*sôr Filipa da Cruz.*

**N**atural foi de Lisboa esta esposa de Christo, mas pelo teor da vida parecia, que do Ceo trouxera sua origem. Principiou esta vida religiosa, & santa em idade de 24 annos, & nella perseverou até 87, no qual tempo a chamáraõ pera viver gloriosa por toda a eternidade. Creceõ muito nas virtudes, porque estavam fundadas em profunda humildade, cujo pezo a dobrava por baixo dos pés das freiras, & das criadas da casa. A todas servia, & a todas venerava. Trouxe sempre inclinada a cabeça, porque não se atrevia a olhar pera o ceo, & carregandoa mais

a sua muita velhice, de tal modo lhe caio sobre o peito, que não a podia ver quem lhe ficava detraz. Nunca quiz ser Abadesa, nem aceitou os officios, que eraõ mais cobicados (prova grande de seu humilde espirito); mas fazia com alegria notavel os ministerios baixos, em que tinha mais trabalho. Servia sem exceção as enfermas do mosteiro, exercitando com ellas outras virtudes insignes de paciencia rara, & caridade estranha. Lavava a todas as suas chagas, & os panos, com que ellas se curavaõ: yarrã a casa, & concertava os leitos, assistindo ás medicinas, que applicavão os medicos: sofrendo tambem as muitas impertinencias, que trazem consigo as graves enfermidades. Acontecia, se era mui vehemente o delatino das dores, offendereinnã com empuxões, bofetadas, & injurias; & ella dissimulando respondia com o semblante alegre, que lhe dessem muitas mais, se com isso aliviavão os males.

Guardou sempre estreitissima pobreza no vestido, & no trato, como quem se gloria de fillia de S. Clara; & nesta grande penuria ainda imaginava, que as outras padeciaõ maiores necessidades; pelo que lhes dava tudo, sem

perdoar a reção, que avia de comer. Quantas vezes ficou morrendo de fome, por sustentar a o proximo! Quantas vezes se desfez da sua roupa, por vestir os pobres de Jesu Christo! Mas era nella mais leve o sentimento, em reção do asperrimo rigor, com que se mortificava. Não avia no seu leito, senão hum xergão de palha com hūas cubertas velhas; & nesta cama jazia quando estava doente, com este pouco regalo, assi vestida, & toucada, como andava de dia, com cilicio perpetuo debaixo de hūa tunica de pano. Jejuava por costume tres dias cada semana, & computando os outros muitos jejuns, que tinha à sua conta, quasi o anno inteiro lhe servia de quaresma. Não se podião contar os golpes das disciplinas, com que feria o corpo por todas as partes delle: eraõ porèm tão crueis, que se via de sangue. Repetia na oração muitas vezes o Salmo *Miserere mei Deus*, & chegando a dizer estas palavras: *Tibi soli peccavi*, descarregava no peito outra tormenta de golpes com os quaes de ordinario ficava em carne viva; & na conjunção da morte lhe viraõ ainda nelle hūa pizadura negra.

3 Deste modo aparecia a Deos todas as horas, que se rezava no coro, cuja vista pelo traje fermoso da penitencia lhe seria agradavel. E fóra das ditas horas do officio divino, estava em oração até as onze da noite: às doze tornava pera matinas: depois dellas esperava pela Prima, de joelhos, & com os braços em cruz, ou com a boca por terra. Ninguem sabia quando ella repousava, nem como era possivel sustentarse sem dormir: posto que se tinha por muito certo, que as forças lhe daria aquelle Paê clementissimo, por quem sempre clama va na oração, *Pater noster, qui es in calis*, sem dizer por muito tempo outra palavra algũa. Recebeo taes favores de sua benignidade, que quando gozava delles, elevada em a doçura do Ceo, não ouvia, nem sentia os reboliços da terra. Teve graça de curar enfermidades, & muito grande trabalho no exercicio della, porque sua humildade lhe encolhia o animo, a miseria aliea puxava pelo remedio. Pediaõ as enfermas, que lhes lançasse a benção: escusava-se dizendo, que era peccadora, & indigna; & quando importunada lhes fazia a vontade diziaõ ellas, que alcançavaõ saude. Ouve muitas,

que

que lhe tocaraõ no habito, sem que ella o sentisse; & com isto foraõ fans.

4. Resultoulhe desta vida tão penitente; & santa ordenarem os Prelados, que fosse reformar com seus illustres, & singulares: exemplõs o mosteiro de Santa Clara de Saõra na Prouincia de S. Miguel em Castela; & instruir nas observancias da sua sagrada Religião o mosteiro da Castanheira neste Reino, como ainda diremos. Tornando porém a este, no qual tinha a afeição; foi continuando com suas grandes virtudes até que Deos a chamou pera sua companhia. No ponto, que os corréos da morte lhe derão este aviso, se foi à enfermaria, onde passou oito dias, todos cheos de profundos, & altísimos mysterios. Pedio logo, & recebeu com devação admiravel os sagrados Sacramentos, & quando vio a seu Esposo santissimo, que a ia visitar embugado com os vestidos do pão, assentada em o leito, & derreteria com lagrimas não punha fim em dizer: *Misericordias Domini in aeternum cantabo*; que sempre confessaria, & louvaria as grandes misericordias, que este Senhor do Ceo tinha com ella usado. Chegando

os santos Oleos cantou *Te Deum laudamus*, & depois de ajudar a rezar os salmos, & orações, que nesse tempo se rezão, falou com as companheiras: *Agora me ajudai a cantar as muitas mercês, que me fez o meu Senhor Iesu Christo.* Isto mesmo dizia a cada passo, advertindoas tambem, que lhe rezassem tres vezes o *Pater Noster*, & *Ave Maria* em louvor da immensa piedade, que elle obrou na Cruz.

5. Rogava de quando em quando, que a deixassem com a cortina corrida pera poder repouzar, mas como se via só, feria o Ceo com gritos dizendo estas palavras: *Iesu, Iesu: salváinos meu bom Iesu.* E sendo admoestada, que tratasse só de si, respondeu conforme à caridade, que dizia muito bem, porque pera todas avemos nós de pedir a salvação. Tratando porém da sua, pediu perdão de todos os seus defeitos em plena comunidade, & postos os olhos na Abadessa lhe disse com hum affecto notavel: *Madre Abadessa, por amor de Deos lhe rogo, que me faça esmola de hũa morealha, & de hum cantinho de terra, onde fique escondida pera sempre esta pobre do Senhor.* Quanto mais ia chegando ás portas

o Psalm. 138  
vers. 20

d'aquella Cidade santa, onde a luz he eterna, mais altas cousas dizia dos perigos da morte, da gloria dos Anjos, da piedade de Deos, explicando por excelente estylo algũas autoridades do Apostolo São Paulo. Gritavão todas, que lhes lançasse a benção, & vendo a Abadesa, como ella por humilde recusava, mandoulhe por santa obediencia, que a ninguem a negasse. Aquella noite antes de passar do mundo, esteve dizendo com grandes ancias: *Quem vira já essa manhã tão alegre, & tão fermosa? então se começarão os dias da misericordia.* Trouxerão-lhe a Imagem da Senhora de Belém, com a qual se abraçou, & inclinando depois a cabeça a seus pés, lhe disse com muitas lágrimas. *Minha Senhora santissima, eu ponho em vossas mãos minha alma; pera que vós a entregueis a vosso bendito, & amado Filho.* Procurou, que lhe rezassem o officio da agonia, cujas orações ia sempre repellido com tão grande devação, & inteireza de animo, que dava mostras mui claras de não ter medo á morte. Pedio agoa benta pera fazer o sinal da Cruz na testa: perguntou, se era benta a vèla, que lhe metêraõ na mão. Ti-

nhu na outra, apertada hũa conta tambem benta: fundando em parte nesta multidão de benções hũa firme esperanza de acompanhar na sorte a os Bentos do Senhor, que elle por este nome lhe de chamar pera si em o juizo final. Largava com tudo algũas vezes a vèla pera contar pelos dedos, segundo o seu costume, as devações, que rezava; & pera se perfignar com a diviza da Cruz na testa, na boca, no coração, & nos olhos. Começava a dizer: *Bem dita, & exalçada seja a muico santa, & perfeita Trindade; a Virgem Mãe com toda a Corte celestial.* Tornava a repetir: *Salvamos hãmlhe, & logo sollicitava o emparo da Senhora com estas santas palavras: Maria Mater gratia, Mater misericordia.* Rezaraõ-lhe o *Miserere mei Deus,* & chegando a o verso *Tibi soli peccavi,* assi batia no peito, como se quizera espremer o coração. Neste tempo despregou hũa cruz de pau pequena, que trazia na cabeça, & levantando o braço fez sinal, de que em virtude della triunfava do inferno. Tendo d'antes dificultado a benção, como avemos escripto, agora, que tinha já confiança de entrar nos poderes do Senhor, sem lha pedirem,

8 Muth. 25.  
verf. 34.

1. m. 1. 6.  
c. 1. 1. 1.

abendiçoava todas. Abrio os olhos pera os pregar no Ceo, dôde o mesmo Deos a chamava, & depois de os fechar por não ver mais a o mundo, foi gozar da sua eterna vista; pela qual tanto tinha suspirado, em quarta feira de Cinza, às quatro horas, & meia da tarde, nos 11 de Fevereiro de 1587 annos.

7. Seu corpo, ainda que fudoso da companhia da alma, não deixou de se vestir dos alegres resplandores, que della reverberaõ. Todo estava cheirando suavemente. O rosto ornado de fermosura, competia com a neve: as mãos, assi se mostravão brandas, como de pessoa viva; & nas palmas, bilhou hũa claridade, que parecia chrystal. Concorrèo o convento a ver estas maravilhas, sendo trazidas nos braços as que estavão enfermas, & admiradas de tantas misericordias, com *Te Deum laudamus*, & com o Salmo *laudate Dominum de celis*, cantado de canto d'orgão, louvãõ a Majestade divina, gloriosa nos seus Santos. Tocavaõ todas em suas mãos os rosários, beijavão aquelles pès, que atinãõ com o caminho do Ceo: cortavão pera reliquias o seu vèo, & o seu habito: hũas dizião, que alcançãõ saude: outras bra-

davão, que as deixassem chegar; & foi necessario mandarlhes a Abadessa, que não fizessem detença, pera todas alcançarem a mesma consolação. Fervia a piedade em demonstrações devotas, venerando com perfumes, & multiplicados cirios o cofre, que encerrou taõ preciosas virtudes. E como em este caso occurrião particulares rezões, em tudo se dispensou nos estilos do mosteiro. Não lhe cubriãõ o rosto, mas com elle, & com as mãos descubertas a pozeraõ no esquite sobre hum pano de tela, & seis frades a levãõ a enterrar em os hombros, numa cova, que estava senieada de boninas, junto da porta do coro, onde agora se vé hũa pedra inteirissa. Nada disto até entãõ se usava. E sendo depois de muitos annos aberta, ainda se cõservava o suavissimo cheiro, que o corpo lhe tinha comunicado. D'alguns ossos, que entrãõ foraõ tirados, como d'aquelles retalhos, que lhe cortãõ do habito, publicavão os enfermos, que com elles os curava o Senhor de grandes enfermidades. Eserévèo a sua vida a Madre sôr Maria do Presépio, posto que nos encubrio o seu nome, & della tambem falou o 'Agiologio Lusitano, a cujo Autor chegou toda esta relação.

to. 1.º, Fev.  
11. 1.º.

## CAPITULO XII.

*Do nome santo, que logrão outras esposas de Christo.*

1 **N**ão teve esta ventura, de achar Escritor de suas obras, algũa serva de Deos das que agora se seguem: mas tambem a virtude não he sempre venturosa, ainda que conhecida. Sò de hũa fez memoria <sup>a</sup> Duarte Nunes do Leão, querendo mostrar cõ ella, qual foi o recolhimento, & honestidade rara das antigas Portuguezas. Era D. Ana de Fontes (falamos a o seu modo) que por morte do marido o Doutor Gaspar de Carvalho Chanceler mór deste Reino, tendo filhos de idade, que já servião o Rei, sacrificou nesta casa sua pessoa a Deos, & nella deixou fama de hũa grande santa, como escreve o sobredito Autor.

2 O mesme nome ficou de sòr Maria da Transfiguração, cuja humildade grande mereceo, que o Senhor, pera dar alivio a seu comprido desterro, o qual durou noventa annos, se declarasse com ella em muitas cousas de seus ocul-

ros segredos. Foi hum delles: a hora de sua morte no de 1594, acõpanhada de excelentes virtudes, & disposições santissimas. Dilatava a Unção pera o tempo propinquo a essa hora, quando a sua eficacia lhe era mais importante; & vendo como o Medico lha queria apressar; não pode mais encubrir a revelação de Deos, que por sua humildade até então escõdia. Declarou, que em dia da Ascensão do Senhor, à hora da Noa avia de acompanhar <sup>b</sup> aquelles prisioneiros, que depois de resgatados cõ o thesouro da Cruz, subiraõ no seu triumpho da terra pera o Ceo. E executando Deos a verdade deste dito, no mesmo tempo, em que o coro cantava: *Videntibus illis elevatus est*, saõ livre sua alma do cativeiro da carne cõ manifestos sinaes de gozar da liberdade eternamente da Glõria, onde tudo saõ bonanças.

3 Sòr Francisca das Chagas deixou a este mosteiro em toda a sua vida maravilhosos exemplos de pobreza, & humildade. O menos foi enjeitar o cargo de Abadessã, porque com isso lançou outra amarra forrissima, pera resistir melhor às tormentas deste mundo, em que as almas se perdem. A maravilha esteve na prontidão do espirito, com que servio às enfermas, alli freiras, como cria-

<sup>b</sup> ad Ephel.  
4. vers. 3.

<sup>a</sup> na Descri-  
ção de Por-  
tug. c. 88.

das da casa. A todas amortalhava, usando com ellas os primores da caridade christã, a qual a poz em estado, que avendo repartido pelos pobres a mais da roupa do leito, nas suas doenças dependia da piedade das outras no que era necessario. Ajustou a sua vida quanto lhe era possível com os preceitos da regra; & sendo observantissima, na hora da morte, anno 1621, no ponto, que vio diante de si hũa Imagem da gloriosa S. Clara, a qual ella mandou trazer a o leito, lhe disse com muitas lagrimas. *Bemaventurada Madre, eu confesso, que falei nas obrigações de filha, mas destas falças vos peço aqui perdão. Darme a vossa benção, & não me desempareis nesta apereada hora.* Dito isto, deu hum soluço notavel, & com elle se despedio santamente do corpo a sua alma.

4. Sór Ana de S. Clara foi admiravel na vida, & tudo representava na estranheza do habito, com que andava vestida: hum pedaço de burel, & hũa corda mui grossa. Com este encargo de ser maior penitente, erão taes os seus jejuns, & mais rigores, que parecião excessos. No seguimento do coro, em particular à meia noite, ficando nelle até a manhã seguinte, tinha muita semelhança dos Espiritos Angelicos, q

nunca faltão em os louvores de Deos. Foi grandemente devota da Virgem Senhora nossa, & todo o oitavario da sua Natividade duas vezes lhe rezava o officio divino. Quanto maiores serviços lhe pretendia fazer, & a seu Filho santissimo, maior guerra lhe fazia o demonio com perseguições terribes, de modo, que hũa noite a seguio até o coro, pretendendo com estrondos, mas de balde, que não fosse a matinas. No tempo da sua morte, que foi no anno de Christo 1626, não podendo este Têrador maligno meter em desconfiança da piedade de Deos seus merecimentos grandes, esforçou a tetação contra a verdade da Fé. Mas encostada a hum santo Crucifixo, sempre esteve dizendo: *Fè viva, Fè viva*, & deste modo triufando dos infernaes inimigos, foi ver no lume da Gloria o que ella nos ensina.

5. Do Algarve, donde era natural a Madre sór Filipa das Chagas, a rrouxe Deos para esta sua casa, na qual ella, affi como de todo o coração o desejava servir, tambem foi mimosa sua com singulares favores, que reccebia na alma. Todo o dia, & grande parte da noite, sem se poder apartar deste Senhor amanrissimo, conversava com elle na oração. E por não vir a faltar em materia al

gãa a seu perfeito amor, tão longe esteve sempre de sentir os agravos, & injurias, q̃ a quẽ a ofendia mostrava melhor vôtade. Em retorno desta sua paciencia, por grande favor do Ceo, nenhũas dores sentio, quando por causa de hũ achaque foi necessario arrancarlhe hũa unha. Hum dia, que comũgava acesa em devaçãõ, publicamente se disse, que não esperou pelas mãos do Sacerdote a Particula sagrada, mas per si se lhe foi meter na boca, desejando descançar em hũa alma tão pura o Senhor sacramentado. Sempre disse, que avia de morrer em dia de N. P. Serafico, quatro do mez de Outubro, & chegando o de 1634, às sinquo horas da tarde caminhou deste desterro pera a patria dos escolhidos de Deos. Muitas pessoas se valêraõ pera elle da sua intercessãõ, & foraõ bem despachadas na saude, & noutras necessidades.

### CAPITULO XIII.

*Florecem muitas com heroicas virtudes, & reformãõ outras casas.*

**S** Or Antonia d'Anũciação na cidade de Lisboa, onde avia

nacido, fez logo em seus principios aquella grande acção de renunciar por Christo o cõpõso, que lhe buscãraõ seus paes; & querendo segurarle em este sãto proposito llics fugio de sua casa pera o recolhimento deste sagrado mosteiro. Foi toda a sua vida exemplar, & virtuosa, na qual se aproveitou da lição de muitos livros devotos, que nos mostraõ o caminho da perfeição Evangelica. Vendêo a tença, que os paes lhe tinhaõ feito, pera reparar a casa da sanctissima, onde se guardaõ as peças, com que Deos na terra he venerado; & seguindo os atalhos da pobreza religiosa, & santa, assi amava os pobres, que lhes deu parte da cama, & do habito, com que andava vestida. Muitas vezes lhe fazia o comer por suas proprias mãos, & com tanta policia, como se fora cozinheira de algum Principe grande.

2 Servindo de Abadessa, lhe declarou o Senhor quanto pòde a virtude da santa obediencia, no tempo, que hũa subdita se escusava por enfermidade do cargo de Provisora. Chegou a ella, & disse: *Eu vos mando, que sareis, & que sirvais o convento, como agora ordeno.* Couza grande! no mesmo ponto comecou a sua convalecencia, & não faltou no officio, que lhe

foi

foi encarregado. Estando já apurada no fogo do sofrimento com muitas doenças, & hũa perna quebrada, veio buscalla a morte no anno da Redenção 1636, a qual ella recebéo cõ demonstrações devotas. Pedio primeiro, que lhe lessem a Paixão do Salvador, que escrevêraõ os quatro Evangelistas; & logo se partio pera ver transfigurado no Ceo o mesmo Filho de Deos, que lhe rasgava a alma desfigurado na terra. Neste tempo se representou em sonhos a hũa religiosa de aprovada virtude, que via hũa donzela muito fermosa, & ricamente vestida, acompanhada de outras, & perguntando, quem eraõ, lhe foi dito, que todas vinhão buscar a hũa sua amiga. Apõz disto espertou cõ o primeiro sinal, que fez o sino, da sua ditosa morte, & ficaraõ entendendo, que a gloriosa S. Ursula com as suas companheiras, a quem ella servio sempre cõ singular devaçõ, lhe fariaõ agora este notavel favor.

3. Outro sonho, & muito mysterioso teve d'ahi a dous annos hũa minina, que na casa se criava pera freira, & naõ passava de nove. Tinha falecido nella hũa noviça por nome *Maria Baptista*, de vida taõ virtuosa, que a julgavaõ por santa, & mereceo, que na hora de seu transito a visitasse, & con-

solasse; como a filha mimola, nosso santissimo Padre. E caminhando o tẽpo, quando chegou a o dia, em que ella, se vivera, avia de professar, sonhou a dita minina; o que agora se segue. Estava o coro vestido de muitas luzes, acompanhado da Corte celestial, & todas as tres pessoas da Santissima Trindade no tronio da sua gloria, posto sobre o alzar da Virgem immaculada. Nisto entrou a Noviça, & prostrada huilmente a os pès do venturoso altar, recebéo das mãos divinas o véo preto, que se dá na profissão, solemnizando os Anjos com suas alegres vozes a grandeza deste acto. Alli o cõtõu depois tremendo com sobressaltos a minina innocente, que naõ avia notado o mysterio do dia, em que isto succedeo, & por sua fingeleza bem podemos suspeitar, quealaria verdade; pois tambem na minice revelou a Samuel o Altissimo Senhor algũs segredos occultos, que a outros importavaõ.

4. Sõr Mariana de Jesu foi aquella religiosa devota, que mandou pintar no coro o Passo da S. Cruz, & instituiu de novo a procissão do Rosario. Deu principio tambem a outra solẽnidade da Senhora dos Prazeres, que neste mosteiro se festeja cada anno. E cõto

1. Reg. 3.  
vers. 4.

cap. 8.

Deos lhe pagava de contado esta sua devação com celestiaes favores, tambem lhe manifestou em hum caso milagroso o muito, que acertava nas obras de piedade. Era então Sancristâm, & tendo já preparada toda a roupa de linho, q̄ avia de deixar à sucessora, chegãõ dous frades da nossa Religião, os quaes lhe pedirão pera hum convento pobre hũa esmola de pano. Ouvindo a petição, meteo as mãos numa arca, apressada, & a furto de quem a podia ver; & impedir esta obra, & tirou sinquo toalhas, que em rezão deste numero oferecêo com mais gosto a o santo Patriarca á honra das suas Chagas. Mas o Senhor, por cuja conta corria o galardão principal, na mesma arca multiplicou as toalhas de maneira, que nenhũa lhe faltou das que tinha juntas, quando saio do officio. Foi sua ditosa morte no anno de 1640.

5. Outras muitas alcançãrão a mesma felicidade, de acabarem a carreira desta vida com opinião de Santas. E voando esta fama da grande religião, que avia no mosteiro, pelas professoras della se plantou, & restantou a regular disciplina em muitas comunidades. A informação antiga, que se escreveo no anno de 1584, quando ainda o passado não

estava totalmente esquecido; refere, que desta casa se deraõ as Fundadoras a S. Clara de Beja; & Reformadoras a Santarém, Castanheira, & a Safra em Castela. Diz tambem, que naquelle mesmo tempo estavam tres freiras em Toledo: mas não declara se forão a reformar, ou fundar; & algũa destas causas avia de ocorrer pera estarem taõ longe. A Santarém foi mandada em companhia de outras pera sua Abadessa a madre s̄r. Inez de São Paulo, de cujas raras virtudes já tratei' nesse mosteiro. Das que forão pera Beja, não constão seus nomes proprios. Na Castanheira não ouve reformação, falando propriamente, mas hũa pura mudança da Ordem Terceira pera a de S. Clara; & nesta conformidade lhe deraõ d'aqui por mestras da nova Religião, que queria professar, duas mulheres insignes: s̄r Joana de S. Francisco, da qual direi a seu tempo; no cargo de Abadessa; & por sua companheira s̄r Filipa da Cruz, de quem tenho dado a noticia, q̄ basta. Pera Safra forão sinquo, a saber s̄r Joana dos Anjos Abadessa, s̄r Antonia dos Anjos Vigaira, s̄r Filipa da Cruz, já nomeada assim, s̄r Brites d'Assis, & s̄r Isabel da Visitação, por suas Coadjutoras. A estas religiosas mandou o Du-

P. 2. l. 5. c. 11.

cap. 11.

que

que de Feria a cabeça de hũa das Onze mil Virgens; cujo nome o Ceo depois revelou como' fica referido. Forão finalmente algũas Reformadoiras a S. Iria de Tomar; & deste modo serviaõ todas a Deos, edificando nos caminhos com seu exemplo o mundo, restaurando nos mosteiros a vida religiosa, que sendo bem concertada, na terra nos representa a fermosura da Gloria.

## CAPITULO XIV.

*D'algũas pessoas graves, que aqui se recolhẽrão, ou sepultarãõ: em particular da Excelente Senhora.*

**I** Eja logo a primeira a dita D. Inez, Fundadora desta Casa, cujo louvor pera sempre estarão apregoando as suas mesinas paredes, que ella principiou por revelaçõ do Ceo; & o dote juntamente, que deixou pera se alimentarem as Esposas do Senhor. Por rezão de obra taõ excelente, & com tantas circũstancias, anda escrito seu nome no Catalogo das mulheres mais insignes deste Reino. Tomou casas vizinhas a o mosteiro, donde vinha assistir naõ só

a os edificios, mas tambem a companhia das freiras, q' amava como filhas, com as quaes acabou de aprender a doutrina da perfeiçõ Evangelica. Tressadou pera a capela mór os ossos de seu marido, que já hoje a respeito das mudanças, que nella ouve, não se podem conhecer. Com estas occupaões ainda estava viva no anno de 1305, quando fez doaçaõ a o mosteiro da sua quinta de Sarilhos, & consumando depois o curso de sua vida, do cemiterio das freiras, onde se mandou lançar, quiz resuscitar cõ ellas pera os gozos eternos. Mas pareceo necessario transferir os seus despojos a outro lugar melhor, como he o coro baixo, no qual agora se guardão, em hũa arca de pedra, recolhida na parede, a hum lado do altar. Tem na face as palavras, que se seguem. *Aqui estãõ os ossos de D. Inez, que fundou este mosteiro no anno do Senhor 1330.* Com tudo estãõ erradas as que dizem; no anno do Senhor, sendo a Era de Cesar, na qual esta Fundadora, como' avemos escrito, deu o mosteiro às freiras, que veio a ser o anno de 1292. Na pedra, que fecha este sepulcro, se le tambem o seguinte. *Foi feita esta arca, & tressadados nella os ditos ossos no anno 1569, sendo Abadesa Ioana de Iesu.*

2. Maior gloria, & incom-

para-

cap. 3.

cap. 3.

8 Jardim de  
Port. c. 80.

cap. 2.

paravel honra lhe tem dado cõ a sua assistencia na vida, & morte a Infanta D. Caterina; filha d'ElRei D. Duarte, a qual vendo desfeito seu casamento, que estava concertado com D. Carlos Principe de Aragaõ, & Navarra por morte do mesmo Principe, da majestade do Paço veio buscar os apertos desta casa, onde viveo, & morreo com muitos exemplos de devaçaõ, & virtude. Disto me são testemunhas os Padres Fr. Lucas<sup>d</sup>, & Vasconcelos<sup>e</sup>, Mariz<sup>f</sup>, & D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa<sup>g</sup>, que por tratarem de proposito as materias do Reino merecem muito mais credito, que quem somente toca nellas de caminho. He verdade, que alguns escrevem, que professou no mesmo mosteiro a Ordem de S. Clara; o que não podia ser, porque no tempo da morte estava desposada com o Principe de Inglaterra: mas queteriaõ dizer, que professou a Regra dos Terceiros Seculares, & isso he muito certo, como já tenho eserito<sup>b</sup>.

3 Com tudo a Madre sãr Maria do Bautista na Fundação do seu mosteiro do Salvador de Lisboa<sup>i</sup> diz, que nelle se recolhêo a Infanta, & bastou dizello ella pera q os dous Aurores, do Jardim de Portugal<sup>k</sup>, & da Historia do P.S. Domingos<sup>l</sup>, seguissem ambos a sua o-

piniaõ: porẽm eu não lhe acho fundamento, porque as mesmas rezões, de que se quiz ajudar, muito mais assistem a S. Clara. Alega a devaçaõ da Rainha sua mãe com o seu glorioso Patriarca: a o que lhe replicamos com a de seu pae, & seu irmão ElRei D. Afonso V; em cujo tempo escolhêo este estado, q foi admiravel, como muitas vezes digo, em favor da nossa Ordem. Darlhehia a Infanta o calis rico, & era bem empregado: mas nem por isso lhe dava o coração, que tinha em S. Luiz por filho de S. Francisco, cuja figura estava no mesmo calis. Não avia ella de escolher outra casa pera seu recolhimento, senão a do nosso Santo, a quem já venerava como pae. Este as Madres do Salvador nos impugnaõ com a sua tradiçaõ, a mesma, & muito constante temos nõs neste mosteiro. Ellas lâ não nos mostrão sepultura, & câ se conserva até hoje no meio do coro baixo, o qual està ladrilhado, & só nesta parte cuberto de azulejo. No rocante a seus ossos, dizem os Padres do mosteiro de S. Eloi, que os tem no seu sepulero, que lhe fez o Cardeal Arcebispo D. Jorge da Costa; & se elles possuem este thesouro, S. Clara lho largou.

4 Muitas vezes nos saie a o encontro a Princeza de Cas-

rela,

<sup>d</sup> tom. 5. an. 1430. n. 14. e in Eduard. do Rege. f Dial 4. c. 5. <sup>e</sup> Chr. d'El-Rei D. Afonso V. c. 32.

<sup>b</sup> p. 1. 2. c. 25.

<sup>i</sup> l. 1. c. 15.

<sup>k</sup> N. 101.

<sup>l</sup> Soufa p. 2. l. 1. c. 12.

tela , chamada D. Ioana , a quem a cega Fortuna abatéo antes de freira a estado de Excelente Senhora. Falei nella nos mosteiros de S. Clara de Santarém , & Coimbra: no primeiro , em rezão de tomar nelle o habito : no segundo, porque ahi professou. Dos casos de sua vida , que envolvem os do Reino, se tratará a seu tempo ; & agora sómente se mostrará o lugar, onde está sepultada , por não ficar em tanto esquecimento, como eu o encontrei. Dizião huns <sup>m</sup>, que estava no sobre-dito mosteiro de Santarém: outros, no de Varatojo, como avia disposto no primeiro testamento , o qual depois revogou. Porém a todos desenganamos com a luz de húa carta d'ElRei D. Sebastião, a qual passou em seu nome a Rainha D. Caterina , que governava por elle na sua menor idade, em 18 de Fevereiro de 1558. Diz nella , que sua tia a Excelente Senhora ordenou por seu testamento , que se dissessem pera sempre no mosteiro de S. Clara de Lisboa , onde se mandou lançar , & tem sua sepultura , seis missas cantadas em cada anno ; E ordena, que a esmola das missas , & azeite pera as duas alampadas , se pague sempre pela fazenda Real . Foi escondido seu corpo dentro do seio

da terra em a casa do capitulo ; & ainda que depois o tresladaraõ pera sepultura alta , nem por isso ( tão esquecida a quem ) lhe pozeraõ ou brazaõ , ou epitafio , que a dê a conhecer. Sò na pedra aparece este numero 1545 , mas não declara se he o tempo da morte , se o da tresladação . Defronte lhe fica húa vidraça , na qual se vem de pintura as nessas Quinas Reaes , feita no anno 1541 , como ella mesma diz .

5 Muitas Senhoras illustres, que no mundo aviaõ estado prezas com os grilhões do matrimonio , em se vendo soltas delle , tomaraõ outra prizão neste carcere do Ceo , ficando assi mais livres pera servirem a Deos . Húas dellas , no seu proprio estado: outras , mudadas em freiras ; & todas , acompanhadas de saudaveis exemplos . Das primeiras nomearemos só duas , das quaes he D. Tereja , a mãe de Fernão Cabral , cuja piedade grande se estendéo largamente por muitas partes do Reino . No convento de Viseu <sup>m</sup> vive a sua memoria nos ornamentos , & toalhas do altar, que ella lhe inviou , com esta declaração . Fincou em S. Clara de Lisboa , & lá jaz enterrada .

<sup>m</sup> Arch. def. te Convent.

Outra memoria, escrita em pedra viva a os pès do altar de N. Senhora da Conceição no coro baixo deste sagrado mosteiro nos relata o seguinte. *Aqui jaz D. Isabel de Ataíde, filha do Conde Almirante, que descobrio a India, a qual se veio recolher neste convento por sua devação. Faleceo em 17 de Março de 1568. Foi casada com D. Inacio de Noronha, filho herdeiro do Conde de Linhares, & confirmando na morte a opinião da vida, deixou seus bens applicados a missas, & obras pias. Com isto nos despedimos agora de S. Clara de Lisboa, tornando a proseguir o caminho, que deixamos.*

### CAPITULO XV.

*Faz concordata ElRei com as Igrejas do Reino, estipulando pela parte do Pontifice o Guardião de Lisboa.*

1289

**Q**Uando as benções do Ceo começãrão a cair no sobredito mosteiro pela sua fundação, começava tambem a possuir Portugal a ventura

de ver concordadas as Igrejas com a Coroa Real. Tinha ficado por morte d'El-Rei D. Afonso III as contendas no estado, que <sup>al. 6. c. 6. et 4</sup> contra parte dissemos, & ainda que seu filho, & successor D. Dinyz lhes desejava remedio, & os Pontifices Romanos tambem o solicitavão, era duro à cobiça desistir de poderes usurpados, respeitar privilegios alheos, compor os Ecclesiasticos; & isto só tinha em pès as demandas. Não lhes poderaõ dar fim os Papas, que succederaõ a João XXI, em cujo tempo faleceo o dito Rei D. Afonso III, porque estava guardada na divina Providencia esta acção gloriosa pera hum frade da nossa Ordem Serafica, que assentado na cadeira de S. Pedro se chamou Nicolao IV. E merece algũa observação, que <sup>b. cit. c. 6.</sup> outro frade do mesmo nome, & habito, sendo Nuncio da S. Sé Apostolica reduziße estas cousas a hum aperto rão grande, que os Reis tomãrão por bom conselho obedecer a o Papa; & que este, governando a universal Igreja, deixasse correntes os foros, & privilegios das nossas de Portugal: pera que fique mais claro, como o descanço, de que ellas por

este

este tempo gozaraõ, em muita parte o devem a os filhos da nossa Religião.

2 Discutida em Roma a controversia, onde tambem outro Frade Franciscano, & Arcebispo de Braga, que se chamava *D. Fr. Teo*, briosamente pugnou pelo seu estado Ecclesiastico, vieraõ a concordarse em quarenta artigos, os quaes logo hum Procurador d'ElRei prometéo em seu nome no Consistorio publico, que elle os guardaria; & os faria guardar. Mas pera mais segurança, os remetéo a o Rei o mesmo santo Pontifice ordenando, que convocasse a Cortes, & que nelas jurasse publicamente, que assi da sua parte, como do Reino seria dada a tudõ inteira execuçaõ. A bula, em que isto ordenou, foi passada a 7 do mez de Março de 1289: depois a os 16 escrevéo a fôrma do juramento; & noutra bula escrita a 21 avizou o Prior de S. Domingos, & Guardiãõ de S. Francisco de Lisboa, de como os nomeava, & outros Ecclesiasticos por Procuradores da santa Sé Apostolica, pera que em nome della estipulassem, & aceirassem o juramento, & a promessa d'ElRei.

3 No ponto, em que as

bulas chegaraõ, fez o Rei as suas Cortes na dita cidade de Lisboa, a os tres dias d'Agosto, onde tambem assistiraõ os dous Prelados, já nomeados assima. E querendo perfectamente cumprir quanto mandava o Papa, nas mãos delles jurou a sua promessa, & só delles, como grandes confidentes da santa Igreja de Roma, fez declarada memoria na carta, que sobre isto passou, pelas palavras seguintes. *Prometemos expressamente a vós religiosos Varões Prior dos Pregadores, & Guardiãõ dos Frades Menores de Lisboa, que nós comprivemos a dita composiçaõ. Com isto teve defcanço o Reino, & respirou dos trabalhos, que esta mesma contenda lhe dera em muitos tempos passados. E ainda que recreceraõ mais duvidas, com outros onze artigos se deu fim às Concórdatas, de que falão as Ordenações do Reino, levantandose tambem o interdito geral.*



Torre do Tombo.  
Arch. da Sé de Lamego  
Monarch.  
L. 16. c. 63.  
Fr. Luc. an.  
1282. o. 10.

## CAPITULO XVI.

Encomenda o Pontifice a dous Capitulares de Braga a defensão do convento de Orense, E nomea a D. Frei Rodrigo, quarto Bispo de Marrocos.

1289

**U**ltificarão na dita occasião tão claramente seu zelo os Prelados Portuguezes, que nelles, & noutros Ecclesiasticos desta propria nação achou o mesmo Pontifice Nicolao IV, ficaria mais seguro o emparo dos nossos Religiosos da cidade de Orense, onde o Bispo com manifestas injurias os tinha atropelados. E com esta confiança, no dito anno a 27 de Agosto nomeou pera sua defensão dous Prebendados de Braga: hum, Conego, que se chamou Rui Fernandes: outro, Arcediago de Neiva. Remetteolhes hũa bula, cujo principio foi: *Dilecti Filij*: na qual lhes encomendou, que o fizessem citar, pera que em o termo de tres mezes apparecesse em Roma a dar a causa de suas exorbitancias. Foraõ estas tão notaveis, que em castigo o o-

a F. Luc. an.  
1289 n. 46.  
& in Re-  
gest.

brigou o Pontifice a fazernos o convento da sua mesma cidade. Mas não se escandalize quem nos vir taõ perseguidos, porque entre as merecs, que Christo fez a seu Alferes Francisco, hũa foi assemelhar os trabalhos: entre Infeis, da sua santa Igreja: entre os Catholicos, da nossa Religião.

2 No mesmo anno provèo o dito Pontifice na Cadeira Episcopal de Marrocos a Dom Fr. Rodrigo, quarto Bispo d'aquella santa Igreja. De sua suficiencia nos dão testemunho largo, o tempo, & circumstancias, que teve a eleição. Porque estando, avia já muitos dias, as ovelhas de Christo sem Pastor por morte de D. Fr. Branco: fazendo nellas estrago os lobos crueis de Africa: procurando o Papa hum sujeito singular, que governasse santamente os Catholicos, & convertesse os Mouros: o nosso Rei D. Dinyz, o de Castela Dom Sancho IV, os Christãos das mesmas partes: Ecclesiasticos, & Senhores seculares todos inculcãrão este, & o pedirão por Bispo, obrigados por ventura dos serviços, que tinha feito a Deos em a sua Christandade, onde era conhecido.

8 F. Luc. an.  
1289 n. 21.  
& 1290. n.  
19. & 20.  
Monarch.  
Lust. p. 5.  
l. 16, c. 71.

3 O Papa o nomeou, & de-

pois

pois de ser sagrado em Roma pelo Bispo Cardeal Ostiense, tambem o instituiõ seu Legado Apostolico com autoridade ampla pera todos os negocios, & pera que despachasse quantos Nuncios lhe fossem convenientes no distrito Africano. Deulhe cartas, nas quaes o encomẽdou, declarando seus poderes, a os Christãos sobreditos, & mais em particular a os que militavão nas bandeiras dos Reis de Tunes, Marrocos, & Tremezẽm, como entãõ se usava. E depois de o honrar quanto lhe era possivel, o despedio pera a sua Igreja com hũa bula, cheia de grandes louvores, a os 11 de Dezembro. Da sua santa jornada nos ficou hũa memoria na cidade de Ubeda, da Andaluzia alta, onde no anno seguinte 1290, doze dias de Setembro, concedeo 40 de indulgencia às pessoas, q̃ ajudassem as obras do mosteiro das freiras de S. Clara. Embarcado finalmente, foi visitar em Marrocos a Esposa nobilissima de Christo, que suspirava por elle, cujo emparo o trouxe sempre solcito até acabar a vida em santos merecimen-

tos.

(2)

## CAPITULO XVII.

Do bemaventurado Fr. Filipe,  
companheiro de S.  
Antonio.

1 **M**uito tarde, & no anno, que agora vai correndo, 1290 nos restituiu Italia na Corte do Cco Empirio hũa prenda de grandissimo valor, que lhe tinha emprestado a nossa Cufrodia antiga, chamada de Portugal: mas seria em rezão de ter o tempo mais largo, pera poder exornalla com celestiaes esmaltes. He o Santo Fr. Filipe, na profissãõ Frade leigo: na devaçãõ, & espirito, companheiro muito proprio do Padre S. Antonio. Sendo morador com elle no convento de Coimbra, (Matheo Aleman, disse por erro Lisboa) & vendo a sua resolução de ir prégar a os Mouros pera padecer martyrio, quiz tambem sacrificar nas mãos do cruel Verdugo aquelles dezoito annos, que só tinha de idade. Do caminho, que levãõ, & do que lhes succdeo até entrar em Afsis, onde o Patriarca Serafico entãõ fazia capitulo, demos

1290

En la vida  
de S. Ant. l.  
1. c. 12.

b p. 1. 1. 3  
c. 22.

já noutra parte a noticia, que basta.

2 Neste lugar os apartou a santa obediencia, por não gozarem na terra, na qual só desejavão padecer, a grande consolação de andarem ambos juntos. S. Antonio foi mandado pera o Monte de S. Paulo: S. Filipe, à cidade de Castelo, ou Cività Castelana. Começou a viver nella como cidadão do Ceo, muito conforme á politica dos Anjos: com humildade tão rara, que diminuiu em si até o seu nome proprio, & sendo este *Fr. Filipe*, por desprezo se chamava, & fez chamar *F. Filipinho*. Em rezão de ser tal a sua vida, quando nosso santo Padre pelo caminho da morte se despedia do mundo, a elle mandou chamar pera partir consolado de ver, ainda que cego, que deixava cá na terra hum discipulo tão santo, como na verdade era. Assistiolhe no seu transito: tocou, & vio com seus olhos as cinco Chagas santissimas, que Christo lhe imprimira: considerou os prodigios desta milagrosa morte; & depois de celebrar suas devotas exequias, se recolheu a Columbario (*Pombal* diremos em portuguez) o qual era hum convento muito pobre, onde como innocente pomba, não cessava de chorar os perigos desta vida, as faudades do Ceo, as

lembranças de seu Mestre. Eirão tantas estas lagrimas, que mais duro lhe seria cortar a corrente dellas, que desfazerse em agoa.

3 No mesmo convento lhe deu parte o Senhor de seus occultos segredos, ilustrando o de modo, que sem saber letras humanas, nas divinas era insigne theologo, & sabia explicar cõ admiravel destreza os passos difficultosos da Escritura sagrada. Falava pouco, por não macular a alma, nem ainda com hũa palavra leve: mas quando chegava a praticar na caridade immensa, com que o Filho de Deos redimio os pecadores com seu precioso sangue, ou na grande paciencia, com que agora nos sofre as nossas ingratições, então se aproveitava do dom da sabedoria, q̄ este mesmo Senhor lhe tinha comunicado, falando nisto com tanta suavidade, & com tanta eloquencia, que suspendia as almas. A sua andava sempre arrebatada de hũa suspensão notavel pelo muito, que sentia da celestial doçura, cuja força muitas vezes o levava pelos ares, outras o levantava mais alto do que subião as arvores mais altas d'aquelle bosque. Hum dia, estando nesta altura cõ as mãos, & com os olhos levantados ao ceo, à vista de alguns frades, de repente foi levado

pelos

Luc. 9.  
vers. 31.

pelos Anjos a o Monte de Ce-  
tonio, distante dezoito milhas,  
onde o S. Fr. Egidio neste tem-  
po residia, pera que se conso-  
lasssem conversando, como sem-  
pre costumavão, a o modo de  
Elias, & Moyses sobre o mon-  
te Tabor, no amoroso excesso,  
que Christo obrou na Cruz.  
Nunqua comeo carne, & mui-  
to poucas vezes peixe, depois  
que entrou na Ordem; & só  
ervas, ou as frutas mais agre-  
tes eraõ o seu mantimento. E  
com isto lhe dava Deos tantas  
forças, que ainda na velhice  
caminhava quatro legoas cada  
dia encostado a hum bordão.  
Como a homem do Cco vi-  
nhão as aves, & os brutos mais  
sylvestres humilhar-se a seus  
pés, confessando estar nelle res-  
tauradõ nalgum modo o impe-  
rio, que perdêraõ os nossos pri-  
meiros Paes caíndo da inno-  
cencia. E depois que o Senhor  
o sublimou cá na terra por es-  
paço de 87 annos neste pro-  
digioso estado, facilmente lhe  
colocou sua alma, no de 1290,  
sobre os globos celestes.

4 Com o corpo, que avia  
sidõ vaso de tão excelente alma,  
pretendêraõ ennobrecer  
sua vila os moradores de Mõ-  
te Alcino, a qual não ficava  
longe; & furtandoo por arte,  
& violencia, não sõmente se foi  
o Santo com elles, mas tambẽ  
os favoreceo o Cco com o po-

der de seu braço. Acudio com  
maõ armada o povo de Colũ-  
bario pera repetir o furto, &  
primeiro que chegasse à espa-  
da, lançou Deos sobre elle tan-  
ta chuva, que logo se reritou,  
sem cair hũa só gota nos que  
levavão o Santo. A este gran-  
de milagre succedõ outro pro-  
digio em chegando com o sa-  
grado andor às ribeiras de lũ-  
rio, que com a inundaçãõ se  
avia alterado. Tornava já a pi-  
car na retaguarda a gente de  
Columbario: o pego não se  
podia passar: elles estavão pa-  
rados sem se darem a conselho;  
senão quando as maravilhas  
antigas do Jordaõ, & do Mar  
roxo, aqui tambem se virão  
executadas. Apartarãose as a-  
goas, suspendendo de hũa par-  
te a corrente, fugindo cõ mui-  
ta pressa da outra, & depois de  
lhes fazerem caminho se tor-  
nãraõ a fechar. Vendo isto os  
que ficavão atráz desistiraõ da  
contenda, & elles levãraõ o  
santo corpo a o seu Monte  
Alcino, onde o depositãraõ pe-  
la festa de S. Marcos no con-  
vento da nossa Ordem Serafi-  
ca, enthesourando seu habito  
em particular sacrario.

5 Logo Deos por seu res-  
peito lhes começou a pagar  
esta devaçãõ notavel, & forão  
os beneficios tantos, que na-  
quelle mesmo anno a 20 do  
inez de Maio, estavão já apro-

Josue 3.  
vers. 16.

Exod. 14.  
vers. 21.

vados estes, & outros milagres. Cobrou hum cego a vista: a fala, hum mudo; & o ouvir, hũa surda. Dous enfermos de agudissimas dores, que lhes cortavão a vida: outro, de febre ardente: dous tambem apostemados no peito, & na garganta, com os quaes não obravão medicinas venerando o seu sepulcro sagrado todos tiverão saude. Esta mesma alcançaraõ de repente hum minino enfermo do mal caduco, hum aleijado de hum braço, hũa molher, que tinha a mão queimada. Entrou em certa casa hum homem, mais cego do appetite lascivo, que prudente em segurar sua vida, & sabendo a gente interessada na honra da mesma casa, lhe tomou todas as portas, pera alli o matar quando quizesse sair. Posto elle neste aperto tão grande, & contrito do peccado, tomou por seu defensor a o S. Fr. Filipe, prometendo de lhe ornar o sepulcro com hũa nobre memoria do favor, que recebesse. E feito assi o voto, lhe lançou o piedoso Senhor a capa da caridade, com que o fez invisivel de tal modo, que saindo por meio dos inimigos, nenhum ouve, que nesse tempo o visse. Foraõ crecêdo os milagres em tão notavel augmento, que ainda na idade do P. Pisano<sup>s</sup>, segundo elle escreve, estavão tes-

temunhando pela pureza da Fè Apostolica Romana, & cõvertendo infinidade de almas a o serviço de Deos.

6 Monte Alcino celebra a sua festa em dia de S. Filipe Apostolo, a respeito da semelhança do nome. Os Autores, que delle tratão, são muitos: a saber Pisano, & Matheo Aleman, que temos já referido, Mariano, & Gonzaga, Frei Marcos, Fr. Lucas, & Fr. Artur, Rodulfo, Picqueto, Marieta, Algezira, & Reboledo: sem aver quem chegasse a negar hũa verdade tão clara, como he, que estava morador na nossa Custodia chamada de Portugal, quando com S. Antonio se embarcou pera Africa, & d'ahi pera Italia. Se professou tambem nella, & se era Portuguez, nenhum o rem declarado; antes muitos, amigos de presunções, navegaõ por outro rumo. Dizem huns, que do Reino de Castela trazia sua origem, *oriundus è regno Castelle*: mas dado que assi fosse, não impedia nacer, & professar em o nosso. Outros lhe dão nacimiento Castelhana: com tudo a profissão, como foi a do S. Fr. Antonio de Segovia, podia ser Portugueza. Cuidão outros, que professou na Provincia, que chamamos de Castela: porém essa não se levantou na Ordem senão pelo menos do-

(Conform.  
8. & 11.

g. cit. c. 11. &  
13.  
h. l. 3. c. 10.  
i. pag. 223.  
k. p. 2. l. 5.  
c. 19.  
l. 20. l. 299  
n. 12.  
m. die 1  
Maii.  
n. l. 1. fol. 128  
o. in Catal.  
viroc. illust.  
p. l. 17. c. 7.  
q. in arbore  
Epilog.  
r. p. 2. l. 2.  
c. 41.

p. 1. l. 4.  
c. 40.

s. cit. p. 1. l.  
3. c. 28. & l.  
4 c. 2.

ze annos depois d'elle se au-  
sentar deste Reino. E vista a  
sua variedade sem fundamen-  
to forçoso, o certo he que se  
tem equivocado com a cidade  
de Castelo, ou Civita Castela-  
na; como se diz em Italia, on-  
de o Santo, chegando a aquel-  
las partes, gastou os primeiros  
annos. Começaraõ a chamár-  
lhe em rezão do domicilio *Fr.*  
*Filipe Castelano*, ou de Castelo pera  
distinção de outros frades in-  
signes, que concorriaõ com el-  
le, & tinhaõ o mesmõ nome; &  
naõ advertindo nisto os sobre-  
ditos Autores lhes parecõ,  
que seria Castelhanao Hespã-  
nhol. Mas como se enganã-  
raõ, & o Santo, quando se  
foi deste Reino, era de de-  
zoito annos, professo já, &  
morador em Coimbra, dize-  
mos constantemente, que  
na profissãõ, & patria  
era frade Por-  
tuguez.



## CAPITULO XVIII.

*Assenta El Rei nos conventos  
de Lisboa, & Coimbra as  
primeiras lições da Univer-  
sidade na santa Theologia:  
& recebemos a Princeza  
D. Betaça por ir-  
mã da nossa  
Ordem.*

**N** Aquelle proprio an- 1290  
no 1290, em que o  
S. Fr. Filipe gozou  
da vista de Deos, a qual he a  
mais perfeita, & pura Theolo-  
gia, tiveraõ tambem principio  
os estudos, & as escolas geraes  
da Universidade, que hoje lo-  
gra Coimbra com grande glo-  
ria sua, & de todo Portugal.  
Foi esta obra dignissima da  
grandeza d'El Rei D. Dinyz, o  
qual a fundou de novo com  
especial licença do Papa Nico-  
lao IV, taõ devoto da occupa-  
ção das letras, como famoso  
letrado, cujo nome tornamos a  
repetir por ser frade da nossa  
Ordem Serafica, a quem por  
esta rezão estamos mais obri-  
gados. Teve principio assento  
na cidade de Lisboa, & passa-  
dos dezafete annos se mudou  
pera Coimbra, donde tornou a  
Lisboa, & d'ahi pera Coimbra,

a Monarch.  
Lust. p. 51.  
16. c. 72.  
Hist. Eccl.  
de Lisb. p.  
2. c. 74.

sendo

sendo sempre pedidas estas mudanças da occasião dos tempos. Não instituiu ElRei Cadeiras particulares da S. Theologia, por quanto naquelle tempo, necessitando o Reino de estudantes, & Mestres em as outras faculdades, esta florescia muito nas duas Religiões de meus gloriosos Padres S. Francisco, & S. Domingos; & pela mesma razão a ambas encomendou as lições desta sciencia, mais importante que todas. Deste modo a lemos por muitos annos sem ordenado algũ, dentro dos nossos conventos nas sobreditas cidades de Lisboa, & de Coimbra, como já temos escrito, & servião os nossos Lentes de Cathedra-ticos à mesma Universidade em quanto ella no seu Gèral os não teve, nem lhes pagou estipendio.

2 Neste anno veio celebrar capitulo em S. Francisco da Guarda Fr. Pedro de Velasco, Ministro Provincial, & disto nos deu noticia hũa carta de irmandade; que elle então passou a D. Betaça, neta do Emperador da Grecia, a qual se rematou nesta clausula. *Datum Guardia in capitulo provinciali, anno Domini 1290.* Decêo depois a Coimbra pela festa de S. Nicolao, em 6 do mez de Dezembro, onde residia a dita D. Betaça, & querendo ella

renovar o parentesco devoto de irmãm da nossa Ordem, pelo qual ficava participãdo dos sufragios, penitencias, & obras santas, que na mesma Religião se fazião, lhe pediu segũda carta, mais ampla, que a primeira. Rogoulhe tambem, que lhe fizesse favor de lhe conceder o habito, & sepultura n'algum dos nossos conventos, se ella isto pedisse no tempo de sua morte, & que assi o deixasse ordenado a os frades. O Ministro, vendo tanta devaçãõ nna Senhora tão grave, & tão illustre, dispensou tambem com ella no estylo ordinario, concedendolhe este favor, que pedia, por graça especial. Assi o dizem estas palavras seguintes, que contêm a outra carta. *Adjiciens vobis de gratia speciali.* Tudo o mais, que pertence a esta grande Princeza, diremos noutro lugar.

3 Desta graça, que chamou *Especial* o sobredito Ministro, ficamos nõs entendendo, que não era tão comum como agora, naquelles tempos antigos concederse a os leigos por mortalha o nosso habito santo, nem darlhes a sepultura dentro das nossas Igrejas, conforme temos mostrado. Mas se então prevalecêo o respeito da nobreza illustrissima deste venturoso habito, que tantos Principes, & tantos Santos

vestião

o p. 1. l. 3. c.  
12. & 30.

Arch. da  
Sã de Co.  
imbra.

p. 1. l. 3. c.  
4.

veitião, pera que nas sepulturas, não fosse muito vulgar: hoje se respeita mais o interesse das almas, que he grande, como noutro lugar vimos, quando cõ elle seus corpos se amortalhaõ. De modo, que no principio o difficultou o brio, depois o facilitou o favor da piedade.

## CAPITULO XIX.

*Mudão os Anjos a casa da Mãe de Deos, & padecem pela Fè muitas freiras de S. Clara: o Papa nos encomenda a prégação da Cruzada em favor da Terra santa.*

1291 **M**uito se foi desfazendo nestes lastimosos tempos o estado da Christandade na Syria, prevalecendo contra os fics Catholicos os Sarracenos nas armas. Tinhão ja senhoreado a santa cidade de Jerusaleim, & agora depois de avassalar a Tripole, Tyro, Berytho, & Sidonia, todas cidades famosas, o seu Soldaõ do Egypto no anno presente de 1291 tomou furiosamente; & com grandes crueldades a miseravel Ptolemaida, onde as reliquias do santo nome Christaõ, como em asylo

forte, se aviaõ emparado. Antes deste calamitoso successo, que foi a os 18 de Maio, em nove do mesmo mez arrancãrão os Anjos aquella casinha santa, com todos seus alicerces, na qual avia nacido, & se avia criado a Senhora Mãe de Deos, & onde o mesmo Verbo Eterno se vestio em seu purissimo ventre da nossa humanidade. Estava já consagrada em Igreja pelos sagrados Apostolos, os quaes nella tinhaõ posto hũa das suas imagens, que S. Lucas fabricára. E tirandoa os celestiaes Ministros da cidade de Nazareth, onde estava plantada, depois de lhe darem tres lugares na Europa, hum dos quaes lhe deu o nome de Senhora do Loreto, a assentáraõ no sitio, em que agora se acha. Parece, que não sofria a Virgem, que vizinhassem com ella inimigos de seu filho: ou, que quiz desemparrar os que elle avia repudiado: ou, não quereria ver crueldades taõ enormes, antes virnos consolar, & espertar em pessoa a os Principes Catholicos na restauraçãõ d'aquelles santos lugares.

2 Na entrada da sobredita cidade foi queimado o convento dos nossos religiosos, & elles consumidos com o fogo em cheiroso holocausto. As freiras de S. Clara, que eraõ setenta, & quatro, passáraõ todas

pelos

a F. Marc. p.  
2. l. 5. c. 20.  
F. Luc. ann.  
1291. n. 1.

pelos fios da espada, dando primeiro hum admiravel exêplo de pureza, & constancia. Tanto que a Abadessa a sentio os Mouros â porta, revestindo hum coração varonil por superior impulso, mandou tanger a capitulo, & falou desta maneira. *Filhas, a occasião he forte, & apereado o tempo. Bem vedes, como estão arriscadas a vida, & a pureza no enconero destes barbaros; & o mais certo serâ quererem elles usar mal de nossos corpos contra o primor, que nos está merecendo o Sancissimo Esposo. Pêrcase a vida, & não lhe percamos nós, nem a fé, nem o amor. Pelo que nos ponhamos em estado, que elles mesmos renhão nojo de nos vorem. Fazei, filhas, o que me virdes fazer.* Dito isto, arrancou d'hũa navalha, & cortando o nariz, enchêo tambem de cutiladas o rosto. As freiras foraõ fazendo o mesmo, & lavadas em seu sangue, como cordeiras mansissimas, que desejavão a morte por amor de Jesu Christo, se foraõ meter nas mãos dos Lobos, seus inimigos. Elles vendo tão horrendo espetaculo, magoados de não poderem cevar os sensuaes appetites, raivosos contra a lei do mesmo Filho de Deos, a todas despedaçarão, laureandoas o Ceo com duas coroas ricas de virgindade, & martyrio,

3 Prevendo estava todas estas crueldades o S. Padre Ni-

colao IV, quando com grandes desvelos tratava de socorrer a afflicta Ptoleimaida, & ouvindo agora este seu successo tragico, a força do sentimento lhe despertou o cuidado. Determinava fazer hũa passagem geral cõ muita gente de guerra pela festa de S. João Bantista no anno do Nacimêto de Christo 1293, pera a qual convidou naõ sómête a os Principes Catolicos, senão tambem a alguns, que não tinham professado o santo nome de Christo. Demais disto, mandou prègar a Cruzada por toda a Christandade, querendo por esta via fazer boa soldadesca, porque sendo mais devota, seria mais esforçada. E entregou esta empreza â nossa Religiaõ, da qual tinha entendido, como elle declarou, que seu zelo, & piedade Serafica aviaõ de fomentar hũa grande compaixão d'aquella Terra sagrada. A bula, que<sup>t</sup> enviou a o nosso Ministro Provincial, começava: *Terra Sancta*: dada em o primeiro d'Agosto, anno de Christo 1291, & quarto do seu governo. Ordenava, que elle, & oito frades, espalhados pelos povos deste Reino, encarecessem do pulpito a muita necessidade de acudir com socorro a os lugares, onde o Filho de Deos nos libertou das opressões do pecado. E pera isso lhes deu autoridade plenaria de

5 Arch. de  
S. Franc. do  
Punto,

concederem o habito, & insignia da Cruz; que podessem ab-solver, & dispensar nalguns ca-sos; & que tambem outorgas-sem indulgencias. Trabalha-vão com cuidado os Ministros Apostolicos, tendo já alistada muita gente: mas os juizos de Deos, os quaes nós não alcançamos, cortarão o fio a todo o seu trabalho. Falecêo o sobredito Pontifice a 4 do mez d' Abril de 1292, & com isso abrandarão os aparatos da guerra.

## CAPITULO XX.

## Relação de D. Fr. Telo Arcebispo de Braga.

1292

**N**O mesmo anno nos faltou em Portugal outra coluna fortissima, que sustentava com admiravel valor as izenções da Igreja, & juntamente o crédito da nossa Religião. Era esta, D. Fr. Telo, Arcebispo de Braga, cujas virtudes, & letras, conhecidas pelo mundo, o tirarão de Ministro Provincial de Castela pera Primaz de Hespanha. Nomeou o nesta grande dignidade o Papa Nicolao III persuadido sómente dos inuitos merecimentos, que incul-

cava na fama; mas desejó de ver hum sujeito tão luzido, que todos louvárao tanto, mandou o chamar à Curria, pera nella se sagrar; & sobre isto lhe remetêo hũa bula, cujo principio he: *Militanti Ecclesie*: dada em Roma a 6 do mez de Abril, anno de Christo 1278, primeiro do seu Pontificado. No de 1280 tinha já tomado posse, pastoreando solcito o seu numero-so rebanho.

Não era naquelle tempo descansado o governo das Igrejas, antes cheo de infinitos trabalhos, procedidos das enfadonhas contendas sobre izenções, & fóros, que os Bispos pretendiaõ sustentar, & os Ministros d'El Rei lhes queriaõ encontrar. Achou as o Arcebispo no miseravel estado, em que as tinha deixado El Rei D. Afonso III, como vimos noutra parte, & ainda que seu filho, & successor D. Dinyz dava mostras de querer acomodallas, nem as desordens contra o Clero paravão, nem os Prelados das Igrejas deixavão de se queixar. Era neste o sentimento maior, qual tambem a dignidade, em razão do grande zelo, com que sempre se opoz a os intentos do Rei, sem nunca desemparrar as muitas immunidades, que

F. Luc. ar.  
1297. n. 24,  
& ia Regest.

6 Monarch.  
Lusit. p. 51,  
16. c. 21.

1.6. c. 8. & 8

tem os Ecclesiasticos. Em fim acabou com elle, que neste particular ouvesse composição na forma dos decretos do Papa Gregorio X, & pera esse efeito congregou junta de Bispos no anno de 1282, em a cidade da Guarda, na qual foraõ presentes com elle o nosso D. Fr. Joaõ Bispo d'aquella mesma cidade: D. Aimerico, de Coimbra: D. Vicente, do Porto: D. Duraõ, de Evora; & D. Fernando, de Tui por rezão das Igrejas, que neste Reino tocavão á sua Mitra entre o Minho, & Lima.

3 Feita esta concordata, & aprovada d'El-Rei, nem por isso acabaraõ as demandas, antes recrecêraõ duvidas de tanto enfadamento, como eraõ as passadas. E vendo o Arcebispo defraudada a izenção soberana dos Ministros da Igreja, os Povos desconsolados com a carga das censuras, & que os males não se melhoravão nunca, no anno de 1286 ajuntou alguns Prelados em Braga, pera consultarem todos o remedio, que se podia buscar. Não o acháraõ no Reino, & assi se resolverão em acudir a o Pontifice, esperando d'elle lhes fizesse a justiça, que em Portugal faltava. O primeiro, que se poz a o caminho, foi o

santo Arcebispo: os outros, foraõ em seu seguimento; & aparecendo todos diante do Papa Nicolao IV, de tal modo negociaraõ com elle, que á sua instancia se fez a Concordata em Roma, a qual El-Rei aceitou; como

4 D. Fr. Telo se tornou muito alegre pera a sua Igreja, onde foi recebido como Protector, & Pae, que pelo bem das ovelhas, & das Esposas de Christo tinha arriscado tanto a sua quietação. Antes, & depois desta comprida jornada tratou muito da reformação dos subditos, procurando com o exemplo da vida, & por meio da doutrina. Visitou pessoalmente todo seu Arcebispado, por apacentar melhor as muitas almas, que tinha á sua conta, & remediar tambem as suas necessidades. Considerava-se pobre segundo a profissão Franciscana, & este conhecimento o fazia mais liberal com os pobres. No anno de 1281, aos 16 de Março, estava visitando o conto de Ervededo, & de lá mandou hũa provisão a o nosso convento de Guimarães, pela qual concedeo a os fieis, que com esmolas o ajudassem a fabricar a Igreja,

d cap. 15.

e Arch. do  
mesmo  
convento.

quarenta dias de perdão.

5. No seguinte, quando já se preparava pera a junta da Guarda (estas eraõ as suas occupações) a 22 de Fevereiro lançou a primeira pedra na sobredita Igreja, assistindolhe tambem D. Fernando Bispo de Tui, que passava de caminho pera esta mesma junta, na qual se achãrão ambos: & já teimos<sup>6</sup> advertido, que se enganou no tempo quem escreveu este caso, depois de tornar de Roma, em o anno de 1290. De Guimarães passou logo a Pontebeiro, mosteiro do Patriarca S. Bento, onde a os 24 corroborou com seu selo a doação de hũa herdade, & casas, que Francisco Simeão na dita vila de Guimarães nos dotou a o convento. Em 4 do mez de Março estava já visitando a freguezia de S. Pedro de Este, & là passou outra prvisão, pera que se dessem todos os annos trinta libras de esmola a cada hum dos conventos de Guimarães, & do Porto. Apòz disto, exercitado seu zelo em visitar as ovelhas, foi empregallo, como dissemos, na Guarda em defender de agravos não só a sua Igreja, mas todas as mais do Reino.

6. Procurou por outra via tambem, que se servisse a

Deos em o seu Arcebisado, convocando pera isso a Clerozia a Synodo, onde se reformáraõ abusos, & se decretáraõ leis, pelas quaes se governasse. Na mesma occasião ordenou por particular decreto, que se celebrasse nelle o dia de seu Serafico Padre. E descaindo a reforma, como he mui ordinario na ausencia dos Prelados, no tempo em que esteve em Roma, tudo depois sua presença restituiu, desvelandose já nisto a 20 do mez de Outubro de 1290, no qual dia estava restituido, & de assento em Braga, quando tambem assinou a carta de indulgencias pera quantos favorecessem a obra da nossa Igreja de Alanquer. Trabalhando finalmente, por não faltar em suas obrigações, acabou o discurso desta vida, como se acha escrito na Historia dos Arcebispos d' aquella mesma cidade, a 23 de Março de 1292, *com grandes sinzas de santidade, & mostras de verdadeiro religioso, imitador da humildade do Patriarcha S. Francisco.*

A Chronologia Monastica Lusitana faz del-  
le honorifica  
menção.

(?)

f Arch. do  
Cabido de  
Guimar,

g Monarch.  
cit. l. 16. c. 16  
h p. 2. l. 1.  
c. 43.

i Arch. do  
mesmo con-  
vento.

k Arch. do  
mesmo  
convento.

l p. 2. c. 59  
n. 3.

m l. 1. Marc.  
23.

## CAPITULO XIX.

Noticia de alguns Prelados nossos, & de hum uilagre do P. S. Antonio.

1292



Inda Braga chorava a incomparável perda de hum Prelado tão insigne, como fora D. Fr. Telo, quando a nossa Provincia, que era a de Sant-Iago, & chegava a este Reino, se vio tambem sem Ministro por ausencia, ou morte do Padre Fr. Martim Anes, cuja falta os frades Portuguezes sentiraõ com mais excessõ por elle ser da sua mesma nação. Foi Leitor da santa Theologia no convento de Lisboa, & hũa das testemunhas, que se acháraõ presentes, como deixamos escrito, quando o Padre Fr. Nicolao, sendo Nuncio do Papa, notificou a ElRei D. Afonso o III hum rigoroso decreto, de que elle não gostou. Era Ministro no anno de 1292, que agora vai correndo, no qual em o mez de Fevereiro, recebèõ na sua obediencia o mosteiro de S. Clara da sobredita cidade por doação da Fundadora; &

nem o tempo, nem o descuido antigo nos deixou outras memorias.

2 Sucedeolhe no governo, mas com titulo de Vigairo da Provincia, até se fazer Ministro, o P. Fr. João Gil, como mostra hum treslado da bula, *Terra Sancta*, que pouco ha referimos, o qual à sua instancia lhe foi dado em Camora no primeiro de Novembro do dito presente anno, & contém estas palavras. *Ad instantiam venerabilis, & religiosi viri Domini Fratris Ioannis Egidij, Vicarij Fratrum Minorum Provinciae S. Iacobi.* Alguns lhe chamão *Ministro*, & seria noutro tempo: não desta nossa Provincia, chamada *de Portugal*, como elles acrecentão, porque ainda nos seus dias não era instituida: senão da *de Sant-Iago*, da qual ella procedeo. Mas suposto, que era nosso Prelado, se por ventura não foi tambem Portuguez, justo he, que nos lembremos nõs delle.

3 Foi doctissimo, & muito religioso; & por estas partes juntas, bastando cada qual dellas pera ser mui estimado dos que governaõ o mudo, fez delle tão grande conta ElRei D. Afonso o X de Castela, & Leão, a quem chamaraõ o *Sabio*, que o affinou por Mestre a seu filho D. Sancho, o qual lhe succedeo nos dous Reinos.

Escre-

Arch. de S. Franc. do Porto, de 19. n. 3.

Rodolph. L. 3. fol. 327. Possévin, & Villor, cit. a Vvadding de Script.

41.6.c.6.n.3

61.7.c.2.n.3

Eserueo na lingua latina hum tomo dos louvores de Hespanha: seis volumes muito grandes da Historia Natural, Ecclesiastica, & Civil; & lium tomo, intitulado Archivo de todas as Escrituras. Com este grande trabalho, como he o compor livros, viveo sempre tao inteiro nas forcas, & na saude, que cançada a memoria com o discurso do tempo nem conhecia ja as letras do A, B, C, nem se lembrava do que avia escrito.

4. Tinha separado neste Reino o Papa Nicolao IV a Ordem de Sant-Iago dos seus Mestres de Castela, absolvendo da sua obediencia os Cavaleiros Portuguezes, a os quaes deu tambem autoridade de poderem eleger hum Mestre Provincial. Executou-se a bula, que depois foi confirmada por Celestino V, & como os Castelhanos resistiaõ a esta separação, El Rei D. Dinyz, que trabalhava por ella, mandou publicar na Santa Sè de Lisboa o decreto do mesmo Celestino a os 2 de Fevereiro de 1295, assistindo em pessoa a sua publicação, & com elle, entre os Grandes da Corte, Fr. Lourenço Guardiãõ de S. Francisco.

5. Hum anno mais adiante, a saber no de 1296, teve briõ o famoso Porruguez S.

Antonio pera se fazer temido, & respeitado em Roma, Cabeça da Christandade, do mesmo Summo Pontifice Bonifacio VIII. E foi a occasiõ, que estando retratado com os Apostolos de Christo, & nosso Padre santissimo, todos de obra Mosaica, na capela da Igreja de S. João de Lateraõ, persuadido o Papa, que não lhe estava bem este lugar tao honrado, o qual era de Apocolos, mandou picar a sua S. Imagem, & que se pozesse outra de S. Gregorio Magno. Subio o Official, & tocando com o picão no capelo, saio d'elle tao furioso impulso, que como se fora raio, ou pé de vento desfeito, o lançou do andaime, onde estava, em terra. Com isto se conservou na posse do seu lugar, notificando tambem a os que o ofendiãõ, que castigar atrevimentos contra as santas Imagens não he fervor de paixão, mas virtude da justiça.

Chron. antig. Fr. Marc; p. 21, s. r. 2. Fr. Luc. an. 1296, n. 19.

8951

f Abulen. tom. 2. in Josue. c. 35. & 3. Reg. c. 3. q. 11.

1295

Monarch. Lusit. p. 5. l. 16. c. 60. l

1296



## CAPITULO XXII.

*Dos Padres Fr. Afonso Rodrigues, tio d'El Rei D. Diniz, & Fr. Miguel, seu Confessor.*

1298

**L**orecião neste tempo muitas pessoas illustres, que quizeraõ apurar, ou melhorar a nobreza com o saial Franciscano, de que andavão vestidas, no qual numero cõtamos o P. Fr. Afonso Rodrigues, que já fica noutras partes nomeado. Seu Pae foi Rodrigo Sanches, filho bastardo d'El Rei D. Sancho I, & sua mãc, D. Constança Afonso de Cambra, a qual pelo naciõto gozava do melhor sangue, que avia neste Reino. De modo, que pela parte do sobredito seu pae era neto d'El Rei D. Sancho I, sobrinho de D. Afonso II, primo de D. Sancho II, & D. Afonso III, & tio de D. Diniz, todos Reis de Portugal.

2 Não sabemos, que tivesse mais officios na Ordem, do que as Guardianias de Guimarães, & Lisboa. Bem poderia ter outros, mas tambem não seria o primeiro, nem o ultimo, que desprezasse as honras, ou ellas o não buscassem. Em Gui-

marães o achamos sinquo annos Guardiã, autorizando a casa com grandes augmentos della. Em Lisboa assistio à doação do mosteiro de S. Clara, quando sua Fundadora o deu a esta Provincia, & pera maior firmeza a roborou com seu selo. Pedio depois a o Bispo, que benzesse, & lançasse na Igreja a sua primeira pedra; & de tudo fez passar certidões, & instrumentos.

3 Não sómente foi estimado dos Reis, & venerado do Reino pela grande qualidade da pessoa, mas tambem pelo talento, & procedimentos nobres. Donde veio admitillo D. Diniz em os maiores despachos, entregandolhe negocios, que hoje pertencem à sua Meza do Paço, & a outros Tribunaes. Elle foi o que passou a provisãõ, pela qual se ordenava, que nenhum Tabaliaõ fizesse cartas de venda, ou algũas semelhãtes às freiras de S. Clara de Santarém, sem particular licença sua, ou do seu Procurador, que pera isso lhes deu. E quando o dito Rei legitimou a os filhos de seu irmão o Infante D. Afonso, cujo casamento foi invalido por causa de parentesco, pera poderem entrar em a herança do pae, protestando de nullidade por rezões, que lhe estavão presentes, a Rainha S. Isabel, diante delle

decla-

a p. 1. l. 1. c. 43. & l. 2. c. 31. & l. 4. c. 30. & l. 5. c. 8. p. 41. & l. 7. c. 2.

b Monarch. Lusit. p. 5. l. 16. c. 51.

c Arch. do mesmo most.

declarou o seu protesto por ser pessoa tão grave.

4 Era tal a confiança, que todos fazião delle, que quem a podia ter, o nomeava pera seu testamenteiro, executor absoluto de suas disposições, & vôtade. Assi o fez sua tia D. Constança Sanchez, & sua sobrinha a Condessa D. Leonor Afonso, que tambem sujeitou a seu arbitrio a fazenda, & as mandas. Mas era tão pontual em estas execuções, que falecendo a tia a 8 do mez de Agosto de 1269, no mesmo ahuo deu posse a o mosteiro d'Alcobaça de tres casacs, os quaes ella lhe deixara; & pelos bens da sobrinha sustentou demanda por muito tempo contra a Ordem do Hospital, que os queria levar. Outra sobrinha, chamada tambem D. Leonor Afonso, num testamento, que fez antes de tomar o habito em S. Clara de Santarém, lhe dava este trabalho. Depois lho deu D. Martim Anes marido de D. Beraça, a qual querendo justificar se tambem nas partilhas da herança, a sua vista as fez, & do Padre Fr. Abril. Ordenando finalmente testamento a os 8 de Janeiro de 1298 D. Constança Mendes de Sousa, molhet de D. Pedreanes de Portel, & a o mesmo Fr. Afonso encomendou a sua execução. E esta he a derradeira memoria, que achamos

de hum Varão tão insigne, merecendo elle a nossos antepassados hũa historia larga.

5 Era Confessor por este tempo do dito Rei D. Diniz, o P. Fr. Miguel, como elle declarou nos testamentos, que fez a 8, & a 18 de Abril de 1299 annos. E tinha delle tão boa opiniaõ, que instituindo por executores d'ambos pessoas de tanta conta, como eraõ a S. Rainha sua molhet, o Arcebispo de Braga, os dous Bispos de Lisboa, & Coimbra, o Meirinho mór do Reino, & o D. Abade do Real mosteiro de Alcobaça, tambem o instituiu na mesma execução pelas palavras seguintes. *E a Fr. Miguel da Ordem dos Meores meu Confessor.* Demais disto, por quanto se ausentava pera cerca a o dito seu irmão, que se tinha levantado na vila de Portalegre, provendo como prudente na incerteza da vida, encarregou o governo a dita Rainha Santa, & a rodos ordenou, que fosse sem seus Conselheiros. De modo, que este frade era Confessor d'El Rei, seu Testamenteiro, & Conselheiro d'Estado: mas não sabemos mais nada delle. (?)

Torre do Tombo l. 11. dos Excras, fol. 284

Arch. da Sê de Coimbra,

f Monstch. Lusit. p. cr. l. 17. c. 47.

## CAPITULO XXIII.

De D. Fr. *Ioão Martins*  
*Bispo de Cádiz, & da*  
*Guarda.*

1301

**E**M quanto por hũa parte produzia novas flores este Jardim Franciscano, por outra se ião ellas murchando, como vemos neste Bispo, que agora com os rigores da morte totalmente se secou. Gloriava-se o Reino de ter dado hum Portuguez taõ hõrado: a nossa Custodia antiga de Portugal, de lhe vestir o seu habito, & criallo na S. Religião; & a sua diecese, de possuir tal Pastor: mas a morte, ainda que vagatosa, a todos deu que sentir. Foi Custodio, & Prelado da sobredita Custodia, no qual tempo tambem era Coleitor do subsidio Ecclesiastico por comissão do Pontifice, em favor da Terra Santa. Tinhaõ d'elle, & de seu ardente zelo notavel informação assi a Sè Apostolica, como El Rei de Leão, & de Castela D. Afonso X, a quem chamáraõ o *Sabio*, pelo que em hum aperto, em que os Mouros Hespanhoes, & Africanos ameaçavão Hespanha com hũa grande ruina, pera ajuntar soldados, que possessem resistir, o Rei o pediu

por Prègador da Cruzada, & assi lho concedeo o Papa Clemente IV.

2. Aconteceo neste tempo restaurar o dito Rei na sua Ilha de Cádiz (foi descuido de que lhe chamou *Guadix*) o Bispado, que na entrada dos Mouros perdeu Medina Sidonia, como outras nobilissimas cidades; & ainda que Sevilha replicou, a cadeira Episcopal foi erecta na pessoa deste Varão Apostolico. Consta isto d' hũa bula do mesmo Clemente IV, pela qual o nomeou, cujo principio he, *Olim felix*, dada em Viterbo a 25. de Maio, de 1267; & cremos, que assistia em Roma quando o Mestre de Santiago D. Paio Peres Corrèa, & o Bispo de Sylves D. Bertholomeu se comprometerão ambos no arbitrio do Cardeal Mestre Pedro sobre as suas demandas, & que elle foi hũa das testemunhas, como já noutro lugar declaramos. A memoria mais grave, que deixou neste primeiro Bispado, foi a translação do corpo d'El Rei Vvamba, do mosteiro de Pampliega pera S. Leocadia na cidade de Toledo. Eneomèdoulha o Rei Sabio, & elle a poz por obra com grandeza, & majestade Real.

3. Falcendo depois disto em a Curia Romana D. F. Vafco Bispo da Guarda, que pera

ella

a p. 1. 4. c.  
 35. & 37. &  
 l. 5. c. 36.

L Monarch.  
 Lusit. p. 5. l.  
 16. c. 13.

c p. 1. 4. c.  
 38. n. 6.

d Mariana  
 de reb. Hisp.  
 l. 6. c. 14.

a p. 1. 5. c.  
 38. n. 7.

ella se avia ausentado por defender de agravos a sua santa Igreja, quiz o Papa Nicolao III perpetuar o seu zelo nouro Bispo Franciscano, & deu-lhe por successor o dito D. Fr. Joao. As letras, pelas quaes o absolueo deste Bispaado de Cãdis, & o transferio a Guarda, começaõ, *In dispensatione*, & acabaõ com a data de 24 de Dezembro, de 1278 annos. Mas como por este tempo estavão mui encruadas as contêdas entre ElRei D. Afonso III, & os Bispos, muitos dos quaes deixavão suas Igrejas, cujas rendas, principalmête na Guarda, eraõ tambem embargadas, não pode logo entrar na posse deste Bispaado. Pelo que o mesmo Papa lhe tornou a conceder por outra bula do anno seguinte, cujo principio era, *Vacante dudum*, o governo, & os fruitos do seu Bispaado de Cãdis, em quanto o da Guarda não fosse desembargado. E começando a respirar as Igrejas, pela morte do dito Rei D. Afonso, & successão no reinado de seu filho D. Dinyz, brevemente se recolheo nesta sua, que com grande alvoroço o estava esperando.

4. Naquella junta de Bispos, que nós dissemos, que se fizera na Guarda no anno de 1282, pera concordarem com os Ministros d'ElRei os pontos da controversia, tambem el-

le esteve ahi presente. Pelo têpo adiante achamos, que confirmava nas escrituras do Reino, defendendo juntamente como perfeito Prelado não só a soberania da sua jurisdicção, mas tambem as rendas da Mitra, & do Cabido. E sobre esta materia<sup>6</sup>, visitando a vila de Bel Monte a 22 de Dezembro de 1289 fulminou escomunhão contra quem tomasse as ditas rendas. Acabou com este zelo, ajudado de outros Bispos, que ElRei se compozesse com elles, alli na satisfação das perdas, que receberão, como na guarda de sua immuniidade. E recbendo bastante satisfação, no ponto das izenções proteftou, conforme a seu valor, que por esta particular Concordãta não queria derogar as outras, que se fizeraõ em Roma.

5. Procedeo no seu governo com tanto louvor, & credito, que hum Catalogo manuscripto dos Prelados desta Sella chama a boca cheia *D. Fr. Joao de boa memoria*. No demais, em muito está errado (do qual vicio<sup>7</sup> noutró lugar o notei) como he na circunstantia do tempo, & em dizer, que foi frade de outra Religiaõ. Mas erro tão manifesto facilmente se vence pelas bulas, em que está declarado por Coleitor do subsidio, & Pregador da Cruzada, eleito Bispo de Cãdis, & transf-

<sup>6</sup> Arch da Sé da Guardã.

<sup>7</sup> Monarch. Lusit. p. 5. l. 17. c. 16.

<sup>8</sup> p. 1. l. 53. c. 34.

F. Luc. hoc no. & seq.

cap. 20.

lato pera a Guarda, as quaes todas o nomeaõ de *Ordine Fratrum Minorum*, por frade da nos-  
Ordem. Entendemos, que elle principiou o Hospital dos Innocentes na vila de Santarèm, segundo o que se diz na Vida manuscripta da Rainha S. Isabel, que se guarda no seu mosteiro Real de S. Clara de Coimbra, & contèm estas palavras. *Ouve em tempo desta Rainha hum Bispo em a Guarda, a que dizião D. Marcinho, & começou a fundar hum Esprital à honra dos Innocentes na vila de Santarèm, em que se criassem mininos enjeitados. E vendo este Bispo, que seu tempo, que se queria comprir, & acabar, pedio a esta Rainha, que quizesse em si filhar aquel esprital, & o quizesse em sã encomenda. Este Bispo não podia ser aquelle D. Martinho o primeiro do nome, & dos Bispos, que teve esta cidade, por quanto não alcançou nem ainda o nascimento da gloriosa Rainha; nem tambem ouve outro no seu tempo, que se chamasse Marcinho: mas então floreceo, & faleceo este nosso D. F. Joaõ Martins, a quem o Autor da dita Vida por descuido deu nome de D. Marcinho. E bem se pôde cuidar de sua muita piedade, que faria esta obra; & que teria rezões pera ser em Santarèm.*

6 Teve vida muito larga, que soube aproveitar em o ser-

viço de Deos, & quando se viu nas vespèras de ir receber o premio, ordenou a partida com hum testamento santo, que escrevèo a os 14 de Março, de 1301, com licença do Pontífice. Deixou consideraveis esmolas a os nossos conventos de S. Francisco de Burgos, Valhedolid, Palència, Arèvalo, & Toledo; & às freiras de S. Bento em Valhedolid: todos estes em Castela, onde primeiro foi Bispo, & tinha algum dinheiro. Em Portugal dispoz das mesmas esmolas em favor das nossas Casas, que nesse tempo caião nos termos do seu Bispaço, as quaes eraõ as da Guarda, Covilhã, & Portalegre. Tambem se lembrou pera o mesmo effeito das emparedadas, & leprosos da sua mesma cidade. Depois disto foi descançar com os Anjos, & já numma escriptura de 28. de Julho, das que elle costumava confirmar, não vem ahi assinado.

## CAPITULO XXIV.

*Livra Deos d'hu Vssõ a El-Rei D. Dinyz por favor de S. Luiz Bispo; & declara-se em que lugar, & o tempo.*

1. **N**O meio do seu reinado, que chegou a quarenta, & seis an-

Arch. cit.

od. cit.  
p. 2. 1.Monarch.  
cit. c. 59.Fr. Luc. an.  
1311. n. 8.

1302

nos,

nos, achâra hum triste fim o grande Rei D. Dinyz, se nessa occasião lhe faltâra o emparo do glorioso S. Luiz, Bispo de Tolosa, & frade da nossa Ordem. Não o curou este Santo de mortal enfermidade, como

Isaias 38.  
vers. 5. e 10.

Isaias a outro Rei do seu tempo; mas livrou o dos dentes ferros d'hum Ufso, nos quaes esteve em risco de ficar despedaçado. Foi o caso, que divulgando a fama os milagres, & prodígios, com que Deos o tinha engrandecido, facilmente os cria sua mulher a Rainha por ser Santa, & por parenta do Santo. Sò El-Rei mostrava algũa duvida, sem se deixar convencer do que tantos afirmavão: mas veio em fim a crer obrigado da sua necessidade.

2 Saio hum dia de Beja pera montear hum Ufso, que trazia assombrado todo aquelle distrito, grande no corpo, & juntamente nos annos. Encontrou o na paragem, onde se chama *Belmonte* (Monte Real dizem outros) freguezia de S. Pedro de Pomares, pegado a hũas rochas da ribeira do Guadiana. Foi o seguindo, & apertou de modo, que o fez desviar-se do caminho, & quando cuidou que o levava diante, o deixou atráz tão raivoso, & tão fero, que saindo da silada se arreineçou a elle, tirou o da sela, & teve mão no cavallo.

Na força deste aperto lembrou-se de S. Luiz, & lhe pediu seu favor, o qual lhe appareceu vestido no nosso habito, com mitra de Bispo na cabeça, & mui alegre no rosto. Confortou o, & disse estas palavras:

*Torna em ti, não desmaies: tira o punhal, & mata essa fera; porque em aqui estou pera te patrocinár.* Tomou com isto alento, cravou o punhal, & o Ufso caio morto: mas pera dar testemunho do auxilio do Santo o mandou levar num carro até os casacs vizinhos, onde a sua gente o estava esperando. E sabendo por queixas d'hum Lavrador, como hum criado seu, pera fazer o jantar, lhe tomára por força algũas cousas sem lhe dar satisfação, pera emenda dos outros mandou, que o enforcassem; porque se persuadio, que com encargo de administrar justiça lhe conservou Deos a vida, & que Principes catholicos não haõ de trazer em casa a Ministros desalmados.

3 Reconhecendo tambem por grande este favor, publicava a bandeiras despregadas as maravilhas do Santo; & se faltou em lhe levantar memoria no mesmo lugar, onde succedeo o caso, isso fez no convento de S. Francisco de Beja, no qual ainda se vê a capela, que lhe mandou fabricar. E o Santo, que se deu por satisfeito com

este seu desempenho, nella mesma lhe fez outros beneficios, na forma, que temos dito. Se com tudo ouve falta, bem a suprio o Senhor, autorizando o theatro desta maravilha grande com hũa fonte milagrosa assi no seu nascimento, porque naceo por milagre, como na sua virtude de sarar a enfermõs incuraveis, que nella se vão lavar. Finalmente ahi mesmo se lhe levantou ermida, onde cada hora crecem os romeiros, & milagres. Por occasiã dos primeiros, em que o dito Rei D. Dinyz ficou mais interessado, foi grande a devaçã, que os vizinhos de toda aquella comarca tomãtaõ a este Santo. Encoimendãolhe os gados, que os defenda, & guarde, & com a oferta delles lhe satisfazem o ciuidado. Demais disto, como a seu Protector, o retratã nos altares com hum cordeiro nos braços. Por outras partes do Reino tem ermidas frequentadas com singular devaçã, & hũa perto de Setuval, onde chovem os milagres.

4 Em que anno succedeo a maravilha do Uffo, ninguem o diz a o certo, & com isto tem lugar as conjecturas. Todos os nossos Autores, ajudados de memorias antigas, tratã della depois da morte do Santo, quando Deos o começou a honrar com prodigios maiores,

do que obrãta em vida. E assi não pode ser virisimilõ discursõ de quem cuida contra tantas testemunhas, que succedõ sendo vivo, & muito menos no anno de 1294, no qual tempo assistia em refens no Reino de Aragaõ por occasiã das guerras de seu pac, Rei de Sicilia, com o Rei Aragonex; que se então tivesse fama de Santo, não a tinha ainda de milagroso. Supondo pois, que obrõu este milagre passada a sua morte, a qual na melhor opinãõ foi no anno de 1298. como prova Vvaddingo, ou no seguinte conforme a o nosso Breuiario, deste tempo por diante se ha de buscar algum, em que ElRei estivesse decaçado: pera montear em Beja. E consideradas bem as suas occupaões da assistencia em outras partes do Reino: de guerra, que teve com seu irmão o Infante D. Afonso, & com Castela, por onde tambem entrou: do casamento dos filhos; & outras, que todã vai referindo o gravissimo Autor da Monarchia Lusitana do anno 1295 até o de 1302, neste ultimo, em que se achou em Beja, & dividia o tempo do seu reinado, por ser mais mysterioso, escrevemos o sobredito milagre.

5 E nesta suposição confessamos lizamente, que o Rei não começou a fundar o mosteiro

61.6.c.35.

F. Marc. p.  
2. l. 6. c. 20.  
Reboledo  
p. 2. l. 2. c. 61  
Fr Luc. an.  
1298. n. 11.  
& 12.

d. p. 5. l. 17. c.  
25 até 56. 2

teiro de Odivelas, de seiras de S. Bernardo, por amor de S. Luiz: por quanto o seu principio foi no anno 1295, primeiro que succedesse o dito caso do Uffo; & se depois o mandou esculpir na baze da sepultura, os vágares desta obra lhe arrastarão o tempo. De modo, que o fundou taõ sómente pela grande devaçãõ, que tinha a S. Dinyz, Santo do seu nome, em cujo dia nacõ. Mas se nõs lhe consentimos, que logre só esta gloria: com que rezãõ, ou justiça querein alguns defraudar a S. Luiz da que tambem lhe pertence de ser só no livramento do Uffo? Nenhum Autor dos antigos se atreveo a dizer, que ElRei nesse aperto chamasse por outro Santo, nem que algum, se não este Franciscano, entãõ lhe apparecesse. Antes o mesmo Rei só a elle, & nunca a S. Dinyz, reconheceo por seu defensor neste encontro do Uffo, como protestou na sua capela em S. Francisco de Beja, na qual fez escrever o seguinte, *D. Ludovico Servatori dicatum.* Com isto concorda a tradiçãõ mais constante, mais certa, & apurada; & affi tambem convinha, pois o Ceo por este meio queria significar-lhe os grandes poderes do mesmo Santo em emparar seus devotos despẽdendo maravilhas. O contrario he sómente dispu-

tar do que poderia ser; & não dizer o que foi. E ainda sobre isto nos querein persuadir algũas das ditas religiosas, que no seu proprio sitio aconteceo o milagre: mas hãõ de ter muito trabalho em o trazer arrastado de taõ longe, como he de Beja a Odivelas. De mais que, ElRei não edificou esse mosteiro entre brenhas, onde se criassem feras, senãõ numa quinta sua, na qual ponzava algũas vezes, como elle declarou pelas palavras seguintes: *Fundamos, & fazemos de novo (o mosteiro) em a nossa camera de morada, que nõs aviamos em termo da nossa cidade de Lisboa, em logo, que he chamado Odivelas.* Por onde, se a pintura, que se fez ha poucos annos junto da porta da Igreja, quer dizer, que neste sitio, & pelos merceimentos de S. Dinyz: foi livre ElRei do Uffo, bem se põde emendar; pois não diz com o successo.

## CAPITULO XXV.

*De alguns varoẽs illustres, & cousas varias, que toçãõ a estes tempos.*

**D**Epois do dito milagre; estando em Santarém. pera onde

tinha mudado a Corte este grandioso Principe, a 28 de Dezembro d'aquelle proprio anno 1302, tratou de se trasladar a outro sitio menos nocivo à vila o Hospital de S. Lazaro. Escolheu o lugar, em que agora o vemos, & antes que o pagasse o mandou avaliar por pessoas muito tementes a Deos, entre as quaes nomeou Fr. João Martins, Doutor dos Frades Menores, & a Fr. Pedro Bernaldes da mesma Ordem. Que como elle fazia tão grande estimação dos religiosos della, até nisto os trazia occupados. As occupações maiores, quaes eraõ as que teve neste tempo o Custodio de Lisboa Fr. Estevão Confessor do mesmo Rei, & Bispo de tres Bispados em seu lugar as diremos.

1304

2 Chegou o anno de 1304, que foi de boa estrea, não lómente pera dar mais resplendor a toda a nossa Ordem, mas tambem pera deixar mais lustrosas as nossas duas Custodias de Coimbra, & Lisboa, que Portugal então tinha. Neste anno nos concedeo o Santo Padre Benedicto XI, que possessemos rezar das Chagas de N. Padre Serafico, o qual favor fez depois Paulo V a toda a Christandade. Celebramos tambem na cidade de Alsís hum Capitulo

Fr. Luc.  
an. 1304. &  
n. 13.

geral, em que nós os Portuguezes ficamos interessados, assi em a eleição do Ministro Géral Fr. Gonçalo de Valbom, como na recepção a o habito de Fr. Alvaro Pelagio, Bispo, que veio a ser de Sylves: dos quaes ambos, pelo que elles nos tocão, tornaremos a falar. Poucos mezes adiante, mas dentro do mesmo anno, sublinhou na tocheira das escolas este prudente Géral aquella fermosa tocha (Scoto quero dizer) cuja subtileza rara deu muita luz à santa Theologia, & suas grandes virtudes sollicitavão agora em a Curia Romana hum lugar no Catalogo dos Santos. Passou patiente pera elle se formar de Bacharel na Universidade de Pariz, & foi de grao esta honra pera outras dignidades.

1305

3 Neste tempo nos andava desbastando com a prègação da Fè o Padre Fr. João de Monte Corvino as terras bravias do Oriente, que depois cultivou por muitos annos, como em distrito seu a nossa santa Provincia. Prègou no Reino da Persia, & nos Estados da India, onde gastou treze mezes na cidade de São Thomê instruindo em a doutrina Christã, podião ser com pessoas,

que

que recebêraõ tambem de suas mãos o bautismo. Dahi passou a os Tartaros, em cuja Corte, chamada *Cambalisch*, bautizou seis mil pessoas, & levantou duas Igrejas; que juntamente seruião de Seminarios a cento, & sinquenta mininos, os quaes elle ensinava a louvar a Deos no coro, & os Artigos da Fè. De tudo isto nos deu avizo por cartas, escritas na mesma Corte, anno de Christo 1305. E conhecendo seu zelo o Papa Clemente V, no de 1307 o nomeou Arcebispo Cambaliense, & Legado Apostolico, ordenando sete Bispos, os quaes lhe apresentara o sobredito Géral, pera seus Coadjuutores nesta obra do Senhor.

F. Luc. an.  
1305. an. 9.  
& an. 1307.  
a n. 7.

1307

4. No mesmo anno 1307 florescia em Italia, & na cidade de Bergamo com fama de muitas letras Fr. Guilherme de Portugal, que depois de ilustrar este Reino com os resplandores grandes de sua sabedoria, foi honrar a nossa Ordem por outras terras estranhas. Sendo a Lente da S. Theologia na sobredita cidade, aconteeo arder ella em hũa guerra civil, cujo fogo, que trazia encarnçadas as almas, tirava a vida a muitos corpos, ameaçando tambem a toda esta Republica des-

truição lamentavel. Mas podes tanto com os Autores da guerra a grande autoridade deste Portuguez insigne, ajudado de outros servos de Deos, que desterrou todo este furor belico, pacificando os animos, reduzindo a concordia todas as suas contendias. Reconheceo a Cidade por mercè particular da Piedade divina esta paz miraculosa, & pera a conservar pelo mesmo beneficio do Ceo, instituiu procissão de graças, & juntamente de preces, que se faz todos os annos a Igreja de S. Estevão em o dia de Natal.

5. No anno seguinte, a saber 1308, tresladou pera Coimbra a Universidade com todas suas escolas o mesmo Rei D. Dinyz, que a fundou em Lisboa; & nessa occasião passamos nós o encargo de ler a santa Theologia nos nesses conventos, como já tenho escrito, d'hũa cidade a outra. Neste anno a 15 do mez de Julho, deu as letras do Bispa do de Badajoz o Papa Clemente V a o Bispo Fr. Simão, declarando que era frade professo, de *Ordine Fratrum Minorum*, da nossa Religião. Isto mesmo declarou João XXII na licença, que lhe deu pera fazer testamento, depois de estar translado a o Bispa do de Tuy; & se me confi-

0101  
0101  
0101  
0101

1308

o Estatut. da  
mesma V. a  
ver. no  
Prolog.

f. cap. 12.

d Idê to. 3.  
la Addit. ad  
tom. 4. an.  
1307. n. 3. b

rara certo, como alguns o afirmão, áver elle professado nos nossos conventos de Portugal, com muita facilidade ouvera de responder a quem o faz Mercenario. Porém essa diligencia hei de fazer adiante na pessoa d'outro Bispo, chamado *D. Fr. Estevão*; que outros também nos pretendião tomar. Nestes tempos lhe foram dadas as Mitras Episcopaes: do Porto, no anno 1310.; de Lisboa, 1312. No primeiro destes annos se tresladaraõ a segunda vez em Padua as reliquias do Padre S. Antonio. No segundo, a 11. do mez de Abril, extinguiu o Concilio Vienense a Ordem dos Cavaleiros Templarios: se com rezão, ou sem ella, não me convem disputar.

CAPITULO XXVI.

Do P. Fr. Gonçalo de Valbom, Ministro Géral de toda a nossa Ordem.

**O**ntendem sobre a patria deste Veneravel Padre os dons Reinos de Portugal, & Galiza, & ambos achão padrinhos, que sustentem a demanda: ainda

que o primeiro, & mais grave, que parece assistir a os Galegos, facilmete lhe daremos melhor interpretação. He este o nosso Bispo de Sylves, *D. Fr. Alvaro Pelagio*, ou Paes, o qual nos deixou escrito, que fora *Hispanus de Provincia Galicia*; & quiz dizer, *Hespanhol*, da Provincia de Galiza. Mas muito bem lhe constava ser o nome *Hespanhol* muito comum, & generico a todas as mais nações contendas em Hespanha, & que com elle não o fazia Galego. Quem era mais Portuguez, & conhecido por esse, que S. Antonio, & o Beato Amadeu? E mais de S. Antonio diz o nosso Breviario, que nasceu em Hespanha, *in Hispanijs*; & do B. Amadeu escreverão os Pontifices, que fora *Hispanus*, ou *Hespanhol*.

2. Disse mais, que elle fora da Provincia de Galiza, & se falara na terra, onde avia nascido, certo he que lhe chamaria *Reino*, & não *Provincia*, por não abater os foros da sua propria patria, donde era natural. Pelo que, falaria da Provincia, conforme a os distritos da Ordem, na qual tomara o habito: posto que não falou nisso com muita propriedade, por quanto nunca tivemos Provincia, nomeada de Galiza, senão a de *Sant-Iago*, q' tendo lá a cabeça na cidade de Com

de Planct. Eccles. l. 2. c. 68.

p. 1. l. 2. c. 34. n. 6.

1310

1312

p. 1. l. 3. c. 27.

8081

1313

c. p. 3. tit. 23.  
c. 9. §. 13.

postela, se estendia tambem pelo nosso Portugal. E vendo S. Antonino ser esta sua tenção, lhe trocou as palvras deste modo: *Hispanus de Prouincia S. Iacobi.*

3 Suposto pois, que este Autor gravissimo, sendo seu contemporaneo, não o faz por nascimento Galego, a todos os mais, que lhe deraõ esse nome, respondo, que quando muito lhe poderá competir por ser natural do Entre Douro, & Minho, que antigamente pertêcia a Galiza: ou em razão da sobredita Prouincia estar no seu tempo misturada de Galegos: ou por se aver criado com elles nos seus conventos. E se me fizerem replica no apelido *Valboa*, com que alguns o nomeaõ, o qual he familiar de Galiza, tambem lhes dou em reposta, que muitos mais, metendo na cõta os Castellhanos, o nomeaõ de *Valbom*, & que nenhum desses nomes he estranho neste Reino. Porẽ na sua pessoa, não me parece, que foi somente a pelido do seu sangue, senão do lugar, onde naceo: muitos dos quaes, intitulos *Valbom* avia em Portugal, & nas ribeiras do Minho hum, que tinha mosteiro de freiras Bentas, & se chamava *Valboa*. E era tão ordinario na nossa Religiaõ tomarem os frades o sobrenome das Patrias, que tambem seu sucessor

no Ministrado geral F. Alexandre de Alexandria tomou este apelido d' hũa cidade do mesmo nome no Ducado de Milão, em que teve nascimento.

4 Com isto deixamos facilitada a opiniaõ mais ceira de ser nosso Portuguez, como já tẽ cõfessado F. Henrique Vvillot<sup>d</sup>, Rodulfo<sup>e</sup>, & Possevino<sup>f</sup>. Isto mesmo sentiraõ honradamente o Doutor Antonio de Sousa de Macedo nas Excelencias de Portugal<sup>g</sup>, & o Licenciado Jorge Cardoso, benemerito dos Santos Portuguezes, no Agiologio Lusitano<sup>h</sup>, onde refere o Doutor Fr. Francisco Brandão na Scista parte da Monarchia, que quãdo sair a luz darã muita autoridade a esta nossa sentença. Mas não creio cõ os primeiros Autores, que nacesse em Lisboa, porque se lhe deraõ esta patria por ser a maior do Reino, & elle pessoa grande na nossa Religiaõ, ninguem ha, que se iguale com o Santo Filho de Deos, o qual no seu nascimento não enjeitou o limitado albergue do Presepio de Belém. E tenho por mais provavel, como já nos advertio o Autor das Excelencias, & clama sem descansar a tradição desta Prouincia, que naceo em o lugar de Valbom muito alegre; & fresco, à vista do rio Douro, hũa legoa do Porto pela corrente assima, & que na mesma cida-

d in Athen.  
l. G.  
e l. 2. fol. 18  
f de Script  
tom. 2. l. C

g c. 23. Ex -  
cel. 9.

h tom. 2. A  
bril 13. l. D

de, no nosso convento de S. Francisco lhe concedemos o habito.

5 Mas neste pequeno berço ficou tão grande com a nobreza do sangue, herdada dos paes, & com as graças do Ceo, comunicadas de Deos, que cõ a sua pessoa pretendõ autorizar-se, não sómente a Provincia de Castela quando o fez seu Ministro, senão toda a nossa Ordem Serafica entregando-lhe o seu governo Gèral. Foi hum dos grandes letrados, que tinha entãõ o mundo, Mestre realissimo na santa Theologia: com tudo nem estas letras, nẽ as honras, que o buscavão na terra, lhe puderaõ afogar a devaçãõ do espirito, com a qual cursava de ordinario na escola do grande Mestre Divino, aprendendo delle a sciencia mais alta, que consiste em saber-mos imitar as suas santas virtudes. Se o Mestre avia sido prodigio nos actos de humildade, lavando os pês a seus sagrados Discipulos, elle era hum milagre, que sendo Gèral da Ordẽ lavava por suas mãõs a louça pobre, em que comião os frades. Em todas as mais virtudes, mortificaçãõ do corpo, desprezo do mundo, zelo da honra de Deos, pobreza, & paciencia era hum raro exemplo; cõ que muitos se deviaõ conformar. E por concluirmos tudo

em tres palavras, que escreveu o dito Bispo de Sylves, *verè frater Minor*, era frade perfeito, & verdadeiro da Ordem de S. Francisco.

6 Teve notavel cuidado da veneraçãõ deste S. Patriarcha, ajuntando pera isso, & fazendo publicar os portentosos milagres, que nesse tempo obrava por toda Christãdade. Achou jã, que por decreto do Papa Gregorio IX a Igreja universal rezava da sua Festa a 4 do mez de Oitubro, & entrando nõ governo, que foi no anno de Christo 1304, alcançou de Benedicto XI, que tambem a os 17 de Setembro rezasse das suas Chagas. Celebrãdo hum capitulo em Padua não fez açãõ de mais gosto, que tresladar a o incio da Igreja, como noutra parte disse, o sepulcro glorioso do P. S. Antonio, que ainda estava encantado. Por outras muitas rezões, & mui dignas de seu zelo, lhe estarãõ obrigadas pera sempre não sómente as escolas da S. Theologia, mas toda a nossa Religiãõ. E foi, que eleito em Gèral mandou logo graduar na Universidade de Pariz aquelle grande Oraculo de todas as boas letras, chamado por excellencia o *Doutor Subtil Scorõ*; & admirado do acerrimo engenho, com que nella, & primeiro em Oxonia, avia ja firme-

p. 1. 3. c.  
27. n. 6.

mente sustentado; que a Virgem Mãe de Deos foi concebida sem macula de pecado Original, ordenou que em Colonia, cidade de Alemanha a baixa, fosse defender, & imprimir no coração dos devotos a mesma opiniaõ. Enearegoulhe tambem a protecção da Fè Católica contra os Begardos, & outros hereges, que lá se ião defaforando. E não sei de que me espante mais, se do zelo do Prelado em tirallo pera isto de Regente dos Estudos, se da sua prontidão em logo obedecer. Foi-lhe dada a Patete estado fóra de casa, & nesse mesmo lugar tomou o bordão nas mãos, começando a jornada como pobre Evangelico, sem viatico algum; senão só a confiança em Deos. Advertiraõno, que primeiro fosse buscar seus papeis, & despedirse dos frades, a o que respondeo com santa resolução. *O P. Ceral não me manda, que torne a o Convento, senão, que me vá pera Colonia;* & deste modo continuou o caminho.

7 Andava muito contente com as novas, que cada dia lhe vinhaõ das conversões, que seus subditos fazião no Imperio dos Tartaros, & noutras partes do mundo: alegrava-se em Deos de ver quantas pessoas Reaes viviaõ, & morrião no nosso sagrado habito: porèm algũas relaxações, que já

entravão na Ordem contra a santa pobreza, o traziaõ apertado com angustias de morte; & querendo desterrar das eas de S. Francisco este torpissimo monstro não avia pedra, que elle não abalasse. Exhortava os frades à perfeita observancia com palavras repetidas, despachou nesta materia muitas patentes gêraes, fez estatutos concernentes a grande reformação, explicou a nossa Regra em hum tratado doutissimo; cujo principio he, *Regula nostra, fratres charissimi, non sic nobis confusa,* & foi parte pera que Clemente V no Concilio Vienense promulgasse a sua Extravagante, que começa, *Exivi de Paradiso,* & anda no corpo do Decreto.

8 Não tinha a condição de alguns, que se matão em zelar, & em falar, & depois pera viverem em paz não ouzão executar: mas abrazado em zelo andava pelas Provincias, fazendo guardar à risca quanto avia mandado. Trazia na sua manga a medida dos conventos, & desfazendo o que era suntuoso, por ella os repunha em hũa mediania, que parecessem morada de gente pobre. Tirou do uso dos frades quanto tinha semelhança de superfluo: mandou arrancar as vinhas, & largar todas as terras, de que se colhia fruto, sem

Fr. Luc. to.  
5. an. 1304.  
n. 32. & an.  
1308. á n. 9.

perdoar a fazenda, q̄ nos aviaõ deixado com encargo de officios, & missas: porẽm isso naõ corria nas capelas, se fossem instituidas na forma, que hoje temos algũas, das quaes o seu dominio estã no Administrador, & dellas naõ temos mais, q̄ hũa esmola simples cõ a pensã dos sobreditos sufragios, o que bẽ se compadece com a pureza da Regra. Restituiõ finalmente na nossa Ordem Serafica a fermosura antiga da Senhora Pobreza, em que a tinha criado nosso Santissimo Padre. Bemdito serã de Deos hum Prelado taõ zeloso, que trabalha por honrar a sua Ordem, & encaminhar os subditos em suas obrigações. Mas ai d'aquelles, que nisto forem remissos, antepoendo a o serviço de Deos a sua comodidade! Naõ os dou por mui seguros d'hũa maldiçaõ eterna na casa das confusões, onde naõ ha mais, que chorar, & padecer sem remedio.

9 Cançado cõ este grande trabalho, perseguido, & molestado dos emulos, q̄ naõ soffrião a sua reformaçaõ, entrou no convẽto de Pariz, no qual a piedade de Deos a 13. do mez

d'Abril de 1413 o tirou deste lacrymoso vale pera os gostos do Ceo. Dizẽ algũs, q̄ foi morte violenta dada por seus inimigos: porẽm os mais dos Autores, & melhores entre elles, como S. Antonino, Gonzaga, Fr. Marcos, Fr. Lucas, & outros da mesma primeira classe naõ aprovão este dito; & he desgraca mui grande, que estando o prado cheo de flores alegres, de proposito vamos pegar das espinhas. Mas seja o que quizerem, a santidade da vida respondeo a majestade da Gloria, em que o viraõ os frades poucos dias depois de ser falecido. Estava assentado em hũ trono com coroa, & scetro a semelhaça de Rei, & disse estas palavras de muita consolaçaõ pera quãtos padecem pela justica. *Deste modo me eem honrado o Ceo, porque vivendo na terra, & governando a Ordem guardei inceira justica sem nunca dobrar a vara do meu officio. Trataõ delle cõ elogios de São, & Varaõ insigne, digno de sancta memoria* muitos Escritores graves, alguns dos quaes se acharão referidos no Martyrologio Franciscano.



LIVRO OITAVO  
D A  
HISTORIA  
SERAFICA  
DOS FRADES MENORES NA  
PROVINCIA DE PORTUGAL.

Mysteriosos principios, & admiraveis successos  
do Real mosteiro de S. Clara de  
Vila do Conde.

CAPITULO I.

*Quaes forão seus Fundadores: que motivo, & que intento tiverão.*

1314

**D**Espedin-  
dose o  
Ave das  
fontes,  
q' o cria-  
ção por  
entre  
Douro,  
& Minho, quando vai a mistu-  
rar suas agoas com as salgadas  
do mar, encontra a não es-  
querda o lugar de Azurara do  
Bispado do Porto; & a direita,  
pera a banda do Norte, a Vila  
do Conde na diecese de Bra-

ga. Em hua, & outra parte acha  
casas da nossa Religiao, que  
venera como santas: em Azu-  
rara, hua da Provincia da Pie-  
dade, a qual primeiro foi nos-  
sa: na Vila do Conde outra, q'  
logramos ategora. Começou  
esta vila por hum Castelo anti-  
go sobre hua eminencia, que  
senhorea o rio, & pela parte da  
terra, cujo presidio era, com  
muito pouco trabalho se po-  
dia defender. Vindo depois a  
cair no senhorio do Conde D.  
Mendo Bofino, a quem os me-  
recimentos grangeaão grande  
nome, por sua contemplação  
se chamou *Vila do Conde*, sem nũ-  
qua mais ategora largar este  
apelido.

2 Desta vila vierão a ser  
Senhores Afonso Sanches, &

a Benedic.  
Lusit. to. 1.  
trat. 2. p. 2. c.  
23. §. 1.

sua mulher D. Tereja Martins. Afonso Sanches foi filho d'El-Rei D. Dinyz, & de D. Aldõça Rodrigues: Mórdomo mór de seu Paç, & por suas partes o filho bastardo, que elle mais estimava. D. Tereja foi filha do Conde de Barcelos, & Senhor de Albuquerque, D. João Afonso Telo, Mórdomo mór do mesmo Rei noutro tempo; & da Condessa D. Tereja Sanches, filha tambem illegitima d'El-Rei D. Sancho o IV, de Leão, & de Castela. De modo, que era neta, & não filha como cuidou o Autor do Jardim de Portugal, do dito Rei Castelhana; & por parte de seu Paç, quarta neta do nosso Rei Portuguez D. Sancho I, & de D. Maria Paes Ribeira, da qual lhe veio por herança esta vila.

3 Estando ambos no sobredito castelo, o qual elles não fizeraõ, porque o achãrão feito, no discurso de tres noites sonhãrão, que deste mesmo lugar subia hũa escada, envolta em fumo odorifero, & claro, a qual tocava no ceo. E conferindo os sonhos, foi Deos servido de lhes dar a entender, como d'aquelle lugar avia de aver passagem, figurada na escada, pera a Corte da Gloria; & subirião orações, representadas no fumo, que lhe fossem agradaveis. Seria isto no anno de

1314, porque logo nos seguintes os achamos occupados na execução do sonho por meio de hum mosteiro da Ordem de S. Clara, cujos exemplos notaveis prometião nesta casa aventajadas virtudes. Deste intento na fundação do mosteiro nos dà bastantes indicios a eseritura da sua instituição, & dote, a que as freiras hoje chamão *Testamento dos Senhores*. Declarãõ pois, que o avião fundado pera ellas se salvarem servindo aqui a Deos (que isto he o subir pela escada do Ceo) & juntamente rogarem a este mesmo Senhor, que os tivesse debaixo de sua graça, levantando pera isso das brazas da devação o fumo das orações.

4 E como a caridade governava esta obra, disserãõ mais, que a sua tenção era, que nelle se recebessem fidalgas pobres, as quaes vivendo no mundo, por ventura que a pobreza lhes dèsse occasiã de cometerem baixezas. Isto mesmo se contém na dita instituição pelas palavras seguintes. *Pera serem hi mansendas (no mosteiro); que por lazeria, nem vingoa (ficando no mundo) não ouvessem razom de fazer mal de suas fazendas, nem perdessem suas almas.* A palavra *Fazendas* no idioma antigo era o mesmo, que obras, acções, & procedimentos; & estes querião elles, que fossem muito

honest-

O Conde D.  
Ped. lit. y. &  
17.

o cap. 22.

honestos em as molheres fidalgas, pera emparo das quaes fizeraõ este mosteiro: das pobres, em o primeiro lugar: das ricas, em o segundo; & só em defeito dellas se podia outra gente admitir, com tanto, que a virtude, & limpeza do estado suprissem a qualidade, que lhes faltasse no sangue.

## CAPITULO II.

*Dos edificios, & rendas, & estatutos, com que o en-  
grandecerão.*



Sentada nesta forma a sua resolução, metterão as mãos na obra; desfazendo o castelo, & ordenando de modo as oficinas sagradas, que nellas se recreasse a devação do espirito. Pera o culto divino traçaraõ hũa Igreja; composta de cantaria, a qual hoje, depois de estar ornada, ficou segura de se poder achar outra pelos mosteiros de freiras mais grave, & majestosa. No tempo da Observancia se levantou coro alto sobre o primeiro, que d'antes era terreõ, & encurtandose ambos; se estendéo a Igreja. Neste andar ficava o dormitório, baixo tambem, & terreõ, representando a todas na majestade humilde o abatimento

proprio, com que as freiras mais nobres se haõ de sacrificar a os estilos humildes da sua Religião. Todas as mais oficinas, sendo muito suntuosas, cheiravaõ a santidade.

2.º Mas os trabalhos, que teve o Fundador com seu meo irmão El Rei D. Afonso IV, não sómente o obrigaraõ a irse pera Castela; senão tambem a deixar imperfeito o mosteiro. Mandou depois acaballo, em particular a Galilè; & capelas seu filho D. João Afonso, que foi o do *Ataide*, celebrado nas historias de Hespanha; & Senhor de Albuquerque, em testamento do anno 1354; a 13 do mez de Julho. Continuando os tempos creceo a comunidade; & com ella creceraõ os edificios: de sorte, que já no anno de 1549 se fazia outro claustro, a sombra do qual subiraõ os dormitorios. E ficou taõ majestosa esta Casa do Senhor, ajudada da qualidade do sitio superior por todas as partes a terra; & a o rio, que bem parece de fóra, o que na verdade he: hũa fortaleza santa, ou hum castelo do Ceo.

3.º Do seu dote trataraõ estes Senhores com grandissimo cuidado, corroborando nas rendas a perpetua clausura; porque achando as freiras o q'avião mister das suas portas adentro; não tinhaõ necessidade

de

de vaguear pelo mundo. Dotáraõ duas Igrejas, hũa vila do Entre Douro, & Minho, que he a Povia do Varazim, muitos lugares, & herdades, por principio de sua magnificencia; & com isto as mercês, que El Rei D. Dinyz lhes avia prometido pera esta santa casa, as quaes ainda diremos. A peça mais preciosa, com que a enriquecêraõ, foraõ leis de bom governo; que se estas se guardassem, não virião os mosteiros a descair da grandeza, em que estavam fundados, nem a sentir as miserias, que muitas vezes padecem. Taixáraõ a cada freira a reçaõ do comer, & do vestir, & tudo em abundancia: mas isto com condiçaõ de tornar a o convento aquillo, que não gastarem; porque será crueldade quererem espediçar, & o comum que pereça. Prohibirão hospedagens, até dos grandes Senhores, & seus parentes, por não se fazerem gastos; excituando sómente os frades da nossa Ordem, que por pobres merecião esta sua piedade. Ordenáraõ outras cousas com tanto zelo da conservaçaõ da casa, que contra a Abadessa, que nellas faltar, disseraõ estas palavras: *Aja a maldiçom de Deos Padre, & fique por molher, que não ha consciencia, & que passa as nossas vontades.*

4 Quando elles andavão

rraçando isto, o Cardcal Protector da nossa Religião, que se chamava *Arnaldo*, em 22 de Janeiro de 1317, lhes escreveu da cidade de Avinhão hũa carta, pela qual não só lhes gratificou esta obra-tão insigne, mas também significou o muito, q importava ficar ella emparada. E nesta conformidade nomeáraõ Protectores do mosteiro, os quaes não são Padroeiros, mas sómente Defensores, a cuja conta está emparallo de agravos, & conservar os seus bês nõ estado, que elles instituíão. Pelo que lhes prohibirão qualquer outra autoridade maior, & mais em especial o usurparem pera si alguns dos bens sobreditos, nem ainda com pretexto de se poderem pagar dos gastos, ou do trabalho. Por quanto (differaõ elles) *non queremos, que o que nós deixamos pera serviço de Deos, que elles o tomem.* Mas deixaraõlhes por premio a sua bençaõ, & o galardão do Ceo, juntamente com a honra de emparar hum mosteiro tão illustre, no qual também podião ter sepultura; só dentro de Galilè, onde os mesmos Fundadores quizerão ser sepultados. Nomeáraõ pera esta protecçaõ em o primeiro lugar o sobredito seu filho: depois d'elle, o descendente, & successor no senhorio da vila de Albuquerque: faltando este, o parente

mais chegado, que fosse suficiente; & em defeito de todos, os nossos Reis deste Reino, por não ser cousa indigna das Majestades Reaes, tratarem de defender a hum mosteiro Real.

## CAPITULO III.

*Em que tempo se povoou o mosteiro, & da nobreza, & grande religião, cõ que elle come-  
çou.*

1318 **D**este zelo, que tinham os Fundadores, & da sua qualidade podemos nós coligir a eleição, que fariaõ de pessoas illustrissimas em santidade, & sangue, pera povoar a casa. Porém tudo està hoje esquecido, & se não foi por descuido dos passados, seria por hum incendio, que queimou as escrituras. Quando o Cardeal Protector lhes mandou a dita carta no anno de 1317, ainda não lhe confitava, nem elle supunha, que aqui ouvesse freiras. No seguinte, a 15 do mez de Março, despachou o Pontifice Romano João XXII a bula da Regra, que aviaõ de guar-

dar; de cujo teor infero o Annalista Fr. Lucas, que já ellas eraõ vindas; & sem duvida neste mosteiro estavam em 7 do mez de Maio do mesmo anno 1318, no qual dia os Fundadores fizeraõ a escritura do dote, dizendo estas palavras. Pera tantas Donas como hi puzemos, & poeremos, damos a o dito mosteiro por que podem todos os dias aver esta manença. E mais adiante dizem: Outro si remos por bem, por nom mingoar esta manença a estas Donas, que nos hi meeemos, & meeemos, que a Abadesa, & convento nunca hi mais Donas recebão &c: Neste tempo, ou pouco antes, poderiaõ vir as freiras, às quaes elles fizeraõ logo o dote em presença do Ministro Provincial Fr. Francisco, & do seu Visitador Fr. Domingos d' Evoramonte, que tambem as tinhaõ acompanhado.

2 Não faltavão no Reino de Portugal já mosteiros, donde podesse sair esta familia santa: mas não nos consta, que freiras entrãto nella, nem que casa as criou na Religião sagrada: E assi a primeira Abadesa, de que tivemos noticia, foi hũa D. Tereja, da qual se diz no Archivo da santa Sè de Lisboa, que no anno de 1347, a 2 do

22.1318.  
p.44.

6 L.4. de be.  
nes. fol. 69.

mez de Abril, apresentou Vicente Pires na Igreja d'Alcoentre. Se esta foi a primeira do mosteiro, muitos annos lhe durou o seu governo. As noviças, que elegêrão os Fundadores da casa, sempre avião de ser das mais illustres do Reino, pois pera ellas a dedicarão a Deos. Hũa neta sua, chamada *D. Inez*, pela linha de seu filho *D. João Afonso o Senhor de Albuquerque*, ordenou este seu pae no testamento já dito, que professasse aqui a vida religiosa. E essa mesma professou, como escreve *D. Pedro, D. Guiomar Anes*, filha de *D. Leonor Rodrigues*, & de *João Fernandes de Sandim*, da nobilissima Casa dos de *Riba de Vizela*.

3 Com esta grande nobreza, que por ser tão natural merece perpetuar-se, se confederou tambem hũa rara observancia da perfeição regular. Não se deraõ por contentes aquellas bemditas almas, que no principio povoãrão o mosteiro, da nova Regra, que avia mitigado o Papa Urbano IV, & estava recebida em muitas das outras casas: mas suspirando pelos rigores antigos, acetarão com admiravel fervor a que guardou *S. Clara* no

mosteiro de *S. Damião*, & o Papa Alexandre, tambem o IV do nome, deu às freiras do seu tempo, as quaes por esse respeito se chamavão *Damianas*. Esta Regra lhes concedeo o sobredito Pontifice João XXII, na bula, que referimos, cujo principio era, *Ordinem S. Clarae*; & de sua aspereza temos dado no mosteiro das freiras de Santarém abreviada noticia. Renovaraõ aqui logo a mesma vida santissima, encerradas em perpetua clausura dentro das suas paredes: descalças, & vestidas de humpano muiro baixo, que teção em Arouca: ensiando abstinencias pelo discurso do anno, sem nunca comerem carne, se não erão as enfermas: mortificando o corpo com penitencias grandes: escondidas a o mundo: em rigoroso silencio, mas conversando com Deos em santas meditações.

4 Assi foraõ ordenando cá na terra hũa nova comunidade de Anjos, que parecião do Ceo, cujas virtudes notaveis, & grande religião louva muito o Arcebispo de Braga, *D. Rodrigo da Cunha*, & antes d'elle louvou o nosso Bispo de Matua. E quando eu confide-

tempos

cap. 22

tit. 45

p. 1. 1. 5. 3

na Hist. Eccl. de Braga p. 2. 73.

Gonzag. pag. 813.

tempos antepassados, mais esforço minhas queixas contra a nossa idade, que tanto favor concede á miseria humana. Mas pela graça de Deos não faltou nesta casa até hoje o espirito serafico, amigo da perfeição. Vivem nelle de presente cento, & doze religiosas, ás quaes assistem tambem tres frades da nossa santa Provincia: hum delles, que he Vogal, serve de seu Confessor.

## CAPITULO IV.

*Contão-se alguns favores, que recebeu o mosteiro dos Pontifices, & Reis.*

1319

**I**nhaõ dado muita parte na fundação desta casa a ElRei D. Dinyz os seus mesmos Fundadores, applicando por sua alma tambem o sacrificio das missas, que mãdavão dizer nella; & o Rei, como tão interessado, com mercês, & privilegios quiz fazer a obra sua. No mesmo anno, em que elles a dotaraõ, a 29 de Julho lhe fez mercê das Igrejas de S. Vicente da Chã, & de S. Cruz de Lamas de Orellhão; & depois a 8 do mez d'Agosto ouve por bem, que lograsse hũa quinta na terra

da Feira, da qual outros lhe fizeraõ doação. Logo no anno seguinte, a saber de 1319, de 30 até os 10 de Janeiro, lhe passou tres notaveis provisões. Confirmou primeiramente a fundação do mosteiro com todas as doações, que lhe fizera seu filho: recebeu o em sua sua protecção; & concedeu licença para que, não obstante a lei do Reino, herdasse, & possuisse as fazendas de raiz, que pelas religiosas lhe podessem pertencer. Tudo isto roborou com muitas clausulas, em particular as doações por desenganar com ellas qualquer esperança vã de as tornar á Coroa; & assi falando com os vindouros, escreveu estas palavras: *E aquelles meus successores, que esta minha doação guardarem, & fizerem guardar, a benção de Deos Padre, & a minha seja sempre com elles; & vão adiante, & pera bem; & os que contra ella forem, nom a ajão, nem lhes seja oncorgada; & ajão o contrario &c.*

2 Não estavam porém contentes, nem consoladas as ditas religiosas de lograrem estas rendas sem licença do Pontifice, querendo antes ser pobres a exemplo de sua Madre santissima, que muito ricas na terra sem a benção do Senhor. Pelo que foi

necessario eserever o Fundador a o sobredito Papa Joao XXII, o qual á sua instancia lhes concedeo a licença numa bula, que começa, *Apostolica Sedis &c.*, dada em Avinhão a 27 de Fevereiro do anno assima dito 1319. E constando lhe tambem da singular devação, que todo o Reino tinha a este santo mosteiro, pela muita observancia, em que elle florescia, *propter magnam religionis observantiam*, (assim o diz o Pontifice) no mesmo dia, & noutra bula lhes permitio cemitario em favor dos seculares, que aqui se quizessem sepultar. Avia porém de ser no corpo da Galilé, que o mesmo Fundador, o qual pedio esta graça, ordenara pera isso.

3. Com outros muitos favores alentou este mosteiro a santa Sè Apostolica, cuja grande piedade os Reis tambem imitarão, assi por sua virtude, como pelo interesse de alcançarem a benção d'El Rei D. Dinyz, que isto mesmo lhes tinha encomendado. E posto que D. Fernando pretendendo acudir a outra necessidade, lhe tomou hias azenhas, que moem no rio Ave a o pé da mesma casa, não se atrevêo a isso sem lhe dar equivalente fazenda, da

qual lhe fez outra nova doação El Rei D. Joao I quando depois lhas tornou. Elle mesmo, com seu filho D. Duarte, & todos os successores de tal modo acrecêtavão mercês, que sempre lhe confirmâo as que estavão já feitas. El Rei D. Afonso V não sómente lhe consignou ordinaria de quatro centos reis brancos por ajudar a sua sustentação, mas tambem lhe applicou os residuos dos testamentos de muitas vilas, & lugares no Entre Douro, & Minho, com os quaes se acabasse a obra de hua capela, que os seus Antecessores tinhaõ mandado fazer.

4. Chegou o ditoso tempo, em que El Rei D. Manoel illustrou com favores a nossa Religião, mostrando neste mosteiro as ventagens conhecidas da sua Real grandeza. E quando lançou fóra deste Reino os Judeus, que em rezaõ de lhes serem permitidas Synagogas se faziaõ tributarios a os Senhores das terras, teve tanta piedade, que pelos bens da Coroa satisfizesse a o mosteiro quanto elles lhe pagavão nesta vila. Sustentou as Abadessas em muita autoridade, sem consentir que lhes fizesssem requerimento algum, nem outra descortezia, sob pena de serem

prezos, & castigados por elle. Passou cartas pera todas as vilas, & lugares, nas quaes lhes encomendou por hũa, & muitas vezes, que quando nelles entrasse o Procurador, ou o Mordomo da casa lhes fizessem dar pouzada, & cama de graca, & o mais por seu dinheiro. Mandou a os Juizes do Porto, de Guimarães, & Barcelos, que lhe fizessem vender, & levar em carros por conta da mesma casa quanto pão ella ouvesse mister. Este grande privilegio estendéo ElRei D. João III pera quaesquer mantimentos, que lhe fossem necessarios, pelas comarcas de Tralasmontes, & Beira. E sobre isto lhe concedeo alvará pera poder despachar todas as suas fazendas nas alfandegas de Lisboa, do Porto, & de Viana com a mesma liberdade, que tinhaõ na sua vila. Outros favores notaveis, alguns dos quaes por ventura adiante mostraremos, alcançou este mosteiro, que por sua gravidade, & muita religião merecia ser honrado, & estimado dos Reis; se bem no senhorio da vila não deixou de padecer os trabalhos, & encontrados, que tem as jurisdicções.

(2)

## CAPITULO V.

Do senhorio, que na vila tiveram as Abadessas, & como elle se perdeu.

**M**uitos annos possuiõ este mosteiro hũa majestade grande, semelhante à Real, no senhorio da mesma vila do Conde, em que está situado, na outra vila, chamada Povia do Varazim, no lugar de Azurára seu vizinho da outra banda do rio, na Touguinha, Pindelo, & noutros muitos Lugares, Honras, Coutos, & Fundadores da Casa tamanha autoridade, posto que muitas riquezas, por não defraudarem della os successores da sua. E assi na escritura de dote, que já temos referido, falando na dita Povia, a qual tambem lhe dotáraõ, disserão estas palavras. E veremos pera nós, & pera aquelles, que depois de nós vierem, a justiça, & apellações de Varazim, & nom al Vila do Conde não entrou na doação, antes elles a logrãraõ; em quanto tiverão vida, depois foi passando com todo o senhorio a seu filho D. João Afonso, & a D. Martinho seu neto, por cuja morte tornou

cap. 2.

a sua mãe D. Isabel, viuva do sobredito D. João, & nora dos Fundadores. E como esta Senhora era de muitas de terras em Castela, onde então assistia, renunciou as que tinha neste Reino em D. Maria de Vilhalobos meia irmã da Fundadora D. Tereja Martins, com encargo de comprir em tudo o testamento de D. João seu marido. Mas por que El Rei D. Pedro, por cuidar que tocavão á Coroa, as avia confiscado, El Rei D. Fernando, que entendêo o contrario, lhas mandou desembargar por hũa carta de 30 do mez d' Outubro de 1367, nomeando claramente *Vila do Conde, a Povoã, a Tanguinha, & outros muitos lugares, pera ella os poder distribuir pela alma do dito D. João Afonso.*

2. Doñde fica manifesto como até este tempo não lograva o mosteiro a jurisdicção da Povoã, nem ainda o Senhorio da Vila: mas veio a alcãçal-lo por doação, parece que one-rôsa, da dita D. Maria, que com isso quiz comprir os testamentos dos Fundadores da casa, & do dito D. João já nomeado affima. Nesse tempo começou a poder apresentar os beneficios da vila. No temporal tinha grãde senhorio em rezão dos de-reitos, que cobrava das novidades do termo, da portagem das fazendas, dos moradores da

vila, da passagem do rio, da pescaria do mar, das embarcações, que entravão, & saião, pera as quaes tinha Alfandega propria, com todos os seus Ministros. Não convem dilatar a narração, pera darmos estas contas mais miudas. Por outra parte, era tambem muito ampla a sua jurisdicção nos feitos crimes, & civeis, cujas apelações, & agravos do Juiz passavão á Abadesa, & della pera o Rei. Nomeava as Justiças do mar, & da terra: Juizes dos Orfãos, & dos Dereitos Reaes; & Ouvidor, que despachava as ditas apelações, & na Camara assistia em seu nome á eleição de Almotaceis. Punha tambem Escrivão da mesma Camara, & dos outros tribunaes: os Tabaliães da vila, Distribuidor, Contador, Enqueredores, Alcaide, Meirinho, & Officiaes menores. Alimpava a pauta dos Juizes Ordinarios, Vereadores, Procurador do Concelho, que elegia a Camara, & confirmados por ella serviaõ os seus officios.

3. Mui grande autoridade grangeou a o mosteiro este senhorio nobre: mas tambem o tinha posto em muita perturbação. Andava sempre em hũa guerra campal com os Ministros Reaes, que á força, & sem rezão o queriaõ encontrar. E só cõ isto desculparemos agora o pouco zelo de algũas Abadesas,

destas, que foraõ alienando muitas das jurisdicções. Quando porẽm se opunhaõ à demanda, taõ claramente constava de seu direito, que os Juizes nas sentenças não lho podião negar. Os Reis, em quem prevalece o amor da piedade, se tal vez dispunhaõ algũa cousa contra os fóros da Casa, ouvindo suas rezões, tornavão a desfazer o que tinhaõ ordenado. Confirmarão todos a sua jurisdicção, como fez D. Manoel com muitas demonstrações da Real benevolencia, tomando porẽm exemplo do Santo Padre Leão X, o qual larguissimamente concedeo às Abadessas poderem exercitalla por meio de seus Ministros, não obstante o grande recolhimento, em que vivião depois de estarem reformadas na Regular Observancia.

4 A sua pedra de escandalo, em que elles embicavão, eraõ sómente as rendas & os direitos Reaes, que rendia a Alfandega. Não acabavão de crer, que as doações antigas os davão a o mosteiro; & cançadas as Abadessas da opressão ordinaria, vierão a fazer com ElRei D. Duarte hum concerto de partilhas, que as lançou a perder. Parecia do contrato, que não só os direitos dos navios, que saião de Castela, ficavão a o mosteiro, mas tambem dos que vinhaõ dos portos de

Portugal; & nesta conformidade se derão muitas sentenças. Andando porẽm o tempo julgou se ultimamente, que os do Reino pertenciaõ à Coroa, & o mosteiro, que lhe devia pagar quantos tinha recebido depois da lite contestada. Foi liquidada a divida com a diziõna da sentença ( que nem isto lhe quizerão perdoar ) em nove mil, & cento, & vinte, & sinquo cruzados, pelos quaes ElRei D. Joã III no anno de 1537 fez execução no senhorio da vila, & sua jurisdicção. Lançou nella seu irmaõ o Infante D. Duarte a sobredita quantia, & pagandose a Coroa, lhe entregaraõ a vila, cujo senhorio hoje por esta occasião pertence à serenissima Casa do Ducado de Bragança.

5 Deste modo o perdẽo este mosteiro Real, & juntamente a sua jurisdicção na vila da Povia, & Couto de Aveleda, da qual não me consta até hoje se se meteo na penhora. Mas ainda conservou os seus direitos dos navios de Castela, que lhe dava o sobredito concerto: estes porẽm lhe pediu no anno 1551 o mesmo Rei D. Joã, dandolhe a trocodelles hum juro de duzentos, & sincoenta mil reis. Agora não logra mais, que huns longes da majestade antiga ( mas

io):

fo): a saber o quinto das novidades da terra, o quarto do peixe do mar, a barca do rio, & a vintena do sal com toda a liberdade de ninguem o vender sem este estar vendido. Apresenta o Juiz destes direitos Reaes: o Vigairo da vila, & Beneficiados della. Que pera quem teve tanto, se julga por muito pouco.

## CAPITULO VI.

*Sepultura dos Fundadores da Casa, & boa opinião, que ficou de sua vida.*

**U**izerão estes Senhores descansar de pois da morte, onde por sua industria trabalhavão, & vivião em o serviço de Deos as santas religiosas: mas guardando à Igreja o respeito, que os antigos lhe tinhão, dispozeraõ nesta forma o lugar do seu enterro. *E porque a sepultura de denero das egrejas nos semelha, que nom era senom pera homens sanos, ou mui chegados a Deos, & por nom serem os nossos moimentos a par dos altares, nem tão altos como elles, nem nos quizemos mandar deixar denero na Egreja, nem poer hi nossos moimentos: mas mandamos poer hi fóra a par da Egreja em bñã*

*Galilé, que hi mandamos fazer pera sepultura de nós, & dos do nosso linhage, &c.* Fica este edificio a o lado da Igreja da partê de fóra, como o claustro da outra banda de dentro, cercado em quadro de paredes muito altas com duas portas abertas, hũa pera o monte, a outra pera a mesma Igreja.

2 O nome de *Galilé*, com que elles o nomeão, era comũ a os porticos, ou alpendres das Igrejas, onde a gente mais nobre se mandava sepultar (que a outra enterrava-se no adro), julgando por indecencia dar lugar a corpos mortos dentro dos templos sagrados, em que he sacrificado o corpo de Christo vivo. Começaraõ os Fieis a usar delle na primitiva Igreja em memoria da S. Ressurreiçãõ do mesmo Filho de Deos, que no seu dia<sup>o</sup> convidou a os discipulos, pera que o fossem ver num monte de Galilea. E protestavão tambem com este proprio nome, deduzido do Hebraico *Galal*, que quer dizer *apartar*, & *revolver*, hũa firme esperança de que nesses cemiterios, a que chamavão *Galilé*, ou *Galileas*, se avizõ ainda de revolver os seus ossos, pera sairem das cõvas, na ressurreiçãõ futura, cada hum em seu lugar, organizando os corpos, que no Ceo haõ de viver em muito melhor estado.

Matth. 28  
vers. 7. & 16.

3 (Aqui neste dormitório de mortos descansãrão muito tempo os sobreditos Senhores em dous sepulcros de pedra branca, que estão sobre leões, os quaes o dito seu filho D. João Afonso ordenou, que se fizessem, quando mandou acabar a Galilé. Outros dous, ainda que mais pequenos, estavam à sua sombra, & he fama serem ambos de seus filhos, que falecerão de muito pouca idade. Mas foi mostrando o tempo, que não convinha o lugar para tão Excelentes Principes, & já os Reis antecessores de D. Afonso o V. lhes mandavão fabricar hũa capela, pera a qual elle tambem consignou os residuos d'algũas terras por Entre Douro, & Minho. Não de-

vião montar muito, porque ainda no anno de 1551, a 20 do meiz d'Abril, quando o Licenciado Antonio Correa, Corregedor d'aquella mesma comarca, por ordem d'El Rei D. João III se foi informar de tudo, estava por acabar, como elle declarou na sua informação; a sobtedita capela. Hoje está acabada, & traçada de tal modo, que ficando o corpo na Galilé, por hum arco, que se abrio na parede da Igreja, tem a ser ventia nella. He o titulo da Conceição immaculada da Virgem Senhora nossa, a quem as Madres levantãrão confraria, & hũa pedra dourada nos diz com estas palavras, que depositos encerra

Em esta capela jazem o muito esclarecido Principe D. Afonso Sanches, filho d'El Rei D. Dinyz de gloriosa memoria, sexto Rei deste Reino de Portugal, com a muito Excelente Senhora madama D. Tereja Martins, neta d'El Rei D. Sancho. Fundadores desta santa casa; a qual mandou fazer pera elles a muito virtuosa Senhora D. Isabel de Castro, primeira Abadessa da Observancia desta santa Casa em 1526, & depois a mandou dourar, & por de azulejo a muito religiosa Madre D. Ca-

therina de Lima, sendo Abadeffa no  
 anno de 1623.

Mas noto neste letreiro, que por moderno não se ajusta em tudo com a verdade do tempo antepassado. Porque D. Isabel não fez (se quer dizer, acabou) a sobredita capela, pois Antonio Correa, a quem devemos dar credito, tantos annos adiante viu ainda, que não era acabada. Trataria nesse anno desta obra, não lhe deu com tudo fim.

4. Ambos estes devotissimos, & esclarecidos Principes estão figurados de vultro em cima dos seus sepulcros. Afonso Sanches, como grande Cavaleiro, representa que puxa pela espada, cujos fios cortadores sentio tambem Portugal nas entradas, que fez nelle depois d'estar retirado na vila de Albuquerque. A occasião lhe deu seu meio irmão El Rei D. Afonso IV, que lhe tinha mâ vontade já em vida de seu pae, fundando sua paixão em hûas suspeitas vans de que o proprio pae o queria em seu dano habilitar pera Rei, & quando se viu com a coroa Real tratou de o descompor. Elle tambem acudio por sua honra, & pelo seu senhorio: & se o fez com algũa violencia, em tudo o desculpava a natural

defensaõ. Mas foi Principe de partes muito insignes: a grande prudencia, & piedade notavel, como se vio claramente na fundação desta casa. Sua mulher D. Tereja Martins, quando se achou viuva sem este bom côpachheiro, não quiz outro em seu nome, senão o Filho de Deos. Ofereceolhe a vida em exercicios santos: tomou por pae a N. P. Serafico: professou a sua regra dos Terceiros seculares; & isto está dizendo a sua mesma figura, que vemos no seu sepulcro: a saber vestida no nosso habito, cingida cõ hum cordão, tocada a o antigo pelo modo das freiras muito honestas, & hum livro de devação em as mãos.

5. Sonberaõ negociar o remedio das almas com tanto cuidado seu, que pera se ajudarem das orações dos Fieis ordenaraõ, que nas missas, as quaes se dizem por elles, acabado o Evangelho os encomêde o sacerdote em voz alta a quantos estão presentes. As freiras, que lhes tinhaõ maiores obrigações, instavão mais naquelles primeiros têpos numa oração continua pela sua salvação; & foi servido o piedoso Senhor de mandar, que

elles

elles mesmos lhes viessem referir os bens eternos, que possuão no Ceo depois de purificados no fogo do Purgatorio por espaço de quinze annos inteiros. Os Prelados da nossa Ordem com este mesmo empenho mandarão às Abadesas, que de sua piedade, & grandeza na fundação do mosteiro informem os Pregadores da ferra de S. Clara, pera que, declarando no pulpito, fique Deos glorificado, & alentado o povo na afecção da virtude. No mesmo dia à tarde se fazem suas exequias: no seguinte, em que se dizem as missas, vêm muita gente da vila pedir a os sacerdotes, que em memoria delles lhe rezem hum Evangelho sobre as suas cabeças. Passou muito adiante a devação dos Fieis: romperaõ os seus sepulcros, & delles tiravão ossos, como sagradas reliquias. Já hoje estarião despejados, se hũa grade de ferro na entrada da capela não guardára fielmente tão precioso thesouro.



## CAPITULO VII.

*Sepulturas da senhora D. Brites, Progenitora da Casa de Bragança; & de D. Fernando de Menezes, Senhor da de Cantanhede.*

**S**E Guimarães se gloria de ter no nosso convento a Duquesa de Bragança D. Constança de Noronha, este mosteiro está logrando o gosto de lhe ter encomendado a Condessa D. Brites Pereira, Progenitora insigne desta Casa serenissima, seus veneráveis despojos. Era filha do famoso Condestavel D. Nuno-Alvares Pereira, & casou com o senhor D. Afonso filho d'El-Rei D. João I, Conde então de Barcelos, & depois de sua morte primeiro Duque de Bragança. Succedeo no Estado hum seu filho, & do diro D. Afonso, que se chamou D. Fernando, cuja Real descendencia, por linha direita, & varonia perpetua está hoje na pessoa d'El-Rei nosso Senhor D. Afonso, o VI do nome em Portugal. Forão grandes as suas muitas virtudes, em particular a devação, que mostrava á gente Religiosa, com as quacs grã-



4 Na mesma occasiã se passou pera o coro de baixo outro tumulo de pedra, no qual conforme à fama estão guardados os ossos d'hum Mestre de Sant-Iago sem armas, & sem letrado; & quem se quiz sepultar com este grande silencio, não esperará agora, que nós o desenterremos.

## CAPITULO VIII.

*Relação da Abadessa D. Berengaria, a quem as freiras defuntas vierão obedecer.*

**N**ão podêrão totalmente esconder o resplendor desta casa as trevas da ignorancia, que lhe lançou o descuido de nossos antepassados, porque se elles não nos publicârão todas as suas maravilhas, algũas por mais notaveis foraõ conservando sempre na memoria dos homens hũa tradiçãõ constante. E destas nos deu noticia a informação do anno 1584, em a qual testemuhãrão onze religiosas antigas, as mais graves do mosteiro, perguntadas todas com rigoroso exame.

2 Vem no primeiro lugar a memoria da insigne Abadessa, chamada D. Berengaria, cuja

vida no rigor da penitencia, na guarda da sua regra, na humildade da pessoa, na cõversaço com Deos, & em todas as virtudes acreditou o Senhor cõ este grande milagre: Foi eleita em Abadessa, & sendo obedecida de poucas, mandou tanger a capitulo pera confortar a todas no respeito, que às Preladas se deve conforme à lei de Deos. Forão hũas: as outras, perseverando em a sua rebeldia, não quizerãõ acudir. Quando vio tãõ grande obstinaçãõ precipitar suas subditas, cuja salvaçãõ eterna, como Prelada zelosa, desejava procurar, poz os olhos num devoto Crucifixo pintado em a parede, & disse estas palavras. Senhor, vòs me fizestes Abadessa; que eu não o pretendi. A vòs cãmbem vos importa prosperar o meu governo. Ajudame, Senhor, no que incẽto fazer. Dito isto olhou pera as sepulturas da mesma casa do capitulo, em que jazião sete freiras enterradas, & lhes falou deste modo com grande fé, & espirito. Minhas filhas amantissimas, que na criaçãõ bebestes o leite puro da sancta obediencia: agora que estas vossas irmãs se levantãõ conera mi, eu vos mando da parte do mesmo Deos, que vòs levanteis das covas, & venhais obedecerme.

3 Penetrãrãõ estas vozes as cavernas, & as entranhas da terra até chegarem a os ouvidos das mortas, que logo sal-

tãrãõ fóra, & prostradas a seus pés não se apartarão delles, se não depois de as aver despedito com a sua santa benção. As rebeldes, q̄ souberão deste notavel prodigio, vendo ainda as mortas sujeitas a o imperio da veneravel Prelada, reconhecerão seu erro, & chorando muitas lagrimas em satisfação da culpa lhe prometêrãõ de todo o coração inteira obediencia. Com esta cõformidade, que he muito ordinaria na gente religiosa, forão guardando as leis de seu prudente governo, aré q̄ o amoroso Jesu seu carissimo Esposo, tendo já qualificado com fama de santidade suas virtudes heroicas, a tirou destes trabalhos da terra pera lhe dar hũa cadeira entre os Anjos do Ceo. Foi sepultada junto da porta â mão direita na casa assima dita, que agora he capela, & nesse tempo servia de cemiterio, & capitulo; & começando o tempo a esconder este lugar tão sagrado, hũa luz celestial, que sobre elle decêõ à petição d'algũas devotas suas, o tornou a descubrir. Perto d'elle se escreveu numa taboa o milagroso successo, mas como foi copiada de Escritores modernos, nas circũstancias padêce a mesma nota, que nelles advertirei. Tambem se acha pintado numa parede vizinha, & no Cruzeiro da Igreja.

4 Falão nelle, dos Autores da nossa Religião, <sup>a</sup> Gonzaga, <sup>b</sup> Daça, & <sup>c</sup> Vvaddingo: Elzeario, Valerio, Barezze, & <sup>d</sup> Fr. Arrur, que refere estes tres; & dos que são Portuguezes, <sup>e</sup> Fr. Pedro Calvo em as Lagrimas dos justos, <sup>f</sup> Chronologia Monastica Lusitana, o <sup>g</sup> Jardim de Portugal, a <sup>h</sup> Historia dos Arcebispos de Braga, o <sup>i</sup> Agiologio Lusitano. E se elles não lherãõ tantas cores, & estas sãõ apparentes, nem por isso ficãrãõ menos lustroso. Disse <sup>k</sup> hum, que a santa Abadessa era do sangue Real, *ex stirpe Regia*, & logo ouve <sup>l</sup> quẽ escreveu o mesmo. Mas pergunto: em que livro dos antigos, escriptura, ou tradiçãõ achãrãõ esta noticia? Fazendo eu diligencia no mosteiro, & fóra d'elle, não lھے achei fundamento; & posto que era nobre, como ainda veremos, não consente a verdade, q̄ lھے dem tanta nobreza. Disserrãõ <sup>m</sup> outros, que essas poucas religiosas, q̄ no principio se achãrãõ no capitulo, forãõ mais pera zombarem, que pera obedecerem. Não me atrevêra eu a fazer este juizo dos pensamentos alheos, & menos, caluniar hum mosteiro de tanta religiãõ; do qual não se pode crer, que não ouvesse algũa, a quem o temor de Deos facilitasse a sua obediencia.

5 Na causa, porq̄ as outras

se mostraraõ contumazes, supõem todos, que a S. Berengaria morava neste mosteiro, exercitando se sempre nos officios humildes, quaes eraõ os da cozinha, & que numa eleição, entendendo cada hũa, que em lhe dar o seu voto o perdia, cõ elles saíra por Abadesa; & q̃ vêdo se com isto frustradas, & enganadas, não tiverão mais remedio, q̃ reclamar seu governo. O caso assi pintado não tẽ de difficuloso, senão só, em afirmarẽ algũs, q̃ foraõ opositoras quãtas eraõ necessarias pera fazer eleição cõ os seus votos perdidos. Raramente se verá isto no mudo; & concedendo, que podia acontecer, donde consta que succedeo nessa forma?

5. O primeiro, que assi o escreveu, foi o P. Gonzaga, do qual tresladáraõ todos: mas quizlhe dar esta cor, que parece aprazivel, por quanto a dita informação, q̃ referi no principio, & foi feita pera elle, não declarava a causa de não ser obedecida. Eu tenho o mesmo original, dõde lhe deiraõ a copia, & não contẽ mais q̃ isto. Ouve hũa Abadesa neste mosteiro, muito humildosa, & sancta, & fazendo hũ capitulo, as religiosas lhe não quizerão obedecer, nem irem a elle, por desprezo. E a dita Abadesa, vendo que lhe não obedecia, estando na casa do capitulo, que era cemiterio das defuntas, mandou por obediencia ás mortas, que se

perante sem o Sr. Chamarã-se D. Beringela. Agora quero saber, quaes destas palavras dizem, q̃ este motim nasceo da hũa eleição, feita com votos perdidos? O desprezo, em que elle se fudou, melhor podia cair sobre hũa Abadesa, a qual viesse de fóra. E pois o Padre Gonzaga invẽtou esta fozão, pera illustrar o caso, esta minha, de não quererem as freiras sujeitarse a Prelada estrangeira, he muito mais verisimilissima ob oigioriq ob v. 6. No anno de 1384, a os 13 de Janeiro, era aqui Abadesa hũa D. Beringela, ou Beringeira, q̃ tambẽ se chamava Berengaria, natural do Porto, da familia muito nobre dos Ferrazes, a qual sendo Abadesa do mosteiro d'Entr-Ambos os Rios, que depois se tresladou a essa mesma cidade, veio ser Prelada desta. Costa isto do q̃ já tenho escrito na Primeira parte, fudado em escrituras autenticas, as quaes lá se pôde ver. Se algũas freiras desta casa a elegeraõ por votos, ou o Ministro Provincial achou, q̃ convinha vir: não resolvo este pôto. Porẽ he certo, q̃ veio, & hẽ se pode cuidar, q̃ fosse mal recebida, não sõmete das pretendentes do cargo, mas tambem das q̃ julgavão sua vinda por afronta do mosteiro. Por isso a desprezaraõ, suspendẽdo a sua obediencia. Confirmo este discurso com a mesma

l. 5. c. 24

antiguidade do caso, que sem duvida he muita, pois ainda neste tempo não erão mais falecidas, q̄ sete religiosas; & aquellas, que derão seu testemunho na dita informação do anno 1584, sendo as velhas da casa, depozerão nesta forma. Isto ouvimos a religiosas antigas, muito santas, que o ouvirão a outras. Pelo q̄ vêm frizando com o tempo, no qual esta Abadessa tomou posse do mosteiro, q̄ seria pouco antes do principio do anno assinado 1384, em que ella o estava governado, sem ainda o seu lugar de Prelada de S. Clara de Entr. Ambos os Rios estar provido em outra. E com isto sepultaremos o erro, de que foi inventor o P. Daça asseutando o successo pelos annos 1518, quando já o nome de *Berengaria*, como vimos em muitas escripturas atrazadas, totalmēte se avia desterrado das Abadessas desta casa.

7. Esta bemaventurada, q̄ o logrou santamēte, tambē gozou cō grande felicidade o governo muitos annos. No de 1406, em 26 de Novēbro deu licença à madre s̄r Alda Martins pera poder emprazar a quarta parte d'ũa quinta na freguezia da Reguengã, da qual cobrava os fruiros, a seu sobrinho Gonçalo Gomes Ferráz. Não tenho outra memoria, nē do tempo, em q̄ Deos a levou

pera o Ceo. Os dias, & mezes, q̄ algũs livros assinao, na variedade de mostrão como he incerto tudo.

## CAPITULO XIX.

*Maravilhoso ternario de freiras santas, favorecidas de Deos,*

**F**lorecco entre as subditas naquelle tēpo antigo, & seria pelos annos de 1420, a madre s̄r Caterina Vaz Amada, em que Deos nos favores, & virtudes, de q̄ a enriquecco, empregou muitas finezas de especial amor. Deulhe hũa vida larga, de mais de cento; & seis annos, & pelas horas se poderião cōtar as mercês, que lhe fazia. Erao governadas sempre todas as suas açções de hũa caridade grande, cō a qual amava o inefmo Deos, & juntamente o proximo, desvelandose de modo por este Senhor do Ceo, q̄ nunca estando sã, faltou a seus louvores no coro, nē deixava de rezar inteiramente o officio divino em as maiores doēças. Adormecco hũa noite sem ouvir o sino, que tangia a matinas, mas não quiz a Piedade suprema, q̄ ficasse sem alivio a muita trizteza, que d'isto podia ter. Pelo que esperando quando elle se tornava a tanger a *Te Deum laudamus*, por principio das Laudes, saio a correr da cela, parecendolhe

fer a primeira do sino, & q̄ ella o seria, como tinha por costume, em a entrada do coro. Chegou a o claustro, & ouvindo, q̄ lá estavão cantando o verso, *Tergo quasumus tuis famulis subveni* &c. humilhada de joelhos (q̄ he o nosso estilo) levantou as mãos, & os olhos a o ceo. Neste ponto vio rasgadas essas esferas celestes; a Majestade de Deos em hũ trono soberano, & os Angelicos côros na postura, em que ella estava de joelhos, cantando o mesmo verso. E deste caso pôde ser, que se acendesse mais a devação, com que elle se canta em esta nossa Prouincia.

2. Purgada já cõ muitas enfermidades, a maior das quaes era a sua velhice, a o tempo, que rezava as horas canonicas cõ s̄r Antonia Leme; no principio da Sexta lhe disse estas palavras. *Fazei pausa, que he chegada a hora de Deos.* Nisto levantou as mãos, & os olhos a o ceo, dizendo com devação. *In manus tuas Domine commendo spiritum meum: Meu Senhor, nas vossas mãos encomendo meu espirito.* E logo foi caminhando pera o lugar da Gloria, que elle lhe preparava por sua misericordia. Tratão della "Gözaga", Vyaddingo, & "Fr. Artur, q̄ refere a Valerio Thielmans, & a Barezzo.

3. Foi sua contêporanea a madre s̄r Leonor Dias Peixota, consumada na virtude, &

santos merecimêtos. Era mansa, caritativa, & pobre: pelo q̄ de ordinario a trazião as Preladas no officio de Procuradora do convento, que ella exercitava cõ alegre humildade. Sêpre andava descalça, & nunca comia carne, nẽ tornava do coro pera a cela depois de cezar a meia noite Matinas. Ali ficava comunicando cõ Deos os desejos grandes, q̄ tinha de o servir, & recebendo favores, que ella depois não sabia declarar.

4. Teve guerras cruelissimas cõ o Principe das trevas, q̄ querendo derriballa do monte da sãtidade, elle mesmo lhe dispunha, muito em seu detrimento, as palmas vitoriosas, com q̄ Deos a fazia mais constante. Tentou a por muitas vezes na paciência de suas enfermidades, & estando entrevada, lhe descompoz hũa noite toda a cela, ajuntando immundicias, com as quaes ella ficou nojenta, & afquerosa. Quando a vio deste modo outra velha, que tinha cuidado della, tornou a sair, chorando o seu trabalho, & dizendo algũas palavras secas, q̄ tambem a magoãrão. A Serva de Deos, que ficou desconsolada, sentio logo hum rebatedo inferno, porque lhe apparecêo o maligno tãtador, desconsolandoa mais. Abrio a boca maldita, & maldizente, pela qual derramou esta peçonha.

De que se ferre, caída, essa tua paciência? Não ves a miséria, em que agora estás, aborrecida de ti, & de todo o convento? Fala, queincute, & desabafa a covação angustiada. Respondeolhe la enferma. Que dizes malicioso? que perca a paciência? & se Deos ma dá, porque a hei de perder? Muito mais sofrera eu por seu amor. Mas pois te mostras compadecido de mim, eu te mando em nome do mesmo Deos, que alimpes essa vela, & ponhas tudo em seu lugar, como d'antes. Obedeço o Demonio, estremecido de ver o Patriarcha S. Bento, a quem ella invocou em seu favor. Triunfando finalmente neste, & noutros combates esta servando Senhor recebeu a celestial coroa em idade de cento, & oito annos.

5 Teve tambem grande nome de religiosa santa sôr. Grimizeza de Brito em rezão das excellentes virtudes, que nella resplandecião. A devação, com que era a primeira no seguimento do coro: o zelo, cõ que tomou por officio ensinar a ler, & cantar pera louvarem a Deos: a prontidão, com que orava dias, & noites intciras: a humildade, com que se exercitava no serviço do convento: a caridade ardente, que lhe fervia na alma, treshordando nos effectos: tudo isto eraõ santos exercicios, de quem estava muito unida com Deos. Mas hũa defuniaõ das maiores amigas da

Abadessa lhe causou tal sentimento, que teve por mais acerto retirar-se de agravos, que viver no meio delles com risco da paciência.

6 Por esta occasião se saio com licença dos Prelados, conforme a liberdade d'aquelles tempos antigos, pera casa de seu irmão na vila de Alpedrinha, & como levou consigo a devação do espirito, & a graça do Senhor a acõpanhava sempre, viveo com tanto exemplo, que edificou o povo, reduzindo muitas almas a o serviço de Deos. E este grande Senhor, que não costuma faltar â nossa consolação, nem deixa sem estipendio o jornal virtuoso desta vida, no fim della pelos annos 1440 a consolou, & honrou com muitas demõstrações. Tinha pedido Cõfessor da nossa Religiaõ, o qual lhe forão buscar a S. Francisco de Covilhã, & estando já sem fala no tempo, em que chegou, & sem nunca o ter visto, o nomeou por seu nome. Padre Fr. João, seja bem vindo, que por elle estava esperando. Confeisouse com muita devação, & com ella recebeu os outros dous Sacramentos, depois dos quaes deu sua alma a Deos. Logo os sinos da vila se tangeraõ per si mesmos, chamando a gente toda a o seu enterramento. Na sepultura tambem foraõ vistas maravilhas,

que se provarão por autoridade publica, na saúde dos enfermos: E tendo disso este mosteiro noticia, mandou pedir o seu corpo: mas não foi tanta a força, que venceffe a resistência.

## CAPITULO X.

*De Dona Maria de Menezes, Abadessa de gloriosa memoria.*

**D**uas linhas illustrissimas se vieraõ ajutar, como em centro, na pessoa desta insigne Prelada: a primeira, da virtude, que se deriva de Deos: a segunda, do sangue, que trazia de seus paes. D. Fernando de Menezes, & D. Brites d'Andrada, Senhores de Cantanhede. Pela linha da virtude, que he do nosso assunto, participon hũa rara devação, hum zelo grande, hum amor insaciavel das maiores penitencias; & tudo acompanhado de constancia taõ forte, que nem o tempo, nem governo fizeram nella mudança. Foi Abadessa mais de sinquoeta annos, & como sempre communicava com Deos os encargos do officio, orando, & consulrando sua bondade immensa, nunca se viu mais florente, do que esteve no seu tempo, a religião sagrada: Emparou a muitas fidal-

gas pobres, que recolheo no mosteiro pera esposas de Christo, suprimdo com liberal caridade a sua falta de dote por não virem a tomar, constangidas da miséria, algum torpe, ou afrontoso estado.

Não ouve neste mosteiro outra coluna igual, que com tanta fortaleza sustentasse a sua autoridade. Defendéo com admiravel valor o senhorio da villa, rebatendo demazias d'alguns Ministros Reaes, que queraõ devassar a sua jurisdicção: embargando as mercês, & os alvarás d'ElRei: resistindo a cobiça dos poderosos do Reino: defendendo os direitos, de que estava em posse; & conservando nas liberdades antigas a os seus Officiaes. Por esta occasião veio com muitos embargos; & armou muitas demandas, nas quaes nunca foi vencida, mas sempre foi vencedora. Chegou em fim a cortar pela carne, & pelo sangue por não faltar a os respetos da alma; & com isto ficará acreditado seu zelo pera todas as idades.

Tinha dous irmãos, dignos de grande respeito, & da sua afeição, D. João de Menezes, & D. Telo de Menezes. O primeiro, que herdava a casa de seu pae D. Fernão de Menezes por ser o filho mais velho, comprio antes delle os seus apreslados dias, deixando

hum filho, o qual o representou, que se chamava *D. Pedro*; & este foi o que entrou na herança da Casa por morte de seu avó, não obstante a demanda, que lhe movia *D. Telo*. Pareceu a Abadessa, que sendo elle hũa pessoa tão grave, poderia tambem ser emparo do seu mosteiro, & com esta confiança o nomeou por Ouvidor na jurisdição da vila. Mas entendendo depois, que elle ia armando a se fazer Senhor della, revogou a dita nomeação; & assi o cõfirmou *El Rei D. Afonso V.* Brevemente lhe sairão verdadeiras as suspeitas, por quanto o mesmo Rei lhe deu a elle o senhorio da vila, & a santa Abadessa entrou em novos cuidados de se defender agora d'hum sobrinho, a quem d'antes tomara por defensor. Deceio logo com outras religiosas à cidade de Lisboa, onde sustentou a causa pelos termos da justiça até vir a alcançar hũa honrada vitoria.

4 Em quanto esta contenda, & a outra do tio com o sobrinho pela successão da Casa não correndo seu curso, vinhão ambos assistir por estas partes, querendo com a presença justificar o intenro, sendo assi, que isto os condenava, porque a muita oppressão, que davão a os vizinhos com a sua hospedagem, de frecha lhes embarga-

va a pretensão de Senhores. Acudio pelos vassallos a zelosa Abadessa: fez recurso à piedade Real: impetrou duas cartas do dito Rei *D. Afonso*, & d' *El Rei D. Manoel* pera que nelles, nem outro algum fidalgo estivessem nesta vila, ou na Povoa do Varazim, se não fosse de passagem; & tudo fez confirmar quanto á primeira carta, & ás primeiras sentenças pelo Papa Sixto IV.

5 Passados estes trabalhos em defensão do mosteiro, quando se tornou a ver dentro das suas paredes, não se podia faltar do santo ocio, que d'antes tinha perdido. Era pouco pera seus grandes desejos o muito tempo furtado a o officio, & dado à oração. Dormia o primeiro sono no principio da noite, o qual era muito breve, & logo se ia pera o coro por não faltar nas matinas em os divinos louvores. E querendo confortalla a bondade do Senhor nesta devação continua, lhe concedeo hum admiravel favor. Numa destas santas noites, que ella entrou no coro, achou muitas freiras nelle, & cuidando que eraõ as do convento, espertadas pelo sino pera canrarem matinas, deu principio a ellas. Foraõ cantadas com ranra suavidade, que a devação da alma não lhe cabia no corpo. Fervia, ardia, voava

pera

para o Ceo sem entender o mysterio, senão quando acabadas as matinas, que fez final pe-ra que se recolhessem, todas jūtas à sua vista se fizeraõ inuisti-veis. Nisto entrou o Convento, & cõsiderando ella, que as pri-meiras ou eraõ Anjos do Ceo, ou as defuntas da casa, que ja reinavão com Deos, as quaes o vinhão louvar onde este exer-cicio estava mais apurado; nun-qua nelle cometeo falta algua até lhe faltar a vida, cujo fim lhe melhorou o estado, de tem-poral a eterno. Chega a sua me-moria nas escrituras da casa a o anno 1505, a qual tambem es-crevéo o Agiologio Lusitano a os cinco de Janeiro; & se o Padre Gonzaga não deu noti-cia della, sendolhe esta manda-da, a brevidade, que professou no seu livro, o deixa bem de-culpado.

CAPITULO XI.

*Em que tempo se reformou o mosteiro; & do que acontecéo a algũas freiras; descon-tentes da sua refor-mação.*

**D**Or sua ditosa morte entrou no Abadessa do D. Joana de Menezes, a qual era do seu sangue,

& tinha o seu valor, posto que não usou muito bem delle em resistir pertinaz à reforma Ob-servante. Era o anno de 1517, em que o Papa Leão X incor-porou em Prouincia, (separada dos Claustraes, a os nossos Ob-servantes, & El Rei D. Manoel pelo amor, que nos tinha, quiz tambem, que esta casa nos desse obediencia, reformandose na regular disciplina. Com este santo intento impetrou a hũa bula do sobredito Pontifice a 15. do mez de Junho no anno assima dito, para que o nosso Ministro Provincial, Fr. Francisco de Lisboa, podesse ex-ecutar a sua reformação. Breve-mente foi ella executada, por-que a 30 de Setembro assinou nesta vila hum mandado o Ba-charel Pero Vaz, Corregedor d'Entre Douro, & Minho, pelo qual fez saber às Justiças deste Reino, como tinha dado posse do mosteiro a hum Commissario do nosso dito Ministro, orde-nando juntamente, que nenhũa renda sua se pagasse sem orden do mesmo Rei, o qual queria, que acudissem cõ todas a Pre-lada, que viesse do corpo da Ob-servancia.

2 Accitou cõ muito gosto grande parte do convento a nossa reformação, & alli o pro-metia a santidade perpetua des-te sagrado lugar. Com tudo a Abadessa, que se mostrava sen-

Arch. de S. Clara de Santarém, e de S. Franc. de Vileu.

Arch. de S. Clara de Santarém, e de S. Franc. de Vileu.

tida de perder o seu officio, a qual estava afeiçoada, por não se ver em os apertos de subdita, se ausentou do mosteiro com hũa sobrinha sua. Recolherão-se na Igreja de Atei, vizinha de Cabeceiras de Basto, que he do mesmo mosteiro, onde o seu sentimento lhes faria pouca alegre a vida. E tomou esta triste liberdade em virtude de hũa licença geral do mesmo santo Pontífice, que a concedeo pera poderem viver. (se isso não foi morrer) fóra dos mosteiros, q̄ então se reformavão, aquellas religiosas, que não quizessem estar por sua reformação. Mas vistas outras rezões, as quaes eraõ mais forçosas, que a liberdade dellas, no anno 1524 revogou a tal licença, ordenando por bula particular de 18 de Janeiro a o Ministro da nossa S. Provincia; que se ella não quizesse tornar a este mosteiro, a fizesse recolher em outro, já reformado na sua obediencia. Achei por informaçõ, que acabando seus dias no desterro voluntario com procedimētos santos, fora tambem sepultada na sobredita Igreja; & se isto he verdade, podia acõtecer, q̄ a morte a tirasse deste mundo, primeiro que o Prelado a cõstrangesse a cumprir o decreto do Pontífice.

3 Na mesma occasiõ, & com a mesma licença se são

deste mosteiro D. Filipa de Me nezes, mais inclinada a vaguear pelo mundo, que a outras liberdades indecentes em as espaldas de Christo. Despio o habito santo por se disfarçar melhor, porẽm nunca lhe perdeu o amor do coração; mas fazendo hum pequeno, que trazia escondido, pendurou a o pescoço sobre elle hũa cruz, a qual tomou por escudo contra as setas dos inimigos da alma. Embuçada deste modo embarcouse pera a Ilha da Madeira em companhia de hũas molheres honestas, & saindo na cidade do Funchal se poz a servir huns amos, que pela verem modesta, & bem triada lhe encomendãrão muito o cuidado de hum filho, a quem elles desejãvã criado em bons costumes. As outras freiras, que ficãrão no mosteiro, como não sabião della, não cessãvã de pedir a o Senhor, que não a desemparrasse, & rogãrão a hum homem muito honrado da villa, que se a caso se encontrasse com ella, lhe fizesse a saber a grande suavidade, com que a graça do Ceo as avia consolado no rigor da Observancia. Aconteceo neste tempo navegar o mesmo homem pera a dita cidade, & indo por hũa rua a vio estar à janela com o minino nos braços, cantando aquelle hymno, *Decus mori, Dux*

*Minorum*, que costumamos cantar na festa do N: Padre. E como a conhecèõ, com muito poucas palavras a fez entrar no navio, porque já a divina Piedadè lhe movia o coração.

4 Chegou bem acompanhada à porta deste mosteiro, onde achou em todas suas irmãs o amor, que o verdadeiro pae mostrou a o filho Prodigio. Não acabavão de se darem perabens (que tal he a caridade christã) por acharem esta joia, que se avia perdido; por verem no seu rebanho a ovelha, que se tinha desgarrado. Ella tambem, que não cabia em si com a grande alegria de ter fugido do mundo pera a casa de Deos, tratou de agradecer esta mercè, que lhe fez, recompensando a sua leviandade com tanto recolhimento, devação, & penitencia, que veio a ser mimosa de seu Esposo divino, cuja fè não violou, correndo tantas fortunas. Assi o disse em o artigo da morte, no qual se dizem verdades, tomando por testemunha a mesma Cruz do Redentor, que nesse tempo lhe apparecêo no ar. Quando a vio, exclamou a altas vozes. Não vem, Madres, essa Cruz de crystal, que eu estou vendo, tão rica, & tão fermosa? em virtude desse sinal saluifero, que eu sempre trazia sobre o peiro, & denaro do coração, me livrou o meu Iesu de muitos, & perigosos era-

balhos. E convertendo o colloquio a Deos lhe disse cõ muitas lagrimas. Meu amoroso Senhor, que da Cruz encomendastes a alma a vosso eterno Padre: à sombra dessa vossa mesma Cruz vos entrego eu a minha. Salvaime, amantissimo Iesu. E forão tão eficazes estas devotas palavras, que não só lhe arrancarão o espirito do corpo, mas tambem obrigaraõ o convento a louvar a Magestade divina por tantas demonstraçoẽs de grandes misericordias.

## CAPITULO XII.

*Dos meios, & do rigor, com que se fez a sua re-  
formação.*

**E** Stando ella ausente se reformou o mosteiro por nove religiosas do da Conceição de Beja, que nesse tempo era da nossa Prouincia, chamada de *Portugal*, & florescia em miuita religião. Chamavaõ à Abadessa D. Isabel de Castro, ou sôr Isabel do Presépio pelo estilo da Ordem: Vigaيرا, sôr Francisca de Santa Ana: Mestra da Ordem; sôr Joana Evangelista: Porteira, sôr Petronilha da Cruz: sôr Guiomar de Santa Iago, sôr Isabel da Serra, sôr Margarida da Infua, & outras duas, das quaes não lembraõ já os seus nomes.

A Abadessa em 25 annos, que governou o mosteiro, deu grandissimo exemplo nas virtudes de Prelada, & de subdita; & depois de merecer aplausos de santidade se despedio desta vida. A mesma fama tiveraõ estas suas companheiras. Sòr Francisca de Sant-Ana tornou a o seu mosteiro, onde se tinha criado: as mais neste, depois de o reformarem, acabaraõ os seus dias.

2 O principal artificio, que teve a Abadessa na reformação da casa, foi ajutar plantas novas, & estas de boa casta, as quaes ella criasse a o seu modo em perfeita observancia. Recebeo doze noviças, empenhadas na virtude pela nobreza do sangue, das familias dos Souzas, Castros, Limas, Melos, Tavoras, Ataides, & Noronhas, & d'outras casas illustres. Por ellas serem as pedras fundamẽtaes deste grande edificio, que abarboú na santidade com as estrelas do ceo, darei os nomes d'algũas (que as outras já esquecem), despidos porẽm do apellido do sangue, & ornados raõ sòmente com o que ellas tomaraõ na santa Religião. Foraõ estas sòr Brites de S. Gabriel, & sòr Maria da Conceiçãõ, Damas do Paço: sòr Guiomar das Montanhas, sòr Mccia de Belẽ, & sòr Guiomar da Cruz: sòr Isabel de S. Luiz, sòr Fran-

cisca da Visitação, & sòr Filipa de S. Pedro. Esta ultima, depois de ter caminhado muitos annos em o serviço de Deos, a o tempo, que cantava no coro hũa lição, ouviu hũa voz do Ceo, que a chamou por seu nome; & recolhida â cela lhe respondeo com a morte, taõ santa, & taõ devota, como foi a sua vida.

3 Acompanhada destes sujeitos luzidos a Abadessa prudente foi desbastando a mata, que se criou com o tempo, & renovando nas moradoras antigas aquella grande rigor de perfeita observancia, que guardaraõ no principio as suas antepassadas. Entãõ se vio estimada a pobreza Evangelica, seguida a penitencia, augmentado santamente o culto da Magestade de Deos, a regular disciplina levantada em seu ponto, a hũmidade, & todas as mais virtudes em notavel perfeiçãõ. Nõ se toucado, & habito sò a Deos pretendiaõ contentar; nem o seu encerramento consentia outra cousa. Tudo era muito pobre, & tudo muito honesto. Taparaõ os locutorios com hũas laminas de ferro, que ainda se achãõ nalgũas partes; & pelas grades dos cõros, nem a vista de hum Lynce penetraraõ as cortinas, com que elles se escondem.

4 Andavaõ descalças, &

não trazião camiza: mas em  
 lugar della, como sua santa Ma-  
 dre, tunica de pano grosso, ou  
 hum cilicio aspero. Nas camas  
 não avia outra coisa, senão húa  
 pouca de carqueja com húas  
 cubertas pobres, ou hum xer-  
 gaõ de palha; & leitõs tão pe-  
 nitentes que riquezas, ou deli-  
 cias avião de consentir. Húa  
 cortina d'estopa os dividia  
 todos, & numa ceira de esparto  
 (que não tinham mais alfaias)  
 guardavão os seus toucados.  
 Eis aqui os contadores da Chi-  
 na, os escriptorios ricos, os cofres  
 galantes, os bofetes marcheta-  
 dos, as pinturas mimosas, as pe-  
 ças de grande preço, de que  
 usavão, então estas servas do  
 Senhor. Quem nos desterra a-  
 gora esta devota pobreza? Que  
 se ha de atrever, sem recear húa  
 maldição de Deos, a profanar  
 com vaidades do mundo as ca-  
 sas de S. Clara, herdeira uni-  
 versal do espirito Serafico?  
 Conspiravão no augmento da  
 sua comunidade, & nella encor-  
 poravão tudo, quanto lhes vi-  
 nha de seus parentes. Ellas ser-  
 vião a casa no forno, na cozi-  
 nha, & na lavagem da roupa;  
 que por ser excessivo o traba-  
 lho, enfraquecendo as forças,  
 vierão depois a admitirem cri-  
 adas. Neste tempo foi repa-  
 rado o coro, que era baixo, &  
 feito em cima outro, a qual

obra pedia officiaes, que se trou-  
 xeraõ de fóra: porém os traba-  
 lhadores, escusou os o cuidado  
 destas esposas de Christo. To-  
 das trabalhavão, como abelhas  
 no favo, na casa de seus louvo-  
 res. Trazião da porta até o lu-  
 gar das obras a pedra, a cal, a  
 madeira, os outros materiaes, &  
 nesta occupação não avia húa  
 voz, que quebrasse o silencio,  
 inteiramente guardado em to-  
 das as officinas. Pelo que húa só  
 grade, & muito religiosa, basta-  
 va, & subejava pera esta gente  
 santa, a qual não era palreira.  
 Os seus pensamentos erão húa  
 oração continua, o seguimento  
 do coro, matinas à meia noite,  
 desvelos grandes, & perfeição  
 admiravel, que ainda persevera,  
 no officio divino. Com isto al-  
 çançou este mosteiro a opi-  
 nião, & nome de ser muito re-  
 formado, que não perdeu até  
 hoje. E pela mesma razão o  
 Fundador do outro de Guima-  
 rães, cujo nome daremos em  
 seu lugar, querendo edificarlo  
 em grande religião, supli-  
 cou ao Pontifice, quando  
 sup lhe pediu licença, que ob-  
 tido fosse da Observan-  
 ção de S. Bento, como aqui  
 se vê, guardado em  
 o livro de S. Bento, no  
 qual se lê: *in libro S. Benedicti  
 in capitulo de reformatione  
 monasteriorum* etc. (23)

Arch- do  
 mesmo  
 mosteiro.

## CAPITULO XIII.

*Das primeiras religiosas, que  
acabãrão seus dias avaliadas  
por santas no tempo  
da Observan-*



Esta escola santíssima, onde a graça de Deos andava tão abundante, pretendendo cada hũa servillo inteiramente, forão tantas as que se aventajãrão, que serà dificultoso dar noticia de todas. Muitas dellas se contêm nas informações antigas, que se fizerão pera o Padre Gonzaga: d'outras me constou na minha inquirição, & grande parte com alguns casos notaveis recopilou num quaderno pelos annos 1633 a Madre sôr Serafina da Cruz, digna de ser nomeada, por este zelo da honra do seu mosteiro, entre as pessoas graves, que o tem ennobrecido. Não sofre a multidão, que escreva miudezas de ceticos, rigores, oração, & abstinencias. Demais que seria fazer fastio a condições meliudrosas, que não gostão da virtude, manifestando com isso como tem a saude estragada: posto que nas cousas grandes,

& casos particulares, irei contra a justiça se os deixar em silencio. Tres annos depois da reformação estalou hũa columna, em que ella estribava. Foi a Madre sôr Margarida da In-sua, tão santa em sua vida: de contemplação tão alta, que quando meditava em Christo Sacramentado, ou na missa, ou diante do Sactario, ficava suspensa, & levantada no ar. E arrancandoa Deos deste santo edificio, lhe deu assento melhor em a cidade da Gloria.

Atraz della foi levada pera o mesmo lugar a Madre sôr Isabel da Serra, que também sustentou sobre seus hombros o pezo grande da Regular Observancia: mas estava já lavrada com muitas perseguições, que lhe fez o Tentador. Bramia este maldito se a via contemplar na presença d'hum Crucifixo de voto, o qual estava no coro. Tomou lhe por muitas vezes as contas, com que rezava, arrastou a, ferio a com empuxões (quanto sofre a este Leão faminto, pera nosso exercicio, a piedade de Deos!), & hũ dia lhe deu tanta bofetada aquella ardente mão, que lhe empolou a face. E pôde ser, que em premio deste agudo tormento lhe concedesse o Ceo a graça particular de acudir com remedio a os enfermos dos dentes.

Estando já entre as unhas da morte, que foi santa diante do mesmo Deos, chegou a ella sôr Ana de Nazareth com hũa dor intensissima: pediu-lhe, que a tocasse na face, & lhe lançasse a benção; & isto feito teve perfeita saude. Outras muitas sararão do mesmo mal por sua intercessão.

31 Sôr Helena de S. Francisco na aspereza da vida podia ter competenciã com os Padres, que vivião encantoados no ermo. Sempre andava chorando a Paixão de Jesu Christo, & com maior amargura nos tres dias, em que na semana santa os Fieis a solennizão. Neste tempo nunca se quiz assentar; tirava o calçado; não comia, nem bebia, nem dormia; & crucificada toda pelas mãos da devaçã com o mesmo Redentor, a elle oferecia a sua propria vida. No Sabado santo, como quem resuscitava da profundeza da morte, apparecia no coro vestida de alegria, & com hum ramo na mão, em silencio, com lagrimas; bailava honestamente. Era devotissima deste sagrado mysterio da Resurreiçã de Jesu Christo, & em memoria delle não somente o tinha retratado no seu leito, mas tambem a os Domingos pelo discurso do anno em

rompendo a manhã, cantava à janela com alegria notavel aquelle verso, que diz: *Surrexit Dominus vere: Alleluia.* Forão grandes os rigores de cilícios, disciplinas, & jejuns, com que se mortificou. Nas disciplinas regava com o seu sangue a terra: dormia em hũa taboa, com hũa pedra á cabeceira: na quaresma, advento, & sextas feiras do anno com pão, & agoa somente se sustentava. Como entendeo, que o Senhor a chamava pera as vodas do Ceo enfeitou-se com a veste nupcial, que lhe daria mais gosto: vestio o habito, que trazia nos domingos: pregou sinquo alfenetes na toalha da cabeça à honra das sinquo Chagas; & com este ornamento tão pio, & tão devoto, num domingo, quando na missa do convento se levantava a Hostia, foi gozar da companhia de seu divino Esposo.

#### CAPITULO XIV.

Da Madre sôr Isabel de S. Francisco.

**N**otaveis foraõ as preffas, com que a graça de Deos enriqueceo esta alma de suas misericordias: Começou a obrar nella logo, quando nos sete annos de sua

tenra idade lhe amanheceo o discurso da rezão, & a os quinze, & meio parecia, que a tinha consumado. Neste tempo, sendo ainda minina requeria a seus paes, moradores em Coimbra, & da Familia dos Sãs, q' lhe dèsses por seu esposo a Christo nalgum mosteiro de freiras; & tendo elles contratado no de Celas da Ordem Cisterciense, pelo successo seguinte a trouxerão a esta Religião. Chegãrão á sua casa dous frades nossos, descalços, & penitentes: ella perguntou, porque andavão assi, & o pae lhe respondêo. *São frades de S. Francisco, os quaes professão pobreza, & deste modo lhes manda, que andem, a sua Regra.* Replicou a innocente minina. *Pois desta Ordem quero eu tambem ser freira, & d' agora me chamo Isabel de S. Francisco.* Cõ isto mudãrão os paes de intento, & vieraõ entregalla a este santo mosteiro, o qual era nomeado por muito religioso.

2 Como Deos a teve em sua casa, com muito maior cuidado a tomou á sua conta. Parece, que foi seu mestre no ler, & saber rezar o officio divino, porque a grande presteza, com que ella aprendêo, não podia limitar-se á idade, & brevidade do tempo. Subio quasi de repente a tão perfeito estado, que lhe ficavão abaixo as provecças na virtude; nem poderia ser menos, pois o Senhor

clementissimo a levava pela mão. Quando a Mestra, mitigando o rigor, costumava dispenfar com ella, & com as outras mininas da sua mesma idade; que folgassem honestamente, o seu alivio era a oração, ou estudo. De dia, & de noite a achavão contemplando, & rezando pelos cantos, & se as outras dormião, levantava se do leito pera orar com os braços em cruz diante d' hum Crucifixo. Rezava todos os dias hũa multidão notavel de devações, & officios, principalmête o do Natal do Senhor, com o Evangelho da sua primeira Missa, & quando notava nelle, como a Virgem Santissima por não ter hum lugar na estalagem, fora parir no presepio, Luc. 2. vers. 7. *quia non erat ei locus in diversorio,* erãrão tantos os soluços, acompanhados de lagrimas, que perdia o juizo. No tempo da confissão tremia de pès, & mãos, respondendo com grandissimo trabalho às perguntas do Confessor, pela muita reverencia, que tinha á Majestade de Deos.

3 Todas as virtudes nella fizeraõ hum agregado de estrelas fermosissimas, nas quaes se representavão as constelações celestes. Ardia em caridade, até tomar sobre si, á imitação de Christo, todas as culpas alheas; & quando succedia notar no novi-

ciado algũa falta a Mestra, por aliviar as outras fazia a penitencia, confessandose culpada. Na piedade foi rara: na pobreza admiravel: os jejuns, disciplinas, & cilicios eraõ muito estranhos, & alheos da sua pouca idade. Ainda não era freira, & já guardava a Regra de sua Madre S. Clara com a maior observancia, que se pôde declarar. Hum dia lhe disse sua irmã mais velha, & já professa: *Porque não me vindes ver? a o que lhe respondèõ. Não sou minha, & acudo a minhas obrigações, por quanto sòmente sou da santa obediencia.*

4 Com esta vida tão pura, tendo só os annos que lhe bastavão pera fazer profissão, celebrou com o Filho Unigenito de Deos seus devotos esporios, & passados sinquo mezes foi chamada pera as vodas eternas por meio d'hũa doença, que lhe durou trinta dias; & ainda foraõ poucos em rezão das maravilhas, que nelles acõtecèraõ. Nunca mais quiz falar, nem conversar, senão no amor de Deos, que a tinha alienado do mundo. Hũa noite, em que pedio confissão, no mesmo tempo acordou o Confessor estremeccido da força, que o tirava do leito. Saltou fóra, porque o medo foi grande, & estando de joelhos, dizendo a Ladainha da Virgem Senho-

ra nossa, ouvio o som da campainha, que de dentro o chamava pera esta confissão. Quando entrou, foi duvida pela devota enferma hũa musica celeste, que dizia este verso: *Et crexerit cornu salutis nobis in domo David pueri sui;* & vem a ser em portuguez. *o Sublimissimo o Senhor em a casa de David a fortaleza da salvagão.* Com estas alegres novas de tanta misericordia não cabia de prazer, & assi se confessou, & comungou estranhamente alegre.

5 Em todos os trinta dias da sua enfermidade se excedèõ a si mesma, & quanto mais se chegava pera o Lume da Gloria, maiores luzes do Ceo a illustravão na alma. Conhecia os pensamentos alheos, & respondia a elles: profetizou muitas cousas; as quaes depois se comprirão; falava tão altamente nos mysterios sagrados, que parecia falar nella o Espirito divino; & não tendo antes disto a confiança menor pera levantar os olhos, nem dizer hũa palavra, que podesse ser ouvida, agora estava sempre praticando, & falando com grande autoridade. Taes foraõ as suas praticas, q̄ dellas se escrevèraõ quadernos, os quaes lidos fazião admiragão. Em a festa feira ultima teve hum trepasso grãde, & tornando em si respondèõ

6 Luc. 1.  
vol. 49.

desta maneira a quem perguntou a causa. *Que menos podia ser, se então estava vendo a Iesu crucificado sobre o monte Calvario?* No fábado, que estava na força do seu excesso, disse com muita alegria: *Eu não estou já aqui.* Perguntaraõlhe: *Pois, onde estais agora?* E levantando a mão pera o ceo lhes tornou esta resposta. *Estou, onde está aquella flor, & a manhã estarei no meio dessa casa, cuberta dos raios do Sol.*

6 Era o mez de Janeiro de 1534, & tempo tempestuoso, que não prometia ver-se com muita seguridade o luminoso Planeta: mas chegando o domingo, mandouse lançar no chão, & logo entrou pela janela a luz ferrosa, que tinha pronosticado, a qual muito tempo a vestio de suas douradas cores. Rodeavãona as freiras, por se acharem presentes neste raro espectáculo, que nunca avião visto, & então a vierão visitar, desejosos de a lograrem no Ceo, como ella declarou, os Santos de que era mais devota, a saber N. Serafico Padre, S. Antonio, S. Estevão, S. Bento, & S. Lourenço, os quaes todos nomeava por seus nomes. Depois delles chegou a Virgẽ purissima com seu Filho Unigenito representandolhe ambos o estado do Presèpio; & ella com devação levantou a voz dizendo. *Que alviçarás da-*

*res, pois já estou entregue à Senhora, Mãe de Deos? Seja este anel, que tenho no dedo, porque tu me ha de dar meu Esposo.* Era hum de estancar sangue, que trazia a respeito da doença, o qual logo arremeçou pelo ar, & levantadas as mãos proferio estas palavras. *Tudo ja está consumado. Meu Iesu; eu vos rendo muitas graças, porque não negastes a vossa misericordia, nem a o Ladrão na cruz, nem a mi muito grande pecadora.* Começavão as freiras a cantar, *Gloria in excelsis Deo*, mas ella lhes foi a mão, dizendo que esperassem, & começou a rezar: *Maria Mater gratia &c. Maria Mãe de graça, Mãe de misericordia, defendeinos do inimigo, & recebeinos na hora da morte.*

7 Dito isto repousou felicemente em os braços do Senhor, que fizeram esclarecido seu nome com muitas, & notáveis maravilhas. A casa, onde isto se passava, ficou logo tão cheirosa, que parecia hum ceo. A dita sua irmã, cuja innocente vida adiante se verá, importunava a Deos, que lhe fizesse mercê de declarar, qual fora a sua sorte; & hũa noite assistindo em Matinas de muitos Martyres alcançou este favor. Continuava o coro com o Salmo *Benedicam Dominum in omni tempore*: chegou a o verso *Gustate, & videte*, & a o outro seguinte, & em quanto se disserão, ella lhe

aparecêo vestida de fermosura, dentro d'hum arco de sol. Muitas molheres livraraõ de partos perigosissimos, & algũas depois das crianças mortas, cingido o seu cordão. Isto tambem succedêo a diferentes enfermos, ou com esta, ou com outra das suas mesmas reliquias. Em qualquer necessidade achavaõ muitos propicia a sua invocação. O Confessor, que lhe assistio na morte, caio em hum atoleiro, indo pera Matozinhos, no qual lhe ficaraõ enterradas as sandalhas, que levava em os pés. Chamou por esta serua de Deos, & logo saltaraõ fóra, assi limpas como d'antes. Vindo de Chaves o Medico, que a avia curado, perdêo hũa bolsa com sessenta mil reis. Encomendouse a ella, & tornando a desandar quinze legoas a vio estar pèdurada no ramo d'hum Espinheiro. Outro caso semelhante acontecêo a hum Mestre de Gramatica, que ensinava na Vila. E continuando deste modo as maravilhas do Ceo até o anno de 1582 se elevâraõ seus ossos, pera maior reverencia, a hũa arca de pedra branca, entranhada na parede d'hũa capela, que foi antigamente capitulo. Fez esta tresladação a instancia das freiras o Padre F. Pedro de Leiria, Ministro Provincial, com os Padres Fr. Rodrigo de Buarcos, Fr. Belchior

de Lisboa, & outro religioso da melina auctoridade. Os ossos cheiravaõ tanto, como eraõ milagrosos, & depois de os levarem em procissão pelo claustro, foraõ encerrados no sobre-dito sepulcro, no qual está hum buraco na parte superior, por onde tocão rosarios, que ficão participando a virtude de milagres. Celebraõ sua memoria com encomios de Sãra Gonzaga, Vvaddingo, Barezzo, & Valerio a quem Fr. Artur refere.

pag 813,  
d'ann. 1318.  
n. 46.  
Decêb. 16.

## CAPITULO XV.

*Contém-se grandes virtudes de quatro Religiosas.*

**C**omeçou a guardar este paraíso santo cõ encatgo de Porteira sã Petronilha da Cruz, mãs como o seu espirito era mãs de Serafim abrazado, que Chetubim abrazador com a espada de fogo, retirouse da porta pera o corõ, onde podia louvar a Majestade de Deos. Tão penetrada andava do amor deste Senhor, que caminhando sua alma apoz delle, corria tambem o corpo, & ficava levantado em o ar. Que leves, & dotes carreiras estas a quem gofra das delicias do Ceo! A este fim dirigia todos os seus exercicios,

forjados

forjados na mesma frágua da caridade divina : o culto do seu altar, com o qual se desvelava : a doutrina das noviças, em que se causava muito. Fazia discipulas, que o soubessem amar ; & assi lhes ensinava com grande benignidade hum altissimo desprezo das pouquidades do mundo, hũa devação estranha, hũa rara observancia de suas obrigações. Em sua mesma pessoa lhes representava tudo, vestida num pobre habito, ou roto, ou remendado. Mas não ficou sem o premio, porque na hora da morte, que foi no anno 1538 a vierão visitar os amadores Seraficos da pobreza Evangelica, S. Francisco, S. Clara, oferecendolhe arras dos thesouros incomparaveis, que se possuem na Gloria. Foi tão chorado este seu apartamento, que não podendo cantarlhe o officio as freiras, o vierão fazer os nossos Religiosos.

2 Dobrouse a sua magoa pouco tẽpo adiante pela morte da Madre sã Helena da Arabia, cuja companhia santa era toda a alegria da casa. Se enfermava alguma, logo a ia servir, assistindolhe na cura com grandissimo cuidado. Quando outras estavam desconsoladas, tal graça lhe punha Deos na presença, & palavras, que sãmente de a verem, & ouvirem ficavão aliviadas. Todas tinhaõ em sua

vida exemplos de santidade. Nunca faltou nas matinas, servindo em trabalhosos officios : nunca comeo carne, jejuando quasi sempre : nunca deixou de fazer com alegria notavel o que lhe encomendava, posto que fosse penoso, a santa obediencia. Como sã raros no mundo este *Sempre*, & este *Nunca*, sendo nella ordinarios ! Tinha grande devação a os santos tres Reis Magos, os quaes forão adorar a o Minino Jesu na lapinha de Belẽm, por cujo respeito se nomeou *da Arabia* : porẽm no tempo da morte lhe pagaraõ como Reis. Aparece-raõlhe todos, & tomando entrega de sua alma a levãraõ consigo pera reinar em o Ceo. Assi o achei escrito na Relação original, & antiga, que estã em meu poder, da qual se tem desviado quem lhe chamou por descuido *Ilena da Azambuja*, & escrevendo seu obito nos annos 1555, trata della, como de duas pessoas, em dous lugares distintos.

3 Pelos annos 1543 acabou o seu desterro sã Leonor de Assis, da qual mostravão seus raptos vehementes, & continuos estar jã matriculada por companheira dos Anjos. Sabẽdo que se chegava a hora de sua morte, de que Deos lhe deu noticia, ella mesma preparou por suas mãos a mortalha,

a agulha, & as linhas pera se cozer o habito, & tudo isto entregou a hũa sua irmã. Pedio que lhe dissessem as tres missas do Natal, as quaes ouvio com rão grande atençaõ, que parecia extatica, & depois de comungar no fim dellas, & receber a Unçaõ, descansou hum pouco, & disse muito alegre.

*Como me tem consolado esta viola, que agora se tangeo!* Não a avia na casa: mas tangerião os Anjos, que noutra occasião com este mesmo descante alegrarão a N. P. Serafico. No dia seguinte, que já rompia a Alva, levantou a voz dizendo: *Abrãome esta janela, que quero ver o caminho, por onde hei de ir pera o Ceo.* E tanto que lha abrião, erguidas ambas as mãos, disse com grande affecto as palavras do Salmista: *Ad te Domine levavi animam meam &c.* que montão em portuguez. *Senhor, eu em vós aliviei minha alma: meu Deus, em vós estou confiada, & não me hei de envergonhar.* Ditas ellas, se ausentou seu espirito pera as vodas eternas no immaculado thalamo.

4. Ficoulhe hũa sobrinha, chamada *sor Caterina da Conceição*, que foi a sua herdeira na devaçãõ, & espirito. Passavão os Confessores de ver tanta innocencia: o exterior, ornado de toda a perfeição, representava hũa santidade viva: as obras, & as palavras mais eraõ de hum

Espirito, que goza da Luz eterna, que de molhet enterrada nas nossas trevas humanas. E em testemunho disto acabando de espirar santamente, o seu rosto, o qual d'antes era mui desfigurado em razão das penitências, resplandecco muito tempo, tão claro como o Sol.

## CAPITULO XVI.

*Da santa ventura, que outrás quatro tiverão com seu divino Esposo.*

**N**Rão tantos os fructos de santidade neste jardim deleitoso, que nũaqua faltavaõ nelle nem temporãos, nem serodeos. Pouco tinha de professa a Madre *sor. Brites de S. Agultinho*, quando ainda na flor de sua idade, mas enyelhecida já em toda a perfeição, se ofereceo a Deus em o banquete da Gloria. Acabou de ficar assazoadã cõ hũa grave doença, pelo discurso da qual lhe apareceo visivelmente o Archanjo S. Gabriel, consolandoa tambem com muita benignidade: Este favor com outros do mesmo lote lhe arrancavão a alma, puxando por ella sempre hum fortissimo desejo de se ver na companhia dos Anjos. Ouvia tanger a matinas, & como quem previa a

sua ditosa hora, levantadas as mãos ambas, disse com alegria notavel. *Seja Deos muito louvado; que não hei de ouvir outras matinas na terra: mas as primeiras irei ouvir villas no Ceo.*

2 Foise logo preparando com grandes disposições, além das que tinha feito, sem fazer caso algum dos remedios do Medico, senão só dos motivos, que podiaõ acender a devaçãõ. Rogou, que muitas vezes lhe lessem a Paixão de Jesu Christo pelo texto dos santos Evangelistas, cujas palavras como setas penetrantes lhe feriaõ a alma derramando pelos olhos, convertido já em lagrimas, o sangue do coração. Neste tempo tangeo o sino às vespervas da Encarnação do Filho de Deos em 24 de Março de 1546, & indo pera o coro a Enfermeira, por ser a festa tão grande, no caminho lhe déraõ nas costas hũa pãcada sem ella ver quem lha dava. Mas nisto se acordou da enferma, & entrando no seu leito achou dormindo com o pezo do trabalho hũa freira, que a ficou vigiando. A Serva de Deos, ainda que occupada em agazalhar a morte, não onzava a porse em suas mãos sem licença da Prelada, livrando o bom successo na santa obediencia, pela qual tinha regulado sempre a sua vida passada. Rogoulhe muito, que lo-

go chamasse a Abadesa, porque queria pedirhe licença pera morrer; & como ella lha deu, não fez mais, que encostar a cabeça sobre o braço direito, & dar a alma a Deos.

3 Sõr Isabel de S. Luiz fez tão celebre seu nome, que o achamos escrito, como de pessoa santa, nos Padres Gonzaga, Vyaddingo, Valerio, Barezoz, & Fr. Artur. As virtudes eraõ taes (& todas foraõ notaveis), que caõ em graça por causa dellas á Senhora Mãe de Deos, a qual tambem a honrou com singulares mercès. Tinha hum irmão, por nome *Fernão Soares*, que se achou com o Infante D. Luiz em a tomada de Tunes; & vindo novas de que elle era morto pelo General dos Turcos, chamado *o Barba Roxa*, desconsolavase muito por não saber o estado, em que a morte o poderia achar. Mas nesta tribulação lhe acendio a purissima Senhora, revelando-lhe que ainda era vivo, & que o veria cedo, como na verdade vio. Atraveffouse hũa espinha na garganta d'outra freira, que quasi a afogava, & lançandolhe a benção já por ultimo remedio, logo em virtude della se despedio a espinha. Noutrros casos, que tambem lhe succederaõ mui semelhantes a estes, & mais em particular no tempo de sua morte, a qual foi como

a pag. 13.  
b tom. 3. an.  
1318. n. 46.  
c) 4. c. 41.  
d p. 4. l. 4. c.  
40.  
e l. ii. 7.

de santa, placidissima, devota, & cheia de maravilhas, achou sempre favoravel a piedade de Deos, que a levou pera si em a vespera de Paschoa de 1549 annos. E em sinal de resurgir pera a vida ditosa ficou cheirando seu corpo com tão suaves perfumes, que pareciaõ da Gloria.

4. Logo no anno seguinte foraõ logtar outras duas cõpanheiras, reconhecidas por Santas, o galardão da virtude nas celestes Hierarchias. A primeira foi a Madre sãr Margarida d'Anunciação, caritativa, zelosa, & humilde por estremo. Tentou a Deos, pera mais merecimento, no fim da sua idade com hũa cegueira triste, que lhe durou sete annos, nos quaes ella andava muito alegre, cantando, & exalçando a Magestade divina, agenciando tambem com hum grande cabedal de paciencia forte os eternos resplandores. Com esta consolação chegou às portas da morte, no qual tempo outra freira, cuja vida era julgada por santa, vio nacer hũa escada resplandecente, & clara, feita de sete degrãos, quantos foraõ os annos da cegueira, no telhado da sua cela, que chegava a o

ceo. A segunda destas duas foy sãr Angela de Jesu, em quẽ este mesmo nome veio caindo

de molde, porque sendo a sua vida Angelica em rezão dos jejuns, & penitencias, a devação do espirito em solennizar as festas do santo Filho de Deos, & de sua Mãe santissima eraõ final manifesto de não se julgar por sua, senão sò por escrava de Jesu. E como este Senhor favorece a seus servos, estãdo ella lidando já com a morte fez hum termo de alegria notavel, & disse estas palavras. *Seja Deos muito bem dito, que me mandou visitar pelo Archanjo Sã Miguel. Aqui me está consolando, & fazendo entrega de minha alma a Senhora clementissima.* Com isto rematou a sua vida em o profundo da noite; mas não tiveram remate as misericordias divinas. Tinha ordenado o nobre Provincial, que não entrasse o Confessor nestas horas a encomendar defuntas, & estando muitas freiras compondo, & amortalhando esta, distintamente ouviraõ o estrondo da procição, & o som da campainha, como d'antes se usava em estas occasiões. Soáraõ logo hũas vozes peregrinas, & estrangeiras na terra: por onde se entendeo, que nas hõtas desta Escola de Christo acudiriaõ

ellos Anjos quando faltavã os homens.

## CAPITULO XVII.

*Da muito devota Madre sôr  
Geiomar de S. Antonio.*

**O**i irmãõ esta Ser-  
va do Senhor d'a-  
quella insigne Ma-  
dre, que já tenho nomeado,  
fôr Isabel de S. Francisco, & se-  
melhante na vida, posto que  
nos annos mais estendida. Cre-  
cêo muito na devação do espi-  
rito, progenitora, & mãe, como  
diz S. Ambrosio, de felicissi-  
mos partos na geração das vir-  
tudes. E era tal o fervor, com  
que amava a Deos, que mais  
assistia nelle, que no corpo, sua  
alma suspendendo muitas ve-  
zes o uso dos seus sentidos sem  
deixar outro final de estar ain-  
da vivo, senão somente o pul-  
so, & esse mais alterado pelo  
intenso calor, que no coração  
ardia. Deste modo a achavaõ a  
cada passo no coro, donde o  
mesmo espirito, renovando su-  
as azas na santa contemplação,  
voava, & discorria pelas mora-  
das eternas. *no 109: em 11*  
Vinte annos, que fôr Vi-  
gairã do coro governando o  
oficio divino, no qual ella can-  
tava todas as vozes, & as outras  
obrigadas do seu zelo se desfa-  
zião em linguas, parecia na per-  
feição ser cantado pelos mel-

mos Serafins. Rezava todos os  
dias entre muitas devações o  
oficio do Nascimento de Chris-  
to, & a sua sacratissima Paixaõ  
assí como a escrevéraõ os qua-  
tro Evangelistas. E como o seu  
afecto se inclinava a estes san-  
tos mysterios, tambem os seus  
sentimentos com muita faciliti-  
dade se conformavão com el-  
les. Na noite do Natal bailava,  
cantava, & chorava de prazer.  
Naõ podia apartarse do Presé-  
pio, em o qual ofertava muitas  
coufas, & algũas preciosas, di-  
zendo, que estas eraõ *as manti-  
llas do seu Amino Iesu*. Nas settas  
feiras do anno, & em toda a  
quaresma, nas quaes se nos re-  
presenta a morte do mesmõ  
Deos, nem se lançava em ca-  
ma, nem comia peixe, nem le-  
vantava a mão das disciplinas  
de sangue. E fôr servido o pie-  
doso Senhor de lhe mostrar a  
os olhos o que ella mais im-  
presso trazia no coração. Apa-  
reçcolhe hum dia açoutado, &  
atado à columna: outra vez, na-  
cido em o Presépio, acompa-  
nhado da Virgem; cuja vista  
fez nella tanto abalo, que ef-  
condendo outros favores nota-  
veis, só a estes naõ os pôde en-  
cubrir. *em 110: em 111*  
Dedicou a o serviço de  
Deos, como escrava fiel, todo o  
seu trabalho, & todo o cabedal.  
Fiava linhas delgadas, que de-  
pois trocava por fio d'ouro, &

feda,

se da, & com elle, ajuntandolhe aljofar, broslava por suas mãos fixolas, & outras peças, que servião no altar. Das esmolas, que lhe davão, comprou alguns ornamentos, & pagou o sino grande. Mas sendo rica pera o culto divino, cõsigo era pobríssima, porque se prezava muito de freira de S. Clara. Sõmente pera as enfermas buscava algũ regalo, desvelandose tambem por exercitar com ellas todas as obras da caridade christã, em tudo lhes assistia, sem se deitar muitas noites, nem comer todo o dia. Nas doenças era o seu refrigerio com as suas orações, palavras santas, & lembrança da Paixão de Jesu Christo, que lhes lia por hum livro. Na morte era o maior remedio, porque as amortalhava, sem mais as desemparrar até serem sepultadas. Quando o convento concorria a trabalhar em a casa do lavor, duas horas inteiras estava lendo em voz alta, que todas lhe entendião, pelo livro *Vua Christi*, a sua mesma Paixão. E como a caridade abundava tanto nella, na mais grave desavença era hum Anjo de paz, que tudo pacificava.

4. Sempre se achou indigna da cadeira de Prelada, desviando as vontades de quem lhe dava o voto com muitas rezões, nacidas da humildade.

Prevalecendo porẽm em hũa das eleições a aclamação geral, & apertando o Prelado cõ o preccito da santa obediencia, sem lhe valerem desculpas, acceitou, mas disse com muitas lagrimas. *Pois não posso escusarme deste encargo tão pezaado, & tão grande, a morte me livrará.* Começou a governar, & foi governando sempre cõ tantas luzes do Ceo, que claramente se viraõ nalgũas ocasiões. Estando hum dia na casa das Abadesas, & sendo tempo escuro, porque não avia sol, do seu rosto se multiplicavão raios, que deixando a cercada de fermosos resplandores, alumiavão a tudo. Mas sentindo cada hora no officio mais pezo, importunava a Deos quizesse alivialla. Chegou em fim o felicissimo dia de Nosso P. S. Scrafico, quatro do mez de Outubro de 1554, no qual, acabando ella de lhe cantar as matinas, se sentio picada de hũa febre, posto que lenta, mortal. No mesmo ponto renunciou o officio nos cuidados da Vigaria, tratando só de governar a viagem da terra pera o Ceo sem perigo de naufragio.

5. Tres dias antes que passasse pelo estreito da morte, a combatẽo o demonio, fazendo a pontaria nas materias da Fé, & vendo ella o seu desaforo grande, lhe apresentou

batalla. Chea de colera, tão fraca como estava, se levantou no leito, que era hum só colchão, posto no meio da casa: ouvia sobressaltada, & logo lhe respondia. *Que me dizes Tentador? Tudo isto he mentira. Perfectus Deus, perfectus homo. O meu Iesu he Deus perfeito, & homem perfeito.* Tornava a ouvir, & reperia mais agastada o mesino. Quasi hum dia esteve neste conflicto, depois do qual se mostrou tão alenrada, que nas palavras, & gestos publicava a vitoria; & foi dizendo com muita serenidade a profeção da Fé pelo Symbolo de S. Athanasio, que começa: *Quicumque uale saluus esse.* Neste tempo advertio, que hũa sua amiga a chorava, & consoloua dizendo: *Não vos magoieis, irmãs; que eu irei á Igreja no dia da Conceição da Senhora.* Assim lhe aconteceu, porque tangendo o sino da missa conventual defamou sua alma para o porto da Gloria, & seu corpo foi levado a o coro antes de ser sepultado. Solennizão a sua memoria santa todos os cinco Autores, com quem imos alegando.

Gonzig.  
Vyadding.  
Parez. &  
Valer. cit.  
Fr. Artur.  
Iul. 25.



## CAPITULO XVIII.

Da Madre sôr Maria do Sepulcro, & outras Seruas de Deos.

**B**emaventurada casa, ou casa santa de Deos podemos chamar a esta, pois tanto se comunica, abertas sempre as portas, com a morada do Ceo. No anno da redenção 1563, se vio collocada nelle, como piamente cremos, a madre sôr Maria d'Anunciação, da Familia dos Menezes, cujo sangue illustrissimo vai disfarçado aqui em ontras seruas de Deos com os santos apelidos da sua Religião. Setenta annos, que viveo neste mosteiro, (sendo trazida de tres), & sete delles, que servio o cargo de Abadeissa, em todos fez hũa vida celestial, & angelica. Dizemos só por maior, que nenhũa das virtudes lhe faltou, nem o mundo era digno de sua conversação: mas conversando com Deos por muitas vezes foi vista levantada da terra, altura de hũa vara, no tempo da oração. Deus fim a este mortal desterro com a mesma santidade, que prometta a vida, por cujo respeito foi dispensada numa lei universal, a qual se guarda com

todas,

todas, de não escreverem nas sepulturas seus nomes, o que a ella lhe consentio o convento.

2. Em lugar desta memoria alcançou outra mais celebre pela penna de Escriitores gravissimos a madre s<sup>ra</sup> Maria do Sepulcro, muito digna de ser nomeada delles por *admiravel na vida*. Desta qualidade forão seu silencio profundo: o jejum de quasi todo o anno: a abstinencia de peixe em todas as festas feiras, & em todas as Quaresmas: a aspereza do leito, o qual era só o chão: as disciplinas continuas, & os cilicios asperos. Na devação do espirito parecia hũa chama, que se abraçava viva, & mais em particular nos dias das Endoenças, nos quaes ella embuçada com o vèlo, descalça, & atravessada de dores andava como a tonita em rezão da morte de seu Esposo. Os efeitos, que obrava, eraõ tambem maravilhas. Sendo Provisora, & servindo de Enfermeira começava a repartir as reções: se via que lhe faltavão, punha os olhos no ceo, pedia o socorro de sua misericordia: depois disto lhe lançava hũa benção, & tudo lhe sobejava. No tempo, que o cuidado da cercacórria por sua conta, em se fechando as arvores, as regava

com agoa benta, & logo reverdeciaõ.

3. Correndo estes favores, que o Senhor lhe fazia, recebeo outro maior em perder a luz dos olhos, porque com esta cegueira apurou a paciencia. Mas ainda, que ella se conformou com sua santa vörade, desconsolavase muito de não ver na Missa o Sacerdote, nem os Santos no altar. Apareceolhe entãõ a Rainha S. Isabel, a que tinha escolhido por sua intercessora, & depois de se lhe fazer visível, consolandoa com isto, lhe revelou claramente, como da sua cegueira se servia o Senhor. Deste dia por diante viveo sempre com grande consolação, por mais que o Tentador a pretendeo magoar. Tentou a valentemente em a ultima doença, mas foi rebatido cõ outro maior valor. Gritava, & deslionravaõ dizendo estas palavras: *Vaite d'ahi Tentador, maldito, sujo: não tens que fazer comigo. Esses teus atrevimentos te lançarão no inferno.* Tornava a baltar, porque o feroz demônio nunca se acorvardou: rezava o *Credo*, & chamava por S. Miguel, & S. Jorge, seus especiaes devotos, que fossem em sua guarda. Chegando a hum passo perigoso, ambos juntos lhe vierão acudir, cênforme ella mostrou nas inclinações, que fez, & nas pala-

4 Gorzög.  
Vvadding.  
Bare2. &  
Valer.cit.  
Fr. Artur.  
August. 24.

bras, que disse, as quaes foraõ deste modo. *Michael, meu sermoso, sijais bem vindo: já vós rardareis; mas ainda chegais a tempo. E vós valeroso Marcyr S. Jorge, meu defensor; aqui agora vos avia eu mister.*

4 Com a vinda destes seus Auxiliares se retirou o Espirito malvado; mas reformando as forças lhe deu segundo assalto. Começou a combatella dous dias antes da morte no artigo da pobreza, de que foi obliervantissima, representandolhe culpas, as quaes nunca cometêra; & ella angustiada a puros gritos o queria desmentir. Foraõlhe á mão, por quanto enfraquecia, & desculpouse dizendo. *Com este malicioso demonio: gritar; & desmentillo; que tudo he necessario.* Replicarãõ, que podia enganarse: a o que lhes respondeo. *Não são enganados, nem he falta de juizo: são angustias da alma, em que me poem este falso tentador; & logo o sabereis.* Neste ponto se acabou a batalha; da qual o demonio, que se vio desbaratado, fugio com tanto estrondo por cima dos telhados, que parecia vir-se o mosteiro abaixo. Ella, que ficou no campo alegre com a victoria, foi celebrar o triunfo, no anno 1565, em a cidade do Ceo, que lhe mandou socorro.

5 Nestas tentações finaes

se mostra mais importuno o infernal inimigo, porque como se acaba o tempo de nos molestar na vida, na morte mette o resto pera nos precipitar; & assi importa muito, que diante não imploremos o auxilio do Ceo, o qual nos fará constantes em rebater seus enganos. Pouco tempo se passou depois dos ditos assaltos, que elle não investisse com a Madre sôr Filipa de Magalhães, quando já se queria despedir desta miseravel vida. Conheceolhe o humor da singular devação, que tinha a S. Agustinho, & não podendo conduzilla d'outro modo a seus erros no particular da Fè, todos lhos representou, transfigurado no mesmo S. Doutor. Mas ella, que o conheceo tambem, alumiaandoa Deos, lhe disse a altas vozes. *Que me queres mentiroso? Nem tu es S. Agustinho, nem me has de enganar.* E protestando firmemente as verdades Evangelicas descansou em o Senhor.

### CAPITULO XIX.

*Continúa a santidade em outras religiosas.*

**S**ôr Guiomar de Tharsis, corredo ligeiramente pelos caminhos do

o Apocal.  
12. vers. 12.

o Ecclesiast.  
51. vers. 24.  
Lyranbid.

Ceo, nelles encontrou tambem vehementes tentações. Foi a primeira de Deos com hũa lepra nojenta, pera seu merecimento: a segunda, do Demonio com gravissimas molestias pera sua perdição. Separou a o convento da companhia das outras numa casa, que hoje he neviciado, & como estava só, fazia muitos discursos na contemplação do Ceo, & d'aquelles bens, em que se haõ de trocar todas as nossas misérias. Mas só se desconfolava de lhe estar interdita a entrada do coro assi no tempo da missa, como dos officios divinos; & com esta afflicção não arrancava os olhos da parede da capela mór, que lhe ficava defronte. Porém o Senhor do Ceo, que a não desemparava, numa noite do seu Natal amoroso lhe elevou de tal modo os sentidos, que não obstante tão grosso impedimento, como eraõ as paredes, ouvio, & esteve vendo o Sacerdote na missa.

2 Deste tempo por diante resistio com mais valor as tentações do Demonio, que eraõ muito continuas, porque achandoa só, queria visivelmente fazerlhe conversação, & nisto era molesto, & importuno. Hũas vezes a punha em grande medo com figuras espantosas: outras vezes a magoava na alma, encarecendo mentiras. Dizia

que Deos a tinha desemparado, que não sentia seis males, que não tratava já della; & cõ isto lhe dava tão grande pena, que ouvindo estas, & semelhãtes blasfemias perdia a paciencia. Escreveo hum livro muito devoto dos favores, que Deos lhe communicava pera o desbaratar; & fora hoje de grande consolação a qualquer atribulado, se o receio de se lhe pegar a lepra não o enterrára na sua propria cova com todas as mais alfaías. No anno 1567 a tirou Deos deste mundo pera viver descansada no paraíso da Gloria.

3 Eraõ santos estes annos (& assi o forão hoje) porque no de 1570 foi visitada seu Esposo no Ceo sãr Isabel de S. Andre com hũ grande ornamento de jejuns, disciplinas, orações, & outras muitas virtudes. Era simples, & sincera nos saberetes do mundo, porém muito avizada nas materias tocantes a o espirito. Teve dom de profecia, com o qual revelava muitas cousas, que naturalmente não se podiaõ saber. De modo que muitas vezes, quando assi importava, dizia que eraõ mortas algũas pessoas, as quaes se tinhão por vivas; ou, que ainda viviaõ, as que diziaõ ser mortas; & tudo depois se achava a o cerro. Em avendo tempestades, lançava mão d'hum

livrinho; no qual trazia escrita certa ladainha santa; que ella fez a seu modo; & tanto que a rezava passando pelo claustro, os trovões, & as tormentas fugião. Estando em passamento, quando ouvio o sinal, que anticipadamente começaraõ a fazer, levantou as mãos, & disse: *Eu morro agora, mas hei de viver eternamente com Deos.* E com esta confiança acabou em o Senhor.

4) Parecia-se com ella na semelhança da vida a Madre lór Isabel de S. João, em cuja sinceridade assentou liberalmente muitas noticias santas. o poderoso Senhor. Conhecia o q estava por vir; penetrava os pensamentos alheos, & era certificada das orações escondidas; descobrindo muitas vezes o bom, ou o mau despacho; que o Ceo avia de conceder. Abrazandose hum dia cõ grandissimo affecto na devação de Christo sacramentado; foi este Senhor servido; que o visse na figura de menino dentro d'hum arco de sol em as mãos do sacerdote a o levantar da hostia; & ficou tão elevada; que todo aquelle dia não comeo; nem pode tornar em si. Outros favores notaveis lhe fazia a purissima Senhora, principalmente no tempo, que estava de joelhos diante da sua santa Imagem. Apareceolhe com seu Fi-

lho Unigenito, & alguns Santos do Ceo: enxugavalhe as lagrimas com amorosas palavras; & das suas petições, algũas lhe fez correntes em socorro de gente angustiada. Tinha hum irmão deterrado em Castela; o qual entrou nesta vila por mercè particular da soberana Senhora; dizendo que não sabia por que lugares passara; nem quem ahi o trouxera. Padceõ perseguições, que muitas vezes chegavão a bofetadas, do maldito Tentador; sem nunca se apartar do santo amor de Deos até a hora da morte; que foi santa, & seria preciosa em seus olhos no anno da redençaõ 1573.

## CAPITULO XX.

*Remedeia Deos a casa em suas necessidades, & multiplica as esmolas por meios inopinados.*

**N**este tempo manifestou o Senhor em hum admiravel caso o milto; que estimava este sagrado mosteiro em rezaõ de se ver servido nelle por tanta gente devota. Era entãõ Abadesa D. Guiomar de Castro; a qual cõ zelo de caridade quiz fazer enfermaria pera curar as doctes. Indo correndo as obras faltou

lhe o cabedal, porque não tinha dinheiro, nem donde o esperasse. Encomendou o cuidado de lho buscar por emprestimo a Fr. Sebastião, frade leigo, que nessa occasião assistia nos negocios da casa, o qual revolvendo a Vila, & o lugar d'Azurara, não achou nestes dous povos quem o quizesse emprestar. Desconsolado por isto vinha subindo o monte, onde está o mosteiro, hum dia quasi á noite, quando de repente se lhe fez encontradisso hum homem de veneravel aspecto em traje de peregrino, o qual lhe rogou, que desse ordem pera entregar na roda hum recado, que trazia. Respondeolhe, que já estava fechada, a o que lhe replicou: *A mi me importa muito passar ainda a barca: pelo que estimarei, que á manhã mande Vossa Reverencia esta trouxinha a quem diz o seu le- treiro.*

Despedido hum do outro, & entrando, Fr. Sebastião na cela quiz saber, cujo era o recado. Vio apagadas as letras, & suspeitando mysterio foi delcozendo o pano, com tudo não achou dentro, senão duzentas moedas de ouro, todas de quinhentos reis, que pareciaõ baltidas d'aquella hora. Espantado do successo chamou logo o Escrivão do mosteiro, entregou-lhas em segredo, & com ellas pagou os officiaes até se gasta-

rem todas, deixando em bom estado as obras. Nesse tempo lhe baterão duas noites continuadas á porta, & como não vio quem era, foi tanto o seu pavor, que não se deu por seguro, senão no convento dos frades, onde dormio alguns dias: mas lá tambem o foi buscar o mesmo espartador. Apareceolhe outra vez o mesmo homem com o semblante irado, & disse estas palayras. *Porque te mostras ingrato com tão profundo silencio á piedade de Deos? Vai logo, & manifesta ás freiras o que te ha sucedido, pera que reconheção beneficio tão grande, & nunca salem em o seu sancto serviço.* Alli o executou em rompendo a manhã: foi á grade da Igreja, & fez chamar a capitulo; contou tudo o que avia passado, & deu raõ muitos louvores, & muitas graças a Deos, assentando todas juntas, que o portador desta esmola do Ceo fora o seu Fundador Afonso Sanchez; cuja protecção notavel brevemente mostraremos.

3 Em outras occasiões nadou já este mosteiro nas enchentes do grande Pae de familias, quando nelle tresbordava a caridade dos pobres. Creceo o graõ no celeiro, & a farinha nas arcas, donde tiravão o pão, que cozião pera elles. Succedeo chegarem sete á roda, & numas tullias se acháraõ sete pães, que

repartiraõ por todos. Viraõ  
tambem augmentadas as esno-  
las, que mandavão a oa dous  
santos conventos, seus vizinhos,  
da noísta Ordem Serafica; &  
tudo se pôde crer, por quanto  
a caridade costuma ser mila-  
groza.

### CAPITULO XXI.

*Socorrem a o mosteiro seus Fū-  
dadores depois de mor-  
tos nalgũas tri-  
bulações.*

**A** Primeira, foi já nos  
têpos antigos, quan-  
do este nosso Reino  
tinha guerras com Castela, faci-  
litandose nisto as entradas, &  
assaltos de hũa a outra parte,  
sem se guardar muitas vezes o  
respeito, que convinha às casas  
religiosas. Em hũa destas entra-  
das, que os Galegos, & outros  
taes como elles, vinhaõ destru-  
indo por Entre Douro, & Mi-  
nho quanto achavão diante, as  
freiras deste mosteiro com a  
sua Abadessa, depois de rezar  
Matinas, se deriverão no coro  
solicitando com Deos por me-  
io da oração a paz gèral, que  
importava a todos; & quando  
o seu cuidado tratava do bem  
comum, o Senhor as despachou  
nas suas comodidades. Ouví-

ção bater na grade, & pergun-  
tando quem era, tiveraõ esta re-  
posta. Nós somos *Afon'so Sanches,*  
& *Tereja Martins,* que fizemos esta  
casa, & ambos seus Protectores: a-  
gora nos manda Deos, vos venhamos  
avizar do risco, em que estais. Escondei  
as reliquias, & prasa, & como fizer-  
des isto, no mesmo ponto fugi pera lu-  
gar mais seguro, porque aqui hão de  
entrar inimigos às quatro horas da  
manhã. O espaço breve foi,  
porèm nelle obrou muito a  
mesma necessidade. Pozeraõ  
tudo em salvo: o thesouro, es-  
condendo o; & as pessoas, fu-  
gindo com tanta pressa, que a  
o sair da porta por milagre es-  
capáraõ dos soldados. E pela  
destruição, que elles deixaraõ  
feita, conheceraõ, quando de-  
pois se tornaraõ, as afflicções, &  
molestias, de que as livrou o  
Ceo. Não nos declaraõ o tem-  
po as memorias da casa, nem  
ellas tambem concordão no lu-  
gar, onde foraõ tomar couto as  
ditas religiosas. Se foi em S.  
Clara do Porto, sempre avia de  
ser depois do reinado d' El Rei  
D. João I, em cujos ultimos  
annos, tendo pazes com Caste-  
la se povoou o mosteiro. Se

foi na Igreja da Fervença em  
terra de Basto, como diz outra  
memoria, podia ser, & seria este  
caso mais antigo. Pelos annos de 1583  
foi notoria tambem num ad-  
miravel incêdio a benigna pro-

tecção

Vvaddin.  
B. cit. n. 46.

p. 1. 1. 5. c.  
27. & 27.

recção do dito seu Fundador. Era no mez de Outubro; sabado perto da noite, no oitavario de N. P. Serafico, quando começou a chover fogo do ceo á semelhança de linguas, que viria inflamar, & derreter corações no santo amor de Deos; porque não se ateou em outra cousa algũa. Caió logo o abraçado chuveiro no relhado da Igreja, & depois foi carregando pera a parte do claustro, onde suas labaredas se acenderão de modo, que sem nunca levantarem pé da terra tornavão a subir, ou voar pera o ceo. Acudirão ambos os povos vizinhos, cuidando que o mosteiro ardia. O Confessor desencerrou do sacrario aquelle santo escudo de Christo Sacramentado, que lie o nosso refugio nas grandes tribulações, & com elle em as mãos diante de muita gente, que se vinha ajuntando, gritavão todos pedindo misericordia. As freiras suspendeirão as matinas, que começavão a rezar, & postas em confusão não se davão a conselho. Hũas ficarão no coro: outras andavão como loucas pela casa: gemião, choravão, beijavão a terra, abraçavão-se com as Imagens sagradas, & com as santas Reliquias, & fazião penitencias pera aplacar com ellas, se isto era castigo, a indignação divina. Muitos annos adiante di-

zião todas, que então tinhaõ visto hum retrato do inferno, ou hum dia do juizo.

3. Quatro horas durou esta confusão, & nella se virão muito grandes maravilhas. A primeira: apparecêraõ dous mãcebos fermosissimos, vestidos ambos de branco, os quaes sustentavão a estante, em que as lições se dizem no officio divino; & erão Anjos do Ceo, que mostravão como por esta virtude defendiaõ o mosteiro. A segunda: ser visto dentro do claustro, onde ardia o fogo, hum velho de veneravel aspecto, que desviando o rosto das chamas, & labaredas, levantava as mãos ambas a o ceo, & foi julgado de todos pelo senhor Afonso Sanches Padroeiro, & Fundador desta casa, que como outro Aaron pedia a Deos a livrasse do incendio. A terceira: conservar-se o fogo na sua mesma materia sem queimar cousa algũa, das que estavaõ no claustro, nem chamuscar hũ louteiro. Mas causou grande mudança nas mesmas religiosas, das quaes hũas melhoravão sua vida, & outras fozão seguindo a perfeição Evangelica com mais ardente fervor.

Num. 16.  
vctf. 47.

## CAPITULO XXII.

*Lustrão muito na virtude al-  
gũas religiosas, & Deos livra  
o mosteiro em dous ca-  
sos perigosos.*

**D**Os resplandores da  
madre s<sup>r</sup> Filipa de  
S. Pedro deu teste-  
munho o Ceo no tempo de sua  
morte, depois de brilharem mui-  
to pelo discurso da vida. Man-  
doulhe hũa estrela; a qual a en-  
caminhasse da terra pera a Glo-  
ria; & parando no telhado do  
seu leito este benevolo astro,  
esteve fixo em quanto se des-  
pedia do corpo no anno 1590  
a sua devota alma, & feitas as  
despedidas nunca mais apa-  
recço.

2. Outra Filipa, chamada  
de S. Francisco, rematou com hum  
anno de professa, no de Christo  
1592; hũa vida religiosa, &  
santa, que conforme a o curso  
ordinario estava pedindo nella  
muito comprida idade. Entrou  
em noviciado, professou, & fa-  
leceo no sacratissimo dia da Pu-  
rificação da Senhora Mãe de  
Deos; & pôde ser, que em pre-  
mio da devação de seu pae, mo-  
rador em Azurara, que nesse  
mesmo lugar lhe fazia cada an-  
no esta festa, gastando em apa-

ratos muito do seu cabedal.  
Chegou o tempo do Nacimẽ-  
to de Christo, no qual esta sua  
Serva assistia de cõtino no Pre-  
sepio, que lhe fizeraõ no coro,  
sem se poder apartar. Rogava  
com muitas lagrimas a o Mini-  
no Jesu, que não se fosse d'alli  
sem a levar tambem consigo;  
& sendo ouvida delle, adocceo  
de repente. A poucos dias an-  
dados da sua enfermidade, es-  
tando acompanhada d'algũas  
religiosas, começo a tremer,  
& a gritar. *Afastemse, Madres, &  
deixem chegar o Senhor Jesu, que traz  
esta Cruz às costas com grande traba-  
lho.* Por onde se entendeo, que  
elle a visitara naquella mesma  
figura, com que levou a seus  
hombros o precioso madeiro  
atê o monte Calvário. Depois  
disto nunca mais fez outra  
cousa, que chorar a sua santa  
Paixão. Veio o dia já dito da  
Purificação da Virgein, no qual  
as religiosas desfazião o Pres-  
epio: pediolhes, que lhe levaf-  
sem o Minino Jesu, & abraçada  
com elle lhe disse estas pala-  
vras. *Meu Jesu: pois vos ides do Pré-  
sepio, levame com vosco, como vos tenho  
pedido.* E continuando este de-  
voto colloquio, sem o largar dos  
seus braços, lhe entregou o es-  
piritó na mesma occasião, em  
que por causa da festa se tin-  
gião charamelas por mandado  
de seu pae da outra banda do  
rio.

13 De Guimarães, onde avia nacido a madre fór Ana de Belém, a trouxe Deos a esta devota casa, & depois de professar a levbu de mosteiro em mosteiro pera que o seu exemplo fosse doutrina a muitas na regular perfeição. Foi em companhia d'outras reformar na Obsevancia a S. Clara do Porto: passou depois a S. Iria de Tomar, & de lá foi a Vinhaes, em terra de Tralos montes, fundar hum mosteiro, o qual então começava. Mas não sei, que desfar lhe achou na fundação, porque lhe perdêo o gosto, & seria a pouca comodidade, com que se edificava o material da casa, a qual deu occasião pera chegar a estado, como direi a seu tempo, que quasi se extinguiu. Andando ella por isso angustiada ouvio hũa voz do Ceo, que lhe disse desta sorte: *A tua penitencia, & o seu merecimento, estão em Vila do Conde. Pelo que se recolhêo a este santo mosteiro, onde tratou de fazer certa esta sua vocação.*

14 Servio a comunidade com ardentissimo zelo nos officios humildes, que ella lhe entregava, nos quaes todos (pera consolação de quantas se levantão a maiores com a liberdade delles, sem entrarem no coro, nem lhe saberem a porta) sempre teve desocupado o tempo pera poder assistir nos louvores

do Senhor. Poucos dias deixava de jejuar, & só a obediencia a constrangia a comer carne nas suas doenças grandes, tirando as festas feitas, que erão indispensaveis. Raramente chegou a dormir em cama, & nunca no discurso do Advento, Quaresma, & noites antecedentes à sagrada comunhão. Tanto que o Galo cantava a meia noite, no mesmo ponto se ia peta o coro, & largando as velas a o espirito, depois de muito orar andava em procissão de joelhos cantando alegremente o amor de Jesu sacramentado, ou chorando com tristeza sua morte, & tormentos.

15 Numa destas santas noites se atravessou diante o infernal inimigo, que despedindo pelos olhos raios acesos em fogo, pela boca derramou esta peçonha: *Pera que te matas, triste, se já estás condenada? Considera tua vida, & verás, que es muito atrevida em comungar o santo Corpo de Christo.* E ainda que este assalto forte não lhe quebrantou o animo na confiança de Deos, metteo porém em escrupulos acerca da comunhão sua humildade santa, a qual se absteve alguns dias até o mesmo Senhor lhe tornar serena a consciencia. O demonio, quando se viu desta parte atalhado na ruina, que intentava na alma, cõtra o corpo se embravecia mais. Perio a

por muitas vezes, arrastou a, em tal estado a poz, que na ultima doença não ouzava ficar só. Durando estes encontros pronosticou alguns notaveis trabalhos, que depois vierão a o mosteiro, & coroada de gloriosas virtudes no anno 1611, foi assistir na Corte celestial a seu divino Esposo.

6 O primeiro dos sobre ditos trabalhos, que ella prenunciou, foi hum terrivel incendio, que na noite de S. Pedro, & S. Paulo, a 29 de Junho de 1614, teve principio num rolo, que por descuido ficou aceso em hũa cela. E tendo na noite d'antes sonhado hũa minina, que as fugueiras, com as quaes solennizaraõ as vespers destes sagrados Apostolos, se ateavão nas celas, nenhum caso se fez disto pera aver mais resguardo. Abrazou hum dormitorio, & queimára toda a casa inteira, se Deos não lhe acudira por sua misericordia. E pera certeza disto, no mais alto do telhado entre as chamas de fogo, apparecèõ hũa freira da Ordem de S. Clara, que seria a mesma Santa, a qual com hysope numa mão, & caldeirinha na outra, borrifava o incendio. Ardendo tambem as celas, & todas quantas alfaias avia no dormitorio, só hum papel se achou inteiro entre as cinzas, cujas letras, que nelle se escreverão, estando já

chamuscadas, sòmente estas palavras da lamentação de Jeremias se lião distintamente, *Misericordie Domini, quia non sumus consumpti*: Em final de que as freiras pela grande piedade do Senhor não ficãrão consumidas em esta tribulação.

7 A segunda, que pronosticou a dita Serva de Deos, foi procedida d'hum raio, o qual no proprio mez, mas no anno 1626, depois de grandes tormentas acabou de levantar hũa confusão horrivel, que descompoz fortemente a esta comunidade. E se ella nesse tempo não estivera no coro rezando matinas, podèra acontecer hum estrago lastimoso. Entrou com grande estrondo a chama precipitada, rompendo portas, atravessando paredes, até dar nũ apozento, onde dormem as criadas. Achou nelle hũa freira com hũa criada, que estavão curando d'outra enferma, & depois de passear entre ambas, sem ofender a algũa por estarem ocupadas em obra de caridade, subio a os dormitorios, apostada a fazer algum desmãcho. No debaixo, encontrou a duas freiras, que com pouco fundamento tinhão ficado do coro, & abrazado em ira, como Ministro de Deos, crestou a face a hũa, ainda que levemente. No de cima perdoou a hũas velhas, as quaes por enfermida-

de citavão ausentes delle; & não tendo em quem empregar o fogo, se desfez todo em luzes.

## CAPITULO XXIII.

*Do nome santo da madre sòr Antonia d' Assunção, & d' outras religiosas.*

**N**ão forão muito este- riles de renovos da virtude estes derradeiros annos, porque nelles flo- recerão na vida, & na mor- te com grande fama de santas sòr Inez dos Anjos, sòr Ceci- lia de S. Clara, & sòr Leonor da Cruz. Todas tres derão no- taveis sinaes do espirito do Ceo; que as foi encaminhando pelos môtes empinados da per- feição Evangelica. Foi ardente o amor, com que amirão a De- os: seus exercicios, santos: notavel a valencia da graça, que as fez triunfadoras das mi- serias humanas. Mas depois d' hũa multidão tão grande, como tenho referido, será mo- lesta a penna, que ainda disser- mais. Faço porèm exceção da madre sòr Antonia d' Assun- ção, sobrinha de sòr Ana de Belém, cuja notícia dei no ca- pitulo passado, & irmã de sòr Joana Evangelista, mulher de grande virtude; pera que também se veja como nalgũas

familias se dà melhor, que em outras; a planta da santida- de.

Foi esta Serva de Deos natural de Guimarães, mas chegando a tres annos se cri- ou neste mosteiro como lei- te sempre puro da santa Re- ligião. Com a idade creceu também na virtude; & quan- to mais ia sabendo do mundo, & de seus falsos enredos, ma- ior sentimento tinha da nossa grande miseria. Daqui lhe tomou tal odio, que por não vir algum tempo a cair em su- as mãos; com cadeas de fer- ro; além dos vòros religio- sos, se prendeo mui fortemen- te a o serviço de Deos. Dous annos inteiros trouxe hũa mui- to grossa apertada pela cinta, & depois de a tirar por con- selho do Confessor, & do Me- dico, lhe subrogou hum cili- cio, com braaceletes, & cer- tos grilhões delgados deste pró- prio metal. Era grande o a- more, que tinha a Jesu Chris- to; por cujo respeito quan- do via miniños desempara- dos, nos quaes lhe representa- vão a pobreza; com que na- ceo em Belém; o coração lhe saltava, & pelos olhos se derre- ria em lagrimas. Não podia também estancat esta corrente no tempo da oração, né quando pregava o pensamento em sua morte santissima. Então era o

senhimento tão forte, que parecia nos sinais exteriores ter perdido o juizo.

3 Começãõ as freiras a fazer pelo mosteiro a procissão dos seus Passos; & pera isso pediãõ emprestada a sua S. Imagem, a qual era de peças, encaixadas com engonços. E vendo ella na mesma occasião, que a trouxeraõ de fóra, que estava despedaçada: a cabeça, numa parte: os pés, & as mãos, em outra: começou a soluçar; & gritar: Neste estado avia eu de ver a o meu Jesu! Mandou logo fazer outra inteirissa, a qual foy tão perfeita, que duvidou quem a fez; se teria concorrido nesta obra o Artifice divino. Demais disto lhe ornou, & concertou a capella, que foi casa do capitulo nos tempos antepassados, onde as freiras defuntas se levantãõ das covas pera dar obediencia à Prelada; que as vivas rejeitavãõ. E forãõ tantos os gastos, que se stem por milagrosos, porque não tendo de tençaõ mais de quatro mil reis; chegãõ as mil cruzados. Mas além de concorrerem as esmolas das outras religiosas; fiava e trabalhava; & andava descalça pera que não lhe faltasse o cabedal necessario. Trazia os pés envoltos nuns trapos velhos, & quando muito metidos em os pantu-

fos. Se alguém dizia, que se calçasse pois era muito enferma, costumava responder. Seria bem, q̃ gastasse em calçado o de q̃ eu necessito pera ornar o meu Senhor? E nisto se desvelava.

4 Levantou no meio desta capella hum reatro majestoso a o modo de charola, dentro da qual está a santa Imagem do Senhor das nossas almas com a sua Cruz às costas, acompanhada de insignias, & muiras letras devotas, que representão a o viço os tormentos da Paixão. He esta a obra de mais espirito, que tem todo o mosteiro, porque deste alto tronco está o Senhor santissimo prendendo os corações, & he grande o cõcurso de freiras particulares, & de todo o cõvento nas festas feiras do anno, que vêm lamentar com elle os opprobrios da Cruz, & pedirhe o favor de sua misericordia. Aqui gastava o tempo de dia, & de noite esta veneravel Madre, Autora de tantos bens, começando a cõtemplar, & orar: no veraõ, às tres horas da manhã; & no inverno, às quatro. Tanto que anoitecia tomava diante delle hũa disciplina larga, & só quando receava ser sentida, a fazia noutra parte. Mádou fazer tres cruces muito pezadas, as quaes se guardaõ no coro, pera com ellas às costas correrem tambẽ os passos as outras religiosas.

no tempo da Quaresma, & dias de cominhão; & isto mesmo fazia nas festas feiras do anno, chorando, & soluçando de modo, que magoava a todas. Em quanto passava à vista da sua ecla a procissão dos Passos no lugar de Azurárra, da outra banda do rio, que seria espaço de meia hora, sempre tinha a disciplina na mão, & sendo muitas as lagrimas, muito mais era o sangue, que despedião as veas.

5. Assim a foi penetrando este sentimento grande da morte do Redentor, que já as dores da alma lhe eraõ insupportaveis, & na ultima doença nenhum alivio tinha, senão ouvindo tanger hum cravo, ou cantar letras devotas. Desejou com muitas ancias ver o seu Senhor dos Passos, mas porque não cabia pelas portas lhe trouxeraõ a sua santa linagem, pintada em hum painel; & quando ella a vio, levantando-se no leito com a força de hũa alegria nova, que a deixou perturbada, exclamou desta maneira. *Meu Senhor, meu Rei, meu Redentor! Vindesme ver, a mim, meu Senhor?* Acabando de falar, ficou suspensa por muito tempo com a boca, & olhos meios abertos, & os braços estendidos. Isto mesmo lhe succedeo outra vez quando pregava de fito os olhos neste retrato

devoto, cujo original, que era o mesmo Christo, trazia já estampado muito d'antes dentro do seu coração.

6. Neste tempo, depois de sentir a alma unida estreitamente com a fonte da alegria perenne, mandou suspender a musica. Com todas se abraçava, encommendando-se em as suas orações. Rogou a hũa, a qual tinha por costume amortallar as defuntas, que lhe fizesse o mesmo; & depois de pedir à Abadesa por amor de Jesu Christo mortalla, & cova, despido o seu espirito destas miserias da terra em dia da Conversão do Apostolo S. Paulo, 25 de Janeiro, ás dez horas da noite, anno 1638, foi vestir a riquissima estola, com que se traja o Ceo.

7. Na vida, & na morte a honrou o mesmo Deos, como a sua esposa; & deixando muitos casos, julgados por maravilhas, só deste faço memoria pera exemplo dos outros. Pediolhe com muitas lagrimas sôr Ana da Assunção, que lhe buscasse remedio pera hum inchaço grande, que tinha no peito, nas chagas do Redentor. Não sei, como está esquecida esta botica do Ceo, mais saudavel que todas, na devação dos fieis! Tomou muitas disciplinas: bezeo o dito inchaço à honra das sinquo Chagas por tempo de 5 dias, os quaes sêdo acabados,

a enferma teve perfeita saude. No tempo da sua morte era tanto o cheiro na sua cela, & cova, que parecia do Ceo. Todos pedião por reliquias as suas pobres alfaias. Mandouse hũa cadea, com que andára cingida, a sua irmã D. Lucrecia, freira de S. Bento do Porto: as outras, & juntamente as contas, por onde sempre rezava, como prendas preciosas ficarão neste mosteiro.

#### CAPITULO XXIV.

*Maravilhas, que os Santos obrãrão neste mosteiro pela devação das freiras, & pelas suas Imagens.*

**I** Como esta santa casa he da protecção de Deos, não só elle, mas também os seus Servos mais validos, que pera lhe darem gof- to lhe espreitão a vontade, aqui tem executado a virtude dos milagres. No coro baixo se guarda hũa Imagem de Christo lançado em o sepulcro, da qual todo o convento espera algum alivio nos seus maiores trabalhos. Andava com huns ardores intensissimos na boca sôr Ilabel dos Serafins, & hũa hora, que se vio mais abrazada,

foi correndo pera este refrigério. Poz a boca no seu santissimo lado, do qual saio certo liquor como agoa, com que logo os fôgos se apagarão.

**2.** Celebração com grande pompa a Kalenda do seu Nascimento santo, & o Senhor poderoso se mostrou tão bem servido de tanta solennidade, que ardendo muita cera por largo tempo no primeiro dia della, não se gastou hũa onça.

**3.** Estava em a Igreja hũa Imagem antiga da Senhora Mãe de Deos, intitulada *da Graça*, & no tẽpo das Claustras, que tinhão porta na grade, pera saitem por ella a concertar os altares, algũas vezes, & noutras ocasiões era sua companheira hũa menina innocente, de muito pouca idade. Esta tomou devação com o Minino Jesu, que a purissima Mãe sustenta em os seus braços. Rezava diãte delle muitas horas de joelhos, & depois de cançada, com a licença que a idade lhe dava, merendava a os pês do seu altar. Hum dia de- cẽo o Minino Deos, assentouse junto della, & mostrava que comia, segũdo testemunhãrão algũas religiosas, que isto virão do coro, & passando pouco tẽpo a convidou o mesino S. Minino pera a meza da Gloria. Por esta ocasião meteo o convento das suas grades adentro ambas as duas Imagens da

Senhora,

Senhora, & Minino, & he notavel a devaçõ, que lhe tem, fomentada cada hora com as suas maravilhas.

3. Numa das pestes passadas, a qual se chamou a grande, pelos annos do Senhor 1569 lavrando esta peçonha assi no corpo da vila, como nos povos vizinhos, tambem entrou no mosteiro com muito maior receio das religiosas sans, do que dano das enfermas. Nesse tempo, quando todas estavão em confusão, chegou hum Romeiro, que trouxe hũa Imagem do glorioso S. Roque, o qual disse às Porteiras. *Toma este Santo, & levaio pela casa, porque a sua presença vos livrará do contagio.* Recollieraõ o presente, que lhes mandava o Ceo: o Romeiro, nunca mais appareceo; & a peste por intercessão do Santo assi fugio do mosteiro, que não tornou a entrar pera ofender as freiras. Pelo que em outra occasião, que hum homem trabalhava em hũa das officinas, sentindose nella ferido do mesmo mal, de que veio a morrer, nem aquellas, que logo lhe acudiraõ com os panos ensopados em vinagre, nem as outras, que lhe mandavão de comer, & recolhião as toalhas, & a louça, foraõ nunca tocadas deste veneno, por estarem emparadas na protecção de S. Roque.

4. He tambem seu Protector o glorioso S. Braz, cuja imagem sagrada instrumento da Potencia divina, no coro onde está, tem obrado em beneficio dellas prodigiosos milagres. Estando hũa morrendo, apertada de hum Cancro, que lhe comia a lingua, lhe levãõ o Santo a o leito, & abraçada com elle lançou hum escarro branco, da feição de lagartixa, & da dureza de pedra, & com isto ficou san. Outras sinquo, que estavão afogadas já em artigo da morte: a primeira, de hũa grave esquinencia: a segunda, com hum bocado de pão: a terceira, & a quarta, com espinhas muito agudas de peixe: a quinta com hum alfenete, que lhe tomou a garganta: todas na sua presença sairão das mãos da morte, em cujas unhas se viaõ. A os seus merecimentos atribuem o grande favor do Ceo de não aver nesta casa atêgora garrotinho. Muitas vezes o mandão pedir da Vila, como Medico famoso, que nella faz grandes curas. As freiras lhe chamão o *Guarda-mór do Convento*, festejando o seu dia com tanta solennidade, que não só a Abadesa, mas tambem a Provisora, & outras Officiaes lhe ofertão no altar do que tem nas officinas.

b Gonz. & Vvadding, cit.

a Gonz. p. 813. Vvadding. c. 1318. n. 46.

5 S. Clara, que na honra do mosteiro era mais interessada, não quiz que da sua parte ficasse diminuida, como mostro estes casos: Estava em cativo na terra de Mouros hū mancebo desta vila; cuja mãe, frequentando a Igreja desta casa importunava a Santa, q̄ por seus merecimentos lhe ouvesse liberdade; & ella lha procurou pelo modo, que se segue. Apareceolle na galé, onde andava forçado; & disse estas palavras: *Degola a esses Mouros, & eu te ajudarei.* No mesmo ponto lhe cairão os grilhões, & como se vio sem elles a todos tirou a vida, que dormião nesse tempo; excepto a o Patraõ. Concorrerão na matança os outros Christãos cativos, confortandoos pessoalmente a Santa até os deixar seguros em o porto de Sevilha. O Cativo se veio a esta casa gratificar a mercê, que ella lhe tinha feito; & oferecêr os ferros, que trazia na galé, os quaes estão por memoria na parede da Igreja, onde tambem se pintou este milagre.

6 Muitas vezes acontecem entrarem os mareantes dando graças a o Ceo pelos livrar de tormentas perigosas por intercessão da Santa, a qual lhes apparecia na mesma figura, em que está no altar. Aqui, na mesma Igreja se virão os seus poderes. Caiu hum servidor de

pedreiros do mais alto do telhado: caio tambem hum armador, do arco mais levantado: gritarão ambos, *acudime, S. Clara*: o primeiro ficou em pé: o segundo, magoado sómente em hūa perna, sendo bastante a queda pera lhes tirar a vida. Donde veio a ser tanta a devoção neste povo, que além de lhe fazer confraria, com procissão geral celebrão a sua festa.

7 Não eraõ muito lembrados os esclarecidos Martyres, que morrerão em Marrocos, mas elles mesmos per si se fizeraõ bem servidos. Ficoulhes afeiçoada quando leo o seu martyrio s̄r Serafina da Cruz, que ainda nesse tẽpo não passava de dez annos, & depois de buscar algũa cera, com que ornasse o coro pera a sua Calenda; foi pedir a Sancristã outras cousas emprestadas. Era cõdo, & ainda dormia: porẽm estava sonhando, que via os cinco Martyres, & elles que lhe dizião. *Levante, & vai logo concertar a estante, & o coro.* Nisto chegou a minima, que a esperitou do sono, & entendẽdo que do Ceo lhe mandavaõ o recado, ambas juntas dispozeraõ com singular perfeição quanto era necessario. Daqui se originou o cuidado, com que hoje se celebra a sua festa, pagando os santos Martyres em ce-

lestiaes favores os gastos da de-  
vação.

8<sup>o</sup> Os dous Espinhos da  
Coroa sacratissima de Christo,  
& parte do S. Lenho, que lo-  
gra este mosteiro entre as suas  
Reliquias, sempre foraõ estima-  
dos como riquissimas prendas  
de seu grande, & admiravel a-  
mor. Quiz porẽm augmentar  
ainda mais sãr Vitoria dos Sã-  
tos a sua veneração, & veio a  
conseguir a licença Apostóli-  
ca, pela qual se reza delles  
cõm seu officio proprio na se-  
gunda festa feira depois da Re-  
surreiçãõ do sobredito Senhor.  
No anno de 1653 se deu ale-  
gre principio a esta solennida-  
dade, que outros mosteiros de  
Portugal, participando da gra-  
ça, receberãõ com aplausos.  
No seguinte mostrou Deos o  
gosto, que d'isso tinha, porque  
sendo na festa Hebdomadaria  
sãr Maria do Sepulcro, a qual  
molestada de trabalhosos acha-  
ques não podia respirar se-  
nãõ com dificuldade, no  
fim da completa co-  
nhecco algu alivio,  
& acabando ma-  
tinhas se achou  
de todo  
sã.



## CAPITULO XXV.

*D'outros casos memoraveis,  
que aqui acontecerão.*

**N**ão nos dizem as me-  
morias deste mostei-  
ro seu tempo, mas  
nelle se virãõ todos pela or-  
dem, que se segue, nesta ultima  
centuria de annos, que come-  
çou no de 1517 com a sua in-  
signe reformaçãõ no estado  
Observante. Fazia mui santa  
vida sãr Briolanja do Espirito  
Santo, & por isso a alumiou o  
Cco numas trevas escurissimas,  
em que a tinha metido o per-  
verso tentador. Começou a va-  
cilar seu fraco entendimento,  
como sãõ todos os nossos, sobre  
a real presença de Christo Sa-  
cramentado. Não ouzava duvi-  
dar em hũa cousa tão certa:  
mas tambem queria achar re-  
zoës, com as quaes se conven-  
cesse. Andando neste trabalho,  
desconsolada, & triste, pedia  
cõm inuitas lagrimas a o Sol  
da luz eterna, que quizesse es-  
pálhar por esta parte seus ra-  
ios; & sendo ouvida d'elle, nu-  
ma manhã, em que estava a  
missa, levantando o sacerdote  
a Hostia, vio nella distintamen-  
te a o Minimo Jesu. Com esta  
visãõ se desfez o nevoeiro, que  
lhe cegava a aluia, & contri-

mada

mada na fé deste divino mysterio permançeo largos annos no santo amor de Deos, no qual podia fundar hũa esperança firme de ver depois cõ seus olhos as verdades infalveis, q̃ manifesta a Gloria.

2 Outra freira, cujo nome hoje está esquecido, desejava grandemente sair-se deste mosteiro com licença dos Prelados pera outro da sua obediencia. Qualificava as rezões o apetite, que nestes casos he pouco justificado, & governandose ella pelo que mais desejava, pedia a Deos (& nisto foi importuna), que lhe desse bõ despacho. Mas como a perição não era encaminhada a o seu santo serviço, cantando no coro hũa lição das matinas, sou hũa voz do Ceo, a qual só ella ouviu, & disse o que se segue. *Entre Pascoa, & Pascoa será a tua mudança.* Foi-lhe tambem revelado, que esta mudança avia de ser por morte, (& muito melhor será morreré no seu mosteiro as freiras, que quizerem se mudar): porem ella, sobressaltada da nova, & pouco considerada respondéo a altas vozes: *Não he isto, Senhor, o que vos tinha pedido.* Mandoulhe a Abadessa por santa obediencia, que declarasse a rezão desta resposta, que foi ouvida de todas, & declarandoa ella, se dispoz pera morrer muito cõforme com

a vontade de Deos, entre as Pascoas da sua Resurreição, & do Pentecoste, como em fim succedéo.

3 Chegou à ultima hora desta miseravel vida s̃r Francisca da Purificação muito rica de preciosas virtudes, & muito alvoroçada por se ver no Ceo com Deos. Tinha porém grande magoa de não poder despedirse de hũa sua amiga, a qual estava enferma em outra casa distante; & o Senhor clementissimo, que se preza de dar gosto a os que o servem bem, não consentio q̃ morresse sem essa consolação. Deu o ultimo arranco, & logo a sua alma, vestida de fermosura, foi visitar a amiga, & levou-lhe tambem novas, que não avia de morrer d'aquella enfermidade. A doente, que não cabia em si, começando a referir este caso, ouvi-raõ tanger o sino, que manifestou a morte de s̃r Francisca, & com isso a verdade da visão.

4 Nas exequias da madre s̃r Leonor da Conceição vio todo este convento hũa novidade grande. Porque no meio do coro, onde estava seu corpo, se poz nelle hum enxame de abelhas, que nunca mais o largaraõ até ficar metido na sepultura. E assi como outro tal enxame, que se recolheo na boca do Doutor S. Ambrosio sendo ainda menino, pronosticou

fua rara eloquencia, tambem ouve presunção, que este testemnhava as virtudes suavissimas desta Serva do Senhor.

5. Outro caso de maior admiração nos oferece agora sôr Filipa de S. João, de quem a chamamos escrito, que depois de enterrada tornou à vida presente, & se veio confessar. Foi isto fóra da lei ordinaria de Deos; que de poder absoluto bem podia dispensar com esta religiosa a sua misericordia, como dispensou com outros. Por intercessão de N. P. Serafico resuscitou hũa molher em Italia pera poder confessar-se d'hũ pecado, o qual ella sendo viva escondêo. Tambem em Ciudad-Rodrigo pelos seus merecimentos tornou a viver hum Bispo, morto já de quatro dias, pera fazer penitencia, & perfeita confissão. Do nosso Rei D. Pedro, & Terceiro Franciscano escreverão as Historias do Reino. *Que sendo partido desta vida por bom espaço, tornou sua alma outra vez à carne pera confessar hum só pecado, sem cuja penitencia não podia receber a bemaventurança da Glorria.* Finalmente no nosso convento de Portalegre veio hum frade defunto a cõfessar-se com outro, em a casa do capitulo. E à vista de tão notaveis exemplos nos devotos, & filhos de S. Francisco, tambem este felicissimo favor se pôde julgar por

certo em hũa religiosa, a qual era sua filha. Mas não nos sirva de exemplo pera nós o imitarmos, porque os favores não se devem, nem se pagão de justiça, & qual he de ordinario o nosso final estado, por elle somos julgados com sentença definitiva, & certa, que nunca mais se revoga. O successo, que referimos, he este.

6. Sôr Filipa de S. João era no sangue da Casa dos Viscondes de Vilanova de Cerveira, & por seus merecimentos não só Vigaira do coro, mas digna de officios maiores. Adoeceo gravemente, & tratando do que convinha à alma, como teve seus pecados escritos em hum papel, pediu confessor particular, por quanto no do convento mostrava, que tinha pejo. Não he esta a occasião, & hora, em que se possaõ difficul-tar confissões, nem confessores. Tardou o que avia pedido, & apressada a morte lhe deu hum assalto grande, destruindolhe a fala, o juizo, & a vida. Estando ja enterrada, chegou o dito Confessor, & as outras, que ficãrão magoadas deste successo tão triste, & muito intimidadas, em o vendo se quizerão cõfessar. Emprazou o pera hũa madrugada a Madre das confissões, a cuja conta está distribuir os lugares, & posto que madrugou, já outra se tinha

Fr. Luc.  
tom. 1.º an.  
128. n. 17.

Fr. Marc.  
p. 2.º. 3.º. c. 50  
Gonz g.  
pag. 1036.

Azuráta  
na Chron.  
d' El Rei D.  
João I. p. 3.  
c. 43.

Memor.  
n. 5. da  
Prov. do  
Algarve.

anticipado. Fez reparo em lhe abrirem a porta, de que ella tinha a chave, em ser a confissão muito larga, & em sair embuçada a penitente com o manto lançado pela cabeça: não fez porém diligencia, porque queria entrar.

7 A freira caminhou pera o coro, onde gastou muito tempo diante de hum altar da Senhora do Rosario. Então a teve de olho hũa criada da casa, por quanto lhe dava ar da sobredita defunta, & vigiandoa sempre, succedeo que o fogo de hurolo se pegou nas cortinas do altar. Com isto se divertio pera apagar o fogo, de que ficou queimada em hũa mão, & saindo a defunta foi andando pera a banda do claustro, & a criada apòz della. Alcançou a ainda no cemiterio: requeréo da parte de Deos, que lhe dissesse quem era: quizse abraçar com ella; & a defunta, afastandoa de si sem dizer hũa palavra, com esta acção lhe fariou a queimadura, & sumindose na sua propria covã, nunca mais appareço. O Confessor, perguntado que sentia de hũa cousa tão publica, respondeo que esta freira se confessara claramente cõ grande dôr de pecados: mas que elle se vira sobressaltado por cuidar, segundo o que lhe disse, que seria pessoa do outro mundo. E deste modo se foi divul-

gando mais a grande misericordia, de que usou o Senhor com esta religiosa.

8 Do purgatorio, que ellas padecem na outra vida, teve tambem avizos este mosteiro, pera que as freiras delle vivessem com mais cautela. Algumas vezes se virão freiras defuntas no coro a o tempo, que rezavaõ o officio divino, as quaes tinhaõ grandes pezos, que pareciao de ferro, lançados sobre os hombros, & quando as vivas se inclinavaõ a o *Gloria Patri*, ou noutras occasiões, ellas, por emendarem as faltas comettidas neste mundo contra as santas ceremonias, caião por terra cõ tanta força, que depois não podião levantar-se senão cõ grande trabalho.

9 Ouve aqui hũa criada da casa, chamada *Helena da Cruz*, mulata no sangue, mas livre por condição, & escrava tão somente do Senhor das nossas almas. Foi rara a sua vida assi pelo exercicio de singulares virtudes, como pelo cabedal, que o Ceo metia em seus favores. Desejou hũa enferma hũ cacho de uvas, não sendo já tempo dellas: mas a sua caridade lho alcançou do Senhor a poder de orações. Era devotissima das almas do Purgatorio, pelas quaes rezava sempre, & grande parte da noite no mesmo claustro, onde jazião as mortas. Muitas vezes a

ouvirão praticar, & responder: de modo, que parecia virem ellas por dispensação de Deos pedir-lhe o seu favor, ou mostrar-lhe como no mesmo lugar estavão em purgatorio. E assim dizia ella quando as via penar. *Minha Madre, ainda vossa mercê anda com esse pezo tão grande, às costas? Ora Deos a ajudará; & ella as ajudava com as suas orações. Foi contada entre ellas pela morte no anno 1592, & então saberia com certeza o muito, que nos importa a lembrança dos defuntos.*

## CAPITULO XXVI.

*Das fundações, & reformatões, que noutras casas fizeram as religiosas desta.*

**L**oreção neste mosteiro entre as outras virtudes hum amor incomparavel da sua Religião, q̄ movéo algũas freiras a estenderem seus termos fundando casas de novo, onde Deos fosse louvado. Hũas dellas procurãrão, & fizeraõ essas mesmas fundações: outras, sendo convidadas, as foraõ executar: outras, vendo ja caído da regular perfeição o que estava fundado, acceitãrão o trabalho de refor-

marem as vidas, repondo as pedras santas em seus proprios lugares:

2 Foi a fundação primeira a do mosteiro de Sant. Ana de Viana no Entre Douro, & Minho, ordenada pela Vila, solicitada porẽm pela Madre D. Margarida de Sousa, a qual cõ duas irmãs, D. Isabel, & D. Brites todas freiras desta casa de raõ principio a essa comunidade. Lançouse a pedra fundamental a os dous do mez de Julho de 1510, & as obras correrão com tanta pressa, que no anno seguinte a 17 d'Agosto se deu posse do mosteiro com algũas condições a estas religiosas. A primeira, que seria da Ordem de S. Clara. A segunda, que estaria sujeito ao nosso Ministro Provincial. A terceira, que a dita D. Margarida seria a Abadessa. Ficando neste estado, ella mesma procurou a união dos dous mosteiros de Valboa, & dos Loyos, ou Leivo, & ambos de freiras Bentas em as ribeiras do Minho. E como as suas rendas se incorporavão neste, dispoz o Summo Pontifice, que nelle se professasse a regra do Patriarca S. Bento. Pelo que as tres irmãs, que foraõ as primeiras Abadessas por toda a sua vida, desejando conservar hũa obra tão insigne, que ellas principiãrão, & dependia agora da sua reformatão, mu-

darão

darão tambem de habito com grande gloria sua, & deste santo mosteiro, o qual criava taes freiras, que podião reformar a outras Religiões. Tudo o mais, que he desta fundação, se contarã a seu tempo.

3 A segunda foi a outra do mosteiro de S. Francisco de Val de Pereiras, junto de Ponte de Lima. Moravão já nessa casa os nossos frades Claustraes, & querendo duas freiras desta de Vila do Conde plantar nella a sua Ordem Serafica da gloriosa S. Clara, impetrarão pera isso hũa bula do Pontifice. Erão irmans em o sangue, hũa das quaes se chamava *sór Guiomar Ferreira*, outra *sór Inez Ferreira*, & dispozeraõ de modo esta sua pretensão, que o Guardiã da casa, sem cujo consentimento não podiaõ entrar nella, livremente lha largou. Tomarão posse cõ outras religiosas, tambem de Vila do Conde, a 27 de Março de 1515, do qual dia por diante, como ainda diremos, sendo convento de frades se fez mosteiro de freiras.

4 No de 1541 fez tambem outra insigne mudança de Terceiras Franciscanas em freiras de S. Clara o muito religioso mosteiro de N. Senhora de Sob. a Serra, na vila da Castanheira. E mandando o nosso Provincial de diferentes mosteiros pessoas de grande nome,

que nella edificassem com sacrificio santo a Religião sagrada, deste foraõ as tres veneraveis madres, *sór Guiomar das Montanhas*, *sór Catherina da Trindade*, & *sór Maria das Neves*. Porém de suas virtudes, na relação da mesma casa, onde jazem sepultadas, daremos depois noticia.

5 Chegou o tempo, em que as freiras Claustraes da Ordem de S. Clara acabãrão de aceitar neste Reino a reformação louvavel da Regular Observancia: as que mais tarde, no principio do anno 1569. E como neste mosteiro estava já radicada com grandissimos exemplos de celestial virtude a mesma reformação, douz dos outros llic foraõ encommendados pera que os instruisse na guarda da sua regra, & ceremonias santas. Hum foi o de S. Clara do Porto, onde entrou hũa colonia grãde inviada desta casa, de nove religiosas illustriſsimas no sangue, & santos procedimentos, cujos nomes erão estes: *Sór Guiomar d' Assunção* no cargo de Abadesa, *sór Isabel da Visitação* nomeada por Vigaira; & por suas companheiras em todos os mais officios *sór Inez de S. Paulo*, *sór Maria de S. Antonio*; *sór Isabel de Iesu*, *sór Maria da Ressurreição*, *sór Francisca de Padua*, *sór Isabel de S. Gabriel*; & *sór Ana de Belém*. Todas ellas,

cap. 22.  
 avendo já cultivado por espaço de tres annos em S. Clara do Porto essa herdade de Deos, se tornáraõ pera este seu primeiro domicilio. De sôr Ana de Belém tenho dado a noticia, que basterá pera credito de sua santa pessoa. A Abadessa sôr Guiomar d'Assunção, duas vezes exercitou nesta casa este proprio officio: mas sendo já calejada nos exercicios santos, no Porto, onde foi Reformadora, (tanto custa arrancar abusos envellecidos) apurou constantemente o valor da paciência. Quando vio, que a morte a buscava, compoz o toucádo, cruzou as mãos, escondendoas no habito, com que estava vestida, pregou os olhos no ceo, & disse aquellas mesmas palavras, com que Christo espirou: *Pater in manus tuas commendo spiritum meum*; as quaes ditas, deu sua alma a Deos. Creceo a cera como achei por noricia, em o seu enterramêto: mas este mesmo favor se conta de muitas religiosas, que aqui descansão em o Senhor.

6 O outro mosteiro he S. Clara d'Amarante, a o qual foi dada por Abadessa sôr Joana da Madre de Deos: por sua coadjutora sôr Joana de Jesu, que era sua sobrinha: por companheira de ambas, hũa molher secular, que estava recolhida nesta casa, & se chamou

*Cisma Pinã*. Esta professou em Amarante, onde deu aré a morte finacs de serua de Deos. As duas Reformadoras, tendo já melhorado o mosteiro não só no espirital, que importa mais que tudo, mas tambem no temporal, cã vieraõ esperar da mão do Ceo o retorno dos grandissimos trabalhos, que lá tinham padecido.

7 Depois disso se fundou o mosteiro de Vinhaes nos côrnios de Bragança, & foi sua Fundadora em companhia de outras duas de Santirém, & Figueirò, aquella serua fiel do Altissimo Senhor sôr Ana de Belém, que já deixo nomeada. Do mosteiro determino escrever quando chegar o seu tempo, por não gastar mais com este de Vila do Conde, do qual me dou agora por despedido.

## CAPITULO XXVII.

*Nomea Conservadores o Papa, que nos defendão em nossas tribulações.*

1  Ançado, porém contrário, de tão larga digressão torno a seguir de novo a estrada ordinaria do tẽpo no mesmo lugar, dõde ella me ritou. Não deixavão aquelles annos antigos de serẽ muito molestos à nossa Ordem, por

1317

quanto os trabalhos eraõ grandes, & os agravos, de quem só em ofender queria mostrar potencia, excedião os limites do respeito, & rezão. Padeciamos os frades, & padecião també as freiras de S. Clara: a todos nos quebrantavão os privilegios, & graças concedidas pelos Vigairos de Christo: a todos nos molestavão com extorções, & injurias, indignas de se fazerem a gēte religiosa. Em particular as freiras eraõ avexadas muito na fazenda, nas rēdas, & nas herdades, q̄ tocavaõ à sua sustetação. E informado, ou magoado de rātas exorbitancias, q̄ eraõ muito gēraes por toda a Christãdade fóra dos Reinos de França, o Papa Joāo XXII a todos nos acudio com a sua protecção.

2 Pera as freiras deste Reino despachou em Avinhão hũa bula, cujo principio era, *Inter opera pietatis*, a 13 do mez d'Abril, de 1317, pela qual nomeou Conservadores, q̄ sempre as emparasẽ. Forão estes o Arcebispo de Braga, & os Bispos d'Evora, & de Viseu, a os quaes pera isso concedeo notavel autoridade, de que elles, se quizerem, ainda podem usar.

3 A os frades, posto que com menos pressa, tambem lhes corroborou quanto pode seu emparo. Por quanto a 20 do dito mez, em que corria o anno

que começa, *Dilectos filios*, por nossos Conservadores o mesmo Arcebispo de Braga cõ os Bispos de Leão, & Moudonhedo, pera que nos defendessem alli naquelle aperto, como sempre pelo tempo adiante. E não contente com isto passou outra, em que deu a mesma conservatoria a o Arcebispo de Compostella, & a os Bispos de Lisboa, & Camora. De maneira, q̄ qual quer destes Prelados, que for por nõs requerido, ainda hoje nos poderá defender, & conservar em nossas imunidades. Pelo que a 11 do mez de Março, anno de Christo 1330, estando em Santarém F. Rodrigo, Custodio de Lisboa, com este mesmo inteto de lhe emparar a sua santa Custodia o escudo Bracarense pedio em publica forma o transunto da dita primeira bula; & o Guardiaõ de S. Francisco de Lamego, nomeado *Fr. Vicente*, correndo 9 de Junho de 1350, o treslado da segunda.

4 No anno assima dito 1319 se acabaraõ tambem hũas graves controversias, que avia em a cidade do Porto entre o Bispo, & Cabido d'hũa parte, & os nossos frades, & Dominiccos da outra. Não queria o Cabido, q̄ elles nos seus convētos enterrasẽ seculares, fũdado em certa cõposição, a qual os mesmos cõvētos tinhaõ feito por se livrarem de suas perseguições.

Fr. Luc.  
hoc an. in  
Regest.  
Arch. de S.  
Clara de Co  
imbra.

Fr. Luc.  
hoc an. in  
Regest.  
Arch. de S.  
Franc. de  
Lisboa, &  
de Lamego.

1319

Defen-

Defendiãose os frades cõ o decreto do Papa Bonifacio VIII, cujo principio he, *Super Cathedralam*, ainda que revogado por Benedicto XI, revalidado depois por Clemente V, que nestes casos nos dava muito grande liberdade. Insistia o Cabido na dita revogação: mas discutida a causa, foi julgada em nosso favor dos frades, conforme a hũa bula do sobredito Pontifice. E elle, que desejava a sua execução, no mesmo dia, a saber 13 do mez de Dezembro, nomeou em outra bula pera seus Executores o Arcebispo de Compostela, o Abade de S. João d'Alpendorada da Ordem do Patriarca S. Bento, & o Chãtre da S. Sè Bracarense. Deuiaõ elles fazer corrente este negocio, por quanto nos dous conventos pera qualquer secular he livre a sepultura; & o contrario, se isso se praticasse, seria tyrannizar a devaço, que nos tem esta inclÿta cidade.

## CAPITULO XXVIII.

*Do que nos aconteceu em hũas guerras do Reino.*

1320 **E**rvia muito por este tempo o sangue no Infante D. Afonso filho herdeiro d'El Rei D. Diniz, com pouco credito seu de se querer levantar contra tao honrado pac. Fundava suas re-

zões (como se fora rezão, desobedecer hum filho a o pac, que o gerou) em hũas suspeitas vãs de que o Rei lhe queria preferir outro filho, mas bastardo, aquelle que nos fundou S. Clara de Vila do Conde, chamado *Afonso Sanches*, em a succesão do Reino. Taes crão os seus privados, que lhe andãvãõ com a cabeça a roda, como os alvières falsos, com que o inquietarãõ. E tenho maior escândalo do Conde D. Pedro, seu filho tambem bastardo, que assi o escotevêo, formando estas palavras a inveja, & paixão de não ser dos mais miniosos, se elle o merecia, segudo manifestou na pressa, & na vontade, com que veio de Castela assistir a o Infante nas suas alterações.

1320 Era Afonso Sanches homem de muita prudência, e de saõs procedimentos, q seu pac sempre soube estimar; & por isso lhe mostrava afeição. Fello seu Mordomo mór, algũas vezes o nomeava tambem entre seus testamenteiros; & outras mercês lhe fez: porẽm, nunca intentou, cõforme lhe assacãvãõ, entregarlle o scetro de Portugal, nem pedir a o Pontifice dispensação pera isso. Antes vendo este testemunho falso, o desincentio claramente com outro tao verdadeiro, como era o do Papa Joã XXII, que entãõ governava a Cadeira de S. Pedro,

Fr. Luc. in Reg. cit.

tit. 7.

3 45003 1

Duarte Nunez na Chron. fol. 122.

e Torre do  
Tonbo L.  
das bul.

Passou-lhe este Pontifice a seus rogos hũa bula, pella qual fez manifesto a os Grandes de Hespanha, & a toda a nobreza, que elle lhe não pedira, nem a seus Antecessores legitimação do dito Afonso Sanches, sobre que eraõ as duvidas. E depois que El Rei a recebeu, pera se justificar, a fez ler publicamente na S. Sè de Lisboa a hum grave auditorio, no qual se achou presente Fr. Domingos d'Evo-ramonte, Guardiã de S. Francisco d'aquella mesma cidade; com outros religiosos.

311 Mas nem assi esfriaraõ os ardores do Infante, que trazia reconcentrado o odio, & desejo de mandar; no alto do coração. Publicou guerras cam-paes contra o dito seu pae, & depois de lhe tomar a cidade de Coimbra a os 30 de Dèzembro de 1321; & Monte mór o velho no principio d'aquelle anno seguinte, logo foi conquistando outras terras, & castelos atè chegar à vila de Guimarães. E posto que este povo lhe rebatéo com valentia a furia, tão apertado se vio dos combates, que lhe dava da parte de S. Domingos, & S. Francisco, onde elle se fez forte contra a nõssa vontade, que El Rei pera segurar a vila de semelhantes perigos, como já temos escrito, fez assolar os dous conventos, & fundallos noutra parte. O mes-

d Conde D.  
Ped. tit. cit.

estanc  
da  
ped. cit.

e p. l. l.  
c. 44.

mo Rei, quando o quiz divertir, se lançou sobre Coimbra, alojandose tambem na casa de S. Francisco, que por seus merecimentos impedio os grandes males, que resultavã da guerra. Acudio a nõssa Rainha santa, & Terceira Franciscana, a quem o Senhor do Ceo deu graça particular pera compor as discórdias. Compoz estas do marido, & do filho: mas o fogo da paixão, que estava escondido no interior do animo, ainda depois lavrou com incendios mais fortes, os quaes por serem alheos, não entraõ nesta historia.

### CAPITULO XXIX.

*Cultivã os nossos frades a India com a prègação da Fè, & com sangue de martyrio.*

**N** Outra guerra mais agradavel a Deos, andavã os nossos frades pelas cãpinas da India, cobatèdo os infernaes esquadrões com as armas Evangelicas. Trabalhavã com ardētissimo zelo em rossar aquellas terras, q não produziã fruto, senã tojos, e espinhas, onde depois de cutsarẽ muitos tēpos, acrecētou as searas esta sagrada Provincia. Neste anno do Nacimēto de Christo 1321 as regaraõ cõ seu sangue,

1321

0281

derra-

derramado pela Fè quatro famoſos obreiros da Familia Seráfica, cujo iluſtre martyrio celebrão muitos Autores. Mas porque não era ainda nõſſo, como foi pelo tempo adiante com a poſſe de hũ conuento, aquelle celebre campo, em que vencerão a morte, brevemente debuxarei hũas ſobras da ſua perfeverança em a confiſſão da Fè, que deixarão aſſombrada nõſſa grande covardia.

2 Erão pelos nomes eſtes glorioſos Martyres *Fr. Tomas de Tolentino*, *Fr. Jacome de Padua*, *Fr. Pedro de Sena*, & *Fr. Demetrio* natural de Tafelicio. E indo comunicar nas terras do Oriente as luzes do Sol divino, chegarão à nõſſa India, que na cidade de Tanã lhes preparou o ocaſo. Prégaraõ conſtantemente a Lei de Jeſu Chriſto contra o falſo Profeta, que veneravaõ os Mouros, ſem as ſuas ameaças, crueldades, & promeſſas poderiam nunca dobrar a fortaleza do animo, que lhes dava o Senhor. Tres horas (depois de os arrastarem) baſtando hum quarto pera ſe aſſarem vivos, os tiverão prezos com as cabeças descubertas à torreira do Sol, o qual era calidiſſimo: refrigerados porẽm com a viração do Ceo, que ſempre os alentou. Duas vezes: hũa, vestido no habito; & outra, deſpido delle, mas untrado com azeite, & man-

teiga pera arder mais depreſſa, entrouõ *Si Fr. Jacome* no meio d' hũa fogueira, que eſquecida do ſeu natural furor, reconhecõ primoroſa a divindade de Chriſto, não ouzando pelo menos chaniſcar hũ cabelo da cabeça do Prégador Apoſtolico.

3 Alterada a Cidade a viſta deſte milagre, & aclamando muitos Mouros por ſanta a nõſſa Lei, acontecõ em a morte deſtes Martyres iluſtrẽs hũa ſemelhança grande da Paixão do Redentor. O Melique, Governador de juſtiça, os dava por innocentes, como Pilatos a Chriſto: o Cadì, ſeu ſacerdote, enfrõnhado na malicia de Anãs, & Caifás, iſtava que os mataſſe; ſenaõ, que faria queixa a os ſeus ſuperiores; & quẽ o ſangue dos Martyres correſſe por ſua conta. Com eſta conſolação, que ſeria muito grande, de ſe verem aſſemelhados a Chriſto, foraõ tres deſpedaçados debaixo de hũa arvore à meia noite, quando rezavaõ matinas, quinta feira antes do dia de Ramos, a 9 do mez d' Abril do anno aſſima dito. No outro, que foi o ſanto *Fr. Pedro*, executou o Tyrano impiedades noraveis, & eſtando cruelmente aconrado, mandou que o enfarcaſſem. Aſſi eſteve dous dias prégando ſempre, cõ o baraço na garganta, a nõſſa ſagrada Lei; arẽ que os Mouros

2 S. Antonio. p. 3. tit. 24. c. 9. §. 13. F. Marc. p. 2. l. 7. c. 35. & Souza. pag. 1213. F. Luc. tom. 3. an. 1221. & in additionib. Fr. Artur 9. April. & 2. li.

envergonhados, por lhe taparem a boca lhe corrão a cabeça em o sabado à tarde. Mas o Senhor clementissimo, que os corou no Ceo com aureolas de Martyres; tambem os honrou na terra, inculcando os por Santos o seu Vigairo Benedicto XII á sombra de muitos, & muiro grandes milagres. A sua festa se faz na quarta feira depois do dia da Pascoa.

4 Nesses tempo prégava por outras partes o S. Fr. Odorico, o qual se foi informar na sobredita cidade deste ditoso martyrio; & tresladou as suas santas reliquias. Peregrinou dezaseis annos entre Persas, Tartaros, & Indios, & por outras muitas terras da Europa, & da Asia, annunciando com ardentissimo zelo a religião Catolica, & confirmando com prodigios as verdades, que prégava. Bautizou vinte mil almas, que converteo pera Deos, & pera si grangeou a opiniã de Santo, com que todos o venerã no Arcebispado de Aquileia. Nos annos, que se seguiraõ atè 1330 ( & não passamos d'aqui por não trazer arrastado o que toca noutros tempos ) tres milsoes de muitos frades, & Bispos da nossa Ordem Serafica fez o Papa Joã XXII pera os Reinos da Persia, India, & dos Malavares. Foraõ por seus companheiros os Padres de S. Domin-

gós, & prouvera às chagas de Jesu Christo, que pera remediar aquellas almas famintas, as quaes estão suspirando que alguem lhes comunique a luz clara do sagrado Evangelho, qualquer de nós quizera oferecerse a esta santa empreza.

### CAPITULO XXX.

De D. Fr. Estevão, Bispo do Porto, de Lisboa, & de Cuenca, Ministro, & Confessor d'El Rei.

**T**resladou se neste anno de Portugal a Castela este Prelado dignissimo, & na sua despedida fazemos delle memoria. Foi gravissimo sujeito na nossa Religião assi por sua nobreza, como tambem pelo rico ornamento de prudencia, de letras, & de virtudes, com que se habilitou pera grandes dignidades, das quaes haõ de dar estreita conta a Deos aquelles, que fazendo se senhores sem o serem da Republica de Christo, dão os cargos a indignos. Deulhe a nossa Provincia, de Sant-Iago nesse tempo, o que lhe podia dar quando os Ministros quasi sempre eraõ de outra nação. Foi Custodio da Custodia de Lisboa, em que tinha professado: mas

não

Fr. Artur  
1290, p. 14.

F. Luc. 20.  
1328, p. 29.  
1329, n. 11.  
1330, p. 11.

1322

naõ era Comissario Gèral, como já se escreveu, senaõ Prelado ordinario de certa parte da Prouincia, sujeito a o Ministro, na forma que temos dito, & adjante diremos.

2<sup>a</sup> Naõ quiz ElRei D. Dinnyz, que talento tão lustroso faltasse no seu governo, pelo que o occupou em despachar, & julgar os negocios mais graves, como hum dos Ministros ordinarios da sua Corte, & Casa. Por elle, & pelo Bispo do Porto mandou passat provisãõ, declarando por izento o povo de Salvaterra do pedido, que se fazia pera a sua jornada a o Reino de Aragaõ. A elle em companhia do Arcebispo de Braga, Deão da mesma Igreja, & Pedro Esteves Muniz fez juiz sobre os procedimentos de Aparicio Gonçalvez na devalsa, que lhe mandára tirar em as Honras deste Reino. Tambem o deu por juiz com o Bispo de Coimbra D. Estevão numa causa de importancia, que o mosteiro d'Entrambos os rios trazia com a Coroa, a qual julgou contra ella; & vindo a concertarse, elle mesmo por nomeação d'ElRei com o Chantre da Sê d'Evora, que era João Martins, confirmou por sentença o concerto. Demais distos foi juiz em companhia do Arcebispo de Braga na demanda, que trazia com ElRei acerca

d'algũas vilas do Reino D. Vasco Fernandes Mestre da Ordẽ do Templo; & nem pot elle ser tão valido do Rei deixaraõ de consentir em seu juizo as partes. Em todos estes papeis, & em outros semelhantes he chamado *Custodio dos Frades Menores*, pera que naõ se divide ser elle frade da nossa Religiaõ.

3<sup>a</sup> Vendo ElRei sua inteireza grande, & conhecida prudencia entregoulha sua alma, & fello seu Confessor. De mais disto negociou com o Papa Clemente V, que o provesse em o Bispado do Porto, o qual lhe passou as letras; *Regimini universalis Ecclesie*; a 11 de Fevereiro de 1310. Tres cousas notamos nellas, que importaõ a historia. A primeira, nomeallo por frade da nossa Ordem Seráfica, *ad se Ordinem Fratrum Minorum professum*, & por Confessor d'ElRei, *cuius Confessor existis*, como na verdade era. E por este o reconhecem tambem os nossos Annaes da Ordem, o Catalogo dos Bispos do Porto, a Historia da Igreja de Lisboa, & Monarchia Lusitana. Pelo que naõ sei, que pena se atreva a dizer contra tantas evidencias, que foi professo, & Conego do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Em estado de frade o achou este Bispado, & depois a que proposito se avia de fazer Conego sem pre-

benda,

d Hist. Ecl. de Lisb. p. 2. c. 24. o. 1.

e p. 1. prelud. 4. o. 4. & l. 1. c. 43. e l. 9. c. 1.

d Torre do Tombo l. 2.

e Monarch. Lusit. p. 5. l. 16. c. 70.

f Arch. do mesmo most. & pt. l. 1. c. 23.

g Torre do Tombo l. 5. d'ElRei D. Dinnyz fol. 103.

h F. Luc. 18. 3. ano. 1310. n. 13. & 10 Regest.

idem cit. loco. p. 4. c. 19. cap. cit.

n p. 5. l. 16. c. 29. & 70.

benda, fóra de Sé Cathedral? Se a caso lhe déraõ o priorado d'aquelle Real mosteiro, esse costumava dar-se a Bispos, & a Clerigos, que melhoravão de renda, & isso mesmo podia acontecer neste Bispo Franciscano.

4. O segundo, que notou nas ditas bulas, he o grave testemunho de sua honestidade, zelo da Religião, limpeza da vida, muitas letras cõ hũa grande prudencia, & particular industria no governo espiritual, & temporal; que deu delle o mesmo Rei a o Papa, como diz nestas palavras: *Attendentes ad laudabilia testimonia, quæ tibi de religionis zelo &c. charissimus in Christo filius noster Dionysius Rex Portugalia illustris nobis perhibuit per suos nuncios, & literas speciales.* O terceiro, que com esta informação tão honrada lhe pedio, & grangeou o Bispado, segundo logo se segue: *Pro sui promotione ad eandem Portugalsensem Ecclesiam nobis humiliter supplicando.*

5. De suas acções neste Bispado do Porto nos deu algũa noticia o sobredito Catalogo, escrevendo que fez nelle muitas obras virtuosas, & santas. E por tal podemos canonizar a união do mosteiro de Camedo à dignidade do Deão da sua propria Sê; devendo estar lembrado das grandes perseguições, que outro Deão nos fez quando naquella cidade

principiamos convento. Mas também, seria muito injusto aborrecer o officio por respeito da pessoa, & ainda que elle fóra o mesmo perseguidor, acção era generosa, & christã fazer-lhe grandes favores em retorno de agravos.

6. Sucedèõ, que o sobredito Papa no Concilio Vienense, que se começou no anno 1311, na segunda sessãõ delle a 11 do mez d'Abril de 1312 extinguiu a os Templarios, applicando suas rendas a os Maltezes, chamados naquelle tempo da *Ordem do Hospital*: El Rei porèm resistia a esta applicação por muitas rezões, que dava; & este parece ser o negocio mais grave, que elle encarregou a o Bispo, o qual nesta conjunção partio do Porto pera a Corte do Papa. Lá se soube negociar de maneira, com a confiança grande de tantos merecimentos, que tornou a Portugal feito Bispo de Lisboa pelo mesmo S. Padre Clemente V, & seu sobrinho D. Fernando Ramires provido em a cadeira do Porto. Foi dada a sua bula, cujo principio era, *Ecclesiarum utilitati*, a os 8 de Oitubro, no anno também 8 do seu pontificado, o qual começando a contar-se de 12 de Novembro, 1305, em que recebeu as Pontificas insignias, no tempo da data della cursava o anno do nascimento de

Christo,

Christo 1313; & neste proprio anno poem a sua promoçãõ o nosso P. Fr. Lucas.

7 Mas nem por isso deixou de sollicitar o que ElRei pretendia sobre os bens dos Templarios, dos quaes o Summo Pontifice o fez Administrador em quanto corria a força desta demanda. Entretanto, por ser homem de muito alto juizo, aconselhou a ElRei, que instituísse a Ordem dos Cavaleiros de Christo, a qual poderia succeder nos ditos bens a do Templo; & com o Papa agenciou sortemente, que elle a confirmasse, como depois confirmou no anno 1319 a os 14 de Março. Pelo que a seus conselhos, intercessão, & industria se attribue justamente parte notavel da gloria, que redéo a Portugal a fundação desta Ordem. De seu governo em Lisboa se achão muitas memorias, entre as quaes notei estas, que tocão à nossa Ordem. Em 31 d'Agosto de 1316 mandou passar alguns treslados autênticos de papéis mui importantes à conservação do Real mosteiro de S. Clara de Coimbra. No anno seguinte a os 10 de Fevereiro declarou por provisaõ, como Maria Afonso, Menoreta de Santarem comprara o testamêto de Pero Pires, de que foi testameiteira.

8 Curfando o seu gover-

no com favoravel fortuna, lhe sairão outros fados, os quaes o escurecerão na opiniãõ dos emulos. Começou esta desgraça nas desavenças entre o Rei, & Infante, que já tenho relatado, por quanto cada hum delles se temia, ou duvidava da afeiçãõ dos vassallos. E nisto aconteceu, que dous sobrinhos do Bispo, no anno 1319 matarão publicamente a hum Cavaleiro nobre, cuja morte sentio ElRei de maneira, que sem se lhe dar do tio, nem d'outros intercessores, os fez logo justicar. O Bispo, apaixonado de não lhe poder valet nem privaçã, nem amor, com que o servira sempre; se passou a Avinhãõ, onde o Summo Pontifice residia nesse tempo; & com a sua ausencia ficou o campo mais livre a quem lhe quiz fazer guerra.

9 Queixou se d'elle o Rei diante do mesmo Papa, & se a sua paixãõ não o alterara tanto sendo elle tão prudente, ou vera de entender, que não lhe estava bem desacreditar agora a quem com grandes louvores tinha abonado tanto, como já deixo escrito. E mais quando das culpas, que lhe impoz, elle dava inteira satisfacão, romando por testemunha a Rainha S. Isabel, de que nunca aprovára; antes estranhara sempre os desconcertos, que fazia o Infante. O dizer, que comprara

o. 17.

Catal. cit.  
Hist. cit. c.  
84. & 85.

9 Arch.  
destes most.  
teiros.

cap. 85.



## CAPITULO XXXI.

Da morte d'ElRei D. Di-  
niz, & das mercès, que  
nos fez.

1  Cabou a vida, & o  
reinado este genero-  
so Principe na vila  
de Santarém, sete do mez de Ja-  
neiro, anno do Nascimento de  
Christo 1325. Seu corpo foi  
sepultado no mosteiro de Odi-  
velas, que elle edificara, & no  
Reino lhe succedeo aquelle pro-  
prio filho, chamado D. Afonso  
IV, com quem d'antes foraõ su-  
as desavenças. Teve insignes  
Chronistas, que exornaraõ o  
tempo do seu governo, pelo  
que da nossa penna não depẽ-  
de sua gloria, & só faremos sum-  
mario das mercès, que recebe-  
mos, pois somos agradecidos.

2 Muita parte na sua feli-  
cidade teve a nossa Familia, por  
que a origem della foi a boa  
companheira, que lhe affinou o  
Ceo, S. Isabel Rainha, & sua  
mulher, Terceira de S. Francis-  
co. Ella mesma, que sempre o  
inclinou a o amor da virtude,  
lhe persuadio tambem a deva-  
ção venturosa do nosso Bispo  
S. Luiz, que o livrou no meio  
do seu reinado dos dentes de  
hum Ufso, conforme \*deixo es-  
crito.

3 Por estas occasiões favo-  
recço grandemente as pessoas,  
& conventos da nossa Religiaõ.

A Fr. Afonso Rodrigues (mas  
porẽm era seu tio), a o dito F.  
Esteuaõ, primeiro que fosse Bis-  
po, & a outros muitos frades  
trazia em sua casa, & no servi-  
ço do Reino, ocupando seu ta-  
lento em negocios gravissimos,  
& nos maiores despachos. To-  
mou por seu Confessor a o mes-  
mo Fr. Esteuaõ, & depois pelo  
hourar, lhe alcançou do Ponti-  
fice a Prelazia do Porto. Antes  
delle teve outro Confessor, tã-  
bem do nosso Estado, que se  
chamou Fr. Miguel, do qual fa-  
zia taõ grande estimação, como  
notci noutra parte, que orde-  
nando o primeiro testamento,  
com o codicillo delle, o nome-  
ou entre seus Testamenteiros,  
& entre os Conselheiros da Ra-  
inha S. Isabel em o governo do  
Reino. No dettadeiro, que fez  
a 31 de Dezembro de 1324,  
cometẽo tambem a sua exe-  
cução pelas palavras seguintes,  
a Fr. Vasco meu Confessor, do qual  
não falta quem diga, que foi  
frade da nossa Religiaõ. E bem  
poderia ser o F. Vasco, que no  
anno 1330 era nosso Ministro  
Provincial: ou Fr. Vasco Soa-  
res, do qual fala o Conde D.  
Pedro, illustrissimo no sangue:  
ou outro do mesmo nome; por  
que muitos, merecedores do  
cargo, se achavão entre nós.

L. cit. c. 22.

L. cit. c. 22.

Arch. de  
S. Clara de  
Coimbra.

L. g. c. 1.

L. tit. 26.

1325

L. 7. c. 24.

Mas porque nem El Rei o declarou, nem atégora nos consta por escrituras, melhor nos he duvidar, do que dizeré de nós, que furtamos o alheo sem isso ser necessario.

4 Quando levantou a Universidade, q̄ florece neste Reino com grande honra das letras, & nos nossos conventos de Lisboa, & Coimbra assentou liua lição da santa Theologia. Todos os outros conventos estão cheos de sua Real grandeza. Acabou nos as Igrejas, que começãrão seus paes em Alanguer, & Portalegre: fez obras no de Bragança: ajudou as de Guimarães, & Beja, onde tambem fabricou capela a S. Luiz. Tendo promulgado lei de que as Religiões não entrassem em heranças<sup>b</sup>, da nossa fez exceção, quando o herdar lhe estava permitido por dispensação dos Papas, o que agora não he, com tanto que as vendesse a pessoas seculares. E com esta piedade concedeo a os mosteiros da Ordem de S. Clara, em particular a Coimbra, & Vila do Conde, que podessem ganhar bens de raiz, & succeder nas sobreditas heranças. A ambos expressamente, como tambem a os outros de Santarém, & d'Entrambos os rios, recolhèo na protecção do seu escudo Real. Deu licença a sua meia irmã D. Leonor Afonso,

noviça em Santarém, pera poder nomear nesse mosteiro toda a sua fazenda. Confirmou a Vila do Conde as doações de seu filho Afonso Sanches, Fundador da mesma casa, sobre o que lhe dotou duas Igrejas rendosas. Fez julgar a Entrambos os rios hũas terras, & herdades, que seu pae lhe avia usurpado com pretexto de dizer que tudo isto era da sua Coroa.

5 Com estas mercês, & outras nos foi sempre alentando pelo discurso da vida, & nas horas, em q̄ a luz do Senhor lhe propunha mais claramete a morte, tãbè o nosso remedio se lhe fazia presente. Quatro testamentos fez, se hũ não he codicillo como já tenho notado, & nos tres, em q̄ estão as disposições da alma, por todas as nossas casas de frades, & freiras, q̄ avia no seu Reino, distribuiu de seus bens. A S. Clara de Santarém, por ser obra de seu pae, aventajou nos legados. As outras Religiões pela parte, q̄ lhes coube, pôdè dizer cõ a nossa, q̄ foi este hũ dos Principes grãdiosos, & magnificos, que teve o Universo.

#### CAPITULO XXXII.

*De alguns Varões illustres, que ouve por estes tempos na nossa Religião.*



Juntamos aqui todos neste catalogo breve, quando seu no-

1325

Arch. de S. Clara de Coimbra.

me

g p. t. 1. 2. c.  
11. n. 4. & c.  
30. n. 3.

b Monach.  
Lust. p. 1. l.  
17. c. 8.

me estava mais celebrado, ainda que noutros annos fosse tambem conhecido. E o maior testemunho em sua abonação he a conta, em que os tinham os Principes, & os Senhores do Reino, em particular S. Isabel Rainha, que ilustrada do Ceo conhecia os talentos, & os melhores espiritos.

2. Fr. João de Alcanim nação num lugar pequeno, que tinha o mesmo nome, nos confins do bispado de Coimbra, o qual agora se acha na diecese de Leiria: mas foi homem tão insigne na virtude, & prudencia, que a mesma bemitissima Rainha se confessava com elle, & lhe pedia conselho. Feza Santa por morte de seu marido aquella acção notavel de se vestir em o habito da Ordem de S. Clara, & descejo mostrar como nisto fora bem aconselhada, declarou que o tinha praticado com El Rei seu filho, & com F. João de Alcanim da Ordẽ de S. Francisco, Algũ tẽpo adiante o achamos Guardião no convento de Lisboa.

3. Pelos annos de 1282 começaraõ as memorias, que agora se acabão, do P. Fr. Abril Pires. Foi Guardião de Coimbra, Vigairo do Custodio daquella mesma comarca, Visitador dos mosteiros das freiras de S. Clara, o qual officio era diferente dos Ministros; & quando no primeiro da sobredita ci-

dade se lançaõ as pedras fundamentaes, tambem esteve presente, por ser aqui Guardião. El Rei D. Dinyz, que o estimava muito, o trouxe em seu serviço, & na sua companhia o teve em a cidade da Guarda, onde no anno de Christo, 1295, foi testemunha por esta occasião do testamento, que fez D. Martin Anes, marido de D. Betaça. Ella, que depois queria justificar-se nas partilhas da herança, a sua vista as fez, entendendo que com isso ficava acreditada. Por morte do dito Rei o recolheo em sua casa a Rainha S. Isabel, onde acabou seus dias em o serviço de Deos.

4. De tres juntos nos deu alguma noticia esta inclyta Princeza no segundo testamento, que escreveo em Coimbra, anno 1327, pelas palavras seguintes: *Fago meus testamentarios* Fr. Francisco de Evora, & Fr. Salvado, que anda em casa d'El Rei, & Fr. Asonso Viegas. Mas eraõ elles de tanta autoridade, que ficando nomeados o Rei seu filho, a Rainha, & Infantes na mesma execução, entre gente tão illustre lhes cabia o lugar. A Fr. Francisco de Evora tinha tomado por testemunha a dita S. Rainha no primeiro testamento de 1314, & D. Joana Gonçalves Redondo, de quem já demos noticia, quando escreveo o seu, lhe deixou hũa

1327

L. 6. c. 23.

notavel esmola por ser pessoa tão grave. Fr. Salvado, que andava em casa d'ElRei, era dos *Frades d'ElRei*, como eraõ os seus *Clerigos*, & seus Desembargadores, a que os Reis occupavão nos despachos, & negocios mais importantes do Reino. Foi Confessor da mesma S. Rainha, & Bispo de muita satisfação, como ainda direi, na cidade de Lamego. De Fr. Afonso Viegas correm as suas memorias (que tão memoravel he) do anno 1318 até 1338. Foi Guardiaõ de Coimbra, & do Porto: refremunha em testamentos, & delles Executor, nomeado por muito grandes pessoas, qual era a dita Rainha Santa, D. Betaça, & outras. A mesma S. Rainha o fez seu Procurador nalgũas occasiões; & esta D. Betaça nas disposições de sua vontade ultima, entre as quaes lhe deu parte, lhe pedia, & seguia seu conselho.

5. Tinha tambem neste tempo grande nome o P. Fr. João Paes, cuja virtude, mais clara com a nobreza do sangue, nos inculca o Conde D. Pedro, dizendo estas palavras: *Foi frade Meor, muy bom homem, & de muy boa vida.* Era leitor da S. Theologia, d'aquelles que acreditão com as letras a cadeira, & não fazem com prejuizo comum interesse do officio. Por todas estas razões de fidalgo, letrado, &

virtuoso, que importa mais que tudo, mereceo, que a dita hemditissima Rainha o elegesse para ser seu Confessor, o qual officio exercitou alguns annos, sem as queixas ordinarias dos que confessão os Principes. E depois de sua morte, sendo elle Visitador nesses dias das freiras de S. Clara, alcançou a consolação notavel de quem pelas confissões deseja encaminhar os penitentes a Deos, em justificar com o dito Fr. Salvado, que já então era Bispo, os milagres da dita S. Rainha.

## CAPITULO XXXIII.

*Relação dos dous conventos de S. Francisco de Tavira, & Loulé.*

**L** Oraõ estas duas casas as primeiras, que no Reino do Algarve teve a nossa Familia, por em as suas idades, fundações, & casos particulares (tãto dano nos tem feito o defeuido dos passados) tudo està esquecido. Nenhũ dos nossos Autores, nẽ ainda o Pisano, q̃ escrevẽo pelos annos 1385, & cõtou os cõventos Portuguezes, nos falou no de Loulé: nenhũ tambem pôde aleçar principio a o outro de Tavira. Nós a ambos descobrimos antiguidade maior do que alguns

c. p. r. l. 2. c.  
10. 2. 3.

dl. 9. c. 38.

762

ut. 38.

1328

Gonzag.  
pag. 1011.Confor.  
mit. 11.

alguns suspeitavão : mas nê por  
 isso he toda, a que elles possui-  
 raõ. He certo, que não estavaõ  
 fundados no anno 1272, e quã-  
 do a nossa Custodia, chamada  
*de Portugal*, se partio nas outras  
 duas; de Coimbra, & Lisboa,  
 por quanto não se nomeão na  
 repartição das casas, que cada  
 hũa levava; que se então os  
 ouvera, não avião de esquecer.  
 Quando depois em o anno  
 1330, da de Lisboa se separou  
 a de Evora, como direi brevê-  
 mente, a esta ultima foraõ apli-  
 cados ambos, porque estavaõ  
 fundados. De modo, que no dis-  
 curso do tempo, que passou en-  
 tre hũa, & a outra separaçãõ das  
 Custodias, tiverãõ o seu princi-  
 pio. Do anno certo não me cõs-  
 ta ategora, & pela mesma rezãõ  
 neste proximo a memoria pri-  
 meira; que delles se oferece,  
 dou esta sua noticia.

12. O convento de Tavira  
 teve ditoso assento na cidade  
 deste nome, a qual com sua gra-  
 deza de edificios nobres, fer-  
 tilidade da terra, & abundan-  
 cia do mar o pôde ennobrecer.  
 Está fóra dos seus muros, vizi-  
 nho porém a elles. De crer he,  
 que a devaçãõ do povo meteo  
 mão na sua fabrica, mas tambem  
 o Real braço fez nella ostenta-  
 çãõ, porque na capela mór  
 em os fechos da abodada se vê  
 as Quinas do Reino, acompa-  
 nhadas da Esfera, diviza parti-

cular d'El Rei D. Manoel. Pas-  
 sou diversas fortunas, quaes o  
 tempo traz consigo, nũqua po-  
 rêm se arriscou o seu credito.  
 Nelle quizeraõ matar os sequa-  
 zes atrevidos do Mestre de Sãt-  
 Iago a o Bispo de Sylves D. Fr.  
 Alvaro Paes, por defender com  
 valor os fóros, & liberdades da  
 sua santa Igreja. Nelle tambem  
 fez o seu alojamento a quelle  
 Rei de Castela, D. Afonso o  
 XI, que fazendo muito mal fun-  
 dada guerra a o nosso, o IV do  
 mesmo nome, lhe quiz tomar  
 esta cidade. Porém os mereci-  
 mentos de N. P. Serafico não  
 quizeraõ consentir o malvado  
 homicidio do Bispo, pela pro-  
 fissaõ seu filho; nem sofreraõ,  
 que da casa dos seus frades se  
 arrancaße o cutelo, degolador  
 da cidade, a qual com tanto a-  
 mor os estava sustentando. Es-  
 capou o S. Bispo do arremego  
 sacrilego, & o Rei Castelhano,  
 sem romper pelos seus muros,  
 se recolheo a Castela.

3. Deu este santo convêto  
 pelloas muito notavéis a nossa  
 Religiãõ, entre as quaes tem  
 nome esclarecido o P. Fr. Gil  
 Lobo, que chamavão *de Tavira*,  
 Capelão do Papa, Confessor  
 d'El Rei D. Duarte, Pregador,  
 & Theologo insigne, como ain-  
 da diremos. Mas vindo a desca-  
 ir pelo governo Claustral na  
 grãde necessidade de sua refor-  
 maçãõ na Regular Observãcia,

ch. d. d. A  
 p. 1. 1. 1.  
 c. 45.

o Dñate Nu  
 nes na Chr.  
 d'El Rei D.  
 Afonso IV  
 fol. 131.

c. p. 1. 1. 1.  
 c. 45.

d. 1. 9. 5. 1.

cb. 1. 1. 1.  
 d. 1. 9. 5. 1.  
 fol. 131.

ch. d. d. A  
 p. 1. 1. 1.  
 c. 45.

o Dñate Nu  
 nes na Chr.  
 d'El Rei D.  
 Afonso IV  
 fol. 131.

Arch. de  
S. Franc. &  
da Esperanç.  
de Lisboa.

que nós professamos hoje, pera ella se fazer, passou breve Leão X no anno 1517, a 15 do mez de Junho, cometendo a reforma a o nosso Ministro Provincial. E El Rei D. Manoel, que a desejava muito, por ser convento tão grave, em os dous dias de Outubro mandou ás suas Justiças, que lhe assistissem sempre, quando assi importasse, com o braço secular. O Ministro subdelegou esta causa em Fr. Pedro de Coimbra, a o qual resistia no principio o Guardião *Mestre Pedro*: temêdo porerem a força, que Rui Pires Corregedor da comarca, lhe avia de fazer, com algúas apelações, & protestos, que nunca aproveitárao, muito contra sua vôtade fez entrega do convento.

4. Nacéo o dito Fr. Pedro na cidade de Coimbra, & criado por esta santa Provincia, chamada *de Portugal*, no amor puro de Deos, saio Varao Apostolico, humilde por excelencia, & muito caritativo. Destas suas maravilhosas virtudes derao fé alguns Autores, posto que em outros pontos necessitao de emenda. Huns dizem, que elle edificou, *erexit*, & levantou o convêto: outros <sup>b</sup>, q querendo reformarse com alguns do seu espirito no rigor dos Observantes, aqui o executou. E tudo isto he falso, por quanto ja o convêto de muitos annos estava

edificado, como avemos escripto; & elle no seu estado professava a Regular Observancia, q veio aqui plantar. Pelo q despididos os Claustres pera os outros conventos; só cõ frades Observantes fundou a comunidade. Sendo depois levantada a Provincia do Algarve, ficou cõ este convento em rezão de estar no seu distrito.

5. Do convêto de Loulé não achei outra noticia, senão a q tenho dito, & outra d'El Rei D. Alfonso V, q no anno de 1451 lhe cõsignou quatroçêtos reis brãcos de esmola ordenada. E cõ isto he notorio, como foi antiga mête da Ordẽ de S. Francisco, & desta S. Provincia. Veste agora o santo habito preto de Eremitas Agostinhos pela rezão, q diremos. Queriao os nossos Padres da Regular Observancia reformar, ou extinguir os Claustres, tomãdo as suas casas, pera o q impetrãdo muitos breves dos Põtifices. Algũs delles vierão encomẽdados em sua execuçaõ a o Infãte D. Hérique antes de ser Cardeal, sêdo Arcebispo d'Evora. Era esta comissão pera transformar sãmere de Claustres em Observãres as casas da nossa Ordẽ, mas conservandoas nella, sem as mudar pera outra. O Infãte, excedendo o poder, deu esta a os Padres Agostinhos, & por ventura seria, por que elles se reformavão tambẽ,

Chroool.  
Mooast. Lu.  
lit. 1, 2.

Gonz. cit.  
F. Luc. tom.  
4. an. 1394.  
o. 3.

Torre do  
Tombo 1.  
dos Mist.  
fol. 175.

& não

& não tinhaõ nesse tempo tantos conventos, como agora nos dizem, que noutros tempos tiveraõ. E informado desta mudança por queixa dos sobreditos Claustraes o Papa Paulo III lhe revogou a comissão em. hũ  
 breve, que começa *Inter fideles quoslibet*, dado em Roma a 12 do mez de Oitubro de 1543.

6º Pelo que não tem rezão o' Autor da sua Chronica destes Padres Eremitas pera nos persuadir, que no anno 1580, sendo já Rei o Infante Ihes. cõsignou o convento. De mais que, segundo me tenho escrito nalgũas ocasiões, no anno 1568 se acabaraõ de reformar os Claustraes, & este seu domi-

cilio não podia estar vago até 1580, no qual diz, que se deu à sua Ordem. Nem tambem o dito Rei nesse tempo teria muito lugar pera poder entèder com semelhantes mudanças de Ordens, & de conventos, porque passou desta vida em o ultimo de Janeiro, lidando só nesses dias com a força da doença, enfiados da sua muita velhice, & grandissimos cuidados de quem pela sua morte sucederia no Reino. Da fundação desta casa, & do que nella passou pouca noticia ha, & pelo mesmo respeito mais leves nos ficão as laudas, q' podiamos ter della.

Arch. de  
S. Clara de  
Coimbra,

p. 1. 1. 5.  
tit. 7. 5. 5.

m. p. 1. 1. 1.  
c. 4. & 5. 1. &  
l. 4. c. 10. 16.  
18.

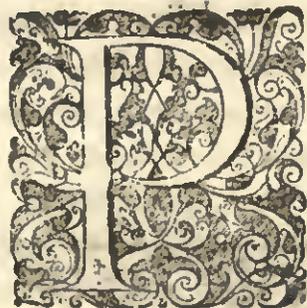


LIVRO NONO  
D A  
HISTORIA  
SERAFICA  
DOS FRADES MENORES NA  
PROVINCIA DE PORTUGAL

## CAPITULO I.

*Dividese a Custodia de Evo-  
ra da que era de Lisboa.*

1330



Erseve-  
rou nes-  
te Rei-  
no a nos-  
sa Reli-  
gião até  
o anno  
de Chris-  
to 1330, dividida tão sómente  
nas Custodias de Coimbra, &  
Lisboa, no distrito da Provin-  
cia, chamada de *Sant-Iago*. Cada  
hũa se governava per si, & fazia  
seus capitulos: não, pera as e-  
leições, porque essas pertenciaõ  
à Provincia: mas, pera disposi-  
ção, & acertos do governo. A  
de Lisboa sentia trabalho nel-  
le, & muitas dificuldades, por  
quanto se dilatava por toda a  
Estremadura, Alem-Tejo, &

Algarve: de Leiria até Tavira.  
De mais disto, entre as duas na-  
ções d'Aquem, & Alem-Tejo  
não avia muita paz, criando  
nelles a diferença das patrias  
outra diferença grande no amor,  
& nas vontades. Pelo que os  
que crão d'Aquem-Tejo, dese-  
josos de se conservarem todos  
em boa correspondencia, pe-  
dirão separação no capitulo do  
anno 1329, que se fez em Pon-  
te Vedra: mas ainda que ella se  
decretou, não teve execução  
senão no outro capitulo, cele-  
bradu em Coimbra logo no an-  
no seguinte de 1330, pela festa  
do Bautista.

2. Concorrião pelas casas  
d'Aquem-Tejo na dita Estre-  
madura os seus vogaes, que se  
leguem. O Custodio Fr. Rodri-  
go de Roma, o Guardiã Fr.  
Gonçalo Esteves, o discreto F.  
Rodrigo da Costa: todos tres  
do Convento de Lisboa: Fr.  
Sucito de Tomar, Leitor, Di-

finidor,

Arch. de  
S. Franc. de  
Lisboa.

p. 1. L. 5.  
c. 41.

F. Hiero-  
nym. Ro-  
drig. Refo-  
lut. 49. n. 4.

finidor, & Discreto d'Alâquer: F. Antonio, Discreto, & Guardião de Santarém: & F. Vasco, por alcunha o *Cabreiro*, Discreto de Leiria. Estes todos requererão a o Ministro Fr. Vasco, & a seus Disfinidores, que na fórmula assento tomado em Ponte Vedra instituisse Custodia nas partes de Alem-Tejo, & os separasse della. Assi o diz a patente assinada em capitulo acerca desta materia: *Quam petunt praedicti fratres Discreui Ulxbonensis Custodia circa Tagum.*

3 O Ministro vendo sua petição, informouse se consentião os outros: a saber, F. Martinho, Custodio de Coimbra: F. João Paes, Leitor, & Discreto de S. Francisco do Porto; & os vogaes das casas de Alem-Tejo. E vindo a concordar na mesma separação, foi erecta a Custodia de Evora com todos os privilegios, que tinhaõ as mais Custodias, & nõs tambem divididos viemos a alcançar a amizade, & paz, que unidos não podiamos lograr. As casas se repartirão pela maneira seguinte. A Custodia de Lisboa ficou com quatro conventos, que foraõ, o desta mesma cidade, de Alanquer, Leiria, & Santarém, & com todos os seus termos da outra banda do Tejo. Na de Evora se incorporatão seis: o de Evora, que era sua cabeça: & os outros de Port-

Alegre, & Beja; Estremoz, Lavira, & Loulé. E sendo foi confirmado no Capitulo geral de Perpinhão, vedado se ve da patente, que sobre isso passou a os tres dias de Junho de 1331, o Ministro Geral Fr. Gerardo de Odonis. E he podermos notar, ainda que sem mysterio; que a primeira Custodia, chamada de *Portugal*, sinquoenta, & oito annos depois da nossa Familia ter entrado neste Reino, foi dividida nas duas de Coimbra, & Lisboa; & que, passado outro semelhante tempo, desta de Lisboa se dividio a de Evora.

4 Consta da mesma patente como com esta Custodia instituida de novo, se acabou de encher o numero d'aquellas oito Custodias, que teve a sobredita Provincia de Sant'Iago, quando ella mais dilatada se vio. E com isto se convence o engano, conforme tenho já dito, de quem muitos annos antes escreveu, que tinha todas. Consta mais do Convento de Bragança, que neste tempo estava incorporado em hũa das tres Custodias, que a Provincia tinha em a nação de Leão. As outras eraõ tres em Portugal, & duas lós em Galiza. Tambem se diz, que a casa de Monte-Rei pertencia a sobredita nação. E por quanto nenhuma menção se faz de S. Francisco de Chaves, sendo vizinho de ambos, me-

331

cit. 645.  
n.º

n.º 110.

Parece muito certo, que ainda então não era principiado.

CAPITULO II.

*Dá-se conta da eleição de dois Bispos, de hũa fome notavel, & da caridade, que nella executou a Rainha S. Isabel.*

1331



Eparadas as Custodias de Lisboa, & de Evora, a de Coimbra, que se conservou inteira, teve primeiro a gloria de ver o seu distrito honrado, no anno 1331, pelo Bispo D. Fr. Salva-

1332

do Martins, o qual nelle foi afunto à Cadreira de Lamego. No outro anno seguinte, 1332, se começou a dispor a primeira tiara da Custodia de Evora na pessoa de D. Fr. Alvaro Paes, pelas virtudes & letras, de esclarecido nome. Foi agora promovido a o bispado de Coron no Principado de Achaia, & tresladado depois a o de Sylves em o Reino do Algarve. Mas a noticia d'ambos ainda hoje espera por outra occasião. Florescia neste tempo Fr. Vasco Ribeiro, a quem a S. Rainha, em rezaõ do seu talento, & vida mui exemplar, trazia em sua casa occupado em gravissimos negocios com o titulo de

a Arch. de S. Clara de Coimbra.

Frade da Rainha, como então se usava.

1333

Veio o anno de Christó 1333, em que os Mouros de Africa entraraõ Andaluza, onde fizeraõ notavel destruição em cativeiros, & mortes, & noutras muitas miserias. O Reino de Portugal padecéo outro açoute na fome mais apertada, que os homens tinham visto, nê ouvido até aquella idade. Achamos esta noticia num salteiro da sancristia de S. Cruz de Coimbra, & na Vida manuscripta da Rainha Santa. Chegou a valer na sobredita cidade hum alqueire de milho treze soldos: de sentcio, dezaseis: de trigo, vinte & hum; & o alnude de vinho custava vinte & quatro. No preço desta moeda, que o tempo variava, não podemos determinar cousa certa: mas dos que eraõ de cobre, como devião ser estes, os que eraõ ordinarios, & tinham maior valia, vinte delles montavaõ trinta, & seis reis da nossa moeda, que hoje está corrente; & vinte & hum pelo alqueire de trigo não chegavaõ bem a trinta & oito reis. Mas este preço, no nosso tempo taõ baixo, no antigo era mui exorbitante a respeito da sua grande barateza. Porque ainda depois, muitos annos adiante, no de 1461, o mesmo alqueire de trigo não passava de dez reis. Consta d'hũa provisãõ

b Hist. Ecl. de Lisb. p. 2 c. 21. 2. 21.

d'El.

d'ElRei D. Afonso V, dada no outro seguinte, a os 10 dias de Março na vila de Santarém, pela qual rematou contas da diuida, em que a Casa Real estava a D. João de Castro, chamado Tagarote, ordenando, que lhe fossem descontados quinze mil reis por vinte, & sinquo moios de trigo, a rezão de dez reis pelo alqueire, os quaes elle no anno d'antes avia já recebido. E no de 1471 a os 14 d'Abriíl declarou em testamento Rui Lopes, morador no Louçal, que lhe devia certa pessoa dez reis por hum arratel de cera.

3 Desta carestia, & falta de mantimentos resultou tão grande fome, que os homens, molheres, & mininos, como brutos, pastavão erva no campo, comendo tambem a carne, & imundicias muitas dos mais torpes animaes, se as podião aver. Morrião tantos nas casas, & pelas ruas, que quatro, & seis os lança vão numa cova, & cheas já as Igrejas, & os adros, fóra delles lhes davão lastimosa sepultura. Tiverão algum remedio na caridade heroica da dita S. Rainha, quantos pobres se

acharaõ na cidade de Coimbra, por quanto em favor delles mandou abrir seus celeiros, & consumio seu tesouro. Os pobres, os miseraveis, & ricos, que tambem agora estavão necessitados: os seculares, a gente religiosa, todos tinham sustentação, & emparo. Era sua casa hũa dispensa dos pobres, onde se lhes dava pão, dinheiro, carne, & todo o necessario. De quantos teve noticia, que morrião neste tempo, a todos dava mortalha, mandava abrir a cova, & pagava a os Clerigos o trabalho de lhes darem sepultura, & celebrarem depois por luas almas officio. Em nada faltou esta piedosa Mãe, nem ainda quando seus officiaes, temendo a melina fome, lhe taxaraõ a largueza, pretendendo limitarhe as esmolas. Mas respondeo como Santa, que podia ser culpada na morte dos que morressen a fome, se ella da sua parte não os ajudasse a sustentar a vida. Estava porem leguita em que Deos não lhe faltaria nunca no que ouvesse mister, pois toda se despendia em sustentar os seus pobres.

Arch. do Mosteiro de Monte-mór o velho,

Arch. de S. Franc. de Leiria,



## Informação do mosteiro de S. Clara de Amarante.

### CAPITULO III.

Noticiamos a vila, a origem do mosteiro, & seus pontos, e edificios.

1333

Monarcin  
Lust. p. 1. l.  
2. c. 11.

Barros nos  
Antig. de  
Entre Dou-  
ro & Minho

Mariana  
de Rebus  
Hisp. l. 16.  
c. 17.

**H** Um dos lugares mais frescos do Entre Douro, & Minho he este de *Amarante*, cuja fundação antiga, trezentos & sinquoenta & nove annos antes do Nascimento de Christo, attribuíraõ alguns a os povos Turdetanos; & acrescentão tambem, que elles mesmos lhe chamaraõ *Ara-duca*, & vinha a ser o mesmo, que *Ara-Ducum*, ou *Alar dos Capiteaes*. Depois com a vinda dos Romanos se alterou este nome, trocado em *Amarenne*, por rezaõ da vizinhança com a serra do *Marão*, que d'ahi a duas legoas vai subindo até encontrar as nuvens: ou por causa d'aquelle Romano nobre, nomeado *Amaranto*, o qual devia ennobrecella, cuja pedra do seu sepulero apparecia em Braga. Ha tradiçaõ de ser hũa das Bechtrias antigas, 'as quaes eraõ Povos livres, que tinhaõ autoridade pera mudar de Senhor, elegendo de novo, ou d'hũa cer-

ta familia, ou donde lhes parcesse. Vai decendo por hum monte esta vila, até chegar a o Tamaga, & atravessando com hũa ponte jusigne, ainda da outra banda estende seus edificios. He conhecido no Reino, & celebrado seu nome, não sómente pela estrada Real, que d'aqui se comunica a muitas terras, & comarcas: mas tambem pela notavel romagem de innumeravel gente, que todo o anno corre a visitar S. Gonçalo, cujo corpo milagroso está nella sepultado.

Ao lado desta vila, onde se acha mais alta, apparece hũ mosteiro da Ordẽ de S. Clara, sem sabermos com certeza neste tempo a sua antiguidade. Dizem, que lhe deu principio D. Mafalda, filha d'El Rei D. Sanchõ I, & Rainha de Castela, quando depois de viuva, sem consumir matrimonio, tornou pera Portugal, & reformou em Aronca o mosteiro das freiras de S. Bernardo. Avia d'antes letreiro, que assi o inculcava pelas palavras seguintes, *Domina Mafalda me fecit*: mas não se achou no sino, onde dizião estar, quando eu o mandei ver; nẽ ainda nas paredes da Igreja,

pag. 812.

na qual o affinava Gonzaga :  
 mas poderia perderse, quando  
 ella se fez maior. Com tudo he  
 tradiçao constantissima da ca-  
 sa, & ha memorias nella de que  
 a dita Rainha lançou a primei-  
 ra pedra, fez a Igreja, & coro,  
 onde tambem assentou quatro,  
 ou sinquo cadeiras. E isto se pô-  
 de crer, pois logo alem da pon-  
 te, já no lugar do Coveló, &  
 Concelho de Gouvea fez hua  
 albergaria pera pobres, a qual  
 está convertida em casa da Au-  
 diencia. Não era porém a fabri-  
 ca pera mosteiro de freiras, por  
 que a esse conuinha campo ma-  
 is largo, & maiores edificios.  
 Seria pera ermida d'algum San-  
 to de sua devaçao, ou pera re-  
 colhimento (& isto he o mais  
 certo) de mulheres virtuosas.

3 Era então, & foi depois  
 muitos seculos tão limitada a  
 casa, que toda a cerca junta ef-  
 caçamente bastava pera se fazer  
 hum claustro, que não se fez até  
 hoje. Agora se estendeo pelas  
 terras d'hua vinha, (tapando o  
 caminho publico, que d'antes  
 as dividia. A Igreja, hua vez a-  
 crecentada, nem assi era capaz  
 de se recollir a gente, que vi-  
 nha nas proçissoes: pelo que a  
 20 do mez d'Agosto de 1610  
 deu a Camara licença pera  
 mais se dilatar. Nas oficinas, &  
 apoentos de casa, como tam-  
 bem na pobreza, a qual tem a-  
 diante seu lugar, se estava pre-

parando hum domicilio tanto,  
 que fosse conveniente às espo-  
 sas do Senhor conforme a o es-  
 piritó da gloriosa S. Clara. Não  
 avia das suas pottas adentro né  
 hum pedaço de terra onde pô-  
 dessem fazer huas casas, que  
 lhes erao necessarias. E obriga-  
 das da mesma necessidade, já no  
 anno de 1554, trespassaraõ  
 uos Padres Dominicos, pera  
 campo do seu mosteiro vizi-  
 nho, chamado de S. Gonçalo, a par-  
 te de hum pomar, & outras  
 propriedades com condiçao de  
 que elles lhes comprariaõ o si-  
 tio, farião a obra, & levantariaõ  
 por esta parte hum muro, com  
 que ficassem fechadas. Pelo tẽ-  
 po radiante levantaraõ dormi-  
 torios, & deste modo tiveraõ  
 algua comodidade.

e Arch. da Prouinc.

CAPITULO IV.

*Em que tẽpo se povoou o mos-  
 teiro: que estados teve: qual  
 foi a sua pobreza: que  
 favores recebeu.*

**T**empo, em que a ca-  
 sa comecou a povo-  
 arse, he hum dos grã-  
 des segredos, que não estão re-  
 velados. Tenho por muito pro-  
 vavel, que logo entraraõ nelle  
 aquellas benditas almas, pera  
 quem o fabricou a sobredita

ob. da A. m. flor. 2. q. 2.

Rainha, & como eraõ emparedadas, & poucas, deste estreito, & pobre recolhimento lhes sobejaria muito. Crecendo depois na devaçãõ, & no numero, vierãõ a professar a Ordẽ Terceira de N. P. Serafico, que andava mui valida eui a gente secular. E dellas neste estado de Terceiras Franciscanas, he a primeira memoria, que eu pude alcançar de 16 de Abril, anno de Christo 1333, sendo muito mais antigas. Consta d'ũa provisaõ d'ElRei D. Afonso IV, passada em Santarẽm pelo Eleito de Viseu, seu Chanceler, o qual era Miguel Vivas, pelas palavras seguintes: *Recebo em minha guarda, & sob meu defendimento as Donas d' Amarante, que trazem o habito de S. Clara, & o seu mosteiro &c.* E dellas colijo eu, que ainda neste tempo não eraõ mais, que Terceiras, por quanto se forãõ Claras, simplesmente se ouvera de dizer, *As Donas de S. Clara, ou da Ordem de S. Clara,* como então se chamavãõ.

2 Temos hum grande exemplo nas outras Freiras da Guarda, que he certo, & sem alguma questãõ começarem por Terceiras, das quaes achamos escrito, que naquelles seus principios andavãõ em avitos de S. Clara, como ainda direi, & o titulo de *Donas,* já eu disse noutra parte, que às Terceiras convinha. O mesmo nome lhes deu nou-

tra carta de protecção em 26 de Dezembro de 1389, na vila de Guimarães, ElRei D. João I; & podemos entender, como ainda guardavãõ a profissãõ de Terceiras. *no qual muias vezes*  
 3 Sabemos agora, que professarãõ depois a Regra de S. Clara, na qual vivem até hoje, mas tambem a noticia desse tempo se fechou a sete selos. Entendo eu, que seria pouco antes do anno do Nascimento de Christo 1449, porque a 25 d'Abril ElRei D. Afonso V lhes confinou cada anno, como a freiras de S. Clara, dez mil libras de esmola ordenada. Nẽ contra isto importa o ser a morte da primeira Abadessa pelos annos de 1505, se he certa hũa Relaçãõ, que nesta casa achei, por quãto as vidas no seu tempo erãõ largas, & bem poderia ser, que entrasse muito moça no officio. Passando pois de Terceiras seculares a Freiras de S. Clara, todas sinquo (que então não erãõ mais) elegeraõ Abadessa a sôr Guiomar das Chagas. Forãõ crecendo em numero no governo dos Claustracs, no qual ainda estavaõ a os 12 de Janeiro de 1567 quando lhes foi intinado o Decreto Apostolico sobre guardarem clausura; & diz na fe o Notario, que todas o receberãõ benignamente, & com caridade. Brevemente depois disso nos deraõ obediencia

ab. d. 17 A.  
 2.º 1.º 1.º

Torre do  
 Tombo 3.  
 dos Music.

Arch. do  
 mesmo  
 mosteiro.

b p. 1.º 5.º c.  
 7.º 3.

Arch. de  
 S. Fran. de  
 Guim.

cia a os Prelados da Regular  
Observancia.

4 Em todos os tres estados  
de Beatas, Terceiras, & Freiras  
de S. Clara: nos dous tempos  
da Claustro, & Observancia:  
sempre as acompanhou aquel-  
la grande Senhora; a *Santa Po-  
briza* digo, cujo nome ambos os  
Santos Seraficos, Francisco, &  
Clara trouxerão no cofação.  
Começou sem Padroeiro a ca-  
sa; sem Fundador; & sem ren-  
das, & todo o seu remedio vi-  
nhia a parar nos dotes das novi-  
ças, que entravão, ou nas esmo-  
las, que pedião: pelo que se cõ-  
tém na Relação sobredita, feita  
no anno 1592, que vivião por  
milagre. Ouve tempo, em que  
não tinham de renda; senão hũ  
pouco de pão, o qual era mui-  
to pouco, & huns dez mil reis  
de juro; que nunca entravão  
em o mosteiro, mas erão pera o  
Medico; que curava as enfer-  
mas. Antes de terem clausura,  
faião as velhas graves a pedir  
pelos montes, & na vila; & de-  
pois de a guardarem, inviavão  
Memposteiros, que tinham a sua  
conta a cobrança das esmolas.  
E sobre esta matéria achamos  
duas licenças: hũa d'ElRei, cõ-  
cedida em o anno 1602: outra  
do Bispo do Porto, D. Rodrig-  
go Pinheiro, a qual era mais an-  
tiga.

5 Não lhes faltava porém  
a piedade Christã, & da Real

teinos sinais manifestos nas es-  
molas d'ElRei D. Afonso V. o  
IV do nome, D. João I, & o III  
as receberão debaixo do seu  
emparo; & ElRei D. Sebastião  
lhes fez mercê do assento da  
Feitoria, q tinha da outra bãda  
do rio no Cõcelho de Jestaço,  
onde se fazião lãnas, & borda-  
tes pera as suas armadas. Goza-  
rà de perpetua memoria entre  
os seus bẽfeitores o Doutor Ma-  
noel Serqueira, Mestrescola da  
Sè d'Evora, o qual nos ultimos  
annos se recolhẽo nesta vila, dõ-  
de era natural. Acrescentou os  
dous cõros, & trouxe de fora cõ-  
muita despeza sua a agoa, que  
o mosteiro tem hoje. Não ama-  
rà hum pae com tanto amor os  
filhos, como elle o amava. De  
cõntino estava comunicando  
as grandes enchentes d'hũa ca-  
ridade rara. Em qualquer ne-  
cessidade, na cura das enfer-  
mas, na sustentação das sans era  
o seu Provedor. De todas tinha  
hum rol, & quando os seus re-  
galos não chegavão a comuni-  
dade jũta, successivamente man-  
dava a hũas, depois mandava  
às outras. Era tão miudo nisto,  
q no dia em q a fonte começou  
a correr dẽtro, a todas mandou  
quartinhas, & pucaros, pera que  
bebesse della. Na vida, & mor-  
te lhe fez notaveis esmolas, &  
tomado sepultura na sua cape-  
la de S. Joseph ordenou a seus  
herdeiros, que no dia deste San-

to dessem de jantar, ás freiras. Com estas ajudas foi crescendo o mosteiro, sem nunca tornar atrás, como já se escreveu por falta do necessario: e antes de muito pequeno, qual era em seus principios, se fez, depois muito grande. Sustenta de ordinario setenta religiosas, se não forem hoje mais.

## CAPITULO V.

De que modo se reformou o mosteiro, e como viverão nelle algumas Servas de Deus.

**A**ntes, ulimos tempo do mosteiro se já reformado na Regular Obervancia, ainda que foi no anno 1568, quando os derradeiros chegaram a reformarse. Servia de Abadesa D. Caterina de Aragão, da qual achamos memoria a três do mez de Novembro, com este proprio nome, escrito em hum contrato. Logo no anno seguinte, e primeiro dia do dito mez de Novembro deu quitação de hum dotey em q está nomeada, sãr Caterina da Conceição, conforme ao estylo desta nossa Obervancia, q de ferrendo apelidos de nobreza, introduzio o de Santos. Donde também podemos persuadirnos, que no meio deste tempo se co-

meçou a reforma, e q achando a esta no cargo de Abadesa, o qual teve sete vezes, nesse mesmo a deixou em quanto não viñão Reformadoras de fóra. De Vila do Conde lhe forão mandadas duas, *Atides* pelo sangue, e pelos nomes da Ordẽ sãr Joana da Madre de Deos, e sãr Joana de Jesu, q era sua sobrinha. Trouxerão de lá consigo hũa mulher secular, q se chamava *Cosma Pinta*, a qual professou aqui. E como achãrão prontos os corações, e vontades pera tudo o q era do serviço do Senhor, brevemente assentãrão a forma religiosa, que ainda se conhece, e alegres se tornãrão pera o dito mosteiro. Antes, e depois da sua reformação florecerão nesta casa cõ fama de santidade muitas Esposas de Christo. Na relação, q se fez pera o R. Gonzaga, estãr nomeadas nella sãr Margarida das Chagas, sãr Antonia, sãr Ursula, sãr Antonia de S. Paulo, e sãr Paula da Prisão; mas nem elle se lembrou de escrever os seus nomes, nem ella continha particulares noticias. Eria dar em de algumas, e d'outras, que se seguirão. Tem o principal lugar a Fundadora de todas sãr Margarida das Chagas; primeiro, filha Terceira de N. P. Serafico, e depois, a primeira Abadesa na Ordem de S. Clara, Mestra

de muitas virtudes, occasiã, & principio dos serviços, que fazem aqui a Deos as outras religiosas. Por antiga não estão hoje lembradas as grandes mércês, que este Senhor lhe fez. Mas como era a pedra, em que avia de estribar o edificio santo, que ella premeditava, em si mesma descubrio, pera exemplo das subditas, os preciosos quilates do jejum, devação, & humildade, cõ que se lavraõ as pedras assentadas em o Ceo. Não sofria tal virtude o demônio, entendendo muito bem, que quando ella caísse, tudo viria por terra; & depois de lhe fazer muitos medos, quiz rematar a contenda. Vindo a Serva de Deos pelo caminho, que chamavão os *Valados*, vizinho a o mosteiro, lhe saõ a o encontro em figura de Cabraõ o infernal inimigo. Arremetêo furioso, derramando pelos olhos como faiscas de fogo. Ella se foi defendêdo com o nome de Jesu na boca, & com o bordaõ nas mãos: caio porém, & ficou com hũa perna quebrada. Estãdo depois em cura, tanto que a via só o maligno tentador tornava a apparecerlhe fazendo muitos esgares, como que zombava della. Mas confortada pela graça do Senhor em todas estas batalhas, no anno de 1505 foi celebrar o triunfo das vitorias passadas com a musica dos Anjos.

4. Sõr Antonia, cujo apelido proprio, como d'outras do seu tempo, não o achamos escrito, foi discipula em tudo da Fundadora, & Mestra, que nomeamos agora. Era tal a sua vida, que nunca nella se vio, nem palavra ociosa, nem tempo mal gastado, nem leve impaciência, nem o minimo escandalo. Ardia na caridade, & devação do espirito; & precipitada sempre destas insignes virtudes andava em roda viva: nunca faltava no coro, nunca se achava menos no serviço do convetõ, nunca tambem as enfermas a ouveraõ mister, que logo não acudisse. Pareciaõ milagrosos todos os seus exercicios: mas estes milagres faz hũa alma virtuosa, que de todo coração se oferece a Deos. Comia tão pouco sempre, q quasi nunca comia, & dous dias na semana, em que lhe era necessario pera sustentar a vida ametade da reçaõ, (que a outra, como toda nos mais dias, repartia pelos pobres) pera si a temperava com aipo, & cinza, que ficasse amargosa. Pronosticou em o anno 1530 a sua ditosa morte, a qual foi como a vida, & muito acomodada pera ir reinar na Gloria.

5. Sõr Ana das Chagas cõ vinte annos sómente, a que chegou na idade, se consumou na virtude; & na verdade foraõ

muito admiraveis os dias de sua vida. Derramava na oração muitas lagrimas, comia por onças, fazia estremos grandes, que excedião as forças de sua enfermidade habitual, & continua; & quando lho estranhavaõ, (sendo ella hũa pureza notavel) respondia humilmente, que muito mais suas culpas mereciaõ. Jejuou a paõ, & agoa a derradeira quaresma, que foi no anno de Christo 1550, & nem no dia de seu venturoso transito, estando muito esperta, & inteira nõs sentidos, consentio que lhe entrasse na boca, senão só duas cullheres de caldo de farinha sem azeite por não aver quẽ dissesse, q se marava a fome. Este dia, & juntamẽte a hora prenũcion muitas vezes cõ intento, de q na semana santa celebrasse o convento sem sobressaltos algũs as exequias de Christo. E como soube, q estava acabado o officio da Sexta feira, a noite levantou a voz, & disse. *Iã he tempo; que me estão esperando huns Anjos mui sermosos.* Serião Anjos do Ceo; & logo abraçando hum Crucifixo, que lhe meteraõ nas mãos nesta postura lhe entregou sua alma, como d'antes lhe tinha entregue o coração. No mesmo ponto, pera indicio grande de ser aceita a Deos, recendõ a sua cela com suavissimo cheiro, & foraõ ouvidas musicas dos moradores da Gloria, q

lhe davão boas vindas. Alli o escrevem della, & muito cõforme a relação, q achei, Gonza-  
ga, Valerio, Barezzo, o Jardim de Portugal, & Fr. Artur: posto que não lhe sabiaõ o nome; nem o ultimo de todos, q a os dez de Outubro celebra sua memoria, lhe acertou com o tempo.

## CAPITULO VI.

### *Doutras freiras desta casa de veneravel memoria.*

**D**uas dellas sairaõ deste desterro pelo discurso do anno 1574. Sõr Joana era hũa, cuja vida immaculada, chea de muitas virtudes teve glorioso fim. Estava já confortada cõ os santos Sacramentos: ardia em saudades de seu divino Espoço, derretendose em lagrimas: declarou, que muito cedo avia de espirar, & nẽ as freiras a crião, nẽ o medico da casa. Todas porẽm lhe rogavaõ, q no tribunal de Deos apresentasse por ellas as petições, q faziaõ; & he cousa admiravel, q o despacho de muitas em breves dias foi visto. Cõ estas aclamações se partio pera a Terra dos vivos nõo mesmo ponto, que ella pronosticou.

2 Outra foi sòr Antonia, a segunda deste noine, que pela graça de Deos com hum rico

a pag. 212.  
b de Sanctis  
c. 38.  
d p. 4. l. 3. c.  
57.  
e num. 62.  
O Octob. 10

ornamento de preciosas virtudes o fez mais esclarecido. Toda a vida passada confessou publicamente na derradeira doçça, & eraõ tantas as lagrimas, nella mesma, de deuação, & espirito: de admiração, nas outras, que com esta humildade ficou mais justificada sua grãde innocencia. No dia, em q̃ morrêo, levantou se do seu leito pera ouvir missa do Coro, respondendo a quem lhe ia à mão, que queria despedirse de seu Esposo na terra pois avia de pouzar em sua casa no Ceo. Tornou logo a o leito, & compostos os braços, & os olhos, muito pacificamente deu sua alma a Deos. Depois da morte a honrou este Senhor com acrescentar a cera, que ardêo nos seus officios.

3 Deixou tambem grande fama aquella discipula da primeira Abadessa, com quem tenho alegado, a qual se chamava *sor Ursula*. De tres annos se criou neste mosteiro, onde aprendêo, & exercitou depois quãtas virtudes poderão ser necessarias a hũa religiosa, que se preza de perfeita. Andava sempre chorando a Paixão do S. Filho de Deos: de maneira, q̃ trazia os olhos em carne viva. Perseguiu a cruelmente o inferno, perseguidor da virtude, representandolhe monstros enormissimos, & torpes, que com as bocas abertas, como accas for-

nalhas, a queraõ engullir. Gritava algũas vezes, oprimida de suas grandes molestias, mas nũqua disse a causa, senão a o Confessor, que era seu secretario, a quem revelava isto, & os favores do Ceo, pera que a confortasse em o serviço de Deos; & tão constante andava, que passando de noventa annos, naõ faltava em hũa comunidade. Chegou o de 1576 do Nascimento de Christo, no qual ella se foi à enfermaria declarandolhe, que ia pera morrer. Recebêo cõ deuação todos os santos Sacramentos: perguntou, q̃ horas erão (passou isto em hũ sabado; o mez naõ anda escrito); & dizendolhe serem nove da manhã, começou a rezar logo o officio divino. Tanto que o acabou, fez acender hũas velas das Onze mil Virgês: pedio às religiosas, q̃ a confortassem muito na passagem da terra pera o Ceo, como ella lhe chamou; repetio aquellas mesmas palavras, que Christo disse na Cruz: *Em vossas mãos, Padre Eterno, encomendo meu espirito*; & com ellas espirou à sua imiração.

4 Pela teima, que o Inferno mostrava em descompor a este santo mosteiro, perturbando na virtude as religiosas delle, podemos conjecturar o muito, q̃ se temia da sua religião. Temos dito alguns combates dos seus, agora diremos outros.

Caminhou a passo cheo pela estrada do Ceo a Madre. s<sup>o</sup>r Margarida, que por ser no seu tempo celebrada s<sup>o</sup>mamente com este nome, nenh<sup>u</sup>a menção se fez em a sua relação do apelido, que teve. Era tanta a sua humildade, que não se achava digna de levantar os olhos pera o ceo, nem conversar com as outras. Era tal o sentimento da paixão do Redentor, que ouvindo falar nella, nos seus olhos lhe nacião duas fontes, que tarde se estancavão. Deste modo, em grao muito eminente eraõ as outras virtudes. Estando h<sup>u</sup> dia só, foi tentada do demonio nos mysterios da F<sup>e</sup>, & posto que o não vio, claramente lhe ouvio as palavras mal soantes, & hereticas, que espalhou a sua maldita lingua. Com esta tribulação gritou por sua irmã, freira tambem nesta casa, que acudisse depressa, & lhe dissesse o credo. E como por esta parte sentia mais reforçados os infernaes batalhões, contra elles se armou no tempo da sua morte com muito maior cautela.

5 No ponto, que receb<sup>e</sup>o os Sacramentos santissimos, fez h<sup>u</sup>a protestação das verdades Evangelicas em presença de toda a comunidade, que entã estava junta. Encomendou a sete religiosas, as quaes tinha por devotas, que lhe assistissem sempre em a hora do seu transito;

& vendo, que ja chegava, tomado hum Crucifixo nas mãos, pedio a h<sup>u</sup>a das ditas religiosas, que lhe lesse a Paixão deste Senhor clementissimo pelo texto do Discipulo amado: mas quando vio, que o impeto das lagrimas nacidas do sentimento lhe impedia a lição no passo da bofetada, ella mesma lhe apontou o lugar, que avia de seguir. Assi esteve ouvindo, & juntamente chorando com grandissimo fervor até chegar a ouvir como Christo nosso bem inclinando a cabeça entregou o seu espirito; & seguindo seu exemplo, por grande mercê do Ceo, no mesmo tempo deu sua alma a Deos sexta feira, a 15 do mez de Março de 1580. Sentio muito esta morte h<sup>u</sup>a sobrinha, que criava nesta casa, a qual estando no coro adormecêo, & sonhou, que a tia lhe dizia: *Não te magoes, filha, porque cedo nos veremos.* O que d'aqui resultou, foi morrer devotamente em espaço de seis mezes a dita sua sobrinha.

6 Depois della, já no anno 1589, deixou nossa companhia pela vivenda do Ceo a madre s<sup>o</sup>r Guiomar, mulher insigne em toda a perfeição. Ninguem ouve, que lhe notasse palavra, a qual fosse de escandalo: nunca condenou acção, que o proximo fizesse: s<sup>e</sup>pre ard<sup>e</sup>o numa grande carida-

de, com que amava a Deos, mostrando tambem, que lhe seria mui facil arrancar o coração por acudir a os pobres. Em continuo silencio trazia a sua alma esquecida das misérias da terra, & occupada no Ceo. De dia de Ramos até o dia de Pascoa não falava, nem dormia, não estava assentada. E caminhando com grandissimo louvor em todas as suas obras pelos atalhos dos Santos, na vespera de N. P. Serafico, tres de Outubro, ás 11 horas da noite, chegou a o fim desta devota jornada. Pouco antes estando em oração hũa freira de conhecida virtude, vio que entravaõ no coro, segundo ella contou, quatro frades da nossa sagrada Ordem, os quaes pelo meio d'elle estenderão hũa alcatifa grande. E perguntando pera quem se fazia o estrado, hum delles lhe respondèõ, que pera sòr Guiomar. Ouvindo isto corrèõ à enfermãria, onde achou, que naquella mesma hora se avia despedido do ergastulo da carne. Outra visãõ semelhante foi feita a hũa mulher devota, a qual morava na vila, conforme ella o disse, & publicou no mosteiro pera gloria de Deos. E por tudo lhe damos muitos louvores, e obsequios tão esplendidamente engrandecendo os seus servos.

## CAPITULO VII.

## De duas Servas de Deos, professas neste mosteiro.

**I** Téqui fomos seguindo do hum memorial escrito pela madre sòr Guiomar dos Anjos no anno do Nacimèto de Christo 1592, apurandoo tambem com o testemunho certo de outras religiosas. Deixou nelle perpetuada a fama d'aquellas Servas de Deos, que avendo escapado, sem perigar na virtude, das tormentas desta vida, tomaraõ porto seguro nas enseadas da Gloria. E posto, que não convinha louvar as que erãõ vivas, das tres primeiras, que agora avemos de referir (tal era a sua vida) sumariou grandes cousas, calando sò os seus nomes.

**2** Hũa coluna fortissima, que sustentava com seu exemplo, & zelo, em Abadessa, & subdita, a virtude desta casa, era sòr Isabel do Salvador, nacida, & criada em a cidade do Porto. E ainda que desejava passar sua vida em silencio, bradaraõ tanto as obras, que ellas a dêrão a conhecer. Falava, só constangida de muita necessidade, qual era a das enfermas, por cuja consolação falando sempre de Deos se mostrava eloquente:

qual

qual era a da santa observancia, pela defensão da qual clama-va sempre contra as faltas seu zelo. Nos mais tempos era muda; & por não fazer estrondo, que perturbasse a casa, trazia solados os pantufos de burel. Com esta quietação se occupava mellhor em concordar a rebelião da carne com as leis, & preceitos do espirito. Começava a jejuar o Advento pela festa de todos os Santos à imitação dos Frades, tendo elle seu principio nas freiras dia de S. Andre. Todo o anno inteiro jejuava a pão, & agoa quatro dias na semana. Nos outros se contentava com a reção do cõvento, sendo muito limitada, sem fazer panela propria, que nestes tempos mais fartos, & relaxados tem lançado a perder em muitas partes as suas comunidades. O cilicio era nella ordinario, & posto que o tirou, pera que ninguem lho visse, quando se lançou no leito em a ultima doença, as chagas, que lhe ficãrão, o fizeram manifesto.

3 **S**enhoreando assi os seus mesmos appetites, dias, & noites inteiras estava em oração. Tinha licença pera vender a metade do seu pão, que cada dia lhe davão, & como chegava a fazer meio tostaõ, logo mandava dizer hũa missa pelas almas. Do sabado até a segunda

feira tinha no coro hũa alampada acesa, & tudo quanto rezava nestes dias, sendo muito, applicava em favor das mesmas almas. Acõtecêo morrer apressadamente hũa freira desta casa pela festa de S. Pedro, & foi tal a sua magoa, que tudo era chorar, jejuar, & rezar por conta della. Deste modo andou com grande tristeza até dia da Porciuncula, segundo do mez d'Agosto, no qual de repente se vestio d'hũa alegria nova, que lhe durou muito tempo. Não declarou a rezaõ, porque sua humildade fazia disto segredo: porém entendeose della, que teria boas novas do estado da defunta.

4 **A**rdia na devação, & quando chegava à Somana santa, em a qual se representa a morte do Redentor, não comia, nem bebia na quinta, & sexta feira: não falava, nem dormia: mas entalada no coro entre a grade, & orgãos, assi estava em pé como estatua morta, & privada dos sentidos. Hũa noite, recolhida em o leito tomou nos braços a hum Minino Jesu; & foi contemplando no seu santo Nascimento, em cuja meditação se afervorou de modo, que os fervores se acendêrão em fogo. Erão ja as onze horas quando acordou do sono a freira, que lhe ficava vizinha, a qual vendo grande luz entendêo sobre-

saltada

faltada, que lhe ardia o leito. Lançou a cabeça por cima do tapamento, que os dividia ambos, & quando vio, que a Serva do Senhor, cercada de luz do Ceo, o regalava nos braços como amorosa mãe, o espanto a fez cair como morta, sem poder manifestar as maravilhas, que vira.

5 E parece, que o Senhor clementissimo, no remedio da casa, comunicava com ella os segredos escondidos. Tinhase feito hum dormitorio novo, de baixo do qual ficava o refeitório, & estalando hũa trave, que o forro escondia, o edificio todo estava pera cair. Esta Madre bemditissima, que conheceo o perigo (he fama, que lho revelou o Ceo) disse hũa vez às freiras em plena comunidade: *Não entrem, Madres, naquellas casas, porque estão perigosas.* Tornou a dizello outra, & vendo que não a crião, disse a tereira vez. *là que zombãrão de mi, agora me declaro, que Deos lhes manda dizer, que logo se saião do dormitorio, porque está arriscado a ruína.* Com isto se movéo a Abadesa a chamar officiaes, os quaes descobrindo a parte danificada, o escorãrão com traves, & depois o sustentãrão em tres colunas de pedra. A dita serva de Deos chea de annos, & merecimentos santos, no de 1602, pela Pascoa da Resurreição de Christo pas-

sou as portas da morte, & com elle relurgio pera lograr melhor vida, como piamente cremos.

6 Neste anno, já pelo fim de Setembro, fez também o seu caminho pera a patria dos Santos sôr Ana de S. João, cujo nascimento foi na quinta, *de Bamba*, vizinha a Meijãofrio. Cavou altos alicerces pelas mãos da humildade, pera depois levantar hum edificio grande de singulares virtudes. Não era digna na sua opinião de ser contada em o numero das freiras, mas como criada dellas tratava de as servir. Fazia de ordinario o officio de Provisora, que assiste na cozinha preparando o que se ha de comer, por não faltarem no coro as que sabião louvar a Majestade divina. O seu habito sempre era o mais pobre: os panos interiores, hum pedaço de burel: o toucado, hũa toalha d'estopa: o cordão, hũa corda muito grossa: o calçado, que usava por pura honestidade, não tinha cortiça, que a fizesse mais alta: com tudo alli andavão, & assi devem andar as freiras de S. Clara. Dormia em hũa taboa, nem tinha outro regalo, estãdo tão quebrantada dos jejuns, disciplinas, & cilícios. Muitos annos se passaraõ sem comer peixe, nem carne. O pão secõ com hũa roda de laranja, & quando

muito hum ovo era o seu mantimento. Tanto estrago fez nella esta sua abstinencia, que nas doencas se a Prelada lhe mandava comer carne, o estamogo não lha podia lograr. A caridade foi nimia, & a oração continua. Dava tudo por amor de Jesu Christo, & primeiro que lho pedissem, sendolhe muito necessario. De dia, trabalhava em o serviço das outras, fazendo de si manjares pera contentar a todas: de noite estava em oração, gozando d'aquella suavidade, de que são participantes os que cõverlão com Deos. E tendo já consumado em notavel perfeição o curso de sua vida, a mesma fama de Santa, que nella sempre logrou, na morte lhe assistio.

### CAPITULO VIII.

*Doutras Esposas de Christo,  
que tiverão grande fama.*

**E** no tẽpo a primeira sôr Maria de S. Antonio natural desta vila d'Amarante, que soube negociar cento por hum com os talentos, de que o Ceo a dotou. Teve graça de cantar, & sempre cantou no coro: fõra delle nunca alguẽm a ouvio. Fiava, & trabalhava fazendo obras de preço, o qual todo em-

pregou numa alampada, & num cofrinho de prata: este, pera se guardar o infinito resouro de Christo Sacramentado: aquella, pera arder diante do seu altar. A este grande mysterio tinha muita devação, & todas as quintas feiras lhe rezava o officio da Festa. Prendeose a seu serviço com ataduras mui fortes, como era hũa faixa de cilicio, semeada de rosetas, que trazia pela cinta na Quaresma, & Advento, ou hũa corda mui grossa, encadeada em nõs nos outros tempos do anno. Em tres annos, que servio no cargo de Sancristã a este Senhor do Ceo, não se pôde declarar como andava alegre. Quando depois se deu o lugar a outra, desfaziase em lagrimas dizendo, & lamentando, que nem a Virgem purissima, nem seu Filho Unigenito queriaõ servirse della.

2 Acompanhada de outras muitas virtudes, que são õs bons companheiros na passagem da terra pera o Ceo, tambem se poz a caminho, com opinião de Santa, a os 15 de Setembro de 1614. Avendo oito, que estava enterrada, se virãõ grandes sinaes de seu estado ditoso. Começavão a cavar pera fazer outra cova, & foi achada a sua com a terra dividida, & afastada do corpo a o modo de sepulcro. Pareceo estar inteiro, &

juntamente clieiroso: mas foi tal o espanto das presentes, que não advertirão bẽ em hũa couza tão grande. Neste tempo as chamarão pera assistir no coro a o officio da freira, que avião de enterrar. E entretanto o Co-veiro lançou terra pera esta mesma parte, escondêdo o concerto d'hum homem as maravilhas, que Deos nos manifestava.

3. Duas legoas abaixo de Amarante pela corréte do Tamaga, onde chamão *Canavezes*, em o bispado do Porto, teve o seu nascimento sã Luiza dos Reis, que neste santo mosteiro sacrificou sua vida, & sua morte a Deos. Poucos dias deixava de jejuar, & ainda que as lagrimas dos olhos lhe sustentassem a fome, não lhe matavão a sede de se ver com Deos no Ceo. Andava gritando muitas vezes como louca: outras, pegava pelas cortinas do altar da Mãe de Deos, dizendo estas palavras. *Quando me hei de ver com vosco? Quando hei de sair deste desterro?* Só na santa oração achava algum alivio, parecendo-lhe que se falava com Deos, o tinha então presente. Pelo discurso do dia fazia de ordinario os Salmos Graduaes, & Penitenciaes com a sua ladainha, o Officio menor da Virgem Senhora nossa, & o outro dos defuntos. Do sol posto até as onze da noite

de matinas até horas de jantar estava no coro em a oração mental. Se rezava vocalmente foi com tanta attenção, que em rezar hum rosario se passava duas horas. Querendo, já alta noite, acabar com as suas devoções, examinava primeiro com rigor a consciencia: prostrada logo diante d'hum Crucifixo fazia com muitas lagrimas hũa confissão geral, & outra particular das faltas d'aquelle dia. Feito isto, confiada na piedade de Deos, absolvia-se da culpa com essas mesmas palavras, que dizem os Confessores, & levantando-se, com hum pé sobre o outro, & os braços estendidos á semelhança de Cruz, rezava devotamente cinco vezes o *Pater noster*, & *Ave Maria*, que era a penitencia, em a qual se condenava neste santo exercicio.

4. Assim elle, como outros lhe deixavão pouco tempo pera pagar o tributo indispensavel do sono: mas era por comprimento, vestida, & tocada, como andava de dia. Era muito penitente, & muito cautelada em esconder estas obras da noticia do mundo: porém no tempo da morte foram vistos em seu corpo os sinais mais evidentes dos açoutes, & cilícios em muitas nodos negros, & chagas encarnes vivas. Na humildade profunda, & na caridade ardente,

4 Psa. 79.  
vers. 6.

em que foi molher insigne; se conhecia tambem como Deos nella morava. Com tanto amor, & com tanta diligencia se fazia enfermeira das criadas do convento, que bem mostrava representar-se nelle o Filho do mesmo Deos, que pera nosso remedio vestio em si as nossas enfermidades. Nas quaresimas tangia sempre o sino, servindo tambem á meza, sem levar em paciencia, que outras a ajudassem. Acontecêo entrar pelo refectorio descalça, com hũa corda lançada a o pescoço, & debruçada em terra confessar as suas culpas, pedindo com muitas lagrimas, que a os pés a pisassem pois era, na vida, escandalosa. Nove vezes determinou fazer isto, ainda que o convento, reconhecendo quem era, nunca mais lho consentio.

5 Hũa noite, em que estava no coro abraçada na santa meditação, mandaraõ que se fuisse, porque queriaõ fechallo. Saio, com tudo queixosa, dizêdo o que se segue. *Que pressas são estas pera se fechar o coro? não me deixariaõ rezar ainda mais tempo, & chorar os meus pecados?* Acudio hũa, & disse: *Que pecados são os vossos, que vos obriguem a fazer estes excessos?* E ella lhe respondeo. *Tres dias ha, que recebi o Senhor, & por sua piedade me parece, que depois não o tenho ofendido moralmente; porém as faltas da vida quando se hão*

*de acabar de chorar pelo modo, que convem? Recolhida com esta paixão na cela, quasi logo lhe veio hum acidente, & a morte atrás delle. Tornouse a cõfessar, chamando em seu favor a piedosa Senhora cõ o seu devoto hymno *O gloriosa Domina*, que entaõ começava deste modo. E conhecendo a morte, a qual chamava por ella, não cabia de prazer respondendo-lhe com as palavras, que já disse o Salmista: *Lacatus sum in his, qua dicta sunt mihi*. E executando Deos a sentença universal dos que vivem neste miseravel mundo fez penhora em sua devota alma a 20 do mez d'Oitubro de 1620. Foi tal a opinião, com que acabou a vida, que as sans, & as enfermas, trazidas em braços, lhe foraõ beijar a mão, esperando particulares favores de suas intercessões.*

## CAPITULO IX.

*Da muito louvavel Madre sor Branca de S. João.*

**N**Oi natural desta vila, & na casa de seus paes começou a vida, que depois continuou. Ainda a cama podia ser o seu berço na idade de minina, quando desprezava já toda a sua delicia. Levantava-se de noite, rezava

Fol. 121.

121

zava

zava as orações, q̄ avia aprendido, & fazendo d'hũa pedra ca-beceira, assi dormia no chão. Todas as quartas, & sextas feiras do anno se cingia com hũ aspero cilicio: no Advento, & Quaresina trazia em seu lugar hũa cadêa de ferro; & deste mesmo teor, penitentes, & devotas eraõ as outras acções, as quaes naquella idade costumão ser minimisses.

2. Com este bom cabedal de exercicios sãtos se recolhêo no mosteiro, onde teve liberdade pera seguir os exemplos dos grandes servos de Deos. Anticipava, & estêdia tambẽ o seu jejũ do Advêto: mal se podião cõtar os das vigílias dos Sãtos, a q̄ tinha devaço: quasi o anno inteiro passava neste rigor; & pelo discurso delle quatro dias na somana jejuava a pão, & agoa. Nestes dias, nẽ o pão comia algũas vezes, senãõ hũ caldo de farinha, adubado sõ cõ sal. Tres dias cada somana, se não podião ser mais, fazia de ordinario hũa disciplina larga, acõpanhada de sangue. Quando tirava a sobredita cadêa, cingia em seu lugar hum ralo do mesmo ferro, que era mais rigoroso. Com este mau tratamento veio a perder a cor natural do rosto: de maneira, que vestida no seu habitinho pobre não parecia freira viva, mas freira amortilhada. Acudirãõlhe tambem

acidentes trabalhosos, dos quaes não se quiz curar por não perder o grande gosto; que tinha de padecer algũa cousa por amor de Jesu Christo.

3. Totalmentẽ se esquecia de si, & se hũa sua tia não preparára o caldo, ou o pão, que avia de comer, a falta de mantimento lhe acabára a vida. Negou o sangue, & parentesco de modo, que parecia ter nacido d'algũa pedra durissima. Não conhecia parentes, nem conversava com elles; por onde hum seu irmão; que a desejava ver, traçou com a Abadessa, que a trouxesse à porta na entrada d'hũa noviça, & quando lhe quiz falar, lhe respondêo secamente; que não tinha irmãos, nem sabia de parentes. Falecêo sua irmã professa neste mosteiro, & querendo darlhe pezames algũas religiosas, a todas lhes respondia. *Vã Deos com ella, porque vai pera o Ceo, pois estava confessada.* Admittia no principio a conversação das outras, mas era tratando sempre do que tocava a Deos, & comunicando algũas letras devotas, que compunha a o Minino Jesu. Acontecêo neste tempo, que estando na casa do antecoro fiando na sua roca ouvio dizer hũa graça, a qual não soava bem. Pegou logo do hysope, & lançãdo agoa benta, lhes disse estas palavras.

*Iesu, Iesu! falem de Deos, & deixem estas historias.* Dahi por diante retirou-se de toda a conversação, vivendo tão solitaria, como poderia viver nos desertos da Arabia. Não falava, não queria ouvir novas, não advertia no que passava na casa; & deste modo veio a desconhecer pela voz, & pelo rosto as mesmas freiras, com quem se tinha criado.

4 Sendo moça trabalhava, & fiava alguãs horas do dia: depois d'entrar na idade, até essas gastava todas com Deos. No Officio divino, pera estar mais atenta, sempre lia em o livro o que a boca dizia. Na oração, que era muito continua, variava os exercicios della, rezando pelo livro, ou por contas, ou contemplando mentalmente nos mysterios do Ceo. Aqui occupava as potencias da alma com tanta applicação, que não ouvia estrôdos, & se lhe tocavão em hũa manga do habito, caia logo no chaõ. Era fama, que a regalava Deos com grandissimos favores; hum dos quaes se divulgou deste modo. Hũa noite, que estava de joelhos em a cela com hum retabolo da Sãtissima Trindade em as mãos contemplando neste profundo mysterio, quiz entrar pera aceder hum rolo a freira sua vizinha, & teve tanto pavor dos resplandores, que vio, & do cheiro, que sentio, que logo fez pè atrás. Foi chamar com mui

ta prèssa a outra religiosa. Viudo ambas, & admiradas de novo, sem entrarem se despediraõ dizendo: *Deixemos a Sãnta, que està gozando de Deos em muita suavidade.*

5 Por estas occasiões a importunavaõ todas, que rogasse a Deos por ellas nas suas necessidades. Respondia humildemente: *Como me buscão a mi se sou eã grande pecadora? mas farei o que me mandão.* Grandes cousas se dizem, que eu deixo em silencio, da sua intercessão. Lançou a benção a hũa freira enferma de fluxo de sangue, que deitava pela boca, a qual com isto convalecêo. Deitou esta mesma benção no pão da comunidade, que por descuido se avia amassado sem fermento, & logo se levedou. Veio perguntar por ella à porta hũa mulher, pedindo que lhe mostrassem pera lhe agradecer a lembrança de hum seu irmão defunto. E dizia que elle lhe tinha aparecido declarando, que as suas orações lhe eraõ de refrigerio.

6 Chegando o tempo de se despedir da terra, nem as dores da doença, nem as carrancas da morte lhe podião aparrar os pensamentos do Ceo. Hũa vez puxou por ella a Enfermeira dizendo, que se virasse pera comer a dieta: a o que magoada respôdeõ: *Deos vos perdoe,*

irmã, porque agora me estava conselando com a sua presença o meu Padre S. Francisco. Cruzando finalmente sobre o peito os braços, com a vèla numa mão, hum Crucifixo na outra, nesta devota postura esperou por seu Esposo, o qual a veio buscar pera o thalamo da Gloria pelas dez horas da noite, dia de Ramos, & 16 de Abril de 1628. Esteve sempre seu corpo tão brando, & tão tratavel até ir à sepultura, que parecia ser vivo. A vila, & o convento a aclamavão por santa, desejando alcançar algũa sua reliquia. As freiras lhe cortãõ escapulario, & habito: o povo impaciẽte trabalhou quãto lhe era possivel, pela ver no coro baixo. Tantos foraõ os seus gritos, que se lhe fez a vontade. E como ahi a viraõ arremegavaõ os lenços, & os rosarios, pedindo que lhos tocasẽ. Quando eu me fui informar de tudo, ainda as suas contas por onde rezava, & a cadea, com que andava cingida, estavaõ guardadas em muita estimaçaõ. Foi enterrada no cemiterio comum, com tudo na sua cova ninguem depois se sepultou. E deste modo honrou Deos com os aplausos do mundo a esta Serva fiel, que delle se escõdia pera ser vista no Ceo.

## CAPITULO X.

Das Fundadoras, que sairão desta casa, & d'alguns successos della.

**N**A Vila de Guimarães edificou hũ Mestrescola da sua Colegiada, que foi Baltezar d'Andrade, outro mosteiro de Freiras da gloriosa S. Clara. E pretendẽdo fundallo em grande religiãõ, com esse mesmo intento, como se contẽm nas bulas da fundaçãõ, entregou tres filhas suas a este de Amarante, onde professãõ todas, as quaes, bebendo bõ leite da regular disciplina, fossem depois boas mestras da nova comunidade, & perfeitas Fundadoras. Era entãõ esta casa sujeita a os Claustraes, & naõ guardava clausura, como muitas naõ guardavaõ: mas avia tal cõceito da sua religiãõ, que entendẽo o Pontifice à instancia do Mestrescola ja dito, que bẽ podia fiar das q̃ professavaõ nella as instrucções, & doutrina d'hũ mosteiro, gẽrado na Regular Observancia, qual foi o de Guimarães.

Chamavãõ-se as sobreditas irmãs conforme a o estylo da Claustra, que usava apelidos seculares, Elena d'Andrade, Joana d'Andrade, & Francisca d'An-

a Arch. deste mosteiro de Guim.

drade; & ordenou o Pontifice, que seguindo esta ordẽ, a qual era das idades, a primeira começasse em Abadessa perpetua: a segunda, em Vigaira; & que por morte de hũa lhe succedessem as outras. Sairão de Amarante, & estando numa quinta, que se chama *de Terrados*, por ordem do Fundador em quanto se preparava o domicilio novo, faleceo sôr Joana de Andrade, sem chegar a possuir o fruto de seus desejos. As outras duas entrarão em Guimarães a os 12 de Agosto de 1562, no qual dia se celebra a festa de S. Clara: tomãrão posse da casa: sôr Elena de Andrade, a qual se chamou *da Cruz*, no cargo de Abadessa: sôr Francisca de Andrade, & depois *da Coceição*, por Vigaira, & futura sucessora. Ambas forão Abadessas, hũa por morte da outra, & ambas derao principio à muita reformação d'aquelle sãro mosteiro. De suas grandes virtudes, quãdo chegar o seu tẽpo, daremos maior noticia. No anno de 1664 foi governar, & reformar o mosteiro de S. Clara de Vinhaes cõ foro de Abadessa a Madre sôr Caterina da Cruz, pessoa de estremo talento, á instancia do Cabido de Miranda, que o tem na sua obediencia.

3 Depois que as primeiras se forão pera a dita fundação de Guimarães, veio hum

auão de fome, que tambem chamãrão *do Tabardilho*, & foi o da Redenção 1574, como achamos escrito. Procederão as doenças da falta de mantimento, acabando de matar os que a fome feria. Morreõ muita gente à pura necessidade por Entre Douro, & Minho, & sendo em todos o mal comum, nos pobres era maior. Este sagrado mosteiro, que entrava na conta dos miseraveis, chegou tambem a estado, que não tinha grão de trigo, nem outro pão em as tulhas. Affligiose a Prelada assi em rezão das freiras, como dos pobres, que sustentava à porta: ordenou, que recorressem por meio da oração à piedade do Ceo; & o Senhor clemetissimo, a cuja conta estão os que na terra o servem, não quiz cõsentir agora, que as freiras percesssem. De repente apparecêrão nas tulhas mais de duzentos alqueires, com os quaes até o novo se forão remediando. Alguns Autores escrevem este caso, mas com outras circunstancias, as quaes não concordão bem com a Relação manuscrita, que tenho em meu poder, cuja copia inuiou esta Provincia a o P. Gonzaga.

4 Quando a ultima peste assolava Portugal, nunca teve confiança pera entrar nesta casa, & abrandolhe as portas

o deli-

Arch. do  
convento de  
Mosteiro.

Gonzag.  
pag. 812.  
Lardim de  
Port. n. 162.  
Agiol. Lu-  
sit. tom. 1.  
Iap. 17. l. D.  
do Cõmẽt.

o descuido de hũa religiosa, dellas a dêtro a afogou o Senhor. Recebêo sem licença da Prelada hũa carta, a qual de Vila Real, onde a peste ardia, lhe mandou hũ seu irmão, & por encubrir a culpa a escondêo no seu seio: mas como ella trazia o mortifero veneno, logo lhe deu o castigo, que fora muito maior se a bõdade de Deos, Protector deste mosteiro não metêra o bastão, atalhãdo os seus golpes. Teve hum grande machaço, que parecia mortal: desviãdo se porêm mui dissimuladamente da conversação das outras, seivalêo das medicinas, que nós preparou o Ceo. Untouse algũas vezes com azeite da alampada d'hum Crucifixo devoto, & de S. Gonçalo, a qual ardia no coro, cuja virtude benigna não somente lhe resolvêo o tumor, mas tambem cortou o passo a esta malignidade, q̃ podêra ir lavrãdo. Depois della se ver livre do mal, confessou a sua culpa, pera que se dêssem graças a Deos, & a ella os castigos de tanta temeridade.

5 Em hum altar da Igreja está muito venerada pelo successo seguinte a milagrosa Imagem do P. S. Antonio. Avia estado d'antes noutro de Vila do Conde, no qual se pôz hũa nova, dando esta os moradores por petição de hum frade às freiras deste mosteiro. Os seus devotos

antigos tinhaõ sanctidades della, & quando aqui a viraõ: hũas molheres do povo, q̃ fazião tomar a S. Gonçalo, de tal modo se rendêrão á deyação indiffereta, que secretamente a furtãrão do altar. Apárceerão aलगres na sua vila: ella alvoroçouse a terra: preparavãdo se festas: mas antes q̃ as fizessem, se achãrão sem o Santo, & elle foi cá achado no altar deste mosteiro, onde Deos engrãdece o seu nome: cõ as maravilhas grãdes, que nelle sãõ ordinarias.

CAPITULO XII  
Memoria de hum Confessor d'El Rei, & de D. Betãça, neta do Emperador de Grecia, & Terceira Franciscana.

**L** Rei D. Afonso IV, q̃ nos deu a noticia primeira do mosteiro d'Amarante, dõde agora sãõmos, no principio do an. 1336 cõcluiu o casamêto do Infante D. Pedro, seu filho, cõ a Infanta D. Constança, filha de D. Joã Manuel grãde Senhor em Castela. Vierãõ procuradores em o mez de Fevereiro, diante dos quaes o Infante a recebêo por palavras de presente nos paços de S. Francisco de Evora;

& mandando os seus logo a Castela, là foraõ ratificar em presença da Infanta o mesmo recebimento. Hum dos tres, que inviou, foi o P. Fr. Diogo seu Confessor, & não nos diz o Autor da sua Chronica a Ordẽ, que professou. Eu achei num Memorial antigo, que entre nós se criara hum Confessor d'El Rei, nomeado *Fr. Diogo*, depois de ser Guardiãõ do convento de Lisboa; & vista a devaçãõ, com que sempre nos tratou este magnifico Rei, o qual tambem professou a santa Ordem Terceira, & passados alguns annos teve por seu Confessor a o P. Fr. Francisco da nossa Ordem Serafica, como ainda direi, bem podemos entender, que della seria este.

2. No mesmo anno a 21 d' Abril falecẽo D. Betaça, que por neta do Emperador de Grecia, & filha de S. Francisco na sua Ordem Terceira, foi das pessoas notaveis, que ouve em Portugal. Teve Theodõro Lascaro o menor, Emperador em a Grecia, hum filho, & hũa filha, a qual se chamou *Irene*; & morrendo, deixou os encomendados a Miguel Paleologo, que cego da ambiçãõ de usurpar o imperio, não se mostrou Tutor d'elles, mas hum Tyrano cruel. A o Principe, se logo o não matou, mandoulhe rir os olhos: a sobredita Infanta, ou

fosse por traças d'elle, ou apertada do medo se recolhẽo a Italia; onde casou com Guilhelmo, Conde de Vinremilha em o Estado de Genoya. Morro elle, & sucedendo no seu Condado hum filho, a Condessa com tres filhas se veio a Aragaõ pera mudar de fortuna. Duas dellas casãõ no mesmo reino: a outra, que se chamava *Betaça*, acompanhou a nossa Rainha S. na vinda a Portugal, como Dama do seu Paço.

3. Mostrou-se agradecida à sua boa vontade a mesma S. Rainha, porque depois a casou com D. Martim Anes, do qual já demos noticia, hum dos melhores fidalgos, que avia neste Reino. E conhecendo a falta, que sua grande virtude, & muita autoridade lhe tinhaõ feito no paço, a tornãõ a chamar depois de estar viuva, a o cabo de dez annos. Succedẽo em breve tempo mandarem pera Castela a Infanta sua fillia D. Constança, que casou com El Rei D. Fernando, chamado *o Empraxado*, & a passagem melhor, que lhe poderãõ fazer, foi darha pera Camareira mór, sêdo d'antes sua Aia. Estando là, levou hũa embaxada a El Rei de Aragaõ por ordem dos ditos Reis de Portugal, & Castela, a qual importava muito à quietaçãõ d'aquelles Reinos. Foi em sua companhia o Conde D. João

o Duarte Nunes fol, 146.

o Tardim de Portugal n. 96. Hist. Eccl. de Lib. p. 2. c. 32. n. 6.

o Platina in vita Alex. 4. Refend. de antiq. l. 4.

o p. 1. l. 4. c. 30. n. 4.

Afonso de Albuquerque. Era mui aventajada na estimacão de todos por sua rara prudencia, & Imperial grandeza. O mesmo Rei D. Fernando lhe doou algũas vilas. Ella tambem em Castela ajudou com muito dinheiro a Ordem de Sant-Iago na guerra contra os Mouros, em recompensa do qual, & por troca d'outras terras (bastante falar só nisto) lhe deu o Mestre da Ordem a vila de Sant-Iago de Cacem, que era sua Comenda.

4. Por morte dos ditos Principes, com quem prouiu em Castela, fez volta a Portugal, que a desejava muito. Antes, & depois de vir deu mui noraveis sinaes de piedade christã, devaçã, & santas obras. Pelo que não somente seu marido D. Martim Anes, mas tambem a mesma Rainha Santa, no segundo testamento, della se fiarão ambos no comprimento de suas vontades ultimas. A o marido deu satisfação inteira, como em parte dissemos: não a pode porém dar a gloriosa Rainha, por quanto morreu primeiro. Enriquecêo com hũa grande reliquia do S. Lenho da Cruz, que sua mãe trouxe de Constantinopla, a Igreja de Sant-Iago de Cacem, & com outras (segundo contra a fama) a Igreja de S. Romaõ de Panojas na terra de Alem-Tejo, nas

quaes entrou a cabeça do Papa, & Martyr S. Fabião, que se guarda em Casvel.

5. Era amorosa mãe no remedio dos pobres, em particular dos frades da nossa Religião, que ella tinha por mestres na devaçã do espirito. E querendo empenhar-se no que era voluntario, tomou sobre si os encargos de irmãã. Duas cartas de irmandade lhe concedeo a seus rogos, como já deixo escrito, o nosso Provincial, pelas quaes lhe dava parte em todas as boas obras da nossa S. Prouincia, & plenaria licença para tomar sepultura no convento, que quizesse, vestida no nosso habito. E aspirando a mais, de irmãã passou a filha de N. P. santissimo pela profissã da sua Ordem Terceira, convidada dos exemplos da dita Rainha Santa, em cuja casa andava, & da Rainha D. Constança sua filha, ja nomeada assim, a quem servio nos officios, que eu tenho declarado.

6. Treze annos primeiro, que confirmasse por morte seu testamento, o escrevêo estando na sua vila de Sant-Iago de Cacem, & para isto chamou a Fr. Afonso Viegas, Guardião naquelle tempo de S. Francisco do Porto, o qual a encaminhou, & foi tambem testemunha no acerto de suas disposições. Mandava ser enterrada na

Igreja,

Arch. da  
S. de Coim-  
bra.

g Arch. de

h Arch. de  
S. Clara de  
Coimbra.

i l. 3. c. 32.  
n. 3.

l. 7. c. 18.  
n. 2.

Chr. antig.  
Monarch.  
Seraphicam, s.  
l. 3. c. 39.  
no Arch. de  
S. Antonio  
de Viseu.

Igreja, em que a S. Rainha elegeu sepultura, & a o mesmo lugar instituiu por herdeiro. Mas vendo depois, que ella só pera si, & sua netá a Infanta D. Isabel edificára tribuna, mais alta, que a Igreja no mosteiro de S. Clara de Coimbra, determinou assentar noutra parte seu sepulcro. A devação a levava a o nosso convêto d'aquella mesma cidade, com tudo o grande dano, que as cheas do Mondego lhe fazião, a empuxou pera o templo da Sé pelo testamento ultimo do primeiro de Abril, no anno já declarado, 1336. Não deixou de mostrar nelle o amor, & devação, que tinha a S. Francisco, seu amantissimo Padre, por quanto deixou esno-

las a o dito mosteiro de S. Clara: a os conventos de Coimbra, Leiria, Lisboa, & Santarém: a freiras, & frades particulares, como foraõ Fr. Antoninho do Porto, & Fr. Afonso Viégas. A Sé ficou obrigada a ter cinco Capelães pelo monte da herança, a qual foi muita, & boa, & toda bem empregada. Algum tempo esteve o seu sepulcro dentro da Capela maior: agora está lançado no cruceiro da banda do Evangelho. Tem a sua figura de relevo: as armas Imperiaes, que são Aguias; & hum letreiro, que diz: *Sepulchro de D. Beçaça netá do Emperador de Grecia*: o qual, ainda que grave, não responde cabalmente a os seus merecimentos.

## Vida, & milagres da Rainha S. Isabel,

### Terceira de S. Francisco.

#### CAPITULO XII.

#### *De seu nascimento, criação, & vinda a este Reino.*

1336

**N**Acéo esta nobilissima estrela, que com tantos resplandores alumiou Portugal, no anno, que se contavão 1271 do Nascimento de Christo, no Reino de Aragão. Foi seu pae ElRei D. Pedro III, sua mãe a Rainha

D. Constança. Era netá, por esta parte da mãe, de Manfredo Rei de Sicilia, filho do Emperador Federico II; & pela parte do pae, d'ElRei D. Jaime I, a quem chamáraõ *o Santo*; & da Rainha D. Violante, que também se chamou *Esclaramonda*, irmã de S. Isabel, & ambas filhas de Andre Rei de Ungria. E sendo ella taõ illustre pelo sangue, muito maior foi ainda a nobreza da virtude.

2 Logo no seu nascimento

foi

foi illustrada com maravilhas do Ceo, por quanto appareço envolta nos mesmos panos, que pera nosso resguardo nos veste a natureza no ventre de nossas mães. E posto que as crianças, pera saírem a luz, os rompem de ordinario, esta minina santissima, a qual nunca quiz luzir com o menor rompimento, saíu com elles inteiros vestida, & embuçada, pronosticando tambem o recolhimento grande, & muita honestidade, que guardou toda a vida. Fez disto tanto mysterio a Rainha sua mãe, que os fechou, como singular reliquia, dentro d'hum cofre de prata. Foi-lhe posto no bautismo o nome de *Isabel*, que ella desempenhou na qualidade da vida, em memoria da outra *S. Isabel*, Terceira de *S. Francisco*, irmã de sua avò, como já tenho escrito.

3. Com ella nacèu a paz da Casa de Aragaõ, que estava desavinda por seu pae se ter casado contra vontade, & gosto do sobredito avò. E este que se mostrava queixoso, não só o tinha privado de sua benevolencia, mas tambem não podia ver dos olhos os filhos, que lhe naciaõ. Quando porèm vio nascida esta ditosa Infanta, totalmente se esqueço de agravos, estabelecendo paz, & levando a consigo para a ter no seu paço. Era ella fermosissima, & o resplan-

dor da graça, realçava muito mais os dotes da natureza: pelo que admirado o avò, & como profetizando, dizia por muitas vezes, que sem duvida seria a mais honrada mulher, que Aragaõ avia nunca de dar. Por morte d'elle, tendo somente seis annos, foi levada pera casa de seus paes, onde começou hũa vida tão notavel, que parecia milagre naquella tenra idade. Todos seus intentos erão occuparse em o serviço de Deos por meio da oração, pureza, & penitencia. Retirava-se dos jogos, que contentaõ as meninas, aborrecia enfeites, desprezava vaidades, fugia de conversar, & recolhida no interior da alma não fazia outra cousa mais, que orar, & contemplar. Chegando a oito annos já rezava o Officio divino: as devações semelhantes, erã muitas: jejuava grande multidaõ de dias, ajuntando outros rigores maiores, que se perdião de vista, (sendo muito admiraveis) em respeito da caridade grandissima, com que amava os pobres.

4. Seu pae, que isto notava, dizia publicamente, que por seus merecimentos avia Deos de prosperar com muitas felicidades sua Coroa Real. Foi hũa, & muito grande pretenderem para sua companhia tantos Principes Christãos, como foram os de Napoles, Inglaterra,

Leda m. s.  
no m. s. de  
S. Clara de  
Coimbra.  
Monarc h.  
Lust. p. 5.  
16. c. 30.

Franga, & Imperio de Grecia: mas esta maior ventura tinha guardado o Ceo pera ElRei D. Dinyz, que já então possuía este Reino. Pelo que não lhe foi menos custoso a o sobredito Pae o apartalla de si, do que lhe podia ser arrancar o coração. E esta dificuldade meteo em desconfiança os nossos Embaxadores, & seus vassallos em queixas de não querer antepor o interesse, & consolagaõ do Reino à sua particular. Assentado com tudo o casamento, & disposta a jornada, elle mesmo a veio acompanhando até os confins do seu Reino d'Aragão, onde eternecido o brio, que com estas circumstancias ostenta maior valor, entre amorosas lagrimas, & saudaveis conselhos pronunciou mal formadas as derradeiras palavras, que disse na despedida.

5 A poucos passos andados, porque Deos lhe preparava as occasiões de honra, saíraõ a o encontro seus primos os Infantes de Castela D. Sancho, & D. Jaime, os quaes a acompanhãõ em quanto lhes foi possível: o segundo até chegar a Bragança. Aqui a estava esperando o Infante D. Afonso, seu cunhado, & aqui tomou ella a devagaõ, que já disse, a o nosso convento, que temos nesta cidade. Della se foi a Trancoso, onde ElRei, só por rezaõ de es-

tado, a qual costuma cortar pelas que são de amor, esperou sua chegada. Estava aparelhado com festas muito notaveis, com as quaes se recebêraõ na Igreja de S. Bertolameu, em dia de S. Joã a 24 de Junho de 1282. Caíndo depois a sobredita Igreja, no mesmo lugar do campo, onde teve seu assento fóra dos muros da vila, foi feita hũa Ermida do dito S. Apostolo, cujo nome he hoje mais conhecido em rezaõ de hũa feira, a qual se faz no seu dia. ElRei, que conhecêo na Rainha logo à primeira vista as muitas prendas do Ceo, de que estava dotada, sobre as arras ja feitas lhe dotou a mesma vila, que nessa occasiã merecêo ter tal Senhora, & depois com outras dadivas lhe acrecentou a renda, sem nunca se igualar a muita grandeza delle a o seu merecimento. As escrituras do dote se forã depositar por mandado da Rainha no mosteiro de Sãtas Cruzes, da Ordem de S. Bernardo, no Principado de Catalunha, as quaes levou Fr. Domingos de Portugal, da nossa Religiaõ, que em 5 de Outubro de 1287 fez dellas real entrega a o Abade F. Januario, como consta por hum instrumento publico.

(2)

## CAPITULO XIII.

*Da abstinencia grande, & notavel deuação, que Deos nella com milagres approvou.*

**C**oncordou com harmonia suave esta inclyta Princeza o seruiço dos dons Principes; a quem estava sujeita: o do Ceo, pela sua deuação: o da terra, pelas leis do matrimonio; & sem ofender a este, a o outro não faltava com os devidos obsequios. Acudia a o governo da casa, a criação de seus filhos: procurava dar gosto a seu marido sem fazer hum pé atrás no caminho da virtude. Jejuava quatro quaresmas no anno, a saber a da Igreja, a da Senhora até dia d'Assunção: a dos Anjos, que acaba na festa de S. Miguel; & a outra do Advento. Nos mais tempos fazia tambem jejum tres dias cada semana; & este a pão, & agoa nas festas feiras, & sabados, nas vigalias das festas de Christo, da Virgem Senhora nossa, dos Apostolos sagrados, dos santos Anjos do Ceo, & de outros muitos Santos, a quem tinha deuação. De modo, que repartido em quatro partes o anno, as tres erão

de jejum, & ouuerao de ser todas se seu marido El Rei com tantos jejuns não se fora enfadando. Mas o Ceo lhe approvou o rigor da abstinencia com o milagre seguinte. Estando muito enferma na villa de Alanguet, receitaraõ lhe os medicos, que ella bebesse vinho: não o queria beber: pedindo com tudo agoa, essa mesma, duas vezes se lhe converteo em vinho pera cobrar a saude.

Aliviada com este grande rigor das contradicções da carne, caminhava facilmente na deuação do espirito. A oração, & lição era o seu mantimento. Recreavase em ler as vidas dos Santos, & outros livros devotos, mas cançavalle a vista, afogada com as lagrimas, que derretiaõ os ollhos; posto que fosse em publico. Não podia tirarse do Oratorio, onde falava com Deos; rezando todos os dias não somente o Officio divino, mas tambem o da Senhora, dos defuntos, Salmos Penitenciaes, & húa notavel copia d'outras muitas orações. Trazia sempre consigo todos os seus Capelães, & onde quer que estava, logo em amanhecendo lhe cantavão húa Missa com muita solennidade. No tempo do ofertorio ia beijar de joelhos a mão a o Sacerdote, levando cheas as suas d'algua oferta nobre segundo a quali-

dade do dia. Tornavão os cape-  
lães, quando se faziaõ horas, pe-  
ra cantarẽ as vespervas, nas qua-  
es estava presente.

3. Gastando assi o tempo,  
& em outros exercicios, os  
quaes ainda diremos, nunca  
esse lhe faltou (que não falta o  
que se reparte bem, ou se em-  
prega com Deos) pera dar sa-  
tisfação a suas obrigações. Ou-  
via, & despachava as partes com  
tanta benignidade, que em lu-  
gar de *Rainha* todos lhe chama-  
vãõ *mãe*. As Donas, & Damas  
da sua casa não estavaõ ociosas,  
por quanto as occupava nalgum  
trabalho honesto, qual era de  
ordinario fazer ornamentos pe-  
ra as Igrejas pobres; & comõ  
Mestra de todas, que governa-  
va a obra, bordava tambem as  
têlas, & assentava as perolas.  
Nesse tempo, falando sempre  
de Deos, no que teve singula-  
rissima graça, convertia em ali-  
vio o penoso do trabalho.

4. Gostava muito de falar  
com gente religiosa pelo chei-  
ro, que sentia de virtude, & nes-  
tas occasiões profetizava me-  
lhor, do que fez ElRei Saul na  
companhia dos Profetas. Por  
esta mesma rezão começando a  
trazer duas freiras de S. Clara  
consigo, as quaes eraõ de Co-  
imbra, trazia sinquo depois co-  
mo ainda diremos. Não avia  
neste Reino mosteiro de deva-  
ção, ou Igreja conhecida, que

ella não visitasse, fazendo algũas  
vezes a romaria a pẽ, ainda que  
fosse longe, ou em povos mui-  
to grandes. Posta de joelhos di-  
ante dos seus altares, depois de  
oferecer o coração a o Ceo,  
fazia ofertas ricas de dinheiro,  
ornamentos, & muitas peças de  
preço. Esta sua devação lhe  
confirmou o soberano Senhor  
com este grande milagre. Esta-  
va em Santarẽm, abrazada em  
desejos de ver o raro sepulcro,  
que os Anjos entre as ondas  
do Tejo preparãrãõ a S. Iria,  
como tambem noutrõs mares a  
o Papa S. Clemente. Chegou à  
praia do rio, o qual com a mes-  
ma cortezia, que o Jordão ti-  
uha feito á Arca do Testamẽto,  
dividio as suas agoas, fazendo  
nellas caminho à gloriosa Ra-  
inha até chegar a o cofre, em  
que Deos depositou o corpo  
santõ da gloriosa Portugueza.  
Abraçava-se com elle, chorava  
de devação, & se a noite não  
lhe pozera embargos, nunca  
ella deixãra de venerar aquelle  
santo Sepulcro. Quando se quiz  
recolher, as mesmas agoas, que  
lhe contavãõ os passos, tornã-  
rãõ a ajuntar-se escondendo o  
tesouro, de que estavaõ entre-  
gues. Mas pera ser conhecido,  
fez levantar nesse lugar hum  
padrãõ, no qual a Vila depois  
colocou hũa Imagem da dita  
S. Iria.

5. Fazia tão grande conta  
dos

1. Reg. c.  
10. vers. 10.

2. Tofoe 3.  
vers. 16.

dos santos merecimentos da gente religiosa, & de suas orações, que por aver parte nellas não perdêo occasião. Pelo que, sendo irinâm da nossa sagrada Ordem, o foi também da Religião illustre da Santissima Trindade, & do famoso mosteiro, & hospital de Ronces valls, cuja carta de irmandade ainda hoje se guarda. Com este mesmo intento instituia sufragios, capelanjas, & missas quotidianas, como fez nas suas vilas de Leiria, & de Obidos, em a primeira das quaes o Capelão era Conego de S. Cruz de Coimbra. A este Real mosteiro poz outra obrigação, que lhe pagou muito bem, a saber, que lhe iria cantar em S. Clara, onde tomou sepultura, duas missas cada anno: hũa dellas, no dia de sua morte: no dos Defuntos, a outra. E em quanto elle não teve tãta clausura como hoje, pela qual he celebrado, a tudo deu cõprimêto.

## CAPITULO XIV.

*Da humildade, que tinha em  
algũas devações, com dous  
casos milagrosos.*

**N**davaacompanhada desta devaçõ da Santa d'hũa rara humildade, virtude mais peregrina em quem possue Estados.

Purificava a alma com inundações de lagrimas, repetia a confissão muitas vezes, chorava a falta mais venial como maior sacrilegio, & sendo tão innocente tremia de comugar. Tres vezes no anno, nas festas mais principaes recebia a Christo Sacramento: nos mais dias se abstinha da meza celestial, cedêdo â humildade a insaciavel fome do mâtimêto divino, sustâcial sobre todos, & proveitoso ás almas.

No discurso das quaresmas tinha algũs exercicios, que sendo muito devotos, também eraõ notavelmente humildes. Na festa feira mandava ir a o Paço (isto com grande segredo) treze pobres em memoria do Colegio de Christo, q̄ constava deste numero, os quaes eraõ sempre os leprosos, & quando menos, aquelles mais miseraveis, q̄ se podessem achar. Fãto q̄ os tinha juntos, posta de joelhos lavava os pès a todos: levantavãse, & serviaos â meza: davalhes tambẽ vestido, & calçado, se tinhão necessidade, & esmola de dinheiro, com a qual os despedia. Succedêo, estando em Santarém, que lium delles (seria mais importuno) fez tal detença na sala, que o Porteiro o ferio em a cabeça. Chegou o golpe a o coração da Santa, q̄ lhe quiz recompensar com favores o agravo. Curou o por suas mãos cõ hũa clara de ovo,

c Aluna na  
Chronic. da  
mesmaOrd.  
14c.4.

d Arch.de  
S. Clara de  
Coimbra,

melhorou de esmola, & depois de o mandar recolher não dormio toda a noite com este triste cuidado. Em rompendo a manhã mandou, que subessem delle, & já tinha a ferida encourada.

3 Na Quinta feira da Cea chamou sempre muitas molheres leprosas, & com ellas o Sacerdote mais pobre, & o leproso mais feo, que avia no lugar. Nestes dous cõsiderava a Christo nosso Senhor, Sacerdote admiravel na oferta voluntaria de sua propria vida sobre o altar da Cruz: chagado em todo corpo, como se fora leproso. E com este pensamento, gemendo, & soluçando, atravessada de dores, em lhes lavando os pés, & servindo os à meza, logo lhes dava os vestidos, & dinheiro, que lhes podião bastar para se remediar em na miseria presente. Fazendo isto hum dia, recusou hũa leprosa meter o pé na bacia; tendo já lavado outro: mas obrigada da Santa, tanto que o descubrio manifestou-lhe hum cancro tão torpe, & tão horrivel, que a todos causou nojo. Tinha comido a carne, & entrava pelos ossos, que se ião despegando, & os dedos estavão pera cair. Não poderão aturar os que estavão presentes, o mau cheiro; & o alcor: ella só, vestida de piedade, se mostrava insensivel, lavou a cha-

ga, alimpou cõ os dedos a materia, enxugou-lhe com a toalha o pé, & beijou o mesmo cancro. Pareceria milagre tão profunda humildade numa pessoa Real: maior foi, o que logo se seguiu. No mesmo poto cessarão as suas dores, & tornando a leprosa pera casa teve perfeita saude.

4 No dia seguinte, que era a Sexta feira da Paixão do Redentor, pera celebrar suas penosas exequias, despindo primeiro as vestiduras Reaes, vestia pano humilde, & deste modo assistia na Capela a o Sermão, & Officio. Eraõ tantas suas lagrimas, que (parece) desdizião da gravidade Real. E magoada de que tambem não podesse sacrificar sua vida por amor de Jesu Christo, como elle por nós a oferecção, despendia em esmolas muito da sua fazenda, que pera outros seria esgotar todo o sangue do coração avarento.

5 Do amor, & humildade, com que são de Coimbra a receber no caminho as primeiras Fundadoras do seu mosteiro Real da Ordem de S. Clara, & as servio com sua nõra à meza, temos já dado noticia. O caso de maior admiração he este, que escrevemos. Ardião as controversias entre El Rei seu marido, & o Infante seu filho, q̄ trazião abrazado em guerras todo o Reino: Ella q̄ as queria

o Isia 53.  
ver. 4.

l. 6. c. 18.

compor em virtude da clemencia do Ceo, partio logo d'Alaquer, & foise a Santarém. Fez levar em procissão o Santo Milagre, que tambem descalça acompanhou, com a cabeça cuberta de cinza, & hũa corda lançada a o pescoço. Obrigou-se tanto Deos desta sua humildade, que com efeito os reduzio a concordia.

## CAPITULO XV.

*Da Caridade ardente desta  
inlyta Princeza, favorecida  
com maravilhas  
do Ceo.*

**I** Eve esta bemditissima Rainha em hum grao muito heroico todas aquellas virtudes, que por sua qualidade se podem chamar *Reaes*. Foi liberal por estremo, & grandiosa nas obras. A compaixão da pobreza lhe abria mais o gosto de comunicar seus bens: o culto da Majestade de Deos lhe facilitou a fabrica de edificios nobres.

**2** Pelo pezo das esmolos poderemos conhecer, qual era a caridade, & a sua condição. Não soube nunca de pobre, a que não desse remedio, & chamados desta fama acudião a o paço infinitos, que eraõ bẽ despachados. Quando saia de casa,

ou andava pelo Reino, os caminhos, as entradas dos lugares, as ruas, & as portas das Igrejas, tudo lhe tinha cercado esta miseravel gente, a qual tambẽ concorria de povos muito distantes. Succedia ajuntaremse cõ os pobres alguns ricos, que por pura devação pretendiaõ receber esmola de suas mãos. Os q via serem mais necessitados, recolhiaoos em casa, & entã os despedia com outros vestidos novos, além de lhes dar calçado. Daquelles, que eraõ envergonhados, ou cairaõ em pobreza depois de muitas riquezas, tinha maior cõpaixão, melhorãdoos na dadiva. Atẽ nos ricos suspeitava algũa necessidade para empregar com elles sua condição Real, & costumava dizer, que a muitos tinhão em conta de ricos, nos quaes a esmola seria mais necessaria, que nos pedintes da porta.

**3** Onde quer, que se achava, fazia informações das donzelas, que por causa da pobreza poderiaõ arriscar a sua honestidade, & com profundo segredo tratava de seu emparo. A outras criava em sua casa, como tambem a os filhos de alguns dos seus vassallos honrados, & pobres, & depois de os criar, & ensinar, a todos dava estado. Dotava muitas orfans cada anno, as quaes tambẽ ensinava, ou lhes emprestava as

joias, & os vestidos, com que avião de celebrar na Igreja o matrimonio santo. E porque com ella não acabasse esta sua caridade, no segundo testamento ordenou o q se segue. *Mando, que fique a o mosteiro de S. Clara de Coimbra a minha brocha grande do Camafeu, furada no meigo, & a minha coroa das pedras amarelas, que chamão Citrinas, & o encoucado, & o Oral, & o Vêo, & a Santa, que eu mandava poer ás noivas, que casavão da minha casa; que a Abadessa as empreste a aquellas, que casarem, & que lhas tornem depois.* Refugava os cativos: fazia soltar os prezos, pagando inteiramente suas dividas por elles: provia a os enfermos do que avião mister: na doença, de remedio: na morte, de sepultura; & sem faltar numa obra, que fosse de piedade, a rodas se estendia sua condição Real.

4 Quantos mosteiros de frades, & de freiras mendicantes, quantos hospitaes de pobres, quantas casas de gente emparedada se achavão neste Reino, por todos distribuía, conforme a qualidade, trigo, dinheiro, ou pano, de que fizessem os habitos. Não cabia sua grande caridade nos termos de Portugal, mas tresbordava por fóra, alimentando mosteiros, & muitos religiosos em Aragoão, & Catala. Dos q ella entre nós aventajou (não podemos dizer co-

dos) os mais eraõ os de Coimbra: S. Clara em o primeiro lugar: Sant Ana, q então ficava perto, a quem unio a Igreja do Azambujal; & S. Cruz, q em muitas escrituras lhe confessou notaveis obrigações. Estas mesmas reconhecia tambẽ o Prior da Igreja de S. Bertolameu, chamado *João Afonso*, quando a 8 de Maio de 1335 se obrigou por escrito a cantarhe hũa Missa cada anno.

5 Parecia hũ grandissimo milagre chegarõ as suas rendas a gastos tão excessivos. Mas publicavão os pobres, q nas mãos lhes crecião as esmolãs, como tinha succedido no bñquete, que Christo deu no deserto, onde o pão, & o peixe se ia multiplicando nas mãos do mesmo Senhor, q primeiro o partia: dos Apóstolos sagrados, q o davão: dos convidados, q na meza o comião. E acontecêo tal vez darlhe o Ceo por milagre o cabedal, que não tinha, para q o despendesse. Isto foi quando as rosas se trocavaõ em dinheiro, como direi brevemente. Outra vez lho cõservou o Senhor por não faltar a pobreza, cõvertêdoõ em rosas pela maneira seguinte. Ainda mui occupada na cidade de Coimbra em fabricar o seu insignie mosteiro de S. Clara: os officiaes requêriaõ seu jornal: os pobres não a largavão; & deixado se levar das pressas da caridade

Arch. de  
S. Clara de  
Coimbra.  
fol. 5. v. 2.  
2. q. d. 1. 3.  
7. 0. 0.

Joan. 6.  
Janseo in  
Concord.  
6. 57.

lançou

lançou mão de hum pouco de dinheiro, o qual deu no regaço. Indo contente com elle, por que logo o avia de gastar, apparecêo seu marido, que por ventura não queria tantos gastos. Perguntoulhe, *que levava*; e respondeu, *que erão rosas*; & abriu doo regaço, em rosas estava o dinheiro disfarçado.

6. Compadeciase muito dos que estavam enfermos, visitando os quando lhe era possível, nos hospitaes, ou nas casas. A todos consolava com amorosas palavras, & se notava alguma necessidade de enfermeiro, de dinheiro, ou de roupa, a tudo dava remedio. Muitas vezes lhe dava tambem saude; que elles mais estimavão. Em Lisboa a foi ver D. Margarida Freire, religiosa em o mosteiro de Chélas, a qual tinha hum tumor junto do peito, q' lhe dava grande pena. Compadecendo se della, fez lhe o sinal da Cruz, & com isto ficou sam. Do mesmo modo curou de accidentes mortaes a D. Urraca Vasques, que tinha em sua casa.

## CAPITULO XVI:

*Da Real magnificencia, que a Sancta ostentou em edificios nobres.*

**U**tra virtude Real, q' muito resplandeeo nesta Rainha santissi-

ma, foi sua magnificencia, contra qual se occupou em muitas fabricas, que depois foraõ troféos da grandeza do seu animo. Não se fez obra alguma em Portugal no seu tempo de mosteiro, de hospital, de Igreja, de ponte, ou fonte, que ella não ajudasse, oferecendo dinheiro. Não reparava (como muitos) em seguir, ou acabar o que d'outros avião principiado; si não queria perpetuar o seu nome com brazões, ou epitafios, que dessem a conteeella por Autora destas obras. Estava mui apattada de flasitão impertinentes vaidades, & caprichos. Era só sua tenção o serviço do Senhor, a fermosura do Reino, a utilidade publica. Grande argumento fazem o mosteiro illustrissimo de S. Clara de Coimbra, o hospital junto delle, os paços tambem vizinhos, cuja luntuosa machina em outro lugar descrevemos; mas convein ajuntar mais testemunhas, com que isto se confitme.

Em Lisboa começou com seu favor a fundarse o mosteiro da Santissima Trindade, no qual ella em a obra da Igreja despenceo muita fazenda. Restaurou a sua Real capela, dedicada a S. Simão em Leiria, a qual caindo depois juntamente com os paços, ficou o sítio delles às casas Episcopaes, & a imigê do Santo se tresladou

21. 11. 211

11. 11. 211

11. 11. 211

1. 6. c. 17. 19 & 20.

S. F. Betnardin. de S. Antoo. in Epit. l. 1. c. 14. 5. 3.

no mesmo monte a Igreja de S. Pedro. Por cima deste lugar apparece no castelo a Igreja de N. Senhora da Penna, na qual ella fez deposito d'ũa ambulá pequena, cheia do leite da mesma Virgem puríssima, que agora está guardada na Sêcõ grande de veneração.

3.º Levantou na mesma villa (naõ era entã cidade) hum hospital de molheres envergonhadas, & pobres, as quaes tambem sustentava; & he lastima, estarem hoje extintos este, & outros lugares, em que se exercitou a piedade Real. O P. Fr. Lucas diz, que vio este edificio: mas devia enganarse com quelle mais antigo, que foi de Emparedadas, como mostraõ os vestigios, perto do nosso cõvento, das quaes se lembrou no primeiro testamento a mesma S. Rainha. Edificou em Coimbra hũa casa de molheres Convertidas, que ella com seus conselhos reduzia ao serviço de Deos, & procurando depois arrancarlhe as raizes dos desconcertos passados, as mudou a Torres novas, onde sempre corrêrão por sua conta.

4.º Tendo começado D. Beringeira Aires o mosteiro d' Almolter de freiras de S. Bernardo, duas legoas da Vila de Santarém, & cortadolhe a morte o fio a seus intentos, encomendon o a Santa, que logo o

perfilhou. Estêdêo os edificios em muito maior grandeza, contribuido com esmolas, & acrecêtoy as rendas.

Isto mesmo succedêo no hospital dos *Innocentes*, fundado na dita vila por hum Bispo da Guarda pera criar enjeitados. Escaçamente começava a nascer, nem tinha corpo perfeito, quando a S. Rainha o achou desemparrado por morte do Fundador. Mas nisso foi venturoso, porque nas obras, na renda, & na grandeza da casa o deixou acrecentado. Limitava-se o Bispo a certo numero delles, & seu dilatado animo mandou recolher a todos. Era muita pera ver o amor, que lhes mostrava. Entrando em Santarém, fazia ir a o paço as amas com as crianças, abraçavaos a todos, como se foraõ seus filhos, tinhaos junto da inezia: por lhe prestar o comer, convidavaos de tudo, sem perder occasião de os poder regalar. Depois de criados, dava ordem que aprendessem officio, com o qual se sustentassem; porêem com este encargo de currallos o hospital nas doenças, pois elles na criação naõ tiveram outra mãe.

F. Luc. 8.º  
136, n. 19.

d. 20. 311.  
n. 9.

ep. 1. 3. c.  
34. n. 6.

1. 2. 1. 2. 1.  
os 2.

1. F. Beringeira  
2. Beringeira  
3. Beringeira  
4. Beringeira  
5. Beringeira  
6. Beringeira  
7. Beringeira  
8. Beringeira  
9. Beringeira  
10. Beringeira

**CAPITULO XVII**  
*Contamos a fundação, & successos admiraveis da Igreja do Espirito Santo na vila de Alanquer.*

**T**Or também a dita S. Rainha instrumento milagroso do grande poder de Deos na fundação desta insigne Igreja. Apareceo-lhe em sonhos o Espirito divino, Terceira Pessoa da Santissima Trindade, & consolador das almas, advertindo-a, que lhe fizesse hum templo dedicado a seu nome, do qual ella em acordando do sono tratou com muita presteza. Ouvio missa, como tinha por costume no principio de tudo: decéo do paço à varzea, por onde corre o rio: mandou chamar trabalhadores, & mestres; & entretanto esteve em oração encomendando a Deos o cuidado desta obra. Vindo elles achãrao o edificio traçado já pelos Anjos, & os alicerces todos abertos à flor da terra, conforme à mesma planta, que a bendita Rainha debuxara na Ideia. Quando vio este milagre, arrebatada em Deos esteve quasi suspensa por tempo de meia hora. Chorava de alegria, & cos joelhos em

terça, & as mãos levantadas a o ceo lhe rendia de coração muitas graças por tão notavel favor. Mandou logo, que abrissem os fundamentos mais altos, sem se tirarem da traça, que o mesmo Ceo lhes dera; & a tudo assistia com grandissimo cuidado. Continuando a obra, passou por este lugar hũa moça com hũas poucas de rolas, as quaes lhe mandou pedir, & quando as recebeu, levantou, como era seu costume, as mesmas mãos a o ceo, dando louvores a Deos, que entre espinhos asperos criava flores tão belas. Despedindo-se à tarde, deu hũa a cada hum dos ditos officiaes, declarando, que com ella lhes pagava o jornal d'aquelle dia inteiro. Tomaraõ isto por graça: porẽm quando já sol posto recolhiaõ os fardes, as rolas em suas proprias mãos se cõvertêraõ em dobras, que eraõ moedas d'ouro.

Sabendo isto ElRei, & admirado do caso, pretendeo entrar nos gastos desta milagrosa obra. Não lho consentio a Santa, que só em servir a Deos se queria consumir. Mas ambos de mão comum lhe applicaraõ a renda; proveraõ a sanatoria, formaraõ o hospital, & assentãraõ as festas, que se deviã fazer a o Espirito Santo pelo discurso do tempo, levantando confraria, encabeçada nos no-

*Arch. da Camara de Alanquer. F. Luc. o. cit.*

*Handwritten notes in the right margin.*

bres, que sempre as sustentasse. Do Imperio, & procissão da Candea, tenho já dado noticia. Nas outras festas se vieraõ a fazer tão exorbitantes gastos, que mandaraõ moderallos as Magestades Reaes. Ordenouse no compromisso antigo, que se fizesse hum vodo a os irmãos, & devotos no dia da sua festa, no qual se costumayão gastar cento, & trinta alqueires de trigo com a carne de sete tontos, que primeiro se correm na festa feira, a qual por essa rezão foi chamada dos antigos a *sesta feira das Vacas*. Forão cursando nas occasiões do vodo os milagres da gloriosa Rainha, porque o pão, & a carne crescerão a olhos vistos, cada hum no seu paiol. Antes disso, no cozer da dita carne, acontecéo romperse hũa caldeira, das duas em que se coze, & não caio pelo fogo, nem hũa gota de caldo. Não se pôde cozer junta, mas hũa apoz da outra, & sendo estas caldeiradas muitas, achouse algũas vezes, que nem a fervura dellas, nem o caldo, que saia com a carne diminuirão a conta do vinagre, & da agoa, que se lhe tinha lançado. Desta maravilha duvidava o Cozinheiro d'ElRei D. Duarte, defenganouse porém quando a vio com seus olhos. Outras vezes, (& assi acontecéo no anno 1543) estando já

concertadas as caldeiras, varrida a fornalla, & lenha debaixo dellas, de dentro do lar, que não fora aquecido em todo aquelle anno, antes estava mui humido, saião lingoas de fogo a semelhança das que vierão do ceo sobre os santos Apostolos, com que ardeõ a fornalla.

4.º Por humilado da Igreja corre o rio da vila, a cuja margem se retirava a Santa quando fervião as obras, pera fazer oração, ou pera lavar as mãos, & os paninhos dos pobres, que tinha no hospital. E se o Jordão se gaba, que curou com suas agoas a hum Principe da Syria, o qual estava leproso, este rio d'Alanquer lhe pode lançar em rosto, que na virtude do contacto desta bemdita Rainha curou a muitos enfermos. Vieraõ lavar-se nelle, hum alejado d'hũpê, outro enfermo dos olhos, hum com a face queimada, outros com grandes achaques, & levãraõ a saude, que esperavão da Santa.

### CAPITULO XVIII.

*Do seu incansavel zelo em pacificar discordias.*

**E**ntre as graças insignes, de que o Ceo a dotou, foi muito par-

ticular

p. r. Ar.  
c. 37.

e Arch. da  
mesma  
Igreja.

25. A. 2.  
35. 1. 2.  
37. 1. 2.  
4. Reg. 19.  
ver. 14.

particular a sua prerogativa de mitigar furor belico, reduzindo a concordia; quando menos se esperava a paz, asi contendas mais crueis; & esta grande virtude lhe confessa a Igreja no Officio divino; que se reza no seu dia. Nacéo fazendo já paz entre seu pae, & avô; pelas fazer com outras muitas pessoas se cançou toda a vida; & com a mesma demanda se meteo nas mãos da morte na vila de Estremoz. He impossivel contar quantas amizades fez, quantos odios desfez. Em sabendo, que no Reino estayão alguns discordes, ou os buscava a elles, ou os mandava chamar, & persuadindo os com suas palavras vivas, chorando diante delles, pagando o que deviaõ quando era necessario, os deixava concertados. Se seu marido ElRei por falsa informaçõ, ou maldade dos privados se mostrava indignado contra algum innocente, fazia quanto podia por lhe dar a entender, que todos o enganavão, insistindo tanto nisso, que vinha a abrandallo. Nunca porém assistio a os que eraõ sabidamente culpados, nem impedio nestes casos os castigos da justiça, por não vir a ser cruel, em patrocinar pecados, sua muita piedade.

Entrando em Portugal aquelles embaxadores, que por

parte de seu pae vierão raincar com ElRei seu casamento: ajudados das orações, & instancias, com que ella importunava a Deos pela paz da Monarchia, que avia de ser sua, brevemente começaram a desfazer as contendas do mesmo Rei D. Dinyz com seu irmão o Infante D. Afonso. Em outra composição se sentio de muito longe esta singular virtude, por que a o mesmo tempo, que ella em Aragoã dispunha a sua vinda, ElRei já lhe preparava muito alegre entrada, concordando se em questões mui intrincadas, & antigas com as Igrejas do Reino; & depois por lhe dar contentamento desembargou a Sé do Porto a sua jurisdicção, que nesta cidade tinha. Tornarão os dous irmãos a encruar seus desgostos; & com tanto rompimento, que duas vezes cercou ElRei o Infante: hũa, na vila d'Arronches: a outra, em Portalegre. Acudio a estas guerras a pacifica Rainha, & tudo apazigou; comprando tambem a paz no q' lhe era possivel. Quiz o Rei segurar-se no seu Reino dos fervores do Infante, & vendo que facilmente poderia recolher em Marvão, & Portalegre socorro dos Castelhanos, tiroulhe ambas as vilas; pelas quaes lhe deu as outras de Sintra, & de Ourém. A primeira destas era da S. Rainha, que a

largou

Monarch.  
Lusit. p. 51.  
16.c. 30.

cap. 16.

Catal. dos  
Bisp. do Por  
to p. 2.c. 16.  
& 17.

largou com muito grande vontade pelos não ver desunidos. Mas o Rei generoso, & magnifico lhe fez recompensa mandolhe duas por ella, a saber Leiria, & Arruda: gratificando tambem com esta demôstração o trabalho, que tivera em compor as controversias.

3. Antes dellas chegarem a este fim, tiverão outras principio com El Rei D. Fernando de Castela, contra o qual, assistindo nesse tempo em a cidade da Guarda o nosso Rei D. Dinyz, mandou apregoar guerra. Mas como tinha consigo na pessoa da Rainha hum grande Anjo da paz, forão ambos a Ciudad-Rodrigo, onde o Rei Castelhana capitulou novas pazes em muita utilidade do Reino de Portugal. Resuscitaraõ depois os incendios da guerra cõ tanta hostilidade, que o dito nosso Rei foi entrando, & destruindo Castela sem parar com sua teima, se não foi em a vila de Simancas. Entretanto a piedosa Rainha não fazia outra cousa, que desfazerse em lagrimas, levantando suas mãos, & coração a o Ceo, a quem pedia humilde, que sobre ella caissem, & não sobre innocentes, todos aquelles castigos. E foi ouvida de Deos, o qual por sua misericordia inspirou no Castelhana, quebrantado já da guerra, que oferecesse pazes, ratificandose

estas em virtude dos casamentos por troca, que então se asentaraõ, dos nossos Infantes D. Afonso, & D. Constança, ambos filhos da mesma S. Rainha, com o dito D. Fernando, & sua irmã a Infanta D. Brites. Pera isto se vir a effectuar acompanhou até a vila de Alcanhizes a D. Dinyz seu marido, onde celebrados os sobreditos concertos, deixou a D. Constança, & trouxe a D. Brites, as quaes ambas, seguindo os seus exemplos forão, como ella foi, Terceiras de S. Francisco.

4. Abafado este fogo debaixo das suas cinzas, que tornaraõ a arder, saõ outro poderoso pera abraçar Castela. Acendião esta guerra o Infante D. João, & D. Afonso de Lacerda, que querião conquistar, & repartir os seus Reinos, ligados entre si, & com o Rei d'Aragão, o qual lhes dava ajuda por suas comodidades. Era este, irmão da S. Rainha: o Castelhana, seu genro; & fervendo muito nella com o mesmo parentesco a natural piedade, meteo tanto cabedal de orações a o Ceo, embaxadas a os Reis, conselhos a o marido, o qual tambem se achava neste jogo, que os trouxe a concordia por meio d'hum louvamento, assinado pelas partes, na pessoa do mesmo Rei seu marido. E indo determinar esta causa na cida-

Do Part  
e Castel  
la - Al  
canhizes

Do Part  
e Castel  
la - Al  
canhizes

de de Tarrazona, nos confins de Aragão, foi em sua companhia por merecer no trabalho da jornada os bons assentos da paz.

5 Tendo já com grande gloria pacificado Hespanha, em Portugal levantou o espirito maligno inquietações domesticas, que lhe cortarão a alma. Foi origem destes males a ambição, & cobiça de seu filho D. Afonso, que muito impaciente de aver de esperar pera possuir o Reino pela morte de seu pae, em vida d'elle queria a o menos hũa parte. A glorioza Rainha, não podendo com palavras moderar o seu orgulho, trabalhava cõ piedade de mãe, & caridade de santa por desviar o perigo nos maiores rompimentos. O primeiro foi, quando El Rei suspeitando, que pretẽdia tomarlhe a cidade de Lisboa, o buscou com mão armada na vila de Sintra, sem dar conta á Rainha, que deixou no Lumiar. Mas a Santa, cujo coração, ferido de sobressaltos, adivinhava os males, avizou com grande pressa por muitas vias o filho, ficando em oração com toda a sua familia, & mandando dizer Missas, nas quaes pedia a Deos, que abrandasse o Rei, que guardasse o Infante, que desse paz a o Reino: E compadecido della o soberano Senhor, de tal modo acovar-

dou o Infante. depois de ter experimentado algum tempo a batalha, que elle se retirou da indignação do pae.

6 Foi o segundo encontro na cidade de Coimbra, onde ambos ajuntarão suas gentes: o Rei, pera lha tomar, porque estava por elle: o Infante, que a vinha socorrer. Avia escaramuças, muitas mortes, & lamentavel estrago de hũa, & outra parte, que brevemente chegarão á noticia da Santa estando em Alanquer por ordem de seu marido, o qual lhe tinha mandado, que não saísse da vila Angustiada porẽm rompeo as mesmas prizões, foi fazer em Santarem a procissão, que dissemos, d'ahi caminhou a maior pressa, & chegando a Coimbra, que vio o horror das armas, os fillios contra os paes, matarem huns a os outros, sentida de tantos males, com muitos rōgos, & lagrimas os fez levantar o campo, & jurar depois concertos. Mas o Filho, pouco observante delles, tornou a inquietarse, pretendendo irse meter em Lisboa contra vontade do pae, que picado do receio, ou do brio, em pessoa lhe quiz atalhar o passo. Estando já com os esquadros formados, & rotas ambas as partes por alguns homens de pẽ, no Lumiar, como diz Duarte Nunez; ou em Loures, como se diz por mais certo, che-

gou

Chron. do  
mesmo Rei  
fol. 126. v.  
Lãda m. s.  
co mosteiro  
de S. Clara  
de Coimb.  
Perpin. 1. 2.  
Conde D.  
Ped. tit. 21.

gou a S. Rainha assentada numa mula, & correndo à redea solta sem esperar companhia rompêo pelos arraias entre nuvens de pedradas, de setas, de tiros de arremeço: apresentou a o filho o peito, que o criâra; encomendou a o Rei a piedade de pae; & metendo muitas lagrimas por suas intercessoras, fez com elles, que se retirassem logo com sinaes de amizade.

7 Descançando desta parte o coração da Rainha por morte de seu marido, no reinado deste filho, que foi D. Afonso IV, se vio nos mesmos trabalhos. Tinha elle casada em Castela a Infanta sua filha D. Maria com elRei D. Afonso o XI do nome, que esquecido da salvação, & da honra em rezão de certos amores, & muito escandalosos lhe dava mau tratamento. E sentindo a dita S. Rainha, que sendo tambem seu neto, se fosse precipitando nestas ofensas de Deos, pera lhe persuadir que reformasse a vida, o foi buscar no seu reino. Assentaráo, que o faria assi, mas como os appetites lhe cegavão o juizo, sem emendar este erro, deu noutró mui trabalhoso, que foi embargar a vinda da Infanta D. Constança filha de D. João Manuel; que vinha pera casar com o Infante D. Pedro. A isto era forçado, que saísse o nosso Rei D. Afonso, & pae do mes-

mo Infante; facilitando por força o que elle por contumáz impedia. Soavão já os estrondos, & aparatos da guerra ferindo com triste eco o coração da Rainha, a qual dizia com lagrimas. *Se meu filho, & meu neto ouyerem d'andar em guerra, leveme Dos pera si antes de ver os seus males.* E resoluta em os ir buscar a ambos pera os pacificar, por mais que muitas pessoas, vista a sua idade, a fraqueza, o trabalho do caminho, & grande ardor das calmas, lhe encontravão a ida, ella se foi de Coimbra a Estremoz, onde acabou a vida, como ain la diremos, morrêdo em seu officio. Insigne molher, & rara, que tanto à sua custa nos grangeou tantos bês!

### CAPITULO XIX.

*Doutros trabalhos, que padecêo esta Santa, & dos favores, com que Deos a consolava.*

**N**O fogo das ditas tribulações, & de outras tambem grandes, que contaremos agora, se foi apurando mais o precioso metal de sua devota alma. Deulhe Deos hũa mansidão notavel, irnam inteira da paciencia santa, com as quaes estava sempre

muito

*Depois de morto  
D. D. Maria*

11.90

ob. 11.90

11.90

11.90

11.90

11.90

11.90

mnito constante, & firme na maior adversidade. Ninguem a viu agastada, nunca se mostrou soberba, não disse palavra aspera: em tudo se reportava com estranho sofrimento, bem alheo da altiveza Real, dissimulando ofensas, que em lugar de vingança achavão nella perdão, & benevolencia. Dos agravos do marido podia ter grandes queixas, mas não ouve que nunca lhas entendesse.

2 Era o seu matrimonio muito honesto, & santo: avia da sua parte fermosura, & prudencia: abendiçou seu ventre o poderoso Senhor, pera que o fructo delle estivesse assentado sobre o trono Real: pario a D. Constança, que foi Rainha de Castela, & depois a D. Afonso, q̄ sucedeo neste Reino. Por todas estas razões lhe devia seu marido o amor, & lealdade, q̄ lhe mostrou no principio, conforme se esperava de tão catolico Principe. Despenhandose porém com escandalo do mundo atrás de seus appetites, retirouse torpemente da sua conversação, & teve filhos, & filhas de diferentes molheres. A Santa, que o sabia, nunca se deu por achada, nem lhe demandou ciumes. Quando lho vinhão contar (que não faltão contadores), ou desviava a pratica, como quem não entendia, ou se punha a rezar, ou lia por

algum livro? A o marido teve sempre aquelle grande respeito, com que o tratava d'antes, & sem lhe dar a molestia mais leve, acrécentou só de novo, per si, & por outros muitas orações a Deos, pera que o arrancasse de tão profunda miseria. Sobre isto vestia, & sustentava as amas, que lhe criavão os filhos: regalavaos no paço: buscava mestres, & aios, que os doutrinassem bem; & a todos da sua mesma fazenda fazia largas mercês. Com estes grandes milagres de hũa prudencia rara, & com a graça de Deos se foi o Rei vencendo até de todo largar as ruins conversações, & podemos dizer delle, que o marido se salvou pela molher.

3 No tempo de seus trabalhos teve lugar a maldade de um moço fidalgo, o qual servia no paço, pera dizer a El Rei, que lhe parecia mal o trato familiar entre ella, & entre seu Esmoler. Estimavao por muito a Santa, fiando de seu legrado as esmolas, q̄ fazia. Mas que virtude, por excelente q̄ fosse, té escapado no mundo d'huns olhos maliciosos? O Rei, q̄ seguia o caminho das liberdades da carne, julgãdo por si os outros, determinou q̄ morresse quem tirava o Esmoler, cõ hũa traça notavel, q̄ já tenho declarado. Cõ tudo o Rei dos ceos lha desfez

Pfal. 131  
ver. 11.

p. 1. l. 2. e.  
jo. 1. l. 2. e.

tão subtilmente em abonação da Santa, que por engano dos homens foi queimado o falso Mexeriqueiro em lugar do Esmoler virtuoso.

4. Hum desgosto, que ella teve, mui grande se trocou no maior contentamento, que como serva de Deos poderia esperar. Fazia hũa jornada de Santarém a Lisboa, & indo entre Pontével, & a vila d'Azambuja saio a o seu encontro hum Ermitão, que nunca foi conhecido, & lhe falou deste modo. *Senhora, a Rainha de Castela, D. Constança vossa filha me appareceu em sonhos, encomendandome muito, que vos declare agora, como está no Purgatorio. Quer, que vós a ajudeis a sair desse tormento; & que seja por meio de hũa Missa, a qual diga todos os dias d'hum anno algum sacerdote aprovado na vireude.* A Santa se magoou por occasião da morte; & o cuidado da missa, entregou o a o P. Fernão Mendes, que com muita devação celebrava cada dia. Estando já em Coimbra, & descuidada do tempo, vio em sonhos a mesma D. Constança, vestida toda de branco, & com o rosto alegre, que lhe falou deste modo. *Saberis, Mãe, & Senhora, como vou do Purgatorio pera o Reino do Ceo; & isto quer o Senhor, que eu vos venha dizer por vossa consolação.* Não advertia a Santa que naquelle dia d'antes se acabaraõ as missas; & estando pen-

sativa, chegou Fernão Mendes, que affi lio declarou. Persuadida com estas confrontações da sua ditosa sorte, deu muitas graças a Deos, mandou cantar outras missas, repartio por gēte pobre grande soma de dinheiro, & fez armar os seus paços, dizendo que com isto festejava a entrada de sua filha na Gloria.

5. Na mesma occasião, em cap. 12. que avizou o filho de como El Rei seu Paç o ia buscar a Sintra, pera que se retirasse, por esta acção, sendo a obra tão santa, lhe tomou o marido tanto odio, que não somente lhe tirou as suas rendas, mas ordenoulhe tambem, que se fosse a Alanquer, & não saísse da vila. E neste recolhimento, q era como prizão, sem se queixar da injuria, agradecida por ella, com muitas molheres de exemplares virtudes, que ajuntou d'outras partes, estava em oração pedindo a o Senhor, que os pozesse em paz. Então lhe aconselhãrão os fidalgos, que tinham os seus castelos, q se defendesse nelles contra as ordens d'El Rei: mas não lhe quiz dar ouvidos, por não faltar a o mundo no exemplo da maior fidelidade numa molher ofendida. E como nunca o Ceo tem faltado até hoje à nossa cõsolação, por esse mesmo caminho, em que o Rei se tinha por agrava-do, se achou por bem servido.

cap. cit.

Porque quebrando a Santa a sobredita prizão, pera os fazer amigos, de tal modo lhe agradou o intento, que por isso a restituio na posse do Estado, & das rendas.

6 Continuando depois as desavenças do filho, o receio de q Deos quereia castigar a cõta dellas o Reino, a trazia em grande tribulação. E prostrada hũa vez com muitas lagrimas nos seus paços do Castelo de Lisboa, diante d'hum Crucifixo, o qual ainda se vê na capella destes paços, instava que não deixasse perderse o Lusitano imperio, edificado por elle no campo d'Ourique sobre suas santas chagas. Nesse tempo a consolou o Senhor com a seguinte visãõ. Aparececolhe hum minino, assentado numa roda: significando com isso, que por suas orações este vèturoso Reino tornava a renacer. No mesmo pòto sobreveio hum Leão, que queria despedaçar o Minino; & affligindose ella, ouvio hũa voz, que disse: *Isabel, por ti livrarei a este teu descendente, & nelle se comprirá a minha misericordia.*

Assi o vimos escrito na devotação desta sagrada Imagem, que no anno de 1642. se estam-  
pou em Lis-  
boa:  
(?)

## CAPITULO XX.

*Veste habito de S. Clara por morte de seu marido: faz ro-maria por elle a Sant-lago: oferece muitas riquezas a Deos; & obra algũs milagres.*

**P**Assadas estas tormẽtas, padecco o duro golpe da morte de seu marido na vila de Santarêm, a os sete de Janeiro, anno do Nascimento de Christo 1325. Na doença, que foi muito prolongada, o servio com grandissimo amor, tomando a sua conta o cuidado das criadas: mas despedindose elle deste miseravel mundo, lhe ficou porta aberta às grandes resoluções, pertencentes á virtude, que tinha premeditado. Trazia sempre consigo encerrado em hum cofre o religioso habito da Ordẽ de S. Clara, ou pera sua mortalha se falecesse primeiro, ou pera se vestir com elle em caso, que viuvasse. E conhecendo agora pela doença d'El Rei, que avia de ficar neste segudo estado, a os dous do dito mez protestou publicamente, como sua tẽçaõ era vellillo por devaçãõ, honestidade, & luto, sê por isso renũciar, ou perder a liberdade

que tinha, de dependender suas rendas conforme lhe pareceffe em proveito dos vassallos. Depois, no dia seguinte a o seu falecimento vestio o habito santo, renovando o protesto escrito em portuguez, por quanto o outro d'antes se escrevêo em latim, ambos na Era de Cesar 1363, que foi o anno de Christo, 1325, já nomeado assima. Do primeiro se entregou hũa copia a o P.<sup>o</sup> Fr. Lucas Vvadingo, mas com o nome de Era convertido no de *anno*; donde naceraõ as duvidas, & algũa confusão, com que tratou este ponto.

2 Vestida pois em o habito da gloriosa S. Clara, cingida com hum cordão, & vèo branco na cabeça, do qual modo se vestio, & toucou toda a vida: com este luto devoto, religioso, & santo saio à sala Real, onde se poz o cadaver de seu marido defunto. Admirava a constancia, com q̄ soube encubrir o sentimento da alma: mas em tudo tem artificio grande a verdadeira virtude. D'aqui o acompanhou até o Real mosteiro das freiras de Odivelas; no qual elle, por ser o seu Fundador, escolhera sepultura. Assistio em pessoa nas exequias, mandou dizer muitas Missas, repartio largas esmolas, solicitou orações de muita gêre devota, que rogasse por sua alma a Deos:

testemunho muito certo do amor, com que sempre o tratara, que he a virtude propria do estado de casados.

3 Feito isto, caminhou em romaria, tambem por sua tenção, a Sant-Iago de Galiza, & quando vio a o longe, (que seria hũa legoa antes d'entrar na cidade) as sombras dos edificios, apeandose com toda a companhia, foi a pé até o sagrado templo do Apóstolo de Christo. Esteve na sua festa em 25 de Julho; no qual dia, de joelhos diante do seu altar, como qualquer peregrina, fez a mais rica oferta, q̄ cõforme à memoria dos homẽs tinha feito outro Principe. Oferecêo hũa coroa de ouro, guarnecida de pedras preciosas, & muitos vasos de prata: os melhores vestidos, q̄ lançára em vida de seu marido: hum Pontifical riquissimo: algũs panos de armar, q̄ pela sua valia erãõ bẽ merecedores das insignias Reaes de Portugal, & Aragão, com que estavãõ marcados: a mula, portadora desta carga, com o seu freio de ouro, prata, & pedras de muito preço; & em dinheiro hũa copia notavel pera a fabrica do templo, & sustentação dos pobres. O Arcebispo, que em nome do Apóstolo recebêo esta oferta, lhe deu em retorno della duas peças, com q̄ entio a arinou *Romeira* de Sant-Iago.

Arch. de  
S. Clara de  
Coimbra.

6 tom. 3.º n.º  
1925. n.º 20.

A primeira, hum bordão a o modo de muleta encastado em prata, & no reinate com hũa pedra vermelha: a segunda, hũa bolsa de setim alionado, forrada de couro, & bordada com hũa parte com a figura do mesmo S. Apostolo, da outra com hũa Concha, que he a sua insignia. Delhas ambas fez a Santa tão grande estimação, que sem as largar na vida, as levou por morte á sepultura.

4. Nesta sua romaria passava de ordinario por innumeravel gente, que despovoando as cidades, aldeas, lugares, vilas, querião ver com seus olhos hũa mulher milagrosa, que era Santa, & juntamente Rainha. E indo pela estrada de Coimbra a o Porto, onde chamao *Arriana de Santa Maria*, hũa cega de nacença lhe fizo a o caminho, cuja mãe instou apertadamente, que lhe pozesse sobre os olhos as mãos, pera que a luz do Ceo lhe communicasse vista. Compadecida a Santa tocoulhe os olhos cegos, que com isto se abtrirão: mas porque publicavão o milagre, que queria encubrir, pera lhes tapar a boca, as peitou com dois vestidos.

5. Tornando a Odivelas fez celebrar com toda a majestade o officio do anno pela alma do marido, depois do qual se recolhéo a Coimbra, onde

fez a o S. Rei dos Ceos hum notavel sacrificio. Offercecolhe todos aquelles vestidos, que ainda lhe ficaram da oferta de Sant-Iago: muitas peças de ouro, & de prata: as alfaias, & paños de sua casa. Tudo isto convertido em ornamentos, & calices, cruces, imagens, & mais peças do altar, que repartio por muitas Igrejas pobres, de-sejando venerar a Majestade divina com os mesmos instrumentos, com que d'antes agradara na pessoa do marido a Majestade Real. Apoz disto tratou com grande cuidado de acabat o mosteiro da gloriosa S. Clara, onde fez este milagre. Quiz assentar seu sepulcro sobre a tribuna alta, que nesta mesma altura está hoje estendida em Igreja, depois do Mondego ter alagado a baixa. Não o podião levar pelas escadas assina, por ser este pezo grande: chegou a S. Rainha: encostoulhe o bordão, que trouxe de Sant-Iago, & assi como a não obedecê a o le-

me, assi o mesmo sepulcro foi voando do até ficar assentado.



## CAPITULO XXI.

Como vivendo no estado de viúva: intentou ser freira de S. Clara, & professou a Regra das Terceiras Franciscanas.

**N**A mudança do estado de casada em viúva fundou a S. Rainha outra muito admiravel em a perfeição da vida: de modo, que a primeira, comparandose com esta, parecia hum grosseiro, & tosco noviciado. Agora, q se vio já sem marido, o qual lhe fosse a mão, multiplicou os jejuns quasi por todo o anno. Reformou a sua casa pelas leis de hum mosteiro religioso, & santo: nem nella faltavão freiras, porque sete trazia então consigo, as quaes a acompanhavão nas devações do espirito. Rezava de madrugada com ellas as Matinas, & a Prima do Officio divino: ouvião logo hũa Missa dentro do seu Oratorio; & como era manhã levava à capela toda a sua familia, onde todos assistião a duas Missas cántadas. Depois disto rezava Terça, & Seísta; & descansando hum pouco, ouvia as petições, que vinhão a resolverse em esmolas pera pobres, as quaes el-

la cõ muito gosto fazia. Daqui tornava à conversação de Deos, & tendo rezado Noas, ouvia cantar pelos capelães as vesperas, que repetiã tambem no seu coro com as freiras. Davã à noite principio pelo fim das suas horas, porque rezava Completa, o officio de defuntos com algũas devações; & despedindose dellas, entrava no Oratorio, onde só por só se abraçava com Deos, detramandõ muitas lagrimas pelos peccados do mundo, com que era offendido, & pelas alterações, que perturbavão o Reino. Deste modo chegava à meia noite, & requerida do sono dormia, mas poucas horas, num estrado muito humilde, & duro. Faz espanto taõ excessivo rigor no seu corpo quebrantado dos jejuns, da velhice, dos trabalhos: como avia porém de se lavar d'outro modo hũa joia taõ preciosa, & rica de toda a santidade. Vivendo desta maneira, a sua recreação era no seu hospital, ou no seu Real mosteiro das freiras de S. Clara, que ella edificou. Entrava neste por hũa porta secreta, todas as vezes que queria, com licença Apostolica: falava de Deos com ellas: assistia no seu coro: comia no refeitório, & não podia fartarse da sua conversação. Outras vezes entrava no hospital,

onde tinha recolhidos; & sustentava á custa das suas rendas os pobres de Jesu Christo. Como mãe os consolava, & como sua enfermeira os servia; & te galava. No discurso deste tempo succedeo aquella fome notavel, em que sua caridade, como já em outra parte se disse, fez amorosos milagres. **4** Por respeito destas obras, que eraõ nella continuas, lhe aviaõ embargo muito d'antes os prudentes, & timoratos do Reino a mudança; que intentava fazer, de Rainha em freira de S. Clara no seu mosteiro de Coimbra. Alegaraõ o desemparo dos pobres, que no estado de freira não podia sustentar; & que pois Deos a levava por este santo caminho, não era bõ desviar se, antepõdo a o proveito comum, & obras de piedade a sua consolação. Com isto ficou quieta: mas o amor da virtude, que vio fechiada a porta de freira de S. Clara, entrou logo pela outra de Terceira secular do Patriarca Serafico, cuja Regra professou expressamente nas mãos do nosso Prelado.

**5** Esta devação serafica tinha ella por herança de seus paes, & ascendentes, como tambem declarou em o segundo protesto, quando se vestio no habito da gloriosa S. Clara. Por quanto a Rainha sua mãe D.

Constança em tudo lhe deu exemplo, em vestir o mesmo habito, em professar a mesma Terceira Regra, em escolher sepultura no mesmo convento de S. Francisco de Barcelona. E pela parte do pae, sua avõ D. Violante foi irmã d'outra S. Isabel, & de Bela o IV. Rei de Ungria, casado com D. Maria filha do Emperador dos Gregos: todos quatro professores da S. Ordem Terceira. Mas deixemos outros exemplos dos Ungaros, sendo elles nesta materia muitos, por tornarmos a Casa de Aragão, que lhe deu o nascimento. Já D. Jaime seu Avõ, o primeiro deste nome (se nós avemos de crer a o P. Salazar) era filho d'outra Rainha, professa na dita Ordem. Elle mesmo (entrando em C. aragoça o P. Fr. Hieronymo de Esculo, Ministro então geral, & depois Summo Pontifice, chamado Nicolao IV) se lançou de pellhos a seus pés com todos os filhos, & netos, que tinha naquelle tempo, pedindo devotamente, que pois estava na terra no lugar de S. Francisco, lhes lançasse em nome d'elle a benção.

**6** Achouse tambem presente esta Rainha santissima; na qual, & em seus parentes obroit tanto a celestial virtude por meio da dita benção do Patriarca Serafico, que muitos delles o escolhiãõ por pae. Seu

cap. 2.

F. Luc. an. 1325, n. 17. Legend. m. s. en. S. Clara de Coimbra,

libros de S. Hil. Tom. 1.º, c. 1.º.

Fr. Luc. an. 1325, n. 17.

Fr. Luc. an. 1325, n. 3.

Salazar en la Chron. de la Prov. de Castil. 6.º, c. 7.º, n. 1.º.

Zorit, cit. a Fr. Luc. an. 1325, n. 24.

irmão da mesma Santa, D. Afonso o III, sem a ultima doença renunciou o reinado, & vestido como frade acabou no nosso habito: Este estado tomou, convidado pelo Ceo com hũa grande visãõ, o Infante seu sobrinho, que se chamava D. Pedro. Na santa Terceira Regra professou sua irmã D. Violante, que foi Rainha de Napoles; & suas duas cunhadas D. Branca, & D. Elizenda, Rainhas de Aragão. E passando a Coroa de Malhorca, a qual com o parentesco tinha o mesmo espirito: seu primo, o Infante primogenito D. Jaime repudiou santamente as esperanças do Reino, que avia de herdar, pela pobreza humilde da nossa Religião. A este seguiu pela mesma profissão hum seu sobrinho Infante. Sua prima da dita S. Rainha, & irmã deste D. Jaime, que se chamou D. Sancha, sendo Rainha de Napoles: a do Reino de Sicilia, D. Leonor no nome, molhier de seu irmão Federico: sua sobrinha, por este mesmo irmão, a Infanta D. Caterina: D. Ana, Rainha de Polonia, filha de sua sobrinha D. Isabel

Duqueza d'Austria; & outras muitas Senhoras do seu sangue illustissimo se entregaraõ a Deos na Ordem de S. Clara. Finalmente em Portugal, & Castela introduzio de tal modo o espirito serafico, que estas duas Coroas, como quasi as mais todas, se honravaõ no seu tempo com o saial Franciscano. Desta sua profissão, na santa Ordem Terceira dão bastante testemunho Fr. Marcos Miranda, & Salazar, Carrilho, Torres, Altuna, Silis, Fr. Lucas, & Fr. Artur com muitos, que os seguirãõ. E por não ficar sujeita a cottezia dos outros a crença desta verdade, assi o tem já julgado a Congregação de Ritibus á instancia do P. Mestre F. João de S. Bernardino, Ministro, & grande Luz na cadeira, & no pulpito, que foi da nossa Provincia, sendo elle Procurador Geral de toda a Religião em a Curia Romana. Consta isto por hũ Breve do Papa Urbano VIII, o qual deu a 22 de Abril, 1626, cuja copia, cortando pelas palavras, que não tocãõ a sustancia, he esta, que alegamos.

## URBANUS PAPA VIII.

Ad perpetuam rei memoriam.

**U**m, sicut dilectus filius Ioannes de S. Bernardino Procurator Generalis Ordinis Minorum S. Francisci de

Obfer-

y Ihesus  
na Hist. Pon  
tif. l. 1. c. ult.

g Fr. Marc.  
p. 2. l. 9. c. 20

g Fr. Marc.  
p. 2. l. 9. c. 20

g Zurita to.  
2. l. 6. c. 57.  
Pisan. Con-  
formit. 8.  
Platus l. 2.  
c. 26.  
Fr. Luc. an.  
1299. d. 9. &  
20, 1304. n.  
13.

g Zurita to.  
2. l. 6. c. 57.  
Pisan. Con-  
formit. 8.  
Platus l. 2.  
c. 26.  
Fr. Luc. an.  
1299. d. 9. &  
20, 1304. n.  
13.

2. 9. 2

p. 2. l. 8.  
c. 30.  
En la Ex-  
pos. de la  
reg. Terc.  
l. cit. c. 7.  
m Hist. de la  
Ord. Terc.  
p. 1.  
na sua vi-  
da c. 3 §. 3.  
o Chron. de  
la Ord. de la  
Santif. Tri-  
nid. l. 4. c. 4.  
p de Orig.  
Terc. Ord.  
tom. 1. c. 1.  
2 an. 1325.  
n. 21.  
7 Martyrol.  
Francisc.  
Iul. 4.

ne. m I. 7.  
2. l. 6. c. 57.  
Pisan. Con-  
formit. 8.  
Platus l. 2.  
c. 26.  
Fr. Luc. an.  
1299. d. 9. &  
20, 1304. n.  
13.

Observantia nobis nuper exponi fecit, sanctam Elisabetham Reginam, dum vixit, Portugalie, quam nos alias divina aspirante gratia in Sanctorum numerum retulimus, Tertium Ordinem S. Francisci expressè professam fuisse plene constiterit, prout in processu, aliisque informationibus desuper fabricatis latius continetur; Et propterea dictus Ioannes, ne ulli in hoc dubitationi locus unquam esse possit, per nos, ut infra, oportune providere summopere desideret, Nos eundem Ioannem, specialibus favoribus, Et gratis prosequi volentes, - supplicationibus eius nobis super hoc humiliter porrectis inclinati, de venerabilium fratrum nostrorum S. R. Ecclesie Cardinalium sacris Ritibus prepositorum consilio, eandem sanctam Elisabetham Tertii Ordinis sancti Francisci huiusmodi fuisse, Et esse, atque in omnibus pro tali ubique haberi, Et reputari, sic que, Et non aliter, per quoscunque Iudices ordinarios, Et delegatos-judicari, Et definiri debere, ac irritum, Et inane, si secus super his a quoquam, quavis auctoritate, scienter, vel ignoranter contigerit attentari, Apostolica auctoritate tenore presentium perpetuo decernimus, Et declaramus, in contrarium facientibus non obstantibus quibuscunque. Datum Romae apud Sanctam Mariam Maiorem, sub annulo Piscatoris die 22 Aprilis 1636, pontificatus nostri anno III.

## CAPITULO XXII.

Faz segunda romaria a Sãt-lago: caminha pera o Ceo, Et he trazido seu corpo, a Coimbra com milagres.

**Q**uanto mais se consumia na idade, & nas forças esta Rainha

santissima; maior era o incendio; com que sua devação lhe abrazava a alma. Pelo que sendo o anno de Christo 1335, que era de jubileu em Sãt-lago de Galiza; quiz ganhar estas grandes indulgencias. Muito era intentar a romaria, sendo cansada, & velha: o modo, com que a fez, ouvera de exceder os

termos da fé humana, se já não foraõ notorias as invenções da virtude nas obras difficultosas. Vestiose como Romeira, & deu o mesmo vestido a algũas Donas do paço, com as quaes se saõ secretamente da cidade de Coimbra, a pè, com o alforge às costas. Eis aqui a majestade d'hũa Rainha famosa, cujo nome, & grandeza assombrou os Potentados maiores: disfarçada numa peregrina pobre, & caminhando a pè hũa jornada tão larga, pedindo tambem esmola de porta em porta por amor de Jesu Christo, pera poder sustentarse! Mas isto fez hũa S. Isabel, que era Rainha Santa. Desta sua romaria tão notavel fazem expressã memoria F. Lucas, Torres, & Freire, o processo da sua Canonizaçã, & a historia antiga, que se guarda na vila de Alanquer. E he grande argumento de que a Santa a fez, acharse no seu sepulero, como ainda diremos, não só o bordão, & bolsa, que lhe deu o Arcebispo na primeira romaria: mas tambem huns alforges de linho, semelhantes a os nossos, com que pedimos esmola, porque estes lhe servirão na segunda.

2 Depois de ter visitado a o sagrado Apostolo, & querendo descansar do trabalho em Coimbra, o desejo de pacificar as guerras de Portugal cõ

Castela a levou, segundo fica escrito, à vila de Estremoz, onde estava seu filho. E como este canção lhe sobreveio a outro, & as calmas erã grandes, apostemouse num braço, & chegou tão quebrantada, q logo adoccõ. Não se entendõ porẽm a sua enfermidade, por quanto a encubria, senã quando em hũa segunda feira a virãõ saltar na Missa; nem os medicos cuidavã, que tão depressa se acabavã seus dias. Tinha feito o segundo testamento a 22 de Dezembro de 1327, do qual fez Executores cõ as pessoas Reaes, que nelle se nomeavã, a Abadessa de S. Clara de Coimbra, os dous Guardiães de Coimbra, & Leiria, & outros tres frades, que declarei noutra parte, da nossa Ordem Serafica. E porque estava cheo de santas disposições, nada d'elle reformou ocupandose sãmẽte em preparar com os santos Sacramentos a jornada da terra pera o Ceo. Não acabava de lhe render muitas graças pelo favor, & mercè de ter na hora da morte o sobredito seu filho à cabeccira, a o qual encomendou grandemente a amizade, & paz com os Reinos de Castela.

3 No discurso da doença, que foi breve, estando com sua nora a Rainha D. Brites, lhe apparecõ a Emperatriz dos Anjos, que a vinha consolar; &

quando

208. 1339.  
n. 12.  
De cap. 4. §. 2.  
De reb. 3.  
Elisab. 1. 1.  
c. 16.

2 cap. 18.

1. 7. c. 32.

quando ella a vio, que entrava pela camara, disse com fervor á nora: *Filha dai lugar a essa Dona, que ahi vem. Perguntoulhe: Que Dona, ou que Senhora? A o que lhe respondeo. Não a vedes vestida toda de branco, & tão sermosa? Alentada com esta consolação da Senhora Mãe de Deos, na quinta feira seguinte nãadou, que dissessem Missa defronte da sua camara, donde ella a ouviu; & erguendose do leito, foi de joelhos até o pé do altar, & ahi recebèu, desfeita toda em lagrimas, a sagrada comunhão. No mesmo dia à tarde, conhecendo já a morte, pediu á mesma Senhora, Mãe da graça, & Mãe da misericordia, q a socorresse sèpre nesta hora, remida até dos Sãtos, cõ as palavras seguintes. *Maria mater gratia, mater misericordiae: tu nos ab hoste protege, & hora mortis suscipe.* Rezou logo o *Pater noster*, & *Credo*, cõ algũas orações muito devotas, no fim das quaes sua sãtissima alma despio a carga do corãma pera se vestir de gloria, com tanta serenidade no seu rosto, & olhos, q parecia, que o deixava dormindo. Foi o seu ditoso transito em quinta feira à tarde, quatro de Julho, na Era de Cesar 1374, que he o anno de Christo 1336, tendo ella 65 de idade.*

4 No anno se embaração alguns sem rezão, nem funda-

mento, porque o P.<sup>o</sup> Fr. Marcos, & Carrilho, & Ferratio lhe affinão o de 1332. Zurica, 33; Freire, 34, & Vasconcelos, chamando anno à Era, o de 1374. Mas contra elles está a Historia, que se guarda no Archivo da vila de Alanquer, a Lenda manuscripta em S. Clara de Coimbra, o Epitafio da sua mesma sepultura, com todos os mais Autotes, que falam com certeza. E por deixarmos corrente esta verdade damos duas escrituras. A primeira, de 29 de Maio, 1336, pela qual a mesma Santa comprou na Louzã, pera o seu hospital, hũa quinta, que ficara de D. Joana Gonçalves Redondo. A segunda, que he hũa provisão do dito seu filho Rei, escrita em Estremoz a os 7 de Novembro d'aquelle proptio anno, onde diz abertamente, que era já falecida, porẽm que dava licença a hum Gonçalo Fagundes, Procurador do seu mosteiro, pera lhe comprar herdades, que chegassem a custar duas mil livras. Pelo que, se no Maio deste anno era viva, & em Novembro falecida, bem se segue, que nelle succedèu a sua morte, a qual foi no mez de Julho. No dia se quiz tambem enganar o sobre dito Braz Freire, dizendo que forão sinquo, contra quem está a dita Historia, Epitafio, Lenda, & torrente dos Autotes, &

cap. 32.  
cit. p. 1.  
Catal. SS.  
leil. c. 18.  
& cap. 17.  
Anaceph.

Arch. de  
S. Clara de  
Coimbra.

sobre tudo o juizo da Santa S<sup>e</sup> Apostolica, que a os quatro assentou a sua festa.

5 Celebradas as exequias naquella manhã seguinte, entrou logo a grande dificuldade, que muitos consideravão em levarem a Coimbra por tempo de tantas calmas o seu santissimo corpo, a o menos sem primeiro o abrirem, & sem o embalsamarem. Mas tudo isto venceu a resolução do Filho; & do nosso D. Fr. Salvado, Bispo então de Lamego, que eraõ testamenteiros, os quaes ambos confiados nas maravilhas do Ceo, que ella tambem obrára, assentãrão que logo fosse levada, & do modo, que avia ordenado: Pelo que vestida só no seu habito, inteira, & sem os preservativos da corrupção natural foi posta em hum caixão de madeira sobre andas, cõ o qual naquella tarde se partio de Estremoz o seu acompanhamento, que constava dos melhores, & mais luzidos fidalgos.

6 No caminho se tornou a renovar o medo da corrupção, porque ardia o sol, & tudo se abrazava; & já a davão por certa quando viraõ o liquor, que derretia o corpo pelas fendas do caixão. Fizerão experiẽcia, & notãrão, que cheirava mais que balsamo. Chegavaõ, & enfiopavaõ os lenços: parecialhes, que iaõ pizando rosas; cami-

nhando entre matos. O mesmo cheiro sentiraõ quantos depois em Coimbra o tomãrão a seus hombros pera lhe dar sepultura: Quiz a Santa acrecentarlhes o gosto de caminharem com ella, & fez estes dous milagres. Ardiaõ em grande febre João Maceira, que fora seu Manteciro, & o P. Fernão Martins, Capelaõ do dito Bispo: tocãrão no cofre do celestial tesouro, & tirãrão a saude de suas enfermidades.

### CAPITULO XXIII.

*Contão-se alguns milagres do dia da sepultura, & do tempo adiante.*

**A**ndadas sete jornadas, como diz a sua Lẽda, chegou a o seu mosteiro de S. Clara de Coimbra, onde fez nesta entrada muito maiores mercês, do que os principes fazem quando entraõ nos seus Reinos. Escaçamente tinhaõ posto na Igreja o deposito sagrado, & já a cidade toda decia impetuosa pera o ver, & honrar. Era hũa confusão, mas essa muito devota; porque os pobres choravaõ seu desemparrõ: os enfermos, que alcançavaõ saude, feriaõ o ceo cõ gritos, aclamando sua grande santidade. Recebeu o dito Bispo, a

cuja conta o seu enterro estava, que o concurso da gente nunca lhe desse lugar pera poder esconder no sepulcro o caixão, & resolute em o sepultar de noite, fez ficar alguns fidalgos, & Ministros da justiça, pera q' o ajudassem. Porém o mesmo Senhor, q' querendo criar Eva pera Rainha do mundo, dispoz isto com o sono de Adão, também agora os fez dormir de maneira, que nunca mais acordarão; senão nacido o Sol, cujos raios ajudarão a luzir as exequias, & horas desta illustre Rainha do Reino de Portugal.

2 Quando ellas pela manhã se fazião, foi correndo a o coro hũa fideira, que estando entrevada no seu leito, teve saudade perfeita por intercessão da Santa. E com isto se alterarão mais todas, chorando porque não vião a sua Restauradora na fundação do mosteiro: a santa Mãe, que as avia criado em o serviço de Deos: a prudentissima mestra, que lhes tinha ensinado o caminho da virtude. Pelo que foi necessario entregar-lhes o caixão, ainda que brevemente, & descobrir o tesouro, que estava escondido entre taboas, & panos. Aqui teve o sentimento alivio, & o espanto creceo, vendo ellas aquelle corpo santissimo, que morto de nove dias estava tão, & cheiroso, com a mesma fermosura, &

composição de cores, que tinha estando vivo. Não se podia tartar de lhe beijarem os pés, & darem muitos abraços. Chegouse na companhia hũa dellas, chamada *Constança Anes*, a qual tinha as gingivas, & os beijos comidos já de hum canero: poz a boca nos mesmos pés incorruptos, & ficou sem a sua corrupção. Tornarão a tirar fóra, & pregar o dito cofre: apoz disto foi envolto numa alcatifanovia, & sobre ella hum couro, assi como viera de Estremoz; & deste modo se encerrou no sepulcro, que a Santa tinha mandado fazer; festa feira, que eraõ 12 de Julho na forma do Epitafio, que ádiante avemos de escrever. Por onde não acertou, quem disse, que isto fora a 13, & que neste mesmo dia se começou a fazer a sua festa por bula de Leão X, o qual não disse palavra nisto. As andas, & o paño catmezim, com que veio cuberta pelo caminho, tudo isto se repartio em pedaços pela grande multidão de homens, & de molheres, pretedentes de suas santas reliquias. Crecia este desejo na presença dos milagres, que nesse tempo fazia. Porque Maria Migueis atando em hũa mão a atadura, que lhe avia servido no braço apostemado, farou logo de hum lobinho.

8 Lenda cit.  
Hist. cit. em  
Alaaq.

Ao despedir da gente, Fernão Esteves meteo hum prego no pè, & magoado se queixou devotamente. *He possível, Senhora, que os mancos tornem sãos, & eu que vim são a visitárvos, hei de tornar aleijado?* No mesmo ponto cessaraõ as suas dores, & nem final de ferida lhe ficou.

4. Escondida no seu sepulcro de pedra esta tocha illustrissima brevemente derramou com grande gloria por muitas partes do Reino o resplendor dos prodigios. Em Coimbra deu vista a duas cegas, & em Santarém a outra. Fugiaõ da sua luz os espiritos malignos, desemparrando os corpos, donde se vão meter nas cavernas tenebrosas. E foi notavel o caso d'hũa mulher de Lamego, a quem derão hum trabalho assalto trezentos, & sessenta, & seis demonios. Os parentes magoados andaraõ em romaria cõ ella por muitas Igrejas, & casas de devação em Portugal, & Castela até que a intercessaõ dos Santos os obrigou a sairem. Ficaraõ com tudo sete, que erãõ mais pertinazes, & constrangidos disserãõ, q' só a Rainha Santa os podia lançar fóra. Foi trazida a o seu mesmo sepulcro, & elles se forãõ logo.

5. Noutro milagre lhe derãõ tambem lugar alguns Santos milagrosos pera alcançar a gloria, que teve de o fazer. Foi

quando hũa mulher dita *Domin- gas Domingues*, moradora em Sanfipo, entre Ega, & Cõdeixa nos contornos de Coimbra, andava atormentada d'hũa grande sanguesuga, q' chupandolhe o sangue, da gargãta lho lançava pela boea, impedindo juntamete a sua respiração. Desejosa da saude bebéo por algũas vezes na fonte de Alfafar, & no Barco de valoiro junto da vila de Pencla, porque com as suas agoas, diz a tradiçaõ do povo, que estes bichos malignos, ou morrem, ou desembudãõ. E desconfiada já de todos esses remedios, recorreo a o do Ceo. Visitou os nossos Martyres de Marrocos em Santa Cruz da sobredita cidade: bebéo agoa tocada em os seus ossos: fez oraçãõ na Igreja de S. Braz, & a Nossa Senhora da Parede na de S. Bertolameu; ficou porẽm rãõ enferma como d'antes. Vindo depois quasi morta buscar a S. Rainha, por hũa venta se saõ a sanguesuga. Outro bicho semelhante tinha tambem afogado a hum criado de Bento Peres em Evora, o qual, pedindo favor a esta bendita Santa, o lançou com hum escarro.

6. Quatro annos esteve em hũa torre cõ prizãõ muito estreita hum homem, que sem ser desemparrado de favor, & adherencias não pode vécer a ira de quem o atormentava. Tomou

por intercessora, já por ultimo remedio, a esta Santa Rainha, & alcançou liberdade. Saudosa de hum filho, hũa mulher de Taveiro, do qual ella não sabia se era morto, ou vivo, nem em que terra estava, lhe pediu com muitas lagrimas postrada a seu sepulcro, que antes da sua morte o pudesse ver dos olhos. Nesse tempo, estando o dito filho dali mais de trinta legoas, tão entrado se achou das laudades da mãe, que dispondo brevemente a jornada, em menos de oito dias lhe appareço em casa. Orando com devação no mesmo santo sepulcro D. Estevão Gonçalves Leitão, aleijado de hum braço, & duas freiras desta casa: hũa molestada d'hum lobinho no ollho: outra, d'hũa impigê na mão: todos tres ficaram saos. Em o mosteiro de Celas, perto da mesma cidade, se encomendou á Santa hũa freira entrevada, a quem ella lhe appareço em sonhos na noite da sua festa, & disse estas palavras. *Filha, levante, & vai logo a Marinhas, porque já convaleceste da tua enfermidade.* Acordou sobressaltada: mas como se achou sã, foi correndo a o coro, onde as outras, começando a chorar de alegria, cantarão depois muitos louvores a Deos por este grande milagre.

## CAPITULO XXIV.

*Escrevemos outras suas maravilhas, & o estado notavel, em que se achou o seu corpo.*

**A** Piedade de mãe, com que esta clementissima Princeza em sua casa criava filhos alheos, desemparedos, & pobres, pagando também às mães, as quaes lhes davao o peito, alentou a confiança, cõ que algũas mulheres, q̃ careciao de leite, lhe vinhaõ pedir remedio, & erãõ bem despachadas. Hũa foi da cidade de Coimbra, q̃ ferida d'hũa mortal esquinençia juntamete se lhe secãrãõ os peitos, com q̃ criava hũ filho. O marido era medico, q̃ sem a poder curar esgotou a medicina, (mas era a q̃ sabia.): Recorrerãõ a os poderes da Santa, visitando seu sepulcro, & dobradas as mercês teve saude, & leite. Nestes casos, sendo viva, por disfarçar os milagres, lhes dava hũa bebida, a qual hoje dão as freiras, & se chama *vinho santo*, cõ algũas cõfeições, q̃ examinadas bẽ não entrãõ nestes efeitos cõ virtude natural. Bebeo della hũa mulher da vila de Sarnancelhe, & não obstante ser velha (tinha sinquoçta annos), & aver

vinte, & dous, que deixava de parir, estando ajoelhada diante do seu sepulcro, lhe acudio tanto leite, que pode criar hũ neto, o qual por sua pobreza lhe estalava nas mãos.

2 Não he possivel contar a multidão de milagres, que em todas as idades foi obrando. Alguns direi na relação dos mosteiros da Castanheira, & Ribeira, que tocaõ a essas casas. Nos processos da sua canonização jurátaõ as testemunhas, que por seus merecimentos se virãõ livres da morte seis enfermos desconfiados dos medicos; que sarããõ sinquo mancos, & dous leprosos, hum louco, innumeraveis enfermos de maleitas, & d'outras enfermidades. Ouve tempo, em que das suas alampadas mais azeite se tirava pera curar os doentes, do que o fogo gastava; & deste modo se foraõ perpetuando seus beneficios grandes. No anno 1610 andava hum carpinteiro no tecto do refeitório, que entãõ se fazia nesta casa, & saltando huns barrotes, tudo se vinha abaixo. Gritou no meio do ar, dizendo estas palavras. *Valeime, Rainha Santa.* Couza grande! Obedecéo à sua voz a madeira, tornou-se a encaixar, sem elle cair, nem se afastar hum ponto do lugar, onde estava.

3 Mas entre estes milagres he prodigio maior o admira-

vel estado, em que seu sagrado corpo se achou na sepultura duzentos, & setenta, & seis annos depois de estar sepultado. Trabalhavaõ nos sobreditos processos os dous Bispos de Coimbra, & Leiria: o primeiro, D. Afonso de Castel-branco: o segundo, D. Martim Afonso Mexia; & cõ elles o Doutor Francisco Vaz Pinto, Desẽbargador do Paço. Nesse tempo prevalecêo hum rumor de que estava inteiro o dito corpo da Santa, & afirmando todos, ninguem disse, q̃ o vira; nem o sepulcro se tinha d'antes aberto. Pelo que se resolvêraõ em fazer experiencia, & no q̃ della constou seguirei a certidãõ do Inquisidor Gaspar Borges de Azevedo, o qual esteve presente, & pera eternizar na memoria dos homẽs hũ milagre tão notavel, conformãdo esta mesma certidãõ com as outras, que entãõ se escrevêraõ, a deixou depositada no Archivo de S. Cruz de Coimbra.

4 Segunda feira à tarde depois da terceira Domingo da Quaresma, a 26 de Março de 1612 se abriu o seu sepulcro, & tirada a pedra, com que estava cuberto, foraõ vistas as maravilhas de Deos. Aparecêo hum caixão, cuja madeira, por ser cofre de tão honrado tesouro, nem estava comida do carunchõ, nem tinha outra lesãõ. Reaçõuse esta grande maravilha

â vista da corrupção do couro, & alcatifa, em que o tinham envolto, porque não avia mais, que do couro hũs cabelos: pedações, da alcatifa. Sobre isto se acháraõ muito fãis todas as suas insignias de Romeira a Santiago de Galiza, as quaes eraõ hũa bolsa, & bordão, da primeira romaria; & huns alforges de linho, da segunda.

5 Avia já quinze dias, que na Igreja não tinha entrado cheiro, por se fazer mais verdadeiro exame do que agora ouvesse; & abrindo o caixão, forrado de setim encarnado, foi tal, & tanto o cheiro, que parecia do Ceo. Achouse o santo corpo cozido num eucurado de linho, & este era tão forte, que com muito trabalho se rasgou. Depois d'elle se vio hũa colcha branca com a mesma cor, & graça da sua primeira hora; & logo desenvolvendoa appareço claramente a veneravel Rainha, vestida de estamenha parda escura, com hũ cordão pela cinta, & com as pregas do habito concertadas, & compostas, sem dellas se ter quebrado a o menos hũa linha. Na cabeça, a qual se achou cuberta com alguns panos de linho, por cima delles estava hum veõ de seda, & desfazendose todo este envoltorio manifestarãõ o rosto, que parecia dormir com muita serenidade, representando ainda a bran-

dura, & amor, com que tratou os vassallos.

6 Estava todo o corpo envolto na sua carne muito massiffa, & fresca: a cor della, como a de cera fina; que tira a transparente: sem nella se enxergar hum sinal de corrupção. E pera mais aputarem esta grande maravilha, lhe rasgarãõ até o peito o habito, onde os medicos virãõ a carne do mesmo modo. Assi tambem a acharãõ nas mãos, & nos braços, que apertarãõ, & estenderãõ com força, puxando pelos nervos, & apalpando os ossos, com o que ficarãõ certos, que tudo estava saõ. Tinha a boea cerrada; & por isso não se lhe virãõ os dentes. O olho direito estava tambem fechado: mas o esquerdo, aberto, & pregado em o ceo, pelo qual se conheceo, como ambos eraõ verdes. O rosto era coprido: a testa, larga, & não mostrava ter rugas: pestanas, & sobrancelhas, povoadas de cabelos. Os da cabeça se virãõ por baixo dos mesmos panos, q não lhe forãõ tirados, por ficar assi coposta, & sem se ver hũa branca, todos pareciao louros; & tão curtos, como os trazê as freiras. Por essa mesma razão não lhe descobrirãõ mais, q as pontas das orelhas, porẽm estavam inteiras. No nariz, o qual era afilado, lhe tocãõ numa ventã a o cortar dos ditos panos com

cap. 22.

25.107

a ponta da tezoura, com o que  
ouve lugar pera ver a cattila-  
gem, que não se tinha mudado  
da ályura natural. Nos braços  
se enxergavão as veas cheas de  
sangue, & negras: as unhas, em  
parte braticas, em outra parte  
vermelhas: as mãos compridas:  
o seu corpo bem formado, &  
de grande estatura; & tudo assi  
mostrava, que se fora em sua vi-  
da fermosa, ainda depois de  
morta parecia estar viva.

Admitados os presen-  
tes deste insigne trofeo, que  
Deos tinha levantado na pessoa  
da Rainha contra as forças da  
morte, desejavão muito; mas  
não podião, cantarlhe maravi-  
lhosas victorias. Cantarão po-  
rém as freiras a sua grande ven-  
tura de a verem com os olhos  
(da qual ellas não gozavão fe-  
chadas dentro do coro, se não  
foi em hum espelho, o qual se  
lhes poz diante) entoando em  
seu nome estas, & outras pala-  
vras.

Luc. 2.  
ver. 29.

*Nunc dimittis servum tuum  
Domine.* O dito Bispo de  
Coimbra lhe fez entrega da  
bolsa, & do bordão, do qual el-  
las enviãrão a ElRei de Castela  
hum pedaço, que se cortou pe-  
lo pé, juntamente com a bolsa.  
O restante do bordão, em sus-  
tinente de prara, se conserva no  
mosteiro. Dos Alforges, de grã-  
de parte das roupas, da colcha,  
& encerado fizeram muitos re-  
talhos, que guardãrão por reli-

quias. Em seu veneravel corpo  
ninguem ousou a tocar, por pa-  
recer estar vivo. O caixão se  
pregou logo, & cuberto com  
hum pano de veludo forrado  
de taferã, tudo isto carmezim,  
que as Madres tinhão manda-  
do fazer, cotreose depois a pe-  
dra, que fecha o seu sepulcro.

### CAPITULO XXV.

*Das circumstancias, com que  
foi canonizada, & como se  
pinta a sua santa  
Imagem.*

**M**Ais tempo se dilatá-  
rão as suas honras na  
terra, decretadas pe-  
los Vigairos de Christo, do que  
estavão pedindo seus grandes  
merecimentos. Posto que essa  
mesma dilação, que acendéo o  
desejo, lhe preparou nos Fieis  
muito maiores aplausos. O pri-  
meiro, que deu passo na sua ve-  
neração, foi o Papa Leão X, o  
qual a beatificou pera Coim-  
bra, & seu Bispado sómente, á  
instanciã d'ElRei D. Manoel,  
por hum breve, que foi passado  
em Roma no anno de 1516, a  
15 do mez de Abril. Facilmen-  
te se ampliou esta graça, á pe-  
tição d'ElRei D. João III, pera  
o lugar do Reino, onde a Cor-  
te tivesse então assento; & inf-

tando

tando elle mais, Paulo IV a entendêo sem limite a todos os senhorios, & terras de Portugal. Antes deste seu decreto, avia já concedido em Lisboa a 22 de Setembro de 1552 o Nuncio Pompeo Zambicario copiosas indulgencias pera que visitasse seu sepulcro no dia da sua festa, no oitavario della, & noutros, que declarou, pelo discurso do anno. Depois disso, foi dispenseiro tambem d'outras muitas indulgências o Papa Gregorio XIII; & mais em particular a favor dos seus confrades, que a servem numa confraria nobre no mosteiro, onde está sepultada.

2. Faltava a maior honra, que podia ter na terra, a qual era escreverse o seu nome no Catalogo dos Santos: mas não chegou a lograr o que nisto trabalhou El Rei D. Sebastião de saudosa memoria. Veio a cair o Reino nas mãos de Filipe o III de Castela, & continuando elle com a mesma devação impetrou de Paulo V, que expedisse o Rotulo pera cá se formarem os processos por autoridade da S. Sé Apostolica. Os Commissarios, a que veio remetido, já os deixou nomeados no capitulo passado. Falecêo o dito Rei, estando ainda por concluir esta causa; mas seu filho tambem Filipe o IV, que lhe sucedêo no Reino, tratou com muito calor

de, que ella tivesse execuão. Instou a o dito Papa, a seu successor Gregorio XV, & a Urbano VIII, do qual alcançou, ajudando o abertamête o Ceo, o que tanto desejava. Estavaõ em Roma os sobreditos processos, quando elle tomou posse da cadeira de S. Pedro, mas tão longe de canonizar a Santos, que falandohe nesta Rainha santissima o Cardeal Fernandes, & o Doutor Miguel Soares Pereira, Agente de Portugal, a ambos desenganou, que não avia de ser canonizada por elle. Replicoulhe o Agente, que a o menos quizesse ver os processos, & accitasse tambem hũa imagem da Santa. Aceitou a, (parece por comprimêto) mas com ella lhe trocou a mão de Deos a vontade de tal modo, que confessava em publico não lhe poder resistir. Ficou mais facilitado com dous favores da mesma S. Rainha: o primeiro foi, curallo d'hũa doença comprida: o segundo, ajudallo na sua convalescência, melhorando em Frascati, a onde se retirou, o tempo aspero, que a encontrava muito. Pelo que rendido da devação sempre teve a dita S. Imagem em lugar, que cada hora a visse: muito antes de chegar a carta d'El Rei sobre a mesma materia, já elle dispunha tudo; & quando a escreveu em o numero dos Santos, com

mais vagar lhe corria a tinta da sua penna, do que dos olhos as lagrimas.

3 Preparou-se na Igreja Vaticana hum majestoso teatro, conforme se esperava do primor de Portugal em esta occasião de seus maiores empenhos, no que tambem se gastárao aquellas trinta mil cruzados, que o Bispo de Coimbra já nomeado assima lhe avia consignado. Cursava então o anno 1625, no qual o Sūmo Pontifice queria canonizalla em 25 de Maio; & escolheo este dia por muito acomodado pelas rezoês, que se seguem. A primeira, por ser dia de S. Urbano Papa, & Martyr, que era Santo do seu nome. A segunda, porque nelle celebra a nossa Ordem a tresladação de N. P. Serafico, cuja filha ella foi na profissão da sua Terceira Ordem. A terceira, finalmente, por quanto naquelle anno, no mesmo dia caio o domingo, & a festa da Santissima Trindade, que a tinha feito santa. No mesmo dia tambem se acabárao em Roma as acçoês Capitulares geraes d'algũas Religioês, em particular da nossa, que nesta occasião elegeo por seu Ministro gèral a o P. F. Bernardino de Sena, & Procurador gèral na mesma Romana Curia a o P. Fr. João de S. Bernardino, ambos filhos, & meritissimos Padres desta nossa Provincia,

chamada de Portugal. A isto se ajuntou ser anno de Jubileu, que per si convidou a muita gente, além das causas já ditas, & da fama clamorosa da sua solennidade.

4 Neste dia, cheo de tantos mysterios: neste teatro famoso: à vista de tanta gente: entre aplausos notaveis, & aclamações alegres foi ouvido pela boca do Pontifice Urbano VIII o Oraculo do Ceo, o qual declarou por Santa em nome do mesmo Deos a D. Isabel Rainha de Portugal. E persuadido, que a tinha obrigada com este grande serviço, lhe encomendou devoto, que fosse intercessora pela paz entre Christãos, ençoando a oração, que começa *Clementissime Deus*, & anda no seu Officio. Compoz tambem hymnos proprios para o mesmo officio, pelo qual deixamos outros, que rezava este Reino, & esta nossa Provincia. A Santa, que estava vendo em Roma estreinos de devação, abriu logo a sua mão poderosa, que a encheo de grandezas: por quanto pedro Fanello aleijado em os pés, muitos cegos, alguns surdos, & enfermos de diferentes doencas, invocando o seu nome, recuperárao saude. E ditto dão testemunho as ofertas, pinturas, & insignias, que estaõ acompanhando a sua S. Imagem no hospiral dos Portuguezes.

Não faltou o nosso Reino em sua obrigação de celebrar esta gloria, & muito menos Coimbra, que possui o seu corpo, a qual a solennizou com festas de oito dias. Outras grandes se fizeram em Madrid; & de todas, por serem muito notaveis, foram dadas a estampa relações, que correrão pelo mundo.

5. Costumão de ordinario pintar a sua Imagem com habito de S. Clara, o qual ella sempre trouxe depois de estar viva. Alguns lhe pintão vèto preto em memoria do muito, que desejou professar a sua Regra: posto que sempre usou de vèto branco, como trazem as Terceiras. Tem coroa de Rainha, porque o foi no estado: namão direita, a muleta, que lhe deu na primeira romaria o Arcebispo de Sant-Iago: na esquer-

da, prezo o escapulario, & lemeado das rosas, nas quaes em presença do marido se converteo o dinheiro, que levava para os pobres. Esta he a figura mais usada: fezme porém devaçã a que achei retratada no livro da sua Lenda. Está com o mesmo habito, mas trocadas as insignias. Tem na mão hum Crucifixo, & na cabeça hũa coroa d'espinhos, que eraõ a sua gloria a imitação de Christo: o sceetro, & a coroa Real, desprezados a seus pès por amor do mesmo Deos; com as palavras seguintes; que alli o manifestão. *Cruce, & spinca corona Domini mei, sceptrum, & corona mea.*

6. Os devotos, que a buscão, achão esta devaçã, a qual costumão rezar, escrita em hũa taboa, que nós aqui copiamos por servir a os ausentes.

*Sacras ades muneribus visitabat: orfanos, pauperesque puellas, de suo dotans, nuptui tradebat; atque omnia misericordiae opera propter Christum, Virginem que Matrem, quos ex toto corde colebat, sedulo adimplevit.*

*Ora pro nobis B. Elisabeth Regina.*

*Vt digni efficiamur promissionibus Christi.*

**Oremus.**

*Omnipotens, & clementissime Deus, qui B. Elisabeth Reginam, eius meritis in caeleste regnum, & gloriam sublimasti, fac Domine, ut eiusdem precibus, & intercessione a cunctis corporis, mentisque periculis liberemur. Per Christum Dominum nostrum. Amen.*

em S. Clara de Coimbra.

## CAPITULO XXVI.

*De como se intentava tresladar seu santo corpo; & do sepulcro antigo, em que ficou.*

**D**Epois que o dito Bispo D. Afonso de Castel-branco vio inteiro no sepulcro o corpo santo da veneravel Rainha, quiz mudallo pera outro, onde ficasse patente, & fosse visto de todos. Aprovoulhe Paulo V a sua boa tẽção, ordenandolhe tambem, que pela grade do coro saíssem algũas freiras, as quaes com maior decencia a poderião compor, do que as Donas seculares, q̃ pera esse effeito se tinhaõ já nomeado; & isto mesmo lhe encomendou ElRei por carta de 27 d'Agosto de 1614. Mandou logo fabricarlhe hum sepulcro de crystaes, encaixados com muita galantaria entre columnas de prata. De modo que a riqueza, se carivasse os olhos, não podia esconderlhes o tesouro encerrado. Vasou tambem a parede junto da grade do coro, onde fez hũa capela, que se fechava com grades de hũa, & outra parte. As das costas pera a banda do coro, erão de ferro oleado de vermelho:

as da parte da Igreja, curiosas, & de prata. Entre ambas se avia d'a assentar este sepulcro riquissimo, pera que sem ofensa da clausura todos o podessem ver: as freiras; de dentro: os seculares, de fóra. Alegres, & mui ditosos serião os nossos olhos, se logrãõ este bem, o qual nos foi embargado pela morte do Bispo assima dito, sem nos deixar esperança de possuir tanta gloria. E não sei como se quiz enganar hum Autor dos nossos tempos, tẽdo elle assistido muitos annos em Coimbra, quando disse claramente, que neste mesmo sepulcro de prata, & de crystaes estava já tresladada a gloriosa Rainha. He tanto a contrario, que ainda não saio do seu sepulcro de pedra; & o outro, eu o vi no dormitorio, guardado em hũa cela. A capela se tapou com parede pelas costas pera servir na Igreja de altar a S. João de Capistrano, insigne por muitos titulos na nossa Religião.

**2** O sobredito sepulcro, em que está depositada, & ella mandou fazer, he hũa arca de pedra assentada em leões, ornada toda à roda com figuras de relevo, entre as quaes apparece S. Clara, & dez freiras, todas com livros abertos, como que estão rezando pela bendita Rainha, que restaurou o mosteiro. Esta arca se cobre com

hũa

hũa pedra, na qual estã revelada a sua S. Imagem com o habito, manto, & cordão da Ordem de S. Clara. Tem na cabeça hũ vèlo, & a coroa Real: as mãos ambas cruzadas sobre o peito, & entre ellas hum livro fechado por sinal da devação. Por baixo do braço, direito vai decendo hum bordão: na cinta da outra banda, hũa bolsa guarnecida d'hũa concha; por memoria destas mesmas duas peças, que lhe deu o Arcebispo de Sant-Iago, na primeira romaria. Pela parte da cabeça a acompanha hum nicho, nas costuras do qual se vê ainda hum Anjo com toalha estendida em as mãos, & nella a sua alma. A os lados lhe ficão outros dous Anjos, que parecem incensalla:

*Elisabella jacet sacro hoc Regina sepulchro,*

*Qua meritis nitidi fulget in arce Poli.*

*Nempe ita, dum vixit, cæco se gessit in orbe,*

*Virtutè ut morum vixerit omne genus.*

*Quò fit, ut a summo Diva hæc selecta Tonante*

*Regnet, & Angelico nos iuvet usque choro.*

cap. 17. O Autor do Jardim de Portugal nos quiz meter em cabeça, como a pedra de sinta não era aquella mesma, que a Rainha mandou lavrar no sepulchro. E eu não acabo de entender, que lhe fosse posta outra depois de ser conhecida, & ve-

mais abaixo, dous cachorros: a os pès, outros maiores pelejau-do sobre os ossos, que roem. Finalmente por hũa, & outra banda os braços d'Aragão, & Portugal, gravados em seus escudos. Toda esta grande obra esteve descolorida, sòmere com a alvura natural da mesma pedra, & nesta nossa idade lhe foram dadas as cores: a o habito, de pardo: a o vèlo, de preto; & tudo o mais, conforme são as figuras. Escreverãose tambem à roda da mesma arca estes disticos, que mostraõ como ella por suas muitas virtudes merecêo reinar no Ceo, & ajudarnos na terra com sua intercessão. Os versos são os seguintes, mas não andão muito certos, & copiados noutros livros:

F. Luc. 20.  
1336. n. 26.

nerada por Santa, como elle mesmo diz, & que na mudança dellas não tirassem por reliquia, pois não tinhão outra sinta, o bordão, a bolsa, ou os alforges, os quaes estavão patentes sobre o caixão do corpo, segundo tenho escrito. Repara pri-

cap. 24.

meiramente na perfeição da figura, & em ser retrato proprio da mesma S. Rainha. Como se não ouvera no seu tẽpo aquelle oficial, (outros tambem averia) que lhe fez com a mesma perfeição o outro de sua neta a Infanta D. Isabel, que está perto do seu. E ainda que os Santos não querem, que os retratem; se nisso ha vaidade; não devemos estranhar, que sobre a sepultura, a qual he cofre da morte, consentisse retratar-se quem andava na vida mortificada. Quanto mais, que o costume antigo introduzio nos sepulcros, estas figuras dos mortos; & ser esta inuito propria, foi destreza do Artifice.

4.º Repara mais no véo preto, que lhe vemos na cabeça, o qual ella nunca trouxe: na bolsa, & na coroa Real, que não convinhaõ a freira, se ella o foi na forma do dito véo. Mas esta sua instancia nenhum fundamento tem, porque sendo a dita pedra antiga, a pintura he moderna, como já tenho notado no sepulcro da Infanta D. Maria, que está nesta Igreja. O certo he, que a Santa se mandou figurar com o véo branco, que ella trouxe em vida, conforme à cor da pedra: com a coroa Real, porque sempre foi Rainha: com a bolsa, que lhe deu o Arcebispo, da qual tambem se servia em as esinolas

dos pobres; & tudo isto lhe convinha nos termos do seu estado de Rainha, & Terceira secular. Por onde se essa cor do véo preto descompoz a boa correspondência, a o Pintor deni a culpa, & não abalem as pedras, que por antigas merecem ser respeitadas.

5.º Replica com os cachorros, que estão roendo ossos nesta mesma sepultura, & argue que os Santos não gastaõ nestes excessos o dinheiro, que podem dar a os pobres. Mas quem lhe disse a elle, q a Santa compraria esses ossos para caes, ou a que pobres avia ella de dar os que ficavaõ da meza? Deste modo poderia arguir os escudos, que lhe ficaõ a os lados: as figuras curiosas, que acompanhaõ a arca: os leões, que de seu consentimento se pozeraõ no sepulcro de sua neta, já nomeada affina. Porém a tudo respondo, que isso são ornamentos, com os quaes os Escultores ferioseavaõ a obra, & os Senhores, que a mandavaõ fazer, nunca lhes estava bem reparar em pouquidades.

6.º Faz instancia nos Anjos, que a estão incensando: cõ tudo não a fizera se primeiro advertira como a Santa Igreja manda incensar os corpos, & sepulturas dos mortos em final das orações, figuradas no incenso, que os Anjos oferecem da

Apoc. 8  
vers. 3.

nostra

noſſa parte a Deos, E niſto ſe fundaria o coſtume já antigo, que corria no ſeu tempo, & durou muitos annos adiante, de retratarê na dita forma os Anjos nas ſepulturas mais nobres. Aſſi ſe achão em muitas, & nomeamos ſó iſtas. A da dita ſua neta, que ella mandou fazer: as de ſeu filho, & nota na S. Sê de Lisboa: do Infante D. Afonſo, filho d'El Rei D. João I, na Primacial de Braga: de D. Fernando de Menezes, em S. Clara de Vila do Conde; & da Infanta D. Maria, que já deixo nomeada, aqui na meſma Igreja.

7 Sô niſto achei rezão a o Autor ſobre dito (como tambem no reparo do véo preto) em dizer, que os verſos já eſcritos, os quaes a louvãõ por ſanta, poſſuidora da Gloria, não ávia a Rainha de os mandar eſcrever. Aſſi foi; & ſô depois de ſer julgada por ſanta, o meſmo Pintor, que deu cor ás ſuas veſtes, ſem ſe bulir com a pedra, lhe eſcreveo eſſes diſticos.

8 Eſtava d'autes a arca, como ainda eſtá, aſſentada em leões, mas poſtos no pavimento d'aquella meſma tribuna, donde hoje vai correndo a Igreja. Depois de ſe impedir a tresladação do coſpo pera a outra de prata, ſe melhorou eſta mais, por industria da inſigne Abadeſſa D. Antonia de Menezes. Ficou levantada em hum eſtrado de pedra, a o qual ſe ſobe por três degraos, que pelo pé ſe fechãõ com hũas grades de ferro. Em ſima, tudo he prata: a ſaber as outras grades, que cercão de mais perto o ſepulcro: o ſobreceço, & balauſtes, (ſeis em numero) que lhe formão hũa figura de leito; & ſobre o meſmo ſepulcro, pera mais veneraçãõ, ſe lança hũ cobertor, ficando ſô a cabeça deſculta. Aqui perto, num pilar, ſe achã hũ epitafio, eſcrito com letras d'ouro ſobre pedra azulada, que tambem nos outros lugares não anda bem tresladado: mas contém eſtas palavras,

g F. Luc. cir.

Era M. CCC. LXXIV, die 4 mensis Iulii in caſtro de Stremoz obiit inclyta D. Elizabeth Regina Portugalix, & fuit ſepulta XII die dicti mensis in hoc monaſterio S. Claræ, quod ipſamet fieri juſſit, & dotavit: & fuit uxor D. Dionysii illuſtriſſimi Regis Portugalix, & filia Regis D. Petri de Aragonia, & Regine D. Conſtantix, atque mater D. Alfõſi

strenuissimi Regis Portugalix, & D. Constantix Reginæ Castellæ, fuitque avia Regis D. Alfonsi de Castella, & Reginæ D. Mariæ uxoris sue. Hos timuit, hos honoravit, his benedixit. Cuius anima requiescat in pace.

Quer dizer em Portuguez. Na Era de 1374 (que foi o anno de Christo 1336) a quatro do mez de Julho faleceu no castelo de Estremoz a gloriosa Rainha de Portugal D. Isabel, & a os doze lhe foi dada sepultura neste mosteiro; que ella mandou fazer, & doou. Foi mulher do illustrissimo Rei de Portugal D. Diniz: filha dos Reis de Aragão D. Pedro, & D. Constança mãe do muito esforçado D. Afonso Rei de Portugal, & de D. Constança Rainha de Castela: avô d'El-Rei de Castela D. Afonso, & de sua mulher a Rainha D. Maria. A estes temeo; a estes honrou, a estes abençoou. Cuja alma descanse em paz. E nós tambem descançamos desta relação comprida, remetendo seus devotos a os livros; que se occupão com ella; muitos dos quaes deixamos já referidos.

### CAPITULO XXVII.

De algũs varoẽs insignes, como foi Fr. Ioaõ de Aragão, que vivião neste tempo.

1338



Empenho de mais porte, em que podia ficar a esta S. Rainha a nossa Religião, depois de ma-

tricularse por filha de S. Francisco na sua Terceira Ordem, foi a conta, que fazia dos religiosos della; ensinandoa tambem a seu filho El Rei D. Afonso IV, & a Rainha D. Brites sua nora. E bem podemos dizer, pelo que temos escrito, & avemos de escrever, que no tempo destes Principes, assi pela devação, que todos elles nos tinhão; como pela confiança, com que de nós se servião, era muito Franciscana toda a Casa Real.

No anno 1338 a 26 de Abril mandou por hum alvará a sobredita Rainha D. Brites a o seu Almojarife de Leiria, que pagasse das suas rendas mil. livras, as quaes a Rainha S. Isabel devia de hum emprestimo a o seu Real mosteiro de S. Clara de Coimbra. Foi passada a provisãõ pelo Bispo de Lamego D. F. Salvado, & por F. Francisco, cujo apelido proprio não disse o alvará. Por onde não resolvemos, se he este o F. Francisco de Evora, testamenteiro da dita S. Rainha: se aquelle Fr. Francisco, Confessor d'El Rei seu filho: se outro do mesmo nome; porque de sujeitos grandes

Atch, de S. Clara de Comb.

51.2.c.31.

estava

estava abũdantissima neste venturoso tẽpo a nossa Religiaõ. E qualquer q' elle fosse, era pessoa rão grave, q' andava no seruiço da Rainha, nos cõselhos, & despachos em companhia d' hũ Bispo tambem frade Franciscano.

3 Estava encarregada a dita S. Rainha de fazer executar o restamẽto d' hũ Maria Afonso, mólher nobre, q' por mercede lhe pedira, & vendo q' sua morte lhe punha impedimento, a o Bispo de Lamego, já nomeado affirma, entregou este cuidado. E aprovando seu filho El Rei D. Afonso IV a sua nomeação, ordenou tambẽ por carta de 12 do mez d' Agosto do anno, que vai correndo, q' fosse seu companheiro hũm F. Estevão da nossa Ordem Serafica. Se este foi o da Veiga, Confessor da Rainha D. Brites, ou outro do mesmo nome, não posso adivinhar.

4 No dito anno 1338 mandou por Embaxador a El Rei de Aragão esta mesma Rainha D. Brites outro frade Franciscano, o qual tambem se chamava Fr. João de Aragão. A embaxada tratava de confirmar os dous Reinos na amizade antiga contra El Rei de Castela. Do Embaxador acheci em hũa memoria, que era Confessor da sobredita Rainha. O apelido *Aragão* antigo he neste Reino, do qual os nossos frades usavão, como forão os leitores F. Mar-

tinho de Aragão, & Fr. Pedro de Aragão. E se isto não bastar pera nós o termos por Portuguez, a occasiã nos mostra, como elle nesse tempo estava em Pottugal.

5 Deu a sua embaxada, & assentada a liga, brevemente se encarregou de outra, da parte do Rei dos ceos pera os hereges perfidos da Seita dos Manicheos, que avião pervertido o Principado de Bosna. Tinha trabalhado muito em a sua conversão no anno 1340 o Gẽral da nossa Ordem Fr. Gerardo, que em pessoa foi reduzir o seu Principe; & por lhe ser necessario acudir a o governo, substituiu muitos frades, que arrancassem de todo as raizes desta infernal zizania. Ofereceose a isso este servo do Senhor F. João de Aragão, cujo zelo incançavel, virtude grande, & obras prodigiosas fazião estremecer a os teimosos hereges. Prẽgava de contino, & disputava com elles convertendo huns, convencendo outros, envergonhando a todos. Tinha muito pronto o absoluto poder de Senhor, q' tudo pòde, em cuja grãde virtude obrou raras maravilhas, com as quaes todas as horas se ia acrecetando a multidão dos fieis. Evẽdo numa disputa, q' a maldade heretica não queria recolher as demonstraçoẽs catholicas no entendimẽto cego, pelas portas

Arch. de S. Clara de Lisboa,

F. Luc. an. 1340. n. 6. & 10.

1340

Arch. cit.

F. Luc. nos an. n. 20

Monarch. Lusit. p. g. l. 17. c. 42. Arch. de S. Clara de Sant.

dos seus olhos corporaes lles franqueou a entrada. Meteosc à vista delles no meio d'huia fogueira, & estando muito tempo entre as chamas ardentes pera prova das verdades, que prega-va, não se queimou nem hum fio do seu habito. Isto mesmo succedò a hum discipulo seu, a quem elle communicou seu espirito pela graça do Senhor, como fez Elias a Eliseu. E depois de alumiar a muitos como estrela do ceo, foi receber sua alma os resplandores eternos, ficando seu corpo neste mesmo Principado em grande veneração.

## CAPITULO XXVIII.

*Doutras cousas memoraveis destes dias, & de hum Recalhimento de Terceiras em Lisboa.*

**C**Orrendo o dito anno 1340, estabeleceraõ pazes á petição de Castela o nosso Rei D. Afonso IV, & o seu D. Afonso o XI, cõ as quaes ficou aberto caminho, estando d'antes fechado por occasião das guerras, pera se vir receber a Infanta D. Constança com o Infante D. Pedro. O que della nos pertence, he sermos depositarios do tesouro do seu corpo no convento de Santa Rem, onde está sepultada.

2. Resultou das ditas pazes, confederaremse elles cõtra os outros dous Reis de Marrocos, & Granada, sequazes de Mafamede, os quaes estavaõ de cerco sobre Tarifa, ameaçando com elle destruição a Hespanha; & era tanta a gente neste maldito exercito, que ouve quẽ escrevesse (posto que outros duvidaõ), que seriaõ quatrocentos, & sinquoenta mil Mouros que morreraõ na batalha. Forãõ ambos em pessoa com todo o seu poder (que todo foi necessario), & clamando pelo nome de Jesu, confortador dos espiritos, muito mais os Portuguezes, alcançaraõ da Mourisma a vitoria celebrada pelo mundo, que se chamou *do Salado*, a respeito de hum rio deste nome, perto do qual foi travada a batalha. Acompanhou a El Rei seu Confessor Fr. Francisco, cuja memoria està muito esquecida, como estàõ todas as mais deste tempo.

3. Logo no anno seguinte concedeo a este proprio Rei o Pontifice Benedicto XII, solicitado da sobredita vitoria, grande ajuda de custo pera reprimir os Mouros. Deulhe as terças das Igrejas, & a Bula da Cruzada, cuja pregação pelo costume antigo, tiverãõ os nossos frades. No q̄ della resultou emnujeceraõ os livros, e memoriaes domesticos. No outro mais

<sup>a</sup> Nomes na Chron. d'El Rei D. Afonso IV. fol. 154. v.

<sup>b</sup> Chron. m. 5. c. 297.

1341  
<sup>c</sup> Torre do Tombo.

<sup>d</sup> Arch. de S. Franc. de Alenquar.

adiante, em que já os deste tẽpo contavão 1342 do Nascimento de Christo, começou a possuir a nossa Ordem Serafica os lugares santos de Hierusalem, que a nação Portugueza, como os outros Catholicos, com as suas caridades ajuda a sustentar. A licença pera nós estarmos nelles, compraraõ com grandes despezas suas a o Soldão do Egipto Roberto Rei de Sicilia, & sua mulher a Rainha D. Sãcha: o Papa Clemẽte VI a cõfirmou por seus breues.

4. Florescia neste tẽpo em Lisboa hum Recolhimento pobre de mulheres virtuosas, às quaes os nossos antigos chamavão *Emparedadas* por rezão de viverem em mui estreita clausura, como sepulradas vivas dẽtro de quatro paredes, onde mortas a o mundo vivião só pera Deos, divertidas santamẽte de outras conversações. Não sabemos o principio a estas, ainda q̃ já no anno de 1314 a 19 d' Abril a Rainha S. Isabel em hũ dos seus testamẽtos fez dellas esta memoria. *Mando às Emparedadas de Lisboa - duzentas libras!* E guardei a minha pera o anno presẽte porq̃ nelle nos quizerão determinar o lugar, onde então residião. Dizẽs, q̃ foi em *Vila Galega*, bairro vizinho á cidade, da bãda de S. Vicẽte; & tomaraõ por motivo hũa manda, q̃ no anno de 1342 dispoz Maria Esteves di-

zendo estas palavras: *Mando às Emparedadas da Vila de Lisboa vinte libras.* Porém este nome *Vila* nos tẽpos antepassados era tambem mui comũ às cidades; & cõ elle nomeon muitas vezes a Lisboa o Cronista d'El Rei D. João I. Do mesmo modo a Guarda, cidade Episcopal he nomeada por *Vila* num bula do Papa Clemẽte VI sobre a fũdação do seu mosteiro das freiras de S. Clara, & nũ cõtrato da Abadesa cõ o Bispo D. Fr. Vasco Pe- lo q̃ as sobreditas palayras valent tanto como estas: *da Cidade de Lisboa;* & sem demarcarem algum sitio, ou bairro, singularizão somente todo o corpo da Cidade, onde estas *Emparedadas* vivião.

5. Não deixo de confessar, que vizinhavão com S. Vicẽte de fóra; com tudo outro lugar solitario, sem ser o q̃ hoje he *Vila Galega*; averia nessas partes, quando a Cidade era mienos povoada, onde ellas tivessem este seu Recolhimẽto. Demais que, pedindo a o Pontifice Paulo II lhes dẽsse Capelão; como ainda veremos, disserão expressamente; que estavão, *juxta muros veteres*, jũto dos muros velhos, e *Vila Galega* he a par dos muros novos. Mas fosse onde quizerẽ; que estas *Emparedadas* por sua grande virtude sempre foraõ conhecidas; & veneradas do Povo. Ouve hũa chamada *Mar-*

1342

Fr. Luc.  
n. 17.Lopes p.  
1. c. 6. 7. 10.  
12.Arch. do  
mesmo  
most.Arch. de  
S. Clara de  
Coimb.Agiolog.  
Lusit. to. 1.  
lan. 6. l. D.  
no com.Fr. Luc. to.  
6. an. 1466.  
p. 23.

garida de Christo; a qual teve grande nome, & fama de santidade, por cuja contemplação este seu Recolhimento se chamou *Cela de Christo*, ou *Cela de Margarida de Christo*; & tinha nome de *Cela*, porque todo elle junto não parecia maior do que será hũa cela de algum religioso. Quanto mais se estreitar hũa alma na posse dos bens da terra; muito mais se habilita pera encher hũa cadeira no Ceo.

6. Por ventura, que a mesma Margarida de Christo fosse aquella devotissima mulher (tal era o seu espirito) que aqui introduzio a Ordem Terceira de meu P. S. Francisco. Se professavão cõ a Regra os tres votos essenciaes de Religião perfeita, não ouzo a affirmallo, porq̃ sem elles avia por outras partes Oratórios de Terceiros, & Terceiras seculares, que vivião em comum; & este tão facilmente se veio a desfazer, que não devia estar apertado com as ditas tres amarras. Depois de serem Terceiras lhes concedeo o mesmo Paulo II, que podessem eger hum Capelão Confessor, o qual lhes dissesse Missa, & dêsse os Sacramentos. Chegãõ neste estado a o numero de treze, de que ellas fazião estimação por ser a Casa de Christo; & o numero, das pessoas do seu sagrado Collegio; entrando elle na conta: pelas quaes rezoês tun-

bem este Senhor clementissimo não lhes faltava com a sua providencia. E assi certa devota, por nome *Caterina Sapaca*, lhes deixou hũas terras de pão na vila de Salvaterra, que rendião sete quarteiros, & El Rei Dom Manoel lhes deu licença por sua benignidade pera que as possuíssem. Foi passada a provisão em Lisboa a 13 do mez de Julho de 1498, cujo principio a ponto neste lugar por ser muito importante a o que deixo escrito. *Fazemos saber, que as treze Religiosas da Ordem de S. Francisco, que ora em congregação vivem na Cela, & Oratório de Iesu Christo, situado em esta cidade, a S. Vicente de fóra, &c.* Mas tudo isto voou com algũa tempestade de pobreza, & miseria; porque como eraõ poucas, as rendas fracas, & limitada a casa, caíndo outras maiores com as desgraças do tempo, qualquer ruína estava nesta mais certa; & foi tal, que nem dellas, nem do seu Recolhimento nos ficou hũ só sinal.

7. Nenhũa memoria, podendo ellas ser muitas, nos oferecẽ agora os Escritores do anno 1343, senão o grãde milagre de resuscitar hũ Bispo de Ciudad Rodrigo por intercessão de meu P. S. Francisco. Mas como outros o eserevẽ largamente, não falára aqui nisso, se não ouvira dizer, q̃ o Bispo nacera em Portugal, a o q̃ não ponho replica.

Torre do Tombo l. 1. da Estrem. fol. 113.

343

m Fr. Marc  
p. 2. l. 8. c. 50  
Fr. Luc. to  
3. an. 1343.  
R. 34.

Principio, & successos do Mosteiro de S. Clara  
da Guarda.

CAPITULO XXIX

*Em que tempo, em que lugar,*

*& por quem teve o seu  
nascimento.*

1344

**I** Udo isto nos declara hũa carta desta cidade da Guarda, feita a 9. de Maio de 1344. pela qual encomendou na devaçã dos Fieis as primeiras Fundadoras. E começando por ellas, forão hũas boas Donas, de honestidade, de religiom, & de boa vida, como diz a mesma carta, que apartadas do mundo, & fazendo-se num corpo, todas juntas em comũ quizeraõ servir a Deos. Professãrão a Ordem da Penitencia de Tereiras seculares conforme a hũa bula do Papa Clemente VI, que brevemente avemos de referir; & porque vestiã pardo segundo o seu estado, disse dellas a cidade nesta carta, que andavão *em avicos de S. Clara*. Sobre o rigor da sua Regra a-crecentãrão tambem por amor de Jesu Christo estreitissima pobreza, sustentando-se sõmente das migalhas do grande Paẽ de Familias, que pelas mãos dos devotos lhas iniviava do Ceo.

E tomãrão hum assunto entre os seus exercicios; o qual por ventura lhes grangeou os favores, que receberão depois; & foi rogarem a Deos em suas orações pela Casa, & Familia Real: pela Coroa, & Reino; & por todos aquelles, que lhas bem fizessem.

2. Apostadas a fazerem tão santo modo de vida estas filhas de S. Francisco Serafico, formãrão recolhimento num lugar, que he chamado a Vela no termo desta cidade, da qual dista duas legoas. Hũas eraõ naturaes, outras vierão de fóra; & todas *des aquel tempo* (naõ nos consta, quanto foi) *manceverom mu. bem, & muito honradamente os seus estados*. Mas vendo como a Terra, em rezaõ de ser pequena, não tinha comodidade pera poder sustentallas, vierão todas valer-se da grandeza da cidade, onde lhas foi manifesta hũa devação notavel. Porque se persuadirão, & com muito fundamento, os moradores da Guarda, publicando o tambem por estas suas palavras, *que seria grande serviço de Deos, honra da cidade, & prol de suas almas, recolherẽ a ellas setvas de Christo, que buscavão seu emparo*. E chamando a Concelho,

pera

pera todos terem parte nesta obra de tanto merecimêto: consentindo o tambem o Bispo, & o Cabido, lhes foi dado por esmola o assento do mosteiro, cõ promessa de ajudarem a fabrica, como em fim ajudaraõ com muito larga vontade. Alê disto passaraõ a dita carta dando noticia dellas, & de sua santa vida a os mais povos do Reino, a os quaes encomendavãõ, que quizessem concorrer nas despesas desta casa, onde Deos por suas fideis esposas avia de ser louvado.

3 Do dia assima dito, em que se passou a carta, deixando atrãz todos os mezes, ou annos, que estiverãõ na Vela, imos agora contando a sua antiguidade. O sitio, que a cidade lhes deu, ficava fóra dos muros, mas na vizinhança delles, â mão direita de hũa estrada publica, q̄ nesse tempo saia da *porea de Covilhã*, & vai saindo agora, depois desta se fechar, da que chamãõ *Porea nova*, que se abriu jũto della. Aqui se acha hũ campo, o qual dẽce pera a banda do chafariz do Barreiro, entre a dita estrada, que o cinge d'hũa parte, & hũa ermida nova, chamada *Nossa Senhora do Templo*, que aparece da outra. Avia nelle hũa Igreja antiga, por nome *S. Marinha*, perto da qual lhes demarcaraõ a casa, que com muita brevidade teve forma de mosteiro.

Fundouse primeiramente hũa Igreja pequena, que servia pera os seus exercicios: depois comẽçãõ outra grande: acabãõ dormitorio, refeitorio, & muitas das oficinas; & quando estavãõ jã pera poderem lograr toda a casa perfeita, entãõ a virãõ por terra, constangidas pela rezãõ, que diremos, a irem fazer morada em outro recolhimento.

### CAPITULO XXX.

*Vãõ duas das Fundadoras pedir a o Papa a Regra de S. Clara; E entra hũa noviça de veneravel memoria.*

I  Ntes disso fizeraõ hũa mudança na profissãõ, & estado, com que a sua virtude ficou mais acreditada. Erãõ beatas Terceiras, ou irmãs da Ordem da Penitencia (*Sorores Tertij Ordinis*, diz a bula, q̄ adiante se segue), & desejando viver em perpetua clausura, pozerãõ todas as forças por guardarem a Regra de S. Clara. Pelo que chegando ellas a doze, em mysterioso numero, qual era o dos sagrados Apostolos, despedirãõ pera a Curia Romana, que residia em Avinhão nesse tempo, duas

com.

cõpanheiras suas: *Florença Anes*, hũa: *Maria Fernandes*, outra; as quaes em nome de todas procurassem esta graça do Papa Clemente VI. Com grandissimo trabalho, aliviado porẽm da deuação do espirito, fizeraõ esta jornada, edificando com seu exemplo os povos, & pedindo pelas portas a sua sustentação. Chegãrãõ ambas a presença do Pontifice, que admirado de tanta resolução, quanto ellas pretendiaõ, lhes concedeo numa bula, cujo principio foi: *Exposuerunt nobis*: dada no anno de Christo 1346; a dous do mez de Abril. As concessões principaes, foraõ as duas seguintes. A primeira, que podessem professar a Regra de S. Clara, ficando incorporadas na sua Religiaõ. A segunda, que as governasse sempre o nosso Provincial pelos estylos da Ordem.

Visitãrãõ de caminho algũas casas devotas, & com outras tiverãõ correspondencia, tomando informação dos exercicios santos, que nellas se praticavaõ, pera com elles plantarem a regular disciplina, neste mosteiro da Guarda. Em particular, ouveraõ grande noticia do nosso santo convento da cidade de Plazencia, na França Togata, que agora se encerra nos estados de Italia, cujo nome illustissimo, o qual era *Anun-*  
*ciacão da Mãe de Deos*, acompa-

nhado tambem das maravilhas notaveis, que por seus merecimentos obrava este Senhor, lhes foi muito aprazivel. E desejolas de lograrem algũas das suas prendas, alcançãrãõ hũa Imagem pequena da mesma Virgem purissima, que agora se chama *da Esperança*, & o selo do convento, que por velho não servia: as quaes peças trouxeraõ ambas consigo, & outras tantas reliquias, como ainda veremos. A diviza deste selo sãõ duas imagens, escurcidas do tempo, que mostraõ representar a embaxada do Anjo à Senhora Mãe de Deos. A seus pès apparece de joelhos a figura de N. P. santissimo, & a roda hum letreiro antigo, & mal formado, pelo qual se nos inculca a intercessão da Virgem, & o convento primeiro, onde avia servido, pelas palavras seguintes. *Intercessio. Conventus Placentinus*. Delle usa ainda este mosteiro, & com algum fundamento, por lembrança da deuação das antigas.

3. Tornando de Avinhão cõ o despacho ja dito, foi executado logo com grande gosto de todas. Professãrãõ solenemente a Regra de S. Clara, elegerãõ Abadesa, & assentãrãõ por lei hũa vida tão pura, & tão perfeita, que imitava em muito os espiritos Angelicos. A pouco tempo andado as veio acompanhar hũa noviça de-

vota, a qual com este exemplo fez grandissimo abalo por toda esta comarca. Estava honradamente casada em a vila de Valhelhas com hum homem muito rico, & igual na qualidade, por nome *Pascoal Pires*: ella, *Domingas João*. Viviaõ ambos conforme a Lei de Deos, exercitando em tudo a caridade dos pobres, com outras muitas virtudes, sem escandalo do proximo, que não he a menor dellas; & querendo segurar-se das tempestades do mundo, que afogaõ muitas almas, lançaõ ferro no porto da S. Religião. A nove do mez d'Abril, de 1347, appareçãõ na Guarda em presença do Vigairo Geral, chamado *Marcem Vicente*, a quem deraõ relação de seus intentos, & aprovandoos elle, ambos se desobrigaõ das prizoẽs do matrimonio. O marido deu licença a mulher, que entrasse na Ordem de S. Clara; & ella a o marido, que podesse professar na nossa de S. Francisco. Despedindo-se em fim, pera nunca mais se verem cã na terra, senãõ depois em o dia do juizo: elle recebeu o habito no nosso convento de Covilhã: ella, nesta santa casa: onde ambos foraõ sempre enlaçando o curso fio da vida em largos merecimen-

tos.

## CAPITULO XXXI.

*He destruida a casa, & com muitas dilatoẽs se funda outro mosteiro.*

**S**tando já descansadas no sobredito mosteiro, com as obras quasi feitas, se levantãõ as guerras, por cuja occasiãõ se destruiu esta casa, & ellas buscãõ outra. Guerreava o nosso Rei D. Fernando com Henrique o II de Castela, que no anno 1372, entrando por Portugal, nos tomou Pinhel, Almeida, Celorico, Linhares, & Viseu. D. Fernando, pera segurar a Guarda, ordenou conforme temos escrito, que se alimpasse bem todo o seu arrebalde, desfazendo os edificios altos, donde seria mais facil a o furor Castelhano combater-se a cidade. Pelo que entre os muitos, que se lançaõ por terra, caio esta triste sorte na casa de S. Clara, & na de S. Marinha, nas quaes, por estarem juntas, se fez tal destruiçãõ, que nem entãõ he ficou hũa pedra sobre outra, nem hoje se achã delle hum vestigio pequeno.

2 As freiras se recolhẽõ naquella mesma paragem, dentro dos muros, onde agora estãõ: se mais seguras dos inco-

o Nuno de  
Chron. d'El  
Rei D. Fern.  
fol. 202.

b p. 2. l. 4. v.  
18. n. 1.

o. l. 1. v.  
c. 1. n. 2.

modos

modos da guerra, muito mal acomodadas de casa, & de Igreja. Era grande o aperto, & maior a sua desconfiança de se melhorarem nelle. Por onde se resolverão em tornar pera fóra da cidade, & fazet novo mosteiro, não no sítio antigo, de que tinham desgozado pela desgraça já dita, mas em outro, que ficava além do de S. Francisco, & agora se poderã demarear, descaíndo pela ladeira do monte, entre S. Sebastião, & entre o Seminario, que depois se fabricarão. Pertencia esta terra (& era muito bastante) á Meza Episcopal, que nella teve huns paços, & ainda nesse tempo avia hũa Igreja, chamada S. Nicolao, a qual era priorado. E tendo disto noticia o dito Rei, & Rainha, escreverão por vezes a o Bispo D. Afonso, encomendandolhe muito, que a largasse ás freiras. Pelo que o mesmo Bispo, & a sua Abadessa D. Caterina Pires a 21 de Outubro de 1377 fizeram troca dos sítios, dando elle, pera fazer o mosteiro, este de S. Nicolao, & recebendo das freiras o seu de S. Marinha, com hũas casas, que ellas tinham então ocupadas cõ o seu Recolhimento.

3. Não aprovou a cidade, antes reprovava muito a mudança do mosteiro pera fóra dos seus muros, entendendo pelo que tinha passado, que nou-

tras occasiões de contendas com Castela não estaria seguro. Considerava tambem o grandissimo apetto, em que as freiras estavam, & determinadas já em se saírem da terra: o que era muito penoso a todos os moradores, por quanto neste mosteiro, como elles declararão por estas suas palavras, avia muitas Donas, & boas, & que fazião boa vivenda, & como a dita Cidade por ellas, & pela sua oração podia ser mais honrada, & outro si mais pobrada. Tratando pois de embargar sua ida pelo dano, que della lhes resultava, a os 4 de Dezembro de 1382 lhes fizeram doação de hum pedaço de terra dentro tro dos muros, a o poço do Alcaide, por ser este o melhor, & o mais acomodado pera se fazer mosteiro, que avia na cidade.

4. Accitãrão esta doação as freiras, ainda que limitada, por não deixarem hum povo, que as estimava tanto, & resolutas em fazerem aqui casa trabalhãrão por lhe lançarem crecencas. Ajuntãrão primeiramente hum campo, do qual tambem huns devotos lhes tinham feito esmola; & depois incorporãrão os paços, o aljube, o celeiro, & outras casas dos Bispos, dando por escambo dellas a o Bispo D. Fr. Vasco em os 18 d'Agosto de 1386, o sobredito assento de S. Nicolao, que já

corria por seu em virtude da outra primeira troca. E posto que d'antes não tinhaõ entrado nelle, & agora o deixaraõ, a devaçãõ com o Santo era tal, que caõdo a sua dita Igreja, como ontras nesta terra, a quem o curso dos annos fez já a mesma injuria, ellas procuraraõ a sua santa Imagem, que hoje tem no seu templo. Mas tornando a o sobredito sitio deste segundo mosteiro, era elle rãõ estreito, que não sómente no anno 1391. emprazaraõ. pera seu recolhimento ametade d'hũas casas do mosteiro de Salzeda da Ordem de S. Bernardo, senãõ muito adiante nos de 1496. até 1498. a Condeffa de Mont-santo D. Maria de Menezes lhes fez mercê d'hũas casas, & quintal; & por mandado d'ElRei lhes vendeo certo morador da Guarda hum pardieiro pequeno, o qual estava incluso nas medidas do seu claustro, onde D. Caterina d'Eça, que adiante avemos de nomear, lhes mandou abrir hum poço.

Com estes grandes vagares, que chegaraõ pelo menos a 126. annos, se foi fazendo o assento desta casa, cujo campo não he taõ abreviado por ficar dentro dos muros, como se pôde cuidar. E quando o fora mais, tudo se recompensava com a vista d'hũa torre, a qual lhes deu a cidade, & he o seu mira-

douro, donde estaõ descubrin-do longas terras de Portugal, & Castela, quanto os olhos alcançaõ. Os edificios saõ todos muito bastantes, pera trinta, & tres religiosas, que nelles servem a Deos em perpetua clausura. Tiveraõ boas ajudas, com que as obras corraõ, na devaçãõ dos fieis, & mais em particular o ornato da Igreja, de cuja capela môr se encarregou primeiro Bernardo Ozorio de Melo, & apoz d'elle seu filho Diogo de Melo Ozorio.

## CAPITULO XXXII.

*Encerra este mosteiro hum tesouro muito grande de Reliquias.*

**R**estaurado este baluarte forte, que defende dos perigos a Cidade; como saõ de ordinario as casas religiosas; o mesmo Senhor do Ceo lhe vinculou seu emparo nas reliquias sagradas, com que o enriquecêo. Que se elle, na guarda d'outra cidade, podendo guardar respeito a hum Rei, & hum Profeta, que eraõ justos, & vivos, se mostrou mais empenhado á memoria d'hum morto, que nella tinha seus ossos, qual foi o S. David: tantos despojos de Santos, que hoje reinãõ na Gloria, quantos tem

este

este mosteiro, a elle, & a o povo penhores são mui seguros da divina protecção.

2 Tem o primeiro lugar dous Espinhos da sagrada Coroa do Redentor, os quaes trouxeraõ consigo aquellas seruas de Deos, que foraõ a Avinhão pedir a Clemente VI a Regra de S. Clara. O cofre, em que logo os metêraõ pera viré mais decentes, foi hũa casca de nõz partida em ametades, as quaes eu vi com meus olhos, & tive em minhas mãos. Hũa dellas, tem dous fôrros, ambos da parte de dentro: o de cima, de tẽla preta: o de baixo, de tafetã carmezim; & nella, ornada com estas sedas, se pozerão os Espinhos: na boca duas vidraças de talco; & fechada com a outra ametade, parecia nõz inteira. Nesta, com que ella se fechava, se guardão ainda hoje hũas migalhas de cera vermelha, mas desbotada (da qual tambem se achão sinaes por fóra) com hũas pelos, & pedacinho de pele, que mostraõ ser de coelho: na qual se trouxe de França, & depois se enterrou, conforme logo veremos, envolta a dita nõz, & selada com a cera.

3 Neste pobre reliquario conservava o mosteiro a preciosa reliquia em quanto não tinha outro tão rico, como convinha. Sobrevietraõ as guerras, q o lançaraõ por terra; & foraõ conti-

nuando pelo tempo d' ElRei D. Joaõ I, com as quaes crecêo a sua pobreza, & com ella o temor, & sobre-saltos nas freiras de a poderem perder. Hum dia, que estes mais apertavão pelo risco da cidade ser entrada, enterrou secretamente a Sancristã os Espinhos com hũa Imagem da Virgem Senhora nossa, parecendo-lhe, que depois das armas se suspenderem, teria ella lugar de descenbrir o tesouro, que agora escondia: mas falecendo em breve, tudo ficou esquecido. Andando por isso desconsoladas as freiras, sonhou muitas noites hũa, que na casa do Capitulo se avia enterrado hum riquissimo tesouro. Fez escavar onde o sonho dizia, & pelas grãdes riquezas, que suspeitava da terra, achou estas, que são das boas do Ceo. Estava a nõz inteira: os Espinhos, em a sua ametade: o envoltorio, quasi de todo gastado; cujas reliquias estaõ agora na outra. Depois se depositarãõ em custodia de prata dourada, engravados nas azas d' hum Serafim, que na cabeça sustêta hũa Cruz tambem de prata, em que se vê engastada hũa pequena particula do S. Lenho da Cruz. A cor d'elles he como de cera brãca escura; & nas pontas se divizão hũas nodoas, que se presume serãõ do sãgue do Salvador. No comprimento, não chega

bem o maior à largura de dous dedos.

4 Corréo a mesma fortuna hũa Imagẽ devota da Senhora Mãe de Deos, pela qual este mosteiro tem recebido do Ceo particularcs favores, q̃ parecem maravilhas. He de pedra, & na grandeza terà hũ palmo, & meio. As mesmas irmãs Terceiras, q̃ forão a Avinhão, & trouxerão os Espinhos, trouxerão tãbẽ esta Imagẽ Santissima: cõ elles foi escondida em as entranhas da terra, & com elles foi achada. Era o seu apelido *da Esperança*, pela muita, que este mosteiro tinha na sua intercessão; & agora, por estat em o altar do Capitulo he chamada *do Cabido*.

5 Depois disso inuiu a esta casa D. Caterina d'Eça Abadessa de Lorvão tres Reliquias dos nossos insignes Martyres, q̃ morrerão em Marrocos, as quaes tirou dos dous corpos, q̃ guarda o seu mosteiro. São estas hum meio queixo sem dentes, grande parte de hũa cana do braço, & hum pedaço do joelho; como agora se vê, se não foi todo inteiro. Estão todos manifestos por vidraças no peito d'hum meio corpo, nomeado *S. Berardo*, q̃ governou no martyrio esta esquadra Serafica.

6 Hũa cabeça das Santas Onze mil Virgens, a qual ouve, em cõpanhia de outras, do mosteiro do Vale de S. Lamberro

da Ordem Cisterciense D. João de Menezes, natural de Pennamacor, & por alcunha *o Roxo*, q̃ nesse tempo andava nas guerras de Flandres cõ esclarecido nome. Consta isto d'hũa certidão autêtica, dada no anno de Christo 1607 a os 18 de Março. Sua irmãm D. Guomar de Castro deixou aqui a cabeça cõ algũas condições, que aceitãrão as freiras, as quaes a depositãrão em cofre, forrado por fora de veludo carmezim.

7 Outra de S. Felis Martyr se guarda nũ cofre de Tartanga chapeado de prata, de cuja certeza não nos deixa duvidar a pessoa, que a deu com esse proprio nome à madre sãr Caterina da Encarnação sendo ella Abadessa; & por filha dos Senhores de Belmonte muito digna de lhe falarem verdade em materia tão grave. Foi o Padre Francisco Saraiva natural da mesma Guarda, a quem estando em Roma nomeou o Papa por Secretario do Marquez de Vilhena Embaxador de Castela, & de D. Joseph de Melo Agente de Portugal, depois Arcebispo d'Evora, na extracção de muitas Reliquias, que tirãrão dos seus santos cemiterios. Cõ tudo na qualidade do Martyr não acho isto cõforme, porq̃ o mesmo mosteiro, onde vi hũa Memoria, q̃ lhe chama *Papa*, celebra a sua festa a os 15

d Agiolog.  
L. 1.º. to. 1.  
Jan. 13.

de Janeiro, no qual tempo nenhum dos quatro Põrifices deste nome, que traz o Martyrologio Romano, passou da vida presente. Deviaõ equivocarse as Madres entendendo, como já anda escrito<sup>d</sup>, que seria de S. Felis o Presbitero da cidade de Nola, que caie no dia d'antes, & por estar ocupado cõ a nossa festa do santissimo Nome de Jesu tresladaraõ a sua pera o outro seguinte: mas esta cabeça não foi trazida de Nola, senão de Roma, cujos cemiterios estavaõ cheos de Santos deste venturoso nome. Ou não sabendo qual era (& isto he o mais certo) a primeira vez, que acharaõ seu nome no Breviario, o quizerão festejar. De modo, que a cabeça he de hum S. Felis Martyr; nem importa, que outras, se achem noutras lugares, porque os Santos são muitos, & tambem no nosso convêto de Alanquer está a de S. Felis Martyr de Sardenha, a qual em Lisboa livrou a hũa mulher de hum patto perigoso, tendo morta a criança.

8. Noutro cofre, que tambem está vestido de veludo carmezim, se esconde hum copioso deposito destes sagrados despojos. O mesmo Francisco Saraiva, que já dera a sobredita cabeça, quiz ennobrecer com elle neste mosteiro a Patria; & pera que não faltasse a consola-

ção, que temos da certeza destas notaveis reliquias, passou hũa certidãõ, justificada pelo dito Arcebispo, o qual as autenticou, feita em Agoa de Peixes a 10 de Março 1614. O deposito he este. Hum corpo de S. Pancracio Martyr: outro de S. Flora Virgem, & Martyr: Tudo o mais são pedaços, & reliquias: de S. Lucio Papa, & Martyr: dos esclarecidos Martyres Rustico, Probo, & Protasio, Herculano, Aquilino, Luciano, Sátyro, Claro, & Vidal, Nicolao, Dario, Antigon, Abúdio, Telésforo, & Rufino, Malchio, Mariano, & Marino: das Sãtas Virgês, & Martyres Apolonia, Agada, Aurelia, Flavia, Emilianna, & Nynfa, Pelagia, Seciinda, Celerina, Serapia, Benedicã, & Calixta: os quaes todos estão reinando com Deos.

### CAPITULO XXXIII.

*Da muita religiãõ, que nesta casa se guarda, & dos grandes beneficios, que ella lhe alcançou.*

**S**endo celebre no Reino por parte da observãcia o nome deste mosteiro, nenhum escrito se acha, pelo qual se justifique quãto delle a opiniãõ espera, &

apregoa a fama. Confiavaõse os nossos antepassados da memoria dos homens; & essa enfraquecida com o discurso do tempo tudo nos foi enterrando nũ puro esquecimento. Ainda no anno 1641 saio da vida presente a madre sã Apolonia de Jesu, depois de viver cem annos, cujo zelo da honra da sua casa nos seus derradeiros dias encomendou a lembrança de muitas cousas notaveis, que nella acõtecêrão; & quando eu lã cheguei a fazer informaçõ, não ouve que mas dissesse. Assi se tẽ acabado as memorias mais graves, com grande magoa minha, & perda desta Historia.

cap. 29.  
& 31.

2. Com tudo, se recorreremos à origem, & principio, com que palavras melhores, das que deixamos escritas, podia encatecer os santos procedimentos das primeiras Fundadoras esta cidade da Guarda? Chegou a dizer, & não disse pouco nisto, que na virtude das freiras, & nas suas oraçõs fundava todo o povo não sãmẽte a melhora das almas, mas tambem a sua conservaço. Argumento grande he da devaçõ do espirito a pretensã, que tiverão de entrarem na Ordem de S. Clara, & o notavel trabalho, com q a executãrã. Insignes, & valerosas molheres verdadeiramente foraõ as duas, q apostadas a vencer impedimentos deraõ confi

go em França, padecẽdo muitas fomes, pera virẽ a lograr a vida religiosa. A pobreza Franciscana, em que tambem a fundaraõ, as fez logo desprezadoras do mundo, & pretendẽtes do Ceo, pelo qual entre as outras virtudes nos trabalhos do mosteiro, que jã disse, apuraraõ largamẽte a paciencia grande, com q ellas se conservã. Tudo isto era muito manifesto, & por muitas escrituras achamos acreditada a santidade da casa, como são as doaçõs dos dous Bispos, q logo referirei, os quaes viaõ com seus olhos as virtudes, que tanto encareciaõ.

6 Term. l.  
de Patient.

3. E ainda que o tempo faz descair os estados da primeira perfeiço, atẽgora o deste santo mosteiro parece o mais antigo, que era o mais perfeito da sua Religiã. Ainda o seu toucado, o seu habito, a pobreza do seu trato estão cheirando a filhas de S. Clara. O silencio, a regular disciplina, o seguimento do coro são muito particulares. Todo o seu dormitorio não he mais, que hũa casa sem repartição de leitos, nẽ sãmẽte com hũa cortina leve, sendo a terra no inverno mui desabrida, & aspera. Muito louvor se lhes deve pela criaço, q deraõ a tantos sujeitos graves, quantos forão edificar outras casas, como depois se verá: mas muito maior merecem em rezaõ de

nunca

nunqua ser necessario inuiar-lhes Reformadoras de fóra, né ainda na géral reformação, que neste Reino se fez pelos annos 1568 nas freiras de S. Clara, sujeitas a os Claustraes. Estavão estas tambem na sua obediencia, vivião porém de modo, que não era necessario fazer mudança na vida, senão somente no nome, de *Claustraes*, em *Observantes*. Pelo que, entregues dos estatutos da Regular Observancia, ellas mesmas, sem virem Reformadoras, nem Mestras d'outro mosteiro lhes deraõ execução. E conhecendo El Rei D. João III a sua religião, e aqui mandou recolher pera estar cõ mais credito D. Isabel Muniz, da qual ouve cõ muito grande segredo, sendo ainda solteiro, a o senhor D. Duarte, que foi Arcebispo de Braga; & por suas muitas partes *as delicias da Corte de Portugal*, como então lhe chamavão.

4 A fama desta virtude, que voava do mosteiro, batia tão fortemente às portas dos coraçõs, que ausentes, & presentes lhe deraõ muita entrada em a sua devaçãõ. Começaraõ logo a correr as doaçõs, & forãõ continuando com grandissima largueza. A primeira, que achei, foi da vila de Covilhã, q' lhe cõsignou por carta de 1362 cincoõs libras cada anno. Os particulares, ainda que forãõ mui-

tos, não os nomeo aqui, por quanto não averá quem agora neste tẽpo os conheça por seus nomes. Pera Deos lhes dar o premio, os conhecia mui bem. Mas não entrãõ nesta regra, de serẽ desconhecidos, as pessoas, q' se seguem: D. Fr. Vasco de Lamego, Bispo da Guarda: D. Garcia de Menezes, Bispo da mesma cidade, & juntamente de Evora; & D. Francisco Coutinho, Cõde de Marialya, & Loulẽ. Os dous Bispos unirão a o mosteiro, cada hũ hũa capela; o Conde lhe dava todos os annos hũa quantidade grande de trigo, & de cẽteio; & a causa, q' os movia a isto, como alguns declarãõ, foi saberein por certa informaçãõ, da sua honesta, & carolica vida da Abadesa, & freiras, em quem a esmolava bem empregada.

5 A Casa Real, e cujas Mercceiras são em rogar a Deos por ella; a conta deste cuidado lhes fez maiores mercês. El Rei D. João I as tomou em sua guarda; D. Manoel lhes cõsignou pera sempre ordinaria de dinheiro; & quatro moios de trigo; outra tambem de dinheiro; mas só em quanto viveo a Rainha D. Leonor sua molher; os dous Infantes seus filhos, D. Luiz, & D. Fernando lhes dotaraõ outras tenças de trigo, & de azeite: El Rei D. João III, acrescentando em parte as sobreditas mercês,

e Hist. Eccl.  
fiat. de Bra-  
gã p. 2. c. 77.  
n. 4. & 9.

d cap. 29.

em tudo as confirmou. Isto mesmo fez depois a Rainha D. Caterina no tempo, que governava por seu neto El Rei D. Sebastião, provendo ambos no pagamento mais facil, até o potem na Guatda, por muitas cõsignações. Finalmente D. Filipe, o I em Portugal deste nome, se com ellas não gastou sua fazenda, não lhe negou a licença de poderem possuir a que tinham nesse tempo comprado por seu dinheiro.

6 Deste modo, começando-se a casa em grandissima pobreza, sem Padroeiro, nem doctre, a piedade dos Reis, Bispos, Senhores, & Povo lhe tem preparado hoje bastante sustentação. Não faço aqui menção, por concorrer muito nella, de Antonio d' Aguilar morador em Vilar Torpim, termo de Castel-Rodrigo: mas somente em razão d'hũa cautela, com que deixou mais seguras as suas disposições. Instituiu hum morgado, cuja copia, como tambem a do tombo da fazenda depositou nesta casa, com encargo a o seu possuidor de

lhe dar todos os annos

quatro fanegas de paõ

meiado pelo cofre

tunc da ter-

ra.

(?)

III

esta

#### CAPITULO XXXIV.

*D'algũas Religiosas, que tiveram grande nome.*

**M**uito maior, do que he, fora elle neste tempo se o descuido passado (o mesmo he do presente) não sepulrara a fama, com que se engrandecia. Das primeiras Fundadoras, sendo sua vida santa, nenhũa cousa sabemos: as que se forão seguindo, estão no mesmo estado: d'algũas temos huns longes, ainda que são escuros, cujos perros com o relplandor da graça devião ser mui lustrosos. Ainda hoje se diz, que sòr Francisca das Chagas natural da cidade de Lamego foi admiravel exemplo da caridade com pobres. Pera os poder servir, alimpar, & sustentar pretendia ser Porteira, deixando por essa causa outros cargos de mais honra. Veio pedirhe esmola hũa mulher miseravel, ferida então de peste: não se lhe pode negar o seu peito amoroso: curou della, grangeando-lhe a vida; & marouse a si mesma, porque a dita enferma lhe apegou a doença, da qual morreu brevemente nos braços da caridade.

Ainda tambem se fala em tres irmans, que naceraõ

nesta

nesta cidade da Guarda. Sôr Hieronyma do Espirito Santo rão avizada, & docta, que lhe chamavão. *Virgilio*: na oração rão continua, que depois de calejar os joelhos, ficou aleijada delles. Sôr Brites da Coroa, que merecêo hũa grande por suas raras virtudes. Trazida de sete annos a este santo mosteiro, noventa, & tres, que sobre elles viveo, nunca faltou no coto à meia noite, se não estava enferma, nem quando era minina. Dous triennios, que servio de Abadessa, não se abriuão as grades pera nellas se falar senão a paes, & irmãos: não se perdêo hum só ponto da regular disciplina: não dissimulou o mais pequeno defeito no toucado, ou vestido, que logo não emendasse; & com este grande zelo enfeitava santamente as esposas do Senhor, sendo ella a Rainha, & mais fermosa de todas. Sôr Helena da Cruz, crucificada com Christo em perpetuo silencio, nunca desviou a mão das maiores penitencias. E todas tres germanadas na virtude, como eraõ pelo sangue, oferecêrão devotas nas tres potêcias da alma em toda a sua vida sacrificio de louvor à Santissima Trindade.

3 Do estado das Conversas, que tambem aqui professão obediencia, pobreza, & castidade, persevera a memoria de

Maria de Jesu, a qual se fez peregrina na redondeza da terra por vir a tomar assento naquelle cidade santa, que lie quadrada, no Ceo. Gastou os primeiros annos em visitar as Igrejas, & casas de devação, que avia em Hespanha: foi à Roma, atravessando por França, onde vio com grande consolação todos os seus Santuários: intentou, posto que foi impedida, passar a Jerusalem pera beijar com a boca a Terra santa; que Christo pizou com os pés. Como seriaõ fermosas a os olhos do Senhor estas devotas passadas, que dava tambem a pẽ, pedindo esmola, disfarçada emromeira | Depois de peregrinar, se encerrou nesta casa com o tesouro riquissimo, que avia ajuntado, de santos merecimentos. Não se soube donde era natural, nem ella o quiz dizer: porrêni o modo da vida dava mortas, que do Ceo. Costumavão neste tempo as Conversas sair fóra da clausura; quando isso convinha a o mosteiro; & ella com seu exemplo lhe grangeou o remedio de muitas necessidades: mas se encontrava pobres, estes erão os primeiros, que ella remediava. Se não tinha que lhes dar, dava o manto dos hõbros, & sem elle se tornava pera casa. Sendo reprehendida disto, nem alli sua grande caridade se podia emendar. Sinquenta, &

Apocal.  
21: vers. 16.

& quatro annos a logrou este mosteiro, até o da Redenção 1580, no qual o Senhor da Gloria, revelandolhe primeiro, como ella mesma disse, a hora de sua morte, a arrancou furtivamente deste vale de miserias.

4 Ficou nelle até 13 de Setembro de 1594 a madre sôr Filipa da Conceição, cujos paes, que assistião na Guarda, a entregátaõ a Deos, sendo ainda minina, nesta sua santa casa. E foi tal a criação, que suas mestras lhe deraõ, que veio a ser espelho da perfeição regular. Considerada à vista com hũa toalha grossa, & esta mal sobqueixada: com hum vèu do mesmo pano, o qual tingia de preto: quasi descalça, & rota: muito bem se podia rever nella a pobreza, & modestia. Debai-xo deste vestido, que forrava de cilicio, escondia muitas nodos, & chagas da disciplina. Poucas vezes coméo carne: comia sòmente pão de centeio, ou de rala enfiado quando muito em caldo frio, destemperado com agoa. Deste modo foi vencendo o appetite da gula, & quando por outra parte se achava combatida, saía a defender-se, como Leão animoso, com as armas da virtude. Teve asco hũa vez no refectório da tijela, em que lhe deraõ o caldo, por não estar muito limpa; & depois todos os dias, pera se mor-

tificar, ia beber na cozinha hũ pouco do mesmo caldo, misturado com as migalhas, que sobejáraõ da meza. Quando se via tentada de algũa vaidade por causa da fermosura, & das muitas boas partes, que Deos lhe avia dado, raivosa contra si mesma se afeava no rosto, ferindo com pedras algũas vezes as mãos.

5 Outras pedras estão hoje, como padroões, ostentando a devação, & desejo de ver mui amplificada a santa casa de Deos. Estas são as que ella levantou nas paredes do Capitulo, que estava árruinado, como também nas Capelas de S. Antonio, & de S. Nicolao, as quaes fabricou de novo. Foi empresa de hum notavel espirito, porque era muito pobre: mas teve grandes ajudas no seu immenso trabalho, & na sua abstinencia. Ella cavava a terra, desentulhava os sitios, ajuntava as achegas, servindo nisto com os mais trabalhadores, & repartindo por elles a reção do refectório, que ouvera de comer. Nesta casa do Capitulo era a sua morada, onde meditava sempre na paixão do Redentor com tanto fervor da alma, que ou esta se derreteria em lagrimas, ou parecia esquecerse de animar o seu corpo. Ouvia mal, & cuidando, que também não podia ser ouyida, largava algũas vezes com

palavras magoadas ás vèlas do sentimento, que eraõ agudas setas nos coraçõs dos ouvintes. Assim lhes representava a lastimosa tragedia do santo Filho de Deos, que ellas mesmas cuidavaõ, que o viaõ padecer. E como este Senhor a queria collocar entre os jaspes finissimos da celestial cidade, acabou de a lavar com hũa doença latga, que a teve entrexada por espaço de dous annos. No fim dellas, chegando a sua hora, compozse no leito, cerrou os olhos, fechou a boca por suas proprias mãos, & nas do Padre Eterno entregou o seu espirito com grande quieração.

## CAPITULO XXXV.

*D'outras servas do Senhor,  
& hũa obra notavel de sua  
Omnipotencia.*

**Q**Uasi pelo mesmo tempo foi vista neste mosteiro hũa maravilha grande, que servio de muito credito a duas religiosas. Era a noite do Natal, em que todas com devação festejavaõ a o Minião Jesu, nacido d'aquella hora em o portal de Belém. Estava elle deitado em hum presepio pobre à imitação do outro, onde sua Mãe santissima primeiro o reclinou;

& ainda que tinha algum ornato, este era inui devoto, sem aparatos custosos, nem profanidades vans, das quaes se ofende muito o espirito Serafico: As freiras à sua roda, contemplando num mysterio taõ alto de Deos vestir nossa carne para nos endiozar, nos coraçõs, & nas almas o queriaõ recolher. Hũa dellas (naõ lembra já o seu nome) que andava mais sollicita, morria de sentimento por que não achava flores, com as quaes lhe enramasse o berço; de que mostrava góstar seu infinito amor. E não podendo avellas nesta cidade da Guarda, cuberta então de neve, onde neste tempo reinaõ os rigores do inverno: nem com este impossivel se esfriou seu fervor.

2 Pelo que; magoada desta falta saio do cofo pera trazer da cozinha hũas brazas, nas quaes queimasse pastilhas; & passando pelo claustro; achou na segunda quadra hũa roseira pequena; que d'antes não tinham visto, cuberta toda de folhas, entresachadas de tofas. Notada a maravilha, com que Deos autotizava a devação do Presépio; cortarão o ornamento da miraculosa planta; & com elle enfeitarão o curioso retrato da lapinha de Belém. Levantouse o Presépio, & pera satisfazer à petição dos devotos, por elles se repartiraõ muitos dos

ramos, & rosas. Outros se depositárao em hum cofre de Reliquias, que nem por isso se defendêrao dos furtos da devação indiscreta. Não avia já no anno 1642, no qual eu examinei este caso, senão só hũa folhinha de rosa, & hum raminho das folhas.

3 O lugar, em que nacêo a roseira, foi a cova de hũa serva de Deos, que lhe tinha merecido este notavel favor. Era natural de Sea, pelo nome secular *D: Brites de Mendoga*, & sòr *Brites de Jesu* pelo estylo da Ordem: dotada em perfeições, do Autor da Natureza: favorecida primeiro dos afagos da Fortuna, depois encontrada della; no qual tempo a graça do mesmo Deos a tomou à sua conta. Seguindo as leis do mundo foi casada nobremente com hum Ministro d'El Rei, Juiz, ou Corregedor em o distrito da Beira. Com tudo nesse estado, nem passatempos da terra, nem o amor do marido, nem os cuidados da casa lhe tirárao da vontade o seu antigo desejo de ser esposa de Christo. Acontecêo neste tempo matarem a o marido, cuja morte sentio com tanto excessso, como fiel companheira, que posta em campo accusou os matadores; & pera represêtar a o sobredito Rei (era *D. João II*) a sua atrocidade, estendêo a camiza do marido a

seus pés, banhada no sangue, rasgada das punhaladas. Andando assi ardendo na pretenção do castigo, se não era de vingança, na fervura lhe lançou o amoroso Jesu a agoa de sua graça; & propôdolhe com suave efficacia o perdão, que tinha dado da sua parte na Cruz a quem o crucificára, de raivosa, & vingativa a tornou em hũa cordeira mansa. Deu logo perdão gèral a todos os matadores, renunciou a fazenda por seguir a Christo pobre, tomou o por seu esposo neste sagrado mosteiro, & preza a seu amor com as ataduras fortes da santa Religião, pelas virtudes da alma lhe preparou \* leiro de flores, em que elle descansasse, como mostravão as rosas.

4 Sòr Maria da Purificação, que nacêo aqui na Guarda, foi valerosa molhier em duas virtudes grandes, penitencia, & paciencia. Quatro disciplinas fazia cada somana, derramando tanto sangue, que despejadas as veas, era necessario recolher nos outros dias o que nestes se esgotava a fio. E tornando deste modo o corpo em carne viva, com hum cilicio aspero, que nem na quaresina, nem noutros tempos despia, fomentava as chagas, & pizaduras. Jejuava, comendo quasi por onças, que não chegavão a fazer meio aratel no dia. Foi toda a sua vida

hum

hum rigor continuado, & não podia ser menos quando o amor de Deos, ardente, & abrazado, de si mesma a fazia inimiga. Manifestos sinais foraõ desta fornalha accia a deuação do espirito, a oração prolongada, a caridade dos pobres, eñ que ella era niuia. De nenhuni teve noticia, que logo não acudisse á sua necessidade, trabalhando, pera poder sustentallos, na roca, ou almofada. Daqui tambem lhe nacéo a fortaleza de bronze, que nunca lhe estalou por mais pezadas, que fossem as doenças, & desgostos. Entendia que vinhaõ dá mão de Deos pera seu mercimento, & pelo não ofender se conformava alegre com sua santa vontade.

5 Nove mezes teve hum cancro no peito, cujas penetrantes dores rasgavão o coração: a vista delle causava grande horror: o mau cheiro fazia fugir as outras. De maneira, que posta em desamparo, metida neste tormento, tendo ella a enferma era tambem enfermeira, que se curava por suas proprias mãos, louvando sempre a Majestade divina por tantas misericórdias, como ella as julgava. E quando o sentimento da sua humanidade formava alguma queixa contra estas affiçoes, por confortar o espirito na paciencia dellas repetia, a confissão, & comunhão muitas vezes,

que são as fontes perennes da nossa consolação. Chea della em final d'outra maior, que não Ceo a esperava, se despedio desta vida ás duas horas depois de dar meia-noite, no anno 1606, a seis do mez de Agosto. Neste tempo ouvirão cantar as freiras *Te Deum laudamus* com vozes muito suaves, as quaes não eraõ da casa, nem na cidade se soube, sendo ella mui pequena, & grãde a diligencia, quaes forão estes cantores. Pelo que se veio a presumir, que serião os do Ceo, dando louvores á Deos por elle. lhe aver dado virtudes tão excellentes.

6 No mesmo anno, a 6 do mez de Dezembro, foi gozar da companhia dos Anjos, como piamente cremos, a madre sor Habel Baptista, a qual de Ciudad-Rodrigo, donde era natural, fugio pera esta casa, renunciando o mundo, os parentes, & a patria. Prevalerão muito nella o espirito humilde, eñtelo da ambição, & coluna das virtudes, por cujo impulso santo dilatou a profissão quatro annos, querendo antes ficar em estado de Conversa, que ser Freira de veõ preto. Queria servir a casa como criada de todas, & não se achava digna de louvar a Deos no coro. E posto que o preceito com outros respeito grandes não lhe deixaraõ lograp esta devota

tenção, era tal o seu desprezo, & abarimento proprio, que suas mesmas irmans, freiras também nesta casa, se davão por afrontadas de a verem desprezível por baixo dos pès de todas. Porém o Senhor do Ceo, que exalça os humildes, a colocou duas vezes, mas contra sua vontade, no lugar das Abadessas.

7. Foi santa no seu governo, tratando com muito zelo de que as outras o fossem. E como em sua alma não reinava a soberba, nunca se fingio senhora: imaginava-se mãe, que tinha obrigação de consolar suas filhas. Pareciaõ milagrosas as obras de caridade, que executou com ellas. Ouve também no seu tempo hũa fome, que arrastou muitos pobres dos montes pera a Cidade, & vindo elles em bandos pedir esmola à porta, ali mesmo os estava esperando, & sempre teve que dar. Quando não avia pão, enchia as mangas ambas de sentio, & de milho, pera repartir por elles. Se pediaõ pela rua em voz alta, estando ella enferma, dizia à Enfermeira: Não estou pera comer, mas dem isso a o pobre. Era facil em dobrar o appetite, pelo que aconteceo estar ardendo à sede; sem beber hũa só gota de agoa todo hum dia inteiro. Outra sede lhe dava maior tormento, a saber d'aquella fonte eterna, com que os Santos se

regalão em o Ceo; & pela mesma razão tinha notavel inveja às que via acabarem o desterro deste mundo, parecendolhe, que lograrião primeiro a presença desembuçada de Deos, posto que com caridade festejava a sua sorte, rezando por tenção dellas muitas vezes o Salteiro. Faleceolhe nesta casa hũa das suas irmans em dia de S. Martinho, do que ella recebeu tão grande consolação, que depois todos os annos fazia a sua festa, jejuandolhe a vespera, & celebrando o dia com algũas devaçõs. Chegou o da sua morte, que se convertêo em vida, no qual ella de alegria cantava: as outras choravão de saudades; & com esta despedida mysteriosa, & santa fez jornada pera a terra dos vivos.

### CAPITULO XXXVI.

*Contão-se as freiras, que fundarão outras casas, & algũas cousas grandes, que aqui*

*acontecerão.*

**T**Res mosteiros da nossa santa Provincia recebem por seu Fundador a este, porque delle sairão religiosas, que em todos ensinarão, & plantarão a sua Religião. He o primeiro nos

annos

annos S. Iria de Tomar, pera onde foraõ dadas Abadessa D. Mecia da Sylveira, & Vigaira, sôr Antonia de Jesu: com hũa irinãm Conuersa, cujo nome era Ana: o apelido não lembra. Lã viveraõ, & acabãrãõ seus dias; & sôr Antonia com opiniaõ de santa, como entãõ contarei.

2. Edificado depois o mosteiro da Madre de Deos em Vinhò, que he hum lugar da Beira no Bispado de Coimbra, desta casa lhe mandaraõ as Fundadoras seguintes. Sôr Antonia d'Assunção, no cargo de Abadessa: sôr Filipa de Jesu, Porteira: outra Coadjutora, de quem esquece o nome; & hũa minina, que criavaõ pera freira. A Vigaira falecêõ, fazendo este officio com muita satisfação: a minina professo, & foi a primeira Mestre de tanger, & de cantar naquella nova Familia: as demais, como a viraõ capaz de se governar per si na Regular Observancia, tornãrãõ pera a Guarda.

3. A S. Luiz de Pinhel se inviãrãõ tambem as primeiras Fundadoras. Abadessa, sôr Guiomar dos Reis: Vigaira, sôr Antonia d'Anunciação, que depois foi Abadessa, & teve honrado nome; & sôr Luiza do Espirito Santo, que era Mestre da Ordem. Esta só, deixando gran-

des exemplos no mosteiro de Pinhel, se tornou a este seu domicilio, onde foi Abadessa de veneravel memoria, assi por suas virtudes, como pela observancia, que florecêõ no seu tempo. Teve grandissimo zelo da perfeiçãõ em rezar o Officio divino, & nisto se ajudava do latim, que sabia muito bem, pera entender as rubricas, & o accento das sylabas.

4. Crecêõ muito com esta occasiãõ das fundaçoẽs sobreditas o nome santo deste sãgrado mosteiro, dilatandose a fama da sua religiãõ, a qual Deos por outras vias corroborava tambem com casos maravilhosos, que nelle acontecêrãõ. He notavel, ainda que ordinario, o avizo, que este Senhor lhe manda de ser chegada a morte d'algũas religiosas. Ouvem dar muitas vezes tres pancadas, sem saberem quem as dà: mas jã estãõ advertidas, que he recado de Deos, o qual lhes manda dizer, que estejãõ preparadas, & muito mais as enfermas, pera morrerem em graça, às que ouver brevemente de chamar, sublimandoas na Gloria se ellas a merecerem. E bem podemos crer isto da sua misericordia, pois tantas vezes nos bate às portas do coração, esperando nosso profundo descuido, encarniçado na terra, com as lembranças do Ceo. Donde nasce nas enfermas

a Cant. 5.  
vers. 2.

alguns fervores tão grandes no amor do mesmo Deos, que mais parecem excessos dignos de admiração, do que exemplos, que servirão a nossa imitação. E deste modo se ouve aquella rara mulher *Sór Isabel da Visitação*, que na última doença, tendo muitas, & singulares virtudes, que lhe servião de credito, confessou publicamente as faltas da sua vida pera se envergonhar. Quando vio, que se chegava a morte, rogou que a levantassem, por quanto a o caminho queria ir esperalla. A 9 do mez d'Agosto de 1621 foi o seu devoto transito.

5. Em outras occasiões se conheceo o cuidado deste Senhor elementissimo, com que preserva as freiras de perigos manifestos. Não digo, que são milagres, mas quando menos prefumo, que são sinaes muito claros de singular protecção, & amoroso empenho. Hũa vez, que caio o campanario, estavaõ mui perto delle na casa da sanctissima algũas religiosas, as quaes antes de sentirem a ruina se desviãrão hum pouco, & com isto foraõ livres do seu impeto. Outra vez, que duas tambem estavaõ assentadas a o fogo, desarmou a chaminé, cujo pezo a dobrãra pera esta mesma banda, onde matava a ambas, se o braço do Senhor não se pozera diante, que a lançou

pera a outra. Subindo em fim a ver a obra de hũa casa sôr *Guimar d'Ascenção*, deceo hum tropel de pedras, que eraõ mais de dous carros, as quaes por todas as partes a deixãrão enterrada; & cuidando o convento, que estaria já morta, ainda estava viva sem lezião, nem pizadura.

6. O prodigio notavel, que as deixou inagoadas, foi quando no mez d'Agosto (eraõ então quatro dias) de 1578, na mesma hora, como depois advertirão, em que nos campos de Africa se perdéo *El Rei D. Sebastião*, virãõ que chovi sangue por todo este mosteiro. Mas bem era, que como tão obrigado á Casa Real, & Senhores deste Reino, se ajudasse do Ceo pera chorar esta perda, da qual nunca o sentimento maior se poderà esquecer: que tãbem no mesmo dia, que o Turco tomou a *Constantinopla*, em Italia na cidade de *Fulgino* suãrão gotas de sangue as paredes da capela da *Beata Angelina*, *Terceira de S. Francisco*. E revelou esta Santa a hum Varão virtuoso, que lamentava o dano da Christandade com as lagrimas das pedras, porque já com os seus olhos não o podia chorar.

7. Permittio por seus olhos juizos aquelle Senhor infinitamente sabio, por cujas

dispo-

cap. 33.

Fr. Luc.  
tom. 5. an.  
1435. n. 20.

disposições se vão sempre enfiando as acções da nossa vida, que tivesse hum desgosto esta casa, o qual lhe deu muita pena. E seria (se nisto achar entrada o nosso fraco discurso, ajudado das finezas de sua misericordia) pera tirar grandes bens, como costuma tirar dos maiores desconcertos: desenganando tal vez a nossa fragilidade, que não se dê por segura, mas viva acutelada nos perigos ordinarios, dos quaes sómente a graça deste Senhor piedoso, que nunca falta com ella quando he mais necessaria, nos pode tirar a salvo. Tem as freiras pendurada em a tribuna do coro hũa Cruz de latao, com a Imagẽ de Christo de meio relevo nella, a qual estimaõ em muito por ficar das Fundadoras, que como filhas seraficas do Patriarca dos Pobres na sua maior pobreza fundavão a devaçãõ. E estando nas matinas d'aquelle proprio dia, em que o seu sentimento teve a causa mais publica; diante de todas caio a sagrada Cruz fazendo tanto estrondo, que a ellas lhes cairão de pavor, & reverência os coraçõs a os pés.

8. Parecerã, que foi a caso a queda; mas ha casos, que se julgão por mysterios conforme as circumstancias, maiormente avendo outros exemplos, com os quaes se qualifi-

caõ. Na cidade de Oxonia, em tempo que os Ingrezes no estado de Carolicos nos consentiaõ conventos, acabando de cantar hũa Completa os frades, detiveraõse hum pouco rindo descompostamente, mas logo este seu rilo se convertẽo em tristezza; porque hũa Cruz de pao, que estava sobre a porta do coro, se virou de repente pera elles com muita alteraçãõ, que os fez estremecer, & alguns morreraõ em breves dias, porẽm mui arrependidos. E nisto podemos ver quãto o Senhor se sente de que as suas espolias, os seus filhos, & seus servos, que vivem em sua casa, & comem a sua meza, não lhe sejaõ em tudo muito fieis, nem lhe guardẽ o respeito, que merece, em os lugares sagrados.

1 Pisan con  
fomit. 11.

### CAPITULO XXXVII.

#### *Noticia breve do Real mosteiro de Santa Clara de Beja.*

**G**rande gosto pôde ter esta antiga cidade das tres calas Frãciscanas, q̃ deu à nossa Prouincia, porque cada hũa dellas he notavel, & insigne. A primeira, que he a de S. Francisco: (deixando outras rezões) foi honrada nos principios com maravilhas

1345

a 1.6. c. 33.  
& 36.

do Ceo. A segunda, que he esta, foi a primeira da Ordem de S. Clara, que ouve em Alem-Tejo, no Bispado de Badajoz seu vizinho, & no Reino do Algarve. A terceira, chamada da *Conceição*, de freiras da mesma Ordē, goza d'outra primazia, por quanto foi a primeira em todo o Portugal, que se fundou no estado da Regular Observancia, como ainda diremos.

2. E tratando da segunda, que entra neste lugar, pelos annos 1340 affina os seus principios o Memorial manuscrito da Provincia do Algarve. Mas como não determina a o certo este anno, bem poderemos levar, sem lhe fazermos offensa, a fundação adiante; & será, quando mais até a nomeação do Cardeal Talayrando em Protector da nossa santa Familia, o qual entrou neste cargo em 28 de Setembro de 1343, & depois de estar nelle deu licença pera fazer o mosteiro, como se contém na bula, que brevemente avemos de referir, do Papa Clemente VI. Esta licença era muito necessaria pelo ordenar assi Bonifacio VIII, & sempre por estes tempos a concedia o Papa, ou o Protector da Ordem, ou outro dos Cardeaes por sua autoridade. Nas fundações dos mosteiros, de Coimbra pela Rainha S. Isabel, de Lisboa, Vila do

Conde, & Guarda, que já deixamos escritas, se acha isto corrente. Por onde entre o fim do anno affina dito 1343, & do de 1345, em que o Summo Pontífice mandou continuar com a obra, que estava embargada, lançamos o seu principio, & nisto nos cõformamos com o nosso *Annalista*.

3. Os Autores da Fundação do mosteiro foraõ todos os moradores de Beja: a Nobreza, & o Povo: o Senado, & Casas particulares; porque todos pretendião ennobrecer sua patria com esta casa de Deos, entendendo que seria bem servido, sendo ella das freiras de S. Clara. E demarcado o sitio, fóra dos muros, contudo acomodado: auida tambem licença do Bispo d'Evora: as obras se começãõ com grande solennidade. Assistiraõ El Rei D. Afonso IV, & sua mulher a Rainha D. Brites, os quaes ambos por suas proprias mãos, realçando a nobreza deste santo edificio, lançãõ nelle as pedras fundamentaes. Mas o Cabido da dita cidade d'Evora com os Parrocos da sua diocese, receando no temporal algum dano em rezão dos privilegios concedidos a esta sagrada Ordem, embargãõ a fundação do mosteiro. Por onde foi necessario recorrer a o Pontífice, que era Clemente VI,

to. cit. an.  
1345. n. 15.

6 Fr. Luc.  
tom. 3. an.  
1343. n. 8.  
& 9.

o qual

o qual a 3 de Novembro, do annó já referido 1345, inuiou a o Bispo hũa bula, cujo principio era, *exigit pura devotionis sinceritas*, em que lhe encomendava, que ouvindo as partes, desimpedisse as obras, & concedesse licença pera entrarem as freiras, avendo bastante renda a o menos pera doze. O Bispo affi-o fez, como consta da provisãõ, que passou a 17 do dito mez de Novembro, porém no anno seguinte 1346, & com isso acabaraõ as molestias, que detinham o convento.

4 Neste tempo manifestou a Cidade o entranhavel desejo de o ver nesta altura; & tendo dado o campo, empenhandose na fabrica, dotado de renda bastante pera sustento das freiras: parte della, que lhe comprou o Concelho: outra parte, que lhe deraõ particulares devotos: agora se obrigaraõ alguns, porque ellas não deixassem de povoar o mosteiro, a sustentallas de rudo, se a isso não chegassem as suas propriedades. Forão estes, Mestre Giraldo Surgião com sua mulher Margarida Pires, & Lourenço de Serpa tambẽ com sua mulher Tereja Martins, os quacs todos em hum instrumẽto publico lhe cativarão por ovida, sendo em si muito livre, esta sua devaçãõ. Depois disto lhe dotou a Cidade hũa

horta, que pera isso comprara, a qual ficava vizinha; & accumulando obrigações a empenhos, declarouse por Padroeira da casa, com encargo de sempre lhe assistir em suas necessidades.

5 Preparado o mosteiro, vierão as Fundadoras, que aviaõ de plantar a vida religiosa. Em S: Clara de Lisboa achamos hũa memoria, que de lá foraõ mandadas: porém o numero dellas: seus apelidos, & nomes: as virtudes, que assentaraõ por lei: os exemplos, que em muitas foraõ grandes: nada disto deixou em apontamento aquella idade rude. Sabemos sómente d'hũa, chamada *Maria Anes*, que oferecendo com sua mesma pessoa muita fazenda a Deos; com ella foraõ crecendo as obras. Por outra via nos consta, a saber por escrituras, d'alguns trabalhos da casa, & do remedio delles. Averia vinte annos, que estava começada, & sem ainda chegar a o fim da perfeiçãõ, por causa d'hũa ruina se vio quasi acabada; & tendo disto noticia o Papa Urbano V, de França lhe inuiou hum breve de indulgencias, cõ as quaes enriqueceo a quem quizesse gastar algũa cousa nas obras.

6 O dano mais conhecido, que veio a o mosteiro, foi da multidão das freiras, que

1346

crecendo com demaziado numero em comparaçãõ das rendas lhe tirãrãõ a sustancia, & o deixãrãõ tão fraco, que sem ajuda alhea não podia sustentallas. E esta he a ruina, & perdiçãõ dos conventos: acrecentarem sujeitos, & consumirem os dotes; porque o mesmo remedio, que por esta via buscaõ pera socorrer à miseria presente, gastados os ditos dotes sem melhorar a fazenda, & multiplicadas freiras, que pedem maiores gastos, vêm a ser pelo tempo adiante a sua destruiçãõ. Por onde, se os prelados se lastimãõ dos mosteiros, como devem lastimar-se, em atalhar estes males, haõ de ter muito cuidado. O desta santa Familia, pela rezãõ sobredita, a poz em tanta pobreza, que pera poder viver muito registadamente, aviaõ de assistir-lhe as esmolas dos Fieis. Porẽm a Casa Real, que logo no fundamento lhe entregou os penhores de sua benevolencia nas duas primeiras pedras, & esta mesma Cidade, que lhe tinhã dado ser: ambas cõ grande amor tratavãõ de seu remedio. Acudiaõ-lhe os Reis todos os annos cõ trigo, & davaõ tambem licença a os Concelhos do Reino, que lhe fizessem esmola atẽ quãtia de vinte mil reis, do que ainda se achãõ provisoẽs d'ElRei D. Afonso V, & da Rainha D. Leonor molher

de D. João o II, no tempo, que governou por seu irmão D. Manoel. A Cidade finalmente, fazendo quanto podia, tambem lhes encomendava a os Concelhos jã ditos esta obra meritoria por cartas particulares.

7 Sobre estes beneficios das Majestades Reaes caio bem a uniaõ da Igreja de S. Victoria no termo desta Cidade. Avia sido mosteiro de Frades de Nossa Senhora da Mercẽ, os quaes extintos aqui, as rendas se annexãrãõ a este de S. Clara. A estas lhe acrecẽrãõ as do nosso convento de S. Francisco, quando elle reformado na Regular Observancia largou a estas irmãos todos os bens, que lograva no estado de Claustal. E juntas outras achegas, vierãõ a melhorar-se não sõmente na riqueza, senãõ na autoridade. Porẽm o maior tesouro he o das prendas riquissimas, que lhe entregou o Ceo. Hũa particula do S. Lenho da Cruz: hũa camiza milagrosa do Minino Jesu: hum osso dos nossos inclytos Martyres, que morrerãõ em Marrocos, pelo qual tem obrado maravilhas o grande poder de Deos; & hũa Cruz de outras muitas reliquias.

8 E pera que se conheça o direito, que neste mosteiro reve a nossa santa Provincia, declaro que foi fundado no distrito da Custodia de Evora em

tempo,

tempo, que quantastinha o Reino de Portugal todas estavam unidas á Prouincia, chamada de *Sant-Iago*. Separadas depois della, levantarão a dita nossa Prouincia, que se diz de *Portugal*, em cuja obediência esteve por muitos annos. No fim delles, a saber no de 1517, em que nós os Observantes nos apartamos dos *Claustres*, ficou no governo delles até o anno 1542, em o qual se reformou na Regular Observancia. Nesse tempo estava já dividida a do *Algarve* da nossa, & como os seus limites abrangião o mosteiro, nella foi incorporado.

## CAPITULO XXXVIII.

*Do dano, que nos causou hũa gravissima peste; E das acções gloriosas de D. Fr.*

*Salvado Martins,*

*Bispo de La-*

*mego.*

1348

F. Luc. an.  
cit n. 2.  
Nunes na  
Chron. d'El  
Rei D. A.  
fonto 1V.  
pag. 170.

**H**egou o anno infausito, 1348 do Nascimento de Christo, no qual se originou aquella horrenda peste, que chamaraõ a grande mortandade, & foi hũa semelhança do diluivio geral, de que escaparaõ poucos, persuadindose todos, que mais era hũa açoute, mandado por Deos do

ceo em castigo de pecados, que doença, a qual riveffe principio em as causas naturaes. Dizem, que naceo na *Scythia*, onde terremotos grandes abriraõ hũa boqueirão, o qual lançou tão peçonheto vapor, que corrompendo o ar, & ajudado do vento se espalhou brevemente quasi por todo o mundo, matando, & degolando a maior parte das gentes. Achei em hũa memoria de *S. Cruz de Coimbra*, que começou por *S. Miguel de Setebro*, & que durara tres mezes: mas seria neste Reino, se ella andou tres annos, como diz *Duarte Nunes*, sobre a face da terra. Nas Religioes sagradas, em particular na nossa fez grandissimo estrago, porque morreraõ os frades autorizados, & santos, que eraõ colunas fortes da perfeição regular: os que livraraõ da morte, mitigando o rigor quizerão poupar a vida: os que entraraõ de novo, não achavaõ muito vivos os exemplos da santidade antiga, & com isto entrou a relaxação, que depois foi desterrada, como ainda diremos, pela insigne reforma da Regular Observancia.

2 No anno seguinte falleo o grande Bispo da *S. Sê de Lamego* *D. Fr. Salvado Martins*. Se da peste, se d'outra enfermidade, ninguem o deixou escrito. E se então o perdemos

1349

no cupato, & pessoa, agora está perdida a memoria. Assim do seu nascimento, como de muitas acções. A primeira, que eu pude descobrir, he do anno 1318, no qual tempo sendo elle Guardião de S. Francisco de Lisboa, instituiu com licença do Ministro Provincial F. Francisco hum procurador, chamado *Silvestre Paes*, nas causas do seu convento. Depois disto nos apparece seu nome no segundo testamento da Rainha S. Isabel feito no anno de Christo 1327 a 22 de Dezembro. Estava já na privança d'El Rei D. Afonso IV, que avia merecido, sem elle a procurar, com o cabedal de letras, virtude grande, expedição de negocios, & todas as boas partes de prudencia, autoridade, & zelo, em que foi Varão illustre. Declarou a dita Santa, como tenho referido, que andava na casa do mesmo Rei: isto era, occupado em seu serviço, & nos despachos do Reino. E por ser pessoa tão conhecida, não sómente lhe deixou encomendada a execução do dito seu testamento, mas tambem, o comprimento de outro, que estava a seu cargo, aprovando esta sua comissão o dito Rei D. Afonso. Na mesma conta o tinha sua mulher a Rainha D. Brites, a qual nem depois d'elle ser Bispo, deixou de o occupar nos despachos, provisões, & outras cousas, que a

ella pertenciaõ.  
3 Estando nesta privança, que noutros seria mais perigosa, vagou por morte de D. Rodrigo o. Bispaço de Lamego, pera o qual o Cabido elego em discordia dous conegos: hu de Braga, por nome *Martim Afonso*: o outro da sua Sé; chamado *João Martins*. Seguirão ambos a causa até os pés do Pontifice João XXII, & vindo a desistir, provéo elle na cadeira a o nosso Fr. Salvado em rezoão dos grandes merecimentos, que nelle se conhecião. Começa a sua bula, *Regimini universalis Ecclesie*, dada a 12 de Março de 1331. No Bispaço fez certas as esperanças, que o Papa, & os Principes tiverão de seus acertos, governando como hu Anjo do Ceo não só a sua pessoa, senão as suas ovelhas, de modo que parecessem do rebanho do Senhor. Não usava do titulo de *Dom*, por ser muito honorifico, sendo elle no seu tempo usado entre os frades: nomeavase sómente nas provisões, *Fr. Salvado*, como quem muito mais se gloriava da profissão Franciscana humilde, & pobre, que do estado de Bispo autorizado, & grave. Era singular devoto da Virgem Senhora nossa, & com esta piedade quando deu a o Cabido o terreito, em que o claustro se fez, conforme logo veremos, lha poz por obrigação,

que

Arch. da  
Igreja do  
Espirito S.  
de Lisboa.

el. 8. c. 32.  
n. 4.

d. l. 9. c. 27.  
n. 3.

F. Luz. hoc  
an. 7. 6. &  
in Reg.

p. 61. 3. c.  
35. n. 2. & l.  
4. c. 22. n. 4.  
& l. 9. c. 7.  
n. 4.

que cada dia cantasse à melina Virgem purissima a sua *Salve Regina*. Não ostentava grandezas, e não era com os pobres, ou com a sua Igreja; a esta honrava, como a sua esposa: a os outros sustentava, como a filhos amados de Jesu Christo.

4 São notaveis os favores, com que a engrandecêo. Logo no segundo anno depois de estar no bispado, 1332 do Nascimento de Christo, a 31 de Julho lhe deu campo, *para se fazer em elle hũa boa crasta à honra do serviço de Deos, & de S. Maria a Mãe*. Se fez rambem esta obra, como já anda escrito, não cõtra da doação, nem nella o prometêo. Unio à meza Capitular hũa quinta em o lugar de Mèdèlo, que sempre fora dos Bispos; & por quanto hũa Aldara Martins, que a trazia por prazo, a avia trespassado em hum Afonso Antão, a ambos os obrigou com as armas da justiça: a ella, renunciar o direito, que tivesse: a elle, que a largasse, como de feito largou, porque lhe deu por concerto grande soma de dinheiro.

5 Grangeou pera a sua Igreja a doação d'hũas casias, que estavam no seu Couto. Provêo com grande prudencia no que tocava á fabrica, ordenando, que todas as suas rendas ficassem a o Cabido: que elle todos os annos pagasse duzentas li-

bras; & que estas estivessem em deposito debaixo de duas chaves pera aver cabedal, com que se fizessem obras. Defen dêo contra o Prior de Cârquere a colheita, & direitos, que tinha a sua Mitra na Igreja de S. Maria de Freigil: Alcançou confirmação d'ElRei D. Afonso IV da sua autoridade, com que elle, & Cabido costumavaõ por Juizes no sobredito seu Couto, Parada, & Vila-seca; & fez outras muitas obras de excelente Prelado; mui semelhantes a estas. Foi insigne a concordia, que introduzio na Sê; concertando com os Conegos os meios Conegos, que lhes faziaõ demanda sobre a sua porção. Assentou, que fosse meia prebenda; mas que elles não votassem no Cabido; & alli, como entaõ o julgou, se observa atêgora.

6 No meio destes cuidados, que não o cançavaõ pouco, não faltava em o serviço d'ElRei, que sabia conformar com a vontade de Deos, & ainda muito menos na consolação, & gosto da Rainha S. Isabel, da qual era Confessor. Alliu riolhe na doença, & na morte na vila de Estentoz: confortou a com os santos Sacramentos, os quaes lhe administrou; & deu-lhe sua palavra de cumprir inteiramêre quanto no testamento dispunha. Dizem, que tambem lho fez: mas nella oca-

g Arch. da  
melina Sê.

g Agiol. Lu  
sit. to. 1. lan.  
13. l. B.

Monarch.  
Lust. p. 54.  
16. c. 34.

g Agiolog.  
cit.

liaõ nem ella testou de novo como deixo advertido, nem os dous, que <sup>m</sup> tinha feito, forão escritos por elle. Deulhe porẽm bons conselhos, que muito a ajudãrão na perfeição da virtude. E dando execução, como bom testamenteiro depois de ser falecida á sua santa vontade, insistio em que a levassem logo a o seu Real mosteiro de S. Clara de Coimbra; que foi a occasiã de se verem as maravilhas do Ceo em prova da santidade desta notavel Rainha, que relatei <sup>n</sup> noutra parte. Elle mesmo acompanhou o seu corpo, & o deu á sepultura: foi testemunha de vista de muitos dos seus milagres, & alguns autenticou, preparandolhe a gloria de estar canonizada em a Igreja de Deos.

7 Desta morte preciosa na estimacão divina recolheu muitos motivos o veneravel Prelado pera viver, & morrer com opiniaõ de santo. E deixãdo a todos seus successores maravilhosos exemplos de virtude, & bom governo foi reinar, como piamente cremos, a os 13 de Janeiro de 1349, na Monarchia do Ceo. Neste dia, em que

delle faz mençaõ o livro dos Obiros da sua propria Sé, lhe mandou cantar o Bispo D. Lourenço hũa Missa cada anno cõ responso sobre sua sepultura pela renda, que deixou a o Cabido. O mesmo livro repete sua memoria a os 14 d'Agosto; que hum prelado rão grave todos os dias ouvera de ser lembrado. Estã hoje na capela colateral à maior, da parte do Evangelho, em hum sepulero de pedra, encostado à parede, que por ser muito estreito, parece que não se fez pera encerrar o corpo, senão somente os ossos, quando estes se elevãrão da terra pera lugar mais decente. Na pedra, com que se cobre, estã feito hum buraco, por onde mete a mão toda a sorte de gente, assi o povo facilitado em erer, como os nobres, prudentes, & Conegos, que são mais acutelados. Depois com a mesma mão, que tẽ por santificada, tocaõ a boca, os olhos, & a cabeça, solicitando com isto a sua intercessãõ. Desse modo o tem Deos acreditado na devaçãõ dos Fieis, por seu verdadeiro servo, faltando muito os Principes na honra de quem os serve.

cap. 22.  
n. 2.  
m Arch. de  
S. Clara de  
Coimbra

cap. 22. n.  
5. & 6. & c.  
21. n. 1.

Arch. da  
mesma Sé.



LIVRO DECIMO  
 D A  
**HISTORIA**  
**SERAFICA**  
 DOS FRADES MENORES NA  
 PROVINCIA DE PORTUGAL.

CAPITULO I.

*Dá-se conta das grandes le-  
 tras, & virtudes de D. F.  
 Alvaro Paes, Bispo  
 de Sylves.*



1350 **M**ais ale-  
 gre pera  
 a Igreja  
 de Chrit  
 to foi o  
 anno do  
 seu san-  
 to Naci-  
 mento 1350, porque estava pa-  
 tente pelo jubileu de Roma o  
 tesouro infinito de suas miserj-  
 dias. Bonifacio VIII. o tinha  
 instituido de cem em cem an-  
 nos: dimidiando agora Clemē-  
 te VI o tempo, o reduzio a sin-  
 quenta. Alegrouse tambem  
 Padua, & toda a nossa Ordem,  
 porque neste mesmo anno, co

mo já tenho escrito, a 15 de <sup>p. 1. l. 3. c.</sup> <sub>27. n. 6.</sub>  
 Fevereiro, empenhado na con-  
 servação da vida a o P. S. An-  
 tonio o Cardeal de Mont-for-  
 te, lhe tresladou o seu corpo pe-  
 ra hum cofre de prata, colocan-  
 do juntamente grande parte da  
 cabeça num reliquario sobre:  
 as quaes peças, muito preciosas  
 ambas, elle mandara fazer. Foi  
 tão celebre esta sua translação,  
 que logo a nossa Ordem come-  
 çou a rezar della no dia assima-  
 dito por decreto d'hum capitul-  
 lo Geral, ou fosse feito naquel-  
 le proprio anno, como diz Fr.  
 Miguel Angelo; ou no de 1351,  
 segundo o <sup>vin Chron.</sup> <sub>abl. Histori.</sub>  
<sup>co-Leg.</sup>  
 segundo o <sup>1351</sup> <sub>d. huc an.</sub>  
<sup>10.</sup>  
 Annalista. No de 1352 a 6 do mez de Dezem-  
 bro falecço o dito Clemente  
 VI, & passados onze dias lhe  
 derão por sucessor Innocencio  
 tambem o VI do nome.

2 Nestes tempos andava <sup>1353</sup>  
 mui perseguido, & muito in-  
 justamente, do mestre de Sant-  
 iago o nosso Bispo de Sylves

F. Luc. hoc an. n. 3.

D. Fr. Alvaro Paes, sendo elle, como depoem o gravissimo Autor da Monarchia Lusitana, hũ dos mais autorizados, & doucos Prelados da Christandade. Por Portu- guez o nomeão f Reboledo, & s Fr. Gaspar Martins: mas cõ- ta dos seus<sup>b</sup> escritos como na- cção em Galiza, no Arcbispa- do de Compostela; & pera honra da nossa santa Provincia muito bastante nos he (se tambem não ouver outras rezõs) ser Bispo no seu distrito. Dizem<sup>i</sup> outros, que estudou em Lisboa, & que isto foi no tempo, que pera lá se mudou a Universidade de Coimbra. No estudo não ponho contradicção, estando nos seus principios: com tanto, que não me neguem, que em Bolo- nha, & Pariz o consumou. Po- rém não podia ser depois de aver mudança na dita Universi- dade, porque começando ella em Lisboa no anno 1290<sup>k</sup>, ahi mesmo permanecção dezaete, antes de ir pera Coimbra; & el- le, estando já graduado em Bo- lonha, no de 1304 se vestio do nosso habito. Se depois assistio por algum tempo no convento de Lisboa, como alguns acre- centão, não temos muita certe- za; porque, antes de ser Bispo, quem teve grandes noticias de suas occupaões, sò por Fran- ça, & Italia lhe foi contando os passios.

3 Saõdo pois de Hespera

na (que pera os seus espiritos era estreita a patria) lustrãõ com mais largueza suas letras, & talento. Residio em Bolonha de Italia, na qual Universidade tomou o grao de Doutor em ambos os dous Dereitos: hum, Civil: outro, Canonico. Ahi mesmo leo Cadeira de Decreto: na cidade de Perosa, entre os Padres Dominicos; & nou- tras escolas publicas. Era já nes- te tempo Sacerdote de muito honesta vida, & concorrendo os virtudes com as letras ornã- tãõ de mão comum hum sujei- to admiravel, que foi celebre por fama. Mas de toda esta glo- ria fez holocausto a Deos no anno que tenho dito 1304 no capitulo Geral celebrado em Aisis, pedindo a santa veste da nossa Religião. Professou na- quella mesma Provincia, que se diz de S. Francisco, donde logo os Prelados o mandaraõ a Pa- riz estudar Theologia<sup>m</sup> na es- cola do subtil, & veneravel Sco- to. E com isto, humilhado da cadeira a o banco, de Mestre feito discipulo, sendo d'antes hum dos maiores Juristas ficou insigne Theologo. Escrevêo sobre os Quatro das Sêtenças: hum livro do bom governo dos Principes, chamado *Speculum Re- gum*: a obra maravilhosa, *De planctu Ecclesia*, na qual com gran- de espirito lamentou os muitos vicios, que corriaõ no seu tẽpo:

a docta

p. 5. l. 16. c. 61.

Sp. 2. l. 3. c. 8. & 12. g no Catal. dos Varoẽs illust. da oof- ta Ordem. b de Plan- tu Eccle. l. 2. c. 33. F. Luc. 2n. 1304. n. 13. F. Artur l. 5. in com- ment. §. 2. Agiol. Lu- sit. tom. 1. Jan. 23. no com. l. D.

Monarch Lusit. cit. l. 16. c. 72. & 73.

Fr. Artur §. cit.

Fr. Luc. an. 1303. n. 61. Rodulf. l. 7. fol. 106. F. Marc. p. 2. l. 3. c. 42. Fr. Artur §. cit. Rebol. cit. c. 12.

a docta Apologia em favor do Papa Joao XXII; & outros alguns tratados de rara erudição.

4 Nestes escritos notaveis, na pregação, nas disputas, & em todas as acções manifestou claramete hum Apostolico zelo da virtude ser estimada no mundo, conservada em sua autoridade a Cadeira de S. Pedro, sublimada a nossa santa Familia na perfeição regular. O retorno deste zelo forão muitas, & graves perseguições, das quaes huas executou o inferno no tempo, que foi noyço, outras fizeraõ depois seus ministros diabolicos. Chegãrão a infamallo com o sobredito Papa, que informado de sua santa doutrina não sómente o honrou por huã bula cheia de muiros louvores, mas tambem lhe fez ventagens na privança, que d'antes tinha com elle. Não lhe deu capelo de Cardeal, como se persuadirão. Gonzaga, Daça, & Reboledo: mas sem duvida lho dera (que tanto o estimava), se falecêra mais tarde, como escreve Rodulfo. A primeira dignidade, com que o autorizou, foi a que lhe deu em Roma de Penitenciario mór. Neste tempo bautizou hum Mouro de grande nome, que se convertêo à Fé, o qual por conselho d'elle edificou em

Hespanha hum convêro da nossa Ordem Serafica, onde tambem vestido no santo habito perseverou toda a vida em o serviço de Deos.

5 Depois disso o provêo o mesmo Papa no bispado de Coron; na região de Achaia; correndo então o anno 1332; & já o tinha mudado pera Sylves no Algarve, quando no mez de Dezembro, 1334 a sua morte chegou. No seguinte achamos, que residia entre as suas ovelhas, tratando do pasto dellas, & do bem de seus estudos. Succedêo por este tempo fazerse em Compostela hum concilio, ou huã junta de Bispos sobre leis, que pertencião a conservação dos povos, na qual tambem assistio. Continuando porém rectamente no governo da sua santa Igreja, padecêo muitos trabalhos, & fortes contradicções. Tinha muito de zeloso pelo que tinha de santo, & não podia, nem lhe convinha sofrer, tão grandes atrevimentos, como com elle usou a maldade de alguns desafortados contra os respeitoos da sobredito Igreja, & contra a reverencia da sua mesma pessoa. E por ventura, que não foraõ elles tantos se El-Rei lhe assistira: mas como o dito Papa o provêra no bispado sem elle lho ter pedido, nunca o pode gostar.

F. Luc. an.  
1340. 211

Sando va  
cu la anti-  
quedad de  
Tulfo, 168.

p. 130.  
p. 4. l. 1. c.  
12. n. 55.  
p. cit. c. 12.

7 loco cit.

Gonzag.  
p. 860.

6 Foraõ as suas contêdas com o Mestre da Ordem de Sant-Iago D. Lourenço Vafques, o qual não sendo ainda mais que Comendador de Mértola, pretendõ com insolencia meter debaixo dos pès a sua jurisdicção; & porque o S. Bispo a queria defender, lhe fez notaveis agravos. Prendeollhe os capelães, que passavão de cavinho pela sobredita vila: rouboulhe quãto levavaõ em hũas cargas, em particular o serviço da capela, como eraõ os ornamentos, & cálices, com todas as suas bulas; & passando d'hũ defatino a outro, com grande desprezo da honra Episcopal mandou pôr a sua mitra na cabeça de hũa molher profana. Fora coitadisse grande dissimular taes injurias, pelo que o declarou por escomungado publico: mas a sua contumacia, tomando muito mais fogo na dignidade de Mestre, que teve por este tempo, & no favor, que achava em os Ministros d'ElRei, arreventou com maior furia em muitas exorbitancias. Hũa vez o quiz matar dentro do nosso convento de S. Francisco de Tavira; & porque os frades o defendêraõ, intentou segunda vez executar sua morte na Igreja de S. Maria d'aquella mesma cidade. Estando pois no altar, antes da consagração entrãraõ de assua-

da o Mestre sacrilego, & com elle o Corregedor malvado: arrancãraõ das espadas, & das lingoas mais agudas do que as mesmas espadas; & depois de o terem gravemente afrontado o pretendiaõ matar. O veneravel Prelado, que não sabia o que Deos dispunha del-  
 le, nem se era chegada a sua hora, deixando a prêgação, & a missa, lhes fugio d'entre as mãos, por não dar occasião com a sua paciencia a tanta temeridade.

7 O Mestre, cuja malicia estava encarniçada, alterou contra elle o Cabido; & postos todos num corpo (o braço foi o Real por falsas informações: o espirito, seria o mesmo de Satanas) o lançãraõ do Bispado, cheio de muitos oprobrios: sem aver outra rezão, que terse posto em campo por defender a Igreja, & suas immuni-  
 dades. Vendo elle tamanhas ingraticidões: que os filhos da sua mesma Esposa não o queriaõ por pae: que as ovelhas raivasas, como lobos carniceiros, mordiã o seu pastor: lançou-lhes a maldição, que foi ouvida do Ceo, & até hoje sentida dos moradores de Sylves. De modo, que esta triste cidade, onde estava a Sé, em virtude da maldição do seu Bispo, que nella foi afrontado, caio em tanta miseria por doçças ordinarias,

u s. Athas.  
in Apolog.  
de fuga.

ruinas,

ruinas, & outros grandes trabalhos, que quando muito parecia hua aldeia, sem a sua Sè antiga, q se passou pera Faro, sem lustre, nem fermosura algũa.

8 O Bispo se recolheu a Sevilha, donde a 27 de Setembro, 1349, avizou a o Pontifice do que lhe avião feito, informando o tambem de como as suas rendas lhe estavam confiscadas. Mas tardando o recurso, o veio buscar a morte, que foi santa, como sua vida era, na aceitação de Deos\*, no anno do Nacimêto de Christo 1353. Estã seu corpo em hum sepulcro de pedra no coro de S. Clara; o qual mosteiro dotou de grandiosas esmolas; & sua fama com o nome de *Sanc. Alvaro* esclarecida no povo.

## CAPITULO II.

*Restaura-se neste Reino a Ordem de S. Hieronymo por huns Terceiros Franciscanos.*

1355 **N**Aõ foi muito vagarosa a consolação do Ceo, que nos mitigou a pena dos agravos, & ausencia do santo Bispo de Sylves com a vinda, & gloriosos successos do servo de Deos Fr. Vasco Martins, filho tambẽ do Patriarca Serafico. Era nosso

Portuguez, da Família illustissima dos Cunhas como huns dizem\*, ou dos Faros segũdo outros escrevem\*, mas natural de Leiria; & cobioso de entesourar na alma as riquezas da virtude, q muitas vezes são mais certas a o longe, q nos limites da patria, peregrinou em busca dellas com grande despeza sua de trabalhos, & caminhos. Chegou a Italia, onde entã florescia aquelle raro prodigio de santidade, milagres, & profecias\*, chamado communmente *Thomas Succo* (porẽm o seu nome era *Thomasucio*), o qual elle invetou pera maior abatimento. Professava a Ordem Terceira dos seculares Frãciscanos, mas à sombra dos nossos Frades Menores, q com a sua doutrina, & bons conselhos o ajudãraõ a ser grande em a Igreja de Deos.

2 Encontrando esta mina de exercicios santos o devoto Portuguez, se passar mais adiante aqui fez o seu emprego. Ficou na sua escola, professou a mesma Ordẽ Terceira, & cursãdo cõ elle muitos annos aprendeo a ser sãto cõ grãdissima destreza. Acõtecẽo q hũ dia, elevado o Mestre nos seus raptos, q eraõ muito continuos, lhe disse afoutamẽte: *agora estou eu rẽdo de cer o Espirito Sãto sobre os Reinos de Hespanha.* Mas como era em tudo mysterioso, nẽ elle se declarou, nẽ os discipulos o entendẽraõ.

Hist. Eclesi. de Lisb. p. 2. c. 94. B. Gal. p. Barreiz. u1. Carolog.

c. s. Antonia. p. 3. tit. 22. c. 1. g. 6. F. Marc. p. 3. l. 1. c. 5. F. Luc. to. 4. to. 1277.

x Fr. Luc. an. 1340. c. 11.

Hist. cit. c.  
93. n. 6. & c.  
95. n. 1.  
Agiol. Lu-  
sit. tom. 1.  
lan. 3. l. C.

Hist. cit. n.  
6.  
Agiol. cit.  
na com.  
Siguença  
p. 2. l. 1. c. 2.

S. Fr. Luc. 10.  
5. an. 1423.  
n. 19.

Porém o P. Fr. Vasco cō outros sete condiscipulos da sua opinião, tēdo por certa a nova, vierão cō muita pressa esperar lhe o successo. Não aguardarão pera isso q̄ falecesse. o Mestre cōforme alguns disserão, nē a graça do Senhor, q̄ neste caso servia, consente muitas detenças; & affi caindo a sua morte no anno de 1377, já elles no de 355 andavão de dous em dous, como em quatro colonias, buscando por Castela, & Valença os desertos mais fragosos, nos quaes servissem a Deos na contemplação da Gloria.

3 O S. Fr. Vasco fez assento nas montanhas de Toledo entre hūas serras asperas, & espessissimas matas, que subião ao ceo: mas por quanto o Nūcio de Hespanha lhe tinha dado o sitio, o Arcebispo de Toledo, que o julgou por desprezo da sua jurisdicção, fez que elle o deixasse, dispondo deste modo o Senhor sua vinda a Portugal, onde lhe era necessario. Nesse lugar fizemos depois convento, que se chama *S. Antonio do Castanhal*, porq̄ não quiz S. Hieronymo, Protector da nossa Ordem, que outra possuísse, senão ella o mosteiro, que ouvera de ser seu. Com tudo em Portugal achou o Servo de Deos mui grande amor na Patria, & devação nos vizinhos. Reco-lheo-se a hum ermo junto da

serra de Cintra, onde por causa de hūa rocha comprida os antigos chamavão *Pedra longa*, & agora *Penha longa*, ou *Penna longa*; & assentou hūa vida tão alheia da que se passa no mundo, que parecia do Ceo. Ajuntou-se além do seu companheiro, que trouxera de Italia, muita gente de virtude, & espirito, cō a qual povoou logo o Oratorio de Penna longa, & depois delle o do Mato no termo de Alanquer. A todos lançou o habito da santa Terceira Ordem, em que se tinha criado, encomendandolhes muito o amor de S. Francisco, que conhecia por pae. Chamavão-se *Pobres*, não sómente pelo estilo comum dos Ermitães, & Terceiros, que vivião de esmolas como dirēi adiante: mas também pelo valor soberano, com q̄ desprezavão as riquezas, falsos idolos do mundo. Era toda a sua vida hūa oração, & meditação continua, na qual o S. Fr. Vasco perseverava com elles, importunando a Deos, que acabasse de mandar sobre Hespanha o Espirito Santo, que seu Mestre avia profetizado.

4 Neste tempo teve novas de que os seus cōpanheiros em Castela tinhão restaurado, & professado a Ordem do insigne Patriarca S. Hieronymo, que os Barbaros, iniuigos capitães do nome de Jesu

Christo extinguiraõ nas terras do Oriente, nas quaes elle a fundou; & por aqui entendeo ser chegado o Espirito Santo, cuja vinda esperava. Que na verdade obra foi de sua graça, & esta mui poderosa, refucitar com mais gloria a hũa Religião, que estava enterrada debaixo das suas cinzas. Pelo que tambem tratou de agazalhar em sua casa a este hospede suavissimo das almas, pera quem a tinha ja preparada, & enramada com flores de santidade. Despedio dous companheiros, que pedissem em seu nome este favor a o Papa Bonifacio IX, & tornando despachados com hũa bula dada no anno de Christo 1389<sup>s</sup>, todos professaraõ solennemente na Ordem de S. Hieronymo, & vestiraõ o seu habito. Com tudo nunca despirão o grãde amor, que tinhaõ a S. Francisco, como a primeiro pae: do que da boum testemunho a caridade immensa (beim merecem este titulo), com que em todos os tẽpos, & qualquer occasião assi festejãõ, & honrãõ hum frade da nossa Ordem, como se fora da sua; & se disser, que he com muita ventagem, nẽ por isso nas palavras faço excessõ ás obras. Deste modo entabolou em tanta altura de perfeições, & virtudes a sua Religião (sua, & de S. Hieronymo), q̃ resplan-

dece entre muitas como Sol entre estrelas. Tẽ neste Reino oito conuentos de frades, contando o seu collegio, & hũ mosteiro de freiras: todos elles, outros tantos desertos de devaçãõ: tantas escolas gẽraes da disciplina Regular, em que ella se guarda estreitamente: tantos coros de Anjos, q̃ de continuo estãõ louvando a Deos: tantos exercitos formados, & reformados contra o inferno junto: finalmete, outros tantos seminarios de Varoẽs esclarecidos por fama, que delles sairãõ a reformar a muitas Religioẽs. O S. Velho, q̃ lhe vio estes principios, & muito contente delles, foi fundar outro mosteiro na cidade de Cordova, a o qual chamou *Val de paraiso*: nome proprio da sua frescura celestial; & enchendo os seus annos, que forãõ 120, cheos todos de admiraveis exemplos, nesse paraiso santo descansou em o Senhor.

## CAPITULO III.

*Sucedem no Reino alguns casos lamentaveis: professa El Rei D. Afonso IV a Ordem Terceira, & favorece a nossa Religião.*

**N**O mesmo anno de 1355 lamentava Coimbra, & todo o nosso

Reino a morte de D. Inez de Castro, a quem o amor de ma-ziado, com que o Infante D. Pedro a convésava de publico sem então manifestar as rezoês, grangeou esta desgraça. Aheou seu pae El Rei D. Afonso IV, que estava ofendido, & levado da paixão consentio, que diante de seus olhos, nos paços da nossa Rainha Santa, a matassem ás punhaladas. Mas se elles forão o triste teatro deste feo espectáculo, a sua Igreja de S. Clara naquella mesma cidade, compadecida lhe deu a primeira sepultura. Disto se originãrão inquietações no Reino, as quaes compoz, como ainda direi, sua mãe a Rainha D. Bites; & não podia ser menos, estando tão magoado o coração do Infante.

1356

Memor.  
de S. Cruz  
de Coimb

Parecia tambem que na brandura dos ceos estava vivo o escandalo, porque no anno seguinte de 356 allí se fechãrão todos com a chuva voluntaria, que ardendo por falta della os campos ouve hũa grande fome. A terra fez suas demonstrações, porq numa quarta feira, a 24 d'Agosto, dia de S. Bertolameu, cujo nome competia à parochia, em que estavão os paços, com tanta força tremeo por tempo d'hum quarto de hora, que os sinos per si mesmos se rangerão: cairão muitos edificios, & em Lisboa

abrio a capela môr da Se, onde El Rei se queria sepultar. O tremeo, ainda que mais quieto, & cortado a espaços, continuou por todo o outro anno, que já era de 57; & ou fosse com pavor do lastimoso successo da dita D. Inez: ou por temor da fereza do Infante assanhado: ou pronostico da morte d'El Rei (se não era tudo isto) o Reino estremecia.

3 Os nossos Frades, que moravaõ em Coimbra nestes dous annos calamitosos, & tristes, pozeraõ todas as forças por conservar com os mais Ecclesiasticos aquella bemdita paz, que sempre foi agradável a Deos. E por quanto estando a Sê. vagante se levantavaõ estrondos contra nossos privilegios, Fr. João de Sangemil Guardiaõ do Convento de S. Francisco da Ponte, & pessoa muito grave na estimação do povo, exhibio a os Vigairos gêraes a bula de Benedicto XI, cujo principio he, *Inter ceteros Ordines*, da qual as immunidades constaõ; & com isso ficãrão todos quietos. Por outra parte os Leitores, a quem o seu tempo dava nome de *Doutores*, Fr. Alvaro, & Fr. João fizeraõ muito corrente com grandes confirmações o concerto, que o mesmo Guardiaõ, & o Prior da Igreja de S. Bertolameu tinham feito sobre elle nos que- rer dizi mar a nossa horra.

357

Arch. de  
S. Franc. de  
Coimbrã.

4 Correndo o dito anno de 57, no mez de Maio, na cidade de Lisboa cançou El Rei, sem poder aturar mais, na carreira trabalhosa desta vida, deixando no Reino por successor o Infante. De suas acções, que seriaõ mais lustrosas se elle não maculára seu nome com o sangue de D. Inez de Castro, escreverão os Cronistas que trataõ do seu reinado: por minha côta só corre o que pôde pertencer a esta nossa Prouincia. A deuação, que tinha, & que mostrava a Incu P. S. Francisco, ainda que se declare, se isso forá possível, será pouco imitada pela mudança dos tempos. Todos os nossos conventos, que lograraõ seu governo, apregoãõ até hoje os seus Reaes benefícios. Santa Clara de Coimbra o conhece por segundo Doutor, & Padroeiro. Os outros comiaõ da sua inezã, & viciaõ descañçados á sombra do seu emparo. Pouco mais averia de hum anno que reinava, quando com palavras de grandissimo amor a todos nos recolhido, do Ministro Provincial até o criado mais humilde, em a sua protecção. Assim amava, & respeitava os frades, que tambem o sabia declarar se tinha occasião. Pelo que avendo de confirmar algúas jurisdicções da Sã de Lamego a tempo, que nisto estava difficiloso, disse que lhas con-

firmava por respeito do seu Bispo D. Fr. Saluado, que era frade de sua meza, & sua familia. Não tinha consolação se usariaõ contigo as Paço, & fora delle, occupando nos officios da Casa, nos despachos do Reino, & nos melhores lugares de seus Confessores, & Conselheiros. Adiante se vera isto mais claro. De nós fiava as cousas mais importantes, & assim lho mereciamos. Desta qualidade foõ conservadas para sempre a memoria da capella, que instituiu na Sã de Lisboa, & para mais segurança mandou guardar hũa copia no nosso convento daquelle mesma cidade, mas por quanto não se acha hoje nelle, lembro eu que se mande reformar. Rendido o coração a o S. Patriarca, impido facile coufa era entregarlho a pessoa, como na verdade fez pela profissão da sua Terceira Ordem, sujeitando-se ás instrucções, & doutrina dos nossos Superiores. De se os Cronistas seculares não fazem disto menção, essa he a queixa, que debles tenho, que gastando muita tinta, & papel em escrever os successos temporaes, os mais heroicos, que pertencem á religião, & alma, todos ficão no tinteiro: mas delte esquecimento se livrou o P. Pisano, com outros, que o leguiraõ. Quando vio que o cha-

mava, a morte pera lhe dar ou-  
tra vida, fez muito por renacer  
como filho verdadeiro em os  
braços amorosos de N. P. Sap-  
tissimo. Vestio-se no nosso habi-  
to: com elle foi enterrado, &  
retratado tambem na pedra da  
sepultura, com roupás religio-  
sas a o modo dos Terceiros do  
seu tempo. O que isto lhe po-  
deria montar, nos inculca o ad-  
miravel successo d'El Rei D. Fer-  
nandò, seu cunhado, & IV do  
nome em Castela, o qual tra-  
zendo as vestiduras Reaes enso-  
padas no sangue de muitos ma-  
is innocentes, a o sair deste mû-  
do, que já vestido no nosso ha-  
bito estava solicitando a pie-  
dade de Deos, o Patriarca Sera-  
fico o tirou da garganta do in-  
ferno com sua intercessão. O  
nosso Rei D. Afonso jáz sepul-  
rado na sua Capela mòr da dita  
Sé de Lisboa, com quatro An-  
jos, que rodeão seu sepulcro, &  
dous delles com turibulos nas  
mãos, representando, como já  
noutro lugar escrevif, que ofe-  
recem por sua alma a Deos as  
orações dos Fieis. A os vi-  
vos desejo eu, que Anjos  
os acompanhem, & a os  
mortos sefiraõ suas acçoõs  
aceitadas.

d p. 1. 1. 2.  
c. 23. 0. 2.

l. 4. c. 41.  
n. 4.

f. 1. 9. c. 26.  
n. 6.

l. 1. 2. 1. 9.  
c. 26. n. 6.

CAPITULO IV.

Veste a Rainha D. Brites o  
habito de S. Clara, & ser-  
vem os nossos Frades  
grandes officios no  
Paço.

**B** Emaventurada, &  
muito ditosa foi esta  
inclytã Princeza em  
trocar a sua patria por outra  
terra estranha, onde a virtude  
parece mais natural. Era filha  
d'El Rei D. Sâcho o IV de Cas-  
tela, & da Rainha D. Maria fi-  
lha de D. Afonso, a quem cha-  
maõ o *Infante de Molina*, & casou  
em Portugal com El Rei D. A-  
fonso, tambem o IV do nome.  
Sendo ambos, o marido, & o  
pac, mui fortes de condiçãõ, &  
nomeados por *Bravos*, nenhum  
delles lhe perverteo com o san-  
gue, ou com sua companhia a  
mansidaõ do espirito, que pera  
hũa pessoa ser santa he com a  
graça de Deos meio caminho  
andado. Esteve a sua dita em  
achar tão boa sogra, como foi a  
Rainha S. Isabel, porque ven-  
do-a bem inclinada, & docil, em  
idade, que podia aprender, lhe  
tomou amor de mãe, fazendo  
nella com a boa eriaçãõ hum vi-  
vo retrato de suas mesmas vir-  
tudes.

1358

Decla-

2 Declarandose por ella a origem, & fundamento de todas, que he o amor de Deos, as outras per si mesmas se fazem muito provaveis sem testemunho alheo; que quem chega a amar perfeitamente a este grande Senhor, tambem trata de fazer o que lhe he agradavel. Publico foi o fervor, com q̄ mostrou que não queria na terra outro esposo, senão o Filho de Deos. Seu pae a obrigou a casar: assi o pedia a concórdia dos Reinos, & o proveito dos Povos: por não faltar neste serviço a Deos, aceitou o jugo do matrimonio. Porém nunca lhe saio do coração o sentimento de lhe fugir essa sorte; & por isto a qualquer religiosa, por ser esposa de Christo, esquecida da majestade Real venerava; & respeitava como a sua Senhora. Esta va em Coimbra quando vinhão de Coimbra as Fundadoras do nosso mosteiro de S. Clara, & sabendo que chegavão, a o caminho as foi em pessoa esperar cõ grandes demonstrações de amor. Não fez pouco em querer autorizar com sua Real presença as primeiras noviças na ocasião, que lhes lançaraõ o habito: o que agora direi me parece sobre todo o espanto. Acabouse o refeitorio novõ, & avendo de comer as freiras nelle, no primeiro dia, que estiveraõ à meza, as andou

ella servindo com sua sogra a Rainha S. Isabel. A humilde de de Christo, que lavou os pés a seus amados discipulos, lhe faria facil isto. Andando depois com seu marido nas partes do Alem Tejo, ambos lançaraõ de mão comum as pedras fundamtaes no mosteiro de S. Clara de Beja: obra digna de particular louvor.

3 Daqui lhe nasceo a devoção admiravel, que tinha a S. Francisco, porque o via Serafico, & hũa chama ardente do santo amor de Deos. Professou a sua Terceira Regra (& não podia ser outra no estado de casada): incitou tambem a professalla seus filhos; que todos foraõ Terceiros: D. Pedro Rei de Portugal, D. Maria Rainha de Castela, & D. Leonor Rainha de Aragoã. A os nossos frades, por serem filhos de seu amoroso pae, tratava como irmãos, & servindose com elles, como ainda direi, tinha religiosamente composta a sua casa. A isto se ajuntava a caridade do proximo, que a fez em geral amada de seus vassallos. Não posso aqui determe com suas grandes esmolos, que por muitas não tem conto, & mais chamando por mim esta Rainha Pacifica, que declare a rezão porque lhe daõ esse nome. Não foi outra, senão o amor da paz, que procurava no Reino. Ameaçavaõ

[1.6.c.18.]

[1.9.c.27.]

[p.1.42. c.25.n.2.]

armarse com Castela grandes guerras, & já o estrondo belico primeiro que se corresse as lanças feria os coraçõs. A Rainha S. Isabel, que pretendõ desviallas por algum meio de paz, acudio à vila de Estremoz: mas falecendo em breve, esta sua companheira, que tambem là se achava, tomou o cuidado, & trabalho sobre si. Ella mesma em outra occasiã inuiou Embaxador a El Rei de Aragãõ pera mais corroborar a amizade antiga, que tinha com este Reino. As guerras domesticas do marido, & do filho por causa da morte de D. Inez de Castro: o furor, com que de parte a parte se encarniçavaõ ambos, hum na ofensa, o outro na defensão, matando gente, & destruindo os povos: isto acabou de lhe magoar a alma: Pelo que arrastada por caminhos sem respeitar a sua autoridade, na vila de Canavezes, oito legoas do Porto foi descubrir a o Infante; com quem ajustou as pazes, que perinitia o tempo.

4 No ponto, que viuou, lhe tornou a repetir o seu primeiro fervor de ser freira da Ordem de S. Clara, tomando maiores forças no exemplo de outras muitas Rainhas, que fazião isto mesmo por toda a Christandade. Em casa tinha tambem o de S. Isabel sua sogra, posto que nenhũa dellas pode

lograr seus intentos pelas replicas, que lhes poz todo o Reino. Constante porẽm na sua resolução respondeo, que se não lhe consentiaõ mudar de estado, não lhe podiaõ quitar a mudança nõ vestido; & que se lhe embargavaõ o professar pera freira, sem profissãõ seria freira, & guardaria a Regra de S. Clara como a guardaõ as freiras. Vestio logo o seu habito, & avizou a o Papa Innocencio VI, pedindo lhe concedesse licença pera ter no seu paço duas freiras, as quaes fossem suas meltras na vida religiosa, & companheiras fics na observancia della. Deuse nisto tanta pressa, que viuando no Maio de 1357, a licença estava já concedida na cidade de Avinhaõ a 27 de Setembro<sup>d</sup>. De tudo isto testemunhou o Pontifice: a saber, que recebera o habito, *suscipisti habitum Sororum*; & que tinha assentado em viver conforme à sua Regra, *vivere secundum regulam B. Clara Virginis*.

5 Levando este caminho de freira Menor, como lhe chamou Pisano<sup>o</sup>, & he o mesmo, que freira de S. Clara, chegou coroadã de virtudes a os 29 de Dezembro de 1358, no qual dia ordenou seu testamento, q parece hum manifesto da piedade christã, na vila de Alquer. Dispoz de muitas esmolãs pera os nossos conventos, & al-

d F. Luc. to.  
4. 87. 1357.  
n. 2r. & in  
Regest.

Conf. 11.

guns frades, que eraõ de sua Casa; & como envergonhada de não nomear a todos declarou que aquelles, que faltavão, estavão já satisfeitos em virtude d'outra cedula: Concluiu com a mortalha, dizendo o que se segue. *E porque eu hei grão devação no glorioso S. Francisco peço, & rogo a o Guardião, & Frades Menores, que me dem o seu habito à hora de minha morte he quer, que me aconteça, pera ser com el encerrada.* Que melhores testemunhas podiaõ ofrerecerse em sua abonação, do que são estas palavras? Não manda, mas pede: não encomenda, mas roga: hũa Rainha soberana a os frades seus vassallos: que lhe dem hum pobre habito pera se amortallar. Trazia vestido o da Madre S. Clara: agora pede o nosso por ganhar as indulgencias; ou pera apparecer mais confiada à Majestade divina com aquelle mesmo habito, de que usou S. Francisco. Assi está retratada na Sè de Lisboa, em pedra viva sobre sua sepultura, a par da de seu marido. Tem habito, cingido com o cordão: a toalha da cabeça; sobqueixada, pés descalços, & hum livro entre as mãos: no meio de quatro Anjos, que não devem estranhar esta boa companhia.

6 Mas não he conveniente, que nós a deixemos ir desacompanhada dos muitos fra-

des honrados, que trouxe em sua Casa, servindose delles como ElRei seu marido nos officios mais nobres. Brevemente apontarei os seus nomes, & os cargos que tiverão: no demais me remeto a o que fica escrito.

Fr. Salvado Martins, além de ser Confessor, Conselheiro, & Testamenteiro da Rainha S. Isabel, teve foro de frade d'ElRei D. Afonso, & da Rainha D. Brises. Foi tambem do seu Conselho: passava provisoões, & despachava com elles. Faleceõ, tendo então o Bispo de Lamego *f. l. 9. c. 38.*

Fr. Diogo, sendo Confessor d'ElRei, foi por elle enviado a Castela com outros Procuradores pera que diante delles ratificasse a Infanta D. Constança o seu casamento com o Infante D. Pedro *g. l. cit. c. 11.*

Fr. Francisco era Confessor d'ElRei, & com elle se achou na batalha do Salado. Servia tambem com o Bispo D. F. Salvado na Casa da Rainha em despachar negocios, & expedir provisoões. E se erao Fr. Francisco de Evora, que floreceo nesse tempo; já elle avia sido Testamenteiro da Rainha S. Isabel *b. l. 8. c. 33. & l. 9. c. 27. & 28.*

F. João de Aragoã foi Confessor da Rainha, & Embaxador a o Reino do seu nome pera confirmar entre elle, & o nosso de Portugal as amizades antigas *cit. c. 27.*

F. Esteyão da Veiga era pe-  
foa tão grave, que ElRei se ser-  
vio delle em negocios de por-  
te. Foi Confessor da Rainha,  
& seu Testamenteiro, como se  
vé pelo mesmo testamêto, com  
alguns Senhores, & os maiores  
do Reino, quaes eraõ ElRei D.  
Pedro seu filho, & seu neto o  
Infante D. Fernando. A esta  
honra de lhe dar taes compa-  
nheiros ajuntou o interesse de  
hũa boa esmola, que elle não

procurou, solicitada sômete de  
sua Real grandeza.

Fr. Rodrigo ficou com ou-  
tra esmola: era *frade da Rainha*,  
em cuja Casa andava occupado  
com officios; & por fim assinou  
no testamento como testemu-  
nha delle. Maior sequito de fra-  
des lhe ouvera eu de dar ( que  
na verdade mais foraõ ) se o  
descuido de nossos antepassa-  
dos não escondêra seus  
nomes.

### Relação do Convento de S. Francisco de Val de Pereiras: no principio, de Frades; & agora, de Freiras.

#### CAPITULO V.

*Fundão os frades este conven-  
to, & hum dells merece  
nossa lembrança.*

**N**O distrito da Prima-  
zia de Braga, onde  
d'antes confinava o  
Bispado de Britonia, conhecido  
agora sômete pelo seu nome,  
que parece se conserva na par-  
rochia, & lugar de Britiandos,  
estã logrando incomparaveis fa-  
vores do Autor da Natureza na  
frescura, fertilidade, & clima  
hũa das famosas vilas do Entre  
Douro, & Minho, chamada  
*Ponte de Lima*. Ambas as partes,  
de que se compoem o nome,

lhe acrecentaõ a gloria: a Pon-  
te, por ser obra memoravel  
d'ElRei D. Pedro, amplificada,  
& ornada por ElRei D. Mano-  
el: o Lima, que com passos va-  
garosos atravessa esta machina,  
por ser o famoso *Rio do esqueci-  
mento*, celebrado dos modernos,  
& antigos. A rezão de lhe da-  
rem este nome, não nos impor-  
ta agora. Da parte do Ponente,  
será hum quarto de legoa, apa-  
rece o monte de S. Miguel, tão  
fragoso, que não cria hũa ar-  
vore: mas tão bem afortunado,  
que logra hũa Ermida deste  
santo Serafim. O que lhe falta  
no corpo, de bondade, & fres-  
cura, decêo pera as terras bai-  
xas até a praia do rio, que são  
mimosas, & fertilissimas. Bem

a o pé deste monte fica o vale, que se chama *de Pereiras* em razão das muitas, que produzia de suavissimo gosto, & não por outros respeito, ou empenhos, que toquem a o convento. Era o lugar devoto, retirado, & amigo da santa contēplação: avia estado nelle nosso glorioso Padre quando foi em romaria a Sant-Iago: suspirava que o povoassem frades, & em fim o povoamos.

2 Do tempo, occasião, & ajudas, com que fizemos a casa: de tudo estã senhor o nosso esquecimento. Nem achei outra memoria de sua antiguidade, se não hũa pura copia do breve, *Exultamus in Domino*, pelo qual Martinho IV declarou o poder, que tem os nossos Prelados para nomearem, & removerem os Syndicos quando lhes for necessario. Mandou passalla em publico o Vigairo geral da Guarda estãdo em Portalegre, que era do seu bispado, *pera os devotos Fr. Domingos Guardião, & frades do moesteiro de S. Francisco de Val de Pereiras, do cabo da vila de Pãze de Lima.* E como a data deste treslado foi no anno de 1368, não conjecturamos mal em anticipar só oito a fundação do conveto. Depois vẽ caíndo outras, mas muito distãtes d'aquelle primeiro tēpo, & algũas de grande cõsolação pelo favor, que nos fazião os Principes. El Rei

D. Afonso V matriculou o convento na pauta dos muitos, a q̄ dava Ordinaria; & D. Manoel sobre lhe dar privilegios pera o Syndico, & dous homens, q̄ lhe pedissem as esmolas, tambẽ o habilitou, por ser de frades Claustres, pera possuir hũa capela, dispensando com elle na Ordenação do Reino.

3 Não acho q̄ fosse grande a sua comunidade, mas não era tão pequena, q̄ lhe faltassem seis frades, ficando outros de fóra, pera assinarẽ em algũas escripturas. Dos edificios não tenho mais q̄ dizer, senão q̄ erã hũa notavel pobreza: porẽm assi cõ as cores Franciscanas estariaõ mais fermosos. O tamanho do claustro, & o corpo da Igreja, da qual as freitas fizerã enfermaria, ainda hoje nos servẽ de saudosa memoria. Ellas sã as q̄ lançãraõ por todas as partes crecencas a o convento, & digna he a sua Igreja nova dos Anjos, do Ceo louvarem nella a Deos.

4 Em quanto os frades assistirão nesta casa, posto q̄ erã Claustres, sēpre a vila os estimou, & buscou; & se o outro cõveto, q̄ os nossos Observãtes fizerão perto dos muros, lhe tirou algũa gēte, nũqua pode arrãcar dos corações o amor de S. Francisco. A sua sōbra se vinha cã a Nobreza enterrar, do q̄ derão testemunho muitas esporas douradas, & semelhãtes insignias, q̄

a p. r. l. l.  
c. x. n. 6.

te acháraõ na terra abrindo os fundamentos do edificio novo. E foi tal o sentimento nos vivos, com a chegada das freiras, de lhes fecharem o claustro, onde tinham sepultura, & entravaõ a visitar seus defuntos, que o Papa Leão X lhes concedeo hũa licença geral pera poderem entrar tres vezes no anno, a saber Sexta feira da Paixão, na festa de N. P. Serafico, & no dia dos Fieis de Deos. Cõtudo os rigores da clausura já tem fechada a portã a todas estas entradas.

5. He fama, que nesta casa se sepultou hum frade santo, & se o dizem pelo P. Fr. Domingos de Sernechia, rezoõs ha pera o terem em boa opiniãõ. Foi natural de Italia, Doutor em Theologia, tão agradavel pelas virtudes a Deos, como amado dos Principes. Achou D. Fernando Rei de Napolles, que se deviãõ honras a tantos inerecimentos: não lhe faltou com ellas da sua parte: mas escreveu a o Papa Pio II, que como mais poderoso se encartegasse delle. O Pontifice o fez logo seu Capelão, & da Igreja Romana, com todos os privilegios, que d'antes eraõ annexos a o officio, posto que estavaõ já limitados por seis Papas, entendendo não convir a tal pessoa limitarhe os favores. Tambem

dispensou com elle pera qualquer beneficio, sem excitar algum: da qual graça nunca se aproveitou, querendo antes servir a muitas Igrejas, que cativar-se a hũa; & com esta liberdade veio visitar o corpo de Sant. Iago em Compostela, ajuntando de caminho muita gente pera Deos. Logo porẽm lhe rogou o Cardinal, Penitenciario mór d'aquella santa Igreja, por nome D. Andre Fernandes, que pois andava versado em muitas linguas, & tinha grande noticia dos casos de consciencia, o zelo do bem das almas o obrigasse a ficar na sua Penitenciaria confessando os Romeiros. Passou a provisaõ em 21 de Dezembro de 1473: mas passado algum tempo veio colher neste vale pelas mãos de hũa morte ditola o fruto de suas obras.

## CAPITULO VI.

*Tomãõ posse deste convento as Freiras, instituem vida santa, & procura seus augmentos a primeira Abadessa.*

**N**este estado se achava o convento, quando se vio entrado,

& po-

& povoado de freiras. Vivia em S. Clara de Vila do Conde hũa D. Guiomar Ferreira filha de Martim Ferreira, & de D. Leonor Pereira, assistentes na quinta dos Cavaleiros, em distancia de hũa legoa, & meia, a qual emprendeo esta facção, que lhe podera sair muito mais difficultosa. Representou a o Papa Leão X, que nem em Põte de Lima, nem na sua vizinhança avia mosteiro de Freiras, onde os naturaes recolhessem suas filhas: mas que tinha dous conventos da nossa Religião: este de Val de Pereiras, de frades Claustraes: o outro, de Observantes. Que hum delles se podia escusar, & era este, por estar longe do Povo, & ter menos frades, dos que avia mister pera acudirem a sua obrigação. Alegou outras razões, que por ventura não eraõ de receber; & todas a fim de se lhe dar o convento. O Papa lho concedeo, & que levasse consigo duas freiras tambem de Vila do Conde: porém isto, que só teria lugar se o Guardiã da casa o consentisse. E cometeo a execuçaõ da bula a o Abade de Santo Tirso, ou de Pombeiro, da Ordem do Patriarca São Bento.

2 Fervéo tanto D. Guiomar Ferreira por não perder tão boa occasião, que sendo

dada a bula a 16 de Janeiro de 1515, a 25 de Março estava já discernida; & julgada pelo Abade de Santo Tirso, & ella a os 27 veio tomar posse da casa com as duas companheiras. O Padre Gonzaga escreve a sua vinda sete annos mais atráz, porém apressouse muito. A maior difficultade, que se podia temer, era o consentimento do Guardiã, do qual despendia tudo: mas elle o deu com tão grande paz da alma, que não só lhe fez entrega da casa, senão de quanto nella tinha. Andavaõ já os Claustraes receosos de lhes tomarmos as casas, & antes queriaõ dallas a quem lhas agradeesse, que perdellas com algũa violencia. E neste caso não vinhaõ a perder muito, porque tambem as freiras eraõ Claustraes, & ficavaõ metidas no seu governo. Já se ellas assenaraõ, como dizem, a o mesmo Guardiã (*Fr. Afonso do Espirito Santo* se chamava) que seria seu Confessor do mosteiro, tudo ficava corrente.

3 Das tres de Vila do Conde, que vierão povoallo, D. Guiomar Ferreira foi Abadessa perpetua: sua irmã D. Inez Ferreira servio de Vigaira muitos annos: a outra não se lhe sabe o nome, nem era sua irmã, pois não succedeo com ellas na herança de seu

pag. 312.

paes como achei pela Carta de partilhas. A Abadesa era mulher de valor, que tudo dispunha com grandissima prudencia. Tratou logo de fazer maior familia com algũas noviças de nobreza, & virtude, que são as duas columnas, em que estriba a honra de hum mosteiro. Feito isto, acudio à consolação das almas com hũ breve do sobredito Pontifice para poder escolher Confessor, & Capelão, que fossem dos seus Claustres, ou dos nossos Observantes. Mas as clausulas desta graça não pertencem à Historia.

4 Entretanto provêo no essencial ordenando hũa vida tão perfeita, que se fosse descaido com a fraqueza humana pelo discurso do tempo, nunca ficasse prostrada. Eraõ pobres na fazenda, & muito mais no espirito da pobreza Evangelica. Sabião que seu divino Esposo não consentio que se gastassem dous cravos em lhe pregarem os pés, pois hum só lhe bastava para ambos, & querendo imitallo tambem sabião cortar pelo que era necessario. Contentavaõse no refectorio com hũas hervas cozidas, & tinhão hũa cortiça por cama muito mimosa. Muito menos pano era o que entãõ se gastava nos seus habitos. Hum vèo de linho lhes

escondia o rosto por se não envergonharem de que as visse o mundo, & pouco tinha que ver numa toalha grossieira, sobqueixada sem concerto. Agora se fartará, & ficará com fastio (mas de isto onde der) de ver nalgũas partes roucados tão descompostos, & loucos, que se pôde reccar as desconheça de esposas o santo Filho de Deos, & que lhes feche a porta como fez às imprudentes: Na descalcez não se esmeravão tanto em trazer os pés descalços por penitencia, como em descalçar suas almas de afeições, que não fossem muito limpas. E com esta confiança de amarem só a o Senhor, dias inteiros, & noites gastavão em seus louvores.

5 A Fundadora, que se tinha por ditosa em doutrinar tales discipulas, cada hora se mostrava mais sollicita de suas comodidades. Não he facil de dizer o zelo, que teve de enriquecer a casa, quantos caminhos andou, que trabalhos padecêo. Pertencião por direito a Santa Clara de Vila do Conde a sua legitima, & a de sua irmaõ, & procurou breve, que fossem deste mosteiro. Na sua execução, ninguém cortou mais pela carne, & pelo sangue, do que ella por grandes obrigações, que ti-

inha a seu irmão Estevão Ferreira, o qual lhe agencára o ser ella Abadessa, & Fundadora, & ficou entre todos seus irmãos por Cabeça de casal. Armoulhe porém demanda, tirou algúas sentenças, pedio Bulas a o Papa, & provisoões a ElRei (que tudo he necessario pera gente poderosa), & tirando de suas mãos a fazenda, em pessoa tomou posse. Que lhe custaria a união das Igrejas de Santa Comba, & Sant. Iago de Monquim, & da Ermida de São Miguel, que já temos nomeado? Negociou com as partes, fez petiçoões a o Nuncio, apertou com os Ministros Reaes, & muito mais com ElRei D. João III, a quem foi buscar a Evora em seguimento do despacho. No principio, que ainda a fazenda era pouca, alcançou hum privilegio d'ElRei D. Manoel pera quatro Mompósteiros, que lhe tirassem esmola do rio Minho até o Neiva. Solicitou provisoões de Ordinarias, & quantas passadas dava, sendo muitas, tantos forão os favores, que granjeou pera a casa. E assi com particular mysterio na mesma occasião, em que ella estava tirando o alvará do dito Rei D. João pera o mosteiro possuir a fazenda, que lhe deixal-

sem, se nos acabão todas as suas memorias. Tendo em fim remediado as filhas em trinta annos, que foi sua Abadessa, qual Moises depois de emparrar sinquo orfans (que pera estes casos se haõ mister os Prelados), lhe deu licença o Ceo, que pudesse descansar.

Num. 27.

## CAPITULO VII.

*Continuão as Abadessas perpetuas, reforma-se o mosteiro na Observancia; & S.*

*Francisco com milagres*

*se fez amado de*

*todos.*

**M**uita parte d'aquelle grande espirito, que teve a Fundadora, derramou a mão de Deos pelos coraçõs das outras, que lhe forão sucedendo. A primeira, D. Maria Ferreira, que de Vigaira da casa entrou no Abadessado, mas foi luz, que posta no castiçal se escondèu brevemente. A piedade das subditas, que a veneravão como a Serva de Deos, a retratou de meio relevo na pedra da sepultura, & vendo depois a indecencia grande de a pizarem os pès na passagem pelo claustro, com virar a mesina campã a tornou a esconder.

2 Com ventagões de grandes merecimentos lhe succedèo no officio D. Briolanja Ferreira, como se vio claramente em todo o seu governo, o qual correo muitos annos. Não faltarão com tudo opposições, que lhe podiaõ agoar o gosto da eleição, porque algũas, parecẽ enfadadas de não sair o governo da Família das Ferreiras, de tal modo revolvèrão o negocio, que à instancia d'ElRei D. João III, lhe mandamos outra Prelada do mosteiro de Monchique do Porto, com capa de sua Reformadora. Foi esta, D. Constança de Melo, & por sua companheira D. Antonia da Sylva. Nos dous annos de 1546, & 47 andou a Reformadora sollicitando a paz, & acudindo com zelo incomparavel à sua obrigação, até que quebrantada do officio, que sempre foi matador, deu consigo na sepultura, & D. Antonia se tornou pera Monchique. A Abadessa, a qual estava suspensa, & ficou desassomburada, logo entrou no governo do mosteiro com tanta felicidade, que lhe unio a Igreja de S. João de Gamil, melhorando-o em tudo de religião, & renda. Com ella se acabarão as Abadessas perpetuas.

3 Vindo depois a reformação geral pera todos os Claustros, que não admitia replica,

ainda estas madres, lhe quizerão resistir, & com ellas se defendia tambem o mosteiro de S. Clara do Porto. A rezão não era mais que capricho, porq̃ quando seus Prelados por vontade, ou sem ella se reformavão pela nossa Observancia, com que fundamento se podião izentar? Dobrarão em fim as azas, & mudando a penna se fizeram Observantes. Mas não sabemos, que lhes viessem Reformadoras de fóra; & este favor nos devem, que fiando muito dellas, nos contentamos com explicar os estatutos da reforma, remetendolhes a sua execução. Saíram porẽm taõ dẽstras nos exercicios santos, que passados alguns annos D. Caterina d'Alvim foi ajudar a fundação de S. Clara de Bragança, onde ficou com a gloria de ser a primeira Mestra, que là ensinou a cantar, & tanger orgão. A taxa he de quarenta, mas quando isto escrevo vejo o numero dobrado.

4 Notavelmente se alegrarão as freiras com o título da casa, & nunca quizerão outro. Era entãõ de S. Francisco: ainda hoje o he, porque nem os resplandores do nome de S. Clara, que em muitas partes escurecèrão a outros, o podèrão celypsar. E como se prezão igualmente de serem filhas de ambas (fora erro o contrario),

ambas

ambas as suas figuras traz gravadas o selo das Abadessas. Com muitas dellas tambem se ouve o S. Padre como amoroso Pac. Hũa, que por ser muito antiga estã hoje esquecido o seu nome, lembrando só o apelido de *Carralho*, andava desconsolada por não saber quantos annos avia de ter de vida pera regular por elles o rigor da penitencia. Isto pedia a Deos, & nisto instava com orações importunas. Apareceolhe o Santo, & abrindo a mão direita lhe mostrou os sinquo dedos. Ella entendêo que seriaõ sinquo annos; & assi como o vio, & logo contou a outras, assi lhe acontecêo. Outra foi sôr Caterina Pinheira, cuja vida inculpavel lhe qualificou na morte a verdade da visãõ. Tinha chegado a o ultimo alento, mas com juizo perfeito, quando levantou a voz. *Que he isto meu P. S. Francisco! Trazeis com vosco a S. Antonio pera me acompanhardes? Eu me vou na vossa companhia.* Dito isto, sem fazer a mais pequena detença, acabou em o Senhor. Adiante se contarão outros casos; que agora he forçado deferir a devaçãõ dos vizinhos.

5. A muita, com que o buscaõ nesta Igreja em suas necessidades, lhes alcança o despacho. Acodem os enfermos de maleitas com as esmolas, que nas suas parochias pediraõ, &

o Santo, que gosta destas ofertas como pobre, que pedia pelas portas, se dante mão não lhes tem dado saude, agora não os despede sem ella. Quando importa aver mudança no tempo pera sol, ou pera chuva vem em chusmas os miunos innocentes a pedit misericordia; & mal poderã negalla, ouvindo os seus clamores, o coraçãõ ferido deste grande Patriarca.

Que diremos do amor, com que elle mesmo, sem estar importunado oferece a sua intercessãõ? Poucos annos averã, que ainda era vivo hum homem da freguesia de Fornelos, a quem o Demonio cruelmente trazia atormentado. Não era senhor de si, nem o Tyrano lhe dava hũa hora de alivio. Estando neste aperto ouvio tres vezes em sonhos: *Vai a S. Francisco de Val de Pereiras, & ahi terás saude.* E vindo o Santo, que se deixava ficar no sono da negligencia, manifestouse, & repetiolhe o mesmo. Em fim veio, fez oraçãõ, ficou desassombrado da opressãõ infernal, & sempre agradecido a este grande favor. Pelo que todos os inezes vinha visitar o Santo, & no dia principal da sua festa estava

em pe nos Officios divinos, e vinos com hũa vela acesa nas mãos.

## CAPITULO VIII.

*Acredita a o mosteiro o nome  
santo de sinquo Reli-  
giosas.*

**I**  E nós tiveramos visita do Catalogo do Ceo, em que se achão os nomes dos Servos de Deos na terra, mais certa, & abundante podéra ser esta Historia. Mas como ella depende de tradiçoẽs, & memoriaes antigos, do que temos grande falta, de necessidade ha de sair diminuta, & com aquella incerteza, que fé humana padece. Posto que sempre me vou ajustando, no que não anda escrito por Autores muito graves, com as relações mais puras, & averiguadas de gente religiosa, que por sua qualidade está merecendo credito. E nisto, sem repetir as virtudes ordinarias da casa, que enfastião a o Leitor: contaremos sómente o que for particular, ou nos der maior indicio do amor, com que servimos a Deos, ou dos favores de sua Misericordia.

**2** Muito alegres devia trazer os Anjos com a sua santa vida a Madre sôr Jenebra da Conceição, pois elles na sua morte a vieraõ festejar. Estava já espirando, & nesse proprio tempo

se ouvio pelo mosteiro hũa musica de suavissimas vozes, & instrumentos bem tocados. A melodia soava dentro de casa: os cantores não se vião, nem se ouviaõ de fóra; & com isto se ajuizou por todas, que era obra do Ceo, onde com alegres festas são recebidas as almas, que serviraõ a o Senhor.

**3** Na madre sôr Caterina Barbuda bem podemos admirarnos da profunda humildade, com que resistio à eleição de Abadessa em quanto não se achou constrangida do preceito dos Prelados. A quem podia faltar hum manto proprio para ser com elle confirmada na mesma occasião? Não o tinha, & aqui lho emprestaraõ: mas nem por isso saindo de Abadessa ficou melhor enroupada. Aquella resolução de se prenderão fortemente com Deos, que não podesse soltar-se, não he muito ordinaria. Cingio a carão da carne hũa cadea de ferro, fechou a com cadeado, & a chave, mandou a lançar no rio. Assi morréo, & assi foi sepultada, deixando viva até hoje no mosteiro a opinião de Santa.

**4** De carne, & sangue era a madre sôr Constança do Presépio; que não era d'outra massa, senão da nossa, sujeita a sentimentos: com tudo parecia de bronze a sua carne: a fortaleza, de pedra: o sofrimento, de que

fosse

fosse insensivel. Muitos annos atormentou hum cancro com agudissimas dores, & não oiue pera ella hũa hora, em que desfese hum gemido. Aplicaraõlle panos quentes a os pès num accidente, que teve. Levavaõ fogo, que logo se acendè: ella ardia: a lingua estava muda; & só o mau cheiro do chamusco gritou pela Enfermeira. Em outra occasiã caio, & quebròu hum braço, & quando cuidavaõ, que se lançasse no leito pera o curar, caminhou pera o coro, porque tangiaõ a vespèras, onde esteve taõ devota, & inteira, como se estivera sã. Perguntaraõlle, como não sentia o que tanto magoava: a o que só respondè. *Se eu não vivo em mim, senão em Christo, mal posso sentir o que a elle não toca.* Deste modo foi levantando Deos nella hum dos famosos trofeos, que teve a Paciencia. E avendo triunfado de si mesma; com a boca cheia de riso em final de alegria foi lograr os proveitos da vitoria.

5 Hum mesmo caminho da caridade do proximo, que he certo pera encontrar com Deos, levãraõ duas Religiosas, posto que se aparrãraõ por diferentes veredas. A madre sôr Francisca Velha seguiu os passos dos pobres, por cuja contemplação se fez pobre, & mendiga. Vestia a roupa velha, & desprezada das outras; pera os vestir de

novó. Da sua reção, que deixava de comer, tinha dous convidados cada dia. Pera os mais trabalhava com suas proprias mãos, & pedia pela casa, sustentandoos assi com o suor do seu rosto. Mais lhe custava o pedir, que trabalhar, porque foi julgada por importuna, & a essa conta lhe dizião desprezos, & palavradas. Hum dia, que apertavaõ com ella, chamandolhe *impertinente, enfadonha, & importuna*, eis que soa hũa voz semelhante a trovão, que nos efectos bem se mostrou ser do Ceo, porque todas caíraõ esmorecidas, & dizia esta voz: *Deixai a Velha, & não ma desconsoléis.* Dali por diante lhe tiverão mais respeito, que nunca seria tanto, como entendemos que se lhe guarda na Gloria à conta destas esmolas.

6 A madre sôr Vitoria de S. Francisco tomou o caminho das enfermas, que muitas vezes padecem mais que os pobres. Não fazia diferença de freiras pera criadas: a todas servia cõ caridade igual, & com todas usou de muito grandes finezas. Chegou a lamber as chagas de hũa enferma, & quem fazia este excesso, no que era menos não avia de faltar. Neste exercicio soube por larga experiencia quanto trabalha o infernal Tê-tador: pera enganar as almas, que estão em passamento. Dõde veio a tomarlhe tanto odio;

que

que não podia falar nelle, & se lhe era forçado, não lhe dava outro nome, senão *Tincho, Porco, Infame*. Mas elle, que sendo leão na raiva, na vingança he patife, & vilão, deu-lhe hum cruel assalto na mesma hora, que estava espirando. Lançou por terra com a sombra, que foi visível, a todas as circunstantes, & espantou a enferma com tão medonha figura, que a fez esmorecer. Neste ponto lhe caio da mão a vela, & lhe queimou hũa face. Tornando porém em si, se indignou fêramente. *Que me queres tincho? vai-te d'ahi porco, que o meu Senhor Iesu me vem já socorrer*. Tanto que elle ouvio este santissimo nome, largoulhe logo o campo, & a enferma se passou da outra banda desta miseravel vida com muita quietação.

### CAPITULO IX.

*Florecem outras Religiosas com fama de santidade.*

**I**  Gora, que chegamos a falar nas mais vizinhas a esta nossa idade, poderemos informar os curiosos do seu tempo, & das patrias. A madre sór Filipa da Cruz nacéo em Barcelos, & falecéo nesta casa a os 18 de Setembro de 1601. A vida foi de

peessoa, que desejava ser santa, & grande santa: senão, vejamos os exercicios della. Qual foi o dia, que trouxe roupa de linho? a sua camiza era hum cilicio de ferro, & tal vez (que foraõ poucas) quando as chagas, sem se matar, não o podiaõ soffrer, hũa estamena grossa. Na mesma fórma dava tregoaõs à bataria das disciplinas de sangue, que eraõ de cada dia. Descançava sómente até curar as feridas: mas entretanto, por não estar ociosa, revolvía o corpo magoado sobre espinhos, ou urtigas. Tal era a sua cama: hũa esteira, ou tanho com pedra por cabeceira. A meza não era outra, porque nunca se estendéo senão a jejum perpetuo, & muitos de pão, & agoa.

2 Como trazia obediente o corpo com a graça do Senhor, facilmente o dobrava, & levava pera onde lhe convinha. Mandou à lingua, que não fallasse, excetuando a confissão, & o coro, & sempre esteve muda. Só quando via algum desconcerto, entãõ era que gritava, porque o zelo de não serem desprezadas as ceremonias santas, não se podia calar. Acontecêo no mosteiro hum espectáculo grande, & foi que hũa religiosa, pouco lembrada de suas obrigaçoõs tomava mal os côselhos, que neste caso lhe davão. Avizoua em sonhos sua

mãe,

mãe, como ella confessava: nãqua se quiz melhorar: senão quando, a tocou a mão de Deos, que a poz em miseravel estado. Dos pés até a cabeça estava em carne viva: toda podre, que se desfez a pedaços. Os Cirurgiões, & Medicos não acabavão de conhecer tal doença: os remedios estavaõ já esgotados; & o mal continuava com tanto horror, & asco, que todas fugiaõ della. Sò esta bemdita Mãdre se chegava com grandissimo amor, & nella exercitou todos os primores da caridade Christãa. Em fim ganhou esta alma pera Deos, & pera si hũa coroa mais rica, que quantas o mundo logra.

3 Com este seu dominio, que parecia ter no corpo, quando orava em pé era estatua de marmore, que nem peltana movia: antes avia presunção, & provada com muitas experiencias, que ficava insensivel. Tomando porém o conselho, que nos dà o Redentor, feclhada no seu cubiculo soltava as velas á oração. Era este tão estreito, que lhe chamavão o carcere: mas como ficava num canto do dormitorio, teve lugar pera abrir tres janelas á imitação de S. Barbara, das quaes contemplava na Santissima Trindade, & lançava a benção a muitas partes do mundo. Aqui lhe fazia Deos particulares favores, & Satanás

em competencia delle notaveis perseguições. Não lhe era permitido, que lhe pözesse as mãos, as molestias com tudo não tinhaõ termo, nem conto. Hũas vezes a desconsolava muito cõ figuras espantosas: (era o incnõs, de Porco): outras lhe escondia as contas, ou lhe furtava algũas, deixando o fio inteiro, pera descompor a ordem da sua reza; & pela ter nestes vexames segura lhe feclhava a porta de fóra. Não teve outro remedio, senão sair se da cela, & viver em lugar publico, onde este Tentador não fosse tão atrevido. Nesse tempo de suas tribulações lhe honrou Deos o seu nome nalguns casos, que parecem milagrosos. Estava hũa minina quasi afogada d'hum inchaço, que lhe naccõ na garganta: não lhe achavão remedio; & ella lho deu com o azeite da alampada da Virgem Senhora nossa. Outras maravilhas estaõ ainda lembradas, & as freiras esperavaõ que a sua sepultura fosse grande officina de milagres: mas esse favor faz Deos a quem lhe parece bem.

4 Não he rezaõ, que dilate a noticia de hũa sua irmãa, posto que ficasse viva até o anno de 1628. Foi a madre sã Ana dos Anjos, tão semelhante a ella, que podemos escusar de repetir o que avemos escrito. Eraõ em tudo irmãs, & numa,

como espelho mui claro, se está vendo a outra. Hũa só differença lhes conheço, que a madre sôr Filipa perdia o sizo: se lhe falavão em ser Abadeſſa, & esta madre sôr Ana duas vezes acceptou esse officio. Mas o espirito do Ceo não he o mesmo em todos: aquella, por humildade fugia da honra, esta por zelo acceptava o trabalho. E assim quanto ella governou, era santa a sua comunidade: tudo andava composto, & ajustado a o serviço de Deos. Com ser esta, teve depois huns escrupulos, que ouyeraõ de ter outras menos zelosas, que vão lançando a perder o bem da Religião. Chorava amargamente, & dizia a cada passo com grandes apertos d'alma. *Que conta darei a Deos das suas esposas, que elle me entregou?* Tornava logo a dizer: *como hei de aparecer, se fui duas vezes Abadeſſa?* Devia Deos consolalla no interior da alma, porque passou algum tempo até o passo da morte com tantos sinaes da alegria eterna, como se já a possuiria. Chegando a sua fama a o mosteiro de Vila do Conde, alcançou com pretexto de reliquias o seu véo, cordão, & contas. Foi grandiosa a dadiua, mas quem a pedio tambem merecia muito. Alguns enfermos as reconhecem de publico por instrumentos de sua saude. Aconteceo abrazarse o celeiro com

gorgulho: lançaraõ nelle o cordão com algũas reliquias de Santos: a praga fugio; & a todos attribuem esta graça.

5 Neste lugar trataremos d'outra Ana, no apelido *de Jesu*, em quem o Senhor mostrou o admiravel artificio de sua misericordia. Foi criada em Viana por seus paes com mais mimo; & regalo do que convinha à sua obrigação de doutrinar bem os filhos; & como trouxe o vicio convertido em natureza, toda a doutrina do mosteiro nunqua lho pode tirar. Não tinha outro cuidado, senão de comer, & regalar-se. Com isto sonhava, & nisto se delvelava à semelhança d'aquelles, que idolatrão na gula, *quorum Deus venter est*, de quem já se queixava o Apostolo S. Paulo<sup>b</sup>. Mas como he facil à piedade de Deos mudar as

ad Philip.  
3.19:

nossas vontades do mal a o bẽ, por mais rebeldes, que sejaõ! Sonhou hũa noite, andando nestes cuidados, que via a Senhora Clementissima com seu Filho Vnigenito nos braços: quiz lançar-se a seus pês para beijarlhos, & o Miunino Jesu lhe disse com muita sanha. *Tirate lá comilea, que me comerás.* Acorudou desta visãõ tão mudada, & tão alhea de si, que bem se via ser obra da mão de Deos.

6 Nunqua depois comecou a regalar-se a regalo, & não lha dẽsse a sua comunidade.

de.

de. Jejuava já a todo custo aquella, que não podia farrarse. Da sua reção sustentava a dous pobres. Se davão particular por occasião de festa, tudo era pera elles. Com tanto cuidado os regalava, que gastando tudo nisso, tão remendada trazia a toalha da cabeça, que as outras por galantaria lhe chamavão *toalha acolchada*. Todos os dias pera ella forão dias de jejum, até Domingos, & Santos, porque a sua cea inteira podia ser colação de gente escrupulosa. Todo o pão, que comia, era feico a o sol depois de estar bolorento, & com elle muitas vezes agoa pura, ou hũa tigela de caldo, que tambem destemperava com agoa. Sobre esta abstinencia tão grande, ainda fazia outra, que parece admiravel, abstendose de quanto ha em o mundo, por góstar perfeitamente dos bens da Religião. Nunca mais tomou recado, nem presente, que sua mãe lhe mandasse. Succedeo virem certas encomendas, que seu irmão lhe inviou do Brazil: quando o soube, largou a cobrança dellas a hũa sua amiga com encargo de gastar o procedido com as Almas, & que não lhe dêsse contas, & menos novas do irmão. Dizia abertamente, que não tinha outra mãe, nem outro irmão, senão a Virgẽ purissima, & o Minino Jesu,

porque só elles a tinhaõ encaminhado. E assi a amizade, que tomou com esta religiosa, foi em razão do seu nome, o qual era *sõr Caterina de Jesu*. Quando chegava a festa do seu santo Naéineto enlouquecia de gofeto: abraçava-se a o Presépio: rogava a o Minino Jesu, que lhe dêsse sepultura no seu berço, & elle lho concedeo a 29 de Dezembro, fim do anno 1602.

CAPITULO X.

Contaõ-se outras Servas do Senhor.

 Em ouvirmos estrôdos de penitencias, que assombrassem o mundo, nem assaltos importunos, & crucis do Inimigo comũ, teve Deos segura de sua mão a madre sãr Leonor Bautista nas observancias da sua sagrada Lei. Nacêo em Ponte de Lima, & na verdade viveo como se fora hum Anjo. A condição natural era de Pomba sem fel; muito mansa, & sincera: de todas amada, & agradavel a todas. Sabia pouco do mundo (& isto he o melhor): mas trabalhava orando, & meditando por saber muito do Ceo. Costumava orar cõ os braços estêdidos em forma de Cruz, & quando a diversão, chorava amargamente:

porém as queixas eraõ mais do-  
ces; que mel. Respondialhes  
sõmente: *Filhas; louvai a o Senhor,*  
*que vos criou.* Sempre andava re-  
zando; como quem tinha no  
Ceo a sua conversação; & se a  
terra padecia algũa necessidade  
de chuva, ou sol, era muito pera  
ver o fervor; & singeleza, com  
que procurava o remedio. Che-  
gava a hũa janela, levantava as  
mãos juntamente, & não dizia  
mais, que estas poucas palavras.  
*Senhor, faça sol.* Se se avia mister  
agoa, então dizia: *Senhor, fa-  
ça chuva.* Assi andava de jane-  
la em janela até que o amo-  
roso Senhor, que ouve os co-  
rações dos mudos, a deixava  
despachada.

Estava mui assentado  
na opinião das freiras, que por  
suas mãos repartia Deos com  
ellas o tesouro de suas miseri-  
cordias. Pedião as enfermas,  
que lhes lançasse a benção:  
em a recebendo, diziaõ a gri-  
tos, que alcançaraõ saude. Não  
he de menos espanto o que lhe  
aconteceo num anno de gran-  
de fome. Acudio a o mostei-  
ro tanta multidão de pobres,  
que seria milagre se elle os  
sustentasse. Neste impossivel  
não se pode ter esta venera-  
vel Madre, tendo diante dos  
olhos aquelle divinissimo Se-  
nhor, que se deu na Cruz  
por todos; & a todos atten-  
teou o cabedal da Caridade;

em o qual não ha limite: a-  
juntou suas esmolas; nenhum  
lhe morreu de fome; & foi  
fama muito publica, que o  
pão crecia em suas mãos. Ma-  
ior maravilha foi a que suce-  
deo no anno de 1620, passa-  
da a sua morte. Não estava  
ainda o corpo entregue á se-  
pultura, & acabando o Con-  
fessor do mosteiro de cantar a  
Missa do seu officio, que já di-  
zia o *Requiescant in pace*, a vio estar  
encostada a o altar, com o ros-  
to mui alegre, & vestida no  
seu habito, em sinal da eterna  
alegria, que o Senhor ultima-  
mente lhe dava em virtude d'a-  
quelle santo Sacrificio. O Con-  
fessor, que assi o revelou de bai-  
xo de juramento, era homem  
muito grave, em cujo dito estri-  
ba esta noticia.

3 Que diremos da madre  
sór. Brites do Espirito Santo,  
natural d'hũa quinta vizinha  
de Barcelos, que sempre des-  
afiava a o Tentador de to-  
dos com atinas de penitencia,  
sem elle sair a campo com o  
peito descoberto, senão quan-  
do a achou enfraquecida; &  
no ultimo da vida? Mas foi  
isto, porque na verdade Lu-  
cifer tinha medo do seu aspe-  
ro jejum; disciplinas, & ci-  
licios, & mais em particular do  
santo amor de Deos. Estava  
tão resoluta em mortificar o  
corpo, que tinha por cruel-  
dade

dade compadeceremse della. Hũa vez, que não achou o cilicio por lho terem escondido, desfez a toda a pressa hũa seira de esparto, & engenhou hum jubão, que chegava da cinta a o pescoço.

4 Deste modo caminhou até o termo da vida, tão robusta no espirito, como se fora nos seus primeiros principios; & pelo que succedéo, ficon gèralmente entendido, que Deos lhe manifestára o que avia de ser. Era vespera do Nascimento de Christo, & rogou à Abadessa lhe mandasse dar o Viaticó. Respondéo, que esperasse até o dia seguinte, porque aquella manhã era muito occupada. Infitou, que lho dessem logo, por que depois não poderia comungar. Em fim recebéo o santo Corpo de Jesu Sacramentado, & à tarde lhe acudiraõ huns vomitos, que lho avião de impedir. Estando confortada com este manjar do Ceo, uenhum pavor teve quando vio a Sathã encostado no seu leito: antes disse à Enfermeira com muita quietação. *Lançai agoa benta nesse Farrapeiro, que me está fazendo carimbas, porque o não posso ver.* Apoz disto disse logo: *Isso basta; que já se foi.* E como não tardão muito as consoladoes do Ceo, brevemente se achou visitada da Senhora

Mãe de Deos, & do Minino Jesu, que trazia em seus braços. Foi tal o seu alvoroço, que gritou ás companheiras. *Não vedes a Rainha dos Anjos, & o Principe da Gloria? Lançavos por terra, & adoraios.* Passado isto proseguio cõ algũas oraçoẽs, que costumava rezar; no fim das quaes lhe disse a Enfermeira, que descansasse hum pouco, & tomasse hũa sustentancia. A o que lhe respondéo: *là nesta vida não hei de comer, mas daime aquelle Crucifixo, que me está convidando pera que cee com elle.* Em o tomando nas mãos lhe entregou o espirito a os tres dias de Janeiro de 1627. Está a sua memoria no Agiologio Lusitano, mas tirada do seu dia.

5 Acabamos esta pauta com a madre sôr Francisca de Jesu por ser ultima em tempo, posto que nas ventagões da virtude podera ser a primeira. E bem podemos dizer q nacéo na nossa Religiaõ; porq entrando nos sinquo annos vieraõ seus paes de Barcelos oferecella a Deos. Nesta idade tão tenra (quanto importa hũa boa criação!) assentada a o pé d'hũa lorangeira se estava desfazendo em hum mar de lagrimas com hũa Veronica nas mãos. Perguntavaõlhe a causa, porque chorava, & respondia com estranha singeleza: *Choro por amor de Deos.* Sendo estes os principios, quaes seriaõ os seus fins? Nũqua

tom. 1.  
cap. 28. J. G.

comeo na Sexta feira de sua santa Paixão, nem nas vesperas das festas da Senhora. Em todos os mais rigores não parecia na vida tão imitavel, como era admiravel. Espertava à meia noite do sono, & nas tres horas seguintes, que não saia da cela, contemplava nos Mysterios divinos com tanto fervor da alma, que hūas vezes alagava a mesma cela com lagrimas, outras ficava com o peito denegrado, & pizado. Depois disto se passava a o coro, onde estava seis horas contadas pelo telogio, de joelhos, ou em pè, & muito tempo cō os braços estêdidos, sem nūqua se assentar. Mal se poderão dizer as devações, q̄ cada dia rezava: os officios de Santos particulares, & defuntos: os rosarios da Senhora, & as coroas de Christo: salmos Penitenciaes, & Graduaes: ladainhas, oraçoēs, & salteiros ordenados a seu modo cō muitas mediraçoēs, que faziaõ grande soma.

6. E como sempre andava tanto à fala com Deos, tinha também confiança pera lhe pedir favores, & rezoēs pera poder esperallos. Succedeo, q̄ hūa noite depois do Demonio lhe fazer muitos assintes, como fazia outras vezes, ficou cō tanto pavor, q̄ não ouzou a sair fóra da cela pera chamar a cōpanheira das suas vigalias no coro; & estando por isto desconfolada,

ella mesma lhe veio bater à porta. Conston que da sua parte não tinham ido chamalla: mas Deos, que tanto a tinha por sua conta, mandaria o recado. Em outras occasiões conheceo visivelmente o socorro da gloriosa Sant-Ana, com quem tinha especial devaçãõ. Chegou a doença ultima, na qual a passos contados se foraõ multiplicando as suas consolaçoēs. Deulhe a primeira nosso Serafico Padre cõfortandoa em sonhos, como ella declarou, pera o tempo da morte, cuja hora pelo que logo direi, & por outros muitos casos se entendeo claramente, que lhe era manifesta. Teve noticia, que hūa religiosa lhe mandava dizer as missas da agonia, & pediuhe que as guardasse pera o dia seguinte, que avia de ser o de seu falecimento.

7. Estava já com todos os Sacramêtos, & muito conforme com a vontade de Deos, quando rogou à Comunidade q̄ lhe rezassem o Credo, com algūas oraçoēs da Paixão, que costumava dizer. Nisto lhe deu hum delirio, se não foi raptõ, ou extase, que a privou dos sentidos, mas com os olhos abertos, & pregados em o Ceo. Presumiose (que ella calava tudo) que Deos lhe manifestara os bens eternos, que lhe estavão guardados, porque tornan lo

em si não cabia de prazer, & banhada numa alegria nova, que se lhe via no gesto, nas palavras, & nos olhos, pediu com grandissima instancia, que cantassem *Te Deum laudamus*, dando por ella muitas graças a o Senhor. Por fim da solennidade lhe tomou a Enfermeira o pulso, & certa em que lhe dava a melhor nova do mundo, lhe disse com muita festa. *Madre sôr Francisca, deme alviças, porque isto está acabado.* Ouvindo estas palavras, levantou as mãos, & os olhos a o ceo, dizendo com admiravel affecto: *Bem dizeo sejais meu Senhor, que me resgatais deste desterro pera me honrardes com os vossos escolhidos.* Chamou logo pelo nome de Jesu, que sempre trouxe na boca, & com elle se soltou das ataduras do corpo a sua ditosa alma, terça feira, às onze horas da manhã, quando se acabaraõ de dizer as missas da agonia, a 13 dias de Maio de 1659. Com isto se acendéo a devação, que lhe tinhaõ, pedindo, & estimando as suas prêdas como penhores do Ceo. Leváraõlhe o véo, cordão, & hum pedaço do habito: a mim me coube por sorte hum registro da Conceição immaculada da Senhora Mãe de Deos, que trago no Diurnal.

## CAPITULO XI.

*Escrevemse os mysterios de hũa ruina, & o purgatorio de hũa alma neste mosteiro.*

**S**ucedêraõ na ruina tantos casos, & ouvertas circumstancias, que me acho obrigado a escrevellas aqui pera gloria de Deos, cuja inmensa bondade se desvela no emparo das casas religiosas. Oito dias antes vio em sonhos hũa irmã Conversa no discurso de tres noites, que andavão pelos ares muitos negros mal encarados, & torpes, os quaes trabalhavão muito por desfazer o mosteiro. Resistialhes fortemente hũ frade de S. Francisco, & seria o mesmo Santo, Titular, & Padroeiro da casa: mas não obstante sua muita diligência, o dormitorio caia. Não se reparou no sonho, nem noutros, que se seguirãõ, como foi na noite, em que se aviaõ de começar a cõtar 12 de Fevereiro de 1635, na qual sonharaõ tres freiras, que ouviãõ grande estrondo como de leva de gente, que tocava caixas roucas, as quaes faziaõ igual medo, & espanto: Mas com esta differença, que a hũa figurou selhe marcharem pela estrada: outra, pela

cerca do molteiro ; & outra, por dentro do dormitorio. Faltou hum Joseph, q̄ soubesse interpretar tantos sonhos, & assi descuidandose as freiras do que poderia ser, não ouve nellas cautela, & o pezo do cuidado ficou á conta de Deos, que não faltou nos efeitos de sua misericordia. Dispoz com muita suavidade, que se tangesse á Prima mais cedo do ordinario, pera se salvar no coro sem sobressaltos o corpo da comunidade. Algũas particulares, que se deixãrão esquecer no dormitorio, estiverãõ expostas a o perigo, cõ tudo livrãrão bem com a protecção do Ceo.

2 A primeira maravilha foi saltar hũa freira do seu leito com hũa Imagem de S. Antonio nas mãos, que tinha á cabeça, & gritar em altas vozes : *Fujamos todas, porque caie o dormitorio. Assim disse quem me esperou do sono.* Não lhes declarou quem fora: mas de crer he, que fosse o mesmo Santo . As outras não se davão a conselho, & entretanto desfechou o dormitorio, que puxando por hũa varanda amassou quatorze leitos, & foi tambem amassar outro sobrado mais baixo, que servia de refeitorio. Salvouse hũa criada, porq̄ o impulso da ruina a lançou longe de si. Hũa freira escapou debaixo do leito, onde dormia, sem saber quem alli a

recolhêra, nem fazer mais diligencia, que chamar por S. Francisco. Outras duas se lançãrão por hũa escada abaixo, & roldãdo atráz dellas infinidade de pedras, nenhũa as alcançou.

3 Mas tudo isto foi pouco a respeito do que succedeo a outra. Caiu a pique na logea (que era grande altura), & ficando com ambos os pés em vão, tinha tambem entalado o pescoço na escãpola da trave, em que ella costumava torcer linhas. E bastando só isto pera matalla, o monte de taboado, pedra, telhas, & entulho, que se ajuntou de cima, a deixou bem enterrada. Todas a davão por morta, nem ouvera de ser menos, se lhe faltãra o emparo da Senhora Mãe de Deos. Passado já muito tempo a desenterrãrão viva, & disse publicamente, que nunca perdêra o tino, nẽ deixãra de chamar pela Senhora com aquellas palavras do seu hymno: *Maria mater gratia, dulcis Parens clementia &c.* Aqui se vio outra maravilha grande, porque era depositaria das outras religiosas, & fazendose pedacos quanto avia na cela, ficou inteira, & junto a o seu lado a gaveta do deposito. Mas tinha dentro de si quem a podia guardar: dous Reliquarios, & hũa Imagem de nosso Padre Santissimo, o qual tomou a seu cargo este cabedal das filhas,

& o credito da mesma Depo-  
sitaria.

4 Com ser este caso tão  
notavel, ainda o que se segue  
provoca mais a nossa admira-  
ção. Corria o anno 1636, &  
costumado algũas religiosas a-  
juntarem-se de madrugada no  
coro pera fazer disciplina, vie-  
raõ a conhecer, que com ellas  
se açoutava outra pessoa estra-  
nha. Eraõ poucas, & facilmen-  
te se contavão: fechavão as  
portas, & todas se punhaõ de  
hũa banda: mas tanto que co-  
meçavão, logo ella da outra  
parte respondia com muito ma-  
ior esfrondo. Feita esta experi-  
encia por espaço d'alguns dias,  
dêraõ conta á Abadessa sôr Ina-  
cia dos Reis, a qual tornou a fa-  
zella, com todas as cautelas, que  
eraõ convenientes. Escolhêo  
poucas por não aver confusão,  
porém essas as mais graves, que  
avia no mosteiro. Fechou pri-  
meiro as portas, ajuntou as frei-  
ras num lugar perto de si, &  
mandoulhes pôr santa obedi-  
cia, que deixando a começar o  
salmo *Miserere mei Deus*, nenhũa  
brandisse as disciplinas sem ella  
lhes fazer sinal primeiro. Co-  
meçou a rezar o dito salmo: as  
subditas estavão todas quietas,  
& não buliaõ consigo, esperan-  
do o final: a outra, que entrava  
em exame, adiantouse com tão  
grande vehemencia nos golpes,  
que as freiras, quebrantadas de

pavor, estiverão hum pouco  
suspensas: mas em fim conti-  
nuaraõ.

5 Isto mesmo lhes suce-  
dêo outras vezes: pelo que vie-  
raõ a resolverse, que seria a al-  
ma d'algum defunto, a quem  
Deos dava este purgatorio. E  
naõ era o seu discurso errado,  
porque ainda que a Justiça di-  
vina deputou certo carcere de  
fogo, nõ qual se purgaõ as al-  
mas, com algũas tem dispensa-  
do, como Senhor absoluto,  
ordenando que fóra delle pa-  
deçaõ as mesmas penas, que de-  
vem por suas culpas, pera que  
vindo os vivos em conhecimê-  
to dellas, as socorraõ com su-  
fragios, & tambem vivaõ meis  
acautelados â vista destes. exê-  
plos. Hũas vezes lhes deu este  
purgatorio nos mesmos luga-  
res, onde avião pecado<sup>d</sup>; de mo-  
do, que no lugar da ofensa sin-  
tão depois o castigo. Outras  
vezes lhes dá diferentes postos  
como parece a sua Sabedoria.  
Já eu disse, que hũas freiras de  
S. Clara do Porto nos mesmos  
lugares, em que avião faltado â  
sua obrigação, estavão em Pur-  
gatorio. No coro d'outro con-  
vento da nossa Religiaõ, dentro  
da mesma cadeira, onde hum  
frade naõ se tinha inclinado cõ  
reverencia a o verso *Gloria Patri*  
&c, estava depois de morto  
purgando esta culpa com incê-  
dios de fogo<sup>d</sup>. E no meio de

<sup>d</sup> Soto in 4.  
d. 19. q. 5.  
n. 1.  
F. Dim. de  
Purg. c. 15.

<sup>d</sup> Bellarm.  
tom. 1. l. 2.  
de Purg.  
Dionys. l.  
de 4. novif.

<sup>d</sup> p. 1. l. 9. c.  
93. n. 1.

<sup>d</sup> F. Dim.  
cit.

e S. Gregor.  
l. 4. Dial.  
c. 40,

hum banho tinha Deos em purgatorio a o Cardeal Paschasio.  
Mas estes exemplos bastão.

6 Ficando nesta fórma persuadidas as freiras, que seria a alma d'algun defunto, applicáraõ á sua satisfacão com a mesma disciplina, que sempre continuou, muitas missas, esmolas, & orações. Vieraõ a saber que era freira, porque tardando algũa á disciplina, ella vestida cõ habito a chamava pera o coro. Assentáraõ, que andaria penando por faltar nas do convento: mas querendo juizar a certa freira, que costumava assistir no officio divino d'aquella parte, donde ella agora se aqoutava, por lhes tirar a suspeita se mudou à outra banda, porque com este segredo grangeava a caridade de todas, & Deos tambẽ, sem infamar a pessoa, tratava de seu remedio. Seis mezes andáraõ neste trabalho, no fim dos quaes a defunta appareço a tres freiras, que em tudo contestáraõ, & lhes declarou em sonhos como acabadas as missas d'aquelle dia, teria fim seu purgatorio. As missas se disseraõ, & nunca mais a ouviraõ.

(?)

## CAPITULO XII.

*Declara-se a sagração da Igreja de Coimbra, o governo de hum Ministro Provincial, & a injusta prizaõ de D. Fr. Afonso Bispo de Orense.*

1 **M**Aior deteça fizemos no convento de Val de Pereiras, do que agora em muitos annos faremos na relação da Provincia, porq̃ este tempo foi o mais seco, & esteril de noticias, que ella tem alcançado. He verdade, que poderamos enfiar todos os annos por algũas miudezas tocantes a os conventos, mas seria tirallas de seu lugar, ou repetillas de novo; & nem por isso a cadea dos tempos, com que imos prendendo esta Historia, ficaria mais fermosa. Pelo que saltaremos em claro todos os annos, que não nos rogaem muito com algũa memoria notavel, que detenhemos o passo pera escrevermos delles.

2 No de 1360, & nos douos mais adiante era nollo Ministro Provincial o P. F. Gomes Paes, & muito tarde encontraremos com outro. Consta de duas escrituras, nas quaes os seus Escrivães pelo costume anti-

go mais cortez, que religioso he chamãrão D. Fr. Gomes. Na primeira se declara; que mandou notificar a D. Afonso Prior de S. Cruz de Coimbra, que nos guardasse, & fizesse guardar as nossas immuniades, conteudas na Bula de Benedicto II, cujo principio he, *inter ceteros Ordines*. A segunda he a licença, que deu a Fr. Peregrino, Guardião de Santarém pera obrigar a casa a certas missas por hũa esmola, que não tinha tal encargo.

3 Cursando o seu governo foi sagrada a Igreja do nosso convento velho de S. Francisco da Ponte na cidade de Coimbra. Já tratei desta materia, & não ouuera de tornar a falar nisso se não fora o nosso Bispo de Orense D. Fr. Afonso d'Anhaia, que se achou na sagração, & nos espera aqui. As memorias do dito mosteiro de S. Cruz, & gravissimos Autores escrevê, que se sagrou na Era de Cesar 1400, que foi o anno de Christo 1362. Mas a isto nos replicão, dizendo que neste anno, nem a Igreja, nem o Bispo de Orense podião ser sagrados por D. Vasco Arcebispo de Toledo. O seu fundamento he, por quanto no mesmo anno da sagração da Igreja succedeo a sua morte, & esta dizem que foi no de 72: porém esta sua conta he errada, como deixo advertido.

Acerea do Bispo dizem, que a Cadeira de Orense não estava então vaga, nem era occasião de sagrar o seu Prelado. Eu tambem digo com elles, que não avia Sê vagante, porque o dito D. Fr. Afonso foi provido pelos annos de 1357, & no de 65 succedeo por sua morte o Bispo D. João Garcia. Está a dificuldade em averiguar se foi no mesmo tempo sagrado, & isso examinamos agora.

4 A memoria de S. Cruz, pela qual me governei na nossa Primeira parte, está escrita nesta fórma. *Em a Era de 1400 annos, Domingo 20 dias de Fevereiro S. Francisco de Coimbra foi sagrado por Fr. Afonso de Noira Bispo d'Orcel, o qual sagrarão D. Vasco Arcebispo de Toledo, & o Bispo de Viseu, & Fr. Gil Bispo de Cirenone.* Bem vejo, & já o tenho notado, como estão virciadas algũas destas palavras: mas na certeza da Era contesão muitos, & outra Memoria antiga do nosso mesmo convento. O que esta nos dava (parece) a entender, he que o Bispo D. Fr. Afonso sagrou a Igreja, & que a elle sagrarão o Arcebispo, & Bispos: ou fosse no mesmo dia, ou noutro antecedente; & eu nisso não acho contradição. Mas por servir a quem em tudo admite o Arcebispo, interpretei as ditas palavras, por Fr. Afonso, dizendo que elle não entrara na sagração da Igre.

Arch. de S. Franc. de Leiria.

p. 1. l. 4. c. 2. n. 4.

1362

cl. 2. c. 39. d. 4.

Hist. da Igreja de Lisb. p. 2. c. 102. n. 4.

Hist. cit. 97. n. 5. Hist. de Brã p. 2. c. 52. n. 4.

ja, senão só com a sua diligencia: ou, que a Igreja, & este Bispo foraõ sagrados pelo sobre-dito Arcebispo, & companheiros; & tome isto cada hum, como quizer. Mas se algué estranhar tanta detença pera sua sagração, depois de estar de tanto tempo provido, ponha a culpa a o Rei de Castela, que por sua crueldade, assi como o matou, lhe impedia rambem habilitarse pera lograr a prelazia. E por ventura essa seria a causa de se sagrar em Coimbra, fóra dos limites do seu Reino.

1365

f Agiol. Lu  
fir, tom. 1.  
122. 23. l. B.  
no com.

**S** Foi Portuguez o Bispo D. F. Afonso, & natural de Coimbra, da Familia dos *Anaias*, ou *Anhasias*. Por frade da nossa Ordem o reconhece o Catalogo dos Bispos da sua Sé de Orense, as Historias Ecclesiasticas das de Braga, & Lisboa, o Agiologio Lusitano, & quantos fallarão nelle. Recebêo o nosso habito na Custodia, que se chamou de Coimbra, & como o corpo desta Provincia entrava rambem por Castela, & Galiza, teve mais occasiões de luzirem naquellas terras estranhas seus grandes merecimentos. Estes o fizeraõ Bispo, & não fora a sua virtude tanta, se lhe faltara pera seu perseguidor hum Tyrano defensor, & protector da maldade. Nas alteraçõs de Castela entre El Rei D. Pedro, & seu mecio irmão D. Hérique assistio

às partes deste por lhe parecer que era homem, & mais humano, & o outro carniceiro, & muito fero. Mas caíndolhe nas mãos quando agora se ausentou de Coimbra, o mandou prender no castelo de Almodouvar, onde tinha os tesouros do seu Reino pera estarem seguros. Com elle porém metêo dentro a sua destruição; porque em pena deste delito, & outros do mesmo toque veio a perder na vila de Montiel a vida, o tesouro, & o reino. O Bispo desenganado das falencias do mundo, & conhecendo padecer pela justiça, assi estimava as cadeas como penhores do Ceo; & com o mesmo valor, que d'antes mostrara em defender a piedade necessaria nos Principes, soffrêo agora as impiedades deste. Mas em fim com a força dos trabalhos, saio delles sua alma pelos annos de 1365, deixando o corpo nos apertos da prizão.

## CAPITULO XIII.

He Terceiro Franciscano El-Rei D. Pedro, falece no nosso habito, & tem por seu Confessor a F. Vicente Amado.

**C**om outro Rei, chamado rambem D. Pedro, lidava o nosso

Reino

1367

Reino, mas gozava das suas portadas a dentro de maior quietação. E foi fatal este tempo a Hespanha no concurso de tres Reis em Portugal, Castela, & Aragão, todos tres *Pedros* no nome, & pedras muito duras no rigor do seu governo. Não tinha o mesmo nome Carlos II Rei de Navarra, mas também com a sua aspereza era pedra de escandalo. E como as condições symbolizavão muito, por todos se estencéo o apelido de *Cruel*, posto que com maior propriedade convinha a o de Castela. Com este labêo he censurado o nosso de Portugal por algus Escritores naturaes, mas defendido por outros, que nem com a muita conversação Castelhana perdêraõ o seu primor, & respeito Portuguez. E na verdade, ainda que nos castigos, & na qualidade delles excedêo algus vezes a disposição das leis, maior pendor lhe fazia o zelo da justiça, & o odio dos vicios, que brutalidade de condição carniceira; & affi falando regularmente, mais lhe quadra o nome de *Iusticoso*, que alcunha de *Cruel*. Por minha conta não corre, setiaõ só a piedade, que reve com S. Francisco, & disto só tratarei.

2. Nos conventos de frades em Covilhã, & Lamego figurou com provisoões as esmolas, que elles aviaõ da sua Casa

Real. Recolheo no seu emparato com muito encarecidas palavras os mosteiros de S. Clara de Santarém, & Lisboa. No de Coimbra se mostrou taõ desvelado em lhe unir hũa Igreja, como se nisto acrecentara o Reino. E pelo grande conceito, que tinha da sua religião, nelle mandou criar a Infanta D. Brites sua filha, que lhe nacêo de D. Inez de Castro, donde depois a tirou para o Paço seu meio irmão El Rei D. Fernando, & casou com o Conde d'Albuquerque D. Sancho, irmão inteiro d'El Rei D. Henrique, o II de Castela. Desta criação nos deu elle no testamento noticia pelas palavras seguintes: *Mandamos a nossa filha, que criaõ em S. Clara de Coimbra, cem mil luyras para casamento.* Mas pois já nos divertio esta verba da relação dos favores, baste dizer em comum, que todas as nossas casas tinhaõ nelle grandezas de Rei, & caridade de verdadeiro irmão; que tal foi pela profissão da Regra dos nossos Terceitos seculares. Grande cousa em hum Rei, que parecendo leão, tomalle neste estado a figura de cordeiro! Estava porém taõ vivo o exemplo em seus paes, & em S. Isabel sua avò, que maior espanto fora, se elle não professara. Sobre isto, muito mais consolados nos deixou pela grande confiança, que mostrava nos merecimeõs san-

a Nunes na  
sua Chron.  
& Faria no  
Epic. p. 3. c. 9

tos do Patriarca Serafico, como logo se verá, em ordem á salvação.

3 Tres mezes antes, que fuisse desta vida, foi notavel a maravilha, que representou o ceo. Ardião nelle bravamente as estrelas, & escondido o resplendor natural, não pareciaõ outra cousa, senão pedaços de fogo, que abrazavão quanto se punha diante. Não tinhaõ quietação, mas fervendo de hũa a outra parte, tal vez lhes acontecia ajuntaremse num monte, ficando como rasgado o ceo nos lugares, donde se tinhaõ tirado. E se hoje me he licito moralizar o prodigio, por ventura que nos quizesse dizer, como nunca faltaráõ portas no Ceo, por onde possaõ entrar as estrelas, que descairão na terra, se o fogo primeiro lhes purificar as fezes. Mas piamente podemos conjecturar, que a ElRei se dava este avizo, porque tambem se escreve, que o Apostolo S. Bertolameu o visitou no tempo de sua morte. E ainda se diz mais, que Deos o resucitou por grande, & muito raro favor, pera vir confessar hum peccado, que lhe tinha esquecido.

4 Estava em Estremoz quando o citou a morte, que fosse dar conta de sua vida a Deos. Qual será o insensato, que não tema estas contas, nas quaes se puxa por tudo, até pe-

los pensamentos leves, de que não fazemos conta? Tratou logo de lugar, que fosse em seu favor, & saindo dos seus paços do Castelo, onde lhe deu a doença, foi tomar hum leito pobre em casa de seu Padre amantissimo S. Francisco, no convento, que tinha a mesma vila. Ahi escreveu o testamento, sendo já alto senão, como se declara nelle, Domingo 17 de Janeiro de 1367, & feito isto, na seguinte madrugada, em que os 18 dias começavaõ a contar-se, se partio, & despedio do seu Reino. Neste tempo tinha já vestido o nosso habito, invocando sempre em sua ajuda o Patriarca dos pobres, & com elle foi sepultado no mosteiro d'Alcobaça. As entranhas, porque o embalsamaraõ, mandou que ficassem no mesmo convento de S. Francisco, no qual lhe ficou o coração.

5 As graças deste ditoso successo devemos tambem render a o P. Fr. Vicente Amado, que sendo seu Confessor o soube encaminhar. E por isso foi nomeado por elle entre seus Testamenteiros, hum dos quaes era seu filho o Infante D. Fernando, pelas palavras seguintes: *Fr. Vicente Amado nosso Confessor, frade da Ordem de S. Francisco.* Não temos outra noticia, mas esta val por trezentas.

<sup>c</sup> Far. cit. Azur. na Chron. d'El Rei D. 1.º 43. l. p. 3.º c. 43.

<sup>d</sup> Pisan. l. 1.º c. 21.º n. 6.

<sup>e</sup> P. l. 4.º c. 21.º n. 6.

## CAPITULO XIV.

Epitome do Real mosteiro de  
S. Clara de Port-Alegre.

1370

**P**Or morte d'El Rei D. Pedro tomou o sceptro Real o Infante D. Fernando seu filho, & da Infanta D. Constança, & abstrahindo das omissoes, & mudanças, de que se queixou o Reino, podemos nós afirmar, que com elle nos amanheceo hu Astro benigno nas influencias. No mesmo tempo, pera serem multiplicadas as ditas da nossa Religião, principiou em Italia o Sr. Paulo de Trincis a Reforma Observante, q nos honrou pelo mundo, como ira mostrando esta Historia. D'El Rei, o primeiro beneficio notavel, que aqui achou lugar, he a fundação do mosteiro de S. Clara de Port-Alegre nesta forma, q se segue.

2 Avia nesta cidade, a qual então era vila da diocese da Guarda, huas mulheres virtuosas, & devotas, q desejando sacrificarse a Deos de todo o coração, intentaraõ professar na Ordem de S. Clara, & juntar muitas almas, q com ellas servissem a o Senhor. Hũa se chamava *Maria Fernandes*, outra *Elvira Anes*; & não tivemos noticia doutro nome, ne pessoa: mas es-

tas foraõ as principaes fundadoras. O pezo da obra pedia maiores hõbros, pelo q recorreaõ à piedade d'El Rei pera q as ajudasse. Enfadado, & cansado, o acharaõ cõ as guerras da Castela, mas como estava prõro em qual quer occasião pera todos os despachos tocantes a S. Francisco, muito mais do que pediaõ lhes deu. Fez lhes merce dos seus pacos, q tinha na mesma vila, & do banho junto delles, cõ toda a liberdade pera tomare mais calas, & rapare as serventias, & ruas, q lhes fosse necessario. Passouse a provisãõ no anuo do Nacimẽto de Christo 1370: cõ tudo a fundação, por ser obra do serviço de Deos, q sempre encontrou impedimentos, tambem foi dificultada; & sabendo El Rei disso se declarou cõ a vila, & com as Justiças della, dizendo abertamente, q era sua vontade fazer se este mosteiro. A carta foi resoluta, escrita em 21 de Março de 1377, & cõtinha estas palavras.

*Sabede, q nosso calante he que se faça em essa vila hum mosteiro da Ordem de S. Clara, & seja encerrado. Isto era, que se guardasse clausura; & assi o confirmou a Rainha D. Leonor Teles, & depois El Rei D. João I.*

3 Hũa vez, que El Rei mostrava estes empenhos; que licença lhe avia de faltar? Com muita facilidade lhe deu D. Afonso Bispo da Guarda, & com

ella se principiou a casa nas o-  
bras, & no convento, do qual  
foi a primeira Vigaira a dita  
Elvira Anes. E bastando por  
parte da Mitra esta, D. Vaf-  
co seu successor lha tornou a  
conceder em 20 do mez de  
Junho de 1389. Mas notava  
as rezoões, que elle mesmo a-  
legou em favor da Ordem de  
S. Clara: a saber, que isto  
pertencia a o serviço de De-  
os, honra da vila, & credito  
d'ambos os Reinos de Portugal,  
& Algarve. Taes são os mere-  
cimentos desta gloriosa San-  
ta, que os seus mosteiros au-  
torizão, & engrandecem os  
Reinos. E por não faltar o  
mesmo Bispo no que podia fa-  
zer, concedeo a quem com  
suas esmolas ajudasse as obras  
deste mosteiro, quarenta dias  
de indulgencia. Disse tambem  
que o Papa lhes tinha dado li-  
cença, & querendo declarar  
o Padre Gonzaga a qual fora  
este Pontifice, nomeou Mar-  
tinho V: porém não podia  
ser, por quanto elle entrou no  
Pontificado muito tempo de-  
pois da provisão deste Bispo,  
que foi no anno de Christo de  
1417: mas seria d'outro Pa-  
pa. Hũa do mesmo Pontifice  
pretendeo acomodarlhe o Pa-  
dre Fr. Lucas, & foi por in-  
advertencia, por quanto ex-  
pressamente pertence a S. Cla-  
ra de Estremoz, como direi a

seu tempo; & então se mostra-  
rá, que extinguindose de to-  
do esse mosteiro, as suas ulti-  
mas freiras foraõ trazidas a es-  
te, onde ficou sepultada, mas  
com honra, a sua Comunida-  
de. Trouxerão consigo as suas  
rendas, que juntas a que lar-  
gou o convento de S. Francisco  
da mesma vila na Reforma Ob-  
servante, bastão pera poder sus-  
tentarse.

4 Fundouse este mosteiro  
na Obediencia dos Claustraes,  
em cujo governo permanecéo  
muitos annos. Litigando de-  
pois com elles os Observantes  
sobre a posse das casas, lhes to-  
mamos tambem esta: elles a co-  
brãrão logo: mas em fim lha  
tomamos a tomar. Estava ja  
nesse tempo separada da nolla  
de Portugal a Provincia do Al-  
garve, & porque o mosteiro se  
achou no seu distrito, nella foi  
incorporado. Foi sempre de  
muita autoridade, & grande re-  
ligião: deu a primeira Funda-  
dora a S. Clara d'Elvas; & cri-  
ou grande multidão de freiras,  
que caminhavão pera santas:  
porém das antigas não temos  
mais que a fama, & as moder-  
nas pertencem a quem  
for Cronista da dita  
Provincia do  
Algarve.

(2)

a pag. 1016.

b no. 342:  
& in Reg.

## CAPITULO XV.

*Florece nas letras Fr. Thome de Portugal, padecemos muito por occasião das guerras, professã El Rei a Terceira*

*Ordem, & hua sua*

*irmã.*

**Q**ual o Sol, que nunca está quieto, mas com apressado curso se faz presente a partes muito distantes, desse modo o Padre Fr. Thome de Portugal andava em roda viva alumando as escolas com a luz de sua sabedoria. Estudou nas duas melhores Academias, que então avia na Christandade, Pariz em França, & Oxonia em Inglaterra; & grande louvor he seu lustrar muito entre tantos condiscipulos, como cursavão em ambós estes Gêraes. Depois de ter recolhido as agões puras da santa Theologia, foi forçado de rramallas onde fizessem proveito, Pelo que foi assignado por Lente na Universidade de Salamanca, & acabado o seu curso, veio alegrar a Patria com esse mesmo officio nas escolas de Coimbra. Agora, que já corria o anno de 1371, ordenou o capitulogeral, que tambem fosse honrar

sua Mestre, a mesma Ilha de Inglaterra, onde tinha aprendido, regendo hua cadeira na Universidade de Cantabrigia. E com isto se acabão as memorias deste Varão tão illustre, que merecia eterna fama.

Nesse tempo se achava molestada a Prouincia com as guerras de Castela, porque posto que os danos são gêraes a o Reino, nella como mui especial no amor do nosso Rei Dom Fernando sentia mais seus trabalhos, & aquelles, que tocavão a algum convento particular, seu sentimento por todos se estendia. Entrou pela Beira o Rei Castelhaño D. Henrique Segundo, saqueando, & destruindo lugares: não nos podemos queixar de perder respeito a os Conventos, que em fim era Catolico, porém deu occasião com estas suas solturas pera que o nosso Rei pèra segurar a Guarda mandasse lançar por terra, como já deixo escrito o mosteiro de S. Clara, que lhe podia ser padrao. Chegou a cidade de Coimbra, & em quanto sua gente a teve como cercada, o nosso convento velho de S. Francisco da Ponte padecêo a penosa assistencia d'alguns Senhores, & soldados, que nelle se alojaraõ.

a F. Luc. to.  
4. de 1371.  
p. 12.

1372

1371

1.9.c.31.

1373

Na entrada, que fez depois em Lisboa, foram os sobressaltos maiores, & os perigos mais certos. Trabalharam com a cidade os frades, que se pozesse em armas, elles mesmos as tomaram, amotinando o povo pera que lhe resistisse, & póde ser, que lhe importara muito. Mas prevaleceo o medo, com que muitos desemparraram o campo, & os frades recolhendo-se com honra, ainda que magoados, brevemente se acharam no convento com o Rei inimigo Castelhana. Aqui lhe representaram, & afearam alguns a sua resolução (como se fora delicto defender a patria, & Reino) em cuja vingança os mandou ajuntar em duas barcas, & entregallos as inconstancias do Tejo, sem pessoa alguma, que as fosse governando. Porém a sua industria venceu esta crueldade, porque a força do braço se pozerao da outra banda a salvo.

3 Este amor, que mostramos a ElRei, nos tinha elle comprado, & comprava cada dia com mercês, & benefícios, que nos faziam devedores de muito grandes serviços. No anno de 1374 fez aquella devota demonstração, que edificou o Reino, em grande augmento da nobreza Franciscana. Professou publicamente a sua Terceira Ordem, estimando tanto, & por ventura que mais (com tanto amor tra-

tava a S. Francisco) sujeitarse às leis delle, como dar as suas a todos os seus vassallos. Do mesmo estado era (que lhe vinha por herança) sua irmã a Infanta D. Maria, que casou em Aragoão com o Infante D. Fernando, irmão d'ElRei D. Pedro IV. E em quanto não torno a falar nelle, deixarei hua memoria da sobredita Infanta.

4 Falecendo o Infante seu marido, o cunhado por suas conveniencias pertencentes a o Reino a entretinha na Corte, impedindo-lhe tornarse a Portugal. Nesse tempo trazia sempre consigo por licença Apostolica hua freira da Ordem de S. Clara, que lhe fosse companheira, & mestra nos exercicios santos. Tal era o seu exemplo, que vivuando da Rainha D. Antonia Frederico o III, Rei de Sicilia, a quem chamaram o Simple, o Papa Gregorio XI, que o estimava muito, lha inculcou por mulher, dizendo na sua carta, que era honestissima, & insignem na prudencia *honestate, & prudentia insignem*. Não avia hum Pontifice tao tanto de inculcar a hum Rei seu particular inimigo, cujo credito, & augmentos procurava, senão pessoa, com que ficasse legura a sua honra. E bastante era isto pera que certo Autor lhe guardasse mais respeito do que mostrão seus escritos. Residia o Papa em

375

Nun. na  
Chron. d'El  
Rei D. Fern.

Avinhão, & rogoullie que se fosse ver com elle pera ambos tratarem este negocio. Foi a Infanta, levando por companhia a madre, for Caterina Malona, que tinha em sua casa, & persuadida a consentir no matrimonio; mandou o Papa a El-Rei, este alvitte por carta feita a os 5 de Dezembro de 1375. Entregou a hñ frade da nossa Religião chamado *Fr. João do Casal* cõ encargo de lhe dizer por palavra: o que não era possivel relatarlhe por escrito. Mas como elle se ocupou brevemente em tresladar a sua Curia de Avinhão pera Roma, & o Rei falleceo com a mesma brevidade, não teve effeito o casamento. A Infanta se tornou a Portugal, onde acabou o resto de sua vida, & tem sepultura hoje em S. Clara de Coimbra.

## CAPITULO XVI.

He primeiro Inquisidor neste Reino o P. Fr. *Martim Vasques*, & saem muitos da nossa Religião.

**D**esvelavase o dito Papa Gregorio XI, como bõ Agricultor da santa Vinha de Deos, por deparar as raposas embusteiras, que lhe roião as cepas: isto era cõ-

vencer, & castigar os hereges, & scisináticos; que impugnaõ as verdades Evangelicas. Muito se ajudou pera isso dos frades da nossa Ordem, por andarem caejados no serviço da Igreja, & exercicio da santa Inquisição. Oitenta, & oito Inquisidores, instituidos de novo nos contou o P. Fr. Lucas na centuria de annos, que correõ de 1300, até 1400; & mais não deu alcance a todos, nem teve noticia deste nosso Portuguez. E este mesmo Pontifice em sete annos, & tres mezes, que governou a Cadeira de S. Pedro, sem contarmos Commisarios, & Pregadores Apostolicos contra os ditos hereges em Europa, & na Asia; nos deu mais de quinze Inquisidores.

Não está por minha cõta dizer qual foi o primeiro, que ouve na Christandade, porque essa causa se tẽ posto em litigio, & entre partes tão fortes, que se podem defender; & pois não me pede por seu juiz, tanto não quero ser. A verdade nisto he, que nõ tempo, em que esses da contenda começãõ; ainda a nossa Ordem estava por nacer, ou quando muito dispuinha seu nascimento o Patriarca Serafico; que se ella já então fora nacida, & criada, Deos sabe o que seria. Quiz o Padre Fr. Antonio Daça meterse nesta questão, & logo carregou sobre elle toda a ira

J. F. Luc. to.  
4. 2n. 1375.  
n. 36. & 20.  
1377. D. 24.

l. 6. c. 22.  
n. 6.

F. Luiz de  
Souza da  
Chron. de S.  
Dom. p. 1. l.  
f. c. 3. & 4.  
Monarch.  
Lusit. p. 4. l.  
12. c. 22. &  
21.

Ep. 4. l. 5.  
c. 14.

1376

dos homens, que não he tão justificad2 como a ira de Deos. Confessou as primeiras comissoes, & legacias, dando porém a entender, que mais respeito dizião ás pessoas, & casos particulares, que a tribunaes instituidos de novo pera se perpetuarem. Atéqui não merecia censura, & muito menos se dissera, que o Papa Gregorio IX com tanto zelo, & firmeza instituiu estes tribunaes da santa Inquisição, como se fora o primeiro em fazer Inquisidores. Mas acertou de dizer, que deste tempo adiante se considera a sua origem delles, & sobre isto vierão caindo raios. Com tudo salvar-se ha, se quizer, com a sua distincção, polto que parecerá só de nome; & seja sem prejuizo dos que d'antes tiverão este officio.

3. Disse mais, que os primeiros nomeados nesta fórma pela sobredito Papa forão juntamente das duas Religioes Dominica, & Franciscana: ou juntos, ou divididos na fórma, que mais convinha. E tantos forão naquelles primeiros tempos, & em moitos adiante, que disse Francisco Pegna\*, como quem estava muito versado nestas materias, que os dous gloriosos Patriarcas S. Francisco, & S. Domingos derão a os seus frades o exercicio da S. Inquisição. Mas não quizerão aceitarlhe na prioridade esta nossa companhia, sendo assi,

que não lles vai mal com ella: antes o arguirão de erro em dizer, que este Papa inviara a Tolosa os nossos Inquisidores Fr. Estevão, & F. Raymundo, por que era falecido quando elles no anno de 1242 padecerão o martyrio. Folgára eu de saber, em que esteve o erro? Em crever, que em sua vida os mandára o Pontifice? Isto he certissimo, como diz o P. Fr. Lucas\*, que muito bem o sabia. Trabalhâo pela defensão da Fê em quanto elle viveo, & continuando com este proprio zelo até depois de sua morte, os matarão os hereges. Agora me digão onde esteve o erro, porque eu não o conheço.

4. Outros muitos no tempo deste Pontifice, ou por sua comissão, ou pela dos Ordinarios andávão com este grande trabalho\*. No anno de 1229 eraõ em Milão dous frades Inquisidores. No de 1236 discorrião outros dous por Flandres, & França prégando contra hereges, & inquirindo seus erros. Quando chegou o de 1238, avia já muito tempo, que o nosso Guardiã do convento de Tolosa se exercitava nisto. No mesmo anno, & nella mesma comarca era tambem Inquisidor antigo Fr. Serafino de S. Tiberio. Finalmente a o Reino de Navarra destinou no mesmo tempo o dito santo Pontifice o

nosso

\* in Direc.  
p. 9. com-  
ment, 32.

1242. n. 3.

\* F. Luc. 10.  
cit. an. 1229.  
p. 24. & an.  
1236. n. 3.  
an. 1238.  
n. 6. & 7.

nosso Ministro Provincial; & esta sem controversia, foi a primeira nomeação de Inquisidores Apostolicos, independentes dos Bispos, que sabemos em Hespanha. Nem obsta o outro breve mais antigo, que teve o Arcebispo de Tarragona, pelo qual os podia nomear; porque effes lhe eraõ subordinados, nã consta com evidencia, em que tempo se deu a execução. Mas por não nos levantarem, que nos desejamos sós, declato, que nas ditas comissoes os Padres de S. Domingos foraõ nossos companheiros. Na que agora se segue correrá outra moeda; & já salamos no nosso de Portugal.

5 Occupado Gregorio XI em mandar Inquisidores por toda a Christandade, como já deixo escrito, não quiz faltar com elle a este Reino, nem que fosse d'outra Ordem, senão da nossa Franciscana. Mas porque dos seus sujeitos não tinha bastante informação, ordenou a o Bispo de Lisboa, que informandose elle nomeasse por sua autoridade a pessoa que fosse conveniente. Assi o rezaõ estas palavras da bula: *aliquem probum virum, Ordinis Fratrum Minorum professorem, Inquisitorem in dicto regno auctoritate Apostolica depreces.* Foi dada em Avinhão a 17 de Janeiro, no anno 6 do seu Pontificado, do Nascimento de Christo 1376.

Era Bispo D. Agapito Colonna, o que na vila de Alcoutim sendo Legado Apostolico concordou as pazes de Portugal com Castela; & tendo boas noticias do P. Fr. Martim Vasques, Leitor de Theologia no convento de S. Francisco da mesma cidade de Lisboa, o instituiu Inquisidor, do que lhe deu provitaõ a os 18 d'Agosto, no mesmo anno, em que se passou a bula. Expressamente diz nella, que era Leitor no sobredito convento: *Lectorem in Theologia conventus Ulisbonensis.* E não seiz com que rezaõ hum Autor dos nossos tempos lhe chamou natural do bispado d'Elvas, & elle crevêo sua memoria em o convento de Evora, onde tambem assentou a do P. Fr. Rodrigo de Cintra, seu successor no officio da santa Inquisição, tirandoos taõ injustamente do convento de Lisboa, no qual eraõ residentes. Eu lhe dei a noticia de ambos, porque não sabia delles, & contentandose com hũa breve lembrança dos seus nomes, & do tempo, tudo o mais inventou de sua cala. E isto mesmo, que eu agora escrevo, lhe disse de rosto a rosto, depois de imprimir o seu livro: a o que não me pôde responder. *ad os sup*

163 Achiou o mesmo Pontifice, que convinha ajudarem os Bispos, & concorrerem nas despezas, pois com elle ficavaõ

Chronol  
Monast. Lu  
st. p. 2. an.  
1376.

Arche. do  
S. Franc. de  
Lisboa.

aliviados deste trabalho immenso. Pelo que determinou noutra bula, passada no mesmo dia, que cada anno lhe dèssẽm duzentos Florins de ouro; & que o proprio Bispo os repartisse por todas as Igrejas Catedraes. Braga, foi a que se fintou em mais: Lamego, em menos: Guarda, & Sylves, em pãttes iguaes: as outras, pro rata parte conforme às suas rendas; & de todas, a de Evora começõu a pagarlhe d'ante mão. Concluida esta finta, pera que constasse della, lhe deu o Bispo hũa provisaõ de novo, affinada por sua propria mão, no seu paço, ou hospicio de Lisboa a os 10 de Fevenciro, do anno seguinte 1377, como mostra esta firma em Latim. *Agapius Episcopus Ulisbonēsis propria manu subscripsimus Ulisbona, in hospicio habitationis nostrae.* E d'aqui pòdem saber os que sãõ eserupulosos, como elle no bispado fez algũa residencia.

7. Agora nos importa resolver, se foi este o primeiro Inquisidor Apostolico sem dependencia dos Bispos, que ouve em Portugal. O Papa na sua bula diz sòmente, que o Reino não o tinha nesse tempo: *Nullusque ibidem Inquisitor existat.* Mas, a nossa questãõ he, se o teve antes deste. Não o achei atè hoje, & creio, se o õuvera, que já as pãttes interessantes o teriaõ publicado. Não seria necessario, porq̃

sempre este Reino foi mais limpo de herezias; que outros; & agora, que se podia temer dellas, lhe deu o Pontifice o nosso Inquisidor. Se as bulas, com que o P. Fr. Rainerio, da Ordem da Santissima Trindade foi Legado Apostolico em Portugal, lhe deraõ autoridade de proceder contra hereges, com inuito grande vontade o admitira por primeiro: porẽm ellas não lha davãõ, senãõ nas partes de França. O P. F. Vicente de Lisboa, da Ordem dos Prégadores não nos faz opposiçãõ, por ser muito mais moderno, & feitura de Bonifacio IX, que foi eleito no anno de 1389. Pelo que nossa he a Primazia da santa Inquisiçãõ, assi no seu estado antigo por este Inquisidor Fr. Martin Valques, a quem logo outros vãõ acompanhando: como no presente, pelo Padre Fr. Diogo da Sylva, do qual adiante falaremos.

## CAPITULO XVII.

*Passa o Pontifice de Avinhãõ pera Roma, nasce scisma na Igreja, trabalhamos contra elle, & entra tambem na nossa Ordem.*

Vendo setẽta annos, que a Curia Romana estava em Avinhãõ

h Altus p.  
1, 1, 1, 1.

h Agiolog.  
Lusit. tom.  
1. Ian 5. l. A  
F. Alf. Fern.  
in Concess.  
Præd.

1377

1378

com

com grandissimo dispendio dos Estados da Igreja, & de toda a Italia; aconselhado de Deos, & juntamente dos homens o dito Papa Gregorio XI a transferio pera Roma. Mas não avia de determe em propor o tempo desta mudança, se não fora necessario pera salvarmos o anno, em que disse serem passadas as bulas do Inquisidor Fr. Martin Vasques. Suponho pois com a sentença mais certa, que foi eleito a os 30 de Dezembro, no anno do Nascimento de Christo 1370. E assi igualmente foraõ correndo do principio até o fim com estes annos de Christo os do seu Pontificado: de tal modo, que o de 1371 foi o seu primeiro anno; & multiplicados pelo tempo adiante nesta forma, o de Christo 1376 era o 6 do Papa. Neste anno assentei a data das suas bulas, como nella se continha: nem isto padecer duvida, & só Platina na vida deste Pontifice nos embarçou agota. Eu disse, que as bulas se deraõ em Avinhão a 17 de Janeiro do anno assina dito, & elle diz, que a os 13 assistia já em Roma: no que ha contradicção. Mas o seu erro seria do Impressor, por quanto diz claramente, que isto fora no anno 7 do seu governo, o qual corria pelo de Christo 1377, & nesse chegou a Roma. Com tudo a maior parte do anno ante-

cedente esteve em Avinhão, & lá expedio as bulas.

2. Pouco tempo se logrou os grandes bens desta mudança da Curia, porque a 27 de Março de 1378 faleceõ o mesmo santo Pontifice, cuja vida se fora mais dilatada, mais quieta ficara a Christandade, & mais ditoso o mundo. Tudo isto nos tirou a eleição do Papa Urbano VI logo no Abril seguinte, porque rebelando os Cardeaes contra elle, ofendidos da sua rusticidade, ou por interesses proprios, elegerão Anti-Papa, chamado Clemente VII, & com elle, deixando a Urbano em Roma, tornarão a Avinhão. Não ouve scisma em a Igreja de Deos, que tanto a molestasse, assi pela duração quasi de 40 annos até o Concilio de Constança, além do qual ainda continuou, posto que enfraquecido: como tambem pelo diferente sequito dos Principes Christãos, que fluctuando em duas opiniões, huns seguiaõ o Anti-Papa de França, outros o Papa de Roma, cuja causa na verdade era mais justificada.

3. Foraõ reveladas a nosso P. Serafico estas grandes afflictões de toda a Christandade, & raes-lhas representarão, que affombrado o Santo gemia, chorava, gritava, & com as mãos levantadas a o ceõ pedia a Jeju Christo, que usasse co o mundo

F. Lucio  
4. In. 1376.  
p. 15.

os. 30. J. V.  
27. 1. 1376.  
p. 15.  
2. 1. 1376.

eb. 1376.  
ab. 1376.  
1376.

6 F. Marc. p.  
1. J. 2. c. 27.

de sua misericordia<sup>b</sup>. E de-  
jando tambem da sua parte ata-  
lhar a tantos males, ordenou  
expressamente no Testamento,  
& Regra, que sempre estejamos  
obedientes, & firmes a os pés  
da santa Igreja Romana. Por  
ler esta a nossa obrigação, o  
nosso S. Fr. Pedro, Infante de  
Aragão, sendo muito inimigo  
de assalhar favores, que rece-  
bia do Ceo, no principio do  
scisma clamava publicamente  
como Deos lhe revelara, que  
Urbano VI. era verdadeiro Pa-  
pa. Isto mesmo respondeo em  
Guimarães, como já tenho es-  
crito<sup>d</sup>, o S. Fr. Rodrigo a os  
Embaxadores da Rainha de  
Castela, que o mandou consul-  
tar. E bem podemos dizer, que  
muitas vezes nos assistio o Se-  
nhor consolandonos, & deten-  
dendonos, quando pelo Anti-  
Papa nos fazião violencia. Re-  
solvose o Rei de Castela, filho  
da dita Rainha, em jurallo por  
cabeça da Igreja no nosso con-  
vento de Salamanca. Estava  
disposto tudo, & nada faltava  
mais, que esperar pelo dia. Os  
frades porém andavaõ como  
pelinados: sentiaõ a desgraça  
do seu templo em o fazerem  
teatro desta acção execranda,  
& choravaõ o labéo, com que  
podiaõ ficar na opiniaõ da gê-  
te. Compadeceose o Ceo de  
suas tribulações, & estando já  
El Rei com a Corte pera sairem

6 F. Luc. to.  
cit. an. 1378.  
p. 4.  
d p. 1. l. 1. c.  
21. n. 2.

do paço, tal tormenta lhe ar-  
mou de ventos, de chuva, & de  
trovoões, que não poderaõ sair,  
& a festa desmanchouse.

pic. Conf.  
11.  
F. Luc. tom.  
cit. an. 1381.  
p. 3.

4. Notavel foi neste ponto  
a grande resolução dos nossos  
frades Portuguezes, quererein  
antes rasgar a vestidura Francis-  
cana dividindose da Provincia  
de Sant-Iago, na qual estavaõ  
unidos, que comunicar com os  
outros Castelhanos, & Galegos  
depois de serem scismaticos. Es-  
te proprio espirito, & na verda-  
de Franciscano, desterrou dos  
contornos de Galiza pera este  
nosso Reino, que estava pelo  
Papa, a os nossos Fundadores  
da Regular Observancia: mas  
disto se tratará adiante. E foi  
tanto neste caso o seu zelo, que  
Bonifacio IX, successor imme-  
diato de Urbano, lhes rendeo  
as graças delle, concedendolhes  
por premio, & muito acomoda-  
do a devaçãõ d'aquelles benedi-  
tos Padres, hũa licença geral  
pera que na hora de sua morte  
elegessem Confessor, que po-  
desse absolvellos de todos os  
seus peccados.

Arch. de  
S. Franc. de  
Viana,

5. Não obstante tudo isto,  
tambem o scisma entrou naõ ofe-  
la Religião, como correõ pelas  
outras. Consideravaõ os frades,  
que a causa era muito contro-  
versa, & fundada em diversos  
pareceres de gravissimos letra-  
dos, huns dos quaes defendiaõ  
a Clemente, outros estavaõ por

Urbano, & parciais: ferli-  
cito seguir este, ou aquelle. O  
que mais os obrigava, era o du-  
ro imperio dos Senhores secu-  
lares; em cujas terras moravão,  
porque não lhes consentião re-  
conhecerem por Papa, senão o  
que elles aclamavão; & assi fosse  
qual fosse o coração, a esse obe-  
decião. Deste modo entrou o  
scisma na nossa Religião com  
dous Ministros Geraes, hum da  
devação de Roma, outro do fe-  
quito de França, que corria por  
espanha. Em Portugal ouve  
nisto novidades, nacidas da in-  
constancia del Rei D. Fernando,  
por quanto o mesmo era ter el-  
le pazes com Castela, que fazer  
a este Reino scismatico. Com-  
tudo; dos nossos frades não al-  
cancei até hoje, que dessem obe-  
diencia senão a o Pontifice de  
Roma, & a o Ministro Geral,  
que seguia o seu bando.

## CAPITULO XVIII.

*Contem alguns dos favores,  
que nos fez El Rei D. Fer-  
nando: dous Confessores, que  
teve da nossa Ordem: sua  
venturosa morte, & se-  
pultura em San-  
tarém.*

1383

**M** Ascavada pelo Rei  
no anda a sua memo-  
ria com a nota d'al-

guns vicios, froxidão, & incont-  
tancia; & peior ainda fora se não  
tivera muitas virtudes moraes,  
com que purgar essas fezes. Foi  
de ferro, ou de barro como ho-  
mem; que todos são miseraveis:  
não lhe posso negar isto: mas  
tambem avemos de confessar,  
que com esse metal baixo se li-  
gou o fino ouro do espirito  
Real. Deixo as perfeições da  
pessoa; que per si era digna de  
Imperio. A condição, na ver-  
dade foi de Principe: tão libe-  
ral, que inclinava a prodigo:  
afável por excellencia; & ele-  
mente sem mistura de vingança,  
nem de odio. Amava muito a  
gente religiosa; por entender  
que servia bem a Deos; & d'a-  
qui lhe procedeu a devação,  
que nos tinha. Sobre isto, &  
he o que mais importa: na vida  
não se esqueceo da morte, & na  
morte trabalhou muito pera al-  
cançar a vida; q' nunca ha de  
ter fim. Adiante falaremos no  
que pertence a morte: aqui ave-  
mos de ver, como ella na lem-  
brança lhe era muito presente.  
2. Bem notorio foi isto em  
eleger por seu pae; cuja vida  
ouvesse de imitar; o Patriarca  
Serafico, que andando crucifi-  
cado com Christo, em suas cha-  
gas santissimas lho representava  
morto. Professou a tua Regra  
Ferreira, revestindo com o ha-  
bito hũa nova afeição, com que  
sempre nos amou. Que maior

gloria

gloria podia hoje lograr a nossa santa Provincia, que aver recebido, & criado nesta veneravel Ordem dos Terceiros seculares tantas pessoas Reas, como vai mostrando esta Historia? Se me puzer a contar as mercês, que nos fazia, será pouco menos, que empenhar-me agora em dar numero certo às muitas estrelas do ceo. Pouco ha, que falei na fundação de S. Clara de Port-Alegre: parte do mais se verá nas relações dos conventos.

3.º Hum privilegio nos deu que nós estimamos muito por ser carta d'alforria em hū grande cativo. Neste estado nos tinhaõ posto as guerras, q̄ sempre foraõ origem das maiores liberdades, pela muita, que todos tomavão sobre os nossos conventos, fazendo delles cada dia estalagem, ou retiro de suas recreações. Se nos vierão buscar sómente por devação, poderão dissimularse, ainda que importunos: mas elles de ordinario vinhão com detrimento nosso, por suas comodidades. Gastavão nossa pobreza, divertiaõnos do coro, perturbavão a nossa quietação; & era muito peor, que traziaõ companhias indecentes, com as quaes escandalizavão frades, & ofendiaõ a Deos. Queixouse o Ministro Provincial a ElRei, que logo mandou sob pena dos seus en-

couros; os quaes eraõ seis mil soldos, que nenhũa pessoa, ainda que Titular, ou Prelado Ecclesiastico pouzasse nos sobre ditos conventos sem licença expressa do mesmo Provincial. Quem elle fosse, & qual era o seu nome, declarou na provisaõ, que foi dada em Salvaterra de Magos a os 26 de Março do anno do Nascimento de Christo 1383, dizendo estas palavras. *Fazemos saber, que Fr. Fernando d' Astorga Ministro Provincial da Provincia de Sancto-lago, nosso Confessor nos disse &c.* E fique isto advertido pera quando importar.

4.º O segundo Confessor dos que acho, que teve da nossa Ordem, foi o P. Fr. João Rodrigues, o qual esteve presente quando elle em Alinada no mesmo anno, em o primeiro de Junho reduzio a escritura a instituição da sua Real capela no nosso convento de Santarém; & claramente nos disse o Escrivão, como era *Confessor do dito senhor Rei*. Temos visto, que o P. Fr. Fernando dous mezes antes fazia este officio: avemos tambem de ver, como entrou pelo reinado d'ElRei D. João I; & com isto assentamos, que neste proprio tempo tinha ElRei D. Fernando juntamete a estes dous Confessores. Mas isso era, porq̄ os nossos Ministros Provinciacs em rezão da dignidade

Arch. de  
S. Franc. de  
Lisboa.

quasi

quasi por estilo logravaõ esse lugar, & os Reis a o menos pera as suas ausencias tinhaõ deputados outros. O padre Fr. Joaõ Rodrigues, sendo El-Rei falecido, aceitou ser Guardiaõ da casa de Santarèm pelos annos de 1387; por servir de Capelaõ ao mesmo Rei defunto, que em sua vida o teve por Cõfessor.

5 Outro sinal manifesto de andar com o sentido na morte foi o cuidado, que teve da sepultura. De sua insigne fabrica, em particular no sitio: da capela, que alli instituiu: dos capelaes, que poz nella, com tanto que fossen frades: dos salarios, que pera isso deixou: da tresladação; que fez do corpo de sua mãe a Infanta Dona Constança da Igreja de S. Domingos pera o mesmo lugar: da disposiçãõ destas duas sepulturas; & do estado, em que acháraõ seu corpo, quando a sua se mudou: temos dito o que basta pera o nosso intento. Fica tambem declarado, que sua molher a Rainha D. Leonor nunca lhe fez companhia no lugar da sepultura, por quanto ella em Castela, pera onde a leváraõ, lhe foi dada. Agora ouço dizer, que a tem no claustro dos Mercenarios em Valhedolid; & seja onde quizerẽ, porq̃ não lhe devemos tanto, que nos matemos por isso.

6 Conhecendo que o buscava a morte, amortalhou se primeiro porque não o estranhasse; & vestido no nosso sagrado habito, nesta figura penitẽte esperou a sua vinda. Grãde devaçãõ foi esta, porẽm ainda fez mais no que agora escrevo. Representou a N. P. santissimo como ja era seu filho: na profissãõ, da sua Terceira Ordẽ: & no habito, da Primeira. Pediolhe, que não o desemparrasse, como não desemparrarã a D. Fernãdo Rei de Castela, por alcunha o *Emprazado*; que se era pecador, & muito grande, tambem o outro o fora. E bem se vio como por aqui andava S. Francisco cõ sua intercessãõ, porque estava muito inteiro na Fẽ: porẽm na dor dos pecados magoado; & cõtrito. Cõfessava cõ humildade de publico; que muito mã conta avia de dar a Deos do governo do seu Reino, que elle lhe tinha dado. E como saõ perigosas estas contas!! Quando vio a Christo sacramentado, que era o seu Viatico na partida desta vida, lavando cõ as lagrimas dos olhos o estrado do seu leito, soluçava, gemia, & instava q̃ usasse com elle de sua misericordia. E não he este o amoroso Senhor, que vinculou a piedade a o primeiro gemido dos pecadores? Si he, ninguem mo pode negar. Confiança pois me fica, pera ciudar, que tantos gemidos,

fil. Conf.  
s.  
Nua. ua sup  
Chion.

cit. 1, 4, c.  
11, 2, 4.

Arch. de S.  
Clara de  
Sant.

cit. 1, 4, c.  
22, & 29.

Far, ao E.  
pit. p. 2, c. 10  
n. 22.

& tão amargosas lagrimas disporião a este Rei penitente pela sua salvação. Aprendaõ delhe pelo menos a morrer, os que não sabem viver. Com estas demonstrações tão christãs, & tão devotas humilhou o scetro Real a o alfange da morte nos seus paços do Castelo, em Lisboa, a 22 de Outubro de 1383.

7. Nos vassallos, & validos se vio por experiencia como o Sol, que se põem, pouca gente o adora. Menos fidalgos lhe fizeram assistencia; dos que deviaõ fazella; que os ingratos são muitos. Com tudo os nossos frades, como mais agradecidos, o levãrão em seus hombros a o convento de S. Francisco, onde foi depositado na sua capela mor, & d'alli tresladado á sepultura de Santarém.

8. De sua morte naceo a grande tribulação, em que logo começamos a gemer por occasião das guerras. Não deixou filho herdeito, senão a Infanta D. Brites, que estava casada com El Rei D. João o I de Castela, & aviaõ de succeder no reinado com algũas condições, que andão expressas em outros livros. O Castelhana faltou nellas, perdendo por apressado a justiça, que podia alegar para o Reino. Cortoulhe porém os serpes por parte de Portugal o grande Mestre d'Aviz D. João, meio irmão deste

nosso Rei defunto, filho ilegitimo de seu pae El Rei D. Pedro, & de D. Tereza Lourenço, o qual começou como Regente, & depois continuou como Rei, chamado D. João I, por sobrenome *de boa memoria*. Mas em quanto vai firmando o seu Reino nós mostraremos o modo, com que se fez a nossa santa Provincia.

### CAPITULO XIX.

*Levantamos, & dividimos da Provincia de Sant-Iago a nossa de Portugal; & que motivo tivemos.*

**C**Randemente florescia em Portugal, neste tempo a nossa Religiaõ. As Comarcas, ou Custodias, por onde se estendia, eraõ tres: de Coimbra, de Lisboa, & de Evora. Os convetos vinte & seis: dezasete de frades, & nove de freiras, sem contarmos o convento de Marrocos, q pela fereza d'aquella barbara gente padecia notaveis intercadencias. As pessoas eraõ muitas, & tão luzidas como you mostrando nestes escritos; & não lhes faltava mais, que dividirem se dos Castelhanos, & Galegos, fazendo corpo por si em particular Provincia. Desejavão occasião para isso, a qual agora lhe

ofereceo

oferecêo o tempo, & tão boa, como elles a podcrião pintar.

2 Estavão em guerra viva os dous Reinos de Portugal, & Castela, & com as portas fechadas a toda a correspondencia. Os frades Castelhanos, constangidos do seu Rei, seguião o Anti-Papa, & a o seu Anti-Ministro Géral: os Portuguezes, a o Papa, & Ministro Géral verdadeiros, & legitimos. Com isto os Portuguezes, que não podiaõ, nem queriaõ comunicar com os outros por quanto eraõ scismaticos se ajuntarão num corpo estabelecêdo, & confirmando em si a mesma Provincia de Sant-Iago, a qual na realidade se estendia por Galiza, & Castela. E do modo, que no Ministro Géral, & Provincias da sua obediencia perseverava todo o corpo da Ordem, posto que as outras effivessem rebeladas: assi tambem no Ministro Provincial deste Reino, & nos seus conventos, que obedeciaõ a o Ministro Géral, permanecêo na verdade, & sustancia a sobredita Provincia. Disse o P. Gonzaga<sup>a</sup>, que esta separação se fizera em o anno de 1378: porém não era possível, como bem advertio o Annalista<sup>b</sup>, por que ainda então não se tinha declarado pelo Anti-Papa El-Rei de Castela, nem as guerras começaraõ a arder com o maior

rompimento, senão passada a morte do nosso Rei D. Fernando; & por isso no de 1384 o acomodo melhor.

3 Nesse tempo se achava neste Reino o P. Fr. Fernão de Astorga Ministro Provincial de toda a Provincia, antes q̄ nella ouvesse alteração. E consta, por que a os 26 de Março de 1383 pedio a El-Rei a provisãõ, que assim apontei<sup>c</sup>: a os 13 de Janeiro de 1384 revogou tambem hum prazo em S. Clara d'Entrambos os Rios<sup>d</sup>; & no principio do anno 1386 estava no cereo de Chaves em companhia d'El-Rei<sup>e</sup>. Nesta forma foi perseverando sempre com o nome, & officio de Ministro da Provincia de Sant-Iago, & quando chegou o tẽpo de eleger successor, os tres Custodios, & todos os mais Vogaes, q̄ avia neste Reino, congregados em capitulo fizeram a eleicãõ, continuãdo cõ ellas pelo tẽpo adiante. Isto proprio faziaõ os Castelhanos na parte, q̄ lhes ficou, ainda q̄ nullamẽte, porq̄ em rezãõ do scisma não tinhaõ Provincia legitima, nẽ Prelados, nẽ Ministros. E assi no mesmo anno de 1384, q̄ era nosso Ministro o sobredito Fr. Fernando, tinham elles por Ministro a Fr. Pedro Segudes, o qual tresladou o corpo do S. F. Rodrigo a o convêto de C, amora. Desta tresladação testifica o epitafio, q̄ estã no seu sepul-

<sup>c</sup> c. 13. n. 3.

<sup>d</sup> Arch. de S. Clara do Porto.

<sup>e</sup> Lopes aa Chron. d'El Rei D. Iosã Lp. 2. 665.

<sup>a</sup> pag. 791.

<sup>b</sup> tom. 4. no. 1378. n. 10.

cro: anda porêm viciado em o numero dos annos. Escrevêo o P. Daça<sup>s</sup>, que fora feita no anno de 1484: os PP. Gonzaga<sup>s</sup>, & Fr. Artur<sup>b</sup>; no de 1584: mas ou elles não tiverão informação verdadeira do dito letreiro, ou elle está errado. E prova disto serà, porque no anno seguinte de 1385 concedêo o Anti-Papa a este mesmo Ministro, que podesse graduar de Mestres a os letrados seus subditos<sup>b</sup>. Pelo que no anno d'antes, he certo que servia de Ministro, & que tresludou o Santo. Aprovou, & cõfirmou o Ministro Gêral a nossa separação: mas não foi Fr. Leonardo de Gifoês como achamos escrito<sup>t</sup>, porque esse no principio do scisma logo seguiu a Clemente, que o fez seu Cardêal, & Urbano o privou do Ministração da Ordem; & assi seria outro.

4 Neste estado, & com este apelido de *Provincia de Sancti Iago* ficamos por entãõ os Portuguezes, divididos dosestrãgeiros em grande soma de annos, aprovado dos Põtifices de Roma, & recebido gèralmente dos frades, & seculares. Estava isto porêm tão pouco sabido hoje, que me vejo obrigado a provallo com testemunhas, & se a prova for grande, quem se enfiar pòde passalla em claro, porque tudo he o mesmo.

5 Digaõ pois os primeiros Fundadores da Regular Observancia, com que rezão edificarão a sua primeira casa no Reino de Portugal, como ainda veremos, se o breve de Bonifacio IX, dado no anno de 1392 dizia expressamente, q̄ fosse dêrro dos termos da Provincia de Sancti Iago, *infra Provinciam S. Iacobi*? Claro he, que nós haõ de responder, que entre nõs estava essa Provincia. Isto mesmo entendia o dito santo Pontifice, porque querendo no anno de 1398 cõcordar as controversias do Ministro com os Frades, & Custodios de Coimbra, & Lisboa, que se dirãõ adiante, ordenou que viessem pera isso dous Visitadores da Provincia de Inglaterra, chamando a esta nossa *Sancti Iacobi*, que vêm a ser de *Santi Iago*. E se o Padre Fr. Lucas<sup>t</sup> destas proprias palavras quiz inferir contra nõs, que ainda nesse tempo as Custodias de Portugal não estavãõ separadas em particular Provincia, eu digo, que si estavãõ, porêm na mesma Provincia, que se conservava nellas; & as outras pelo scisma já ficavãõ desmembradas do seu corpo. Por esta mesma rezão os Religiosos de S. Francisco de Evora no anno de 405, escrevendo hum assento de sufragios em favor de Clara Anes disserãõ, que pera isso lhes tinha dado

(P. A. L. C. 1)

§ P. 740.  
in Marty-  
col. Franc.  
Lun. 13.

§ F. Luc. to.  
cit. an. 1385.  
n. 3.

§ Gonzag.  
pag. 793.

§ tom. cit.  
an. 1398.  
n. 3.

Arch, do  
mesm.o  
Convent,

p. 1. 1. r.  
c. 23. u. 2.

licença Fr. Vasco Pereira *Ministro da Provincia de Sant-Iago*.  
 Tambem Fr. Vasco Rabiche, que governava sómente a os nossos Observantes deste Reino, em hũa apelação, a qual temos referido, no anno de 407 declarou como era seu Vigairo, *in tota Provincia S. Iacobi*, por toda a Provincia de Sant-Iago.

6. Sobre tudonfaz prova evidentissima a Carta testemunhavel, que se deu a Fr. Estevão pera ser recebido o seu voto em Capitulo geral. Foihe dada pela festa da Epifania de 408, no convento de Santa-rem, onde entrão a Provincia celebrava seu capitulo. Concorrerão os Custodios de Coimbra, Lisboa, & Evora: nenhum dos outros, que tocavão a Castela, & Galiza, se achou aqui presente. Só estes tres votarão em *Custos Custodum*, o qual era Compromissario, ou Procurador de todos, & avia de ter voto no sobredito capitulo: elegerão a o dito Fr. Estevão, & declararão na carta, que os Custodios da Provincia de Sant-Iago, *Custodes Provincia S. Iacobi*, tinham feito esta sua eleição. Onde consta, que só estes pertencião à Provincia, & que ella em Portugal tinha agora assento. E por isso aquelle Tabalião de Lisboa, que no anno de 412 em 23 de Maio escrevêo hũa

Arch, de  
S. Franc. do  
Alaq.

licença de Fr. Afonso d'Alpraõ pera que a Abadessa de S. Clara fizesse empraçamentos, lhe chamou tambem *Ministro da Provincia de Sant-Iago*.

Arch, de  
S. Clara de  
Lisboa.

7. Nem eu achei até hoje, que correndo este tempo se lhe desse outro nome. Disse outro Escrivão a os 10 do mez de Maio de 407, numa licença semelhante, que a concedia o dito Fr. Vasco Pereira *Ministro da Ordem de S. Francisco de Portugal*. Disse mais ElRei D. João I em hũa provisão de 4 do mez de Março de 412 sobre hum breve, que ainda avemos de ponderar, como lho tinha mostrado o mesmo Fr. Afonso de Alpraõ *Ministro da Ordem de S. Francisco no seu Senhorio de Portugal*. Com tudo não ouve, quem lhes chamasse *Ministros da Provincia de Portugal*; porque ainda não avia tal Provincia, como brevemente ouve: mas era a mesma de Sant-Iago na forma, que tenho dito. E com isto me lanço já de mais pro-  
va.

Arch, de  
S. Franc. do  
Porto.



## CAPITULO XX.

He confirmada a divisão da  
Provincia: toma o nome de  
Portugal, & novo selo:  
contão-se alguns Pro-  
vinciaes.

**P**elo que fica escrito nos consta com evidencia, que esta nossa Provincia até o anno de 442 permaneceu separada de Galiza, & Castela, & nunca perdeu o nome de Provincia de *Sant-Iago*. Mas não parou nesse tempo, antes chegou a o anno de 417, no qual foi eleito o Papa Martinho V; & acabado o scisma, posto que teimosamente D. Pedro de Luna o queria sustentar, toda a Igreja se unio na sua obediencia. Do mesmo modo tambem se unirão entre si a sombra de hum Ministro Geral as partes da nossa Religiao, que estavam desmembradas. Com esta occasião os Castelhanos, & Galegos, que já não eraõ scismaticos, pretendẽrão reduzir-nos a o estado antigo de estarmos misturados com elles no corpo d'ũa Provincia. Valeo-nos porém a muita justiça, com que aviamos feito a nossa separação; & assi se decretou, que fossem duas Provincias, hũa pe-

ra elles, & a outra pera nós; & cada hũa ficasse com os conventos, que tinha.

Tambem lhe deixamos o seu mesmo apelido, o selo, & lugar de precedencia, que d'antes lhe pertenciaõ; que quem deseja concerto, por se livrar de litigios, não repara em cortar muito por si. Ficaraõ com o titulo de *Sant-Iago*: nós tomamos o nome de *Portugal*, tão honrado como se sabe no mundo. O selo tinha consigo o Ministro Fr. Fernando de Astorga quando cá perpetuou a Provincia, do qual elle usou sempre, & todos seus successores: mas agora lho tornamos; & por dar gosto a os que são curiosos lles dou noticia delle. Cortavase o esseudo com duas faixas em tres partes. Na mais alta aparecia *Sant-Iago* lançando a benção a os Romeiros, com hũa estrela junto do braço direito, por estar em *Compostela*, que he *Campo da estrela*; & hũa viciã a par do braço esquerdo, outra sobre a cabeça: divizas muito notorias dos mesmos Romeiros, que visitão suas sagradas reliquias. Tres delles estavaõ ajoelhados na outra parte do meio, que lhe pedião a benção. Mais abaixo, nosso santissimo Padre, que o tinha visitado; & por sua humildade sempre se achou melhor em os lugares mais baixos. Com elle achã teladas hũa pa-

Arch. da  
Sé de Coim  
bra. & de S.  
Franc. de  
Lisboa.  
6 Grnzag.  
pag. 55.

tentes antigas: agora ulão de outro. O selo, que fizemos em competencia deste, imprimia a imagem de S. Antonio, filho da nossa Provincia, à mão direita: na esquerda, S. Vicente, cujo corpo descansa em Lisboa: por cima hum Crucifixo entre dous corvos, que pertencem a o dito S. Martyr; & por baixo, hum frade ajoelhado: com esta orla seguinte. *S. Provincia Portugalia: o que queria dizer, Selo da Provincia de Portugal.* Ainda hoje se guarda no mosteiro da Ribeira, & no convento de Gouvea selada com elle hũa Carta de irmandade. Neste tempo temos outro, que começou na Observancia, & não tem aqui lugar.

Finalmente lhe deixamos o da sua precedencia; que d'antes tinha entre as outras Provincias, contentandonos com o que pelo tempo da nossa separação nos podia pertencer. E nesta conformidade no Catalogo da Familia Cisimontana, ella tem o undecimo lugar; a nossa o quarto decimo; & da Nação de Hespanha, sendo a nossa a quarta, a sua he a terceira. Deste estilo, que corre na divisaõ dos bispados, & parochias, usamos tambem na divisaõ das provincias, porque não se considera em ordem à precedencia o distrito, & conventos, que se pertencem, senão só o nascimento d'aquelle corpo politico, que se

levanta de novo, & desse tempo por diante se começa a sua antiguidade, sem prejuizo da mãe, que lhe deu a origem, & principio. Pelo que as Provincias do Algarve, & S. Antonio, quando sairão da nossa de Portugal: esta nunca se tirou do seu lugar, & as outras foram tomar adiante os assentos, que então estavaõ desocupados. A do Algarve, no Catalogo da sobredita Familia está no numero 30: a de S. Antonio, no de 45.

Ficando assi corrente a nossa separação, foi eleito em Ministro a seu tempo o P. Fr. Gil Lobo, por outro nome de *Tavira*, & pelo costume de pedir confirmação a o Ministro Geral em quanto durou o scisina, agora que lha pediamos, era elle falecido: mas concedeo no anno de 421. o Cardeal Jordão Ursino, Protector da nossa Ordem, por comissão do Papa Martinho V. Contra este costume temos hoje prescripção: não he comtado justiça, que a tenha sobre os Provinciales, que então nos governarão, o nosso esquecimento. Nomearei os que tenho encontrado por algumas escrituras; & quasi de todos se ha de fazer ainda muito honrada memoria.

F. Fernando d'Astorga, Castellhano, era Ministro de toda a Provincia de Sant-Iago, &

principiou a nossa de Portugal na forma, que tenho dito, separada de Castela.

Fr. Vasco Pereira, Portuguez, governou no tempo, que declarei, & ainda governava a 10. de Dezembro de 410, quando a Abadessa de S. Clara de Lisboa em virtude da licença, que elle lhe tinha dado, emprazou hum olival *afima de S. Maria do Paraiso, onde chamão Val de Cavalinhos*. Hoje está a Senhora noutro sitio na cidade, & bem conhecido nella.

Fr. Afonso d'Alprão, natural de Santarém, governava a Provincia no anno de 412. E foi tambem Vigairo Geral.

Fr. Rodrigo, que foi seu sueffor no Ministrado, confirmou em S. Clara d'Entrambos os Rios hum prazo, que elle já confirmara. Começou em Latim a sua firma, & acabou em Portuguez; mas já não se lê o apelido. *Minister frater Rodericus. confirmo este prazo.*

Fr. Gil Lobo entrou no governo deppois que os Castellanos, defenganados da sua pouca justiça, levavão melhor a nossa separação. E devia ser macebo, porque muitos annos adiante o

paçoões de cre-  
nossa d'ito.

## CAPITULO XXI.

*Particulares excellencias desta Provincia de Portugal.*

**S**endo abendiçoadas do Patriarca Serafico todas as suas Provincias, a esta de Portugal, sua filha Primogenita nos Estados deste Reino, deu por benção que fosse a mais antiga em tempo, a primeira nos favores, & a maior no imperio. Todas tem muito de que se possa prezar: são estrelas do Firmamento Serafico, que firmosas em si mesmas alumião a Igreja. Não pretendo acanhalas pera virem adorar esta irman tão mimosa de seu paes: senão só, que lhe dem os parabens, pois a gloria se conjuicava a todas: que as filhas a reconhecão por mãe; & as outras, pelo menos a respeitem por mais velha. Não recorro tambem, pera fazella maior, ás grandezas da Provincia de Sant'Iago, da qual se originou, porque essas propriamente são tuas; & ellas nós tem fiado nos conventos, que ainda possuímos: nos outros, que foraõ nossos, & agora são alheos: nas Custodias, que com todas as suas prerogativas entraraõ nesta Provincia; & deppois se extinguiraõ; & no

que

Arch, do  
mesmo  
moft.

Arch, de  
S. Clara do  
Porto

Genel. 37.  
vers. 9.

c. 24.  
vers. 60.

que ella rem obrado até hoje em todos os seus estados. Mas seria proceder a infinito, se intentáramos recopilar aqui tudo: diremos só algúas cousas notaveis: o demais se achará espalhado nestes livros.

2 A primeira excellencia se funda na honra do seu principio: em ser filha primogenita neste Reino de N. P. santissimo, principiada por elle, & alçada pelos seus santos Discipulos. O mesmo Santo Serafico santificou com os pés descalços, & penitentes grande parte do distrito, por onde ella se estende, caminhando pela Beira, Tralos Montes, & Entre Douro, & Minho. Em Guimaraes deu vida a húa moça defunta: em Bragança fundou o convento mais antigo da nossa Religião, que temos em Portugal. Brevemente chegarão os seus amados Discipulos S. Gualter, & S. Zacarias, que nos fizeram quatro insignes conventos em Alanquer, Guimaraes, Lisboa, & Porto: outros Discipulos fundarão o de Coimbra. Destas raizes tão santas ramos santos deviaõ tambem nacer. E foi tal a santidade (Deos nos queira conservar), que esta nossa Prouincia entre todas as Prouincias da Ordem com grande veneração se chamava a *Santa* por excellencia.

3 Subio tambem como

santa a o estado de Prouincia: não por meios, que fossem escandalosos, de aduersão a os estranhos, ou ambição de se governar per si, & pelos seus naturaes: mas com intento mui santo, de estar sempre sujeita a os pés da Igreja Romana, & do verdadeiro Papa. Como poderá dizerse, qual foi sempre, & era o seu espirito? A poucos passos andados da sua separação recolheu o estado da Regular Observancia: logo consentio, que fizesse muitas casas, & lhe deu outras das suas. Ainda não se sonhava em toda a nossa Ordem em fazer Recoleição, que apurasse esta mesma Observancia, & ella a tinha posto em pratica.

4 Deste espirito nobre repartio com suas filhas na divisão de Prouincias: mas se as vestio de novo com os retalhos da sua capa antiga, ainda lhe ficou muito, com que se possa cubrir. Dotou a húa o distrito da Custodia de Evora, & ficou com os outros mais antigos de Coimbra, & Lisboa. Deu a outra (& ambas são conhecidas) grande parte dos primeiros conventos da Observancia: guardou porém pera si Matozinhos, & S. Paio, com as casas de Alanquer, & Leiria, as quaes brevissimamente se tinhão feito Observantes. Deu tambem no mosteiro da Cõceição de Beja o primeiro

Arch. da  
Camota,

ep. 1. 1. 1. c.  
2. & 3.

l. cit. a. 7.  
10. & 40. l.  
1. c. 1. & 28.  
l. 4. c. 6. n. 4.  
c. 8. o. 3.  
e ad Rom,  
11. vers. 10.

cit. l. 1. c.  
24. n. 4.

de freiras da Observancia, & reteve em S. Clara de Lisboa o primeiro dos antigos, que nella se reformou. Desta Provincia foraõ os mosteiros primitivos das freiras da primeira Regra, a que chamamos *Capuchas*, & se ella os não dera, ainda hoje os tinha. Finalmente da nossa Recolheção se formou outra Provincia (que não somos avarentos): com tudo pera memoria nos ficou S. Cristina, que era dos seus mosteiros antigos, & fizemos outros tres.

A esta antiguidade tão santa se seguiraõ as muitas mercês do Ceo, & os favores da terra; que he outra particular excellencia. Nesta Provincia se acha perpetuada pela vittude de muitos religiosos a suavissima benção, que N. P. Serafico tem lançado de Italia a o convento d'Alanquer<sup>h</sup>. Ainda S. Antonio estava em S. Cruz de Coimbra quando vio que subia a o Ceo a alma do primeiro religioso, que nesse mesmo convento, & nesta Provincia se desatou dos embaraços da terra<sup>h</sup>. E pera todos he grande consolação entender, que o caminho da Gloria nos ficava franqueado, se o quizermos seguir. Aqui mesmo guardamos o precioso tesouro das Reliquias de S. Zaccarias, & de seus companheiros: em Guimarães as do P. S. Gualter, seu Padroeiro: em Santa-

rém, as do S. F. Antonio, natural da mesma vila; & na Ilha da Madeira, que entra nesta Provincia, as do servo fidelissimo de Deos Fr. Pedro da Guarda admiravel em prodigios, cujos processos pera ser canonizado estaõ feitos por ambas as duas autoridades Apostolica, & Ordinaria. Não se queixem os mais de os deixar em silencio, porque aqui não se pòde dizer tudo, & noutras partes se dá noticia delles. A este Reino nos vieraõ visitar em sua vida os sinquo Martyres de Marrocos nos conventos de Coimbra, Alanquer, & Lisboa, & não estiveraõ noutros<sup>h</sup>. Agradecidos, depois de padecerem martyrio, a grande ajuda, que pera isto lhes demos em Lisboa, & Alanquer, tornaraõ a visitarnos com os seus sagrados corpos no coração da Provincia; que tal he a cidade de Coimbra. Os sete Martyres de Scira, lã nos foraõ fertilizar com seu sangue aquelle agreste campo, onde fizemos convento, como ainda direi.

6. Muito bem cabem aqui; como em toda a parte, as Imagens milagrosas d'alguns Santos Titulares de conventos, pelas quaes grandemente ostenta Deos a sua benevolencia. Mas antes delles demos primeiro lugar a o Espirito Santo, cujo nome invocado na sua casa de Gouvea tem feito muitos milagres.

Agora se lêgne o Bom Jesu no seu convêto de Valhelhas. Tres imagens de sua Mãe clementissima nos conventos das Virtudes, Cõceição em Matozinhos, Porta do Ceo em Telheiras. Outras tres de N. P. Santissimo, em Guimaraes, Covilhã, & Val de Perciras. S. Sita, & S. Paio, o qual nas partes do Minho a respeito d'outras casas do seu nome se chama o *dos milagres*. Os mritos, que tem obrado a Senhora do Capitulo em Alãquer, & S. Antonio em Santarê, fizeram a sua devação muito celebre no Reino.

7. He digno de advertencia, que o primeiro Santo da nossa Religião canonizado pela Igreja de Deos apóz do Patriarca Serafico, sem contradição he nosso. S. Antonio digo, porque elle professou na primeira Custodia, chamada *de Portugal*, que caminhando os tempos veio a ser esta propria Provincia, & na nossa comunidade antiga dos Olivaeos em Coimbra, a qual atégora permanece, posto que em outro sitio. Quem depois de 292 annos povoou as mesmas paredes velhas, que deixamos, & levãtou outras novas, logrese embora dellas, & não nos tome o Santo. O mesmo direito temos em S. Filipe, seu companheiro, que dessa propria casa foi com elle buscar o martyrio em Africa, & arriban-

do a Italia, lá ficarão ambos, reconhecidos por Santos. Húa só Rainha canonizada, & he S. Isabel, que temos em Portugal, essa professou a Terceira Ordem, & aprendeo a ser santa na escola dos Custodios de Coimbra, & Lisboa. Na mesma conformidade he nossa a notavel multidão de Reis, Rainhas, & mais Pessoas Reaes, que professarão a dita Regra Terceira, hús dos quaes achãrão já a Provincia separada de Castela: & muitos, dividida das outras de Portugal.

8. Ajuntemos a isto o deposito Real de corpos mortos, cujas almas estão á conta de Deos, & acharémos hum grandissimo tesouro. Em S. Clara de Coimbra, a dita Rainha Santa, acompanhada de sua meia irmã por parte do pae, que se chamou *D. Bryes*: de sua sobrinha *D. Isabel de Cardõna*, professa na mesma casa: de sua netã *D. Isabel*, Infanta de Portugal, & d'outra chamada *D. Maria*, que casou em Aragoã. No convento dos frades de Santarém, temos. El Rei *D. Fernando*, & sua mãe a Infanta *D. Constança*. Nas freiras da mesma villa, *Martim Afonso Chichorro*, filho d'El Rei *D. Afonso III*, & sua meia irmã *D. Leonor Afonso*, freira professa, que tem aplausos de tanta. A outra irmã *Condessa*, que teve o mes-

l. 2. c. 25.  
n. 2. & c. 26.  
n. 3.

l. 2. c. 28.  
n. 3.

m. c. 12. n. 1.

mo nome, peitence a S. Francisco de Coimbra. Em S. Clara de Lisboa está muito escondida, segundo sua estrela, a excellente Senhora Dona Joana, filha dos Reis de Castela, & jurada por Rainha. Na casa da mesma Santa em Vila do Conde, o seu Fundador Afonso Sanches, filho d'El-Rei D. Diniz, sua molher, & dous filhos. Se ouvesse de contar netos, & netas de Reis, por ventura que não lhes daria fim. Mas he justo, que não fiquem esquecidas duas noras illustrissimas d'El-Rei D. João I, casadas com seu filho D. Afonso. Hũa he D. Brites Pereira, insigne Progenitora da Casa de Bragança, que jaz em Vila do Conde. Outra, D. Constança de Noronha, primeira Duqueza da mesma Casa, em S. Francisco de Guimaraes. No convento de Leiria multiplicava seus ramos toda a Arvore de Vila Real, em quanto se não secou. Acabemos com dous Principes dignos da nossa memoria, ainda que estrangeiros. He hum delles D. João, Principe & Rei jurado de Cândia na Ilha de Ceilão, o qual tem hum sepulcro majestozó em N. Senhora da Porta do Ceo, que elle edificou. O outro he Dom Filipe, Principe do Reino de Ceitavaca na mesma Ilha, que foi entregue a terra no convento de Coimbra.

9 Possuo esta Provincia muitos conventos Reaes, dos quaes ainda tem treze, nove de frades, & quatro de freiras: sem darmos esta nobreza a os que, não obstantes alguns favores de Reis, sempre ficaraõ no foro de Fidalgos, ou Escudeiros. E sendo ella tão nobre, & Realenga, como avia de aceitar Padroeiro que não fossem os mesmos Reis deste Reino? Outros se ofereciaõ com boas comodidades: a todos dêmos de mão, por conservarmos a honra do Padroado Real. Do outro superior, que está na Senhora Mãe de Deos, Padroeira geral de toda a nossa Ordem, fazemos nós tanta conta, que dezasete conventos intitulamos do seu nome, ainda que S. Clara em alguns, pelo estilo do povo, se levanta a maiores com o apelido delles.

## CAPITULO XXII.

*Continuaõ as mesmas prerogativas.*

**T**irando mais pelo fio das prendas particulares, com que se feita hoje esta filha mimosa de S. Francisco, seu foi o primeiro Inquisidor, que ouve em Portugal, residente no convento de Lisboa. Seus forão rambem,

depois

depois da divisaõ de Castela, outros dous, q brevemente tivemos. Muitos annos sustentamos cõ os nossos Leitores de Coimbra, & Lisboa as Cadeiras da S. Theologia, q se leraõ na Universidade do Reino nas sobreditas cidades, atè ella chegar a o estado presente. Hum dos primeiros Leitores em toda a nossa Ordẽ foi o P. S. Antonio, famoso nos seus Escritos. Mas cõ licença de todos, nenhũ ouve, q tanto a illustrasse em rezaõ do assunto, & materia, como dous filhos desta ditosa Prouincia: o P. Fr. Marcos de Lisboa nas tres partes da sua Cronica, que cõpoz estando ainda nella; & o P. F. Lucas Waddingo, professo na casa de Matozinhos, nos seus Annaes dos Menores, que exceedem todo o nosso louvor: os quaes ambos foraõ as Luzes mais claras, que deraõ a conhecer, qual era, & quão illustre a Religião Seráfica.

2 Lancemos agora, mas de passagem, os olhos pelas Custodias antigas, chamadas de Portugal, Coimbra; & Lisboa, onde a Corte costumava residir, & vellashemos Teatros de muitos Varoẽs illustres: Nuncios Apostolicos, Comissarios dos Papas, Prelados das Igrejas, Confessores de Reis, de Rainhas, & de Principes, & outros muitos Ministros da mesma Casa Real, que tiverão grande nome. Parte del-

les se acharão recopilados no q avemos escrito, & parte se vaõ ajuntando por todo este discurso. Cõ esta lustrosa autoridade fizeraõ corpo per si, separado de Castela; conservandoa tambem na nossa mesma Prouincia ainda depois de se dividir em outras: as quaes tendo felicissimos augmentos, com os nossos não entrão em competencia.

3 Com tantas prerogativas, rezão era que fosse tambem Rainha, & a maior no Imperio. Tres vezes se achou sublimada por seus filhos, Ministros Geraes, em o auge do governo de toda a nossa Ordem. O primeiro foi o P. Fr. Gonçalo de Valbom, no qual temos a justiça, que aleguei nesta Parte. O segundo, he o P. Fr. Andre da Insua, a quem nõs nesta Prouincia vestimos o santo habito, & fizemos profissão: tambem lhe demos estudo por tempo de muitos annos, atè que depois de estar já homem feito, letrado, & pregador se ficou na do Algarve, que entã se dividira, onde o estava aguardando a sua boa fortuna. O terceiro, foi o P. Fr. Bernardino de Sena, por todas as vias nosso, sem outra ter parte, ou algum direito nelle.

4 Mas vejamos o que ella dominava per si mesma. Dilatou o seu imperio por toda a terra firme de Portugal, &

p. 1. l. 5.  
c. 45. n. 5.

l. 7. c. 26.

Algarve: passou cō elle à Colta de Berberia: deulhe assento nas Ilhas da Madeira, & Açores: tocou nas do Cabo verde; & dobrando o que chamão *Tormentoso*, largamente se estendêo pela India até entestar na China. Quantos convêtos avia por estas partes, que eraõ muitos em numero, lhe davão obediencia. No Brazil não teve casa, nem podia acudir a tantas terras: porém a primeira missa, & primeira prêgação do sagrado Evangelho, que ouviu aquelle Gêntio barbaro, foi favor, que lhe fizemos. Sempre depois lhe mandou Missionarios, q̄ cultivassem a Fé; de baixo do seu governo em quanto a muito religiosa Provincia de S. Antonio não tomou sobress este cuidado. A os muitos, que tinha esta de Portugal em réger a tanta gente da nossa Religião, se ajuntou outro de novo. (mas essa era a força do seu imperio) em governar a estranhos; & alli governou por muito tempo os Terceiros Regulares da Ordẽ da Penitencia.

Veio porém a cançar com esta sua grandeza; & admitio divisões, que hoje a autorizão. A primeira, foi total separação entre os nossos Observantes, & Claustres em diferentes provincias; mas a delles extinguiu se pelo discurso do tempo; passando os seus con-

ventos pera a nossa Observancia. A segunda se obrou com os Padres do Algarve; dando-lhes nõs tantas casas, que bastaraõ pera fazerem Provincia; a qual deraõ o seu nome. A terceira, com os nossos Recolectos, que das suas casas fizeram outra Provincia, chamada *S. Antonio*. A quarta se fez na India, onde os frades fizeram duas Provincias: hũa de *S. Thome*: outra, da *Madre de Deos*. Destas procederaõ outras, que vierão a fazer hũa grave Monarchia. Da do Algarve nacêo a de S. João Evangelista pelas Ilhas dos Açores: posto que os seus primeiros conventos, esta nossa Provincia os fez, & governou muitos annos. Na de S. Antonio vemos larga descendencia na Provincia do seu nome no Estado do Brazil, da qual já tem saído a Custodia da Conceição nas partes do Rio de Janeiro; & noutra Custodia na terra do Maranhão. Hũas duas no Oriente, de *Cochim*, & de *Malaca* se tirãvã das suas ditas Provincias: de q̄ modo, & q̄ estado lhes deraõ, não nos pertence agora. He verdade, q̄ isto nos custou muito em largar nos muitas casas: mas q̄ gloria podia ter a nossa S. Provincia, com q̄ outra se cõpate, como esta de ser Mãe progenitora de tantas filhas, & netas de veneravel Memoria?

6 Dirã a da Piedade, que não entra nesta conta conforme a o estylo da Ordem, porque os seus Fundadores tinham vindo de Castela. Não podem porém negar, que andando molestados, sem acharem a onde tomassem pé, o nosso Ministro os recolheu com grandissimo amor debaixo do seu emparo, & lhes deu tambem a massa, & os primeiros conventos, dos quaes começaraõ a formar a sua grande Prouincia. E se isto no Ministro foi caridade de pae, do mesmo modo seria na Prouincia, de mãe. A da Arrabida se se mostrar mais izenta por não ter convento nosso, não se pode eximir de grande obrigação pelo amor, que lhe temos. Ajudamola no principio com frades pera ir fazer do corpo, & ella nos ajudou a povoar o convento de Malaca na India quando d'elle saíraõ os frades Castelhanos, mas debaixo da nossa obediencia. E por tudo, quanto agora dissemos, seja Deos muito louvado.

(?)

## CAPITULO XXIII.

*Ajudão os nossos frades na conquista deste Reino a o Mestre de Aviz: florecem dous Prégadores d'El Rei, & hum Confessor de dous Reis.*

**M**uito menos nos custou fundar a nossa Prouincia na forma, que tenho dito, que a o Mestre d'Aviz estabelecer o seu reinado, porque os nossos conventos facilmente se uniraõ em terem hũa cabeça, & Ministro separado; & o Mestre conquistou a maior parte do Reino, que lhe estava rebelde pelo bando de Castela. Ajudou se do esforço de seu braço, que sempre foi vencedor: nós tambem lhe assistimos, quanto nos era possivel, com as letras, conselho, & industria como bons, & verdadeiros vassallos. Quando elle no principio, temendo o Castelhana, se queria retirar a Inglaterra, & desamparar o Reino, quem ouve, que o rendesse a. não fazer tal ausencia, declarandolhe o modo, com que podia tomar o castelo de Lisboa, não hum dos Terceiros seculares da Ordem de São Francisco?

1385

Foi Fr. Joaõ da Barroca, que como estava em opiniaõ de Santo, os Principes seguiaõ os seus conselhos, como se foraõ avizos, & oraculos do Ceo.

2. Querendo os moradores da vila de Estremoz sujeitar o seu castelo a o partido do Mestre, achavãõ dificuldades, & receavaõ se mortes. Pedirãõ a Fr. Lourenço, Guardiaõ do nosso convento, que acudisse a isto, o qual compoz as cousas de modo, que o Alcaide fez entrega do castelo, & parãõ os males, q̄ estavãõ muito certos. Do muito que trabalhou, & de quantas voltas deu Frei Joaõ, ou F. Gonçalo da Ponte por entregar a El-Rey Ponte de Lima, donde era natural, dissemos em outra parte. Agora se oferece F. Vasco Patinho, do qual podemos dizer, q̄ animãdo os outros a pelejar, nelles todos pelejava. Tinhaõ entrado os Galegos com mão forte pela comarca do Entre Douro, & Minho: senhoreavaõ o campo, o qual pela maior parte tinha a voz de Castela: quizerãõ tomar o Porto, porque era verdadeiro Portuguez, apaixonado do Mestre. Cõ estas novas se alegrou a Cidade, porque podia mostrar, qual era o seu valor, & fãõdo da segurança dos muros, os foi buscar ao caminho, onde a peito aberto lhes apresentaf-

se batalha. Quem nisto fervia mais era o sobredito F. Vasco, morador em S. Francisco d'aquella mesma cidade, & quando os vio sobre a ponte do Leça, impedindo a passagem dos nossos, elle lhes foi requerer, que logo se retirassem pera parte, onde viessem às mãos. Com esta resolução se retirou com vergonha o Galego, ficãdo nós com a gloria de o ter delãfiado hum Frade.

3. Quaes erãõ os tempos, & tuas occasiões, taes frades tambem lançava esta Provincia em obsequio da Reino; que pera tudo os tinha acomodados, & prontos. Cercou El-Rei de Castela a o Mestre em Lisboa: o tempo foi largo, & pouco de quatro mezes: a opressãõ, importuna: a falta de mantimentos taõ grande, que chegãõ os cercados a comer pão de bagaço de azeitonas, & raizes inimigas da mesma sustentação. Não temiaõ a espada Castelhana: viaõ porẽm cada hora diante de si a morte na fome, no canção, & em muitas afficções. Foi necessario, que acudisse o Ceo com hũa peste na verdade Castelhana, porque degolando cruelmente os inimigos no campo, nunca ferio os Portuguezes, nem lhes entrou na Cidade; & com isto levantou El Rei o cerco. Socorro taõ milagroso, achou

p. 1. l. 2. c. 21.

Lop. ad Chron. p. 1. c. 44.

oit. p. 1. l. 1. c. 13. 2. 2.

Lop. cit. c. 131.

a mesma Cidade que pedia a maior acção de graças: pelo q. ordenou hũa grave, & devota procissão da Sê à Igreja da Santissima Trindade, em que todos foraõ descalços, sem nisto faltar o Mestre, nem o Bispo, que em suas mãos levava a valente espada de Gedeão; quero dizer o Santissimo Sacramento do altar. O pregador, que convinha a tanta solennidade, diz o Cronista antigo, que foi hum notavel, & grande pregador, mui letrado, & Theologo, chamado Mestre Rodrigo de Citera, da Ordem de S. Francisco. Mas pois elle escrevendo a pedaços o Sermão, traz tambem despedaçado o tema, aqui o ponho inteiro, pelo qual se pôde ver a muita propriedade, & elegancia, que teria o discurso. He do livro de Thobias no capitulo oitavo. *Benedicimus te, Domine Deus Israel, quia non contigit nobis quem admodum putabamus: fecisti enim nobiscum misericordiam tuam, & exclusisti a nobis inimicum persequentem nos.* E querem dizer em Portuguez: Senhor Deus de Israel, muitos louvores vos damos, porque não nos sucedeo o que tinhamos por certo: mas vos usastes com nosco de vossa misericordia, & vos fostes o que lançastes d'aqui esse nosso inimigo, que tanto nos perseguia.

4 Na occasião, em q. o Mestre depois foi jurado, & levado a Rei nas Cortes de Coim-

bra não aproveitaraõ pouco pera desfazer algúas difficuldades, conforme tenho escripto, as muitas lettas de Fr. Afonso de Guimarães, Leitor do nosso convento. Tambem esteve presente Dom E. Rodrigo, Bispo de Ciudad Rodrigo, & frade da nossa Religião. Não hã duvida no seu bispado ser este; por quanto assi o disse, quando assinou nas Cortes, pelas palavras seguintes: *Episcopus Civitatis*: as quaes não querem dizer, da Cidade de Coimbra, onde entaõ era bispo Dom Joaõ da Azambuja. Residiu neste Reino largo tempo, porque ainda no anno de 1400. se achou em Guimarães á sagração do altar mór da sua Colegiada Real. Achadas são as razões da sua vinda, por quanto estaria agravado d'El-Rei de Castela, ou temeria a sua indignação, ou formaria escrupulo de conversar com seismáticos, ou tudo seria junto. Mas o nosso Portuguez com grandiosos favores lhe recompensou as perdas do seu bispado.

5 Chegou a memoravel batalha dos campos d'Aljubarrota, na qual se acharaõ juntos os dois Reis de Portugal, & Castela, segunda feira, 14 do mez d'Agosto de 1385: ambos no nome Joaõ, & o

cit. 1. p. 1. 1  
c. 5. 2.

Hist. Ecl.  
de Braga p.  
2. c. 4. 2. 1  
1327

ab. 1. 1. 5  
1385  
1385

primeiro do nome: o Castelha-  
no, vencido: o Portuguez, ven-  
cedor. Admirada Lisboa do  
milagre da vitoria tornou-se a  
empenhar noutra procissão de  
graças, em que levãrão â Se  
arvorado o estendarte Real, &  
atrâz delle arrastadas as bãdei-  
ras Castelhanas. Lembrouse o  
sobredito Cronista<sup>b</sup> de nome-  
ar o Prêgador, dizendo que fo-  
ra hum Fr. Pedro frade da Ordem de  
S. Francisco, grande Letrado em  
Theologia, & mui. afamado de bom  
Prêgador. E assi o podemos en-  
tender pela eleição do tema:  
*A Domino factum est istud, & est  
mirabile in oculis nostris*. Porque  
triunfarem tão poucos Portu-  
guezes de tamanha multidão de  
Castelhanos, & com tanta bre-  
vidade, foi hũa das maravilhas,  
que obrou a mão de Deos.

6. Antes desta tão celebra-  
da vitoria andava Lisboa com  
grandissimos temores a respei-  
to do perigo da batalha, & pro-  
curando o auxilio do Ceo o-  
cupavase em atalhar as ofen-  
sas, que lhe faziaõ na terra, com  
hũa reformação de pecados, &  
dos abusos Gentilicos, que ain-  
da não estavaõ totalmente des-  
terrados. E he muito de notar,  
que na mesma hora, em que lá  
se começou a batalha, estava ca-  
ordenando a Cidade a sua re-  
formação: final muito manife-  
sto de que no conflicto da ba-  
talha os alentos da virtude co-

fortavaõ as espadas. Nós agora,  
que nos vemos na mesma ne-  
cessidade, estamos tão esqueci-  
dos de reformar nossas vidas,  
que os vicios andão mais desa-  
forados. Se he confiança na  
piedade de Deos, muitas vezes  
poderã ser temeraria em cui-  
darmos, que tambem não so-  
frerã algum dia, que a Iustica  
execute seus castigos. Tendo  
depois nova certa do successo  
milagroso, em seu agradecime-  
to quiz fundar o mesmo favor  
do Ceo pera outros semelhan-  
tes, decretando procissões, que  
sempre se fariaõ pelo discurto  
do anno.

7. No livro da Camara,  
onde foraõ lançados estes as-  
sentos, nenhũa menção se faz  
de que nelles se achasse pessoa  
de fóra, mas somente as do cor-  
po do Senado. Diz porém o  
Autor da dita Cronica, que  
estiverão presentes, convida-  
dos pera isso, muiros Mestres,  
religiosos, letrados, & prêgado-  
res, cujo voto he o melhor nes-  
tes casos. Mas de todos a ne-  
nhum declarou pelo seu nome,  
senão só a este nosso Fr. Pedro,  
referindo suas rezões por ex-  
tenso. Pelo que se a outro se  
atribuem agora o conselho, &  
resulta destas Iuntas, a elle com  
mais justica se devem attribuir,  
& assentar, que por sua diligen-  
cia se lançaraõ de Lisboa, & seu  
termo grades ofensas de Deos,

& muitas

b p. 2, c. 48.

Pl. 1170. v. 23.

& Arch. da  
Camara de  
Lisboa,

& muitas superstições, que ficárao dos Idolatras antigos. Isto era, furtar agoas, usar de encantamentos, feitiços, & sorres a fim de adivinhar: carpir os defuntos com excessos, & depeitando as barbas: cantar Maias, & Janeiras a o costume Gentilico; & outras cousas semelhantes. Tudo isto fez elle, que reformasse Lisboa, convertendo em devotas procissões as vaidades profanas, & juntamête gratificando com ellas as mercês, que recebêra do Cco.

1386 8 Pouco tempo adiante nos fugirão as memorias do P. Fr. Fernando de Astorga, porque depois de eu saber, que no anno de 1386 era Confessor d'El-Rei, & que o acompanhava no cerco de Chaves<sup>m</sup>, nunca mais tive noticia delle. Foi nosso Ministro Provincial, & propriamente nosso, por quanto dividio esta Provincia dos conventos de Castela. Sô isto era bastante pera que sua lembrança nos seja sempre agradável. Demais que, assi se soube aver (mas era muito prudente) com os Reis. D. Fernando, & D. Ioão, que sendo elles na condição diferentes, com ambos privou, & d'ambos foi Confessor: Foi tambem Regedor Comendatario do mosteiro de Paço de Sousa, da Ordem do Patriarca S. Bento<sup>m</sup>, posto que a Benedictina Lusitana não orraz

no seu Catalogo.

9 Sobre isto, o quer tomar pera si, & pera a sua Religião Dominica o P. F. Afonso Fernandes<sup>m</sup>; & isso fora, se eu püdera largallo. Mas como vi, que fazia menção delle pelos annos de 1348, logo assentei comigo, que em tudo ertaria. Porém digame, se se chamão *Ministros* os seus Prelados: se tinham ja nesse tēpo alguma Provincia chamada de *Sant-Iago*: se governarão algü dia o nosso mosteiro d'Entrambos os Rios; & se lhes pertencia o remedio da opressão, que nos davão hospedagens importunas: pois o P. Fr. Fernando a isto nos acudio, pedindo a El-Rei, que provesse de remedio, como ja tenho escrito<sup>7</sup>; & o Rei o nomeou claramente por *Ministro Provincial da Provincia de Sant-Iago*. Mas por não me cazar mais em dizer, que a luz do Sol he clara, no sobredito mosteiro d'Entrambos os Rios, o qual era da sua obediencia, a os 13 de Janeiro de 1384 revogando hum prazo, que as freiras tinham feito, o Escrivão destes autos lhe chamou *Frei Fernando d'Astorga Ministro dos frades Menores, & das Donas de S. Clara da Provincia de Sant-Iago*. Com isto fica provado, que era frade Franciscano.

10 Tornavão a occorrer occasiões importantes, & os frades sempre estavam à mão pera

em-

In Cöcert.  
Prædic. Ca-  
tal. Confel.

p. c. 18. n. 3.

q Arch. de  
S. Clara do  
Porto,

nl. 3. d'El-  
Rei D. Ioam  
I. na Torre  
do Tomb.

1390

empregarem nellas seu cuidado, & talento. Pelo que considerando El-Rei ser muito conveniente à quietação do Povo saberem todos como estava dispensado pera casar, & reinar, mandou que na Sé da cidade de Lisboa se publicassem as bulas diante de muita gente. E neste acto prêgou o P.F. Rodrigo de Cintra já nomeado assima, que era o Prêgador das grandes solennidades. Quando depois se fizeraõ hûas treguas nas guerras de Portugal com Castela, foi assentado que de parte a parte se restituïsem logo todos os prizioneiros; & por a isto se dar inteira satisfacção, determinaraõ tambem, que neste Reino buscassem os Castelhanos, & fizessem entregallos, oito frades da nossa Religiaõ: quatro Portuguezes, & quatro dos Castelhanos. Em Castela andãrão outros da Ordem de S. Domingos. Mas como deixou o Reino em treguas, & muito perto de conseguir boa paz, eu me torno à Provincia, cujos successos ficarão em suspensão.

(2)

## CAPITULO XXIV.

*Em que tempo começou na  
nossa Ordem a Regular  
Observancia, & quando  
chegou a Portu-  
gal.*

**N**ÃO pergûto, em que tempo começou a observancia da nossa Regra Serafica, porque manifesto he, que começou a guardalla, & muito perfeitamente; nosso Sãtissimo Padre com os seus companheiros, & discipulos, nos quaes elle assentou a sua Religiaõ. Permanecêo muitos annos no corpo da mesma Ordem esta santa observãcia, sem nella se admirir dispêlacão em comum: antes erãõ reprovadas aquellas que se pediãõ por alguns particulares. E polto que a malicia, & liberdade dos tempos fez cançar o espirito nos frades de modo que abriu porta a muitas relaxações, nem por isso se perdêo de toda a observancia, mas sempre ouue algũa, a o menos relaxada. Com tudo naquelles tempos antigos nunca os frades se chamarãõ *Observancees*, ou *da Observancia*, senão pelo nome proprio de *Frades Menores*, ou *Frades de S. Francisco*. Depois que alguns zelosos

come-

começaraõ a apartarse dos outros fazendo corpo per si, onde guardassem inteiramente a Regra, a esta Familia foi dado o nome da *Regular Observancia* em opposição d'aquelles; que nella tinhaõ faltado. Deste Estado corre a minha questão: a saber, quando começou na Ordem? Mas porque os seus opostos no nome, & na sustancia são os frades *Conuentuaes*, ou *Claustreaes*, antes da resolução darei noticia delles.

2 Tenho dito noutra parte, que ambos estes dous nomes tiverão honorifico principio: *Conuentuaes*, em feção do privilegio de Innocencio IV, que deu foro de *Convento* às nobres casas, & que fossem *Conuentuaes* as igrejas pera podermos ter nellas o Santissimo Sacramento do altar, & gozarmos de outras immunidades: *Claustreaes* se chamarão por respeito de vivermos recolhidos nos conventos, & nos claustros. Mas tambem nenhum delles foi usado entre nós, senão depois de passarem largos annos, em tempo que ja os frades tinhaõ declinado muito da rigorosa observancia de suas obrigações; & então começaraõ a cotter em sentido diferente, & pouco airoso confotme à opinião, que delles tinha o mundo. Porque vendo, que levantavaõ conventos, & claustros de excessiva

grandeza, & que viviãõ nelles com pouca reformação, d'ahi por diante lhes forão chamando por ironia *Conuentuaes*, ou *Claustreaes*; que vem a dizer o mesmo. Isto foi gerabnas outras Religioes, que tiverão seu remedio, como a nõsã o teve, em prevalecer o Estado da *Regular observancia*, cujos principios vou descobrindo agora. Mas por quanto etão muitos entre nós os ditos *Conuentuaes*, & estavavaõ em grande autoridade, alguns delles se forão tendo em pé, & ficaraõ até hoje em Familia distincta com suas dispensações.

3 Tratando pois do Estado da *Regular observancia*, no anno de 1368. lhe deu em Italia felicissimo principio hum Frade Leigo natural da cidade de Fulgino, por outro nome *Fulinho*. E claramente quiz o Ceo manifestar, que a obra era sua, potque a pessoa, que tomou por instrumento, não parecia idonea pera taõ grande empreza. Pelo fatigues, he verdade que tinha muita nõbreza da Familia dos *Trincis*: porèm na pessoa, era muito desprezivel; & no estado da Ordem, frade Leigo, idiota, & sem letras. Chamavaõhe pelo estilo comum *F. Paulo de Trincis*: mas elle por abatimento proprio nunca se nomeou desse modo, senão só *F. Paulucio de Fulinho*.

Com grandissimo trabalho de muitas tribulações, as quaes elle vencia com paciencia, fundou a primeira casa entre a dita cidade, & outra, que se chama *Camerino*, no deserto de *Bruiliano*, em hũa ermida pobre do Apostolo S. Bertolameu, com quem tinha especial devação. Mais servia este sitio pera feras, que pera gente humana; & assim acontecia, que quando se levantavão da terra ou das taboas pera irem a matinas, achavão as cobras entoscadas pela cinta. E nem por isso se descontentavão d'elle, em rezaõ de se verem remontados das malicias, & comércio do mundo, & muito perto da cõversaçaõ de Deos. Aqui encontrãõ logo a santissima Pobreza, que desvelados buscavão, & pera a regularem melhor, muitas vezes não tinhaõ hũa fatia de paõ, que era o sustento ordinario com hũa pouca de agoa. Renunciãõ em fim quanto tinha apparencia de proprio; até os indultos, & favores Apostolicos, ficando só com a pura, & literal observancia da Regra, & tomando dos Montanhezes vizinhos, por ser aspera a terra, o uso dos tamancos, que se foi introduzindo antes de todas na nossa Religiaõ.

4. Nesta charneca tão seca, regada só com os orvalhos do ceo, nasceu a frondosa arvore

da Regular Observancia, que cubrio toda a terra. Brevemente se dilatou por Italia, França, & Castela, & chegou a este Reino. Foi o caso, que alguns frades da Provincia antiga de *Santiago*, que moravão pelas partes de Galiza, & adiante avemos de nomear, magoados de verem tanto estrago, como nella tinhaõ feito as guerras acompanhadas do scisma, pediraõ licença a o Papa legitimo de Roma, o qual era nesse tempo *Bonifacio IX*, pera fundarem hum Oratorio pobre em algum lugar deserto, onde servissem quietamente a Deos. O Pontifice a deu na forma, que lha pediraõ: mas com clausula de ser dentro do distrito da sobredita Provincia, *In aliquo eremo infra Provinciam Sancti Iacobi*, & dando obediencia a o seu Ministro Provincial<sup>b</sup>. Já entãõ ella estava por occasiãõ do scisma assentada neste Reino com seu Ministro legitimo, que seguia o mesmo Papa de Roma. E estes bemitos Padres, que alli o entendião, deixando Galiza atravessãõ o Minho, & cã da banda de Portugal vierão fazer a sua nova Colonia. Na pressa, com que o executãõ, se estava conhecendo como a graça de Deos; que não consente vagares, servia em suas almas; porque, sendo dada a licença a 13 do mez d'Abril de 1392, antes

<sup>b</sup> Arch. de S. Francisco de Viana.

de lair o anno tinhaõ caminha-  
do muito na fundação dos O-  
ratórios.

## CAPITULO XXV.

*Quaes forão neste Reino os  
Fundadores desta santa Ob-  
servancia, & qual o seu  
primeiro convento?*

**T**Res forão em myste-  
rioso numero, consa-  
grado à Santissima  
Trindade, os que pediraõ a li-  
cença do Pontifice: Fr. Diogo  
Arias, ou Aires, Fr. Gonçalo  
Marinho, & Fr. Pedro Dias, a os  
quaes se ajuntaraõ outros tres  
Coadjutores na fundação dos  
conventos, & todos tres de Ga-  
liza: Fr. Afonso Saco Sacerdo-  
te, & dous Leigos Fr. Pedro de  
Alemancos, & Fr. Garcia de  
Montãos. De todos veremos  
nesta Historia o que forão, ou  
fizeraõ depois de virem a Por-  
tugal: com tudo dos tres pri-  
meiros, & principaes Fundado-  
res, he rezão dizermos algũa  
 cousa do que tinhão sido d'an-  
tes.

O P. Fr. Diogo Arias foi  
natural das Asturias, & na Or-  
dem teve fama de grande reli-  
gioso, insigne letrado, & famo-  
lo prégador. Tantas luzes, co-  
mo estas, não as pode encubrir

a distancia das terras, nem ou-  
tro impedimento: mas estando  
escondido naquelle canto do  
mundo, em Roma resplande-  
ceo o seu nome. Pelo que o  
Papa Urbano VI a 12 do mez  
de Julho de 1389 o instituiu  
seu Nuncio, enviado à presença  
d'alguns Principes sobre nego-  
cios, que lhe importavaõ mui-  
to. Não os fiou de papel, senão  
da sua memoria; & por ventura  
que fosse pera desfazer o scis-  
ma: mas deulhe no mesmo dia  
hum breve, pelo qual encomen-  
dou a os Prelados da Ordem  
fizessem boa passagem assi a elle  
como a seus companheiros.

Que mais nobre fundamento  
podia ter neste Reino o Estado  
da Regular Observancia, que  
serem seus Fundadores dous  
Nuncios da santa Se. Apostoli-  
ca? Este, hum: outro, o P. Fr.  
Gonçalo Marinho, de quem re-  
nho alcançado mais larga in-  
formação.

Era Gonçalo Marinho,  
nacido no Reino de Galiza; taõ  
mimoso da Fortuna, que depoi-  
s de o dotar largamente dos  
bês da terra, ella o encaminhou  
tãbem com suas desgraças  
pera lograr os do Ceo. Deulhe  
o illustrissimo sangue dos Con-  
des de Altamira, & Senhorio de  
terras, & de vassallos, com abun-  
dantes riquezas: a o que se ajũ-  
tou grande esforço, muito va-  
lor, & destreza pera expedir

Arch, do  
Casaca.

Arch, do  
Casaca.

negocios. Nas guerras de Portugal com Castela servio muito honradamente a o seu Rei D. João I, & foi hum dos melhores Capitães, que entrãõ por Entre Douro, & Minho, governados por D. João Manrique Arcebispo de Sant-Iago. Estava no presidio da vila de Guimarães com Aires Gomes da Sylva, que governava esta praça pelo sobredito Rei, quando o nosso, tambem D. João I, a apertou de tal modo, que se veio a render, mas com esta condiçãõ, que se El Rei de Castela não lh'es mandasse socorro em termo de trinta dias, entregariaõ o castelo, que só estava por render. Gonçalo Marinho lhe levou este avizo, & tornando sem socorro se fez logo com effeito a entrega. Nesse tempo se achava desposado com hũa filha de Aires Gomes da Sylva, o qual falecêo com brevidade, & seu cunhado D. Pedro Tenorio Arcebispo de Toledo impedio o casamento.

4. Armoulhe Deos este laço com tençãõ de o tomar pera si, porque vendõ elle tantos enganos do mundo, & revoltas da Fortuna, nós quiz dar por desengano, que só de Deos nós avemos de fiar. Recolheose a suas terras, & dispondo da fazenda mandou pelas mãos dos pobres muita parte a os tesouros do Ceo, onde pretendêo tambem

fazer casa pera si com as despesas, que fez em reparar algũas de gente religiosa. Feito isto, começõu a caminhar pera lá seguindo õs passos de meu P. S. Francisco na sua sagrada Ordem. O mais cedo, que isso podia ser, era pelo fim do anno 1385, por quanto no mez de Junho se avia rendido em Guimarães: mas como entrou na Ordem tão grande por muitos merecimentos, conservando sempre a sua auctoridade, tamanho vulto fez nella, que no mesmo dia, em que o Papa Urbano VI instituiu por seu Nuncio a o P. Fr. Diogo Arias, o nomeou tambem a elle.

5. Do P. F. Pedro Dias me faltão totalmente as noticias, & só poderei dizer, que foi digno companheiro dos outros pera todos intentarem hũa empreza tão nobre.

6. Agora hei de mostrar, qual foi o seu primeiro convento. A tradiçãõ desta Provincia, & a de S. Antonio, com os seus memoriaes: os Escritores mais graves da nossa Religião, Fr. Marcos, Gonzaga, & Fr. Lucas, & muitos, que não nomeo, porque sem novo exame treslãdão huõs pelos outros: todos dizem, que Mosteirõ foi primeiro. Com tudo o de Viana se queixa, que lhe roubaõ a justiça, & tem rezão pera isso. Porque estes Veneraveis Padres

Fr. Luc.  
tom. 4.º.  
139.º. 4.

5. Lop. na  
Cron. d'El-  
Rei D. Ioã  
I. p. 16. 118  
& p. 2. c. 10.  
12. & 13.  
Cunha c. 30

d. p. 3. l. 1.  
c. 24.  
pag. 1155  
tom. cit.  
no. 139.º.  
n. 6.

não pedirão licença a o Papa, nem elle lha concedêo pera mais que hum convento, como declara o breue, que já tenho referido, falando no singular pelas palavras seguintes: *Vobis, qui locum in aliqua eremo recipere desideratis, recipiendi locum huiusmodi licentiam elargimur.* E por quanto este breue está no convento de Viana em sinal de ser fundado por virtude da licença, que nelle se concedia, fica claro que foi primeiro que os outros, que se fundarão sem ella.

7. Se esta razão não basta darci outra, que sobeje, a qual he, que quando os ditos Padres entrão em Portugal traziaõ licença pera fundar hũa casa, & com ella, pois a tinham, foi fundada a primeira: todas as mais, sem licença. He certo, que logo fizeraõ sinquo, a saber S. Francisco de Viana, Mosteirõ, S. Paio, Insua, & S. Clemente das Penhas; & que nestas quatro ultimas não ouve a tal licença, porque depois assi o representou o nosso Vigairo Provincial a o Papa Nicolão V, no qual reparou este defeito por hum breue nouo de Abril de 1449<sup>o</sup>, nomeando estas ditas quatro casas, cada hũa por seu nome: *S. Clementis, Sancta Maria de Carmes in In-*

*sulis, de Sancto Pelagio, nec non Sancta Maria de Monasterio.* Não fez menção de Viana, porque nella se empregou a licença; & vimos a concluir com discurso evidente ser esta em Portugal a primeira casa da Regular Obteivancia.

8. Nem contra isto ha coula, que nos possa dar cuidado. Por quanto a tradiçãõ em favor de Mosteirõ procedêo da confusão, & da pressa, com que logo se fundarão sinquo casas, sem estrondo de algũa resistencia, que podesse perpetuar na memoria a precedencia dos poucos dias, ou mezes, que hũa levou á outra. Cuidão os que vieraõ depois, que Mosteirõ fora primeiro por ser viziinho de Galiza, & lugar mui solitario: porém se estas rezoës valeraõ algũa cousa, maior dextro provavãõ nos conventos de S. Paio, & da Insua, os quaes vizinhaõ mais com Galiza, & exceedem a os outros no rigor da solidão. Os Memoriaes, & Autores referidos padecem a mesma quebra, que demos á tradiçãõ, porque se fundarão nella muito tempo adiante, estando já viciada com a multidaõ dos annos; & não souberão do breue do Papa Nicolão V, que he o nosso Achilles.

g Arch. de  
Franc. de  
Alaag. j

## Fundação do Convento de S. Francisco de Viana.

### CAPITULO XXVI.

*Da-se noticia da Vila, dos principios do convento, & da santidade delle.*

1392

**N**A fôz alegre do Lima, celebrado dos Antigos com verdades, & com fabulas, & à sua mão direita, na Primazia de Braga está posta em belissimo assento a vila de Viana no Entre Douro, & Minho; & se ella descaio da sua primeira gloria, cobrou outra majestade, com que se vê melhora da. Era d'antes cidade Episcopal, & estava laureada com riquissimas coroas de esclarecidos Martyres em quanto corôava com seus muros hum monte pouco distante, no qual neste tempo d'hoje vemos hũa devota ermida da gloriosa S. Lúzia. He agora, como por emulação do estrago, que lá fizeram os Mouros, humidos Povos mais notaveis por grandeza de edificios, amenidade da terra, esforço dos naturaes, & industria pera navegarem mares, que temos em Portugal. Confiados em a sua

piedade estes nossos Fundadores da Regular Observancia vieraõ valerse delles, pera que à sua sombra alcançassem a casa, que pretendiaõ. Estavaõ já remontados de Galiza por espaço de tres legoas ( que tantas são de Viãna a Caminha, onde o Minho aparta ambos os Reinos), & chegaraõ em occasiã taõ boa, que não avia na terra outro mosteiro, nem de frades, nem de freiras. Pelo que contentes os Vianêzes, parece que com os braços abertos os que-rião recolher no coração; & assi lhes concederaõ o lugar, que escolhessem pera fazer o convento. Cortia entã o anno de 1392, & era o mez de Julho quando lhe deraõ principio com grande gloria da Ordem de S. Francisco por ser ella entre todas a primeira, que começou em Portugal este bem da Regular Observancia; & quem sentio o contrario, confidêre este tempo. Vai subindo de Viãna em seguimento do Norte hum monte alto, povoado em muitas partes de arvoredos sylvestres, & muito acomodado pera vida solitaria; & avendo

caminhado já por elle perto de meia legoa os nossos devotos Padres chegãrão a hũa fonte, que se chamava *do Ligo*, onde todos descansãrão. Avia neste lugar de tempos muito antigos hum modo de profecia, de que avia de ser consagrado a o serviço de Deos, & morada de seus servos; & isto com tanta veneraçãõ, & respeito dos que vinhaõ beber, ou buscar agoa da fonte, que não lhes cabia na boca, nem hũa palavra leve, que cheirasse a ociosa; & se alguém por graça se desmandava, os outros o advertião, lembrandolhe que o lugar era santo. Aqui fizerã os Padres o seu primeiro assento, armando o edificio de pedras soltas, & ramos: tão pequeno, & humilde, que toda a casa junta parecia hũa cela. Ainda hoje, que estã despovoados, em lembrança do que foi, lhe dura o mesmo nome de *cela*. Mas brevemente por outras conveniências passãrão mais para cima, & pozeraõ o convento na volta da meia lua, que alli fazem os montes pera a banda do Sueste, onde ficou raõ escondido (nem elles se queriaõ manifestar a o mundo) que tendo a vista larga pera descobrir o ceo, de poucas partes da cerca se vem as praias do mar, ou as ribeiras do Lima. O nome, de que o intitularãõ, foi

*S. Francisco do Monte*, alli em rezão do sitio, como do santo Patriarca, a o qual vinhaõ servir reformando a sua Religiaõ.

3 Achei em certas memorias, que estã muito validas, que d'aqui arvorãrão as bandeiras do Pontifice de Roma, o qual em muitas terras dos Christãos não era obedecido. E isto fora bem dito, se elles as despregassem nalgũa parte de scismaticos: mas Portugal nesse tempo, & esta nossa Prouincia estavaõ muito constantes na sua obediencia. He isto, como dizerem, que a casa de Mosteirò foi a Arca do Serafico Noé, onde se salvou sua pequena Familia no diluvio do scisma. Se o dizem a respeito dos Castelhanos, & Galegos, lâ se avenhaõ com elles; que em rezão dos Portuguezes, nenhũ fundamento tem na verdade da Historia.

4 Sabemos, que a vila deu o sitio pera o novo convento, & tambem ajudaria nas obras, se não as fizesse todas. Porém isso nos escondêo de proposito quem nesta casa, & noutras reformou a seu modo os memorias antigos do grande servo de Deos Fr. João da Povia. Agora nos falta nestes o espirito, & graça d'aquelle S. Varaõ, & as melhores noticias ficãrão tambem nos seus papeis sepultadas.

a F. Luc. fo.  
4. do. 1392.  
n. 20.

Outra perda se accumulou a esta, porque sabendo o mundo\*, como todos os que fora ajuntando o P. Fr. Marcos pera cõpor a quarta parte das Cronicas, estavam neste convento, quando eu aqui mesmo os quiz ver ninguem me deu novas delles. E assi me he forçado deixar muitas cousas em silencio, as quaes se foraõ sabidas, mais lustrara o convento. Numa parede do claustro faz grande ostentaçaõ hũa pedra das nossas Quinas Reaes, dispostas pelo estilo antigo, & nos vãos quatro Castelos. Mas como não tem letreiro, nem se diz que mysterio ha nisto, mal podemos adivinhar.

5 Tornando á fundação do convento, não tenho mais que dizer, senão que ficou a casa tão pequena, & tão pobre, como na idea a traçaraõ os seus mesmos Fundadores, que vinhão resuscitar neste Reino a maior perfeição do estado Franciscano. Ainda hoje permanece a Igreja, que alcançou áquelles primeiros tempos, & toda está cheirando a devaçãõ. De mi confesso, que quando nella entrei, notavelmente se recreou minha alma, apacentando os olhos por aquellas pouquidades, mas grãdes delicias do espirito Serafico. E agora, que estou vendo trocar-se tudo em outras casas

maiores, & suntuosas, parece que de puro sentimento me estala o coração. Que mais que-ria hum frade de S. Francisco, pois he pobre, & peregrino na terra, que hũa cabana, ainda que mal composta, onde podesse de passagem recolher-se até chegar a o Ceo? He verdade que o nosso intituito de acudir â consolaçaõ dos Povos no que pertence â alma nos obriga a estender as Igrejas, & multiplicar as cellas: com tudo em hum deserto, entre penedos, & arvores, onde o mesmo Autor da Natureza fugio tanto de se mostrar curioso, a pouco custo da Arte se acenderia mais a devaçãõ do espirito.

6 Estã o convento rodeado de arvoredos sombrios, que facilmente nos inclina a profundo esquecimento das vaidades do mundo. A o pé de cada arvore se acha occasiãõ pera contemplar na piedade de Deos, clementissimo Autor de todos os nossos bens. Os que buscão lugares mais retirados tem ermidas planradas entre as arvores, dentro das quaes podem conversar os Anjos sem alguem os divertir. Numa dellas era muito venerada hũa Imagem da purissima Senhora com o Minino Jesu sobre o braço dextero conforme a escultura antiga, a

qual

qual depois se levou pera a Igreja por não faltar a o gosto dos devotos, que a desejavão ver. As ruas finalmente, que atravessão o bosque, parece q' todas vão acabar em o Ceo; & tudo aqui desperta o santo amor de Deos.

## CAPITULO XXVII.

*Escreve-se a vida santa dos frades, a devação, que lhes mostrava a vila; & alguns casos notaveis.*

**N**esta casa muitas vezes venturosa entabolârao os Padres o nosso santo estado da Regular Observancia. Estavão ainda juntos, competião na virtude, a vida d'huns era exemplo dos outros, ajudavaos a qualidade do sitio, sobre tudo assistialhes a graça do poderoso Senhor: pelo que não era muito, que fizessem maravilhas. Seria enfado grande; se aqui as contasse por menor: porém digo, que na guarda do silencio, seguimẽto do coro, abstinencia perpetua: na dureza dos seus leitos, quando muito d'hũa taboa; nas disciplinas, nas cadeas; nos cilícios: na pobreza do trato, & do vestido: em todas as mais virtudes, foi hũa santa escola,

ondẽ o Mestre Serafico mandou repetir de novo por estes industriosos discipulos as lições, que elle nos tinha dado no principio da Ordem. Avião de sair deste monte as leis santas da Regular Observancia, como do Monte Sion saira a Lei de Christo, & convinha que todas nelle primeiro se praticassem: de modo que os mais dos exercicios devotos, dos quaes hei de falar por outras calas, desta levãrao sua primeira origem. Hũa cousa fizerao elles, mui digna do seu espirito, a qual foi que conhecendo, que pera ser mais acẽito o sacrificio de suas devotas almas a Majestade Divina era muito necessario andarem sempre purificadas, & limpas, a este fim impetrãrao do mesmo Papa Bonifacio IX hũa licença geral pera serẽ dispensados, & absoltoos de todos os seus peccados por hum confessor da Ordem, que elegessem com licença de algum Superior.

Mais valia entre elles a humildade desprezadora de honras, que a presunção soberba, a qual se mata por ellas. Não avia differença, pera entrar nos officios honrosos, de Leigos a Sacerdotes: todos servião, todos tambem governavão; & se algũ na prelazia continuava mais tempo, não era por ser letrado, ou pregador conhecido, mas por to que fosse leigo, por parecer

virtuoso. As casas eraõ pequenas, & os frades eraõ poucos, no que tambem se fundava a humildade dos nomes; & affi não se chamavão *Conventos*, senão *Oratorios*: não tinhaõ nome de *Guardiães* os prelados, mas somente de *Vigairos*. Confiada a Provincia na sua religião, aqui mandava criar a muitos dos seus noviços, que depois muito bem representavão a santa doutrina, que se lhes avia dado. E pela mesma razão a fez casa *Recolecta*, onde melhor se guardasse o rigor da Observancia. Sobre o tempo, em que isto succedeo, acho algũa differença, mas não he mais de hum anno. Eu tenho por cousa certa, que no de 1536 a 16 de Janeiro foi eleito em Ministro Fr. Vasco Correa, em Guardiaõ desta casa Fr. Diogo Peregrino, & com elles começou a sua *Recolectão*.

3 Tudo isto fazia grande estrondo na piedade da gente, obrigandoa a venerar o convento como morada de Deos. Não fazemos pera isto argumento, por ser muito ordinario, da grande benignidade, com que El Rei D. Afonso V, & El Rei D. Manoel izentaraõ dos encargos do Concelho a o criado da casa, & o alfaiate, que lhes fizesse os habitos. As demonstrações dos Vianezes levão a hoje a o fundo, & ainda sera

mais quando foubetem, que este convento foi o primeiro da Regular Observancia. Receãrão, que alguem lhes impedisse a sua consolação de se confesarem com os moradores delle: recorrerão a o Papa Nicolao V, & alcançaraõ hum breve, pelo qual lhes segurou a liberdade, & franqueou a licença. Muitos annos adiante teve outro de indulgencias o Doutor Gonçalo Bezerra pera quantos visitassem a Igreja, porque a queria ver frequentada, & honrada. Os dias, & os encargos lá se dirão a quem as quizer ganhar. Muito era tudo isto: o que agora escrevo me parece muito mais.

4 Na crecção da Provincia de S. Antonio este convento lhe ficou a sua parte, como ainda direi, & tratando ella de o mudar pera a vila, com effeito deu principio a outro em o primeiro de Julho de 1612. Não lofrêraõ com tudo os moradores (nem os Padres o querião) que de todo ficasse despovoadado, & extinto o seu convento de S. Francisco do Monte, cujo nome era a sua consolação; & assi residem lá quatro, ou cinco religiosos em forma de Oratorio. A o novo convento chamãrão *S. Antonio*, que he nome aprazivel neste Reino, & pera elle começaraõ em voz alta pelas ruas a pedir a esmola do al-

a Arch. de  
te conv. de  
S. Franc. de  
Sant. & das  
Freitas da  
Caltanh.

forge. Os Vianezes, que virão esconder o nome de S. Francisco, com o qual tantos annos se avião consolado, recebendo cada dia beneficios de suas mãos milagrosas, & chagadas, foi tal o seu sentimento, que não lhes quizeraõ dar hũa fatia de pão. Pelo que os Padres constrangidos da sua necessidade tornaraõ a o estilo antigo de pedir pera S. Francisco. Até hoje continua com fervor a devação do convento, & na quaresma o visita muita gente: a dos montes, nos Domingos: a da Vila, nas festas feiras, & noutros dias do anno.

5 Por enfiar todos juntos estes estremos da devação de Viana, suspendi a relação d'alguns casos, que passaraõ nesses tempos, dos quaes agora dou conta. Aconteceo numa noite, verdadeiramente noite, pela confusão, em que se virão os frades, alterados do inimigo da paz por certa occasião, que não importava muito. As contendas não forão mais, que palavras: porêm essas, desentoadas, & soltas, como de gente agastada nũ deserto, onde ninguem os ouvia. Mas por quanto se perdia o respeito a hum lugar tão sagrado, logo Deos os emendou com a reprehensão do Ceo. Neste tempo foi ouvida da parte do adro hũa voz a modo de magoada, & tão forte, que parecia

trovaõ. Dizia, & repetia: *Ah frades! frades!*; & mostrando, que subia pelo monte, sempre se foi engrossando. Com este estrondo caíraõ todos por terra espantados, & tremendo, como se fora a voz, que derribou do cavallo a S. Paulo. Tarde tornaraõ em si, mas muito arrependidos, & obrigados a Deos, que com elles usara de tanta misericordia.

6 Muito tempo adiante, & ja na nossa idade os vicio inquietar hum espirito, que o vulgo chama *Tardo*, com algũas travessuras, as quaes tinhaõ por pezadas. Não achando que lhes furtasse das celas, tudo nellas descompunha: desordenava os livros, escondia os mantos, & as cubertas da cama. Fingia que lhes quebrava toda a louça da cozinha, a qual porêm ficava sã. Hũas vezes os espertava do sono, batendo a deshoras pelas portas: outras corria no dormitorio, & parando na carreira dava tinchos, ou hũas ríadas tolas. E com isto andavaõ desconfolados, porque os inquietava na oração, & no coro: mas com o seu sofrimento o pozeraõ em estado, que veio a enfadar-se. Mudonle pera a Hospedaria, onde fazia das suas, & della tambem esta hoje desterrado.

## CAPITULO XXVIII.

Do Servo de Deos Fr. Gonçalo Marinho Fundador deste convento.

**J**untando o que temos ha pouco tempo escrito a o que neste lugar avemos de escrever, bastará pera mostrarmos o Gigante pelo dedo, pelas unhas o Leão. Muito mais podera ser, se as relações não foraõ mui diminutas. Tornou agora a Portugal tão diferente do q quando saõ d'elle rendido em Guimarães, que claramente se via ser feita esta mudança pela mão deuseita do Altissimo Senhor. As galas, os tesouros, o senhorio de terras, & os regalos do mundo: tudo estava trocado em hum habito grosseiro: numa pobreza extrema, & a maior, que se professa em a Igreja de Deos: em profunda humildade pera servir a os subditos; & numa abstinencia tão rara, que hum pedaço de pão seco, ou enlopado em agoa era as suas delicias. Vinha ser Fundador da Regular Observancia, & repartio Deos com elle do grande, & especial espirito, que costuma infundir nos Fundadores das Religioes sagradas.

1 Hũa só cousa lhe ficou

de Cavaleiro, & foi aquelle grande valor, que mostrava nas batallas, pelejando agora, não com a lança nas mãos, senão com as disciplinas contra seu proprio corpo. Todas as noites era isto ordinario, & de dia quando lhe era possivel. Feito Capitaõ desta milicia nova pera conquistar o Ceo, armado com hum cilicio, o qual trazia vestido, & a peito descoberto batia briosamente essa grande Fortaleza, que pera vir a renderse espera lhe fação força. Diante dos companheiros os animava tambem não somente com santas exhortações, que nelle eraõ continuas, senão com exemplos vivos, os quaes tem mais efficacia. Nos seus avia tanta virtude pera converter as almas com a graça do Senhor, que todos quantos o viaõ tão modesto, & composto, devoto, & penitente, logo cuidavaõ em ser santos, ou tratavaõ de o ser.

3 Fundou com seus companheiros esta casa de Viana, & ali havendo nella o que era necessario passou a fundar a de S. Paio, & pouco depois a outra de S. Clemente. Tambem o querem levar por Fundador a Carnota: mas não sabemos se era ainda vivo, nem elle estava afeiçoado a viver por essas partes. E esta foi a rezaõ, porque

Cart. do mesmo Convent.

que

que fosse reformar o convento d'Alanquer, por quanto fugia longe da Corte, a qual ficava vizinha, onde o recolhimento se costuma devassar. Acabadas essas suas fundações tornou pera esta casa, na qual tinha começado a gostar dos bens da quietação. Aqui vivia tão consolado, como se já estivera em o Ceo: pelo menos, tendo o corpo na terra, lá estava com a alma, & com todos os sentidos. A cada passo o achavão embrenhado pelo monte, mais alto do que as arvores, & esquecido de si. E por isso o buscava tanta gente, que enchia a estrada, desejando ver hum homem, que não parecia homem senão hum anjo do Ceo, de cuja conversação se tornavão faudosos.

4 Estou porém magoado do descuido dos antigos, porq̃ constando da fama, dos livros, & dos cartorios que obrou alguns milagres, nem hum só ficou escrito; & dizendo-se, que por espirito profetico annunciava o que estava por vir, ninguê ouve, que dissesse quacs foraõ as profecias: antes agora lhe atribuirão hũa, que por ventura não he sua. Foi esta, pronosticar com certeza hum grande Servo de Deos, da nossa Religiaõ, na vila de Barcelos a hũa molhier devota do mosteiro de Vilar de Frades, o qual lhe fica vizinho, como teriaõ fim brevemente os

desgostos, que os Padres de S. Joaõ Evangelista nelle moradores começavão a sentir. Porém da parte do tempo achonisto expressa contradicção, por que dizem, que o P. Fr. Gonçalo faleceo no anno de 1405, & confessaõ, que os Padres não entrãõ no sobredito mosteiro antes do anno de 1425: pelo que pera esta profecia lhe tocar, muito mais tempo lhe avemos de estender o fio de sua vida: mas ainda falarei nesta materia no convento da Carnota.

5 Tendo pois caminhado santamente pelos atalhos do Ceo, foi descansar na companhia dos Anjos a os 14 d'Abril como reza o livro antigo dos Obitos de S. Vicente de fóra: mas o anno está nelle tão escuro em rezão dos caracteres mal formados, que explicallos d'algum modo serã só querermos adivinhar. Por outras vias nos consta como era ainda vivo no de 1400, & Deos sabe quando depois o quiz levar pera si. Foi sepultado seu corpo no cruzeiro da Igreja, defronte do arco da sua capela mòr; & neste mesmo lugar o mandou depois cubrir com hũa pedra branca, & diferente das outras o Conde de Barcelos D. Afonso filho d'ElRei D. Joaõ I, o qual lhe deu esta honra pela fama, em que estava de Sauto. Daqui lhe

è Agiolog. Lusit. to. 2. Abril 14. l. D. no com. c. Abril 12. l. B. no com. Hist. Eccl. de Braga p. 2. c. 55. n. 3. & 5.

tresladaraõ os ossos pera de-  
baixo dos degraos do altar  
môr; mas porque se lhes devia  
outro lugar mais honrado, fo-  
rão depois trazidos pera o claus-  
tro, & sublimados na parede  
correndo o mez d'Agosto de  
1587. Isto diz expressamente o  
Cartorio da casa, que ordenou  
por sua mão Fr. Pedro da Cruz,  
a quem devemos dar credito  
pois foi ahi morador, & nisso se  
informou com o mesmo Guar-  
dião, que os tinha tresladados.  
Na pedra, que os cobre, se a-  
chão estas palavras.

*Sepultura de Fr. Gonçalo  
Marinho, Varão santo.  
Edificou este mosteiro, &  
outros muitos desta Or-  
dem. 1378.*

6 Esta pedra escrita com  
estes annos foi hũa pedra d'ef-  
cândalo, em que muitos embi-  
cãraõ, & melhor tem succedido  
a quem<sup>d</sup> a saltou em claro sem  
referir o letreiro, que a quantos  
vierão bulir com ella, & cairão  
no seu erro. E isto acontecéo a  
quem em nome dos Padres da  
Provincia de S. Antonio entre-  
gou hũa petição â vila pera  
mudarem a casa, dizendo que  
nesso proprio anno falecêra o  
dito Servo de Deos: porê'n  
elle no tal tempo ainda não era

frade. Alguns o trouxeraõ já  
emendado nos seus livros em  
1398: mas discordes no senti-  
do, huns dizem' que aponta o  
anno da fundação do convêto:  
outros', o da tresladação de  
seus veneraveis ossos: mas to-  
dos se enganãrão, por quanto  
como avemos escrito a funda-  
ção foi feita seis annos antes  
desta conta, & sua tresladação  
muito perto de duzentos adi-  
ante.

7 O que me parece he,  
que quem mandou abrir o le-  
treiro, pretendéo manifestar o  
anno, em que fora tresladado,  
& o seu official com grande in-  
adverrencia mudou, & trocou  
os numeros, porque avendo de  
dizer 1587, escrevêo 1378; &  
com este desengano deixo o er-  
ro da pedra, que se deve emen-  
dar. Podendo tambem agora  
referir as muitas pennas, que  
celebraõ o seu nome, suspendo  
o voo desta por não fazer la-  
dainha, que enfade. Mas al-  
gũas vaõ referidas na margem,  
& outras se juntãrão no

Martyrologio Francisca-  
nos, a o qual acrecê-  
tamos o Catalogo  
dos nossos  
Beatos.

(?)

Agioi. cit.  
Abril 14. l.  
D. no con.  
Chronol.  
Mon. Lusit.  
l. 2.º, 1398

d Hist. cit.  
c. 51.º, 805.

Jul. 26.  
l. D.

Fr. Gas.  
Mart.

## CAPITULO XXIX.

Dos Veneraveis Padres Fr.  
Afonso Gago, & Fr.  
Rubim.

**S** Em escrupulo, & me-  
nos temeridade, afir-  
mo constantemente,  
que o Veneravel P. Fr. Afonso  
Gago em tudo foi Portuguez,  
no nascimento, no sangue, na  
profissão, & no estudo das le-  
tras. Tenho fundamento pera  
assi o dizer no Cartorio deste  
convento, que em nada o teni  
feito estrangeiro, & mais deve-  
mos estar pelas noticias de ca-  
sa, que pelos ditos de fóra. O  
apelido de *Gago*, & a alcunha de  
*Gago*, em Portugal são usados.  
Consta, que era balbuciente, &  
gago, impedido no falar, & fa-  
cilmente se pèga o defeito a o  
nome. Se tambem foi da Fami-  
lia dos *Gagos*, por duas rezoês  
feria assi chamado: porèm isto  
não he tão certo, como he o  
embaraço da lingua, & esta foi  
a rezão porque se chamava *Ga-  
go*. Pera nos deixar em duvida  
de elle ser Portuguez, nos que-  
rem dizer agora, que profes-  
sou, & estudou em Castela. Mas  
pergunto, donde são esta nova,  
porque não a deraõ os Memõ-  
riaes da casa, nem o P. Fr. Mar-  
cos, que o devia saber? Disse

so, que se criara entre os Conuentuaes,  
& que delles se passara pera os nossos  
Observantes da Prouincia de Portu-  
gal. Pois, onde entra aqui Caste-  
la? Conuentuaes, & estudos  
avia em Portugal, & não era  
necessario, que lá os fosse bus-  
car. Pelo que entre elles se eri-  
ou, & delles passou pera a nossa  
Observancia da mesma Provin-  
cia de Portugal, á qual perten-  
cião todos. Tambem lhe cha-  
mão *Recolecto*, & elle nunca o  
foi, porque vivendo largo tem-  
po, & morrendo nesta casa, se  
combinarinos o que já tenho  
escrito<sup>b</sup> com o tempo de sua  
morte, acharêmos que passados  
noventa annos entrou nella a  
nossa Recolectão. E vimos a  
concluir, que de Conuentual se  
fez Observante sem tomar ou-  
tro estado.

**2** Tendo acabados seus es-  
tudos, & considerando como  
elles lhe luziaõ muito pouco  
nos sermoes a respeito do em-  
baraço da lingua, cheo do amor  
de Deos quiz prègar com o ex-  
emplo da vida, mais eficaz pera  
converter o mundo, que pala-  
vras estudadas. Com este santo  
intentõ se mudou a Observan-  
cia, onde as virtudes estavão  
postas em prática. Achou gen-  
te, que tratava de ser santa, &  
não lhe ficou arrâzi. Sempre an-  
dava descalço, & sem sandalhas;  
na maior força dos frios, não  
trazia mais que habitõ pera lhe

cubrir

cubrir os ossos: muitos dias não comia, nem bebia, & os outros erão de Jejum perpetuo. Poderá temerse, que de fraqueza cançasse: porém aquelle Senhor, em cuja conversação gattava noites, & dias orando, & contemplando, com suas consolações o sustentava nas forças. Raramente saía fóra de casa, & com os seculares não era gago, mas mudo, de muito poucas palavras, & essas todas devotas. Por isto mesmo o venerava a gente, como se fora hum Anjo, & quanto mais lhe fugia, com maior devação o vinha ver no convento. Se os Prelados são santos, também fazem santas as suas comunidades. Qual seria esta no seu tempo, que elle governou muito mais de vinte annos! nunca mais pobre, & nunca mais reformada. Não consentia, que se pedissem, nem lhe entrassem em casa esmolas em abundância: mas deixando se ficar á providência de Deos, vivião todos como verdadeiros filhos de S. Francisco em grandissima pobreza, & igual recolhimento.

3. Andando elle assim occupado em apacentar os subditos no santo amor de Deos teve avizo do Ceo, que o chamavão pera a cea da Gloria, & logo preparou o seu Viatico com estranha devação. Chamou os frades, que estavão admirados

do que lhe viaõ, & ouvião, & por não morrer Prelado, o que noutros seria mais perigoso, nomeou hum, que governasse a casa em quanto o Ministro não quizesse despir della; & reduzido por si mesmo a o estado de subdito despio o habito (nã tinha mais que despir), & ficando só em panos menores, nú da cinta pera fina, porém cuberto de lagrimas, lançou se na terra dura, q̄ tantas vezes servira de sua cama. Nesta postura devota pediu perdão a os frades, que não tinha ofendido, & a o novo Prelado, que pelas chagas de Christo lhe fizesse esmola de hum habito velho, & desprezado dos outros, com o qual o enterrassem. Feita esta diligencia, ficou em oração mental, cõ as mãos levantadas a o ceo, & tão abrazado de hum fogo repentino (seria o Purgatorio) como se já estivesse ardendo numa fornalha. A pouco espregou soou esta voz do Ceo, que foi ouvida, & entendida de todos: *Fr. Afonso, apanhate, que já he tempo.* E logo a sua bendita alma, que de prazer não lhe cabia no corpo, se soltou delle para os gostos eternos, deixando o tão alegre, & cheiroso, que parecia lograr alguns penhores da Gloria. Fazem delle honrifica menção Fr. Marcos, Fr. Artur, & o Autor do Agiologio Lusitano. Com tudo o anno da sua

morre

in Martyr.  
Francisc.  
Decemb. 2.  
1. 10. 1. Rev  
61, D, e.

morte não foi o de 1460, porque elle no governo desta casa alcançou o Ministado de F. Afonso do Paraiso, cujas memorias fenecem no de 1440, & quando chegou o de 44 ja o P. Fr. Rubim por sua morte estava aqui Vigairo; & assi neste meio tempo devia de fallecer.

4 Bom era o tempo, & tal o dera Deos sempre, em que hum prelado tanto succedia a outro santo. Ao P. Fr. Afonso Gago de veneravel memoria se seguiu na vigairaria desta casa o P. Fr. Rubim, Francez de nação, porém muito parecido cõ os naturaes do Ceo. Veio em romaria a Sant-Iago de Galiza, & estando na sua mesma igreja, onde nosso Padre S. Francisco foi informado por revelação d'hum Anjo do que entao lhe convinha, elle tambem entendeo ser a vontade de Deos, que fosse frade da nossa Religiao. Pelo que, dando repudio logo ás vaidades do mundo professou o grande desprezo d'elle, em que no mesmo reino viviao os Oratorios da Regular Observancia. Mis ouvindo pelo tempo adiante as muitas ventagens, que em tudo lhes faziao os nossos de Portugal, fez mudança para elles com grande melhoramento da vida, & dos rigores. Era muito penitente, hu-

milde; & devoto; & juntas estas virtudes á mansidão natural, que Deos lhe comuicou, roubava os corações, fazendoos tao brandos como de cera pera nelles imprimir o amor deste Senhor. Sabia alguma couza de ferralheiro, & ferreiro, & sendo esta occupação tao mecanica, por não estar ocioso, nem perecerem as casas, com muita humildade se exercitava nella quando era subdito, & quando era prelado. Tinha forja, martelos, & todos os instrumentos, q se aviao mister, cõ os quaes fazia perfeitamente a ferramenta, & ferragẽ, q lhe era necessaria. Mas não dava martelada no ferro, que com ella não ferisse de devação os corações, de quem estava presente. Acabava de trabalhar nesta triste officina, & logo se passava para outra mais limpa, & mais quieta, a qual era hum cantinho da igreja, onde estava ardendo em o espirito na santa contemplação, & confessandose ainda por servo muito indigno de Deos, não ouzava levantar os olhos para o Ceo.

5 Foi Vigairo Conventual nalgũas das quatro casas entre o Minho, & Limia, & em rezão da boa conta, que dava do seu governo, o fez Vigairo, & Visitador de todas, o Ministro da Prouincia. Neste tempo eraõ poucos os frades, & os sacerdotes

erão menos, & assi andava em toda viva de casa em casa para os aliviar, & ouvir de confissão. Tinha por coadjutor a Fr. Rodrigo de Bacelâr, homem de grande espirito, que muito o descançava. Mas entrou noutrô cuidados maiores quando vio arder em peste no anno de 1447 toda a vila de Viana. E magoado de percer tanta gente sem remedio, & sem algum Sacramento saltou intrepido pelo teatro da morte, onde fez as maravilhas, que costuma fazer a caridade Christã, curando das almas, & juntamente dos corpos. E Deos, a quem foi agradavel sobre modo este santo sacrificio de arriscar sua vida pela salvação do proximo, não lhe quiz dilatar muito o premio. Brevemente falecêo da mesma peste, laureado com coroa semelhante â dos Martyres, como piamente cremos; & nessa conta o tem os Autores do Martyrologio Franciscano<sup>h</sup>, & dos Annaes dos Menores<sup>i</sup>.

(?)

## CAPITULO XXX.

Dos Padres Fr. Gualter, &  
Fr. Bertolameu da  
Insua.

**H**A males, que vêm por bê, & desastres, que Deos vai encaminhando pera vêturosos fins. Digo isto pelo Veneravel P. Fr. Gualter, de quem se acha escrito no Cartorio desta casa, que foi chamado, â nossa Religião por hum desastre, no qual se mostrou não menos nobre na virtude, que no sangue. Se nos dissera tambem q̄ desastre este foi, muito mais o festejara. Mas fosse elle qual fosse, he certo q̄ lhe deu occasiõ pera conhecer o mundo por falso, & inconstãte. Foi noravel a sua resoluçãõ, porq̄ tẽdo muito que deixar na posse de grandes bens, & nas pretensoes de sua muita nobreza, de tudo se despedio por amor de Jesu Christo. Deixou a terra do nacimẽto, q̄ era Ponte de Lima, & não a trocou por outra, querendo fugir de todas, mas foi-se metter entre as ondas do mar, no pequeno espaço da Insua, q̄ as agoas do mar nos deixãrãõ descuberto. Aqui afogou o nome proprio, pelo qual o conheciaõ

tomando

g p. cit. l. 2.  
c. 16. n. 1.

h Iun. 2. l. D.

i tom. 4. an.  
1392. a. 20.

tomando o estrangeiro do glorioso S. Gualter, Fundador da casa de Guimaraes. E porque a vaidade pelo tempo adiante não achasse em que pudesse pegar, professou pera frade Leigo no estado mais humilde da nossa Religião. Vinte, & tres annos esteve neste ilhéu, sem em todos vir a terra, nem viera nalgum tempo se não puxara por elle o preceito dos prelados. Obrigaraõno tambem a ser na mesma casa Vigairo, & como a humildade não destrue o talento; em seu governo se vio quaõ grandes são os accetos d' hũa prudência encaminhada por Deos.

2 Era homem de muito alto juizo, & inclinado à santa contemplação dos mysterios divinos, na qual alcançou muitas noticias, que o traziaõ esquecido de si mesmo, & juntamente enfadado das miérias do mundo. Morando ja nesta casa, rentou o Deos com a cegueira dos olhos, como tentou a Tobias: achou nelle a paciencia, que podia desejar: em recompensa lhe deu tanta luz na sua alma, que pode ver claramente o tempo da morte, estando ella por vir. Tres dias antes pediu que lhe abrissem a cova, & nunca mais se apartou della. Andava à roda a modo de reverenceia venerando aquelle pio lugar, que o

avia de recolher no seu seio. Beijava a cada passo a terra, de que se avia de cubrir. E como era alumiado de Deos, tambem nos quiz avizar, que à vista da morte, & sepultura passassem nossas lembranças. Acabados os tres dias, se lhe acabou a vida com admiravel devação, & manifestos indicios de tornar a viver em o Senhor. Na pedra da mesma cova, a qual se acha no claustro, estão escriptas estas palavras: *Aqui jaz Frei Gualter.* E com este epitafio tão breve, ainda que majestoso conforme o nosso estylo acanhado, conservamos a memoria de hũa Varão tão illustre, que não acabão de louvar por termos encarecidos os Padres Gonzaga<sup>a</sup>, Fr. Lucas<sup>b</sup>, & Fr. Artur<sup>c</sup>: a Historia Ecclesiastica de Braga<sup>d</sup>, a Cronologia Monastica Lusitana<sup>e</sup>, & Agiologio Lusitano<sup>f</sup>.

3 Estaõ porém diferentes no tempo de sua morte, & tudo procede de aver pouco exame; que se o ouvera, não me cançara eu tanto, nem o Leitor se podera enfadar de lhe cortar inuitas vezes o fio desta Historia. Huns lhe assignáraõ o anno de 1400: mas não sabiaõ que elle estava ainda vivo no de 1499, & entaõ era Vigairo do Oratorio da Insua quando Dona Isabel de Mendanha lhe

<sup>a</sup> pag. 1176.  
<sup>b</sup> tom. 4. 2a.  
<sup>c</sup> 1392. n. 20.  
<sup>d</sup> in Martyr.  
Matt. 14.  
<sup>e</sup> p. 2. c. 51.  
n. 3.  
<sup>f</sup> l. 2. an. 1400  
tom. 2.  
Matt. 14.  
l. G.

g Arch. da  
Insua.

fez clinola d'algũas peças pera o culto divino como deixou em lembrança o Padre F. Joaõ da Povoas. Outros lhe derão assento no de 1480, & bem se ve, que lhe estendem com demazia a vida. Confesso que não me consta do certo: mas se não posso adivinhar, poderei conjecturar, que tirando desta soma quarenta, ou sinquenta nos porremos na rezão. Com tudo nenhũa acho a quem nos quiz acusar o dito Padre Fr. Artur dizendo, que eserevéra a sua morte em Mèrtola, que he vila em Alem-Tejo, junto do rio Guadiana; por quanto não disse tal. Eserevèõ sómente no texto Latino, que falecéra em *Myrtili*, & repetindo isto mesmo no comento, logo se declarou que falava de Viana, cujo era aquella nome antigo, dizen-do estas palavras. *Myrtili, quod nunc oppidum Vianna appellatur.* Esta he a verdade, em que não ouve nenhum engano.

4 Sendo todos estes Padres perfeitos religiosos, agora tratamos d'hum, que a respeito dos, que ouve no seu tempo, foi chamado *o Grande Frade*. Este he o mui religioso Padre Frei Bertolameu da Insua, do qual não consta onde nacèõ, & sò do ape-

lido se mostra, que morrèõ pera o mundo pela profissão da Ordem no Oratorio da Insua. Agora lhe dão por patria a cidade de Miranda<sup>b</sup>, & eu louvo muito saberlhe o nascimento quem ignorava o tempo da sua morte, & o lugar da sepultura; posto que pelos livros mais antigos, & nos Cartorios das Provincias não se acha menção disto. Deixou-nos escrito delle o Padre Fr. Marcos nas memorias do convento de Viseu, onde foi seu successor naquella guardiania, *que mais parecia hum dos nossos Padres antigos*, os quaes com o seu rigor na vida pareciaõ assombros, & admiraçoès do mundo, que homem daquele tempo quebrado ja no espirito; porque sendo notavelmente austero, nunca afroxou hum ponto; & alli não acaba de lhe chamar *Homem santo, de sancta, & veneravel memoria*. Raramente comia peixe, ou carne, dispensando sò consigo em occasiões de Festa, mas tudo era quasi nada. Com legumes, ou com ervas passava annos inteiros. Por milagre chegava a tocar vinho, & avia de ser isto, obrigandoo doença, & constringendo o Medico. Se lhe era necessario dar alivio a algũa penirencia, fazia muito q' fosse por intervêção de outra. Pelo q' nos rigores do inverno,

Chronol.  
cit. l. 1. Agr.  
28.

quando

quando em rezão dos frios vestia tunica por debaixo do seu habito; menos tinha de burel, do que tinha de cilicio. Cançavaõ as forças com estes grandes rigores, mas elle não descãçava de pedir muito a Deos, que sempre o confortasse. E assi não ouve noite, na qual elle acabadas as matinas não pernoitasse no coro em oração ferventissima até o Sol o avizar cõ seus raios, que ja estava neste nosso Orizante.

5. Mas ainda que era este pera si, com os outros era outro: suave no seu governo, & muito caritativo. Não tinha caprichos que o fizessem indomito: antes facilmente sujeitava a o parecer d'hum frade Leigo, ou idiota, se lhe via fundamento, a suas resoluções. O coração era de pae amoroso, que a todos recolhia, & a todos consolava. Donde veio, que divulgada sua morte em Viseu, onde era Guardiaõ, ouve pranto em toda aquella terra, lamentandõ o seu grande desamparo os pequenos, & os grandes. Morando em Riba Tejo, quando vinha a Lisboa a casa, em que primeiro entrava, era o hospital de São Lazaro, pera logo visitar os leprosos, de quem os outros fugiaõ. Exhortavaos a paciencia naquella sua nojenta enfermidade: confessavaos, se lhes era neces-

sario; & pera em tudo os consolar, lhes levava na manga algum regalo: Foi grandemente zeloso da guarda da santissima pobreza; coluna forte da Regular Observancia: protector de seus zeladores, & defensor da nossa Recoleição. E os Prelados, que conheciaõ seu zelo, nas occasiões de maior porte o traziaõ occupado. Fundouse em Vila Longa a Casa nova nos estylos Recolectos: elle foi o primeiro Guardiaõ. O mesmo foi no convento de Viseu, quando tambem se reformou na dita Recoleição.

6. Aqui em Viseu resplandecêo com mais luz esta tocha fermosissima, que ja se ia gastando. Foi buscar sobre negocios da sua comunidade a o Padre Fr. Diogo de Ansede, Ministro Provincial: encontrou o nesta casa de Viana; & como vinha quebrantado do caminho, com pouca difficuldade se rendeo a o assalto d'ũa doença de morte. Se fora peste, como alguns imaginão, impossivel era deixar de o declarar o P. F. Marcos, ou algum dos Cartorios, donde se tomão todas as suas noticias: a saber o gèral da Prouincia de S. Antonio, & outros particulares da Casa nova, Viseu, & Viana: pelo q não estou agora por ditos sem fundamento. Corredõ pois

apressada a docença, que era febre aguda, tambem o Servo de Deos se afervorava mais em seu divino amor, & depois de aver feito notaveis demonstraçoões com palavras, que a todos deixaraõ edificados, lhe entregou sua alma na primeira Domingo da Quaresma, 7 de Março de 1557. Assi o escreveu por sua propria mão o dito P. Fr. Marcos, & quantos já se tẽ aparrado delle affinando outro dia, outro mez, & outro anno, não vão bein encaminhados. São muitos os que falão neste Veneravel Padre, cujo nome tambem anda no Catalogo dos nossos Beatos. Mas o P. F. Artur se equivocou com elle, porque achando escrita sua memoria pelo P. Gonzaga na Casa nova, & pelo P. Fr. Lucas neste convento de Viana, entendõ que

o Gonzaga.  
p. 116.  
Fr. Luc. cit.  
aa. 1392.  
n. 20.  
Chronol. cit.  
Fr. Artur  
Mai. 29. &  
Decemb. 27  
Agiol. Lusit.  
tom. I.  
Fev. 10. l. D.

craõ dous, & como de dous talou em tempos muito diversos. Consta porẽm ser hum só, ainda que val por muitos. Outros Varoões Apostolicos, & grandes Servos de Deos jazem assi nesta santa casa, como por toda a Provincia de S. Antonio, nos quaes a nossa de Portugal, que comẽçou a criallos na sua obediencia, tem ainda muita parte. Mas porque lâ acabaraõ seus dias, cu os deixou reservados a o Cronista da sua mesma Provincia com quanto ella obrou depois da sua separação. Tudo o mais, que escrevi, nos pertence. Foi feita a dita separação no anno de 1568, dando nõs pera isso a os nossos Recolectos dez conventos, no qual numero entrou este de Viana.

## Noticia do convento de Santa Maria de Mosteiró.

### CAPITULO XXXI.

*Dã-se a rezão de fundarmos tantos juntos: mostra-se o sitio, & principios deste; & hũa imagem milagrosa da Senhora.*

1392



Scaçamente aviaõ principiado os nossos Reformadores o

convento de Viana, quando já intentavaõ fundar outros, com que fossem augmentando a Regular Observancia. Não achavaõ contradicção em os Povos, antes elles os pediã, & os Prelados da Provincia, sendo muito poderosos, nunca nos forã á mão, senão depois que tratamos de lhes tomar os conventos, no que ninguem deve

culpallos

culpallos pois defendião a sua conservação. A isto se ajuntou o pouco, que lhes custava fazer estas fundações, porque fundavam em ermidas, as quaes estavam já feitas, deixando os edificios à disposição do tempo; & pera se recolherem, sendo raõ poucos, & raõ bons de contentar, era largo apozento a casa do Ermitão, ou hũa cabana pobre de ramos, que tecião por suas proprias mãos. Estava só em contrario a prohibição de Bonifacio VIII, que os frades Mendicantes não fundassem sem licença Apostolica, & a que elles tiverão foi só pera hũa casa, & ficara esgotada na fundação de Viana. Mas elles, que mais seguiaõ o caminho da santa simplicidade, que a profissão das letras, não tinhaõ disso noticia: nem os Prelados das Igrejas, que o deviaõ saber, lhes fizeraõ advertencia. E assi guiados sómente do santo amor de Deos nesta Reforma da nossa Religião, em breve tempo fundarão mais as quatro casas seguintes no Entre Douro, & Minho, pera as quaes ouve depois suplemento. E juntas estas a Viana, formãraõ todas hũa Quinario Serafico em memoria das Chagas de nosso Padre Santissimo.

2 Sabendo pois o S. Fr. Diogo Arias, que este sitio de Mosteirò seria acomodado à

vida contemplativa, veio tomar posse delle com algũs dos companheiros. Era hũa mata brava, a que chamavão *a Grova*, emboscada em deserto, na la deira de hum môte, do qual os olhos descobrem á banda do Occidente, nas ribeiras do Minho, mas distante hũa legoa, a nossa vila de Valença. Tudo á roda estava despovoado, sem vizinhança de gente, que pudesse apegarhe os cuidados do mundo, de que andavão fugindo. A solidão do lugar, a espessura das arvores, & a subida do monte: tudo isto espettava as saudades do Ceo. O que mais lhes contentou, foi hũa Ermida da Senhora Mãe de Deos, a cuja sombra nacera a nossa Religião cõ grande felicidade na sua devota ermida da Porciuncula. Estava aqui tão pobre, que em lugar de telha era colmada de palha: porém com muita veneração por toda esta comarca a respeito dos milagres, que cada hora fazia. Foi hum delles, que abrazada a mata com hum medonho incendio, o mesmo fogo, que deixava os duros troncos em cinza, quando chegou a esta santa cabana, onde facilmente se podera atear, caio morto na presença da Senhora.

3 Querein agora dizerme, que antes da nossa vinda já se chamava *S. Maria de Mosteirò*, ou *do Ermo*, em pronostico tambẽ

de que avia de ser morada de gente religiosa. Mas não creio taes pronosticos: nem o nome de *Mosteiro* lhe podia competir; senão depois de estarem aqui frades, juntos em comunidade; & então lho começaraõ a dar pera distincão d'outras ermidas da Virgem purissima, as quaes ainda estavaõ despovoadas: porèm a barbaria da terra, por vizinha de Galiza, fazendo em a ultima acento pronuncia *Mosteiro*. O dia do seu Orago ou fosse a 15. do mez d'Agosto, ou a 8. de Setembro (que não se sabe o certo) nestes dous dias era maior a romagem, & o concurso da gente.

4 Gostaraõ muito aquellos Padres do sitio, & ainda que o serviço da casa em rezaõ da aspereza da terra, & distancia dos Povos, de que dependia a sua sustentação, ouvesse de ser penoso, por não perderem tão grande merecimento; aceitaraõ o trabalho. Facilmente lhes largou o Ermitaõ a ermida, por quanto sem embargo de ser rustico, entendeu que importava a o culto da Senhora. Logo tambem acudio hum morador de Valença, chamado *Marcim Solteiro*, o qual lhes fez esmola da terra, onde armaraõ o primeiro Oratorio; & da maior parte da mata, que ficou incorporada na cerca. Outros retira-

lhos de terra, & pedacinhos de mata, vieraõ oferecer contra vontade dos frades, que não queriaõ ja tanto, muitas pessoas devotas, cujos nomes, que ainda não esquecem, teraõ Deos provavelmête escritos no tombo das suas propriedades. Mas apertando o escrupulo com elles, & a muita opressão dos lavradores, que queriaõ aproveitarse das terras, dimitiraõ todas com licença dos Prelados por intervenção do Syndico no dominio, & Casa do Duque de Caminha, que era D. Manoel. E vinculando elle algũas vezes suas, fechou tudo em Coutada: mas com esta condição que possamos cortar della toda a lenha, que nós ouvermos mitter pera este convento, & pera a casa da Infua.

5 Começou se a fabricar o convento no mesmo anno de Christo 1392, como dizia hum letrado sobre o arco da capella mór antiga: contudo por melhorarem de sitio, ficou hum tiro de pedra afastado da ermida, que por isso se desfez, & da fonte, que estava junto della. No edificio não podemos presumir custosa architectura sendo Mestre desta obra a santissima Pobreza, que nos governava a seu modo naquelle dourado tempo. Nem quando a casa por velha se tornou a restaurar no anno de 1557,

perdeó muito da sua primeira forma, ou da sua fermosura, que trazia enfeitada a gente; porque indo ella desencovar num deserto hũa casa de S. Francisco, não quer ver sumtuosos edificios, pedras burnidas, frizos dourados, esculturas curiosas, madeiras de preço, & diferentes na cor, nem cousa algũa, que cheire a vaidade. Quer achar hum dormitorio limpo, hũas oficinas pobres, & hũa casa, da qual se possa dizer, que nella se agazalha a Serafica Pobreza.

6 Muito antes que reparassem a casa, adornáraõ o altar com outra imagem nova da Santissima Senhora, porque a sua antiga, dominando com milagres o fogo, & as doenças, quiz sujeitar-te ás injurias do tempo, que gasta pedras, & bronzes. Esta he entalhada em madeira, & assentada em trono com o Minino JESV na mão direita por scetro, como notei noutras imagens antigas; & vindo de Flandres pelos annos de 1456, succedéo na virtude dos milagres á primeira. Porque na sua presença, & invocado seu nome sarãão muitos enfermos, soldãão alguns quebrados, fugirão demonios dos corpos, que traziaõ oprimidos, tiverão boa hora muitos partos perigosos, sustentou-se o convento, & sustentou in-

finidade de pobres, que a elle acudiaõ em tempo de grandes fomes, & foraõ vistas outras maravilhas claras, que poderá referir a Prouincia de S. Antonio, pois pertencem a esta sua idade.

## CAPITULO XXXII.

*Grangea muitos devotos a santidade da Casa: florecem alguns servos do Senhor, & são molestados de hũa peste.*

**D** Oi seguindo esta casa no seu modo de viver os passos da de Viana; porque avia em ambas os mesmos Meſtres, a mesma doutrina, & os mesmos exercicios; & assi o que d'aquella dissemos, se entende tambem desta, & das outras, que se seguem. Anticipouse porẽm em receber antes della o estado Recolecto pelos annos de 1486, em que elle começou nesta Prouincia. E continuando com a sua humildade de Oratorio pobre até o anno de 1523, entãõ lhe fizerão graça da prerogativa de Convento, & com ella do primeiro Guardiaõ, que foi F. Filipe Gãgo, avendo sido Vigarios todos os outros Prelados.

6 p. 1. l. c.  
19. n. 30

Arch. da  
Carnota.

Arch. da  
Infua.

2 Erão taes os resplandores, que desta mata saião, & tão tanta a fama dos moradores, q' geralmête todos lhes tinhaõ amor. E se este pelas obras se conhece, muitos sinaes temos disso, porque El-Rei D. Afonso V hũa vez, & outra vez lhes deu amplo privilegio pera hum homem, que servisse o convento. Seus successores no Reino lhes confirmavaõ esta mercè, porque não pediaõ outra. Os Marquezes de Vila-Real não podiaõ fazer mais, que sobre muitas esmolas darem sempre ordinaria de carne. Poucos se aventajáraõ a os Senhores da Casa de Regalados, & menos a Leonel d'Abreu, & a seu filho Lopo Gomes d'Abreu; & nem este se igualou com seu pae, o qual, renovandose o convento, obrou a capela mór, & o retabolo, em que estava pintado, & nella se sepultou. Os Bispos de Tui, os Vigairos geraes de Valença, os Ecclesiasticos vizinhos, os lugares comarcãos de Portugal, & Galiza, todos sempre lhes tiverão particular devação. Algũa pena nos derão hums Abades do Sardal, cuja Parrochia, comprehende esta casa, sobre as nossas ofertas, & sobre a liberdade, que tinham os seus freguezes pera virem confessarse, & ouvir Missa na nossa Igreja. Mas são tormentas, que passaõ, & atráz d'hum,

que não he muito devoto, vêm outros, que esmorecem por nós.

3 Tudo isto prometia hũa larga relação de muitos Servos de Deos, & bem pudêra fazella se as virtudes geraes não escurécêraõ tanto as acçoês particulares, que sendo estas illustres com muito grande trabalho se distinguiaõ das outras. E a mesma humildade, que occultava nos vivos o que era seu louvor, deixou tambem esquecer o que podia acreditar a os mortos. Mas quiz Deos, pera honrar os humildes, que o primeiro nomeado nesta lista fosse hum nesso Donato, natural de Vila meam, hũa legoa de Lamego, o qual servio muitos annos o convento. Pelo costume antigo de dar *Frei* a Ermitaës, & Terceiros, lhe chamavão *F. João de S. Lourenço*: mas na verdade muito pouco lhe faltava pera ser frade perfeito. Porque no habito não avia differença, se não era no capelo; em cujo lugar lhe foi concedida murça. No demais sempre foi como hum frade muito pobre, & penitente. Professou a Ordem dos Terceiros seculares: porém no seu modo de viver guardava inteiramente a nossa primeira Regra. Nunca cançou no serviço do convento, nem afroxou no rigor da penitencia. Descalço, cingido

8 p. 1. l. 1. c.  
21. n. 4.

com hum cilicio, & o alforge às costas caminhava pelos mōtes ajuntando as esmolas, de que os frades costumavão sustentarse: mas neste distrahimēto do corpo trazia mais recolhida sua alma na contemplação do Ceo. Muitas vezes cuidavão os seculares quando o viaõ desta sorte, que seu espirito não animava a carne, & que estaria ja em companhia dos Viventes. Tendo pois edificado com seus exemplos o mundo, & aquirido pera si fama de Santo, no anno de 1451 descançou em o Senhor.

4. Apoz deste Donato, por mais antigo em tempo, foi hum Monge muito grave do Patriarca S. Bento, que se chamava *F. Alvaro*, & Prior do Mosteiro de Ganfei, pelas ribeiras do Minho. Despindo elle a sua cogula preta, que vestio o nosso habito pardo em sinal de penitencia, mostrou logo q̄ vinha seguir a Christo pelo caminho da Cruz. E por falarmos em tudo propriamente, & conforme à verdade, esse habito não era dos Recolectos, porque não entrou aqui, senão dez annos passada a tua morte: mas dos nossos Observantes. Foi elle observantissimo da santa Regra Serafica. No seu tempo não avia nesta casa quem nas virtudes lhe fizesse a mais pequena ventagem. Vinte annos vi-

veo nella com grande recolhimento, sem aceitar hũa só hora o officio de Vigaito, renunciando com fortaleza de animo às prelazias, que muitas vezes lhe foraõ oferecidas. Não queria outra vida, senão servir a todos os companheiros, gastar as noites com Deos em santas meditações, & assistir a seus louvores no coro, pera o qual ministerio escrevéo por sua maõ muitos livros, que foraõ de importancia. E andando metido nestes cuidados, no mez de Janeiro de 1476 o veio chamar a morte com muitos sinaes alegres de que era pera os coros da Gloria. Trata delle o *Agiologio Lusitano*<sup>d</sup>.

5. Acabamos de falar neste Veneravel Padre, que nunca quiz ser Prelado nesta casa, & encontramos agora com o P. Fr. Afonso de Orense, natural da cidade do seu nome em Galiza, o qual a governou trinta annos. Mas o que hum temia por humildade, accitava com cõfiança o outro por dar gosto á Majestade divina, entendendo, que Deos sempre avia de ajudallo; & assi com este mesmo Senhor consultava na oração muito tempo de dia, & de noite o modo do seu governo, que lhe fosse agradavel. Com tal Mestre, & taõ prudente mal poderia errar; & mais quando fazia o que mandava,

jejuando

2 tom. 4. lan  
1. l. F.

jejuando cada dia, trazendo cilicio, & regando todas as noites a terra com disciplinas de sangue. Elle foi o que mandou vir de Flandres a santissima imagem da Senhora Mãe de Deos, a qual com sua presença illustrada por milagres he toda a consolação desta casa, & vizinhos. Comprido finalmente de virtudes, & de annos, no de 1479 se despedio seu espirito do corpo, mas com sandades delle em rezaõ de o aver ajudado a caminhar pera outra melhor vida. E supondo este tempo de sua ditosa morte, he consequencia certa do que deixou assentado, que não chegou a ser Recolecto, & muito menos Antonino, & da Provincia de S. Antonio, a qual teve seu principio no anno de 1568. E posto que ella hoje depois das separaçoes possua este convento, antes disso pertencia a os nossos Observantes desta Provincia de Portugal. Anda muito celebrada pelos livros a sua santa memoria.

6 Por occasião da peste, q̄ abrazou esta casa, & todos os seus contornos no anno de 1493, viemos a ter noticia do P. F. Pedro da Cunha, o qual na flor da idade sendo fidalgo, & rico professou no Oratorio da Insua, fazendo participante de seus bens a Senhora Mãe de Deos com muitas esmolas pera

reparo da casa, retabolo da sua capela mòr, & peças, que lhe deixou pera o culto divino. Morando ainda nesse santo Oratorio soube do miseravel estado, em que a peste tinha posto a este de Mosteirò, por quanto os frades não eraõ muitos: acudiaõ a os lugares vizinhos com os santos Sacramentos, & outras obras de muita misericordia; & quando tornavão a o convento vinhaõ iscaados do peçonhento contagio, & todos foraõ feridos. Morreo o Vigairo F. Marcos, & F. Luiz de Carmes, & os mais estavaõ deseparados. O servo de Deos F. Pedro, que teve disto noticia, não lhe soffreo o coração deixar-se estar em salvo, & seus irmãos perecerem. Pedio licença, & chegou com grande pressa, começava a servir, & a curar os enfermos: mas o Senhor, q̄ lhe deu este espirito, pelo não vir a perder ordenou, que brevemente morresse da mesma enfermidade, cheo de merccimẽtos, no 1. de Abril do anno assina dito. Por sua morte ficaraõ em tal estado os frades, que se duas mulheres virtuosas, & devotas não vieraõ curar delles, o seu mesmo desemparo os avia de matar. Era hũa a mãe do Abade do Sardal: a outra era mulher de João do Pumar, a mãe deica da casa.

e F. Luc. to.  
4 an. 1392.  
n. 18.  
Martyrol.  
Frauc. Apt.  
20.  
Agiol. Lus.  
tom. 2. no  
mesmo dia.

f. Carr. da  
Insua.

## CAPITULO XXXIII.

Do Santo Fr. Ioaõ de Basto,  
& do P. Fr. Diogo de S.  
Roque.

**M**Aiores são as aelamações de Santo, q̃ muitos Autores<sup>o</sup> dão a o Veneravel Padre Frei João de Basto, do que a noticia, que temos de suas grandes virtudes. Todos fundão seus clogios nas maravilhas, que o Senhor tem obrado por sua intercessão, & quando muito fô de passagem lhe tocaõ na santidade da vida. Foi a culpa dos religiosos do seu tempo, porque sendo testemunhas de suas obras heroicas, mais fiãraõ da memoria dos homẽs, sujeita a muitos esquecimentos, que d'hum pedaço de papel, ou pergaminho, no qual ficavão seguras. Não deixaõ porẽm de relatar por maior, como ja se disse do santo Job, que era Varaõ simples nas malicias do mundo, recto, & justificado em suas obrigações, muito remente a Deos, inimigo perpetuo do mal, & innocente na vida. Nacõ nas terras de Basto no Entre Douro & Minho, & professou pera fra de Leigo por ser, estado humilde, & santo na nossa Religião.

2 Não sabia letras humanas, nem era dos sabichões, que se prezaõ de bacharéis, sem o serem: mas soube tanto de Deos, que acertou com o caminho do Ceo, & trouxe muitos a elle. Nestes idiotas santos assenta bem a sua sabedoria, & mais idolos, que se adoraõ do mundo, tem elles prostrado com seu exemplo, do que muitos com todas as suas letras. Pela força do amor, com que amava a Deos, muito mais vivia nelle a sua devota alma do que vivia no corpo; & tão fortes laços de parte a parte se tinhaõ lançado ambos, que muitas obras originadas de graça superior, nelle pareciao naturaes. Donde nacõ, que os meios de mortificar o corpo mais eraõ esquecimentos, & omissoes de suas comodidades, como deixar de comer, & dormir, que rigores ordenados a penosos sentimentos, nos quaes porẽm não faltava. Teve grande, & familiar entrada na officina dos milagres, que Deos obra por sua Omnipotencia, & quanto menos sabia de contas, & de sciencias, maiores poderes tinha em virtude do Senhor, pera sarar os enfermos, & dar alivio a muitos atribulados. Foraõ notaveis as maravilhas, que fez por toda esta comarca,

F. Marc. p.  
3. l. 9. c. 42.  
Gon. p. 115.  
F. Luc. 10. 4.  
m. 1392. n.  
12.  
M. Tyr. Fr.  
1. n. 28.  
F. Gasp. Mar.  
no Catal. dos  
Var. Ilust.  
Agiol. Lus.  
Jan 6. & 28.  
Hist. Eccl.  
de Braga p.  
2. c. 51. n. 2.  
Chron. Mo.  
nast. Lusit.  
1. 1. in app. &  
lun.

6 Job. i. v. 1.

16. p. 70. v.

procurando os vizinhos cada hora a sua intercessão com Deos, & agradecidos a os seus muitos favores o publicavaõ por Milagroso, & Santo. Com este voto do Povo, no qual soa a voz de Deos, apadrinhada tambem de preciosas virtudes se partio a sua alma da terra pera o Ceo, onde se faz mais justiça, que no mundo, a grandes merecimentos.

3 Não nos ficou em lembrança o tempo certo do seu glorioso transito, & se nisto ouvera mais advertencia, não estivera a verdade escurecida agora. Cuidão alguns, que foi no anno de 1575: mas claramente se convencem de engano; porque no tempo da sua morte ainda este convento não pertencia á Provincia de Santo Antonio, como elles mesmos dizem, & ella no de 68; em que foi instituída, o tomou á sua conta. Demais disto; muito antes desse anno fallecè o Padre Fr. Diogo de S. Roque, cuja memoria logo se ha de seguir, & consta do Cartorio da casa, que lhe derão sepultura junto da cova deste Servo do Senhor, o qual ja estava nella. Procedeo o seu engano de acharem os ditos annos escritos na pedra da mesma cova: consultado porèm o sobredito Car-

torio não os refere á morte, senão a o tempo, em que na campa se escrevè o seu nome. O Padre Fr. Marcos sem guardar ordem nos tempos, depois de tratar do Martyrio d'hum frade no anno de 1557, & antes de contar a morte d'outro no de 1524, nos deu a sua memoria, a qual se for asfentada pelos annos de 540, não vai fóra de caminho.

4 Foi enterrado este Veneravel Padre numa cova ordinaria do claustro; mas logo Deos ordenou sublimallo a outro lugar mais nobre. Acudiraõ os Povos, como costumavaõ d'antes, a valer-se da sua intercessão, visita-vãohe a cova, tiravaõ terra, & traziaõna pendurada a o pescoço em nomina; eraõ muitas as maravilhas, que Deos obrava por ella; & mais em particular; saravaõ os enfermos de maleitas, & doentes da garganta, fugindo tambem os demonios dos corpos. Crecia com isto a devação nos Fieis, porèm o Servo de Deos não acabava de sair da sua humilde cova, & foi necessario chegarem os seus favores aos Guardiães da casa, que podiaõ promover a sua veneração. Foi o primeiro Frei Diogo dos Anjos, o qual estando consumido d'huas quartans

importunas no anno de 1575 prometèo, que se o livrasse dellas lhe mandaria cubrir com hũa pedra a cova, na qual fosse entalhado o seu nome. Feito o voto appareçeo a saude, & elle comprio o que tinha prometido. Na pedra está escrito.

*Aqui jaz o Beato Frei  
João de Basto. 75.*

5 No meio della ficou hum buraco grande, por onde tirão a terra medicinal dos enfermos, & nenhum outro se fez no sepulcro, de que logo falaremos, porque nelle não há terra, que tirar, senão ossos, que guardar. Está hoje cercada de hũa grade de ferro, se baixa, muito bastante pera que os pés lhe tenham algum respeito. Depois disso, sendo também Guardiaõ Frei Fernando da Conceição, que confessava dever lhe dous milagres, obrados em sua mesma pessoa, no anno de 1578 a 6 do mez de Janeiro tresladou seus santos ossos a hum sepulcro de pedra, embutido na parede dentro das grades da igreja, o qual outro Guardiaõ mandou dourar por hum voto, que lhe fez em outra enfermidade. O Epitafio he este, que escrevemos.

*Os ossos do santo Padre F.  
João de Basto foram aqui  
tresladados na Era de*

1578.

6 Depois de elle se ver levantado, & hõrado, né por isso se fez desagradeçido: antes foi cõtinuando cõ os seus milagrosos beneficios. Succedeo ter o dito Fr. Diogo dos Anjos hu acedete de pedra, o qual lhe durou seis dias, cõ supressão das ourenas, & estãdo ja desconfiado dos Medicos, disse ao Enfermeiro. *Ajudame na cõfiança com o santo F. João, por que me sinto salto della. Façamos voto de rezar lhe cada dia hũa antifona pera que me alcãce mais de Deos tres annos de vida, nõs quaes faça penitencia. Bastou o voto pera que ficasse saõ; & sendo depois mudado pera Viana, lá cursou o seu triennio com grandes exẽplos de conhecidas virtudes.*

7 Assistia nesta casa hum religioso taõ triste, & melancolico, que perdia o juizo, & em rezaõ das tentações, que este mal lhe causava, vigiavaõno os outros por não fazer algũa temeridade. Foi trazido à sepultura deste Veneravel Padre, lançaraõlhe da terra ao pescoço, & com esta santa, & milagrosa poeira se desfizerãõ as nevoas, q o traziaõ cõfuso. Ja nesta nossa idade lhe veio pedir remedio

hũa molhet do lugar de Baccalar com a cabeça aberta, & hũ dos braços quebrado. O Guardião lhe deu logo quinze pontos, apoz disto lançou terra nas feridas, com a qual farou de primeira tenção, sem lhe ficar sinal dellas. Com a mesma terra se curou d'hũas maleitas mortaes hũa filha de Simão da Cunha, & elle agradecido lhe cõpoz hum epigrama, que muito tempo esteve ornando o seu sepulcro.

8 Pegado à sua cova jaz o P. Fr. Diogo de S. Roque, a o qual se lhe deu este lugar pelo notavel affecto, com que imitou os passos de sua vida. Foi prægador de admiravel espirito, & juntos os seus exemplos às palavras, que todas ferião fogo, convertéo infinidade de almas a o serviço de Deos. E

como os Santos tratão sempre da veneração dos outros, elle foi o que no convento de Viana recolheo em hum cofre de madeira os ossos do P. Frei Gonçalo Marinho, & da primeira sepultura os passou a os degraos do altar mór. Tendo tambem cumulada sua alma de gloriosas virtudes, a tressladrão do corpo, & deviaõ ser os Anjos, pera os eternos tabernaculos. O Cartorio da Casa assenta a sua morte no auno de Christo 1540, & bem he que o creamos.

9 Neste estado tão santo, & tão luzido tinha posto o convento a nossa Provincia de Portugal, quando ella, & a de S. Antonio se dividiraõ entre si. Esta o levou consigo na sua Carta de partilhas, & o sabe estimar.

## Relação do convento de S. Paio do Monte.

### CAPITULO XXXIV.

*Faz-se presente a qualidade da casa, com a memoria de dous Servos do Senhor.*

1392



**I** M quanto o P. Frei Diogo Arias estava principiando a casa

de Mosteirõ, veio o Servo de Deos F. Gonçalo Marinho cõ outro seu cõpanheiro, a fundar esta de S. Paio, hũa legoa mais abaixo pera a parte do mar, Encontrou cõ hum pedaço de terra, q sò a o seu espirito solitario, & devoto podia ser aprazivel, quasi assentado no espinhaço d'hum monte, que correndo de Caminha pera

F. Luc. to.  
4. an. 139.  
n. 21.

lima,

simia, aqui se levanta mais, corroandose de penhas, que parece competirem com as nuvens. Não se esqueço porém o Autor da Natureza de dar passagem por ellas, ainda que muito aspera, a os que o atravessão de hũa a outra banda. Fica fronteiro a Galiza, a cuja vista abre em suas entranhas hum precipitado vale, que caindo espaço de meia legoa, se encontra já em baixo com Vila nova de Cerveira, onde pára em as ribeiras do Minho. He regado este sitio com duas fontes perennes, & cercado de arvoredo sombrio, com que fica muito fresco: porém humido, & exposto a o rigor do inverno. No veraõ seria delizioso, se nelle se sentiraõ algũ dia os ardores da Canicula: mas quando aqui se despede o inverno, não liã mais q̃ primavera. Nenhum povoado tẽ, que não fique muito longe, nẽ pera elle se vem de parte algũa, que não seja, subindo por costas íngremes; & o sair hà de ser por quebrados precipicios. Não sei eu em Portugal outra casa de gẽte religiosa, que menos comodidade tenha pera a vida humana; & digo isto por desculpar d'algum modo as mudanças de moradores, q̃ aqui acontecerão.

2 Avia neste lugar hũa ermida do glorioso S. Paio, de que adiante avemos de escre-

ver, autorizada cõ muitos dos seus milagres, & frequentada dos Povos com singular devoção. Grandes bens se prometerão a sua sombra os Fundadores da casa: em particular vivos exemplos de mortificar o corpo, procedidos do valor, com q̃ soffreo o martyrio. Levantáraõ logo hũas choupanas de ramos em lugar de dormitório, dando principio a liũ convêto tão pobre, q̃ desvelados alguns Guardiaes por melhorarem a obra, & traça do edificio, não excedeo até agora os apertos da pobreza. E tenho por cousa certa, que estas paredes desordenadas, & tocas maior abalo fariaõ nas almas, que se contentaõ com pouco seguindo a Christo crucificado, & pobre, do que outras mais suntuosas, & ricas. Ficou a o convêto o nome do mesmo Santo, que o faz mais estimado por todas aquellas partes: mas pera o distinguirem das outras suas igrejas, lhe daõ muitos apelidos. Pelo que algũas vezes lhe chamãõ S. Paio do Monte, ou da Serra, por occasião do sitio: outras, S. Paio das Penhas, pela vizinhãça dellas; & S. Paio dos milagres, em rezaõ dos que obrou nesta casa, os quaes são innumeraveis.

3 Aqui viviaõ aquelles bẽditos Padres tão separados do mũdo, como se já estiverão fóra del-  
le. Não communicavão seculares,

que podessem divertillos da conversação dos Anjos. A semelhança das Aguias, criadas naquellas penhas voavaõ pera o Ceo em santas meditações, & quando deciaõ pera cativar a preza, atrancavão com as unhas da prégação, & exemplo os corações mais rebeldes, que entregavão a Deos. Muitas vezes nem pão tinhaõ, com que matassem a fome, por não andarem mendigando ao longe contra seu recolhimento: porém nelle lhes chovia o Maná das cõsolações celestes, que os trazia contentes. A primeira vez, que cheguei a este sitio, & foi em 2 de Outubro de 1642, quando me vi no meio de hum deserto, sobre despenhados mōtes, à sombra d'hum arvoredoristonho, pizando flores sylvestres, que esmaltavão a terra, & junto de hũas casas, que representavão mais apozeto de pobres, que morada de gente religiosa: entrado d'outro espirito, pareciam-me que ja estava no Ceo. E que seria naquelles Padres antigos, que tanto tinhaõ de Deos! Tenho lastima de se perder a sua santa memoria, que agora nos podera consolar; porque não achei papel, que me dê algũa luz do que passou no seu tempo; & dous livros, tresladado hum de outro, que se escrevêo no anno de 1583, contando o valeroso

martyrio, & milagres de São Paio, com algũas couças tocantes a o convento, nada dizem do que foi naquella idade d'ouro, senão que aqui jaz sepultado hum dos nossos primeiros Reformadores. Assi tambem o escreve o P. F. Lucas, & como sabemos, onde os outros descanção, & vai mostrando o curso desta Historia, este he o P. F. Pedro Dias, que em terceiro lugar nomeou o Pontifice na bula.

loco cit.

4 Com isto concorda a tradição, & a fama, que até estes tempos he constante, a qual diz que nesta casa faleceo hum frade santo, que no principio della sustentou com grandissimo fervor os rigores da Observancia; A cada passo o achavaõ levantado sobre os carvalhos altos em santa contemplação, & quando em si tornava, não lhe faziaõ na humildade ventagem os tojos, nem os sargacos. Dizem delle, que muitos milagres attribuidos nesta casa a S. Paio, foraõ feitos por sua intercessão. Passados mais de cem annos, quando a igreja se acrescentou de novo, foi achado o seu corpo incorrupto, & inteiro com as mãos metidas pelas mangas do habito, & o rosto descuberto. Daqui o tresladarão pera a capela mor na parte do Evangelho, donde saie muitas vezes tão grande suavidade

de cheito, que se tem por in-  
lagroso. Deste modo está aqui  
sepultado, não só na terra, mas  
tambem na nossa estimação hū  
Seryo tão illustre do Senhor, q  
se a caso pertencera a outra  
Prouincia, ou Ordem, ja esti-  
vera em melhor predicamen-  
to.

Muito pouco se adian-  
tou na sorte de estar mais ve-  
nerado o P. F. Antonio (entren-  
do, que de Coimbra) porque fa-  
lecendo elle pelos annos de  
1.600., tão esquecido está em  
algũas circunſtancias, como se  
forão pãssados muitos seculos  
inteiros. Quem não lhe sabe o  
nome, chamalle o Erade ſanco,  
& se na vida o foi, de o ser  
tambem na morte nos deixou  
grandes ſinaes. Tinha na mara,  
pregada em hūa arvore a ſagra-  
da Cruz de Christo, diante da  
qual contemplava muitas horas  
cada dia na ſua ſantã paixãõ.  
Parece, que adivinhaõ as almas  
quando se vaõ despedindo da  
eſcuridãõ do corpo, & rever-  
berando nellas as luzes celeſ-  
tiales, ſentem muitas vezes aquil-  
lo, que não entendem. Hum dia  
amanhecêo tão alegre; & riſo-  
nho, que deu muito em que  
cuidar a os outros. Confessou-  
ſe, diſſe miſſa, & acabando as  
graças, ſe retirou á ſonibra da  
ſua Cruz. É como alguns o tra-  
ziãõ ja de olho; brevemente o  
ſeguirãõ; mas acharãõno, qual

S. Paulo Ermitão, com os joel-  
hos em terra, o corpo derreto,  
os olhos pregados no Madeiro  
ſalutifero, & as mãos levanta-  
das ao ceo. A alma era ja deſ-  
pedida do ſeu corpo, & estaria  
colhêdo o ſuauiſſimo fructo da  
meſma arvore da Cruz, que era  
o ſeu repouſo.

## CAPITULO XXXV.

Contãõſe as muitas fortunas,

que paſſou eſte con-

vento,

**M**uito tempo cultivã-  
rão eſte monte com  
virtudes nos noſſos  
Padres Obſervantes; & nelle  
perſeueravãõ ainda no anno  
de 1449, quando o Sumo Pon-  
tifice, como ja tenho eſcrito,  
ſupriu o deſcito de licença, q  
ouve na fundaçãõ. Forãõ con-  
tudo fazendo experiencia d'al-  
guãs inconvenientes, que os  
traziãõ cançados. O meſmos era  
a aſpereza do ſirio, porque  
com ella ſe acomodavãõ bem  
a falta do neceſſario para paſ-  
ſarem a vida, ainda que pobre-  
mente, lhes dava maior traba-  
lho. Não podia ſuſtentallos Vi-  
la nova de Ceveira por ſer de  
povo pequeno, poſto que muy-  
to devoto, & de grande carida-  
de; as outras vilas á roda, alé-  
da ſua diſtancia, todas tinham

seu convêto da nossa Religião, a o qual forçadamête avião de acudir. Não estava entre elles praticado o serviço dos Donatos, & assi não avia mais remedio, que andarem os frades mendigando pelos montes; & como não crão muitos, estragando o recolhimento, que sobre tudo amavão, fazião falta no coro. Ponderando elles estas razões, & as outras, que lhes seriaõ presentes, quizerão antes perder esta sua casa, que conservalla com dispendio da Regular disciplina, & de toda a deixaraõ. Não consta do tempo certo: mas entendo, que seria pelo anno de 1460, no qual largamos tambem o Oretorio de S. Francisco do Ves, termo da vila de Penéla, cuja noticia se ha de dar a seu tempo.

2.º No ponto, que nos salimos, entraraõ logo os nossos Conventuaes, que ja se remiaõ de nos verem multiplicados em casas, & permanecêrão nesta até que foraõ extintos pela ultima, & geral reformaçaõ, executada no anno de 1568. Neste tempo, em que todos começaraõ a viver na Regular Observancia, ficamos tambem sustentando esta praça por espaço de dous annos: mas apertando outra vez os incomodos antigos, no anno de 1570. a tornamos a largar. Repartimos as

nossas alfaias pobres pelas freiras de Caminha, & outros necessitados; & encampando a igreja a o Santo, lhe deixamos a casa despovoadã. Foi grande o sentimento nos povos circūvizinhos de verem desamparado hum lugar de tanta veneraçãõ, onde Deos era servido, & elles nas confissões consolados: mas foraõ muito maiores as demastias do vulgo, porque tudo destruíraõ. Não ficou hũa pedra sobre pedra: leváraõ a relha, & a madeira: cortaraõ as arvores da cerca, & perdoando somente à Igreja, em tal estado ficou, que mais parecia hum triste curral de gado, que casa de oraçaõ.

3.º Succedêo acharse entãõ em Roma o P.F. Antonio Bravo, que avia professado entre os Conventuaes, o qual impetrou hum breve do Papa Gregorio XIII pera viver neste sitio com dous, ou tres religiosos debaixo da sua obediencia. Chegou a elle no anno de 1573, & quando vio aquellas tristes ruínas, perdendo as esperanças de as poder restaurar, deu volta pera Braga, que era a sua patria, com intento de se ir a outra parte. Porém Deos, que ja de longe vinha dispondo a sua restauraçãõ, lhe mandou a o caminho hũa febre, que o fez buscar com mais pressa a cidade. Aqui o aper-

tou a doença de tal modo por tempo de trinta dias, que o poz junto da morte. Tomou hũa purga, a qual sem obrar cousa algũa lhe servia de veneno: sêtia que estalava, imaginava que morria, desconfiavaõ os Medicos: neste ponto lhe lembrou o glorioso S. Pajo, & o mesmo foi prometerlhe reparar o seu convento, que lançar logo a purga, & com ella toda a enfermidade.

4 Veio comprir o seu voto, & com grandes perabens de toda esta comarca, que logo o ajudou a reformar a igreja, fazer coro na sua capela mór, & duas cclas com algũas oficinas. Mas começou a sentir a aspezeza da terra, a falta do necessario, & muito mais o pouco gosto do nosso Provincial pera lhe dar companheiros na forma da sua bula: nem sei que tivesse outro, senão Fr. Manoel Dourado. Com isto se tornou a resolver em desemparrar a casa: esperou pelo dia do Santo, em que avia romagem, no anno de Christo 1577, começou a despedirse d'algũas pessoas nobres, às quaes devia dar esta satisfação, & querêdo tambem dalla a os vizinhos de Vila nova de Cerveira, às primeiras palavras emmudecêdo com huns gritos, que saíraõ da igreja, apellidando *Milagre*. Foi o caso, que hũa moça do ter-

mo da cidade de Orense estava tão derreada, que não podia andar, senão quasi de gatinhas com hũas muletas nas mãos, q quando muito teriaõ a altura de hum palmo. Veio valerse do Santo, acabou de ouvir missa, depois da qual lhe vierãõ hũas dores intensissimas, & com ellas a saude, que a deixou direita, & sã. Isto foi o que dizião os gritos, & espertandõ com elles Pedro Fernandes, q era Juiz da Vila, & alçijado d'hũa mão, com a qual não podia ter a vara, tocou com ella em a imagem do Santo, & logo reve saude. Tinha se ido da igreja hũa mulher alçijada de dous dedos, & muito desconsolada por não ser ouvida d'elle: mas alcançandoa no caminho estas novas, invocou mais confiada a sua intercessão, & estendêo ambos os dedos.

5 Com todas estas amarras, que não podiaõ quebrar, prendêo o esclarecido Martyr a o P. Fr. Antonio Bravo, que não fugisse de sua casa, porque entendendo elle ser esta a vontade do Senhor, se deixou nella ficar, mais animado, q d'antes. Deste tempo por diante forão crescendo cada hora os milagres assi na sua igreja, como tambem fóra della, em Portugal, & Galiza, sobre os quaes fez notaveis diligencias o mesmo Padre trabalhando pelos

reduzir a autos, & aprovar por autoridade publica. E escreveu depois hum livro, em que os summariou, & deixou autenticados. Na casa tambem obrou o que lhe era possível, retendo sempre o nome de Guardião, posto que algũas vezes por falta de subditos parecia titular. Ainda estava vivo a 25 de Junho de 1585, como consta pelo termo d'hum milagre: mas depois de tres, ou quatro foi saber na outta vida quanto lhe tinham montado os bons serviços, que fizera a S. Paio. Por sua morte tomou posse do convento a Provincia, & formou comunidade: pelo que a 5 do mez d'Abri! de 1596 lhe foraõ tambem mandados certos estatutos novos, que entaõ se fizeram no Capitulo. Começou-se entaõ a governar por Vigairos atè chegarem os 19 de Maio de 1623, no qual tempo se nomeou o primeiro Guardião, com a taxa dos seus frades moradores, que se arbitrou em doze.

67 A olhos vistos se melhorou de fortuna pelos grandes merecimentos deste glorioso Martyr. Porque ja parecia branda a sua fragosidade, a pobreza tem remedio, & se salva o rigor da Regular Observancia. A caridade he grande, & a devaçãõ maior por toda a vizinhança. Ve-se isto no cuidado

de conservar hũa mata, ornamento, & provisãõ do Convento para madeira, & lenha, a qual sustentãõ alguns lugares vizinhos plantando nella cada anno certas arvores. Finalmente a Senhora Mãe de Deos nos veio engrandecer com hũa imagem sua, chamada da boa nova, anunciadora de muitas felicidades. Como a pobres nos foi dado por esmola este tesouro em Braga, & nõs em forma de procissãõ fomos buscar a Vila nova de Cerveira num Domingo, 13 do mez de Abril de 1624 com grande concurso de muita gente, que nos quiz acompanhar. E a Rainha santissima abriu logo o seu seio de grandes misericordias: sarou a muitos enfermos, & vai ainda continuãdo com os mesmos beneficios.

## CAPITULO XXXVI.

*Referem-se algũs milagres do glorioso S. Paio, & a muta devaçãõ, que lhe tem por estas partes.*

**R**ezão he, que demos a conhecer, ainda q brevemente, este invincivel Martyr, suposto ser Padroeiro, & Titular do convento Nareõ na comarca de

Monarch.  
Lusit. p. 2.  
7. c. 19.

Coimbra, dotado de grandes prendas, & singular fermosura, que lhe deu a Natureza, bem herdado de seus paes pela nobreza do sangue, & em estrela de encontrar com hum tio, Bispo de Tui, chamado *Hermogio*, o qual o criou em casa, realçando nelle com sua santa doutrina todas estas perfeições. Nesse tempo senhoreavão os Mouros grande parte de Hespanha, & vencendo a os Christãos na batalha de Valde Junqueira prisionãrão o Bispo, que pera vir a tratar de resgate deixou o sobrinho em refens ao Rei Mouro de Cordova. Passada larga prizaõ, não tendo o santo minino quatorze annos perfectos, teve valor, ajudado dos auxilios do Ceo, pera rebater o torpe atrevimento do Reinefando, que cego com a sua fermosura lhe quiz furtar a joia da castidade. Raivoso o Infiel quando se achou frustrado, tomou armas contra a santa lei de Christo, que abomina esta horrenda torpeza, presumindo que facilmente viria a consentir na sua mesma cegueira, se a tormenta das dores lhe apagassem as luzes da Fé na alma. Porém elle, que sabia desprezar as delicias da carne, zombou tambem dos tormentos, & coroado com riquissimas aureolas de Virgem, & Martyr, no anno do Nacimẽto de Chris-

to 926 foi reinar com elle no imperio do Ceo. O seu corpo milagroso está hoje na cidade de Oviedo.

2 Logo Deos, que não dilata os premios, engrandecẽo o seu nome com a fama dos milagres, que fazia por Hespanha. Dos que obrou nesta casa nos importava dar conta: mas os antigos esquecem, & os outros forão tantos desde anno 1577 até o de 86, que o sobredito P. Fr. Antonio Bravo fez justificar, & aprovar mais de cento, & oitenta. São contados neste numero entre derreados, tolhidos, & aleijados, quarenta, & seis: vinte, & dous quebrados: onze cegos: dous loucos: hum defunto, outro mudo, hum surdo, & hum leproso: tres assombrados do espirito maligno; & os mais, oprimidos doutros males, & grandes necessidades. Dou noticia particular de alguns, pelos quaes se podem julgar os outros.

3 Avia trinta, & tres annos, que o senhor D. Fulgencio, filho do Duque de Bragança D. Jaime, & D. Prior da vila de Guimaraes andava molestando com hũa impingem brava, a qual corria do joelho até a cinta, & nalgũas conjunções se desfazia em sangue, magoando com dores crueis, & insupportaveis. Veio visitar o Santo pera lhe pedir saude, & vendo

que elle lha dilatava, tornou-se a Guimaraes com hum pouco do azeite, que ardia na lampada diante do seu altar. A poucos dias andados se affanhou a impigem com muito maior braveza, inclhando na grossura de hum paõ de quatro reis, que então era maior: fez-se azul, & arregoou em partes, & ficando mui asquerosa á vista, o pruído, & as dores o fazião perder de todo a paciencia. Esteve neste tormẽto da hũa hora da tarde até as onze da noite, no qual tempo gritou pelo Santo, dizendo estas palalavras. *Senhor S. Paio, busqueivos na vossa casa pera me dardes saude, como sei que dais a muitos, & vejo que tornei da romaria mais enfermo, do que fui. Prevaleça a meus demeritos a vossa misericordia.* Nisto se untou com o azeite do Santo, & adormecendo logo, quando depois acordou pela manhã, não avia ja impigem, nẽ o menor final della.

4 Muito mais notavel foi o milagre, que obrou num minino, chamado *Gomes*, filho de *Rui de Sequeiros de Soto-maior*, *Justiça mór de Tui*. Andava elle gravemente achacado, & hũa manhã, que o Sol começava a nacer, o virão morto na cama. Impaciente o pac fez promessa a *S. Paio*, q se lho tornasse vivo, o traria a

esta sua igreja, & pezaria a trigo. Feito o voto, resuscitou o minino com admiração de todos.

5 Não estava ainda morta *Brites Alvares* da cidade de *Astorga*, porẽm tão mortificada, & tollida, que não podia bulirse, & pera passar de hũa parte a outra, era força, que a levasssem nos braços. Resolveo-se em ir pedir a saude a *Santiago de Galiza*: mas quando chegou a *Tui*, que ouviu os milagres de *S. Paio*, desistio da romaria, & fez que logo a trouxessem a esta santa igreja, onde teve hũa novena inteira, no fim da qual se acabaraõ seus males, & tornou a pẽ a *Astorga*, saltando de alegria, & louvãdo este Santo glorioso.

6 Ainda hoje o louvaõ os freguezes de *Brandára*, termo de *Ponte de Lima*, por outro grande milagre. Tinhahe dado o bicho em todas as suas terras, sem deixar erva no campo, nem folha verde nas arvores. Tudo roia, & tudo lhes destruíã. Neste aperto recorreraõ a *S. Paio*, fazendo voto de virem em procissãõ. Vierãõ, & nunca mais appareceo nos seus campos esta praga.

7 Queria o *S. Martyr*, que o honrassem na terra, guardãdo o dia da sua festa, assi como elle os emparava no Ceo. Pelo que, aconteceo neste dia encõtrarem

huns Romeiros de Galiza com outro homê; o qual andava sachado milho; & como lhe estranhâraõ sua pouca deuação, refpõdê o rusticamête. *E se eu não trabalhar, por ventura. S. Paio: hãme de dar de comer?* Sêtio porê m o castigo da sua temeridade; por qõ sachõ ficou pegado à mão; sem o poder arrãcar. Mas conhecêdo seu erro pediõ lhe perdão, & o sachõ saltou fóra, com o qual foi seguindo os Romeiros, & deixou pendurado na igreja.

8 Não entrou o seu nome no Brazil sem q̃ levãsse cõsigo a virtude, & a fama de milagres, como sempre confessou Francisco Barbudo, assistente na Bahia. Tinha caído de hũa arvore alta, & quebrado hũa perna por quatro, ou sinquo partes, sê lhe bastarê sete mezes de cama pera alcançar saude, antes as dores se faziaõ mais intensas; & elle desanimado perdia o sofrimento. Neste tempo lhe entrãraõ pela porta dous naturaes de Viana, que pela grande noticia, que tinhãõ deste convento, lhe inculcãraõ muito a deuação de S. Paio, advertindoõ porê m, q̃ lhe fizesse algũa boã promessa. Cõprãra elle a saude ainda por maior preço: mas por então prometeõ lhe duas arrobas de assucar, & hũa depois cada anno em toda a sua vida. Cõ isto se recolhêo, & quãdo amanhecia estava de todo saõ, cõ tâto conhe-

ciênero do favor, q̃ o Santo lhe fizera, que sê faltãna promessa lhe multiplicou seruiços; & perater por irmaõs os religiosos, que nesta casa o servem, lhes pediõ hũa carta de irmandade. Assi foi facilitando com seu agradecimento outros favores iguaes, como se ve no seguinte.

9 Fugirãõ lhe trinta ésvavos de hum engenho d'assucar, & não lhe chegou a nova, senãõ depois de ser perdida a occasiãõ de mandar em seu alcance: mas recorreo a S. Paio por meio de muitas missas, o qual logo se lhe mostrou favoravel. Porque tendo ellês ja caminhado trinta legoas, & começando a entrar por hũa mata espessa, donde o poder do mundo não podia arrancallos, apateccolhes o Santo em figura de manebõ fermosissimo; cortoulhes logo o passo, & com boas palavras, as quaes lhes fez entender, sendo negros, & boçaes, os obrigou a tornarem em rebanho pera casa do senhor.

10 Seria ingratiãõ deixar eu de referir o que me aconteceu hõntem a 2 de Fevereiro de 1663, a tempo, que escrevia estas suas maravilhas. Abrazouseme sobre a tarde o figado com tamanha vehemência, como se eu estivesse ardendo numa fornalha. As mãõs despediaõ fogo: os olhos, chamam aczãs;

& todo o corpo, raios. A pele, q̄ ja estava crestada, parecia de Camelo, & coalhada de empolas me comia por tantas partes, que acudindo a hũa, as outras não querião esperar. Grande pena me dava este achaque, porêm mais me affigia o cuidado d'hũa doença passada, que tive hã quatro annos, a qual começando por estes mesmos principios sinquo mezes, & meio me teve atormentado. Affi estive até as quatro da manhã, em que adormeci de cansado: mas lembreime do glorioso S. Paio, em cujo serviço me occupava, & por seus merecimentos amanheci hoje sem molestia algũa. Seja Deos muito bem ditto, que não esconde dos maiores pecadores a sua misericordia.

II Com tantos favores, & beneficios deste valeroso Martyr se vai ainda cevando a devação peregrina; que lhe tem todos os Povos á roda: os Portuguezes, por natural: os Galegos, pelo averem criado; & hũs, & outros a respeito dos milagres. Não lhe chamão por todo este distrito, & muito mais em Galiza, senão o *senhor São Paio*. Erão muitos os Romeiros, que o vinhão visitar pelo discurso

do anno: huns, pretendentes de sua intercessão: outros, agraçados à sua benevolência. Avia casas, onde se agazalhavão em o tempo das novenas, deixando na despedida armadas as paredes da igreja com mortallas, muletas, & outras muitas insignias, que erão como troféos do seu notavel poder sobre a morte, & doenças. No dia do seu Orago a 26 de Junho avia muito que ver na multidaõ dos devotos, que vinhaõ de Portugal, & Galiza. Erão muitos os clamores, a saber as freguezias inteiras; acõpanhadas dos Parrocos, com suas cruces alçadas, em forma de procissão, entoando ladaïnhas. E era cousa galante, que a o som de alegres instrumentos subiaõ a cavallo pela ladeira do monte alguns dos disciplinantes, açoutandose nas costas. Traziaõ tambem muitos molhos de centeio por malhar entre as suas ofertas; reconhecendo o Santo por Advogado de todas as sementeiras. He verdade; que as guerras, & os trabalhos do tempo, tem diminuido tudo: mas atêgora não podêrão extinguir o amor em seus devotos.

## Origem, & successos do convento de S. Maria da Infua.

### CAPITULO XXXVII.

*Damos conta das qualidades da Ilha, & do convento, & revela a Senhora. hũa fonte milagrosa.*

1392

**S**entado o P. F. Diogo Arias a fundação de Mosteirò, logou veio com alguns dos cõpanheiros, que se foraõ ajuntando; fazer esta entre as ondas do mar, defronte da fõz do Minho. Neste lugar, q̃ serà meia legoa de Caminha, avulta sobre as agoas salgadas hũa ilha pequena, quasi rasteira com ellas, a qual fór duas barras, por onde entrão no rio: hũa baixa, da parte de Portugal: outra alta, encostada a Galizã. Em baixamar, que está mais descuberta, não chega a ter hũa milha em redondo: em preamar, posto hum homem no meio, por todas as partes chegará com hũa pedra à agoa. Lança hũa ponta pera a banda do mar, semeada de penedos, que na vazante ficão muito descubertos; & quando esta he maior na occasiã dos Estos, se o mar está quieto; passaõ lá a pè enxuto. A este sitio chamão

a *Infua velha*, em razão de q̃ sêdo antes ilha, amassada cõ terra, & com arêa, tudo revolvêo a força das tẽpestades, desfearnando os penedos, & trazendo o entulho pera a parte, que ainda permanece. E por isso em algũas escrituras, qual he o breve de suplemento, tantas vezes repetido; se chama este convento *Santa Maria in Insulis*, que quer dizer *Santa Maria nas Insuas*.

2. O nome *Infua*, que lhe dão os Portuguezes, he o mesmo q̃ *Ilha*, derivando do seu latim *Insula*, com hũa letra de menos. Achei escrito, q̃ era diminutivo; pera mostrar os seus estreitos limites: mas he contra a Gramatica, porque a todas as illhas assi grandes como pequenas podem quadrar estes nomes. Erãõ tambem os que lhe chamão *Peninsula*, porque he perfeita ilha, cercada do mar à roda. O seu apelido, ou nome proprio he *Infua de Carmes*; no que alguns pretendem buscar mysterio; contudo eu não lho acho, senão que assi o quizerãõ os Antigos.

3. Sendo taõ limitada, & pequena esta ilha, são notaveis as suas propriedades. Não cria bichos peçonhêros, & se algũ saie

Cartorio do convento,

á praia das inundações do rio, brevemente fica morto. Não avia também ratos, & hús poucos, q̄ sairão de duas embarcações, que tinhaõ dado á costa, & eraõ muito daninhos; em dizendo contra elles húa missa á Virgem S. N, Padroeira do vento, forão de todo extintos. Erão tantas antigamente as aves, em particular as q̄ criaõ na arêa, que se tomavaõ ás mãos, & da sua penna enchiaõ os cabeças: porém hoje tem voado d'aqui todas, & não se acha hum passaro, se não he por maravilha. A pescaria do peixe, principalmente de Sargos, sem aver mais artificio, q̄ hū viveiro, onde entravão na enchente das marês, fazia admiração. Mandavaõse carros pera os outros convêtos, & largandose depois a preza a os moradores de Molêdo, lugar da praia fronteira, ainda allí carregavaõ os seus barcos. Mas tem observado muitos, que depois dos Galegos entrarem aqui no anno de 1580 pera fazerem hum Forte, ordenado por Castela, nunca mais se vio hum Sargo, & faltou a pescaria. O marisco dos penedos, & a concha, de q̄ se fazia cal, tudo isto era tanto, que a vila de Caminha arrêdava a dita concha por preço considerável, & libertandoa ella pera os frades no anno de 1441, o povo, que acudio a apanhar

o marisco, o tem hoje desinçado. Parece que os mesmos elementos, cançados do curso de muito tẽpo, & oprimidos com os pecados dos homẽs, vaõ degenerando da sua fecundidade.

4 Outras cousas memoráveis se tem visto nesta Ilha; como foi passearem Lobos marinhos por ella, darem á costa Baleas, & pescar húa Lontra pera sustetar os frades: mas a perola mais rica, que se achou escondida nestas ondas, foi húa ermida da Senhora Mãe de Deos, que estava a cargo d'hum Ermitaõ, & tinha o seu Orago a os 8 de Setembro. Os Portuguezes lhe chamaõ, *Santa Maria da Infua*: os Galegos, *Santa Maria de Carmes*, que he o nome da Ilha: os Mareantes *Santa Maria da boa viagem*, porque allí a esperavão pelos seus merecimentos; ou *Santa Maria da salva*, em rezaõ de que passando por ella costumavão salvalla com o estrondo da sua artelharia. Era este o lugar mais solitario, que posso en carecer, & hum d'aquelles, pera onde o Senhor costuma levar as almas, que faz mais participantes de suas consolações. Estava totalmẽre separado, mar em meio, da conversação do mudo, & dava muitos motivos pera se exercitar o commercio do Ceo. Por q̄ a dureza dos penedos ensinava o rigor da penitência: a arêa, movedissa, as mudanças desta vida:

o pontual movimento das marés; a obediencia, q̄ té a o Criador: as tēpestades do mar, a sua indignação: as bonanças, quando parece mar leite, a sua misericordia; & finalmente os naufragios de quantos á sua vista perdēraõ as fazēdas, & as vidas, o pouco caso, que este mundo merece.

5 Descubriendo tanta gloria no interior do mar o S. F. Diogo Arias, tratou logo de fazer pera morada de frades os estreitos tabernaculos, em q̄ ella se avia de lograr. Mas traziao cançado a falta de agoa doce, q̄ não avia na Ilha, & seria necessario trazella da terra firme; & andando sobre isto desvelado lhe apparecêo em sonhos a purissima Senhora, mostroulhe o lugar, em q̄ podião cavar, & dentro d'elle lhe prometêo hũa fonte. Caváraõ pela manhã até darem nuns penedos, que não mostravaõ humidade; & levantando hum pouco a mão da obra, quando tornáraõ a ella, estava correndo a vea de agoa viva, q̄ a mão de Deos rasgára. Antigamente se decia pera ella por sete, ou oito degrãos: agora, q̄ as arēas subiraõ, se decê por mais de vinte. Muito tempo adiante se descubrio outra fonte, mais viziuha a o mar: porêm as mesmas arēas, que tal vez a desafogão, outras vezes a tornaõ a entupir.

6 Ficou o convento taõ

lindo; & ajustado com a planta da pobreza, que parecia hũa joia no ornamento da nossa Religiaõ. A cerca, que o cingia, era sò hũa parede feita de pedra enfossa; & por fóra, hũa forte barbacã, q̄ possa fazer encontro a o impeto das arēas, & dos mares: Tinha arvores, & horta cõ hũ retalho de vinha, da qual diz o P. Povoã cõ seu galateo: espicito; q̄ no anno de 1503, por irem apodrecendo, & não aver a que se dēsem as uvas, espreme raõ os frades hũ almude de mosto por suas proprias mãos pera celebrar as missas, & que este vinho fora bõ. Na igreja, & na casa não avia hũ sò canto, que não cheirasse a toda a santidade, representando a Gloria. E pera se conformar com aquella summa paz, de que gozaõ os Bemaventurados nesse descanso eterno sem estrondos, que altere a sua quietação: recolhidos os frades nas celas, ou na igreja, por muito embravecido, q̄ estivesse o mar, não ouviaõ os seus rancos temerosos, mas quando muito hũ som leve, & tēperado sussurro; q̄ incita a devação. Esta conhecêo em si o insigne Arcebispo de Braga D. Fr. Bertolameu dos Martyres, porque entrando no claustro, que vio aquellas paredes santas, esquecido da lua autoridade deixou cair â portia os soluços, & as lagrimas. Acudirãõ os

6 F. Marc. p.  
3. l. c. 24.  
Gen. p. 115.  
F. Luc. to. 4.  
an. 1392, n.  
19.  
Martyr. Fr.  
12n. 17.  
Hist. Eccl.  
de Braga p.  
2. c. 51, n. 3.

criados, & reparando no seu choro, respondeo. *Deixame chorar, porque vejo na terra este retrato do Ceo.* Com tudo são tão grandes ás vezes as tempestades, q se julga por milagre da Senhora Mãe de Deos, & Titular desta casa, não estar aniquilada com a soberba dos mares. E perto esteve disso pelo Natal do Senhor, que dava fim a o anno de 1512. Acabando os frades a missa da meia noite se levantou de repête tão horrenda tempestade, que só quem a vio, se estivera ja em si podéra representalla. Embraveceose o mar, escumava de colerico, arremetêo com as pedras quebrando hūas nas outras, desenterrou os penedos, que nunca se tinhaõ visto, & arrastando as arêas, que alteavaõ a Ilha, rasgou a terra de modo, que ficou aberta por muitas partes em altura d'hua braça de craveira. Foi hum dia de juizo, porque os medos da noite tenebrosa, & escura cõ as ferezas do mar ameaçavaõ ruina; & se Deos por sua misericordia não abreviara as horas da tempestade, sovertêra esta Insua assi como se alagou a antiga.

## CAPITULO XXXVIII

*He no principio mal povoada a casa, restaurase a sua comunidade, & florece em admiraveis virtudes.*

**C**Om poucos frades começou este convento, porque ainda que elles acudiaõ de Galiza, & d'outros reinos de Hespanha a o cheiro da grande reformação dos nossos primitivos Observantes, em quanto elles não recebêraõ noviços, nunca pôdiaõ ser tantos, que logo enchessem as sinquo casas, que fizemos neste anno. Mas dizer, que no de 1447 lhe foi dado o seu primeiro Vigairo, & Prelado local, & que até esse tempo esteve sempre sem elle; tendo as outras casas, parece duro de crer. E se no discurso desses annos não achamos menção delles, muitas cousas ficãraõ por escrever, do que agora me queixo. O certo he, que cõ esta tão curta Vigairaria se vinhão entreter, pera servirem a Deos, os sujeitos mais lustrosos, que avia na Provincia. Hum delles, & sem primeiro, foi o S. F. Joã da Povia, avendo sido leis vezes Vigairo Provincial, Quando depois tomou posse

desta casa a Prouincia de S. Antonio, entã começaram a ser *Guardiães* os seus Prelados.

1512) Sendo poucos os moradores naquelle primeiro tẽpo, erã. ainda muito menos os que nella residiaõ. E o mesmo Padre Pova nos deixou escrito de sua letra, que *nom acurava aqui ninguem, senom dous, & tres, & às vezes hum frade, & hum segral,* que era hum homem leigo, familiar do convento. Nacia tudo do desamparo da Ilha, dos desconodos da casa, que não estava perfeita, & quiçã da falta de devaçãõ, que averia nos frades. Tinhaõ na Vila hũa casa, que se chamava *dos pobres*: melhor nome pera o nosso estado, que o de *casa da Ordem*, do qual depois se usou. Aqui estãvãõ a maior parte do anno por occasiãõ de confessar, & pregar, & fazer outros negocios, que os tiravãõ da Inlua; & por acudirem à caridadẽ dos proximos, vinhãõ a faltar no coro em os louvores de Deos.

3 Nesse tẽpo, que foi no anno de Christo 1437, acontecẽo ficarem sõmente dous frades Leigos: hum F. Garcia Vaz: o outro, Fr. Alvaro da Rosa. Porém ambos de excelente virtude, os quaes por amor de Deos pediraõ este deserto, onde passavãõ a vida em austera penitencia, & santa cõtemplaçãõ. Acabãrãõ de jantar hum peda-

ço de biscouto com hũas ervas cozidas, & indo ja pelo claustro pera darem na igreja as graças ao Senhor, que os avia provido d'aquella sustentaçãõ, caio F. Alvaro morto, sem dizer hũa palavra. Mas não seria pera elle improvisa esta morte, porque sempre a trazia viva na sua memotia; & quem se lembra, que hã de vir a morrer, sabe viver como importa. F. Garcia devia ter pouco animo, porque ficou de todo esmorecido. Touxco, como pode, pera fóra, & enterandoo no alpendre da igreja, não teve mais coraçãõ pera entrar no convento: mas andava pela Ilha, como pasmado, de penedo em penedo, sem comer em muitos dias; se não foi algũ marisco. Quando os frades vierãõ, representou selhes morto: com tudo convalecẽo, & na casa de Viana acabou com louvor o seu deserto.

4) Vendo este desamparo o P. Fr. Jorge de Sousa, & levado de bom zelo pediu ao P. F. Antonio d'Elvas Vigairo Prouincial, que lhe dẽsse o cuidado desta casa, porque queria ordenalla em forma religiosa, & elle lha entregou, instituindoo Vigairo no anno de 1471. Mettido nesse trabalho acrescentou a capela, fez celas, retelhou a casa toda, buscou livros para rezarẽ no coro, & juntos outros a elle, fez hũa comunidade perfeita,

1. ad Col.  
13. V. 11.

que constava de dez, ou doze religiosos, no qual numero se conservou pelo tempo adiante com tanto rigor da Regular Observancia, como logo se verá. Passados seis annos foi eleito em segundo Guardião da casa de Varatojo, & depois foi à Ilha da Madeira: mas isto tem seu lugar.

57 Era muito pera ver neste pobre Oratorio as duas irmãs Maria, & Marta occupadas nos seus santos exercicios: ou pera melhor dizer, ellas ambas exercitadas em ambos. Todos os frades erã mui contemplativos na oração, & no coro, & todos trabalhavão no serviço do convento. Os prelados, & os subditos: os noviços, & os Padres da Provincia, que a tinham governado, erã iguaes no trabalho, ou andavão à porfia. Achei no Cartorio da casa, escrita esta memoria. *F. Afonso de Coimbra velho mui perfeito, & sancto com Fr. Diogo carpinteiro, Leigo tambem sancto fizeram o Olivet desta Igreja.* *F. Afonso de Barros* no tempo, que foi Vigairo, levantou por suas mãos todo o muro da cerca, ajudando na obra outros frades. *F. João da Comenda* fez o relogio novo. Quantos officios se pôdem imaginar, que seriaõ necessarios à conservação da casa, & provimento dos frades, todos aqui se fazião, & quem não sabia

delles, por devação aprendia. Trabalhavão na horta, & nas calçadas, sendo Mestre de todos o insigne P. Povoas, o qual qual tambem escreveo muitos livros pera serviço do coro. Esta era a maior occupação, & mais ordinaria nos que escrevião bem, ainda que fossem Leigos, porque como os livros impressos neste tempo erã poucos, & todos cultavaõ muito, com o seu trabalho proprio querião remediar a sua necessidade. Mais de doze encontrei nas memorias da casa, que tinham este cuidado, & com elles o Servo de Deos *F. Tristão de Pena cova*, cuja noticia nos espera a seu tempo. Escreveo a nossa Regra Seráfica, as suas declarações Apostolicas, & os estatutos geraes de Barcelona. Mas seu fervente espirito em que cousa avia de trabalhar, se não fosse em nos deixar declaradas as obrigações da alma, & o caminho do Ceo?

6 O alivio deste immenso trabalho não era mais, que o gosto de merecerem com Deos, & seguirem a toda custona terra a pobreza Evangelica. E disto nos deu noticia aquelle grande Varão *Fr. João da Povoas*, cujo nome tantas vezes repetido, na minha boca he doce, suave nos ouvidos, alegre no coração. Porei as suas palavras, que são cheas de espirito,

& todas

& todas as mais, improprias. Fazendo pois inventario do que avia na casa no anno de 1474, no qual era Vigairo Provincial, escreveu o que se segue. Sete mantas proves, treze cubertas, & outros pedaços, com que se compoem a minguoa. Cabeças de palha, & feno, & de erva seca. Cortiça pera as cabeceiras, & algũas da penna das aves, que aqui às vezes se matão. Tudo velho, & podre, & nada. Em tudo nesta parte reluz proveza, quanto de coraçom he. Nos leitos, aquelles que não dormião em cortiça, ou esteira, tinhaõ quando muito hum almadrague de palha, o qual se chama xergão; & todas as mais alfaias se pareciao com estas.

7 Sendo depois aqui subdito nos deixou esta memoria, muito digna do seu zelo. No anno de 1493 moravaõ aqui na Insua estes frades, os q se seguem. F. Vasco de Santarem, confessor, & fazia livros pera a comunidade, & ajudavaõ F. Tristão de Lisboa, Diacono. F. Pedro da Cunha, confessor estudava. F. Francisco Lobo, provia livros, & buscavalhe as menstras, & fazia as correger. F. João de Deos estudava, & pregava na vila. F. Tristão de Coimbra, Subdiacono aprendia. F. João de Tencugal aprendia a ler. F. João da Povoã andava por hi. (Como se differa de si mesmo, que andava ocioso, & vadio). F. Marcos Leigo, fazia esteiras de palha. F. Francisco Leigo fora barbeiro, fazia as

barbas, & corregia a ferramenta. F. Manoel de Ponte Leigo, era sapateiro, & corregia a casa. E todos com F. Marcos ajudavaõ na horta. F. Estevão de Valença, Leigo com Fr. Manoel eraõ sapateiros do segre, & acudialhe F. João da Povoã. Tinhaõ nomeado este gravissimo Padre depois dos frades do coro: agora se tornou a nomear a o pé dos frades Leigos, & proseguic com a sua relação.

8 Todos a o coro de noite, & de dia, & em silencio se davão á oraçom; & em muita paz, que nunca ninguem os ouvia concender. Tres bebião vinho, & os oueros todos agua. Pescado em quaresma, pouco; & delles, nada. Carne nos dias della, a adar: raramente, & poucas vezes. E porẽm todos com todo avião medo do grão juizo de Deos, & do dar da conta. Nem diziao trintauros, nem os tomavaõ; nem tomavaõ toda a esmola, que lhes davão. Muito pouco pedião de fóra: sempre estavaõ em casa; & com o pão só da vila quasi se mantinhaõ cada semana com algum biscoito, de que se provião no tempo. De ventura ociosidade, nem estar juntos: falar baixo, & caridosos. E ainda que melhores fossem, nem perdiaõ nada. Comião em rodilhas á meza, & trazião burel muitos delles. Nem tiinhaõ esmolas em deposito: todolos habitos em comunidade, & as saias: (assí chamavaõ às tunicas). Em oraçom mental, & trabalhar cada dia hum pouco. Sinquo cantaros d'azeite lhe mandava cada anno por devoçom.

João Rodrigues Paes, Contador mór d'ElRey, que era em Lisboa. Legumes poucos: horta arê S. João; & antes se secava à mingoa d'agoa. Algum dia nom comêrao cozinha por nom aver na fonte agoa, senom pera beber escacamente, no começo de Setembro de 1492. Tal era a santa vida d'aquelles Anacoretas, que desterrados do mundo por seu gosto nesta Ilha, se apartavao tambem da amizade do corpo, buscando muito adrede em si mesmos a companhia dos Anjos.

### CAPITULO XXXIX.

*Professa neste convento hum Gèral da nossa Ordem, vivem retirados nelle os Padres mais graves, & falece hum grande Servo de Deos.*

**D** Este gèral de virtudes, onde todos erão mestres, sairão grandes discipulos, os quaes depois ensinãrão por muitas partes do mundo o que nesta santa casa aprendêrao em noviços. De F. Pedro da Cunha tenho ja dado noticia. Fr. João de Deos, que ha pouco nomeei, sendo Conego secular, & prègador muito grave do Instituto de S. João Evangelista, aqui se veio fazer frade, & foi verdadeiro

frade, de grandissimo exemplo. F. Martinho do Porto, que era a sua Patria, por outro nome da Insua, onde fez noviciado, & assistio muito tempo, foi clarissimo espellio de toda a perfeição. Ficou na Provincia de S. Antonio quando ella se dividiu da nossa de Portugal, & deu honrado principio nas obras; & no officio de primeiro Guardiaõ à sua casa de Lisboa.

2 Mas deixando outros muitos, só de hum faço menção, que pode valer por todos. He o P. Fr. Andre da Insua Ministro Gèral de toda a nossa Ordem, o qual nesta pobre Insua, que lhe deu o sobrenome, recebeu o santo habito, fundando nella tambem a escada gloriosa de suas felicidades; que illustraõ grandemête esta nação Portugueza: Como filho taõ honrado, sempre lhe mostrou entranhavel, & verdadeiro amor. Duas vezes, que veio a Portugal por causa do seu governo, aqui esteve, & aqui se consolou de vagar em companhia desta mãe, que o gerou pera Deos. Acabado o sexennio do Ministrado Gèral; neste cãtinho do Ceo determinou recolherse, & ficando impedido com a sua eleição em Commissario Gèral da Familia, quiz dar-lhe todo o tempo, que soffresse o officio. Com este intento o virãõ aqui no anno de 1553;

& desejando deterse dous, ou tres mezes, posto que os seus achaques não consentião hum dia, muito a pezar de todos esteve perto de vinte. Despedindo-se num sabado, dia da Santa Magdalena, quiz fazer outra fineza, que não fez sendo Prelado gèral: isto era, prègar no domingo em Caminha pera lherender as graças de sustentâr cõ amor este pobre Santuario. Hũ acidente porém lhe embargou o sermão; & nós tambem deixamos em dilação todas as outras noticias deste insigne Prelado até chegar o seu tempo.

3. Com a mesma devação vinhão aqui recolhete os Padres mais veneraveis da nossa santa Provincia. O P. Pova não tinha outro retiro, que tanto o consolasse, quando sentia quebrantado seu espirito cõ a carga do governo. O P. F. Pedro da Carnota, tendo sido Ministro Provincial, só aqui achou descanso, nesta vida solitaria. Outros Padres de grande autoridade; enfastiados da terra, aqui se vinhão faltar das consolações do Ceo. Nesse tempo andava Deos pelo mundo, & aquelles, que o querião seguir, fugião da Corte, officina de mētirās, & valhacouto de maldades. Não pretendião os officios da terra por intercessão dos homens, que nunca trataõ de mais, que sò de seus interesses.

mas abominando sempre a sua conversação, que destrne a virtude, vinhão buscar nesta Insua a companhia dos Anjos, que fomenta a santidade. E todos de mão comum, como abelhas sollicitas pera compor o seu favo, buscavão livros, ornamentos, & prendas de devação pera ornato da Virgem Immaculada.

4. Entre os muitos, que aqui acabaraõ com fama de santidade o periodo mortal, foi o Veneravel P. F. Domingos de São Julião, frade Leigo no estado, & natural das Asturias: O seu nome ordinario era *F. Dominguinhos*, não por ser Pignão no corpo, mas Zachéo na humildade, & muito pequeno na sua estimação. E deste modo tambem, com nomes diminutivos se humilhavão outros Servos do Senhor, d'alguns dos quaes falamos nesta Historia. O seu espirito era, retirar-se do comercio do mundo, & viver na contemplação do Ceo. Deixou parentes, & patria, & não vendo em Hespanha lugar solitario de sua consolação, navegou pera as ilhas do mar Oceano, que os nossos Portuguezes descobrião. Em quanto andou por ellas, viveo sempre em grãdissima pobreza, convertendo muitas almas com seu exemplo a o serviço de Deos. Muitos annos não lhe entrou pão na boca, sustentandose comervas,

& tal vez com o siimo azedo dellas. Chegou a tanta pobreza, que não tinha com que remendar o habito, senão com peles de lobos marinhos; & com esta mortalha de penitente, com o capelo agudo, sem trazer manto, nem tunica cubria o corpo fraco, intimidando também os inimigos da alma: Em dous polos cursava a sua vida, em trabalhar, ou rezar. Nunca delles se tirou, continuando com ambos por santa emulação. Vinte & cinco annos servio de cozinhheiro nas casas, onde morou; & outros tantos, se não foraõ muitos mais, a cada passo o achavaõ elevado na igreja em suas meditações.

5. Tornando da Ilha da Madeira por obedecer ás ordens superiores, o mesmo asco da conversação da gente, que o tinha desterrado além mar, o trouxe a esta Insua, onde pela graça do Senhor reforçou as penitencias, & asperezas antigas, com tanto recolhimento, que por tempo de dez annos, & sinquo mezes nunca quiz sair á praia, nem chegou á portaria. Purificado demais disto com muitos achaques, companheiros da velhice, passou com boa viagem, como piamente crenios, do tempestuoso mar, de que estava cercado, pera o outro Crystalino, o qual nunca se vio alterado com ton-

cos tristes, mas sempre está quieto, ouvindo alegre musica de concertados instrumentos. Foi o seu felice obito, como consta do Cartorio da casa, quinta feira, á 12 do mez de Julho, de 1488. Alguns Autores celebrão a sua santa memoria, mas não foubraõ o tempo da sua morte.

6. Por ser muito recolhida, & devota esta casa, foi dada pelos Prelados á nossa Recoleição. Se no anno de 1486, se pouco mais adiante, como tenho por mais certo, não he isto das cousas mais importantes, com que haja de enfiar o Leitor.

### CAPITULO XXXX.

*He visitado este convento dos Principes, favorecido do Reino, & illustrado com milagres da Senhora.*

**C**Orria por muitas partes a fama deste retrato do Ceo, sollicitando também os corações dos devotos a que o viessem ver, ou ajudassem com esmolas a sua conservação. Veio El-Rei D. Manoel, & admirado de suas prerogativas confessou, que achára muito mais do que ouvira dizer. Seguiu-se seu filho o

8 F. Luc. to  
4. an. 1392.  
n. 19.  
Martyr. Fr.  
April. 14.  
Agiol. Lusit.  
no mesmo  
dia.

Infante D. Luiz, & foi em occasiã; que estava então nelle o P. F. Andre da Insua, sendo Ministro Géral. Esteve no coro às vésperas da Porciuncula com grande consolação, & ganhou o jubileu. Não fez menos o Duque de Bragança D. Jaime, que acompanyar nas matinas à meia noite os frades. E se formos de excessso em excessso, foi notavel o que fez D. Fernando de Menezes, segundo Marquez de Vila Real, por quanto tirou a capa, & com os pratos nas mãos os servio no refeitorio hũa vez, & muitas vezes à meza. Nũqua entrou em Caminha, que não viesse à Insua, onde era tão continuo, que já por costume se chamava *Casa do Marquez* a mesma hospedaria, onde se agasalhava.

2. Pagoulhe Deos esta sua devação com o favor, que se segue. Estando hum dia no claustro com alguns religiosos, outro, que estava em oração na Igreja, saio della como louco, & gritando: *Mouros, Mouros!* Alterouse o Marquez, mas o frade como estava extatico, não podia declarar-se. Tornãdo depois em si, lhe disse estas palavras: *Senhor, vosso filho está cercado de Mouros: encomendado a Deos.* Foi ventura do Marquez saber-se isto naquella occasiã, porque elle com toda a nossa comunidade prostrados a os pés da Senhora

Mãe de Deos lhe pediraõ seu emparo. E informado depois, soube que naquella mesma hora em Seira, onde estava o filho, estivera apertado.

3. Outros muitos Senhores vinhiã ver esta nova maravilha do mundo, & todos tornão edificados. Os bemfeitores, q̄ não chegavaõ a vella, da Tiara Põtifical até o arado mais humilde, só pela fama lhe tomavão devação. Brevemente nomearemos algũs, por não faltarmos a todos. O Pontifice Romano concedeo indulgência plenaria a todos os frades, q̄ estando cõfessados navegarem este mar entre Caminha, & Insua por obediencia dos Prelados. El Rei D. Afonso V izetou dos encargos do Cõcelho a o barqueiro, q̄ costumava passarnos. El Rei D. João II mandou, q̄ ninguem pouzasse em Caminha na nossa casa dos Pobres. O Infante D. Hérique, filho d'El Rei D. João I, a Rainha D. Leonor, mulher de D. João II: sua irmãm a Duqueza de Bragança D. Isabel: o Bispo do Porto, D. João de Azevedo: D. Isabel de Médanha, cujo nome muitas vezes repetido dá graça a estes nossos escriptos; & D. Brites de Menezes, casada cõ Aires Gomes da Sylva: a todos estes Senhores devemos nossa lêbrança. Não pediamos fazenda, nê união de Igrejas, nê elles davão o q̄ não nos era li-

cito: mas vinhão a importar todas estas suas dadiuas (q̄ era muito pera a nossa pobreza) breuiarios, missaes, peças do culto divino, ornamentos do altar, & reparo do convento. Tomou o seu Padroado o sobredito Marquez, q̄ com os seus descendentes, no amor, & nas esmolas não forão menos q̄ paes. Finalmēte o senhor de Regalados Lopo Gomes de Abreu não regulou a caridade sōmente pelos limites da vida, mas por testamento a deixou perpetuada.

4. Todos estes beneficios nos caiaõ do regaço da Senhora, cujo era o convēto, porque mostrandose ella milagrosa nos favores, tambem a caridade da gente queria fazer milagres. Tinhanos dado entre os duros penedos a fonte de agoa doce, & muitas vezes depois nos preparou com abundancia neste deserto a meza. Succedeo levantarem se os mares, mostrando que nos queria cometer: estava ja a navegação fechada, porque os barcos não se fiavaõ das ondas; & os frades começavaõ a sentir a falta do mantimento, tendo por certa a morte, cujos cotreos na mesma fome lhe vinhão: mas com tudo nesse tempo estava em Caminha a piedosa Senhora, inspirando nuns devotos, q̄ lhes trouxessem socorro. E de liberados elles em romper pe-

los perigos, a tempestade dos ventos, como os vio embarcados, amainou a sua furia, & as agoas, que d'antes andavão encapeladas, agora inuito humildes acompanhavão, como em guarda, quietamente o barco, q̄ não era esperado.

5. São muitas as maravilhas, que obrou esta Senhora: mas pera quem he nellas tão ordinaria, bastarã dizer só duas. No anno de 1503, a os 14 d'Abril veio entrando pela barra de Galiza hũa nao de cento & vinte toneladas, a qual tocou em hum banco de areia, & penedos, onde por experiencia se costumavão perder. Dez horas, contadas pelo relógio, esteve enalhada com hum lado descuberto, & o outro batido das ondas, que queriaõ desfazella. Os frades, & martinheiros gritavaõ pela Senhora da boa viagem, que agora não desmentisse seu nome: nem ella o desmentio, porque a nao, que se temia ficar alli em pedaços, de repente saltou inteira no pégo sem perigo, nem lesão.

6. Vierão de Caminha huns casados visitar esta purissima Virgem, & querendo a molher lavar as mãos perdeo huns coraes, que lhe caiaõ no mar. Tornarão magoados pera a villa, mas firmes na devação, & comprando a viagem

dous robalos, mandáraõ hum a os frades, que levava os coraes dentro do bucho, & elles lios entregáraõ com grande contentamento.

7. Obrigados das mercês, q cada dia recebem, os natraes de Caminha, vêm todos os annos na segunda Oitava da Pascoa em procissão á Senhora. Chegaõ á praia mais frõnteira desta Insua, & os frades saiaõ cõ cruz alçada á borda do mar, mostrãdo nisto q os vinhão receber. Postos todos de joelhos lhe faziaõ oração muito devotissima nunca poderãõ desempenhar-se por mais que sempre se mostrem agradecidos.

8 Neste estado entregamos o convento á Provincia de S. Antonio no tempo da sua separação, á qual sempre ouvera de conservallo, se não foraõ mui-

tas razões contra isso: humas começáraõ os Hereses do Norte, & os Turcos de Argel a devaltar esta Insua. A os Turcos eõu Deos, que não entrassem na casa: a os Hereses consentio por seus occultos juizos, que duas vezes a profanassem, cativando numa dellas alguns frades: porẽm sempre por meios miraculosos se salvou o santo cofre de Christo Sacramentado. Pelo que ja parecia temeridade teimosa o insistir em conservar o convento; & no primeiro de Maio de 1618. foi principiado outro em Caminha, pera onde se mudou a sua comunidade. Ficáraõ lá quatro, ou sinquo em fõrma de Oratorio, & com lãa Fortaleza que Portugal mandou fazer tem hoje mais segurança.

## Relação da casa de S. Clemente das Penhas, tresladada pera o Real convento da Conceição de Matozinhos.

### CAPITULO XXXXI.

*Da aspereza no fitio, & santidade do primeiro Oratorio.*



Aõ estava ainda bem despedido o anno de 1392, quando o Ser-

vo de Deos Fr. Gonçalo Marinho, deixando ja concertado a seu modo o Oratorio de São Pajo, veio fundar este no bispado do Porto, em hum ermida pobre do glorioso São Clemente. Estava esta ermida, que ainda permanece, muito vizinha do mar, quasi hum quarto de legoa

Err. de Insua,

1392

47. Luc. to.  
cod. an.  
u. 22.

da fóz do rio chamado Leça, o qual na mesma paragem com sua mansa, & vagarosa corrente atravessa, & divide os dous maiores lugares, que encontrou depois de seu nascimento. Hum delles he *Matozinhos*, da banda do Porto: o outro he *Leça de Matozinhos*, ou *da Palmeira*, da parte de S. Clemete, q̄ fica a No roeste, & com este sobrenome se distingue d'outra Leça, q̄ está mais no serto, comenda, & bailiado de Malta, por cujo respeito se diz, *Leça do Balho*.

2 Era este sitio hũa marinha agreste: o mais inculto, del abrido, & esteril, que posso encarcer. Nem agoa tinha pera beberem os frades, senão a de hũa fonte, a qual lhes ficava longe: mas estariaõ mui certos em q̄ os proprios Anjos, que a hũa Anacoreta contavaõ os muitos passos, que dava pera beber em outra fonte distante, lhes contariaõ os seus, pera se apremiarem; quando fossem buscar a agoa desta ás costas. Defronte da ermida, & bem à banda do mar se levantaõ huns penhascos, em razãõ dos quaes se chama *S. Clemente das Penhas*, que a modo de biombos, ou guardaventos emparaõ este toco descampado. Mas as ondas, quando mais embravecidas, saltando por cima delles vinhaõ alagar a casa, & nũa hora destruaõ quanto se tinha obra-

do em muitos annos inteiros. Contudo gostaraõ delle estes Padres devotissimos por ser o lugar deserto, sem regalo, disposto sò pera fazer penitência, & natural da pobreza, a qual por estas charnecas, q̄ não daõ fructo, estendia as raizes.

3 Como elles tratavaõ sò do espirito; logo alcançaraõ privilegio da santa Sè Apostolica pera serẽ dispensados, & absoltos, atè nos casos da sua maior alçada, pelo confessor da Ordẽ, q̄ elegesẽ cõ licença do Prelado. E ainda q̄ a graça lhes foi feita cõ encargo de sufragios, não cãçava de rezallos que sèpre estava em oração. Estes breves achei por outros convẽtos: mas todos ja espiraraõ. Não passavaõ comumente de sinquo, ou seis: possõ cõtudo dizer, q̄ sèdo poucos erãõ bons. Nẽ o dicitõ do tempo, consumidor da virtude, acanhava a força do seu espirito, porq̄ chegando a 9 no anno de 1475, elevêo o P. Pova, q̄ *to dos erãõ quasi de hũ zelo, homẽs discretos, de virtuosa vida, & honesta conversaçom*. Ainda entãõ era estimada delles a Seráfica pobreza, q̄ sobre tudo nos fez sèpre agradaveis ao mundo, & apraziveis a Deos. O cofre, q̄ guardava o tesouro de mais preço, quero dizer a J E S U sacramentado, não subia de madeira, nem era lenão por fóra dourado. Com hum riribulo de lataõ

incēfavaõ a Magestade divina: não avia entãõ prata, senãõ nas copas dos calices: as vestimentas eraõ de lam, ou de linho, tirando duas, ou tres d'hũa seda muito velha, que serviaõ nas grandes solēnidades: os frõtaes do mesmo pano, & o mais rico de fustãõ.

4 Qual seria o provimēto dos frades, onde Deos taõ pobremente se achava venerado? Treze cubertas de burel, & de picote com quatro mantas da terra, q̄ estēdidas sobre taboas compunhaõ os seus leitos no veraõ, & no inverno. Os doentes naõ tinhaõ outro regalo, nem avia hum lençol na sua enfermaria. E quando eu considero, que não sofriaõ os prelados no dormitório, nem hum cabeçal de penna, como aqui succedeo, que conta daraõ a Deos os que forem desterrando a santissima pobreza? E q̄ ha de ser sem ella dos frades de S. Francisco? Oh Senhora, oh Princesa Serenissima! Naõ fujaes, nem nos deixeis.

5 Ocupavãose os frades com grandissimo fervor na meditação do Ceo, & no serviço da casa, & na verdade, pelo q̄ achei escrito, a vida era de frades, q̄ desejavãõ ser santos. Escreviaõ livros, conforme a seu costume, acudindo nisso a duas obrigações: hũa, de não estar ociosos: outra, de terē por onde louvar

a Deos. A humildade de todos não fazia opposição nos officios, antes avētajava os Leigos cãçados ja das cozinhas, se tinhaõ merecimentos. Não avia Guardia, senãõ Vigairõ por ser a casa pequena, & neste foro esteve até a sua mudança. Teve porēõ boa sorte, nesta sua pouquidade de ser governada sēpre por Vigairõs muito santos, como foi o P. F. Pedro Gonçalves, cuja noticia daremos noutr o lugar.

6 A mesma ventura teve de criar grandes noviços, os quaes depois nos engrandeçerãõ muito. Vã em primeiro lugar o Padre Fr. Diogo Peixoto, se illustre pelo sangue, nobilissimo por fama de santidade, que em nós serã perpetua. Outro foi o P. F. Fernando Rabelo, Manteciro, & Moço da Camara d'El-Rei D. João I, cuja cõversaõ a Deos teve hum grande motivo nas inconstancias desta miseravel vida. Tendo assentado casamento em Torres vedras muito á sua vontade, brevemente lhe fallecẽo a esposa, & desenganado elle do pouco, que val o mũdo, de tudo fez universal deicação: das esperanças do Paço, que nunca saõ as mais certas: da fazenda, que seguiu com os pobres, metendo na sua conta os frades; & da propria pessoa, que nesta casa entregou a São Francisco. Sempre viveo como quem se avia



aquelles grandes devotos Fernão Coutinho, & sua molher D. Maria da Cunha, moradores nas suas casas de Monchique no Porto, onde depois se levantou hum mosteiro da Ordem de S. Clara. Mas tambem era Reguêgo, & pera se alienar convinha, que El-Rei desse licença. De mais disto, hum Diogo de Proença, que trazia o dito prazo, queria que lhe pagassem o seu util senhorio; & isso nos prometerão por sua grande virtude Garcia Dias com sua molher Mari-Anes, do mesmo lugar de Leça.

2. Assentado assi tudo, que suavissimamente andava negociando o nome alegre da Conceição da Senhora, partio logo o Vigairo Fr. Pedro Paõ, & a goa, a procurar as licenças d'El-Rei D. Afonso V; & do Bailio F. Paio Correa, que estavão em C, amora por occasião das guerras, que avia com Castela. Deulhes conta da causa da sua ida, & ambos o despediraõ com boas esperanças pera quando se tornassem a o Reino. Chegãraõ ao Porto entrado o mez de Junho do anno seguinte 1476, & o Vigairo, que ja era Guardiaõ do convento de Leiria, acudio tambem pera tratar do negocio. El-Rei pelo amor, que nos tinha, veio em pessoa ver o estado da quinta; & contentandose della concedeo a licença

do Reguêgo, Fernão Coutinho entregou o seu casal, o Bailio deu a quinta, & Garcia Dias pagou o valor do prazo. Feito isto, como o Rei perfilhava por seu, & Real a este novo convento, ordenou que com toda a firmeza necessaria fizessem as escrituras, notandoas o Doutor Aires Dias, & escrevendoas Tristaõ Rodrigues, ambos vizinhos do Porto; & nesta forma foraõ feitas a os 10. do mez de Julho. A licença do Pontifice, que se avia mister, nos cõcedeo Sixto IV a instancia da Infanta D. Brites, molher do Infante D. Fernando, que era Duque de Beja.

3. Mais fez a piedade d'El-Rei, porque demarcou, & assignou o lugar, onde a casa se avia de fazer, & era entãõ pomar com hũa vinha mui forte. Delejou tambem encartegar-se da obra, mas vinha gastado, & desgostado da guerra, com intento de passar logo a França pera lhe pedir socorro, conio brevemente foi; & não pode fazer mais, que prometer de futuro o que era impossivel executar de presente. Estivemos esperando, que tornasse; mas quando veio, achou acesas em tanto fogo as attmas, que de parte a parte se vediaõ, & compravaõ os prizioneiros, como se todos foraõ Mouros; mas do q elle ajuntou pera pagar os sol-

Arch. de  
S. Franc. de  
Alaquet.

dados, nos mandou hũa esmola com tres Mestres, que andavão trabalhando no convento da Batalha. Continuava ainda o santo Povoã no seu Provincia lado, & o P. F. Luiz de Beja era ja Vigairo na casa de S. Clemẽte, os quaes ambos resolvêrão, que com esta, & outras esmolas, que deraõ alguns devotos, se começassem as obras. Pelo que segunda feira, 18 do mez de Maio de 1478 disse missa o Vigairo em hũa casa da quinta, & depois lançou a primeira pedra no cunhal da porta da igreja pera a banda do rio. Estava presente Fernão Martins, homem nobre, que passado algum tempo residio em Matozinhos, o qual de gosto se desfazia em lagrimas, & por mostrar como toda esta machina estribava nas esmolas, & devaçãõ dos Fieis, lançou em cima da pedra *hũa chinfrãõ de prata, que valia doze reis usuaes.*

4 Quando chegou o felicissimo dia da Conceiçãõ Immaculada, 8 do mez de Dezembro, estavam ja as paredes meias feitas, & nesse estado se cantãrão as primeiras vespersas, & missa, na qual prégou o Vigairo F. Luiz. Foi a festa a maior, & mais alegre, que nõs podiamos ter, porque além do Vigairo da Provincia Fr. João da Povoã, tambem se achou presente o Vigairo gèral da Familia Fr.

Guilhelme Berti, a quem Deos naquella occasiãõ encaminhou por estas partes pera honrar a Senhora, sua Mãe.

5 Com isto parou a obra por falta de cabedal: mas logo o mesmo Deos foi bater no coração de D. Margarida de Villiena, molher de João Rodrigues de Sá, Aleaide mór do Porto pera que nos deixasse suas joias, que importãrão duzentos mil reis, & com ellas o tesouro de seu corpo, o qual enterramos dentro da capela mór no principio de Outubro, anno de Christo 1479. No seguinte foi eleito F. Antonio de Barcelos em primeiro Guardiãõ, que tambem trabalhou muito no pouco tempo, que teve este officio, no qual em o mez de Junho de 1481 entrou por seu successor F. Alvaro de Cordova, frade Leigo, & natural de Castela. Era homem de notoria virtude, amado, & respeitado dos Principes, prudente, & muito industrioso. E na verdade faz espanto o que montou esta sua diligencia, porque investindo com todos os edificios, a todos deu perfeiçãõ. Pelo que bem informado o Papa Alexandre VI lhe mandou por santa obediencia, que não deixasse as obras em quanto os Prelados o quizessem trazer nellas. Teve graça de roubar os coraçõs, & falando na Con-

Arch. cit.

ceição da Senhora, cujo era o convento, ja os pobres se imaginavão ricos, & todos mui poderosos pera lhe fazer a casa. El-Rei D. João II lhe deu d'hũa assentada sessenta mil reis, & depois multiplicou as mercês. Seu successor no Reino D. Manoel, tambem o foi nas esmolas. João Rodrigues Paes, que ja tenho nomeado, lhe enviou de Lisboa grande ajuda dos gastos. A cidade do Porto, os lugares vizinhos, & muitas pessoas particulares, sem serem impotunados, erão mais que liberaes. E com estes ajutorios brevemente se acabou o convento, no qual alguns Guardiaes pelo discurso do tempo, levados de seus caprichos, fizeram muitas mudanças.

6 No dito anno, em que entrou por Prelado, vindo a festa de N. P. Serafico, 4 do mez de Oitubro, trouxe de S. Clemente os frades, que lá estavam, pera se fazer com elles comunidade inteira; & hum só, que lá ficou, veio depois pela Paçoa. Neste forma avemos de entender o letreiro, escrito em pedra na parede da igreja, & tresladado em pergaminho nos respaldos do coro, o qual ciz estas palavras.

*Este mosteiro se começou na Era de 1481.*

7 Não póde dizer, q̄ nesse

tempo se começaram as obras, porque forão mais antigas: senão, que naquelle anno se começou a povoar o convento com sua comunidade perfeita. Consta tudo pelo que tenho escrito; & tambem tamãhio engano he dizer, que F. Alvaro de Cordova deu principio às obras, como escrever, q̄ F. Luiz de Beja as acabou.

8 Nesta mudança dos frades ficou S. Clemente só com a sua ermida: tudo o mais se desfez. Mas ainda he casa de devação pela lembrança de morarem aqui frades, por causa do mesmo São, & em rezão d'hũa imagem da Senhora da boa nova, a qual buscão muitas vezes quantos são interessados nos bõs successos dos navegantes auctentes.

### CAPITULO XXXXIII.

*Declara-se a santidade da casa, & a frescura do rio, com algũas cousas curiosas.*

**F**icou o convento novo conforme a o desejo de quem o edificou: solitario, perfeito, & devoto. Está assima do dito lugar de Leça, em distancia bastante pera ser retirado do comercio

da gente, com o qual as casas religiosas sempre forão a perder. Começa o seu circuito na cabeça d'hum outeiro, & decendo com os braços da parede vai pegar no rio Leça, que pela parte do meio dia nos serve tambem de cerca. Neste alto se deixou entrada livre, acompanhada por hũa, & outra parte de paredes, & de arvores, pela qual se vêm buscar o convento, situado ja no vale, onde os seus Fundadores se quizerão enterrar, ou esconder. Encerra este circuito grandes hortas, devezas, & pomares, que El-Rei nos demarcou quando visitou o sitio, deixando algũa terra de fóra, porque nos bastava esta. Na sua disposiçã se tem ajudado muito da Natureza a Arte, porque produzindo hũa grandes arvores, & frescas, a outra as ordenou em caminhos, & em ruas apraziveis, pelas quaes passeando o espirito se pôde aliviar dos rigores ordinarios. E quando se quer tornar a o ocio da sancta contemplaçã, a cada passo acha ermidas devotas, onde estão muito certas as consolações da alma. A ellas tambem pertence a mansidão dos passarinhos domesticos, que nos vêm comer á mão, representando d'algum modo nestes bosques a grande felicidade do Paraiso da terra, onde os brutos mais ferros mania-

mente guardavão obediencia a nossos primeiros Paes. E posto que isto naça da criaçã, que lhes damos, considerada a sanctidade da casa, co atribuem a mystério muitos seculares graves?

2 Toda esta fermosura nos realça a vizinhança de Leça, chamado d'alguns Antigos *Celando*, o qual tem seu nascimento no Monte Córva; poucas legoas distante, & cecando vagaroso por muitos prados alegres, dá suspeitas de os ir deixando por violencia. Chegado a esta casa, parece que se esqueço de continuar seu curso, fazendo difficuloso o nosso juizo em querer determinar, pera que parte caninha. E sera, por se ver embaraçado de arvoredos sombrios, cujos ramos tecidos hũs cõ os outros, como arcos trianfaes o entretem de maneira, que depois de fazer largos rodeos, quando cuidamos que vai muito adiante, o vemos tornar alegre a visitar o convento. A este respeito celebrou sua frescura a Musa galante do insigne Portuguez Francisco de Sa de Menezes com a cançã, que dizia.

*O rio de Leça  
Como corres manso!  
Se eu tiver descanso,  
Em ti se começa.*

a Refend.  
de antiq.  
Lusit. L. 2.

3 Navegavase nos tempos antepassados da sua fóz até a Ponte de Guifoës, que nos fica mais assima: mas como esta passagem devassava o nosso recolhimento, a prohibiraõ os Reis. Ficou depois impedida com o afflue das azenhas, que se fizeram abaixo, cujas condiçoës, que nos importavão muito, nunca forão bem guardadas. Saõ agora do Collegio da sagrada Companhia de Jesu no Porto, com o qual fizemos este concerto; que avendo de meter pera serviço dellas na sua caldeira barco, andarà nelle hũ Padre, que nos vigie, & defenda a clausura: mas nem elle se ha mister pera isso, nem convem que os Padres a essa conta padeçaõ tanto trabalho.

4 Não ficou muito agigantada a casa, nem o Padre Povo avia de consentillo, & se ainda se virão os arquinhos de tijolo, de que constava o claustro, muito humildes, & baixos, sem varandas por cima, que os fizessem soberbos, por elles se conheçera qual era o seu espirito. Depois disto parecéo conveniente mudar o coro da capela mór, que o teve muitos annos, pera o alto da porta, onde os frades ficassem mais recolhidos, & assi entrou a necessidade de levantar hũa varanda pera lhe dar serventia. Com isto me contentára, se não vierão

depois as rezoões de boa correspondencia em se levantarem outras, no que muitas vezes se destrue a devaçãõ, & espirito dos antigos edificios. Interfamos porẽm ficar mais defabada, & alegre a capela, em que assiste a purissima Senhora: mas nem ella, nem toda a casa junta he bastante pera tão grande Princeza. Pera os frades sobeja o domicilio pobre, no qual muitas vezes se recolhem vinte & quatro moradores. Tudo aqui he santo, & he devoto, porque até as paredes, onde parecem mais toscas, estão gotejando alentos de santidade. E bem podemos dizer com muito mais fundamento, do que se disse em outra occasião, *Numen inest*, que nesta casa assiste hũa certa Divindade, que arrebatã as almas pera o Ceo. Por quanto succede a cada passo virem decendo os seculares de fora pera a porta da Igreja, & achãdose metidos entre paredes, & arvores, sem verem, senão casas escondidas, nem ouvire estrodo de cousa viva, mas tudo quieto, & com profundo silencio; & apoz disto, entrarem numa igreja, que gravemente provoca a devaçãõ: cuidarem ja, que estão no outro mundo, na companhia dos Anjos. Donde também se seguirão muitas confissoões geraes de grãdes pecadores, que andavão desgarrados.

Ovid.  
Fast. 6.

5. E muito provavel he, que a isto atentasse El Rei D. Manoel, porque a elles nada esta escondido, quando sobre outros beneficios lhe concedeo privilegio de muitas immuni- dades pera o Boticario, que no Porto lhe dava as medicinas: por entender muito bem, que homens, de quem tantos rece- bião vida nas almas com os so- corros do Ceo, rezão era, que tambem a piedade Real os ajuda- sse a viver. Aqui mesmo insti- tuio a Provincia no anno de 1530 enfermaria geral pera to- dos os nossos Observantes do Entre Douro, & Minho, a res- peito de ser a casa mais princi- pal, & que tambem podia sus- tentar esta pensão.

6. Nem estas, nem outras comodidades, as quaes impor- tavão muito, devião passar por alto a os Padres da Provincia de S. Antonio, no tempo, que com os nossos conventos a le- vantaraõ de novo. Fizerão tiro a este pera o levar consigo, mas ouve quem de industria os des- viou pera a casa de Ponte de Lima, & a magoa de o averem perdido ainda hoje se acha em memorias de mão, onde a pen- na retratou os corações. Dizem porem, que o deixaraõ por ser grande; & se isto assi fora, nem esse de Ponte de Lima, & menos ainda outros, aviaõ de accitar, porque a sua Igreja he

muito mais majestosa; & se lá reduziraõ a seu modo o interi- or da casa, como tambem fize- raõ na de Lamego, isso mesmo podiaõ aqui fazer: mas não era necessario. Por onde o certo he, que quizerão ficar juntos com os seus quatro conventos perto do Minho, & Lima, os quaes por serem de hũa mesma Provincia, muito melhor pode- rião vizinhar.

7. Mas agora defengano a quem disse, que na partilha das casas ficou a dita Provincia com todas aquellas sinquo pri- meiras, que os nossos Obser- vâtes fundarão por Entre Dou- ro, & Minho; porque dessas não lhe cabem mais que tres, Inlva, Viana, & Mosteirõ (que Ponte de Lima he convento mais moderno); & nõs fica- mos com duas, S. Paio, & S. Clemente das Penhas, a quem succedeo este tanto Reliquario da Conceição de Matozinhos.

E depois que os Padres An- toninos nos levarão a Re- coleção inteira, o fizeinos Re- collecto.



Arch. de  
S. Franc. de  
Lisboa.

ArhivO  
de Lisboa

Cart. da  
Prov. de S.  
Ant. e S. &  
do cov. de  
Ponte de  
Lima.

Hist. Eccl.  
de Braga p.  
2. c. 29. n. 14  
Agiol. Lu-  
sit. tom. 2.  
Abril 14. l.  
D. no com.

## CAPITULO XXXIV.

*He trazida com aplausos a Imagem da Senhora: vêm visitalla a pè hum Rei, & hum Principe: serue a devação dos Fiéis; & faz prodigiosos milagres.*

**G**Rande gloria, & muito maior da que foi em S. Clemente, está hoje possuindo esta casa com a presença da purissima Senhora, cuja Conceição immaculada alegria suavemente todas as almas devotas. He hũa fermosissima, & majestosa Imagem, talhada em pedra viva de oito palmos em alto, com o Minino Jesus, que lhe deu o sceptro de Imperatriz do mundo, no braço direito, onde o costumão ter outras imagens antigas, & milagrosas: Notavelmente altera a sua vista as almas, porque abraçandoas ella em devação, & amor, ficão juntamente frias de pavor, & reverencia. De Coimbra nos veio esta sagrada Imagem, onde a fez hum Escultor, ou *Santeiro* como diz o P. Povoas, chamado *Diogo Pires*, insigne na sua Arte. Mandou fazella El Rei D. Afonso V. pouco antes de morrer, o qual quiz levar esta candêa diante; & por ver-

mós a barateza, com que se compra o Ceo, pelo feitio. lhe derão sete mil reis; & pela pintura muito pouco mais de tres. Tanto que foi acabada, o Guardião Fr. Alvaro de Cordovã, & Fr. Braz de Goes partirão pera Coimbra, & composta em hũa caixa curiosa de cera com ella pelo Mondego abaixo até a Batranca, onde estava a carga dos vinhos de Figueiró hũa caravela do Porto, cujo Mestre, por nome *Joan Eanes*, segurando com ella a sua mercadoria, a recolheo com grandissima vontade. Nesta primeira viagem se empenhou a Senhora em senhorear os mares, & ser emparo dos que navegaõ por elles; porque entrou pelo Douro vento em popa, don se quiz dar a o Porto as suas primeiras vistas pela grande devação, que lhe tem esta cidade. Brevemente a passaraõ a o batel da nao *S. Maria das Neves*, q seu Mestre, chamado *João de Deus*, esquipou com muita galantaria de bandeiras, roqueiras, galhardetes, & clarins, & entrando cõ outros trinta, os mais delles, Pilotos, & Mestres, que tirou de muitas embarcações, vogarãõ pera a barra com grande contentamento de cantigas, & reposta das roqueiras. Saõ logo pera alegrar a costa, por onde já navegara o corpo martyrizado de Sant-Iago Maior, que está

em Compostela; & onde se-  
fo á praia o milagroso Cruci-  
fixo, obra do santo Nicode-  
mus; o qual se guarda com  
grande veneração na sua Igre-  
ja de Bouças defronte deste  
convento, da banda de Mato-  
zinhos.

3 Com estas festas chegã-  
rão á foz do Leça, que sendo  
elle tão manso por natureza,  
enerespando agora suas agoas  
com a viração do mar, não se  
pode ter, que não entrasse ná  
dança. Nesse tempo declarou  
a poderosa Senhora quanto se  
quer respeitada por sua sobe-  
rania; & por nosso interesse.  
Estava carpintejando num dos  
lugares vizinhos Andre Gon-  
çalves Telheiro, o qual ou-  
vindo as festas, perguntou pe-  
lo que era. Respondeo lhe  
hũa moça: *he Santa Maria, que  
vem pera o mosteiro.* E persua-  
dido elle, que seria de ma-  
deira, lhe respondeu como  
barbaro. *Tão gorda galinha e vera  
é, como assara com ella.* Mas  
brevemente lhe deu na cabe-  
ça a blasfemia, por queia ines-  
ma eixo, com que trabalhava,  
lhe caiu logo da mão, & lhe foi  
cortar hum pé, do qual sempre  
manquejou.

4 Entretanto navegava o  
batel, & chegando á borda da  
nossa cerca fez entrega do tes-  
souro, que levava, em cujo re-  
cebimento ouve tanta diligen-

cia, que tendo saído do Porto  
a horas de Terça, ás duas da  
tarde estava já assentado no al-  
tar. Foi esta colocação em dia  
assinalado; quarta feira, vespera  
da Ascensão do Senhor, sete de  
Maio de 1483. Está hoje em  
grande veneração, escondido  
com cortinas de volante, & de  
seda: nem se mostra, se não  
he na presença de Romeiros,  
ou em dias particulares do an-  
no.

5 Açou por seus cape-  
lães, & officiaes da casa quatorze  
religiosos; que tantos aqui mo-  
ravaõ. O serviço della em ves-  
timentas, frontaes, & outras pe-  
ças do coro, & do altar era já  
muito bastante, porq' lho aviaõ  
da do, & depois aerecentaraõ  
muitas pessoas devotas, como  
foi a Infanta D. Isabel Duqueza  
de Guimarães: a Condessa de  
Loulé, molher do Conde D.  
Henrique: D. Margarida de Vi-  
lhena, que nomeamos atrás: hũa  
irmã de F. Gil de Guimarães,  
Vigairo Provincial: Lopo de  
Calvos, natural do Porto, & ou-  
tras pessoas nobres. Os frades  
tambem, não estavaõ ociosos;  
de dia, & de noite lhe assistiaõ  
no coro, & quando se recolhiaõ  
ás celas, e creviaõ muitos livros,  
pelos quaes cantallem os seus  
louvores; & com isto fizeraõ tal  
livraria, q' della se proveraõ ou-  
tras casas. As horas do tempo  
em suas occupaões regulou a o-

compasso Fr. João da Comenda, frade leigo, o qual lhes fez o relógio. A este nosso irmão devemos boa memória, porque vivendo ainda, escreveu o Padre Pova tão versado em conhecer os espiritos, que era *homem fiel, & honesto, bem devoto, & de bom exemplo*. Nesta Arte de relogios foi o unico, que ouve em Portugal no seu tempo: mas ensinoulha sómente a sua habilitade, com o zelo de servir á sua Religião. Achei por conta, que fez nove na Prouincia, & poderia ser mais. Outros dous nas casas de S. Hieronymo, as quaes a nosso respeito estão no andar das nossas: no Espinheiro, á instancia d'El Rei D. João II: em Pennalonga, á petição do seu Provincial Fr. João de Santarém.

6 Tornando á devação da Senhora, que se lhe tem nestes povos, excede o seu fervor á largueza das palavras. Ainda antes que visse a sua S. Imagem, já o nome sagrado da Conceição inquietava a gente pera virem visitar esta casa, que avia de ser sua. Depois que a virão no altar, não podião apartarse. Velavão de noite no alpendre, & Igreja: fazião novenas: offerecião lagrimas em suas necessidades: pedião favores, & levavaõ as mãos cheas. Parecia admiravel o concurso dos

Romeiros. E neste particular fez grandes demonstraões o dito Rei D. João. Avia convalecido pelos seus merecimentos de hũa enfermidade, & achandose no Porto com o Principe seu filho, ambos vieraõ a pé (que he hũa grande legoa) renderlhe as graças da mercè, que lhe fizera.

7 Muitos testemunhos de semelhantes favores estavaõ d'antes nas paredes da Igreja, porem em lugar mais publico, & mais a proposito, do que agora estão. Aqui se viaõ duas peles de Lagartos, de cujos dentes nas partes Ultramarinas escaparaõ huns devotos da Senhora por sua intercessão. Dous Esporoës de Espadarte, que sem penetrarem o costado estavam pregados em duas naos. Huns pedaços de marras, as quaes em hũa tormenta, trincando outras, que deixaraõ perecer os seus navios, por mercè desta Senhora sempre estiverão fortes. Os grilloës de dous cativos em terra de Mouros, a quem ella por milagre libertou. A mortalha d'hum enfermo desconfiado dos Medicos, o qual das portas da morte fez regresso á vida debaixo dos seus poderes.

8 Estavaõ tãbem tres taboas pintadas, como escrituras publicas d'outros casos milagrosos,

que são estes. No anno de 1593 navegando na altura da Ilha do Corvo hum navio do Brazil foi combatido de tamanha tempestade, que depois de destrôado, & com hum bordo metido n'agoa se alagava a pique. Gritaraõ os marinheiros pela Senhora da Conceição, que os tirou do perigo. No de 1619, a 29 de Setembro fazendo sua viagem outra não pela costa de Angola, hũa Balea lhe meteo o cabo dentro, & levava a o mar a João Antonio, natural de Leça de Matozinhos. A seus brados lhe acudio a Senhora em figura visível, & o defendeo do Monstro. Finalmente vindo da Bahia de Todos os Santos hum galeão, que com outros a fora restaurar dos Olandezes, fez naufragio com hũa grande tormenta. Salvaraõse em hum madeiro dous homens do sobredito lugar, & chamando por esta Senhora da Conceição, ella lhes appareço, & esteve confortando hum dia, & hũa noite, que andaraõ nesta lida. Chegou outro dos que vinhão em conserva, & não avendo lugar para lhes lançar batel em rezaõ dos mares eitarem mui alterados, as mesmas ondas se levantaraõ em monte, & assi os deitaraõ no convés.

Com esta soberania esta hioje dominando mar, & terra

a santissima Senhora: mas o imperio, que tem tomado nas almas reduzindoas à sua devação, he hũa das maiores maravilhas. Por ella neste convento fomos amados, & estimados de todos. Nos dous lugares vizinhos deixara de comer toda a sômana hum pobre, por nos dar a o Domingo hum paõ. A cidade do Porto, que muito ajuda a nossa sustentação, quando vê seus moradores assi os venera, como huns Anjos do Ceo. Mostrava algũa pena de aver quem trocasse o serviço da Senhora pela morada do seu convento, ainda que muito santo desta própria cidade, & pela aleviar ordenou por estatuto a Provincia, que não vaõ d'aqui mudados para lá em deditura, mas que primeiro se detenhão noutras casas ate isto esquecer. A Universidade de Coimbra nos encarregou os sermões das suas duas Igrejas nos ditos lugares de Leça, & Matozinhos, lo por ter occasião de nos dar o que nelles merecemos. As illustissimas Casas de Gouvea, Pennaguião, & Unhão nos favorecem cada anno com as suas Ordinarias. Dos Bailios de Leça tivemos sempre este próprio favor. E tornando a o Porto, estaraõ em perpetua lembrança Diogo de Sousa pelas esmolas, q nos consignou por morte, e D. Joana da

Sylveira, viuua do Chanceler  
Joige Correa de Lacerda, pe-  
las que nos fez em vida.

## CAPITULO XXXV.

*Contão-se alguns religiosos de  
particular virtude.*

**N**Aõ ha duvida, que a  
mesma disposiçã dos  
conventos, & quali-  
dade dos siros facilitarão muito  
a profissã das virtudes, &  
quanto mais recolhidos, & de-  
votos elles forem, tanto me-  
lhor florece a Observancia.  
Nesta casa, onde tudo recen-  
de a santidade, se ella faltar  
nos frades, pouca desculpa te-  
rãõ: mas he tal o seu modo de  
viver, que se nas outras sãõ bõs,  
aqui parecem melhores. As  
graças de tudo isto sãõ devidas  
ã Senhora Clementissima, que  
deseja quanto he da sua parte  
ter limpo este convento das im-  
mundicias da terra, & que pa-  
reça hum ceo. Dentre Padres  
de veneravel memoria, os quaes  
aqui se criãõ, fiz mençaõ em  
outras partes: agora, antes de  
todos, a farei de outros tres, que  
mais trabalhãõ na fundaçã  
do convento.

1. O P. Fr. Pedro Pão, &  
Agoa, que a tudo deu princi-  
pio, era natural de Beja, filho  
de Gaspar Martins, Mestre dos

filhos, & filhas do Infante D.  
Fernando. De sua mãe naõ lhe  
sabemos o nome, porẽm a sua  
lembança estã viva no convẽ-  
ro de Viseu, num ornamento  
de Damasco, que ella lhe in-  
viou. Começou a Senhora a  
pagar-lhe seu trabalho, fazendo  
brevemente Vigairo Provincial:  
mas elle, que sõmente espe-  
rava pelas honras do Ceo, a os  
sinquo mezes de ser ventia renũ-  
ciou o officio em os 4 de Outu-  
bro de 1477, & pouco depois  
acabou seus dias em o Senhor.

3. O P. Fr. Luiz de Beja,  
que abriu os fundamentos, &  
principiou as obras, nellas mes-  
mas cayõ a morte do corpo,  
pela qual avia de renacer nou-  
tra melhorada vida. A força do  
seu trabalho o quebrantou de  
maneira, que brevemente se  
fez Etico, & sem melhorar com  
os ares naturaes da Patria, que  
foi a dita cidade, nella lhe fal-  
tou a vida, a qual tinhã aparen-  
cias de santa, como a tem no-  
meado o Catalõgo dos Bispos  
do Porto, no primeiro de Ja-  
neiro de 1483.

4. O P. Fr. Alvaro de Cor-  
dova, que deu fim a o convento  
com toda a perfeiçã, por fugir  
dos louvores, que lhe davãõ, &  
naõ podia ouvir seu espirito hu-  
milde, foise esconder na Insua,  
donde nunca mais saio, se-  
naõ na morte pera o Ceo, co-  
mo nos persuadimos, conforme

6 na Relaç.  
deste conv.

4 p. 1. 4. c.  
10. n. 5. & 6.  
c. 27. 2. 5.  
& 61

a sua vida: Ainda no anno de 1518 continuava em veneranda velhice, a qual a pouco tempo andado enfraquecêo no caminho.

4 O primeiro, que falecêo nesta casa, & estreou o seu santo cemiterio, foi hum Padre da Provincia, chamado *Fr. Gil de Guimarães*, que nella avia sido Vigairo Provincial, no anno do Nascimento de Christo 1482. Muito menos achamos eſcrito d'elle, do que dizia o nome, cõposto só de tres letras: mas sabemos, que soube muito de Deos pera reger os conventos com zelo, & com prudencia. E era cousa notavel, que fugindo a pés juntos dos officios da Ordem, os frades o perseguiaõ, & corriaõ apoz d'elle pera lhos meter em casa. Santo tempo, em que todos por esta via mostravão, que pretendiaõ ser santos! E esta queixa fez elle por estylo galante a o seu modo nũ assento das visitas de S. Clemente das Penhas, dizendo estas palavras. *Foi feito por Fr. Gil de Guimarães, Vigairo da Provincia por mercê de Deos, & dos bons religiosos, que lhe derão este officio por galardom de pouca folgança, por nom criar carunchos.* Jáz sepultado no cruzeiro da Igreja, junto a o arco da capela mór, da parte do Evangelho.

5 Por honrar os principios da casa, estabelecendo nella

a boa opiniaõ, que começava a ter, lhe deu Deos por morador o P. Fr. Antonio do Porto, que já em sua pessoa trazia perpetuado o credito pela mudança, que fez dos Conventuaes, com quem tinha professado, pera a nossa Observancia. Despido pois da velhice de suas dispensações, representava hũ homem novo no seguimento de Christo. Era hũa delicia do ceo ou villo falar de Deos nas práticas, nas confissoes, & no pulpito com tamanha mansidão, & doçura de palavras, que estava roubando os coraçoes. Nunca foi visto alterado, nem colerico, mas muito senhor de todas suas paixoes: era manso por estremo, humilde, & muito obediente. Não nos admirava tanto a occupação contrinua de velar na oração, seguir o pulpito por mais enfermo que fosse, estar no confessionario, & escrever muitos livros, com que ainda se ennobrece o coro: como o zelo, & profunda humildade, com a qual exercitava os officios mecanicos. Não avia no convento hũa arca, em que recolher o pão: pegou da segura, lavrou a madeira, & acabou hũa tina. Era na casa de Deos Tanoeiro, Carpinteiro, & Melitre em todos os mais officios, de que ella podia necessitar. Finalmente como servo fidelissimo, que sempre negociou com os

muitos talentos, que lhe dera o Senhor, recebêo d'elle o premio, tomando o seu principio em fama de santidade, no anno de 1500, a 4 do mez de Março.

6 Anticipo a noticia d'outro Fr. Antonio, porèm este de Coimbra no apelido, & patria, por acabar a lembrança das obras deste convento. Era tio do P. Fr. Henrique de Coimbra, Bispo de Seita, de quem avemos noutra parte de falar: mas qual mais autorizasse o outro, não ponho em controversia. Deste sei, que sempre foi caminhando pelo desprezo do mundo, & abatimento proprio; donde Deos té por costume sublimar o mais humilde pera os melhores póstos. He incrível o trabalho, com que andou nestas obras, por ver aperfeiçoada a morada da Senhora. O menos foi servir de Trabalhador, que amassava a cal, & trazia a os Mestres todos os materiaes: mas também se empenhou em

acarretar a pedra guiando o carro, & tangendo os bois com a sua aguilhada. Donde lhe veio o nome, porque era conhecido, *F. Antonio dos Bois*. Outros, que o viaõ consumido do jejú, & penitencias, lhe chamavaõ *a morte em pé*. Não saõ estas as alcunhas, que afrontaõ a os frades: antes ilustraõ a pessoa, & o nome, porque nadem de virtudes. Porèm estava mui longe de ser aquella morte a cavallo, que com os brutos da terra inquietava o mundo, & trazia apòz de si o inferno. Porque sempre, mortificado cõ Christo, caminhou a pé, descalço, & sem sandalhas: amansava touros bravos pera servirem a casa; & visivelmente lhe assistia o Ceo. Caio húa vez de fraco, & passando por cima d'elle o carro com todo o pezo da pedra, nenhum dano lhe causou. Cançado já do trabalho, & de comprida idade, foi chamado a o descanso eterno a os 4 de Outubro de 1524.

Apocalip.  
6. vers. 8.

## Noticia do admiravel Padre Fr. João da Povia, Confessor d'El Rei D. João o II.

### CAPITULO XXXVI.

*Dos muitos officios, que teve,  
& do grande talento, com  
que os executou.*

**L**evantarémos agora sobre a mais forte coluna,

que sustentou neste Reino o nosso Estado da Regular Observancia, as gloriosas insignias de hum perfeito Prelado, o qual he o grande P. Fr. João da Povia, digno de eterna fama. Nacêo num lugar do bispado de

Coimbra, que se chamava a *Po-  
voa*, & lhe deu o apelido, quasi  
em igual distancia entre o nosso  
convento de S. Christina, & a  
vila de Tentugal. E não era ne-  
cessario pera nacer maior ber-  
ço a quem por sua pessoa podia  
engrandecer reinos inteiros, &  
religioes sagradas. A os nove  
annos de sua tenra idade se ofe-  
recêo a Deos, & lhe lançamos  
o habito no sobredito conven-  
to pelo Natal do Senhor de  
1448, onde como outro Samu-  
el, mais crecia no espirito, do q̃  
crecia no corpo.

2 Era moço na idade, po-  
rêm velho, & maduro no con-  
selho. Pelo que, não tendo ain-  
da mais, que dezaseis annos, &  
meio, & buscandô o Vigairo da  
Provincia Fr. Gil de Guimarães  
hum homem de importancia,  
que mandasse a Castela pera tra-  
tar com o Vigairo Géral certos  
negócios graves, os quaes toca-  
vão a seu governo, a elle man-  
dou, & elle os concluiu com  
particular destreza. Escaçã-  
mente chegava a vinte & sin-  
quo, quando todos os Vogaes o  
nomearão por Discreto (agora  
se diz, *Custodio*) pera Capitulo  
Géral<sup>b</sup>. Poucos annos adiante,  
que se achou em Basilea em se-  
melhante capitulo, no qual es-  
tavão presentes os Padres mais  
graves da Regular Observancia,  
todos concorrêo nelle pera  
que fosse pedir a confirmação,

como entã se usava, a o Minis-  
tro Géral: Foi buscallo a Ve-  
neza, & depois passou a Roma,  
onde tambem solicitou outras  
cousas, todas em bem da Pro-  
vincia, & nenhũa sua propria,  
contra o estilo ambicioso dos  
homens. Nove vezes assistio  
nestes capitulos (he lũa admi-  
ração) ou por ser Vigairo Pro-  
vincial, ou Comissario dos que  
não podião ir, ou Discreto da  
Provincia, que sempre se aju-  
dou do seu zelo no que mais  
lhe importava. Nestas jornadas  
tão largas atravessou por Caste-  
la, França, Flandres, Alemanha,  
& Italia com grandissimo traba-  
lho; & muito maior exemplo  
como direi adiante.

3 Venhamos agora a os  
officios pertencentes a governo,  
em que servio a Provincia, &  
veremos outra grande maravi-  
lha. A os trinta & sinquo annos  
de idade já estava aborrecido,  
& muito enfastiado de ser uniu-  
tas vezes Guardiaõ. Nesse tem-  
po o fizeraõ Vigairo Provincie-  
al, & começou pera nunca  
acabar, senã quando lhe estava  
prohibido na forma dos estatú-  
tos. E assi aconteco, que em  
trinta & dois annos & meio,  
que lhe restavaõ de vida, foi sete  
vezes Vigairo Provincial cõ  
hũa alternativa perpetua de al-  
guns, que forão entressachando.  
Governou dezasete no discurso  
leste tempo; & mais ouverão

<sup>a</sup> Arch. de  
S. Franc. de  
Almq.

<sup>b</sup> Arch. de  
te Conv.

Gonzag.  
pag. 202.  
Martyrol.  
Franc. Sept.  
6. l. G. in  
com.  
D. Agust.  
Men. en la  
vida d'El-  
Rei D. Iuan  
II, l. 6. pag.  
330.

de ser, se elle não renunciara; nem a morte indilcreta lhe cortara o fio na Vigairaria última; que não era acabada. Alguns, lhe chamaõ *Ministro*, mas euganaõse, porque entãõ esse titulo estava só no Prelado da Prouincia, que era Conventual, & os nossos Observantes não eraõ mais, que *Vigairos*.

4. Muito trabalhava este Varaõ Apostolico por se livrar do officio, mas não lhe aproveitava. Renunciou quatro vezes, & ainda que lhe recebêraõ duas pelo não desconsolarem, nas outras não foi ouvido. Sempre accitou contra a sua vontade ou constangido das lagrimas, & petição dos Vogaes, ou apertado do preceito de quem era Presidente. Foi notavel a invêção, em que deu pera escapar hum dia. Celebravase capitulo no convento d'Alanquer, onde elle devia estar presente por Guardiãõ de Xabregas: receou o que avia de ser, & não se quiz actuar nelle. Porém os Vogaes ausente o elegêraõ, & com muita brevidade, & segredo procurãõ confirmação do Ministro. Feito isto, foi chamado com cautela, & quando vio que não tinha já remedio, com muita magoa sua se poz nas mãos da santa Obediencia. Mas logo excogitou outra traça pera fugir do governo: querendo antes padecer os trabalhos d'nua jor-

nada comprida com muitas enfermidades, que governar a pe quedó a Prouincia. Foi a capitulo Geral, que se celebrou em França na cidade de Albi, escuzandose de mandar em seu nome Commissario, & quando tornou se absolueo do officio.

5. Este tormento lhe davão as eleições importunas da Prouincia: as comissoes, que os Geraes lhe mandavão, eraõ tão ordinarias, & tantas, que não sofriaõ hua hora de descanso. Já era Visirador da Prouincia: já era Commissario do Geral: já tinha autoridade plenaria sobre o Provincial: já era seu Cõselheiro deurado, & dos outros Commissarios nos casos difficultosos; & deste modo quasi sempre ficava com o governo. Gemia o S. Velho com o pezo destas honras, por ser inimigo dellas, & nem isto lhe valia, por que escondido, que estivesse na Insua concertando as calçadas, de là o traziaõ a rasto as comissoes dos Prelados.

6. Nisto achou o indicio mais claro do rarissimo, & peregrino talento, com que elle se avia nos officios. Porque sendo aquelle tempo tão santo, & izento nas eleições de respeito: importunar tantas vezes a hum homem pera que fosse Prelado, & sempre contra seu gosto, não podiaõ deixar de ser evidentes, & notorios os seus

notaveis acerros . Corria fama, que Deos nas horas da sua contemplação lhe dictava as lições do bom governo , & vendoas todos executadas à risca, com esta experiencia confirmavão seu juizo. Governava com palavras, & exemplos , que he o melhor governo; & disto adiante descobrirei alguns longes. Tratou muito de augmentar a Provincia em casas, & muito mais, como convem, na sua reformação. Elle foi o que provéo os conventos dos nove relogios, que por sua ordem fez o Fr. João da Comenda, pera que todos os frades andassem mui compassados, & tão certos no comprimento de suas obrigações, como o mesmo telogio.

7 Teve notavel cuidado de prover as livrarias, em razão da utilidade dellas; porque pelos livros louvamos a Deos no coro : aprendemos nas celas a encaminhar as almas, & acendemos as nossas nos fervores da virtude . Mas por quanto os impressos não erão mui ordinarios, elle escrevia huns, porque tinha boa penna, & a os subditos encomendava os outros. As primeiras Cronicas da nossa Ordem, escritas de mão, que entrão neste Reino; elle as deu à casa de Alanquer. Por seu mandado escreveu Fr. Francisco de Sevilha a Leda dos santos Martyres de Marrocos, que se guar-

da em S. Cruz de Coimbra. Fez ajuntar num quaderno os milagres de N. Senhora das Virtudes, os quaes andavão espalhados em papeis particulares, & soltos, por não se vir a perder a memoria de todos, como de muitos avia já perecido. Não saía da Provincia pera parte alguma, posto que fosse distante, que não tornasse com livros. Mandou buscallos por Fr. Nuno de Portalegre á feira de Medina em Castela. A sua instancia lhe inviãrão de Roma, escrito tambem de mão, porém em forma autentica, o *Mare magnum* dos nossos privilegios, que o Papa Sixto IV. compilou, & ampliou. Não era menos sollicito em remediar as casas do que avião mister no seu estado de pobres, & vendo como em muitas faltavaõ os ferros d'hostias, que entãõ se chamavaõ *obradieras*, os mandou vir de Sevilha por outro religioso.

8 Sendo Prelado, deixava nellas escrito a o tempo das visitas hum invétario breve (que não podia ser largo) das polticas cousas, que tinhaõ, como quem se deleitava em ver na terra tanto desprezo do mundo. No mesmo tempo, & noutras occasiões, ainda que fosse subdito, escrevia particulares memorias, tocantes a o principio da nossa Religiaõ, & Regular Ob-

servancia: nomeava os bemfe-

tores,

tores, exhortandonos a sermos agradecidos: louuava a qualquer religioso, que lhe cheirasse a santo; & a todos encomendava o amor da santissima Pobreza. Não fez tratados, nem historias, nem livros, senão memorias soltas: porém cheas de tão ardête espirito, que abrazando tambem as almas em deuação, com muita justiça se podem chamar Seraficas.

## CAPITULO XXXVII.

*Do seu abrazado zelo, valor,  
& outras muitas virtudes.*

**N**ão arde com maior força numa fornalha o fogo, do que fervia na alma deste Veneravel P. Fr. João da Povoas o zelo santo de ver muito reformada a nossa sagrada Ordem. Donde veio, que a primeira Recoleição, que nella ouve por toda a Christandade, & quiçã nas outras Religioes, elle a principiou nesta Prouincia, como ainda direi. Daqui tambem procedeo o particular cuidado, com que sempre assistio a os frades moradores na Infua, metendose algũas vezes na mesma conta com elles, por não vir a extinguirse hũa casa tão devota. Amava porém sobre quanto ha no mundo

a Serafica Pobreza, honrando com ella sua pessoa, & nome; & assi achri escrito num livro por sua propria mão estas palavras seguintes. *Pereence a o uso de Fr. João da Povoas, fraire pobre de S. Francisco.* E como esta virtude lhe levava o coração; & os olhos, na guarda della geralmente nos conventos se abrazava seu zelo.

Já escrevi as grandes lamentações, que fez no convento de Leiria quando vio introduzida no serviço das procições hũa cruz de prata, que não era muito grande, clamando elle que outra de pau bastava. Achando alguns cabeças de penna no dormitorio de S. Clemente, tudo forão gritos em ceo, & em terra, ordenando que logo se desterrassem, até deixar por escrito. *Daqui avante Deos nos melhore, amen.* Que faria na casa da Cattaneira quando vio hũs almadrages de lam, que respondem a colchoes, mal concertados, & rotos? Toma a pena na mão, & escreve o seguinte. *Isto nom he segundo consciencia, por que perece a pobreza, & o sobejo nos faz nom sentir a mingoa, nem aproveitar as cousas pobres.* E considerando, que tambem avia em abundancia hũas miudezas, que erão de pouco porte, fez outra exclamação. *Do muito me peza, que tudo queremos ter de sobejo.* Chegou a Viteu, & quando vio a os fra-

p. 1. 1.  
c. 36. n. 3.

des bem vestidos deixou escripto com amargura da alma. *Temo, que nesta parte a pobreza he maltratada, & anda mendigando de porta em porta, & nenhum fratre a quer aver por hospeda, nem amiga: como assi seja que ella devia ser senhora dos Frãres Menores, & ella devia ser honra delles, porque os faz Reis, & herdeiros do reino dos Ceos. O que mais espanta he, que sendo tão pobre como tenho relatado, o Oratorio da Insua, ainda nelle achou lugar pera escrever estas palavras. A pobreza nos he vicuperio a muitos segundo nossa triste, & fraca virtude: empero a pobreza nos he riqueza, & o vicuperio por Christo nos he honra; & do muito, & nom do pouco avemos de dar estreita conta a Deos. Se eu vir nos Prelados este zelo, tambem verei muito santas as suas comunidades.*

3 No peito de tanto zelo se criava o animoso valor, com que rompia intrepido por qual quer dificuldade, que podesse impedir as suas execuções na nossa reformação; & temos grande exemplo no que lhe aconteceu com os Infantes D. Fernando, & D. Brites, paes d'El Rei D. Manoel. Fundavão estes senhores em Beja o muito religioso mosteiro da Conceição, da Ordem de S. Clara: tinham bulas Apostolicas pera ficar sujeito a os nossos Observantes: apertavão os cordeis a este Varão de Deos, que o accei-

tasse na sua obediencia: porèm elle lhes resistio fortemente, & não chegou a dobrarse, senão quando lhe fizeraõ quantos partidos pedia em favor da Observancia. Menos foi a divisaõ, que na Ilha da Madeira intentavão alguns frades, separandose do corpo desta Provincia, & tambem tinham autoridade do Papa, o qual os favorecia. Teve com tudo valor pera cortar seus intentos, ainda que lhe custou empenhar nisso a Magestade Real.

4 Mas todos estes fervores eraõ limpos de paixão, & de caprichos, purificados no pego da humildade, com a qual sentia pouco de si. Nem podemos dar outra saída melhor á molesta repugnancia em aceitar os officios, senão que os enjeitava por cuidar, que não era pera elles. E isto mesmo protestava elle sempre nas patentes, & inventarios, que fazia pelas casas, nomeandose somente, *Fr. João da Pova, indigno Vigairo Provincial.* Em outros seriaõ, como dizem, palavras Tabaligas, escriptas só por estilo: mas nelle eraõ verdadeiros sentimentos de sua humilde alma, que isso mesmo entendia; & bem mostrava ser esta a sua opinião, nos desprezos, ou desdems, com que tratou sua pessoa nas memorias da Insua. Noutras muitas, em que era necessario nomearse a si mesmo

5 cap. 28.  
p. 7.

com

com outros religiosos, fazendo declaração dos que eraõ Prègadores, ou Confessores, só por isto cheirar a preeminencia, nũqua se quiz nomear, senaõ só por hum simples Sacerdote.

5 Não se esquecia nos officios das obrigações de frades: antes nelles se tratava com muito maior rigor, por edificar com seu exemplo os outros. Consideremos quantas voltas daria a este Reino visitando cada anno a Prouincia em sete vezes, que foi Vigairo Prouincial, & noutras, que era Visitador: os caminhos, que andou pera se ver com os Gèraes em Castela, q̃ o mandavaõ chamar: as jornadas, que por tantas partes fez nos limites da Europa, como tenho declarado, indo nove vezes a Capitulos Gèraes; & deixo os seus caminhos particulares, que não podia circular. Em todas estas jornadas tão largas, & tão continuas, sempre caminhou a pé, & descalço, sòmente com hũas solas, que não desfazē a perfeita descalcez. Acontecia, que lhe gretavaõ os pés calejados do caminho, impedindo o andar, & elle a modo de Sapateiro os cozia com hum cabo. Nunca trouxe nem alforge, nem bolsario, que lhe fizesse es gastos, ou lhe levasse o manto: mas com hum bordão na mão, & breuiario na manga, pedia de porta em

porta por amor de Deos o que avia mister. E quando tornava pera a Prouincia, elle, & seus companheiros, se traziaõ algũa cousa ás costas, eraõ livros pera prover os conventos. Cõ muita rezão me acho eu saudoso d'aquelles tempos antigos, que gozavaõ de tanta felicidade.

6 Outro exemplo nos deu, do qual tambem Lisboa se admirou, & foi quando elle reformou o seu mosteiro de S. Clara na Regular Observancia. Em quanto ali esteve, nunca comẽo, nẽ bebẽo na casa do Confessor, nẽ accitou cousa algũa, q̃ lhe mandassem as freiras: mas a horas de jantar retirava-se pera Val de Cavalinhos, & assentado a o pé de algũa oliveira comia sòmente o que levava seu companheiro na manga.

7 Em se vendo absolto destes negocios, & livre de prelazias, logo fugia pera as casas devotas, & solitarias, onde podesse tratar inteiramente com Deos na secretaria da sancta contemplação. O seu primeiro retiro foi o deserto da Insua, & depois o pataiso deste sagrado convento por devação da Senhora. E como andavaõ publicas suas insignes virtudes, deulhe o Ceo tanta graça na opinião dos homens, que todos o aclamavaõ por Santo. Garcia de Resende, q̃ o conheceo, & cõversou muito

F. Marc. p.  
p. l. 2. c. 44.

d Cron. d.  
El Rei Don  
louis 2.  
c. 207.

D. Agul.  
Man. ea la  
vida d'El.  
Rei D. Iuan  
II l. 6. pag.  
330.

tempo, lhe chama : *Homem muito virtuoso, & de santa vida.* Outro Autor\*, Portuguez no nascimento, mas Castelhana no coração, & estilo diz que era, *Varon de rara virtud, y santissimas costumbres, notable exemplo, y humildad.* E por encurtar palavras, nas memorias antigas da mesma Insua tenho achado escripto, que *foi nesta Provincia o principal Padre della, homem de grande autoridade, & acatamenco, amado dos Reis, & Senhores, de grandissimo exemplo, & conselho.*

### CAPITULO XXXXVIII.

*Da estimação, em que o tinham os Principes, morte santa, & sepultura.*

**N**ÃO era possível esconderse esta tocha a os olhos d'El Rei D. João II, que desejava encarregar sua alma a hum homem, o qual tambem da sua parte lha segurasse com Deos. Rogoulhe que fosse seu Confessor, & elle o accitou com esta declaração: que não avia de assistir no seu Paço, nem na Corte, senão o tempo preciso, que bastasse pera suas confissões. Tanto que lhes dava fim, recolhiase a os conventos da Ordem. Não era d'aquelles, q' querem os Reis pera si, & suas conveniências: mas dos outros, que os querem pera De-

os; & assi nunca accitou d'El Rei hum bispado, que lhe dava, nem outra mercê algũa, que lhe quizesse fazer. Sò, por não o desgostar, lhe pediu, que d'esse foro de Vila a o seu lugar da Povoas, & elle o concedeo. Foi amor, q' tinha à sua Patria, porq' tambem melhorou a casa de S. Cristina, onde tinha professado, q' lhe fica muito perto, passandoa de Oratorio a estado de Convento.

2 Nos procedimētos, que desejava no Rei em ordem à salvação, se ouve com tal cuidado, que foi muito grande parte cõ os seus santos cõselhos pera elle lograr hoje a memoria de *Principe Perfeito.* Na grande perplexidade, em q' andou muito tempo, sobre quem nomearia por seu successor no Reino: se a o senhor D. Jorge, seu filho, uas illegitimo: se a o Duque de Beja D. Manoel, seu primo, & seu cunhado: elle lhe aconselhou; q' nomeasse o Duque, a quẽ o direito assistia. E resoluto o Rei em seguir seu parecer, mandou chamallo à vila das Alcaçovas, onde entã se achava: cõfessou-se cõ elle, comũgou de suas mãos, & recolhendo-se ambos este mesmo seu Confessor lhe escreveu o testamento, no qual fez a dita nomeação. Agora querẽ dizer a respeito d'hũa tradiçãõ incerta, que foi feito por Antão de Faria, Escrivaõ da Puridade. Porém o dito Refende, que era

D. Agul.  
cit. pag 331.

Moço da Camara, & lhes guardava a porta, certifica que sós ambos, ElRei, & o Confessor, nesse tempo estavão dentro, & que Antão de Faria com o Camareiro mór Aires da Sylva ficârao em outra casa de fóra; & mais fé devemos dar a testemunha de vista, que não sofre exceiçãõ, que a ditos de ausentes quando vão interessados. De mais que nestas materias, as quaes pertencem à alma, muito maior confiança devia hum Rei Catolico de fazer do Confessor, que venerava por santo, que d'hum Privado secular, ainda que muito grave. Foi isto, como dizer, que o mesmo Padre Povia pregára nas lastimosas exequias do Principe D. Afonso, tendo o tal pregador, como direi a seu tempo, outro frade Franciscano, por nome *Fr. João Farto*. Finalmente ficou tambem nomeado por seu Testamenteiro em companhia do Duque, & d'outros grandes Senhores.

3 Foi ElRei falecer na villa de Alvor, no seu Reino do Algarve, em 25 de Outubro de 1495, & o Duque, que lhe sucedeo, conhecendo ser feitura deste Veneravel Padre, quiz ser tambem seu filho espiritual por via da confissãõ. Não o acabou com elle, por quanto queria antes viver com quietação nalgum conven-

ro da Ordem, que ser Confessor de hum Rei taõ excelente, como foi D. Manoel. Mas a Prouincia não o deixou descançar. Ainda o fez Guardiãõ deste convento, & duas vezes Vigairo Prouincial, com que inteirou as sete, que teve este officio. E compadecido Deos da sua grãde molestia, quiz levallõ a o Ceo, onde os Sãtos sãõ Reis sem encargo de reger almas alheas. Recolheose nesta casa, como quẽ se despedia das outras: celebrou hũ capitulo entremedio: despachou as consequẽcias delle: escreveu hum Catalogo dos Vigairos Prouinciaes, que aviaõ precedido; & deixando concertada a Prouincia, deulhe o ultimo vale. Chamou os q̃ estavãõ presentes, & cõ lagrimas nos olhos pelo amor, q̃ lhes tinha, a todos encomẽdou cõ todo o coração a guarda da nossa Regra, & a Serafica Pobreza. Depois de se espraiaer em colquios devotos, lançou-lhes a sua bençaõ, & caminhou pera receber a que lhe tinha guardada o Pae das misericordias, em 29 de Julho de 1506, continuando ainda os 67 de idade.

4 Foi sepultado no claustro, como elle ordenou, no cemeterio comum; à mão direita dos que entraõ pera a casa do capitulo; & nunca mais se enterrou nesta cova outra pessoa algũa; antes por ficar bem

conhecida, foi cuberta com louza parda, sendo as mais todas brancas. Na parede, em que toca esta louza, se embutio outra preta com letras d'ouro, q' formão estas palavras.

Aqui jaz o P. Fr. João da Povia, que foi Cōfessor d'El Rei D. João o II, & sete vezes Provincial desta Provincia, & nove vezes foi a capitulos Geraes, a pé, a diversas partes de Europa. Morrèo 1506.

5 Nesta forma esteve a sua cova cento; & dez annos, com grãde vergonha nossa por soffrermos, que se pizassem dos pès os seus veneraveis ossos. Pelo que o P. Fr. Luiz da Cruz,

cuja noticia já demos noutro lugar, sendo aqui Guardião, os tresladou, & escondèo na sobredita parede, divizando o lugar com hũa pedra dourada, a qual diz o que se segue.

2 p. 1. 7.  
c. 27. 2. 3.

Offa Beati P. Fr. Ioannis a Povia híc translata anno 1616.

6 E isto vêm a dizer. *Aqui estão tresladados os ossos do Bemaventurado P. Fr. João da Povia, no anno de 1616.* A obra foi boa, mas acanhada, & podera ser melhor. E por quanto o primeiro epitafio da louza se vai

gastando, pozeraõ outro em pedra, que diz o mesmo em Latim, acrescentando sómente, porém com muita verdade, que falecèo com grande fama de Santo. O teor delle he este.

Offa Venerabilis P. Fr. Ioannis da Povia, serenissimi Ioannis secundi Portugalix Regis Confessarii, subter hunc deposita sunt lapidè. Septies in hujus Provincix Provinciale electus est, noviesque ad diversa Generalia capitula pedes perrexit. Obiit anno 1506 cum maxima sanctitatis fama.

7. Tiverão algum cuidado os Padres de S. Cristina de o mandar retratar na imagem de N. P. Serafico; que se pintou em o banco do retábolo da Senhora Mãe de Deos. E representase calvo, tetta grãde, olhos vivos, o rosto pouco mimoso, mas muito autorizado. Falão delle os Padres Fr. Lucas, & F. Gaspar Martins no Catalogo dos nossos Varoës illustres, & os mais, que tenho já referido: posto que o nosso Martyrologio o traz fóra do seu dia.

## CAPITULO XXXIX.

*Dos servos de Deos Fr. João o Pobre, & Fr. Antonio da Resurreição.*

**M**uito grandes haõ de ser os resplandores de que ouver de lustrear à vista do P. Póvoa; cujas grandezas acabei de referir: mas tambem as estrelas mais pequenas são luzidas, & nos humildes da terra se está revendo Deos. Digo isto pelo seu devoto servo Fr. João o Pobre, cuja santa humildade lançou mais fortes raizes no estado de frade Leigo, que escolhão na Prouincia. Não lhe sabemos a Patria, & pelo nome nos consta; quanto foi afeiçoado à sãrissima Pobreza. Nenhũa cousa de que usasse,

avia na sua cela; senão contas, disciplinas, & cilicios: nem tinha mais, que o habito, que trazia sobre si, & esse feito todo de remendos, o qual deixava muitas vezes de lavar, por se não despedaçar. E quando apertavão com elle, que o lavasse, respondia com S. Hilarião, que no cilicio não se buscavão limpezas. Este foi o fundamento de lhe chamarem o *Pobre*, por excellencia: outros dizião *Descalço*, porque nunca trouxe reparo nos pés, mas com as plantas nuas pizava a terra aspera; & aquelles, que melhor consideravão em sua propria pessoa a multidão de virtudes, por não nomearem hũa só com escandalo das outras, lhe chamavão o *Hortelão santo da Conceição*.

2. O teor de sua vida era hũa penitencia continua. Assistia nas matinas da meia noite, levantado sua alma à contéplação de Deos em quanto os outros cantavão os seus louvores. Ellas acabadas, ficava no mesmo coro em fervente oração, & como se via só, tomava logo hũa larga disciplina. Depois disso, tornava a pernoitar em o mesmo exercicio até a primeira missa, na qual era seu Acolyto. Dizê, que nestas occasiões lhe fazia Deos particulares favores: mas esses segredos, ambos os guardarão pera si. Da missa caminhava pera a horta, q era o seu officio, onde

h. tom. 4.  
ann. 1392. n.  
19. & 22.

gastava todo o dia inteiro, cultivando a terra com o suor do seu rosto, & a alma em santas meditações com tanta applicação, que muitas vezes o achavaõ encostado a o cabo da enxada de todo desacordado. As forças tambem, com que na sua velhice, quebrantada do jejum, atuava este immenso trabalho, pareciaõ milagrosas.

3 Julgouse pelo que logo direi, que Deos lhe comunicara o tempo de sua morte. Andava muito alegre hum dia pela manhã: confessouse, ouviu missa, comungou, & acabando de dar graças, começou a despedirse dos frades com notavel alvoroço. Perguntavaõlhe, pera onde caminhava, & não respondia mais, que dizer, *caminho pera muito longe.* Era hũa confusão, porque o vião alegre, não sabiaõ de mudança, nem entendião, que falava da jornada desta vida pera a outra. Chegou a o Guardião, & fezhe grandes instancias que o mandasse ungir: mas elle não vinha nisso, em razão de não lhe ver algum achaque de novo, nem indicios de morte. Instou o devoto Velho, que queria morrer com todos os Sacramentos; & não lhe negasse a sua consolação. Com isto se convenceo o Prelado, & apartandose ambos, hum foi a Igreja em busca dos santos Oleos: o outro, foi esperallos num leito

da enfermaria. Quando os vio, não cabia de prazer, & com as mãos levantadas dava graças a o Ceo. Foi ungido, & logo acabou com as lidas deste mundo, no principio do anno 1561.

4 Por outro caminlio foi o P. F. Antonio da Resurreição, mas tambem pera a mesma cidade, onde morão os Viventes. Era natural da Arrifana de Sousa, lugar grande nõ Entrê Douro, & Minho, & muito celebre por sua antiguidade, seis legoas do Porto pera a banda do nascimento do Sol. Morando neste convento em santa conversação, como bom religioso, deu hum ramo de peste naquelle mesmo lugar, que o affombrava todo. Pereciãõ os corpos, & pereciãõ as almas, porq̃ pera huns não avia Cyrurgioes, & pera as outras faltavaõ os Confessores, nem avia mais que hum, o qual não era bastante: pelo que os do Lugar avizaraõ a o Porto, lhes delle algum remedio. O P. Fr. Antonio, que soube deste aperto, e fetido da caridade Christã, pediu licença a o Prelado pera curar os q̃ teria a peste; & metido entre elles andava em roda viva sem descansar hum momento. Acudio a o Lugar, & a casa da saudade: confessava os feridos, & orações: consolavaos com exhortações devotas: os mais delles lhe morrião em seus braços; &

Monarch.  
Lusit. p. 21.  
7. c. 18.

a todos preparava sepultura. Divertia-se tambem em procurar seu sustento pelas aldeas vizinhas, ordenando que juntassem as esnolas na Ponte Cepêda, que he quasi meia legoa; & elle mesmo as ia buscar às coltas, & depois repartia pelos pobres.

5 Hum mez inteiro gastou neste exercicio, merecendo com Deos a fama, que hoje goza, de Santo, & a coroa, que lhe daria no Ceo. Mas quando o mal começava a desfalecer nas forças, as ajuntou contra elle; derrocando por terra, sendo a columna forte, que avia sustentado as reliquias da vida. Sentindo elle o golpe, fez chamar hum Sacerdote, & pelo não arriscar no contagio da casa rogoulhe, que não entrasse, mas que de hũa escada, que pozesse a janela, d'ahi mesmo lhe ouvisse con-

fissão. Feito isto, tornou-se a recolher no lugar dos impedidos, onde esteve dous dias louvando sempre a Divina Magestade, por cujo amor se offerceo a morte, q foi no anno de Christo 1577. Sua bendita memoria, que será por estas partes eterna, se acha tambem escrita no Agiologio Lusitano<sup>b</sup>. Foi sepultado apar da ermida de S. Roque, bem pegado à estrada, que vai do Porto, donde está ensinando a todos os passageiros, como hão de caminhar pelo caminho do Ceo. Querendo depois o Povo, que estivesse com maior veneração, pozerao sobre a cova, sem lhe cavarem os ossos; hũ sepulcro de pedra, que pera isso se trouxe da Igreja velha de S. Martinho de Moázeres, o qual está hoje oleado de vermelho, & tem este epitafio, escrito com letras d'ouro.

<sup>b</sup> tom. 1.  
Fev. 25. J. D.

Cobre esta pedra os ossos do Veneravel P. Fr. Antonio da Resurreição, frade de S. Francisco, que morreo com reputação de Santo, confessando de peste neste lugar, anno de 1577.

6 Duas cousas acho ditas em contrario do que agora acabo de escrever: a primeira, que este Servo de Deos era então morador no convento de S. Francisco do Porto: a segunda,

que a sua morte foi no anno de 1579. Ambas porém se convencem de engano por duas certidoes verdadeiras, & autenticas, que tenho em meu poder, & contestão no que digo. Hũa he

do P. Baltezar da Rocha, que o confessou na morte: outra, de Hieronymo de Meireles, o qual se achou presente. De mais, que hũa taboa antiga dos nossos frades defuntos naquelle tẽpo claramente o faz aqui morador; & no q̃ toca a o sobredito anno de 77, esse mesmo se acha na sepultura, como eu vi com meus olhos, & não hã mister emenda.

### CAPITULO L.

*Do muito devoto, & caritativo P. Fr. Berardo.*

**N**Acẽo este Servo do Senhor. na vila de Atouguia, & tornando a nacer pela profissãõ da nossa sagrada Regra, tomou o nome de S. Berardo, Capitaõ dos sinquo Martyres, que padecẽrãõ em Marrocos. Não era este nome ordinario nos frades, & como per si o distinguia dos outros, facilmente esquecẽo o seu apelido proprio. Deulhe Deos tão grande sinceridade, & tal pureza de vida, que quasi todos lhe chamavãõ *Ovelha mansa*: outros, *a Ovelhinha de Deos*; & muitos diziaõ d'elle o mesmo; que Alexandre de Ales disse do Doutor Serafico S. Boavetura: a saber, que parecia não ter Adãõ peccado nelle. Veio muito menino a Ordem, & o Senhor

com sua divina graça lhe conservou immaculada a pureza Virginal.

2 Com esta sua innocencia alegre, & aprazivel a todos contẽtou muito a Deos, o qual tambem por momentos o abraçava em o seu santo amor. E d'aqui lhe naciãõ os fervores, com que sempre rezava, ou cõtemplava em sua grande bondade, mortificando sem piedade o corpo, progenitor de afeiçoẽs pouco licitas. Ouve grãde prefunção de que o mesmo Senhor lhe revelou algũas cousas, as quaes estavaõ por vir: porẽm dellas não contarei mais, que duas. Morando em Ferreirim com o P. Fr. Bernardino de Sena, que era seu Guardiaõ, hum dia lhe disse muito alegre. *Padre Guardiaõ, Vossa Reverencia ha de ser Gẽral da Ordem, mas eu o não hei de ver; & assi acontecẽo.* Noutra parte lhe pediu hum seu amigo devoto, que lhe dẽsse, ou trocasse as contas, com que rezava, a o que lhe respondẽo. *Ainda me sãõ necessarias dois annos; & cõ elles se acabou o prazo de sua vida.*

3 Pela grandeza, com que amava a Deos, media tambem a caridade dos proximos, os quaes lhe representavãõ o mesmo Senhor, que pera curar as nossas enfermidadẽs, as quiz tomar sobre si. Pelo que morando em S. Sita, & vendo na portaria hũ

pobre

pobre muito enfermo, & quasi hydropico, se lhe rasgou o coração pelo meio. Tratou logo de lhe dar algum remedio, que não era naquelle deserto facil, & menos á humildade, com que sempre escondia estas obras virtuosas. Com tudo secretamente o recolhêo numa casa, pegada a o convento, que servia de Confessionario: fez-lhe cama com a roupa, que levou da sua cela: regalou o com grandissimo cuidado: deu-lhe muitos lavatorios de heruas medicinaes, lavando sempre por suas proprias mãos; & passados quinze dias o despedio com saude, que todos julgão por milagrosa.

4. O caso de Santarêm ainda passou avante. Era o anno de Christo 1599, & a Vila se abraçava em peste, com a falta de ministros ordinaria naquellas occasiões. Tinha nesse tempo sua casa da saude (outros-lhe chamão *degredo*) nos olivacs pera a banda do Norte, donde depois se mudou pera o chaõ do Concelho, detráz da ermida de S. Roque, por se evitar o dano de vir inficionado d'aquella parte o vento, que era mais saudavel. E compadecido este amoroso Padre das muitas miserias, que nella se padeciaõ, entrou a remediallas. Tratando porém de si, & querendo segurar os auxilios do Ceo, todos os dias se vinha á o convento: não entrava

nelle a respeito do contagio: mas ficando de fóra sobre hũa oliveira d'ahi se confessava a outro religioso, que estava sobre o muro da cerca. Depois disto servia a os enfermos, pera os quaes era Confessor, & Medico, Cyrurgiaõ, Sangrador, & Enfermeiro, & qual elles o averiaõ mister.

5. Nesse tempo lhe succedêo hũa cousa admiravel. Acabava de dar a hum enfermo a sagrada Comunhaõ, que entrado logo com a força do mal em agonias de morte, tremendo, & alterado tornou a lançar pela boca a particula com grande copia de peçonhentos humores. Acudio com muita préssa o Padre, & aparando no mesmo vaso o vomito, ficou suspenso no que devia fazer. A devaçõ convidavaõ com aquella bebida nojenta, & asquerosa: mas divertiao o asco, & o horror natural. Em conclusãõ levou o vaso á boca, & bebeo o antidoto das almas misturado com a peçonha do corpo, sem lhe fazer algum dano. Poucas somarias andadas, pegouse o fogo nas oliveiras, andando já muito perto das cabanas dos enfermos. O santo Varaõ, que sentia o perigo, fez rosto ás labaredas, & com os braços abertos exclamou pera o Ceo. *Que he isto, Senhor? fogo do ceo, & fogo da terra! Peste ardente, & sobre ella incendios!*

*Apiedavos, Senhor, com estes pobres feridos.* Acabando de dizer, foi servido o Senhor de apagar o incendio. Foraõ tantas finalinẽte, & tão notaveis as cousas, que aqui lhe succedẽraõ, que levantando a Vila bandeira de saude, o foi buscar com solẽne procissãõ, & neste grande triunfo o levou a o convento.

6 Dizião delle, que fazia maravilhas: mas fique isso reservado a o juizo de Deos. He verdade, que pera gloria delle contava algũas cousas, que tinhaõ acontecido: porẽm nunca individuou pessoa, a quem isto succedesse, ainda que gẽralmente o entendiaõ por elle. Cõversando hum dia com outro religioso devoto sobre os muitos favores, que Deos faz a quẽ o serve, disse com grande espirito: *Bem conheço eu hum frade, que remendando o habito, se lhe quebrou a agulha, & recorrendo a Deos, os pedaços della se tornãrão a soldar.* Acudio o companheiro, que nestes casos o trazia de espreita: *E Vossa Reverencia, entãõ que mais fez?* A o que respondẽo quietamente com muita sinceridade; *E quem lhe disse, irmão, que era eu? Pois doulhe minha palavra de não lhe contar mais nada.*

7 Carregado de annos, mas muito bem empregados, quiz apartarse do mundo antes que o despedisse, & recolhido a este santo convento, sem mudar hu

passo da sua primeira vida, tratou com maior cuidado de servir a o Senhor. Chegou o anno de 1619, & no ponto, que sentio a vizinhança da morte, dispozse a recebella com a maior alegria por meio dos Sacramentos. E sabẽdo, que vinha já muito perto o Senhor Sacramento, trabalhou por se debruçar em terra, mas impedido dos frades, que tinhaõ maõ nelle, & da propria fraqueza, ficou no leito de joelhos. A o entrar da enfermãria, forãõ notaveis as suas exclamaçoẽs, dizendo estas palavras. *Que he isto, meu Senhor? Vinde visitar a hum peccador ingrato: a a hum servo inuõel, que conhecendovos por seu Senhor soberano, nunca vos soube servir? Que grandes sãõ as vossas misericordias!* Eraõ muito pera ver os excessos desta hora. Desfazia se em lagrimas, calava a boca, falavaõ os olios pregados no Sacramento com amor. & reverencia, declarando nos seus gestos, que ambos muito bem se entendiaõ. Em fim recebeu a iguaria do Ceo, & confortado com ella, brevemente caminhou o seu espirito atẽ o monte de Deos. O corpo ficou na terra taõ alegre, & fermoso, que pareciaõ enfaios das eternas alegrias, que os Santos esperãõ ver em seus corpos depois da resurreiçãõ. Tudo isto deu hum brãdo pelos lugares vizinhos, donde veio infinidade de

gente a assistir nas exequias. Qual lhe tocava as contas, qual lhe cortava o habito, qual lhe beijava os pès, & todos gritavão, que era Santo. Pelo que com muita rezão se achia declarado o seu nome no Catalogo dos Varoës illustres de Portugal.

## CAPITULO LI.

## Do grande Padre Fr. Pacifico da Cruz.

**I** Oi suspeita de algũs, que nacera na vila de Obidos: mas a sciencia he, que em Montemor o Velho, nas ribeiras do Mondego. Começando a retirar-se do mudo sempre falso, & sempre enganador entrou na Congregação de S. João Evangelista, de Conegos seculares, a que chamamos os *Leitos*, com os quaes bem podera aprender muitas virtudes. Com tudo lã o inquietou o inimigo da paz, potque morando na casa de Recião, meia legoa de Lamego, que depois se mudou pera a mesma cidade, teve certas desavenças com outros Padres, pelas quaes lhe foi forçado deixar sua companhia, & buscar a nossa Religião. Mas pera mostrar, que vinha já outro homem, atè o nome mudou, chamandose *Fr. Pacifico da Cruz*,

como homem, que sò pretendia paz, & já estava nas paixões crucificado.

2 Sò consigo, & com os seus appetites andou em guerra continua, com a espada na mão, de penitencias asperas. Não ouve dia, que não trouxesse cilicio, ou jejuasse a paõ, & agoa, ou estivesse na oração muito tẽpo de joelhos, ou continuasse nella com os braços estendidos em Cruz atè cair de cançado. Entã beijava a terra, & como envergonhado da fraqueza lhe vencer o seu espirito não ouzava levantar os olhos pera o ceo. Dormia pouco, comia menos, & não se fartava nunca de conversar sò com Deos. No principio da noite, depois de estar presente na oração, & disciplina, em que assiste a comunidade toda, recolhiase na cela pera restaurar as forças com hum sono limitado, & muitas vezes antes de serẽ dez horas já se achava no coro. Acabadas as matinas ficava em oração, & quando os outros começavaõ a levantar-se dos leitos se escondia na cela, da qual logo se tornava a o coto pera rezar Prima com elles. As occupaões do dia erãõ muito semelhantes a estas suas da noite, & assi lhe succedia quasi sempre, das vinte & quatro horas de hum dia natural, gastar doze com as suas devaçõs, alẽ das outras que lhe levava o

Agioel.  
Lustro. 1.  
lan. 11. 1. 1.

Oficio divino, rezado no coro com muita pauza.

3 Quando vinha a contemplar nos mysterios do Ceo, eraõ varios seus sentimentos na alma, porque tanto se engolfava às vezes na sua meditação, que se perdia no corpo, ficando tão insensível, & immovel, como se fora de pedra. Outras vezes não lhe cabião no peito as suas consolações: pelo que chorando, & suspirando desabafava em parte o coração. He forte a vehemencia com que Deos vai puxando pelas almas, que se levão da sua suavidade: mas só quem chegou a gostar desta doçura, a poderá declarar. E ainda que a sustancia da perfeição não consista nestes regalos do Ceo, são porém della indicios em rezão de não ser mui ordinario fazer Deos tantos favores, senão às almas, às quaes tem grande amor. Tinha tambem horas certas pera oração vocal dispondo deste modo a mental, & desterrando o sono: mas quando o carregava muito, julgava consigo às bofetadas. Costumava contemplar na Paixão do Redentor diante d'hum Crucifixo, que tinha na sua cela, rezando devotamente os Salmos Penitenciaes por castigar nossas culpas, que lhe causaraõ a morte; & eraõ tantas as lagrimas, lamentações, & gemidos, que nem elle podia continuar, nem

os vizinhos dormir.

4 Cegou com a força de tantas lagrimas, que eraõ nelle continuas em todos seus exercicios, & creio que a cegueira do corpo lhe aclarou a luz da alma, porque depois parecia mais devoto, recompensando a pena de não poder celebrar com o gosto de comungar muitas vezes, & do coro assistir a quantas missas se diziaõ na Igreja. Compadecia-se muito das almas do Purgatorio, pelas quaes oferecia muitas devações a Deos, em particular aquella de rezar o *Pater noster*, & *Ave Maria* com hũa conta benta na mão, à qual o Summo Pontifice vinculara o privilegio de libertar hũa alma; & sucedeo alguns dias, que depois de comungar mais de quatrocentas vezes lhes applicou este suffragio com tanta consolação, que como por seu dito referia o P.F. Amaro da Esperança, estava vendo com seus olhos subir muitas a o Ceo.

5 Sendo a sua tanta da manga de Deos, certos tambem lhe ficavaõ os favores, que podiaõ conduzir pera sua perfeição. Ouvindo hum dia falar a certo Theologo, com quem tinha confiança, na obitinação dos peccadores, que resistem a os poderes da Graça, respondeu por desatento, mas com muita humildade. *Cuidava eu de hũa alma, que averá dezafes annos,*

que

que não pecou mortalmente. E por mais, que pretendéo encubri-se, toda a suspeita se encaminhou a elle. Consultou hum mancebo no remedio de algũas tentações, que o traziaõ cançado, & depois de apontar os que mais lhe importauão, pelo consolar lhe disse: *Aqui estou eu nesta idade de velho, & ainda o Tentador me persegue: mas pela mercè de Deos não pôde vencerme.* Sete annos antes que o P. Fr. Bernardino de Sena alcançasse as dignidades maiores, que estava merecendo, lhe disse expressamente, que avia de ser Commissario Géral da Familia, Ministro de toda a Ordem, & depois de tudo Bispo, como na verdade foi. Parte dillo lhe tinha pronosticado o P. F. Berardo: com tudo as grandes cousas sempre tem muitos pronosticos.

6 Era notavel seu zelo na perfeição do culto Divino, & frequencia do coro, & pela melina rezão compoz hũas advertencias sobre as rubricas do Missal, & Breviario, as quaes não logrãõ até hoje o favor da impressãõ, foraõ porém de proveito a os que sãõ curiosos. Morando na Encarnação de Vila do Conde, & não avendo em casa espartador, com que podesse o Sancristão acordar pera tanger a matinas quando o relógio das freiras soava à meia noite, ordenou o Guar-

dião (& disto sou testemunha) que hum dos irmãos Coristas vigiasse nesse tempo, & depois de tanger o sino, & esperar a os outros se recolliesse à cela, & não fosse a matinas. Mas o P. Fr. Pacifico, sem levar em paciencia que alguem faltasse nos louvores do Senhor, sendo velho, & rãõ grave, tudo tomou sobre si, tanger o sino, & esperar o convento.

7 Tinha tambem entranchavel devaçãõ à Senhora Immaculada, & neste amor criou a todos os seus Noviços, sendo Mestre no convento da Figueira. Das devaçõs, que entãõ lhe ensinava, dou noticia de hũa, muito facil de fazer, a qual era: que quando à noite se encofastem no leito, quando se erguessem delle pera irem a matinas, & quando de manhã se levantassem, dissessem nove vezes de joelhos aquellas suavissimas palavras do seu hymno: *Mostra-te este Matrem;* o que tudo vêm a ser: *Mostrai, que sois nossa Mãe.* Na primeira occasiãõ, à honra dos nove mezes, que andou cheia de graça no ventre de Sant-Ana sua mãe: na segunda, por conta dos outros nove, que trõuxe a seu Filho unigenito em suas purissimas entranchas: na tereceira, em memoria das nove festas, com que he venerada da Igreja pelo discurso do anno.

8 Curfando já o de Christo 1630, devia saber que este era o ultimo de toda a sua vida, por quanto buscou hum religioso, que lhe escrevesse cartas, pelas quaes se despedio dos parentes, & amigos, encomendando a todos o santo amor de Deos, a lembrança da morte, & o temor do juizo. Quando tambem encontrava o Prelado, agradecendo a caridade, de que usava com elle, dizia que pouco tempo o avia de cançar. Corréo fama, que elle avia dito, como pela festa da Natividade da Senhora se acabava seu prazo; & os frades, vendo já que passava o dia principal com os tres primeiros do Oitavario sem nelle aver mudança, lançavaõ muitos jnizos acompanhados de duvidas. Senão quando a o quarto, estando elle às vespas lhe veio hum acidente, que o fez sair do coro.

9 Chegou o dia oitavo, & nem elle dizia couza algũa, nem os frades deixavão de andarem inquietos. Pelo que o Guardiãõ já de noite lhe mandou por santa obediencia, dissesse o que passava, a o que humilde lhe respondéo. *Vendo eu como por partes me prendia o Senhor cegandome os olhos, impedindome os pés, & carregandome de oueros muitos achagues, pedilhe com muitas lagrimas, que me espaçasse o curso da*

*penitencia, como estendéo a vida d'El Rei Ezechias<sup>a</sup>, por tempo de quinze annos. Entendo agora, que me fez esta mercè, porque estão acabados: mas desejava tambem, que fosse neste Oitavario. Então o consolou o Prelado com dizer, que ainda o Oitavario chegava à meia noite, & nella avia de acabar; & elle ouvindo isto, não cabia de prazer: mas entrado d'hũa nova alegria batia nambas as mãos, louvando a Deos, & convidando os outros a que tambem o louvassem, com aquellas palavras do Salmista<sup>b</sup>: *Omnes gentes plaudite manibus: jubilate Deo in voce exultationis.* Estando com este contentamento, primeiro que o relógio desse a dita meia noite se comprirão seus desejos, & muito suavemente quebrou os liames do corpo a sua devota alma pera se ver na liberdade da Gloria. Souo logo este caso pelos Povos comarcãos, & na cidade do Porto, donde muita gente nobre, que na doença o viera visitar, tornou agora a assistir no enterro com grandes demonstrações de o terem por valido com Deos, pera o qual lhe pedião a sua intercessão.*

<sup>a</sup> 4. Reg. 20  
vct. 6.

<sup>b</sup> psalm. 46.  
vct. 1.

(?)

## CAPITULO LII.

Dos muito insignes Padres

Fr. Lucas VVaddingo, &amp;

F. Ricardo Synott.

**E**stes são os dous filhos deste santo cõvêto da Conceição, que mais o tem illustrado, hum delles com a penna admiravel de sua sabedoria, outro com as vozes do seu sangue derramado pela Fé. Nacêraõ ambos na Catholica Ilha de Hibernia, & de paes tambem Catholicos, & vierão a Portugal por causa de seus estudos. Ambos juntos pedirão o nosso habito, fizeraõ aqui devoto noviciado, & professãraõ a nossa sagrada Regra no mez de Setembro de 1605, ou no outro adiante. E ajudados em tudo cõ o costume da nossa santa Provincia em tomar na profissãõ o sobrenome de Santos: Fr. Lucas chamouse, de S. Francisco; & F. Ricardo, da Conceição: andando depois por muitas partes do mundo, foraõ caindo no apelido dos paes. Scintilavão já debaixo das cinzas pardas d'aquelle primeiro habito: as grandes luzes do talento natural, q̃ tinham pera as letras, & por não se apagarem com a torpeza do ocio, brevemente os passaraõ pera o Curso das Ar-

tes no convento de Leiria, o qual acabado começaraõ em Lisboa o estudo da S. Theologia, q̃ felicissimamente, & com grãde louvor de sua habilidade consumaraõ no collegio de S. Boaventura em Coimbra. Finalmente a Provincia os foi pondo em estado, que ambos instituiu Prêgadores, & Confessores.

2 Tudo isto confessava o mesmo P. Fr. Lucas, como se vé largamente no Autor da sua vida, que adiante avemos de nomear, celebrando com encomios as virtudes desta casa, onde nacêo pera a Ordem, & com grandes saudades da sua reformação, Poderia duvidarse se a ausencia perpetua, que fez da nossa Provincia, o incorporou em outra: mas nem isso, que prejudicava pouco á primeira filiação, se atreveo a fazer. Muitas vezes o importunaraõ os Padres Italianos mais graves da Familia Ultramontana, que se perfilhasse nella, & isto com promessa, quanto foi da sua parte, de o fazerem Geral: respondialhes porêem, que por nenhum caso do mundo deixaria a Cisimontana, onde se tinha criado, & ayia professado. E como isto em particular pertence a esta nossa Provincia, o seu testemunho mostra, que não foi incorporado em outra. He verdade, que se nomeou num

tom. 1.º p. 1392. l. 22.

cap. 4.º & 7.

na fronte  
Opusc. B. P.  
N. F.

de Sant-Iago: & feria em rezaõ do domicilio, por concordar o estado com o titulo de Leitor em Salamanca. Mas quando depois no capitulo Gèral de 1651 foi subrogado no lugar do P. M. Fr. João de S. Bernardino, que se achava ausente, primeiro justificou como ainda então era desta nossa Provincia Portugueza.

3 Acompanhemolo agora nas ausencias, que faz, pois he filho tão honrado, que sempre se prezou de sua mãe. Depois de ser Prêgador sustentou conclusões publicas num capitulo Provincial de Lisboa com tanta erudição, & destreza, que o Presidente delle, Vigairo Gèral da Ordem Fr. Antonio de Trejo o cobiçou pera a sua Provincia de Sant-Iago, & nós então lho largamos de emprestimo. Foi nella Leitor de Theologia, em Leão, & Salamanca, onde aquelles prudentes, & doutos Padres, por se ajudarem sempre das suas insignes letras, o fizeram juntamente seu Mestre dos estudantes. Com o tempo crecia a muita estimação, q todos fazião delle, porque celebrandose na mesma casa hum capitulo Gèral, a elle foi encomendada a presidencia das primeiras conclusões. Aqui se lhe abriu hũa porta muito larga pera luzir como estrela firmíssima na cabeça da Igreja, digo

Roma, onde o menos, que fez, foi tornar a ler a santa Theologia no convento de S. Pedro de Montorio. Era já Bispo de Cartagena em Hespanha o dito P. Fr. Antonio de Trejo, o qual sendo enviado d'ElRei de Castela por seu Embaxador a o Papa sobre a causa da Immaculada Conceição da Senhora Mãe de Deos, a elle dentre todos escolheu por seu Theologo. Do muito, que isto lhe importou, & a o Duque d'Albuquerque, que ficou em seu lugar, faz muito bastante prova o livro, que imprimio sobre esta embaxada, em defensão da Senhora.

4 Conhecido em Roma com esta occasião por consumado letrado, todos puxavão por elle pera Consultor, & Definidor de suas resoluções. Foi Qualificador da Inquisição Gèral: Revedor, & Corrector do Breviario Romano: Consultor das tres famosas Congregações, q se nomeão *do Index, propaganda Fide, & de Ribus*, em cujo serviço trabalhou com grandissimo cuidado em emendar muitas coulas nos livros, que mais pertencem a o culto divino, eõpondo tambẽ, ou concertado de novo hũa copia notavel dos officios de Santos, q rezão muitas Igrejas. Finalmẽte rara foi a Cõgregação, ou Junta, q os Cardeaes fizessẽ sobre materias graves, da

qual

qual não lhe fosse pedido seu parecer.

5. Muito copioso era o tesouro de sciencias, que ajuntou na memoria: com tudo o uso dellas he o mais, q se lhe pôde louvar; porq quanto imprimio, & escreveu já em rezaõ da materia foi ordenado pera gloria de Deos, & de sua Mãe purissima, em obsequio dos Sãtos, ornamento da Igreja, & grande credito da nossa Religião. Estava muito senhor da lingua Hebraica, & como tal fez hũ tratado da sua origem, excellencia, & grande utilidade pera se interpretar a Sagrada Escritura, o qual cõ outros Preliminares ajuntou ás Cõcordancias da mesma lingua, cõpostas por Fr. Mario de Calasio, as quaes tambẽ por sua grande industria alcançaraõ impressãõ. Cõfirmou em quatro livros, alẽm do q tenho dito, a limpeza Original da Cõceição da Senhora: illustrou cõ Comẽtarios, & Notas os Oculculos de N. P. Serafico, & as Concordancias Moraes de S. Antonio: escreveu as vidas de muitos Santos: dispoz a Bibliotheca dos nossos Padres antigos: compoz o Catalogo dos Escriutores, & Martyres da nossa Religião; & ajuntou em dezaseis volumes todas as obras do Doutor Subtil Scoto, & de alguns Scotistas, com o que autorizou esta sua nobilissima Escola. Mas

a obra de mais porte sãõ os insignes Annaes da nossa sagrada Ordem escritos em oito tomos, taõ copiosos, & breues; taõ claros, & elegantes, taõ fundados em verdadeitas noticias, & ajustados com o estilo Historico, que grandes Juizes admirados de tanta felicidade, não sabem determinar qual tem dado maior lustre: se Baronio nos seus iã Igreja de Christo, & se Waddingo nestes à Ordem de S. Francisco. Outros muitos livros escritos da sua penna, & alguns tirados já do pte do dos Impressores conta elle no sobredito Catalogo, & o Autor da sua vida, os quaes juntos, per si sós sem companhia alhea, fazem hũa bastante livraria.

6. E se ouvennos tambẽ de avaliar seu preço pelo immenso trabalho, que lhe custou o estudo, fica excedendo muito à nossa estimaçãõ. Porque a mesma dificuldade de todas estas materias, os importunos negocios, que lhe tomavaõ o tempo, os achaques ordinarios, que com maior vehemencia acometiaõ a cabeça: só seu zelo, & industria os poderiaõ vencer. Fundou em Roma o Colegio de Santo Isidoro pera os nossos frades da sua nação Hibernia, & na vila de Capran

hum convento, em o qual se crião os seus noviços. Emparou, & defendeo o outro Collegio de Praga, que desfalecia com o pezo de muitas contradicções. E desejando, que tivesse mais obreiros aquella Vinha de Christo plantada na sua Patria, & assolada dos Hereges, acabou com o Cardeal Ludoviso, que levantasse em Roma hum Seminario de estudantes seculares, natúaes da mesma Ilha.

7. Com estes trabalhos, que convinhaõ a o serviço de Deos, & propagação da Fé, se abraçava o P. Fr. Lucas com grandissima vontade os outros, que tocavão a honra de sua mesma pessoa, lançava elle de si. Duas vezes, por não faltar a o gosto dos Prelados, aceitou de ferventia o officio de Procurador Geral na Curia de propriedade, nunca o quiz aceitar. Do mesmo modo rejeitou a Comissão Geral das Províncias de Flandres, & algúas dignidades, que seus notaveis merecimentos a furto desta sua izençaõ andavão solicitando. Consumado porém nelles, & cheo de gloriosas virtudes, mas consumido do continuo trabalho for buscar pelo caminho da morte o descanso sempiterno no sobredito collegio de S. Isidoro, onde está sepultado, em 18 de Novembro de 1657, com 70 de idade. Depois de morto se manifesta-

raõ nelle os sinais de seu valor nas emprezas, & do trabalho, com que as executava. Porque aberto seu corpo, acharaõ o coração exceder a grandeza ordinaria, & estar ainda fresco: hum dos rins, & o bofe, em muita parte gastados. Largamente escreve a sua vida o P. Fr. Francisco Haroldo, Cronista Geral da nossa Religião, que tambem epitomou em dous livros os oito tomos dos sobreditos Annaes.

8. Quando elle se foi da nossa Província, ainda ficava nella, & residio alguns annos o P. Fr. Ricardo da Conceição, seu companheiro fiel: mas seguindo depois, leo tambem Theologia na mesma de Santiago. De lá o chamarão pera Roma, onde foi Guardião do sobredito collegio de S. Isidoro, que governou com louvor. Andado já algum tempo, como elle tambem nunca descansava, appareceo em Hespanha por Custodio da sua Província de Hibernia num capitulo Geral, & o P. Fr. Bernardino de Sena, que queria recolherse a o seu bispado de Viseu, o tomou por Confessor. Falecido com grande mágoa nossa este insigne Prelado a os 5 de Outubro de 1632, o P. Fr. Ricardo, que se vio obrigado desta grave assistência, & impulsado do espirito do Ceo, foi acudir a sua Ilha, que

estava oprimida de Herèges estrangeiros. Prégava, como Varrão Apostolico, confessava, & alentava os Catholicos na obediencia do Pontifice Romano, & nas verdades da Fé; na cidade de Waterfordia; em cujo convento estava por morador. E quiz Deos remunerar lhe seu zelo com hũa ditosa morte, por que entrando os Herèges do partido do Tyrano Cromuelli, a o pé do altar, onde estava de joelhos, & com as mãos levantadas esperando pelos golpes, & protestando em voz alta a santa obediencia da Igreja Catholica Romana, o fizeraõ em pedaços. Na mesma occasião padecõ Fr. João Synott, seu primo, que avia professado a nossa sagrada Ordem na Prouincia do Algarve.

## CAPITULO LIII.

*Nomeamos algũas pessoas graves, que nesta casa, & no convento do Porto estão hoje sepultadas.*

**P**elo que temos escrito de tantos religiosos moradores, ou professos nesta casa, se poderá conhecer a rezão, que tiverão muitas pessoas illustres pera nella escolherem sepultura. Enten-

diãõ, que à sombra de tantos servos de Deos, que por elles faziaõ oração à purissima Senhora, & Patriarca Serafico, lhes ficavaõ mais seguras as piedades do Ceo. Vem no primeiro lugar D. Margarida de Villena, que ajudou muito a obra desta Igreja, & jaz na capela mór. Seu marido João Rodrigues de Sá, terceiro do nome, & oitavo possuidor da Casa de Sá, Camareiro mór d'El Rei, & Alcaide mór do Porto, Varão grave por armas, & por prudẽcia, com cento, & quinze annos de vida, sepultouse na capela do capitulo, debaixo de hũa campã de bronze, na qual se achã este breve epitafio.

**Aqui jaz João Rodrigues de Sá.**

2. Antes d'elle, todos os seus Ascendentes tinhão sua sepultura na capela mór de S. Francisco do Porto; & agora podemos restituir esta memoria a esse mesmo convento, que na sua relação deixamos de escrever. Temos noticia de sete, que lá estão sepultados; começando em Pelagio de Sá, & acabando com Henrique de Sá de Menezes, Vedor da Fazenda por El Rei D. Manoel. Mas entre todos, bem se poderá dizer, que foi Sol entre Planetas o grande

João Rodrigues de Sá, primeiro do nome, que chamão *o das Gales* pelo notavel esforço, com que defendeo as nossas do furor das Castelhanas na ribeira de Lisboa, onde o Rei de Castella tinha cercado a o Mestre de Aviz. Contar porém os milagres, que obrou o seu valor affi nesta conjunção, como na tomada da vila de Guimaraés, na qual foi o primeiro, q̄ entrou: cisso se encarregaraõ os Escriutores do Reino: Foi tambem Fronteiro mór na Provincia do Minho, & Camareiro mór d'El-Rei D. João I; que pera elle, & seus descendentes inventou este officio.

3 Achavase o outro João Rodrigues de Sá, que deixamos enterrado no capitulo, com o direito de sepultura em duas capelas mōres tão honradas, como he a desta casa, & a outra de S. Francisco do Porto. Atẽgora não tenho visto os titulos, mas reconheço a posse. E querendo aproveitarse de ambas, ordenou que entre seus successores ouvesse se alternativa nos lugares do enterro, começando pela capella do Porto, onde em virtude da dita alternativa foraõ depois sepultados Antonio de Sá de Menezes, João Rodrigues de Sá de Menezes primeiro Conde de Penna-Guiaõ, & seu neto, terceiro já no Condado, com tudo do mesmo nome. *João Ro-*

*drigues de Sá de Menezes;* que por ser nos nossos tempos famoso torno a repetir este nome. Florecẽo em todas as boas partes, de que consta. hum Cavaleiro perfeito: esforço, letras humanas, & grandẽ amor da patria. Foi Camareiro mór d'El-Rei D. João o IV, seu Embaxador a Inglaterra, dos seus Conselhos de Estado, & de Guerra, & homem de particular conselho.

4 Na sorte deste convento da Conceiçãõ não caíraõ atẽ hoje mais que dous, & ambos do mesmo nome *Francisco de Sá de Menezes*. O primeiro, foi o Conde de Matozinhos, que já nomeci affinia, excelente Cortezãõ, & inclinado às letras, em particular Poesia Portugueza. O segundo, que juntamente o foi entre os Condes de Penna-Guiaõ, era Camareiro mór, do Conselho de Guerra, Estribeiro mór da Rainha D. Luiza, perito em muitas lingoas, & muito pratico nas obras de christandade.

5 Com elles se recolhẽraõ alguns Senhores da sua mesma familia: porém todõs ficãraõ escondidos em carneiros subterraneos, sem ornamento, ou grandẽza nas capelas, principalmente no Porto; que os de a conhecer, se não for pelo escudo das armas. E se a nossa pobreza tivera maiores forças, affi como por zelo começamos a ornalla,

tambem

Lop. na  
Cron. d'El-  
Rei D. I.º  
I. p. r. c. 139.  
& p. 2. c. 11.  
Cunha na  
mesma  
Crou. c. 50.  
Souza nas  
Flor. de  
Hesp. c. 14.  
excel. 9.  
R. 45.

tambem isso estivera acábado. Mas quiz Deos levar a essa mesma cidade a Condessa D. Luiza Maria de Faro, viuua do ultimo Conde Joáo Rodrigues de Sá de Menezes, que lá está sepuldo, porque com grande primor vai suprimindo todas as faltas antigas. Fez o retábolo da sua capela mór, deu algúas peças nobres pera o serviço della, & muito mais nos promete a piedade do seu grandioso animo.

6 Tornando agora a este convento da Conceição, achamos pela Igreja da banda do Evangelho quatro capelas, mas quasi desemparradas dos seus administradores, salvo a de N. P. S. Francisco, que hum devoto vizinho tomou neste tempo a seu cargo. Na primeira, que entesta no cruzeiro, estiverão sepultados com algúa majestade de aquelle Fernão Coutinho, & sua molher D. Maria da Cunha, que nos deraõ este sitio, onde tambem tratava de enterrar-se seu filho Pedro da Cunha Coutinho com sua molher D. Brites de Vilhena em quanto não fundáraõ no Porto o mosteiro de Monchique. E tendo os olhos nelles, & noutros, que estariaõ em a sua companhia, deixou esta D. Brites húa esmola a este mesmo convento *pela memoria*, como ella declarou, *dos meus defunctos, que jazem na minha capela*. As freiras de Monchique, que

herdáraõ a estes seus Fundadores, entráraõ tambem no dereço da capela, & como não lhes tocavaõ os nossos grandes empenhos, fizeraõ della doação a Lopo Peixoto: Nesse tempo estremamos as suas duas offadas, que foraõ postas debaixo de duas pedras junto do altar, à parte do Evangelho; & o novo hospede levantou na parede pera si hum majestoso sepulcro com o letreiro seguinte.

*Cobre esta pedra os ossos de Lopo Peixoto, do Conselho d'El Rei, & de D. Ambrosia, sua molher: filho que foi do primeiro Duarte Peixoto, & de D. Ioana de Melo 1579*

7 Noutra capela se vê dentro de hum arco outro sepulcro na parede, & nelle estas palavras.

*anno 1529.*

*Aqui jaz D. Antonio d'Azevedo, filho de D. Ioão d'Azevedo, Bispo que foi do Porto. Falecéo em Lagos, vindo da guerra d'Africa, & teve o mosteiro de S. Ioão d'Alpendorada.*

Quiz dizer que foi seu Comendatario antes que este mosteiro, o qual he do Patriarca S. Bento, se reformasse na Regular Observancia.

8 Da outra parte do Ciuzeiro se levanta hum sepulero, mais alegre pela sua diversidade das côres, do que facil em se ler o seu letreiro, que he este:

*Esta perpetua morada he do devoto Gonçalo Camello, Cavaleiro da Casa d'El Rei D. João II, & da devota dona sua mulher Margarida Alvres.*

9 Na entrada da Igreja á mão direita estava outro sepulcro d'aquelle Garcia Dias, que comprou o prazo da quinta, & nos fez esmola delle pera fundarmos a casa: mas foi depois o seu arco necessario pera hum confessionario, & treslados seus ossos a outro lugar decente. Sua molher Mari-Anes, que jazia a seus pés, ahi mesmo a deixamos. E agora, que já tenho satisfeito com esta minha lembrança beneficios alheos

poderei despedir-

me do con-  
vento.

(?)



LIVRO VNDECIMO  
 D A  
**HISTORIA**  
**SERAFICA**  
 DOS FRADES MENORES NA  
 PROVINCIA DE PORTUGAL.

CAPITULO I.

*Florece o Inquisidor F. Rodrigo de Cintra, assiste a dous Martyres F. Estacio de Portugal, vêm dous Ingrezes visitar esta Provincia, & F. Bertoldo he nomeado Bispo da Guarda.*

*de Sant-Iago. No de 1393 andavaõ os nossos frades espalhados pelo Reino em busca dos prizioneiros Castellhanos, pera lhes dar liberdade na forma das pazes assentadas com Castela. No outro seguinte foi Comissario do Papa Bonifacio IX o Guardiãõ do convento de Bragança, como ja tenho escrito, mas da materia não me consta ategora.*

1393

**Q**uando no anno de Christo 1393 comecei a referir a chegada dos primeiros Fundadores da Regular Observancia, com o principio das casas, que logo edificaraõ, estava já a Provincia constituída num corpo, separado de Galiza, & Castela, retendo porẽm o nome antigo

2 Era neste tempo Inquisidor Geral nos dous Reinos de Portugal, & Algarve o P. F. Rodrigo de Cintra, Mestre graduado na santa Theologia, Pregador d'ElRei D. João I, insigne letrado, & no pulpito famoso, de cujos sermoes atrãz deixo hũa memoria breve. E como não era justo, que o trabalho do officio em conservação da Fe lhe prejudicasse às suas comodidades, que lhe davão os estaturos da Ordem, todas lhas corroborou o sobredito Pontifice

d. p. 1. 1. c. 5. nat.

1394

b. l. 10. c. 23. n. 3. & 10.

6 Fr. Luc.  
tom. 4. an.  
1394. n. 4.

d. cit. l. 10.  
c. 16. n. 7.

e c. cit. n. 5.

fr. Luc. l. 10.  
c. 16. n. 7.

fice por hum breve, que foi passado em Roma a 7 do mez de Maio no anno, que vai correndo, 1394. Concedeolhe liberdade de eleger companheiro a seu gosto: ordenou, que os côventos do seu distrito, onde quer que se achasse, lhes dêssem a ambos o necessario; & que elle na Provincia gozasse dos privilegios, que tinha em quanto Mestre, estando habilitado, como estivera d'antes, pera as dignidades della: Não pude saber o tempo, em que começou, & acabou o officio: mas he certo pelo sobredito breve, que já o exercitava no principio d'aquelle proprio anno. Se nisto foi mais antigo, que o P. Fr. Vicente de Lisboa, da Ordem dos Pregadores: não he cousa, que importe, nem me obriguei a compor algũas duvidas, pois deixo por outra via assentada na nossa santa Provincia a origem, & primazia dos Inquisidores Portuguezes.

3 Mas por quanto noutra parte me quixei de nos tirarem sua memoria do convento de Lisboa, agora se pôde ver como pela maior parte era residente nelle. E nisto me aproveitou também dos assentos de hum livro tocante à confraria de N. P. S. Francisco, que desse mesmo convento se tresladou à Igreja do Espirito Santo da Piedreita, nos quaes elle muitas

vezes assistio. Foi húa a 9 do mez d'Agosto de 1377, quando os confrades assentaraõ, que sufragios se aviaõ de fazer pela alma de D. Susana, que lhes deixou huns cafaes. No de 380 a 5 de Fevereiro ordenou El Rei D. Fernando a o Senado de Lisboa, que lhe dêsse lũa ajuda de custo pera ir fóra do Reino continuar os estudos (& entaõ se foi graduar de Mestre) dizendo na provisãõ, que alli cõvinha *á honra d'essa cidade*, que o tinha em contra de natural, & de filho. Achouse no cerco desta cidade, & fez o sermão de graças, quando El Rei de Castela o levantou, a 6 do mez de Novembro de 384 no mosteiro da Santissima Trindade. Prêgou na Sé a 9 de Julho de 390 a publicação das bulas de dispensação pera casar, & reinar El Rei D. João I. Assistio na confraria em 28 de Outubro de 391 a o prazo d'húa quinta entre os dous Alvalades. Esteve também presente a outro de hũas terras sitas na Ameixoeira a os 4 do mesmo mez, mas do anno 1394, no qual tempo já era Inquisidor. E se isto não o mostra assistente em Lisboa, folgarei que me proveim o contrario.

4 Chegando o anno do Nascimento de Christo 1397 a 19 de Maio, morreraõ por seu amor em glorioso matyrio os

f Arch. da  
mefina Igr

g Arch. da  
Cam. do l.  
das provil.  
fol. 88.

1397

Padres Fr. Pedro de Dueñas, & Fr. João de Cetina: este, Castelhano: o outro, Aragonês; & ambos na profissão Franciscanos. Foraõ buscar o martyrio da mão dos Mouros na cidade de Granada, & o Senhor, que lhes deu este espirito, lhes preparou tambem a maior consolação, que podiaõ desejar. Porque encontraraõ lá a o nosso Fr. Estacio de Portugal, que querêdo acõpanhallos na morte, foi impedido dos mercadores Christãos, a quem elle acompanhava por Capelão, & Confessor, & pela mesma rezão temiaõ sua ruina. Com tudo recolhêos na entrada da cidade, encaminhou os no q̄ deviaõ fazer, ensinou lhes os lugares, onde podiaõ pregar, ouvio os de contissão, confortou os no martyrio, ajudou a recolher as suas santas reliquias, q̄ saõ hoje veneradas em muitas Igrejas de Hespanha, & se não foi seu companheiro na dita de padecer pela Fé, ficou em parte cõ a gloria de elles a alcançarê.

5 Não sei q̄ contêdas eraõ, as q̄ neste tempo tinhaõ os frades das Custodias de Coimbra, & Lisboa cõ o seu Ministro Provincial; nem achei quem as declare. Mas sempre os officios foraõ origê de queixas, & as suas chegáraõ a os ouvidos do Papa Bonifacio IX, o qual logo orde nou a o Gêral F. Henrique, que lhes pözesse remedio. Parece, q̄

elle se ouve remissamente, favorecendo mais o Prelado, que os subditos, porq̄ estes tornaraõ cõ suas queixas a Roma, & obriga do dellas o sobredito Pontífice mãdou a o Ministro Provincial de Inglaterra que inuiasse dous frades, os quaes visitasê a Prouincia, & cõpozesses as duvidas. Foi passado o seu breve a os 7 de Outubro de 1398, & elle ajudouse dos Ingrezes, porq̄ os outros frades vizinhos, Castelhanos, & Frãcêzes seguiaõ o Anti Papa. Não nos cõta do successo da visita: mas sêpre seria bõ, & ajustado cõ o serviço de Deos se os seculares, inimigos da nossa quietação, & perturbadores das Religioes sagradas por seus interesses proprios, deixasê obrar os Visitadores cõ toda a liberdade, que a justiça pedia.

6 Neste breve chamou o Sũmo Pontífice Prouincia de Sãt-Iago a esta nossa, cujas eraõ as sobreditas Custodias; & dessas mesmas palavras inferio o Annalista, que assi ellas, como todas as casas de Portugal nesse tẽpo estavãõ ainda incorporadas na Prouincia antiga de Sãt-Iago: porẽm não cuidara isto se já lhe fora presẽte o q̄ eu tenho eserito, & torno a declarar. Nesse sobredito tẽpo avia Ministro em Portugal, cõ que eraõ as contêdas das Custodias, & todos estavãõ subordinados a o Gêral F. Hênrique na facção do

5 F. Luc. to.  
4, an. 1397.  
n. 1.  
F. Marc. p. 3  
l. 1, c. 11.

1398

10. cit. 20.  
1398, 2, 3.

cap. 19.  
n. 5.

Papa de Roma Bonifacio IX, cujo era este breve. Os frades de Castela, & Galiza com o seu Provincial não lhes davão a elles obediencia; mas seguiaõ o Anti-Papa de França no partido de Fr. Angelo Anti-Ministro Gèral. Donde se vé claramente; que já então o distrito dessa antiga Provincia estava cortado em duas partes, hũa das quaes era nossa pelos Reinos de Portugal, & Algarve com o mesmo apelido de *Provincia de Sant-Iago*, que nós depois lhes largamos.

1401  
I tom. 5.  
an. 1401.

7. Escreve o dito P. F. Lucas, que este mesmo Pontifice deu o bispado da Guarda a o P. Fr. Bertoldo por falecimento de D. Alvaro, em 25 de Fevereiro de 1401. E por mostrar, que não se equivocava com outra Guarda, se a ouvesse no mundo, declarou expressamente como falava da nossa em Portugal. Da verdade, com que elle assi o

deixou escrito, ninguém pôde duvidar em rezão da muita, que professou em todos os seus Annaes no tocante às bulas Apostolicas, que estão no Vaticano, onde tambem achou esta. Com tudo, nem hum Catalogo manuscripto dos Bispos desta cidade, que tenho em meu poder, faz memoria deste nosso Franciscano, nem nomca nestes tempos o antecessor D. Alvaro; está porém tão errado, que em pouco lhe dou credito. Se o Archivo da Sê estivera mais digesto, & fora tão facil vello todo, como vi em outras partes, por ventura que achasse algũa lembrança delle. Bem podia succeder, que lograsse pouco tempo o bispado: ou tambem, que não viesse tomar posse por algum impedimento. A mi bastamente aqui nomeado pera ficar manifesto; que era merecedor d'hũa Cadeira tão grave, como he esta da Guarda.

## Noticia do Convento de Santo Antonio da Castanheira.

### CAPITULO II.

*Qual era o seu sitio, quem o deu pera se fazer convento, & quantas pessoas graves concorrerão nestas obras.*

1402



Ocasiaõ; que ouve pera fazer esta casa; foi a grande obser-

vãcia, em q os nossos primeiros Reformadores tinhaõ posto o convêto d'Alanquer, por q sêdo

admi-

admiravel sua vida na opinião dos homens; todos se persuadião que das moradas do Ceo vinhão povoar a terra, e tinhaõ por grande felicidade dar lhes sitios, onde fundassem conventos. O desta casa nos deu Domingos Simões, & sua mulher, cujo nome, avendo de ser lembrado, està hoje esquecido, moradores em Vila Franca de Xira, & ambos nobres por obras de piedade. Era isto hũa quinta, que Deos guardou para si na reparação da terra, seis legoas de Lisboa subindo pela corrente do Tejo, distante d'elle espaço de meia legoa, & levantada nũ monte pera a banda do Norte, onde gozava de suas comodidades sem o risco das doenças, que no verão por estas partes faz a sua vizinhança. Ficava tambem quasi em igual distancia de Vila Franca, Povos, & Castanheira, que vizinhão com o rio, & dão quieta passagem á estrada mais seguida, que temos em Portugal. E he de tanto proveito a o convento esta igual vizinhança, que cada qual destas vilas o estima, & favorece por seu. Avia neste lugar hũa ermida de S. Antonio, que ficou por Titular do convento, & hũa fermosa fonte, chamada *Fonte do Bispo*, cujas agoas conduzidas dos antigos por argamassas secretas banhãõ fabricas, & figuras curiosas, das quaes achia-

mos vestigios, & agora arreben-tão todas juntas em hum tan-que de obra bem acabada, onde a Arte as ajudou a subir. E sendo por todas estas rezoões muito própria pera convento, & agradável a quinta, o q̃ mais nos contentou foi a sua solidão, retirada do comercio d'aquelles, que vivendo neste mundo professaõ as suas leis. *cap. 2.* No tempo da fundação não concordão as memorias, que temos, nem falão nũa a o certo. Dizem hũas, que foi no anno de Christo 1395: mas como podia ser; se os seus Fundadores vierão de Alquerque, & não tinhamõ lá entrada, senão no de 1399. Outras apontão o anno de 405: com tudo he muito tarde, porque foi seis annos antes de começar a Carnota, a qual teve seu principio no de 1408, & descontando os seis fica este domo no anno de 1402. Faltou nesta fundação a licença do Pontífice, porque os Bispos não a pedião, nem os frades atentavão muito nisso: mas depois a concedeo o Papa Martinho V. por hum breve, o qual veio remetido a o Prior de S. Vincente de fóra na cidade de Lisboa. *cap. 3.* Recolheraõse os frades com grandissimo aperto, dentro dos muros da quinta, largando as terras, que lhes ficavão de fóra, pera que a santa pobreza

cap. 2. 2.  
cap. 3. 2.  
23. 0. 2.

não lhes fugisse por ellas. Usurpandoas porêm seculares cobiosos do alheo nos pozeraõ em muito maior aperto, impedindo as serventias antigas com as baceladas novas, que fizeram até entestar na cerca; & foi então necessario acudirnos a Justiça, & ajudarnos em parte a clemência Real; que pera tomarmos folego nos espaçou o convêto. ElRei D. Manoel nos acrecentou a horta, comprâdo pera isso hũa vinha: sua mulher a Rainha D. Maria mandou fazer a parede, com que logo se cingio; & Antonio Salvago seu Tesoureiro, cuja grande devação manifestei noutras partes, procurou estas esmolas. Sobre a fonte do Bispo tivemos maior trabalho, porque era do Concelho, que queria usar della, & posto que no principio atravessamos hum arco pera que lhe ficasse ametade, isso mesmo foi em dano da nossa quietação; & vindo em pessoa ElRei D. Joaõ II. pera fazer vistoria, ordenou q̃ fechassemos a fonte, & a o Povo fez outra à sua custa.

4. O corpo da casa, que nasceu acanhado, & humilde, como filho da pobreza, ainda que muitos braços poderosos lhe quizerão dar a mão pera se fazer maior, nũqua ouzou a levantar-se da terra em quanto o criaraõ a seu peito os primeiros Fũdadores. Não era inais naquelle dito-

so tẽpo, q̃ hũ estreito albergue de peregrinos, & pobres, q̃ caminhavão de passagem pera melhores paizes. Quẽ me dea ver na terra estas moradas do Ceo, estes tabernáculos de santos, estes apozentos da virtude, & ficara consolado. Avia porêm grande concurso de gente: hũs, que vinhaõ visitar S. Antonio, & muitos em forma de procissão: outros, q̃ queraõ ver esta nova maravilha; & foi necessario estêder os edificios. Pera isto achamos muito benevolos nas ajudas, q̃ nos decaõ pera fazermos as obras, os dous Reis, & Rainha já nomeados assina, & cõ elles ElRei D. Afonso V., a Rainha D. Leonor mulher d'ElRei D. Joaõ II., & o III. do nome, além de muitas pessoas, se menores no estado, iguaes em a devação. Pelõ que de tal modo se alterou o convêto na perfeição, & grandeza, q̃ não parece o que era: mas posto q̃ majestoso dentro dos nossos limites, q̃ são curtos, ainda está cheirando à santidade antiga.

5. Quem mais o engrandecõ nestes derradeiros tempos foi o amor, q̃ lhe tinhão os Senhores da Casa da Castanheira, & mais em particular o primeiro Cõde D. Antonio d'Ataide, que nos merecõ com isso o nome de Padroeiro. Privou muito com ElRei D. Joaõ III. em rezão de sua grande prudência, & tanto

cit. l. r. c.  
15. n. 5. & l.  
2. c. 4. n. 5.  
s. n. 1. 5.

que o vio morro, quiz tambem morrer a os despachos do Reino, retirandose da Corte a estas partes, onde veio esperar o tempo da sua morte pera se lograr melhor da sepultura, que elegeo na sua capela mór, a qual tinha reparado com grandissimas despesas. Mas muito maiores forão as que fez seu filho D. Jorge de Ataíde Bispo de Viseu, Capelão mór, o qual por todas as vias autorizou este pac, digno de veneração. Ouve breue de indulgencia plenaria, que lhe passou Pio IV, pera todos os Fieis, que confessados, ou contritos visitarem a Igreja todos os dias de Pascoa, de S. Antonio, & da morte do mesmo Conde, q foi a os 9 de Outubro de 1563, rezando por sua alma, & estado da S. Igreja Romana sinquo vezes o *Pater noster*, & *Ave Maria*. Demais disto tornou a fazer de novo a dita capela mór, onde tomou pera si cova humilde na terra, & a o Conde seu pae, & Condessa sua mãe. D. Ana de Tavora levantou nas paredes dous gloriosos sepulcros com elegantes epitafios. Detraz da mesma capela fabricou o coro baixo (nem o convento tem outro) ornandoo com outras tres sepulturas: hũa, de D. Fr. Antonio de Sousa, da Ordem dos Prêgadores, seu parente, & Bispo de Viseu: outra de Fr. Bernardo da Cruz, seu irmão, &

monge Cisterciense: a terceira, d'outros irmãos, & irmans, que morrerão em mininos, começando a viver. Porém todas estas machinas, & outras obras deste insigne Prelado pertencem á Prouincia de S. Antonio, porque já naquelle tempo lograva este convento.

## CAPITULO III.

*Exercitaõ-se os frades na virtude, favoreceos o Ceo, & tembe grande devação os Reis, & os Senhores da terra.*

**P**oucos frades vierão de Alanquer, mas bastavão pera fundar hũa casa; que nacia tão pequena; & veio por seu Prelado, & principal Fundador o P. F. Pedro de Alemancos: todos muito calejados no rigor da Obsevancia, & da santissima Pobreza. Estou vendo que me querem perguntar, porque falo tantas vezes nesta virtude Serafica, & respondo o que disse o Discipulo Amado de Christo, tratando da caridade do proximo. *Porq este he o preceito principal de meu P. S. Francisco, & que de nós o guardar incerramete, será verdadeiro frade. Vestiaõ todos burel, & andavaõ descalços, cõ tanto desprezo do*

Hior. id.  
Epist. ad Gal.  
lat. 3. c. 6.

mundo, que não tinhaõ das suas portas a dentro eoufa algũa, que cobicassẽm os olhos. Muitos annos adiante os achou ainda nesse louuavel estado o P. Fr. João da Pouoa, porque escreveu num asscrito da visita, que os enfermos, & saõs não tinhaõ mais nos seus leitos, que mantas da terra, & cubertas; & falando dos habitos, mantos, & tunicas, que achou na rouparia, fez esta declaração de como tudo era pouco, pobre, & velho, remendado, & de pouco valor.

2 Com esta grande pobreza viviãõ muito contentes, & assi pediaõ pouco, enjeitando tambem muitas esmolas, que lhes traziaõ à porta, por não perderem tamanho merecimeõto: mas tinhaõ aberta a despenha do Senhor, d'onde milagrosamente se prouiaõ em suas necessidades. Acontecia não aver em toda a casa hũa fatia de pão pera os pobres, ou hospedes, & quando o buscauão estava a arca cheia, como depois se verá na relação do P. Fr. João de Ataide.

3 Na mesma santa pobreza crecia a olhos vistos a profunda humildade, em que todos se criauão, habilitandoos Deos por poucos, & por humildes pera reinarem no Ceo. O Fundador Fr. Pedro de Alemancos era frade Leigo, como tambem a maior parte dos subditos: pe-

lo que era forçado, que muitas vezes lhes viessem dizer missa os Sacerdotes moradores no convento d'Alanquer. Não teriaõ então coro de vozes musicas, que tal vez paraõ em vento: mas avia o outro coro de corações afinados pelo tom da devação, que tremendo de puro acatamento diante da Majestade de Deos, todo o dia, & noite estavãõ em oração abrazandose em seu divino amor. Faminatos no corpo, tão robustos andavãõ em o espirito, que procurãõ pera si a primeira Recoleiçãõ, que ouve na nossa Ordem como direi a seu tempo; & posto que nisto se fez algũa mudança, ella ficou assentada pera sempre.

4 Parecc, que de proposito fugiaõ daqui até as menores sombras das honras, & dignidades, acovardandose todas com a sua humildade. Era prerogativa de honra, que rivesse esta casa apelido de *conuenço*, & seu Prelado se chamasse *Guardião*: tinha já os doze frades moradores, que se aviaõ mister, com as mais qualidades necessarias; & não acabava de sair do seu estado humilde, de *Oratorio* na casa, & de *Vigairo* no Prelado. E assi hũ curiolo, chamado *Fr. Alvaro*, da classe d'aquelles, que se prezãõ de queixosos da Fortuna, no anno de 1488. escreveu por sua mão estas palavras num livro.

b Luc. 12.  
vers. 92.

Pertence a o Oratorio de S. Antonio, que ouverá de ser Conuento, mas não ouve ventura. Chegou porém a lograr esse titulo honrado quando já totalmente não lho podia negar; & deixando relações que são pouco verdadeiras, & não nos importaõ muito, o primeiro Guardiaõ, que encontrei, fõi Fr. Sebastiaõ de Portel pelos annos de 1502. No de 507, a 4 do mez d'Agosto tinha o mesmo officio Fr. Francisco da Madalena, como diz hũa memoria, escrita tambem de mão na primeira parte da Postilla de Fr. Nicoláo de Lyra, no qual tempo esta casa, le começou a chamar S. Antonio da Castanheira, sendo d'antes seu nome de Vila Franca. E por ventura seria, em rezão dos Padroeiros com este nome mudado a quererem appropriar pera si.

5 Junto este procedimento dos frades a os milagres do Santo seu Titular, & principal Padroeiro, crecço muito a devaçãõ, que tinhaõ a o conuento os Reis, & todo o Reino. D'El Rei D. Afonso V se podera escrever hũa relação mui larga, porque em todas as suas adversidades, sómente S. Antonio era seu alivio, & toda a sua consolação. Em hũa doença grave lhe comprou a saude com hum frontal de Damasquilho, que deu pera esta casa; & quem agora julgar por pequena a ofer-

ta, nós naquelles santos tempos não queriamos usar de telas, nẽ de borcados. Quanto mais, que com outras muitas peças nos honrou a sancristia, & coro: com suas esmolas ajudou a subirem as paredes; & izentando dos encargos do Concelho a o homem, que servia o conuento, em seu favor concedeo quanto podia fazer. Os extremos d'El Rei D. Joáo II mal se podem referir. Adoecço em Torres Vedras, achouse perto da morte, entendeo que por sua intercessãõ o tornara Deos á vida, & convalecido já veio a pẽ, que podem ser quatro legoas, renderlie as graças neste conveto. Daqui passou á Carnota, & foi acabar esta sua romaria em S. Francisco d'Alanquer.

6 No culto, & ornamento divino sempre andou deivela. Ja sua molher, a Rainha D. Leonor, & outras muitas pessoas, das quaes nomeo só tres, por não vir a enfadar com o numero de muitas. A primeira D. Maria Senhora da vila da Castanheira, & Condessa d'Atalaia, que foi casada com o Conde D. Pedro Vaz de Melo: a segunda D. Leonor sua filha: a terceira, D. Filipa de Azevedo molher de Pedro Gonçalves Malafaia, & mãe do Bispo do Porto D. Joáo de Azevedo. Desta ultima me consta, que jaz aqui sepultada na via sacra, que

saie da faneristia â Igreja. E pois chegamos a falar em sepulturas, rezão he que nos lembremos daquelle Domingos Simões, que nos deu a sua quinta. Falecêo em Vila-Franca no anno de 1425, & foi enterrado com sua mulher debaixo do arco da nossa capela môr.

7 Tenho por tempo perdido cançar-me em escrever os milagres, com que o P. S. Antonio grangeou neste convento tantos seus afeiçoados: mas pera lhes dar a elles alguma consolação contarei duas maravilhas grandes. Foi necessario concertar-se por conta do convento o telhado da Igreja: faltavaõ ripas, & pedirãõse emprestadas â Condessa D. Ana de Tavora pera depois lhas pagarem; & contadas com esse mesmo intêto as que lhe tinham ficado, nê hũa só lhe faltava. Numa noite de luar, em que certos ociosos quizerãõ furtar as peras, que tinhamo visto na horta, esteve S. Antonio galanteando com elles. Entrãõ, & subindo na pereira achãõ sômente folhas. Tornãõ a subir porque as estavaõ vendo, & decêãõ outra vez tambem cõ as mãos vazias, envergonhados porê, se lãdroes algum dia tem vergonha, do Santo fazer zombaria delles.

## CAPITULO IV.

Faz-se lista de alguns Servos de Deos sepultados nesta casa.

**D** Este rebanho do Ceo foraõ tres fradinhos Leigos; pequenos por humildade, mas grandes frades na profissãõ das virtudes, que ficãõ esquecidos dos Padres Gonzaga; Waddingo; & dos outros, que resladãõ por elles. E nisto teve a culpa quem lhes deu só relaçaõ dos que falecêãõ nesta casa depois della pertencer á Provincia de S. Antonio, calando os mais antigos, que florecêãõ no governo da nossa de Portugal. Mas pera que não se logre a afeiçaõ, ou descuido, que ouve nesta materia, de todos farei mençaõ: a saber destes tres desemparedos, que sendo do nosso tempo antigo, não tiverãõ quem mais se lembrasse delles, se não foi o P. Pova nas suas breves memorias; & juntamente dos outros, que nõs aqui entregamos já crecidos na santidade da vida â mesma Provincia de S. Antonio na sua separaçãõ, na qual tambem lhe dêmos este convento.

2 O primeiro, que destas trevas tiramos, he o devoto Fr. Francisco de Mont-santo *homem*

de grande autoridade na Ordem, & no mundo, como diz o Autor do seu Elogio, já nomeado affima. Achava o mundo nelle, que podesse venerar nas muitas prendas, de que faz estimação, como era a nobreza, valor, & hũa rara prudencia, & a Ordem, na santa resolução, com que melhorou todas estas boas partes em o serviço de Deos. Ajudão-se muito os que tratão de espirito, do talento natural na empreza das virtudes. Elle também, quanto mais esforçado avia sido no mundo, mais brioso se mostrava em investir com os maiores rigores da santa Religião. Por maior posso dizer, que toi affombro em todas as penitencias. Sò quando considerava na paixão do Redentor, a cada passo o achavaõ desmaiado. Gemia, soluçava, & chorava, entrando em accidentes de morte. Não procedem taes excessos, se não de grande amor. Não descançou finalmente até ver com os seus olhos aquelles santos lugares de Jerusalein, onde o mesmo Senhor padecéo morte de Cruz. De là trouxe hũa espada aguda atravessada na alma, que sempre o magoou; & andando crucificado com Christo, nesta casa, & no anno de 1462 acabou o seu martyrio.

3. Outro valente do mundo, por noine *F. Gil da Veiga*, temos também alistado na milicia

de Christo com o saial Franciscano. Seguiu as armas na flor da sua idade, & na tomada de Seita deu muito bastantes mostras de seu valor, & esforço. Desenganado depois, por certa occasião, dos perigos, & das revoltas do mundo, antes quiz segurar a salvação em a conquista do Ceo á sombra do Alferes S. Francisco, que trazer a vida na terra julgada às peloutadas. Contaõ delle as memorias antigas, que era muito devoto, & amado de todos na Ordem, & fora delli. E nós podemos cuidar desta sua devação, que ella o fez muito amado de Deos. Viveo quasi noventa annos, & tão robusto estava nos rigores da Ordem, & exercicios santos, com que tinha começado, como se fora mancebo. Ninguem me diga agora, que os trabalhos da Religião, por mui asperos que sejaõ, abreviaõ mais a vida: a mimosa, & regalada he a corrupção dos annos. Folgaõ alguns de viver, porque nas cousas da terra tem posta a sua felicidade: mas este nosso bom Velho, que na gloria do Ceo esperava a sua consolação, o muito viver era morte pera elle; & succedéo muitas vezes andar gritando pela casa, como homem sem juizo. Perguntavãolhe, que tinha, & não respondia mais, que estas poucas palavras. Quando se ha de acabar este desterro? Quando me he

de ver na companhia dos Anjos? Era lastima ouvi-lo com estas lamentações. Chegou a morte, que a ninguém tem faltado, nem a o Filho de Deos. Então forão os seus jubilos, & a sua alegria. Cantava as despedidas da terra, & abraçado com hum S. Crucifixo caminhou pera o Ceo no Janeiro de 1494.

4 De F. Diogo de Coimbra creveo o P. Pova as palavras, que se seguem, & são de muito mysterio. *Era homem de bom exemplo, & de bom zelo. Pera si muito aspero na vida, assi no comer, por quanto comia pouco, & raramente: como no vestir, & em todo o al. Andava descalço, & com habico de burel grosso em inverno, & verão. Trabalhava como mouro corporalmente, & nunca lhe esquecia a seus tempos, & horas o exercicio espiritual. Mas peratudo tem tempo quem o sabe repartir. Sendo Vigairo desta casa, & da outra da Carnota, em ambas renovou os dormitorios, & algũas officinas. Procurava com desvelos as esmolos, que se avião mister: trabalhava nas obras, sem comer, como qualquer jornaleiro; & quando a noite avia de descansar, então se metia na Igreja, onde aturava muito tempo em prolixa oração. Aqui andou com estas occupaões no anno de 1495, & pouco depois descansou em o Senhor.*

5 Apoz destes frades Lei-

gos entrao os tres Sacerdotes, que ficãrao á Provincia de S. Antonio, & ja se achão nomeados em os livros. E começando pelo P.F. Joã do Outeiro, nacéo em S. Miguel do Outeiro, lugar fresco no bispado de Viseu. Foi muito louvavel o curso de sua vida a respeito da devação do espirito, grande rigor, & perfeita observancia. Não fazia elle tanto por esconder, & segurar as virtudes, que Deos não fizesse mais pelo honrar, publicandoas a todos. E com isto aquitio tao grande fama, que alem de ser muito estimado, os doentes o buscavao por intercessor diante do mesmo Deos em suas enfermidades. Sendo aqui Guardiao, lhe trouxerão da vila da Castanheira lũa moça assomburada do espirito maligno, pera que lhe desse algum remedio, & compadecido elle da sua triste miseria começou os exorcismos. O Demonio, que temia a força do seu poder, fez quantas pode por lhe escapar das mãos. Gritava, fazia grandes estrondos, & como quem nelles funda toda a rezao (são os ardis de demonios) com ameaças, & palavras afrontosas o pretedeo acanhar. Porém o Servo de Deos, desprezando os seus feros, o aperitou de maneira, que o fez deixar o corpo, & dar logo tres badaladas no sino em final de

4 Gonzag.  
pag. 1160.  
F. Luz. tom.  
4, an. 1392,  
n. 29.  
Martyr.  
Franc. Feb.  
6 & 10. 2.  
Agiol. Lu-  
sit. to. 1, Fe-  
ver. 6, &  
tom. 2.  
Marc. 20.

nao

naõ tornar mais a elle. Falecêo com esta fama de Santo pelos annos do Nascimento de Christo. 1587. O. P. Fr. Diogo Peregrino, com este seu sobrenome, que escolheo na profissão, se declarou por estrangeiro da terra, que o avia criado: mas deste modo procede o espirito do Ceo. Foi Fidalgo da casa das Infantas D. Isabel, & D. Maria filhas d'El Rei D. Manoel, & como era brioso, quiz servir a outro melhor Senhor, trocando a grandeza, & vaidades do Paço pela pobreza da nossa Religião. Satisfez inteiramente a os encargos desta mudança de vida, porque nas virtudes do seu tempo, muito diferente deste, ninguém ouve, que lhe fizesse ventagem. Em qualquer occasião de poder servir a Deos, de tudo queria encarregar-se, do ornato dos conventos, & da limpeza da casa. Concertava todas as ruas da horta, alimpava o pomar, & levantava paredes quebrando, & lavrando as pedras por suas proprias mãos. Deste modo, & com grande devação foi polindo sua alma, pera lhe fazer lugar no edificio celeste. Quando El Rei D. Filipe o II de Castela, & I de Portugal veio tomar posse do Reino, neste cantinho desviado da estrada o buscou, & visitou pera se encomendar em as suas orações. Pas-

sou finalmente desta vida, pera a outra no anno de 1591. Outro frade dos que estimão os Reis pelos seus merecimentos, foi o P. Fr. Francisco de Talavera, natural d'hũa vila deste nome, no distrito de Toledo, que apellidã de *la Reina*. Professou na Prouincia de S. Joseph em Castela, & morando neste Reino na sua Custodia, que teve em Tralasmontes, no tempo, que ella se extinguiu como já tenho escrito, ficou na nossa de Portugal pera nunca mais apparecer em Castela, nem saber de seus parentes. Apoustouse a seguir quanto lhe fosse possível os passos de N. P. Serafico, & taõ domados trazia os seus sentidos, que ninguém lhe via olhos abertos. Converteo nas confissões muitas almas, que de longe lhe vinhaõ pedir consellio, no qual teve graça particular do Senhor. Esabendo tambem d'elle, hum anno antes, o tempo de sua morte, quinze dias primeiro della chegar deu conta disso a o Guardião da casa, & a outros seus amigos, pera que todos louvassem o mesino Deos, que com tanto amor favorece a seus servos. Com este avizo, que lhe servio de maior preparação, passou pera sua companhia na Quinta feira da Cea de 1611, a qual caio nesse anno em 31 de Março. E quem achar alegado

p. 1. pre-  
lud. 5. o. 5. &  
7. o. 3.

outro dia, por este poderã  
emendar.

**CAPITULO V.**

*De D. Fr. Diogo Bispo de  
Marrocos, & alguns Pre-  
lados desta Pro-  
vincia.*

1403

**1** Ornando agora a o  
curso regular, que  
vai fazendo o tempo,  
donde nos tem desviado a fun-  
dação da Casa da Castanheira,  
poucas memorias ocorrem, que  
pertençaõ a o comum da Pro-  
vincia, & as outras especiaes  
dos conventos vão repartidas  
por elles. Com tudo he memo-  
ravel o anno de 1403, porque  
nelle se achou a milagrosa Ima-  
gem da Senhora das Virtudes,  
a cuja sombra fizemos depois  
convento: mas quando tratar-  
mos d'elle se dirã o que nisto  
sucedeo.

1405

**2** No de 1405 a 24 de  
Julho deu o Papa Innocencio  
VII o bispado de Marrocos a o  
P. Fr. Diogo de Xeréz, como  
se ve pelas Letras, que lhe pas-  
sou nesse dia. E ainda que o  
Bispo não fosse nosso Portu-  
guez, ou filho desta Provincia,  
nem por isso lhe deixa de per-  
tencer em rezão de ficar no seu  
distrito na forma, que decla-

a Fe. Lus.  
tom. 5. hoc  
anno.

rei<sup>b</sup>. Residiaõ là os Bispos, &  
este tambem foi viver com as  
ovelhas, que tinha á sua conta,  
& andavaõ mordidas d'aquelles  
lobos famintos, os quaes naõ  
obstante o que estava assenta-  
do por occasião da morte dos  
nossos santos sinquo Martyres,  
ainda não se fartavão de perse-  
guir os Christãos. Fazendo elle  
a sua obrigação de defender o  
rebanho como pastor verdadei-  
ro, naõ ouve espada, que lhe ti-  
rasse a vida, mas tambem não  
lhe faltou a vontade de padecer  
o martyrio. Porém Deos, que  
reparte as vidas, & as mortes co-  
mo melhor lhe parece, sem vio-  
lencia o livrou desse trabalho  
por meio de hũa enfermidade.  
Pela bula do seu successor, que  
foi dada a os 10 dias de Maio  
de 1413, nos consta, que já era  
falecido nesse tempo.

**3** Nescie, com que vou con-  
tinuando, governava a Provin-  
cia o Minitro F. Vasco Pereira,  
de cuja licença o convento de  
S. Francisco de Evora no pri-  
meiro de Abril de 1405 se obri-  
gou livremente a encomendar  
a Deos com seus sacrificios a  
alma de Clara Anes, sua parti-  
cular bemfeitora, como já te-  
nhõ escrito. Elle mesmo a os  
10 do mez de Maio de 1407  
deu licença a D. Caterina Aba-  
dessa de S. Clara de Lisboa pe-  
ra poder arrendar, & emprazar  
as herdades do conveto. E algus

b p. 1. l. 3. c.  
3. n. 1. & c.  
15 n. 2.

c. l. 106. 19  
n. 7.  
1407

annos adiante o tornaremos a ver Ministro Provincial.

4. No mesmo tempo era Vigairo Geral, & Comissario do Ministro Geral o P.F. Afonso d'Alprão, natural de Santarém; cujo nome ainda avemos de repetir, & como tal em 20 de Fevereiro deste anno de 1407 confirmou hum prazo, q'tinha feito D. Mécia Alvares, Abadesia d'Entrabos os rios.

5. A nossa Família da Regular Obseryancia, que com o

Arch. de S. Clara do Porto.

favor de Deus crecia prosperamente, tambem tinha hum Vigairo, por cuja conta corria o seu governo, & esta graça nos fez o Ministro da Prouincia, que forõ primeiro, que elles nos concederão. Era então aquelle F. Vasco Rabicne, o qual a 9 d'Agosto do mesmo anno apelou dos gravames, & molestias, que sobre a Quarta funeral nos fazia o Prior de S.

Estevão na Vila de Alanho.

p. 1.1. c. 23. n. 2.

### Principio, & successos do convento de S. Francisco de Orgens em Viseu.

#### CAPITULO VI.

*Mostrase em parte a nobreza da cidade, & o lugar do convento: quem o deu, & quando o recebemos.*

1407 **N**A Prouincia da Beira, hũa das sinquo comarcas, sem contarmos o Algarve, em que está dividido o Reino de Portugal, tem assento a cidade de Viseu, cujo nome andarã na memoria dos homiens em quanto durar a fama de dous Varoẽs assinalados, que com ella tiverão correspondencia. O primeiro he o grande Viriato, natural da mes-

ma Beira, & muito propriamete hum Romulo Hespagnol, ou Achilles Lusitano, como diz Lucio Floro, o qual em hũ campo razo, q' está muito perto da cidade, desbaratou cõ valor o exercito Romano: Ainda hoje se acha neste lugar hũa cava, & hũs valos de terra, q' se chamaõ a cava de Viriato: não, q' elle os fizesse pera sua defesaõ, porq' seu peito invincivel lhe bastava pera muro: mas, porq' querdo os inimigos fazerle cõ este reparo fortes, elle lhes deu sepultura na mesma cava, ou cova. Outro he aquelle Rei infelice, ultimo dos Godos, q' reinaraõ em Hespanha, & se chamou D. Rodrigo, o qual sêdo destruido pelos Mouros, depois de muitos trabalhos,

al. 2. c. 17.

Monarch. Lusit. p. 1. l. 3. c. 4.

p. 2. l. 7. c. 3.

feguintes a esta geral desgraça, veio fazer penitencia, & cõ ella acabou seus tristes dias na ermida de S. Miguel do Fetal, pera onde se estendéo a cidade.

2. Por causa desta ruina miseravel de Hespanha se achou ella tambẽ seis vezes avassalada dos Mouros, & outras tantas restaurada dos Christãos: já destruida por hunos, já assolada dos outros, pretendendo elles todos quebrar nella as forças do inimigo, com hum desdem manifesto da Fortuna, que nestas suas mudanças se estava delectando. Vio morrer de hũa feta, que os Mouros arremessáraõ de dentro, a El Rei de Leão D. Afonso V quando a tinha cercada; mas tambem vio nacer em sua casa a o nosso Rei D. Duarte. Honroulhe a sua Sè o Infante Cardeal D. Afonso, filho d'El Rei D. Manoel, o qual fez degrao deste bispado pera maiores lugares. E entre os muitos Bispos de grande cõta, que sempre logrou com singulares ventagens, dous lhe deu a nossa S. Provincia, os quaes ambos tinhaõ sido Ministros Provinciaes, & hum delles tambem Ministro Geral de toda a nossa Ordẽ. Este foi D. F. Bernardino de Sena: o outro, D. F. Joaõ de Chaves; & a memoria d'ambos nos espera adiante. Com toda esta grandeza està gozando d'hun terreno fertilissimo, alegre, &

abundante de quanto se ha militer pera a vida humana.

3. Quasi meia legoa à banda do Occidente começa a decer hum monte baixo, que faz costas à cidade, & poẽ os olhos num vale, pelo qual caminha hũa ribeira, que sendo pobre de agoas, he rica do melhor, & do mais fino estanho, que temos em Portugal. Avia neste recoito hũa ermida do Patriarca S. Domingos, apelidada de *Orgens* em rezão de hum Reguengo vizinho, o qual tem o mesmo nome. Apar della se achava hũa vinha, onde Afons. Eanes Beçudo, morador na mesma cidade tinha feito hum mosteiro, como então se dizia, & era hum Oratorio, em que podessẽ morar religiosos da nossa Ordem. Não chegou à lograr este intento, & a vinha com o pobre edificio pertencia já a Gonçalo Esteves; Contador d'El Rei na vila da Arruda, o qual estando então na cidade de Lisboa a os 10 do mez de Junho da Era 1445, q̃ foi o anno de Christo 1407, nos fez della doaçãõ com a mesma clausula de fazermos o convento.

4. Quem mais procurava isto era o P. Joaõ da Serra meio Conego na dita Sè de Viseu, porque logo caminhou pera a Arruda, & meteo todo o resto pera que Caterina Anes outorgasse a doaçãõ do Contador seu

marido; como em fim outorgou a 16 do mesino Junho. Feitas estas diligencias, o P. F. Pedro de Alemancos, que já tinha em bons termos a casa da Castanheira, tomou esta a seu cargo, & quando se contavaõ os 10 do mez de Outubro oferecia em Viseu a o Juiz Ordinario Gil Martins a doação sobredita, de que lhe pediu traslado em forma publica, no qual diz o Escrivão, que *Fr. Pedro fraire de S. Francisco, estante que ora está no mosteiro de S. Domingos d'apar d'Orgens, fizera o dito mosteiro.* Pelo que deste tempo adiante, no qual já o Fundador, a o menos com seu companheiro, residia nesta casa, começamos a contar a sua antiguidade. E não sei, com que justiça certas memorias de mão, & alguns livros impressos dilataõ os seus principios pera o anno de 410 contra esta Escritura. Se antes deste succedeo alguma cousa notavel; não prejudica a certeza de ter nacido primeiro.

5 Dizem, que por esta fundação tivemos grandes contendas com alguns Ecclesiasticos, & eu não duvido disso; porque tudo faz o tempo; & torna a desfazer. Mas entendo, que o Bispo, & Cabido a favorecerão muito pois o dito meio Conego em Lisboa a andava procurando. De mais que, elles nos deraõ a sobredita ermida, & hús pedaços de terra, que ajunta-

mos a vinha fazendõ nellas convento. A licença Ordinaria nos deu o proprio Bispo, chamado *D. João Homem*: mas faltou a do Pontifice, na qual nem elle, que nos vio usar da sua, nem os frades advertirão. E enganoute quem disse, que já então avia breve do Papa João XXII, por que elle nesse tempo não estava ainda na Cadeira de S. Pedro, nem seria necessario, se tiveramos tal breve; pedillo depois a seu successor Martinho V; o qual o passou no anno de 424, a 28 de Setembro. Remetéo a sua execução a o nosso D. Fr. Aunato, Bispo de Seita; a quem por erro alguns chamão *Americo*, & elle obedecendo em pessoa o veio executar d'ahi a dous annos & meio; que foi a 15 de Maio de 426. Demarcou, & benzeo o cemiterio, confirmou a nossa posse, & fez as mais diligencias.

## CAPITULO VII.

*Ajudão grandes pessoas as obras: descrevemos o convento; & declaramos seu nome.*

**D** Escançados os frades com a licença do Papa trabalhãõ com mais gosto em fabricar o convento: mas como as obras eraõ

de pobres, sempre ficáraõ acanhadas, & humildes. Não importa relatar as préssas, & os vagares, com que foraõ caminhando: nem dizer, que fim tiveram, ou como se renováraõ. Nomear as pessoas, que nisto mais merecêraõ com esmolas, ou agencias: essa he a minha obrigação.

2 Em muito grande estamos â memoria d'El Rei D. Afonso V, por ser elle o que mais nos ajudou. Fez muitas esmolas da sua fazenda Real, applicou algũas condemnações, & deunos licença livre pera trazermos da cava da cidade a pedra de cantaria, que se ouvesse mister. Duas vezes deu tambem quantidade de dinheiro pera correrem as obras a Infanta D. Maria, filha d'El Rei D. Manoel, em quanto foi Senhora desta cidade. O Bispo D. João Gomes d'Abreu occupou-se com a torre do relogio, & o Bispo D. Gonçalo Pinheiro não se contentou com menos, que fazer hum dormitorio. Brãca Teixeira, viuva de Estacio de Crasto Escrivão da Camara, & Cozinha da Infanta D. Guiomar, nora do dito Rei D. Manoel, empregou o seu espirito numa capela da Conceição immaculada da Senhora Mãe de Deos, & depois de a fazer, & ornar foi ser freira, no mosteiro de Monchique no Porto, da Ordé

de S. Clara. Outros ouve, os quaes neste mealheiro lançáraõ os seus leitís pera com elles comprarem hũa morada no Ceo. Mas hum Ferreiro do lugar de Fraguzela, hũa legoa de Viseu, lançou tudo quanto tinha, que foi muito, & jaz agora no claustro com hum letreiro em pedra, o qual eu escrevo neste papel pera que ninguem suspeite, que em semelhantes casos mais me levo do respeito da pessoa, que da grandeza da obra. O letreiro diz assi.

*João Afonso de Fraguzela, Ferreiro deixou sua fazenda a este convento, de que se fez a claustra. Fr. Antonio de Buarcos a fez.*

1532.

E se alguem achar escrito, que *F. Francisco de Buarcos* se occupou nesta obra, entenda que lhe erráraõ o nome.

3 Ficou o convento, depois de ser acabado, hum dos bons, que ouve nesta Provincia, porque as casas não tinham ostentação, que imitasse os soberbos edificios: por sua grande frescura parecia hum belo jardim da terra; & a vida honesta dos moradores lhe dava certos esmaltes do Paraíso do Ceo. Delviando os o sitio da cõversaõ humana, facilitavalleis muito o

comercio Angelico. O som-  
brião do bosque, que elles mes-  
mos plantaraõ, desfazendo a vi-  
nha, que d'antes lhes fora dada:  
o matiz das flores, & melodia  
das aves: tudo isto despertava  
as lembranças do Senhor, que  
criou tanta beleza; & a corrêta  
das fontes, parecia que lhes da-  
va a beber hũ profundo esque-  
cimento de todas as creaturas.  
Hũa dellas, a qual estã esperãdo  
pelos hospedes, que chegãõ a o  
convento, se na fabrica, & apa-  
rências pobre, he porém de agoa  
tãõ excelente, que lhe chamãõ  
*a fonte do ouro*. Mas a frescura das  
arvores mais longe os vai buscar  
com duas fileiras de castanhei-  
ros alegres, cuja sombra os ali-  
via do trabalho do caminho.

4 Podemos dizer, q̃ quan-  
tos religiosos affiliãõ neste er-  
mo; tantos erãõ os seus Anaco-  
retas, q̃ desprezando as patrias  
aqui faziãõ o Egypto solitario,  
& a sua Thebaida deserta. Avia  
frades de diferêtes naçoões, Cas-  
telhanos, Galegos, & muitos  
d'outras Prouincias, q̃ buscando  
a nossa de Portugal por ser a  
mais reformada de quãras tinha  
a Ordem; nesta casa achavãõ o  
q̃ querião. Andando todos soli-  
citos em mortificar os corpos, a  
limpeza das almas lhes dava ma-  
ior cuidado. Pelo que em favor  
dellas, & de suas confissoões im-  
petrãõ hum copioso indulto  
do Papa Eugenio IV, semelhan-

te a os outros, que já ficãõ refe-  
ridos. Deste modo tetirados, &  
escondidos do mundo, serviaõ a  
o Senhor: mas suas grandes vir-  
tudes davaõ vozes pela Beira,  
& por todo este Reino fazendo  
de sua devaçãõ infinidade de  
gente, como ainda direi.

5 Na disposiçãõ da casa ti-  
vemos muito respeito a ermi-  
da do Patriarca S. Domingos,  
conservãdo a no nosso adro  
inteira, como edificio distin-  
to, & separado dos outros:  
porẽm Henrique Esteves da  
Veiga, morador no Conce-  
lho de Besteiros, que a trocou  
em capela pera sua sepultura,  
lhe deu nova vocaçãõ do *Espi-  
rito Santo*, pela qual estã hoje  
conhecida. O nome, & apeli-  
do da casa começõu por res-  
peito da ermida, em *S. Domingos  
de Orens*. Dizem algũas memo-  
rias, que tambem naquelle tẽpo  
se chamava *S. Luiz* o nosso Bispo  
de Tolosa, & tomãõ por fun-  
damento o termo da accitaçãõ  
do breve, que fez o dito Bis-  
po de Seica, no qual lhe dá  
esse nome. Mas foi erro mani-  
festo de quẽ escrevẽo o termo,  
porque dizendo o breve *Sancti  
Dominici*, elle se equivocou na fe-  
melhança dos nomes trasladan-  
do *S. Ludovici*, cõ o q̃ o nome de  
*S. Domingos*, se mudou em *S. Luiz*.  
E por nos tirar de duvidas o Ta-  
baliãõ Lourenço Anes, que no  
mesmo dia passõu hũa cerridãõ

de como o Bispo executara em nosso favor o breve, declarou que o convento se chamava *S. Francisco d'apar. d'Orgens*. Assim que em nenhum tempo se chamou de *S. Luiz*, & quando ainda os frades lhe davão por cortezia o nome de *S. Domingos*, já os seculares lho davão de *S. Francisco*, o qual prevaleceõ pera sempre.

## CAPITULO VIII.

*Referimos os principaes bemfeitores desta casa, & alguns que nella se sepultarão.*

**E**nho dito, que a graça, & virtude desta casa comunicada do Ceo lhe buscou muitos devotos: agora relatarei as pessoas mais notaveis, que por grandes beneficios, ou com suas sepulturas prestãrão extremos de devaçãõ. El Rei D. Afonso V sobre as esmolas, que deu pera muitas destas obras, & ficão atrás escritas, pera ajuda da nossa sustentaçãõ nos consignou cada anno quatro centos reis brancos de esmola ordenada. E favorecendo sempre os nossos familiares, a o Sapateiro por nos fazer as sandalhas, & o Azemel, que servia o convento, por duas provisoões a ambos os izentou

dos encargos do Concelho, & do Reino com rãõ amplo privilegio; que dado caso, que o Rei fosse à guerra, elles ficassem escusos.

2. Entre os mais bemfeitores, sem ofender a os outros, nos deixou encomendada o P. F. João da Povia a memoria do Bispo D. João Gomes d'Abreu em rezãõ de não haver no seu tempo outro Prelado algum, que tanto nos estimasse, & amalle a nossa sagrada Ordem. O governo, o coraçãõ, & a renda, parece que tudo subordinava à nossa disposiçãõ. Nunca lhe pedimos cousa em favor do proximo, que se ella fosse licita, não nos dèlle bom despacho. Pera o convento, & nossa sustentaçãõ não esperava por petiçoões, & agencies, como agora os presumidos de mais devotos esperãõ, & tão bom dia, que inuitos delles as ouçãõ: mas estavaõ abertos os seus celeiros com todas suas despensas, & advertidos por elle todos seus officiaes, que nos deixassem levar quanto fosse necessario. Com tudo estes favores nos pozeraõ em grandissimo perigo da indignaçãõ do povo, & de toda a cidade, que andavaõ com o Bispo em trabalhoas contendadas, & quanto elle maior amor nos mostrava, com isso mais nos expunha a o odio dos outros. Fomos porẽn a o paiço, satisfazeudo

quanto

quanto nos era possível a hũa, & outra parte, & assi livramos bem. A nossa magoa foi, que o Bispo falecêo de morte subita sabado de madrugada, 16 de Fevereiro de 1482, posto que não seria totalmente improviza, sendo elle afeiçoado tão grande de N. P. S. Francisco, que nestas occasiões acode a seus devotos. E foi fatal nestes casos esse lastimoso anno, por quanto isto mesmo succedêo a o Bispo da Guarda, Marquez de Vila Real, Conde de Mont-santo, Conde Prior, & Barão d'Alvito, eujas mortes repentinas, pera cautela dos outros, lamêtou, & juntamente cifrou Garcia de Resende em a sua Miscelania numa Decima, que diz:

*Vimos falecer na Corte  
Senhores, velhos honrados,  
Todos mui apressurados.  
Os vimos levar a morte  
Sem fala, nem confessados.  
E os outros, que isto vem,  
Mui pouca emenda tem:  
Antes andão tão mundanos,  
Como se fossem seus annos  
Como de Matusalem.*

3 Notavelmente se enlaçou, & prendêo por devação com este santo Convento a Fa-

milia dos Sylvas, cujo era o reguengo de Orgens, & onde elles nesse tempo assistião. Dou os nomes de alguns, pera com elles se ornat esta Historia. Diogo Gomes da Sylva, ttoncô desta descendencia: seu filho, & sua nota, Rui Gomes da Sylva, & D. Violante d'Andrade: seu neto, & sua neta, João da Sylva, & D. Isabel de Soula; & seu bisneto Francisco da Sylva, o qual ainda depois de residir na Chiamusca eã tinha o coração, & amor. Mais solícitos andãrão em prover de ornamentos esta casa pera o culto divino; que de armarem a sua conta-peçarias ricas: porêm fazião de cõra, que aqui avião de descansar os seus corpos até Deos os treladar em o ultimo juizo. Pelo que Rui Gomes da Sylva, sua mulher, & outros seus adherentes elegêrão seu jazigo a o pé dos degraos do altar mór, debaixo de hũa pedra, na qual eã esculpido o Leão de suas armas. E com isto alegava o outro Rui Gomes da Sylva, Principe de Ebuli, em demonstração de ser a capela sua: mas logo se opozeraõ a causa as outras Familias, que nella tem sepultura. Da banda do Evangelho dentro da mesma capela eã escondido em hũa covã humilde Rui Freire d'Andrade, Alcaide mór de Viseu, & nota-

vel. bemfeitor, da nossa Religião.

5 Com a mesma humildade se entregaraõ da outra parte a terra D. Henrique de Castro, & sua irmã D. Leonor de Castro; ambos filhos de D. Pedro de Castro, & D. Teresa de Vasconcelos. D. Henrique, herdando a Casa de seu pae foi Senhor de Bemviver, Reriz, Sul, & outras terras. D. Leonor casou com João Rodrigues Pereira, que teve o Senhorio de Cabeceiras de Basto; & quanto ella possuio em sua vida, tudo julgava por pouco, como tambem vimos na morte, pera dar a S. Francisco. Deixounos em testamento hãa esmola tão grande, que só a necessidade de fazer algũas obras nos deu confiança pera poder aceitalla.

6 Do mesmo modo se atou a esta casa a Familia dos Cabraes de Belmonte com apertadas cadeas de afeiçãõ. E começando por D. Teresa, honra grande desta Casa illustrissima, sempre teve abertas as suas mãos pera nos matar a fome, & sempre ocupadas em fazer algũas peças, que servissem no altar. Desejou enterrarse entre nós, & já com esse intento fez sepulcro na parede da Igreja, fóra das grades do Cruzeiro, pera o qual se tresladassem seus ossos: mas recolhendo se depois em S. Clara de Lisboa, lá ficou sepul-

tada pera sempre. Seu filho Fernão Cabral, o primeiro do nome, foi Senhor de Azurara na Beira, Alcaide mór da Guarda, & de Belmonte, & Adiantado por todo esse partido. Casou com D. Isabel de Gouvea, filia de João de Gouvea Alcaide mór de Castel Rodrigo, & Senhor de Valhelhas, & Almen-dra; & concordando se ambos em augmentar sua Casa com hãa morgado rendoso, pozeraõ nelle tal clausula, que bem mostra a confiança notavel, que tihaõ nos Guardiães do convento, ordenando que elles fossem seus Vedores, & Olheiros se se conservava bem. E posto que muito tempo tivemos esse cuidado, parecõ que não era conforme a nossa Regra, & assi o dimitimos. D. Violante sua filha casou com Luiz da Cunha, Senhor de Santar, & de Barreiro, & foi tão insigne devota da nossa Religião, que o P. F. Marcos nas Memorias da casa nos deixou esta lembrança. No primeiro de Outubro de 1557 faleceo nossa tão principal, & devotissima irmã D. Violante de Santar comprida de muitos annos de vida, & muitas mais boas obras, & conforme sua santa vida foi a sua morte santa.

7 Tornando às sepulturas da parede da Igreja, a que fica mais abaixo da dita D. Teresa he de Brites de Gouvea, viuva de João d'Almeida morador



abrazavão-se as nuvens, soavaõ bombardadas de trovoês, caiaõ balas de pedra, soprava a furia dos ventos, que tudo desbaratavão, choviaõ rios de agoa, & parecia finalmente que se desfatava esta machina do mundo, acabando nella quanto Deos tinha criado.

3 Os frades fugiraõ pera o coro a pedir misericordia, & não vendo sinaes della quizeiraõ morrer no campo, ou escapar do perigo debaixo da protecção da Senhora Mãe de Deos, chamada *do Pedregal*, que está na Santa Sé da cidade. Saíraõ em procissão rompendo pela tormenta, afugentando tambem os espiritos malignos em virtude do estendarte da Cruz, que levavão arvorado; & chegando deste modo à presença da Senhora, descalços, molhados, & derretidos em lagrimas, prégou o P. Fr. Afonso Caeiro, que depois foi Confessor d'El Rei D: Afonso V; & serviose o Senhor de aborrançar logo o tempo, cessando a tēpestade. Noutro Capitulo, que se fazia em Sória, abriu Deos as suas fontes do ceo em favor das sementeiras á petição dos Vogaes; & agora por contemplação dos nossos aferrolhou as enchentes, que afogavão a terra.

4 Duas vezes nos buscãraõ nesta casa outras pedradas do ceo, que vinhaõ ferindo fo-

go, mas sempre Deos as desviou donde estavaõ os frades. Hũa dellas os achou estando rezando vespetas da Virgem Senhora nossa, no principio do hymno *Ave maris Stella*, contentandose porẽm de os fazer ajocllhar com a força do trovão, a pedra se foi lançar fóra da portaria apar da Fonte do ouiro. Outra vez diante, & junto dellas rachou hũa pedra arvores, derribou paredes, & abrazando quanto avia à roda, a nada guardou respeito senão a suas pessoas. Contaõse tambem incendios, dos quaes sempre o convento livrou melhor do que podia cuidar-se, mas basta escrevermos por maior, que he grande com seus servos a Piedade de Deos.

5 Passados estes temores, & chegado o anno de 1556 fundado este convento num Capitulo, que fizemos em S. Francisco de Lisboa, à nossa Recoleição, & logo os seus principios pronosticãraõ bons fins, porque o primeiro Guardião foi o P. F. Bertolameu da Infua; do qual falei no convento de Viana. Succedeolhe no officio o P. F. Marcos de Lisboa, que acabava entãõ de imprimir a sua primeira parte das *Cronieas* da nossa Religiaõ; & nas acçoẽs mais notaveis deste insigne Prelado, podemos tambem contar a reitauração da Ordem Terceira dos

b 1.2.6, 29,  
n. 3.

seculares na cidade de Viseu. Não, que fossem totalmente os primeiros, que ouve em Portugal, como já deixo escrito: mas que estando nelle a Ordem quasi extinta, estes se pódem chamar os primeiros na sua restauração, & na forma do governo introduzido de novo. Lançou os primeiros habitos na Sé da mesma cidade, dia de Todos os Santos de 1557, & o filio Primogenito na profissão, & Ministrado da Ordem, foi o Licenciado Pedro Marques, Vigairo Geral, & Provisor do bispado, a o qual se agregáraõ Miguel de Gouvea Capelão d'El Rei, Christovão de Mesquita, Belchior de Loureiro, & Antonio de Moraes, com outros irmãos de vida mui exemplar. Logo no Povo se virão grandes mudanças por sua intervenção, porque reduziraõ a boa correspondencia inimigos encarniçados no odio, alimpavaõ, & varriaõ os hospitaes da cidade, curavaõ dos pobres desamparados, & trouxeraõ muita gente com seu exemplo a o serviço de Deos. E edificado disto o P.F. Andre da Insua, Comissario Geral da Familia Cisinontana pelos confortar nesta sua devação, por hũa grave parente os accitou por irmãos da nossa Ordem, & os fez participantes de nossos merecimentos.

6 Nove annos adiante, no

de 1566 foi servido o Senhor de alentar os devotos de meu P. S. Francisco com hum successo notavel, & pera elles de muita consolação. Assistia em Rériz, no bispado de Viseu D. João de Castro com sua molher D. Isabel de Sousa, Senhores da mesma Vila, & do Concelho de Refende. Tinhão duas filhas da qualidade d'aquellas, que naceraõ pera honrar a seus paes, ambas irmans no espirito, na devação, & virtude: hũa dellas se chamava D. Isabel de Castro: outra, D. Violante de Castro: as quaes a o bafo dos sobreditos seus paes viviaõ taõ retiradas do mundo, & de suas vaidades, em exercicios santos, como se naõ foraõ delle. D. Isabel, que se entregava muito à lição de livros devotos, quando leo na nossa Cronica a vida rara do Patriarca Serafico, o mesmo foi passar por ella os olhos, que imprimilla na alma, ficando de tal modo penetrada, que todo o seu cuidado era contemplar no Santo, amalho, & desejalho servir.

7 Desempenhou o Senhor a o seu servo Francisco dando-lhe tão santa morte, que no mesmo ponto della apparecèõ em sonhos à outra sua irmã, que nesse tempo estava em outro lugar vizinho, declarando-lhe como então se partia pera a Gloria. No dia seguinte foi mais publico a todos o favor, que lhe

fazia

fazia o Ceo, porque estando os Clerigos pera começarem a celebrar as exequias de repente entráram pela Igreja doze Frades, que cantavão como Anjos, & assistirão a ellas. Cuidou-se a principio, que seriaõ deste convento de Orgens, com o qual avia correspondencia, mas acabado o officio, ninguém ouve, que os visse. Pelo que se entendêo, que foraõ Anjos do Ceo, disfarçados em o habito de Frades pera honrarem a esta grande devota de meu P. S. Francisco. Dahi a hum anno a seguiu pelo caminho dos Justos, como piamente cremos, lua irmã m D. Violante, verdadeira Francisca, na devação, & espirito, & d'ambas fez menção muito lãrada a 27 de Janeiro o Agiologio Lusitano.

## CAPITULO X.

Do Fundador desta casa Fr.  
Pedro de Alemancos, &  
outros Varões nota-  
taveis.

**M**Al podêra o comum deste convento alcãçar a boa opiniaõ, em que o mundo o tinha, se os moradores delle pelos seus procedimentos não estiverãõ merecendo a mesma estimaçaõ. E

aqui se me renova a magoa de serem taõ limitadas, & curtas todas as nossas memorias! Com tudo devenios muito a o Licenciado Lopo de Barros, porque sendo nosso Syndico, & compadecido do nosso grande defeuído escrevêo no Cartorio da casa a lembrança d'algũs Guardiães successivos no seu tempo até o anno de 1550, quando o convento era da nossa Provincia, antes de ser Recolecto. E falando do P. Fr. Jorge Jacome diz, que era *hum dos principaes Padres desta Religião, homem de muita marca, virtuoso, & pera muito digno de muita honra, & louvor.* Do P. Fr. Diogo d'Abren, por outro nome de S. Luiz, escrevêo estas palavras. *He hum santo Varão, de muito grande progeme, virtuoso, & de muita caridade, & ategora nenhum fez tantas obras na Igreja como elle, pelo qual se pode dizer: zelus domus tuæ comedit me. Deos o acabe em seu serviço.* Deste modo vai celebrando a outros com semelhantes encomios, antes, & depois dos quaes renho encontrado muitos dignos de eterna fama. E parece, que Deos nos quiz desviar o motivo da inveja, que se pôde ter à santa Sé desta cidade em lograr sempre illustrissimos, & excelentes Prelados, porque tambem o convento dentro da sua esfera teve grandes Guardiães, & alguns, que chegãõ a ser Bispos:

o P. Fr. Rodrigo de Noronha, em Lanego: o P. Fr. Marcos, no Porto.

2 Mas tratando dos que só pela virtude se fizeram veneráveis, a todos se atravessá o P. Fr. Pedro de Alemancos, Fundador deste convento. Foi natural de Galiza, onde tinha professado, & teve tanto de Deos, que com outros companheiros veio fundar neste Reino o nosso Estado da Regular Observancia. Era Leigo, ou Converso: porém da classe d'aquelles idiotas, & humildes, que arrebatão o Ceo a os letrados esvaecidos do mundo: muitos dos quaes tem a Igreja Catolica canonizado, & beatificado na nossa Religião. Não tinha letras, mas tinha grande prudencia, & graça particular de persuadir a todos o que convinha a o serviço de Deos; & nisto o ajudava o bom exemplo da vida, formando nelle hũa grave eloquencia, muito mais eticaz, & poderosa do que as mesmas palavras, cõ a qual facilitou, como se vio na fundação dos conventos, empresas difficultosas.

3 He muito pera notar quanto pode hum frade Leigo, tido por santo; na Ordem de S. Francisco. Foi Coadjutor no principio dos sinquo Oratorios Observantes, que temos dito, no Entre Douro, & Minho. Ajudou a reformar o convento

d'Alauquer: principiou a catedral da Castanheira; & fez esta de Viseu. Aqui descançou mais tempo, como em cetro da sua quietação, & quando o Bispo de Setta executou o breve, q já tenho referido, no anno de 426, ainda era Vigairo. Com tal Prelado, & tanto tempo, qual seria, não muito santa; a sua comunidade? Vendo porém acabadas estas obras do Senhor; & que a muita idade não tinha forças pera maiores trabalhos; tornou-se pera Galiza restituindo seu corpo myrrado de penitencias à mesma Patria; que o avia gêrado, onde acabou seus dias cheos de merecimentos pelos annos de 1440. Esta escripto seu nome no Catalogo dos nossos Beatos, que compóz o P. F. Gaspar Martins; & a 4 de Setembro no Martyrologio Franciscano.

4 Entre a sua descendência de frades exemplarissimos, que moraraõ nesta casa, achamos a o P. Fr. Fernando Ribeiro, q nella escreveu grande copia de livros pera o coro, & pera a livraria. Sendo muito observante, & penitente, teve tambẽ espirito de peregrinar na terra; à qual não tinha por Patria, & visitou sêpre a pè os lugares, & Igrejas mais devotas da Europa, & da Asia. Chegou a Jerusalem, onde nunca se fartou de venerar os santos passos, que Christo deu pela nossa redenção. Nelles lue

anoitecia, & nelles amanhecia. Foi Guardiã do S. Sepulcro, no qual o recolhimento, & apertada clausura, em q̄ vivẽ os moradores, o prendẽo mais fortemente no amor do Redentor. Tornando a Portugal cheio de meiecimentos acabou louvavelmente o seu cõprido desterro. No anno de 1460 estava aqui guardado em muita veneraçãõ o Breviario, q̄ elle trouxe cõsigo.

5 Tenho falado em dous Servos do Senhor, q̄ depois de terẽ peregrinado se recolhẽrãõ às Patrias: agora direi de hũ, q̄ a deixou pera sempre: mas todos foraõ por diferentes caminhos em seguimento do Ceo. He o P.F. Joã de Viseu, o qual sendo natural desta cidade, & muitos annos morador neste convento, de tudo se despedio por não ter cousa no mundo, que lhe podesse levar a mais pequena lembrança. Retirou se à Custodia, chamada de *Tralos montes* em Castela, que agora se acha incorporada na Provincia da Conceição, onde à força foi eleito Guardiã do convento de Villasilos pera nelle fomentar com seu exemplo os rigores, em q̄ se tinha fundado. Era homẽ de alta contẽplaçãõ, & penitencia rara, & impaciente já de lhe tardar muitos annos a vista de Deos na Gloria, no de 1480 se compriraõ seus desejos.

6 Com todo este ornato

de santidade, & rantas prerogativas entregãmos o convento à Provincia de S. Antonio no anno de 1568, quando ella se dividio da nossa de Portugal. Também lhe ficãrãõ muitos sujeitos gravissimos, que nõs rinhãmos criado, como foi o P. F. Diogo de Amarante, & outros de semelhante espirito, os quaes pelo discurso do tempo com sua vida, & morte tem honrado esta casa. E quando os Padres da sobredito Provincia quizerãõ principiar seus estudos pera se irem provendo de Prégadores, à nossa pediraõ com toda a confiança de filhos o P. Fr. Manoel da Purificação, que lhes lesse, como leo, aqui o primeiro curso. Achando depois, que lhes estava melhor chegar se mais à cidade, intẽrãrãõ a mudança: mas o efeito, teveo Deos reservado pera o P. Fr. Manoel de S. Caterina Ministro Provincial, que com grandissimo zelo governou a tua santa Familia, & a fez mais dilatada com as duas fundações da Sertã, & de Serẽm. A os 6 do mez de Maio de 1635 levou da casa de Orgens pera o novo conveto, onde chamavaõ *Manforim*, o Santissimo Sacramento do Altar em procissãõ solemmissima, acompanhada da sua Comunidade. No antigo ficãrãõ sinquo em forma de Oratorio.

## Fundação do Real convento de S. Caterina da Carnota.

### CAPITULO XI.

*Compra ElRei o sitio ; acrescentãono huns devotos, & compomos hũa mata, que parece Paraiso.*

1408



**I** Ornamos a desandar o caminho, que fizemos de Ribatejo à Beira, por occasião do convento da Carnota, que começou a fundarse no anno de 1408, no qual tempo concordão os nossos Padres Fr. João da Povoá<sup>a</sup>, F. Marcos<sup>b</sup>, Gôzaga<sup>c</sup>, & Waddingo<sup>d</sup>. He verdade, que dous annos adiante pagou o preço do sitio ElRei D. João I às freiras de Odivelas: mas ellas decláraõ na quitação, como *lho tinha tomado pera fazer hum Oratorio de frades de S. Francisco*; & não he novo nos Reis pagarem tarde as dividas.

2 Com tudo este magnifico Principe lhes deu pela terra muito mais do que valia, porq̃ sendo avaliada em sete mil libras, mandou pagar oito mil. Constahe, que nesse tempo tres & meia faziaõ o valor de hum real, porque affise declara numa Eseritura, feita em Lisboa, no

mesmo anno a 9 do meúz d'Abril pela qual Rodrigo Alvares largou a Afonso Gonçalves hum casal na Sapararia, onde chãvãõ o *Boco*, por tres mil & quinhentas libras, que lhe deu, desta moeda, que ora corre, dos reaes de tres libras & meia<sup>e</sup>. E conforme a esta conta, as que ElRei mandou pagar, não montãrão mais que dous mil & duzentos, & oitenta & seis reis, menos ainda hũa libra. E com este pouco custo, q̃ então seria muito, juntas tambẽ as despezas da sua primeira obra, deixou o Rei esta casa no foro de seu convento Real.

3 Ficava este assento quasi meia legoa da vila de Alentequer pera a parte, & onde o Sol se etconde, na ladreira de hum monte, q̃ com aquelle circuito se chamava a *Carnota*. E he tradiçãõ constante, que as agoas das invernadas antigas delcarnãrão este monte deixando, como agora estã, cõ as entrañhas abertas entre alta penedia de hũa, & outra banda, & assentada a o pedelle a terra em disposiçãõ bastante pera se fudar convento. A qui foi crecẽdo hũa arvore do sobrio, que enramava hũa eruida devota de S. Caterina Virgẽ, & Martyr, a qual com esta fres-

<sup>e</sup> Arch. de S. Ciga de Lisboa.

<sup>a</sup> no Cart. do convent.  
<sup>b</sup> p. 3. l. 11  
c. 24.  
<sup>c</sup> pag. 1160.  
<sup>d</sup> tom. 5.  
ap. 1408.

cura, alongada dos enredos, & labirintos do mundo cativou notavelmente a devação do P. Fr. Diogo Arias, Fundador neste Reino da Regular Observancia. Tinha já reformado a casa de Alanquer no maior rigor, que se poderá dizer, & querendo descansar no santo ocio, fóra do governo de comunidades grandes, tanto que teve o sitio por mercê do dito Rei, veio logo fundar esta, a qual sêdo muito pequena no numero, avia de ser grande nos olhos, & estimação de Deos. Trouxe algũs cõpanheiros do mesmo convento de Alanquer, ainda q̃ foraõ poucos por não fazer povoado do deserto; & nẽ desses temos algũa noticia, se não he do F. Gõçalo, q̃ assistio no pagamento das livras às freiras de Odivelas: mas não era o *Marinho*, de quẽ falamos no convento de Viana.

4. Bastantemente ficavão agazalhados neste pedaço de terra, porém faltavalhes pera mais recolhimento toda a barroca, & penhas colateraes, donde a mesma terra se tinha precipitado. E correndo q̃ anno de 1546 Pedro Sobrinho de Mesquita, & sua molher Francisca Perestrela, do termo de Alanquer, nos deraõ liberalmente a ametade da banda do Norte: a outra, que lhe responde do Sul, nos foi dada com pensãõ d'algũs sufragios por João Gonçalves,

& sua molher Maria Gomes, moradores numa aldeã vizinha, chamada *os Refugiados*; & com isto estendendo mais o muro metenos dêtro da cerca o maior ornato, que hoje tem o convento. De cada hũa das partes arrebêta hũa fonte de agoa bellissima, que correndo pela quebrada abaixo se vai mais adelgacando, & antes que no Estio se seque fazemos della tesouro em hũa grande cisterna, que nos serve todo o anno.

5. Nesse tempo começãraõ a subir pelas ladeiras do monte a santidade, & frescura, que floresciaõ no campo, com singular artificio, o qual faz a-prazivel, & fermoso o que per si era aspero. He muito pera notar, como saie tão viçosa das entranhas dos penedos hũa esquadra de arvores, que deixundo abraçadas com elles suas raizes mostrãõ grande presunção de quererem competir na altura com as nuvens. Achaõse com tudo prezas, se isto as detivera, com laços de Era mui intrincada, que revestindo de verde troncos velhos, & tão antigos a o nosso parecer como he o mesmo mundo, reinoça nelles hũa fresca alegria. Os ramos, tecidos huns com os outros assi toldãõ todo este paraíso, como se affirmas delle não ouvera mais que ver, nem o ceo, nem as estrelas. Por baixo desta ramada encon-

tramos com rochedos abertos a o picão, ruas largas, & atalhos estreitos, focalcos, & caracoes de escadas lançadas com tanta arte, que toda esta espessa fragosidade por ellas se comunica.

6 Mas falando a o divino nos exercicios santos da vida contemplativa, a cada passo nos inculca motivos de devação. Aqui está arvorado o estendarte da Cruz, cuja vista pode ser medicamento das almas feridas pelo pecado. Alli vemos pelas cavernas da rocha imagens de Santos, q̄ nos estão convidando cō a sua penitencia: hūas dellas manifestadas de publico, pera q̄ ninguem lhes fuja: outras, encovadas em ermidas, q̄ são muitas, onde a viveza das figuras penitentes, ou aronitas conforme a os mysterios, lē não faz estalar coraçõs empedernidos, arruína pelo menos com espanto a qualquer entendimento. Muito disto ficou feito pelos Padres da nossa Prouincia, principalmente hūa estranha figura, & superior a todas, do Patriarca Serafico com os braços estendidos na postura, em que elle recebeu as Chagas do Redentor. Está posto a o pê de hūa rocha talhada, rão natural, & tão propria, que quem a vê de repente, como me acontecêo, imagina q̄ acha hū frade vivo, mas suspêso no ar pela vehemencia da tanta contemplação. E depois que

elles mesmos, chamados hoje *Antoninos*, ficãrão aqui na sua separação de Prouincia, de tal modo tem ornado devotamente a casa, & todo o seu circuito, que ouve quem escrevesse ser este o *mais aprazivel bosque, que ha no Reino*. Outros dizem, que por *ventura excede a todos os de Europa, & que he hūa das maravilhas do mundo*. Porém eu, que não tenho visto todos, me contento com dizer, que em tudo he notavel, & hū retrato do Ceo.

## CAPITULO XII.

*Tratase da limitação da casa, virtude dos moradores, beneficios do Ceo, & da devação dos Reis.*

**N** Em por ser tão celebrada a mata, & tão notavel a cerca, seguírão os edificios essa mesma majestade: mas sempre ficãrão em hūa limitação, a qual a seu modo merece tambem espanto. Muitos annos não ouve outra Igreja, senão a mesma ermida, & tão pouco capaz disso, que o coro chegava quasi à porta. Obrigandonos depois a nossa necessidade, fezle Igreja maior, com tudo sempre pequena. Engenhouse pobrement hum doritorio terrèo cō as demais officinas, & ainda que passado

f Relaç. de  
Alarg. imp.  
an. 1620  
& Agiol. Lu  
sit. tom. 1.  
[an. 11.

algum tempo se levantou de sobrado, não subio tanto da terra, que pareça luntuoso, ou levantado no ar; & como ficou tão fraco o edificio, cada hora lhe davão os Prelados hũa volta. Doze columnas de Jaspe nos trouxe de Seita o diro Rei D. João quando a foi conquistar, ás quaes juntamos outras quatro da pedra da terra armando sobre ellas todos os arcos do claustro, que não são de muita ostentação.

2 Deste modo fomos reparando, ou remendando esta humilde morada até o anno tremendo de 1531, no qual repetidos, & medonhos terremotos lançaraõ por terra os mais fortes edificios, & este ficou tão desbaratado, que não teve mais remedio, que refazerse de novo. Acudio porém a isso o P. F. Vasco Correa não só com sua agencia, senão com grandes despesas de seu irmão Antonio Correa Baharém, que com ellas alcançou o Padroado, que podia ter na casa, & sepultura na sua capela mòr. E não foi da nossa parte pequeno este obsequio, porque até esse tempo nem no corpo da Igreja se enterrava alguém: mas já esta reverencia de hum lugar tão devoto está hoje esquecida. E Deos tambem lhe pagou esta sua caridade com hum filho por nome *Fr. Aires Correa*, o qual fa-

lecção aqui com opiniaõ de Santo.

3 Apostâraõse aquelles beditos Padres a seguirem quanto lhes fosse possível a perfeição Evangelica, & assi com muita dificuldade averia quem os podesse julgar por homens da terra, sujeitos a os descontos humanos. O recolhimento não era de gente viva, senão de morta, & enterrada: a mortalha vestida sobre a carne era hum habitto grosso, que parecia cilicio: as penitencias, muitas; & o regalo, nenhum. Tres dias cada semana se fechava a cozinha se nella fazem fogo, estando muito contentes com hum pedaço de pão, & com hũaservas cruas se as avia na horra. No mais tempo passavão como podiaõ sustentandose, sómente para viver, com tanta limitação, que enjeiravão muitas vezes por superfluo o que era necessario. E assi acontecia quando lhes vinhão muitas esmolas à porta, receberẽ qualquer cousa, & rogarem muito que dessem o resto a outros necessitados. Não pediaõ mais que pão, deixando rudo o mais à divina Providência; & isto pediaõ, por evitarem discurtios, só nos lugares vizinhos, & na vila da Arruda, onde na primeira rua muitas vezes lhes enchiaõ os alforges, & elles fazendo grande escrupulo de amontoar esmolas, ou trazer hũ

pão de mais, dahi mesmo se tornavão pera casa.

4 Com isto se sustentavão onze, ou doze religiosos: mas vieraõ duas fomes, & escaçamente se podião manter seis. Foi hũa no anno de 1418, na qual escrevè o P. Pova, que a gente apertou tanto a mão fazendo os pães pequenos, que pera serem maiores, importou sobrevirem juntamente muitos annos de fartura. Outra foi no de 486, que nos deu maior cuidado, porque andava tambem acompanhada de peste; & nacéo d'hũa grande inverno de chuvas, & ventos, que passáraõ de tres mezes. Hum inteiro estiveraõ alagados os campos de Santarém com montes de agoa, que venciaõ os marachoës, & terras mais eminêtes. Afogouse muito gado, perdeolè a novidade, caíraõ moinhos, & casas, & todos cuidavão, que era outro diluvio. Chegou a valer a noventa, & nove reis o alqueire de trigo em Alanquer, & foi o preço mais alto dos que andavão na memoria dos homens, porque ainda no anno de 461 corria, como já tenho escrito, o alqueire por dez reis.

5 Nestes apertos, & em outros semelhantes nũa Deos desemprou os seus pobres, que moravaõ nesta casa. Succedia ajuntaremse no refeitorio pera lhe darem as graças de não

terem que comer: tangiaõ logo á porta, acudia o Porteiro, achava os cestos cheos, perguntava de que casa lhes vinha a caridade, & tal vez não queriaõ declarar o bemfeitor. Outras vezes, que os pobres, ou os hospedes chegavão fóra de tempo, não avendo no convento hũa fatia de pão, o P. Fr. Joaõ de Ataíde, a quem o mesmo succedè na Castanheira, achava na arca muitos mais dos que avia mister. Doutros casos em diferentes materias, nos quaes Deos se declarou por Protector desta casa, não contarei senaõ hum, porèm boa testemunha de suas misericordias. Corriaõ as tempestades, que causáraõ a segunda fome das nomeadas affirma, quando a 23 de Dezembro de 485, às 8 horas da noite se despegou do monte hũa grande ribanceira, que trouxe consigo infinidade de pedras, & cuidandose que ficavaõ enterrados os frades, & o convêto, tudo Deos amontoou por suas mãos (que não podia ser menos) apar da cozinha sem lhe quebrar hũa telha.

6 Sobre isto pretendião merecer com o suor do seu rosto o pouco gasto, que fazião á sua comunidade, & saíndo da Igreja, que lhes levava na oração muito tempo, nunca levantavão mão do serviço ordinario da casa. Fazião a horta,

concertavão as paredes, & erão officiaes em todos os ministerios, que os de fóra se podiaõ escusar. Pera andar pelo mundo em serviço do convento avia hum homem, a quem por esse respeito ElRei D. Afonso V, & seus successores davão grandes privilegios: porém das portas adentro nenhum criado avia, antes só o falar nisso em casa de S. Francisco era pera elles abominação horrenda. E que fora se elle servisse a alguns particulares? Seria desolação, & destruição fatal da nossa sagrada Ordem.

7 Facilmente se humilhaõ diante de Deos, & na presença dos homens os que são humildes de coração; & neste santo convento todos erão humildes, & andavão humilhados. Os mais delles erão Leigos: serviaõ com humildade a casa: ella não subia do foro de Oratorio; & os Prelados não tinham o nome de Guardiães, nem o tiveraõ senão depois de lho dar a Provincia de S. Antonio passado já muito tempo. Com esta disposição estavaõ sempre tremendo diante da Majestade divina, & por lhe serem mais gratos intẽtaraõ aquella insigne obra de se plantar nesta casa, como depois se verá, a primeira Recoleição. Neste tempo, muitos dias não tiveraõ outra missa, senão a que lhes vinha dizer hum Sacerdo-

te do convento d' Alanquer, onde tambem crão poucos, & muita a humildade: mas elles, ainda que frades Leigos, tangiaõ a suas horas o sino, & tinhaõ coro de lição espiritual, & de oração mental.

8 Aqui me estão lembrando aquellas santas matinas da humildade, que rezou N. Serafico Padre com o S. Fr. Leão quando em hũa noite num etmo se acharaõ sem o livro, pelo qual as aviaõ de rezar. Rogou-lhe o devoto Parriarca: *F. Leão, dize agora estas palavras, que digo. Fr. Francisco, tu fizeste tantos pecados no mundo, que mereces o inferno. Não ha Deos de usar contigo da sua misericordia.* Respondia Fr. Leão com as palavras trocadas, que Deos lhe punha na boca. *Fr. Francisco, se acharás em Deos muy grande misericordia, porque não somente te dará a sua gloria, mas tambem te ha de engrandecer entre seus filhos amados.* Magoavase o Santo, porque Fr. Leão não dizia o que elle tinha dito: porém Deos o obrigava a falar em seu louvor. Eu não digo, que os Leigos desta casa ouviãõ nas suas santas matinas estas certezas do Ceo, senão que orando elles, & conversando de Deos com fervor de devação se faziaõ familiares da sua benevolencia.

9 Constava ditto a os Principes do Reino, & pela mesma razão veneravaõ este pobre

b F. Marc. p.  
1, 4, c. 76.

Oratorio por morada de gente santa, & apozeno de Deos. El Rei D. João I, que o fez, o visitou muitas vezes: D. Duarte era nisto mais continuo, como logo se verá: D. Afonso V não perdêo occasiã, que nos podesse honrar com sua Real presença; & D. João II, por aqui também passou na romaria, que fez a S. Antonio da Castanheira. A Rainha D. Caterina, & sua cunhada a Infanta D. Maria tomaraõ à sua conta o ornato de Christo Sacramentado quando elle se expunha no altar. E finalmente à imitaçã de todos se estendêo pelo Reino o amor deste convento.

## CAPITULO XIII.

*Dos Veneraveis Padres Fr. Diogo Arias, Fr. Afonso Saco Confessor d'El Rei, & Fr. Pedro Gonçalves.*

**E**spanto seria, & novidade se nesta casa tão santa não ouvessem muitos frades, que procurassem ser santos: mas assi como se diz, que ella com o seu recolhimento he sepultura de vivos, também se acha escrito, que está penetrada de muitas covas de Santos. O mal he, que os mais

delles estão hoje enterrados no sepulcro do nosso esquecimento: com tudo não esqueçeo, nem poderã esquecer o P. Fr. Diogo Arias, seu insigne Fundador. Já disse<sup>b</sup>, quem elle era antes d'entrar neste Reino: Asturiano de naçã, professo na Provincia de Sant-lago, com a qual a nossa estava então unida, Prêgador mui conhecido, Letrado de grande nome, Nuncio da santa Sé Apostolica, & sobre tudo muito exemplar na vida, & zeloso do bem da nossa Religião.

2. Duas cousas o trouxeraõ a o nosso Portugal, que claramente nos mostraõ qual era o seu espirito, religioso, & santo. Hũa dellas, estar na obediencia do Pontifice de Roma conforme à nossa Regra, porque Castela, & Galiza seguiaõ o Antipapa de França: outra foi, poder viver como frade, com inteira observancia do seu estado Serafico. Trouxe alguns companheiros, mas a elle, como a mais principal nesta empreza do Ceo, o Papa, que concedêo a licença, o nomeou em o primeiro lugar. Deos também, que o tinha escolhido pera Pae de muita gente Observante, lhe deu muito das virtudes, que costuma repartir pelos santos Patriarcas. Quem mais pobre no seu tempo, mais zeloso, mais humilde, & maior desprezador

<sup>b</sup> l. 16. c. 24.  
u. 2.

das vaidades do mundo? Affi- viveo, & esta doutrina deu a os frades, que criou em o Senhor. Quanto lhe era aceito, se pôde ver pelo successo seguinte. Estava fundando o Oratório da Insua, como já tenho escrito: não avia agoa doce, nem os frades podião estar sem ella: encomendou este negocio à Virgem Senhora Nossa, a qual por sua misericordia lhe manifestou em sonhos hũa fonte viva, que estava enterrada nos penedos.

3. He notavel a multidão de conventos, que começaraõ por elle. Fundou em pessoa os quatro tão celebrados da fama, Viana, Mosteirò, Insua, & esta nossa Carnota: reformou pessoalmente a casa de Alanquer: dispoz por seus companheiros as fundaçõs de S. Paio, S. Clemente, Castanheira, Viseu, Setuval, Virtudes, & Scita; & encomendou a outro a reforma de Leiria. De modo, que já vio em o seu tempo plantada de novo em treze conventos a Regular Observancia, & enxertada em dous tanto a o natural, que a fructa sabia só a o garfo sem o azedo antigo. E bem podemos dizer, que foi Varaõ glorioso em a sua geração pois fundou hũa Familia tão dilatada, & sancta, de cujos merecimentos lhe cabe a sua parte. Mas tão grande Fundador de tal modo se effundeo a o mundo nesta inata

da Carnota, que falecendo no anno 1420, não lhe fabeios o lugar da sepultura. Anda porém celebrado o seu nome pelo P. Fr. Gaspar Martins entre os nossos Beatos; & referido de muitos no Martyrologio Franciscano, & Agiologio Lusitano.

4. Aqui tambem o acompanhou na morte aquelle bom companheiro Fr. Afonso Saes, que não o largou na vida. Veio com elle de Galiza, ajudou o a plantar a Regular Observancia, assistio na fundação dos primeiros Oratorios, & neste não lhe faltou. Foi tambem aqui Vigairo, Guardiã do Convento das Virtudes, & Prelado em outros muitos lugares, onde mostrou grande zelo de conservar em seu ser a sancta Religião, & melhorar nos limites da pobreza o edificio das casas, provendo no que convinha a nossa necessidade. *E em fim* (conclue o P. Povo) *ouve se muito fielmente em tudo, o que a Ordem lhe encomendou.* Isto era nas virtudes de Prelado, as quaes tem predicamento per si: nas de subdito, a outros muitos estava superior. Era muito penitente, & muito contemplativo: andava a mortallhado num habito, que parecia hum sacco, & delle se lhe pegou a alcunha, que ficou por apelido. Na devação da alma era tanto o fervor, com que amava a Deos,

fol. 17.  
d. tom. 1.  
fol. 11.

que muitas vezes se deixava estar nelle, ficando fóra de si. E nestas occasiões, he fama q o Senhor lhe disse algúas cousas, que depois aviaõ de succeder, como se vio na seguinte.

5 Residia em Barcelos hũa mulher de conhecida virrude, da qual eu noutro lugar falarei, & era muito devota do mosteiro de Vilar de Frades, que estava em poder dos Padres chamados de *S. Eloi*, ou pera melhor dizer, de *S. João Evangelista*. O servo de Deos Fr. Afonso, que morava em Viana, tomou a seu cargo encaminhar esta alma no sãto amor do Cee, & indo a sua casa hum dia, achou a metida em grande tribulaçãõ a respeito de algúas novidades, & muito perniciosas, que começavaõ a perturbar o mosteiro por causa do provimento do seu Fundador Mestre Joãõ no bispado de Lamego. Elle, que a vio desconsolada, lhe empenhou a palavra dizendo, que aquella tanta casa dos trabalhos presentes avia de livrar bem, & pelo tempo adiante teria muita firmeza; & quanto elle lhe disse, tudo alli succedeo. Alguns neste caso lhe deraõ por cõpanheiro a o Veneravel P. Fr. Gonçalo Marinho: porẽm noutra parte disse, que por ventura nesse tempo seria jã falecido; & quem depois de passarem muitos annos escreveu esta memoria, po-

dia equivocarse com outro.

6 Outra graça lhe deu Deos, & muito particular, de encaminhar as almas nas confissões pera sua salvaçãõ. Pelo que El Rei D. Duarte, que se queria salvar, infinidade de vezes o buscou neste convento, confessandose com elle, & pedindo-lhe conselhos; & não podendo acarretallo à Corte, aqui o deixou lograr o nome de seu Cõfessor. Foi o emparo de toda esta comarca, porque todos o buscavaõ, & lhe pediãõ a o menos orações, em suas necessidades. Comprido de muitos annos, & de virtudes herõicas, despiõ o sacco grosseiro de sua humanidade pera se vestir das telas finas da Gloria, antes das viindimas conforme achei escrito, que seria em Setembro, de 1437, & foi sepultado na Igreja abaixo da porta, que entra pera o claustro. Não bastou com tudo este final, pera que se trasladassem seus ossos a outro lugar melhor. O seu nome vivira eternamente nos memoriaes dos Padres Fr. Lucas, & Fr. Artur, & d'outros, que fazem da penna armas contra o esquecimento.

7 E com isto acabo de dar noticia dos lugares, onde pagãõ o tributo irremissivel da morte os seis Padres Fundadores da nossa santa Observancia, que foraõ mais conhecidos. Fr. Diogo Arias, & F. Afonso Saco

f tom. 5.  
an. 1437.  
2 Septemb.  
21.

nesta casa da Carnota: Fr. Garcia de Montãos, no convento d'Alanquer: Fr. Gonçalo Marinho, em Viana: F. Pedro Dias, em S. Paio; & F. Pedro de Alemaecos, em Galiza: dos quaes todos bem podemos presumir, que descançaraõ em paz, & na graça do Senhor.

8 Seguiu-se, andados já muitos annos, o grande seruo de Deos Fr. Pedro Gonçalves, que nem por ser Portuguez alcançou dos naturaes hũa lem-

brança igual a os seus merecimentos. O mais, que delle achei nas memoria das casas he, que foi em muitas dellas Prelado, & muito zeloso de as melhorar em tudo, assi no material das obras, como na sustancia da sua reformação. Temos porém hũa noticia grave, a qual nos foi inuida na raboa do capitalo Gêral, que se fez em Basilea pela festa de S. João Bautista no anno de 1472, & contém estas palavras.

Arch. de S. Franc. de Alanq.

*In Provincia Portugalie duodecim fratres, inter quos fuit Venerabilis P.F. Petrus Gondiçalvi, sancta memoria dignus.*

E isto vem a dizer. *Na Provincia de Portugal falecerão doze frades até o Capitulo presente, & entre elles o Veneravel P.F. Pedro Gonçalves, digno de santa-memoria.* Passou a ver o Senhor, que de ninguem se esquece, em dia da Immaculada Conceição de sua Mãe sacratissima, no anno de 1470, ou no seguinte, como tambem anda escrito.

9 No mesmo dia, mas no anno de 1588, terminou com santo fim sua penitente vida o P. Fr. Antonio de S. Maria, cuja Patria foi Viseu: primeira Mãe, que o gerou pera Deos na santa Religião, a nossa Provincia de Portugal; & a segunda, que o logrou homem feito, a dos Pa-

dres Antoninos. Ficou cõ elles quando ambas se partiraõ, & lâ foi Ministro Provincial, muito digno de governar no officio a os que no exemplo ensinava. E pelo que delle nos cabe, escrevo esta memoria.

#### CAPITULO XIV.

*De hum Peregrino, que fazia penitencia na mata deste convento.*

1  Ursava o mez de Julho de 1525, & a mata de sima, que responde a o Norte, era ainda mui brava, embaraçada com sylvas,

& in-

& intricada com outras plantas agrestes naquella mesma desordem, em que aviaõ nacido; & mais parecia hum triste covil de ferás, que de dia se escondem, do que bosque delectoso, donde a gente humana podesse tirar algũa recreação. Cõ muita difficuldade podião romper por ella, porque estava fechada, & quando muito avia hũa estreita vereda por baixo da rocha, na qual a espaços estavam algũas cruces, que servião de balizas a quem andava perdido nos labirintos do mundo, ou não sabia livrar-se deste enredo. Entrou nesse tempo pela mata hum noviço, chamado *Fr. Simão do Cercal*, ou fosse por mandado do seu Mestre pera apanhar algũa lenha, ou fosse com especial licença de se poder retirar na santa contemplação; & chegando à vista de hũa Cruz encontrou de repente com hum homem, que estava junto della, estranho no rosto, & peregrino no traje. Com este encontro hũ, & outro ficãrão sobressaltados: o Noviço, por ver neste lugar gẽte viva: o Peregrino, porque era descoberto, parecendo-lhe q̃ estava escondido, & foi tal a sua perturbação, q̃ não parou mais na mata, deixando nella (tanta foi a sua pressa) quanto trazia consigo.

2 Achãrão os frades, que dormia numa lapa, sem cama

a o menos de huns ramos, nem abrigo algum, senão o da mesma rocha. Nourra lapa estava o seu fatinho, o qual vinha a cifrar-se no livro nomeado *Vitas Patrum*, onde lia os exemplos d'aquelles Padres antigos, que queria imitar; & huns ferrinhos miudos, com os quaes fazia cruces pequenas, & imagens de Santos, por não estar ocioso quando se aliviava do pezo da oração: algũas dellas estavam já acabadas: as outras, começadas a fazer. Por estes sinaes tão claros vierão a assentar, que seria algũum homem muito amigo de Deos, o qual se escondera no monte pera fazer penitencia. E considerando mais, qual seria a sua sustentação, ficãrão persuadidos em que erãõ aservas do mesmo monte, ou aquellas, que se plantavão na uorta, & disto tiverão alguns indícios.

3 Faltava sómente conhecerem a pessoa, & isso acabãrão de saber por hũa Carta de recomendação, que tambem lhe ficou no seu fardel; & era de D. Martinho Lauceduno, Bispo de Nicòpoli, na qual se continha o curso de sua vida. Era Ungaro de nação, natural da vila de São Filipe, & chamavase *Ruberto de Offendens*. Seguiu algũum tempo com espirito Catolico a guerra

santa dos Christãos contra os Mouros, pelejando em batalhas perigosas, como foi hũa naval, donde ficou mui ferido. A isto se ajuntaraõ gravissimas, & mortaes enfermidades, consequencias infalveis dos desconcomodos da guerra; & vendose elle cada dia entre as unhas da morte, fez proposito de procurar a seu salvo por diferente caminho a vida bemaventurada, que nunca ha de ter fim. Pelo que encontrando em Italia, na cidade de Espolto a o sobredito Bispo lhe pedio seu beneplacito pera vestir o habito de S. Paulo Ermitão por tempo de sinquo annos, & peregrinar com elle visitando os lugares mais devotos, que tinha a Christandade, da santa Casa de Jerusalem até Sant-Iago de Galiza: O Bispo lhe concedeo a licença em 10 de Maio de 1524, encorredandoo muito á devação dos Fieis, que lhe dessem seu favor. Chegando a esta casa na romaria de Sant-Iago, que vio sua grande solidão, & muita comodidade pera viver quietamete na terra em meditações do Ceo, não teve pes pera passar adiante, mas embrenhado na mata se entregou todo a Deos. Parecia ter de tanto a perfeita humildade, que costumava esconder suas virtudes do mundo, & como foi descoberto nunca mais soubermos d'elle.

4 Neste estado se achava o convento, quando a Provincia de S. Antonio divididose da nossa o levou tambem consigo na sua repartiçaõ; & podenios afirmar que lhe coube boa sorte, porque ella o tem feito hum paraíso da terra, & hum retrato do ceo.

### CAPITULO XV.

*Celebra a Provincia capitulo, encomendanos o Papa a união com a Igreja de Roma, & entra na nossa Ordem o P. Fr. Rodrigo de Tavora.*

**N**O mesmo anno de 1408 Christo 1408, em que se principiou o convento da Carnota, teve a nossa Provincia no de Satarém aquelle grave Capitulo, de cujas disposições algũas vezes me tenho aproveitado no curso desta Historia. Os nossos Padres Observantes não fazião nelles ategora muita sombra, em rezão de lere poucos: mas iaõ pela calada multiplicando conventos, com os quaes andando depois o tempo vieraõ a alcançar o governo da Provincia.

1409 No outro anno seguinte succedeo a eleição do Papa Alexandre, V do nome, mas o III da nossa Religião assentando por

primeiro o Cardeal Fr. Vicedomino de Vicedominis, o qual sobressaltado da honra, que elle não esperava, & apertado da gente, que fervia na força dos perabens no mesmo dia, em que lhe derao a Cadeira de S. Pedro, a largou por sua morte. Foi o Papa Alexandre hum dos melhores Pontifices, que ouve naquelles tempos: tão pouco ambicioso desta maior dignidade, que estava resolute em deixalla se tambem o Anti-Papa quizesse fazer o mesmo, pera que elegendo ambos os bandos a outro se acabasse o scisma. Nenhum Alexandre ouve (se todos são liberaes) que o fosse mais que elle: tudo dava, porém com muito acerto, & quanto mais renda tinha em rezão dos beneficios, muito mais se empenhava nas dadiuas; & costumava dizer, *que sendo Bispo, fora rico: em Cardeal, fora pobre: depois de Papa, mendigo*.

3 Açou dividida, como a mesma Igreja, a nossa Religião por causa do dito scisma: mas nisto tinhaõ a culpa, (da qual dariaõ estreita conta a Deos) os Principes seculares, & os Reis, em cujas terras estavamos, que por seus respeitos, alheos de christandade, não queraõ consentirnos obedecer a o verdadeiro Papa, nem a o nosso Geral. E será gran-

de dor do coração, se estiver nalgum tempo degolado tristemente, & sem a cabeça, que Deos lhe deu, & os homens nunca lhe podem tirar, hum corpo tão honrado, & tão grande como he a ordem de S. Francisco. E não permita o Ceo, que pela mesma rezão nos venhão a obrigar que neguemos a obediencia do Papa: o que nunca nós faremos. O santo Pontifice Alexandre, pelo que tinha de Deos, & compadecido muito dos trabalhos, em que via sua Mãe a nossa Religião, no anno de 1410 expedio hũa gravissima bula, na qual amoestava os frades, que se congregassem todos à sombra do Ministro Geral, que era da sua obediencia<sup>b</sup>. Mas isto, que era exhortação pera outros, à nossa Provincia, que estava a seus pés, & muito obediẽte, servio de grande louvor. Nesse tempo o P. Fr. Vasco Pereira era nosso Ministro Provincial.

4 Lanço aqui a memoria do P. Fr. Rodrigo de Távora, porq̃ correo neste tempo, ainda q̃ não nos conste do anno determinado. Chamouse em quanto foi secular *Rui Loureço de Távora*, & imitando a seu pae Lourenço Pires de Távora no invincivel esforço, que he muito natural nesta Familia antiga, & illustrissima, seguiu as armas pela defensão da patria no governo d'El Rei

1410

b F. Luc. 16.  
5. an. 1409.a Plat. na  
sua vida,

D. João I. Acompanhou a armada, que a cidade do Porto lhe mandou em seu socorro, quando o Castelbano o tinha apertado no cerco de Lisboa; & noutras occasiões se ouve com tão notavel valor, que podéra ser hoje mui conhecido no mundo, se hũa grande desgraça não lhe manchára o nome. Governando a praça de Miranda do Douro se ajuntou contra elle a multidão de Castela: deu-lhe terriveis assaltos, com todas as suas forças, & não podendo vencer o seu valeroso animo, fingio carta, pela qual lhe ordenava ElRei; que se entregasse a partido, porque de presente não podia socorrello. Rui Lourenço, que não era menos leal, que valente, levou-se deste engano; & entregou-lhe a praça: mas depois de conhecello, foi tanta a sua magoa, que se julgou por indigno de apparecer mais entre gente; & sem esperar castigo de sua pouca cautela, que algũas vezes falta, elle mesmo se condenou a morte civil, com tudo muito honrada; na nossa Religião; & recebendo o habito entre os nossos Observantes. Via-lhe sempre com effluvia a tranha vigilancia em suas obrigações.

## CAPITULO XVI.

*Memoria do convento de S. Francisco de Setuval, & de hum milagre de S. Antonio.*

**D**ilatandose cada dia pelas comarcas do Reino o nosso Estado da Regular Observancia, no anno de 1410 se passou às partes do Alem-Tejo, & fez primeiro assento na vila de Setuval, seis legoas de Lisboa, nos confins do seu Arcebispado. São tão publicas as suas muitas ventagens, ainda a respeito de populosas cidades, q̃ não necessita hoje de nós a darmos a conhecer; porque se cõsideramos a sua antiguidade, posta no primeiro sitio; da outra bando do rio, onde agora dizẽ Troia, he opinião de gravissimos Aurores ser fundada por Tubal, neto do Patriarca Noé; & que nella ordenou as primeiras leis escritas; & as primeiras ceremonias no modo de invocarem a Deos, que se virão em Hespanha. Mudou depois de lugar, escolhendo o nas raizes daquelle terra notavel, chamada de nós Arrabida, & Monce Barbario dos melhores Antiquarios, onde em rezão da bondade do

1410

Monach.  
Lust. p. 11.  
c. 3.  
Facia ea el  
Epit. l. 1. c. 1.

Refeal.  
de antiq.  
Lust. l. 1.

leu

seu porto; abundancia de pescado, & de sal, & commercio cõtinuo de muitas naõs estrangeiras estã gozando de grande felicidade.

2. E se ouermos de fazer algum mysterio de comecar por esta vila nas terras do Alem-Tejo a Regula Observancia; era muito a propozito; que donde se estenderaõ as ditas primeiras leis, fuisse tambem agora os estilos Observantes, que nelle; & no Algarve se aviaõ de guardar; & que daqui; como do Monte Sion fairsa a Lei de Christo, procedessem os estatutos da Reforma Franciscana. Pelo que com algũa semelhança se fundou este convento na ladeira da serra assima dita; entre dous outeiros della; pouco distante da vila, donde fica dominando com vista religiosa a sua muita grandeza. Nã nos chegamos a ella por nã perdermos os interesses da alma; que se ganhaõ no retiro das conversações do mundo: os moradores porẽm, que multiplicavãõ casas, se fizerãõ mais vizinhos. A principal Fundadora foi hũa Dona gravissima, por nome *Mari-Anes Escolar*, filha de João Gonçalves Escolar, Vedor da fazenda d'ElRei D. Fernando, a qual como muito generosa na piedade Christã não sõmen-

te nos deu a terra, que era sua; mas tambem comprou algũa alhea pera inteirar o sitio. Na despeza das obras naõ foi menos liberal; posto que, como ellas eraõ grandes, ainda deixou lugar a agencia dos frades, & devaçãõ dos naturaes, pera que las ajudassem. Huns, & outros fizeraõ nisto milãgres, por que estã hoje o convento em singular perfeição. E por ventura, que a todos excedesse hũa neto da Fundadora; & herdeiro do seu zelo, o qual consumio aqui todo o seu patrimonio, & foi depois acabar de merecer hũa morada da Gloria em S. Bernardino de Arouguia, onde fallecẽõ novio.

3. Foi sempre este convento de grande autoridade na nossa S. Provincia, & por isso quando os Padres Observãtes, como já tenho escrito, pediraõ Vigairo Provincial a o Papa, expressamẽte foi nomeado na Suplica. O convẽto d'Alanquer em primeiro lugar: apoz d'elle Leiria, Setuval, & Viseu por esta ordẽ, com que aqui os escrevo; & depois as outras casas referidas em comum, sem declarar os seus nomes. Soube porẽm merecer por muitas vias a conta, em que o tinhaõ: pela muita caridade, & grandeza, cõ q das suas esinolas acudia a outros convẽtos pobres, como achẽi em lem-

ob. 1. b.  
p. 11. v. 2.

p. 1. l. 1.  
c. 25. v. 2.

brança pelos seus Memoriaes; & por causa da grande reformação, que o tinha posto em santo predicamento.

4. E na verdade são muitos os Servos de Deos, que aqui neste monte florecerão com o orvalho do Ceo. Hum delles o Veneravel Irmão Fr. Pedro, Biscaíno, & frade Leigo, o qual por meio da devação do espirito, mortificações da carne, & altissimo desprezo das vaidades do mundo agenciou com ambos os dous talentos da alma, & corpo, como piamente cremos, os riquissimos tesouros, que se possuem na Gloria. E assi acabou a sua vida com opinião de Santo, em testemunho (diz o grande P. Povoado) de bom religioso, como elle sempre foi, no mez de Outubro de 1479. Aqui tambem derão as almas a Deos os muito insignes Padres Fr. Goines do Porto, & Fr. Gonçalo de Lisboa, Vigairos que foraõ Provinciaes: porẽm a sua noticia tẽ lugar mais adiante.

5. Estavão mui em seu ser a policia do Ceo, & os santos costumes, que guardava esta casa, pelo que era amada dos Reis, & favorecida de sua munificencia. D. Afonso V lhe consignou cada anno os quatrocentos reis brancos, que dava a todos os mais conventos. Não só elle, mas juntamente seu filho El Rei D. João II em entrando nesta

vila, no maior aperto de seus negocios, pera se aliviarem vinhaõ buscar a conversação dos frades; & Deos, que disto fazia caso, claramente nalgũas occasiões se mostrou agradecido. Foi hũa, quando Diogo Tinoco descubrio a D. João a treição do Duque de Viseu, & dos seus apaniguados, que o querião matar; porque vestido no nosso habito, aqui o buscou pera lhe dar o avizo. E entendẽdo El Rei, que nisto em seu favor andava nosso P. S. Francisco, a elle oferecẽo, como em acção de graças, todas as roupas, de que estava vestido a o tempo, em que matou a o Duque: cujo corpo por sua Ordem tambẽ se enterrou nesta casa: pera que à sombra do mesmo Santo, com elle usasse Deos de sua misericordia.

6. Outro Duque, mas melhor afortunado, & muito digno de gloriosa memoria quiz ter a consolação de ser aqui sepultado, a o menos por emprestimo em quanto o não levavão pera a capela mór do seu moiteiro da Conceição de Beja, onde agora descança. E este foi o Infante D. Fernando, Duque da mesma cidade, & pae d'El Rei D. Manoel.

7. Não cessava tambem o P. S. Antonio de solicitar por sua parte a devação deste Povo com os milagres, que são nelle

Arch. do  
convent. de  
Vil.

p. 1. 3. c.  
39. n. 2.

ordinarios, como se vê no seguinte. Desamarrouse de noite a barca d'hum pescador, que tinha ficado preza, & saindo a o mar com a força da marê, não só se perdéo de vista, mas combatida das ondas, & de ventos encontrados, era certo que inteira a avião de forver, ou em pedaços arrêmeçalla á costa. O Pescador acudio a o convento pedindo com muitas lagrimas a S. Antonio, que lha quizesse guardar. E foi cousa admiravel, que em quanto elle esteve na oração, o Santo andou emparando, & governando a barca á vista dos moradores de Cezimbra, que está d'ahi tres legoas, até a meter no porto, & deixalla na arêa, a onde os mares não lhe podião chegar.

8 Deste modo caminhava o convento sempre de bem em melhor na obediencia da nossa santa Provincia, & dividindose della pelos annos de 1532 a outra, que se chama *do Algarve*, como elle ficava no seu distrito, tambem entrou nas suas partilhas. E não tornou pera tráz, antes tem crecido muito na perfeição, & grandeza.

(2)

## CAPITULO XVII.

*Padecemos oppressões: El Rei nos empara nellas: he seu Confessor, & Inquisidor F. Afonso de Alprão: Capelão do Papa, Fr. João Fernandes: Bispo de Marrocos, & Confessor da Rainha, D. Fr. Aimaro.*

**N**ão nos erão favoraveis noutras partes estes tempos, em rezaõ de alguns Ecclesiasticos encontrarem de publico as nossas immuniidades; & sabendo muito bem; como o Papa Benedicto XI nos avia totalmete izentado da sua jurdição, ou molestia oppressão pela bula, que começa *Inter ceteros Ordines*, não querião acabar de entender, que não podião obrigar nos a responder diante do seu juizo: mas hum erro enfronhado em paixão, muito de vagar admite o desengano. Nem ouve outro remedio, senão implorar o braço d'El Rei D. João I, que pois era Defensor da santa Sê Apostolica; & Conservador dos privilegios; que ella nos concedia; os fizesse inteiramente guardar.

2 Lavrava esta peçonha

pela

pela comarca de Braga, & rece-  
avão os frades que o Arcebispo  
della D. Martim Afonso Pires  
da Charneca os cativasse por  
subditos em recompensa dos  
vassallos da sua mesma cidade, os  
quaes elle tinha dado a ElRei;  
& tinhaõ muita rezão de temer  
pelos agravos, que cada hora  
sentiaõ. Nas partes de Santarém,  
& Lisboa não consentiaõ os di-  
tos Ecclesiasticos que vivessem  
quietos, porque pela maior par-  
te estavão doentes da mesma  
enfermidade. E informandose  
disto a piedade Real, a os 7 de  
Dezembro de 1411 ordenou  
por hũa carta a o seu Corregedor  
no Entre Douro, & Mi-  
nho, chamado *Gongalo Vasques*,  
que não soffesse a o dito Arce-  
bispo, que elle, ou seus Minis-  
tros nos quebrassem este nosso  
privilegio<sup>b</sup>. No mez do Março  
seguinte mandou isto mesmo  
em geral por outras duas provi-  
soes às Justiças do seu Reino,  
com expressa advertencia, que  
nem a o Cardeal Arcebispo de  
Lisboa consentissem, que nos  
fosse nalgũa cousa molesto: Cõ  
estas demonstraçoens de sua be-  
nevolencia tomamos algũ alento,  
em quãto o perseguidor dos  
justos não levantou contra nós  
outra tormenta maior.

1412

3 Mas quando em Portu-  
gal nos estavão oprimindo a  
quelles mesmos Prelados; a que  
nós com a doutrina ajudavamos

a curar suas ovelhas, entãõ nos  
honrava mais o Pastor univer-  
sal, & quiçã por fazer esta lizon-  
ja a o Rei, que era nosso empa-  
ro. Governava nesse tempo a  
Cadeira de São Pedro o Pa-  
pa João XXII, & por outra  
conta XXIII, & querêdo com-  
prazer à Infanta D. Isabel, de  
quem era familiar, & domestico  
o P. Fr. João Fernandes, no an-  
no de 412 o fez Capelão da  
santa Sê Apostolica<sup>d</sup>. E este de-  
via ser na casa desta Infanta, co-  
mo eraõ os Frades da Rainha, &  
d'ElRei, a quem elles traziaõ em  
seu serviço<sup>e</sup>.

4 No anno seguinte fez  
Inquisidor Géral por contem-  
plação d'ElRei a seu Confessor  
Fr. Afonso d'Alpraõ, cuja me-  
moria desenterrei a pedaços de  
alguns papeis antigos. Nacõ  
na vila de Santarém, onde co-  
meçou o apelido *Alpraõ*, deri-  
vado de hum bairro, que tem o  
proprio nome, entre a Igreja  
de Marvila, & a torre do relo-  
gio. Aquí tambem se achã ou-  
tra Igreja pertencente à Ordem  
de Malta, que se chama *S. João  
d'Alpraõ* por occasiã do sítio; &  
por ser muito antiga nos querẽ  
dizer agora, que foi Mesquita  
de Montos antes da sua expul-  
sãõ. Nisto não replico eu: com-  
tudo em elcreverem, que seu a-  
pelido he *Alporãõ*, corrupto de  
*Alcorãõ*, nenhum fundamento  
tem, porque está em contrario a

d Fr. Luz.  
tom. 5. an.  
1412,e p. 1. 2. c.  
10. n. 3.

1413

b Arch. de  
S. Franc. de  
Guim.Luiz  
ju 2. 10. 11c de s. Fran-  
cisc. do Por-  
to:  
de s. Clara  
de Sant.

pronunciaçãõ ordinaria do nome nos vizinhos desta vila, & em muitas escrituras, com as quaes lá encontrei no mosteiro de S. Clara. Numa dellas, que foi feita em Flor da Rosa, a 12 do mez de Junho, anno de Christo 1374, se contém, que *Diogo Alvares Pereira, Comendador da Baillia de Sanhoanne d'Alprão em Santarém* fez procurador a *Fr. Afonso* da mesma Ordem pera tratar do que convinha a esta sua Comêda. Derivado pois d'aqui o apelido *Alprão* pera muita gête nobre, com elle achamos a *João Pires d'Alprão*, Chanceler mór do Reino, *Fr. Pedro d'Alprão*, Guardiãõ de S. Francisco desta vila, & *Fr. Afonso d'Alprão*, cuja noticia damos, posto que inferior à honra, que por elle alcançou a nossa Religião.

5 Foi Mestre na S. Theologia, Ministro Provincial por eleição da Provincia, Comissario, & Vigairo geral no Reino por nomeação do Ministro geral, & Confessor d'El Rei D. João I. Tudo isto nos consta por escrituras antigas, das quaes basta, que apontemos só duas. No anno de 1407 a 20 de Fevereiro confirmou hum prazõ do mosteiro d'Entrambos os rios dizendo estas palavras. *Eu Fr. Afonso d'Alprão Vigairo, & Comissario do Ministro geral confirmo.* E El Rei na ultima das suas cartas já referidas affirma declarou,

que lha pedira *Fr. Afonso d'Alprão* Mestre em Theologia, Ministro da Ordem de S. Francisco, & nosso Confessor. Sobre estas dignidades veio caído de molde a que lhe deu o Pontifice de Inquisidor geral em ambos os Reinos de Portugal, & Algarve, & nas mais terras vizinhas, onde fosse necessaria a Santa Inquição. A bula, que foi passada em Roma no primeiro de Junho de 1413, lhe chama *Fr. Afonso de Alfran*, & facil cousa seria mudar lhe o Impressor hũa letra. Mas por aqui se acabão as noticias de hũ Varão tão illustre.

6 No mesmo anno, a os 10 do mez de Maio, estando vaga a Cadeira de Matrocos por morte de D. Fr. Dlogo de Xerez, nomeou o dito Papa por Bispo della a o P. Fr. Aimaro, Confessor da Rainha D. Filipa, entendendo que nisso lhe dava gosto. Tambem achei, que lhe chamão *Fr. Aidomaro*, & sempre foi arriscada a pronunciaçãõ, ou impressãõ de hum nome estrangeiro. De sua pessoa, adiante temos muito que dizer.



## CAPITULO XVIII.

*Morte Santa da Rainha D. Filipa, & lembrança dos favores, que nos fez.*

1415

**D**EIXAMOS ha muito tempo de referir successos particulares do Reino, porque pela maior parte não tinhaõ correspondencia com esta nossa Provincia, & agora tornamos a tratar delles, mas com grande sentimento de nos ser tão necessario começarmos pela morte da Rainha D. Filipa, molher d'El Rei D. João I, porque se nella perdêrão os Portuguezes consolação, & emparo, os nollos Franciscanos ficaram orfãos sem hũa mãe amorosa, que era o seu remedio.

**2** De Inglaterra a trouxe Deosa o nosso Portugal, & certo he, que mui longe avemos de ir buscar a molher forte, & valente na virtude. Era filha do Infante D. João, Duque de Lãcastro, & da Duqueza Madama Blanca, & neta pela parte de seu pae, d'El Rei D. Duarte o III deste nome. Sendo o sangue Real, o espirito tambem era de generosa Princeza na religião com Deos, & piedade com todos os seus vassallos. Por sustentar honradamente a quem servia

a Deos, onde via mais virtude, pera lá se inclinava o pezo da caridade. Se convinha comprar ella por dinheiro a paz amigavel dos vassallos, que estavaõ defavindos, por mais que nisso gastasse, ainda assi cuidava, que lha vendião barata. E entendêdo tambem ser a esmola hũa redenção das almas cativas pelo pecado, tantas fez em sua vida, & tornou a fazer no tempo de sua morte por ordem do Bispo seu Confessor D. Fr. Aimaro, que bem podemos cuidar que teria a sua resgatada com ventagens.

**3** Em quanto ella vivêo não padecêrão misérias os Frades de S. Francisco, & isto lhe procedia não sómente da devação, que nos tinha, & herdára de seus paes: mas tambem, porque no Porto do nosso convento, onde El Rei estava apozentado, a foi receber por sua molher na Sê. São notaveis as memorias, que neste particular encontrei pela Provincia, de tanto maior estima, quanta he a differença das condições, & dos tempos. Obra foi sua, grandiosa, & magnifica, a Igreja de S. Francisco de Leiria, como nos està dizendo o escudo de suas armas Reaes à mão direita no frontispicio della, & o d'El Rei à esquerda; & quem só a elle dá por Autor desta fabrica, bẽ poderá contentarse de lhe darmos

Proverb.  
34. vers. 10.

6 Faria p. 3.  
c. 11. d. 14.

parte

cp. 11. 3. c.  
39. d. 4. & c.  
40. n. 1.

parte nella. Desejou com todo o coração transferir pera o Porto as freiras d'Entrâmbos os rios, que estavão naquelle lugar muito mal acomodadas: pediu licença pera isso a o Papa, porém a morte lhe impedio o efeito; & como só isto levava atravessado, que lhe podesse dar pena, com tantas ansias o deixou encomendado a ElRei, que tornando elle vitorioso de Seita, em menos de sete mezes foi lançar por sua mão a primeira pedra no edificio novo, como já tenho escrito.

4 Taes eraõ todas as outras virtudes, de que estava ornada, das quacs tratão os Chronistas deste Reino por ser esta a sua obrigação, mas por muito, que voãraõ suas pennas, não podiaõ dar alcance a o que ella obrou. Foi cousa mysteriosa, que estando ella occupada com as suas devažões, então lhe chegasse o avizo, que lhe mandava a morte de como vinha buscalla; & que quando ella veio, se achasse presente a Senhora Mãe de Deos. Tinha se retirado a Sacavém, de Lisboa, por causa da peste, que ardia na cidade, & atecandose depois naquelle mesmo lugar, ElRei lhe acõsellou, que fossem pera Odivelas. Veio nisso por não faltar a seu gosto, por em com declaração, que elle se fosse logo; & ella iria depois de acabar com as suas ora-

ções. Nesta detença, que fez até o meio dia sem se sair da Igreja, a ferio o mal da peste, & sendo levada a Odivelas, là se conheceo, que fora mortal o golpe.

5 Era devotissima da Virgem Senhora nossa, & mui em particular da sua Anunciação: em tanto, que tomou este mysterio por timbre de suas armas, que ainda hoje vemos no dito convento de Leiria, onde poz a sua santa imagem, que se chamava *Nossa Senhora do Anjo*: mas tambem alcançou o seu favor no tempo da morte, que era mais necessario. Pouco antes lhe appareceo a Senhora clementissima, & ella fervêdo em alegria, levãtadas as mãos com os olhos a o ceo lhe disse estas palavras. *Bem dita sejas Senhora, pois do vosso trono, & majestade Real vindes visitar a esta humilde serva.* E pegando da roupa da cama a beijou com profunda reverencia, como se nella beijãra os seus santissimos pés. Finalmente, por se parecer em tudo com a mulher peregrina, que Deos pintou a seu modo como toquei a principio, com a boca cheia de riso neste derradeiro dia lhe entregou sua alma em quinta feira, 17 de Julho de 1485. O seu corpo está hoje no convento da Batalha.

## CAPITULO XIX.

*Quanto obrou, na tomada de Seita por ElRei D. Ioão*

*I, o P. Fr. Ioão*

*Xira.*

1415

**D**Odéra esta tormenta da morte da Rainha, que na verdade foi grande, desfazer a maior, & mais fermosa armada, que nunca avião visto estes mares de Hespanha, & ElRei tinha junta em Lisboa pera conquistar a Seita. Parte della se aparelhou, & fez na mesma cidade: a outra veio do Porto por industria do Infante D. Henrique. Dizem della, que constava de mais de duzentas velas entre grandes, & pequenas, aprestadas todas sem hũa praga, nem queixa (efeitos do bom governo); & estando assi juntas succederão alguns casos, que o vulgo ignorante julgava por mau pronostico. Falecêo a sobredita Rainha, cuja morte quebrantou o coração a ElRei: viose o Sol eclipsado, que por ser naquelle tempo fazia algum pavor; & o contagio da peste, que ardia na cidade, não estava ocioso na armada, antes feria a muitos. E podendo tudo isto acovardar o seu animo sempre invicto, & sempre

vitorioso, o Ceo o foi confortando pera seguir a empreza.

2 Antes que tratasse disto pediu conselho a muitas pessoas graves; & entre ellas a o nosso Fr. João Xira, que era seu Confessor, as quaes lhe certificarão como assi importava a o serviço de Deos, honra propria, & reputação do Reino; & agora não obstantes os novos impedimentos, este mesmo Confessor o animou na sua boa tenção. Pelo que pondo elle em Conselho se faria a viagem, & os votos empatados, resolveo da sua parte com grandissimo valor, que navegasse a armada. Era hũa quinta feira, dia de Santiago maior, Patrão de Hespanha contra os Mouros (não digo contra Christãos), 25 de Julho de 1415, quando desferindose as velas do porto de Lisboa se engolfárao no mar, demandando o Cabo de S. Vicente pera surgirem em Lagos, que he no Reino do Algarve. Parecia já hum triunfo glorioso antes de ter a vitoria, com o qual assi ElRei, como alguns de seus filhos, & a flor dos Nobres de Portugal passeavaõ com galharda bizzarria pelos campos de Neptuno, humilhado a seus pés.

3 Mas tinhaõ por certo o vencimento não somente no esforço de seus braços, senão tambem no socorro do Apostolo

lagrado, a o qual o Infante D. Pedro, por memoria de o ter ajudado a vencer, dedicou o novo convento, que nos fez naquella praça. Sobre tudo navegavão confiados debaixo da protecção de Christo sacramentado, a quem El-Rei, como a seu General entregou esta armada, levando nella com grande ostentação. E depois nos feryotes do combate muito manifesto foi, como tambem pelejou da nossa parte, por quanto ficando numa galé acompanhado de sacerdotes, & exposto no altar, das muitas pedras, & viyotes, que atiravaõ os Mouros, nenhum delles lhe chegou: antes desta meza poderosa estava elle combatendo a cidade, & a sua Espada de Gedeão fazia em todos cruelissimo estrago.

4 Ninguem sabia, tirando os do Conselho, pera onde navegavão, & no segredo esteve o bom successo: porém chegando a Lagos mandou El-Rei sair a gente em terra, & que o seu Confessor Fr. João Xira, Franciscano lhe declarasse do pulpito os intentos da armada, animandoos a todos a pelejar com valor contra aquelles inimigos do nome santo de Christo, & da sua Fè Catolica. Tão vivas, & penetrantes foraõ as suas rezoês,

que com ellas os tornou a exhortar Martin Paes Capelaõ mór do Infante D. Henrique quando já a sua gente desembarcava em Seita: De mais dístico, como Prégador Christão, & religioso fez grande força pera lhes persuadir, que com a virtude de ambos os Sacramentos Confissão, & Comunhaõ confortassem os vigores do seu braço. E pondo fim a o sermão, publicou do mesmo pulpito a bula da Cruzada, que o Papa tinha dado pera esta santa guerra, concedendo, & applicando a todos as indulgencias, que nella vinhaõ escritas.

5 Foi grande o alvoroço, que levantou esta nova no orgulho Portuguez, desejando cada hum ser o primeiro, que rompesse pelos Mouros. Seguirão sua derrota com diferentes successos, ordinarios no mar, cuja relação remetõ a os Cronistas do Reino porque elles não se queixem de lhes tomar o officio. Mas tem muito, que dizer, & todos que admirar nos milagrosos socorros, com que o Senhor poderoso dos Exercitos ajudou a obrar maravilhas nunca vistas o valor dos Portuguezes. Saltaraõ em terra a 21 d'Agosto, & o mesmo foi pizalla com seus pés, que tomarem posse della, porque logo

a o primeiro encontro, que os Gigantes de Africa trabalhavao por defenderem a praia; começaraõ a sentir os golpes da nossa espada, & saindose do campo, quando cuidavaõ que na cidade se poderiaõ salvar, a o entrar pela porta os seguirãõ, & perseguirãõ os nossos metendolhes dentro a sua destruição. Custounos ella tão pouco, que só morrerãõ oito homens, a quem faltou a ventura de lograr o gosto desta victoria: & a elles, infinidade de gente, prizioneira, & morta. Finalmente as sete horas da tarde citava ja despregada no castello sobre as torres mais altas a bandeira de Lisboa.

6 Deste modo, com esta facilidade, pelejando da nossa parte o Ceo ganhou ElRei D. João I hũa Praça, que era a principal de toda a Mauritania, Seminario das suas letras Arabigas, Oficina de muitas obras de preço, Emporio riquissimo de Europa, & de Africa; & assombro formidavel de Hspanha, depois de a lograrem os Mouros setecentos annos, desde tempo do ultimo Rei Godo D. Rodrigo de infelice memoria. Com tudo não se deteve em agradecer esta gloria a Deos pelo modo, que entãõ era possivel, & foi converter em casas de oração, onde poderiaõ ser louvado, as torpes

Melquitas; em que era ofendido. E assi ordenou a o seu Capelão mor Afonso Eanes, & a o seu Confessor F. João Xira, que no domingo seguinte estivesse muito limpa a maior, que foi dedicada a o nome soberano da Assunção da Senhora, pera que nella se podesse dizer Missa. Nesta solennidade pregou o mesmo seu Confessor com muita galantaria, & entre outras acomodou christãmente o dito de Julio Cesar noutra tal occasião: *Veni, vidi, vici*; & foi o mesmo, que dizer: *cheguei, vi, & venci*: dizendo ella agora, como em nome d'ElRei: *Veni, vidi, vici Deus*; & veio a ser seu ditto: *Eu vim com esta armada, assistei Senta, & Deos he o que a venceo*. No mesmo dia, & na propria Igreja armou ElRei Cavaleiros a seus filhos; & voltando a o Reino trouxe consigo o Padre Fr. João Xira.

## CAPITULO XX.

*Mostra-se como o dito Fr. João Xira foi frade de S. Francisco, Confessor, Pregador, & Conselheiro d'ElRei.*

**N**Aõ sei com que fundamente o pretendia por seu quem em parte não lhe sabia o nome.

Chamoulhe *Fr. João de Xira*, lendo assi, que todos os Escriitores, & todas as Escrituras lhe chamão *Fr. João Xira*. Achei em hũa Memória, que era Galego, & se a caso o dizem por lhe parecer estranho seu apelido, hum D. Xira, fidalgo muito antigo tivemos em Portugal como diz o Conde D. Pedro<sup>a</sup>, & já nestes nossos tempos Luiz Xira Lobo era Capitão na India da Fortaleza de Chãle<sup>b</sup>. Mas fosse elle Galego, ou Portuguez, o q̄ nos importa he, determinar cō certeza como pela profissão era Frade Franciscano.

2. E bem podemos queixarnos do P. Fr. Afonso Fernandes não fazer nesta materia tanto exame, quanto era necessario. Tirounos pera dar â sua sagrada Religião dos Prêgadores, tão rica de grandes prendas, o P. Fr. Fernando Ilhescas, Confessor d'El Rei D. João o I de Castela: sendo assi, que vestido no nosso habito, o qual trazia patente como frade que era de S. Francisco, o viraõ em Portugal, medianeiro das pazes, que pedia o seu Rei. Tomounos tambem o P. Fr. Fernando de Astorga, Confessor dos nossos Reis D. Fernando, & D. João I: mas já o tenho repostto na nossa Ordem Serafica: Agora nos quiz tomar o P. Fr. João Xira, dando motivo a o gravissimo P. F. Luiz de

Sousa pera nisto seguir o seu parecer. Com tudo, entendo eu que facilmente o aviaõ de largar se lhes cõstara da nossa muita justiça, a qual irei alegando, & de caminho se veraõ no curso de sua vida as dignidades, que teve.

3. Buscando pois o principio, em 28 de Oitubro de 1391 estava por morador em S. Francisco de Lisboa, porque no proprio dia emprazando nelle os confrades do mesmo Santo Serafico certa quinta a Estevão Leite, declarou o Escrivão pelo seu estilo barbaro, que se achára presente com outros religiosos *Fr. João Xira Bachaler em Theolezia*. Brevemente se fez Mestre, tomando o grao dentro das nossas Escolas, onde costumava dar se por autoridade Apostolica, & sendo Visitador das freiras de S. Clara no primeito de Março de 1396, com ambos estes dous titulos de *Visitador, & Mestre* confirmou hũa doaçãõ no mosteiro d'Entrambos os rios pelas palavras seguintes: *Fr. Ioannes Xira, Magister, & Visicator*. Quem tiver algum escrupulo nesta, & noutras taes Escrituras, q̄ pertencẽ a este mesmo mosteiro, & adiante avemos de referir, faça muito pelas ver nõ Archivo de S. Clara do Porto. E isto, q̄ já bastava pera todos o julgarem por Frade de S. Francisco, se verá muito

p. 22, c.  
19. & 21.

Tit, 68.

6 And. na  
Cron. d'El  
Rei D. Ioam  
3. p. 4. c. 57.

6 Concert.  
Paz. dic. in  
Catal. Cõf.  
& Paz. dic.

d Lop. na  
Cron. d'El  
Rei D. Ioam  
1. p. 2. c. 119.  
& 140.  
Cunha c. 75  
F. Luc. tom.  
4. au. 1319.  
B. 4.

f Arch. da  
Igreja do  
Esp. S. em  
Lisb.

mais claro no que logo escrevemos.

4 Tinha professado nos Claustraes da nossa Ordem, que estavão dispensados, & usavão as formaturas de *Mestre*, & com desejo de seguir melhor a perfeição Evangelica se passou a os nossos Observantes: mas cá vieraõ importunallo as honras, de que elle se queria escusar. Reformou na Regular Observancia o convento de Leirias, & nella foi, como ainda diremos no de Seita, Vigairo Provincial. Mais de vinte & cinco annos governou o dito mosteiro d'Entrambos os rios, & só hum zelo ardente, & incançavel, qual sempre era o seu, poderia aturar por tanto tempo tão trabalhoso officio, como he governar freiras, posto que pera ellas proveitoso, por quanto governandose per si, nunca são bem governadas. Era seu Visitador, & Governador; & d'aqui se passou a ser seu Procurador. Pelo que trabalhou muito com a Rainha D. Filipa, que o mudasse pera a cidade do Porto, onde então se melhorava de tudo; & vendo que ella não tinha vida pera lograr seu desejo, intou depois com El Rei, que logo lhe desse execução. Acompanhou até a mesma cidade, exhibio a o Juiz Apostolico o breve da fundação, & lançadas na Igreja as pedras fundamêtaes

no anno de 416, foi correndo com as obras.

5 De todas estas agencias, a o menos das mais dellas, deu testemunho o Rei na Carta, que depois de se tornar pera Cintra escrevêo a todo o Reino, na qual diz as palavras, que se seguem. *Fazemos saber, que estando nós na cidade do Porto, o Mestre Fr. João Xira, frade da Ordem de S. Francisco, & nosso Confessor nos requerêo, & pediu de mercê, que edificassemos na dita cidade o mosteiro de S. Clara d'Entrambos os rios.* Isto mesmo acerca do seu estado de Frade de S. Francisco declarou o Papa Martinho V numa bula, na qual lhe encomendou algũas cousas tocantes a o mosteiro, chamandolhe expressamente *Ordinis Fratrum Minorum Professor*: no que veio a dizer, *Professo na Ordem dos Frades Menores.* Pedindo elle tambem a D. Antão, Bispo do Porto o treslado desta bula, elle lho mandou passar com gravissimos encomios de sua pessoa, os quaes rematou dizendo, que era *Freire professo da Ordem de S. Francisco.* E quem averá agora, que possa fazer quebrar esta corda Franciscana de tres fios, com que o estão cingindo hum Papa, hum Rei, & hum Bispo?

6 Eis aqui como era Franciscano, & não Dominico, o P. Fr. João Xira, que servio a

ElRei em tantas cousas na viagem, & na tomada de Seita. E por não culparmos a todos os Cronistas seculares de não expressarem bem hũa pessoa tão grave, acertou de ter virtude de Gomes-Eanes d'Azurara, pera lançar este titulo na pregação, que fez em Seita. *Sermão do P. Fr. João Xira da Ordem de S. Francisco*. Fica tambem manifesto do que deixamos escrito em ambos estes capitulos, como foi Prêgador, Confessor, & Conselheiro d'ElRei, & tudo isto grangearão suas letras, & sua grande prudencia. O demais, que lhe faltou, são favores da Fortuna, que não acompanhão sempre o maior merecimento.

7. Hum conselho memoravel deu elle a ElRei, que ouveraõ de tomar, por não acenderem fogo nas Religioes sagradas, nem fomentarem litigios, quantos desejão guardar boas rezoões de Estado. Succedeo em hum mosteiro gravissimo elegerem em discordia dous Prioros, os quaes ambos vierão no mesino ponto à Corte, & a rezão principal, em que cada hum fundava toda a sua justiça, eraõ as culpas, & os defeitos, que arguia no outro. O Rei, que era christão, & prudente, escandalizou se disto: fechouse com este seu Confessor, & tomando seu conselho

mandoulhes dizer por elle, que logo tornassem a o mosteiro, & dizendo todos missa a o Espirito Santo elegessem conformes a hum Prior benemerito, & que então pediria pera elle confirmaçãõ a o Papa. Deste modo elegeraõ hum tão livre de ambiçoẽs, que difficultosamente aceitou o Priorado; & com isso se acabou a contenda em mais honra do mosteiro, do que ouvera de ser se fora continuando. Não haja revolvedores de fóra, que inquietem os frades, nem pretendão conhecer de suas causas, nas quaes não tem jurdição, & elles se comporão das suas portas adentro sem estrondos, nem escandalos.

8. Não nos consta a o certo, quando nos faltou na terra este grande Conselheiro. Era vivo em 16 de Outubro de 425 quando o Bispo do Porto lhe passou o sobredito traslado: avia já falecido no tempo, que as freiras d'Entrambos os rios se mudaraõ a o seu mosteiro novo em 22 do mesino mez de 427; & entre estes dous termos se encontrou com a morte, q o tirou deste mundo.

(?)

Arch. de  
S. Cruz de  
Col. b. em  
hum liv.  
pequ. s.

## Origem, & successos do Real convento de Nossa Senhora das Virtudes.

### CAPITULO XXI.

*Em que lugar, & de que modo appareço a Senhora, & qual he a sua santa Imagem.*

1419

**D**A estrada Real, que corta pela charneca da Azambuja a o Cartaxo, começa a decer à mão direita com passos lentos a terra, & assombrada de pinheiros, & d'outras arvores sylvestres vai entestar mais abaixo nos fertilissimos campos, que o Tejo enriquece com suas inundações, & às vezes empobrece. As terras baixas, & calvas, onde pára esta decida do monte, confrontão com hũas valas, que recolhem as agoas perdidas do dito rio; & outras, que se ajuntão das chuvas, as quaes valas comũmente são chamadas as *Ademas*. São esteriles, mas muito acomodadas a quem trata do espirito pera nellas contemplar a ingratição dos homens, que não respondem a Deos com fruitos de penitencias, & a grande caridade, com que ellè lofre a sua obstinação. Tudo isto estava des-

povoado, & quem quizesse vergente avia de ir buscalla a estrada, ou a vila da Azambuja, ou em Aveiras de baixo, que são os povos vizinhos, & distantes pelo menos meia legoa. Muito a caso se via hum lavrador, que trabalhasse no campo, ou hum pastor, que guardasse o seu gado: mas ouve hum tão ditolo, que achou na brenha mais escondida a clementissima Senhora, a qual com sua presença neste deserto fez Corte, pera onde concorreo infinidade de gente a pedirhe seus favores.

Corria então o anno de 1403, quando o dito Pastor andava por estas partes apacentando hũa manada de vacas, da qual lhe fugio hum touro, que brevemente se embrenhou pelo mato, & indo em seu alcance o encontrou de joelhos, & com a cabeça baixa, representando em tudo humildade, & profunda reverencia. Palmou o Vaqueiro de o ver nesta postura, faloulhe, pregoulhe o agvilhão, & quanto mais força punha pelo fazer levantar, mais immovel o sentia. Com isto foi maior o seu espanto, & como fóra de si correndo os olhos pelos enredos da mata vio estar num syl-

veira a Imagem da purissima Senhora, que o tinha a seus pés atordoado. Aqui chegou a o ultimo a sua perturbação, porque caio de repete esmorecido por terra, & o touro se ergueo muito usão de aver ensinado a hũ rustico o respeito, que se deve á Senhora Mãe de Deos. Nunca se pode saber quem a poz nesta sylveira, mas os efeitos mostraraõ que fora obra do Ceo.

3 O Vaqueiro, que se viu com esta joia taõ rica, deu noticia a outros pera que lhe dessem os perabens, & juntos todos lhe armaraõ hũa ermida de ramos, apozento mui humilde pera rãõ alta Senhora, posto que ella na terra com seu Filho Unigenito, outro mais defabrigado tiveraõ já em o Portal de Belẽm. Mas por quanto, invocado o seu nome, começou Deos a fazer estupendas maravilhas naquella choupana pobre, parecẽo conveniẽte melhoralla de hospicio, levantandolhe ermida feita de pedra, & cal. Quizerãõ fugir do sitio, em que tinha aparecido, por não se julgar por bom, & começaraõ a obra em outro lugar mais alto, & mais lavado dos ventos, onde chamaõ a *Coroa do Pinhal d'ElRei*, que fica junto da cerca, no qual ainda se vem hũs vestigios antigos. Porém a Virgem santissima, taucosa do primeiro, que começou

a ser fonte de suas misericordias, logo se tornou a elle pela virtude Divina, & foi necessario fazerlhe casa de novo, a qual depois se transformou no convento.

4 He tãõ pequena esta devota Imagem, que medindo juntamente com o tronõ, em quo está assentada, não chega a ter meio palmo de comprimento. Tem o Minino Jesu assentado no regaço sobre a parte direita, onde o costumãõ ter muitas imagens milagrosas, & antigas como mostrei em algũas, as quaes ajunto agora a de *Santa Maria dos Oliveas* em Tomar. Cõ a mãõ esquerda mete na boca o peito a o Filho amoroso, porém elle a modo de esquecido da sua sustentação, com os olhos se revẽ na fermosura da Mãe, & ella em boa correspondencia na beleza de tal Filho. Tudo isto se lavrou num pedaço de marfim, do qual sairãõ tambem as roupas, de que ambos estãõ vestidos. Falta o braço direito, & dizẽ que lho quebrou por descuido, ou com tenção de guardallo como singular reliquia hũa das nossas Rainhas, chamada *D. Leonor*: mas não declãõ, qual foi das que teve Portugal depois do seu aparecimento, catadas com os três Reis *D. Duarte*, *D. João II*, & *D. Manoel*; & mais a conto nos fica não o sabermos agora, por perdermos

p. 1. l. 1.  
c. 19. n. 3.

o escandalo de quem fez hum furto tão indiscreto.

51. Começou se a chamar esta Senhora Santissima por occasião do sitio *Santa Maria das Aduanas*. Depois de se conhecer, que pera fazer milagres tinha singular virtude comunicada de Deos, foi chamada *Santa Maria das Virtudes*; & algũs dell'es contaremos adiante.

### CAPITULO XXII.

*Funda o Infante D. Duarte esta casa por devação da Senhora, compra sua fundação a grande custo, & obra nella quanto lhe he permitido.*

**E** Stando nesta altura a Senhora das Virtudes, fazendo prodigiosos milagres, succedeo a jornada de Seita, na qual o Infante D. Duarte, a quem hoje por ser filho Primogenito, & futuro successor d'El Rei D. Joã. I. nõs chamariamos *Principe*, avia tambem de acompanhar seu pae; & como esta empreza tinha mais de arriscada, que segura, procurou por muitas vias o auxilio do Ceo. Pedio socorro a esta Virgem Santissima, rogou a os nossos frades, que o encomendassem em suas orações, & por

conseguir tão importantes ajudas, como na verdade eraõ, propoz logo fazer aqui hum convento, onde fosse bem servida a Imperatriz dos Anjos, & prometõ a os frades que seria da nossa Religião. Desta sua piedade deu elle bom testemunho na Carta da doação, que nos fez deste proprio convento, dizendo estas palavras. *Fazemos saber, que nõs avendo grande devação, & fiuza em a muy Alca Senhora Mãe de Deos, da qual por experiencia muitas vezes sentimos, que era nossa singular avogada procurandonos de seu santo Filho largos, & grandes beneficios com abundanças de ricas mercês, propuzemos quando com El Rei meu Senhor, & Padre fomos na comada de Seita, edificar hum moesteiro de S. Francisco na Ermida de Santa Maria das Virtudes. Alcançada aquella grande victoria, q̃ sempre será admirada pelo mundo, & tornando a o Reino executou fielmente o que tinha prometido, como palavra de Rei.*

2. Ouve licença do Papa Martinho V a os 3 dias de Março de 1419, & avendo nella vicio, que primeiro se avia de suprir, & hũa clausula, que se devia guardar, naõ lhe soffreo o coração tantos vagares, mas logo principiou o convento povoando de frades da Regular Observancia. Destas prestatas faz menção a segunda licença, que logo virã a publico, & ja no an-

no seguinte, a 15 do mez de Maio eraõ aqui moradores Fr. João das Marinhas, & F. Diogo da Veiga, os quaes forão testemunhas no assento d'hum milagre, que então fez a Senhora. Pelo que não foi informado bẽ o P. Gonzaga<sup>a</sup>, ou o erro seria do Impressor, em lançar a fundação, & licença muitos annos adiante.

3 Foi o vicio da bula, dizer ella que a Igreja de S. Maria d'Aveiras de sima; em cujo distrito se achava a ermida, pecten- cia com todos os seus decritos às Comendadeiras do mosteiro de Santos em Lisboa; por quanto não tinhamo nella senão a autoridade de apresentar Prior, & a elle tocavão os seus benefices. Faltava tambem o cumprimento da clausula, a saber que daria a o Prior bastante satisfação pelas ofertas, que traziaõ a Senhora pelo discurso do anno; & nisto se concertaraõ depois em doze moios de trigo, cada hum de sessenta, & quatro alqueires, nas suas terras, que logo foraõ declaradas. Feito isto, impetrou outra bula do mesmo santo Pontifice a os 30 de Setembro de 428, em cuja execução o Bispo de Sylves D. Fr. Alvaro, a quem veio remetida, acompanhou o Infante, & deixando no convento foi às Aveiras de baixo, onde ouviu o Prior Vasco Domingues, & co-

cordadas as partes em 5 do mez de Maio de 429 confirmou o contrato, & fundação do convento.

4 Tanto cabedal meteo o generoso Infante em resgatar as ofertas da mão do Prior, comprandoas com doze moios perpetuos de trigo, as quaes hoje não montaõ doze alqueires. São as mudanças do tempo; que não sabem perdoar a osanto, ou sagrado. Mas tambem os Priores as sentiraõ, por quanto estaõ extintos, & unindo a Igreja a o seu mosteiro as ditas Comendadeiras, pozeraõ Vigairo em seu lugar, & ficaraõ com os moios. Podem ellas consolar-se de acharem tanta graça na Senhora das Virtudes, que da sua mão lhes viesse esta renda, pela qual devem ser agradecidas.

5 Acabado o concerto, & julgado por sentença, entregou o Prior a o P. Fr. Gil Lobo, Confessor do Infante todas as joias, & ornamentos, que avia na ermida, & elle por sua ordẽ fez tambem entrega dellas a o P. Fr. Afonso do Paraíso. Ministro Provincial. Isto proprio nos diz o mesmo Infante na Carta de doação, que referimos allima, & foi feita em Lisboa; no segundo de Abril de 434, sendo Rei já neste tempo; o qual nome lhe daremos em tudo o que se segue. A piedade Real, com que elle sujeitou sua gran-

61, dos Ex-  
tras fol, 190

deza à estreita observancia da nossa Regra Serafica, adiante se verá; & por constar que não tinha outra renção diferente, mandou guardár esta Carta na sua Torre do Tombo, onde nós demos com ella.

6 Falandó agora do que obrou nesta casa, não fez menos de hum convento inteiro. Podéra ser majestoso se as nossas coitadissies, que eu tenho por virtudes, não lhe atárao as mãos. Sò o claustro na sua capacidade, colunas, & arcos de cantaria mostra algúa grandeza, com tudo muito menor da que elle desejava. Bom era aquelle tempo, no qual os Monarcas grandes no que era de seu gosto se deixavão regular pelos estylos religiosos, & santos. E he digno de singular advertencia, que em toda esta casa, sendo a obra de Rei, não se visse hum effcudo de suas armas Reaes. Seria, porque diante do alto Trono de Deos, qual he a Virgem santissima, costumão os Reis prudentes abater suas coroas: mas o que elles com espirito humilde não ouzârao intentar, fizeram depois os frades por serê agradecidos. Caïndo o campanario com hũ grande terremoto que algum dia, se Deos nos ajudar pera isso, avemos de referir, quando elle se tornou a levantar gravamos em hũa pedra as suas Quinas Reaes, pera que

fosse ouvida sua muita piedade taõ longe, como o sino soasse.

7 Com a grandeza da cerca quiz compençar o esteril do terreno; no qual pela maior parte não se costumão dar bem, senão as plantas agrestes, pretendendo nelle algúa fertilidade com o cuidado da boa agricultura. Fez pomares, & a vinha, que foi pedra de escandaló; como ainda veremos, a nossos antepassados: mas determinou pessoa, que sempre a conservasse. No beneficio da horta a provêo de hũa nora, cuja agoa entrando pela cozinha passava a o alpendre, onde os Romeiros se aproveitasssem della. Tudo isto está heje estancado: não ha nora, nem ha horta no verao, nem hũa gota de agoa, se não he a de hum poço, que não he muito sãdia. E assi ficamos só dependendo do orvalho do Ceo, o qual porêm não nos falta com suas misericordias, nem neste particular, nem

no sustento de dezoito  
atê vinte religiosos,  
que são aqui mo-  
radores.

## CAPITULO XXIII.

Faz ElRei pera si Paços, & Hospital a os Romeiros: favorece com seu filho D. Afonso V a Romagem, & a Feira da Senhora.

**Q**Uando eu cuido, que hei de falar agora em Paços, & Hospital sem dístico aver indícios, estou vendo, que o julgará por inveção, ou por sonho quem se governa sómente pelo que vê com seus olhos: mas tenho as plantas em Escrituras autenticas, das quaes consta que sortirão seu efeito. E não he de espantar, que quizesse fazer Paços ElRei D. Duarte pera pouzar algum tempo, junto da Casa da Senhora, & dos frades, onde sempre trazia o coração. Delles achamos memoria na Carta de doação, que já temos referido, & outras vezes aveimos de allegar, porque declarando elle o que deixava ficar em seu dominio, nomeou expressamente os Paços da nossa pouzada. E mais adiante disse, que ninguem venderia de comer senão o Pacerro, que morasse nos seus Paços, a qual deu este nome com ella particular liberdade porque

elle lhos guardava.

2 A obra do Hospital foi de muita piedade pera os Romeiros pobres, que aqui adoeceião. Não sómente lhes fez casa, onde elles se curassem, mas tambem mandou provellos de todo o necessario, applicando a os gastos o rendimento das terras, que foraõ abertas por sua ordem à roda deste convento, & eraõ muito bastantes. Tinha dado hũas dellas a seu irmão o Infante D. Fernando, mas prevalecendo nelle a força da caridade à rezão do parentesco, tornou a tomárlhas pera gastar com os pobres, o que ellas lhe rendessem. Provéo a casa dos officiaes, que se avião mister, & no anno de 1440 foraõ testemunhas d'hum milagre, que obrou a soberana Senhora, Lourenço Pires Mordomo da Casa, & Vasco Martins Hospitaleiro. A cura, & remedio das almas, que he o mais principal, corria por conta dos nossos religiosos, a quem o dito Pontifice Martinho V cometeo este cuidado no mesmo dia, em que passou a ElRei a segũda bula da fundação do convento; & por ella, sem estarmos dependentes do Prior de Aveiras podiamos dar, & davamos todos os santos Sacramentos da Confissão, Comunhão, & Unção, & finalmente sepultura no cemiterio deste mesmo Hospital a os enfermos, que nelle ac-

bavão

bavão os seus dias, & a seus Officiaes, que têm cuidado delles:

3 Consta da dita bula, que estava pegado a o convento, *prope Domum Beatae Mariae de Virtutibus*; & ainda permanecia em pé no anno de 1460, quando tivemos as duvidas com El-Rei sobre a vinha, que elle nos fez na cerca, & depois se contrarião. Mas tudo já tem voado, o Hospital, & os Paços, & podemos lamentar a prêssa, com que perecem as obras de caridade. Por detrás do dormitorio se achão algũas casas, applicadas agora a nossos usos, que parece pertencerem a os Paços. Do Hospital não ha rastro, & he digno de notar quanto sepulta o tempo, roedor dos edificios. As rendas tambem levãõ este proprio caminho, porque estãõ repartidas por algũas pessoas particulares, ou entrãõ na Côroa; & com isto acabou hũa obra tão notavel em favor dos pobres, & peregrinos, que buscavaõ na Senhora o remedio de suas necessidades. Nõs tambem perdemos a liberdade, que El-Rei nos tinha dado, se nos estivera bem usarmos ainda della, pera semear nas mesmas terras hum pequeno meolal.

4 Faltavão mais duas cousas, em cujo favor convinha que entendessem os Reis por servi-

ço da Senhora, como em fim entenderaõ o Fundador D. Duarte, & seu filho D. Afonso V, a quem podemos chamar *Conser- vador do Convento*. A primeira, em pararem os Romeiros, que a vinhaõ-visitar: a segunda, sustentarem sua feira, que se costuma fazer a os 8 de Setembro, no dia da sua Natividade. Os Romeiros eraõ tantos alli neste mesmo dia, como nas outras suas festas, & pela roda do anno, que enchiaõ os caminhos, & por ventura que não ouvesse no Reino romagem mais frequẽta: porẽm neste areal padeciaõ a falta de mantimentos, que se achãõ desertos. Pera provimento delles ordenãra D. Duarte, que o Pacciro os vendesse: mas elle só não bastava pera tanta multidãõ. E por isso D. Afonso multiplicou mais vendeiros, cõ grande quita nas sizas, fazendo tres no principio, & depois seis, que tivessem estalagens, onde pouzassem os Romeiros. A os outros, que fugiaõ de pouzadas, ou não tinhão lugar nellas, mãdou fazer o mesmo Rei D. Duarte pera seu recolhimento hũ alpendre, que começava a correr desda porta principal da Igreja, na sua mesma largura, por todo o comprimento, que estendiãõ tres arcos mui largos, & espaçolos. Do fim delle por hum lado voltava pera a mesma Igreja outro alpendre estreito,

que



do nosso remedio, & da nossa observancia. Largou-nos a ermidã, & convento com todas as nossas oficinas, alfaias, & moveis, cujo uso licitamente podia receber a nossa Religião: mas reservou pera si o senhorio, & propriedade das suas terras de pão, pomares, vinhas, olivães, esmolas, rendas, & todas as outras cousas, que não nos podia dar conforme a nossa Regra. Isto assi assentado, & feito Almojarife, que corresse em seu nome com a cobrança de tudo, entrou sua caridade dispondo o que convinha a nossa sustentação sem nisso prejudicar a grande excellencia da pobreza Franciscana; & ordenou a este Almojarife, que nos desse como esmola, que elle mandava dar, quanto lhe fosse pedido por parte dos Guardiães.

Daqui passou a outra cousa maior, a qual foi que pudessemos usar das ditas terras de pão, vinho, fruta, & azeite assi andando por ellas por nossa recreação, como pelo interesse de nos ajudarmos destas suas novidades. E posto que neste caso podia aver escrupulo, com tudo não sendo nossas, como não eraõ, as mesmas propriedades, nem correndo por nossa conta a fabrica, do mesmo modo, que nos podemos valer dos celeiros, &

almazens alheios: com licença de seus donos, que a concedem por esmola, também nos seria licito ajudarmonos dos frutos antes que os recollessem se não ouvesse escandalo, ou prohibição algũa. Além disto ordenou algũas cousas a respeito dos moradores da casa, as quaes estaõ declarando quanto elle desejava de todos que fossem santos. Tomou finalmente o convento debaixo do seu emparo, rogando com amoroso affecto a todos seus successores que o ajudem, & defendão como Principes, & Paes. Parecia desta sua providencia tão larga, & liberal, que não deixava lugar pera outros beneficentes: mas ainda o achou a notavel devoção de seu filho El Rei D. Afonso V, porque nos deu Ordinarias de pão, legumes, & algũas miudezas, que só podia inventar a afeição de hũ pãe desvelado pelos filhos. E com esta tão piedosa lembrança do que foi antigamente, se uredobraõ cada dia as laudades do tempo antepassado, do qual se diz, q em tudo foi melhor. No meio de seus trabalhos, quando partio pera França, não ouzou a embarcar-se sem primeiro nos despachar hũ Residuo de vinagre mil reis, com que corréraõ as obras. Confirmou com sua autoridade a licença da vila da Azambuja pera pastarem os

bois,

Torre do  
Tomb, l. 2.  
dos Mist.

bois, que andavão nestas obras, no seu paul d'Alpampilher. Fez mais firme o favor, que nos fizera seu pae, de não pagar o convento o direito da Portagem do que se comprasse pera elle; & por não faltar naquillo, que entendia sernos muito necessario, ainda que fosse pouco, nos concedeo liberdade de cortarmos a lenha nos seus pinhaes. Em quanto a piedade destes clarissimos Principes animava o espirito de seus descendentes, sempre conhecemos nelles acções de grande louvor, como foi a d'El Rei D. Manoel quando o coro se fez na capela da Igreja, dõde depois o tornamos pera sina: deu pera elle cem bordos, & grande esmola de diuheiro. Não lhes vejo por esta casa estatuas, nem de bronze, nem de marmore, como lhes está devêdo nosso agradecimento, & por isso lhas levanto a pedaços no papel destas memorias.

4 Muito lós se achavão nestas. Ademais os frades, mas muito melhor lhes era, do que mal acompanhados: compadeceose porém deste nosso defemparo o mesmo Rei D. Afonso, por não aver hum vizinho, do qual nos pudessimos valer nalgũa necessidade. Pelo que, sem o terem divertido do cuidado desta casa os da guerra com Castela, que o tinhaõ levado a Camora, de là mandou pri-

vilegio a seis homens, que viessem fazer casas, & morar nesta nossa vizinhança. Agora são elles mais, do que eraõ necessarios: mas sempre o Guardião nomea os seis, que gozão deste favor, como já se tem julgado. O mesmo fez D. Duarte a o Pedreiro, que retelhava a casa, & a o seu Carpinteiro; D. Afonso o comunicou tambem a o Azemel; & por quanto o Barbeiro lhes avia esquecido, El Rei D. Joã II o meteo na mesma conta.

5 A sobejidão da gente, que acudia á feira, & á festa da Senhora, nos dava grande trabalho, porque sendo ella muita tudo era confusão. Affi entravão pelas portas do convento, como se fora por suas proprias casas: enchião as varandas, & o claustro: tomavão o dormitorio, & por ventura que maiores liberdades das que nos estavão bem; & era difficultoso romper por este exercito pera chegar a o coro, ou passar á saneristia. El Rei D. Afonso, q teve disto noticia, no mesmo ponto provêo na nossa quietação, & mandou a o seu Almoxtarif da Azambuja, q nestas occasiões nos viesse defender. Não bastou esta sua diligencia, porque as ditas molestias crecião na igualdade da gente, & então encarregou a o Corregedor da Estremadura, em cujo lugar

ficou o de Santarém, que nos viesse valer, ou mandasse seu Meirinho, estando elle ausente.

6 Traziaõ estes favores, & outros da mesma sorte particular circumstancia pera mais os estimar quem antepoem sua honra a o maior interesse. E não era isto menos, que ficar o Guardiaõ desta casa como Senhor de todo este contorno, fazendo, & ordenando por disposiçãõ dos Reis o que a elles por direito pertencia. Coutou ElRei D. Duarte todas as terras vizinhas assi da parte do campo, como tambem da charneca em muito grande distancia: instituiõ nellas Coureiro, porè na pessoa, que tivesse este cargo, o Guardiaõ avia de nomealla, & dar tambem a licença pera pastar gado alheo, se lhe pareceffe bem. Demais disto nomeava os officiaes do Hospital, dos Paços, & do lugar: a saber Almojarife, Paeiro, Mórdomo da casa, Hospitaleiro, Moradores no lugar, & os Vendeitos. E nada disto encontrava a pureza da nossa Regra Serafica, por ser a nomeaçãõ da parte dos Guardiães só hum puro ministerio, que os Reis supunhão, & aprovavãõ com sua autoridade pera que nada ouvesse, que não fosse muito a gosto dos frades. Donde veio, que mandando D. Afonso demarcar

pelo seu Corregedor o lugar das sobreditas boticas, ordenou expressamente, que nisto seguisse o parecer do Guardiaõ. Mas pot descançar hum pouco com estas tristes memorias do que está acabado, não refiro mais que hũa. Tinha elle no convento hum pomal, de que nos aproveitavamos, & pelo não desinçarem ordenou sob grandes penas, que ninguem mataffe pombas hũa legoa à roda; & quando as achassem embaraçadas em rede: estando vivas, as lançassem a voar: & se mortas, as trouxessẽm a o melino Guardiaõ.

bl. 2, da E.  
trem, fol.  
356.

## CAPITULO XXV.

*Fervia neste convento o zelo da virtude, & da pobreza Serafica.*

1 **Q**UANDO os nossos religiosos entraraõ neste convento, que se viraõ diante da poderosa Senhora, humilhados a seus pés, & derretidos em lagrimas se confessãõ indignos de tamanha dignidade, como era o serem seus capelães. Pediraolhe com fervoroso affecto, que ella mesma os fosse habilitando, & com esta confiança ficãõ em seu serviço. Trabalhãõ por viver como convinha em hum

convento tão santo, o qual sendo da Senhora Mãe de Deos merecia aquelle mesmo respeito, que se guarda em Alsís a o seu da Porciuncula, onde N. P. S. Francisco encomendou, que sempre morassem os frades mais reformados. Durava ainda o felicissimo tempo da primitiva Observancia, em que os grandes rigores excedião o limite de nossas obrigações, & os Guardiães primeiros encaminhavaõ os subditos por palavra, & exemplo. Foi hum delles o P. Fr. Afonso Saco: outro o P. F. Pedro Pão, & agoa, cujas noticias ja dêmos em outras partes; & depois o P. F. João do Pombal, digno também de veneravel memoria; & os subditos com o seu santo governo trabalhavaõ por ser santos.

2 No seu tempo succedêo aqui hum caso, que mecece ser escrito pera exêplo dos outros. Ocupavaõse os frades na oração, & no coro: fóra disto trabalhavaõ no que era necessario, & mui em particular escrevêdo alguns livros, conforme o seu costume, pera rezar, & cantar o officio divino, dos quaes achei nomeados muitos; & com elles Fr. Diogo de Leiria. Acertou, ou errou, hum ocioso de apparecer hum dia nõ dormitorio cõ certa taboa, na qual estava pintado hum jogo leve, com que outros se podiaõ entreter. O

Guardião, que o vio, clamou com vozes dobradas, que a casa de Deos não era casa de jogo: amaldiçoou a taboa, & feita em pedaços, os lançou pela janela na horta. Foi cousa muito notavel, que logo se desfizeraõ em cinza sem aver fogo da tetra, que os tocasse, mas por virtude do Ceo, que mostrou abominar tão grande relaxação.

3 Andavaõ todos desconsolados, & tristes por occasião da vinha, que El Rei D. Duarte tinha plantado na cerca, & do cepo, ou da caixa das esmolas da Senhora, que estava na Igreja; porque ambas na apparencia eraõ directamente opostas às declarações da nossa Regra. Insistião os Reis na conservação de tudo, & nós na sua destruição: Com esta nossa contenda chegamos até o tempo d'El Rei D. Afonso V; no qual hum Visitador nos obrigou, que tirassemos da Igreja o cepo, & que a vinha se arrancasse, ou se deixasse perder. E sabendo El Rei disto mandou passar em Santarém hũa carta a os 14 de Julho de 1460, pela qual nos quiz tirar de escrupulos, modificando em parte o que seu paê avia instituído com tão grande piedade. Na sua copia, que aqui vai tresladada, se verá isto melhor:

**N**os El Rei fazemos saber a quantos este alvará virem, que a nós he dito, que o Visitador dos frades da Observancia, que a estes nossos Reinos veio visitar, deixou ordenado que o cepo, que estava na Igreja de S. Maria das Virtudes, em que se deitavão as esmolas, e alguns oferecimentos, fesse dalli tirado, e tambem a vinha nom. fosse mais adubada, nem mantêuda por os frades, que hi estavão, e que a leixassem perder, ou arrancaassem. E por quanto a dita vinha he nossa, e não dos frades, e as esmolas, que se alli oferecem pera obras meritorias, se devem arreceber por pessoa secular, que seja Memposteiro segundo o conteudo em a Carta da doaçom do dito lugar d'El Rei meu Senhor, e Padre, que Deos haja. Nos mandamos, que o cepo seja tirado da dita Igreja segundo por o dito Visitador foi mandado, e que se ponha em hum Espital nosso, que hi està, e que o Espitaleiro tenha càrrego delle, e faça as despezas do dinheiro, que lhe mandar o Guardião do dito mosteiro pera suas necessidades. E que elle Espitaleiro tenha càrrego de adubar, e fazer adubar a dita vinha, e os frades, nom. e esto a custa do que render o cepo, e a vinha. E que tenha tambem càrrego de a vindimar, e o vinho vindimado lho entregue, porque lhe fazemos delle esmola, tirando aquelle, que lhe for necessario pera adubio da dita vinha. E que tenha tambem càrrego de a vindimar, e as uvas, que a os frades for necessario pera elles, mandamos que lhas dem, e que elle lho dê por amor de Deos. E este Espitaleiro será enlegido por o Guardião segundo do Estalajadeiro he conteudo no contrauto d'El Rei meu Senhor, e Padre, que Deos haja, e com esta decraçom mandamos, que se guarde em todo, e por todo a dita Carta de meu Padre.

4 Não se derão nem com isto por contentes os Prelados, porque o cepo de dentro do hospital, que fitava muito perto, os estava assombrando, como se fora algum espirito mau, em rezão de estar pedindo de algum modo, & recebendo dinheiro pera os gastos da casa, & a vinha, plantada na nossa cerca, pelo que tinha de semelhança de renda, & por impedir em parte a nossa mendicidade, não dava vinho, senão vinagre, & fél a os zelosos da estreita obfervancia. Desejavamos, que a vinha se convertesse em mato, & o cepo acabasse de morrer; pois já estava lançado no hospital: mas não ouzavamos a ofender a piedade d'ElRei, que tinha grande desculpa em dizer, que a casa era sua com quanto nella avia, & que por esmol nos sustentava do seu. Com tudo o P. Fr. João Filipe, nosso Vigairo Geral nos exhortou com hũa grave patente, que antepuzéssimos o respeito da Magestade de Deus a o gosto do maior Senhor da terra; & fazendo contra o cepo hũa forte invectiva, chamoulhe *cepo maldico, & afronta da nossa sancta pobreza*. Veio em fim a mandarnos, que nenhum dinheiro, que nelle se recebesse, de *trunco illo maledicto*, se gastasse, posto que ElRei quizesse, em algũa das nossas necessidades.

5 Deste modo nos poz de participantes com elle, & com a vinha, sem ElRei se apartar do que tinha ordenado: antes nos culpava de muito eserupulosos; & por isso nos amava. Até que no anno de 488, já em tempo de D. João o II, entrou no Reino outro Vigairo Geral; por nome *Fr. Oliverio Mailardo*, o qual de hum golpe, que era o derradeiro, quiz vortar esta cõtenda, & ordenou, que no Capitulo seguinte, parecendo isto bem a os Vogaes, se largasse o convento. Com esta resolução se deu o Rei por vencido; que estes são os poderes d'hũa virtude notoria. Arrancoulhe a vinha, & enterrouse o cepo: mas também as ofertas acabaraõ; & nós ficamos nesta terra tão agreste sem ter hũ cacho de uvas pera comer no refecturio.

## CAPITULO XXVI.

*Dos muitos milagres, que a Senhora obrava. & das grandes ofertas, que lhe fazião.*

**Q**uanto coria esta demanda entre os Reis, & os prades, não cessava a Senhora de continuar com a sua impetuosa cõtente de virtudes; & milagres, os

quaes já se não contavaõ pelas fomanas, ou mezes, senão por dias, & horas. Não ouve doença, nem trabalho, por apertado que fosse, em que o mais miseravel não achasse presente a sua misericordia. Os mudos, surdos, & cegos, todos cobravaõ saude. Andavaõ os paralyticos, corriaõ os aleijados, & saravaõ de repente achacados, & feridos. Quatro defuntos achei, que tinha resuscitado até o anno de 1490, & depois seriaõ mais. Invocado o seu nome, desemparrava o demonio os corpos: amainavaõ as tormentas, que sobravaõ os navios, & os barcos: as cadeas se abriaõ a os presos; & claramente se via, que em tudo a virtude do Altissimo confortava as virtudes, & poderes da Senhora. Eraõ tantos os milagres, que perdendo-se a memoria de muitos, ainda assi se salvou a noticia de outros. Parte delles mandou escrever em hum quaderno de mão o P. Fr. João da Pova: outros ficaraõ escritos em algũs livros do coro; muitos foraõ copiados em taboas, & pano com o pincel do pintor: d'algũs davaõ testemunho as ofertas, em que erãõ retratados; & eu por minha consolação escrevo os que se seguem.

2 Estava preso, & condenado à morte na Correição d'Alm. Tejo João Cide, natural

de Castello de Vide, porém muito confiado no emparo da Senhora das Virtudes, a qual por sua elemencia ordio certos embaraços quando já o querião degolar, & com elles foi tornado á cadéa. Logo na noite seguinte lhe cairão as algemas, & o colar do pescoço, & achando todas as portas abertas fugio da morte, & prizão.

3 Estando tambem sentenciado à força por hum homicido, de que era innocente, Rui Pires, ferrador em Beja, clamava sempre invocãdo seu favor; & hũa noite, que se vio mais apertado, dêtro da torre de Portel com duas cercas à roda, pês no cepo, algemas nas mãos, & cadéa lançada a o pescoço, apertou com fervor as orações. Neste tempo o visitou a Senhora: soltoulhe os pês, & sem lhe tirar algemas, pera prova do milagre, o repoz em liberdade.

4 João Anes de Valedo, morador em Albufeira, do Reino do Algarve, fora preso por occasião d'hum furto, que não tinha cometido. Avia potém contra elle presunção, a qual se acrecêto, por quanto seu filho, que o desejava livre, se concertou com a parte, & por esta mesma causa foi julgado a morrer como ladrão. Mas a Senhora santissima, a quem se encomendava, o apresentou em sonhos a o proprio Juiz, que o ti-

inha condemnado: mandoulhe revogar sua sentença, & logo a revogou.

5 Saíndo Fernão Vaz da Fortaleza de Seita a pelear cõ os Mouros, foi ferido de tres setas, das quats hũa lhe entrou pelo nariz, & saíu da outra parte. Assi andou sinquo mezes cõ ella atravessada, sem ninguem lhe dar remedio. Nesse aperto fez voto de visitar a Senhora nesta casa, & a seta saltou fóra.

6 Não foi menor o successo de Lourenço Viegas morador no termo de Tomar, & no lugar de Bezelga. Andando segando trigo, com hũa queda que deu, meteo a foice por hũa lagrimal dos olhos, & quando lha arrancáraõ ficou tolhido de toda a parte direita. Deste modo o levavão pera casa em hum carro, mas elle não descançava de chamar pela Senhora das Virtudes, a qual ouvindo os seus clamores ordenou, que a o mesmo caminho antes de chegar a casa, o fosse a saude visitar.

7 Na cidade de Lisboa (como tambem noutras partes) em casa de Lopo Dias, homem nobre, estemecço de puto medo a morte quando ouviu nomeat o seu santissimo nome, & largando com muita pressa a preza fugio a redea solta. Foi o caso, que lhe falecço hum filho, & a mãe perdendo a paciencia

gritava pela Senhora que lho dresse vivo, & se magoasse della. Prometõo trazello em romaria com hum marco de prata. pera se gastar nas obras, & no mesmo ponto o achou restituído á vida.

8 Desta qualidade eraõ os outros milagres, que empenhãvãõ os interessados nelles a grã, des demonstrações. Avia hũa balança na capela dos santos Reis, onde os Romeiros se costumavaõ pezar a trigo, paõ cozido, ou a cera. As ofertas eraõ muitas, & todas de muito preço, como as podiaõ dar as pessoas Reaes d'aquelle tempo devoto, que não era avarento, nem escaço pera Deos. Damos aqui os seus nomes, porque ainda temos saudades delles. El Rei D. Duarte, que entãtinhou a todos na devaçãõ da Senhora: sua molhet a Rainha D. Leonor: os Infantes seus irmãos, D. Pedro, D. João, & D. Isabel: seu filho El Rei D. Afonso V, & seu neto El Rei D. João II. Todos estes vieraõ a tazer com suas grandes ofertas hum riquissimo tesouro de muitas peças de ouro, & prata, & engastadas algũas com pedras de muito preço, pera o culto divino, & serviço dos altares, que fora sufficiente pera hũa Cathedral.

9 As prendas, que os outros lhe vinhaõ ofrecer em memoria de favores recebidos,

taubem crão as mais dellas del-  
tes proprios metaes, porque  
poucos ouzavão apparecer na  
presença de tão Alta, & Poderosa  
Princeza com outras ofer-  
tas baixas. No anno de 1453, a  
5 do mez de Março fizeram os  
Prelados inventario de tudo,  
do qual consta, que avia no con-  
vento dezaseis corpos de prata,  
huns grandes, outros pequenos:  
huns em pê; & os outros de jo-  
elhos; & quasi todos agradecen-  
do favores com as mãos levan-  
tadas a o ceo. Sinquo cabeças,  
& duas dellas maiores, que ti-  
nhão oferecido o Infante D. Jo-  
ão, & ElRei o II deste nome.  
Tres rostos, hum meio rosto,  
hũa queixada, dez pares de o-  
lhos, hũ braço, & quatro mãos,  
hum dedo, hũa perna, duas can-  
elas; dous pês; & vinte & seis  
corações. Avia tambem tres na-  
os em memoria d'outras tantas,  
que por milagre desta Senhora  
santissima forão livres de nau-  
fragios: muitos colares de quẽ  
saio de prizoões; & duas rolas  
de S. Caterina, as quaes pode-  
rião ser dos que em suas cala-  
midades melhorarão de fortuna.  
Tudo isto era composto de  
prata, a o que se ajuntarão dous  
olhos d'ouro massisso.

Mas que montou fa-  
zerse o inventario, se nada dis-  
to se acha no nosto tempo? O  
serviço da Senhora está agora  
tão pobre, como he em outras

casas. Mu ras dellas se provéao  
do que lobejava nesta, & ella  
veio a cair nesta notivel pobre-  
za. Quizerão tambem acudir ás  
suas obras, & desterraraõ as su-  
as santas memorias. Não sei se  
foi acertado o conselho, ou se  
se lleu por ofendida a purissima  
Senhora: porém vejo que es-  
taõ diminuidos os milagres, &  
seus favores antigos: com tudo,  
ainda assi nos mostra que he  
Mãe da melina Misericordia.  
No anno de 1641, & fim do  
mez de Abril (iou testemunha  
de vista) ardio o Sol, como se  
fora Estio: estavaõ rotrados os  
campos da Azambuja; não po-  
dia rompellos o mais agudo a-  
rado; nem avia esperança de se  
fazer sementeira. Levamos em  
procissão a melina vila esta san-  
ta, & milagrosa Imagem, &  
quando nos recolhemos com  
ella tinha mandado ás nuvens,  
que despedissem abundancia de  
agoa, com a qual foi o anno  
fertilissimo. Pouco antes lhe  
aviaõ já trazido hũa endemo-  
ninhada, & não podendo so-  
frer sua presença o Espi-  
rito maligno se au-  
mentou sentou pera  
sempre.

## CAPITULO XXVII.

*Da reverencia, em que está o lugar do seu aparecimento, & sua santa Imagem; & da grande devação, que este Reino lhe tinha.*

**R**açado este convento na forma, que permitia o sitio, ficou na quadra do claustro encostada a Igreja aquelle mesmo lugar, onde a Senhora apparecêo a o Pastor. E por não ofendermos com os pés a sua veneração, está cercado com hûas grades de ferro em altura de hum palmo, & o vão, cuberto de azulejos. Assi o diz o letreiro, escrito em hûa pedra vizinha, pelas palavras seguintes.

*Aqui, onde estão estas grades, apparecêo a primeira vez a Virgem Madre de Deos, das Virtudes.*

Quer dizer, que neste lugar estava quando o Pastor a viu a primeira vez. E se dá a entender, que ouve tâbem segundo aparecimento, seria isso no tempo, em que depois de lhe fazerem Ermida na Coroa do Pinhal

d'ElRei, se tornou pera este mesmo sitio.

2. Avia antigamente hûa porta na Igreja, pela qual as mulheres, prohibidas de penetrar a clausura, se alegravaõ de ver este bocado de terra tão mimoso da Senhora. Mas depois de lhe tomarem a vista com a mudança da porta, & os homens, descontentes de não poderem tirar terra pera suas medicinas, por estar azulejado: todos juntos começãraõ a cavalla no corpo da Igreja, que lhe ficava fronteiro; & assi forão fazendo hûa cova muito alta, donde saõ infinidade de terra, que trazida a o pescoço, ou bebida em agoa deu saudes milagrosas. Muitos se metião nella carregados de aleijões, & doenças; & tornando pera fóra estavam de todo saõs. Foi hum destes o nosso Bispo de Seita D. Fr. Henrique de Coimbra, o qual muito molestado d'hûas cezoês importunas, & apertado do frio entrou nella, & lá deixou sepultada a doença. Constando a o Senado da Camara da cidade de Lisboa destas grandes maravilhas pretendêo entrar tambem no serviço da Senhora, & no anno de 1618 lhe mandou cubrir a boca da mesma cova com hûa pyramide baixa, pintada toda, & dourada a espaços.

3. A sua miraculosa Imagem, coroada de ouro, está den-

tro de tabernaculo de prata, o qual por todas as partes nos descobre a sua vista alegre. Tem particular Sacratio a os pés do Filho Sacramentado, & quando ella se mostra a os Romeiros, he com muita majestade. Assistem os religiosos todos, com velas acesas nas mãos, & cantão os seus louvores pelo reor da festa da Assunção, que d'antes era a sua, primeiro que o concurso da feira a os 8 de Setembro transferisse a este dia a maior solennidade.

4 Da devação, que llic tinha este Reino, não conto mais testemunhas das que tenho referido no concurso dos Romeiros, grandeza da feira, & multidão dos milagres, & ofertas. Digo só, que esta Virgem santissima era hũa alegria, & consolação de todos. Nem tinha outra igual o grande Rei D. Duarte, como era visitada muitas vezes, fazendo largos rodeos, & ausencias da Corte pera se vir aliviar nesta casa. Quando o medo da peste o levou de Alqueria a outras partes do Reino, donde

Aqui jaz D. Fernando de Noronha, bisneto d'El Rei D. Fernando de Portugal, & d'El Rei D. Henrique de Castela, & D. Constança de Castro sua mulher, & alguns de seus filhos, & netos. O qual faleceo na Era de 1509.

veio a falecer em Tomar, por aqui passou, & aqui se esteve consolando na sua santa presença. Com ella tambem pretêdo achar algũa cõsolação a Rainha D. Leonor, molher d'El Rei D. João II. naquella grande desgraça, de morrer seu filho o Principe D. Afonso da queda de hũ cavalo no campo de Santarém. Visitou á muitos dias, & com isto segurou os bons successos, que teve depois na India, o Governador Lopo Soares d'Albergaria, o qual por estender o seu nome, & dallo a contecer naquellas vastas Provincias chamou *Nossa Senhora das Virtudes* a Fortaleza de Columbo, que levantou em Ceilão. Os pecados deste Reino a entregaraõ agora a hereges Olandezes: mas ainda podmos ter confiança em sua misericordia de que algum dia nos será restituída.

5 Aqui vieraõ finalmente emparar-se á sombra do seu favor na occasiõ da morte as pessoas, que nomea lũa campã dentro da casa do capitulo com estas formaes palavras:

*a* Ref. na  
Cron. d'El-  
Rei D. Iozm  
2. c. 135.

*b* Barros  
Dec. 3. 1. 2.  
c. 2.

Entrou nesta descendencia Real pela parte de seu pae D. Pedro de Noronha Arcebispo de Lisboa, que nacéo dos Condes de Gijon D. Afonso filho d'ElRei de Castela, & D. Isabel filha d'ElRei de Portugal. Foi Governador da Casa da Excelente Senhora, que governaria bem com sua muita prudencia se nella ouvesse que governar. Outra pedra, a qual techava o arco desta casa, ou capela, tinha â face do mundo o seu brazão dos Noronhas; & faço esta lembrança por atalhar às novidades do tempo, que não possão esconder pera sempre os seus nomes.

## CAPITULO XXVIII.

*Fundação, & cousas varias do Real convento de Sant-Iago de Seita.*

1420 **I**  Mesma occasião da tomada prodigiosa de Seita, que inclinou o Infante D. Duarte a fundar o convento das Virtudes, obrigou a seu irmão o Infante D. Pedro, que dentro desta cidade nos edificasse outro. Porque conhecendo elle os socorros manifestos do Apostolo de Christo Sant-Iago maior, fligello em Hespanha, & destruição dos Mouros quiz levantarhe

Memoria da parte, que lhe cabia, fazendo este convento, dedicado a seu nome, onde d'antes avia hũa Mesquita. Tambem eu pudera dizer agora, que logo ficâraõ frades povoando esta casa a modo de Oratorio até vir a licença do Pontifice, sem a qual naquelle tempo não era licito formarse Comunidade, que fosse Conventual, & legitima. Muitos tinhaõ acompanhado a ElRei, & a o infimo Infante debaixo da protecção do Padre Fr. Joaõ Xira, Confessor do dito Rei, que sem duvida algũa era frade Franciscano, & se elle lâ deixou alguns de seus companheiros, frades foraõ da nossa Religiaõ. Mas não quero valerme de conjecturas, que não sejaõ muito certas, & mostrarei a licença.

2. Esta deu o Papa Martinho V a petição do Infante em 4 do mez de Junho de 1420<sup>a</sup>, & com ella começaraõ os nossos frades da Regular Observancia a compor sem temores, nem escrupulos a sua Comunidade, com tudo pouco contentes de não dizer o Pontifice com palavras muito claras, que a casa era só dos Observantes. Pelo que lhes fez esta declaração noutra bula, dada no anno seguinte a os 10 do mesmo Junho<sup>b</sup>, na qual supoz que já nella re-

<sup>a</sup> Fr. Luc. tom. 5. an. 1420, n. 17.

<sup>b</sup> Arch. de S. Franc. de Caloq.

fidião o Guardiã, & os subditos, a quem dirigio a bula: *Guardiano, & fratribus in civitate Septensi constitutis*; & que actualmente serviaõ com muito louvor a Deos: *In qua ad presens virtutum Domino laudabilem impenditis famulatum*. E tendo tambem respeito a estes procedimẽtos, que seriaõ agradaveis a o Ceo, comunicou a o convento todas as graças, favores, & privilegios, que estavãõ concedidos a o do Monte Sion na cidade de Jerusalem.

3 O primeiro Guardiã, de que alcancei noticia, foi o P. Fr. Diogo de Lisboa, professo em Alanquer, onde sempre florecẽo a Regular Observancia, o qual trouxe delle emprestados huns livros do coro, & do altar, & quando depois lhe restituiõ alguns em 20 de Fevereiro de 424, já tinha acabado a sua Guardiania, & estava por Vigairo da casa da Castanheira. No assinado, que deixou em Alanquer, de como trazia estes livros por emprestimo, declarou que pera isso lhe tinha dado licença o P. M. Fr. Joã Xira nosso Prelado; que vinha a ser Vigairo dos Observantes.

4 Não achamos nos apertados desta Praça os retiros solitarios, & bosques sombrios, que noutras partes acendem a devaçãõ do espirito: mas encontramos forçosas occasiões de

arderem nossas almas no tanto amor de Deos. Estavãõ ainda vivos os grandes exemplos dos sete Martyres da nossa Religiaõ, que nesta mesma cidade tinhãõ padecido pela pregação da Fê, & quantos erãõ os lugares, em que derrainãõ sangue, tantas vezes nos soavãõ nõs ouvidos, que profeguissimos a sua fiel demanda. Nos rebates, em que tocavãõ a arma contra os Mouros inimigos da piedade de Christo, o mesmo estrondo dellas batia no coração dos nõsõs religiosos pera que tambem lãttem por sua honra venerando, & confortando aquelles, que perdiaõ, ou ariscavãõ nesta empreza as vidas. E assi por largos annos servimõs neste Presidio cõ caridade notavel, de enfermeiros a muitos, & de medicos a todos no pertencente às almas.

5 Padeciãmos porẽm grãde dispendio no rigor da Observancia, porq os sujeitos eraõ poucos pera sustentar seu pezo na companhia de soldados, gente livre; & muito difficultosa na sua pobreza d'elles a nossa sustentação. O Rei nos dava muito grandes Ordinarias, mãs isto meinto nõs fazia mais escrupulo (erãõ elles tempos santos), porque a sua cobrança nos dava algum cuidado, & ellas pei si nos erãõ desvios de pedimõs pelas portas na for-

ma da nossa Regra. Em fim encampamos o convento a os Claustraes desta Provincia, que por serem dispensados nalguns pontos da mesma Regra Serafica podiaõ viver melhor a seu modo com boas comodidades. E entendo, que foi isto pelos annos de 1460, no qual tempo por semelhantes rezoõs deixamos tambem o Oratorio de S. Francisco do Ves, & a casa de S. Paio.

6 A os Claustraes, pera que se conservassem, assistio com singulares favores ElRei D. Afonso V: izentou da ronda, vigia, & mais encargos da Praça a hum homem, que servisse o convento; & a dous, que em Lagos, & Tavira lhe pedissem as esmolas, concedêo outros grandes privilegios. Mas dos nossos Observantes ficaram taes saudades, que o Capitão da Praça D. Pedro de Menezes, segundo do nome, & primeiro Marquez de Vila Real no anno de 1472 impetrou de Sixto IV hum breve pera lhes fazer outro convento distincto, chamado *Santa Maria*. Não teve porèm effeito, nem aquelle, que D. Miguel de Menezes, segundo tambem do nome, & Duque de Caminha quiz fazer á nossa Ordem na Aluina, fóra dos muros da cidade, onde os religiosos vivessem mais retirados, & os penitêtes tivessem muito

mais gosto de se confessar com elles, por serem desconhecidos.

7 Em quanto nós estive-  
mos nesta casa alguns casos succederaõ, que são dignos de memoria. Estando hum Clerigo a braços já com a morte confessouse com o P. Fr. Gonçalo, o qual lhe aconselhou se valesse dos santos merecimentos do Infante D. Fernando, q fallecera no cativoiro de Fèz: O enfermo se encomendou a elle, & logo teve saude. Mais he ainda o que agora direi, & quando Deos não tirara outro fruto desta nossa Residencia, deste devia fazer mui grande estimacão. Depois de muitas fortunas, & todas muito adversas, q tinha passado, sendo ainda mancebo, o P. S. João de Deos, natural de Mõtemor o novo, quando entrou nesta Praça tomou particular animidade com hu soldado perdido, q podera ser sua ruina fatal se o mesmo Deos o não sustentara sempre com a maõ de sua misericordia. Fugio o amigo pera a terra dos Mouros, & arrenegou da S. Fe dos Christãos; & elle, que ficava saudoso da sua conversação, tentado pelo demonio começou a vacilar se iria apoz d'elle, ainda q fosse pelo seu caminho da eterna perdicão. Porèm Deos, q o guardava pera vaso de suas divinas graças, & Fudador da Ordẽ dos Enfermeiros, o desviou, e o trouxe

e Fr. Hier:  
Romão o a  
sua Hist.  
c. 23.

Torre do  
Tomb., das  
libras fol. 91  
& 93.

Fr. Lãc.  
tom. 6. 20.  
1472. n. 90.

a os pés d'hum Confessor desta casa, o qual lhe aconselhou com espirito do Ceo, que logo se apartasse deste lugar do perigo, & tornasse a Hespanha. Assi o fez brevemente, & em Granada foi santo *s.* Aqui tambem se esteve preparando com fantas disposições de jejuns, & penitencias pera padecer por amor de Jesu Christo, como em fim padecço na dita cidade de Fêz, o devotissimo P. Fr. Andre de Espoleto *s.*, do qual ainda se fallará adiante.

f. Ant. de  
Gov. na sua  
vida, l. 1. c. 7.

g. F. Marc. p.  
3. l. 9. c. 17.

8 He certo, que os Claustraes lograraõ este convêto em boa reputação, aré que nõs pêlos annos de 1568 acabamos de extinguir neste Reino o seu modo de viver, & reformamos a todos na pureza da Regular Observancia; & como já o aviamos largado por pouco conveniente; nunca nos estava bem entrarmos agora nelle. Pelo que o entregamos a El Rei D. Sebastião, o qual neste mesmo tempo, ajudado dos poderes do Infante, & Cardeal D. Henrique, queria trocar os Padres Dominicanos do convento de S. Jorge pelos Padres da Santissima Trindade, que residiaõ em Tangere. Vierão estes, & achando despejados dous convêtos, neste nosso de Sant-Iago, que lhes estava melhor, assentaraõ residencia, donde acodem à redenção dos cativos.

9 No Memorial manuerito da Provincia do Algarve escreve o seu Autor, que ella foi a que largou o convento: poré se elle não era seu, como podia largallo? E mostro com evidencia, que nunca lhe pertencêo. Fundouse primeiramente no corpo da nossa de Portugal, cõfundendo ella entaõ de Claustraes, & Observantes; & ainda nesse tempo passiou de hums pera outros, como já deixamos dito. Depois disso, & no anno de 1517; em que ouve a geral separação, se partio esta Provincia em duas, & ambas chamadas de Portugal: a nossa, de Observantes; & a outra, de Claustraes, q̄ levãraõ este convento consigo. Andados já alguns annos, se apartou a do Algarve da nossa com os conventos, que pera isso lhe dêmos, & todos da Regular Observancia, ficando sempre com este a Provincia dos Claustraes. Quando ella se tornou a extinguir, nenhum direito mais tinhaõ no convento os Padres do Algarve do que os de Portugal, & como elle ficou fora da nossa reformação, entrãraõ nelle os Padres da Santissima Trindade. Quasi a mesma fortuna, posto que anticipada, padecêo o convento de Loulè, cuja memoria escrevi em outra parte; & he rezão, & justiça, que ninguem leve, senão só o que he seu.

## CAPITULO XXIX.

*Achãose os nossos frades no  
descubrimto da Ilha da  
Madeira, & damos  
della noticia.*

1420

**N**Aõ se ocupou o Infante D. Henrique, que tambem ajudou a tomar Seita, em edificar conventos, como seus irmãos fizeram: mas poz todo o cuidado em descubrir novos mares, & novas terras, nas quaes se fizessem muitos pelo tempo adiante. E querendo dar a isto bastante expedição fez assento no Algarve, donde facilmente despedia os Capitães, & Pilotos, que lhe erão necessarios. Foi hum delles o Capitão Joaõ Gonçalves Zarco, Cavaleiro da sua Casa, & Progenitor insignè d'ontras muitas nobilissimas, cujo apelido Zarco cuidão alguns ser alcunha por ter os olhos azues, & em demazia claros, ou por aver morto hum Mouro do mesmo nome, o que eu tenho por fabula. E muito menos deve hoje sua grave descendencia a quem se inclina mais a esta opiniaõ, do que a o Cronista do Reino<sup>a</sup>, o qual mostra ser apelido antigo, & de gente muito nobre.

2. Navegando elle com esta resolução no anno de 1419 se não foi no outro d'antes, arastado de hũa grande tormenta achou a caso a Ilha do Porto santo, à qual deixou este nome, porque santo nos parece quem nalgũa tempestade nós recolhe, & empara. Daqui se estava vendo hum nevoeiro escuro, que subia dos mares até as nuvens, donde tambem algũas vezes soava o ronco triste das agoas, que quebravão nos penedos; & tudo isto fazia grande espanto em todos, cuidando muitos, que seria hum Abylmo: outros, boca do Interno: outros, Ilha encantada, & escondida por Deos. Porém o famoso Zarco vendo que o nevoeiro sempre estava inmovel, entendêo sem estas superstições que poderia ser Ilha, como na verdade era a que chamão da Madeira em rezaõ da muita, que della se tem cortado, a qual por ser muito humida, & cuberta de arvoredos vastissimos, que o Sol não podia penetrar, lançava aquelles grossos vapores, de que o ceo se cubria. E exposto a qualquer dificuldade, & essa muito maior em desterrar o medo dos marinheiros, que em vencer atrevidos das ondas, no anno de 1420 foi no seu descobrimto<sup>b</sup>.

5 Bar. Dec  
1. l. c. 16.  
Cucha 02  
Cron. d'El-  
Rei D. Io-  
am I. c. 97.  
D. rancisc.  
Man. Epa-  
naph. 3.

<sup>a</sup> Monarch.  
Lust. p. 3. l.  
17. c. 2. l. 1

3 Dobrou em o primeiro de Julho a Ponta, que chamou de *S. Lourenço*, Avogado dos ventos, & logo no outro dia encontrou perto da praia os dous tumulos agrestes de Roberto Machino, & Ana de Arfet, os quaes cegos do amor, que não antevê desgraças, fugiraõ de Inglaterra, donde eraõ naturaes, & derrotados no mar aportãrão nesta Ilha, que não consta, se d'antes fora pizada de pés humanos, a o menos depois do diluvio gèral. Mas brevemente se lhes acabou aqui com a vida o seu fado, pera escarmiento de temeridades loucas; & ficando cada hum em seu sepulcro, onde os lançou a morte, os companheiros, que outra vez quizerão provar ventura, dando à vela caíraõ nas mãos dos Mouros.

4 Estava tambem arvorado o estendarte da Cruz, & hũ altar levantado por estes mesmos Ingrezes a o Redentor do mundo no tronco de hũa arvore, que com a sua velhice se fez capaz de lhe servir de Igreja. E admirado o Portuguez Argonauta de achar este finissimo velo do ouro mais precioso, com muito maior vontade tomou posse desta Ilha pela Coroa do Reino, & pela Ordem de Christo, da qual era Mestre o sobredito Infante. Assitiaõlhe dous frades da nossa santa Provin-

cia, que nunca faltavão em estas occasiões, & bem podera fazer a mesma declaração quem só disse serem dous religiosos sem escrever, de que Ordem. Benzerão agoa, purificarão com ella a terra, & mais o ar, & afugentados os espiritos malignos, celebrãrão as duas primeiras missas, que nesta Ilha se disserão, sobre o mesmo altar concertado a seu modo, que primeiro levantãrão os Ingrezes.

5 Referida em Lisboa esta nova; tratou o Reino de suas conveniencias; & juntamente do premio de quem o tinha servido. Mandou povoar a Ilha, & partindoa em duas Capitãncias de juro; João Gonçalves Zarco ficou com a do Funchal, & Tristão Vaz Teixeira, que nisto o ajudara, com a outra de Machico. Com este despachõ se partio no anno de 21 a povoalla o Zarco, levando consigo toda a sua familia, & com ella muita gente, toda limpa, & algũa de conhecida nobreza. Tomou de caminho a Ilha do Porto santo, onde já o citavão esperando, & elle remediou; hũs frades da nossa Ordem (não sabemos quantos eraõ), que navegando de Castela as Canarias, & perdidos num naufragio se salvarão na paragem, que por seu respeito ainda hoje se chama o *Porto dos Frades*. Outros dous levava desta Provincia pe-

c. Agiol. Lu  
sic. tom. 2.  
Marc. 14. l. B.  
no com,  
Mem. m. s.

1421

d. Man.  
Tho. n. na  
Isa. l. 5.  
oit. 44.

ra fundarem convento, & disso se tratará adiante.

6 Se a morte apressada deixara lograr mais tempo a os ditos dous. Ingrezes o regalo desta Ilha, bastantemente ficavão recompensados do que perdêrao na sua; que se ella entre todas ás do nosso Oceano occidental a Europa tem o nome de *Rainha*, a esta tambem se dá apelido de *Princeza*; & como tal se levanta presumida sobre os mares soberbos, na mesma altura da santa cidade de *Jerusalem*, trinta & dous graos & meio em distancia da linha do Equinocio. Não está taõ distante de Lisboa como alguns crevérao: porque em cento & sinquoenta legoas se limita toda a sua distancia, sem esta prejudicar á semelhança de ambas na policia, & nobreza. Tem dezoito de comprimento, & onde mais se dilata, sómente sinquo de largo: nem convinha crescer muito, pois he cifra, em que se recopilarão as melhores influencias do ceo, & as delicias da terra. Aquellas não lhe consentem criar bicho peçonhento: estas se estão criando a o peito de vinte mil fontes, & sinquoeta ribeiras com tanta fertilidade, que pera os naturaes fabricarẽ o assucar tiveraõ em algũ tempo cento & sinquoenta engenhos, os quaes rendião quatrocentas mil arrobas.

7 Não lhe sofrêraõ seus brios sujeitar-se a diecese alhea, antes veio a dar leis, como superior, á Prelazia de Tomar, em cujos braços nacera, por ser da Ordem de Christo. Logrou tambem Arcebispo, o qual governava quantas Ilhas, & terras firmes estavão já nesse tempo conquistadas pelo braço Portuguez de Lisboa até a India. Agora a governa o seu Bispo, com que se dá por contente. E por esta digressão do assunto principal, ella mesma conhece- ra com certeza como sou agra- decido á devação, que mostrou em dedicar tres conventos de frades, & outros tantos de freiras á nossa sagrada Ordem.

8 Em quanto se trabalhava em o seu descubrimento, & nova povoação era Ministro desta nossa Provincia o P. Fr. Gil Lobo, que nesse proprio anno foi confirmado no officio como já deixo escrito. E man- cebo devia então de ser, porque ainda muitos annos adiante o achatemos noutros lugares ma- iotes. O nosso Terço da Regular Observancia, que militava tambem na sua obediencia, esta- va subordinado a o Vigairo Provincial Fr. João Xira, de quem falamos em o convento de Scita.

(2)

## CAPITULO XXX.

*Começa o bispado de Seita no  
nosso D. Fr. Aimaro : a con-  
ta dos annos, no Nascimento  
de Christo ; E entre nós,  
nas Chagas de S.  
Francisco.*

1421

a Torre do  
Tomb. l. 2.  
das Bul.

**I** **C**orrêdo o mesmo an-  
no de 1421 levantou  
novo bispado em Sei-  
ta o Papa Martinho V; trêla-  
dando perà elle a D. Fr. Aima-  
ro, que o era em Marrocos, &  
assi o mostra a sua bula de 5 do  
mez de Março. Pelo que lo-  
go d'ahi por diante se chamou  
*Bispo de Seita* como vimos na re-  
lação de Viseu, & se verá em  
Gouvea. E com isto se pôde  
desenganar quem julgava por  
primeiro a D. Fr. João, da Or-  
dem Carmelitana; que no an-  
no de 444 começou o seu go-  
verno.

2 Se teve maior ventura  
com este bispado a nossa Reli-  
gião, se o bispado com ellá, não  
ponho em controversia. Con-  
tará a nossa felicidade pela mul-  
tidão dos Bispos, que lhe dêmos  
de diferentes Provincias; & a  
sua pelos grandes merccimen-  
tos, & partes, que todos tive-  
rao. Não conto por agora mais  
que seis, nem me limito a este

preciso numero. D. Fr. Louren-  
ço, antes de ser conquistada es-  
ta Praça; & depois, D. Fr. Ai-  
maro, cuja noticia ainda vou  
proseguindo: D. Fr. Henrique  
de Coimbra, primeiro Missio-  
nario, que dos nossos Portugue-  
zes passou a o Oriente; & D.  
Fr. Diogo da Sylva, o qual foi  
tirado desta Sê pera primeiro  
Inquisidor Géral de todo o nos-  
so Reino neste estado, em que  
hoje está o S. Oficio. Os outros  
tambem foraõ pessoas de muita  
autoridade.

3 Atêgora o modo mais  
ordinario, com que Hespanho-  
es, & Portuguezes contavaõ os  
annos, maiormente nas eseritu-  
ras particulares, & publicas, foi  
pela Era de Cesar, a qual co-  
meçou no quarto anno do Em-  
perador Octaviano Augusto;  
& assi como dizemos a tantos an-  
nos do Nascimento de Christo, di-  
zião elles a tantos da Era de Cesar, ou na  
Era de tantos annos. Não creio,  
que esta cõta tomasse o seu prin-  
cipio da carga d'alguns tribu-  
tos, que nesse tempo o Empera-  
dor pozesse (nem he certo se os  
poz), por quanto não quere-  
rião trazer sempre na memoria  
a causa de suas magoas. Mas en-  
tendo ser lizonja, que lhe qui-  
zeraõ fazer em rezão de q̃ neste  
quarto anno, largando duas  
partes do Imperio, guardou es-  
ta de Hespanna perã si. E elles  
que o julgão por felicidade

8 p. 1, 5, c.  
42. n. 1.

1422

o Marin. de  
reb. Hisp.  
3. c. 24.

lua,

sua, quaes os Gregos com El-Rei Filipe, & Macedonios com Alexandre, pera o terem propicio, desse tempo por diante, como se entaõ começaraõ a viver, foraõ enfiando logo a sua conta dos annos por este nome *Era*, o qual me parece mais antigo, & tendo significado na sua primeira imposiçaõ o *principio*, ou *capitulo de livros*, vicio depois pelo discurso dos annos a significar qualquer conta, & o numero dos tempos.

4 E ninguem me obrigue a cuidar, que o dito nome *Era* se deriva do outro Latino *Æs*, em quanto tambem agora quer dizer *dinheiro*. Com tudo se o deduzem somente do seu primitivo, & principal significado de *Cobre*, do qual se faziaõ tentos, de que usavaõ Contadores, & Jugadores, & eraõ chamados *Contos*: isso poderã passar. Mas em fim *Era de Cesar* naõ foi entaõ mais, que dizer *Conta de Cesar*, ou *começada em Cesar*.

5 Veio porẽm esta conta a descontentar a muitos pelo q̃ tinha de Gentilica, & naõ somente a nossa Religiaõ, mas tambem em Portugal muitos dos Ecclesiasticos usavaõ da outra do Nascimento de Christo. Isso mesmo tinhaõ feito algũs Reinos de Hespanha, principalmente Castela por conselho do P. F. Fernando de Ilhecas, Franciscano, & Confessor d'El Rei D.

Joaõ I. O nosso do mesmo nome, que se achava gozando da boa paz, que lhe fez a boa guerra passada, quiz tambem fazer o mesmo, & mandou solennemente, que tal *Era* se desterrasse do Reino, usando só da conta do Nascimento de Christo nos Autos, & Escrituras. Precedia nesse tempo a de Cesar trinta, & oito annos, porque era mais antiga, os quaes sempre se haõ de diminuir pera ajultar as contas com o dito Nascimento; & como entaõ corria a de 1460, ficou logo reduzida a o anno do Senhor 1422. Mas posto que esta conta ategora se observa com tudo o nome *Era* naõ està totalmente esquecido, antes causou muito grandes confusões. Faço porẽm advertencia, que nas bulas Apostolicas, muitas começaõ a conta na Encarnação do Santo Filho de Deos, a qual he nove mezes mais antiga do que o seu Nascimento, & conforme a isto se faraõ os seus descontos.

6 Outro modo de contar introduzio a nossa Religiaõ com muito mais fundamento, em rezaõ da grandeza do Mystrio, do que ouve pera se deixar perder; & foi contando os annos pelo dito Nascimento de Christo. N. S. & juntamente pela Impressaõ das Chagas de N. P. Seráfico. Consta isto das patentes, que os Prelados passavaõ, hũ

das quaes se guarda ainda hoje no convento d'Alanquer, que o Ministro Geral Fr. Francisco Sansão enviou a Fr. Rodrigo d'Arruda, assistente na Ilha da Madeira sobre negocio, que se dirá a seu tempo, cuja Data traduzida do Latim em Portuguez

he nesta forma seguinte. Dada em Roma a 4 do mez de Julho de 1477, no anno da Impressão das sagradas Chagas de nosso Beatissimo Padre S. Francisco 1252. E isto basta de contas pera quem não esperar, que lhas faça mais miudas.

## Principio do Convento de Santa Caterina de Santarém.

### CAPITULO XXXI.

*Declara-se em parte o estado dos nossos Terceiros seculares.*

1422

**N**inguem me estranhara entremeter na Historia dos nossos Frades Menores a relação desta casa, sendo ella de diferente Provincia, & d'outra Religião; que tal he a respeito da nossa a sua Terceira, chamada da *Penitencia*. Mas concorréo no seu primeiro principio hum Terceiro secular, como ainda veremos, que nós tínhamos criado na virtude, & amor de S. Francisco a o baço da doutrina dos nossos Frades Menores, que está na mesma vila; & isto nós dá muito bastante direito pera que tratemos della. Quanto mais, que depois de ser convento de Terceiros Regulares, no

tempo de Pio V não só elle, senão todos os outros da sua Religião estiverão sujeitos à nossa obediencia. E também neste lugar me fica mais a proposito declarar algũas cousas, que hei de ir supondo em outras partes. Põdem porém reparar, em que sendo mais antiga a casa de S. Sita assi no estado de Oratorio de Terceiros Seculares, como no outro de convento de frades da nossa Ordem em comparação dos Terceiros Regulares, que hoje nesta residem, não escrevamos primeiro o que a ella pertence. E a isto respondemos, que aqui consideramos sómente concorrer na fundação o sobredito Terceiro, & lá a entrada dos nossos Religiosos, a qual foi hum anno mais adiante.

2 As declarações, que determino fazer, pertencem ao estado dos Terceiros seculares, que vivem em suas casas, ou re-

citados

a Rod. Bul.  
53.  
Sillis tom. 2  
pag. 35.

tirados nos montes, das quaes a primeira he, que usavaõ nos tempos antepassados do prenome *Frei*, & eraõ chamados *Frades*, deduzindo o vocabulo do nome Latino *Fratres*, que communmente convertemos em *Irmãos*. Assi o tenho mostrado na nossa primeira Parte<sup>o</sup>, & ficará mais corrente com estes novos exemplos. No anno de 1385 mandou El Rei D. João I por carta sua despachada em Coimbra a 10 do mez de Abril<sup>o</sup>, que se guardassem as liberdades, privilegios, & honras, que estavão concedidas a os *Frades da Terceira Ordem de S. Francisco*, os quaes erão seculares, nem o Reino tinha outros. No de 1413 nomearão em Lisboa por seu Procurador as freiras de S. Clara a *Fr. Gonçalo Fraire da Terceira Regra da Ordem de S. Francisco*, de quem consta como então era calado<sup>o</sup>. No de 1444. fez doação *Pero Gil frade da Terceira Regra* da sua quinta de Caria pera se fazer convento, & antes d'elle *Fr. Gonçalo* tinha feito a ermida dos Vilares, os quaes ambos, como ainda diremos, erão Terceiros do estado secular.

3. Se assi como elles erão frades, & se nomeavão *Frades*, erão tambem religiosos por parte da Regra, que professavaõ, aprovada pelos Vigairos de Christo, não parece tão livre de objecções. Ja eu disse, que fa-

lando largamente bem podião chamar-se, *Religiosos*, & *Religião* a sua Ordem: nem então me importou dizer mais. Mas o P. Fr. Gabriel de Guillixtegui na sua famosa Apologia em defensão desta Veneravel Ordem com muitas rezoões, & gravissimos Autores assenta por cousa certa, que em todo o rigor, & muita propriedade se lhes deve esse nome. Pelo menos, *Religiosos* lhes chamão sem alguma addita mento os Papas Gregorio IX<sup>o</sup>, Sixto IV<sup>o</sup>, & outros Summos Pontifices, os quaes por em sempre hão de entender-se em o conceito generico de Religião, o qual se determina depois pelos votos sustanciaes, & outras solennidades ás tantas Religioes, que hoje ha na Igreja; & neste sentido tão rigoroso, certo he, que ninguem pôde dizer, que se são Religiosos.

4. Do mesmo modo lhes compete o nome de *Regulares* em razão de terem Regra, que aprovou muitas vezes a S. S. Apostolica, na qual vivem regulados por suas disposições em observancia dellas, & dos outros estatutos, que contém a sua fórma da disciplina regular; & nesta conformidade decretveo a sua vida o dito Papa Sixto IV. Com tudo por evitar confusões, a os Religiosos desta Ordem, que professão os votos assima ditos, vou chamando *Terceiros Regulares*;

b l. 2. c. 21.  
n. 4<sup>o</sup>

e Torre do  
Tomb. 1.  
dos Extr.  
fol. 229.

d Arch. do  
mesmo  
mostr.

e cit. p. 1.  
prelud. 10.  
n. 2.

f Bul. 1. & 2.  
apud Silis  
g Bul. 4. &  
31. apud Ro  
drig.

& *Seculares* a os outros, que vivem em suas casas sem mudarem de estado. Mas nem por isso os quero prejudicar na posse, em que estavaõ de serem pessoas *Eclesiasticas* antes de lhes revogarem muitos dos seus privilegios: nem à sua pretensão de terem ainda os mesmos quanto a o foro do *Canone*, *Si quis suadente Diabolo*, principalmente trazendo elles descoberto o seu habito.

5 Hum dos nomes, que tinhaõ antigamente, era aquelle de *Ermitães pobres*, ou *Pobres de Jesu Christo*, suavissimo às almas, que tratão de o seguir pelo desprezo do mundo; com o qual o *Papa Eugenio IV* nomeou os que já viviaõ em comum, mas sem professarem os sobreditos tres votos, no *Monte Policiano*<sup>b</sup>. O mesmo nome se pegou tambem dos *Terceiros Seculares* a os outros *Regulares*, que delle, como ainda veremos, começaraõ a usar no convento de *Caria*. Outros *Pobres*, chamados *da vida pobre*, avia em *Portugal*, os quaes tomavaõ por vida guardar pobreza, que pera muitos he morte. Viviaõ em *Oratorios*, que eraõ como conventos, ou separados em ermidas pelos montes: com tudo não rinhaõ *Regra* aprovada dos *Pontifices*<sup>i</sup>, senão só os compromissos, regimentos, & formas de viver, que elles mesmos faziaõ con-

forme a seu espirito. Desta qualidade eraõ os *ermitães da Serra d'Ossa*, & de outros *Oratorios*, hum dos quaes foi este de *Santarém*, posto que por via de sujeição, ou governo não tinha com elles algũa correspondencia.

## CAPITULO XXXII.

*Começa este Oratorio em Pobres da vida pobre, acompanha os hum Terceiro Secular, & depois de muitos annos entrão nelle os Regulares.*

**N**O pè do monte de *Santarém*, sobre o qual tem assento a maior parte da *Vila*, fica outra, que per si he populosa, & grande, & por vizinha do *Tejo* he chamada a *Ribura*. Saõdo della pelas hortas da *Affacata* affina, & andando quasi hum quarto de legoa avia hũa herdade, por nome *Val de Mourão*, encostada d'hũa banda a outeiros plantados de olivães, & da outra tudo raso, sem monte, nem aspereza no meio atè as praias do rio. Era lugar solitario, & muito acomodado à vida contemplativa, se ouver quem goste della, & por tal o comprou, & elleo pera nelle fazer este Ora-

torio

<sup>b</sup> Fr. Luc.  
tom. 5, 20,  
c. 27. n. 42.

<sup>i</sup> p. 1. l. 2.  
c. 27. n. 6.

torio Afonso Domingues, Escrivão dos Hospitaes na mesma Vila, o qual se quiz desviar dos ratgos contra justiça, que às vezes dà a penna, & dar-se à penitencia. Ajudou-se do cabedal, & conselhos, que lhe deu Vasco Esteves, seu particular amigo, & vizinho na Ribeira: pelo que a elles ambos declaro por Fundadores. Tomãrão por Padrocira a S. Caterina Virgem, & Martyr, & tendo feito pera seu recolhimento hũa só casa palhassa em quanto se faziaõ as mais obras, a 8 do mez de Junho de 1422 Afonso Domingues ordenou os estatutos, que aqui se aviaõ de guardar, & com esta condiçaõ entregou o Oratorio a quatro homẽs devotos, com os quaes se recolhẽo pera servirem a Deos, do que se fez Escritura por hũ Tabaliaõ, chamado *João Esteves*.

2 Os nomes dos companheiros são estes. *Lourenço Pratas, Lourenço Gonçalves Conceiro, Fr. Joane da Terceira Ordem, & João da Figueira*: moradores na dita Vila, na Ribeira: Eraõ todos seculares, & sõmente Fr. Joane, sendo do mesmo estado, tinha demaõs ser Terceiro. Naõ nos diz a Escritura, se era de S. Francisco, nem isso foi necessario, porque esta santa Ordem entre todas as Terceiras das outras Religioẽs por sua grandez, & excellencias se levantou a maiores

com o nome de *Terceira*; & se avia das outras, seriaõ como se naõ fossem, & no Reino muito pouco conhecidos.

3 Com isto me dava eu por contente pera passar adiante, se naõ achãra escrito<sup>b</sup>, que dos quatro companheiros já nomeados assima, os dous primeiros eraõ Terceiros Seculares, & Fr. Joane; Terceiro Religioso. E falando dos primeiros nos alegaõ com a dita Escritura, mas viciada numa das suas palavras, com o que se enganãrão, tresladando deste modo. *Lourenço Pratas, & Lourenço Gonçalves, Terceiros*. Eu a li no mosteiro d'Alcobaça, escrita nũ pergaminho, em hũ dia muito claro, que foi no mez de Setembro, & cõ grande atençaõ, como tenho em semelhantes materias, & naõ tem a tal palavra *Terceiros*, senão a outra *Conceiro*, que era o apelido de Lourenço Gonçalves, muito antigo na sobredita Ribeira, & nella usado hoje entre gente muito nobre: Pelo q̃ nenhum destes dous Lourenços era da Ordem Terceira.

4 Desteito este engano, tratemos de Fr. Joane da mesma Terceira Ordem, do qual tambem nos querõ persuadir, q̃ era Religioso; & tomaõ por fundamento estar elle quatro vezes nomeado cõ o titulo de *Frei*: mas quatrocentas q̃ foraõ, nũgũa eu cuidãra isso, porque o dito

a F. Cab. de  
Guillix. e  
la Apel.  
punto. 5. 3.  
o. d.

b Agiol. Lu  
sit. tom. 2.  
Abril 1. 1. F.  
no Com.

prenome, como já tenho escrito, era muito ordinario nos Terceiros seculares. Senão, digão-me: se era Religioso, como morava na Ribeira, & na vizinhança dos outros seus companheiros? Com que titulo podia incorporar-se em hũa comunidade de ermitaões seculares, cujo instituto era viver do modo, que viviaõ os Pobres da vida pobre? Quem lhe deu autoridade pera poder sujeitar-se na forma da Escritura a o governo, & castigo do seu Administrador, sendo mero secular? Não vejo a isto sufficiente resposta, & deixemolo ficar no seu estado dos Terceiros seculares.

5. Em toda a Escritura não se verá somente hũa palavra, da qual possa suspeitar-se, que começou esta casa na forma, & no estado das que são Religiosas: antes todas vão mostrando como era Oratorio pera gente secular: a saber, que se fosse quem quizesse; & que os casados não tivessem aqui consigo suas molheres. E claramente se diz, que aviaõ os moradores de ter *aquella regla, & modo, que tem aquelles que se apartaõ pera averem de servir a Deos em Oratorios, especialmente regla de proveza;* que era o instituto dos Pobres da vida pobre. Com isto foi sempre continuando a casa ate a morte do seu Administrador Fr. Fernando, o qual seria Ter-

ceiro dos seculares, ou Ermitão, que tambem se nomeasse por *Frei*; como elles costumavaõ, & nesse tempo El Rei D. Afonso V no primeiro de Setembro de 1451 provêo a Administração na pessoa de *Gil Proves*, pera ter o Oratorio alli, & do modo, que o dito Fr. Fernando o tivera, com *outros algũs Proves de semelhante vida*. Veio em fim a vagar pera a Coroa, & recolhendo-se nelle os Terceiros Regulares; que já andavaõ no Reino, o pedirão a o sobredito Rei pera fundarem convento, que fosse Cabeça da sua Religião, & elle lho concedeo por hũa carta passada em Santarém a 23 de Novembro de 1470. Expressamente diz nella, *q' lhes faz esmola da dita casa*, por quanto não era sua, posto q' nella se tivessem recolhido; & não conforma com isso que escreve, q' a mercê lhes foi feita *pera fazerem maior casa*. Pelo que neste anno começarão a lograla como propria por favor do dito Rei.

6. As sequelas importantes, q' se inferẽ são estas. A primeira, q' só hũ Irmão Terceiro dos Seculares começou a morar no Oratorio em companhia de outros, q' o não erão. A segunda, q' nelle em comũ não se guardava a Regra Terceira, senão o modo de viver dos Pobres da vida pobre. A terceira, q' logo teve comunidade, mas esta dos mesmos

Pobres.

p. 1. 2.  
c. 21, n. 4.

7 Torre do  
Tomb. 1. 8.  
dz Estrem.  
fol. 192.

8 Arch. do  
cov.



## Nascimento, & diferentes fortunas do Real convento de Santa Sita.

### CAPITULO XXXIII.

*Mostra-se o lugar, onde está o convento: a pobreza, em que nasceu; & a devação dos Reis, que o fizeram de novo.*

1423

**E** muito de admirar a insigne piedade do Arcebispaço de Lisboa em fazer tantos conventos, como por elle a cada passo achamos, às Religioes sagradas. Desta grande multidão, só à nossa Monarchia Franciscana pertécem sessenta & quatro casas: a saber, quarenta & sete de frades da nossa primeira Regra, doze de freiras da Ordem de S. Clara, tres de frades Terceiros, & duas de freiras também Terceiras: Aqui, onde se acaba o seu termo, junto do rio Nabaõ, que servindonos de muro divide o mesmo termo do distrito do Prelado de Tomar, nos deixou por despedida levantar este convento, muito devoto na qualidade do sitio, & retirado do mundo. Fica hũa grande legoa da dita vila de Tomar, quasi hum quarto da outra, que se

chama *Acciceira*, & tudo o mais à roda são algũs casas, ou quintas, que não fazem povoado. Té assento no recosto d'hum outeiro, & posto q' assombrado desta parte cõ sovereiros, & pinhaes, que também dizem seu dito na santa contemplação, tem a vista muito livre pera se ir recreando pela dilatada varzea de olivæes, vinhas, & campos, que correm até Tomar, onde daqui divizamos as torres altas do seu convento de Christo, illustrissimo, & Real por muitos titulos.

2 Deste recosto decemos pera o rio, o qual chegando à nossa vista desvia sua corrente pera o monte fronteiro, deixando da nossa banda hum bom retalho, & muito fertil de vale, o qual nos serve de horta. Elle também no verão tem tomado a seu cargo ajudarnos a regalla, movendo com a levada hũa roda mui ligeira, com que nos comunica a agoa. E pera que com algum impedimento não venha a estancar, as Magestades Reaes de D. Manoel, & D. Filipe I nos defendêraõ na posse deste caneiro, donde caie a levada. Deste lugar por diãte corre muito apertado entre montes até se meter no

Zezare,

Zeze, que vai parar em o Tejo, onde ficão os seus nomes afogados. Mas sempre caminhará saudoso da frescura deste vale, que por suas excellencias era chamado *Valbom*, & o convento, *S. Francisco de Valbom*.

Clamou porê m S. Sira, que não quizessemos esconderlle o seu nome, pois era muito antigo, & por elle somos hoje conhecidos. E se o P. Fr. Lucas tivera disto noticia, escusára de dizer, que não sabia agora o que se avia feito de S. Frãisco de Valbom, cuja memoria encontrou em hũa bula.

3 Diz elle tambem com outros, que foi fundado na Regular Observancia, & por frades Observantes: porê m o mais certo he, que elles foraõ Claustraes, em cujo partido muitas vezes o achamos. E mostro com evidencia, que não crã Observantes; porque se estes no convento das Virtudes tiveraõ tão escrupulo de usar de hũa vinha, plantada na sua cerca, cujo dominio guardou El Rei pera si, como aviã de fazer aqui no mesino tempo demanda sobre a propriedade d'outra, a qual não estava dentro das suas paredes? Só a os frades Claustraes, que estavaõ dispensados, era isso permitido, principalmente sem intervêção do Syndico. Pelo que o successor de S. Pedro, Eugenio IV quando os confirmou na

posse deste convento, não lhes chamou da Regular Observancia, como sempre costumava nomear os Observantes, senão só *Frades Menores da Ordem de S. Francisco*. Do breve, & da demanda logo daremos noticia.

4 Não levantamos entãõ majestosos edificios, que podessem competir com os soberbos da terra, senão apozêtos pobres, onde ficão mui contêtes os que conhecem de si como andão de caminho pera os paços da Gloria. E quando eu me achava nesta casa, não cabia minha alma de prazer, alegre em o Senhor de ver com meus olhos hũa morada do Ceo, tão alheada das vaidades do mundo, que nem por sombras escuras se verá hum só vestigio da mais pequena grandeza. Foi fundado em hũa ermida velha, que n'os irmãos Terceiros concedêraõ a o P. Fr. Pedr. Alvares, a qual elle achou no lastimoso estado, que adiante veremos; & ainda que tratou do seu reparo, fazendo algũas obras, hum braço tão fraco, como o seu, não podia obrar muito.

5 Deste modo, a sua mesma miseria o expoz à piedade dos Reis, que vendo tal desemparo o perfilhãraõ por seu, com privilegio de ser convento Real, em rezão de o fazerem de novo. Começou D. Manoel na sancristia, & pela

capela mór: tudo o mais procedeo de seu filho D. João III, o qual em hũa jornada de Almeirim a Tomar, no mez de Maio de 1552 descansou aqui huns dias por sua consolação. E satisfeito do sitio, & tantos procedimentos dos frades, primeiro que se partisse mandou fazer nova planta, & com ella ordenou que salvando sómente o que obrara seu pae, tudo o mais se refizesse de novo, & com muita brevidade. Principiou-se a obra, & ainda que a morte não lha deixou acabar, isso fez pontualmente a Rainha D. Caterina na menoridade d'El Rei D. Sebastião. Com isto tivemos novo convento assi na disposição com a mudança de algũas oficinas, como na fabrica delhas: mas não crecco em o corpo, antes ficou tão pequeno, & humilde, como era. E hũa casa, chamada *Casa d'El Rei*, não alcançou este nome em rezão de majestosa, porque em nada o he; senão só pera lembrança de como neste cubiculo pouzou a Majestade Real de Filipe o I deste Reino, indo ás Cortes, que celebrou em Tomar.

6 Em quanto aqui esteve, deixadas as continencias, & mysterios do Paço, com tanta facilidade convertava com os frades, como se fora hum delles; & guardando o seu costume antigo de não lhes falar cõ o cha-

péo na cabeça, fingia que concertava a trança, ou fazia outro disfarce. Hũa manhã, que avia grande nevoa, temendo o Guardião que lhe fizesse algum dano á saúde, lhe disse singelamente que cubrisse a cabeça. Não o estranhou a prudencia do Rei, que penetrava a sua sinceridade: antes queria provello no bispado do Porto, que nesse tempo vagou por falecimento de D. Hieronymo de Menezes. E tendo este o primeiro provimento, que neste Reino fazia, achava, que era bem empregado nũ filho de S. Francisco, a cuja casa lhe foi trazida a nova. Atravesou-se porém a paixão de hum Valido, que não lhe tinha amor, afeando a sua boa tenção no q' avia passado, com as palavras seguintes: *Como quer vossa Magestade fazer Bispo a hum homem, que o mandava cubrir?* Com isto o desviou do bispado, o qual ainda assi nos ficou dentro de casa, na pessoa do Padre Fr.

Marcos de Lisboa, muito digno de maiores prelações.



## CAPITULO XXXIV.

*Floreção nesta casa os Terceiros seculares, & elles a dérao à nossa Religião.*

**P**rimero que os Terceiros nos largassem este sitio pera fazermos convento, avião estado nelle por tempo de muitos annos; & se não fora a demanda que depois se levantou, muitas cousas tocantes à fundação, as quaes por ella nos constão, ficariao esquecidas. Consistio a controversia em que não, estando já de assento, pretendemos hũa vinha, que pretencia à casa, mas não estava na cerca, & defendendoa elles nos vierão reconvindo, & pediao o convento. Julgou se porém que hús, & outros ne allem com o que tinhamos nós com a casa, & elles com a vinha da contenda. O que por ambas as partes se alegou, & provou, contarei singelamente sem perder o fio mais corrente da Historia.

2. Entratao os sobreditos Terceiros na ermida de S. Sita, a qual acharao ja feita, pelos annos de 1380, & vivendo allí nella, onde fizerão Cabeça, como tambem em suas proprias

casas por todos estes contornos com grandissimo exemplo, a 5 do mez de Julho de 1392 impetrarao hũa bula de Bonifacio IX, pela qual lhes confirmou as suas immunidades, izenções, & privilegios de não pagarem tributos nem a Reis, nem a Senhores de terras, com todas as outras graças, que avia concedido à sua Terceira Ordem a S. Se Apostolica. Veio dirigida *Ministro, & fratribus, ac sororibus Domus Sancte Site de Valle bona Tertii Ordinis Sancti Francisci de Penitencia.* E monta em Português.

*Ao Ministro, Irmãos, & Irmãs da Casa de S. Sita de Val bom, da Terceira Ordem de S. Francisco da Penitencia.*

3. Mas caminhando o tempo, & esfriando a devação do espirito, começatão os Terceiros a frequentar menos vezes a ermida. Viviao em suas casas, donde vinhaõ quando era necessario fazer aqui seus capitulos, eleições, & juntas ordenadas a sua conservação: faltava porém nesta casa quem fizesse prolongada residencia. De modo, que hũas vezes assistiaõ os Terceiros, outras vezes morava hum Ermitão, & quasi sempre estava despovoada, sem neste lugar apparecer coua viva, se não era algum gado, que nelle pastava; & com este desamparo arruinou a ermida, & quanto avia a roda della tudo se cubrio

de mato . Vendo isto em hum lugar tão devoto o nosso F. Pedro-Alvares, rogou a os Terceiros que lhe dessem a ermida pera nella edificar hum convento, onde Deos fosse louvado. Era então seu Ministro da mesma Terceira Ordem Fr. João de Ribeira, o qual, consentindo tambem nisso os outros Irmãos Terceiros congregados em capitulo, lhe fez della doação com hũa das condições, q se seguem. Que lhes dariamos fructa, & vinho, como elles na demanda alegarão, quando viessem aqui celebrar os seus capitulos: ou, que em nossa companhia estaria hum, ou dous dos mesmos Irmãos Terceiros avendo occasião pera isso; conforme o Juiz da demanda pronunciou na sentença. Foi feito este contrato no anno de 1423, do qual tempo começamos nesta casa a contar a nossa antiguidade, ainda que os Terceiros sejam nella mais antigos.

4 Não atentou o P. Fr. Pedro na prohibição, que fez Bonifacio VIII, de não aceitarmos, nem fundarmos casa alguma sem licença dos Pontifices. Applicou se com todos os pensamentos a começar o convento, & reparar a ermida, & advertindo depois que lhe faltava a sobredita licença, recorreo a o Vigairo de Christo Eugenio IV, o qual lha deu facilmente

em hũa bula, cujo principio he: *Sacra Religions*: expedida em Florença a 22 de Maio, de 1439; & vindo ella remetida a D. Estevão d'Aguiar, Abade do mosteiro d'Alcobaça, no anno seguinte a poz em execução.

5 Quem ouvir o estrondo de palavras, com que os ditos Terceiros em todos estes papéis são nomeados por *Frades*; que Fr. João de Ribeira nos fez doação da casa, Fr. João Peltrão plantou a vinha, & Fr. Domingos sustentava a demanda; que tinham Ministros, administravão Igreja, & celebravão capitulos: cuidará que erão Religiosos, como agora o são aquelles, que já profissão os tres votos na sua Religião. Mas nada disto prova esse pensamento, porque o nome de *Frade*, & o titulo de *Frei* erão muito ordinarios nos Terceiros seculares; & estes conforme a sua Regra, que lhes deu N. Santissimo Padre, devem ter Ministro, pelo qual sejam sempre governados, concorrem quando he tempo em a sua eleição, & cottumão ajuntarse pera os seus exercicios em alguma Igreja, ou alhea, ou da Ordem, como aqui fazião em S. Sita. Pelo q nenhũa das ditas cousas nos mostra, que fossem Religiosos; & que elles o não erão, se prova bastantemente do que agora direi.

6 A bula de Bonifacio IX, que já fica referida, fala igualmente *Fratribus, & Sororibus*: com os Irmãos, & Irmãs Terceiras de S. Sita; & assi, se elles eraõ Religiosos, tambem ellas seriaõ religiosas. Se o eraõ, em que mosteiro moravaõ? que aqui nunca se pôde fingir contra o nosso estilo, que era mosteiro duplex, hum pera frades, & o outro pera freiras. Isso fora, se ouvera grande machina de casas, & edificios, em os quaes se recolhessem: porém húa só ermida com algum apozento limitado pera poucos dos Terceiros, ou pera hum Ermitaõ, não podia ser convento Religioso, & muito menos dous côvêtos. Eraõ pois assi elles, como ellas da Ordẽ dos seculares, que vivem em suas casas, & pertencião a esta de S. Sita como a Cabeça da sua Congregaçãõ, & lugar das suas Juntas. Por isso vinhãõ fazer aqui seus capitulos, que não aviaõ de celebrar pelos montes, & com esta condiçãõ nos largãõ a ermida, com encargo de lhes darmos entãõ fruita. Impossivel tambem era, que sendo Religiosos desemparassem por tanto tempo a casa, sem ficar algum, que a fosse aqueitando pera não cair por terra. E sobre tudo não he cousa pera crer, que não tendo elles neste Reino outra casa, se não esta, a largassem, extingui-

do a sua Religiaõ. E venho a concluir, que eraõ Terceiros seculares, & a estes a devemos.

7 Tenho ainda por desatar hum nó cego desta comprida, & enfadonha meada. Por que diz o mesmo Papa Eugenio, que *F. João de Ribeira era Ministro Provincial da Provincia de Portugal dos Frades Terceiros da Penitencia quando nos deu o Oratorio, ou Casa de S. Sita; & que nesta doaçãõ ouve tambem consentimento do capitulo Provincial*: das quaes palavras tirou o P.F. Lucas<sup>a</sup>, que viviaõ nesta casa colegialmente, & que tinhãõ Prelados Regulares. Mas não vejo como possa ser legitima esta sua consequencia, por que tambem os Terceiros, que vivem em suas casas sem formar comunidade tem Ministros, & Capitulos; & se neste Oratorio algũa vez se achavaõ congregados em comuni, nem por isso em rigor deviaõ ser Regulares os Prelados, & Ministros, pois em forma de collegio viviaõ os Terceiros, & Terceiras de Monte Policiano, Avila, Biscaya, & Pistoia antes de professarem os votos essenciaes conforme ás bulas, que elle mesmo alega<sup>b</sup>; & tambem os Pobres da vida pobre em Santarém, & nos outros Oratorios: os quaes todos se governavaõ entãõ por Ministros, Administradores, ou Regentes seculares do seu proprio estado.

3 tom. 5 an.  
1439. v. 69.

6 tom. cit.  
In Reg. pag.  
237. 252.  
254. 306.  
367.

8 Mas como diz o Pontifice, que Fr. Joaõ de Ribeira era Ministro Provincial, & os capitulos desta casa, que eraõ Provinciaes? Respondo, que não falou conforme a o estilo da-gora, que he o mais ordinario na nossa, & noutras Religioes, de chamarem sómente *Provincial* a o Prelado, que governa muitas casas congregadas na sua obediencia; & neste Reino não avia neste tempo outra casa de Terceiros, senão esta. Mas fallaria assi em respeito das pessoas, que aqui nesta comarca, ou provincia vizinha de S. Sita estavão sujeitas a o Ministro no tocante à sua Terceira Ordem; & pela mesma razão, que o P. Fr. Bertolameu do Vale, & outros Prelados dos Terceiros Regulares em Portugal nalgum tempo se chamavão: *Viscadores Geraes*, tambem este dos Seculares numia comarca poderia nomearse *Ministro Provincial*. Quanto mais; que o nome de *Provincia* neste Reino competia a qual quer casa; ermida, ou oratorio, em o qual costumavaõ viver juntos os Ermitaes, ou Terceiros; & temos hum bom exemplo na carta d'ElRei D. Afonso V, dada no anno de Christo 1448 a os 11 de Novembro, na qual diz, que por ter informação de como na Aneeira, nos contornos de Pedrogaõ estava edificada *hũa Provincia de Pobres* (& era hũ

Oratorio) lhe concede os privilegios dos Ermitaes da Serra d'Ossa<sup>d</sup>. Pelo que neste sentido, & pelo nome, que de cá lhe apontaraõ, chamou o Papa *Provincia* a esta Congregação de Terceiros; a qual entaõ era ló em Portugal.

<sup>d</sup> Torre do Tomb. 1.ª da Estrem. fol. 174.

## CAPITULO XXXV.

*Mostramos ser Portugueza, S. Sita, Titular deste convento.*

**Q**UANDO os ditos Terceiros entrãõ nesta ermida, diz o P. Gonzaga<sup>a</sup>; que avia pouco tempo era nella falecido hum Ermitão Italiano, o qual a edificara à honra de S. Sita Virgem, & acabou seu delictro com opinião de Santo. Eu não duvido de aver tal Ermitão, mas renho por improvavel ser elle o primeiro, que levantou a ermida, porque era mais antiga, como depois se verá. O que podia obrar, foi restauralla, como creio que faria, se a achasse envelhecida do tempo. Porém não era possivel, que fosse isto no reinado d'ElRei D. João I, como dá a entender hũa Memoria escrita de mão (se não he esquecimento da verdade dos successos), a qual dizem que está na S. Sé de Toledo. E a razão disto he; por quanto o

<sup>a</sup> pag. 203.

Arch. de S. Franc. de Carls.

Ermitão no anno de 1380, em que os Terceiros lhe succederaõ na casa, já avia falecido ; & El-Rei, antes de lograr o scetro, no principio de 1384 começou a governar como Regente o Reino. Pelo que muito mais cedo foi a vinda do Ermitão, & reparo da ermida.

2. Florescia nesse tempo na cidade de Luca, muito nobre em Italia, o illustissimo nome de S. Sita Virgem, a qual na mesma cidade vivêo, & morrea acompanhada sempre de heroicas virtudes, & obras prodigiosas. Foi insigne na caridade dos pobres, em cujo favor obrou por ella a Piedade divina maravilhas soberanas. E tendo cheos seus dias de muitos merecimentos, passou desta vida pera a posse do premio em companhia dos Anjos no anno de 1288 conforme á melhor conta, posto que outros lhe diminuaõ alguns. Acrescenta a sobredita Memoria, com a qual se fechou muito o Jardim de Portugal, que o mesmo Ermitão nos trouxe a este Reino suas sagradas reliquias, & fez deposito dellas nesta propria ermida. Mas não sei, como não consideravão as muitas contradições, a que se oferecião: Tão facil era, tirar hum corpo inteiro donde estava venerado de toda hũa cidade? Avia o ermitão de de-  
 Num. 15

trahir o corpo, pera o dar a estranhos? E se o trouxe, muito má conta deu delle, porque em todo este convento não se sabe da mais pequena reliquia: nem a nossa Christandade desse tempo pera cá padecêo algum trabalho, que obrigasse escondellas. Deixando porém rezoês, posto que se jáo forçofas, vaõ a Luca, & acharão o seu corpo todo ainda inteiro, como foi visto no anno de 1581; & isto he cousa cetta.

3. Trouxe com tudo impressa em sua alma a devação desta gloriosa Santa, & vindo a estas partes, que ouviu pronunciar o seu nome; mas na pessoa d'outra Santa Portugueza, da qual logo falaremos, ficou aqui na ermida, concetou a a seu modo, & só por morte a deixou. Não estava muito viva a memoria da nossa Sita Portugueza, & alli teve lugar pera itasiuando as virtudes da sua Italiania com tanta felicidade, que só ella era a mais conhecida. Junto da porta do coro estava a sua vida escrita em hum papel, & copiada do Sermonario Latino de F. Pedro Jeremias. E ainda a sua S. Imagem está pintada na Igreja com as insignias de Estimolo caritativa, que foi: com o manto estendido pera recolher os pobres, & no braço esquerdo hum cabaz cheio de pães, que repartia por elles. Não me queixo

Bzov. lo  
 Annal. tom.  
 13. do. 1278.

dos passados fazerem esta pintura: dos presentes pudéra fazer a queixa, porque advertindo eu como a nossa Portugueza não tinha esta diviza, com este mesmo cabaz entalhãrão outra Imagem de vulto, que se lhe poz no altar.

4 Com este engano se passou grande multidão de annos, celebrando nós por Padroeira, & Titular do convento a S. Sita de Luca em lugar de S. Sita de Portugal; & podemos ter desculpa pelas muitas confusões, que traz a antiguidade, porque também em Hespanha o mosteiro de Valvanera da Ordem do Patriarca S. Bento, equivocado na semelhança do nome, festejava por Padroeiro a S. Atanasio, Bispo de Alexandria, avendo de celebrar a o outro Atanasio, primeiro Bispo de Saragoça, cujo corpo está no mesmo mosteiro. Saíndo porém a luz alguns livros antigos, & modernos, começamos a sair das trevas, em que estavamos, conhecendo que a nossa Padroeira não era a S. Sita de Luca, senão outra, Portugueza, Virgem, & Martyr, que tinha o mesmo nome.

5 Deixounos esta noticia Juliano, Arcipreste de S. Justa em Toledo, a quem depois seguirão constantemente os melhores Autores de Portugal, & Castela. Ponho as suas palavras

traduzidas do Latim, por quanto não he vulgar. Acompanhando eu por Portugal, & Galiza a o Arcebispo de Toledo D. Bernardo cheguei a Tomar, & ahi perece estava hum templo de S. Sita Virgem, & Martyr, onde se guardava o seu corpo. Da qual se cre, que foi aquella donzela, que criou, & doutrinou as Santas Virgens, & Martyres, Quiteria, Livrada, & outras suas irmans Portuguezas; & que padecéo pouco tempo depois dellas. Festejase todos os annos o dia de seu martyrio no primeiro de Novembro. Falecéo o Arcebispo no anno de 1125, antes do qual o Arcipreste alcançou em Tomar esta noticia, que estava gèralmente recebida. E combinando este tempo com o da morte de S. Sita de Luca, achamos por boas contas, que mais de cento & sessenta annos principio, que ella lá falecesse, tinhamos cã em Portugal outra S. Sita, cujo corpo descansava na Igreja do seu nome, onde agora aparece este convento, perto da vila de Tomar. Pelo que esta gloriosa Santa, que tanto tempo nos esteve esquecida, he a nossa Tirular, & Padroeira; & os vizinhos de Luca, sem fazerem menção della, pois em nada lhes pertence, pódem festejar a sua Italiana. Com tres nomes a achamos nomeada, Sila, Sita, & Zita, & todos dizem o mesmo.

*in Sandoz.  
en las antig.  
de Tuy fol. 1.*

*in Adverf.  
num. 317.*

## CAPITULO XXXVI.

*Da occasião de seu martyrio,  
& lugar da sepultura, com  
alguns de seus milagres;  
& da devação do  
Povo.*

**I**  Origem, donde veio a ser Martyr; nos inculca o dito Arcipreste nas palavras referidas, & he isto tão corrente, que fico desobrigado de amontoar Autores pera credito de hũa verdade clara. Foi o caso, que no distrito de Braga era Regulo, & muito grande Senhor Lucio Caio Atilio, marido de Calcia, ambos Gentios, & professores da cega Idolatria. Teve Calcia hum parto, de que ella se julgou por afrontada, porque pario nove filhas, as quaes parecendo Anjos cada liũa per si, ro das juntas se lhe figuravaõ mōltros; & esquecida da piedade de mãe, deu num acordo muito proprio de fera, horrendo, & desh humano. Ordenou a Sita (ou fosse sua criada de mais cōfiança, ou a propria Parreira como alguns imaginaõ), que logo secretamente as afogasse num rio, de modo que nunca apparellem. Porém Sita, que guardava a lei de Christo, na

qual se ensinão as obras de caridade, compadecida das innocentes mininas, que sem culpa no principio da vida eraõ julgadas à morte, com o mesmo segredo, que Calcia lhe tinha encomendado à execução cruel, as salvou, & repartio por outras molheres Christans, às quaes pagou seus salarios, pera que as criassem como filhas; & com o leite do peito lhes fossem comunicando o santo amor de Deos, & a doutrina do sagrado Evangelho.

2 Era Sita a respeito dellas todas como gèral superintendente, visitando muitas vezes, & curando das sobreditas mininas: procurou, que lhes dessem o bautismo, & fez nellas com a graça do Senhor nove discipulas, illustres por santidade: todas Martyres de Jesu Christo: das primeiras molheres de Hespanha, que prègáraõ em publico a sua lei Evangelica, que convertèraõ pera ella muita gente, que viveraõ solitarias no ermo; & ordenaraõ a modo de nove coros de Anjos a nossa primitiva Christandade. Não podiaõ muito tempo esconderse tão esclarecidas luzes, & primeiro que o pae soubesse como eraõ suas filhas, lhe constou q̃ todas eraõ Christans. Mandou prendellas, & pera sua confusaõ ellas

melmas lhe disserão que era seu pae; mas que se prezavaõ mais de seguidoras de Christo. Embarçado o Barbaro; ordenou que todas ficassein prezadas até que executasse em odio da Fè Catolica a mesma morte, que Calcia por abotrecimento natural lhes avia procurado. Com tudo não soffrêo Deos, que este perverso pae lavasse então as mãos no sangue de tão innocentes filhas, & soltandoas naquella noite hum Anjo, desaparecêrão todas, & foraõ receber por outras partes a coroa do martyrio.

3. Santa Sita, que vio descubertas suas traças, & que as nove mininas por ordem do Ceo se ayião retirado, tratou de fazer o mesmo, recolhendo-se a estas partes de Tomar, que era a sua Patria. Em brenhouse neste monte, onde se vê o convento: communicava com Deos em santas meditações, encomendandolhe muito os successos das discipulas, as quaes tambem com boa correspondencia lhe alcançarão de seu divino Esposo o mesmo favor de morrer martyrizada. Pelo que, não avia muito tempo, que ellas tinham padecido, quando aqui mesmo a degolou o tyrano; & como nenhuma dellas passou do anno do Nascimento de Christo 155, pou-

co depois lhe coube a sua sorte; & se não foi companheira dos santos Martyres de Bezalga, vizinhos desta comarca, brevemente iria em seu alcance. Ficou o corpo no campo, exposto à cortezia, ou crueldade das feras, as quaes porém não ouzarão tocar nelle, & acudindo os Christãos lhe dêrão lecteta sepultura, conforme a os apertos do tempo.

4. He certo, que está dentro do nosso circuito, mas não sabemos o lugar determinado deste tesouro escondido. Avia antigamente na Igreja hũa covã, donde se tirava terra; com que saravão os enfermos; & por se vir a dizer, que na cerca estava o seu jazigo, forão desistindo della. E parece que quer Deos assistir a esta opiniã, por que naturalmete produz a terra aqui hũas flores sylvestres a modo de açucenas, symbolo da pureza, que a Santa professou, as quaes não se achão em outra parte à roda; & muitas vezes lencem fóra na estrada os Romeiros sair de dentro tão admiravel fragancia, que não julgão este cheiro, senão por cousa do Ceo. A mi me aconteceu, quando andei revolvendo os Cartorios, allentarme onde dobra o caminho, que decora o rio, a porta d'hũa ermida do Apóstolo São Pedro, acompanhada de freixos, & en-

Hist. Eccl.  
de Lib. p. 6  
c. 14. d. 4.

3 V. Korc.  
in descript.  
Lusit. pag.  
416.

dando neste caso, que trazia entre mãos, fiquei como esquecido, & tão consolado, que o não fei declarar. Sempre aquelles lugares, onde Deos depositou as Reliquias dos Santos, ou algũa virtude particular de sua divina graça, exhalarão hũa certa divindade, que suspendendo as almas lhes emmudece as lingoas sem dizerem o que sentem; & se o corpo da Santa estiver nesta paragem, o mesmo Senhor disporá d'elle como bem lhe parecer.

5. Mas entretanto tem ella grande cuidado de se nos fazer presente com seus favores em nossas necessidades. São notaveis as maravilhas, que obra, & por serem ordinarias perdem muito da sua admiração: nem eu escrevo agora, senão algũas modernas, que a minha instancia foram postas em lembrança. Tres surdos, & hũa surda moradores em Abrantes, Torres novas, Golegam, & na Charneca vizinha além do Tejo clamando por sua intercessão foram ouvidos, & logo também começaram a ouvir. Na mesma Golegam tinhaõ casa hum mancobo tolhido d'ambos os pés, & hũa mulher, que ardia com intensissima febre, a os quaes não tardou mais a saude, que em quanto não foi pedida por elles. Sarou também, & mu-

to perfeitamente por sua intercessão João Rodrigues Ledo, morador na Azinhaga, que com a força de hũa febre maligna tinha perdido o juizo. E tornando a o convento, não fica muito distante a quinta, que foi de Miguel do Vale de Sousa, cujo filho Morgado, que era de poucos annos, apertado de bexigas estava em grande risco da vida. Foihe levada a diadema da Santa, & com ella a saude: pelo que, agradecido seu pai lhe ofereceu outra de prata. E dizendo depois o Feitor a o menino o perigo, em que avia estado, respondeu que S. Sita estivera com elle, & lhe dizia, que não avia de morrer.

6. Trouxemos pera casa em Dezembro (& não, no fim de Setembro) de 1643 a sua Imagem nova de vulto, a qual por maior solennidade, na festa dos Reis do anno seguinte se collocou no altar. No dia, em que chegou, dous Pregadores, seus especiaes devotos, que nesta occasião tomaraõ mais confiança, foram cavar na cerca, numa parte, onde d'antes muitas vezes se tinha buscado agoa, & nunca fora achada. Derão logo com hũa fonte (nem o convento tem outra) que por seu respeito se chama de S. Sita

& não se tira hũa gota , que não pareça de balsamo medicinal , & salutifero pera achagues dos olhos , maleitas , febres , & outras muitas enfermidades.

7 Por tudo isto se augmentou grandemente sua devação por todos estes contornos . Costumava festejar-se de tempos muito antigos na segunda Oitava da Pascoa , & com tanto alvoroço dos que vêm em romaria , que lhe chamaõ *o dia dos perdões* : como se fora o mesmo visitar a esta Santa , que alcançar indulgencias de Deos . O concurso da gente introduzio tambem feira , que se faz no mesmo dia . Outra festa lhe fazem os seus mordomos , a qual fór instituida na Domingo Infra Oçtavam dos Reis , ainda que he mudavel conforme as mudanças , & occasiões do tempo . Com tudo o dia de seu martyrio , a que se deve toda a solennidade , he o primeiro de Novembro.



## CAPITULO XXXVII.

*Contão-se as mudanças de estado , que ouve neste convento : o perigo , que correo de extinguirse ; & hum milagre de N. P. S.*

*Francisco.*

**I** Ogo a demanda dos nossos Irmãos Terceiros , que nos queriaõ lançar fóra desta casa depois de estarmos nella , esteve pronosticando as mudanças de estado nos limites da Religiaõ , que nella se virão pelo tempo adiante . Oitenta & dous annos assistiraõ aqui os nossos Padres Claustraes , que a tinhaõ começado , quando o Ministo da Provincia Fr. Joaõ de Chaves no de 1505 a deu a huns Castellanos pera nella , & noutras , que tambem lhes concedeo , fundarem a sua da Piedade . Estrañharaõ estes Padres os incomodos do sitio , & distancia de Tomar , & no anno de 528 principiaraõ mais perro a sua Anunciada , donde tambem neste tempo depois de estarmos já na Vila em outro convento novo , se chegaraõ pera ella .

2 Idos elles , tornaraõ os

sobre-

fobreditos Claustres, a quem o convento por direito pertencia: mas reformandose todos no anno de 1568, os nossos Observantes o vierão povoar; & foi nelles o primeiro Guardião, Fr. Sebastião de Seita, o qual a 10 de Abril reduzio à nossa obediencia às Religiosas do Mosteiro de Tomar, que até aquelle tempo avião sempre estado no governo dos Claustres. No mesmo tempo, que nesta casa entrou a nossa reformação, vierão logo chovendo as esmolas dos Povos, & os favores dos Reis. Nomeamos em particular a D. Sebastião, por quanto sua memoria nos he muito laudosa. Ordenou que pregassemos na Vila pelo discurso do anno os sermoes, que contém seu Regimento, & avendo outros, que pedião o trabalho pelo interesse delle, antepoz a todos os frades deste convento, a os quaes tem succedido os do outro, que agora edificamos na Vila. Mandou tambem, por nos livrar de molestias, demarcar a mata, donde cortamos a lenha, entre a qual, & a cerea se mette hũa estrada; & ordenando o mesmo D. Filipe o I, não sei mais, que ouvir murmurado de se ter cortado muito pelas mangas estreitas de S. Francisco.

Arch. de  
S. Francisco de  
Lisboa.

3. Vindo o anno de 1589 dêrão os Prelados outra volta a esta comunidade, assentando nella a nossa Recoleição; & tiverão fundamento na disposição da casa, que he pobre, retirada, & devota. Com isto crecêrão mais as caridades do Povo, & os moradores ficãrão melhor providos. Costumavão os enfermos curarse no hospital de Tomar, onde a Casa da Santa Misericordia os provia largamente de todo o necessario, & agora abrindo ambas as mãos, as estendéo a os outros, que ião cada semana á esmola do alforge, a os quaes hospedava com amor. Durará eternamente a memoria de Antonio d'Abreu, por quanto a sua quinta, onde elle residia, que não está muito longe, era todo o remedio, botica, despenha, & hospicio dos frades. Já sepultado na nossa capella mór, donde ainda ajuda a sustentarnos.

4. Nenhũa destas mudanças trouxe tão más consequencias, como a que fez a nossa comunidade para o dito convento, que fizimos em Tomar; & não vinha a ser menos, que destruir esta casa, & ficar enterrado para sempre debaixo do seu entulho o nome de S. Sita. Quiz a Vila ajudar-se de mais perto do bon-

serviço dos frades nas confissões, prègações, & nos outros ministerios, que são do nosso estado, & tambem aliviallos do grandissimo trabalho de irem tantas vezes de tão longe prègar, & pedir as esmolas ordinarias. Deunos sitio bellissimo na sua fermosa Varzea pera fazermos convento, & sobre isto o favor, que de tanta piedade, & grandeza se podia esperar. Mas com esta condição: que povoadose elle com os mesmos moradores, que aqui ouvesse em S. Sita, seria logo esta casa arrazada, por não aver dous conventos de hũa mesma Provincia, que podiaõ ser molestos a o Povo em sua sustentação.

5 Esta clausula nos trazia desconfolados, & tristes, porque era grande magoa extinguirse hum convento tão antigo, & tão grave; onde estava venerado (& em nenhũa outra parte) o nome de S. Sita, & confolados tambem estes povos comarcãos com os santos Sacramentos, & saudavel doutrina. Puxâraõ os Tomaristas, quando foi occasião, pela mudança dos frades, & pela palavra de serem mudados todos, que nõs lhes tinhamos dado: mas o Ministro, confiado por ventura na sua benevolencia, que depois nos foi muito manifesta, deixou ficar dous, ou tres em companhia da Santa. Daqui nos vie-

raõ as maiores afflicções, que se pòdem escrever, porque a mesma Vila, a qual nos amava muito, se dava por ofendida; & nõs não ouzavamos a desemparrar a casa, nem deixar a S. Sita com tanta ofensa sua. Pelo que entendo, que dante mão nõs quiz alentar, & confolar com o successo seguinte N. Seráfico Padre, moltrando que o convento estava à sua conta, & que elle o queria defender em todos estes trabalhos.

6 Era o anno de 1624, & na mata se levantou hum incendio medonho, o qual moltrava que de frecha vinha buscar o convento, ameaçando nellê a mesma destruição, que fazia de caminho pelas arvores mais fortes. Vinhão voando grandes chuveiros de fogo sobre as azas do vento com tão horrendo estrondo, que pensarivos os frades se o Ceo os queria abraçar, se valeraõ de N. P. Seráfico. Tomáraõ do altar a sua santa Imagem; acudiraõ com ella a o fogo, ficou o Santo em pé, & affiõ acanhou, que de pasinado não deu mais hũa passada.

7 Foraõ lavrando porèm as contradições da Vila até chegarem a termos, que El Rei D. Filipe o III mandou hum Corregedor, o qual nos lançasse fóra, & o convento por terra: com rudo ouvindo elle as rezoões do Presidente, suspendeo o que

lhe era mandado em quanto não lhe viesse outra ordem, que fosse mais apertada. Quando isto foi sabido por estes Povos vizinhos; em todos elles não avia senão lagrimas; chorando seu desamparo se ficassem sem a sua S. Sita, & sem os seus Confessores, & Padres espirituaes, que os guiavão pelo caminho do Ceo. Muitos dias vieraõ em procissão; & algũas pessoas descalças em romaria a pedir a S. Francisco, que fosse seu valedor. As quatro vilas, com quem vizinhamos mais, Acciceira, Tanços, Punheté, & Atalaia, & os Parrocos à roda pediraõ a ElRei por cartas particulares (& Deos lho poz na vontade) que soestivesse na sua execução; & a vila de Tomar, que em tudo he notavel, usando de piedade dissimulou com as suas diligencias, & uos ficamos quietos em o convento. Mas por não virmos a parecer onerosos, ordenaraõ os Prelados que no seu convento novo ficasse a esmola do alforge; & que deste na mesma Vila nenhũa cousa se peça. Antes disto se sustentavaõ aqui mais de vinte religiosos: agora chegãõ a oito, que ajudados das esmolas dos vizinhos dão muitas graças a Deos pelas mercês, que lhes faz.

## CAPITULO XXXVIII.

Dos Padres F. Luiz da Cruz,  
& Fr. Vicente Barqueiro,  
& do Irmão Fr.  
Afonso.

**M**uito deviaõ obrar na força desta tormenta, pera sairmos hẽ della, os santos merecimentos de muitos religiosos, que viverãõ nesta casa; porque manifesto he; como Deos por respõto de hum Santo sustentará hũa cidade, & muitos reinos inteiros. Dos antigos se esquece a memoria dos homens: dos outros, sãõ curtas as relaçoẽs; & trabalho me custou poder assenar por certo o que agora direi.

2. Com estranha alegria, & com ajudas do Ceo fez muito da sua parte o Padre F. Luiz da Cruz por desempenhar a obrigação do nome, seguindo os passos do Redentor. Ardia na caridade do proximo; touiava sobre si as suas penalidades; & a todas dava inteira satisfação. Avendo nos conventos Cozinheiro por officio, que era hum dos Irmãos, o serviço da cozinha corria por sua conta: acarretava a lenha, trazia a agoa, & era servo continuo no trabalho, que os outros aturavaõ ás

2. Mai. 37.  
vers. 156

fomanas. Se acontecia notar-se algum defeito dos que são mais ordinarios em semelhantes officios, a culpa, que era do Cozinheiro, elle a vinha pagar em publico com a sua disciplina. Não avia necessidade nos outros, na qual elle faltasse com seu cuidado, porque lhes lavava, & remendava os habitos, varria as celas, & sempre se occupava com a limpeza da casa. Donde veio que sendo no estado Sacerdote, & Confessor de muita autoridade, lhe chamavão gèralmente *a vassoura do convento*: do qual nome tua santa humildade andava muito alegre.

3 Mas comparando este immenso trabalho, que excedia as forças, com o fervor do espirito, fazia grande ventagem a estranha devação, com que nunca se cançou de louvar a divina Majestade. Não se rezava algũa hora no coro, em que não fosse presente; & acabando-se todas, ficava muitas em comprida oração. Por afervorar a alma no santo amor de Deos, inventava hũas cantigas devotas, que depois cantava nos lugares mais retirados da cerca, ou pelas estradas quando se achava só; & crão taes estas letras, & o tom da sua musica, que se as pedras entenderão o mysterio se desfariao em lagrimas. Foi pobrissimo, e muito afeiçoado a seguir

o deseiparo do Filho de Deos na Cruz; & assi no tempo de sua morte não lhe acháráo na cela mais, que hum Crucifixo, debuxado em papel: hũu vela, com que o alumiaua: agulhas, & linhas pera remendar os habitos. E como o Demonio naquella tremêda hora não tinha de que pegar, concorrendo os auxilios do Ceo, por mais que lutassen ambos, não poderia derriballo. Foi notavel a confiança, muito propria de justos, que teve na mesma hora, porque estando presente o Guardiaõ, que o fora ver no hospital de Tomar, pegou de hum Crucifixo, & disse estas palavras. *Da parte deste Senhor, que se fez obediente até a morte da Cruz, peço a V. R., que na contra, a qual logo hei de dar, seja minha testemunha de como fiz quanto pude por não faltar á santa obediencia*. Dito isto, inclinou sua cabeça, & deu a alma a Deos no anno da Redenção 1598. E por mais, que as freiras de S. Iria requereraõ o seu corpo pera lhe darem sepultura como davaõ a os outros, que costumavaõ falecer nesse mesmo hospital, não lhes quiz conceder o Guardiaõ tão precioso tesouro, & consigo o trouxe a esta casa.

4 Muito são, & bem disposto nos entregou a vila de Santarém o P. Fr. Vicente Barqueiro (não nos consta a rezão do apelido): mas os trabalhos

da Ordem, nos quaes nunca se poupou, o pozeriaõ em misera vel estado de enfermo, & aleijado dos pès. Padecia terribilissimas dotes, nem tinha outro alivio, senão chamar pelo nome de Jesu, cuja virtude o confortava de modo, que se o tormento era grande, a consolação de o sofrer era maior com excessso. Entrou o anno de 1613, & nunca fazia mais, que suspirar, & dizer: *Quem se vira já no dia da Porcuicula.* Perguntaraõlle, porque rezaõ o dizia tantas vezes, & respondéo com alvoroço. *Entendo, que nesse dia, no qual a graça de Deos se mostra tão liberal, se será tam bem comigo, dando fim a minhas tribulações.* Se nisto avia revelação, o successio o dirá. Amanheceo a quelle dia santissimo, & pedindo que o levassem nos braços, madrugou pera o coro: confel souse, comungou, & ganhado o Jubileu, hora & meia esteve em oração. Nesse tempo rogo muito, que o tornassem à cela, & que logo o ungissem. Reparava o Prelado na brevidade do tempo, pelo que expressamente lhe disse. *Sei de certo, que se vai acabando o fio de minha vida, & não haja dilatação.* Pedio mais, que lhe cantassem o Evangelho das despedidas de Chritto, *Ance diem festum Pasche*, cujas palavras amorosas, que lhe feriaõ a alma, a sangravaõ pelos olhos com duas fontes de lagrimas. E infla-

mado no santo amor de Deos lhe entregou o espirito ausertandose do corpo; a o qual se deu por maior estinação sepultura no capitulo.

5 Tornamos a escrever do Irmão Fr. Afonso, frade Leigo: aquelle, que em Coimbra obrou mais com a virtude na fundação do convento, do que outros com grandissimas despesas. Aquelle, que se tinha só hú boi pera trazer a madeira, que pedia pelos montes, com elle emparelhado metia no seu jugo o pescoço, & ambos igualmente vinhaõ trazendo o carro. Edificando a todos sua rara humildade: o sofrimento nos trabalhos fazia maior espanto; & quanto mais padecia, muito mais se humilhava. Sempre servio nas cozinhas, onde o fogo o purificava tanto, que parecia hum dos Serafins do Ceo, abrazados noutras chamas de maior conlolação. Ninguem o vio agastado, nem ainda com os noviços aprendizes: mas todas suas palavras eraõ brandas, amorosas, & cheas de alegria. Cançado, & molhado, que chegasse dos caminhos: molestado, que andasse no convento, nunca alguem lhe ouvia, senão só estas palavras. *Nem assi sou fiel servo do meu Senhor Jesu Chritto.* Ajuntava quãtos pedaços de pano podia aver às mãos, & fazia carapuças, ou algũa roupa, com que cubrille.

cp. i. l. 2.  
c. 22. e.

João, 13:  
vers. 16

os pobres, a os quaes tambem lavava, catava, & remendava como piedosa mãe. E isto, que per si era louvavel nos termos da caridade, o condenava a muitos desgostos, & sentimentos, que sempre levou com estranha paciencia. Não sabe julgar o mundo as cousas pelo que são, senão por sua soberba, sujeita a desconcertos: mas ainda virá tempo, em que a mesma louquice lhe dê na sua cabeça, quando Deos o humilhar a seus pés.

6. De Coimbra foi servir este Varaõ Evangelico no mosteiro das freiras de Torres novas, com encargo de lhe pedir as esmolas, onde tambem padeceo grande trabalho, porém muito proveitoso a essas servas de Deos. E quebrado já das forças veio servir, & morar em S. Sira, a cuja sombra o esperava o Ceo com hũa morte semelhante à dos Justos. Estava curando-se no hospital de Tomar, & cõ tanta alegria, que se fez reparo nella. Nisto chegou o P. Fr. Bertolameu da Conceição, natural do Cadaval pera pregar na festa da Ascensão do Senhor, anno do seu Nacimeto 1614. Era frade de particular virtude, muito observante, & Pregador Apostolico no zelo, & no espirito, a quem toda essa Vila, estando elle pregando, tinha visto suspenso, & levantado no ar. Con-

fessouse o Enfermo devotamẽte com elle, & depois de receber os Sacramentos da Comunhaõ, & Unção, tendo diante de si a o mesmo Pregador, seu companheiro, & Enfermeiro, quasi conhecendo em rezão da viziuhança da morte o que avia de ser, lhes disse o que se segue. *Padres, eu hoje acabo o meu desterro: estejam preparados todos, porque hum me ha de acompanhar.* Tudo isto se comprio inteiramente: o enfermo faleceo em quanto elle pregava, & quando tornou do pulpito, penetrado d'hum acidente mortal brevemente o seguiu cõ todos os Sacramentos. E vindo Tomar estas grandes maravilhas, a ambos levou com lollennissima pompa á Igreja de S. Iria, onde foram enterrados.

### CAPITULO XXXIX.

*Doutros Religiosos dignos de  
santa memoria.*

**V**ou notando, que neste santo convento sempre ouve Primavera de fermosissimas flores, & excelentes virtudes: Acabaraõ-se as que tenho nomeado, & agora nos convida com seu cheiro o P. Fr. Luiz de Vasconcelos, nascido, & criado na vila de Alanquer, homem austero na vida, observante, & penitente.

Sempre era o primeiro dos que entravão no coro: no sair, o derradeiro; & não abafava nelle, porque não tinha cuidados, que podessem apartallo da contemplação de Deos: mas com as contas nas mãos, fóra do officio divino, trazia o pensamêto arrebatado no Ceo. Não queria admitir interpretações da Regra; nem o conselho dos medicos pera o tempo de grande necessidade: antes sempre dobrava o rigor, & sendo muitos os jejuns da nossa obrigação pelo discurso do anno, os de tuas devações mal se podiaõ contar. Deste modo, gastado das penitencias parecia ja defunto, estando ainda vivo: nem era de espantar, porque tinha outro bicio, que o estava roendo. Atormentavão muito qualquer defeito, que visse, & não se podia ter, que não saísse a campo com a espada do zelo. Ouvia algúas vezes nomearse, por *velho impertinente*: porém sofria, calava, & fazia esta causa do Senhor. Inclinou se a ensinar os mininos, pera que nelles crecesse com a idade dos annos a afecção da virtude, & encontrando alguns nas estradas, ou lugares, logo lhes punha escola da doutrina Christã, na qual os encaiminhava. Repartia por elles medallhas, contas, & pedacinhos de pão, que lhes levava na manga, & com isto acudiaõ à lição

muito contentes. Entendeo, que o convento do Bom Jesu de Valhelhas era muito a propósito pera este ministerio: pelo que, sem fazer algúa conta da aspereza da terra; ali morou largo tempo, recompensandohe Deos o trabalho, que pelo servir tomava; com o nome de Santo, que logrou naquellas partes.

2. Retirou se de confessar seculares, & rejeitou prelazias em rezão do grande temor, que tinha de dar conta d'algúa alma alhea; & recolhido netta casa assi tratava da sua, que era fama constante virem os Santos do Ceo a conversarem com elle. Ouvião os outros frades, quando estava na cela, que falava, & tambem lhe respondiaõ: sabiaõ de certo, que ninguem entrara dentro: vieraõ logo a suspeitar o que era; & por se desengana rem deraõ conta a o Guardião, o qual o poz em tão forçoso aperto com o preceito da santa obediencia, que veio a confessar lhe, como nesse mesmo tempo estivera com elle N. P. S. Francisco. E isto, que no seu credito dependia da cortezia dos outros, ficou mais justificado com o successo seguinte. Estava no hospital de Tomar com a candeia na mão, & forcejando pera se pôr de joelhos rompeo com estas palavras. *Meu Padre S. Francisco, & meu Senhor S. Diogo,*

sejais bem vindos : não poderet errar o caminho, pois vós mo vindes mostrar. Dito isto, se partio do nosso vale de lagrimas no mez de Julho de 1618, & seria pera o monte da Gloria.

3 Não esteve muitos annos sem lhe fazer companhia o Irmão F. Frãcisco de S. Miguel, frade Leigo, & natural d'huã das Ilhas Terceiras, que também se chama de S. Miguel. Teve todas as virtudes, que eraõ do seu estado, humildade, paciencia, & notavel caridade. Estando resignadissimo na vontade dos Prelados, desconfolavase muito quando dava com algum, que chorasse o que se dá a os pobres, ou se gasta com os frades; & tinha grande trabalho em lhes acudir a elles; como sempre acudio quasi milagrosamente, sem se desviar do que lhe era mandado. Nos dias de festa alli tinha assado; & limpo o refectorio, que parecia hum Ceo, onde suas iguarias, sendo mais, & melhores que as nossas, por muito limpas tambem não podem causar fastio. Nas cozinhas, que estavaõ a seu cargo, taõ sollicito andava, que pegando cõ as mãos nas brazas vivas, nem ellas o magoavaõ, nem elle se sentia ofendido. Tudo era dizer a os companheiros, que considerassem muito que fazião de comer pera os Anjos; porque nessa conta tinha os religiosos,

que louvãõ a Deos no coro, & os pobres da rua, que comem da nossa mesma panela. Fundado nesta virtude disse hum dia com muitas lagrimas a outro religioso, seu particular amigo. *Eu, Padre, nada tenho, com que alegre a Deos pera que elle me faça mercê de sua benevolencia, senão os rissões das cozinhas de S. Francisco.* Mas não alegava pouco, porque dellas titou Deos pera o Ceo huã admiravel copia de frades Leigos, que estão Canonizados, & Beatificados pela Igreja Catolica; & outros em posse de Veneravel memoria.

4 Com todos estes cuidados o que mais o desvelava era derreter a alma na santa contemplação, & oração diante da Magestade divina; & pera isto buscava no silencio da noite certos tempos de maior quietação: depois das Ave Marias, a hora de matinas, & antemanhã antes de romper o Sol. Não eserevo os favores, que recebia de Deos, porque elle os calou sempre consigo: mas não pode totalmente encubrir as noticias, que teve da partida deste mundo. Ordenou o Guardiaõ, que fosse curar dos enfermos, que tinha no hospital, & obedecendo elle, com taõ grandes faudades, & brandura se despedio dos que ficavão em casa; que alguns o consolavão dizendo, que não era pera longe a jornada: a o

que

que lhes respondia, como tinha outra pera fazer, mais comprida. Deste modo revelava o que guardava no peito, sem se querer declarar. A poucos dias andados, (que se viu de Enfermeiro enfermo) forçado da caridade, que costuma aliviar os sobressaltos alheos, falou com muita clareza a outro religioso, que tomou cuidado d'elle, dizendo estas palavras: *Ofereça, Padre, o seu trabalho a Deos, mas saiba que a dezasseis deste Janeiro se lhe ha de acabar.* Faltariaõ dez, ou doze, & chegado esse glorioso dia pelas coroas insignes dos nossos Martyres de Marracos, no anno do Nascimento de Christo 1621, vendo o novo Enfermeiro, que a saúde o avia visitado, lhe disse muito contente: *Não he vossa Caridade bom Profeta.* Ao que o enfermo respondeu: *Ainda o dia he grande; porque chega à meia noite, & quando lá no convento de Christo cangerem a matinas, estarei na outra vida.* Alli foi, & alli acontecêo com tanto credito d'elle, que muita gente da vila pedia com devação qualquer cousa de seu uso: mas não ouve que lhe dar, por sua grande pobreza, senão as contas, por onde elle rezava, & algúas particulas, que lhe cortaraõ do habito. Hum dos Nobres, que lhe levou o seu manto, dizia devotamente, que com elle se avia de cubrir

em o dia do Juizo. *Deixo aqui esta memoria breve do P. Fr. Pedro de S. Maria, pera que quando eu disser no convento da Figueira, q hum Corista, professo de pouco tempo, desejou alcançar nelle palma de martyrio pelas mãos dos Hereses Luteranos, se tenha d'antes sabido que era, & o que lhe sucedeo. Foi natural de Lisboa, muito exêplar na vida, & Pregador por officio, no qual cõ fervêto zelo convertêo muitas pessoas a Deos. Têve grande devação a S. Sita, & a este seu cõvêto, onde morou largos annos até acabar os q teve de idade, & muito louvavelmente, no de Christo 1622. Falecêo no hospital de Tomar tantas vezes nomeado, donde o depositaraõ na sobredita Igreja de S. Iria cõ os outros; q já tenho referido.*

6. Outra memoria faço do P. Fr. Jorge de S. Tõme, baptizado em Lisboa na Parrochia dos Anjos, & professo na Custodia da India, porque se eu lhe faltar aqui com esta, o certo he, que ficará esquecido. Quizerão os Padres della levantarilla em Prouincia sem dependencia da nossa de Portugal, que lhe tinha dado ser: entregaraõ lhe a elle o pezo deste negocio, & com isso o metêraõ em hum triste labyrintho de muitas difficuldades, que lhe deraõ grande penã. O menos foi nave-

gar pera o Reino, & passar depois a Roma: mas lá o estava esperando hum tropel de fortes contradicções, as quaes o lançarão fóra da mesma Curia Romana, & não deixaraõ parar, se não foi neste convento, pelos annos de 1626, trazido da tempestade, & em forma de desferro. Por ventura, que encontrasse aqui muito menos consolação, & favor do que os miseraveis esperaõ da fraternal piedade; porque imaginaõ muitos, que nisso fazem obsequio a quem não pretende delles tanto. Nunca porém a sua bēdita lingua soube fazer hũa queixa. Sõ com Deos se entendia, oferecendolhe todas as suas molestias; & assi muito mais era o tempo, que gastava na oração, & no coro, do que o resto, que passava fóra d'elle. Ahi lhe anoitecia, ahi lhe amanhecia, ahi mesmo esperava, que tangessem a matinas.

7 Foi notavel a sua austeridade, & grande o seu rigor em todas as penitencias. Já na India lhe chamavão *Pês de ferro*, & nós vimos nesta casa, que era homem de bronze. Tinha setenta annos de idade, & jejuava quasi o anno iuteiro. Muitos dias erão só de pão, & agoa, & em todos hũa larga disciplina. Não conhecia dinheiro, nem lhe sabia os nomes: nenhũa jornada fez, em que levasse segu-

ra a confiança de sua sustentação, senão no amor de Deos, pelo qual de porta em porta pedia o que avia mister: nada em fim lhe faltava de perfeito Observante na Ordem de S. Francisco; & com isto declarou quanto podia dizer: Era muito pera ver este Veneravel Padre, Prègador por officio, Guardiãõ que tinha sido duas vezes de S. Francisco de Goa, Definidor outras tantas, subrogado em Custodio, & Prelado dos nossos frades na India, caminhar agora pera Tomar com o alforge às costas a pedir a esmola ordinaria, mais alegre por assi lho ordenar a santa Obediência, que os Leigos, & Coristas, a quem ella, sendo tão continuada, parecia insufferivel. Governando deste modo o curso da sua vida começou a amainar a tormenta, & foi mudado pera Lisboa: mas como o seu espirito não gostava de bonanças, querendo antes sofrer, que viver favorecido, brevemente se despedio

deste mundo com hum

grande cabedal de

excelentes vir-

tudes.

...

...

...

...

...

...

## CAPITULO XXXX.

*Assistem em Tomar dous reli-  
giosos a os feridos de peste,*

*E Deos os empara  
em hum caso pe-  
rigofo.*

**I** Inda este successo per-  
tence a S. Sita, cuja  
relação vai fóra do  
seu lugar, que lhe fazia o tem-  
po, por ficarem aquelles servos  
de Deos, dos quaes tenho dado  
conta, continuados entre si com  
boa correspondencia. Pelos an-  
nos de 1599 ardia Tomar no  
incendio de peste, & se o mal  
era grande, maior foi o desem-  
paro, em que se achou a Vila.  
Avia Ecclesiasticos, que ouviaõ  
algũas consilhoes, mas naõ ou-  
ve quem entrasse em a Casa da  
laude, & impedindose nella qui-  
zesse ficar atado a cura, & cui-  
dado dos enfermos. Vendo isto  
o nosso Guardião exhortou a  
os seus frades, que fizessen este  
serviço a Deos: fez com elles  
hũa larga disciplina, & enco-  
mendou a todos, que se prepa-  
rassem muito em exercicios san-  
tos pera receber a sorte, que  
lhes caisse do Ceo. Não ouve  
quem dormisse em toda aquella  
noite, confessaraõse geralmete,  
fizeraõ outras muitas devações,

& alguns dobráraõ as discipli-  
nas com tanta copia de sangue,  
em particular o Irmão Fr. Ma-  
noel, frade Leigo, por alcunha o  
Livreiro, que pera o enforparem  
depois se gastáraõ muitos cel-  
tos de arãa.

**2** Confortados todos das  
consolaçoẽs do Ceo, em rom-  
pendo a manhã buscarãõ o  
Guardião, & pedindo sua ben-  
ção, lhe requereraõ licença pera  
nesta conjunção perderem as vi-  
das pela laude dos proximos. O  
Prelado, q os vio tão resolutos,  
foi dispondo a seu gosto, con-  
forme lhe pareceo: mandou al-  
guns pelos lugares vizinhos, q  
estavãõ em maior necessidade,  
& a Tomar inuiu Fr. Antonio  
de Viseu, Pregador, & Confes-  
sor com F. Pedro, frade Leigo:  
ambos, homens de grande satis-  
fação, & muito proprios pera  
este ministerio. Hũ, & outro acu-  
dio inteiramente a sua obriga-  
ção: F. Antonio às consilhoes, &  
a laude das almas: Fr. Pedro a  
medicina dos corpos. Achãrãõ  
o hospital desamparado de tu-  
do: erãõ mortos Cyrurgioes, &  
Sãgradores: faltavãõ os Enfer-  
meiros; & sõ F. Pedro ensinado  
pela sua caridade fazia estes ofi-  
cios. Ambos em fim procederaõ  
de maneira, q Deos se quiz dar  
por obrigado a defendellos co-  
vida no perigo, que se segue.

**3** Descubriaõse com elles  
os enfermos, que morriaõ,

dando conta do que estava devendo, ou por causa de emprestimo, ou em rezão de deposito, & pera que se pagassem estas dividas lhes entregaraõ muitas peças de ouro, & prata, as quaes ambos tinhaõ na sua choupana até aver occasião pera isso. Teve noticia dellas hum ladraõ pernicioso, que sem se temer da morte, a qual via cada hora com seus olhos, se resolvèõ a matallos, & roubarlhes o tesouro. Levava hum fovelão, com que os atravessasse, mas chegando à choupana com este cruel intento, veio sobre elle a mão pezada de Deos, a qual o lançou por terra, & o fez estremecer. Conhecendo já pelo castigo a culpa, começou a gritar em altas vozes: *Padres, perdoem me: por amor de Deos, que me perdoem.* A seus gritos sairão logo apressados da choupana, & como o antes não sabião seus intentos, responderão christamente: *Si perdoaremos: mas dizemos vós o que avemos de perdoar?* Então confitou de publico a sua temeridade, & todos deraõ muitos louvores a Deos, que tão solícito he no emparo de seus servos.

4. Levantada a bandeira da saude, a Vila os levou na procição, que fez em acção de graças, a o nosso mosteiro de S. Iria, onde prégon Fr. Antonio, rete-

rindo as grandes misericordias do soberano Senhor; Fr. Pedro passouse a outras partes, que ainda se abrazavão com peste, & estando morador em Santarém, de lá veio despedirse de seu fiel companheiro, a o qual declarou abertamente, como não se avião mais de ver. E assi aconteceo, porque tornando á sua casa, & bebendo hum jarro d'agoa no dia, em que se tinha purgado, com elle teve fim a sua vida. F. Antonio, passados já muitos annos deu sua alma a Deos no convento de S. Paio, sobranceiro a o Minho.

### CAPITULO XXXXI.

*Epitome dos conventos de S. Francisco de Chaves, & N. Senhora dos Anjos em Azurára.*

**N**tre as vilas, que ho-  
je tem grande nome neste nosso Portugal, he famosa a de Chaves na Comarca de Trasmontes, por sua antiguidade, abundancia de todos os mantimentos, estimação, em que a teve o Imperio Romano, & agora, por que he a nossa Chave, que nos fecha, & defende naquellas partes o Reino das entradas de Castela nesta lamentaveis guerras,

que

que Deos por sua misericordia desterre pera Turquia. Foi fundada ( se não foi engrandeida depois de estar fundada ) já nos annos do Nascimento de Christo 78 pelo Emperador Flavio Vespasiano, que tambem lhe deu o nome, tendo algum respeito nelle às agoas do rio Tamaga, que lhe passão pelo pè. Por esta causa lhe chamarão *Aqua Flavia*, em Portugal *Agoas de Flavio*, & corrupto o vocabulo com o discurso do tempo viemos a dizer *Chaves*. Em tanta antiguidade não podia izentarse das mudanças, & trabalhos, que nella são ordinarios: mas chegando a os annos d'El-Rei D. Afonso Henriques, que fortificou de novo as suas paredes velhas, começou a lograr melhor fortuna.

2 Da outra banda do rio, numa veiga fertilissima avia hũa ermida, chamada *São João da Veiga*, a qual a vila nos deu pera fundarmos convento. O tempo do seu principio está hoje tão fechado em a cala do segredo, que não tenho encontrado, nem Memoria, nem Autor, que o revele. Porém confitame, como já noutro lugar escrevi, que não estava fundado a os 3 do mez de Junho de 1331, porque nesse mesmo dia assignou o Ministro Geral F. Gerardo hũa das suas Patentes, na qual contando, & repartindo

por diferentes Custodias quantos conventos avia em Portugal, não fez memoria deste. Nomeou os dous vizinhos de Bragança, & Monte-Rei, & se o ouvera já, não lhe avia de esquecer. Tambem o Padre Pisano nas suas Conformidades, que oferecêo a o Capitulo Geral no anno de 1399, passou em claro por elle, & pôde ser, que ainda nesse tempo estivesse por nacer.

3 O documento que temos de maior antiguidade, he aquella Escritura do anno de 1446, pela qual o Guardião F. Rodrigo de Moraes contratou em certo preço com Mestre Joanes, que lhe fizesse a abóbada da nossa capela mór; & já então avia muito, que aquí moravão frades. Mas suposto não constar o tempo da sua vinda, sem querer prejudicar a sua maior velhice se a cala a tiver, eu a lanço pelos annos de 1424, porque tenho desocupado este lugar pera isso. Depois desta achamos outras memorias, ainda que mais modernas. Hũa he, que Fr. Francisco de Santiago, sendo tambem Guardião, a os 18 de Julho de 1459, na cidade de Palencia tirou hũa copia autentica d'alguns privilegios, & indulgencias tocantes à nossa Ordem. Outra pertence a El-Rei D. Manoel, que no anno de 1497 lhe consignou

4 l.9. cr.  
B.4.

8 Arch. de  
S. Franz. de  
Altag.

Torre do  
Tomb. 1.4.  
dos Myst.  
fol. 50.

pag. 516.

quatrocentos reis de cimoia ordinaria, quaes se davaõ a outros muitos conventos.

4 Nenhum fundamento acho a quem diz, que primeiro fora casa de Templarios: nem o P. Gonzaga se atrevêo a dizello, sendo nisto muito facil, como notei tratando d'outros conventos. Se o dizem em rezaõ de aver neste algũa obra no parecer suntuosa, nenhũa o poderia ser mais do q a capela mór, da qual consta ser obra dos nossos frades. Tambem elles faziaõ paredes fortes, grande cerca, & arvoredos devotos na forma; que nesta casa fizeraõ (se tinhão occasiõ pera isso): posto que não podêraõ melhorar a sua malignidade; originada do sítio, que no Veraõ he doëtio, & calmoso; pela qual, & pelas outras rezoês, que lhes serião presentes, os Padres da Piedade se mudâraõ pera a Vila. Com isto affento por cousa certa, que frades de S. Francisco, & desta nossa Provincia foraõ os primeiros, que na dita ermida de S. Joã fundâtaõ este convento.

5 Se elles eraõ Observantes, ou Claustraes: atê nisto nos querem embarçar o fio desta Historia. Dizem, que dos nossos Observantes passou a os Piedosos. Mas pergunto, quem lho deu? He certo que o Ministro da Provincia F. Joã de Chaves

no Capitulo, que teve em Guimarães, o qual era do estado dos Claustraes. Pois esse não governava as casas da Observancia, nem podia dispor dellas, porq estava sujeitasa o nosso Vigário Provincial. E vimos a concluir, que sempre este convento até a sua mudança pertencêo a os Claustraes; & que elles lhe deraõ o seu principio, & o criâraõ depois em muita autoridade, & grande religião.

6 Azurara no Entre Douro, & Minho não he taõ curro, & limitado lugar, como o querem fazer: antes muito aprazivel, & povoado de mais de trezentos vizinhos, huus dos quaes se se occupao na pescaria do peixe: outros vivem de sua fazêda, ou navegão pera longe, engrossando com riqueza as familias, & patria. Pertence a o termo, & bispado do Porto; que por esta banda pera a parte do Norte se estendem quatro legoas, onde se acha este insigne lugar nas ribeiras do rio Ave, o qual na mesma paragem terminando a corrente delcarrega suas agoas nos braços do Oceano. Junto delle esta o convento, por nome *Nossa Senhora dos Anjos*, delcubriendo de hum sítio alegre, ladio, & devoto os largos campos do mar, em que navegão as suas embarcações. Mas a sua fundação he outro mysterio secreto, como foi a do convento

de

de Chaves, & ainda mais oculto em teção de não termos Escriptura, nem livro antigo, que delle nos dé noticia.

7. Nesta grande ferração se desgarrarão alguns tornando muito atrás, ou passando com excessão adiante; & na verdade parece mui infosível, em tantas materias esta pouca aduertência. Huns suspeitão, que foi fundado naquelles primeiros annos, nos quaes a nossa Religião foi vista em Portugal: mas se isto assi fora, nem o Padre Geral se esqueceria delle. na sobredita patente, que foi copiada pela pauta da Provincia, nem o Padre Pisano deixaria o seu nome no tinteiro. E he fraco argumento pera confirmar esta futil tradição o que fazem das paredes de taipa, & velnice do convento, em que o acharão os Padres da Piedade no tempo, que tiverão posse delle; porque a mesma fraqueza não podia sustentallo por mais de trezentos annos, que se avião passado depois da nossa Ordem apparecer neste Reino. Demais que, em todas as nossas idades levantamos conventos fracos; & pobres; & se neste a grandeza da Igreja parece demaziada, beu mostra, que não dizia com o espirito daquelle primeiro tempo. Outros o fazem fundação do dito Fr. João de Chaves, & muito melhor disserão, que foi

sua doação; porque elle se o deu à Piedade, não o avia fundado; senão outros Claustraes mais antigos; & o tempo da fundação, Deos o sabe, porque nós não temos disso ceteza.

8. Ambos estes dous conventos estão hoje incorporados na Provincia da Piedade; & a rezão disto foi, porque os seus Fundadores, molestados de trabalhos, no anno de Christo 1505 se vieraõ recolher debaixo da protecção do mesmo P. Fr. João de Chaves, que era nosso Ministro Provincial. Então lhes deu as tres casas de Chaves, S. Sita, & Barcelos, nas quaes elles allentaraõ o primeiro fundamento da sua nova Provincia. E depois que totnou a governar tomente os seus Claustraes, separados já em tudo da Regular Observancia, no anno de 1518 lhes deu tambem este convento de Azurata. Do de Barcelos, q he muito mais moderno, se fallara a seu tempo.

### CAPITULO XXXII.

*Fundação, & extinção do mosteiro de S. Clara de Estremoz.*

**P**Or hũa bula do Papa Martinho V, dada no anno de Christo 1428 a 26 de Setembro, o nos

425

consta, que antes della se fundou este mosteiro, & não me apressou muito em lançar a fundação pelos annos de 1425. Assi o fez o N. P. Fr. Lucas<sup>a</sup>, equivocado porém com o outro mosteiro de Port-Alegre, a o qual attribuiu o que tocava a este; & foi notavel descuido, por quanto a mesma bula expressamente lhe chama *Santa Clara de Sremos, Elborensis diacesis*, que vem a ser, *S. Clara de Estremoz, do Bispado de Evora*; & Port-Alegre nesse tempo pertencia a o da Guarda. Foi empresa a fundação desta casa do P. F. Afonso do Paraíso, cujo nome adiante avemos de repetir, o qual ajudado do braço da piedade, que algũas pessoas a seus rogos estenderão, edificou o mosteiro com renda muito bastante para sustento de vinte & cinco freiras. E já residião nelle quando advertiraõ, que tendo as mais licenças, faltava a do Pontifice, a quem então se pediu, & elle a concedeo na bula, que referimos. Veio remetida a o Bispo de Evora, o qual por muito vizinho facilmente podia executar.

2 Tudo o mais nos deixãrão os Antigos em silencio, & dos outros cuidou Damião de Gues<sup>b</sup>, que El Rei D. Manoel fora o seu Fundador. Se differa particular Bemfeitor, & Protector, só isto lhe concedera: mas elle

não o fundou. Pelo tempo adiante, alcancei muitas memorias de mercês, que lhe fazião os Principes, porque El Rei D. Afonso V. começou a darlhe todos os annos dez mil libras de esmola ordinaria, & pela mudança, que ouve nesta moeda, lhas comutou em quatrocentos reis brancos<sup>c</sup>. D. João II lhe fez isto mais corrente, acrescentando quatro mil reis para o seu Capelão<sup>d</sup>. D. Manoel, Rei magnifico impetrou bulas dos Papas Alexandre VI, & Leão X, pelas quaes o primeiro lhe consignou cada anno duzentos cruzados, & o segundo quinhentos nos residuos das capelas desta Vila, & d'outras em termo de vinte millas à roda<sup>e</sup>. O mesmo Papa Leão lhe applicou a fazenda, que largava o convento de S. Francisco de Evora quando se reformou pela nossa Observancia, a qual lhe foi de proveito.

3 Pretendia o dito D. Manoel sustentar neste mosteiro com as rendas dos sobreditos residuos as orfãs, & viúvas dos que morrião na guerra feita contra infieis. E posto que sua tenção era boa, parece que foi pronostico da ruina desta casa, pois de mosteiro de freiras o faziaõ em parte recolhimento de mulheres seculares, que poucas vezes no seu modo de viver se querem acomodar com as leis

o tom. 5.º an.  
1425. n.º 28.  
& in Reg.  
p.º 161.

o Torre do  
Tomb. 1.º, 2.  
& 3.º dos  
Myths.

d 1.º fol.  
242.

e l.º das  
Bul.

o na Cron.  
p.º 4.º 5.º.

da santa Religião. Aqui poreu  
 se criou aquella serua de Deos  
 Margarida Fernandes, que de-  
 pois de professar em Lisboa a  
 Ordem Terceira de S. Domin-  
 gos, visitou os santos lugares em  
 Jerusalem, & Roma, & acabou,  
 com grande fama, de peregrinar  
 na terra, na cidade de Bolo-  
 nha.

4. Nacéo, & vivia o mos-  
 teiro no governo dos Claustra-  
 es, o qual ainda que grave ne-  
 cessitava porém da nossa refor-  
 mação na Regular Observan-  
 cia: pelo que o dito Papa Leão  
 X no anno de 1517, passou  
 breve pera que se reformasse.  
 Mas não foi executado, nem  
 o outro de Clemente VII, que  
 o Duque de Bragança D. Jai-  
 me sollicitou com instancias pe-  
 ra poder transferillo a Vila  
 Viçosa; ou aqui se reformar.  
 Com tudo, isto se fez pelos an-  
 nos de 1542, no qual tempo  
 tiverão esta mesma boa sorte  
 outros conventos vizinhos por  
 hum de Paulo III, antes que  
 elle o revogalle á petição dos  
 Claustracs. Nesse tempo esta-  
 va já separada da nossa Provin-  
 cia a que chamaõ *do Algarve*, &  
 como este mosteiro heava no  
 seu distrito, nella foi incorpo-  
 rado. Achamos, que logo no  
 outro anno o Padre Fr. Andre  
 da Insua, Ministro Provincial  
 tirou carta de escomunhaõ do  
 Legado Apostolico, que avia

nesto Reito, em ordem a descu-  
 brir a fazenda, & papeis, que an-  
 dassem sonogados.

5. Refotmado o mosteiro,  
 parecéo difficultoso conserva-  
 lo no rigor da Observancia,  
 por quanto toda a renda não  
 bastava pera tanta multidão, &  
 seu fraco edificio não era con-  
 veniente, nem avia esperança  
 de se poder restaurar. De mais  
 disto, o Infante D. Luiz, filho  
 o El-Rei D. Manoel fundava na  
 mesma Vila o seu insigne mos-  
 teiro de S. João da penitencia,  
 freiras da Ordem de Malta, que  
 sujeitou á nossa Ordem, a cuja  
 villa nunca este levantaria ca-  
 beça, & a Vila tambem, tendo  
 o outro, o podia escuzar. Com  
 isto se julgou por acertado  
 mudar as freiras com a fazen-  
 da, que tinhaõ, pera S. Clara  
 de Port Alegre, & extinguirse  
 a casa. Entendo que lá estavaõ  
 no anno de 1551; quando o  
 Provincial lhe applicou tuas ren-  
 das: mas as casas, que tinhaõ  
 sido mosteiro, no de 577.

ainda se alugavão: po-  
 rem hoje poucos  
 sinas se vem  
 delle.



f Agiol. Lu  
 st. tom. 1.  
 Jan. 16. l. D.  
 no cen.

g Arch. de  
 S. Clara de  
 Sant.

h Arch. de  
 S. Clara de  
 Coimbr

## CAPITULO XXXXIII.

*Padecem dous frades pela confissão da Fé, & outros tres são providos em Confessor d'El Rei, Penitenciario do Papa, & Vigairo Geral de Mar-  
rocos.*

1426



Uinqua eu me atrevera a falar no calamitoso anno de 1426, se esta nossa Provincia não tivera hũa ditosa fortuna em suas calamidades. Decéo com atrevido furor o Soldão do Egipto, tomou a Ilha de Chypre, & fez nella o lamentavel estrago, que se podia temer de hum Barbaro obstinado contra Deos. Desterrou dali a Religião Católica, & decepou a Franciscana cõ golpes tão penetrantes, que cortãraõ pelo convento, & frades. Feita esta abominação sacrilega, achou no mar hũa nao Venezcana carregada de Romeiros pera os santos lugates de Jerusalem: facilmente a tendeo, & soberbo com a preza, dando vida às molheres, que não ficãraõ seguras no perigo de sua honnestidade, a os homens deu cruelissima morte, em particular a vinte & sinquo frades da nossa sagrada Ordem, a os quaes poz a

tormento pera que arrenegassem, sem com isso contrastar sua grande fortaleza. Forão todos degolados, & queimados, & suas cinzas desfeitas nas agoas do mar salgado. Dous erão desta Provincia, que por sua devaçãõ navegavãõ pera a Terra Santa, onde Christo padecéo. E quando este Senhor nos fizer tanta mercê, que leamos pelas Cronicas do Ceo, nellas veremos seus nomes escritos com letras d'ouro, pois o mar os afogou.

2 Florecia nestes tempos em grande estimaçãõ o Padre Mestre Francisco; Confessor d'El Rei D. João I, que delle nos deu noticia numa Carta, passada em Santarem a 22 de Março de 1428. Foi o caso, que entre os dous conventos, da Santissima Trindade, & de S. Francisco na mesma Vila corria hũa demanda, a qual nos dava molestia. Nõs abrimos hũa porta na parede do nosso adro, que fica da sua banda, & elles a embargaraõ em rezãõ da serventia. El Rei como Principe Christão, que desejava concordia nas Religioes sagradas, foi fazer em pessoa vistoria, ordenando a cada hũa das partes, que fizesse seu Procurador bastante. Os Padres Trinos nomeãraõ dous da sua Religião, & os Franciscanos hum da nossa, o qual foi o dito Mestre Francisco. Ouvidas depois as suas alegações,

Martyrol. Francisc. Aug. 22. Meni. desta Provinc.

1428

Arch. de s. Clara de Sax.

tenrenciou a questão pelos termos da justiça, & mandou passar a Carta, que já tenho referido.

3 Nella diz o mesmo Rei, que assistio nesta causa *Mestre Francisco, nosso Confessor, que a esto foi chamado por parte de S. Francisco;* & com a mesma certeza de elle ser seu Confessor, dizem os tambem, que era frade da nossa Religião. Isto achamos escrito nas Memorias da casa, & concordão com os termos da demanda, porque se os Padres Trinos da tua Ordem fazião dous Procuradores, hum só, que nós escolhemos, da nossa devia ser; & com pouca confiança nomeariamos a hum Contessor d'El-Rei, se elle não fora do nosso habito. Com tudo, se era frade, como não se chamava *Fr. Francisco* com o prenome de *Frei*? A o que facilmente responderios, que os Mestres graduados na tanta Theologia entre os nossos Claustres naquelle tempo antigo de tal modo se honravão do apelido de *Mestre*, que os mais lhes esqueciao. Sinquo exemplos exhibi em outras partes, & agora mostro outros. No anno de 1502 em S. Francisco de Lisboa *Mestre Luiz de Raz* Ministro Provincial, *Mestre Lopo Custodio*, & *Mestre Martinho Guardião* assistirão a o prazo, que fez o Syndico de parte da nossa cerea pera nella se fazer a rua,

que hoje chamão do *Saco*. No de 1512 se achou em outro prazo *Mestre Pedro Baião*; & recorrendo a os annos mais antigos, no de 1412 o *Tabalião*, que escrevèo a licença do Ministro, pela qual a Abadessa de S. Clara de Lisboa poderia emprazar a fazenda do mosteiro; lhe chamou *Mestre Afonso d'Alprão*. Pelo que *Mestre Francisco* tem o titulo de *Frei* não deixava de ser Frade da nossa sagrada Ordem.

4 Tinha tambem grande nome em rezão de prudencia, & letras o P. Fr. João Palmeiro, a quem o Papa Martinho V no anno de 1429 fez Penitenciarrio da Basilica de S. Pedro em Roma. Era natural das partes de Alanquer, & posto que da pessoa não temos muita noticia, de seus parentes por todos estes contornos, sendo elles muito nobres, he notorio, que tem graça natural de Algebristas pera concertarem braços, & pernas quebradas; sem averem aprendido esta Arte.

5 Temos agora hum Vigairo Gèral da nossa Ordem no bispado de Marrocos, & ficarã confirmado como muitas vezes disse, que não erão Titulares os seus Bispos naquelle tempo antigo, mas que tinham residência. Avia nesta cidade muitos Chriãos, descendetes daquelles taõ miseraveis que na perda gèral de Hespanha forão pera lá mu-

d Arch. de  
S. Clara de  
Lisboa.

1429

Fr. Luc;  
fòm. 5 an.  
1429. n. 7.

o p. 1. l. 1. c.  
53. n. 1. & l.  
2. c. 11, n. 3.

dados,

Al. d. 17 A  
ob. 1512  
1503

f. Sand. na  
Cron. de  
Carl. V. p. 2.  
122. 5. 42.

224

225. 1. 17  
225. 1. 17  
225. 1. 17

dados, & pelo nome Mouriteo  
 se nomearão *Farfanes*. Outros  
 avia também; os quaes por va-  
 rios casos, & encontros da For-  
 tuna se vinhão valer dos Mou-  
 ros, onde tratavão de suas co-  
 modidades; & todos vivião  
 arruados em bairro particular  
 a semelhança dos outros, que  
 Carlos V. achou em Tunes, &  
 assisti do lhe os frades da nossa  
 Religião, os quaes com grande  
 trabalho cultivavaõ esta vinha-  
 do Senhor.

26 Os Pontifices também  
 os proviãõ de Pastores, que  
 pessoalmente vigiassem seu re-  
 banho; cercado de tantos lo-  
 bos, & com elle residissem no  
 bispado. Ouve hum, que se  
 chamava *D. Pedro*, o qual nisto  
 se mostrou pouco solícito, dei-  
 xando sós as ovelhas por hũa  
 larga ausencia, & informado de  
 tudo pelos mesmos Christãos  
 o Papa Martinho V nomeou  
 por Vigairo Géral daquelle di-  
 to bispado a o nosso Fr. Marti-  
 nho de Cárdenas, o qual com  
 seu companheiro da mesma Re-  
 ligião assistia entre elles pre-  
 gando a Fé Católica, & admi-  
 nistrando os santos Sacramen-  
 tos, que lhes eraõ necessarios.  
 Deulhe o Summo Pontífice to-  
 da a autoridade, que por costu-  
 me, ou direito pertencia a os  
 Vigairos Géraes, & sobre isto,  
 que podessê absolver de todos  
 os casos, que estavaõ reseráva-

dos a os Bispos.

17 O Padre Fr. Lucas, que  
 nos deu esta noticia, lhe fez  
 assento no anno de 1419, o que  
 não podia ser, por quanto nesta  
 bula diz o Papa; que o Bispo  
 ausente era chamado *D. Pedro*,  
 & tal nome nesse tempo não  
 avia em Marrocos. Era entãõ o  
 seu Bispo o nosso D. F. Aimaro,  
 eleito no anno de 1413, o qual  
 com o mesmo titulo no de 1416  
 assistio no lançamento das pri-  
 meiras pedras em S. Clara do  
 Porto, & depois no de 1421  
 foi mudado pera Seita. Passada  
 esta mudança, lhe sucedeo hum  
 D. Pedro, por cuja morte, no  
 anno de 1433 foi provido D.  
 Fr. Bertolameu, como ainda ve-  
 remos, & esse devia ser o que  
 era acusado das ausencias. Pelo  
 que em esse tempo lhe substituiu  
 o Papa o sobredito Vigairo (a  
 meu parecer) no anno 12 do  
 seu Pontificado; que vinha a  
 ser, do Nascimento de Christo  
 1429; & quem copiou a bula  
 pera o Padre Fr. Lucas, escre-  
 véo por desatento o 2 anno do  
 mesmo Pontificado, o qual elle,  
 suposto este engano; reduzio  
 por boa conta a 1419;  
 mas esta trazia já o  
 fundamento  
 errado.

com. 5. an.  
1419. n. 6. &  
in Reg.

p. 1. 5.  
c. 25. n. 2.

1419.

## CAPITULO XXXIV.

Ferve muito a deuação de S. Clara, padecemos algũas tribulações, & D. Fr. Ber-  
tolameu he provido no  
bispado de Mar-  
rocos.

1430

**A** Ndava por estes tempos mui viva em Portugal a deuação de S. Clara, & aquelles, que não podião levantarlhe mais suntuosas memorias, ennobrecião seu nome com capelas, altares, & imagens. Hũa das sobreditas capelas lhe instituiu o Prior de S. Miguel de Penela, chamado *João Miguens*, na Igreja de S. Maria de Cintra, onde era Reçoeiro. Deulhe renda, com a qual se conservasse; que sem ella seria obra fantastica; & vagando no reinado d'ElRei D. Afonso V, elle, que por sua piedade assistia a todas as obras pias, & do serviço de Deos, fez seu Administrador a Joane Anes, murador na mesma Vila<sup>a</sup>.

2 Vivião então os frades da Regular Observancia nas mesmas Provincias, que os Claustres governavão, & sendo filhos legitimos de N. P. Seráfico, a diferença da vida mais

santa, & penitente nos representava a elles muiro estranhos. Pelo que não se fiavaõ de nós, receando por ventura o que depois succedeo, que lhes tomamos as calas, & Provincias inteiras com o principal governo da Monarchia Franciscana. Atégora nos permittião algũas vezes Vigairos da nossa mesma Familia, os quaes por comissão dos Ministros nos mantinhaõ na guarda de nossas leis, como forão alguns, que ouve nesta Provincia, & já tenho referido. Acautelados porém, no Capitulo Géral. celebrado em Afsis no anno de 1430, com pretexto de també se reformarem alcançaraõ do Papa Martinho V hũa total extinção dos sobreditos Vigairos, & que todos, Observantes, & Claustres, se unissem em hum corpo a sombra d'hũa cabeça sem divisaõ no governo<sup>b</sup>.

3 S. Joã de Capistrano, professo na Observancia, & seu maior Protector pelos desejos, que tinha da reforma dos Claustres, consentio na uniaõ: compoz as constituições, q avião de guardar, as quaes por rezão do Papa se chamão *Marimanas*; & foi dado a o Géral por adjunto na sua execucao. Mas vêdo, q a reforma não fazia mossa nelles, & o rigor dos Observates podia correr perigo, no anno seguinte nostornou a dividir, restituindo

b Fr. Luc.  
tom. 5 an.  
1430. & seq.

1431

a Torre do  
Tomb. 1.5  
da Estrem,  
fol. 163.

como d'antes os Vigairos. Esta graça, & outras muitas, que foram continuando, lhe concedeo Eugenio IV, a quem o Santo era muito agradavel em razão de suas raras virtudes, illustradas do espirito profetico, com que lhe prenunciou o summo Pontificado. E a ambos estamos devendo hoje a firmeza, & augmentos da Regular Observancia, contra a qual nem as portas do inferno poderao prevalecer: a o Papa, por quanto nos concedeo os Vigairos Provinciacs, & Getaes, separandonos da Claustra quanto lotria o tempo: a S. Joaõ, porque em retorno da estreita amizade, que tinha com elle, & dos grandes servicos, que fazia à Igreja, não lhe pediu outra cousa, senão que sempre favorecesse as partes dos Observantes. Dos Vigairos, que depois encontrar nesta Provincia, irei fazendo menção.

4. Agora a faço, acompanhada de queixas, dos agravos, & molestias, com que os Ecclesiasticos, devendo amarnos muito como seus coadjutores em a salvação das almas, nos atiravão de frecha atropelando neste Reino as nossas immuniidades. E verseha quantas vezes o espirito maligno, como digo noutras partes, soprou o fogo das nossas tribulações, & o muito, que avemos padecido

tem justiça, & sem rezaõ. Entendo, que este grande trabalho era comum às outras Religioes, por quanto a paixão defensiva da nunca soube perdoar: mas eu refiro os nossos, & os mais dirão os seus.

5. Prohibião a os seus Parochianos confessaremse com nosco, & se alguns se confessavão, diziaõ elles do pulpito que não ficavão absolto. Se achavão algum frade confessando fora das nossas Igrejas, logo o seu Meirinho o levava a o Aljube: Obrigavaõnos responder no seu Juizo, & com raiva de alegarmos a liberdade do foro, nas outras causas não nos querião ouvir. Não valião privilegios com elles, sendo assi, que não eraõ só favores voluntarios dos Papas, senão premios forçosos de nossos merecimentos. Não tinhão nisto respeito a santa Se Apostolica, cujas eraõ estas graças, & menos a majestade de hum Principe tão grave, & respeitado no mundo, como foi ElRei D. Joaõ I, o qual já nos avia emparado com hua carta de Protecção. Pelo q escandalizado elle de tanta exorbitancia, estando em Sautarém a 26 de Julho de 1431, mandou as suas Justiças, que nos conservassem nas nossas immuniidades. Mas nem por isso acabaraõ os contrarios de cozer a sua teima, porq entraraõ com

o Torre do  
Tomb. l.  
do: Ext. fol.  
100.

d Arch. de  
S. Franc. de  
Pedro.

1433

e F. Luc.  
con. cit. ad  
1433. n. 14.

ella pelo tempo d'ElRei D. Duarte, & não sei se as suas provizões dos annos 34, & 35 dadas em nosso favor lhe lançaraõ muita agoa na fervura. Por esse tempo se partio desta miseravel vida o Bispo D. Pedro, que andava acudado da pouca residencia, que fazia em Matrocos, & della daria estreita conta a Deos. Em seu lugar, & no anno de 1433 foi nomeado pelo Papa Eugenio IV. D. Fr. Bertolameu de Ciudad Rodrigo, professo na nossa Ordem. Procedeo louvavelmente, restaurando todas as faltas passadas com suas muitas virtudes, das quaes teria o premio.

CAPITULO XXXV.

*Falece ElRei D. Ioão I: assiste-lhe os nossos Observantes: prega nas suas exequias o P. Fr. Gil Lobo, & aconselha a ElRei D. Duarte o que lhe convem fazer.*

1433

**V**Inha já declinando no seu curso com o pezo da mortal humanidade este Sol esclarecido, que subindo a o auge da maior felicidade com as azas de igua-

es merecimentos fez illustre na redondeza da terra o seu Reino de Portugal com gloriosos triunfos. Era filho illegitimo d'ElRei D. Pedro: mas não nasceu ás escuras, por quanto teve por mãe hũa Senhora, natural de Galiza, muito nobre, chamada *Dona Tareja Lourenço*, a qual está sepultada em S. Francisco de Lisboa. E brevemente divizou nelle seu paê quantã luz avia de dar no Reino, porque logo vio em sonhos, que sendo ainda muito minino, já apagava hum incendio terrivel, em que Portugal ardia; & foraõ as memoraveis batalhas, que venceuõ contra Castela.

2 Cuidão alguns, que nasceu a os 14 d'Agosto; vespera da Assunção da Senhora Mãe de Deos<sup>b</sup>: com tudo outrros affirmão, que a 11 de Abril<sup>c</sup>; & seja o que quizerem. Mas he certo sem questião, que dentro do Oitavario desta sobredita festa tomou gloriosamente a cidade de Seita: na sua vespera ganhou a preciosa batalha d'Aljubarrota, & em dia semelhante veio depois a morrer. Pelo que a esta Virgem santissima costumava referir todos os seus bons successos com demonstraçoẽs de muito agradecido.

3 Mais d'hum anno, que servio de Regedor, & Defensor deste Reino, & quarenta & oito, que reinou prosperamente,

<sup>a</sup> Faria Epir. de las Hist. Port. p. 2. c. 9. n. 25.

<sup>b</sup> Mariz Dial. 4. c. 2. Pina na Cron. d'ElRei D. Duarte c. 1. <sup>c</sup> Cugna na sua Cron. c. 1. Faria cit. p. c. 11. n. 1. Souza p. 2. l. 20. c. 21.

nunqua ouve noite triste, que lamentasse desgraças, ou encurbisse afrontas: sempre era dia claro com vitorias alegres, felicidades continuas, resplandores de prudencia, & chamadas de piedade. Por todas estas razões, de justiça merecêo o apellido de *boa memoria*, com que hoje he celebrado seu nome: nisto porém me remeto a os Cronistas do Reino. E no tocante à nossa Religião, & mais em particular à Familia Observante, a qual entrou neste Reino em seu tempo, & tinha já treze casas quando elle falecêo na cidade de Lisboa, nestas nossas duas partes da Historia Serafica se achará espalhado o que agora não cabe em hum epilogo breve.

4 No seu caso da morte padecêo tambem eclipse o outro Sol material, que divide os dias, & mais as noites: ou fosse demonstração de tristeza: ou sympathy, & atinonia oculta, que ambos tinhão na virtude de luzir. Falecêo nos seus paços do Castelo, na vespera da Assunção da Senhora, 14 de Agosto de 1433; & collocou-se seu corpo, techado em hum caixa de chumbo, diante do altar de S. Vicente, na Sê da mesma cidade em quanto se esperava, que quebrassem os ardores do Estio pera d'ahi o levarem a o convento da Batalha.

E tendo tantos os dias, que elle gârao a 25 de Outubro, achêi expressa memoria de lhe assistirem sempre *muitos frades da Observancia*. Muito mais facil nos fora, se ella já nesse tempo tivera alguma casa em Lisboa, ou por todo o seu termo: porém vi-nhamos a o menos de seis legoas, & quanto mais nos custava, melhor se via qual era nosso empebho, & o serviço seria mais estimado.

6 Na occasião da mesma morte concorrêo dous extremos, pouco achados no mundo. Hum foi o da piedade do Infante D. Duarte, que lhe succedêo no Reino, porque não chorava tão lamente com hum olho esta perda deixando o outro livre pera festejar a successão no reinado: mas com ambos de tal modo lamentava sua morte, que não respeitava muito a autoridade propria. Outro foi o do valor, & prudencia do P. Fr. Gil Lobo seu Confessor, & Franciscano, o qual não era daquelles, que andão lizongean-do os Reis, & lhes falão a vontade: antes muito livremente lhe metêo em consciencia que se recolhesse logo a tratar do q̄ convinha, & nao quizesse agravar mais com o choro as lamentações do Reino, nem abatesse com semelhantes excessos a sua mesma pessoa.

6 Chegou o tempo da sua

tresladação, & avendo quatro sermoes nesse dia, dentro da Sé, à porta della, na rua nova, & rocio, por onde elle passava, o principal das exequias, que se fez na mesma Sé, prègou com muita erudição o dito Padre F. Gil. Entre estas exclamações magoadas, & grandes prantos da gente, & com a pompa mais nobre, que até aquelle tempo se tinha visto no Reino, foi levado em hum carro majestoso

(traça do mesino Confessor) pelo qual ElRei tirava, os Infantes, & outros grandes Senhores, até as portas da Mouraria, onde isto se dispoz em outra fórma: triunfando elle sempre pelas ruas de Lisboa, & pelas estradas publicas dos maiores inimigos, que perseguem a os mortos infame ingratição, & baixo esquecimento.



LIVRO DVODECIMO  
 D A  
**HISTORIA**  
**SERAFICA**  
 DOS FRADES MENORES NA  
 PROVINCIA DE PORTUGAL.

Relação do Convento do Espirito Santo  
 de Gouvea.

CAPITULO I.

*Dãse noticia da Vila, de hum  
 caso horrendo, que nella acon-  
 tecêo, do lugar, & princi-  
 pio do convento, & de  
 alguns bemfei-  
 tores.*

1433



**A**NTES da  
 morte do  
 dito Rei  
 D. João,  
 no mesmo  
 anno, a os  
 28 de Ju-  
 nho nos deu Eugenio IV hum  
 breve mui favoravel pera que  
 o Oratorio do Espirito Santo  
 de Gouvea, onde já avia frades,  
 se podesse melhorar a estado de

convento com todos os privi-  
 legios concedidos a os outros.  
 Veio remetido a o Bispo de Sei-  
 ta D. Fr. Aimaro, o qual logo o  
 poz em execuçaõ, ainda que a  
 Igreja, pera a qual vinha licença  
 no breve, não se sagrou até go-  
 ra. Consta delle sermos aqui  
 mais antigos, mas como ninguê  
 me diz em que tempo cá vie-  
 raõ os primeitos moradores,  
 deste ponto fixo da erecçaõ em  
 convento irei lançando as li-  
 nhas, que debuxem a sua circũ-  
 ferencia.

2 He Gouvea, no bispado  
 de Coimbra, hũa vila muito no-  
 bre pelo que tem de antiga, &  
 pelo que logra no seu estado  
 presente. Ja no anno do Naci-  
 mento de Christo 1186 lhe deu  
 foral El Rei D. Sancho I: ago-  
 ra he Titular, & Cabeça do

Menarch.  
 Lusit. p. 4.  
 l. 12, c. 3.

Mar.

Marquezado do seu mesmo apelido, que pertence à Família Illustrissima dos Sylvas, Senhores della, & Condes de Port-Alegre. Levantouse, por não ficar acanhada, sobre hũa eminencia da banda do Norte, dõde a Serra da Estrela, ambiciosa de se dar a conhecer, como a Torre de Babel, começa a caminhar pera o alto das nuvens. E posto que participe da inclemencia de suas neves, & frios, tudo isto lhe ficou recompensado com hũa vista alegre, áres purissimos, & abundancia grande dos fructos mais necessarios à sustentação humana.

3 Foi teatro, mas contra sua vontade, & sem cuidar que tal podia aver, d'hum tato atrevimento dos Judeus d'aquelle tempo, os quaes não se afrontavão de profetarem de publico sua teima, & malicia. Furtarão secretamente da Igreja de S. Pedro hũa Imagem da Senhora Mãe de Deos. Não sei como diga isto, porque me treme a mão, & emnuidece a lingua. De ladroões muito sacrilegos passãrão a algozes atrevidos, & naquella mesma força, que só pera malfeitores se avia preparado, enforcãrão em figura a purissima Senhora, que vence na santidade os Anjos. Não teve olhos a noite, por quanto era escura, pera ver tão horrendo espectáculo, & quando a luz do Sol o

publicou a o mundo, estalavaõ de paixão os coraçõs dos Fieis. Mas não se glorie de sua maldade muito a perfidia Judaica, porque onde lhe fez este desacato, a tem hoje venerada a piedade Christã. Levantou lhe no mesmo lugar ermida, na qual poz a santissima Imagem com hũa cruz composta dos paos da forca, a qual por esta razão he chamada *Nossa Senhora da Vera Cruz*. Aqui tambem ostentou na saude de enfermos, & doentes de maleitas seus poderes milagrosos o Filho Omnipotente de Deos, o qual sempre acudio á honra de sua Mãe. E por quanto a devação cobigota de reliquias, tirando lascas da Cruz a tinha muito desfeita, o resto, que escapou, está hoje guardado com mais cautela.

4 A o pè da mesma Vila, & atastado hum pouco à parte do Sudueste estava o Oratorio, que agora se transformou em convento. Nem ouve mudança nelle com este breve do Papa, se não foi no material da casa; porque os frades ficãrão no mesmo sitio, retiverão o apelido do *Espirito Santo*, a cuja sombra se achavão consolados, & permanecerãrão sempre no estado de Claustres até o anno de Christo 1568, em que nós os reformamos na Regular Observancia. Sabendo porém o Povo, que avia de estenderse a casa

pera poder hospedar mais o breiros do Senhor, que o louvassem no coro, & cultivassem a sua santa herdade em a salvação das almas, foraõ tantas as terras, dadas por amor de Deos, que fazendo grande cerea, & horra muito à nossa vontade, ainda deixamos algũa parte de fóra, & hum espaçoso prado, onde se fazem as feiras. Reservouse o aperto pera o corpo do convento, o qual he mui pequeno, & humilde, & nã a grande industria dos Prelados deste tempo, que muito o alentãõ, o pode desfigurar das suas feições de pobre, as quaes lhe daõ fermosura no aspecto Franciscano.

5 De mais disto, a solidão do lugar retirado de concursos excita a devação do espirito a fugir dos desconcertos do mundo, com que anda alterado. Pelas entranhas da cerca vêm cortando hũa perenne ribeira, se quieta no veraõ em quanto sòmẽte logra as agoas da sua fonte, no inverno arrogante com as demazias delle; & bem mostra a insolencia d'huns, que valendo sõ com os favores alheos saõ a ruina dos outros. As arvoredes, que nascem à vista della no mais infimo do vale, quando não pódem adiantarse às outras, que rem melhor nascimento pelas ladeiras vizinhas, a o menos se emparelhão com ellas. Em

quanto nõs competirmos a tua imitação sobre chegar a o Ceo, estarã este bosque povoado de religiosos santos, como foi antigamente. Mas demos graças a Deos, que nesta sua familia de tal modo derrama o seu espirito<sup>2</sup>, que nunca se acha menos quem o sirva com amor.

<sup>2</sup> Tost. 2.  
v. 29.

6 Com esta benção do Ceo, nos vêm chovendo a outra da abundancia da terra. Está taixada a casa pelos nossos estatutos em quinze religiosos, & bem poderã ser mais se não lhes faltãõ celas, porque a tudo abrangem com a sua caridade os vizinhos, & estranhos. Confesso porém ventagens a os sobreditos Condes de Port-Alegre, & Marquezes de Gouvea, por quanto todos os annos nos dão hum moio de trigo, & doze duzias de pescadas, a qual mercê estabeleceo com alvarã por escripto no de 1582 o Conde D. João da Sylva, pera nõs de amorosa memoria. Costumava honradamente dizer, que a os frades de S. Francisco trazia elle nas mininas de seus olhos: no coração por amor, na cabeça por respeito. E se a caso lhe faltãra esta insigne virtude, que he propria nos Principes, por ventura, que não ficãra seu nome engrandecido na reverência dos homens. A mercê vai proseguindo sem encargo de súfragios, porém nõs obrigados do

primor

primor lhe fazemos companhia com os que nos persuade nollo agradecimento; & isto todos os dias. Eraõ tambem nas esmolas tributarios a este santo convento os Senhores do Concelho de Povolide, & da vila de Castroverde; & creio que foi por cõtempção de D. Branea de Menezes, Senhora das melinas terras, a qual morando tão longe nesta casa elegêo a sepultura.

## CAPITULO II.

*Mostra-se muito grandiosa nesta casa hũa Abadessa de Lorvão, & deposita nella hũa notavel reliquia dos Martyres de Marrocos, com os ossos de seu pae, & tres irmãos.*

**S**endo grandes, & cõ muitos beinfeitores os empenhos desta casa, são muito superiores a seu agradecimento as obrigações, que tem a D. Caterina d'Eça, Abadessa do mosteiro de Lorvão da Ordem de S. Bernardo; & não he de espantar, porque como lhe era ateçoada, nos favores se avião de desvelar seus cuidados. A primeira acção foi fozella depositaria das ossadas de seu pae, & tres irmãos: mas

dito se tratara adiante. Seguiu-se a doação de hũa grande reliquia dos nollõs Martyres de Marrocos, a qual tirou dos dous corpos, que estão no seu mosteiro como tenho escripto. Cuidão algũs, que era hũa espada; a porẽm o mesmo Notario, que a tirou do sepulcro, & teve em suas mãos, no auto da entrega, que se fez a esta casa, declarou expressamente ser *hum osso de hũa cadeira*. Tão sollicita andava em nos dar esta sagrada reliquia, que passando-lhe o Nuncio Apostolico a licença pera isso em Ponte de Lima a os 30 de Abril de 1515, quando forão os 9 do mez de Maio já o Notario, & Fr. Gonçalo da Mota, Custodio de Lisboa a tintião apartado da companhia das outras. Não fez então mais detença, que em quanto se obrõu o reliquario, & como esteve feito o veio oferecer em pessoa a o Espirito Santo na primeira Oitava da sua festa; em 29 do Maio assina dito.

3<sup>o</sup> Era de prata, quasi em forma quadrada, dourado, & guarnecido com viute & hũa pedras, todas com gravões de aljofar; & na face dianteira hũa vidraça, pela qual se via bem a Reliquia. Mas ouve nesta idade hum Guardiãõ caprichoso, & pouco considerado, que a partou desta Custodia: rica a hum

a p. 1. 2.  
c. 1. n. 3.  
Gonçalg.  
223 704  
F. Luc. tem.  
an. 1220.  
n. 45.

pobre meio corpo de madeira. A tenção seria boa, porém não o foi a obra; & bastava para ficar reprovada, parecer o santo Osso agora mais pequeno do que era. Tem particular capela; que fizeram seus deuotos; & nella se guarda merida em hum sacramento.

4. Com esta prenda do Ceo ofertou a insigne Abadeffa tres alcatifas, hũa naveta com dous castiças de prata, ornamentos, vestimetas, & outras peças miudas, que servissem no altar em louvor dos Santos Mártires. Era nimia, & notavel na devação, que lhes tinha, & por tanto ordenou, que a melhor vestimeta servisse somente na sua festa, nas de Christo; & de N. P. S. Francisco; mas nos dias da Senhora, com quem nenhum Santo pôde ter comparação, a outra de menos preço. Tão prudente se mostrou, como era liberal, em prover que tudo se conservasse. Deu cofre para guardar estas peças, & nomeou Conservador secular, que as vigiasse sempre. Com tudo não teve forças, nem podia ter cautela contra o rigor do tempo, que as tem já consumido. A isto acrescentou o relógio, & órgãos, com tres mil reis em dinheiro, que então erão bastantes para se fazer o coro, & ajudou o convento noutras obras, que se avião mister. Deu tambem ( que não

cauçava de dar ) huns oliveas em Botão, & huns moinhos na Ribeira de Gouvea, dos quaes depois se desfizerão os frades quando forão reformados na Regular Observancia; & porque o seu mosteiro não se podesse queixar, cuidando que ella era tão liberal do alheo, declarou que nada disto pertencia à sua comunidade, mas que tudo fôra do seu peculio.

5. Poz o selo a estas suas grandezas com hũa bula selada, que pediu a o Papa Leão X, pela qual concedeo sete annos, & sete quarentenas de indulgencia a quantos visitarem a Igreja, dando alguma esmola, nos dias do Espirito Santo, S. Francisco, & dos tantos sinquo Mártires. E por nos livrar do trabalho de consultar os Theologos, declarou tambem o mesmo santo Pontifice, como a tal indulgencia se poderia ganhar quantas vezes no mesmo dia fizessem esta visita. Estavaõ presentes no tempo da doação o Ministro da Provincia Fr. Francisco Caldeira, & o Guardião da casa Fr. Francisco de Linhares, os quaes vendo tão admiravel largueza, & tão desinteressada, que não nos punha encargos nem d'hũa Ave Maria, obrigaraõ o convento a rezarhe cada dia hum Responso pelas almas dos defunctos, que ella depositou nesta casa, & logo nomearemos.

6 A sua sepultura está na capela mór, dentro do vão da parede da banda do Evangelho, em hũa arca pequena de pedra brãta (como toda a mais obra) atravessada por siua com hũa Cruz de relevo, floreteada nas pontas. As portas, com que se fecha, são tres arcos sustentados em columnas, & metendo eu as mãos fiz clara experiencia de estar cheia de ossos. Daqui sobe pela face da parede hum enla-

çado airoso de ramos de carvalho, carregados de bolotas, que ornão galantemente o nome de *D. Fernando d'Eça*, escrito em quatro partes com o brazão de suas armas, conhecidas neste Reino. Na pedra fundamental desta engraçada machina, feita a modo de degrãos se acha hum epitafio cõposto de letras Goticas, mal distintas, & cõ palavras imperfeitas, q'o faz difficiloso de ler: mas a leitura he esta.

Aqui jaz *D. Fernando d'Eça*, filho do Infante *D. Ioão*, & neto d'El Rei *D. Pedro de Portugal*, & da Infante *D. Inez de Castro* sua mother; & bisneto d'El Rei *D. Afonso de Castela*, o que venceu a batalha do Salado. Este *D. Fernando* foi padre de *D. Caterina*, Abadesa de *Lorvão*, que o aqui mandou tresladar na Era do Nascimento de nosso Senhor *Iesu Christo* de mil & quatrocentos & setenta & nove annos, **XXV.** dias de Janeiro.

7 Nesta sua descendencia Real pela parte deste Reino achi constantes a todos: mas a outra pela via de Castela negão alguns Portuguezes escrevendo, que seu pae o Infante *D. João* não o ouve do segundo matrimonio com *D. Constança* filha bastarda d'El Rei *D. Henrique o II*, & netã d'El Rei *D. Afonso o II* do nome; senão do

primeiro com *D. Maria Teles*, irmuã da nossa Rainha *D. Maria Teles*. Porém esta Abadesa sua filha, que nessa forma lhe mandou escrever o epitafio, bẽ avia de saber que tota sua Avõ, & assi não temos que duvidar na regalia de Castela. Com elle tem aqui suas ossadãs *D. Fernando*, *D. Garcia*, & *D. João*, todos seus filios; & do apelido

e Nomes na  
Cron d'El  
Rei D. Ped.  
Mariz Dial.  
l. c. 4.  
Faria p. 3. c.  
n. 22.

Gen: g.  
cit.

Eça, como se vê pelo auto da entrega da sobredita Reliquia. Não duvido, que ella as trouxesse de Lorvão<sup>d</sup>, porém não temos clareza. Hũa sua filha, por nome *D. Maria de Portugal*, deixando tres casamentos, celebrou esporios com Christo no mosteiro de S. Clara do Porto.

8 Este mesmo *D. Fernando* casou a ultima vez com *D. Isabel de Avalos*, filha de *Pero Lopes de Avalos*, Adiantado de Murcia, da qual teve duas filhas, a quem devemos lembrança. Hũa foi esta grande Abadessa *D. Caterina d'Eça*: outra, *D. Branca d'Eça* mulher de *João Rodrigues de Azevedo*, cujo corpo nós guardamos na capella de N. Senhora a Fermosa, no Claustro de S. Francisco de Lisboa. Sua mãe em se achando viuva, recolheose em Lorvão, & lá ficou enterrada no lugar, que disse na outra

p. 1. l. 3. c.  
19. h. f.

parte, onde o Imperffor por descuido lhe chamou

*D. Isabel de Avila.*



## CAPITULO III.

*Da singular devação, com que aqui se venera o Espirito Santo, S. Francisco, & os ditos sinquo Martyres.*

**E** Azendo estimação o Espirito Santo, Terceira pessoa da Santissima Trindade, & hum só Deos com as outras, do abrazado affecto, com que nós neste convento invocamos o seu nome por nosso Titular, & Padroeiro, fez innumeraveis graças a quantos vinhaõ buscar a sua cõsolação. E sendo elle o absoluto Senhor, que concede, & limita a seus servos a virtude de milagres, na forma, que lhe parece, nesta casa os obrava sem medida, pela largueza de seu liberal amor. Soltava lingoas prezas, restituia a luz perdida dos olhos, desterrava o demonio dos corpos, remediava pobreza, consolava os tristes com grandes felicidades, & obrou por seus auxilios admiraveis conversões. E como a devação tambem se quer convidada, pelo grande interesse destes, & doutros favores acudia muita gente a visitar o convento pelo discurso do anno, & tanta, que não

podia

podia contarle, na sua solennidade. Nesse dia decia toda a Beira, & mais em particular os Povos de Riba-Coa, que na sua devação se estremavão dos outros.

2. Duas vezes me achei no tempo da mesma festa, & quanto vi, & ouvi foi hũa admiracão. Erão tantos os Romceiros, que enchião as estradas. Os que chegavão á vespera em fazendo oracão, quando o Sol se queria esconder repartiraõse em turmas: as mulheres ficavaõ sós na Igreja, & os homens alojavãose no claustro, varandas, & dormitorios, ou onde melhor podiaõ. Assi passãrão a noite molhados, & cançados como vinhaõ do caminho, mas em alegre vigilia, cantando todos a coros, como se foraõ hũs Anjos. Espertouos o sino da meia noite a o tanger das matinas, não pera cãtarem mais, senão pera nos ouvirẽ os louyores do Senhor. Em rompendo a manhã, era muito pera ver a competencia feita sobre quem avia de ser primeiro na Confissãõ, Comunhão, & ganhar as indulgencias. Não acabavão de beijar os ornamentos, tocar rosarios pelas imagens sagradas, & trocar suas ofertas pelas rosas, & flores, que achavão nos altares. Nito decẽo a procissãõ de Gouvea, que nõs fomos esperar, acompanhada tambem d'outras ofer-

tas maiores; & cõ ella se fechãrão as festas d'aquelle dia.

3. No mesmo tempo se pezáva na Igreja muita gente a trigo, & a centeio em satisfacão de votos, que tinhaõ feito quando estavaõ enfermos, ou com intento de grangear seus favores. Outros comerciavaõ na feira, a qual era tão grande, & abundante, que ocupando todo o prado vizinho chegava a hũas tendas, as quaes algũas pessoas muito d'antes tinhaõ feito á conta do interresse dos alugueis nestes dias. Esta feira, e lites pezos, & esta grande romagem continuavaõ tambem pelas festas de N. P. S. Francisco, & dos santos cinco Martyres, os quaes todos teni contradicão algũa se levantãõ a maiores com a devação da Beira. Mas os trabalhos do Reino, originados das guerras, & a grande inconfiancia do espirito dos houiens, que deixou acabar se nesta ca-la hũa grave confraria do Santissimo Sacramento, instituida por muitos povos vizinhos, & aprovada pelo Vigairo de Christo, não he pera espantar que pozessem estas cousas em diferente estado.

4. Com tudo os santos Martyres, que a poder de milagres se fazem mui respeitados, ainda tem irmandade de homens, & de mulheres, q' Urbano VIII. enriquecẽo com muitas graças perpe-

tuas. Elles são os advogados de todos estes contornos diante da Piedade divina, & quando mais os aperta alguma necessidade, levamos em procissão a o lugar de Vinhò, ou à vila de Gouvea a sua santa Reliquia, tornando de ordinario cõ o despacho nas mãos. Se queremos pedir chuva, logo se abrem as cataratas do ceo; & se lhe pedimos Sol, já nos vêm aquecendo no caminho. Seja Deos muito louvado, que deste modo autoriza a seus servos.

## CAPITULO IV.

*Manda El Rei D. Duarte seu Confessor Fr. Gil Lobo a hum Concilio Gêral, & defendenos em algũas oppressões.*

1434

**N**O anno seguinte à morte d'El Rei D. João I, seu filho D. Duarte, que lhe sucedeo no Reino, tratou com grande calor da sua reformação, que sempre he necessaria pelas demazias, que vai fazendo o tempo. Praticoua nos Ministros da justiça, & residentes na Corte, os quaes todos merecião (não digo, se a merecem agora) hũa valente reforma. E pera acabar com seu exemplo o q̃ sem elle seria nos outros difficuloso, começou por sua

caza, & sua mesma pessoa agorẽtando os gastos, q̃ cauçavaõ a os Povos. Cõ este mesmo espirito, verdadeiramente santo, acompanhou de saudaveis conselhos os favores, que nos fez na Carta de doação do convento das Virtudes.

L. II. C. 24  
n. 2

2 Mas traziao cançado a tẽpestade horrivel, q̃ nesse tẽpo andava provando forças co'na Barca de S. Pedro por occasiõ do seisma, q̃ se tinha levantado na Igreja, & teve este principio. Avia Martinho V começado hũ Concilio em Basilea, cidade de Alemanha: aprovou seu successor Eugenio IV, & cõtinuou cõ elle: mas pretendõ depois trazello pera Italia, finalinẽte o assentou em Florença. Os Basilienses, que estavam congregados, tomaraõ isto rão mal, q̃ toraõ proseguindo o seu principio Concilio cõtra vontade do Papa, procedẽdo sem cõselho contra a pessoa delle atẽ o privarem do sũmo Pontificado. Elegeraõ por seu Papa, q̃ sem questão foi Anti-Papa, a Felix IV, ou V como algũs o nomeaõ, o qual nove annos & meio sustentou a sua teima, sem della desistir nunca, senão por morte do sobre-dito Eugenio.

3 El Rei, que venerava grandemente a Igreja Romana, & o Vigairo de Christo, quanto lhe era possivel fazia as suas partes, & mandou Embaxa-

1435

dores, pera que affitillem no Concilio, tratando tambem da união da Igreja. Pera a despeza delles lançou finta pelo Reino, mas constringido da piedade Real izentou a muitas casas das nossas religiosas. De S. Clara de Coimbra nos consta este favor pelo alvará de 3 d'Agosto de 1435, no qual diz, *que encão queria mandar a Roma*<sup>b</sup>; & claramente se vê, que ainda não mandára. Mandou porẽm pessoas de muito porte, que podessem desempenhar em o credito esta nação Portugueza. E forão o Conde d'Ourem, seu sobrinho: D. Antão Bispo do Porto, que foi depois Cardeal: dous Juristas de grande autoridade; & dous insignes Theologos, Fr. João de S. Tomê da Ordem de S. Agustinho, & Fr. Gil Lobo, seu Confessor, da nossa Religião. Acho tambem nomeado a D. Luiz d'Amaral, Bispo de Viseu: mas huin Catalogo m.s. dos Bispos desta Igreja diz, que elle andando naquellas partes seguiu a o Anti-Papa, & que por essa razão o Pontifice Eugenio o privou deste bispado. E seja o que quizerem, que isso não nos importa.

437. 4 O mesmo Rei, que acudia a tudo, sabendo o grande dano, que nos fazião os hospedes entrando por nossas casas, & pouzando nellas com toda a li-

berdade, que era mais de seu gosto como já tenho escrito<sup>d</sup>, lles prohibio a pouzada debaixo das mesmas penas, com que ElRei D. Fernando a avia prohibido. Mas que ~~multas~~ prohibições, & leis, se ellas nunca se guardão? Esta foi despachada em Lisboa a 4 do mez de Junho de 1437, na qual declara ElRei, como lha tinha pedido Fr. Afonso do Parayso, ~~Ministro~~ da Ordem de S. Francisco em a Prouincia de Portugal, *nosso Confessor*<sup>e</sup>. Adiante se verá quantos annos o achei governando a Prouincia.

5 O nosso rebanho da Regular Observancia tambem estava sujeito à sua obediencia, & posto que elle não alterava, nem podia alterar cousa algũa da nossa reformação, antes por sua bondade mostrava favorecella: com tudo não acabava de darnos Vigairos Prouinciaes da nossa uestra Familia, & quasi por emprestimo governava neste tempo o Padre Fr. Rubim os

Oratorios do Entre Douro & Minho. Mas com muita brevidade os concederã o Papa, & ficaremos contentes.

d. Luc. 15.  
n. 3.

e Arch. de  
S. Franc. de  
Lisboa,

f. Fr. Marc.  
p. 31. 4. c. 29

b Arch. do  
mesmo  
mest.

c Fr. Luc. 10.  
5. an. 1436.  
E. 15.

## Memoria do Real Convento de Santa Christina.

### CAPITULO V.

*Declara-se a qualidade do sitio, do convento, & de seus Fundadores: assiste à fundação o Infante D. Pedro, & depois alguns devotos.*

**O** Espirito de Deos, que embrenhava os Santos nas mōtanhas escondidas; donde o ceo lhes ficasse descuberto, trouxe tambem os primeiros Fundadores desta casa a hũa charneca pobre; muito mais de duas legoas da cidade de Coimbra pera a banda do mar; quasi meia da vila de Tentugal na mesma correspondência, & menos de quarto da outra vila da Povoas, pela qual vem pera este convento o caminho de Tentugal. Era o lado d'hum monte, que o Sol doutra logo em nascendo, coroado neste tempo com hũa ermida de S. Onofre; muito milagroso nella, mas então acompanhado no meio desta ladeira cō outra da Virgem, & Martyr S. Christina.

2 Não mostra muito a qualidade do sitio, que estes bemditos Padres aqui viessem buscar

algum regalo do corpo; senão sustento da alma no emprego das virtudes; por quanto até a horta, que fazemos no Verao, & a fonte, q nos dá de beber todo o anno, ficão no fundo do vale; fóra da cerca; & em bastante distancia. Mas Deos nos acode sempre cōo orvalho do ceo, q guardamos em cisternas; & o monte, sendo de si muito seco; & natural de pinheiros; neste pedaço de terra, dedicado a os servos do Senhor, parece q nada de natureza, criado tambem mortas arvores sylvestres, & fructíferas; das quaes se forma hũ bosque, onde muito bẽ se poderão ocupar as almas contemplativas em seus santos exercicios. E nalguns tẽpos do anno assi se veste a mata de flores cheirosas, & apraziveis, como se fora hũ jardim muito alegre.

3 Neste deserto tão santo se viciaõ recolher os primeiros Fundadores: F. João de Lamego, que alguns ja nomeãrão, mas tem este apelido, & Fr. Francisco, Castelhana de nação, dos quaes ambos nos deixou esta lãbrança o P. Fr. João da Povoas nos notados do convento de Leiria. E começando por F. Fracisco em rezão da preferencia, que

Gonzag.  
pag. 801.  
F. Lucio, S.  
an. 1437.  
n. 49.

tinha por sacerdote, era pregador insigne, & de grande proveito em a Igreja de Deos pelo fruto, que fazia nas almas com as palavras, & vida. Quiz gozar do rigor da Observancia, q̄ florescia na nossa santa Prouincia cō fama publica entre as outras da Ordē, & vindo a ella, se achou que imitar, tambem nos deu que seguir. Na fundação desta casa, & na pobreza, com que a principiou, podemos ver, como em espelho claro, qual era o seu espirito. Tornouse pera Castela cumulado de virtudes: poz lá em prática as que cã avia visto, & pera ser mestre dellas no mosteiro das freixas de Tordeilhas mandaraõ os Prelados, que com ellas assistisse. Ahi mesmo descançou em o Senhor, com fama de santidade, & de todas as boas obras, em que o tinha servido.

4 O Veneravel Irmão Fr. João de Lamego era nõsso Portuguez, & natural da cidade, que nos diz o sobrenome. Professou no convento de Leiria, tão crecido no amor da humildade de Christo, que sendo noviço pera frade do coro, na proffilãõ escolheo o estado de Leigo por mais humilde de todos. Muitos annos adiante guardamos na mesma casa o Diurnal, & Breviario, q̄ elle então deixou, prezos por hũa cadea em testemunho de açãõ tão glo-

riosa; pera rezarem por elles os enfermos; q̄ não seguiaõ o coro. Concederaõhe porẽm a respeito de sua grande virtude o uso das Horas da Senhora Mãe de Deos, que naquelle tẽpo santo não era vulgar nos Leigos. Sente depois deu manifestos indicios de ser homẽ favorecido de Deos: cada dia mais devoto, mais pobre, mais penitẽte. Não fundou este convento cō ambição de augmentar a Prouincia em dano cõsideravel das outras casas antigas, mas com intẽto de fazer hũa de novo, por estremo Observante, na qual podesse seguir na pobreza, & humildade os passos de S. Francisco. Sendo frade Leigo, & seu companheiro Sacerdote, & Pregador conhecido, elle foi o primeiro Prelado desta casa, & principal Fundador. Treze annos a governou santamente; nos quaes recebeu a Ordē o P. Fr. João da Povea, que tanto a illustrou. E no fim deste martyrio, que por tal julgava o seu governo, deu sua alma a Deos no convento de Coimbra.

5 Entraraõ aqui no anno de 1437 à sombra da protecção do Infante D. Pedro irmão d'El Rei D. Duarte, & Duque de Coimbra, o qual nos avia dado o convento de Santiago de Seita, & neste mostrou agora sua grandeza, & piedade Real. Deunos toda a ladeira

p. 1. 2.  
6. 31. D. 3.

deste monte, e agoas vertentes até chegar a o vale: nós porém não lhe aceitamos tanto; e quem fugia do mundo, não lhe convinha embarçar-se depois com hum pedaço de terra. Aceitamos o que podia bastar para cercar o convento, e no vale hũa limitada horta, onde nacia a fonte. Do restante, como ficou devoluto, hũa parte occupãto algumas pessoas com pretexto de nossos familiares: outra pertence agora a o Concelho da Pova, sendo então de Tentugal: mas todos reconhecem nalgum modo por principal Senhorio a altissima pobreza de N. P. S. Francisco.

6. Assentamos o convento pouco abaixo da ermida de S. Christina, e trazendo sua imagem para a nossa Igreja, deixamos em seu lugar a de S. Catarina. Nas obras nos assistio o Infante quanto nós lhe permitimos, a o qual rogamos sempre, que não quizesse sair com alguma grande machina, que desdissesse do nosso estado pobre. E assi ficou todo o convento terreo, tão humilde, e estreito, q̄ nesse particular era hũa maravilha. Ainda hoje se vem na parede do lado do refeitorio os sinais das portinhas das suas primeiras celas; e não abafavaõ dentro os nossos Padres antigos, porque muito bem sabião, que da cela vai caminho seguido pe-

ra o Ceo.   
 7. Nunca a pobreza soube fazer obra forte, que durasse muito tempo, e esta ficou tão fraca, que no anno de 1478 se tornou a refazer: mas achamos hum devoto, que fizesse a despeza, o qual foi hum Ourives de Coimbra, chamado *Ian Alvres*, que tambem nos deu huns orgãos, os quaes depois se passaram para a Insua; e por remate de contas, aqui veio sepultarse o seu corpo. A elle se ajuntarão outros muitos beneficores, como Gil de Magalhães, que fez a cisterna da cerca, e por sua hũa casa para lavarinos os habitos: o Padre Joã Lourenço, da vila de Monte-mór, o qual nos provêo de livros; e outros, que seguião esta mesma caridade por diferentes caminhos. Com tudo aquelles devotos Padres a o que era mais pobre, e mais desprezado faziaõ maiores festas, e assi com grande gosto recebêraõ hum tabolõ vello para a capela mór, que os outros lhe mandaraõ do convento de Leiria.

8. Hum de látre nos fez alterar a casa, e fazer experiẽcia de outras boas vontades. Ardeo o dormitorio todo, e pareceo conveniente levantallo de sobrado; e nisto nos ajudaraõ com hũa grande esmola os mórdomos de S. Pedro em Tentugal, a os quaes El Rei D. Joã III

Arch, da Inf.

no anno de 1552 ordenou, que  
 lha levassem em conta. As va-  
 randas do claustro se levanta-  
 rão no anno de 1581, & tanto  
 tempo estivemos sepulrados nel-  
 tas covas, onde são muito mais  
 certas, que nos paços suntuosos,  
 as consolações do Ceo. Não dei-  
 xa porém ainda de parecer o  
 convento devoto, humilde, &  
 aprazivel a os olhos da pobre-  
 za. E aqui nos estava esperando  
 a meioria da Condessa de Can-  
 tanhede D. Guiomar Couti-  
 nho, molher do primeiro Con-  
 de D. Pedro de Menezes, a qual  
 nos mandou fazer o forro da  
 capela mór, & pintallo com esta  
 letra a roda do seu escudo: imi-  
 tada do Poeta Latino, & aqui  
 bem applicada: *Forsan & haec*  
*olim meminisse iurabis*. E quiz cõ  
 isso dizer, que algum dia lhe se-  
 ria proveitosa a lembrança des-  
 ta obra na presença do Senhor,  
 que não se esquece dellas, nem  
 lhes falta com o premio.

## CAPITULO VI.

*Do estado, que teve este con-  
 vento: das pessoas assignala-  
 das, que deu; & dos mu-  
 tos favores, que  
 recebeu.*

**Q**uarenta & tres an-  
 nos perseverou esta  
 casa no estado humil-

de de Oratorio, & seus Prela-  
 dos com o nome de *Vigairos* até  
 chegar a o anno de 1440, no  
 qual, fazendo aqui a Provincia  
 capitulo foi promovida a o fo-  
 ro de Convento, & seus Vigai-  
 ros passáráo a Guardiães. Isto  
 nos deixou escrito por sua pro-  
 pria mão o P. Fr. João da Po-  
 voa, que assistio no Capitulo,  
 & acabava de ser Vigairo Pro-  
 vincial, cujo testemunho he mui-  
 to mais abonado, que a relação  
 de quem por informações alhe-  
 as nos tem dito o contrario.  
 Este mesmo bemavêturado Pa-  
 dre declarou, que no seu tempo  
 era Casa Recolecta, quando os  
 rigores dellas não erão menos,  
 que admirações do mundo. E  
 não sei por que razão, se não  
 foi esquecimento, alguns curio-  
 sos, mas pouco estudiosos a ti-  
 raráo do catalogo das outras.  
 Está hoje reduzida a o modo  
 comum da Regular Observan-  
 cia, que criou grande multidão  
 de Santos, os quaes largamente  
 autorizão a Catolica Igreja. Foi  
 sempre muito devota, recolhi-  
 da, amada dos seculares, & mui-  
 to a proposito pera servirmos a  
 Deos.

2 Com tudo as memorias,  
 que disso estavaõ feitas, com as  
 demais escrituras quando ardéo  
 o dormitorio se desfizerão em  
 cinza, & pelo que ainda ouço  
 dizer temos perdido a noticia  
 de muitos servos de Deos, &

Arch. da  
 Conceiç. de  
 Matoz.

2 Gouz. &  
 F. Luc. locis  
 cit.

Arch. da  
 Carota.

Cart. da  
 Inf. & da  
 Prov. de S.  
 Ant. c. 3.

Æacid. r.

raros favores de sua misericordia. O que agora escrevo refutou, & tirou das mesmas cinzas a minha grande industria. Foi graça particular a deste santo convento o criar tao excellentes noviços, que depois honrassem não só a esta Provincia, senão a toda a Ordem. O P. Fr. João da Povoá, cujo nome repetido tantas vezes, nunca fica bastantemente louvado. O muito ditoso P. F. Paulo de Tentugal, que na India Oriental padecêo as mãos dos Barbaros pela confissão da Fé. O P. Fr. Marcos de Lisboa, Bispo do Porto, & Crença Geral da nossa Religião. Outra graça, & grande felicidade de Ihe deu Deus pelos Prelados, que teve, muito graves, & insignes. Fr. Rogerio, que sendo aqui Vigairo pallou a o Cabo Verde, onde lhe tirou a vida hñ defalmando Christão, a quem elle estranhava sua publica, & deshonesta torpeza. Fr. João de Motrico, que desta Vigairaria foi ser o primeiro Guardião do convento de Xabregas, eleito pela Provincia. Fr. Pedro de Leiria, & F. Hieronymo de Lisboa, os quaes ambos no governo desta casa, por onde principiaraõ, se foraõ habilitando, o primeiro pera Ministro da Provincia: o segundo pera ser Bispo de Seita; & de todos tornaremos a falar quando vier o seu tempo.

3 Entre estes dous extremos de noviços, & prelados concorreraõ outros muitos, dignos de maior memoria, & mais clara, do que temos alcançado. Antigamente, quando muito, eraõ doze moradores, & agora estaõ taxados em dezoito. Tal era a sua vida, & tao grande a sua reformação, que chegando a Tentugal El Rei D. Afonso V, & ouvindo o que dizia a fama, por não virem a cair em desemparo izentou dos encargos do Concelho, & do Reino o homem, que os servisse. Maior merce lhes fizera, se elles pediraõ alguma cousa: mas isso se reservou pera os Senhores de Tentugal, & da Povoá, que comencendo de perto a nossa necessidade as mãos cheas nos dobraraõ os favores. Deraõ o mesmo privilegio no que a elles tocava não somente a o Syndico, mas tambem a o Carniceiro, que nos cortasse a carne. E tao muito de notar as palavras, com que elles nos nomeaõ nuaa destas Provilões: *Os Padres do meu mosteiro de S. Christina: assi por elle estar na sua terra fundado, como pela afeição, & amor, com que sempre o tinham no coração. E não pôdia ser menos pois erãõ tao liberaes da fazenda, que sem nos poreu encargos, se não he o da nossa cortezia, com o qual não lhes faltamos, nos inadao dar cada anno hum*

moio de trigo, outro de milho, & quatro mil reis pera cera do Sepulcro. Pelo que mui bem se pôde cuidar, que a o mesmo compasso desta sua devação lhes foi Deos levantando o estado, porque começando elles por *Condes de Tentugal*, subiraõ depois a *Marquezes de Ferreira*, & laõ agora *Duques do Cadavãl*.

4. Os Condes de Cantanhedes, neste tempo *Marquezes de Marialva*, manifestando tambem excessos de afeição a toda a nossa Ordem, com este convento sempre vizinharaõ bem nas obras de caridade. D'outra Casa illustissima farei abaixo menção; por não mostrar que repito o que vou abreviando. Finalmente os Povos todos à roda, que conhecem a santidade da casa, assi a veneraõ como morada de Deos.

5. Mas porque não faltão cegos, que embiquem na luz do dia mais claro, huns Piores da Igreja de Tentugal em cuja parochia estamos, sem atentarem no erro, que cometião, fizeram alguns excessos contra nossos privilegios. Condenavão os freguezes, que cá vinhão ouvir missa, & dos defuntos, que aqui se enterravão, querião mais do que lhes era devido. Acudirão os Bispos de Coimbra pera os encaminharem, & succedeo na Igreja o Prior Diogo de Melo Pereira ( rezão he, que lhe

saibamos o nome ) o qual com tanta largueza emendou a cobiza dos passados, que nos fez por escrito doação da parte, que lhe cabia nas ofertas fúnebres. Outro favor recebemos do Bispo D. Afonso de Castel-brãco, que por mostrar a grande estimação, que fazia dos Prelados do convento, poz a coroa a todos. Tinha posto interdito na Matriz por outras causas; em que não eramos partes, & declarou benignamente como em tudo o suspendia quantas vezes nella prégasse o Guardião.

#### CAPITULO VII.

*Encomendão-se os que morrem nas devações desta casa: sepultãose nella pessoas de importancia; & temos hũa reliquia de S. Christina.*

**S** meismas tezoões, que sobornavão em favor deste convento a devação dos Fieis, lhes davão tambem motivo pera nos encomendarem a sepultura dos corpos, & os sufragios das almas: pelo que foraõ muitas as pessoas, que de longe nos mandavão dizer missas nesta casa por suas necessidades, ou em socorro dos outros. Não he esta a materia, em

a l. 6. c. 29.  
n. 6.

o Arch. do  
mesmo  
most.

que me hei de cançar: mas de-  
vo hũa memoria à devaçãõ de  
Mecia Pestana, da qual já me  
lembrei em outra parte. Mas  
dõu sepultarse em S. Clara de  
Coimbra, onde estava recolhi-  
da, & deixando a o mosteiro  
toda a sua fazenda cõ liberdade  
plenaria de fazer por sua alma o  
que bem lhe parecesse, expri-  
mio sô esta clausula, por ser mui-  
to de sua consolação. *E peço à  
senhora Abadessa por amor de Deos,  
que me mande dizer seis missas pela  
minha alma em S. Christina.*

2. Na Igreja aparecem mui-  
tas sepulturas nobres, porém  
razas cõ a terra; & os letreiros,  
que não se despedaçaraõ, estaõ  
hoje difficultosos de ler por sua  
antiguidade. Dentro da capela

mõr se diviza numa pedra. *Aqui  
jáz D. Hieronyma d' Ataíde; & cu-  
do o inais está safado dos pés.  
Mas he tradiçãõ constante de  
fer a mãe de D. Dinyz de Lan-  
castro, Comendador mõr da  
Ordem de Christo, por cuja al-  
ma elle mandava dizer cada an-  
no dous annaes: hum de missas,  
& outro de responsos, por hũa  
escola grande. Com ella conti-  
nuou seu filho, & successor na  
Comenda D. Afonso de Lan-  
castro; que sempre fora perpetua  
conforme à devaçãõ desta  
Casa, se ella permanecera.*

3. No Capitulo está hũa  
campa grande, onde este epita-  
fio, acompanhado das armas  
dos Condes de Cantanhede, nos  
declara cuja he.

Aqui jáz D. Tristão de Menezes, filho do  
Conde D. Pedro de Menezes, & da Con-  
dessa D. Guiomar Coutinho sua molher: cu-  
jo sujeito era assi dotado da Natureza, & seus  
principios de tanto louvor, que não sómente  
era amado de todos, mas ainda com rezão se  
podera delle afirmar seus merecimentos ave-  
rem de ser grandes, vivendo. Mas nosso Se-  
nhor, que o tinha escolhido pera si, o levou  
em idade de 15 annos com muito conheci-  
mento de nossa santa Fé Catolica, & assi de  
sua morte a os 30 dias do mez de Setem-  
bro, em dia de S. Hieronymo, da Era do Se-  
nhor de 1509 annos.

4 Tornando a o corpo da Igreja, a o pê da pia da agoa bêta, por gozar de mais perto da sua santa virtude; quiz descauçar nossa irmã Maria das Neves, que pela mesma razão de o ter mereee esta lembrança. Nacêo em Tentugal, & veio viver na Povia com seu marido João Couceiro Tavares, ambos de igual nobreza, onde ella em casada, & viuva deu singulares exemplos às molheres de hum, & outro estado. E sem gastarmos o tempo em referir penitencias de jejuns, & de cilicios, que eraõ mui ordinarias, a devação do espirito lhe tomava todos os seus pensamêtos. Poucos dias se passavaõ, que não viesse a esta nossa Igreja: ouvia missa, confessava-se, & recebia a sagrada Comunhão. Tinha notavel amor a N. P. S. Francisco, & com intento de se fazer sua filha nos pedio a carta de Irmandade. Com tudo os seus desvelos maiores foraõ sempre com a Virgem Mãe de Deos: pelo que deixando o apelido dos paes, do qual podêra honrar-se, se quiz nomear *das Neves* em razão de ter nacido neste dia da Senhora. No caminho pera o nosso Convento estava hũa ermida da mesma Virgem santissima, da invocação de *Gualupe*, em a qual muitas vezes se ficava sem poder ir adiante. Mandou dourar-lhe o seu reta-

bolo, ornou o altar com peças de importancia, todos os dias Santos lhe mandava dizer missa, acendialhe a lampada nas suas festas, & sabados, nos quaes dias não avia quem podesse arrancalla de sua santa presença:

5 De tal modo dispunha, & ordenava o teor de sua vida, que numa mesma acção mostrava muitas virtudes. Sempre nos deu farinha pera as hostias por acudir à nossa necessidade; & pela muita devação, que tinha a o Santo Sacramento do altar, ella mesma escolhia o trigo por suas mãos. Nas obras de caridade com os Padres desta casa, principalmente enfermos, nunca foi menos que mãe. Pera os pobres da Vila era todo o remedio, & o maior cabedal de sua sustentação. Doze annos teve hum em sua casa, pruvendoõ sempre do que era necessario. E depois de inviar tantos tesouros a o Ceo, foi cobrar os ganhos delles em 13 do mez de Maio de 1662.

6 Mas deixando estes despojos mortaes pelas suas sepulturas, dentro da capella maior, na parede vizinha a o altar da banda do Evangelho, em particular sacrario temos hũa grande parte do braço de S. Christina Virgem, & Martyr. Foi tirado o seu corpo com outros cinco, que estão depositados no nullo mosteiro de S. Luiz de Pinhel;

do cemiterio de Calixto em Roma, & trazido a Portugal por industria de Heitor de Sela Falcão, natural da mesma Vila, & Arcediago em Braga, o qual nos deu esta sagrada Reliquia á instancia de seu irmão Fr. Luiz da Natividade, que foi aqui Guardião. Porém como foraõ muitas as Santas, que tiverão o tal nome, não podemos determinar com certeza de qual seja este corpo, & esta nossa Reliquia.

7 A Padroeira, & Titular do convento, que anda no Breuiario a 24 de Julho, ainda não se permanece em Italia: na cidade de Bolsena conforme á tradição, que achou nella Ferrario: ou em Veneza, como elle com outros se persuade: ou em Palerino de Sicilia, seguindo a relação de Baronio. Desta, que se guarda em Palerino, afirma constantemente o sobredito Ferrario, que he outra, & que foi o seu martyrio a os 10 do mez de Junho. Outra tambem Virgem, & Martyr, a qual padecêo na Persia a 13 dias de Março, tem escripto o seu nome no Martyrologio Romano: mas não acho quem nos diga, que seu corpo fosse levado a Roma. A Christina admiravel, que tornou depois da morte á vida pera obrar maravilhas em favor das almas do Purgatorio, tem sepultura no molteiro de

S. Trudão na Brabancia. Evehno a concluir, que a Santa deste nome, cuja Reliquia temos, he diferente de todas, & que padecêo em Roma; onde se guardou seu corpo no cemiterio de Calixto, do qual depois foi tirado.

### CAPITULO VIII.

*Solicitada com instancia as ora-  
ções desta casa a alma de  
hum defunto, & tem  
por ellas re-  
medio.*

**E** notavel este caso, & digno de ser notorio em louvor da piedade de Deos, o qual nem ainda quando está mais irado chega a prender as mãos de sua misericordia. Tendo elle condemnado por justiça a inuitos annos de Purgatorio a alma deste defunto, deu-lhe com tudo licença pera andar nesta casa com o tormento ás costas, que o trazia abrazado, & procurar algum alivio nelle por nossa intercessão. Avia disto húa lembrança escripta, a qual se queimou com todos os mais papeis, ardendo o dormitorio: porém nunca se perdêo da memória dos homens, & tão vivo está hoje, como se passára hontem. No tempo,

in Catal.  
SS. Iunij 10.  
d Petrus de  
Natalib. l. 6.  
c. 20.  
in Notis  
ad Martyrol.  
Iulij 24.

a Pal. 75.  
verf. 10.

que

que eu recebi o habito nesta sagrada Provincia; era prática vulgar nos religiosos. della. fallarem a cada passo na *Alma de Santa Christina*, nomeando desse modo a que andou neste convento da Santa. E depois, que eu me quiz informar nas vilas de Monte-mór, Tentugal, Povoas, & nos lugares vizinhos, achei hũa tradiçãõ muito geral, & constante de que alli succedera, & prégãra nos pulpitos com larga approvaçãõ de ser tudo verdadeiro. Aconteceo pelos annos de 1490, & posto que tanta antiguidade nos esconde algũas das miudezas, a sustancia he esta.

2 Moravãõ em Tentugal dous vizinhos, os quaes vizinhavãõ mal, & tal odio se tinham, que sem temerem a Deos eraõ como duas feras de contrarias especies, que às unhas se estãõ despedaçando: hum delles por nome *João Gonçalves*, & o outro *Paulo Gomes*. O primeiro tratou de matar o outro, & com effeito o matou na charneca, que vai pera Cantanhede: mas querẽdo encubrir o homicidio, veio esconder o morto nũ forno, que tinha sido de cal, detraz do nosso convento. Cõ tudo o seu cavallo, no ponto q̃ não sentio quem goveruasse o freio, correo a redca solta pera casa do defuncto, dando novas, ou suspeitas à viuva do q̃ tinha succedido. Ella

requerẽdo devassa, & constando q̃ o marido estava detro do forno, foi inudado pera hũa sepultura dentro da nossa Igreja. Cõtudo o narador *João Gonçalves* provou hũa coartada de tempo, & de lugar, pela qual o absolvẽrãõ; q̃ taes sãõ as testemunhas, & os juizos do mũdo. Não se achou porẽm livre em o tribunal de Deos, porq̃ não lhe cõsentio, q̃ andasse muito tẽpo sobre a face da terra, posto q̃ usou cõ elle de tanta misericordia, q̃ lhe deu graça final pera conhecer a culpa, & confessalla de publico. Foi enterrado na Matriz da mesma vila, dõde logo a sua alma nos veio inquietar no convento pelo modo, que se segue.

3 Era o principio da noite, que as estrelas começavaõ a luzir no Firmamento, quando da mata de Santo Onofre se soltou hum fero grito, o qual rompendo as nuvens fazia pasinar, & tremer os corações. Com este estrondo triste se veio despenhãdo pelo outeiro abaixo, entrou pela nossa cerea, & parou detro do claustro. Aqui mais se engrullãrãõ as vozes, creceo o medo dos frades, & tudo ficou em horrõ de confusãõ. A tristeza das palavras bem dava a entender, como eraõ de pessoas posta em grande tormento, mas os gemidos não as deixavãõ formar, & a penas se entẽdeo, q̃ dizia a espacos. *Como sãõ justificados os juizos*

de Deos: mas tambem como he peza da a sua mão! Não averà quem se magoe de mim? Deste modo contiuiu muitos dias, & sempre à mesma hora, com tanto medo dos frades, que andavão notavelmente pasmados, porque o pavor da noite, a solidão do deserto, a novidade do caso, o sentimento dos gritos, tudo fazia horror. Não ouzavão estar sós nem no coro, nem nas celas: fazião apertadas orações, & os santos exorcismos, mas ninguem respondia a proposito. Pelo que determinãrão desemparrar o convento, & irse a outra parte, onde com maior quietação podessẽ servir a Deos.

4 Neste tempo, que elles estavão juntos tratando da despedida, lhes appareceo a alma em figura visivel, muito medonha, & abrazada em fogos, que lhes falou deste modo. *Padres: eu sou a alma daquelle malvado homem, que matou a Paulo Gomes, cujo corpo vós tendes nesta Igreja. Deos me perdoou a culpa por sua misericordia: mas a pena he tão grande, que não a posso sofrer. Ainda me faltão nove annos deste aspero tormento, & hum instante me parece comprida eternidade. Agora me deu licença pera declararvos isto. Compadecervos de mi, & lembravos em as vossas orações. Dito isto se escondéo de seus olhos, deixandoos desalabrados do medo, ainda q̄ magoados do muito, que padecia.*

5 Logo todos começaram a interceder por ella diante da Piedade divina, oferecendo jejuns, orações, & penitencias, com tudo o mais, que lhe fosse de proveito. O Prelado, a quem isto mais tocava, mandou dizer muitas missas, & cantar muitos officios: encomendou a os subditos devações particulaes: applicoulhe a satisfação das disciplinas, & mais obras virtuosas, que faziao em comum; & por não lhe faltar nalgũa cousa, ordenou que no fim de todas as horas no coro lhe rezassem hum responso. Ella, que foi conhecendo o fructo da sua intercessão, tão sollicita andava em procurar seus socorros, que não soffria se lhe perdesse algum. E assi, quando os frades vinhao de fóra cançados, & ficavão de matinas, a o tempo do responso ella mesma os levantava dos leitos, & nos braços os levava a o coro. Quatro annos & meio lhes durou este fadairo: porém ouvindos Deos quiz usar com a Alma do defuncto de sua misericordia. Acabavão de cantar humas matinas solennes: diziao já os Cantores *Benedicamus Domino*, & o Coro respondia *Deo gratias*; que vêm a ser *Louvemos a o Senhor*; & *Devios graças a Deos*; & neste tempo appareceo entre elles vestida de fermosura, & disse com

voz alegre. Padres, benditos se-  
jaes todos do Senhor, porque com tão  
grande caridade me socorrestes na mi-  
nha tribulação. Dai-lhe graças de  
vos ouvir, & ajudai-me a dar-lhas pela  
mercê, que me fez em por fim a meus  
tormentos.

6 Despedindose com este  
gosto dos nossos religiosos foi  
aparecer na mesma hora a hũa  
sua irmã, freira no mosteiro  
de Lorrão, & contoulhe o fa-  
vor, que recebia de Deos pelas  
nossas orações. Também lhe  
encarregou, que em seu nome  
nos fosse agradecida com al-  
gũas boas obras, no que ella não  
faltou. E louvemos todos a Pie-  
dade de Deos, que sempre dis-  
poem pera nosso bem as suas  
misericórdias.

### CAPITULO IX.

*Ocupa em os melhores luga-  
res El Rei D. Duarte os nos-  
sos religiosos, he salteado da  
morte, & acode o nosso  
Ministro às altera-  
ções do Rei-*

*no.*

1438

**I** M tal estado se acha-  
va este Reino quan-  
do os dous Funda-  
dores de S. Christina entrão  
no seu deserto, que se podia fu-

gir delle, porque a grande tris-  
teza em razão do cativoiro do  
Infante D. Fernando em Tan-  
gere o trazia seamente carrega-  
do, & os assaltos da peste, que a  
poucos perdoava, o fazia pare-  
cer hũa figura da morte. Reina-  
va por este tempo D. Duarte  
seu irmão, digno de melhor foi-  
tuna, se ella sempre soubera as-  
sistir a os bons incrementos.  
Foi dotado de singulares virtu-  
des naturaes, & adquiridas, & tão  
excelente Principe, que pera o  
ser perfeito só ventura lhe fal-  
tou: porém se suas adversida-  
des o fizerão infelice, não ti-  
veraõ efficacia pera fazello mau  
Rei.

2 Do affecto devotissimo,  
com que venerava a Senhora  
Mãe de Deos, testemunhaõ as  
suas mesmas palayras, & junta-  
mente as obras, que eu tenho re-  
ferido no convento das Virtu-  
des. E este mesmo mostrou em  
o ultimo da vida, mandando  
por testamento que pera sem-  
pre lhe dissessem hum Annual de  
missas do Oficio de S. Maria em S.  
Francisco d'Alauquer. A elino-  
la, que pera elle deixou, foraõ  
tres mil & seiscentos reais bran-  
cos, vinte dos quaes agora vale-  
riaõ trinta & l. is reis, & todos  
jutos motavaõ pela moeda cor-  
rete sinquo mil & quatrocentos  
reis: pequena elinola hoje, mas  
grande naquelle tempo. A il-  
to acrecentou seu filho El Rei

Torre do  
Tomb. l. 3.  
dos Myst.

D. Afonso V quatrocentos reais brancos pera a cera das missas; & se esta, & outras disposições semelhantes se guardaõ inteiramente, a os seus testamenteiros, & executores se tome estreita conta.

3 Quasi no mesmo andar estava com elle o amor de S. Francisco. Se fazia casa á Senhora Mãe de Deos, os filhos deste Serafico Pae aviaõ de ser seus capelães, & ministros, como vimos nas Virtudes. Todos os nossos conventos, a onde pode chegar em o seu breve reinado com a mão de sua benevolencia, publicão grandes favores. Enrão se vio quanto acerraõ os Principes na estimação, que fazem da nossa sagrada Ordem. Tomou della pera si tres Confessores, & não sei se foraõ mais: todos tres, Conselheiros fidelissimos, que tratavão de sua alma, & honra; & dous delles, Pregadores por officio na sua Real Capela. Estes foraõ os muito insignes Padres Fr. Afonso Saco, de quem já tenho escrito: Fr. Gil Lobo, & Fr. Afonso do Paraíso, dos quaes ainda vou escrevendo. A seu filho o Principe D. Afonso deu por Mestre o mesmo P. Fr. Gil, a o qual encarregou seu casamento com a Infanta sua prima D. Isabel, filha do Infante D. Pedro; o que elle executou com effeito. E por em tudo

honrar a esta nossa Provincia, fez tambem Capelão mór a D. Fr. Aimaro, Bispo de Seita, & Marrocos.

4 Quebrantado finalmente este excelente Rei de desgracas, & desgostos, que nelle não foraõ bem empregados, comecaraõ os prodigios do ceo conforme a os juizos, que muitos enrão fizeraõ, a pronosticar, & lamentar sua morte. Foraõ vistos continuados cometas, & espantosos liaes; & no mesmo dia della se vestio o Sol de luto em hum notavel eclipse. Morreo em Tomar a os 9 de Setembro de 1438; & dizem alguns, que abrindo liua carta, a qual o ferio da peste, de que andava fugindo. Não fora o mal taõ grande, se logo não se levantara outra de ambição, & inveja, que inquietou o Reino. Foi jurado por seu successor o Principe D. Afonso V, cuja idade não era mais de seis annos, & como tal abriu porta a desairosas contendas.

5 A Rainha viuva, que foi Dona Leonor, pretendia a tutoria do filho, & regimento do Reino: o Povo, & os Fidalgos zelosos inclinavaõse a o Infante Dom Pedro; & outros o encontravaõ por seus particulares respetos. Estando nesta discordia, & a Rainha, teimosa em

Alanquer sem tratar de vir as Cortes, q se fazião em Lisboa, acordaraõ os Infantes, que o nosso Ministro Provincial Fr. Afonso do Paraíso a fosse persuadir a q se achasse nellas. Naõ a pode convêcer, porq os maos Cõselheiros, q saõ a mesma ruina, & destruiçao dos Principes, lhe divertiraõ o animo: mas quando ella depois, tomãdo melhor conselho, tratou de composiçõs a elle mesmo chamou pera seu medianeiro, & por elle alcançou o q entãõ lhe convinha. Facilitada porẽm da natural inconstancia, & enganada da malicia daquelles, que encõtravaõ o Infante, deu consigo em Castela, donde tornou a proseguir seus intentos, mandando tambẽ sobre a mesma materia hũ Custodio da nossa Religiaõ, que por ser fóra de tempo não alcançou bom despacho; & là morreo em Toledo, pondolhe a morte fim a todas suas pretensões. O Infante, digno de melhor imperio, que governava o Reino cõ admiravel prudencia, não pode prevalecer contra o odio, ingratião, & inveja, antes pereceo às suas mãos numa batalha campal no lugar d'Alfarrobeira, cuja morte em quanto durar o mundo sera lamentada dos Portuguezes honrados.

(?)

## CAPITULO X.

Nomeamos dous Vigairos da Observancia, & hum Ministro da Provincia Pregador, & Confessor d'ElRei.

**O**m maior quietaçã da que ayia no Reino, se levantava enpẽ lançando de si o jugo da sujeiçã dos Claustraes o nosso Estado da Regular Observancia, posto que por ser grande a empreza caminhava com vagares. No anno de 1439 era nosso Vigairo Provincial o R. Fr. Dinyz, quando com sua licença F. Joã de Lisboa Guardiaõ de Alanquer a os 5 de Dezembro concedeo o uso d'hum Breviario a Fr. Fernando Rabelo. Passou disto certidaõ declarando, que lho dava por aprazimento de Fr. Dinyz, que por entõ era Vigairo dos Oratorios de Portugal. Tinha d'elle tão boa informaçã o Ministro Geral Fr. Guilhelme do Casal, que mandandolhe o Papa Eugenio IV no anno de 1441 nos assignasse Vigairo, elle mesmo o tornou a nomear. Mas não obstante a sua nomeaçã, a qual era ppr tres annos, acabando elle o triennio, q avia começado, se despedio do officio.

1439

Arch. de S. Francisco de Alago.

Fr. Luc. tom. 5.º an. 1441. n. 40.

2 Pelo que no de 1442 era já Vigairo da Observancia o P. Fr. Pedro Sapateiro, o qual se intitulava *Vigairo dos logares devotos dos Fraires Menores em na Provincia de Portugal*. E isto me he notorio por outra patente de 14 de Fevereiro, na qual elle deu tambem o uso d'outro Breviario, que ficara de F. João Escobar, a Fr. João de Póbal Guardia do convento de Leiria. E são muito pera notar as cautelas, & grande solemnidade, com que lhe fez esta graça, porque primeiro tomou os votos, & parecer dos outros religiosos, declarandolhe depois como lho dava por esmola, & com clausula de não passallo a outro em dias de sua vida. Mas este era aquelle tempo antigo, muito melhor que o nosso, no qual a santa pobreza andava mui respeitada, & as cousas dos conventos não perciaõ por estarem mal guardadas.

3 Nestes tempos durava o dilatado governo do Padre F. Afonso do Paraíso Ministro Provincial, & Prelado ordinario de toda esta Provincia, aliviado porem a os nossos Observantes pelo favor, que lhes dava. Não sabemos ponto fixo, em que entrasse, ou saisse do officio: com tudo ja governava a os 2 do mez d'Abril de 1434 quando El Rei D. Duarte lhe entregou por meio de hũa carta o

convento das Virtudes, que tinha edificado; & correndo pelos annos seguintes muitas vezes o seu nome, no de 1440 ainda se ocupava nos concertos, que pouco ha referi, entre a Rainha, & o Infante D. Pedro. Com todos privava muito pelas letras, & conhecida virtude, que sempre foraõ as mais forcõsas rezoões de valer com os Principes prudentes. Nem El Rei, pera o ter nesta conta, considerava o grao, que recebia nas escolas, o qual muitas vezes acontece ser fantastico, mas lamente a sustancia da sua sabedoria. Dõnde veio, que estando elle maticulado por Mestre em o Registro da Ordem, lhe chamou na dita carta *Bacharel na sãnta Theologia*. Fundou com sua agencia o mosteiro de S. Clara d'Estremoz na forma, que tenho dito; & foi açcãõ animosa pera frade particular, como elle entãõ era. Foi Confessor do mesmo Rei D. Duarte, que por tal o nomeou nã sua provisãõ. Foi tambem seu Pregador, & muitas vezes entrava nos seus Conselhos, por não deixarem perder o seu voto importante, & seguro.

o Tor. do  
Tom. 2.  
dos Ex. 2.  
fol. 190.

o Fr. Luc.  
com. cit. aa.  
1438. n. 27.

o Fr. L. 3.

c Arch. cit.

ob. do A.  
20. 2017  
pos. 6

ob. L. 3.  
o. 211  
24. 9. 1434

(?)

(?)

## CAPITULO XI.

*Prova-se como o P. Fr. Dinyz  
foi Confessor d'El Rei.  
D. Afonso V.*

**E**nho dito no capitulo passado que fora nosso Vigairo Provincial; & agora mostrarei como na verdade foi aquelle mesmo Fr. Dinyz, que no tempo das discordias do Infante D. Pedro com El Rei D. Afonso V, a o Infante aconselhou o que muito lhe convinha, & o Rei depois o tomou por Confessor. Da parte do tempo não temos contradição, porque no anno de 1441 era nosso Vigairo da Regular Observancia, os trabalhos, & a morte do Infante succederaõ no de 49, & elle logrou a vida muito tempo adiante. Na pessoa concorriaõ tantas partes, que pera tudo o tinham habilitado, porque era muito grande a sua autoridade não somente pela rezaõ do officio, em que foi nomeado duas vezes, pelo Ministro da Provincia, & pelo Geral da Ordem: mas tambem pelas qualidades proprias, que montão mais que as outras. Avia nelle comprida experiencia pera tratar de negocios, muitas letras, com que os encaminhasse, & notoria virtude, que o fazia

respeitado. Tinha demais com ellei particulares rezoões, as quaes tocavão no parentesco, & assi como este mesmo Rei fez a seu sobrinho Fr. Rodrigo de Noronha Bispo de Lamego, & Capetão mor, não era com elle prodigo em o fazer seu Confessor, & mais quando nesse tempo este cargo se achava vinculado nos nossos Provinciacs.

Tudo isto nos está persuadindo, que este nosso Franciscano foi aquelle Fr. Dinyz Confessor d'El Rei, & Confessor do Infante, porque tantas rezoões juntas, em outra pessoa do mesmo nome, & neste proprio tempo, parece que moralmente não se podião achar. Porém não obstante isso, diz o P. Fr. Luiz de Souza, que foi frade da sua sagrada Ordem: mas se elle teve este parecer, nem allega outro algum fundamento, senão a Cronica de Rui de Pinna, com a qual se enganou. Pelo que iremos confluendo as mesmas palavras della, que não nega o P. Fr. Luiz, & verselia como estão muito longe da sua opinão.

3. Escreve pois Rui de Pinna, que por causa das esmolas, & favores, que o Infante fazia a os conventos, os religiosos dellas o encomendavão sempre a Deos, & que sabendo agora da sua resolução em se sair de Coimbra com a mão armada, recorrerão

p. 1, 1, 2  
E. 4. & 9.

Cron. m.  
c. 111.

muitos a elle, & como officiaes d'alma o amestavão da parte de Deos aquellas cousas, de que sua maior segurança, & salvação se podião seguir. Pergunto eu: se craõ muitos, não seria Franciscano algum delles? Nenhũa razão terá, quem isto não conceder. Dos beneficios, que o Infante nos fez, consta pelas fundações dos conventos de Seita, & S. Christina, & por outras muitas couzas escritas nesta Historia; & se os Padres Dominicos lhe estavão obrigados, a nós, que pelo menos lhe tinhamos a mesma obrigação, fará notavel agravo quem cuidar, que lhe faltamos com as ditas orações, presença, & bons conselhos no tempo de seus trabalhos.

4 Acrescenta o Cronista, que tendo elle por santo o conselho, que estes mesmos religiosos lhe davão, apartou delles hum *Fr. Antão, Prior do mosteiro d'Ancero, & outro Fr. Dinyz, que depois foi Confessor d'El Rei,* a os quaes comunicou a razão de suas queixas, & o desejo de tornará graça do mesmo Rei. E estes dous Religiosos, vendo tanta justificação, esforçárose a acabar esta concordia, & acordarão que com isto *Fr. Antão* por mais secreto fosse a *El Rei* para tratar dos concertos. Confesso, q o P. Fr. Antão era frade da Ordem de S. Domingos: mas porque não constará também, que o P. Fr. Dinyz era frade da

Ordem de S. Francisco? Se o fazem Doufínico porque o vem companheiro do dito P. Fr. Antão no conselho particular, & secreto, que o Infante tomou com elles, he muito má consequencia; porque companheiros foraõ no serviço da Igreja os nossos dous Patriarcas S. Franciscano, & S. Domingos: em muitas occasiões occuparão juntamente os Pontifices a Dominicos, & Franciscanos; & nem por isso cada hum deixou de ser da sua Religião. Pelo que, se *Fr. Antão* foi Dominicano, *Fr. Dinyz* era nosso Franciscano.

5 Eis aqui o fundamento, com que o P. Fr. Luiz de Soula o fazia do seu habito: tão fraco, & mal fundado, que sem elle pôr a mão se estava desfazendo. Muito melhor se verá, que elle foi Franciscano do que nos deixou escrito o P. Fr. João da Povoas no convento de Leiria por estas formaes palavras. *Anda aqui hum Breviario em umal de pergamimha, velho. Troveo muita tempo pa Fr. Rodriga de Noronha, sobrinho de Fr. Dinyz Confessor d'El Rei, Prior que depois foy de S. Cruz de Coimbra, Bispo que hera he de Lamego.* Bem se dá a conhecer neste modo de falar tão singelo, & igual, que falava nelles ambos como em frades da sua mesma Familia, a qual então governava. E considerando eu quantos notados encontrei pela Provincia escri-

tos de sua mão, claramente me constou como nunca nomeava religiosos d'outras Ordens, senão sómente aquelles, que deixando a sua vinhaõ professar na nossa, & já então eraõ nossos. A rezão devia ser, porque tomou por assunto escrever com brevidade os successos da Regular Observancia, o estado dos conventos, & os noines dos que pela dignidade, ou particular virtude pedião sua lembrança; & nesta limitaçãõ de materia tão curta não lhe ficava lugar para falar nos estranhos. Mas era tal o seu zelo, que não queria perder algũa occasiãõ de fazer hũa memoria dos que podião honrarnos; & por isso deste mesmo Breviario, o qual inventariava, tomou bastante motivo para nomear estes dous Padres gravissimos Fr. Rodrigo, & Fr. Dinyz, & ambos da nossa Ordem.

6. Teve também por costume dar sempre a conhecer hum religioso por outro, o qual fosse seu parente, & muito mais conhecido, da nossa; & não das outras Religioes, porque a estes na nossa Provincia não os conheciaõ todos. No convento sobredito de Leiria temos hum exemplo proprio, que já deixamos escripto. Contava elle o grandissimo trabalho, que padeceraõ os frades em amallarem o barro, de que

fizerão a telha para cubrir a Igreja, & fez esta tão declarada menção. *Especialmente Fr. Gonçalo de Lamego, sobrinho de Fr. Martinho de Lamego, que ainda era vivo, & frade desta Provincia.* O mesmo fez nos allentos da visita de S. Clemente das Penhas, & noutras occasiões comprovando o que agora dizemos, a saber, que se elle nomeou a o P. F. Dinyz por tio de Fr. Rodrigo, o qual sem contradicção era nosso Observante como disse a seu tempo; foi porque tinha o mesmo estado. E venho a concluir, que o mesmo Fr. Dinyz, que avia sido nosso Vigairo Provincial, foi o Conselheiro do Infante, & o Confessor d'El Rei.

7. Supolto isto; ninguém mo conte entre os filhos de S. Domingos d'Aveiro, porque se está queixando S. Francisco d'Alanquer, cujas memorias dizem, que nelle fez profissãõ. E agora lhe podemos aplicar o que escreve Rui de Pina, que era pessoa de mui santa vida, & grande doutrina: com o que comprehendéo quanto se póde dizer de hũa Varão eminente.

(?)

## Origem, &amp; fundação do convento de S. Francisco do Funchal.

## CAPITULO XII.

*Concorrem na Ilha muitos frades estrangeiros, fazem grandes penitencias, & edificação convento.*

1440

**D**ividida em duas Capitania, como já tenho escrito, toda a Ilha da Madeira, & povoandose ambas no anno de 1421, o Capitão João Gonçalves Zarco tratou muito de engrandecer a sua. Ficava nella hum delicioso campo, partido com tres ribeiras, desabafado de arvores, mas cuberto de viçosissimo funcho: paragé alegre, vizinha do mar, & muito acomodada pera o commercio de suas embarcações. Aqui fundou elle a principal, & maior Povoação, que sendo no seu principio Vila, he agora nobilissima Cidade, com Cadeira Episcopal. Na eleição do seu nome não estudou pelos livros da vaidade dos homens, que nestas occasiões tratão só de sua fama, mas deulhe o mesmo, que tinha por natureza, nomeandoa *Funchal* em rezão do muito funcho, com que tinha encontrado.

Chegou porém a tão notavel grandeza, que o Autor da Insulana, descrevendo largamente suas muitas excellencias; veio a dizernos esta: que era hũa Nova Lisboa em tractos, & exercicios; & parece, que não pode dizer mais.

2. Nesta insigne cidade té a nossa Provincia hum gravissimo convento, que se chama S. Francisco, cuja origem (não falo ainda em nacião) se não quizermos dizer, que he per si mais antiga, pelo menos se igualará na sua antiguidade. Conta isto, porque antes de aver povoação em a Ilha, a seu descobrimento assistiraõ dous frades da nossa Ordem, os quaes a purificação, & dilerao as duas primeiras missas; & estes mesmos com os outros Castelhanos, que o Capitão achou na Ilha do Porto Santo, quando vinha povoalla, todos o acompanharaõ. Pelos annos de 1430 chegou depois Fr. Rogerio, cuja noticia vou dando em muitas partes; & por esse mesmo tempo acudiraõ tantos frades de Hespanha, Castelhanos, Galegos, & Biscañhos, que bem podião encher de conventos toda a Ilha se ella tivera Povoações, em as quaes

a Mar.  
Tom. I. fo.  
oit. 19.

se sustentassem, ou se elles todos desejassem assistir em povoado, mas vinhaõ fugindo dos rebollissos do mundo, & não podião ver gente. E assi encovados pela terra conversavaõ só com Deos, pretendendo imitar o rigor da penitencia, em que se exercitaraõ os santos Hilarioes.

3 Não se pode declarar o que passou nesta Ilha com estes bemitos Padres. Dos pés até a cabeça eraõ admiraveis no seu tratamento aspero. Não traziaõ sandalhas, nem tamancos, mas com os pés em todo rigor delcalços pizavaõ as pedras duras, & a terra lizougeira pera que os não cegasse. Nos seus habitos não avia já figura, que parecesse de frades (& nisto erãõ mais frades): davaõ ar dos moradores do Ermo, que vestiaõ folhas de palma, porque lhes faltava pano. Entrãraõ aqui amortalhados num sacco de burel velho, & pobre: foise gastando o habito: não tiuhaõ outro burel, com o qual se remendassem: que remedio? Valer da fanta pobreza, que logo lhes departou peles de Lobos marinhos, ordinarios na Ilha, & com ellas cubriãõ sua nudeza: mas de modo, que muito mal se divizava se elles vestiaõ peles, ou se vestiaõ de pano. E pera maior desprezo da vangloria do mundo, os capelos eraõ de forma a-

guda, que sobre as penitencias os desfigurava mais.

4 Muitos ouve, que sete annos inteitos não comeraõ hũlõ bocado de paõ, sustentandose com ervas, ou com o peixe, que elles mesmos pescavaõ, ou com as outras inigalhas, que caiaõ da meza do Sennor. Nao era já nesse tempo necessario, pera ver milagres de penitencia, ir buscar callos à Thebaida, ou revolver as cavernas mais escuras do Egypto: aqui podião acharse nesta Ilha da Madeira, nas suas covas, & lapas. E agora me respondãõ os delicados do mundo, se são elles doutra massa, ou doutra humanidade, que vendo tantos rigores, & tão possiveis nos homens com a graça do Sennor, não podem ouvir falar em hum dia de jejum, tão facilitado hoje, como a lei o permite?

5 Além destes devotos Anacoretas, que viviaõ pera si fazendo vida de santos, avia outros, que com o mesmo intento eraõ bons pera o proximo, trabalhando, & cançando pela sua salvação. Discorriaõ pelos lugares da Ilha, que ainda erãõ poucos, continuavaõ muitas vezes em Machico, & em todas as mais partes, pregavaõ o caminho da virtude como Varões Apostolicos, deixando muy arrejadas com o suor do seu rosto em todos os moradores gran-

Arch. de  
S. Bernard.  
de Atoug.

des ventagões de piedade Chrif-  
tã. No funchal, como era a  
Colonia mais grave, & populo-  
fa, sempre alguns refidiraõ a pé-  
quedo: porẽm em casa particu-  
lar, ou pelas casas alheas, & sem  
forma de convento, q̃ constasse  
de prelado, & de fubditos, em  
quanto a mefma Vila não foi  
crescendo de modo, que o po-  
deffe fufentar. Com tudo por  
efta via, & deftes fãntos princi-  
pios nos vieraõ derivando a ori-  
gem do convento, que depois  
edificamos.

c pag. 306.

d Agiol, Lu  
fr. tom. 2.  
Março 14. l.  
B. no com.

6 Mas quando elle se co-  
meçou a fundar, não o sabemos  
de certo: nem o P. Gonzaga ef-  
crevêo: (como o tem arguido)  
que iffo tora no anno de 1459,  
por quanto falou fõmente na  
transmigração dos frades pera  
o Reino, a qual foi por effe tem-  
po, mas não tratou da funda-  
ção do convento. Hũa Relação  
manu efrita, que tenho em meu  
poder, & anda já referida, af-  
fenta o feu principio em o fe-  
gundo lugar, onde agora eftã,  
onze annos depois de fe descu-  
brir a Ilha, que vêm a fer no de  
Chrifto 1431, dizendo mais,  
que o fundara hũa devota, cha-  
mada *Clara Esteves*: mas niſto fe  
enganou o Autor, como ainda  
veremos. Se differa, que nelle  
anno começou no primeiro fi-  
tio, contra iffo não tinha eu que  
dizer, pois não conſta do con-  
trario. O certo he, que foi fun-

gado, & povoado de frades em  
licença Apostolica, a qual de-  
pois lhes concedeo o Papa Ni-  
colao V em os 28 d'Abril de  
1450; & fuposto eftarem elles  
aqui quando lhes fez eſta gra-  
ça, & não conſtar do tempo,  
em que vieraõ, lanço a fua che-  
gada pelõs annos de 1440.

7 Na figura do convento  
fe eſtava declarando, quaes eraõ  
os moradores: gente pobre, &  
humilde; desprezadora das vai-  
dades da terra. Fugiraõ do po-  
voador, que fẽmpre aborrecerãõ,  
quafi hum quarto de legoa, &  
ainda fora mais fe o Povo qui-  
zera ficar fem elles. Aqui tomã-  
rãõ aſſento na profundeza de  
hum vale; entalados d'hũa parte  
com hũa rocha quebrada; da  
outra com hũa ribeira brava,  
onde ficou tão encovada a casa,  
que fõ quando fe chegavãõ mui-  
to perto a defcubriõ os olhos.  
E bẽm podemos louvar a os Va-  
roẽs glorioſos, que fe ſepultaõ  
em vida pera na morte reſulci-  
tarem com Chriſto cheos de  
merecimentos. O convento di-  
zia com a Igreja, a qual ainda fe  
vẽ, tão pobre, & tão eſtreito,  
que fazia eſpercar as fãudades  
do Ceo; & eu as tenho mui vi-  
vas: deſta pobreza antiga, porq̃  
dos conventos grandes ſẽmpre  
fe põde temer, que o forte das  
paredes debilita o rigor da Ob-  
ſervancia. Mas tudo era conforme  
a o nome do feu Santo Titu-

o F. Lus. to.  
5. hoc an. n.  
ps. & in  
Reg.

lar,

lar, & Padroeiro da casa, o Baudista S. João, o qual com sua presença santificou o deserto, onde não apparece hũ rastro de soberbos edificios, senão de cabanas pobres. Pelo que a ribeira, & a casa se chamavaõ de S. João, & tal vez de S. Francisco por causa dos moradores.

## CAPITULO XIII.

*Contamos alguns successos dos frades: despovoase o convento, & torna a povoarse.*

**I**  Qui viviaõ aquelles devotos Padres em profunda humilde, & alta contemplação, com grande recolhimento dos corpos, & dos espiritos. Poucas vezes entravaõ no Povoado, & menos ainda pera pedirem o q̃ aviaõ mister: não lhes faltava a piedade do Ceo: porẽm elles com a sua estranha, & apertada clausura se expunhaõ a perigo de muitas necessidades. Seriaõ onze, ou doze: todos estes estrangeiros, mas naturaes de Hespanha; & os mais delles, frades Leigos. Tinhaõ licença dos Prelados pera andar pelo mundo buscando algũ lugar de sua cõsolação, onde servissem a Deos: chegarão a esta Ilha, viverão

com o rigor, que ja fica declarado; & agora unidos em o convento, com santa emulação a companhia de huns espartava mais os outros. Deste modo se acendêrão aqui mui esclarecidas Luzes, que depois illustraõ a Prouincia, qual foi o grande religioso Fr. Domingos de S. Julião<sup>a</sup>, & outros de Veneravel memoria.

L. 10. c. 33.  
2.4

2 Mas como são soberanos os juizos mysteriosos de Deos, superiores em tudo à limitação do nosso entendimento! Tomou tanta confiança o Infernal inimigo, que pretendêo desgarrar este pequeno rebanho do amoroso Pastor, que por ganhar hũa ovelha perdida caminhou do Ceo à terra, & chegou até a Cruz. Deulhe algũas dentadas, mas não o despedaçou. Queria persuadir-lhes, que a sua penitencia não lhes era necessaria, porque ja erão perfectos; & alli, que se cançavão debalde com rigores tão estranhos; & que Deos nem do maior peccador queria que se matasse, quanto menos de quem com tantos extremos, como elles, o tinha sempre fervido. Os pobres frades sentirão logo o golpe do Tentador insolente, que lhes chegava à alma, & por illo mais cruel: reparavaõse com o escudo da Graça: pediã a Deos, que desbarataste a estes seus ini-

Arch. cit.

migos, o qual repentinamente com a tocha de sua sabedoria descubrio os seus enganos. Fugio o falso perturbador, & elles ficaraõ sossegados como d'antes.

3 Ouve porẽm outro caso, que os poz em grande tribulaçaõ. Era Prelado Fr. Pedro de Covas-ruvias; frade Leigo, & Castelhana, homem muiro penitente, muito pobre de espirito, & sobre modo observante. Comia pouco, ou nada, & toda a sua fome atirava às delicias do Ceo, das quaes estava gostando na santa contemplaçaõ nõites, & dias inteitos sem nunca enfastiar. Este Fr. Pedro cõ a força dos jejuns, & prolongadas vigílias de tal sorte enfraquecẽo nõ juizo, que dizia disparates; & foi hum, que tivessem tento nelle, porque no terceiro dia de pois da morte avia de resurgir. Deza seis esteve com esta teima sem comer hum sõ bocado, & ainda que constava a os subditos ser doença, & frenezl manifesto, escaldados do fogo das tentações, que aviaõ padecido, até desta agoa fria tinhaõ medo. Gritavaõ com elle, que comesse, & não dissesse louquices. Desfaziaõ se em lagrimas na presença de Christo Sacramentado: pediaõ lhe, que fosse seu mantimento, sua luz, seu defegano, como na verdade foi, porque logo lhe desfez estas fuma-

ças, livre das quaes rerraron os primeiros defatinos, que dissera estando fóra de si. Quiz entãõ comer, & de fraqueza não pode: mas ajustado com a vontade de Deos, o mesmo Senhor o despenou deste mundo.

4 Neste passo quizera a vozes altas, que soassem pelo mundo, dar muitas graças a o Senhor Clementissimo, que nestes dous tristes casos taõ liberal se mostrou de suas misericordias: mas essas lhe renderãõ pera sempre em meu nome os Serafins abrazados em seu Divino amor, que o aclamãõ por Santo, Deos benigno, Senhor poderoso, & General das batalhas. Os frades, que ficavaõ, erãõ nove, & elegerãõ Prelado a Fr. Pedro de Sarta, Leigo, & Castelhana tambem, o qual os foi governando cõ grandissima prudencia. Como porẽm as historias passadas veraõ brado pela Ilha, & dos ausentes saõ mais livres os juizos, pareceõ q̃ convinha a seu credito assistirem em Lisboa, onde a vista da Corte lertio mais estimados seus santos procedimentos: Assentado assi isto entre El Rei D. Afonso V, & o nosso Vigairo Provincial Fr. Rodrigo da Arruda, nõ anno de 1459 os chamou o mesmo Rei pera o novo convento de Xabregas, q̃ entãõ edificava, o qual elles começaraõ a po-

Isai. 6.  
vers. 3.

voar nesse tempo em muita re-  
formação.

5. Não seriaõ passados mais de tres annos, quando alguns faudosos do sossego desta Ilha, fugindo das tempestades da Corte, se tornãraõ pera ella: Forão estes Fr. Pedro de Monção, Sacerdote, & Confessor, homem velho, de muita autoridade: Fr. Filipe, Sacerdote: Fr. Mateolô, frade Leigo; & outro do seu estado, cujo nome não nos ficou em lembrança. Todos quatro apostados a servirem o Senhor, que he servido dos Anjos, propozeraõ imitallos quanto lhes fosse possível em o desprezo da terra, & estimação do Ceo. Tomãraõ assento apar de hũa ribeira, que vêm cortar mais abaixo pela villa de Machico, onde tizerão hum modo de Oratorio com quatro celas terrêas (melhor dissera choupanas), & hũa ermidã pobre, a qual era seu retiro, & sua consolação. De tal modo se esqueciã do mundo, que não se acutelãraõ da vizinhança da ribeira, mais brava, & mais cruel pera elles do que podia temer-se. Crecêo hũa noite de repente no inverno de 1467: arrastava hum diluuiõ de agoa com infinitos penedos: chegou a o santo Oratorio, & sem conhecer que lhe devia respeito, tudo levou a o mar: a Igreja, as celas, os moradores.

6. Mas não se escandalize a piedade Christã de os ver morrerem deste defastre horrendo, & raõ lastimosamente, sendo elles grandes frades, muito pobres, devotos, & penitentes, porque tambem muitos Santos tiverã a mesma sorte. Justos eraõ os filhos do S. Job, & morrêraõ na ruina d'hũa casa: S. Simião Stelyra, ferido morrêo d'hum raio: S. Agatonico, comido das feras: S. Vicelino, despedaçado dos cães; & no uosso Portugal o B. F. Gonçalo de Chaves, da Ordem Cisterciense, enterrado em a neve. São juizos, & disposições de Deos, das quacs os homens não lhe podem tomar conta; & terã temeridade sentêciar pelas desgraças da morte as qualidades da vida. Seja esta em liboa, & louvavel no que pertence à alma, como nós presumimos destes Padres, & venha a morte mais miseravel de todas a o parecer humano, que sempre o Justo ficará em refrigerio.

7. Muito mal levãraõ a ausencia dos frades os vizinhos do Funchal, tendo por afronta sua que lhos tirassem de casa, & que a de S. Joã estivesse reduzida a o estado do seu deserto antigo. Instãraõ, & apertãraõ com muitas intercessões a Prouincia até que passados ja quinze annos lue mandou outros, potê n todos Portu

3. Ann. 7.  
1. Ann. 1. 2.  
p. 101.

d. Cavellin  
Apolog.  
pro Scoto  
c. 10.

e. Hist. Eccl.  
de Braga  
p. 2. c. 68.

f Arch. de  
S. Franc. de  
Alaça.

guczes. Deste tempo me consta por hũa bula de Sixto IV, dada a 27 de Abril de 1476, da qual nesse mesmo anno tornaremos a falar. Bem recebidos avião de ser do Povo, pois suspirava por elles: mas o que nisto passou, os Antigos tudo callarão consigo.

## CAPITULO XIV.

*Mudase o convento pera a cidade, & por todas as vias se engrandece.*

**C**houfe que não vinha o convento escondido na ribeira, & tão distante do Povo pera o serviço delle nas confissões, & sermões, & nos outros ministerios da alma: pelo que á sua mesma instancia viemos pera mais perto. O lugar, que se julgou a proposito, foi hũa herdade na mesma varzea do Funchal, & pegado á cidade, onde ella nos teria por vizinhos, & nós lhe seriamos de muita utilidade. Porém nisso avia impedimento, por quanto esta fazenda se achava vinculada na capela, que Clara Esteves já defunta avia instituido, & seu Administrador João do Porto não podia desunilla por autoridade propria. E agora se verá, como esta boa Dona

nem fundou, nem concorreu na fundação do convento. Recorremos á Infanta D. Brites, mãe d'El Rei D. Manoel, que governava a Ilha por seu filho D. Diogo, ausente nesse tempo em Castela, a qual ordenou com grandissimo aperto a o dito seu Administrador, que nos largasse a sua parte da varzea, & aceitasse por troca o assento do nosso convento velho, que ficaria vinculado á capela.

Era Guardião Fr. Rodrigo da Afruda, que nisto andava muito sollicito, & chegando os 20 do mez d'Outubro de 1479 se celebrou o contrato, & se tomaraõ as posses. Entregoullhe todo o casco da casa, & corpo da cerea, com reserva tão somente da Igreja, a qual ainda está em pé por memoria da devação, & pobreza d'aquelles antigos Padres. Deu-lhe mais hũa casinha pequena fóra da cerca, que tambem nos pertencia; & por se livrar de escrupulos, tendo pago largamente, ou por ser agradecido pensionou pera sempre o convento em hũa milla cantada todos os annos pela alma da defunta. Depois, pera fazer maior campo, juntamos hũa horta, que nos deixou Maria de Atougua com certo encargo aliviado de millas. O Guardião tinha muita pedra

junta,

Junta, com muita maceira lavrada, & assi no mesmo ponto se começaram as obras: de modo, que já aqui residiamos no principio do anno 1482, quando aconteceu o milagre do santo Crucifixo, que adiante diremos. Se ouve particular bemfeitor, o qual concorresse nellas, sinto muito não nos ficar em lembrança: mas eu creio pelo que ainda vemos, que seriaõ todos os vizinhos do Funchal, cujas mãos pera os filhos de São Francisco chagado sempre tambem foraõ rotes.

3 Tudo o mais, q pertence à mudança, & solemnidade della, nos ficou escondido no silencio: se bem, do que depois succedõ coligimos o que foi. Intentou o Guardião Fr. Diogo Nabo estender mais a Igreja quanto ocupa o coro, o qual tirou da capela, & no abrir dos alicerces assistio por nos honrar toda a Cidade junta: deu na terra a primeira enxadada João Gonçalves de Camara, filho herdeiro do Conde. Capitão Simão Gonçalves de Camara: seguiu-se João Gonçalves de Ataide, filho de Luiz Gonçalves de Ataide; & depois o Guardião, com aclamações alegres de toda a mais Nobreza. A Igreja já então era sagrada, mas não lhe prejudicou a crecença, que

lhe lançaraõ de novo. O Bispo, que a sagrou, foi D. Sancho de Truxillo, que viera de Canarias, sendo aqui Guardião Fr. Pedro do Trocifal, la os 14 de Março de 1554. Sagrou tambem os dous sinos: o maior; a que chamou São Miguel: a segunda, S. Barbara.

4 Assi foi caminhando o convento até se engrandecer, & ficar muito notavel entre os mais da Prouincia. Pelo lugar, em que está situado, he sobre modo alegre: não se encontra com o seo recolhimento a vizinhança do Povo: os edificios tão tanto de majestosos, como de religiosos; & na verdade pela sua fermoluta se vai rastrejando bem a que averá no Ceo: Sinquenta moradores lhe taxão os Estatutos, sem que exceda o numero a suas comodidades: Foi o primeiro das santas Religioes, resalvando os de Seita, que se fundou nas partes Ultramarinas dos Estados deste Reino: nelle tambem começou dentro dos mesmos Estados o primeiro Vigairo de muitos conventos juntos da Regular Observancia, como depois se dirá. E por não apelar sempre pera o tempo antigo, ainda hoje he Cabeça dos mais, que temos na mesma Ilha, & o Guardião teu Comissario.

5 Pouco lhe montára na

Barb. do  
poteff. Epif.  
cop. allegat.  
27. n. 17. &  
19.

ob. T. 4  
L. 1. c. 1.  
L. 1. c. 1.  
L. 1. c. 1.  
L. 1. c. 1.

estimação de Deos esta sua excellência, se não tivera a outra de ser muito reformado. Falta-rião noutras partes os estilos regularés, mas aqui estavam em seu vigor. Pelo que muitos Pa-dres de Veneravel memoria, que fugião dos embaraços do mundo, desprezando o peri-go da viagem nelle vinhaõ re-colherse. E pela mesma razão o estimavão os Principes, como foi El Rei D. João II, que izen-tou o seu Barbeiro, & o Syndico das fintas, & encargos do Con-celho. Outros lhe encomen-dáraõ o cuidado de prégar na sua Sè, & mais nalgúas Igrejas, que correm por sua conta, com a mercè, & esmola, que podia esperar quem serve a bons Se-nhores. Doutra parte nos vieraõ algúas tribulações sobre nossos privilegios: mas nem entãõ nos faltou o favor dos mesmos Principes, & protec-ção da Justiça, nem nos poderaõ faltar quando seja necessa-rio. Com tudo destas conten-das, que per si importaõ pou-co pera a nossa Historia, o maior esquecimento que nos conforta mais a boa correccão e ponderancia.

6 Torre do  
Tomb. 1.  
das Ilhas  
fol. 19. &  
101.

## CAPITULO XV.

*De muitas Imagens milagro-  
sas, que estão neste conven-  
to, cujos milagres  
se contão.*

**T**odos estes favores, que já tenho referi-do, & foraõ feitos a este novo convento, deu gran-de occasiãõ hũa Imagé de Chris-to Crucificado: quasi nos pri-meiros dias, que lhe demos o seu altar na Igreja. Eraõ os 26 de Dezembro, primeira Oitava do Natal, & principio do anno 1482 conforme a conta do Es-crivão, que processou este caso: assistia muita gente a o sermão, & às missas; & nesse tempo o devoto Crucifixo despregando da Cruz o braço direito, ficou com elle pendurado sobre o seu mesmo corpo. Seria por nos querer levantar quando nos vis-se prostrados: ou pera nos dar a mão, que vivamos crucifica-dos com elle: ou pera nos de-clarar o sentimento, que tem-dos pecados do mundo serem seus novos algozes, que outra vez o encravassem na Cruz: ou pelas rezões, que lhe eraõ ma-nifestas a sua labedoria: com tudo assi esteve com o braço despregado toda aquella ma-

nham,

nhã, & na do dia seguinte. E he muito de notar, que avendo na Igreja infinidade de gente, não foi a todos manifesto o milagre, senão a muitos, a quem fez esta mercê. Mas já o mesmo Senhor, que tinha doze discipulos, seus companheiros domesticos, quando se transfigurou, só a tres escolheo por testemunhas. A principal desta grande maravilha foi a devota Matrona Helena Gonçalves, filha do Capitão João Gonçalves Zarco, & mulher de Martin Mendes de Vasconcelos, da qual temos tradição; que muitas vezes lhe falou da mesma Cruz o Senhor, & a confortou com grandes consolações.

2 Concorrêo pera prova do milagre, o qual depois aprovou o Ordinario, sobre a fé das testemunhas de vista o estado desta sagrada Imagem, que he de madeira forte, sem engonços, nem quebradura nos braços. Terã de comprido pouco mais de quatro palmos, & representando a Christo morto; tem a boca aberta como se falára vivo. Hoje o temos em grande veneração no altar das Almas, que pela virtude de seu precioso Sangue esperão sair das penas: fechado em hum sacratio, o qual posto que dourado, & guarnecido de seda, ainda he muito pobre ornamento pera hum tão grande Principe.

Tres vezes no anno se descobre a o Povo a sua luz eclipsada: na primeira Oitava do Natal, em que succedeo este milagre: em dia de S. Simão, no qual se publicou por mandado do Bispo D. Fr. Lourenço de Tavora; & na Sexta feira santa, que foi o dia, no qual o Filho de Deos padecêo por nós na Cruz. Algũa vez acontece levalllo em procissão pelas ruas da cidade, mas sempre he em algum grande aperto, nem se recolhe sem nos deixar despachados. De frente do seu altar está hũa cãpa preta, & bronzeada em partes, com a figura de hũa mulher, que tem as mãos levantadas, & o rosto virado pera elle; & alli à sua sombra damos noticia della com as mesmas palavras, que nos ensina a campa. *Aqui jaz a mui devota Ioanna Valente, devota das Chagas de N. Senhor Iesu Christo, mulher do Governador desta Ilha.*

3 Faltava nesta Igreja a consolação das nossas almas devotas, & alegria de todos os nossos templos: isto era a Imagem da Immaculada Senhora da Conceição; & querendo hum Sancristão curioso engenhalla com a cabeça d'hũa Santa, que tinha na Sancristia, não achou quem tivesse engenho pera isso em toda esta Cidade. Nesse tempo aportou hum Castelhanó derrorado na viagem; cuja vinda pelas suas circunstancias pa-

recéo mysteriosa, o qual amou a Imagem com toda a perfeição, que podia desejar-se. As Madres de S. Clara, donde ella se trouxe em procissão, á vestiraõ ricamente, & logo a poderosa Senhora quiz declarar a o mundo, como todas as graças do Ceo lhe passãõ por suas mãos. Abrazavase a Ilha por falta de chuva, sendo muito necessaria: faziãõse preces, & parece que os ceos pera nós estavão surdos: porẽm tanto que as nuvens a virãõ em descuberto, de tal modo se espremerãõ em agoa, q̃ foi necessario recolhella na Igreja de S. Pedro até acabar a tempestade.

4. Outra Imagem desta Senhora santissima, chamada da *Soledad*, nos veio de Lançarote nas Canarias quando os Mouros em o principio de Maio de 1618 de repente tomãõ aquella Ilha cativando a gente, & profanando todas as cousas sagradas. Hũa devota, que se quiz salvar com ella, a tirou com muita pressa do nosso convento, & embarcandose ambas chegarãõ a salvamento a este porto do Funchal. A Cidade, que vio a Senhora Mãe de Deos ausente de sua casa, peregrina pelos mares, descomposta, & mal vestida, & que a vinha buscar pera sua segurança, cortada de compaixão se desfazia em lagrimas: mas entendendo, que tambem

por se defender a si seria sua Protectora, a festejou com os maiores aplausos, que se pôdem declarar. Aqui se manifestou a devação deste Povo insigne na piedade, porque logo a vestio, & enfeitou com toda a perfeição, & depois lhe fez o recebimento, como de maior Rainha, da Igreja de N. Senhora do Calhao á deste nosso convento, onde os melhores Pregadores, & os Musicos mais dẽstros por espaço de nove dias continuos lhe deraõ as boas vindas. Passado isto, vierãõ com muita força pedilla os Castelhanos: porẽm a Cidade, que já estava de posse de seus grandes beneficios, brevemente sem ella os despedio.

5. Espantãrãme eu muito se não vira neste templo alguma nobre insignia do nosso S. Antonio, tendo elle taõ liberal de milagres: mas tres paineis, que aqui estãõ pintados, nos representãõ a memoria de hum, & esse muito notavel. Foi o caso, que andava uiro pouco venturoso Alvaro Nunes, vizinho desta Cidade nas encomendas, que mandava a o Brazil, porque pela maior parte davaõ nas mãos de piratas; & desejando quebrar o encantamento, legou com este Santo pelos annos de 1620 hum navio, que carregãra de vinhos, o qual por sua bondade se encarrẽgou com tanto cuidado d'elle, que lho entre-

gou, depois carregado de assucar, & com sinais manifestos de que a elle depois de Deos devia o beneficio. Encaminhou prosperamente a viagem, & successos do Brazil: mas tornando o navio, foi levado d'hua tormenta desfeita a hum porto estrangeiro, em o qual lhe achárao que era de contrabando, & o tomavao por perdido. Já o Mestre, & Pilotó estavao prezos em terra, o velame fóra delles, & dentro somente huus Marinheiros, que lhe deixárao de guarda. Neste aperto se vio que era S. Antonio. Trincou as amarras, logo se fez a o largo, & largando hum traquete, que ficára por descuido dos de terra, começou a navegar. Húas vezes andava pelo convéz, outras estava a o leste, sempre á vista de todos, & com esta diligencia trouxe salvo o navio a o porto do Funchal.

## CAPITULO XVI.

*Damos noticia de alguns Ser-  
vos de Deos, que nesta casa  
se servirão, & padecerão  
pela confissão  
da Fé.*



Enho magoa de que, sendo tão santo este convento, & morada

de muita gente devota, esteão todos sepultados pelas covas do nosso esquecimento. Algúas noticias comecei a descobrir, mas não passaõ de sombras muito escuras, as quaes não podem dar vida às cores desta Historia. E posto que minhas queixas do descuido dos passados já venhão fóra de tempo, com ellas defabaço pelo menos esta magoa, que he grande em razão do que avemos perdido. Noutra parte fiz memoria do humilde Frade Leigo Fri. Pedro Botelho, & agora, que a queria fazer d'hum Guardião desta casa, o qual tambem por humilde valia muito com Deos, nem o nome, nem o tempo nos deixárao em lembrança, senão só que floreceo pelos annos de 1514.

2. Foi eleito sem elle o preterder, antes contra o seu golto, nem chegou a aceitar primeiro que os Prelados o obrigassem com a força do preceito, & illo ainda com esta novavel clausula: que vindo elle á Ilha poderia renunciar o officio, & nomear Presidente se fosse sua vontade. Nesta forma governou mais de hum anno com grandissimo exemplo: mas sempre em huur tormêto cruel, porque o continuar affigia seu espirito, & desistir lhe parecia agravo da santa Obediencia. Andando assi perplexo, tudo era lamem-

p. 1. 4.  
c. 13. 5.

tar-se, & pedir com instancias a Deos, que elle quizesse determinallo, no que devia fazer, & o Senhor elementissimo lhe concedeo esta graça por meio da morte, da qual se entendeo, que lhe dera anticipada noticia conforme o que agora direi.

3. Apareceo hũa manhã tão alegre, que todos o estranhãrão: disse missa com singular devação, & recolhido à cela acabou de rezar todas as Horas canonicas. Apòz disto mandou abrir hũa cova no cemiterio dos frades, & tanto que foi aberta, com o hysope na mão, lançando agoa benta, & dizendo tres responsos lhe deu tres voltas á roda: Estavão admirados os seus subditos do que lhe vião fazer, porque em casa não avia nem enfermo, nem defunto, pera quem se ouvesse mister cova; & foi maior o espanto quando viraõ, que estando muito inteiro nas forças, & na saude a o parecer de todos, pedio a santa Unção. Nesse tempo exhibio os seus poderes pera fazer succesor, nomeou hum, o qual era be nemerito (assi elegẽ os Justos), & tirado do officio, que per si he perigoso, se despedio da sua Comunidade, que o estava chorando, em cojos braços espirou devotamẽte com hũa morte suave.

4. Não foi tal, senão muito violenta, a que tiverão neste

proprio convento outros dez filhos do Patriarca Serafico: nove Religiosos, & hum Donato, o qual servia na casa da sua Terceira Ordem. Nem ouve quem nessa occasião os chorasse, salvo as santas Imagens dos altares, que tambem estavaõ acutiladas, diante das quizes ficãrão despedaçados: Mas foi morte preciosa na estimação de Deos: caminho acomodado pera alcançar a palma de glorioso martyrio. Aconteceo este caso quando huns Hereses desalmados, & Francezes a os 3 do mez d'Outubro de 1566, occultamente desembarcãrã na Ilha. Erão mil arcabuzeiros, & pera lhes restitir não avia no Funchal senão só dous arcabuzes, que por ventura bastariã ajudados da espada Infulna, se o assalto não fora tão repentino, & esforçado por tres partes: Venceo em fim a covardia Heretica com a furia do fogo, instrumento de medrosos, & por vingar a morte do seu Capitão, & muitos soldados, que lhe morreraõ no campo, dezaseis dias, que se deteve na Ilha, todos foraõ de horrivel crueldade. Desacatarão os templos: ensovalhavão as vestimentas, & ornamentos sagrados: foraõ atrevidos contra as santas Imagens: assi cortavão por ellas, como se fora por Idolos diabolicos, & torpes: nos Servos de

Deos,

Deos, que por rezão do estado, & do habito se conhecião melhor, fazião elles maiores carniçarias. Suspendo a penna, por que me caie da mão; & soltarei eternamente a lingua nos louvores da piedade de Deos, que tanto sofre a seus grandes inimigos por esperar algum dia de emenda, em que lhes possa dar perdão.

5. Com esta ferocidade entraraõ pelo convento, onde acharaõ os Frades, & o Donato, todos juntos na Igreja à sombra dos Santos, a quem vieraõ buscar pera sua protecção: mas isso mesmo embraveceo estes lobos carniceiros, porque em odio da Religião Catolica, & veneração dos Santos degolaraõ os cordeiros innocetes derramando o seu sangue como a goa no circuito da casa de S. Francisco. Foi tal esta crueldade, que vendo a o irmão Donato executada nos nove Religiosos, alli como S. Demetria, que à vista dos tormentos de sua irmã S. Bibiana caio morta de repente, elle tambem esmoreceo, & morreo, obrando nelle o mesmo a mesma morte, que o ferro fez nos outros. E com esta grande gloria de padecerẽ por Christo, no mesmo dia, que começavãõ a festejarem na terra a seu Srafico Padre, foraõ todos, como piamente cremos, veras festas, que se lhe fazẽ no Ceo:

levando tambem as novas do q passava na Ilha; pera que o S. Padre lhe acudisse com sua intercessão.

6. Este caso de tanta honra pera a nossa Provincia; que quando eu agora me lembro delle não chegi bem a cem annos, està hoje tão viciado na memoria dos homens, que podemõs espantarnos de tanto esquecimento. Não falão mais, que no P. Fr. Alvarõ de Miranda, a o qual seu irmão, vizinho desta cidade, Joaõ Mendes de Miranda lhe mandou cubrir a cova com hũa pedra; na casa, que foi antigamente capitulo: donde algũas vezes se sente sair hum cheiro tão vivo, & tão suave, que pode vencer todo o ambar do mundo. Mas como não vem mais de hũa cova, não cuidãõ tambem, que fossem mais os defuntos; & por ventura, que a ossada de todos estãõ guardada nella. Mais se chegou a verdade hũa Religiosa da Conceição: o Alanquer, a qual num quaderno de lembranças, que fez quarenta annos depois em diferentes materias, falando da entrada destes Hereses na Ilha escreveo estas palavras: *E dizem, que martyrizãõ sinquo frades da nossa Ordem.* E se ainda ficou diminuta nesta conta, bẽ podemõs perdoarlhe pois escrevia ausente, fechada no seu mosteiro; & passado tanto tempo.

7 A noticia mais cerra de vemos a hũa taboa dos nossos frades defuntos, a qual cemeça no anno de 1544, & acaba no de 1636, contestando sempre, como tenho advertido, com todos os outros documentos verdadeiros, & nella achei estas palavras formaes, em que tudo se declara. *Estes são os frades, que matarão os Francezes na Ilha da Madeira quando a roubarão. Fr. Alvaro de Miranda, Fr. Ignacio de Leiria, Fr. Pedro d'Eça, Fr. Pantaleão, Fr. Rodrigo de Sant-lago, Fr. Manoel da Cruz, Fr. Custodio Corista, Fr. Simão Corista, Fr. Francisco Caraxo: F. Gaspar Terceiro. Este pasmon, & de pasmo morreo.* Bemaventuradas almas, mais ditosas que as estrelas do ceo, que quando menos cuidavaõ se viraõ nas mãos com palmas vitoriosas triunfar dos inimigos da Fê! E tu, ó convento do Funchal, que criaste estas belissimas rosas com a graça do Senhor, dez em numero, & encarnadas na cor, estã certo em que não has de ser o minimo, antes sempre muito grande na companhia de teus irmãos. Nunca em ti, Casa de Deos, se seque o seu orvalho, nem faltem Varoões insignes, que o sirvaõ com amor.

8 Era Prelado no tempo desta matãça o P.F. Leobino, cõ quem os Hereges usãrãõ muito maior crueldade em lhe pouparem a vida por ser tambem da

sua nação Franceza. Tinha si lo entre nõs muitas vezes Guardiaõ, & sempre bom Guardiaõ, Secretario do Ministro F. Diogo de Anfede, & Commissario da Provincia: mas suspirando pelo retiro da Ilha, accitou o cargo deste convento pera ter occasiõ de se passar pera ella, onde fez grandes serviços a Deos. Quando vio despedaçar o seu pequeno rebanho quiz dar a vida por elle: gritou, falou na lingua Franceza pera que o entendessem; & os Hereges pasnados de o ouvirem falar, se não se compadecẽrãõ dos outros Servos de Deos, a elle lhe perdoãrãõ por ser seu compatriota. Porém, malvados Ministros, não he illo o que quer Fr. Leobino, senão morrer com estas suas ovelhas, & dar pela fé de Christo trezentas vidas, se tantas tivera juntas. E assi do mesmo modo, que o S. Fr. Vidal sempre andou lametando a doença, que lhe tinha impedido acompanhar no martyrio a os nossos Santos Martyres de Marrocos, tambem elle nunca enxugou os olhos por perder tão boa occasiõ de padecer com os subditos; & cortado deste grande sentimento, cheo de muitas virtudes, no fim do anno seguinte acabou os seus amargos dias, mas confolado, a o bazo do Senhor.

## CAPITULO XVII.

De D. Fr. Lourenço Bispo de  
Maiorgas, Capelão mór, &  
Cõfessor d'El Rei, & Comẽ-  
datario de S. Ioaõ d' -  
Alpendorada.

1442

**D** Espedido do Fúchal encontro agora a este grande Prelado, cuja primeira noticia tinha achado no anno de 1416 quando elle prégou em S. Clara do Porto a o lançar das pedras fundamentaes na Igreja. Porém logo no tocante á sua mesma pessoa começou a levantar-se o nevoeiro escuro, q̃ ainda não se desfez até hoje, porq̃ o Oficial d'El Rei D. João I, que em Cintra lhe escreveu hũa carta pera o Reino sobre esta fundação, não declarou se foi Frade, nẽ o nomea cõ o titulo de Frei. Com tudo o Escriuão João Domingues, o qual se achou presente a esta solennidade, & viu cõ seus olhos como elle era Frade, por esse o declarou no auto, que então fez, dizendo estas palavras: *Outro si ouve no dito logo hũa pregação, a qual foi dita por o D. Fr. Lourenço, Bispo de Maiorgas* <sup>b</sup>.

2 E supondo q̃ era Religioso, ninguẽ nos diz de q̃ Ordem, nẽ eu o acho matriculado em outra, senão na nossa: mas

fo por dito de hũa freira do mesmo mosteiro, a qual nas costas d'hũ papel pertencẽte a esta fundação escreveu o q̃ se segue. *Donos Bispos da nossa Ordem estiverão presentes quando botarão a primeira pedra na Igreja.* Não o podia dizer por D. Fernando da Guerra, q̃ era Bispo do Porto, & benzeo todo o campo: pelo q̃ se verificava em D. F. Aimaro, Bispo então de Marrocos, q̃ cantou a missa, & neste D. F. Lourenço, o qual prégou o sermão. E quando isto não baste pera desfêrmos nelle o estado Franciscano, leueo muito embora quem mostrar q̃ era seu, porque não he necessario vestir de pennas alheas a nossa Religião.

3 O seu bispado, q̃ chamavão de *Maiorgas*, parece ser o q̃ se diz de *Mallorca*, Ilha no Mediterraneo de Hespanha, na Metropole de Valença. Mas se era Proprietario nelle, ou somente Titular: a isto posso dizer, que não vi as suas Letras, & que esta Ilha de Mallorca, depois de tomada a os Mouros muito annos avia que já lograva seus Bispos proprietarios. A rezão de o acharmos agora em Portugal, cáhem nos he escondida. Por ventura, q̃ o trouxesse, como trazia a outros, a occasião das guerras, ou o scitina da Igreja, que dividia os Reinos; & fosse qualquer, que fosse: nette o temos, achado, & aqui falamos nelle.

p. 1. 15.  
c. 25. n. 2. &  
3. & c. 26.  
n. 54

6. Arch. de  
S. Clara do  
Porto.

6. Gonzag.  
p. 2019.

4 Vindo agora a o que he infalivel, querendo El Rei autorizar os principios do sobredito mosteiro, do mesmo modo, que elle com seus filhos lhe lançou as ditas primeiras pedras, tambem ordenou a este Bispo, que pregasse o sermão, o qual seria conforme ás suas letras de Mestre graduado na santa Theologia. Foi Confessor, & Capelão mór do mesmo Rei D. João: não do II como se acha escripto, mas do I, que reinava no seu tempo. Este magnifico Principe, o qual desejava inuito premiar seus grandes merecimentos, o nomeou por Abade Comendatario do mosteiro de S. João d'Alpendorada, sete legoas do Porto, da Ordem do Patriarca S. Bento. Alguns agora lhe chamão de *Pendorada*, porque o vem estar muito pendurado; & imminente a o Douro: com tudo em muitos Breves, & Escrituras antigas em rezão do grande alpendre, que avia na Igreja, tem nome d' *Alpendorada*, pera differença das outras do mesmo Santo, que não tinhão tal alpendre.

5 A este favor do Rei respondia o seu zelo de conservar em muita autoridade o mosteiro, que elle lhe tinha encomendado: pelo que o obrigou com instancias nos annos de 1423, & 1424, que lhe contasse algũas das suas terras, & prohibisse a

pouzada imporruna dos Filalagos. Nestes annos me consta, q̄ era Comendatario: não tenho porẽm por certa a Benedictina Lusitana em dizer, q̄ elle tambẽ o foi na *Era* de 1451; por quanto se o entẽde pelo anno do Nascimento de Christo, he manifesto engano pois no de 1443 tinha já entrado por seu lucellor na comenda o P. Mestre Fr. Gil Lobo, como ainda diremos; & se o diz pela *Era* de Cesar, virã a cair no anno de 1413, no qual tẽpo não sabemos se era já Comendatario. Se foi daqui per Pombeiro cõ a mesma dignidade: parece ser consequẽcia do q̄ diz a mesma Benedictina; q̄ pelos annos de Christo 1453 até 1455 achou la hũ D. F. Lourenço, Mestre em Theologia. Seja porẽm o q̄ for, ou elle, ou outro do mesmo nome: mas agora q̄ nos falta no mosteiro d' Alpendorada, damos a sua memoria.

#### CAPITULO XVIII.

*Relação do mosteiro de S. Clara de Tavira, & dos conventos de Caria, & Vilares da Ordem Terceira.*

1 **S**endo Confessor d'El Rei D. Afonso V. o P. F. Gil Lobo intetou en agradecer sua Patria, a cidade de Tavira cõ hũ mosteiro de freiras de S. Clara, para o qual

Torre d' Tomb. 1.  
dos Regill

d' Benedict.  
Lusit. com.  
2. trat. 1. p.  
4. c. 3.

f. cit. trat. 1.  
p. 1. c. 10. §. 1.

tom. 5. 20.  
1447. n. 22.  
& in Reg.

Eugenio IV lhe concedeo a licença em 17 de Janeiro de 1443 como diz a sua bula; & ainda que o nosso Annalista.<sup>a</sup> na sua conta se anticipe hum anno, nem por isso avemos de contender. Mas o pouco cabedal, que elle tinha pera machina tão grande, logo mostrava, que não podia lograrle o seu intento, porque avia de ser pelos dotes das noviças, que entrassem, & esmolas dos Fieis; & tudo isto não poderia bafatar pera fazer hum mosteiro, & menos pera fundar a sua sustentação. Pelo que não chegaria a começarse a obra, ou toda se consumio com tanta facilidade, que já hoje não se acha sinal della.

1444

2 Empenheime na relação do convento de S. Caterina de Santarém a falar depois no outro, que chamamos S. Francisco de Caria, da mesma Terceira Ordem, & aqui respondo a esta obrigação. Está dentro do bispado de Lamego, no Julgado de Caria, donde lhe veio o nome, na decida de hum monte fronteiro a o Nacente do Sol, do qual se segue hum vale dos mais frescos, & alegres no Verao, que encontrei pela Beira. Era d'antes húa quinta muito nobre, que se chamava *Pação* com acento em ambas as duas sylabas; (agora diremos *Páço*) & della fez doa-

ção Pero Gil Frade da Terceira Regra de S. Francisco, como diz a Escritura, a os frades de S. Francisco, convem a saber a os da Terceira Regra, em os 28 de Junho de 1444. E por isso neste anno escrevo a fundação do convento, porque não podia ser em quanto não tinhamo sitio. no outro anno atráz, como diz o Catalogo das casas da sua mesma Provincia, que anda hoje impresso â sombra dos Estatutos.

3 Mas resta determinar, se começou o convento por Terceiros Regulares, ou Terceiros Seculares. E no tocante â pessoa de Pero Gil, he certissimo que não era Regular, professo com os tres votos solennes: porque elle tinha comprado a quinta, elle a possuiu algus annos, & elle agora doou este seu assento pera se fazer a casa, reservando pera si muita fazenda, que lhe ficava de fora. Tudo isto se contém na Escritura, & nada lhe fora licito se fosse Religioso. Pelo que he infalivel ser Terceiro Secular; & se aqui lhe chamão *Frade da Terceira Regra*, já eu disse muitas vezes, que este nome de *Frade*, & o prenome de *Frei* tambem estava em uso nos Terceiros Seculares.

4 Isto mesmo parece, que se podia cuidar dos Fundadores da casa, que povoação a

PLA A  
L. 1000 2  
2018 2

quinta; por quanto do mesmo modo, & sem mudar as palavras lhe chama a Escritura *Frades da Terceira Regra*, nem temos pera onde apelar na sua declaração, se não forem duas bulas do Papa Eugenio IV, as quaes elle expedio logo no anno seguinte. Numa dellas lhes concedeo indulgencias pera quem dia de todos os Santos visitar a Igreja desta casa; & na outra lhes unio a ermida dos Vilares. Com tudo nenhũa dellas a nomea por *Mosteiro*, ou *Convento*, senão por *Casa*, *Ermida*, & *Oratorio*: os quaes nomes eraõ muito ordinarios nas moradas dos Terceiros Sculares. Na primeira lhes chama *Religiosos*, & *Ermitães pobres*, & na segunda *Pobres de Christo*: mas todos estes apelidos assi são dos Regulares, que não deixão de convir, como tenho advertido, a os Sculares, que vivem em suas casas. Na primeira finalmente lhes concedeo indulgencias pera a sua Igreja: porém ellas tambem tinhaõ os Terceiros de S. Sita, que não erã Regulares.

5. Nesta grande serração, por duas rezoões assento que eraõ Religiosos, & ambas vou coligindo da dita segunda bula. A primeira; porque á vendendo deixado Fr. Gonçalo a os Pobres de Christo a ermida dos Vilares, & podendo pre-

sumirse, que era a os Terceiros Sculares, cuja vida professava, os quaes tambem tinhaõ o nome de *Pobres*: com tudo os desta casa não se deraõ por seguros na sobredita ermida sem concessão do Pontifice; & isto, por quanto erã, posto que tambem Terceiros, do estado Regular.

6. A segunda rezão he, porque pediraõ a o Papa, & elle lhes concedeo os privilegios, & graças, de que gozavão em Castela, & não tinhaõ ainda chegado a Portugal. E considerando bem, eraõ lómente aquelles, que o mesmo Papa tres annos antes lhes avia concedido, os quaes sem duvida tocavão a os seus Religiosos. E com isto me venho a resolver em que os primeiros moradores desta casa eraõ Religiosos com os tres votos solennes; & que ella por sua antiguidade he o primeiro convento, que teve em Portugal a sua Religião. Nem contra isto cõtã, dizer El Rei D. Afonso V.; que quando elles no anno de 1470 lhe pediraõ a casa de Santarém, alega- raõ tambem *que nom tinham em nossos Reinos casa algũa pera em congregaçom poderem viver*: Por quanto nunca disserã, que não tinhaõ outra casa: mas, que não tinhaõ algũa, onde vi- vellem congregados formando

Arch de  
S. Carer. de  
Santar.

F. Lu. to.  
3. 27. 1442.  
n. 15. & in  
Reg.  
S. istom. 2.  
pag. 30.

Arch. cit.

comunidade perfeita, & guardando os estilos da sua Religião. En isto disserão bem, porque ainda neste tempo esta casa, & a obta dos Vilares não erão mais que hons fracos, & pequenos Oratorios, de quaespera ibo so não rinhão comodidade. Ouvera agora de declarar quaes es foraõ os Fundadores, & do hã de vieraõ: mas não ficou em lembrança; posto que entendo eu, que virião de Castela, ou Leão, onde já esta Ordem florecia, e assim como he mto de 17. Tanto que elles tomãraõ aqui assento, brevemente se foraõ tambem meter na ermida de N. Senhora dos Vilares, no termo da vila de Matialva, & pela corroboratam esta sua assutencia duverão hã das bulas, que ja tenho referido, a qual foie executada pelo Bispo de Viseu. Esta ermida avia edificadõ hum Fr. Gonçalo da Ordem Terceira, como diz a mesma Bula, & o Auto da sua execução, & que fosse da Ordem dos Seculares constarã por estas rezões seguintes. A primeira, por que tinha liberdade pera fazer testamento, & deixar a os pobres de Christo a sobredita ermida. A segunda, por quanto teve hum filho, chamado Lopo Gonçalves, a quem o Bispo como a seu herdeiro forçado mandou dar na execução da bula, na qual porẽ u llytamente confon-

tuõ. E nem elle pôdera testar, nem o filho alegar o direito da herança, se fora Religioso. Executou se a bula em 20 do mez de Junho de 1447, no qual tempo poti diante d'este convento vaitando a sua antiguidade. Mas he justo, que os Padres Terceiros neste Reino se obntegão o amor, com que os mesmos Terceiros Seculares, que eriamos a o peito da nossa santa Provincia, os recolherã nest casa, & na outra de Carta, as quaes foraõ as primeiras.

CAPITULO XIX

Noticia de D. Fr. Aimaro Bispo de Marrocos, & de Seita, Confessor da Rainha D. Filipa, Capelão mór dos Reis D. Duarte, & D. Afonso V, & Comendatario de Pombeiro.

**F**azemos tão repellido a memoria deste Veneravel Padre, q facilmente acabaremos com ella, e pilogando em parte o que avemos escrito, pois nossos antepassados nunca tiveram virtude pera etrever as suas taguis o fazem Francez, persuadidos sómente da qualidade do nome, e como se este tambem não tprã de outras nações

ab. 200

01. 20. 1. 7. 4

Cart. da  
Inf.

Com tudo o P. Royba, que vi-  
zinhou com o seu tempo, de-  
clara que foi Ingrez, & acho  
que tem rezão, por quanto In-  
greza era a Rainha D. Filipa,  
que o fez seu Confessor, & isto  
pode estar bem intencada, que  
melhor avia de entenderlo, sen-  
do ambos de hũa lingua, que a  
outro estrangeiro.

Não ha duvida em ser  
frade da nossa Religião, que  
por tal o nomeou o Pontifice  
quando lhe deu o bispado de  
Marrocos, mas por faltar a  
vontade de quem se mostra ape-  
toso de o ver em alguma Ecri-  
tura nomeado com este preno-  
me *Fris* lhe ofereço aqui duas  
pertencentes a fundação de S.  
Clara do Porto, na qual elle as-  
sistio com o Bispo de Maiorga.  
D. Fr. Lourenço, & cantou a  
missa da mesma solennidade.  
Hũa he do Tabalião João Do-  
mingues, o qual referindo as  
pessoas grandes, que se acharaõ  
presentes, escreveo estas pala-  
vras. *E outro se honrado Barom, &*

+++  
*Senhor D. F. Amaro, Bispo de Mar-  
rocos. Outra he daquelle Oficial,  
que em Cintra escreveo a dita  
Carta d'El Rei, o qual não he  
sabendo o nome, sabia que era  
frade, & por tal o nomeou di-  
zendo o que se segue. *B. Dom  
Fris N. Bispo de Marrocos. O lito  
mesmo encontrei por outras  
partes, posto que esse estilo não  
era mai ordinario naquelles**

tempos antigos. *... obediencia  
... il 3.º ...* Da meior das grandes  
crevas, em que he ou a noticia  
de suas muitas virtudes, vemos  
scintilar ainda a cordeal do va-  
cãõ, que sempre teve a magra-  
dõ mystico da Encarnação do  
Santo Filho de Deus nas enra-  
nhas da purissima Senhora, &  
pelo mesmo espirito o Arcan-  
jo S. Gabriel, que lhe trouxe a  
embaxada do Geo. Navegante  
inha, de quem era Confessor,  
foi tambem notavel este espiri-  
to, & bem podemos cuidar, que  
elle o alentasse com os seus san-  
tos conselhos. Donde veio to-  
mã ella por diviza nas suas ar-  
mas Reaes a figura do melleo  
lagrado mystico como o melleo  
no convento de Leiria, & elle  
fundar na mesma cidade a ermi-  
da de N. Senhora da Encarna-  
ção, que tendo hoje perfeizissi-  
ma na obra, pelos milagres esta-  
mui em abrecida. Ordenou  
tambem a festa do dito S. Ar-  
canjo, & coo poz o seu officio,  
que muito tempo se fez em  
Portugal, & ainda se reza na  
nossa Religião. Não de mais,  
quanto alle merecello pelos se-  
us procedimentos religiosos, &  
lanços manifestão os favores,  
que lhe faziao os Principes, au-  
torizando com elle os officios  
da sua Cula Real. *... p. 1.º ...*  
Foi Confessor da Ra-  
inha D. Filipa como vemos es-  
crito, & dizem que tambem

P. Luc. 10.  
142, 143.P. 1.º c.  
1.º n.º 3.º &  
1.º n.º 4.º

Cart. 10.

Benedict.  
Lust. to 1.  
1.º p. 1.  
1.º n.º 5.º

Capelão mór de seu marido El-Rei D. João I: por em isso fique na fé dos padrinhos. O que se fez de certo he, que servio neste officio a seu filho o Infante D. Duarte antes de lhe succeder no Reino; & por tal o nomeou o Escrivão do processo, quando elle nos confirmou no convento de Viseu, por estas formaes palavras: *Estando in D. Aimaro Bispo de Seita, & Capelão mór do Infante.* Continuou com este mesmo officio por todo o seu reinado, & ainda o fazia em tempo d'El Rei D. Afonso V como elle mesmo disse no Alvará de 21 de Junho de 1439, pelo qual a seus rogos confirmou hu privilegio de seu pae El Rei D. Duarte, dizendo o que se segue. *Fazendo saber, que D. Aimaro Bispo de Seita, nossa Capelão mór nos mostrou outra carta d'El Rei D. Duarte &c.*

5 A isto se ajuntou a dignidade de Bispo, que teve nos dous bispados de Marrocos, & de Seita. Sendo Bispo do primeiro, cantou a missa na fundação de S. Clara do Porto; & tendo já o segundo, assistio à sagração de D. Alvaro Ferreira Bispo de Coimbra, instituido em convento o nosso Oratorio de Gouvea, & nos seguiu na posse do de Viseu por comissão Apostolica. Parece que peralhe desejava inventar novos officios El Rei D. João I; que taes

erao seus grandes merecimen-  
tos: pelo que em sua pessoa  
principiou o de Administrador,  
ou Comendatario do mosteiro  
de Pombeiro da Ordem do glo-  
rioso S. Bento. Nem os seus re-  
ligiosos se poderao queixar del-  
le, como ha queixas de outros,  
por quanto em seus augmentos  
empenhou o cabedal da pri-  
vança com os Reis: E assi alcan-  
çou dous privilegios d'El Rei  
D. Duarte, que depois lhe con-  
firmou El Rei D. Afonso V, pe-  
los quaes elles ambos receberao  
o mosteiro debaixo do seu em-  
paro, dando grandes liberdades  
a todos os seus criados, lavra-  
dores, & cativeros. Forao dadas  
estas quatro provides do anno  
1433 ate 1439, no qual tempo  
he certo, que era Comendata-  
rio; & tambem o seria muito  
antes como se acha clerico,  
mas duvido, que passasse de  
1444, em que nos lhe achamos  
lucessor no seu bispado de Sei-  
ta, porque o mesmo devia ter  
na Comenda. Basta laber-  
mos, que elle a mereceo,  
& a teve: quanto  
tempo, não in-  
porta.

f. Tombo  
Tomb. 1.4  
da Leit. no-  
va de Alem-  
Deuro,

Beacidi.



## CAPITULO XX.

Falece S. Bernardino, Protector da Observancia: vem a o Reino hua Nuncio da nossa Religião; E faz a Provincia capitulo.

1444

**C**orrêdo o mesmo anno de 1444, a 20 do mez de Maio, acabou com o seu curso aquella Solincaçavel, S. Bernardino de Sena, que sem parar hua hora andou sempre alumando o mundo com luzes de soberana, & admiravel doutrina. Elle foi o que abrazou as almas na devação do santissimo nome de Jesu, pelo qual padecêo grandes trabalhos na honra, & na pessoa, mas triunfando depois com muita gloria de todos seus inimigos. Falecêo em a cidade de Aquila, onde Deos o autorizou de modo, q brevemente obrou sete mil milagres, nos quaes entrao treze mortos restituidos à vida. Alguns annos governou como Prelado Gêral o nosso Estado da Regular Observancia com grandissima, & muito santa prudencia, quaes foraõ sempre todas as suas accões, & deixando agora bem doutrina-dos seus filhos se partio pera o

Ceg em busca da benção do Pae das misericordias. Ficathos com tudo desempatados, & orfaõs, sem este Pae amantissimo, de tanto nome em a Igreja de Deos, que qualquer palavra sua era o uosso escudo de singular protecção. Mas tambem nos deixou por successora seu intimo amigo, S. João de Capistrano, a cuja sombra tãmanos algum alento pera trabalhar no serviço da mesma santa Igreja com o zelo, & cuidado q agora se verá.

2 Duas vezes tinha ido sobre Rodes, Ilha do Mediterraneo entre Europa & Asia, o Soldão do Cayro, perseguidor cruelissimo da Religião Christã, Empenhou o seu poder de muita gente, & armaz, mas quando quiz provar forças com os Cavaleiros da Ordem de S. João, que a tinham de presidio, rechaçado valentemente por elles se valgo da retirada. Depois d'isto correo fama de tornar terceira vez com desejos de provar melhor ventura; & o Vigario de Christo, Eugenio IV, que nestas occasiões não dormia, intentou rebello, & restaurar a Terra Santa com hua grossa armada. Era porêo necessario muito grande cabedal de soldados, & dinheiro, que per si, sem o favor dos Principes, & Povos Christãos, não podia ajuntar; pelo que nesta materia haes m-

vion muitos Nuncios, dos qua-  
es, vinte & dous foraõ frades da  
nossa sagrada Ordem. Oito del-  
les vieraõ pera Hespanha, &  
coube a este Reino por sorte o  
P. Fr. Pedro de Cordova, cuja  
pessoa entie todos celebra o  
Annalista<sup>a</sup> com o nome de *Do-  
ctissimo Varão*. Não estava Portu-  
gal nesse tempo em estado, que  
podesse, como convinha, obrar  
em rezão dos trabalhos do In-  
fante D. Pedro sobre a sua Re-  
gencia: nos mais Principes ave-  
ria poueo zelo, ou pouea co-  
modidade: seguiu-se tambem  
morrer o santo Pontifice; &  
com isto pereaõ seus inten-  
tos. Mas a desgraça de Rodes  
ficou reservada a o Turco So-  
lymão, que a tomou a partido  
depois de muitos combates.

1445

3 Por este tempo era Mi-  
nistro da Provincia o Padre Fr.  
Afonso Caciro, que avia suce-  
dido a o Padre Fr. Afonso do  
Paraito, o qual no anno de 1445  
& no convento do Porto ce-  
lebrou o seu capitulo, & nelle  
foi confirmado nesse proprio  
oficio. Os nossos Observantes  
da casa de Alanquer, mandaraõ  
por seu Discreto Vogal a F.

Luiz de Guimarães<sup>b</sup>, de  
quem nao temos ou-  
tras maiores no-  
ticias.

(?)

## CAPITULO XXI.

*Do Mestre F. Gil Lobo, Prè-  
gador de tres Reis, Confessor  
de dous, Mestre de hum,  
Capelão do Papa, &  
Comedatario d' Al-  
pendorada.*

**S**E ouvermos de espe-  
rar pelo tempo; em  
que a morte lhe ter-  
minou as açoões, ficará esta me-  
moria reservada pera a Tereci-  
ra parte, & já entãõ estará mais  
esquecido seu nome: pelo que  
agora, que elle vai florecendo,  
faremõs hum ramalhete do que  
deixamos escrito, & ainda esta-  
va por escrever. Hũas vezes o  
achamos nomeado *Fr. Gil Lobo*,  
conforme o apelido da gera-  
çãõ, que foi nobre: outras, *Fr.  
Gil de Tavira* a respeito da cidade  
deste nome no Algarve, donde  
era natural: mas he a mesma  
pessoa com estes dous sobrenomes.  
Começamos a ter noticia  
delle no anno de 1421, em que  
era Ministro Provincial<sup>a</sup>; &  
depois no de 1426, morando  
elle no convêto de Lisboa, hũ  
Tereja Fernandez da freguezia  
de S. Juliao, mulher de caridade  
insigne com os frades, em par-  
ticular enfermos, lhe pediu no  
testamento, que em tudo qui-

1446

<sup>a</sup> Fr. Luc.  
tom, 5. hoc  
an, n. 46.

<sup>b</sup> Arch. do  
mesmo  
conv.

<sup>a</sup> l. 11. c. 30.  
n. 6.

6 Arch. de  
s. Franc. de  
Lisboa.

zelle encaminhar a o seu testa-  
menteiro. *QUINTO*

2 Era Mestre na santa Theologia, & tão verdadeiro Mestre, avendo outros fantásticos, que podia aparecer em Concilios Geraes, como foi no de Florença. Mas não eraõ só as letras o que lustrava mais nelle: senão o dom de conselho, eloquencia no pulpito, gravidade na pessoa, & outras muitas singulares excellencias, as quaes levavão os olhos, & o coração dos Principes. Foi Pregador dos Reis D. João I, D. Duarte, & D. Afonso V: Confessor destes dous ultimos: & Mestre de D. Afonso. Com muita difficuldade se poderá declarar a grande estimação, que delle fez D. Duarte em cousas graves, & nalgũas miudezas. Não reparo na comissaõ, que lhe deu pera concluir com o Prior de Aveiras os concertos tocantes à fundação do convento das Virtudes. Menos ainda em lhe dar autoridade pera que ahi mesmo nomeasse Almojarife dos Paços, & Couteiro nas suas terras à roda. Sujeitar-se a seu conselho no tempo, em que falecêo seu Pae, & tambem encomendar-lhe o serviço mais principal das exequias: já isto eraõ accões de muito grande momento; & as que direi agora, per si mesmas se estão encarecendo.

3 Que maior estimação

avia de fazer delle este tão prudente Rei, que mandallo em seu nome a o dito Concilio Geral, onde assistia o melhor da Christandade? No tẽpo de sua morte acabou de nos mostrar a conta, em que o tinha, quando lhe encarregou o que mais levava a-travessado: isto foi a criação de seu filho o Principe D. Afonso, & seu casamento delle com a Infanta D. Isabel, filha do Infante D. Pedro. Na criação obrõu tanto em ordem a o amor dos vassallos, da virtude, & das letras como nos está dizendo o curso de sua vida. O casamento padecêo contradicções dos que tinham desamor a o Infante: mas tudo facilitou com seu valor, & industria.

4 E o Principe, já Rei, de tal modo se achava empenhado a estes grandes serviços, que em tudo pretendia mostrar-se a grãdecido. Pelo q lhe fez merecê da Comenda, & Administração do mosteiro d' Alpendorada, que era de muita hora, & tomando os depois debaixo do seu emparo escrevêo estas palavras notáveis, que só ellas podião bastar por premio. *Fazemos saber, que por os muitos serviços, que Fr. Gel de Tavira, Abade do mosteiro de S. Ivo d' Alpendorada tem feito a El Rei meu Senhor, & Padre, & a nós em sendo nosso Pregador, & Confessor, & Mestre, comamos a elle, & a o dito seu mosteiro no nosso defen-*

dimento.

Torre do  
Tomb. 1.  
da Leit. no-  
va de Alem  
Ouro.

*dime. 10.* O Pontifice tambem, Eugenio IV, que conhecêo suas letras, quando o vio em Italia, não se pode escusar de concorrer nos seus acrecentamentos, antes o fez seu Capelão Apolitoico, & por tal o nomeou na mesma Bula, em que o instituiu Comendatario do sobredito mosteiro à instancia d'ElRei<sup>d.</sup>

5 Foi passada esta bula no anno de 1443, & a provisãõ Real no de 1449 a 13 do mez d'Agosto: mas contandonos por ellas quando começou a governar o mosteiro, & quando ainda estava no seu governo, não sabemos em que tempo acabou. Na Benedictina Lusitana se escreve, que florecêo pela Era 1457, sem nos deixar declarado, se foi isto pela conta de Cesar, se pela nossa do Nacimêto de Christo. A de Cesar, neste caso seria conta errada, por quãto diminuidos os 38 annos; ficava no anno de Christo 1419, quando não se sonhava ainda, que elle seria Comendatario. Nesta de Christo não vejo contradicãõ, posto que pera chegar com elle a esse anno, muito a ficira se lhe estende a vida, da qual eu ja tenho dito, que não podia ser curta, visto aver tanto tempo, que d'elle achei noticia. E deixo de ponderar outras côtas; q̃ tambem pertencem a o seu tempo, por não cançar se proveitosa quem ler estes escritos.

## CAPITULO XXII.

*Principiamos convento na Ilha de S. Maria, que depois se extinguiu.*

**D** Escubertas por industria do Infante D. Hêrique as duas Ilhas do Porto santo, & Madeira, continuãdo seus capitães, & pilotos no descubriemento d'outras; foraõ achadas as que agora se chamão dos Açores, ou Terceiras. Sens nomes particulares são estes: S. Miguel, S. Maria, Angra, S. Jorge, Graciosa, Faial, Pico, Ilha das Flores, & Corvo. As ttes primeiras se deraõ a conhecer na mesma ordem; com que ficão nomeadas, pelos annos de 1444, & as mais foraõ correndo a sorte, q̃ lhes fez a diligencia. De modo, que a de Angra foi descuberta em o terceiro lugar, pelo que tambem tem o nome de *Terceira*; & por seu respeito della, que em rezãõ de ter Bispo, & Governador he principal; & Cabeça; todas as outras se chamão tambem *Terceiras*. O outro seu apelido dos Açores. he naccõ da multidãõ destas aves, que nellas apparecêraõ em o seu descubriemento, & nem por ellas faltarem nos esquece este nome.

2 Dizem, que no anno de 1449 deu licença a o Infante

d Fr. Luc.  
tom. 5, cod.  
an. 2, 11,

o tom. 2,  
trat. 1, p. 4,  
c. 3.

fl. 10. c. 20.  
no. 4.

da

1446

o. 1. 1.  
o. 1. 1.  
o. 1. 1.

El Rei D. Afonso V pera mandar povoallas : porẽm logo que ellas foraõ achadas, acudiraõ os frades da nossa Ordem a fazer a povoação do Ceo. Foraõ alguns da companhia d'aquelles, que sendo na penitencia admiraveis a o mundo, andavaõ fugindo delle pelas Ilhas desertas, & escondidas: que affombraõ a da Madeira, como já tenho escrito, com os rigores da vida: que nunca comeraõ pão em tempo de muitos annos; & & que vestiaõ peles de Lobos marinhos, a o menos pera remendar os habitos. Destes, & d'outros, que foraõ de Portugal, se ajuntaraõ alguns na Ilha de S. Maria, & fizeraõ hum pequeno Oratorio, formando Comunidade de prelado, & de subditos. Não tinhão porẽm licença da Santa Sé Apostolica, & conhecendo a falta, passado já algum tempo, recorreraõ a o Papa Nicolao V, que lha concedeo no anno de 1450. a os 28 d' Abril, na mesma bula, em que deu a do Funchal na forma, que tenho dito. Mas como della não consta em que anno d'antes a casa teve principio, não faço mal em oferecerlhe este de 1446, que agora vai correndo. Declarou com tudo expressamente o mesmo Santo Pontifice, ser o convento da Regular Observancia, & estar subordinado a o nosso Vigairo da Provincia

Arch. de  
s. Bernard.  
de Atoug.

8 V. Luc. to.  
5. cod. 20. n.  
92. & in  
Reg.

de Portugal.

3 Se este convento tivera perseverança, nelle tinhamos achado a raiz, & essa muito antiga, da Provincia de S. João Evangelista, que hoje florece por estas Ilhas: mas secou se brevemente, & depois plantamos outra, que sempre permanecẽo. Era a casa pequena, & fraca nos edificios: os moradores da Ilha não eraõ muitos naquelle primeiro tempo, nem tinhaõ posses pera poder sustentalla; & assi foi perecendo às mãos da sua mesma pobreza. Correndo porẽm os annos, que elles se viraõ mais alentados nas forças, no de 1608 nos deraõ bastãte sitio pera começarmos outro, o qual tambẽ nasceu na mesma estrela de não ser de muita dura; porque entrando os Mouros pera saquear a terra o convertẽraõ em cinzas: porẽm dellas tornou logo a renacer o terceiro, que ainda permanece.

### CAPITULO XXIII.

*Tirãose os Observantes da sujeição dos Claustraes, elegem Vigairo Provincial, & elle faz novo selo.*

**I** Cabon de nos ouvir a Piedade divina no penoso cativoiro, em que nos avia posto o governo

1446

dos

dos Claustres, & neste proprio anno de 1446 nos mandou a redenção. Não digo, que era exorbitante, nem o condeuo de mau, porque me parece mal a foltura de penas muito ligeiras, as quaes pera escreverem alguma separação buscão a tinta mais negra, que deixe maior mascara. Fraca he a innocencia, que pera justificar se prejudica a o proximo. Bem se pode emancipar hũa filha sem dar libellos famosos, que afrontem sua mãe. E quando hũa Prouincia se institue de novo, muitas rezões pera isso se poderão alegar, guardando sempre respeito, & cortezia á outra, q̃a poz nelle estado.

Não temos porém aqui separação de Prouincias, mas somente nos limites da nossa de Portugal hum modo de diuisão, que foi muito necessario, entre os Padres Claustres, & os nossos Observantes. Estava então naquelles o governo da Prouincia, & seus eraõ os Ministros, que a governarão sempre com muita autoridade: mas como não imitavão a nossa reformação, deixavão de alentar os nossos santos estilos, & zelar nossos augmentos, perecendo pela falta des influxos da cabeça todo o vigor do corpo da Família Observante. Isto mesmo corria nas mais Prouincias, cla-

mando todas, pelo menos com a fama de sua grande reforma, a o Vigairo de Christo, Eugenio IV, que acendisse a o nosso desamparo. Intercedia poi nós S. João de Capistrano informando o Pontifice, o qual pelo amor, & afeição que lhe tinha, não somente lhe quiz fazer a vontade, mas tambem lhe ordenou, que eserevesse a primeira bula da sua resolução, por cujo teor se foraõ passãdo outras.

Determinou, que o nosso Estado Observante se partisse pelos Alpes em duas famílias, as quaes por esse respeito ainda hoje se chamão *Cismontana*, & *Ultramontana*; & q̃ cada hũa dellas tivesse por seu Prelado a hũ Vigairo Geral. Nas Prouincias ordenou do mesmo modo, que elle tivesse Vigairo Prouincial, & q̃ este governasse cõ plenario poder a todos os Observantes, fazendo tambem capitulos, celebrando eleições, ordenãdo estatutos, & tudo o mais, que fosse conveniente, sem depender do Ministro, senão só em cõfirmallo tanto q̃ fosse eleito; & isso cõ esta clautula, que se elle por tres dias lhõ negalle, ou algũ successo o impedisse, ficasse logo por autoridade Apostolica confirmado o Vigairo. Nesta forma nos tirou da sujeição dos Claustres, mas com tanto artificio, q̃ separandonos delles, nos deixou todos unidos no corpo de hũa

Provincia em virtude do nome de *Vigairo do Ministro*; que deu a este nosso Prelado, & da dita dependencia na sua confirmação.

4. Corrião em Roma estas couzas de vagar; nem os avizos eraõ muito apressados, & affizemos junta no convento d'Alanquer, Cabeça da Observancia; onde se tomou acõrdo, que o P. Fr. João de Pombal com outro religioso fossem ambos sollicitar o despacho. A dous do mez de Janeiro do anno assina dito assinaamos a nossa procuração, cõ a supplica; & o Infante D. Pedro, Regente entãõ do Reino, q nunca favorecço ambiçoës particulares, senãõ só o bem comũ de toda a Religião, os encomendou por carta às pessoas, q podião ajudallõs. Levavaõ na instrucção, q recorressem primeiro a o Ministro Geral, & depois a o Pontifice: mas quando elles chegãrãõ a Roma, estava tanto avãte este negocio em favor da Observancia, que a 6. do mez d'Agosto os despachou com hũa bula o Papa, cujo principio he: *Dum praclarã*: na qual se contem a forma da nossa separaçãõ. E multiplicando graças nos fez outra muito grande, que podellemos receber, ou fundar singuo convetos, com os quacs a Observancia ficasse mais dilatada.

5. Com este despacho tor-

naraõ a Portugal, & no anno seguinte a 23 de Abril se notificou a bula a o P. Fr. Afonso Caçiro Ministro Provincial, cujo agrado na sua execuçãõ nõ quero eu desluzir declarando, como elle nõ podia replicar. Logo fizemos capitulo no sobredito convento de Alanquer, q a respeito de todos sempre tinha preferencia; & recompensando nõs na pessoa do mesmo P. Fr. João de Põbal o trabalho da agência cõ o logro do officio, a elle elegemos Vigairo Provincial. Este foi o primeiro, q tivemos em virtude da bula Eugenia, do qual procedeo hũa larga dependencia de semelhantes Vigairos, que durou setenta annos, atẽ que se converterãõ, como ainda diremos, em Ministros da Provincia.

6. Instituido de novo este cargo de Vigairo, era tambem consequencia, que tivesse algum selo, com o qual corroborasse suas funcões, & patentes: O Ministro reteve o seu antigo, que descrevi noutra parte; & o Vigairo fez outro, que imprimia a figura de N. P. Seráfico com as mãõs abertas, & levantadas, representando em ambas o singular privilegio de suas Chagas santissimas, que lhe deu o Redentor, com esta letra à roda: *Sigillum Vicarii Portugalia Fratrum Minorum*; que monta em Portuguez: *Selo do Vigairo*.

Arch. de  
S. Franc. de  
Alanq.  
F. Luc. to. 5.  
an. 1446, n.  
18. & 19  
Reg.

1447

de

de Portugal dos Frades Menores. Este selo se guarda ainda hoje no convento d'Alanquer; & selada com elle hũa patente do Vigairo Fr. Gil de Guimarães, que no primeiro de Julho de 1456 entregou a o gravissimo Padre F. Jozõ da Pova, quando com ella o remeterõ a o Vigairo Géral sobre negocios pertencentes à Provincia, que eraõ de grande porte. E consolemse os devotos da altissima pobreza com esta nossa lembrança, por quanto não he de prata, metal rico, mas de latão muito baixo.

7 . Brevemente deixamos esta insignia, tomando em lugar della o santissimo Nome de Jesu, cercado de raios de resplendor, em cuja exaltação obrãraõ tanto os nossos Padres da Regular Observancia S. Bernardino de Sena, S. Joãõ de Capistrano; & outros do seu espirito, que nos ficou até hoje por braço de particular nobreza a todos os Observantes. Ocupava no principio este nome suavissimo todo o campo do selo; & pera se conhecer como era o Jesu de Portugal, ou dos Frades Menores Portuguezes, tinha a seus pés hum escudinho pequeno com as Quinas deste Reino; & com elle nesta forma. a os 8 de Abril de 1472 o Vigairo F. Antonio d'Elvas selou a sua patente, que levarãõ os Vogacs a

capitulo Géral. Depois disto, sem se mudar a insignia, se alterou a figura: estenderãõse as Quinas; enchendo com ellas a maior parte do campo pera ficarem por Armas, por em muito a proposito por ser Real a Provincia; & encolhidos os raios do Nome grande Jesu, elle mesmo he agora o seu Tymbre de incomparavel gloria. Deste selo; composto destas insignias usavãõ já os nossos Vigairos antigos da Regular Observancia: com elle ficãraõ quando o Papa Leão X lhes deu foro de Ministros como consta por infinitas patentes, & quando pelo tempo adiante se dividio a Provincia do Algarve da nossa de Portugal, ainda o retivemos.

Arch. cit.

## CAPITULO XXIV.

Vem pera os Observantes o Ministro da Provincia Fr. Afonso Caeiro, Confessor d'El-Rei D. Afonso V; & começa seu governo o primeiro Vigairo Fr. Joãõ de Pombal.

**D**igno he de que nos lembremos d'elle o P. Fr. Afonso Caeiro, pois foi o derradeiro Ministro dos Claustres, a quem nossos Observantes renderãõ obediência.

Obrigados lhe estamos pelo gosto, com que tambem aplaudio a nossa separação: mas sobre tudo he nosso, & da nossa Observancia, pera a qual brevemente se passou. Edificouse o Reino com esta sua mudança, & não faltava lugar à maior admiração de ver hū Prelado tão notavel, de tantas letras, & venerado de todos, q̄ trocava a bizarraria da Claustra pelas nossas humildades. E na verdade bem avia q̄ louvar em que, dando elle regras, & preceitos de viver a trinta & seis convētos de frades, & dez multiceros de freiras, se viesse ajustar com a nossa estreiteza, querendo antes ser subdito entre pobres Evangelicos, que Prelado de gente dispendada.

2 Custoulhe gotas de sangue obrigaremno depois a ser Guardião do convento de Leiria: mas logo se conhecēo nos augmentos do culto divino, devação, & edificios quanto importa eleger, se o talento he bõ, a quem foge do governo. Era devotissimo da Encarnação do Santo Filho de Deos, & sua foi a pintura deste sagrado Mystério, que elle teve muitos annos à entrada da Igreja. Achouse no convento de Viseu naquella tão nomeado capitulo, quando fervendo em colera toda a machina dos ecos, legundo ella mostrava, queria comer a terra; & fazendo os frades em procissão a

cidade, nelle se comprometerão, que exelamasse do pulpito, & pedisse a Deos misericordia. Prégou, & com tanta efficacia representou o aperto, que ficando alêrados os ouvintes, foi servido o Senhor de aplacar sua ira.

al. 11. c. 9.  
n. 3.

3 Navegando com bonança pelos mares tempestuosos da vida, sempre temeo a passagem pelo Estreito da morte, & como Varão prudente, que não despreza cautelas, impetrou hū Indulto Apostolico, pelo qual naquella hora tremenda o absolvesse de todos os seus peccados, concedendolhe tambem indulgēcia plenaria. Não estava tão corrente nesse tēpo, como agora está, o rio das indulgēcias, q̄ alegra a Igreja militante, Cidade de Santa. de Deos, & os mais esferupulosos se vālião de graças particulares. Dous Indultos desta sorte em favor d'El. Rei D. Afonso IV. se guardão em o Archivo do convento d'Alenquer, onde pela maior parte moravão seus Confessores. O do Padre F. Afonso custoulhe rezar hum anno em todas as festas feiras Salmos Penitenciaes, Ladainha, & as orações seguintes: por em ainda achava, que lhe fãta barato a respeito dos interesses da alma.

4 A estas suas virtudes, & outras boas partes se afei

B Arch. de  
S. Franc. de  
Leiria,

çooou noravelmente o mesmo Rei D. Afonso, & o tomou por Confessor, no qual officio lhe assistio alguns annos<sup>b</sup>. Porém Deos, que todo inteiro o queria pera si, não soffrêo, que muito tempo servisse ontro Senhor, & mandoulhe hũa doença cõprida, que o arrancou do labyrintho do Paço pera o jardim alegre da casa de Alanquer. Aqui esteve entrévado sete annos soffrendo este tormêto com estranha paciencia, o qual lhe aliviava a Senhora do Capitulo, que sempre teve mimosos a todos seus Capelães. Dizem della, que a o leito o foi ver. algũas vezes, com tudo ninguem nos diz onde está o seu corpo.

5. Agora vinha caíndo a memoria do primeiro Vigairo Provincial, que regeo a Observancia: mas será hũa memoria triste, & muito desemparrada das noticias mais nobres. Foi o Padre Fr. João do Pombal, que nacêo numa vila deste nome do bispado de Coimbra, situada nas ribeiras do Arneaz, rio pequeno, o qual vindo engrossado de hũas serras vizinhas, & passando adiante se afoega no Mondego. He famosa esta Vila por ter dado perto de si na quinta de S. Lourenço o delcanço da ultima idade, & na morte a primeira sepultura na capela de S. António annexa á

mesma quinta, donde depois se tresladou a Alcobaca, a o grande João de Barros, que com pena sobre todas eloquente fez voar pela largueza do mundo a fama miraculosa do esforço Portuguez; & tambem o poder ser por aver oferecido o berço, em que nacêo, a este Padre gravissimo; o qual em sua pessão foi mostrar á Pontifice, & á Curia Romana quanta era em Portugal a nossa reformação. Os trabalhos da jornada; & dependências della nos descobrem o seu zelo: a eleição, que se fez delle em primeiro Vigairo da Regular Observancia, quando mais nos importava justificar-mos com isso a nossa separação, mostraõ bem seus grandes merecimêtos: então eraõ manifestos, hoje estão escondidos: mas ainda no tẽpo do seu governo tornarei a falar nelle.

## CAPITULO XXV.

### Do estado, em que fica a Prouincia.

**Q**Uando comeccei com esta Segunda Parte da Historia Serafica, estava já dividida nas Custodias de Coimbra, & Lisboa aquella primeira, q̃ tivemos neste Reino chamada de Portugal. Caminhãdo mais o tẽpo, se separou a de Evora do corpo da de Lisboa, e todas

tres pertenceraõ muitos annos à Provincia de Sant-Iago, que conhecemos por mãe. Chegou a occasião, & muito justificada, de nos apartarmos della, & com as ditas Custodias fizemos nova Provincia: Veio logo a Familia da Regular Observancia, que encorporada nella se foi tirando da sujeição do Ministro, & elegeo Vigário Provincial. No discurso destes tempos crecêo tanto a Provincia, que tendo hum pé no mar, & outro sobre a terra, está governando hoje as quarenta & seis casas; que pouco ha referi, em Portugal, no Algarve, em Africa, & nas Ilhas descobertas.

2 Com esta tanta grandeza competem as excellencias, porque criou dentro das suas Custodias a Rainha S. Isabel, canonizada pela Igreja Catholica: logrou tambem S. Filipe, companheiro de S. Antonio, que d'antes tinha criado: o B. Fr. Rodrigo, em Guimaraes; & hũa notavel copia de Servos, & Servas de Deos, que nomeei nestas nossas duas Partes, & toçao a este tempo. Dos seus filhos, algũs a tem coroado com riquissimas aureolas, merceidas pela confissãõ da Fé, ou defensão da virtude. Muitos delles lhe recêraõ a vestidura Real, eõ que fica enfeitada: a saber, tres Reis, & duas Rainhas da tua Terceira Ordem dos Peniten-

tes Seculares: os Reis, vestidos no nosso habito esperando pela morte: as Rainhas, amortalhadas nas vestes de S. Clara em o discurso da vida. Tres Infantas se tem despedido della: duas pera ser Rainhas, & outra pera ser tambem Infanta de Aragaõ por parte de seu marido: porẽm todas jã foraõ matriculadas na mesma Ordẽ Terceira; mas ainda lhe ficãraõ filhos, & netos dos nossos Reis Portuguezes com hũa neta do Emperador de Grecia, cuja grande multidão abrangeo a todos os seus estados de Frades, Freiras, & Tereiros seculares. Insigne he, & honrada a companhia, q̃ muitos delles lhe fazem pelas suas sepulturas: mas não pôde compararse com a das santas Imagẽs, avidas por milagrosas, pelas quaes a Magestade do Ceo tẽ obrado singulares maravilhas, empeñandolhe com isto o braço do seu emparo.

3 Era muito pera ver o aparato lustroso de gravissimos Ministros, com que sempre neste tempo assistio à S. Sé Apostolica, & à nossa Monarchia Lusitana: huns, q̃ lhe vinhaõ de fóra: outros, q̃ ella mesma criava, & tambẽ mãdava a outras partes. Entre elles contamos hũ Arcebispo Primáz, onze Bispos, hum Legado Apostolico, quatro Nuncios, hũ Coleitor do subsidio Ecclesiastico, oito Comilla-

rios do Papa em cousas de muito pezo, mais de doze pera pregar a Cruzada com tanta autoridade, como então se usava. Tres Inquisidores Geraes, & hū delles o primeiro, de q̄ sabemos no Reino: tres Capelães do Pōtifice, & da Igreja Romana; & outros tãtos Penitēciarios della, dos quaes hum tinha titulo de *Mor*. A estes se poderão ajuntar hum Administrador dos bens, q̄ ficárao dos Templarios, quatro Comendatarios em mosteiros de S. Bento, & hū Ministro Geral de toda a nossa Ordem.

4. Os Ministros, que deu a Casa Real, & a este nosso Reino, fazem hūa soma grande, q̄ mal se ha de contar, antes muitos nos poderão esquecer. Já não falonos que servirão em officios menores, porque destes só a inlyta Rainha S. Isabel trouxe sempre occupados mais de quinze, ou dezateis no que lhe foi necessario. Tivemos tambem tres *Frades d'ElRei*, & dous *Frades da Rainha*, cujo officio se declarou noutras partes, que despachavão com elles, erão Juizes de causas, & passavão provisoēs. E vindo a outros cargos mais graves, do nosso habito foraõ hum Embaxador mandado a Aragoã, hum Procurador enviado a Castela, & outro, que de lá veio a o nosso Portugal: sete Confessores de Rainhas, & dezafete de Reis: sinquo Prêga-

dores da sua Real Capela, outros sinquo do Conselho, dous Capelães mores, hum Mestre de Principe, & <sup>alguno</sup> ~~alguno~~ Testamenteiros de Reis. Seis destes Testamenteiros nomearão as Rainhas em suas vontades ultimas, dous forão seus Conselheiros, & hum em particular pera governar o Reino.

5. Fica tambem sustentado na cidade de Lisboa, como d'antes tinha feito em Coimbra, as Cadeiras da santa Theologia, que pertencem à Universidade, & estão à sua conta. Não se delcuidou porẽm de mandar Lentes famosos a outras da Christandade, & hum Theologo insigne, quando assi importava, a o Concilio Gèral. Finalmente della podemos dizer muito em particular o que já se tem escrito da nossa Religião em comũ: *Astite regina à dexteris tuis in vestitu deaurato, circumdata varietate &c* <sup>b</sup>: que bem parece Rainha majestosa, & illustre por suas prerogativas: vestida do ouro fino d'hūa santidade grande: esmalhado esse ouro com hūa variedade notavel de officios, prelaizas, & exercicios nobres: amada, & respeitada do Altissimo Senhor, que a tem à mão-dereita: mas ella sempre em pè, & pronta a seu serviço, como servio fielmente por espaço de cẽto & tetenta & sinquo annos, pelos quaes discorréo a nossa

<sup>a</sup> Rodrig. in qq. Regul. tom. 1. q. 2. 2. 3. <sup>b</sup> Psal. 44. vers. 10.

penna. E neste estado tão grave, & tão illustre a deixamos por agora, em quanto não es-  
crevemos, se Deos nos for ajudando, a sua Terceira Parte.

*Segunda Protestação do Autor.*

**R**onho fim a todos estes escritos declarando, como nelles me desejei conformar com os Decretos Apostolicos do Senhor Papa Urbano VIII, que referi na outra protesta-  
ção. E assi me fui abstendo o mais que pude, de chamar *Beatos*, *Santos*, ou *Martyres*, & attribuir revelações, milagres, & profecias a os Servos, & Servas de Deos, que atégora não têm este privilegio com a certeza infalivel, que só lhes podia dar, ou permitir a Igreja Catolica Romana. Mas se usei algũa vez destes nomes pera melhor explicarme, não tive mais fundamento do que a autoridade das Relações, & Autores, ainda que muito graves, os quacs pelo mesmo termo falãrão nesta materia, & não merecem mais credito do que o da fé humana, que tem muitas contingencias. E deixando os naquelle mesmo estado, em que os achei, tem lhes procurar com esta minha Historia algũa veneração; os remeto todos á Santa Sé Apostolica, sujeitandome a o seu juizo certo, do qual está dependente o que avemos de crer.

*Fr. Manoel da Esperança.*

**F I M.**

**Laus Deo, Virgini que Matri, Sanctissimo Patri Francisco, ac Beato Ioanni de Capistrano.**

INDICE DAS PESSOAS, E COVSAS MAIS  
 notaveis, que se contem nesta Segunda Parte. O primeiro numero  
 mostra a pagina: o segundo, o numero della; E ambos, ou algum  
 delles se repetem onde a materia he mais larga, ou isso  
 se declara com a palavra *E cæc.*

**A**

 Badessa, que persuadio às freiras acutilassem o rosto por não lhes roubarem o tesouro da pureza. 121.2.  
 Fr. Abril Pires andou no serviço d'El Rei D. Diniz, & da Rainha S. Isabel. 241.3.  
 D. Afonso III, Rei impetrou hum decreto Apostolico em favor da Conceição immaculada da Virgem. 16.2.  
 Foi muito devoto da nossa Ordem. 16.3.  
 Nesta devação criou seus filhos. *ibid.*  
 Admitia no seu conselho os nossos frades. *ibid.*  
 Fundou, & dotou o mosteiro de S. Clara de Santarém. *ibid.*  
 Fez as nossas Igrejas de Portalegre, & Estremoz; *ibid.*  
 Deixou legados a muitas casas. *ibid.*  
 Mas soube enton as molestias do Estado Ecclesiastico. *ibid.*  
 Sobre isto o amocestou o Papa. 22.2.  
 Foi censurado por hum seu Comissario, da nossa Ordem. 13.4.

Na morte obedecêo a os decretos do Papa. 17.4.  
 D. Afonso IV, Rei fez grandiosas mercês a S. Clara de Coimbra, & Lisboa. 452.104.1.  
 Empatou o mosteiro de Amante. 252.1.  
 Lançou a primeira pedra em S. Clara de Beja. 340.3.  
 Ocupou os nossos frades no serviço de sua casa, e Reino. 355.4.  
 Fazia delles notavel estimação. *ibid.*  
 Depositou a Escritura da sua capela em S. Francisco de Lisboa. *ibid.*  
 Professou a Regra Terceira dos Seculares. *ibid.* 5.  
 Vestido no nosso habito falecêo, & foi enterrado; *ibid.*  
 D. Afonso V, Rei deu esmola Ordinaria a muitas das nossas casas, 361.2. 534.1. 558.5. 631.2.  
 Privilegiou muitos homens, que as serviao, & pedião para ellas, 426.3. 442.2. 469.3. 474.7. 534.1. 548.6. 591.6. 656.3.  
 Moutrou liberal em S. Clara de Vila do Conde, 172.3.

- Deu grandes privilegios a S. Clara de Lisboa. 104. 2.  
 Favoreceo a S. Clara de Beja. 342. 6.  
 Fez particulares mercês a o convento da Castanheira. 523. 5.  
 Ajudou muito a fabrica do de Viseu. 532. 2.  
 Executou admiravel piedade, & estranha devação no das Virtudes. 576. 4. &c. 578. 3. &c. 581. 3. &c.  
 Deu a casa de S. Caterina em Santarém a os Terceiros Regulares. 602. 5.  
 Solicitou indulgencias pera o tempo da morte. 700. 3.  
 Fr. Afonso, apurou se na fornalha dos trabalhos. 621. 5.  
 Pronosticou sua morte, & a de outro companheiro. 622. 6.  
 F. Afonso Caeiro, foi o ultimo Ministro dos antigos, que governou os Observantes. 699. 1.  
 Passou depois pera elles. 700. 1.  
 Era devotissimo da Encarnação do S. Filho de Deos. *ibid.* 2.  
 Prégava com abrazado fervor. 538. 3. 700. 2.  
 Foi Confessor d'El Rei D. Afonso V. 701. 4.  
 Nas suas enfermidades o viscou em Alanquer a Senhora do Capitulo. *ibid.*  
 Fr. Afonso d'Alpraõ, natural de Santarém. 560. 4.  
 Foi Mestre na santa Theologia. 563. 5.  
 Ministro da Provincia, Vigairo Gêral, & Commissario do Ministro Gêral. 529. 4. 561. 5.  
 Confessor d'El Rei D. João I, & Inquisidor Gêral. 561. 5.  
 D. Fr. Afonso d'Anhaia, Bispo de Orense, perleguido até a morte d'El Rei de Castela. 382. 5.  
 D. Afonso de Castel-branco, Bispo de Coimbra honrou muito o convento de S. Christina. 657. 5.  
 F. Afonso de Coimbra, Varão perfeito. 464. 5.  
 Fr. Afonso de Guimarães ajudou com suas letras a aclamação d'El Rei D. João I. 413. 4.  
 F. Afonso de Orense viveo sempre no Estado da Observancia. 443. 5.  
 Foi cêpello dos Prelados. *ibid.*  
 Fr. Afonso do Paraíso, Ministro da Provincia, favoreceo os Observantes. 651. 4. &c.  
 Foi Mestre graduado na santa Theologia. 666. 3.  
 Prégador, Confessor, & Conselheiro d'El Rei D. Duarte. 651. 4. 666. 3.  
 Foi eleito pera concordar a Rainha D. Leonor com os Infantes do Reino. 665. 5.  
 Fundou o mosteiro de S. Clara de Estremoz. 632. 1.  
 Fr. Afonso Gago foi Portuguez. 431. 1.  
 Não estudou, nem professou em Castela. *ibid.*  
 Foi Observante no estado, & na vida. *ibid.*  
 Admiravel nas virtudes. *ib.* 2. &c.  
 Na sua morte hũa voz o chamou pera o Ceo. 431. 3.

Fr. Afonso Rodrigues, neto d'El-Rei D. Sancho I. 150. 1.

Despachava com ElRei, & passava provisões. *ibid.* 3.

Executou importantes testamentos, 151. 4.

Fr. Afonso Saco: do habito penitente teve este apelido, 550. 4.

Ajudou neste Reino a plantar a Regular Observancia. *ibid.*

Governou muitos conventos com caridade, & zelo. *ibid.*

Anunciou o que estava por vir, 551. 5.

Reduzio muitas almas a os caminhos de Deos. *ibid.* 6.

Foi Confessor, & Conselheiro d'ElRei D. Duarte. *ibid.*

Afonso Sanches, quem foi, 165. 2. 178. 4.

Fundou, & dotou S. Clara de Vila do Conde. 166. 3.

Jáz com dous filhos no mesmo mosteiro em grande veneração.

177. 3. 178. 5.

Fr. Afonso Viegas: Procurador da Rainha Santa. 32. 2. 242. 4.

Seu Testamenteiro, 241. 4.

Confessor, & Conselheiro de D. Beraça. 242. 4. 271. 6.

D. Agapito Colonna, Bispo de Lisboa residio na sua Sé algum tempo. 392. 6.

D. Fr. Amaro foi Ingrez. 689. 1.

Frade da nossa Religião. 690. 2.

Bispo de Marrocos. 561. 6. 690. 2.

Primeiro Bispo de Scita depois de expulsados os Mouros. 596. 1. 691. 4.

Confessor da Rainha D. Filipa. 690. 4.

Capelão mór dos Reis D. Duarte, & D. Afonso V. *ibid.*

Comendatario do mosteiro de Pombeiro. 691. 5.

Procuroulle privilegios. *ibid.*

Compoz o Officio do Arcaño S. Gabriel. 690. 3.

Edificou em Leiria a ermida milagrosa de N. Senhora da Encarnação. *ibid.*

Confirmounos a posse do convento de Viseu. 531. 5.

Transformou em convento o Oratorio de Gouvea. 642. 1.

Fr. Aires Correa tem opiniao de Santo. 546. 2.

Alexandre V foi o III Pontifice da nossa Religião. 555. 2.

Mais liberal que todos os Alexandres. *ibid.*

Alpraõ he apelido de Familia, & d'hu bairro em Saracem. 560. 4.

Fr. Alvaro de Cordova, acabou o convento da Conceição em Matozinhos. 476. 5.

Mandoulle o Papa, que não largasse as obras. *ibid.*

Por fugir da honra dellas se foi esconder na Infua. 485. 4.

Fr. Alvaro de Gantei, deixou a sua Religião pela nossa. 443. 4.

Não foi nella Recolecto. *ibid.*

Nunqua quiz aceitar prelazias. *ibid.*

Fr. Alvaro de Miranda, foi morto no Funchal pelos hereges Franceses. 684. 7.

D. Fr. Alvaro Pelagio, ou Paes, foi

Galego, 348.2.  
 Sendo Lere em Bolonha entrou  
 na Religião. *ibid.* 3.  
 Foi discipulo depois do Subril  
 Scoto. *ibid.*  
 Escreveo muitos, & mui provci-  
 tosos livros. *ibid.*  
 Foi hum, dos mais autorizados,  
 & doutos prelados do seu tem-  
 po. *ibid.* 2.  
 Penitenciario mór do Papa em  
 Roma, 349.4.  
 Nesse tempo converteo, & bau-  
 rizou hum Mouro grave. *ibid.*  
 Bispo de Coron em Achaia, &  
 de Sylves no Algarve. *ibid.* 5.  
 Achouse num Concilio em Cõ-  
 postela. *ibid.*  
 Defendeo com grãde zelo a au-  
 toridade Ecclesiastica. *ibid.*  
 A essa conta lhe fez notaveis in-  
 jurias o Mestre de Sant-Iago.  
 350.6.  
 Duas vezes o quiz matar. *ibid.*  
 Lançaraõ no fóra do bispado;  
*ibid.* 7.  
 Amaldiçoou a sua cidade de  
 Sylves. *ibid.*  
 Recolheose a Sevilha, onde aca-  
 bou com grande fama de San-  
 to. 351.8.  
 Amarante, he vila muito antiga,  
 250.1.  
 Onde lhe veio este nome. *ibid.*  
 Foi hũa das Bebetrias. *ibid.*  
 Sór Ana das Chagas, foi admirável  
 na vida. 255.5.  
 Anunciou o tempo de sua mor-  
 te, 256.5.  
 Nella foi ouvida hũa musica do

Ceo. *ibid.*  
 Sór Ana de Belém reformou mui-  
 tos mosteiros. 215.3.  
 No de Vinhaes ouviu hũa voz,  
 que tornasse pera o seu. *ibid.*  
 Fez vida santa, 215.4.  
 O Demonio a feria muitas ve-  
 zes. *ibid.* 5.  
 Prenunciou muitas cousas, que  
 sairão depois ecritas. 216.6.7.  
 Sór Ana de S. Clara; triunfou nas  
 tentações do Demonio. 127.4.  
 Sór Ana de Jesu, com hũ sonho me-  
 lhorou a sua vida. 372.5. &c.  
 Sór Ana de S. João; foi notavel  
 humilde; & penitente. 261.6.  
 D. Ana de Tavoral; Condessa da  
 Castanheira já se sepultada no seu  
 convento. 521.5.  
 Sór Ana dos Anjos, lamentava o  
 aver sido Prelada. 372.4.  
 Autorizou Deos o seu nome. *ib.*  
 Fr. Andre da Infua, Ministro Geral  
 professou na mesma Infua. 466.2.  
 Tevelhe grande amor. *ibid.*  
 Sór Angela de Jesu; na morte foi  
 honrada pelos Anjos. 203.5.  
 Sór Antonia; dotada de preciosas  
 virtudes. 255.4.  
 Sór Antonia contellou publicamẽ-  
 te na morte as acções de sua vi-  
 vida, 256.2.  
 Não se gastou a cera, que lhe ar-  
 deo nas exequias. *ibid.*  
 Sór Antonia d'Anunciação man-  
 dou a hũa subdita que farasse,  
 & farou. 128.2.  
 Sór Antonia do Allunção trouxe  
 sempre cingida hũa cadeia de  
 ferro, ou cilicio. 217.2.

- Derretiasse em lagrimas, se via  
mininos pobres com a lembrança  
do Presépio. *ibid.*
- Parecia perder o juizo quando  
meditava na Paixão do Reden-  
tor. *ibid.*
- Fezhe Imagem pera a procissão  
dos Paços, & ornoullhe a cape-  
la. 218. 3. 4.
- Obrou muitas maravilhas. 219. 7
- Cheirou na morte. 220. 7.
- Forão suas reliquias pedidas, *ib.*
- S. Antonio acudio em Serpa a hũa  
sua devota que queria enforear-  
se. 7. 2.
- Fez cõ seu marido se emendasse  
na vida. 7. 3.
- Deu saude milagrosa a hum mi-  
nino em Lisboa, & a hum enfer-  
mo em Beja. 10. 5. 94. 3.
- Aparecêo na morte a freiras su-  
as devotas. 198. 6. 367. 4.
- Governou visivelmente hũ navio  
atê o porto do Funchal. 680. 5.
- Fez o mesmo numa barca de  
Setuval. 558. 5.
- Em Terres-novas obrou hum  
espantoso milagre. 8. 1. &c.
- Não soffreo q' lhe tirasê em Ro-  
ma da cõpanhia dos Apostolos  
a sua S. Imagem. 149. 5.
- Deos sollicitou na terra a sua ve-  
neração. 8. 1. 10. 4.
- Fr. Antonio Bravo restituiu o cõ-  
vento de S. Pajo. 452. 3. &c.
- Copiou, & fez aprovar Inuitos  
milagres do Santo. 453. 5.
- Antonio Correa Bãrem, Padroeiro  
da Carnota, está nellã sepul-  
tado. 546. 2.
- Fr. Antonio da Resurreição foi cu-  
rar os feridos de peste. 498. 4.
- Morrêo do mesmo contagio, vi-  
vêdo por elle. muitos. 499. 5.
- Tem memoravel sepulcro. *ibid.*
- D. Antonio de Ataíde, I Conde da  
Castanheira, jaz em S. Antonio  
da mesma vila. 521. 5.
- D. Antonio de Azevedo, Comen-  
datario d'Alpendo rada, na Cõ-  
ceição de Matozinhos. 513. 7.
- Fr. Antonio de Coimbra, chamado  
o Frade Santo. 451. 5.
- Morrêo de joelhos diante de  
hũa Cruz com as mãos levanta-  
das a o ceo. *ibid.*
- F. Antonio de Coimbra caminhou  
pelo desprezo do mudo. 487. 6.
- Mortificado em vida parecia já  
hum morto. *ibid.*
- Amanfava touros bravos pera  
seryirem nas obras do seu con-  
vento. *ibid.*
- Passando por cima d'elle hũ car-  
ro de pedra, nenhum dano lhe  
causou. *ibid.*
- Fr. Antonio de S. Maria, muito ex-  
emplar na vida. 552. 9.
- D. Fr. Antonio de Soula, Bispo de  
Vilcu: em S. Antonio da Casta-  
nheira. 521. 5.
- Fr. Antonio de Vilcu, curando de  
peste Deos o livrou de hũa mor-  
te violenta. 628. 3.
- Fr. Antonio do Porto, foi hũa sua  
vidade quando talava de Deos.  
486. 5.
- Trabalhador incançavel no ser-  
vicio dos conventos. *ibid.*
- Homem de grande virtude. *ib.*

Antonio Salvago, benteitor da casa da Castanhcira. 520. 3.

Azurara: lugar nobre no bispado do Porto. 630. 5.

## B

Arateza antiga dos mantimentos. 248. 2.

Behetria: que cousa era. 250. 1.

F. Berardo, tinha nome de *Ovelhinha de Deos*. 500. 1.

Dotoulhe este Senhor hũa rara innocencia. *ibid.*

Comunicoulhe segredos. *ibid.* 2.

Obrou maravilhas por sua intercessão. *ib.* 3. 501. 5. 502. 6.

Ardia em caridade, & curou por suas mãos hũ hydropico. 500. 3.

Servio em Santarêm a os feridos de peste. 501. 4.

Bebeo o vomito de hum, que tornou a lançar a sagrada Comunhaõ. *ibid.* 5.

Na morte tambem o aclamãrão por Santo. 502. 7.

D. Berengaria Ferráz era natural do Porto. 183. 7.

Sendo Abadesa de Entrambos os rios, o foi ser em Vila do Cõde. *ibid.*

As freiras defuntas se levantãrão das covas pera lhe obedecerem. 181. 2.

S. Bernardino foi Protector, & Vigairo GERAL da Observancia. 692. 1.

Obrou innumeraveis milagres. *ib.*

S. Bertolameu he avogado na peitc. 62. 1. &c.

Protector de S. Clara de Coimbra. *ibid.*

Fr. Bertolameu da Conceição, quando prégava o viraõ levantado no ar. 622. 6.

Fr. Bertolameu da Insua, chamado o *Grande frade*. 436. 4.

Foi columna da Regular Observancia. 437. 5.

Rigoroso consigo, muito brando com os outros. 436. 4. &c.

Não entrava em Lisboa, que primeiro não visicalle os leproso. 437. 5.

Foi lamentada de todos a sua morte. *ibid.*

D. F. Bertolameu de Ciudad Rodrigo, Bispo de Marrocos. 639. 6.

D. Fr. Bertolameu dos Martyres, Arcebispo de Braga chorou de devaçãõ quando vio o convento da Insua. 461. 6.

Fr. Bertoldo, foi Bispo da Guarda. 518. 7.

D. Betaça, foi neta do Emperador da Grecia. 270. 2.

Porque rezao veio a este Reino. *ibid.*

Estimou a muito a Rainha Santa. *ibid.* 3.

Foi Camareira mór, & Aia de sua filha D. Constança Rainha de Castela. *ibid.*

Irmã, & Terceira da nossa Ordem. 242. 2. 271. 5.

Nossa particular benteitora. 271. 5. 272. 6.

Deu grandes Reliquiãs nas partes do Alem Tejo. 271. 4.

Enterrouse no N. habiõ. 271. 5.

- Esta sepultada na. Sê de Coimbra. 272.6.
- Braga: de unos hum Arcediago, & hũ Conego pera defensores do convento de Orense. 136. 1.
- D. Branca d'Eça, sepultada em Lisboa. 648.8.
- Sôr Branca de S. Joaõ, em todas as idades foi admiravel na virtude. 264. 1. &c.
- Contêplando na Sãtissima Trindade resplandecia. 266.4.
- Obrou grandes maravilhas. ibid. 5.
- Na ultima doença a visitou S. Francisco. ibid. 6.
- Na morte, Deos a hõrou. 267. 6
- Branca Teixeira, muito devota da Conceição da Senhora. 532. 2.
- Depois de viubar se fez freira. ibid.
- Breviarios do convento: não se concedia o seu uso, senão com muitas cautelas. 666. 2.
- Sôr Briolanja do Elpírito S. vacilando na Fé vio o Minino Jesu na Hostia. 223. 1.
- D. Brites Infanta, filha d'El Rei D. Pedro, criou se em S. Clara de Coimbra. 383. 2.
- D. Brites Infanta, Mãe d'El Rei D. Manoel facilitou a mudança do convento do Funchal. 676. 1.
- Ouve licença do Papa pera fundarmos a Conceição de Matuzinhos. 475. 2.
- D. Brites Rainha, molher d'El Rei D. Afonso III principiou a Igreja d'Alaquar, & ajudou a de Estremoz; 16.3.
- D. Brites Rainha, molher d'El Rei D. Afonso IV antes quizera ser freira, que Rainha. 357. 2. 358.4.
- Venerava muito por esposas de Christo as freiras de S. Clara. 357. 2.
- Em Coimbra foi buscallas a o caminho, & as servio no refeitório. ibid.
- Em Beja, lhes lançou a primeira pedra na Igreja. 340. 3.
- Depois de viuva se vestio em o seu habito, & guardou a sua Regra. 358.4.
- Tinha duas no seu Paço. ibid.
- Retratou em si mesma as virtudes de sua sogra a Rainha S. Isabel. 356. 1.
- Foi Rainha Pacifica, que desterrava discordias. 357. 3.
- Teve grande devação a N. P. S. Francisco. ibid.
- Em tudo se ajudou dos seus frades. 357. 3. 359. 2.
- Profetou na tua Terceira Ordem. 357. 3.
- Incitou seus filhos a professalla. ibid.
- Sepultouse no nosso habito na Sê de Lisboa. 359. 5.
- D. Brites, meia irmã da Rainha Santa jáz sepultada no seu mosteiro de Coimbra. 50. 1.
- Sôr Brites da Coroa, Abadessa de admiraveis exemplos. 331. 2.
- Sôr Brites de S. Agustinho, foi visitada na doença pelo Arcanjo S. Gabriel. 201. 1.
- Pera morrer, primeiro pedio licença

ça à Abadeſſa. 202. 2.  
 D. Brites d'Andrada, Senhora de  
 Cãtanhede: em S. Clara de Vi-  
 la do Conde. 180. 3.  
 Brites de Gouvea, mulher de vir-  
 tuoſa memoria. 536. 7.  
 Sôr Brites de Jeſu: na ſua cova na-  
 cẽo hũa roſeira milagroſa. 334. 3.  
 D. Brites de Menezes, foi freira de  
 eſtranha devaçãõ. 71. 2.  
 D. Brites de Menezes, mulher de  
 Aires Gomes da Sylva favorecẽo  
 muito a Casa da Inſua. 469. 3.  
 Sôr Brites do Eſpirito S; inſtitu-  
 da na vida, & na morte imitãda  
 da Mãe de Deos. 374. 3. &c.  
 D. Brites Pereira, Progenitora da  
 Casa de Bragança: em S. Clara  
 de Vila do Conde. 179. 1. &c.

## C

**C**abraes de Belmõte foraõ mui-  
 to devotos do convento de  
 Viſeu. 336. 6.  
 Nomeãraõ o Guardiaõ por Vê-  
 dor do ſeu morgado. *ibid.*  
 Camareiro mór: El Rei D. João I  
 inventou eſte officio. 512. 2.  
 Camiza do minino Jeſu: hũa ſe guar-  
 anda em S. Clara de Beja. 342. 7.  
 Careſtia notavel de mantimentos  
 em tẽpo de fome. 248. 2. 547. 4.  
 D. Caterina, Rainha, acabou a caſa  
 de S. Sira. 606. 5.  
 Fez muitos favores a S. Clara  
 da Guarda, & à caſa da Carno-  
 ta. 330. 5. 549. 9.  
 Sôr Caterina Barbuda, cingindo  
 hũa cadea lançou a chave num  
 rio. 368. 3.

Sôr Caterina da Cõceiçãõ, reſplau-  
 decẽo no roſto depois de mor-  
 ta. 201. 4.  
 D. Caterina d'Eça, Abadeſſa de  
 Loryãõ por ambas as partes era  
 de ſangue Real. 647. 6. &c.  
 Foi inſigne bemfeitora do con-  
 vento de Gouvea. 645. 1. &c.  
 Deulhe hũa reliquia notavel dos  
 noſſos Martyres de Marrocos. *ib.* 2.  
 Deu outras a S. Clara da Guar-  
 da. 326. 5.  
 Mãdou là abrir hũ poço. 324. 5.  
 D. Caterina de Noronha, foi muito  
 devota, & penitente. 74. 1.  
 Sôr Caterina Pinheira, na morte foi  
 visitada por S. Francisco, & S.  
 Antonio. 367. 4.  
 Sôr Caterina Vaz, vio os Anjos, q  
 ſe proſtravãõ no Ceo quando  
 no coro ſe cantava, *Te ergo quæſu-  
 mus, & c.* 184. 1.  
 Pera receber a morte fez pauza  
 na reza. 185. 2.  
 Sôr Cecília de S. Clara, viveo ſan-  
 tamente. 217. 1.  
 Chaves he Vila de importancia.  
 628. 1.  
 S. Chriſtina: ouve muitas deſte no-  
 me. 660. 6. &c.  
 Chypre: em que tempo a rendẽo  
 o Soldãõ do Egypto. 634. 1.  
 S. Clara, he avogãda dos mãreães,  
 & carivos. 222. 5.  
 Andou apagando hum incendio  
 no ſeu moſteiro de Vila do Cõ-  
 de. 216. 6.  
 Depois de viúvas ſe veſtiraõ no  
 ſeu habito Rainhas, e Inſãras d.  
 ſte Reino. 49. 5. &c. 291. 2. 358. 4.

- Em Ciurra lhe levantaraõ eapela. 637. 1.
- Vide *Mosteiros.*
- D. Clara Anes procurou a fundação de S. Clara de Lisboa. 96. 3.
- D. Clara da Sylva, foi muito venerada por sua grande virtude. 57. 4.
- Claustraes: que principio teve este nome entre nós. 417. 2.
- Confessar-se vieraõ alguns defuntos por dispensação de Deos. 225. 5.
- Confessor d'El Rei: andava anexo este officio a os nossos Provinciacs. 396. 4.
- Algũas vezes tinham os Reis muitos juntos da nossa Religiaõ. *ibid.*
- Confessos, se chamavãõ os frades Leigos, ou Convertos. 30. 1.
- Cõservador dos nossos privilegios, he o Arcebispo de Braga. 18. 3.
- Tambem o são outres Prelados. 230. 3.
- Sõr Constança do Presépio foi admiravel exemplo na paciencia. 368. 4.
- D. Constança Lourenço jaz em S. Clara de Coimbra. 51. 3.
- Conventos de Religiosos.*
- S. Antonio da Castanheira: fundouse em belo sitio. 519. 1.
- Nacéo por pobre, pequeno. *ibid.* 3. &c.
- Reis, & Senhores o fizeraõ depois grande. 520. 3. 4.
- Tem sepulturas illustres. 521. 5.
- Foi notavel a pobreza, em que viviaõ os frades. *ibid.* 1.
- Mas Deos fazia milagres na sua sustentação. 522. 2.
- Professavaõ no estado humildade. *ibid.* 3. &c.
- Muitas vezes eraõ todos frades Leigos. *ibid.*
- Pretendéraõ a primeira Recoleição. *ibid.*
- Floreceãõ muitos com fama de santidade. 524. 1. &c.
- Era grande a devação que lhes tinham. 525. 5.
- Mostroulé aqui S. Antonio, milagroso. 524. 7.
- S. Caterina da Carnota, foi fundação d'El Rei D. João I. 543. 1. &c.
- Qual era a antes seu sitio. *ib.* 3.
- Alguns devotos o acrecentaraõ. 544. 4.
- He hoje na devação, & frescura hãa grande maravilha. *ib.* 5. &c.
- Outra foi a limitação da casa. 545. 1.
- Viviaõ nella os frades com estranha santidade. 546. 3. &c.
- Os mais delles eraõ Leigos, & tinham matinas a meia-noite. 548. 7. &c.
- Foraõ dos primeiros, q̃ pretendéraõ a nossa Recoleição. *ibid.*
- Milagrosamente os provia Deos em suas necessidades. 547. 5.
- Foi seu Protecõr em manifestos prigos. *ibid.*
- Veneravãõ este convêto os Principes. 548. 9.
- Descançãõ nelle muitos Padres de santa memoria. 549. 1. &c.
- Embrenhado na sua mata fez penitencia hum Peregrino. 552. 1. &c.

S. Caterina de Santarém, foi Oratorio de Pobres da vida pobre. 600. 1. &c.  
 Concorreo no seu principio hū Terceiro Secular. 601. 2.  
 Não começou por Terceiros Regulares. *ibid.* 4.  
 Estes entrãõ pelo tẽpo adiante. 602. 5.  
 Plantãrãõ aqui muitas virtudes. 603. 7.  
 Foi esta casa antigamente Cabeça da sua Religiaõ. *ibid.* 8.  
 S. Christina, he convento plantado numma charneca, mas parece hū jardim. 652. 2.  
 Foi morada muito propria da santissima pobreza. 654. 5. &c.  
 Deunos o sizio o Infante D. Pedro, & ajudounos nas obras. 653. 5.  
 Acudiraõnos depois particulares devotos. 654. 7. &c.  
 Muitos grangeou a santidade da casa. 656. 3. &c.  
 Elles nos encomendavãõ a sepultura dos corpos, & a salvaçaõ das almas. 657. 1. &c.  
 Hum delles depois de morto veio pedir nossas oraçoẽs, as quaes lhe valeraõ muito. 660. 1. &c.  
 Foi casa Recolcta nalgum tempo. 655. 1.  
 Teve noviços, & prelados, que honrãrãõ muito a nossa Religiaõ. 656. 2.  
 Cuja he hũa Reliquia de Santa Christina, que esta neste convento. 659. 6.  
 Conceiçaõ de Matozinhos, come-

çou em S. Clemente das Penhas. 472. 1.

Foi este primeiro sizio acomodado sõmente pera grandes penitencias. 472. 2.

Viverãõ nelle os frades com admiravel pobreza. *ibid.* 3.

Era gèral a virtude nos prelados, & nos subditos. 473. 5. &c.

Com grandissimas ventagens se melhorãrãõ de sizio. 474. 1. &c.

Tomãrãõ por Titular na mudança a Conceiçaõ immaculada da Senhora Mãe de Deos. *ib.*

Ella lhes desfez todas as dificuldades, & solicitou as ajudas dos devotos. 475. 2. 476. 5.

El Rei D. Afonso V. veio demarcar o assento do convento, perfilhandoo por seu. 475. 2. &c.

Outros Reis, & muitos particulares concorãrãõ pera as obras. 476. 5.

Por todas as partes está hoje cheirando a santidade. 479. 4.

O mesmo Rei D. Afonso mandou fazer em Coimbra a Imagẽ da Senhora. 481. 1.

Foi trazida com alegre, & magelloso triunfo. *ibid.* 2. &c.

Veio do Porto visitalla a pê El Rei D. João II com o Principe seu filho. 483. 6.

Obrou no mar, & na terra soberanas maravilhas. 482. 3. 483. 7. &c.

He notavel a devaçãõ, que lhe tem todos os povos a roda. 483. 6. 484. 9.

Criou esta casa, & deu sepul-



- Dentro delle se descubrio a D. Joaõ o II a rreição do Duque de Viseu. 558. 5.
- Jáz nelle o mesmo Duque. *ibid.* 7.
- Fez aqui S. Antonio hum admiravel milagre. *ibid.* 7.
- S. Francisco de Tavira, em que tempo se fundou. 242. 1.
- Quando, & quem o reformou. 244. 3. 4.
- S. Francisco do Funchal, teve a sua origem nos frades, que muito d'antes assistirão pela Ilha. 671. 5.
- No primeiro sitio o fundarao estrangeiros. 673. 1.
- Quasi todos eraõ Leigos. *ibid.*
- Foi esta sua morada por estremo solitaria, & pobre. 672. 7.
- Nella, & na mesma Ilha lhe succederaõ alguns casos singulares. 673. 2. &c.
- Forão chamados a Lisboa pera povoar o convento de Xabregas. 674. 4.
- Tornamos a povoar esta casa, mas com frades Portuguezes. 675. 7.
- Mudou se depois pera junto da cidade. 676. 1. &c.
- Sẽpre foi convento autorizado, & muito religioso. 677. 4. &c.
- Favorecido dos Principes. 676. 1. 678. 5.
- A sua Igreja he sagrada. 677. 3.
- Tem muitas Imagens milagrosas. 678. 1. &c.
- Criou grandes Servos do Senhor. 681. 1. &c.
- Esmaltouse com o sangue de dez filhos, derramado pela Fé. 682. 4. &c.
- S. Francisco do Monte em Viana, foi o primeiro convento Observante neste Reino. 420. 6.
- Alguns mysterios precederaõ seu principio. 423. 2.
- Na pobreza, & no sitio acende a devaçãõ. *ibid.* 424. 5.
- Começou com admiraveis virtudes. 425. 1. &c.
- Floreceõ com muitos Servos de Deos. 428. 1. &c.
- Vide *Viana*.
- S. Francisco na Ilha de S. Maria, por pobre se extinguiu. 696. 2.
- Reedificado o abraçaraõ os Mouros. *ibid.* 3.
- Tornouse a rellaurar. *ibid.*
- S. Fructuoso em Braga, quando se fundou. 3. 1.
- S. Iago de Seita, foi fundado pelo Infante D. Pedro numa Melquita de Mouros. 589. 1.
- O Pontifice lhe concedeo os favores, que estavãõ feitos a o do Monte Sion. 590. 2.
- Começou com os nossos Observantes, succederaõ os Claustraes, & pallou a os Padres Trinitarios. 589. 2. 590. 5. 592. 8.
- Nunca pertenceõ a Provincia do Algarve. 592. 9.
- Em quanto o povoamos sempre fomos favorecidos dos Reis. 590. 5. &c.
- Fizeinos nelle grandes serviços a Deos na caridade do proximo, & na talvaçaõ das almas. 590. 4. 591. 7.
- S. Maria da Infua, foi convento admiravel

miravel na devaçõ, & pobreza. 461. 6.  
 Palestra de exercicios santos, 464. 5. & c.  
 Os incomodos da Ilha o tinham mal povoado. 463. 2.  
 O fervor do espirito multiplicou moradores, ibid. 4.  
 Foi raro o modo da sua vida. 464. 5. & c.  
 Aqui professou hum Géral da nossa Ordem. 466. 2.  
 Era retiro dos nossos Padres mais graves. 467. 3.  
 Visitavaõno os Principes, & os maiores Prelados. 461. 6. 468. 1. & c.  
 Teyve grandes hêfeitores. 469. 3.  
 Reveloulhes a Senhora hũa fonte milagrosa. 461. 5.  
 Obrava muitos milagres. 470. 4. & c.  
 Mudouse pera a vila o convêto perseguido dos Piratas. 471. 8.  
 Estão quatro, ou sinquo frades. ibid.  
 S. Maria de Mosteirõ, he convento devoto, & solitario. 439. 2.  
 O segundo da Regular Observancia. ibid.  
 Fundouse numa ermida da Senhora Mãe de Deos, que florece com milagres. ibid. 441. 6.  
 A caridade dos Povos lhe acrescentou o sitio. 440. 4.  
 Com sua reformaçõ grangeou muitos devotos. 442. 3.  
 Honrouse com muitos Servos de Deos. ibid. 3. & c.  
 Mato, da Ordem de S. Hieronymo,

foi fundado por Terceiros Franciscanos. 352. 3.  
 Nossa Senhora das Virtudes: fundouse este convento em hũa sua ermida. 572. 1. & c.  
 Neste lugar appareço, por milagre a sua S. Imagem. 570. 2.  
 Mudada a outro sitio, tornou logo pera este. 571. 3.  
 Qual he a sua figura. ibid.  
 Edificou o convento o Infante D. Duarte por occasiã da victoria de Seita. 572. 1.  
 Recompensou a o Prior de Aveiras as ofertas desta casa com doze moios de trigo de renda. 573. 3.  
 Mostrou grande piedade na disposiçã, & fabrica. ib. 574. 6.  
 Fez paços pera si, hospital de enfermos, & hospicio para osromeiros. 575. 1. & c.  
 Os enfermos no espiritual cobrião por nossa conta sem depender do Prior. ibid. 2.  
 Nem os tomeitos, nem os que vinhão à feira no dia da Senhora se poderiã cobrar. 576. 4.  
 A todos favoreceo o melino Rei D. Duarte, & seu filho D. Afonso V. 575. 2. & c.  
 Eraõ livres das Justicas, posto que trouxessem armas de feias, ou fosseu homiziados. 577. 5.  
 Ambos estes grandes Principes provêtaõ liberalmente na nossa sustentaçã, & nossas comodidades. 577. 1. & c.  
 Privilegiarã os officiaes da casa. 579. 4.

Por autoridade delles nomeava o Guardião os officiaes dos paços, coutada, & hospital: os vendeiros, & vizinhos do lugar. 580. 6.

Ainda hoje nomea os vizinhos, que são privilegiados. 579. 4.

Fervia nos frades o zelo da Obervancia. 580. 1. &c.

Por escrúpulo de hũa vinha, que El Rei lhes fez na cerca, querião largar a casa. 581. 3. &c.

A Senhora foi obrando innumeraveis milagres. 570. 2. 583. 1. &c. 586. 10. 587. 2.

Com a sua vista se consolavaõ os Principes nas grandes tribulações. 588. 4.

Chovião ás ofertas, & muitas de grande preço. 585. 9. &c.

As maiores pessoas do Reino lhas vinhão oferecer. *ibid.* 8.

Pela India Oriental se estendia seu nome. 588. 4.

Sua Imagem, & quanto a ella pertence esta em muita veneração. 587. 1. &c.

Nossa Senhora dos Anjos em Azuleira, foi convento dos Claustraes. 631. 7.

Elles o deraõ a os Piedosos. *ibid.* 8.

Nossa Senhora dos Vilares, começou por Terceiros Regulares. 689. 7.

He o segundo convento de quantos tem neste Reino. *ibid.*

S. Paio dos milagres, he convento mui notavel pelo sicio. 448. 1. &c.

O terceiro da Regular Obervancia. *ibid.*

Começou com grandissima pobreza. 450. 3.

Duas vezes o temos de separado. 451. 1. &c.

Tornouse a povoar por milagres de S. Paio. 452. 3. &c.

São muitos os que obra nesta casa. 455. 2. &c.

Jazem nella dous grandes Servos de Deos. 450. 3. &c.

Tem hũa Imagem milagrosa da Senhora. 454. 6.

Os vizinhos cada anno cõ plantas novas lhe acrecentão o bolque. *ibid.*

Pena longa da Ordem de S. Hieronymo, começou por Terceiros Seculares. 352. 3.

S. Sita, he convento eremitico. 604. 1.

Chamouse tambem *S. Francisco de Valbom*. 605. 2.

Avia sido crinida da mesma Santa. 605. 3. 608. 3.

Nunqua nella estiverão os Terceiros Regulares. 608. 5. &c.

Foi dos Seculares, os quaes a derão á nossa Religião. *ibid.*

Em tudo he mais antigo, que S. Caterina de Santarem. 602. 6. 607. 2.

Renovado pelo braço Real ainda ficou pequeno, & Franciscano. 605. 4. &c.

Começaraõ a povoallo os nossos frades Claustraes. *ibid.* 3.

A sua Santa Tirular he Virgẽ, & Martyr Portugueza. 610. 1. &c.

Livrou da morte, & doutrinou em a Fé as nove irmãs gemêas, que padecerão martyrio. 613. 1.&c.

Padecêo tambem no lugar deste convento. 614. 3.

Aqui ficou o seu corpo, está porém escondido. ibid. 4.

Tem obrado nesta casa muito grandes maravilhas. 615. 5. &c.

Amão os povos vizinhos có devação o convêto. 610. 7. 619. 7

Tiverão seus moradores mudanças em o estado. 616. 1. &c.

Esteve muy perto de extinguirse. 618. 7.

Acudio com muitos frades a os feridos de peste. 627. r.

Logrou muitos Servos do Senhor. 619. 1. &c.

Conventos Franciscanos em deserto, quanto mais pobres, mais devotos. 441. 5.

Porque rezão fizemos muitos no principio da Observância.

438. 1.

Conventuacs : donde naceo este este nome na nossa Religião.

417. 2.

Coro : o seu seguimento sustenta os conventos. 213. 3.

Deos se indigna de não aver nelle modestia. 339. 8.

Cruzada : encomendavaõnos os Papas a sua pregação. 5. 3. 144.

Custodia de Evora : em que tem oispo se dividio da de Lisboa.

247. 3.

Os Padres de Aquem Tejo pe-

dirão a divisaõ. 246. 1.

Quantos conventos ficaraõ a cada hua. 247. 3.

Quantas Custodias tinha entaõ a Provincia. ibid. 4.

Fr. Custodio testemunhou com seu sangue a Fé de Christo no Funchal. 684. 7.

**D**

**F**R. Demetrio, Martyr na India. 233. 2.

Deos comunica seus favores a quem lhe parece bem. 679. 1.

Quer, que publiquemos as suas misericordias. 211. 2.

Desavenças nos conventos, são estranhadas do Céo. 427. 5.

D. Dinyz Rei, foi livre por S. Luiz Bispo da fereza de hum Visor. 154. 1.

Edificoulhe capela em S. Francisco de Beja. 9. 2. 3.

Fez obras nas nossas casas. 240. 4.

Foi liberal com ellas nas mercês, & privilegios. 104. 1. 171.

1. 240. 4. &c.

Ocupou os nossos frades em os despachos do Reino. 139. 3.

Teve delles aomenos yous Confessores, & mais hum Testamenteiro. ibid.

Affinou humã Rainha Santa por seu Contolheiro no governo. ibid.

F. Dinyz foi nosso Vigaito Provincial. 665. 1.

Renunciou o officio. ibid.

Foi Confessor de El Rei D. Afon

- lo V.667.1, &c.
- Fr. Diogo, Confessor d'ElRei D. Afonso IV. 270.1.  
Seu Procurador em Castela. ib.
- Fr. Diogo, Leigo: homem de muita virtude. 464.5.
- Fr. Diogo Aires reformou, & fundou muitos conventos. 530.3.  
Plantou nelles as raras virtudes, em que estava florente. 549.2.  
Na Insua lhe revelou a Senhora hũa fonte de agoa doce. 461.5.  
550.2.  
Principiou neste Reino a Regular Observancia. 419.1. 549.2.  
Foi insigne letrado, & pregador. 419.2.  
E tambem Nuncio do Papa. ib.
- Fr. Diogo de Coimbra, foi muito devoto, & penitente. 526.4.
- Fr. Diogo de S. Luiz, Varão santo, & zeloso da melhora. dos conventos. 540.1.
- Fr. Diogo de S. Roque: pregador de admiravel espirito, & grãde Servo de Deos. 448.8.
- D. Fr. Diogo de Xerez; Bispo de Marrocos. 528.2.
- Fr. Diogo Peixoto, tem fama de santidade. 473.6.
- Fr. Diogo Peregrino, por muito virtuoso, era buscado dos Principes. 527.6.
- Disciplina conventual: tem depois seu purgatorio: os defeituosos nella. 380.6.
- Sór Domingas/João, sendo casada se fez freira. 322.3.
- Sór Domingas Pires, Vigaira, & Regente de Santa Clara de Coimbra. 24.2.
- Foi molher de virtude, & valor. 31.2. 33.3.
- Restaurou o mosteiro depois de estar extinto. 31.2.3.
- F. Do mingos de Bonelo, Guardiaõ de Lisboa, & Commissario do Papa na cõversaõ dos Judeus. 15.4.  
Assistio a hũa execuçaõ, tambẽ do Papa contra ElRei D. Afonso III. 12.3.  
O mesmo Rei no tempo de sua morte o tomou por testemunha de como obedecco. 17.4.
- Fr. Domingos de Eyoramontẽ, foi testemunha d'ElRei D. Dinyz na publicaçaõ de hũa Bula. 232.2.
- Fr. Domingos de Portugal depositou as escrituras do dote da Rainha Santa num mosteiro de Catalunha. 274.5.
- Fr. Domingos de S. Julião, por fugir do mundo passou á Ilha da Madaira. 467.4.  
Tornando della, foise esconder na Insua. 468.5.  
Era hum allombro sua rara penitencia. 467.4.  
Muitos annos não comeo hum só bocado de paõ. ibid.
- Vinte & sinquo se occupou nas cozinhas. 468.4.
- Mais de dez não chegou á portaria. ibid. 5.
- Fr. Domingos de Sernechia, foi Capelão do Papa. 362.5.
- Fr. Domingos Lourẽço, Custodio de Lisboa, & Comissario do Papa na converlaõ dos Judens. 15.4.

D. Duarte, Rei: recebeu sua mulher em S. Clara de Coimbra. 47. 5.  
 Ofereceu ornamentos à Rainha Santa. *ibid.*  
 Foi muito devoto da Senhora Mãe de Deos. 572. 1.  
 Edificou lhe o convento das Virtudes. 572. 2. &c.  
 Mostrou nelle notavel grandeza, & afeiçãõ a os frades, 573. 3. &c. 575. 1. &c.  
 Não avia cõsolaçãõ pera elle, como ver esta Senhora. 588. 4.  
 Nem a successãõ no Reino lhe alleviou a magoa da morte d'El-Rei seu pae. 640. 6.  
 Pera reformar o Reino, reformou primeiro sua pessoa, & casa. 650. 1.  
 Trabalhou por extinguir o scilma, que avia na Igreja. *ibid.* 3.  
 Inviou letrados a o Concilio. *ib.*  
 Izentou de pagar pera as despesas dellas a S. Clara de Coimbra 651. 3.  
 Prohibio as hospedagens de Seculares, que nos cançavãõ as casas. *ibid.* 4.  
 Ocupou os nossos frades nos mais honrados officios. 664. 3.  
 Adoeceõ mortalmente abrindo lãã carta contaminada de peste. *ibid.* 4.  
 Precederaõ sua morte multiplicados cometas, & hum eclypse do Sol. *ibid.*

E

E C, as procedem dos Reis de Portugal, & C. *ibid.* 647. 7.

Eclesiasticos nos deraõ grandes molestias. 229. 1. 559. 1. &c. 638. 4.  
 Era de Cesar: com que motivo entrou na nossa cõra dos annos 596. 3.  
 Levava trinta & oito a o tempo do Nascimento de Christo. 597. 5.  
 Desterrou a de Portugal El Rei D. Joã I. *ibid.*  
 Espinhos da Corõa de Christo: estaõ dous em S. Clara da Guarda, 325. 2. &c.  
 Outros dous em Vila do Conde. 223. 8.  
 Espirito Santo: he muito festejado, & milagroso em Alanquer. 283. 1. &c.  
 Obrou muitas maravilhas no convento de Gouvea. 648. 1.  
 He nelle muito notavel a romagem no seu dia. 648. 1. &c.  
 Fr. Estacio de Portugal assistio a o martyrio de dous frades da nossa Religiaõ. 517. 4.  
 D. F. Estevão não foi Conego Regular, mas Frãciscano. 235. 213.  
 Foi Custodio de Lisboa, & não Comillario. 234. 1.  
 Cõfessor d'El Rei D. Diniz. 235. 3.  
 Seu Agente na Curia do Papa. 236. 6.  
 Despachava com El Rei, & foi Juiz Deputado em muitas causas do Reino. 235. 2.  
 Administrador dos bens, q̃ ficãõ dos Templarios. 237. 7.  
 Aconselhou a El Rei, q̃ instituisse a Ordem de Christo. *ibid.*

Foi Bispo de tres bitpados. 235  
 3. 236.6. 238.11.  
 Caluniado sem rezão. 237.9.  
 Ornado de bons procedimen-  
 tos. 236.4.5. 238.10.  
 Fr. Estevão da Veiga: Confessor,  
 & Testamenteiro da Rainha D.  
 Brites, mulher d'ElRei D. Afon-  
 so IV. 360.6.  
 Foi por elle nomeado na execu-  
 ção d'outro testamento. 315.3.  
 Sór Eufrásia de S. Miguel, teve no-  
 me de Reformadora santa. 107.  
 3. 115.2.  
 Sór Eugenia dos Reis, desvelavase  
 em honrar as Servas do Senhor.  
 61.4.86.6.  
 Eugenio IV emparou a os nossos  
 Observantes. 638.3.

## F

F Alavão os Antigos com muita  
 sinceridade. 603.7.  
 Farfanes, se chamavão os Christãos  
 antigos, que vivião entre Mou-  
 ros. 636.5.  
 Fazenda: que significava este no-  
 me. 166.4.  
 S. Felix Martyr: está a sua cabeça  
 em S. Clara da Guarda. 326.7.  
 D. Fernando, Infante foi bemfeitor  
 do mesmo mosteiro. 329.5.  
 D. Fernando, Rei teve boas partes  
 naturaes. 395.1.  
 Foi muito devoto da nossa Re-  
 ligião. *ibid.* 2. &c.  
 Professou a Terceira Ordem.  
 388.3. 395.2.  
 Deu o lino a S. Clara de Port-  
 Alegre. 385.2.

Izentou de firtas a S. Clara de  
 Coimbra. 46.3.  
 Favorecêo a S. Clara da Guar-  
 da. 323.2.  
 Fez mercês a S. Clara de Lis-  
 boa. 104.1.  
 Ordenou q̄ seculares não pou-  
 zassem nos nossos conventos.  
 396.3.  
 Não se esqueceo da morte na  
 vida. 395.1.  
 Antes della se vestio no nosso  
 habito, & morreo como grande  
 penitente. 397.6.  
 Assistiraõhe os nossos frades cõ  
 particular primor. 398.7.  
 Jáz sepultado em S. Francisco  
 de Santarém. *ibid.*  
 Fr. Fernando de Astorga, não foi  
 Dominicó, senão Franciscano.  
 415.9.  
 Foi Ministro da Provincia de  
 Sãt-Iago, estãdo toda inteira. *ib.* 8.  
 Dividio della a nossa, & ficou  
 por seu Ministro. 399.3.  
 Foi Confessor dos Reis D. Fer-  
 nãdo, & D. João I. 396.3. 415.8.  
 Comendatario do mosteiro de  
 Paço de Sousa. 415.8.  
 D. Fernando d'Eça com tres fi-  
 lhos, sepultado no convento de  
 Gouvea. 467.6. &c.  
 D. Fernãdo de Menezes, Marquez  
 de Vila Real: Padroeiro do cõ-  
 vento da Insua. 470.3.  
 Servia os frades a meza. 469.1.  
 Em tua presença revelou Deos  
 a hum delles os trabalhos de seu  
 filho em Seira. *ibid.* 2.  
 D. Fernãdo de Menezes, Senhor de

- Cantanhede; jaz em Vila do Conde. 180. 3.
- D. Fernando de Noronha: nas Virtudes. 588. 5.
- Fr. Fernando de Ilhescas; foi Franciscano, & Confessor d'El Rei D. João I de Castela. 567. 2.
- Fez lhe reduzir a conta de Cesar a os annos do Nascimento de Christo. 597. 5.
- F. Fernão Rebelo; desgostado do mudo buscou a Religião. 473. 6.
- Viveo nella como pretendente das dignidades do Ceo, ib.
- Fr. Fernando Ribeira; peregrinou pelo mundo visitando os lugares mais devotos. 541. 4.
- Foi Guardiã do Santo Sepulcro, ibid.
- Fernão Coutinho, & sua mulher D. Maria da Cunha nos deraõ o sitio da Conceição de Matozinhos. 474. 1. & c.
- Estão sepultados no mesmo convento. 513. 6.
- D. Filipa, Rainha foi dotada de preciosas virtudes. 562. 2.
- Ainou de todo coração a Ordem de S. Francisco, ib. 3.
- Fez nos a Igreja de Leiria, ib. 3.
- Procurou trasladar pera o Porto o mosteiro d'Entrambos os rios, ibid.
- Foi devotissima da Anunciação da Mãe de Deos. 563. 5.
- No tempo da morte lhe appareceu esta Senhora, ibid.
- Sór Filipa da Conceição; afeando o rotto vécia a vaidade. 332. 4.
- Trabalhando em pessoa obrou muito na casa do Senhor, ibid. 5.
- Sór Filipa da Cruz; admiravel na vida, & na morte. 121. 1.
- Sór Filipa da Cruz: insigne na penitência, encontros cõ o demonio, & obras maravilhosas. 370. 1. & c.
- Sór Filipa das Chagas: muito mimosa de Deos. 127. 1.
- D. Filipa de Azevedo: sepultada no convento da Castanheira. 523. 6.
- Sór Filipa de S. Francisco foi muito devota do Presépio. 214. 2.
- Vio a Christo com a Cruz as costas, ibid.
- Sór Filipa de S. João: dispôsõ cõ ella Deos pera q' depois de morta se viesse confessar. 225. 6.
- Sór Filipa de Magalhães, venceu grãdes tetações nos artigos da Fé com a graça do Senhor. 208. 5.
- D. Filipa d'Menezes, fajússe do seu mosteiro no tempo, que elle se reformou. 190. 3.
- Suavemente a trouxe Deos pera elle, ibid.
- Vio na morte o S. final da Cruz, que sempre a empatou. 191. 4.
- Sór Filipa de S. Pedro: húa voz a chamou pera o Ceo. 192. 2.
- Sór Filipa de S. Pedro: húa estrela se viu sobre o seu leito, quando ella espirou. 214. 1.
- S. Fr. Filipe, companheiro de S. Antonio foi Portuguez. 140. 6.
- Acompanhou o de Coimbra a Italia. 137. 1.
- N. P. S. Francisco o mandou chamar pera que na morte lhe assistisse. 138. 2.

- Nunca comeo carne. 139. 3.  
 Teve sciencia infusa. 138. 3.  
 Obedeciaõlhe osbrutos. 139. 3.  
 Os Anjos o trazião pelos ares.  
 138. 3.  
 Emparou com maravilhas o Ceo  
 a os devotos, que levavão o seu  
 corpo. 139. 4.  
 Fez muitos milagres. 139. 5.  
 D. Filipe I, Rei favoreceo muito a  
 casa de S. Sita. 604. 2. 606. 5.  
 &c. 617. 2.  
 D. Filipe III, Rei não quiz q ella  
 se extinguisse. 619. 7.  
 Sõr Florença Anes foi pedir a o  
 Põnifice a Regra de S. Clara pera  
 o seu mosteiro da Guarda. 321. 1.  
 Fomes grandes neste Reino. 248. 2  
 354. 2. 547. 4.  
 Fonte milagrosa na Insua. 461. 5.  
 Outra em S. Sita. 615. 6.  
 Fonte dos amores, celebrada em  
 Coimbra. 35. 4.  
 Frades de S. Francisco, sêpre foraõ  
 diligêtes no serviço da Igreja. 5. 2  
 Assistiraõ a hum Comissario do  
 Papa contra ElRei D. Afonso  
 III. 12. 3.  
 Ajudaraõ com valor a o Mestre  
 d'Aviz na conquista deste Rei-  
 no. 411. 1. &c.  
 Por sua agencia se restituiraõ a  
 Castela os seus prizioneiros.  
 416. 10.  
 Eraõ frades d'ElRei, e da Rainha  
 248. 1. 314. 2. 344. 2. 359. 6.  
 Despachavaõ com elles, & pas-  
 savão provisoões. 150. 3. 314. 2.  
 344. 2. 359. 6.  
 Avaliaraõ o sitio de S. Lázaro  
 em Santarém por ordem d'El-  
 Rei D. Dinyz. 158. 1.  
 Andavão muitos no serviço da  
 Rainha Santa Isabel. 32. 2. 34.  
 1. 248. 1.  
 Serviaõ no seu hospital. 43. 3.  
 São agazalhados no Entre Dou-  
 ro, & Minho com singular cari-  
 dade. 4. 3.  
 Forão exceituados na prohibi-  
 ção dos hospedes. 168. 3.  
 Eraõ com tudo molestados nes-  
 te Reino. *Vide* Eclesiasticos.  
 O Papa lhes assignou Conserva-  
 dores. 230. 3.  
 Vencêraõ grande contêda com  
 o Cabido do Porto. *ibid.* 4.  
 Os Leigos eraõ Prelados. 425. 2  
 Sõr Francisca da Cruz, foi Coad-  
 jutora em muitas reformações.  
 107. 3.  
 Sõr Francisca da Purificação, na ho-  
 ra da morte se foi despedir d'hũa  
 amiga ausente. 224. 3.  
 Sõr Francisca das Chuvas, falando  
 com S. Clara espirou. 126. 3.  
 Sõr Francisca das Chuvas, morreu  
 de peste por curar hũa pobre  
 ferida della. 330. 1.  
 Sõr Francisca de Jesu, foi na doen-  
 ça consolada por N. P. Serafico.  
 376. 6.  
 Na morte foi prodigiosa. *ib.* 7.  
 Sõr Francisca Velha, com vozes do  
 Ceo foi alêtada na caridade dos  
 pobres. 369. 5.  
 S. Francisco Serafico livrou da mor-  
 te a hũa mulher em Serpa, que  
 queria entorçarle. 7. 2.  
 Apareceo, & reptêdo a seu ma-  
 rido,

ri-lo, perá que se emendasse. 7. 3.  
 Deu' faude milagrosa a hum de-  
 voto em Beja. 93. 1.  
 Apareceo visivelmente na mor-  
 te a freiras suas devotas. 120. 4.  
 198. 6. 200. 1. 367. 4. 376. 6.  
 Teve nas suas tres Ordens muitas  
 pessoas Reaes. 295. 5. &c.  
 No seu habito morreraõ, & fo-  
 raõ sepultados os Reis D. Afon-  
 so IV, D. Pedro, & D. Fernando  
 315. 5. 384. 4. 397. 6.  
 Em q'tempo começamos a rezar  
 das suas Chagas. 158. 2. 162. 6.  
 Por ellas se contavão entre nós  
 antigamente os annos. 597. 6.  
 Preservou de hum incendio a  
 casa de S. Sita. 618. 6.  
 Faz muitos milagres em Val de  
 Pereiras. 367. 5.  
 He muito festejado o seu dia no  
 convento de Gouvea. 649. 3.  
 Mestre Francisco, Confessor d'El-  
 Rei D. Joao I foi frade da nob-  
 re da Ordem. 634. 2.  
 F. Francisco, Confessor d'El Rei D.  
 Afonso IV achouse com elle na  
 batalha do Salado. 316. 2.  
 Fr. Francisco ajudou a fundar S.  
 Christina. 652. 3.  
 Foi ser Mestre em Castela das  
 virtudes, que aprendeo neste  
 Reino. 653. 3.  
 F. Fracisco Carraxo padeceo mor-  
 to no Funchal por defender as  
 verdades Catholicas. 684. 7.  
 D. Francisco Coutinho, Conde de  
 Marialva fez muitos bens a S.  
 Clara da Guarda. 329. 4.  
 Fr. Francisco d'Evora-monte foi

testamenteiro da Rainha Santa.  
 241. 4.  
 Passava proviso es da Rainha D.  
 Brites. 314. 2.  
 Fr. Francisco de S. Miguel: humi-  
 lhado nas cozinhas fervia em ca-  
 ridade. 624. 3.  
 Denúciou com certeza o dia de  
 sua morte. ibid.  
 Fr. Francisco de Mont-santo visi-  
 tou os lugares devotos de Je-  
 rusalem. 524. 1.  
 Estalava de sentimeto cõsidera-  
 do na morte do Redentor. ib.  
 Francisco de Sá de Menezes, Con-  
 de de Matozinhos jaz na Con-  
 ceição. 312. 4.  
 Francisco de Sá de Menezes, Con-  
 de de Pena-Guião, no mesmo  
 convento. ibid.  
 Fr. Fracisco de Talavera, seguiu os  
 passos de N. P. Serafico. 527. 7.  
 Hum anno antes soube o dia da  
 morte. ibid.  
 Freis não usavão sepre deste preno-  
 me os nossos Mestres antigos. 635. 3.  
 Usavão delle os Terceiros Secu-  
 los. 152599. 21. 60. 815.  
 Freiras nos seus mosteiros se perde  
 gastando os dotes sem acrecen-  
 tar fazenda. 341. 6.  
 Freiras de S. Clara nas suas casas au-  
 torizao os Reinos. 386. 3.  
 Setenta, & quatro dellas acuti-  
 larão o rosto por defenderem a  
 pureza, & a Fé. 143. 2.  
 Deus as guarda nos perigos.  
 338. 1. 377. 1. &c.  
 Honra mosteadas neste Reino.  
 230. 1.

O Papa lhes deu Contervadores. *ibid.* 2.

Com dificuldade aceitãraõ algũas o governo Observante.

107. 4. Quando se acabãraõ de reformar as Claustraes. 228. 5.

Funchal, he cidade muito insigne na Ilha da Madeira. 670. 1.

Foi saqueada pelos Hereges Francezes. 682. 4.

## G

**G**alilé, que cousa he, & donde tem este nome. 176. 2.

D. Garcia, Bispo da Guarda melhorou em rendas o mosteiro de S. Clara. 329. 4.

Fr. Gaspar Donatõ Terceiro morreo de pasmo quando vio, que no Funchal os Hereges matavãõ a nove frades. 684. 7.

Sõr Genebra da Conceiçãõ, quando morreo foi ouvida hũa musica estranha. 368. 2.

Fr. Gil da Veiga valente no mundo, cordeiro na Religiãõ 252. 5. 3

Mostrava, que perdia o juizo suspirando pelo Ceo. *ibid.* 2.

Fr. Gil de Guimarães foi Vigairo Provincial de bõ nome. 486. 4.

Fugindo das honras, era perseguido dellas. *ibid.* 2.

Fr. Gil Lobo, tambem se chamãva de Tavira. 693. 1.

Foi Mestre, & cõsumado Theologo. 694. 2.

El Rei D. Duarte o mandou a o Concilio de Florença. 651. 3.

Foi nosso Ministro Provincial.

404. 5. Pregador dos Reis D. Joã I, D. Duarte, & D. Afonso V. 641. 5. 664. 3. 694. 4.

Prêgou o melhor sermão nas exequias d'El Rei D. Joã I. 641. 5. Confessor dos meinos Reis, D. Duarte, & D. Afonso V. 640. 6.

664. 3. 694. 4. Conselheiro do dito Rei D. Duarte. 640. 6. 664. 3.

Mestre do mesmo Rei D. Afonso. 664. 3.

D. Duarte lhe encarregou o casamento deste Principe seu filho. 664. 3.

Fez delle notavel estimaçãõ. 694. 3.

Foi Capelão do Papa. 695. 4.

Comendatario do mosteiro d'Alpendorada. 694. 4.

Fundador de S. Clara de Tavira. 686. 1.

F. Gonçalo de Pontê, encaminhou o Mestre d'Aviz para tomar posse de Lima. 412. 2.

Fr. Gonçalo de Valbon, Ministro Gêral da Ordem foi Portuguez,

& professo no Porto. 160. 1. & c. Famoso nas Lettras, & na virtude. 162. 5.

Benemerito dos Padres S. Francisco, & S. Antonio. *ibid.* 6.

Devotissimo da immaculada Conceiçãõ da Mãe de D. os. 163. 6.

Zeloso Reformador da nossa Ordem. *ibid.* 7.

Foi visto depois de morto em hum trono majestoso. 164. 9.

Fr. Gonçalo Marinho, foi grande  
 Senhor em Galiza. 419. 3.  
 Deixou o mundo quando viu q  
 elle o enganava. 420. 4.  
 Foi Nuncio Apoltolico. ibid.  
 Trouxe a este Reino a Regular  
 Observancia. 419. 1.  
 Fundou os seus primeiros con-  
 ventos. 428. 3.  
 Foi muito austero, & peniten-  
 te. ibid. 1.  
 Na contemplação era extatico.  
 429. 3.  
 Poderoso nas palavras, & nas o-  
 bras. 428. 3.  
 Seus ossos estão elevados em  
 hum lugar veneravel. 430. 5.  
 D. Gonçalo Pinheiro, Bispo de Vi-  
 seu engrandecço o nosso con-  
 vento. 532. 2.  
 Gonçalo Pires Ribeiro: quem foi.  
 51. 3.  
 Já sepultado em .S. Clara de Co-  
 imbra. ibid.  
 Gouvea he Vila nobre, & antiga.  
 642. 2.  
 Sor Grimaneza de Brito: na sua  
 morte se tangeraõ per si os si-  
 nos. 186. 6.  
 Fr. Gualter fugio do mundo com  
 grande resolução. 434. 1.  
 Teve muitas noticias do Cco.  
 435. 2.  
 Antes do dia da morte, mandou  
 abrir a cova, & nunca mais se  
 apartou della. ibid.  
 Guerras do Reino nos erão muito  
 molestas. 387. 2.  
 Fr. Guilhelme de Portugal, Cate-  
 dratico insigne em muitas Esco-

las. 159. 4.  
 Pacificou graves discordias. ib.  
 D. Guilhem, sobrinho da Rainha  
 Santa: em .S. Clara de Coim-  
 bra. 50. 1.  
 Depois de morto emparou o seu  
 mosteiro. ibid.  
 Sor Guionar: em sua morte foraõ  
 vistos quatro frades prepara-  
 lhe as exequias. 259. 6.  
 Sor Guionar d'Assunção, gover-  
 nou cõ estremado valor. 229. 5.  
 Falecço cõ grande devação. ib.  
 Creceõ a cera em q seu enterra-  
 mento. ibid.  
 Sor Guionar de S. Antonio, esque-  
 ceuse de si quando cuidava em  
 Deus. 204. 1.  
 Desvelavale no remedio alheo.  
 205. 3.  
 Antes queria morrer, que go-  
 vernar. ibid. 4.  
 Teve grandes batalhas cõ o De-  
 monio. ibid. 5.  
 Anunciou o dia de sua morte.  
 208. 5.  
 Sor Guionar de Paris: com hũa  
 onleprano corpo lhe alimpou De-  
 os a alma. 209. 1.  
 Com os olhos penetrõ hũa pa-  
 rede, & vio no altar o Sacerdo-  
 te. ibid.  
 D. Guionar Feteira, restaurado-  
 ra, & primeira Abadessa de Val-  
 de Pereiras. 363. 1.  
 Teve memoravel zelo da Ob-  
 servancia, & sustentação das frez-  
 ras. ibid. 3.  
 Cortou muito pelos parêes, por  
 não defraudar a casa. 364. 5.

**H**abitado da nossa Ordem: a poucas pessoas se dava antigamente para mortalha. 142. 3.  
 Com elle se sepultavaõ a Rainha D. Brites, & os Reis D. Afonso IV, seu marido, D. Pedro, & D. Fernando. *Vide em seus lugares.*  
 S. Helena, he hũa das onze mil Virgens. 112. 1.  
 S. Helena da Arabia, foi visitada na morte pelos Santos tres Reis Magos. 200. 2.  
 S. Helena da Cruz, foi na vida, & na morte admiravel. 82. 1. &c.  
 Helena da Cruz: grande intercessora com Deos pelas enfermas, & defuntas. 226. 9.  
 S. Helena de S. Francisco: devotissima da Paixão, & Resurreicção de Christo. 195. 3.  
 Enfeitouse religiosamente para morrer. *ibid.*  
 Helena Gonçalves vio despregar hum Crucifixo o braço. 679. 1.  
 (Algũas vezes lhe falon o mesmo Senhor da Cruz. *ibid.*  
 D. Henrique, Infante Bemfeitor do convento da Lusua. 469. 1.  
 D. Henrique de Castro, Senhor de Reriz: em S. Francisco de Viã seu. 536. 5.  
 D. Hieronyma de Ataide em S. Christina. 658. 2.  
 S. Hieronyma de S. Paulo: espelho da perfeicção Regular. 78. &c.  
 S. Hieronyma do Espirito S.ão:

aleijou de estar muito tempo na oraçõ de joelhos. 331. 2.  
 S. Hieronyma Pecadora, foi mimosa de Deos, & perseguida do Demonio. 77. 5. &c.  
 S. Hieronymo, nosso Protector no Ceo. 352. 3.  
 Terceiros Franciscanos restauraõ em Portugal sua Ordem. 351. 1. 352. 5.  
 Todos os seus mosteiros neste Reino são gravissimos. 353. 5.  
 Os nossos lites tem notavel obrigação. *ibid.* 4.  
 Hospedagem de seculares nos conventos nos era de muito dano. 396. 3. 651. 4.  
 Prohibiraõna os Reis. *ibid.*  
**I**  
**F**R. J.ãcome de Padua, Martyr na India. 233. 2.  
 D. Jaime, Duque de Bragança foi na Lusua com os frades a Matinas. 469. 1.  
 Jerusalem: quando se derã os seus lugares sagros a nossa Religiaõ. 317. 3.  
 Ilha da Madeira: em que tempo, & por quem foi descoberta. 593. 2. &c.  
 No seu descobrimento se achãtaõ dous Frades da nossa Ordẽ. 594. 4.  
 Elles a santificaraõ, & disserã as primeiras missas. *ibid.*  
 Logo acudirão outros prodigios na vida. 670. 2. &c.  
 Tẽ notaveis excelencias. 595. 6.

Ilhas Terceiras: quantas são, & como se chamão. 695. 1.

Quando começaraõ a descubrirse. *ibid.* 2.

*Imagens milagrosas.*

S. Antonio em Amarante, em Setuval, & no Funchal. 269. 3. 558. 7. 680. 5.

S. Braz, em S. Clara de Vila do Conde. 421. 4.

Christo Crucificado no Funchal, & nos Paços do Castelo em Lisboa. 291. 6. 678. 1.

Christo no Sepulcro em S. Clara de Vila do Conde. 220. 1.

S. Clara, no mesmo mosteiro. 222. 5. 6.

S. Francisco em S. Sita, & em Val de Pereiras. 367. 5. 618. 6.

S. Maria de Mosteiro. 439. 2. 441. 6.

S. Maria de Carmes, ou da boa viagem na Insua. 461. 5. 470. 5. &c.

N. Senhora da Conceição em Matozinhos, & no Funchal. 482. 3. 483. 7. &c. 679. 3.

N. Senhora da Esperança em S. Clara da Guarda. 326. 4.

N. Senhora da Graça, & o seu minino Jesu em S. Clara de Vila do Conde. 220. 2.

N. Senhora da Soledad, no Funchal. 680. 4.

N. Senhora da Vera Cruz, em Gouvea. 643. 3.

N. Senhora das Virtudes, no seu convento. 570. 2. 583. 1. &c. 586. 10. 587. 2.

N. Senhora de Belém em S. Cla-

ra de Lisboa. 110. 4.

S. Paio, no seu convento. 455. 2. &c.

S. Roque, em S. Clara de Vila do Conde. 221. 3.

S. Sita, no seu cõveto. 615. 5. &c.

*F. Inacio de Leitia*: os hereges o mataram no Funchal. 684. 7.

Incendios notaveis, & muito mysteriosos, em S. Clara de Vila do Conde. 212. 2. 216. 6.

D. Inez de Castro: foi muito sentida a sua morte. 353. 1. &c.

Teve primeira sepultura em S. Clara de Coimbra. *ibid.*

Sór Inez de S. Domingos: perseguida do Demonio, & poderosa em maravilhas. 118. 1.

Sór Inez dos Anjos fez vida angelica. 217. 1.

D. Inez Fernandes fundou S. Clara de Lisboa, onde está sepultada. 96. 1. 131. 1.

Internos: são nelle diferentes os tormentos conforme a differença das culpas. 9. 3.

Mostrase representadas nelle algumas pessoas vivas. *ibid.*

Inquisidores são muitos, & muito antigos na nossa Religião. 389. 1. &c.

Della foi o primeiro, que ouve em Portugal. 391. 5. 392. 7.

Depois lhe succederaõ dous. 515. 2. 560. 4.

Insua de Carmes na foz do Minho he Ilha perfeita. 459. 2.

He pequena, mas noravel nas suas propriedades. *ibid.* 1. 3. &c.

Está sujeita a tormentas. 462. 7.

Inientos bons avaliaõse por obras.

- 56.2.  
 D. Joana Princeza de Portugal, quiz ser freira em S. Clara de Coimbra, & ahi se recolheu em tempo de peste. 57.4.  
 D. Joana Princeza de Castela, & Excelête Senhora professou no mesmo mosteiro. 57.5.  
 Jáz sepultada em S. Clara de Lisboa. 132.4.  
 Sôr Joana pronosticou a hora de sua morte. 256.1.  
 D. Joana Dias: quem foi. 20.2.  
 D. Joana Góçalves Redôdo: quem era. 52.5.  
 D. Joana Valête, foi muito devota das Chagas de Christo. 679.2.  
 D. João I, Rei: cujo filho era. 639.1.  
 Sendo minino se vio hum prodigio de seu insigne valor. *ibid.*  
 Foi favorecido da Senhora, & muito agradecido. *ibid.* 2.  
 Alcançou o apelido de *boa memoria*. 640.3.  
 Deunos o sitio do convento da Carnota. 543.1.  
 Trouxe pera elle doze colunas de Seita. 546.1.  
 Emparounos nas molestias de alguns Ecclesiasticos. 560.2.  
 638.5.  
 Deu carta de protecção a S. Clara de Amarante, & Guarda. 452.2. 329.5.  
 Favoreceo muito a S. Clara de Lisboa, & Portalegre. 104.2.  
 385.2.  
 Fez mercês a S. Clara de Vila

do Conde. 172.3.

Izentou de decimas a S. Clara de Coimbra. 46.3.

Reduzio a Era de Cesar à conta do Nacimêto de Christo. 597.5.

Em sua morte teve eclipse o Sol. 640.4.

Mais de dous mezes acompanhamos seu corpo na Sé de Lisboa. *ibid.*

Della foi levado á Batalha com majestoso triumpho. 641.6.

Nesta pompa fez o principal sermão hum frade da nossa Ordem. *ibid.*

D. João II, Rei visitou a pé alguns conventos da nossa Religião. 483.6. 523.5.

Privilegiou os officiaes das Virtudes, & Funchal. 579.4: 678.5

Ajudou as obras da Conceição, & Castanheira. 477.5. 520.3.

Mandou que ninguem pouzasse na nossa casa de Caminha. 469.3.

Pagava o ordenado do Capellão de S. Clara de Estremoz. 632.2.

Fez favores a S. Clara de Lisboa. 105.2.

D. João III, Rei mandou reedificar a casa de S. Sita. 606.5.

Assistio às obras da Castanheira. 520.4.

Fez mercês a S. Clara de Lisboa. 105.3.

Recolheu no seu emparo a S. Clara de Amarante. 253.5.

Acrecentou as rendas de S. Clara da Guarda. 319.5.

Favorecêo as freiras de Val de  
Perciras. 365. 5.  
D. João Afonso acabou o mosteiro  
de Vila do Cõde. 167. 2. 177. 3.  
Fr. João da Barroca, persuadio a o  
Mostre d'Aviz, que não deixas-  
se o Reino. 411. 1.  
Fr. João da Comenda: muito exê-  
plar na vida. 483. 2.  
O melhor Relojoeiro, que ou-  
ve em Portugal no seu tẽpo. ib.  
Fr. João da Povia: digno de eter-  
na fama. 487. 1.  
De nove annos entrou na Reli-  
gião. 488. 1.  
Mais depressa crecêo nelle a pru-  
cencia, que a idade. ibid.  
Sendo moço lhe crão encomen-  
dados os officios, & occupaõs  
de velhos. ibid. 2. &c.  
Fugindo sempre das hõras, ellas  
nunqua o largão. ibid. &c.  
Sete vezes foi nosso Vigairo Pro-  
vincial. ibid. 3.  
Teve muitas comissoes, que per-  
petuavão seu governo. 489. 5.  
Foi nove vezes a capitulos Gê-  
raes. 488. 2.  
Sem pre caminhou a pé, descal-  
ço, & pedindo pelas portas.  
493. 5.  
Quando os pés lhe gretavão, os  
cõzia com hum cabo de sapa-  
teno. ibid.  
Foi humilde de coração nas pa-  
lavras, & no trato. 465. 7. 491.  
1. 492. 4.  
Não aceitou hũ bispado. 494. 1.  
Ouve fama; que lhe enlinava  
Deos as liçoẽs do bom gover-

no. 490. 6.  
Traçou muito de augmentar a  
Provincia. ibid.  
E de provela do que avia mis-  
ter. ibid. 7.  
Mais ainda da sua reformaço.  
491. 1.  
Reformou S. Clara de Lisboa,  
dando nisso hum admiravel ex-  
emplo. 493. 6.  
Deu principio a o devoto con-  
vento da Conceiçã de Mato-  
zinhos. 474. 1. 476. 3. &c.  
Instituiu a primeira Recolei-  
çã, que teve a nossa Ordem.  
491. 1.  
Zelou com grande valor a Ob-  
servancia da Serafica pobreza.  
ibid. 2. &c.  
Teve notavel cuidado de pro-  
ver as livrarias, & coro. 490. 7.  
Deleitavase em escrever as me-  
morias da Provincia, & dos Ser-  
vos do Senhor. 465. 6. &c. 490. 8.  
Foi Confessor d'El Rei D. João  
II. 494. 1. &c.  
Nunqua lhe quiz aceitar, senão  
o foro de Vila pera o seu lugar  
da Povia. ibid.  
Encaminhou o em nomear su-  
cessor. ibid. 2.  
Escreveolhe o testamento, & foi  
seu Testamenteiro. ibid.  
Fugia da Corte, & não quiz ser  
Confessor d'El Rei D. Manoel.  
493. 7. 495. 3.  
Fallecêo despedindose com la-  
grimas dos subditos. 495. 3.  
He celebrado seu nome cõ gra-  
vissimos elogios. 493. 7.

- Elevã raõse por veneração seus  
ossos. 496. 5.
- D. João da Sylva, Conde de Port-  
Alegre estimava muito os fra-  
des de S. Francisco. 644. 6.
- F. João de Alcanim, foi Confessor,  
& Conselheiro da Rainha S. Isa-  
bel. 241. 2.
- Fr. João de Aragão: Embaxador,  
& Confessor da Rainha D. Bites.  
315. 4.
- Pregou a hereges, sem arder, do  
meio d'ũa fogueira. *ibid.* 5.
- Converteo a muitos delles. *ibid.*
- D. João de Azevedo, Bispo do Por-  
to foi afeiçoado a o convento  
da Insua. 469. 3.
- João de Barros: onde falecêo, &  
estã sepultado. 701. 5.
- F. João de Basto, sendo Leigo idio-  
ta soube muito do santo amor  
de Deos. 445. 1. &c.
- Participou a virtude de sua Om-  
nipotencia. *ibid.* 2. 446. 4. &c.
- Com a terra da sua cova obrou  
muitas maravilhas. 446. 4.
- Por occasiã dellas se elevãraõ  
seus osses. 447. 5.
- Estão muito venerados a sua co-  
va, & sepulcro. *ibid.* 5. &c.
- Fr. João de S. Bernardino provou  
em Roma que a Rainha S. Isa-  
bel era Tereceira Franciscana.  
296. 7.
- S. João de Capistrano: grande Pro-  
rector do Estado Observante.  
637. 3.
- S. João de Deos: hũ religioso nos-  
so o encaminhou em Seica pe-  
ra sua salvação. 591. 6.
- Fr. João de Lamego fundou a casa  
de S. Christina. 652. 3.
- Por humilde, não quiz ser frade  
do coro. 653. 4.
- Fr. João de S. Lourenço, Donato,  
foi insigne na virtude. 442. 3.
- Fr. João de Mõte Corvino pregou  
a os Indios, & Tartaros. 158. 3.
- Foi Arcebispo, & Legado A-  
postolico. *ibid.*
- Fr. João de Pombal: primeiro Vi-  
gairo dos Observantes na for-  
ma da Bula Eugenia, 698. 5.
- Fr. João de Viseu, desterrou se de  
Portugal pera sempre. 542. 5.
- Foi homem de alta contempla-  
ção. *ibid.*
- Fr. João do Outeiro teve graça pe-  
ra lançar os demonios dos cor-  
pos. 526. 5.
- Fr. João Fernandes foi Capelão do  
Papa. 560. 3.
- F. João Gil: Vigairo da Provincia.  
148. 2.
- Mestre do Principe D. Sancho  
em Castela. *ibid.* 3.
- Compoz muitos livros. 149. 3.
- Perdeo totalmente na velhice a  
memoria. *ibid.*
- D. João Gomes d'Abreu, Bispo de  
Viseu fez muitas obras no nosso  
convento. 532. 2.
- Foi devotissimo da nossa Reli-  
gião. 534. 2.
- João Gonçalves Zarco, descobriu  
a Ilha da Madeira. 593. 1. &c.
- D. F. João Martins, foi Portuguez,  
& Custodio da primeira Catto-  
dia deste Reino. 152. 1.
- Coleitor do subsidio Eclesiasti-

- co, & Prêgador da Cruzada cõtra os Mouros Hespanhoes. *ib.* 2.
- O I. Bispo de Cádiz. 152. 2.
- Tresladou o corpo d'El Rei Uvanba pera Toledo. *ibid.*
- Affistio em Roma a lãa cõcordada entre o Bispo de Sylves, & Mestre de Sant-Iago. *ibid.*
- Foi Bispo da Guarda. 153. 2.
- Defêdeu os foros das Igrejas. *ib.*
- Fundou o hospital dos Innocentes em Santarém. 154. 5.
- Deixou muitas esmolas a os nòssoos conventos. *ibid.*
- Fr. João o *Pobre*, tinha tambem outros apelidos santos. 497. 1.
- Foi santa a sua vida. *ibid.* 2.
- Teve avizo da morte, & dispoz-se pera ella santamente. 498. 3.
- Fr. João Paes, foi Confessor da Rainha Santa. 242. 5.
- Fr. João Palmeiro, Penitenciario em Roma. 635. 4.
- F. João Rodrigues, Confessor d'El Rei D. Fernando, 396. 4.
- João Rodrigues de Sã, *o das Galés*: jaz em S. Frãcisco do Porto. 512. 3.
- João Rodrigues de Sã, 3 do nome na Conceição de Matozinhos. 511. 1.
- João Rodrigues de Sã de Menezes, primeiro Conde de Penaguião: no Porto. 512. 3.
- João Rodrigues de Sã de Menezes 3 Cõde: no mesmo convento. *ib.*
- João Rodrigues Paes, grande benefactor da casa da Infua. 465. 8.
- Ajudou as obras da Conceição de Matozinhos. 477. 5.
- Fr. João Sinott, foi morto pelos hebreos em Irlanda. 511. 8.
- Fr. João Xira não foi Dominico, senão Franciscano. 566. 1. &c.
- Foi M. na S. Theologia. 567. 3.
- Vigairo Provincial dos Observantes. 568. 4. 590. 2.
- Reformou o conv. de Leiria. *ib.*
- Foi Visitador das freiras de S. Clara, & Governador do mosteiro d'Entrambos os rios. *ib.*
- Agenciou sua mudança pera o Porto. *ibid.*
- Prêgador, Cõfessor, & do Cõselho d'El Rei D. João I. 564. 2. 5. 565. 4. 566. 6. 568. 5. 569. 6.
- Concorreõ com seu cõselho na tomada de Seita. 564. 2.
- Prêgou em Lagos declarado o intento da Armada, & em Seita os louvores da victoria. 565. 4. 566. 6.
- Jogo nos conventos, he abominado de Deos. 581. 2.
- D. Jorge de Ataíde, Bispo Capelaõ mor jaz no convento da Castanhiera. 521. 5.
- Fr. Jorge de Sousa, poz em perfeição o Oratorio da Infua. 463. 4.
- F. Jorge de S. Thome: ne o nome sabia a o dinheiro. 626. 6.
- Venceõ com sofrimento rigorosas opressões. *ibid.* &c.
- Em ellas se acabando, teve fim a sua vida. *ibid.* 7.
- F. Jorge Jacome: digno de grades louvores. 540. 1.
- S. Isabel Rainha de Portugal: de quem foi filha. 272. 1.
- Naceõ envolta nos panos da Natureza. 273. 2.
- Com ella naceõ a paz da Casa de Aragoã. *ibid.* 3.

Quando entrou em Portugal. 17. 1.  
 Reccebeose com ElRei no Tran-  
 coso. 274. 5.  
 Sendo minina foi santa. 273. 3.  
 Casada, & viuva: santissima,  
 275. 1. 291. 1. &c. 294. 1. &c.  
 Admiravel no rigor da peniten-  
 cia. 275. 1. 294. 20.  
 Duas vezes lhe converteo Deos  
 em vinho a agoa, que avia de  
 beber. 275. 1.  
 Ardentissima em suas devações,  
 275. 2. 294. 1. &c.  
 Raigou o Iejo as agoas, pera lhe  
 mostrar o sepulcro de S. Iria.  
 276. 4.  
 Profundissima na humildade.  
 277. 1. &c.  
 Servio as freiras à meza. 17. 1.  
 Lavava os pés dos pobres. 277. 2.  
 Beijava as chagas dos leprotos.  
 278. 3.  
 Delcalça, cubetta de cinza, e for-  
 da a o pelcoço acôpanhou hũa  
 procissão em Santarem. 279. 5.  
 Prodigiola na caridade com os  
 pobres, & enfermos. 279. 1. &c.  
 282. 3. &c. 294. 3.  
 Fez maravilhas no tempo de hũa  
 fome. 249. 3.  
 Crecião na mão dos pobres as  
 esmolas, que lhes dava. 280. 5.  
 O dinheiro se disfarçava em ro-  
 sas, & estas se trocavão em di-  
 nheiro. 280. 5. 283. 1.  
 Grandiosa em fabricar Igrejas,  
 & edificios. 281. 1. &c.  
 Fez o migne mosteiro de S. Cla-  
 ra de Coimbra. 33. 1.  
 A Igreja milagrota do Espirito

Santo em Alanquer. 283. 1. &c.  
 Introduzio as festas, que lhe fa-  
 zem. *ibid.* 2.  
 Incançavel em pacificar discor-  
 dias. 284. 1. &c.  
 Custoulhe isto o descanso, & ja  
 vida. 288. 7.  
 Rainha Pacifica por singular ex-  
 celencia. 284. 1.  
 Estranha no sofrimento de ofen-  
 sas, & desgostos. 288. 1. &c.  
 Visivelmente acudia o Senhor  
 por sua consolação, & credito.  
 289. 3. &c.  
 Reveloulhe a salvação da Rainha  
 de Castela, sua filha. 290. 4.  
 Certificou a na permanencia do  
 nosso Reino. 291. 6.  
 Era por geração devota de S.  
 Francisco. 295. 5. &c.  
 Hũ Geral da N. Ordẽ lhe lãçou  
 a bẽção do mesmo Sãto. *ibid.* 6.  
 Trazia por companheiras Reli-  
 giosas de S. Clara. 276. 4. 294. 1.  
 Depois de viuva se vettio em o  
 seu habito. 291. 1.  
 Não lhe contentio o Reino, que  
 professasse nelle. 295. 4.  
 Professou na Tercera Ordem.  
*ibid.* 296. 7.  
 Dedicou a o culto divino todo  
 o seu ornamento da pessoa, & da  
 casa. 293. 5.  
 Na primeira romaria a Sãto. Iago  
 lhe levou hũa oferta riquissima.  
 292. 3.  
 Na segunda foi a pé, & pedindo  
 pelas portas. 297. 1.  
 Dixou por esta mteirosinquo  
 frades, & hũa Abadessa da nãss.

- Religião. 298. 2.  
 Visitou a na doença a Senhora Mãe de Deos. 299. 3.  
 Em que tempo falecço. ib. 3. 4.  
 Antes, & depois da morte foi portentosa em milagres. 277. 2. 278. 3. 283. 1. 284. 4. 293. 4. 5. 300. 1. &c. ib. 6. 303. 1. &c. 308. 4.  
 Outros Santos cedião da sua parte, & lhos deixavão obrar. 302. 4. 5.  
 He avogada das mães, que não tem leite pera criarem os filhos. 303. 1.  
 Cheirava seu corpo no perigo da mais certa corrupção. 300. 6.  
 Ainda está inteiro. 304. 4. &c.  
 Em que forma se acha o seu sepulcro. 310. 1. &c.  
 Foi canonizada com mysteriosa pompa. 306. 1. &c.  
 Com q̄ insignias se pinta. 309. 5.  
 D. Isabel Infanta, & sua neta: em S. Clara de Coimbra. 47. 2.  
 D. Isabel, Infanta, Duqueza de Guimarães deu muitas cousas à Conceição de Matozinhos. 482. 5.  
 D. Isabel, Duqueza de Bragança fez muitos bens a o convento da Infua. 469. 3.  
 Sôr Isabel Bautista, cantou na morte com o alivio das boas obras na vida. 336. 7.  
 D. Isabel Coutinho, filha do Marichal, que venceo a batalha do Trancoso, em S. Clara de Coimbra. 51. 4.  
 Sôr Isabel da Serra, foi perseguida do Demonio. 194. 2.  
 He invocada na dor dos dentes. ibid.  
 Sôr Isabel da Visitação, publicou na morte as faltas de sua vida. 338. 4.  
 Sôr Isabel de S. Andre, revelava o que estava occulto. 209. 3.  
 Teve graça pera aplacar tormentas. ibid.  
 D. Isabel de Ataíde, recolheose em S. Clara de Lisboa. 134. 5.  
 D. Isabel de Cardona, sobrinha da Rainha Santa, segunda Abadesa de Coimbra. 38. 3. 39. 4.  
 D. Isabel de Castro, devotissima de N. P. S. Francisco. 539. 6.  
 Em suas exequias assistirão frades enviados pelo Ceo. ib. 7.  
 Sôr Isabel de S. Francisco: tomou Deos posse della em minima. 195. 1.  
 Foi admiravel na morte, & na vida. 196. 2. &c.  
 Pronosticou muitas cousas a o certo. 197. 5.  
 Foi visitada de muitos Santos na morte. 198. 6.  
 Depois della obrou grandes maravilhas. 198. 7.  
 Tresladarãose seus ossos pera lugar eminente. 199. 7.  
 Sôr Isabel de S. João, annunciava o futuro. 210. 4.  
 Conhecia os pensamentos. ibid.  
 Vio na Hostia consagrada a o Minino Jesu. ibid.  
 Foi mimosa da Senhora. ib.  
 Sôr Isabel de S. Luiz, soube alguns segredos da Senhora Mãe de Deos. 202. 3.

- Curou de hũa espinha, atravessada na garganta. *ibid.*
- Cheirava depois de morta. 203.3
- D. Isabel de Mendanha, grande befeitora do convento da Insua. 469.3.
- Sór Isabel do Salvador, dotada de heroicas virtudes. 259.2.
- Contemplando no Nascimento de Christo, foi vestida de luzes celestiaes. 260.4.
- Conheceo em espirito os perigos do mosteiro. 261.5.
- Sór Isabel dos Serafins, pondo a boca no lado d'hũa Image m de Christo sarou de grandes ardores. 220.1.
- D. Isabel Muniz, mãe do Senhor D. Duarte: recolheuse em S. Clara da Guarda. 329.3.
- Judeus: viviaõ antigamente na sua lei neste Reino. 14.2.
- Afrontaraõ em Gouvea hũa Image da Senhora Mãe de Deos. 643.3.
- Encomendounos o Papa a sua conversão. 15.3.4.
- Fr. Julião, Guardião de Lisboa era do Conselho d'ElRei D. Afonso III. 2.3.
- Notificoulhe hũa grave Monitoria do Papa. *ibid.*
- Justiça: os Prelados, q'a guardão, tẽ grande gloria no Ceo. 1649.
- L**
- L**egã: rio celebrado por sua frescura, & mansidão. 478.2.
- Fr. Leobino pretendeo a coroa do martyrio. 684.7.
- Chorou depois não lha darẽ os hereges. no Funchal. *ibid.*
- Leonel d'Abreu: particular befeitor da casa de Mosteirõ. 442.2.
- Estã sepultado na sua capela mór. *ibid.*
- D. Leonor, mulher d'ElRei D. João II fez grandes merecẽs a os conventos da Castanheira, & Insua. 469.3. 520.4. 523.6.
- Affistio muito a S. Clara de Lisboa. 105.3. 108.4. 112.1.
- Favoreceo a S. Clara de Beja. 342.6.
- Nos maiores sentimentos se foi consolar com a Senhora das Virtudes. 588.4.
- D. Leonor, mulher d'ElRei D. Manoel fez muitos bens a S. Clara da Guarda. 329.5.
- Sór Leonor Baurita fervia na caridade, & na devaçãõ ardia. 373.1. &c.
- Sór Leonor da Conceição: em suas exequias se poz nella hum enxame de abelhas. 224.4.
- Sór Leonor da Cruz deixou grandissimo nome. 217.1.
- D. Leonor da Sylva, na vida se apurou com escrupulos, & na morte foi honrada com maravilhas. 68.1. &c.
- Sór Leonor de Afsis; na sua morte ouvio hum descante do Ceo. 200.3.
- D. Leonor de Castro, Senhora de Cabeceiras de Bulto: no convento de Viseu. 536.5.
- Sór Leonor de Christo foi poderosa na intercessãõ cõ Deos. 116.3.

Sór Leonor Dias, foi muito molesta do Demonio. 185.4.

Obrigou o por castigo hũa vez a lhe alimpar a cela. *ibid.*

Sór Leonor do Egipto: insigne, & ditosa na caridade dos pobres. 72.4.

Sór Leonor do Espirito Santo, foi visitada de N. P. S, Francisco. 119.3.

Sór Leonor dos Reis: obediente até a morte. 117.5.

D. Leonor Teles, Rainha fez favores a S. Clara de Portalegre. 385.2

Está sepultada em Castela. 397.5

Lisboa: recolhe no seu arcebispadado 64 casas da Monarchia Seráfica. 604.1.

Livra: quanto valia nalgum tempo. 543.1.

Livros: em os escrever se occupão os frades. 464.5. 473.5. 482.5.

Lopo de Calvos, ajudou muito a Cõceição de Matozinhos. 482.5

Lopo Gomes d'Abreu, Senhor de Regalados teve grande caridade cõ o convento da Insua. 470.3.

Lopo Peixoto, do Conselho d'El-Rei: na Conceição de Matozinhos: 513.6.

Lopo Soares d'Albergaria, muito devoto da Senhora das Virtudes. 588.4.

D. Fr. Lourenço, Bispo de Maiorgas foi Mestre na tanta Theologia. 686.4.

Pregou na fundação de S. Clara do Porto, *ibid.*

Foi Confessor, & Capelão mór

d'El-Rei D. João I. *ibid.*

Comendatario de S. João d'Alpendorada. *ibid.*

Zelou muito as honras deste mosteiro. *ibid.* 5.

Fr. Lourenço, Guardiãõ de Estremoz fez renderse o sen Castelo a o Mestre de Aviz. 412.2.

F. Lourço, Guardiãõ de Lisboa foi testemunha escolhida por El-Rei da separação da Ordem de Sãr-Iago. 149.4.

D. Lourenço Vasques, Mestre de Sant-Iago, perseguido or insolente do Bispo de Sylves. 350.6.

F. Lucas de S. Francisco, ou Waddingo foi natural de Hibernia, mas filho desta Prov. 507.1. &c.

Lustrãõ em muitas partes suas admiraveis letras. 508.3.

Teve em Roma os melhores officios tocãtes às mesmas letras. *ib.* 4

Compoz grande copia de livros em honra da nossa Ordẽ. 509.5.

Fundou o Collegio de S. Isidoro em Roma. *ibid.* 6.

Favoreceo grandemente a sua nação Hibernia. *ibid.*

Aberto depois de morto, lhe virãõ o coração de estranha grandeza. 510.7.

S. Luiz Bispo resuscitou em Beja hum Faleão. 92.3.

Livrou a El-Rei D. Dinyz das mãos de hum Uffo. 155.2.

Sõ elle, & nenhum outro Santo entrãõ lhe appareço, 157.5.

Era já nelle tempo falecido, 156.4.

Não succedõ este milagre em

Odivelas, senão no termo de Beja, 155. 2. 157. 5.  
 Nesse lugar tem ermida, & nacéo hũa fonte milagrola. 155. 3.  
 He avogado dos gados. 156. 3.  
 D. Luiz, Infante fez romaria a o convento da Insua. 469. 1.  
 Enriqueceo de favores a S. Clara da Guarda. 329. 5.  
 Sujitou à nossa Ordem o seu mosteiro de Maltezas em Estremoz. 633. 5.  
 Fr. Luiz da Cruz, ardia no santo amor de Deos, & caridade do proximo, 619. 2. &c.  
 Protestou na hora de sua morte, como trabalhãra sempre por ser perfeito obediente. 620. 3.  
 Fr. Luiz de Beja deu principio a o convento da Conceição. 476. 3  
 O trabalho destas obras lhe diminuiu a vida. 485. 3.  
 Deixounos fama de santo. *ib.*  
 Fr. Luiz de Vasconcelos: a penitencia o representava motto, estando ainda vivo. 623. 1.  
 Zelava o bem das almas, mas nunca se atreveo a encarregar-se dellas. *ibid.* &c.  
 Na vida, & na morte o visitou N. P. S. Francisco. *ibid.* 2.  
 Sôr Luiza de Almada: chea do amor de Deos. 75. 3.  
 Sôr Luiza dos Reis, elimorecia com faudades do Ceo. 263. 3.  
 Na morte mostrou hũa rara alegria. 264. 5.  
 D. Luiza Maria de Faro, Condessa de Pena-Guião ornou muito a capela mór de S. Francisco do

Porto. 513. 5.

## M

D. Ona Mafalda, Rainha principiou a casa de Amaranre. 250. 2.  
 D. Manoel, Rei fez obras em S. Sita, & favoreceo muito os frades. 604. 2. 605. 5.  
 As mesmas fez na casa da Castanheira, & acrescentou o sitio. 520. 3.  
 Marcou por sua a Igreja de S. Francisco de Beja. 91. 2.  
 Ajudou a fazer o coro das Virtudes. 579. 3.  
 Fez muitas esmolas à casa da Conceição. 477. 5.  
 Deu Ordinaria a S. Francisco de Chaves. 629. 3.  
 Visitou o convento da Insua. 468. 1.  
 Privilegiou os officiaes da Conceição, & Viana. 426. 3. 480. 5.  
 Intentou mudar o mosteiro de S. Clara de Coimbra. 36. 5.  
 Fez grandes mercês, & deu muitos privilegios a outros. 105. 3. 172. 4. 329. 5. 361. 2. 365. 5.  
 Favoreceo as Terceiras da Cela de Christo. 318. 6.  
 Aplicou muitos residuos a S. Clara de Estremoz. 632. 2.  
 Pretendéo sustentar neste mosteiro as orfans, & viuas dos que morrião na guerra. *ibid.* 3.  
 Fr. Manoel da Cruz, perdeo no Funchal a vida pela confissão da Fè. 684. 7.

- Fr. Manoel da Purificação, foi ler o primeiro Curso na Provincia de S. Antonio. 542.6.
- Manoel Serqueira, insigne bemfeitor do mosteiro de Amarante. 253.5.
- D. Fr. Marcos de Lisboa, Bispo do Porto foi noviço em S. Christina. 656.2.
- Guardião de S. Francisco de Viseu. 538.5.
- Restaurou nesta cidade a Ordē Terceira. *ibid.*
- Sór Margarida, viveo chorando a morte de Christo. 258.4.
- Morreo contando as suas lembranças. *ibid.* 5.
- Sór Margarida da Anunciação, cõ a cegueira dos olhos descubrio melhor o caminho do Céo. 203.4.
- Sór Margarida da Insua, foi extatica. 194.1.
- Sór Margarida das Chagas, fundou em Amarante a Ordem de S. Clara, & foi perseguida do Demonio. 254.3.
- Margarida de Christo, empareçada em Lisboa. 317.5.
- D. Margarida de Menezes foi insigne, & ditosa Abadessa. 59.1. &c.
- D. Margarida de Vilhena, ajudou muito as obras da Conceição de Matozinhos. 476.5.
- Jáz na sua capela mór. *ibid.* 511.1.
- Sór Margarida Franca, sendo freira cõ outra Ordem entrou na de S. Clara. 102.2.
- Sór Margarida Pobre, foi grande
- Serva de Deos. 67.2.
- D. Maria, molher d'ElRei D. Manoel obrou muito na casa da Castanheira. 520.3. &c.
- D. Maria, Infanta filha d'ElRei D. Pedro casou em Aragaõ. 388.3.
- Depois de viubar foi esposada com Federico Rei de Sicilia. *ib.*
- Professou a Terceira Ordem. *ibid.*
- Trazia sempre consigo hũa freira de S. Clara. *ibid.* 4.
- Foi honestissima na vida. *ibid.*
- Tem sepultura em S. Clara de Coimbra. 49.7.
- D. Maria, Infanta filha d'ElRei D. Manoel ajudou as obras do cõvento de Viseu. 532.2.
- E o culto divino na Carnota. 549.9.
- D. Maria, Condessa da Atalaia foi muito devota do convento da Castanheira. 523.6.
- Sór Maria Baurita, falecêo sendo noviça, & foi vista procellar depois de morta. 129.3.
- Sór Maria da Anunciação, quando orava se suspendia no ar. 206.1.
- Sór Maria d'Assunção: encomendouhe o Céo a festa do Bom Pastor. 114.6.
- Sór Maria da Purificação, foi molher forte no rigor, & paciencia. 334.4.
- Quando falecêo foi ouvida hũa musica estranha. 335.5.
- Sór Maria da Transfiguração, conheceo a hora da sua morte. 126.2.

- Sór Maria das Chagas, foi exêplo de toda a perfeição. 68. 3.
- Maria das Neves, irman da nossa Ordem, & muito parenta das virtudes. 659. 4.
- Sór Maria de S. Antonio: oito annos depois de enterrada se achou a terra apartada do seu corpo. 262. 2.
- Sór Maria de S. Gabriel, soube de Deos, que lhe era agradavel a festa da sua Resurreição. 114. 5.
- Maria de Jesu, Conversa: peregrinou pelo mundo pera se fazer moradora no Ceo. 331. 3.
- D. Maria de Menezes, Abadessa de admiravel valor na defensão do mosteiro. 187. 2.
- Achouse numas matinas, que nelle cantaraõ os Anjos. 188. 5.
- D. Maria de Vila Lobos, deu a S. Clara de Vila do Conde o Senhorio da Vila. 174. 1.
- Sór Maria do Sepulcro: meditau do na Paixão de Christu ficava como atonita. 207. 2.
- Com sua benção obrou muitas maravilhas. *ibid.*
- Estando cega vio a Rainha S. Isabel. *ibid.* 3.
- Venceo grãdes batalhas do Demonio. *ibid.* 3. 4.
- Os Santos do Ceo lhe acudião nesse tempo. *ibid.*
- D. Maria Domingues, procurou a fundação de S. Clara de Lisboa 95. 1. 96. 3.
- Sór Maria Fernandes, foi pedir a o Papa que fizesse da Ordem de Santa Clara o seu mosteiro da Guarda. 321. 1.
- D. Maria Gonçalves, primeira Abadessa de Coimbra: illustrissima na virtude, & no sangue. 38. 2. &c.
- D. Maria Martins, da Casa de Viscella: professou no mesmo mosteiro. 26. 2.
- D. Maria Rodrigues de Melo, foi reformar o de Benavente. 58. 6.
- D. Mariana da Sylva foi grande serva de Deos. 73. 5.
- Sór Mariana de Jesu, ficou com a mesma esmola, que deu pera S. Francisco. 129. 3.
- Mari-Anes Escobar, fundou o convento de Setuval. 557. 2.
- Marrocõs, tinha bispado de residência. 635. 5. &c.
- Fr. Martin Fernandes: muito illustre, & virtuoso. 20. 2.
- Fr. Martin Valques: primeiro Inquisidor neste Reino. 391. 5. &c.
- Pertence a S. Francisco de Lisboa. *ibid.*
- Martinho IV. Papa, foi enterrado no nosso habito. 18. 3.
- Fr. Martinho de Cardenas: Vigairo Geral no bispado de Marrocõs. 636. 6.
- Fr. Martinho do Porto, principiou o convento de S. Antonio de Lisboa. 466. 1.
- Martyres de Marrocõs, fazem muitos milagres em Gouvea. 649. 4.
- Matinas de humildade, que rezava N. P. S. Francisco. 548. 8.
- Mecia Pestana, foi devotissima dos mosteiros de S. Clara de Coimbra, & S. Christina. 526. 6. 58. 1.

Jáz sepultada em Coimbra. 52.6  
 Melo : esta Vila nalgum tempo foi  
 de S. Clara de Coimbra. 58.6.  
 Fr. Miguel, foi Confessor, & Testa-  
 menteiro d'El Rei D. Dinyz.  
 151.3.  
 Concelheiro no governo da Ra-  
 inha S. Isabel. *ibid.*  
 D. Miguel de Menezes, Duque de  
 Caminha intetou fazernos hum  
 Oratorio em Seita. 591.6.  
 Miguel Paleólogo, tyranicamente  
 usurpou o Imperio. 270.2.  
 Minina innocente, com quem me-  
 rendava o Minino Jesu. 220.2.  
 Fr. Monaldo, Coleitor do subsídio  
 pera a guerra de Palestina, &  
 Bispo em Italia. 18.2.  
 D. Mór padecéo grandes traba-  
 lhos reformando hum mostei-  
 ro. 58.8.  
 D. Mór Dias, illustrissima no san-  
 gue. 19.1.  
 Prima do S. Fr. Gil. *ibid.*  
 Esteve recolhida nas Donas de  
 S. Cruz. 20.2.  
 Não professou a sua Regra. 20.3  
 Principiou, & dotou o mosteiro  
 de S. Clara de Coimbra. 22.1.2  
 Teve nisto notaveis contradi-  
 ções, que ella sempre venceo.  
 23.3.4.  
 Fundou, & dotou hum hospital  
 em Seira. 25.3.  
 Jaz no sobredito mosteiro. 25.4  
 Mortas trabalholas não arguem  
 tenpre perversidade na vida.  
 675.6.  
 Mortes repentinas: concorrerão  
 muitas juntas em grandes pesso-

as deste Reino. 535.2.  
 Mosteiros de Religiosas.  
 S. Ana de Coimbra: cantavão suás  
 freiras cada anno hum anniver-  
 sario em S. Clara. 52.5.  
 S. Ana de Viana, da Ordem de S.  
 Bento foi fundado por freiras  
 de S. Clara. 227.2.  
 Cela de Christo, de Terceiras em  
 Lisboa : em que tempo flore-  
 ceo. 317.4. &c.  
 S. Clara da Guarda, começou no  
 lugat da Vêla por Terceiras se-  
 culares. 319.1.  
 Vietao pera a cidade. *ibid.* 2.  
 Fôra dos muros della principia-  
 rão mosteiro. 320.3.  
 Vivião em grãde opiniaõ. 319.2  
 Tomãto por assunto, encomen-  
 darem a Deos o Reino, & beni-  
 feitores. *ibid.* 1.  
 Forão duas pedir a o Papa a Re-  
 gra de S. Clara. 320.1.  
 Assolouse o mosteiro por oca-  
 sãõ de guêrras. 322.1.  
 Fizerao outro cõ dilações pro-  
 longadas. 323.1. &c.  
 Foi muito favorecido dos Prin-  
 cipes, & Reis. 323.2. 329.4. &c.  
 Tem grande relicto de Reli-  
 quias. 324.1. &c.  
 Sempre floreceo em grande re-  
 diligiaõ. 327.1. &c.  
 Criou muitas freiras de venera-  
 vel memotia. 330.1. &c.  
 Fundou, & reformou outros tres.  
 336.1. &c.  
 Foi teatro de casos prodigio-  
 sos. 333.1. &c. 337.4. &c.  
 Muitas vezes se ouve certo sinal

- antes de morrer algũa religiosa. 337.4.
- S. Clara de Amatante : principiou seu edificio a Rainha D. Mafalda. 250.2.
- Era muito limitado, 251.3.
- Começou por Beatas emparedadas, depois Terceiras, & agora tem freiras de S. Clara. 252.1.&c.
- Vivião em grandissima pobreza. 253.4.
- Emparavãonas os Reis. 252.1.&c.
- Teve muitas religiosas dignas de santa memoria. 254.1.&c.
- Deu Fundadoras pera Guimarães, & Abadesa pera Vinhaes. 267.1. 268.2.
- Creceolhe o pão em tempo de hũa fome. 268.3.
- Livrou Deos por favor, de hũa peste. *ibid*; 4.
- Milagrosamente se tornou pera elle hũa Imagem de S. Antonio. 269.5.
- S. Clara de Beja, foi o primeiro desta Ordem nas partes do Alentejo, Algarve, e Badajoz. 340.1.
- Fundou a cidade, & he sua Padroeira. *ibid*. 3.&c.
- Lançoulhe a primeira pedra El-Rei D. Afonso IV, & sua mulher a Rainha D. Brites. *ibid*.
- Foi encontrada a fundação no principio, mas defendeo a o Papa. *ibid*.
- Cahindo em grande pobreza, teve muitos bñfeitores. 341.4.&c.
- Affistiolhe muito a Casa Real. 342.6.&c.
- Tem algũas Reliquias notaveis. *ibid*. 7.
- S. Clara de Coimbra : foi principiado por D. Mõr Dias. 22.1.
- Embargado pelos Conegos de S. Cruz. 23.3.4.
- Começou a povoarse por Donas do seu mosteiro, & Freiras de S. Clara. 24.1.
- Fez comunidade cõ ellas, & nisto se armou sua ruina. 26.1.&c.
- Nunca deu obediência a os Bispos de Lisboa. 28.1.&c.
- Extinguiose com injustiças, & violencias. 30.1.&c.
- Tornou pera elle a Vigaira Domingas Pires. 31.2.
- Restaurou a Rainha S. Isabel. 32.1.
- Edificouo com admiravel grandeza. 33.1.
- Tem duas portas mysteriosas no pãteo. 36.6.
- Tudo tem destruido o Mondego. 36.5.
- Vieraõ de Camõra as primeiras Fundadoras. 37.1.
- A Rainha S. as honrou cõ grandes corteziã. *ibid*.
- Tinha muito amor a o mosteiro. 41.2.
- Fezhe grande dote. 40.1.
- Dotoulhe muitas Reliquias. 41.3.
- Fundou paços, & hospital junto delle. 42.1.&c.
- Ambos lhe dorou, & privilegiou. 43.3.&c.
- Aconteceo nestes paços hũ caso

lasiimoso, & outro milagroso. 43. 1. 44. 5.  
 São notaveis os privilegios, & favores, que recebeu o mosteiro. 45. 1. &c.  
 Temle grande devação à sua Igreja. 47. 5.  
 Estão sepultadas nella duas Infantas, & muita gente illustre. 47. 1. &c.  
 Sempre floreceo em grande religião. 53. 1. &c.  
 Aceitou porem com difficuldade a reforma Observante. 67. 3.  
 Pertencelhe muitas pessoas Reaes. 56. 1. &c.  
 Deu Fundadoras, & Reformadoras a outros mosteiros. 57. 6. &c.  
 Milagrosamente o livrou Deos do contagio da peste. 62. 1. &c.  
 Por mercê d'ElRei D. João IV se reconhecio noutrao sitio. 86. 1.  
 S. Clara de Estremoz: Fr. Afonso do Paraiso fundou este mosteiro. 632. 1.  
 Foi muito favorecido dos Reis. *ibid.* 2.  
 D. Manoel recolheo nelle tambem algúas orfans, & viúvas. *ibid.* não se pode conservar, & as freiras foraõ para Port-Alegre. 633. 5.  
 S. Clara de Guimarães: quem fundou este mosteiro, & em que tempo. 267. 1. &c.  
 S. Clara de Lisboa: quatro Donas muito illustres procuraraõ sua fundação. 95. 1.  
 D. Inez Fernandez foi a princi-

pal, q' o fundou, & dotou. 96. 1.  
 O Ceo lhe deniareou o seu sitio. 97. 2.  
 He notavel a fermosura, & grãdeza do mosteiro. 98. 1. &c.  
 Fez delle grande estimação a cidade. 101. 2. &c.  
 Recebeo muitas mercês, & privilegios dos Reis. 104. 1.  
 Sustenta grande numero de freiras. 106. 4.  
 Foi o primeiro, que se reformou na Regular Observancia. 106. 1. &c.  
 Livrou Deos as suas freiras de grãdissimos perigos. 108. 1. &c.  
 Viraõse nelle singulares maravilhas. 110. 5.  
 São notaveis suas devações, & exercicios santos. 111. 1. &c.  
 Tevo muitas servas do Senhor. 115. 1. &c.  
 Deu muitas Reformadoras a outros mosteiros. 130. 5.  
 S. Clara de Port-Alegre: fundadoraõ hũas mulheres devotas. 385. 2.  
 Deslhes ElRei D. Fernando pe-ra elle os seus Paços. *ibid.*  
 Facilitou a fundação. *ibid.*  
 Os Bispos da Guarda lhe deraõ muitos louvores. 386. 3.  
 Floreceo com singular Observancia. *ibid.* 4.  
 S. Clara de Tavira: se teve principio logo lhe chegou o fim. 686. 1.  
 S. Clara de Vila do Conde: quães foraõ seus Fundadores. 165. 2.  
 Hum sonho devoto os inciaõ

pera isso. 166. 3.  
 Deraõlhe bastante dote. 167. 3.  
 Ordenáraõ leis de bom gover-  
 no. 168. 3.  
 Affináraõlhe Protectores, mas  
 não Padroeiros. *ibid.* 4.  
 Começou com muita religião,  
 & nobreza. 169. 2.  
 Não quiz aceitar rendas sem li-  
 cença do Pontifice. 171. 2.  
 Foi muito favorecido dos Reis,  
 & dos Papas. *ibid.* 1. &c.  
 Teve o senhorio da Vila, & d'ou-  
 tras terras. 173. 1.  
 Como depois o perdeu. 175. 4.  
 Tem ainda alguns direitos Rea-  
 lres. *ibid.* 5.  
 He depositario de sepulturas  
 illustres. 176. 1. &c.  
 Reformouse com grãdissimo ri-  
 gor, & notavel observãcia. 189.  
 1. 193. 3.  
 Quaes forão as Reformadoras,  
 & as primeiras noviças. 191.  
 1. &c.  
 Florccéo em grande santidade.  
 181. 1. &c. 194. 1. &c.  
 Socorreraõno os seus mesmos  
 Fundadores, depois de mortos  
 em duas tribulações. 211. 2.  
 212. 1. 213. 3.  
 Padeceõ mytteriosos, & admira-  
 veis incendios. 212. 2. 216. 6.  
 Crecia nelle a esmola, que se da-  
 va a os pobres. 211. 3.  
 Tem muitas imagens milagro-  
 sas. 220. 1. &c.  
 Viraõse nelle casos raros. 223.  
 1. &c.  
 Deu Fundadoras, & Reforma-

doras a outros muitos mostei-  
 ros. 227. 1. &c.  
 S. Francisco de Val de Pereiras, he  
 apar de Ponte de Lima. 360. 1.  
 Foi fundado por frades da nos-  
 sa Ordem. 361. 2.  
 Jáz nelle hum Capelão do Papa  
 de veneravel memoria. 361. 5.  
 Era sepultura da Nobreza desta  
 Vila. 361. 4.  
 Os frades, com quanto tinhaõ o  
 entregaraõ às freiras. 363. 2.  
 Teve a primeira Abadesa hum  
 zelo incomparavel de seus acre-  
 centamentos. *ibid.* 3. &c.  
 Introduzio notavel reformação,  
 364. 4.  
 Alcançou muitos favores dos  
 Principes. *ibid.* 5.  
 Logrou a casa muitas Servas do  
 Senhor. 368. 2. &c.  
 Tem acontecido nella duas grã-  
 des maravilhas. 377. 1. &c.  
 S. João da Penitencia, da Ordem de  
 Malta em Estremoz esta sujeito  
 à nossa Religião. 633. 5.

## N

F. Rei N. Guardiaõ do Funchal,  
 estando saõ fez abric la sua co-  
 va, & celebrou seu enterro.  
 681. 2.  
 Fr. N. N. Padeceãõ em Chypre  
 pela Fe. 634. 1.  
 Sór N. Pretendendo mudar de mos-  
 teiro, foi avizada da mudança  
 desta vida. 224. 2.  
 Sór N. Achou rolas milagrosas pe-  
 ra ornar o Presépio. 453. 2.

Sór N. de Carvalho: revelouhe S. Francisco os annos, que lhe restavão de vida. 367.4.

Fr. Nicolao, foi Nuncio, & Comissario do Papa. 111.1.

Executou com valor contra El-Rei D. Afonso III hum decreto Apostolico. 12. 3. &c.

**O**

Obediência faz resuscitar os mortos. 181.3.

Hum raro exêplo della. 163.6.

Observancia Regular, he hum Estado insigne na nossa Religião. 417.1.

Com que rigor, & quando teve principio. ibid. 3.

Quando entrou neste Reino. 418.4.

Quaes, & quantos a fundarão nelle. 419.1.

Qual foi o seu primeiro convento. 420.6.

Alguns dos sinquo primeiros ficaram nesta Provincia. 480.7.

Foi este nosso Estado perseguido dos Claustracs. 637.2. &c.

Eugenio IV nos izentou da sua obediencia. 696.1. &c.

S. João de Capistrano, notou a primeira Bula pera esta divisaõ. 697.2.

Concedonos o mesmo Papa Vigairo Provincial. 698.4. &c.

Fr. Odorico, converteo muitos milhares de almas em muitas partes do mundo. 234.4.

Onze mil Virgens: hũa das suas

cabeças está em S. Clara da Guaida. 326.6.

Oratorios se chamavão, as nossas casas pequenas. 426.2.

Ordê de Sant-Iago: El-Rei D. Dinnyz a separou d. Castela. 149.4.

**P**

FR. Pacifico da Cruz, buscou a paz na nossa Religião, 503.1.

Não a teve cõ seu corpo. ibid. 2.

A metade do dia, & da noite gastava em oração. ibid.

Tinha nella notaveis sentimentos. 504.3.

Cegou de chorar a paixão do Redentor. ibid. 4.

Fez grandes bens às almas do Purgatorio. ibid.

Ensinou a seus discipulos a devação da Senhora. 505.7.

Zelou muito a perfeição do culto Divino, & seguimento do coro. ibid. 6.

Tomou a sua cõta a graça piedosa do Senhor. 504.5.

Conhecéo algũs futuros. 505.5.

Teve noticia anticipada da morte. 506.8.

S. Pajo Mart. foi Portuguez. 455.1.

Sendo de 14 annos padecéo pela Fé, & castidade. ibid.

Fez muitos milagres no nosso convento do seu nome. ib. 2. &c.

Panos de segurança: quaes eraõ 21.4.

Fr. Pantaleão deu a vida no Funchal pela confissõ de N. S. Fé. 684.7.

- F. Pascoal, sendo casado se fez frade. 322.3.
- Fr. Paulo de Trincis, foi o nosso Fundador da Regular Observancia. 417.3.
- Paz: trabalhos a sollicitaõ. 354.3.
- Pedras de corisco tem muitas vezes respeito à gẽte Religiosa. 538.4
- D. Pedro Rei, mais foi justicozo, que cruel. 383.1.
- Foi bemfeitor dos nossos conventos. *ibid.* 2.
- Emparou S. Clara de Lisboa. 104.1.
- Professou a Ordem Terceira. 383.2.
- Falecẽo no convento de Estremoz. 384.4.
- Vestido no nosso habito foi enterrado em Alcobaca. *ibid.*
- Na morte lhe apparecẽo S. Bertolameu. *ibid.* 3.
- Depois de morto, dizem, que se veio confessar. *ibid.*
- D. Pedro Infante, fundounos o convento de Seita, 589.1.
- Deu o sitio de S. Christina, & a despeza das obras. 653.5.
- Izentou de hũ servico do Reino a S. Clara de Coimbra. 46.3.
- Procurou a nossa separaçã dos Claustres. 698.4.
- D. Pedro Conde, leguio a o Infante D. Afonso nas guerras contra seu pae. 231.1.
- Fr. Pedro, foi insigne letrado, & famoso prẽgador. 414.5.
- Prẽgou na açã de graças, que Lisboa deu a Deos pela victoria d'Aljubarrota. *ibid.*
- A este fim aconselhou à Cidade muitas prõcissões pelo discurso do anno. *ibid.* 7.
- Persuadiulhe reformaçã dos pecados. *ibid.*
- Fr. Pedro servio a os doentes de peste com estranha caridade. 627.2. & c.
- Fr. Pedro, Biscainho, soube procurar o Ceo. 558.4.
- F. Pedro da Cunha, morreo de peste curando a os feridos. 444.6.
- F. Pedro de Alemancos, foi Coadjuutor dos Fundadores da Regular Observancia. 541.3.
- Edificou, & reformou algũs conventos. *ibid.*
- Idiota nas letras do mundo, foi letrado nas sciencias do Ceo. *ibid.* 2.
- Fr. Pedro de Cordova, Nuncio Apostolico. 693.2.
- F. Pedro d'Eça, padecẽo no Funchal pela contillaõ da Fe. 684.7.
- F. Pedro de S. Maria, foi grãde devoto de S. Sita, 625.5.
- Solicitou o martyrio, ainda que lhe fugio. *ibid.*
- D. Pedro de Menezes, Marquez de Vila Real pretendeo fazer nos outro convento em Seita. 591.6.
- Fr. Pedro de Sena, foi Martyr na India. 233.2.
- Fr. Pedr. Alvares, fundou a casa de S. Sita, 605.4. 608.3.
- Fr. Pedro Dias, ajudou a plantar neste Reino a Regular Observancia. 419.1. 420.5.
- No fervor da oraçã voava sobre



Reformador, ha de começar por sua mesma pessoa. 650. 1.

Reis, não tragaõ consigo Ministros de falma dos. 155. 2.

A justiça lhes conserva a vida. ibid.

Atalhem de favenças na gente religiosa. 569. 7.

Tres do nome Pedro, no apelido Cruis, concorrêrão em Hespanha. 383. 1.

Fr. Ricardo da Conceição, ou Synott foi Hibernio, & professou nesta Provincia. 507. 1.

Padecêo morte pela confissão da Fé. 510. 8.

D. Rodrigo ultimo Rei dos Godos morreu em Viseu. 529. 1.

D. Fr. Rodrigo, Bispo de Ciudad Rodrigo, assistio na aclamação do Mestre d'Aviz. 413. 4.

D. F. Rodrigo, Bispo de Marrocos, & Legado Apostolico. 136. 2.

Fr. Rodrigo de Cintra: El Rei lhe mandou dar ajuda de custo para estudar fóra do Reino. 516. 3.

Foi grande letrado, & prégador. 413. 3. 515. 2.

Prégou no levantamêto do cerco de Lisboa. 413. 3.

E na publicação das bulas para o Mestre d'Aviz poder casar, & reinar. 416. 10.

Foi Inquisidor Gèral neste Reino, & no Algarve. 515. 2.

Pertence a o convento de Lisboa. 516. 3.

Fr. Rodrigo de Sant-lago: em odio da Fé o mataraõ os hereges no Funchal. 684. 7.

Fr. Rodrigo de Távora, illustre, & esforçado no mundo. 555. 4.

Hum engano o trouxe á nossa Religião. ibid.

Fr. Rodrigo, Frade da Rainha. 360. 6.

Fr. Rubim, era Francez. 433. 4.

Famoso nas duas vidas, contem plativa, & activa. ibid.

Foi Vigairo dos Oratorios do Minho. ibid. 5.

Entregouse á morte por dar vida a os feridos de peste. 434. 5.

Rui Freire d'Andrade, Alcaldê mor de Viseu: jaz no nosso convento. 535. 1.

Ruina myteriosa. 377. 1.

## S

Santissimo Sacramento do altar, conforta as nossas armas contra os inimigos da Fé. 565. 3.

D. Fr. Salvado Martins, foi Guardaõ de S. Francisco de Lisboa. 344. 2.

Privou muito na Casa Real. ib.

Despachava cõ El Rei D. Afonso IV, & com a Rainha D. Brites. 314. 2. 344. 2.

Era do seu Conselho. 314. 2.

Foi Confessor da Rainha S. Isabel. 345. 6.

Não lhe creveo o testamento. ibid.

Mas foi Testamenteiro. 314. 2. 346. 6. 359. 6.

Acompanhou o seu corpo de Estremoz a Coimbra, & apitou seus milagres. 300. 1. &c. 346. 6.

- Foi Bispo de Lamego. 344. 3.  
 Por humilde não usava do título *Dem.* *ibid.*  
 Muito devoto da Senhora Mãe de Deos. *ibid.*  
 Amplificou a sua Igreja em rendas, & edificios. 345. 4.  
 Provêo com grande prudencia o que tocava à fabrica. *ibid.* 5.  
 Defendeo com valor a sua autoridade. *ibid.*  
 Concordou os meios Conegos com o Cabido. *ibid.*  
 He venerado na sepultura da devação dos Fieis. 346. 7.  
 D. Sancha Lourenço primeira Vigaira de S. Clara de Coimbra. 24. 1.  
 Sangue, suou a capela da B. Angelina, quando o Turco nos tomou Constantinopla. 338. 6.  
 Sangue de Christo: hũa gota sua está em S. Frâncisco de Beja. 92. 3.  
 Santos: festejase no Ceo o dia de cada hum. 10. 4.  
 Scisma grande em a Igreja de Deos. 393. 2.  
 Foi revelado a N. P. Serafico, que o lauretava muito. *ib.* 3.  
 Os nossos frades o abominarão. 394. 3. &c.  
 Entrou porém na nossa, & noutras Religioes. *ibid.* 6.  
 Scisma em tempo de Eugenio IV, porque caula começou. 650. 2.  
 Secro: quando começou a graduarte. 158. 2. 162. 6.  
 Foi acerrimo defensor da Conceição immaculada da Senhora Mãe de Deos. 162. 6.  
 Obediente por extremo. 163. 6.  
 Tratouse de sua Caonizaçõ. 115. 8. 2.  
 D. Sebastião Rei, foi grandioso nas mercês com S. Clara de Lisboa, & de Amarante. 105. 3. 253. 5.  
 Favorecço a casa de S. Sita. 617. 2.  
 No dia, em que se perdeu, choveo sangue em S. Clara da Guarda. 338. 6.  
 Seita, foi a principal cidade de toda a Mauritania. 566. 6.  
 Com grande empenho seu, & cõ favores do Ceo a conquistou El Rei D. João I. 564. 1. &c.  
 Teve muitos, & gravissimos Bispos da nossa Religiaõ, 596. 2.  
 Selo antigo da Provincia de Santelago. 402. 2.  
 Selo primeiro da Provincia de Portugal. 403. 2.  
 Selo primeiro do Vigairo da nossa Observancia. 698. 6.  
 Selo segundo do mesmo Vigairo. 699. 7.  
 Deste selo usou sempre o nosso Ministro Observante. *ibid.*  
 Senhora Mãe de Deos, visitou no tempo da morte algũas devotas suas. 375. 4.  
 He singular Avogada contra a peste. 62. 2.  
 Sepultura nos nossos conventos, a poucas pessoas a concediamos. 142. 3.  
 Não ouzavão os antigos a tomalla nas Igrejas. 176. 1.  
 Com que mysterio se retratão Anjos nellas. 312. 6.

Sôr Serafina da Cruz escreveu al-  
gúas relações. 194. 1.

Foi particular devota dos Mar-  
tyres de Marrocos. 222. 7.

Sôr Serafina da Gloria; grande a-  
miga de Deos, & inimiga do  
Demonio. 80. 3. &c.

Scrúval, tem grandes prerogativas,  
556. 1.

Sylvas: muitos delles venerarão o  
convento de Viseu, & se enter-  
rarão nelle. 535. 3.

Sylves, padece a maldição, que hũ  
Bispo lhe lançou. 350. 7.

Fr. Simão morreu às mãos dos he-  
reges no Funchal. 684. 7.

S. Sita Portugueza. *Vide* Convento  
de S. Sita.

Sobre-Juiz: que o officio era. 19. 1.

## T

**T**Amãcos: começou o uso del-  
les entre os nossos Observan-  
tes. 418. 3.

Tardo, inquietou alguns dias o cõ-  
vento de Viana. 427. 6.

D. Fr. Telo, Arcebispo de Braga:  
defensor valente dos foros Ecle-  
siasticos. 145. 2. &c.

Solcito no governo de suas o-  
velhas. 146. 4. 147. 6.

Favoreceo os conventos do Por-  
to, Guimarães, & Alanquer. 146  
4. 147. 5. 6.

Mandou rezar no seu dia de N.  
P. S. Francisco. 147. 6.

Acabou sua vida santamêre. *ib.*

Tempetade horrivel em Viseu.  
537. 2. &c.

Templários: em que tempo se ex-  
tinguiraõ. 160. 5.

Tentações do Demonio são mais  
fortes no fim da vida. 208. 5.  
369. 6.

Tentugal: são notaveis bemfeito-  
res do convento de S. Christina  
os Senhores desta Vila. 656. 3.

Terceiros Regulares: estiverão al-  
gum tempo na nossa obediencia  
598. 1.

Terceiros Seculares: chamavaõse  
*Frades*. 599. 2. 687. 3. 689. 7.

Tinhão o prenome *Frei*. 599. 2.  
687. 3.

Podem nalgum modo chamar-se  
*Religiosos*. *ib.* 3. &c.

Tambem era o seu nome, *Ermí-  
tães pobres*, ou *Pobres de Iesu Christo*.  
600. 5.

Renaceraõ em Viseu com gran-  
de fervor. 538. 5.

Deraõ alguns conventos a os  
Terceiros Regulares. 689. 7.

Terceiras Seculares começaraõ os  
mosteiros de S. Clara em Ama-  
rante, & Guarda. 252. 1. 319.  
1. &c.

Professãraõ nesse tempo em Portu-  
gal esta Ordem: Reis, D. Afon-  
IV, D. Pedro, & D. Fernando:  
Rainhas, S. Isabel, & D. Brites.  
*Nos seus lugares proprios.*

Infantas. que depois foraõ Rainhas:  
D. Contança, D. Leonor, & D.  
Maria: 286. 3. 357. 3.

Infantas, que não foraõ Rainhas:  
D. Maria, D. Isabel, & D. Cate-  
rina. 49. 5. 50. 7. 132. 2. 388. 3.

D. Betaça, neta do Imperador:

D. Tereja Marrins, mōra d'El Rei D. Dinyz; & F. Vasco Martins, Restaurador da Ordem de S. Hieronymo. *Nos seus lugares proprios.*

D. Joana Gonçalves Redondo Dama do Paço. 52. 5.

D. Tereja, irmã de Álvaro Pires de Tavora: sepultouse em S. Clemente das Penhas. 474. 7.

D. Tereja, mãe de Fernão Cabral: recolheose em S. Clara de Lisboa. 133. 5.

D. Tereja Afonso de Melo, foi ser Abadessa em Benavente. 57. 6.

D. Tereja Martins: quẽ foi. 166. 2

Fundou S. Clara de Vila do Cōde. *ibid.*

Foi Tereira Franciscana. 178. 4

Jãz no mesmo mosteiro, & venerada do povo. 177. 3. 178. 5.

Terremotos noraveis em Coimbra, Lisboa, & Riba-Tejo. 354. 2

F. Tomas de Tolentino, Martyr na India. 233. 2.

F. Tome de Portugal, Catedratico insigne. 387. 1.

Toucado honolto convem às Religiosas. 53. 2. 364. 2.

D. Tristão de Menezes, sepultado em S. Christina. 658. 3.

Fr. Tristão de Penacova: no que eserevia derramava seu espirito. 464. 5.

V

Dom F. Vasco Bispo da Guarda, ajudou muito o nosso mosteiro de S. Clara, 329. 4.

F. Vasco, Custodio de Lisboa: notificou a El Rei D. Afonso III hũa monitoria do Papa, 2. 2. &c.

Fr. Vasco Correa, restaurou o convento da Carnota, 546. 2.

Fr. Vasco Martins, foi muito illustre, & Portuguez. 351. 1.

Professou em Italia a Ordẽ Terceira dos Seculares. *ibid.* 2.

Assentou a nos dous mosteiros, que neste Reino fundou. 352. 3.

Restaurou nelles depois a Ordem de S. Hieronymo. *ib.* 4.

Foi fundar outro mosteiro em Córdova. 353. 5.

Acabou nelle santamente. *ibid.*

Fr. Vasco Patinho, ajudou contra Castela as armas do Mestre d'Aviz no Porto. 412. 2.

Fr. Vasco Rabiche: primeiro Vigairo dos nossos Observantes. 529. 5.

Fr. Vasco Ribeiro, foi Frade da Rainha Santa. 248. 1.

Viana: he Vila nobre no Entre Douro, & Minho. 422. 1.

Recolheo os nossos frades com grandissimo amor. *ibid.*

Tcm lhes rara devaçãõ. 426. 3.

Não lhes sofre, que peção pera outro Santo, senão pera S. Francisco. *ibid.* 4.

F. Vicedomino, foi o primeiro Papa da nossa Religiaõ. 12. 2. 554. 2

Fr. Vicente Amado, Confessor, & Testamenteiro d'El Rei D. Pedro. 384. 5.

Fr. Vicente Barqueiro, prenunciou a santa morte que teve. 621. 4.

Vicente Bermudo, foi muiro devo

to de S. Francisco. 4. 2.  
 Feznos em Braga hospicio. ib.  
 D. Vicente Dias: quem foi, 19. 1  
 20. 2.  
 Vila do Conde: porque rezão tem  
 este nome. 165. 1.  
 Vila Real: seus Marquezes foraõ  
 grandes bemfeitores da casa de  
 Mosteirõ. 440. 5. 442. 2.  
 D. Violante, Senhora de Satar, foi  
 irmã da nossa Ordem, & devo-  
 tissima della. 536. 6  
 Viriato: junto de Viseu desbata-  
 rou os Romanos. 529. 1.  
 Viseu, he cidade muito nobre.  
 ibid. &c.  
 Visitador das freiras entre nõs, era  
 officio distincto do Provincial,  
 241. 3.  
 Sõr Vitoria de S. Francisco, lambia  
 as chagas das enfermas. 369. 6.  
 Com a graça do Senhor vencêo  
 na morte grande batalha do De-  
 monio. 370. 6.

Vitorias, são mais certas onde as  
 vidas são reformadas. 414. 6.  
 Na mesma hora, em que Lisboa  
 se estava reformando, vencemos  
 a batalha d'Aljubarrota. ibid.  
 D. Vivaldo de Pandulfo: quem foi.  
 95. 2.  
 Universidade deste Reino: nella  
 lião os nossos frades a S. Theo-  
 logia. 141. 1.  
 Sõr Ursula: incançavel em chorar  
 a paixão de Jesu Christo. 257. 3  
 Em suas perseguições foi teñino  
 so o Demõnio. ibid.

## X

X Ira: foi apelido usado em Por-  
 tugal. 567. 1.

## Z

Z Arco: era tambem apelido an-  
 tigo. 593. 1.





